

PROJECTO

DE

CODIGO CIVIL BRAZILEIRO

TRABALHOS

DA

COMMISSÃO ESPECIAL DO SENADO

VOL. II

REPLICA

DO

Senador Ruy Barbosa

ÀS DEFESAS

DA

REDACÇÃO DO PROJECTO DA CAMARA DOS DEPUTADOS

---

RIO DE JANEIRO

IMPRENSA NACIONAL

1904

Handwritten text at the top of the page, possibly a title or header, which is mostly illegible due to fading.

Handwritten signature or name in the upper left quadrant, written in a cursive style.

Main body of handwritten text, consisting of several lines of cursive script that are significantly faded and difficult to decipher.

PROJECTO

DE

CODIGO CIVIL BRAZILEIRO

---

TRABALHOS

DA

COMISSÃO ESPECIAL DO SENADO

---

VOL. II

---

REPLICA

DO

Senador Ruy Barbosa,

ÀS DEFESAS

DA

REDACÇÃO DO PROJECTO DA CAMARA DOS DEPUTADOS

---

RIO DE JANEIRO

IMPrensa NACIONAL

1904

BIBLIOTECA SENADO FEDERAL

Este volume já foi registrado

sob o número.....5757

do ano de.....1999

# SENADO FEDERAL

## COMISSÃO DO CODIGO CIVIL

Replica do Senador Ruy Barbosa ás defesas da redacção do projecto da Camara dos Deputados

Srs. Senadores da Comissão do Codigo Civil

« Venha alguém menos occupado e mais douto do que eu sou, para que emende meus defeitos, os quaes bem se podem recompensar com o zelo e amor que tenho á patria. »

J. DE BARROS: Dec. I, 15.

Estas palavras do antigo historiador e modelo da nossa boa linguagem, cujo nome não ~~se~~ <sup>se</sup> fôra de proposito num debate onde tão solemnemente se questiona dos direitos della na condicção que tem de succeder, para o Brasil, ás velhas Ordenações do Reino, exprimiriam em toda a simplicidade e sinceridade os sentimentos, com que de vós e do Senado solicitei me fizessem mercê exonerar-me dos cargos de membro e presidente desta commissão, quando vi os escarcous encapellados em volta de um trabalho, que, obrigado a costear e transpor tantos escolhos, como já eram os de sua condicção natural, demandava, para a segurança e bom successo da viagem, tempo limpo, céu claro e mar bonança. Nem vós o quizestes, nem o Senado. Por tres vezes insisti. Da ultima implorei. Mas tudo em vão. Houve elle por bem negar-me unanimemente a dispensa requerida. Vós, sobre não m'a concederdes, accrescentastes a este claro signal de confiança a incumbencia, que logo assentastes commetter-me, de procedor eu, no cabo da nossa tarefa, quanto á fórma e á substancia, á sua revisão geral.

Permitti que, agradecendo-vos, me queixe da vossa generosidade. No que me toca, a mercê, que me fizestes, de tamanha honra, não compensa o temor da responsabilidade, que me impoñdes; e, pelo que respeita aos interesses da obra, em cujo bom exito anda empenhado o Congresso, creio se teriam considerado melhor, se, rejeitada logo a minha tentativa de critica ao trabalho da Camara dos Deputados, evitasseis com tanto amor proprio irritado esse conflicto, cuja poeira e polvorada me suffoca e asçorborba. Fazer menos do

que fiz, abster-me da franqueza, que suscitou, por meu mal, iras tamanhas, não m'o conseguia o meu natural, disposto o afeito á verdade. O maior de todos os dissabores, que, sentindo como sinto, me podia occasionar o meu papel neste cargo, era o de não a dizer inteira. Deus me livre de que, na conta á minha consciencia, me pudesse ou arguir algum dia a mim mesmo da cobardia de emmudecer, *Vae mihi quia tacui*<sup>1</sup>, num posto cujos deveres eram de fallar isentamento.

Satisfeitos estes, porém, següdo os dictames da minha convicção, bem feliz me sentiria, se lograsso alliviar-me dos riscos de um encargo, para o desempenho do qual ninguem duvidaria mais da minha competencia que eu mesmo. Sendo tantos os conspirados contra o meu trabalho, «sujeitos de importancia em virtude o letras»<sup>2</sup>, mais de presumir seria fossem meus os erros que delles. Se neste sentido se enunciara o *verdictum* do Senado, teria a dupla-vantagem, para mim, de me desopprimir do onus, a cuja delicadeza não estou seguro de corresponder, e, para o commettimento encetado pelo Congresso, de esquivar a larga tardança, que este incidente lho vae custar.

Rejeitadas, como foram, por vós e pelo Senado as minhas escusas, deixa de ser minha uma responsabilidade, a que só me submetti, por me não ser licito declinar-a a meu livre alvedrio, e me fôrsem as obrigações do meu mandato ao senado a lhê obedecer, quando quer que se trate do serviço nacional em materia legislativa. Só por amor deste, não esquecendo o respeito e a gratidão, que vos devo, me resigno aos labores de tão espinhosa missão, para a qual me fallecem juntamente vigor e capacidade. Já não era pouco o em que excedia ás minhas posses a difficuldade juridica do trabalho, que me encarregastes. Cresceu ella, porém, sobremaneira, ainda, com o episodio tumultuoso, a que a esgrirrou a questão philologica, onvenenada pelos sentimentos pessoais, cuja interferencia desnatúra quasi sempre as controvercias entre o *genius irritabile* dos homens de letras. Diz-se que «SCHILLER assontara em dar de mão ás polémicas litterárias, occasionadoras que sempre são de dissabores, arrependimentos e miserabilissimo dispendio das horas de ouro.»<sup>3</sup> Com serem ás minhas de mais baixo metal, não as troco pelas utilidades negativas desta casta de portias, que o sentimento da sua esterilidade sempre me induziu a fugir.

Mas, dáda a posição que me designastes, a pendorcia nösso terreno escabroso e esmarrido era inevitavel. Não a determinaria

<sup>1</sup> ISAIAS, VI, 5.

<sup>2</sup> FR. LUIZ DE SOUSA: *Vida do Arcebispo*, v. II (ed. de 1800) p. 29.

<sup>3</sup> CASTILHO: *Fausto*, p. 410.

sómente a minha maneira de ver sobre<sup>1</sup> as relações íntimas entre a sciencia e a arte, entre a essencia e a fórma nas obras do espirito e da palavra, em cujo numero não se poderão deixar de incluir as grandes cõdificações, antigas, ou modernas. A essa necessidade fatalmente me teria de levar o imperioso exemplo dado, já pela Camara, já pela sua commissão especial. A primeira votara e consignara nos seus *Annaes* emendas, cujo objecto era corrigir accidentes grammaticaes, por assim dizer indifferentes. A segunda adoptara, e registara, nas suas actas impressas, rectificações, cuja extrema severidade, baixando a propria orthographia, mandava derriscar até letras, excusadas talvez, mas inoffensivas, nos vocabulos do texto, revistó e approvedo.

Entre a revisão ultra-grammatical, porém, por que passara na commissão, e a revisão grammatical, por que passou na Camara, sujeitou-se, por deliberação daquella, o projecto a terceira prova, da mesma natureza, mas em que, pelas circumstancias, se accentuou ainda mais ao vivo, com traços novos e inauditos; a preocupação de esmero literário, apparente nos primeiros elaboradores parlamentares do projecto. Depois de adoptado pela commissão especial da Camara e como tal estampado no *Diario do Congresso*, remetteram-no a um grammatico extra-parlamentar, o dr. CARNEIRO, professor na Bahia, para cuja sciencia da lingua se appellava, e cuja errata, alinhavada em alguns dias, foi subscripta, sem debate, nem exame, *nemine discrepante*, pela

<sup>1</sup> Um eminente philologo, de quem algumas occasiões me tenho atrevido a discordar, concordando aliás com elle as mais das vezes, considera somente aos do *acerca* os creditos philologicos do *sobre*. (C. DE FIGUEIREDO *Lit. Prát.*, v. I, p. 246.)

Não é, entreauto, menos habitual no uso classico o *sobre* que o *acerca*. Creio que em frequencia entre si porfiam os dois. Veja-se:

D. DUARTE, *Leal Conselheiro*, p. 93, 105, 125, 305, 461, 461, 261, 324, 348, 405, 420, 435, 228, 237, 242, 244, 251, 255, 445, 403, 364, 226, 215, 200, 203, 210, 212, 214, 208, 209, 197, 198, 199, 206, 208, 43, 45, 46, 334, 368.

GIL VICENTE, *Obr.*, I, 141, 205.

BERNARDIM, *Menin.*, p. 89.

GÓES, *Crón. del-rei D. Emman.*, fol. 93, 93 v., 94 v., 105, 107 v., 260.

BARROS, *Dec.*, ed. de 1777, v. VI, p. 9, 11, 26, 59, 71, 72, 74, 143, 116, 120, 122, etc.

DUARTE NUNES, *Chronicas*, v. I, p. 30, 362, 373, 380.

CAMÕES, *Lus.*, I, 20, IV, 39, VII, 63, VIII, 60.

D. FRANCISCO MANUEL, *Metaphoras*, p. 114, 123, 124.

COUTO, *Decad.*, v. I, p. 4, 22, 23, 32, 33, 41.

SOUSA, *Historia de S. Domingos*, p. I, l. VI, c. 37, p. 339 (da ed. de 1866, cinco vezes. *Vida do Arceb.* v. I, p. 380 (duas vezes).

VIEIRA, *Sern.*, v. VI, p. 245, 259.

BERNARDES, *Luz e Calor*, p. 93, 94, 96. *Nova Floresta*, v. IV, p. 288, v. II, p. 99.

BLUTEAU, *Vocabul.*, v. VII, p. 673, 1<sup>a</sup> col.

CAVALLEIRO DE OLIVEIRA, *Cartas*, v. III, p. 334 (tres vezes).

CASTILHO, *Amor e Melanc.*, p. 353, 378, 336. *Mctrificação*, p. VIII. *Felicidade pela Instrucç.*, p. 15, 22, 25, 35, 38, 41, 48, 49. *Colloquios*, IX, 171, 181, 299, 327, 368.

A. HERCULANO, *Opusculos*, v. V, p. 31, VI, p. 53 (duas vezes), 153.

E poderia citar ao infinito, de todos os mestres, antigos e modernos, se valera a pena.

comissão especial. Era a primeira vez que se descontinuava a lucubração parlamentar de uma lei, para se entregar, fóra da assemblea onde se estivesse fazendo, ao arbitramento literario de estranhos. Era, ainda, a primeira vez que se confiava redacção de um código civil, seara até aqui exclusiva de jurisperitos, ao tribunal singular de um linguista. Tão soberanamente actuava nos codificadores da outra casa do Congresso a obsessão artistica de que o projecto lhes saisse das mãos sem a menor mácula de linguagem.

A que elle nos trazia da outra Camara, ora, portanto, o primeiro objecto que ella recommendava á nossa attenção. Dando-lh'a, pois, antes de tudo, conformavamos com o rumo, que aquella assemblea mesma imprimira ao curso do projecto. Nós não collaborámos nos trabalhos della, nem nos da sua comissão, ou nos do seu grammatico. Nesse triplice convergir de esforços por que a fórma do projecto saisse extremada no aspecto vernaculo se nos offerencia, porém, a expressão de que realmente a Camara lhe tinha a vernaculidade em ponto de honra parlamentar. Ora, dividindo-se o parlamento, neste regimen, em dois ramos equiponderantes, era de crer que o seguirmos os membros do segundo a lição firmada pelo outro, a este se affigurasse testemunho de harmonia com os seus intuitos e preito aos seus dictames.

Como, entretanto, os tomassemos a serio, e, de conformidade com elles, buscassemos, com o rigor de que exprimiam o desejo, a demão literaria alli começada, para logo se viu negrejar a mais estranha procella, que nunca escurecera por esses horizontes. Estavamos fóra da regra, e da ordem, e da decencia, e de tudo. «A revisão literaria, a fórma, o estylo» haviam sido, para os membros da comissão especial naquella casa, «preoccupação accessoria». <sup>1</sup> Naturalmente por isso, apezar de chegarem ao numero, sem exemplo entre as nossas comissões parlamentares, de vinte e um, reunindo a flor dos especialistas em cada uma das vinte e uma deputações estaduaes, não contentes do proprio escrever, nem do que lhes dispunham á mão os philologos da capital republicana, transpuzeram mares, e foram buscar na Athenas do Norte a essencia do saber grammatical, dobrando-se ao *jube domine* do professor bahiano. Sem embargo dessa peregrinação philologica e dessa extraordinaria intervenção, ora de coisa bem diversa que alli se cogitara. «Só depois de ultimado pelo Congresso, Camara e Senado, o trabalho de joeiramento e selecção dos principios e doutrinas, de apurado o direito a codificar-se, tinha-se de curar da fórma, do estylo, da redacção definitiva do trabalho legislativo.» <sup>2</sup>

<sup>1</sup> *Diario do Congresso*. Suppl. ao n.º 211 de 7 de nov. de 1902. *Cam. do Dep. Comissão do Cod. Civ. Resposta ao parecer do senador Ruy Barbosa*. P. 5, col. 3<sup>a</sup>.

<sup>2</sup> *Ibid.*

Isso, que « ao bom senso mais vulgar se impunha »<sup>1</sup>, não o enxergámos os da commissão do Senado. Havíamos de ter percebido, se tivéssemos siso, que, se a Camara fizera substituir, no art. 372, a expressão « a *uma* mulher casada », por « a mulher casada », e, no art. 763, supprimir a expressão *nelle*, apesar de estritamente grammaticaes uma e outra, não era porque levasse o zelo da fórma ainda além da correccão dos philologos, até ao capricho dos elegantes. Havíamos de ter entendido, se nos não minguasso o tino commum, que, se a commissão especial da Camara se occupara em decotar ao projecto os *agás* inuteis<sup>2</sup>, não era porque requintasse o apuro da grammatica até ás mais ligeiras minucias da orthographia. Havíamos de ter sentido, emfim, se do todo não garrassemos do *bom senso*, que só depois de « joeirada » juridicamente, numa e noutra camara, a codificação projectada, é que relevaria joeirar-a grammaticalmente, a saber que, para esta lei *sui generis*, teríamos, em ambas as casas do Congresso, duas operações successivas, cada qual com as suas tres discussões, a primeira consagrada á materia, a segunda á linguagem do projecto.

Desprovidos, nesse extremo grau, de senso commum, perpetrámos o mesmo attentado, que na Camara se perpetrara, de expungir os erros de fórma, desde que se nos deparassem visivelmente no correr da revisão encetada. Tanto bastou para que se dessem as mãos contra nós, e nomeadamente contra mim, todos os coautores e revisores do projecto. Deu o alarma a commissão da Camara, convocando-se, com pregão de ordem do dia extraordinaria, para uma sessão especial, que se veiu a celebrar em 5 de agosto.

Não sei se chegaria á meia duzia o numero dos presentes á sessão. Mas um só valia por todos; porquanto a sua iracundia *stridebat dentibus*<sup>3</sup>, e me crivava o norue de offensas, acolytadas, entre o silencio dos mais, pelo espirito hilariante de outro, engenho superior, que se gabava de ter dado « boas gargalhadas » á leitura do meu ridiculo trabalho. Do congresso dessa hilaridade com aquelle frenesi nasceu, dali a tres mezes, o parecer anunciado para dentro em vinte dias. Dizia-se « da Commissão Especial em nome da Commissão dos Vinte e Um », que, apesar de todas as maiusculas e cabidolas sobreviventes ao seu cargo, expirara com a votação do seu projecto pela Camara dos Deputados, e má copia nos daria da sua jurisprudencia, delegando funções e constituindo procuradores *post mortem*.

Ao mesmo tempo faziam assoalhar que o revisor bahiano do projecto, convidado a escachar-me, tinha na fragoa, a grandes baterias de martinete, uma resposta de Titão agastado. Como se não

<sup>1</sup> *Ib.*

<sup>2</sup> Emenda Clovis, sobre a palavra *theor*, ao art. 133, mandando-lhe tirar o *h*. *Trabalhos da Commissão Espec. da Cam. dos Dep.*, v. VII, p. 277.

<sup>3</sup> *Act. Apostol.*, 7.

bastasso, para me reduziem a pó, constava tambem do outra desforra mais septentrional e não menos desmesurada á minha pequenez e ao meu abandono, ameaçados assim, além de toda aquella tormenta, com os raios do illustre professor do Recife, o primeiro autor do projecto. O dr. CLOVIS BEVILACQUA e a Comissão dos Vinte e Um, que haviam curvado ambos as cabeças á férula do dr. CARNEIRO, implorada pela comissão parlamentar e nem sequer murmurada pelo emerito lente pernambucano, davam-se as mãos contra mim, tendo-me a mal o que a elle agradeciam. Já era pavorosa a minha situação. Mas, «por mais dobradas magoas», acabaram surdindo-me á proa, do jornalismo periodico, duas bombardeiras grossas, uma, ainda bem! com pavilhão de gente polida, a outra sem mais bandeira que a do seu appetito á presa inimiga, a vomitar-me feros o affrontas.

Ora, já o CAMÕES, homem do prol na penna e no ferro, se não corria de confessar que

« o animo valente

Perde a virtude contra tanta gente. » <sup>1</sup>

Era um desses casos, em que se podia renovar a assombrada pergunta de VIEIRA: « Pois tanto empenho, tanto apparatus, tanto estrondo, tanta machina para reduzir a um homem? » <sup>2</sup> Dizia a antiguidade que *nem Hercules contra dois*. O gigante que saiu a desafio contra o exereito de Saul, com ter seis covados e palmo de altura <sup>3</sup> não se atreveu a entrar em certame senão com um homem só por só. « Pois se era tamanho como tres homens », interroga o orador sagrado, « porque não desafiava a sua arrogancia ou a tres, ou quando menos dois, senão a um só: *ad singulare certamen?* » <sup>4</sup> Porque sabia, como soldado que era, que um homem contra mais que um homem, por mais gigante e por mais valente que seja, não tem partido. » <sup>5</sup> De bem partido, pois, nesta luta não me deve quasi restar esperança, a mim, que, entre tantos, de tão desmareado valor, *positus in medio, quo me veritam nescio*. Se a conjuntura, pois, fôra de ordem particular, e se tratara apenas da minha reputação litteraria, ou não me mechera, e, deixando-a derivar á mercê do seu merecimento, ou do seu fado, talvez chogasse até a subscrever, contra mim proprio, as diatribes dos politicos, dos grammaticos, dos causidicos, dos criticos, dos historicos, todos mettidos a mestres da lingua e do estylo, e a fazer a confissão de que VIEIRA não corou: agora « conheci que não sei fallar portuguez. » <sup>6</sup>

<sup>1</sup> *Lusiad.*, IV, 35.

<sup>2</sup> *Sermões*, v. II, p. 21.

<sup>3</sup> *1 Reg.*, XVII, 4.

<sup>4</sup> *Elegit ex vobis virum, ut descendat ad singulare certamen.* *1 Reg.* XVII, 8.

<sup>5</sup> VIEIRA: *Serm.*, v. II, p. 6.

<sup>6</sup> *Cartas*, v. III, p. 141.

Desde que, porém, esposastes sem reservas o meu trabalho, abraçando-o por vosso, não seria decente furtar-me ao dever de justificar-o contra os seus impugnadores, mostrando que nem eu induzi a comissão do Senado a um passo em falso, nem ella a tal se expoz.

Mas, antes de refutar por menor, uns após outros, os meus contradictores, direi por maior o que me acode, a respeito de cada um, quanto á sua intervenção, o character da sua critica e a situação em que ella enterreirou o debate.

## PARTE I

### Generalidades

#### I

#### O Grammatico

« Com toda a alma na penna. »

(VIEIRA: *Cartas*, v. III, p. 167.)

1. — Saira a lume o meu trabalho, no *Diario do Congresso*, aos 27 de julho. O do professor CARNEIRO veiu a publico, no mesmo jornal, em 26 de outubro, trazendo a data de 25 de setembro. Dois mezes, pois, lhe absorveu a sua replica, ao passo que para a sua revisão total do projecto lhe tinham chegado quatro dias e poucas horas.

Merece relida e meditada a parte inicial da replica, onde o seu illustre autor dá conta das circumstancias, em que lhe tinham posto aos hombros tamanha cruz, e dos motivos que com ella o conformaram:

« Aos trinta e um dias do mez de janeiro do corrente anno, procurou-me o meu distincto amigo e antigo discipulo Dr. José Joaquim Seabra, presidente da Comissão Especial do Codigo Civil, e appellando para a nossa antiga amizade, invocando o meu amor á Patria, pediu-me fizesse a leitura do Projecto do Codigo Civil, que me trazia, e lhe corrigisse as faltas que poderia haver relativamente á linguagem.

« Achava-me então em um dos arrabaldes da Bahia, passando a temporada calmosa, devendo ao outro dia voltar para a cidade, como de facto fiz, para recommençar os trabalhos do collegio de que sou director.

« Mostrei ao presidente da Comissão a quasi impossibilidade de ler attentamente o importante trabalho, de cerca de dous mil artigos cheios de divisões e subdivisões, attento o escasso tempo dentro do qual lh'o devia apresentar, e de que seria elle mesmo o portador.

« Insistiu, porém, o meu amigo; fallou-me do dever que tínhamos todos de, em sua esphora, cooperar cada um em bem da patria.

« Não lhe offereci mais resistencia: disse-lhe, depois de lhe agradecer o encargo sobremodo honroso, com que em nome da *comissão* me distinguia, que faria as correções de linguagem que m'o permittisse a brevidade do tempo:

« Não me poupei a sacrificios; e já crescido em annos, trabalhado pelos arduos labores da educação da mocidade, só Deus o eu sabemos quanto de tenaz esforço, de porfiado trabalho, foi mister para des-obrigar-me da honrosa incumbencia, que se me havia deposto nas mãos!..

« Para satisfazer esse empenho, que se me afigurava superior ás minhas forças, *tive apenas quatro dias e algumas horas!*

« Já se vê que não era possivel a ninguem, em tão curto prazo e tão de afogadilho, ler attentamente, corrigir com todo o cuidado e apuro, limar, polir, esmerilhar um trabalho de tanto folego, sem ficar aqui e alli uma ou outra falha, que naturalmente escaparia aos olhos fatigados de perlustar tantos artigos.

« Li todo o Projecto do Codigo; corriji-lhe as faltas de linguagem que mais me pareciam destacar-se o relevar-se. »

2. — Estas explicações accusam e defendem, ao mesmo passo, o meu respeitavel mestre. Defendem-lhe a competencia das imperfeições da sua obra. Accusam-lhe a fraqueza do mal da sua condescendencia. Vê-se que para a revisão cabal lhe não deram vagar. Mas egualmente se chega a saber que o professor CARNEIRO accoitou as responsabilidades do encargo, na prévia certeza de que o não podia vencer. Isto supposto, o que lhe cumpria, ora, custasse o que custasse aos seus sentimentos particulares, rejoição-o desenganadamente. Dess'arte, magoando, talvez, a amizade, serviria, sem duvida, ao paiz.

Delicadissima era a situação do mestre, na estreitura em que o seu illustre discipulo o entalava. Nunca, até então, se commettera a um professor de linguas, profano em coisas juridicas, a redacção de um codigo civil. Antes que dössemos a futuros codificadores este exemplo, em cuja imitabilidade não creio, sempre se encarregara exclusivamente essa tarefa a sabedores insignes na sciencia das leis. Ora, tão alhetó dellas é o provector philologo bahiano, que nem sequer lera jámais o Codigo Felippino. Aliás não se daria o facto de não citar uma só vez as Ordenações, com serem de auctoridade classica

entre os classicos, de cujos excerptos lhe transbordam os escriptos grammaticaes. Apenas de uma feita, agora, na replica, invoca as *Ordenações Affonsinas*, mas isso de segunda mão, por confessado empréstimo do vocabulista MORAES. <sup>1</sup>

Era, logo, por terrono desconhecido que o convidavam a entrar. Falleciam-lhe os conhecimentos peculiares do phraseado juridico, para dar ao do projecto a devida propriedade. Escasseavam-lhe, com o saber juridico, as luzes indispensaveis, para entender a linguagem empregada, rectificá-la, alterá-la, melhora-la, substituí-la. Já desse lado, pois, era « *quasi impossibilidade* » o que se lhe requeria.

Mas a esta se sobrepunha outra: a que elle mesmo confessa. Pretendiam que em «quatro dias e algumas horas» se familiarizasse com uma codificação de 1.832 artigos, «cheios», no seu dizer, «de divisões e subdivisões». Só o ler *attentamente* um trabalho tal fôra, ao que declara o mesmo dr. CARNEIRO, « *quasi impossibilidade* ». Só o lê-lo. Notem bem. Força era concluir, portanto, que o aprofundá-lo e apprehendê-lo, o relê-lo e repesá-lo, o confrontá-lo e miudá-lo, tudo necessario para lhe conhecer com segurança as faltas, e emendá-las com acerto, que, em summa, todo esse trabalho de empenho serio e tão detentosa consulta seria, naquelle espaço de tempo uma impossibilidade *total*. Não lhe restava, sequer, a futil attenuante do *quasi*, insinuado por dissimulá-la.

Ora, para tarefa em que só mui de assento e sobre mão se poderiam sair bem os mais versados mestres, obra de cem horas era tudo o de que disporia o revisor. Tantas eram, pouco mais ou menos, as em que deviam montar os «quatro dias e algumas horas», cuja estreiteza allega. Admittindo que, durante elles, não comesse, não dormisse, não desabrisse mão do trabalho, ainda assim não teria, para cada artigo, mais que *tres minutos e dezesseis segundos*, espaço miseravel, de attentarmos na difficuldade multipla de tão largo estudo.

Mas, evidentemente, lhe concederíamos demais, figurando que lidasse continuamente, sem respirar, *vinte e quatro horas* diarias, em quatro dias successivos. O illustre professor ha-de pagar o seu tributo ás necessidades humanas; assás entrado em annos, já transpoz a casa dos sessenta; e tem graves obrigações profissionaes, de assiduidade forçada. <sup>2</sup> E' «director de um collegio», elle proprio o advorte, o ia reabrir-lhe, como diz lhe reabriu, os cursos, quando se teve de embre-

<sup>1</sup> *Ligeiras observações sobre as emendas do dr. Ruy Barbosa, feitas á redacção do projecto do Cod. Civ., pelo dr. ERNESTO CARNEIRO RIBEIRO. Diário do Congresso. Supp. ao n. 201, de 26 de out. de 1902. P. 13, col. 3<sup>a</sup>.*

Quando alludir a esse trabalho, de ora avante o designarei, abreviadamente, pelo simples titulo de *Ligeiras Observações*.

<sup>2</sup> Dando o motivo, por que á sua *Nova Grammatica Portuguesa* puzerá por sobretitulo o nome de *Scrões Grammaticaes*, escrevia, prologando-a, o dr. CARNEIRO: « *Scrões* lhe chamamos nós, porque, na vida trabalhada e afanosa que levamos, só em horas difficil e penosamente subtrahidas ao repouso é que os traçamos e escrevemos. » P. III.

nhar na revisão do projecto. Muito darei, pois, dando que lhe consagrasse diariamente dez horas. Seriam, por todas, quarenta e quatro, ou *um minuto e vinte seis segundos* para cada artigo do projecto. Ora, delles haverá que nom de carreira se possam ler nessa fracção minima de tempo. Haja vista o art. 182, que abrange quatro paginas de largo formato, no volume onde está.

3. — Reduzido a essa irrisoria razão, a essa fome de tempo; devia o illustre professor aceitar a missão, que lhe impunham? Desculpa-se elle que objectara; mas, porque lhe fallaram no amor da patria e no dever, que todos temos, cada qual em sua esphera, de lhe ser uteis, « não offeroceu mais resistencia ». Por amor desso dever, porém, é que, ao contrario, havia de persistir em offerocea. A' patria não se logra servir utilmente senão com a consciencia; e esta, ainda suppondo juntos no individuo o mais habil dos escriptores e o mais sabio dos juristas, não lhe toleraria o compromisso de rever um codigo civil á celeridade electrica de minuto e meio por artigo.

4. — Eu não ignorava que, se o douto philologo bahiano se não achasse constringido a essa improvisação absurda, condescendendo em se metter a repentista, como os poetas de outeiro, em materia de immenso tomo, outros seriam os fructos do seu concurso. Essa justiça lho rendi amplamente no meu parecer; e se nella pudesse estar a justificação do professor CARNEIRO, escusava este de articular-a contra mim, quando eu mesmo, de motu proprio o antecipadamente, lha rendera.

« Bem sei, dissera eu, que, em rapido excurso ao Norte, o digno presidente daquella commissão, portador solícito do trabalho por ella adoptado, o submetteu ao esmeril de um grammatico illustre. Conheço e acato essa autoridade, que tenho a fortuna de considerar entre os meus primeiros e melhores mestros, contando-me, inda hoje, entre os seus discipulos mais reverentes. Mas para a empreitada apenas lhe deram alguns dias; e, em tão acanhado lapso de tempo, não seria possível, a quem quer que fosse, reduzir a vernaculo soffrivel desbastar, cepilhar, brunir uma estrutura legislativa de quasi dois mil artigos, onde a violencia da rapidez na producção intellectual obrigara o legislador a descurar o lavor literario, não menos essencial á duração das leis que á das demais obras do entendimento. De quanto melhorou, transitando pelas mãos do sabio e laborioso philologo, a linguagem do projecto, bem se poderá julgar pelos vestigios, que ainda lhe restam, de incorrecção e desalinho. Em taes casos muito deixa sempre por fazer a emenda inicial. Ao

primeiro passar do retocador, caem apenas as rebarbas mais grossas. O lavor artistico demanda mais pausa, não se obtendo senão a poder de tempo, estudo e mimo.»

Um dos grandes mestres da nossa lingua, ANTONIO DE CASTILHO, discorrendo, uma vez, do traduzir e seus tropeços, accentuava os embarços, que amiude obrigam o escriptor a suspender e espaçar a lida para ensejo de mais folga, animo mais disposto e entendimento mais claro. « Quando Deus quer », dizia elle, « transfere-se para hora inelhorada, ou para outro dia, a solução da duvida, com que o actual momento se não atreve, até que afinal, atinada a verdadeira, ou a mais plausivel, ou a menos ruim saída da difficuldade, diligencio expor a coisa ao nosso modo, que todos a entendam sem esforço e a possam oscutar sem desagrado, nem estranheza. »<sup>1</sup> Mas essa experiencia não é só dos bons traductores. Todos os que esepovem trabalhos de arte, sentirão mil vezes a mesma necessidade. Ora, dentro elles, não conheço nenhum mais arduo quo a codificação das leis civis de uma nacionalidade; e as codificações não devem menos á fórma, que se lhes imprime, do que ao espirito, que se lhes sopra. Obrigar-se uma pessoa a revestir de linguagem correctea, em menos de um quinquidio, um desses trabalhos monumentaes seria ousar uma empresa de semidouses, ou concertar, relativamente a uma das mais delicadas e grandiosas edificações do espirito humano, um ajuste de fanqueria.

Os termos da nota official, que remata o setimo volume dos *Trabalhos da Commissão Especial da Camara dos Deputados*, levavam a inferir que o dr. CARNEIRO não recebera as pontas desse dilemma, e ou acquiescera á debilidade, ou não duvidara atrever-se ao arrojo. Alli se declara feito pelo dr. CARNEIRO « o estudo philologico » do projecto; e as palavras « estudo philologico » envolvem necessariamente a noção de que o trabalho do mestre se consummara com o mais cabal conhecimento do assumpto. Só agora, contestada essa noticia, cuja infidelidade se não podia suspeitar, fica inteirado o publico de que o douto professor se limitara a prometter « as correções, que lhe permittisse a brevidade do tempo ».

B. — Posta expressamente esta clausula, só por essas correções teria que responder o philologo bahiano.

Quaes foram ellas?

E' o que me dei ao trabalho de apurar, dando uma cata ás versões successivas do projecto, isto é, cotejando a redacção definitiva da commissão especial, trazida a publico na folha official de 26 de janeiro, com o texto submettido pela commissão especial á camara dos deputados após a revisão do illustre professor. Não tendo celebrado a commissão, entre os dois factos, assentada

<sup>1</sup> *Fausto*, p. xii.

alguma, devemos concluir que as discrepâncias entre a ultima redacção e a anterior constituem o contingente do revisor extra-parlamentar, em cujas mãos naquello comenos estivera o projecto.

Dessa verificação eis o quadro, que, com algum esforço de paciencia, tracei :

### EMENDAS DO PROFESSOR CARNEIRO

Texto do proj. da commissão <sup>1</sup>	Texto do Proj. revisto pelo prof. Carneiro. <sup>2</sup>	Arts. do proj. da commissão <sup>3</sup>	Arts. do proj. revisto pelo professor Carneiro <sup>4</sup>
« Em que ella estabelece. »	« Em que <i>estabelece</i> ella. »	36	34
« Nos casos o pela forma que forem legalmente decretados. »	« Nos casos o pela forma <i>por que for</i> isso legalmente decretado. »	70	70
« Pelo preamar. »	« Pela preamar. »	72, III	72, III
« Os rios navegaveis e os de que se fazem os navegaveis. »	« Os rios navegaveis e os que se fizerem navegaveis. »	72, IX 73, V	72, IX 73, V
« Na apreciação da coacção se terá em conta. »	« No apreciar a coacção se terá em mira. »	107	107
« Certificará as partes. »	« Cortificará ás partes. »	185, § 1º	185, § 1º
« Os nomes, prénomes... »	« Os nomes, prénomes... »	199, I 199, II 199, III 199, VI	199, I 199, II 199, III 199, VI
« Presidir o acto. »	« Presidir ao acto. »	202, § un.	202, § un.
« Imputada a meação. »	« Imputada a meação. »	272, § un.	271, § un.
« Ainda que. »	« Embora. »	270, II	278, II
« O desquite não altera as relações entre paes e filhos, senão quanto ao direito de <i>tel-os</i> em sua companhia. »	« . . . . . entre paes e filhos, senão quanto ao direito que cabe áquelles de <i>ter</i> estes em sua companhia. »	339	338
« Quando o <i>alimentario</i> não tem bens. »	« Quando o que os <i>recebe</i> (os alimentos) não tem bens. »	407, I	406, I
« Ouvido os interessados. »	« Ouvidos os interessados. »	443, § un.	442, § un.
« Se durante a posse provisoria <i>provar-se</i> . »	« Se durante a posse provisoria <i>se provar</i> . »	486	485
« <i>Lhe</i> é garantido. »	« <i>Lhes</i> é garantido. »	493	492
« <i>Á</i> aviventar. »	« <i>A</i> aviventar. »	575	574
« Ou <i>se</i> o adjudicará a algum delles. »	« Ou <i>será</i> adjudicado a algum delles. »	576	575
« Tapamento. »	« Fochamento »	582	581
« Installação. »	« Construcção. »	583	587
« Sob pretexto de a anotar, commentar ou melhorar. »	« Sob pretexto de <i>annotar</i> , commentar ou melhorar. »	669	668
« Induzem a propriedade. »	« Induzem á propriedade. »	679	678
« Só pode ter logar. »	« Só pode <i>effeituarse</i> . »	726	725
« Incumbem ao usufructuario ás despesas. »	« Incumbem ao usufructuario as despesas. »	730	733
« O mesmo <i>terá logar</i> . »	« O mesmo <i>ocorrerá</i> . »	755	751
« Esta substituição <i>se presume</i> . »	« Esta substituição <i>presume-se</i> . »	794, § un.	792, § un.

<sup>1</sup> *Diario do Congresso* de 26 jan. 1902.

<sup>2</sup> *Trabal. da commis. espec. da cam. dos dep.*, v. VIII.

<sup>3</sup> *Diario do Congresso*, 26 janeiro, 1902.

<sup>4</sup> *Trab. da commissão*, v. VIII.

Si esta <i>houver</i> lugar. »	« Si esta <i>se fizer.</i> »	823, § 2o. III.	821, § 2o. III
« Que <i>pagal-a.</i> »	« Que a pagar. »	823, § 4o.	821, § 4o.
« Salvo o detalhe. »	« <i>Salvas as individualuações.</i> »	831	829
» Para promoverem. »	« Para a promoverem: »	849	847
« Sem <i>intinar-se</i> ao representante. »	« Sem ser <i>intimado</i> o representante. »	858	856
« Terá lugar o disposto. »	« <i>Observar-se-á</i> o disposto. »	874	872
« Aos <i>remettidos</i> da solidari- riedade. »	« Aos <i>remittidos</i> da solidari- riedade. »	915, § un.	913, § un
« Sob o fundamento de que é excessiva. »	« A pretexto de ser ella ex- cessiva. »	930	928
« Quando <i>abrir-se</i> concurso. »	« Quando <i>se abrir</i> concurso. »	957, § 1o	955, § 1o
« Ou não <i>impugnál-o.</i> »	« Ou não <i>o impugnar.</i> »	980	978
« A compensação <i>tem</i> lugar. »	« A compensação <i>effei- tua-se.</i> »	1013	1011
« Não pode <i>ter</i> lugar. »	« Não pode <i>realizar-se.</i> »	1019	1017
« A confusão <i>pode ter</i> lugar. »	« A confusão <i>pode dar-se.</i> »	1053	1051
« Sem deducção da parte remettida. »	« Sem deducção da parte <i>remittida.</i> »	1058	1056
« Se, antes da tradição, o comprador <i>tornar-se.</i> »	« Se, antes da tradição, o comprador <i>se tornar.</i> »	1135	1133
« Este pacto não pode <i>ter</i> lugar. »	« Este pacto não pode <i>existir.</i> »	1163	1161
« O locação. »	« <i>A</i> locação. »	1206	1204
« Por tempo que exceda de quatro annos. »	« Por tempo que exceda quatro annos. »	1223	1221
« São justas! causas... »	« São justas causas. »		
« I. <i>necessidade</i> de exercer... »	« I. <i>Necessidade</i> de exercer... »		
« II, <i>tornando-se</i> ... »	« II. <i>Tornar-se</i> ... »		
« III, <i>exigindo</i> ... »	« III. <i>Exigir</i> ... »		
« IV, <i>se é tractado</i> ... »	« IV. <i>Se tractado</i> ... »		
« V, <i>no caso de perigo</i> ... »	« V. <i>No caso de perigo</i> ... »		
« VI, <i>se o locatario</i> não cumpre... »	« VI. <i>Não cumprir</i> o loca- tario... »		
« VII, <i>se o locatario exige</i> ... »	« VII. <i>Exigir</i> o locatario... »		
« VIII, <i>se o locatario of- fender</i> ... »	« VIII. <i>Offender</i> o loca- tario... »	1230	1228
« Os <i>hoteleiros.</i> »	« Os <i>hospedeiros.</i> »	1285	1284
« <i>Tem</i> lugar o mandato »	« <i>Effetua-se</i> o mandato. »	1290	1288
« Mesmo se não tivesse ha- vido. »	« Ainda que não tivesse havido. »	1302, § 1o	1300, § 1o
« Não terá acção contra ello, não havendo de sua parte promessa de não ratificação do mandante ou se obrigado pessoal- mente pelo contracto ; tambem não a terá contra o mandante, se houver ratificado o acto. »	« Não terá acção: nem contra o mandatario, a não ser que tenha este promettido ratificação do mandante, ou assumido pessoalmente a responsa- bilidade do contracto; nem contra o mandante, senão quando tiver o-to ratifi- cado o acto. »	1308	1306
« Salvo provando este. »	« Salvo e provar este. »	1322	1320
« E responde. »	« E será responsavel. »	1331	1331
« Tivesso o costume de as fazer. »	« Tivesso o costume de fa- zel-as. »	1341	1338
« Forem <i>de tal forma</i> con- nexos... quo... »	« Forem <i>connexos... de fet- ção</i> quo... »	1348	1345
« A gestão de uns <i>ser se- parada</i> da dos outros... »	« A gestão de uns <i>separar- se da</i> dos outros. »	1349	1345
« Obrigar-se a <i>executar</i> uma obra. »	« Obrigar-se <i>á fatura</i> do uma obra. »	1350	1347
« Reduzir a <i>tiragem.</i> »	« Reduzir o numero de <i>exemplares.</i> »	1358	1355

« Ou si, mesmo guardadas, deteriorarem-se. »	« Ou si, ainda guardadas, se deterioraram. »	1393, § 1º	1390, § 1º
« Mesmo. »	« Ainda. »	1410	1407
« Antes delle findar. »	« Antes da expiração do mesmo prazo. »	1411	1408
« Mas poder-se-á tambem levar em conta riscos diferentes. »	« Mas poder-se-ão tambem levar em conta riscos diferentes. »	1473	1470
« Não tem logar este beneficio. »	« Não occorre este beneficio. »	1497	1494
« O prazo dentro do qual o devedor comprometteu-se a desonerar-o. »	« O prazo dentro do qual o devedor se obrigou a desonerar-o. »	1501	1501
« Não terão logar as penas. »	« Não se applicarão as penas. »	1537	1534
« Instalação da successão. »	« Estabelecimento da successão. »	1578	1575
« A successão tem logar. »	« A successão dá-se. »	1579	1576
« O mesmo terá logar. »	« Correrá outro tanto. »	1580	1577
« A declaração não poderá ter logar. »	« A declaração não poderá fazer-se. »	1605, § un.	1597, § un.
« Aquelles que, por violencia ou fraude, impediram-na. »	« Aquelles que, por violencia ou fraude, a impediram. »	1607, III	1599, III
« Aquello que tenha sido excluido da herança. »	« Aquelle que tiver praticado actos que determinam a exclusão da herança. »	1609	1601
« A' arbitrio do testador. »	« A arbitrio do testador. »	1632, II	1625, II
« Deixada á arbitrio de terceiro. »	« Deixada a arbitrio de terceiro. »	1740	1703
« Tem logar o direito de accrescer. »	« Efectua-se o direito de accrescer. »	1722	1715
« Dão logar a, desherdação »	« Dão logar á desherdação. »	1759	1752
« Para darem cumprimento as suas disposições. »	« Para darem cumprimento ás suas disposições. »	1767	1760

**G.**—Quantas, agora, das correções alvitradas pelo dr. CARNEIRO, incorreram na minha censura? Também a essa averiguação me entreguei attentadamente, e della darei conta por miudo.

Das incorreções por mim apontadas,

TOCAM Á COMMISSÃO DA CAMARA

Incorreções	Artigos do projecto da commissão <sup>1</sup>	Artigos do projecto reviso pelo professor Carneiro <sup>2</sup>
Posterior.....	4º (lei prel.)..	4º
Em contrario.....	4º.....	4º
Rege o regimen.....	8º princ. ....	8º pr.
Pontuação.....	8º pr. ....	8º pr.
» .....	9º, I.....	9º, I.
Patria (em vez de nacionalidade).	9º, II.....	9º, II.
Serão, tres vezes em seis linhas..	11 e 12.....	12 e 13
Cavalidade (intrínseca validade)..	14.....	14
« Neste codigo ».....	14.....	14

<sup>1</sup> *Trabal. da commis. espec. da camara*, v. VII, p. 1-233.

<sup>2</sup> *Trabal. da commis. v. VIII.*

<i>Privadas</i> .....	17.....	17
« Pessoas, quer naturaes, quer jurídicas ».....	1º (do codigo).....	1º
« Entre si e em relação aos bens. » <i>Ibid</i> .....	<i>Ibid</i> .....	<i>Ibid</i>
« Sor humano. ».....	2º.....	2º
» ».....	4º.....	4º
« Os ausentes declarados taes em juizo. ».....	5º, IV.....	5º, IV:
« Emquanto subsistir a sociedade conjugal. ».....	6º, II.....	6º, II.
« Si o menor estiver sob tutela. ».....	9º, I.....	9º, I.
« Parte especial. ».....	10.....	10
« Federação dos Estados do Brazil. Federação Brasileira. ».....	14, I, II.....	14, I, II.
« No territorio brasileiro. » « Constitucionalmento. ».....	14, III.....	14, III.
« As pessoas juridicas estrangeiras de direito publico. ».....	17.....	18
« Carecom. ».....	(Emenda da commissão ao seu proj. <i>Trab.</i> v. VII. p. 271.)	18
« Nem funcionar ».....	23, § 1º.....	23, § 1º
Ecos em <i>do</i> .....	28, 29, 30, 31, 32, 33:.....	28, 29, 30, 31 32, 33:
« Obscuridade ».....	38, IV.....	38, IV:
« Os estabelecimentos serão havidos por domicilios ».....	38, § 2º.....	38, § 2º
« Respectivo ».....	42.....	42
« No qual se comprehende o espaço aereo ».....	48, I.....	46, I.
« Tudo quanto..... taes como ».....	46, II.....	46, II.
« <i>Propositalmente</i> ».....	46, III.....	46, III.
« <i>Dollás</i> ».....	55.....	55
<i>Coisas universaes</i> .....	60.....	60
« Ainda quo de maior valor ».....	65.....	65
Enumeração incompleta.....	65, III.....	65 III.
<i>Ou</i> , cinco vezes dispensavelmente repetido em tres linhas.....	72, II.....	72, II.
Definição defeituosa de <i>marinhas</i> .....	72, III.....	72, III.
« <i>Legab</i> ».....	74, I.....	74, I.
Superflua enumeração.....	74, III.....	74, III.
« Que lhe garante o exercicio ».....	77.....	77
« Coisa ».....	80.....	80
« Obrigações de indemnizar ».....	82.....	82
« De quem ás faz ».....	87.....	87

<i>Proposital</i> .....	96.....	96
« Viciar a vontade ».....	100.....	100
« Disfarçado ».....	105, II.....	105, II.
« Competentes ».....	110.....	110
Vicio de pontuação.....	122.....	122
« Voltar ao seu antigo estado ».....	124.....	124
Ecos e repetições.....	125.....	125
« Sobre a mesma ».....	127.....	127
« Início ».....	130.....	130
Mã rodacção.....	136, § unico... ..	136, § unico.
Rodacção infiel ao pensamento ..	140.....	140
« Palavras superfluas.....	141.....	141
« Alguma ».....	142.....	142
« Quo forem... para <i>produzirem</i> ».	145.....	145
« A prova do testemunha ».....	146.....	146
« Ascendente ».....	147, IV.....	147, IV.
Collocação inconveniente das pa- lavras.....	154.....	154
Vicio semelhante.....	159.....	159
« Presume-se com ».....	165.....	165
Crase descabida.....	168.....	168
Redundancia.....	173, III.....	173, III.
Cinco ãos em duas linhas.....	179.....	179
« Interrupção feita » « Co-réus »... ..	180.....	180
« Valor » em vez de <i>preço</i> .....	182, § 2º.....	182, § 2º.
« Elle », sem referencia clara.....	182, § 3º.....	182, § 3º.
« Dessa da taem deante ».....	182, § 6º, IV..	182, § 6º, IV.
« Donos do pensão permanente »..	182, § 6º, VII.	182, § 6º, VII.
« O salario ».....	182, § 6º, IX..	182, § 6º, VIII.
« Da decisão do processo ».....	182, § 6º, XI..	182, § 6º, X.
Circumloquio e omissão.....	182, § 6º, XIV	182, § 6º, XI.
« Contado » por <i>contados</i> .....	182, § 8º.....	182, § 8º.
« Fianças feitas ».....	182, § 9º, b... ..	182, § 9º, b.
Inexactidão juridica.....	182, § 9º, I, c.	182, § 9º, I, c.
« Som o fazer ».....	182, § 9º, II..	182, § 9º, II.
« A causa <i>respectiva</i> ».....	182, § 9º, V, c.	182, § 9º, V, c.
« Direito <i>autorai</i> ».....	182, § 10, VII..	182, § 10, V.
« Ligados por outro casamento »..	187, VI.....	187, VI.
« O seu consentimento ».....	187, IX.....	187, IX.
« Do poder <i>delle</i> ».....	187, X.....	187, X.
Rodacção contrafeita.....	187, XI.....	187, XI.
« As mulheres menores. Os homens menores ».....	187, XII.....	187, XII.
« A mulher viuva » Incongruencia entre a primeira e a segunda parte do texto.....	187, XIV.....	187, XIV.

« Afilidade <i>illicita</i> ».....	188.....	188
« Separação de corpos ».....	190.....	190
« <i>Ento... ento... ento</i> ».....	191.....	191
« Até segundo grau ».....	194, II.....	194, II.
« Impediente ».....	195.....	195
« Requisição ». « Habilitados e com a cortidão ».....	196.....	196
« Si um <i>ou ambos</i> ».....	197 § unico....	197 § unico.
« Inscrição ».....	199.....	199
« Esposos ».....	199, I.....	199, I.
« Peças ».....	199, V.....	199, V.
Superfluidade.....	199, VIII.....	199, VIII.
«... <i>ento... ento... ent</i> ».....	200.....	200
Redacção obscura.....	202 § unico...	202 § unico.
« Nesta até o segundo grau.....	203, § unico...	203, § unico.
« <i>Fari retrotrahir</i> ».....	204, § 4º.....	204, § 4º
Desharmonia na redacção.....	208, § unico...	208, § unico.
« <i>Existencia... subsistente</i> ».....	210.....	210
« Casamento <i>feito</i> ».....	211.....	211
Redacção juridicamente viciosa..	212.....	212
« <i>Retrotrahirá os seus efeitos</i> »..	216.....	216
« <i>Nubentes</i> ».....	219, § unico...	219, § unico.
Tres palavras por uma.....	222.....	222
« <i>Affecta</i> ». « <i>Honorabilidade</i> »...	223, I.....	223, I.
« <i>Desvirginamento</i> ».....	223, IV.....	223, IV.
« <i>Incide</i> ».....	232.....	232
Perissologia.....	232, II.....	232, II.
« <i>Offerecidos</i> ».....	233, II.....	233, II.
« <i>Incidam</i> ».....	239, II.....	239, II.
« O nome de familia ».....	246.....	246
Construcção obscura.....	247.....	247
« <i>Domicilio</i> ».....	(Emenda da Ca-	
	mara).....	249, § unico.
Palavra superflua.....	251, II.....	251, II
« <i>Disfarce</i> ».....	255, IV, § unico	255, IV, § unico.
Redacção inconveniente.....	255, VI.....	255, VI.
« <i>Dissolução do casamento</i> ».....	260.....	259
Referencia indeterminada.....	261.....	260
« <i>Importa a divida do proveito</i> »...	263.....	262
Surpórfluidade juridica.....	265, I.....	264, I.
« Disposição rigorosamente obri-		
gatoria ».....	265, II.....	264, II.
<i>Da, por de</i> .....	271, II.....	270, II.
« No art. 271 », em vez de art. 270	273.....	272
« <i>Noiva</i> ».....	286, I.....	285, I.
« <i>E por terceiros</i> ».....	286, III.....	285, III.

Phrase redundante.....	288.....	287
« Por terceiros».....	289.....	288
« E vice-versa».....	289.....	289, II.
Equívoco de <i>aquelle</i> por <i>este</i> .....	299.....	298
« Dissolução do matrimonio».....	308.....	307
« Receiar que não basta.» Palavras superfluas.....	316.....	315
« Cassar o mandato».....	319, II.....	318, II.
« Pela <i>null dade</i> do casamento:..	323, II.....	322, II.
Redacção contradictória.....	323, § unico..	322, § unico.
« So <i>forem</i> casados <i>ha</i> mais de dois annos.....	325, V.....	324, V.
« Cohabitar.» Erro na collocação do prenome.....	326; § unico..	325, § unico.
« Desquite <i>litigioso</i> ».....	327.....	326
« Da <i>posse dos filhos</i> »... ..	Inscrição do cap. II.....	( <i>Ibidem</i> )
Omissão.....	332.....	331
« Desquite <i>litigioso</i> ».....	333.....	332
Defeito de concordancia.....	338.....	337
Classificação incompleta.....	339.....	338
Qualificativo superfluo.....	341.....	340
Disposição superflua.....	344.....	343
« <i>Cohabitação dos conjuges</i> ».....	345, I.....	344, I.
« Cohabitar».....	347, I.....	346, I.
« <i>Cohabitado sob o mesmo tecto</i> ».....	348.....	347
« Cohabitava».....	350.....	349
« Já concebido.» Redundancia... ..	364 § unico..	363, § unico.
« Estupro ».....	371, II.....	370, II.
Palavras dispensaveis.....	371, III.....	370, III.
« Interesse <i>para</i> ».....	373.....	372
« Incidir».....	391.....	390
« Progenitor».....	392, pr.....	391, pr.
» .....	392 IV.....	391, IV.
» .....	403.....	402
« Carecer.» Crase descabida.....	407, II.....	406, II.
Concordancia errada.....	415.....	414
Periphrase evitável.....	416, III.....	415, III.
« Destituídos».....	417, III.....	416, III.
« Um» superfluo:.....	418, § unico..	417, § unico.
Clausula ociosa.....	420, pr.....	419, pr.
« Fazer valer.».....	420, II.....	419, II.
Phrase pleonastica.....	421, IV.....	420, IV.
Redacção obscura.....	423.....	422
Ambiguidade.....	424.....	423
« Garantia da administração».....	425.....	424

« Insolvabilidade».....	427.....	426
« Custeio».....	433, III.....	432, III.
Crase descabida.....	433, IV.....	432, IV.
Ordem inconveniente das pala- vras.....	434, VI.....	433, VI.
Clausula inutil.....	434, VIII.....	433, VIII.
« Custeio».....	439.....	438
Má pontuação.....	440.....	439, I.
« Um» por o.....	442.....	441.
« Incidir sob».....	449, II.....	448, II.
« Ou», em vez de e.....	451, § unico...	450, § unico.
« Destituído».....	452.....	451
« Denunciado», em vez de <i>arguido</i>	457.....	456
Construção obscura.....	458.....	457
« Incapacidade», em vez de <i>inter- dicção</i> .....	467.....	466
« Marido» e «mulher», em vez de <i>pae e mãe</i> .....	469.....	468
Expressão insufficiente.....	472.....	471
« Prive», em vez de <i>inhiba</i> .....	474.....	473
« Separado judicialmente».....	477, I.....	476,
« Interessados d successão».....	478, § 1º.....	477, § 1º.
« Devem».....	480.....	479
Obscuridade.....	493.....	492
« Caracteres o qualidades ».....	502.....	501
« Logo».....	509.....	508
« Acções para a manutenção».....	529.....	528
« Inscricção», por <i>transcripção</i> ....	535, I.....	534, I.
« Retrotahir», como intr. «Deve».	540.....	539
« Ilhas e ilhotas».....	541, I.....	540, I.
« No leito.» «De um rio particular»	542, pr.....	541, pr.
Reparo juridico.....	543.....	542
Expressão incompleta.....	553.....	552
Cacophaton evitavel.....	554.....	553
Adjectivo nocivo ao pensamento juridico.....	564.....	563
« Poderá <i>pedir</i> ».....	567.....	566
« Ribeirinh».....	572.....	571
Incongruencia e confusão.....	573.....	572
Redacção incompleta.....	579, pr.....	578, pr.
Redacção incompleta.....	582.....	581
« Parele meeira.» «Condomino»..	587.....	586
« <i>Corrosivas que produzam infiltra- ção nociva</i> ».....	589.....	588
Collocação inconveniente.....	594, pr.....	593, pr.
« Em distancia.» De onde ?.....	594, § 1º.....	593, § 1º.

« Vallado. » « A terra necessaria. »		
« Corrida para dentro ».....:	594, § 3º.....	593, § 3º.
Discordancia entre o verbo e o sujeito.....	594, § 5º.....	593, § 5º.
Referencia obscura.....	596, § 2º, III..	595, § 2º, III.
« Para o emprego do bem publico. »	597.....	596
« Antiga », por anterior.....	618.....	617
« Que retrotrae ».....	628.....	627
Cinco ecos em ão.....	632.....	631
« Os outros », em vez de outrem..	640.....	639
« Extremidade », por extrema.		
« Vallos ».....	649.....	648
« Ambos ». Quem? .....	650.....	649
« Obra », applicado á revista, pe- riodico e jornal.....	656.....	655
« Direito autorat ».....	658.....	657
Oito vezes ão.....	659.....	658
Quatro vezes ão, em linha e meia	663.....	662
Redacção confusissima.....	664.....	663
« Parodia », por <i>paraphrase</i> .....	671.....	670
« Inscricção » por transcripção..	682.....	681
Transposiçào desparatada.....	695.....	694
« As servidões não apparentes. »		
« Inscricção ».....	704.....	703
« Consentir ». Má redacção.....	715.....	714
Inscricção.....	721.....	720
« Nu proprietario » .....	723.....	722
« Coisas que se consomem pelo uso ».....	732.....	731
« Que gravar o usufructo ».....	742.....	741
« Abuso ».....	745, VII.....	744, VII.
Letra que falseia o espirito do texto	754.....	753
« Divida », em vez de pagamento	768, III.....	767, III.
Redacção inintelligivel e anti- grammatical.....	768, IV.....	767, IV.
« Duplicata. » « Inscricção ».....	778.....	776
« Deverá ».....	785.....	783
« Credor dos titulos ».....	790, III.....	797, III.
« Credor da caução ».....	800.....	798
« Credor ».....	802.....	800
« Da companhia. » Qual?.....	804.....	802
Correspondencia indistincta do pronomc.....	809, IV.....	807, IV.
« O dono do immovel ».....	819.....	817
« Inscripta ».....	822, § 1º.....	820, § 1º.
« Autor ou cumplice ».....	833, VI.....	831, VI.

Clausula superflua.....	834.....	832
Phrase superflua.....	841.....	839
« Respectiva escriptura».....	842.....	840
Ambiguidade. Omissão.....	848, I.....	846, I.
Incongruencia por má redacção..	850.....	848
Inscripção.....		
« Art. 537», por art. 536.....	859, I.....	857, I.
« O valor da deterioração».....	869.....	867
« Regerá».....	879.....	877
« Por culpa do», em vez do <i>pelo</i> ..	883.....	884
Ordem grammatical avêssa ao pensamento.....	889.....	887
Redundancia.....	892.....	890
« Co-credores».....	900.....	898
Discordancia entre sujeito e verbo	902.....	900
« Um só ou algum».....	907.....	905
« Os outros.....	911.....	909
« Insolvavel».....	917.....	915
Referencia obscura.....	922.....	920
Referencia despropositada.....	924.....	922
« Estu», por <i>aquella</i> .....	928 pr.....	926 pr.
« Pagamento da pena».....	928, § unico.	926, § unico.
« Verter», em vez de <i>reverter</i> ....	937.....	935
« Solvavois».....	957, § 4º....	955, § 4º.
« Mais baixa», em vez de <i>mais alta</i> ..	961.....	959
Sentido alterado pela pontuação e ordem das palavras.....	963.....	961
« Aborta», por <i>aberto</i> .....	976, VI.....	974, VI.
Reducção inconveniente.....	1.000.....	998,
« Credor» por <i>devedor</i> .....	1.002, II.....	1.000, II.
« Insolvavel».....	1.005.....	1.003
Relacção enigmatica.....	1.025.....	1.023
« Privada».....	1.038.....	1.036
« Accessorios e <i>garantias</i> ».....	1.055.....	1.053
Culpa <i>a parte</i> .....	1.060.....	1.058
« A culpa consiste na negligencia»..	1.059, § unico.	1.058, § unico.
« Lucros cessantes.. <i>decorrentes</i> »..	1.063.....	1.061
« E <i>garantias</i> ».....	1.069.....	1.067
Crase inoportuna.....	1.085, III.....	1.083, III.
« <i>Communica-a</i> ».....	1.086.....	1.084
« Impossibilidade... <i>possivel</i> »...	1.095.....	1.093
Erro juridico.....	1.110.....	1.108
« O assumiu», por o <i>não assumiu</i> ..	1.112.....	1.110
« A <i>cessação do risco</i> ».....	1.125.....	1.123
« As coisas <i>que communmente re- cebem</i> ».....	1.131, § 1º....	1.129, § 1º.

« Insolvel ».....	1.135.....	1.133
« Os condôminos ».....	1.142.....	1.140
« Resgate ».....	1.144, § unico.	1.142, § unico.
« Provar ».....	1.147.....	1.145
(Materia juridica).....	1.155.....	1.153
Inversão do pensamento.....	1.171.....	1.169
« Dissolvido o matrimonio ».....	1.180.....	1.178
« Onerada com encargo ».....	1.184, § unico.	1.182, § unico.
« Preço ».....	1.193.....	1.191
« Salvas deteriorações ».....	1.195, IV.....	1.193
« Nova aquirente ».....	1.200, § unico.	1.198, § unico.
« As partes, ou uma dellas ».....	1.220.....	1.218, § unico.
Redacção obscura.....	1.221.....	1.219
« A retribuição... feita ».....	1.222.....	1.220
Embroglio grammatical.....	1.230.....	1.228, V.
« Despedida ».....	1.232.....	1.230
« Vícios e máo procedimento »...	1.233, II.....	1.231, II.
« Po: algumas ».....	1.234, § 2º.....	1.232, § 2º.
« Por parte ».....	1.243.....	1.241
« Prefaz-se ».....	1.250.....	1.248
Redacção invertida.....	1.253.....	1.251
« Obrigado moroso ».....	1.254.....	1.252
« Repetidas ».....	1.256.....	1.254
« Causas communs do uso e gozo »	1.266, I.....	1.264, I.
« Sementeira ».....	1.266, II.....	1.264, II.
« Retribuição ».....	1.267.....	1.265
« Accrescimos ».....	1.268.....	1.266
« Culpa. » De quem?.....	1.269.....	1.267
Pensamento compromettido pela redacção.....	1.286.....	1.284
Texto obscuro o juridicamente omisso.....	1.291.....	1.289, § 3º.
« Comprometter ».....	1.297.....	1.295
« Agir ».....	1.299.....	1.297
Ambiguidade.....	1.302.....	1.300
Redacção incongruente.....	1.302, § 1º.....	1.300, § 1º.
« Insolvel ».....	1.302, § 2º.....	1.300, § 2º.
« Em outro acto. » « Obtido ».....	1.304.....	1.302
« Respectivo instrumento. » « Deres- ponder. » A quem?.....	1.307.....	1.305
« Agir ».....	1.309.....	1.307
Ausencia de pontuação.....	».....	»
« Destê. » Mal applicado.....	1.314.....	1.312
Virgulação extravagante.....	1.320.....	1.318
« Communicada. » A quem?.....	1.321.....	1.319
« A procuração para o fôro, em		

geral, não se entende...».....	1.328.....	1.326
Redundancia.....	1.330.....	1.336
« Repetir».....	1.344.....	1.341
Redacção confusa. «Repetidas»...	1.345.....	1.342
Referencia errada.....	1.345, § unico	1.342, § unico.
« Espalhar pelo publico».....	1.349.....	1.346
Superfluidade.....	1.354.....	1.351
Inutilidade.....	1.359.....	1.356
Lacuna typographica.....		1.384
Clausula insufficiente e expressão inadequada.....	1.369.....	1.366
« Lucros e ganhos».....	1.372.....	1.369
Palavras superfluas.....	1.379.....	1.376
Inversão do pensamento pela sua redacção.....	1.388.....	1.385
« Carocer».....	1.391.....	1.388
« Constituiu, por <i>constitue</i> .....	1.393.....	1.390
« <i>Direito ás perdas futuras</i> ».....	1.405.....	1.402
Clausula inconveniente.....	1.407.....	1.404
« N.º I a V», em vez de <i>ns. I a IV</i>	1.411.....	1.408
« Direito de accrescer».....	1.432.....	1.429
« Segurado», em lugar de <i>seguro</i> .	1.437.....	1.434
« Desta secção», por <i>deste capitulo</i> .	1.438.....	1.435
« Insolvibilidade».....	1.440.....	1.437
Omissão do artigo indispensavel.	1.444.....	1.441
Alteração do sentido pela má col- locação do pronome.....	1.448.....	1.445
Equívoco pela má collocação das palavras.....	1.452.....	1.449
Outra phrase infiel, por mal redigida.....	1.451.....	1.451
« Algum», em vez de <i>todo</i> .....	1.458.....	1.455
Crase indevida.....	1.476.....	1.473
Redundancia.....	1.489.....	1.486
« Accessiveis de fiança.».....	1.493.....	1.490
« Insolvavel.».....	1.495.....	1.492
« Solidario», que ?.....	1.497, II.....	1.494, II.
« Insolvavel.».....	1.500.....	1.497, § unico.
Circumloquio e impropriedade...	1.508, I.....	1.505, I.
« Insolvavel.».....	1.509.....	1.506
Menção incompleta.....	1.512.....	1.509
Omissão.....	1.513.....	1.510

<sup>1</sup> Não existe no projecto anterior á revisão CARNEIRO. (*Diar. do Congr.*, 26 janeiro, 1902.) Mas evidentemente é omissão typographica.

« Congresso Nacional », em vez de <i>poder legislativo</i> .....	1.515.....	1.512
« Prestação feita ».....	1.516.....	1.513
Perissologia.....	1.523.....	1.520
Referencia omissa.....	1.528.....	1.525
« Repetir. » « Descendente ».....	1.529.....	1.526
« Tentativa de cura. ».....	1.543, I.....	1.540, I.
« Restituição da propria cousa »... ..	1.547.....	1.544
Discordancia numeral do nome com o adjectivo.....	1.548.....	1.545
« A pessoa do sexo feminino ».....	1.554.....	1.551
Redacção confusissima.....	1.564, I.....	1.561, I.
« Rateio proporcional ».....	1.568.....	1.565
« Salarios ou ordenados ».....	1.575, VII.....	1.572, VII.
Contradicção com o art. 492.....	1.578.....	1.575
Artigo superfluo.....	1.580.....	1.577
» .....	1.581.....	1.578
» .....	1.582.....	1.579
Omissão .....	1.586.....	1.583
Texto infiel á sua intenção.....	1.599.....	1.593
Omissão.....	1.607, I.....	1.599, I.
Discordancia entre verbos.....	1.607, III.....	1.599, III.
« Filhos e descendentes ».....	1.611.....	1.603
Palavras de mais.....	1.614.....	1.606
« Ascendentes <i>naturaes</i> ».....	1.621, § unico.	1.613, § unico.
Redacção equivocca.....	1.622.....	1.614
« Cohabitar ».....	1.623.....	1.615
Omissão.....	1.627.....	1.619
Redacção enganosa.....	1.628.....	1.620
Expletiva inutil. Lacuna.....	1.629, § 3º.....	1.621, § 3º.
Superfluo.....	1.635.....	1.627
Superfluidade.....	1.638.....	1.630
« Anterior ».....	1.641.....	1.633
« Ou » por « e ». Auto e instrumento de approvação.....	1.652, IX.....	1.644, IX.
« Dorso ».....	1.656.....	1.648
« Escriptor » do testamento.....	1.660, II.....	1.652, II.
« Testamento » por <i>testamento cer-</i> <i>rado</i> .....	1.670.....	1.662
Duas expressões improprias.....	1.677.....	1.639
Duas impropriedades.....	(Emenda da ca-	
	mara).....	1.670
« Ultima molestia ».....	1.682, III.....	1.675, III.
Superfluidade. Eco.....	1.685.....	1.678
Obscuridade por concisão exces-		
siva.....	1.692.....	1.685

Texto contrario ao pensamento..	1.693.....	1.686
Omissão.....	1.694.....	1.687
Falta da crase.....	1.695.....	1.688
Texto ao avê-so da idéa.....	1.703.....	1.696
Redacção infiel.....	1.703, § unico.	1.696, § unico.
Relacção melhoravel.....	1.707.....	1.700
» » .....	1.709.....	1.702
« Estes » por <i>aquelles</i> .....	1.715.....	1.708
Duas omissões.....	1.716.....	1.709
Redundancias.....	1.720.....	1.713, I.
Clausula eliminanda.....	1.724.....	1.717
Supprimivel.....	1.729.....	1.722
« O escriptor do testamento ».....	1.732, I.....	1.725, I.
Sentido alterado pela pontuação..	1.743.....	1.736
« Affectado » .....	1.759, IV.....	1.752, IV.
Pensamento deturpado na redacção	1.762.....	1.755
Expressão imprecisa da intenção		
legislativa.....	1.766.....	1.759
« Agir ».....	1.779.....	1.772
« Serão procedidos. » Referencia in-		
decifrável. Pontuação deleixada.	1.784.....	1.777
Adverbio impertinente. Lacuna..	1.797, § unico	1.790, § unico.
Palavras ociosas.....	1.799.....	1.792
Palavras superfluas. Eco.....	1.801, § unico.	1.794, § unico.
Esquecimento.....	1.804.....	1.797
Omissão. Pontuação inversiva		
da idéa concebida.....	1.805.....	1.798
Lacuna.....	1.807.....	1.800
Omissão.....	1.807, § 1º...	1.800, § 1º.
Má relacção e pontuação.....	1.810.....	1.803
« Insolvavel » .....	1.814.....	1.807
» .....	1.819.....	1.812

Contém esta lista 439 itens. Muitos delles, porém, englobam duas e tres notas ; de modo que o numero total destas monta a 531.

Pois bem, dentre ellas apenas as seguintes

CABEM AO PROFESSOR CARNEIRO

Incorrecções	Arts. do proj. da Commissão	Arts. do proj. modificado pelo professor
« Em que estabelece ella ».....	34.....	34.
« Terá em mira ».....	101.....	101.
« Embora ».....	279, II.....	278, II
« De annotal-a, commentar, ou me-		
lhorar. ».....	669.....	663
« Induzom á propriedade ».....	679.....	678
Pronome superfluo.....	930.....	928
« Salvo se provar este ».....	1.322.....	1.320

Assim que mal foram objecto de censura minha *sete* retoques do illustre professor bahiano. Tudo o mais, a saber, não menos de *quinhentos e vinte e quatro* topicos por mim criticados, pertence ao trabalho da commissão.

Accresce, circumstancia ainda mais para notar, que, em duas dessas sete emendas, o que eu propuz, foi que se restabelecesse o texto da commissão, corrigido pelo professor CARNEIRO. No art. 34, onde o professor CARNEIRO corrigira «em que estabelece ella», mandei eu repor, de accordo com a commissão, «ella estabelece». No art. 678 em que o professor CARNEIRO fizera uma crasé descabida, fui de aviso, conformando-me com o escrever da commissão, que se eliminassó.

7.—Só em *sete* pontos, logo, toria o dr. CARNEIRO que defender a sua revisão contra a minha; porquanto apenas *sete* vezes arguira ou de incorrectas as correções por elle operadas no texto da commissão.

Dessas sete emendas suas, porém, acimadas por mim de erroneas, apenas *duas* lhe mereceram defesa: as que dizem respeito ás expressões «em que estabelece ella» e «salvo se provar estes», nos arts. 34 e 1.320. No tocante ás cinco emmudeceu; de onde, pela regra do *quem cala, consente*, presumo, creio que sem temeridade, haver aquiescido á minha censura.

Ora, se pôr dezoito vezes, na sua replica, subserve o dr. CARNEIRO as minhas correções (quanto aos arts. 46, 142, 182, §§ 8º e 9º, n. II, 219, § unico, 223, 426, 593, 1.084, 1.129, § 1º, 1.164, 1.248, 1.455, 1.545, 1.652, 1.664, 1.652, 1.777), não menos de oitenta topicos ha em que me contradiz.

Em sessenta e oito, desses oitenta, me contradiz o professor CARNEIRO, *advogando o texto redigido pela commissão dos vinte e um*.

Em doze me impugna, criticando a linguagem da *minha exposição preliminar e das minhas notas*.

Não foi, portanto, em defesa propria que acudiu o philologo bahiano. Seu proposito, seu programma, seu trabalho foram outros: defender a *commissão*, no que era tão sómente de sua lavra, e accusar-me, no que eu escrevera *fora do substitutivo*. Paladino gratuito e espontaneo da commissão na primeira dessas attitudes, espontanea, escusada e gratuitamente se constituia meu adversario pessoal na segunda.

Cada umá dellas quer-se especialmente considerada.

8.—Nada mais curioso que a incoherencia fundamental do professor CARNEIRO no seu trabalho. Definindo, no preludeo, a sua responsabilidade, circumscreve-a formalmente ás «correções de linguagem, que o tempo lhe permittisse». Mas, em seguida, escre-

<sup>1</sup> *Ligeiras Observações*, do dr. CARNEIRO, p. 4, col. 1ª, e p. 13, col. 1ª.

vendo o seu commẽto, assumo a solidariedade mais dedicada com o trabalho da commissão parlamentar.

Obvio é que lhe esta não pedira dispendio tamanho de abnegação; pois, emquanto elle se consumia devotamente, ao longe, em tecer a apologia philologica da obra dos vinte e um, estes, aqui, pregoavam, de sua parte, uma justificação gloriosa e uma retaliação arrazadora.

Pena é se não tivessem adivinhado, ou confrontado, para se não dar a inconveniencia, a que assistimos, de se contrariarem nalguns pontos, flagrantemente, as duas apologias. <sup>1</sup>

9.—Poucos, porém, como são, não lhes destroem o accordo geral, que mais se accentua com a manobra, commum a ambas, de abandonarem frequentes vezes o exame da linguagem do substitutivo, para se entregar ao da minha exposição preliminar e ao das minhas notas, como se foram partes daquelle, e houveram de soffrer, nesse caracter, a mesma prova.

Nesse exorbitar injustificavel se engolfou o advogado extra-parlamentar, como os advogados parlamentares do projecto, em um desabafo pessoal contra mim, que só se desculparia, se eu, no meu primeiro trabalho, me houvesse occupado com o escrever da commissão no seu relatorio geral, com o do dr. CLOVIS nas suas *Observações* preambulares ao primitivo projecto, ou com as lucubrações grammaticaes do professor CARNEIRO.

Havendo-me, porém, cingido rigorosamente á critica do *texto* no projecto da commissão, a resposta desta, como a dos seus collaboradores, tinha de necessidade que se restringir á critica do *texto* no meu substitutivo. O mais, o que se fez, era, não só exceder a tarefa, mas ainda falseal-a, e compromettel-a, deslocando, ampliando, complicando, envenenando, tumultuando e atrazando o debate, com envolvel-o em rugas de amor proprio individual, estranhas e nocivas aos interesses do projecto, aos do acerto na sua reacção, aos da presteza no seu termo.

10.—Mas as vaidades irritadas na penlencia, haviam de mister esse desaggravo. Aliás era futil e imbelle. A provarem, de feito, que eu houvesse resvalado em alguns erros de vernaculidade, que é o que se feria provado contra mim, senão essa eterna fallibilidade humana cujos stygmata ninguem evita neste mundo, sendo communs aos mais insignes mestres do escrever?

Sem chegar ao paradoxo de EÇA no *Fradique Mendes* <sup>2</sup> «Ninguem sabe escrever», uma verdade ha, que me não assusta, porque é universal e de universal consenso: não ha escriptor sem erros. Dos classicos mais antigos aos mais modernos, todos os perpetraram. «Os proprios mestres têm extravagancias», confessa a peito aberto

<sup>1</sup> Como no tocante ao *propositalmente*, ao *affectar* e ao *escriptor do testamento*.

<sup>2</sup> P. 114.

um delles. <sup>1</sup> Não ha CAMÕES, SOUSA, BERNARDES, HERCULANO, VIEIRA, ou CASTILHO, de quem não hajam apontado muitas os melhores aquilatadores. As do professor CARNEIRO, particularmente na sua primeira grammatica, não são poucas. Terei alhures occasião de mostral-o. CASTILHO, em certa época de sua vida, chegou a fazer a mais lhana confissão publica de haver «desastradamente naufragado» no dizer e linguagem de alguns dos seus escriptos anteriores. <sup>2</sup> «Somos tres em Pariz», gabava-se BALZAC, «os que sabemos a nossa lingua: HUGO, GAUTIER e eu.» <sup>3</sup> Mas já os contemporaneos lhe respondiam, exprobrando-lhe «enormes erronias, solecismos, formas barbaras, torneios inauditos ou formalmente irregulares», e a critica actual lhe assignala «faltas imperdoaveis de ignorancia grammatical» e lexicologica. <sup>4</sup> HUGO, possuindo o genio linguistico em um gráu incomparavel, affirmando, para com a correcção, o mais profundo respeito, sabendo o seu idioma como ninguem, tendo um sentimento «quasi impeccavel» <sup>5</sup> da vernaculidade, e ufanando-se altamente desses dotes, incorreu em falhas, como RACINE incorrera, como tem incorrido « todos os grandes escriptores de primeira ordem ». <sup>6</sup> HERBERT SPENCER, o chamado « Aristoteles moderno », associa singularmente á elevação da philosophia a pureza da linguagem, que não se humilha em esmerar. Mas «indubitavelmente», diz elle no seu «derradeiro» livro <sup>7</sup>, «de onde em onde se hão-de achar, nas minhas obras, erros de construcção». «Não conheço», acrescenta, «obra nenhuma, onde taes defeitos se não encontrem. Será simples questão de mais ou menos frequencia.» <sup>8</sup>

Em tão excelsa companhia me não podiam cair as faces de estar. Mas não era a minha individualidade nem os meus escriptos que se achavam em lide. Increpando-me de erros, quando reaes fossem, não se defendiam os meus contradictores das faltas, em que eu os tachara de incursos.

Nesse artificio, porém, de enredar o exame do substitutivo ao das suas notas, de substituir o meu substitutivo pela minha pessoa, de personalizar assim um debate impessoal, por me disgraciarem e infamarem o nome, ninguem peccou tão gravemente como o mais douto e o mais velho, como aquelle de quem se devia

<sup>1</sup> C. de FIGUEIREDO: *Diccionario, Convers. prelim.*, p. VIII.

<sup>2</sup> *A Primavera*, p. 32.

<sup>3</sup> F. BRUNOT: *La langue française au XIX siècle*. Na *Hist. de la Lang. et de la Littérat. Franç. des origines à 1900*. Vol. VIII, p. 721.

<sup>4</sup> *Ib.*, p. 757.

<sup>5</sup> *Ib.*, p. 722.

<sup>6</sup> *Ib.*, p. 721.

<sup>7</sup> *Facts and Comments*. (Lond., 1902), p. III.

<sup>8</sup> «Doubtless in my works errors of construction are here and there to be found; but then I have met with no works in which errors of construction are not to be found. It is a question of frequency.» *Ib.*, p. 203.

esperar mais equanimidade e madureza. Os demais poderiam ter-se por offendidos. Sobre erros seus recaíam as minhas emendas na sua quasi totalidade. Bem se concebo, pois, que não soubessem guardar cordura e lhanesa. Mas a contribuição do professor CARNEIRO saíra quasi intacta dos meus reparos, e do não ter elle enxergado os erros da commissão por mim discernidos eu mesmo o oxculpara, de todo em todo, com a mesquinha curteza do prazo em que o haviam encerrado. Que aggravos teria, portanto, a sua pessoa contra a minha? E, se os não podia ter, como explicar-lhe o encançado empenho de arrastar-me á picota dos escrevedores reles?

11.-- Poderia queixar-me de que fui ingratamente retribuido. Ao passo que na minha critica empregara o maximo cuidado em abrigar de qualquer responsabilidade o philologo bahiano, avorbando todas as deficiencias da revisão extra-parlamentar á insignificancia do tempo, que lhe mediram, e a que o constrangeram, elle, que, na sua última obra grammatical, a loptava o meu nome como exemplo classico de «exímio e esclarecido escriptor», agora envida quando em si cabe, por me despir das qualidades mais communs no commum dos escriptores. Nega-me os dotes mais ordinarios do estylo: a clareza, a actualidade, a grammatica, a orthographia. Tenho a phrase «entrevada e arrevezada». Commetto «erros manifestos de syntaxe». Nota-se-me um fraco lastimavel pelas «palavras já de muito cahidas em desuso». Dou-me até, a «trocadilhos e joguetes de palavras», que me «empeçam o contexto do discours», e me «ensombram o estylo». A pontuação, de que uso, tão destemperada é, que nunca se lho deparou a elle «em escriptor nenhum».

Para comprovar essas amenidades, que eu estava bem fóra de imaginar provocasse, quando lhe preiteava as mais sinceras expressões de reverencia, não lho basta esgarabulhar a cada passo, como um pião, do substitutivo para a exposição preliminar, da exposição preliminar para as notas, e esquadrial-as, e varajal-as, e vascular-lhal-as, e onxovalhal-as, como se tudo isso fóra materia do projecto. Muito mais longe vae. Chega ao ponto, como tirei ao claro na apostilla ao art. 199, de me alterar o texto ao substitutivo, de truncal-o, dospontual-o, repontual-o, para me envergonhar com a insimulação de uma tolice quasi boçal.

12.--Eu, entretanto, ao contrario, longe de exercer a severidade que me estranham, passara em claro, até, particularmente no que toca ás responsabilidades do professor CARNEIRO, muitas e muitas passagens accusadoras.

No art. 577, por exemplo, do seu primeiro projecto, a commissão errara o complemento do verbo *proceder*, escrevendo: «O proprietario pôde obrigar o confinante a *proceder* com elle a demarcação.»<sup>1</sup>

<sup>1</sup> *Trabal. da Comm. Esp. da Cam.*. v. VII, p. 80.

O dr. CARNEIRO não deu tento do erro, que o projecto por elle revisto mantem no art. 575. <sup>1</sup> "

Tambem não deu tino da crase descabida, no art. 849, § 2º, daquelle projecto <sup>2</sup>, ás expressões «immoavel sujeito á anticrrese», que ficou, tal qual no art. 812, § 2º, do outro. <sup>3</sup>

No art. 671 do primeiro projecto <sup>4</sup> se dizia «sob protexto de annotal-a, commental-a ou melhoral-a». O art. 669 do projecto revisto pelo dr. CARNEIRO <sup>5</sup> estropia essa phrase, dizendo: «sob pretexto de annotal-a, commentar ou melhorar.»

Certas expressões ora se somem sob a sua lima, ora lhe passam illesas. Assim o mesmo, na accepção de ainda, até, que, notando-se nos arts. 1.417, § 1º, do primeiro projecto <sup>6</sup>, desapareceu no logar correspondente do projecto revisto (1.393, § 1º) <sup>7</sup>, e, existindo com o mesmo sentido no art. 1.413, I, daquelle <sup>8</sup>, se conservou incolume no art. 1.387, I, do outro. <sup>9</sup>

Dizia, no art. 1.623, o projecto da sub-commissão dos cinco, apresentado á commissão dos vinte e um: «Serão declarados vacantes os bens da herança jacente, si, praticadas todas as diligencias legais, os herdeiros não apparecerem.» <sup>10</sup> A revisão do professor CARNEIRO emendou, invertendo a ultima oração, o que era indifferente, e conservando o artigo os <sup>11</sup>, o que não é correcto, visto como não é certo haver, na hypothese, herdeiros: havel-os-á, ou não.

«Si o fideicommissario aceitar a herança ou legado», dispunha, no art. 1.775, o projecto dos cinco, «terá direito a parte que accrescer em qualquer tempo ao fiduciario.» <sup>12</sup> O dr. CARNEIRO, revendo, não deu pela falta da crase, que subsiste no art. 1.750 do projecto submettido á camara dos deputados. <sup>13</sup>

No projecto da sub-commissão parlamentar dos cinco resava o art. 1.367: «A disposição do artigo antecedente tambem se applica ao caso. . . assim como ao de *verter* a gestão em proveito do dono.» <sup>14</sup> Esse artigo trasladou-se ao projecto dos vinte e um

<sup>1</sup> *Ib.*, v. VIII, p. 421.

<sup>2</sup> *Ib.*, v. VII, p. 115.

<sup>3</sup> *Ib.*, v. VIII, p. 159.

<sup>4</sup> *Ib.*, v. VII, p. 92.

<sup>5</sup> *Ib.*, v. VIII, p. 133.

<sup>6</sup> *Ib.*, v. VII, p. 176.

<sup>7</sup> *Ib.*, v. VIII, p. 212.

<sup>8</sup> *Ib.*, v. VII, p. 176.

<sup>9</sup> *Ib.*, v. VIII, p. 211.

<sup>10</sup> *Ib.*, v. VII, p. 193.

<sup>11</sup> «não apparecerem os herdeiros.» Art. 1605. *Ib.*, v. VIII, p. 235.

<sup>12</sup> *Ib.*, v. VII, p. 215-16.

<sup>13</sup> *Ib.*, v. VIII, p. 251.

<sup>14</sup> *Ib.*, v. VII, p. 171

com a enumeração de 1.343. E ahí a comissão trocou o vocabulo *verter*, erradamente empregado no caso, em *redundar*<sup>1</sup>, que o projecto definitivo da camara conservou no mesmo texto, sob o n. 1.340. Igual emenda fizeram os vinte e um ao art. 1.425 da redacção dos cinco<sup>2</sup>, convertido no art. 1.401 do projecto que se offereceu á camara<sup>3</sup>, e por esta mantido no art. 1.398 do seu. Mas o mesmo erro lexicographico de *verter* em vez de *reverter*, ou *redundar*, se continha nos arts. 976 e 978 do projecto redigido pela sub-comissão dos cinco<sup>4</sup>; e, como delle não dessem fê os vinte e um no debate anterior á revisão do professor CARNEIRO, tambem este o não viu. Em consequencia, persistiu o defeito nos arts. 937 e 939 da redacção apresentada á camara<sup>5</sup>, ficando, nos arts. 935 e 937 do projecto por ella remettido ao senado, esse desacerto crasso, que synonymiza *verter* com *reverter*.<sup>6</sup>

A expressão *ter logar* é francesia, quando empregada por *ocorrer*, *succeder*, *verificar-se*, *effeituarse*. Na accepção, porém, de *cabere*, *ser admissivel*, *ser applicavel*, *legitimo*, *opportuno*, *regular*, é indisputavelmente vernacula e sancionada por todos os mestros. Ora foi justamente neste significado que a redacção dos cinco adoptara essa locução nos arts. 1.052 e 1.058 do seu projecto<sup>7</sup>, o primeiro dos quaes estatua: «A compensação *tem logar* entre dividas liquidas, exigiveis e de cousas fungiveis»; determinando o segundo: «Não póde *ter logar* a compensação, havendo renuncia prévia de um dos devedores.» Era como se houveram dito, no primeiro caso: «A compensação *cabere*, é legitima, *admitte-se*, ou *procede*», e, no segundo: «*Não se applica*, não é *opportuna*, não se pode *invocar* a compensação.» Logo em ambos os textos, correctissimo português, vernaculo de lei. Não obstante, em ambos o dr. CARNEIRO emendou, substituindo, no primeiro, o *tem logar* por *effeituarse*, e trocando-o, no segundo, em *realizar-se*<sup>8</sup>; com o que, sobre dar, num e noutro, um errado quinau de linguagem, viciou, no primeiro, o texto com uma erronia juridica, azando, pela dubiedade da phrasa, ensejo a suppor-se que a compensação se effectuará sempre, em havendo dividas dessa natureza,

<sup>1</sup> *Ib.*, v. VII, p. 207.

<sup>2</sup> *Ib.*, v. VII, p. 177.

<sup>3</sup> *Ib.*, v. VIII, p. 213.

<sup>4</sup> *Ib.*, v. VII, p. 130.

<sup>5</sup> *Ib.*, v. VIII, p. 165.

<sup>6</sup> Citam-me em abono do *verter* neste sentido o uso que delle faz LAFAYETTE, *Dir. de Fam.*, p. 123. Mas este preclaro escriptor se refere a BORGES CARNEIRO, l. I, § 136, n. 3, e este allí não se serve de tal verbo. Nem ha, que me conste, bom autor português, que nunca o empregasse em vez de *reverter* e *redundar*. Ver SOUSA, *V. do Arceb.*, v. I, p. 343; e CASTILLO, *Colloquios*, p. 180, 392.

<sup>7</sup> *Ib.*, v. VII, p. 137 e 138.

<sup>8</sup> Arts. 1.013 e 1.019 do projecto por elle reviso. *Ib.*, v. VIII, p. 172 e 173.

quando o pensamento do legislador, seria meramente autorizar os interessados a invocála em taes casos. Emenda igualmente infundada praticou no art. 1.557. Abi escrevera muito bem a commissão: « Não terão logar as penas dos dois artigos antecedentes. » E o dr. CARNEIRO corrigiu: « Não se applicarão », quando é certo que, na accepção do *caber*, *applicar-se*, a expressão *ter logar* é irreprehensivel.

O art. 1.497 do projecto anterior á revisão CARNEIRO encerrava esta clausula: « Mas poder-se-á tambem levar em conta riscos differentes. »<sup>1</sup> No posterior a essa revisão esta clausula apparece corrigida assim: « Mas poder-se-ão tambem levar em conta riscos differentes. »<sup>2</sup> Ora a emenda é que, suppondo erronea a relação dos cinco, incorria em erro. O verbo *poder*, alli, tanto caberia no singular, como no plural, sendo-lhe sujeito, no ultimo caso, a expressão *lucros differentes*, e, no outro, a oração do verbo *levar*.

No primeiro desses projectos, o art. 1.632 resava assim: « Aquelle que tenha sido excluido da herança, póde ser a ella admittido, si a pessoa offendida e de cuja successão se tratar, assim o tenha resolvido. »<sup>3</sup> No segundo, alterado pelo dr. CARNEIRO, esse artigo, sob o n. 1.609<sup>4</sup>, passou a resar: « Aquelle que tiver sido excluido d. herança, poderá ser a ella admittido, si a pessoa offendida e de cuja successão se tratar, assim o tenha resolvido. » Caberá por ventura melhor o *tenha*, no derradeiro membro do periodo, onde o conservou, que no primeiro, onde o substituiu? A mim se me antolha evidente que na segunda oração caberia melhor o *tiver*, podendo conservar-se o *tenha* na primeira.

Onde o projecto da commissão (art. 1.365<sup>5</sup>) dizia: « ainda que o dono tivesse o costume *de as fazer* », o dr. CARNEIRO emendou: « ainda que o dono tivesse o costume *de fazel-as*. » (Art. 1.341.<sup>6</sup>) Onde resava: « esta substituição se presume » (art. 831, § un.<sup>7</sup>), corrigiu o professor CARNEIRO: « Esta substituição presume-se. » (Art. 794, § un.<sup>8</sup>) Como, se, num e noutro, isto é, após o demonstrativo *este* e a preposição *de*, não fosse tão correnteia, nos melhores classicos, a anteposição do pronome quanto a sua posposição, e talvez mais aquella que está.<sup>9</sup>

De outros exemplos deste genero, me poderia munir contra a revisão do professor CARNEIRO, se estivesse disposto a rebuscal-os,

<sup>1</sup> *Ib.*, v. VII, p. 184.

<sup>2</sup> Art. 1.473. *Ib.*, v. VIII, p. 220.

<sup>3</sup> *Ib.*, v. VII, p. 200.

<sup>4</sup> *Ib.*, v. VIII, p. 235.

<sup>5</sup> *Ib.*, v. VII, p. 171.

<sup>6</sup> *Ib.*, v. VIII, p. 207.

<sup>7</sup> *Ib.*, v. VII, p. 113.

<sup>8</sup> *Ib.*, v. VIII, p. 143.

<sup>9</sup> E' o que poderia aqui provar, se valesse a pena, com immensa colheita de exemplos, que tenho reunidos.

e desmiuçal-os. Mas, não havendo utilidade em lhes dar cata, estes bastarão, para evidenciar quão benigno foi o meu primeiro exame, que m'esse de negligencias e faltas espedicci, quão incompleto me deixei ser nos meus reparos, justamente por me cingir aos erros mais grados, além de não querer estabelecer confronto, entre o trabalho do mestre e o da commissão parlamentar.

Bem se vê agora que, esta mais de uma vez teria levado manifesta vantagem, resistindo ao seu revisor. «Não me atreverá a dizer tanto, se não fôra muior a prova que o dito.»<sup>1</sup> E ainda com todo o peso da prova que ahí fica, me não arrojará eu a dizel-o, se as bravias injustiças do mestre me não forçassem a exceder, talvez, na defesa, involuntariamente, o *moderamen inculpatæ tutelæ*.

13. — Não me seria desairoso receber, em português, quinaus do meu antigo professor de francês e inglês, mestre consummado em qualquer desses tres idiomas. Ainda os grandes, os fortes, os heres, quanto mais os da minha pequenez e fraqueza, estenderam a mão aberta á voz dos preceptores.

*Qui toties socios, toties exterruit hostes,  
Creditor annosum pertinuisse senem.  
Quas Hector sensurus erat, poscente magistro,  
Verberibus jussas præbuit ille manus.*<sup>2</sup>

Não sei se Achilles, depois de ter empunhado a lança, ainda sujeitaria a dostra á férula do Centauro. Mas os do meu breve tomo bem podem continuar, até volhos, a escola, emquanto o mestre com elles pratique razão, justiça e equidade.

Nesses limites não se manteve, porém, o meu venerando preceptor. Não usou, abusou da sua autoridade. E' o que demonstrarei. A resposta será, quanto em mim caiba, tal sobre tal e tal por tal, não deixando por considerar nem um só dos seus reparos, a tres ou quatro dos quaes apenas me foi possível acquiescer.

14. — Em um ponto, sobretudo, que me parece capital, timbrarei de rigor: a indicação das fontes onde beber. «Não sou muito amigo de autoridades», dizia VIEIRA, «porque raramente se podem ajustar com quem disser o que não está dito.»<sup>3</sup> Mas nas questões de linguagem tudo é o uso, e o uso se documenta com a escripta dos autores, que o estabeleceram, ou registaram. Ora a credibilidade, para os documentos, não se pode obter, senão mediante os caracteres externos de authenticidade, que apresentarem. O costume, que o professor CARNEIRO seguiu, de citar unicamente o nome do classico, sem a obra e o logar onde se ache a passagem transcripta, não satisfaz, nem se explica. Admitte-se nos manuaes escolares, por

<sup>1</sup> VIEIRA: *Serm.*, v. III, p. 324.

<sup>2</sup> OVIDIO: *Ars Am.* I, 13-16.

<sup>3</sup> *Serm.*, v. III, p. 263.

não os carregar de notas e lhes avultar o porte. Mas em trabalhos de critica, maiormente nas polemicas, é injustificavel. Ou o escriptor cita de primeira mão, o nada lhe custará declarar de onde o faz; ou de segunda e terceira, e então, se o livro, de onde tirou, for igualmente omisso, os seus documentos não estão verificados, nem são verificaveis; o que os priva inteiramente de valor.

Tivemos disso, com o dr. CARNEIRO, memoravel exemplo na discussão, que ao deante se lerá, sobre o uso do *o* anteposto ao *que* interrogativo. Os melhores classicos nunca admittiram semelhante attentado á syntaxe e ao bom senso. BERNARDES, confessa o professor CARNEIRO que nem uma vez o praticou. Em CAMÕES, quem lhe ler, como eu lhe reli, as obras todas, não apurará um só exemplo de semelhante anomalia. Tão pouco o encontrei jamais em BARROS, ou em DUARTE NUNES, em A. FERREIRA, ou JACINTO FREIRE. Seria VIEIRA dos que nella cincassem? Para o metter entre esses, attribui-lhe o illustre philologo bahiano a phrase: « O que dirão a isso os todo-poderosos do mundo? »<sup>1</sup> Ora só os sermões desse classico, na edição de 1855, a mais moderna das duas que constituem autoridade, occupam dezeseis tomos, afóra os quatro das cartas, os tres das *Obras Ineditas* e as *Obras Varias*. Como desencantar, nesses vinte e tantos largos volumes, a linha citada pelo dr. CARNEIRO? Era impossivel; porque só a leitura da collecção exigiria mezes. De modo e maneira que estava eu condemnado ou a refugar pura e simplesmente a citação, não conseguindo aliás annullar-lhe de todo o prestigio, ou a convir em que se alistasse o grande classico entre os padrinhos do erro. Felizmente o acaso, por uma das suas, nos descobriu a verdade, e então se liquidou que o exemplo de VIEIRA é, ao contrario, uma condemnação daquelle erro, um documento do meu acerto; porquanto a citação do dr. CARNEIRO é falsa, e o trecho de VIEIRA, qual lhe saiu da penna, é este: « Que dirão agora a isto os todo-poderosos do mundo? »<sup>2</sup>

Assim que a versão do meu respeitavel mestre, grosseiramente espuria, sobre inverter a syntaxe do escriptor, calunhando-o, lhe desfigurara ainda, a outros respeito, o texto, accrescentando um vocabulo e supprimindo outro a uma sentença de cinco.

Não havorá, dentre as autoridades invocadas pelo dr. CARNEIRO, outras, que se resintam da mesma eiva, que se achem igualmente adulteradas, que testemunhem falso dos autores, em cujo nome se apresentam? Era meu direito suppol-o, depois daquelle flagrante, e articular contra ellas todas suspeição geral.

Não o farei, porém, limitando-me a contrapor ao seu uso o meu do não appellar para autoridade alguma, sem lhe juntar aos excerptos reproduzidos a menção precisa da obra, capitulo, pagina, canto e estrophe, de onle os houver extrahido.

<sup>1</sup> DR. CARNEIRO: *Ligir. Observações*, p. 6, col. 2.<sup>a</sup>

<sup>2</sup> Ver a provação adeante, p. II, § 26, n. 146.

## II

## O Parlamentar

« Mas tal escrever foi bulha composta para enganar os que não sabem. »

(FERNÃO LOPES: *D. João I*, parte II, c. 35.)

**15.** — A realidade ama as antiphrases. *Parlamentar*, — na significação natural das palavras, equivaleria a moderado, reflexivo, cortoz. Aqui, mui ao contrario, por um desses phenomenos cada vez mais vulgares na decadencia dos parlamentos, aquelle adjectivo rotula, englobados num escandalo escripto, a serie inteira das qualidades hostis á calma, ao criterio, á polidez, á seriedade das grandes assembléas.

**16.** — Quando na minha exposição preliminar tive do me pronunciar acerca da commissão especial da camara dos deputados, seu trabalho, seu papel, seus serviços na obra agora submettida ao nosso exame, fil-o com todo o respeito, equidade e delicadeza.

Lamentando a celeridade, indefensavel e desastrosa, a que o governo passado associara os destinos desta codificação, e indicando os motivos, que, até certo ponto, com essa urgencia me forçavam a transigir, bem como os que me tinham inspirado o meu estudo preliminar de critica á redacção do projecto: « Já se vê », dizia eu, « que nesta iniciativa não tenho em mira desfazer nos serviços da commissão legislativa que nos precedeu. Não participo da indignação, ou do desprezo, com que muitos os têm fulminado. Antes me parece que, como base á revisão, por que vae passar nesta casa do Congresso, nos merecem toda a estima e respeito. »<sup>1</sup> Delle e della dava eu alli mesmo a prova, defendendo a commissão e o projecto das rajadas radicaes e das rajadas reacconarias, que contra uma e outra se haviam desencadeado, borrasca de correntes oppostas, incontentaveis, irreconciliaveis, entre as quaes se devia manter, como fiel da balança equilibrada, a systematizção legislativa do nosso direito civil. « Buscou a commissão da outra camara », ponderava eu, justificando-a e absolvendo-a, absolutamente sem reservas, das imperfeições do seu trabalho, « buscou a commissão da outra camara solver o conflicto, até onde lhe era possivel nos estreitos limites de tempo que se traçara. Mas nelles não podia caber tudo. A celeridade, com que alli se ultimou uma faina sem exemplo em nossos Annacs parlamentares, votando, quasi sem debãte, centenas de emendas, não dava grande espaço á maturação das idéas. Onde, portanto o vagar para o trabalho de lima, para a severa mollagem das fórmulas numa lingua adequada, elegante e segura? »<sup>2</sup>

<sup>1</sup> *Diar. do Congress. Nacion. Supp.* ao n. 128, de 27 jul. 1902, p. 1.

<sup>2</sup> *Ibid.*

Se o projecto saíra incorrecto é maculado no feitiço da expressão, é que, trabalhado á carreira, «a violencia da rapidez na producção intellectual obrigara o Legislador a descurar o lavor literario». <sup>1</sup> Nelle não se poderia contestar que avultassem graves quebras da syntaxe e do bom fallar. Mas dessa responsabilidade escusava eu *explicitamente* a commissão redactora: «Ninguem suppõe que os redactores do codigó sejam alheios á grammatica, ou a ella avessos. *Desattnções não são ignorancias.*» <sup>2</sup> Essas *desattnções* explicavam os erros. Tudo eram peccados unicamente da «negligencia, a que a preocupação dos grandes problemas resolvidos naquelle trabalho abandonara a sua fórma». <sup>3</sup>

17.—Com a camara dos deputados não fui alli menos urbano e indulgente que com a sua commissão especial.

Eis, de feito, como em rolação a ella me exprimi:

«A mesma camara nos acaba de ensinar, pelo exemplo, o zelo nas miudezas do apuro literario e da *cuphonia*. Notoria é a economia de tempo, com que procedeu aquella assembléa na discussão do projecto. Delegou (não lh'o censuro) á sua commissão especial poderes arbitraes sobre as emendas formuladas. Destás abraçou a commissão apenas cincoenta e oito, recusando cento e quarenta e tres. A camara subscreveu-lhe, sem uma só discrepancia, a summaria sentença. Pois bem: das emendas que tiveram prestigio bastante, para sobrenadar ao diluvio daquella soberidade, impondo-se á commissão e á camara, uma é a que supprimiu ao art. 763 (hoje 762) a contracção *nelle*, outra a que do art. 372 (agora 371) riscou o adjectivo *uma*, que antes da palavra *mulher* não toava bom aos nobres deputados. Ambos esses levissimos senões tinham escapado á revisão extra-parlamentar, destinada a pôr termo á questão literaria, fechando-lhe a porta com o sello de uma grande autoridade. A minha propria revisão, mais paciente, não dera pelo primeiro. Mas, graças á iniciativa de um membro daquella casa, a commissão dos vinte e um e a camara fizeram decotar ao projecto, mediante duas emendas, as quatro syllabas malsoantes. Mercê deste precedente, descerrou-se a porta aferrollhada, mostrou-se que as questões de elegancia e ouvido literario não são indignas do parlamento, nem subalternas no feitiço de um codigó civil, e deu-se a ver quanto neste sentido não teria feito aquella

<sup>1</sup> *Ib.*, p. 2.

<sup>2</sup> *Ibid.*

<sup>3</sup> *Ib.*, p. 1.

*assemblêa, se lhe deixassem lazer a competencia e ao gosto. No trabalho, a que a este respeito me dei, pois, outra coisa não se faz que trilhar o caminho pela camara solemnemente aberto e implicitamente recommendado. »*<sup>1</sup>

18.—Livres assim, pelo modo mais completo, mais absoluto, commissão e camara, de toda a responsabilidade pelas nodas e erros do projecto, podiam recair sobre a camara, ou sobre a commissão, as liberdades da minha linguagem no aprecial-os? tinha a camara, ou a commissão, o direito de m'as haver a mal, de rebel-as como offensas?

Não: nenhum espirito limpo de fel, nenhum coração extremo de malicia, nenhuma consciencia isenta de paixão o dirá. O protexto, entretanto, da inqualificavel *Resposta* foi «o tom aspero e aggressivo, de que se revestira»<sup>2</sup> a minha critica respeito á camara e á commissão especial; foi que eu apontara «os erros do projecto da camara» como «de responsabilidade directa e intransferivel da ignorante e descuidosa commissão especial».<sup>3</sup> Dá-se maior aprumo em faltar á verdade?

Eu, ao revez, reconhecera á commissão o merito de haver chegado «até onde lhe era possível, nos estreitos limites do tempo», declarara «não ter em mente desfazer nos seus serviços», qualificara-lhe o trabalho como digno de «toda a estima e respeito», attribuiu todos os defeitos criticados só e unicamente á «celoridade, com que alli se ultimou uma faina sem exemplo em nossos *Annaes parlamentares*», dissera que, se o legislador «havia descurado o lavor literario», fóra porque a isso «o obrigara a violencia da rapidez na produção intellectual», preclamara, em summa, a irresponsabilidade mais ampla da commissão e da camara nos senões dessa tentativa, para delles culpar exclusivamente a senha de açodamento, o programma de afogo, o compromisso de precipitação, adoptados pelo governo: e por elle impostos aos seus amigos.

Era mister, porém, que a calumnia achanasse o terreno ás affrontas premeditadas. Como autorizar represalias, não esboçando uma figura de aggressão anterior? Dahí os aleives que preludiam, nesse monumento da época, a exhibição dos sentimentos pessoais, que elle concretiza. «Não se violaram na cerebrina peça», diz o *autor da Resposta*, alludindo ao meu parecer,

<sup>1</sup> *Ib.*, p. 3-4.

<sup>2</sup> *Resposta ao parecer do senador Ruy Barbosa. Diar. do Congr. Suppl.* ad n. 211, de 7 nov. 1902. P. 1, col., 2.<sup>a</sup>.

Esse documento parlamentar será de ora em diante aqui designado simplesmente pelo nome de *Resposta*.

<sup>3</sup> *Ib.*, p. 9, col. 1.<sup>a</sup>

«não se violaram na cerebrina peça sómente os moldes regimentaes da collaboração dos dous ramos do Congresso na factura das leis, mas tambem as *normas communs de mutuo respeito e deferencia, as tradições e os habitos mais elementares de cortezia e delicadeza* entre ambos invariavelmente seguidos, e que são condições indispensaveis ao prestigio e á autoridade do Poder Legislativo.»<sup>1</sup> Ora com que consciencia se levanta, em face dos textos que ficam transcriptos, um testemunho destes ?

15). — Na mesma contravenção manifesta da verdade incorre o dr. CLOVIS. «Não por mim, que nada sou», diz elle com louvavel modestia, «mas por alguns homens distinctissimos que tomaram parte na elaboração do projecto do codigo civil brasileiro, lastimo sinceramente deparar no parecer senatorial certos adjectivos deprimentes, vocabulos depreciativos e um tom geral de mordacidade e menospreso que avultam ainda mais por virom do senado, e se referirem á camara.»<sup>2</sup>

O eminente juriconsulto, que, *por não ser nada*, se incumbira de amanhar em seis mezes o que TEIXEIRA DE FREITAS não pudera acabar em sete annos, rufa a chamada aos «homens distinctissimos», que não tinham attentado nos meus despezos e nas minhas mordeduras. O deprimente dos meus adjectivos, o mordaz e menospresivo do meu tom geral, tudo isso é á camara que se refere. Dil-o o dr. CLOVIS.

Em vão declarara eu que, no prazo deixado á camara, seria humanamente impossivel obter mais, que ella fôra «até onde era possivel nos estreitos limites do tempo». Ainda assim, é á camara que eu deprimia, menospresava, e causticava. De maneira que, se eu disser a um artista : «Tua obra está cheia de imperfeições ; mas, nos poucos dias em que havias de concluil-a, ninguem faria mais», estou a mordical-o, a rebaixal-o, a menospresal-o. E é dest'arte que me ensina o dr. BEVILACQUA a não ser mordaz.

Notoriamente dado a letras e ao uso quasi quotidiano da penna, desde que soube meneal-a, nunca escrevi critica desfavoravel a trabalho literario nenhum. E sou um mordaz. Parlamentar experimentado em vinte e tantos annos de parlamento entre as mais vehementes lutas da palavra, não encontrei jámais quem me recusasse os foros de urbanidade. E um bello dia, já velho nesse habito e nessa reputação, eis que falto grosseiramente, membro de uma camara, aos mais comesinhos deveres de cortezia para com a outra. Porque ? Por ter qualificado com liberdade e energia, num trabalho della, manchas, de que positivamente sustentei *que não era culpada*, o cuja origem attribui á indigencia de tempo. Accusar, só assim.

<sup>1</sup> *Ib.*, p. 1, col. 2.<sup>o</sup>

<sup>2</sup> *Revista de Legislaç.* Fasc. de 30 set. 1902, p. 32.

Se, porém, a camara se não embeber de veras na convicção de que eu a insultei, não será que o illustre lente não fizesse por isso com o afflato dos grandes estudos. Benedictino feito na escola da paciencia allemã, honrou-lhe elle, desta vez, os melhores modelos, pondo-se ao rabuseo das minhas *impurezas de expressão*. Esquadrinhando então pelas columnas do meu infolio, que montam a perto de quatrocentas, apurou e compoz um ramilhete de oito, não mais, de oito expressões, a seu juizo escandalosas <sup>1</sup>, com que, por minha conta e em meu nome, regala aquella assembléa, embora ou, nas minhas censuras, a tivesse posto *hors cause*.

De algumas para que se ella molestasse, ainda quando eu realmente lh'as houvesse dirigido, era mister que a sensibilidade lhe orçasse por hyperesthesia. No ápice do mólho, encimando o tope, sobresaem as palavras «disposição *malamanhada*». Bem se vê que o restolhador vive fóra do idioma, em que se exprime. Aliás aquelles vocabulos não lhe fariam estranheza. A locução é de origem agrícola, e nada tem de impolida. *Amanho* é o preparo dos campos. Chama-se *amanhar* ao cultivar, lavourar, adubar, semear e tratar das terras, das hortas, das vinhas, das searas, dos pomares, dos jardins. Translatamente *amanhar* significa *arranjar, concertar, compor, ataviar*. *Malamanhado* chamamos ao individuo ou objecto «*mal arranjado, mal vestido, desajeitado*». <sup>2</sup> Não me dirão onde a descortezia em averbar de *sem jeito e mal arranjada* ou *mal entrajada* a redacção de um texto?

Outra grosseria perpetrara eu, qualificando um dos artigos do projecto como «*embrulhadamente* redigido». Mas que vem a ser *embrulhado*, em português? Respondam os dicionaristas: «*mettido em envolvero, intrincado, confuso, ennevoado*». (C. DE FIGUEIREDO.) Diz-se *embrulhado* o tempo, o negocio, o pleito, o estylo. Haverá quem de verdade vislumbre nalgum destes sentidos laivo de *offensa*? Faltar-so-á, seriamente, á delicadeza com o escriptor, cujo escripto se averba de *obsuro*?

Dopoiz é o meu «*balburdiar*» que vem engrossar o feixe. Mas *balburdiar* está no mesmo caso do *embrulhar*. *Bilburdia* outra coisa não é que *desordem, confusão*, e *balburdiar*, no crelo que unico dicionario onde se menciona, o de FIGUEIREDO, está definido simplesmente como «*tornar confuso*». <sup>3</sup> Ora quem, neste mundo, se sentiria melindrado, por lhe tacharem de *confusa* uma expressão? Contra as boas maneiras parlamentares pequei tambem, com empregar a palavra *extravagancia*, no mesmo logar. Mas esse nome, na maioria das suas accepções, nada tem de aggressivo. *Extravagancia*, segundo a definição de MORAES, vem a ser «*irregularidade*

<sup>1</sup> *Ib.*, p. 31 e p. 32, not. 10.

<sup>2</sup> C. DE FIGUEIREDO: *Diccion.*, voc. *Malamanhad*.

<sup>3</sup> *Ibid.*, *Supplemento*, p. 753.

contra o costume, ou razão, no fallar, no obrar, no vestir, a singularidade, ou excentricidade». E, quando um vocabulo tem accepções inoffensivas, não será de boa fé tomal-o, sem motivo especial, no mau sentido.

E' o de que se não embarça o autor do enredo, cuja semceremonia, a tal respeito, alli mesmo descompostamente se assoulla. Opinara eu que fallar em «*restituição da propria coisa*», quando evidentemente ninguem pode ser restituído no alheio, era «o cumulo da simplicidade no pleonasma». Estas palavras, commenta-as o dr. CLOVIS, declarando redondamente que «*simplicidade aqui vale por tolice*». Porque? Será esta, por ventura, a significação exclusiva do vocabulo *simplicidade*? Não: é, pelo contrario, a mais *translatô*, a *menos commum*, a *derradeira*. Os dictionarios attribuem-lhe uma longa serie de significados: «*naturalidade, singeloza, ingenuidade, candura, sinceridade, franqueza, extrema ingenuidade*», e só no cabo da enumeração lhe inscrevem o de «*parvoice*». <sup>1</sup> O dr. BEVILACQUA inverte: do menos natural faz o mais certo, do menos usual o mais presumivel, do ultimo o primeiro. Tanta sensibilidade á corteziã, e tão pouca á verdade.

Afirmara eu que certo dizer do projecto «*não tem grammatica, nem senso*». *Senso* aqui, evidentemente, quer dizer *sentido*. E' um dos significados, que os dictionarios consignam a essa palavra; tratando-se da intelligencia de textos, é o mais natural; e, sendo o não odioso, é o que, em boa fé, antes de prova em contrario, se devera suppor. Quando uma phrase não exprime coisa nenhuma que meio tenho em dô o significar, se não for averbando-a de *sem sentido*, ou *sem senso*? A lingua não me offerece outros vocabulos, para enunciar um pensamento, que de injuria ou desprimor nada encerra. E, para exprimir, na critica de um escripto, que elle não tem concordancia, não tem regencia, não tem, numa palavra, *syntaxe*, como é que me hei-de haver, senão dizendo que «*não tem grammatica?*» Pois haverá offensa possivel na simples enunciação de um facto literario pelos unicos termos que a lingua nos ministra para o exprimirmos? O texto por mim tachado como *sem grammatica, nem sentido* era, de feito, inintelligivel e irregivel. Eil-o aqui: «*A divida considera-se vencida pelo parecimento do objecto da garantia que estiver seguro, ou pelo qual responder terceiro pela indemnização.*» <sup>2</sup> Note-se este «*ou pelo qual responder terceiro pela indemnização.*» Haverá como decifral-o? Haverá como regol-o? Se o não ha, por que modo havia eu de lhe significar a *irregibilidade* e a *indecifrabibilidade*, se não fosse desconhecendo-lhe *grammatica* e *senso*?

Despojada; assim, a ramalhoça de tolas essas flores, mal nos resta uma, da colheita que pompeava nas mãos do professor CLOVIS.

<sup>1</sup> C. DE FIGUEIREDO. in vº. *simplicidade*.

<sup>2</sup> Projecto, art. 767, n. IV. Meu parecer, p. 107.

Acontecera-me usar da phrase « expressão original e ridicula », a respeito de uma das do projecto. Que expressão era essa? A do art. 1.225, quando sujeita o « commodatario constituido em mora » a « responder como *obrigado moroso* ». *Obrigado moroso!* Houve tal locução jamais em lingua ou imitação de lingua portugueza? Conceber-se-á, em nosso idioma, associação de palavras mais informe, desastrada e exdruxula? São *dois adjectivos*, a um dos quaes se força a expressão propria e se phantasia o papel do substantivo, para os juntar num composto, que o uso desconhece, que a orelha repelle, que a phraseologia juridica nunca ouviu, e que fica no texto a provocar a extranhosa, o riso, a mofa. *Obrigado moroso!* Extraiam do periodo, que o moldura; este não sei como lho chame, e experimentem se apparece ahi quem lho deslinde a garabulha. Reponham-lh'o, e verão se clareia ou melhora da excentricidade, com a luz ou o dissimulo do phraseo circumstante. Tachando-o de « original e ridiculo », disse eu o menos, que de tal deformidade logica e vernacula poderia dizer. Acaso, porém, teria dest'arte ferido a camara, ou a commissão parlamentar? Não; que de ambas escrevera eu mesmo a defesa, lançando-lhes á conta do açodamento forçado quantos erros se não, conciliassem com a idoneidade a uma e outra por mim altamente confessada.

A quem eu ferira, mas involuntariamente, vejo agora, ao procurar as origens da exotica invenção. Tem-lhe as honras da paternidade o projecto CLOVIS, cujo art. 1.407 resava: « O commodatario, constituido em mora, além de responder como *obrigado moroso*, deve o aluguel da cousa, deslo que se retarda em restituil-a. »<sup>1</sup> A commissão extra-parlamentar dos cinco<sup>2</sup> varreu desse quebracabeças o texto do projecto, dizendo, no correspondente artigo do seu: « O *comodatario constituido em mora* responde por perdas e danos. »<sup>3</sup> Infelizmente houve quem alvitrasse, na commissão parlamentar, restabelecer-se o texto do projecto primitivo.<sup>4</sup> Os vinte e um, não tendo quem lhos espartasse a attenção para este pormenor, nelle não tiveram sentido, votando inadvertidamente que se restaurasse a singularidade<sup>5</sup> eliminada com excellento criterio pela primeira commissão revisora.

20.—Em trabalho de largo folego; alinhavado a correr, não ha nodoa, lacuna, desproposito, de que se vigiem com segurança os mais capizes, ainda que especialistas sejam, e se trate da sua especialidade. A experiencia universal todos os dias nos confirma

<sup>1</sup> *Trabalh. da Commis. Espec. da Cam.*, v. I, p. 129.

<sup>2</sup> Composta dos srs. AQUINO E CASTRO, AMPHILOPHIO, BARRADAS, LACERDA DE ALMEIDA e BOLLIGES CARVALHO.

<sup>3</sup> Art. 1.468. *Trabalh. da Commis. Espec.*, v. I, p. 252.

<sup>4</sup> *Ib.*, vol. III, p. 146, e v. VI, p. 451.

<sup>5</sup> Art. 1.277. (*Trab. da Commis. Espec.*, v. VIII, p. 162.) Art. 1.251. (*Ib.*, v. VIII, p. 197.)

contra o costume, ou razão, no fallar, no obrar, no vestir, a singularidade, ou excentricidade». E, quando um vocabulo tem accepções inoffensivas, não será de boa fé tomal-o, sem motivo especial, no mau sentido.

E' o de que se não embarça o autor do enredo, cuja semcoremonia, a tal respeito, alli mesmo descompostamente se assoalha. Opinara eu que fallar em «restituição da propria coisa», quando evidentemente ninguem pode ser restituído no alheio, era «o cumulo da simplicidade no pleonasma». Estas palavras, commenta-as o dr. CLOVIS, declarando redondamente que «simplicidade aqui vale por tolice». Porque? Será esta, por ventura, a significação exclusiva do vocabulo simplicidade? Não: é, pelo contrario, a mais translata, a menos commum, a derradeira. Os dictionarios attribuem-lhe uma longa serie de significados: «naturalidade, singeleza, ingenuidade, candura, sinceridade, franqueza, extrema ingenuidade», e só no cabo da enumeração lhe inscrevem o de «parvoíce». <sup>1</sup> O dr. BEVILACQUA inverte: do menos natural faz o mais certo, do menos usual o mais presumivel, do ultimo o primeiro. Tanta sensibilidade á cortezia, e tão pouca á verdade.

Afirmara eu que certo dizer do projecto «não tem grammatica, nem senso». Senso aqui, evidentemente, quer dizer sentido. E' um dos significados, que os dictionarios consignam a essa palavra; tratando-se da intelligencia de textos, é o mais natural; e, sendo o não odioso, é o que, em boa fé, antes de prova em contrario, se devera suppor. Quando uma phrase não exprime coisa nenhuma que meio tanto eu de o significar, se não for averbando-a de sem sentido, ou sem senso? A lingua não me offerece outros vocabulos, para enunciar um pensamento, que de injuria ou desprimor nada encerra. E, para exprimir, na critica de um escripto, que elle não tem concordancia, não tem regencia, não tem, numa palavra, syntaxe, como é que me hei-de haver, senão dizendo que «não tem grammatica?» Pois haverá offensa possivel na simples enunciação de um facto literario pelos unicos termos que a lingua nos ministra para o exprimirmos? O texto por mim tachado como sem grammatica, nem sentido era, de feito, inintelligivel e irregivel. Eil-o aqui: «A divida considera-se vencida pelo parecimento do objecto da garantia que estiver seguro, ou pelo qual responder terceiro pela indemnização.» <sup>2</sup> Note-se isto «ou pelo qual responder terceiro pela indemnização.» Haverá como decifral-o? Haverá como regel-o? Se o não ha, por que modo havia eu de lhe significar a irregibilidade e a indecifrabibilidade, se não fosse desconhecendo-lhe grammatica e senso?

Despojada, assim, a ramalhoça de tolas essas flores, mal nos restava, da colheita que pompeava nas mãos do professor CLOVIS.

<sup>1</sup> C. DE FIGUEIREDO. in vº. simplicidade.

<sup>2</sup> Projecto, art. 767, n. IV. Meu parecer, p. 107.

Acontecera-me usar da phrase « expressão original e ridicula », a respeito de uma das do projecto. Que expressão era essa? A do art. 1.225, quando sujeita o « commodatario constituido em mora » a « responder como *obrigado moroso* ». *Obrigado moroso!* Houve tal locução jamais em lingua ou imitação de lingua portugueza? Conceber-se-á, em nosso idioma, associação de palavras mais informe, desastrada e exdruxula? São *dois adjectivos*, a um dos quaes se força a expressão propria e se phantasia o papel de substantivo, para os juntar num composto, que o uso desconhece, que a orelha repelle, que a phraseologia juridica nunca ouviu, e que fica no texto a provocar a estranhese, o riso, a mofa. *Obrigado moroso!* Extraíam do periodo, que o moldura; este não soi como lhe chame, e experimentem se apparece ahi quem lhe deslinde a garbulha. Reponham-lh'o, e verão se clareia ou melhora da excentricidade, com a luz ou o disimulo do phraseado circumstante. Tachando-o de « original e ridiculo », disse eu o menos, que de tal deformidade logica e vernacula poderia dizer. Acaso, porém, teria dest'arte ferido a camara, ou a commissão parlamentar? Não; que de ambas escrevera eu mesmo a defesa, lançando-lhes á conta do açodamento forçado quantos erros se não conciliassem com a idoneidade a uma e outra por mim altamente confessada.

A quem eu ferira, mas involuntariamente, vejo agora, ao procurar as origens da exotica invenção. Tem-lhe as honras da paternidade o projecto CLOVIS, cujo art. 1.407 resava: « O commodatario, constituido em mora, além de responder como *obrigado moroso*, deve o aluguel da coisa, desle que se retarda em restituil-a. »<sup>1</sup> A commissão extra-parlamentar dos cinco<sup>2</sup> varreu desse quebra-cabeças o texto do projecto, dizendo, no correspondente artigo do seu: « O *commodatario constituido em mora* responde por perdas e damnos. »<sup>3</sup> Infelizmente houve quem alvitrasse, na commissão parlamentar, restabelecer-se o texto do projecto primitivo.<sup>4</sup> Os vinte e um, não tendo quem lhos espartasse a attenção para este pormenor, nelle não tiveram sentido, votando inadvertidamente que se restaurasse a singularidade<sup>5</sup> eliminada com excellento criterio pela primeira commissão revisora.

20.—Em trabalho de largo folego, alinhavado a correr, não ha nodoa, lacuna, desproposito, de que se vigiem com segurança os mais capiz's, ainda que especialistas sejam, e se trate da sua especialidade. A experiencia universal todos os dias nos confirma

<sup>1</sup> *Trabalh. da Commis. Espec. da Cam.*, v. I, p. 129.

<sup>2</sup> Composta dos srs. AQUINO E CASTRO, AMPHILOPHIO, BARRADAS, LACERDA DE ALMEIDA e BÉLHÕES CARVALHO.

<sup>3</sup> Art. 1.468. *Trabalh. da Commis. Espec.*, v. I, p. 252.

<sup>4</sup> *Ib.*, vol. III, p. 146, e v. VI, p. 451.

<sup>5</sup> Art. 1.277. (*Trab. da Commis. Espec.*, v. VIII, p. 162.) Art. 1.251. (*Ib.*, v. VIII, p. 197.)

a velha paremia de que *a pressa é inimiga da perfeição*. Pudera eu accrescentar que é mãe do tumulto, da incongruência, da irreflexão e do erro. Obra atropellada é obra manca, desastrada, infiel ao pensamento do artista, vilipendiosa ao seu nome. Improvisar, em materia d'arte, equivale a achamboar, a achavascar, a atabalhoar. A lei da precipitação é a lei do atropello e do ataranto, a lei do descuido e do desaso, a lei da fancaria e da aventura, a lei da inconsciencia e da mediocridade. Sob a pressão da urgencia ninguem produziu nunca, nem produzirá jámais coisa, que resista á prova do saber, do gosto, do tempo.

A camara e a comissão parlamentar laboraram na tarefa do projecto sob o agulhão dessa tyrannia. Fossem quaes fossem os thesoiros de sciencia, talento, e zelo, que reunissem, não podiam esquivar a condição humana, que subordina a excellencia á ponderação, e associa a presteza á inferioridade. Uma vez encetadas as suas deliberações, a comissão da camara quasi que não resfolgou, até não terminar. Do 1º aos 31 de outubro do anno passado celebrou quinze sessões. De 5 de novembro a 10 de dezembro, isto é, em trinta e seis dias, teve não menos de vinte e cinco assentadas. Dos 11 de dezembro daquelle aos 4 de janeiro deste anno (*vinte e cinco dias*) contou *vinte e duas sessões*. Funcionou, pois, quasi quotidianamente no mais acceso do verão, sob o calor canicular desta quadra, a discutir de rota batida todo o direito civil, cujos problemas entendem com os de todos os outros ramos do direito, com toda a administração publica, a economia politica e a organização social. Uma tal afreca, uma proeza tal não tem simile na chronica das façanhas intellectuaes. Nos demais paizes, debaixo de cous muito mais favoraveis, pela amenidade do clima, á assiduidade nos grandes trabalhos mentaes, comissões desta natureza, allí constituidas por celebridades universaes, sempre trabalharam a tento e de vagar, em reuniões mais ou menos largamente intervalladas.

Perlustrar dia a dia, de enfiada, em sessões successivas, o mundo immenso das relações civis, até circumgir-o<sup>1</sup> todo, excederia ás forças dos mais notaveis civilistas. Em disciplinas scientificas desta complexidade, ainda os mais afamados professores raro podem fazer prelecções quotidianas; porque o zelo da sua reputação, a honra do seu magisterio os obrigam a renovar diariamente os estudos. Considero-se agora na tarefa, com vozes mais ardua, mais vasta, mais melindrosa, mais responsavel, do codificador, e diga-se quem, seriamente, a poderia arrostar, deliberando mezes a fio sobre a organização de um codigo, desde os seus grandes fundamentos até ás suas subdivisões extremas, desde o complicadissimo trama das

<sup>1</sup> Por que havia de ser unicamente intransitivo o verbo *circumgirar*. Quando o verbo *girar* é intransitivo e transitivo?

suas intrincadas idéas até á epigraphia subtil das suas formulas transparentes e precisas.

21.— Estando nesta convicção, eu não tinha que dissimular com a minha consciencia o me valer de rodeios parlamentares, para desfechar em soslaio á commissão, ou á camara, ironias, remoques e apodos. E não o fiz. Antes, bem ao contrario, as declarei irresponsaveis pelos defeitos naturaes da precipitação no projecto do codigo civil; porque reputava inevitaveis, dada a soffreguidão que houve, esses defeitos e, em consequencia, inculpaveis delles a camara e a commissão.

Pondo-as, dest'arte, uma e outra fóra de taes responsabilidades, a acção de revisor, d'ahi ávante, me ficava inteiramente desvincilhada, para sentir e escrever livremente. O critico podia ser franco, rijo, aspero, até, se a occasião lh'o pedisse, desde que não havia individuos, ou collectividades, sobre quem lhe resvassem os golpes, e pelos senões advertidos respondia, não uma incompetencia de pessoas, mas um vicio de processo. Reduzidas a essa condição impessoal, obras taes, por mais eminente que seja a sua procedencia, não podem reclamar privilegios de consideração e immunidades convencionaes contra a verdade. Mais alta coisa do que um codigo em elaboração legislativa é um codigo já em uso; e, todavia, contra um dos de sua patria, não hesitou A. HERCULANO em se exprimir com a mais rispida crueza de linguagem, desde que se convenceu de não merecer outra. Propugnava elle, como revisor do codigo civil, a sua obra, quando lhe oppuzeram o codigo penal. «Codigo contra codigo», disse elle. «Conheço. E' um livro em lingua bunda, que resa da penalidade usada em Portugal.»<sup>1</sup>

22.— O que seria, na essencia e na fórma, a tristissima das sentenças contra a commissão parlamentar, se lh'a pudessemos attribuir, é a «Resposta», indevidamente formulada em seu nome. Requerera o seu autor vinte dias, para a concluir, e só a deu feita, ao cabo de tres mezes. Escripta, pois, mui de sobremão, essa meditada apologia dos senões, impuridades e cincas do projecto, fazendo reflectidamente do sambenito gala, é a imagem da competencia litteraria de quem a lavrou, e fóra a do valor da commissão parlamentar, se esta a houvera adoptado.

Respeito ao idioma, saiu escripta no que elle mesmo desvanecidamente chama «o dialecto brasileiro»<sup>2</sup>, surrão amplo, onde cabem á larga, desde que o inventaram para socego dos que não sabem a sua lingua, todas as escórias da preguiça, dá ignorancia e do mau gosto, rótulo americano daquillo que o grande escriptor lusitano tratara por um nome angolês. Lá encontrará o ouvido

<sup>1</sup> Casamento Civil. Quarta carta do Sr. A. Herculano ao Jornal do Commercio. Lisboa, 1866, p. 11.

<sup>2</sup> Resposta, p. 21, col. 3.<sup>a</sup> Suppl. ao Diar. do Congr. 7 nov., 1902.

vernaculo todos os stygmata dessa degeneração, em estado colliquativo, do idioma em que escreveram no Brasil, GONÇALVES DIAS<sup>1</sup>, FRANCISCO LISBOA e MACHADO DE ASSIS. O escriptor *detalha*<sup>2</sup> admiravelmente a *syntaxe* do ingranzéu, em que se honra de exprimir-se. Do modo como pratica a do nosso fallar bastariam para nos dar mostra as suas bellezas de arte, ao collocar dos pronomes, « na historia do trabalho a que a commissão *dedicou-se* ». <sup>3</sup> De tal feito e com desembaraço tal maneja o nosso vocabulario, como quem dispuzesse da sua fazenda, que elegantemente equivoeca os participios em *ado* com os adjectivos em *avel*<sup>4</sup>, em imprevistos effeitos de graça e exactidão para o discurso. Que maior autoridade para vingar e glorificar a redacção do projecto?

A vida parlamentar, a administração e o jornalismo têm sido, em tola a parte, (quanto mais entre nós!) os mais poderosos corruptores da lingua e do bom gosto. BALZAC, FLAUBERT e ZOLA fallaram com desprezo do estylo da tribuna politica. « O que mais floresce », diz o ultimo historiador litorario da França, « entro

*L'ennuyeuse séquelle*

*De nos représentants à la flasque loquelle,*

é um estylo empanado e convencional, um amalgame de formulas gastas, polvilhado, sob a côr de neologismos uteis, com algumas expressões, cujos vocabulos andam entre si ás testilhas. » <sup>5</sup> Um numero da folha official, que se leia, accrescenta esse escriptor, « basta a nos enjoar da eloquencia politica ». « Sempre », observa elle, « o mesmo assestar de formas postigas », sempre « o incoherente das expressões », sempre « os solecismos e barbarismos a monte ». E, do que dão exemplo, affirma ainda, « os maiores oradores ». <sup>6</sup> GAMBETTA, um dos mais famosos d'entre estes, passa, no juízo dos criticos, por se exprimir « em um vaeçoço absolutamente insupportavel ». <sup>7</sup> Apreciando os discursos de FLOQUET, escrevia EMILIO ZOLA : « Atravez dessa trucidação da nossa lingua, entendi, se

<sup>1</sup> Apontado como classico por C. CASTELLO BRANCO, *Noites de Insomnia*, n. 6, p. 81.

<sup>2</sup> *Resposta*, p. 8, col. 1<sup>a</sup>.

<sup>3</sup> *Ibid.*

<sup>4</sup> « Examine-se e coteje-se o projecto revisto com o enviado á outra camara, e ver-se-á a exactidão do nosso asserto. Em metade, talvez, das 1814 disposições do ultimo mantivemos integras e *inalteraveis* as disposições do primeiro. » *Resposta*, p. 7, col. 3<sup>a</sup>.

Não distingue, pois, entre *invicto* e *invencivel*, *intacto* e *intangivel*, *inacabado* e *inacabavel*, *injustificado* e *injustificavel*; *indomado* e *indomavel*, *adorado* e *adoravel*, *comprado* e *compravel*, *derrotado* e *derrotavel*, etc. Ornamentos do « dialecto brasileiro ».

<sup>5</sup> F. BRUNOT: *La Lang. Franç. au XIX siècle.*, p. 824.

<sup>6</sup> *Ib.*, p. 824-6.

<sup>7</sup> « GAMBETTA, le dernier en date des grands orateurs de ce temps, est tout à fait intolérable à cause du charabia. » CH. MORICE: *La littérature de tout à l'heure* (1889), p. 32.

puderdes. Aliás que nada obriga um deputado a falar francês, sei-o eu. Onde estariamos, se dos nossos homens políticos se exigisse tintura de boas letras? Os mais fortes, aquelles mesmos cuja possança é innegavel, professam o desprezo da rhetorica e, até, o da syntaxe.<sup>1</sup> Eis o a que reduz a eloquencia e a arte da palavra, ainda nos merecimentos mais bem dotados pela natureza, o exclusivismo absorvente dos negocios, o quolidiano exercicio da improvisação, o meio vulgar das grandes assembléas, o deshbito das letras.

Figure-se agora transferido para o seio dessas influencias, numa ordem inferior, o arbitrio do gosto, a lição do estylo, o magisterio da syntaxe, a escola da lingua, o ter-se-ão, em compendio, na sua originalidade, o intuito e o valor daquelle papel, a que as circumstancias asseguram, antes do prompto esquecimento que o aguarda, alguns momentos da menos invejavel celebridade.

23.— Esse documento, porém, felizmente, não tem a representação parlamentar que inculca. O que elle traduz, é tão somente o animo e os dotes da penna que o escreveu. Da commissão, cuja autoridade assume, não se pode ter como instrumento. Isso por varias considerações, cada qual mais conclusiva. Primeiro, porque já era extincta de facto o direito a commissão parlamentar, estando a sua missão desempenhada, e, pois, já não podia ter voz, exercer actos, delegar poderes, constituir representantes. Segundo, porque acerca desse papel não deliberou, não lhe ouviu, ao menos, a leitura, nem sequer para uma ou outra coisa foi convocada, e, portanto, não o perflhou, não o autorizou, nem, ainda, o conheceu. Terceiro, porque, attenta a natureza de tal escripto, o seu personalismo, o tom da sua aggressão continua, a sua desenvoltura, a sua aberração do respeito a si mesmo, sem receio de erro se poderia assegurar que a commissão da camara o não adoptaria, se o escutasse. Desses mesmos dois membros, que, além do autor, o firmaram, estou habilitado a declarar que nem todos o leram, e nem todos o subscreveriam, se o houveram lido.

Já o caracterizei, occupando-me delle por algumas horas, com applauso geral dos ouvintes, no meu discurso ao senado. Não passa de um longo tresvario palavreante, sophisticante, injuriante. Onde faz de scientifico e letrado, é com o superficial, o ouco e o indigesto da sciencia do occasião, infetida com os estudos da vespera e tresandante á candeia da noite passada. Onde aspira á ironia, cae do roldão no insulto. Onde pretende gracejar, mergulha até ao 2 topeto na

<sup>1</sup> *Une Campagne*, p. 70.

<sup>2</sup> *Até ao*. Não é só « o autorizado uso de escriptores modernos como LATINO CORREIA » (C. DE FIGUEIREDO, *Lições*, p. 69) que abona esta forma vernacula. Os modernos, com effeito, creio não haverá um, por quem não seja frequentemente usada. Veja-se, por exemplo, CASTILHO, nos logares seguintes:

*Excavações Poeticas*, p. 21, 161.

*Pausto*: 101, 107, 125, 220, 257, 335.

chocarrerria insulsa e grossa. Tem pedaços como este: «Escute-se o art. 46, III do substitutivo: «E' bem immovel tudo quanto, no immovel, o proprietario mantiver intencionalmente empregado em sua exploração, industria, aformoseamento e commodidade.» Pela regra, sua se refere a proprietario, que é o substantivo mais proximo. E assim tudo quanto o proprietario emprega em seu aformoseamento, é immovel. *O crême Simon, por exemplo, é immovel.*»<sup>1</sup> Em summa, na phrase do VIEIRA «graças, chistes, motos,

*Amor e Melancol.*: 199, 208, 212, 230, 240, 244, 250, 254, 271 (tres vezes), 287, 288, 291, 292, 293 (duas vezes), 294, 308 (duas vezes), 313, 353, 377, 378 (duas vezes), 404, 407.

*Tosquia de um Camelo*, p. 4, 18, 19, 46.

*Colloquios*: IX, XV, 44, 142, 145, 165, 285, 307, 367, 80.

*Georgicas*: 23, 263, 281.

*Fastos*: v. II, 65, v. III, 117.

*Amores*: v. I, 46, v. II, 35, 89, v. III, 41.

Veja-se LATINO COELHO:

*Humboldt*: 268, 361, 364, 365, 366 (duas vezes), 371.

Como esses. CAMILLO: *A Morgada de Romariz*, p. 45. (Ed. de 1876. *Novellas do Minho*, IV.)

ROQUETE, n. ao *Leal Conselheiro*, p. 105.

Mas dos antigos tambem era empregada, e não raro:

«Entra cá, e remarás

*Até ás portas do inferno*». (GIL VIC., I, p. 241.)

FERNÃO LOPES. «Dês aquelle mosteiro *até aos seus paços.*» (*D. Pedro I*, c. 14.) «Dês fevereiro meiado seguinte *até ao* primeiro dia de março que vinha.» (*Ibid.*) «A tivera sempre por sua mulher *até ao* tempo de sua morte.» (*Ib.*, c. 27.) «Aquelles que levassem presos os castelhanos *até ao* extremo do reino, recebessem os portuguezes que trouxessem de Castella.» (*Ib.*, c. 20, *in fine.*) «Assim chegaram *até ao* dito mosteiro.» (*Ib.*, c. 41.) «Correram *até ás* portas do logar.» (*D. João I*, parte I, c. 105.) «Esta torre estava mui acalmada de muitos tocinhos e lenha *até ao* primeiro sobrado.» (*Ib.*, parte II, c. 18.)

D. FRANCISCO MANUEL, *Feira de Annexins*. «Da cabeça *até aos* pés.» (P. 4.) «Sena a face ha de entrar *até ao* cabo.» (P. 160.)

COUTO, *Dcc.* IV; l. I, c. 2 (v. I, p. 17): «Fizessem os soldados seguir os mouros *até á* cidade.»

VIEIRA. «Levantou a estatua de Isabel *até ás* estrellas.» (*Obras*, ed. de 1854, v. I, p. 100.) «Chegaram com a luz do Evangelho *até aos* fins da Asia.» (V. II, p. 256.) «Se os pés passam a ser cabeça, *até ao* mesmo Deus poem em cuidado.» (*Obr. Ined.*, v. II, p. 133.)

SOUSA, *D. Fr. Bartholomeu*: «E nelle estava em oração *até ás* quatro diante do Santissimo Sacramento.» (L. I, c. 5, p. 36.) «No qual se deixara ficar *até ás* quatro.» (L. II, c. 2, p. 195.) «Os de melhor voto affirmavam que *até á*quelle dia se não ouvira.» (*Ib.*, c. 10, p. 243.) «Fizeram vela pelo rio abaixo *até á* cidade de Verona.» (*Ib.*, c. 31, p. 392.) «Do logar de baixo d'onde se começa a subir *até ao* mosteiro.» (*Ib.*, c. 33, p. 405.)

CAVALLEIRO D' OLIVEIRA, *Cartas*, v. I, p. 454. «*Até ao* tempo do *di-gitis morientibus* saberei dizer que sou vosso.»

FILINTO ELYSIO, *Obras* (ed. de 1836-40): «Co' o bico *até ao* fundo.» (V. XII, p. 36) «E *até ao* fim do mundo seguir-me-ia.» (V. XIII, p. 161.)

Poderia citar outros exemplos sem conto. Donde se vê que a associação das duas preposições *até e a* não é de uso moderno. Os mais antigos classicos a empregavam quasi tão amiude como os mestres do nosso tempo.

<sup>1</sup> *Resposta*, p. 13, col. 2<sup>a</sup>.

facecias, bufonérias» <sup>1</sup>, mas bufonérias sem comico, facecias sem sabor, motes sem senso, chistes sem tino, graças sem goito.

No genero galhofa, de que fez ponto de honra, empenhando-se em divertir os leitores á minha custa, desceu até á invérção obscena, e raiou pela chalaça deslavada. A questão dos cacophatons largo ensejo lhe azou ao retoicar mais extravagante dessa phantasia. Desconhecendo a propria significação das palavras, transforma o autor a *cacophonia*, resultante, como se sabe, *dos sons*, em effeito *das letras*, e então obra maravilhas, particularmente na especialidade foscennina. Ah! desfecha em rasgos de genio. De «*interesse economico*», por exemplo, destaca as syllabas «esse econo», para obter a martello uma combinação torpe. <sup>2</sup> Nas palavras do substitutivo «o official publico no testamento», gripha a syllaba terminal do adjectivo e a particula subsequente, para, deturpando ousadamente a pronuncia da lingua, manipular o que chama cacophaton *indecoroso*. <sup>3</sup> Encontrando no art. 115 do substitutivo as expressões *repor á massa*, faz imprimir em italico o final de *repor*, e griphar a preposição immediata, para, carregando na pronuncia da consoante média, ageitar uma palavra monstruosa. <sup>4</sup> Dos vocabulos *sem menção*, no art. 1.759, estampa em italico as duas primeiras syllabas, que, aos seus ouvidos, por uma allucinação de preocupado, compoem lascivamente «o *nec plus ultra* do cacophaton». <sup>5</sup> Por ultimo, até, para casar o obsceno ao infecto, chega a aventar *fêzes* na limpissima phrase do art. 1.342, § unico: «o gestor *fez* essas despozas». <sup>6</sup> Dissera-se a psychopathia sexual e a mais extranha coprolallia encantoadas na literatura parlamentar, e atrefadas alli em inverter, para satisfação de seus appetites, a prosodia portugueza.

21.— Que mais será do mister, para definir esse artefacto da incompetencia e da ira? Não ha meios, que lhe repugnem, por destoantes do logar e das pessoas, da occasião e do assumpto, da verdade e da justiça, da logica e do bom senso, da conveniencia ou da polidez. Toda a minha entilade passa pelos dentes daquella entrosa lambusada: meu character, minhas intenções, meus actós mais estranhos á materia, até o Governo Provisorio com as suas finanças, que, apesar dos seus então innumerados aduladores, convertidos hoje em infamadores seus, triplicaram em dez annos a producção do paiz, e alimentam dos restos da sua obra as finanças actuaes, salvas

<sup>1</sup> *Sermões*, v. III, p. 154.

<sup>2</sup> *Resposta*, p. 12, col. 2<sup>a</sup>.

<sup>3</sup> *Ib.*, p. 17, col. 2<sup>a</sup>, *in fine*.

<sup>4</sup> *Ib.*, p. 12, col. 2<sup>a</sup>. *in princ.*

<sup>5</sup> *Ibid.*

<sup>6</sup> *Ibid.*

pelo imposto em oiro. Mas ou das iniquidades, e dos aleives, e dos ultrajes me não queixo: «cada um é suas acções, e não é mais, nem menos.»<sup>1</sup> Minha divisa na vida publica tem sido aquillo do evangelista: *Per infamiam et bonam famam.*<sup>2</sup> Triste do homem de imprensa e do homem de tribuna, do homem de acção e do homem de estado, que não sôber juntar na mesma pavoia lisonjeiros e detractores: «Zombemos nós tanto das suas zombarias, como dos seus applausos:»<sup>3</sup>

Como, porém, afóra a minha pessoa, alguma coisa mais alli se toquo, posto que mal o inscientemento, detérminei reconsiderar o protesto, que da tribuna fizera, e responder a esse papel, quanto aos pontos onde já se não achasse rebatido na minha replica ao dr. CARNEIRO, porque alguém me não lançasse o silencio á conta de fraqueza. Hoje não ha materias, que se preservem, como ao tempo de JOÃO DE BARROS<sup>4</sup>, «lebaixo do temor da palhinatoria e da sua disciplina». Todas «estão», como elle dizia, «em juizo e saber natural»; e «assim nunca se as coisas dão a quem bem milita nellas, mas a quem as blasona por suas». <sup>5</sup> O *neq sutor ultra crepidam* passou de moda. Um remendão julga dos poemas de Homero. Um analphabeto sentença em finanças. Um pasteleiro disserta de letras. Um apedênta ensina linguas. Conhece uma pessoa os mestres do nosso idioma pelo CARDOSO DE FIGUEIREDO, *Logares selectos dos classicos portuguezes*?<sup>6</sup> Trata VIEIRA por intermedio de JORGE PARANHOS?<sup>7</sup> Sabe de Fr. LUIZ DE SOUSA por AULETE? Pois é quanto lhe basta. para discretrear da boa linguagem antiga e moderna. Com esses doutos será tanto mais embaraçoso discutir a serio, quanto, de todo alheios aos estudos em que se mettem a legislar, arriscam innocentemente as maiores enormidades, então mais bradam, quando mais erram, não escolhem subsidios, nem recursos, assoulham por triumphos os seus desatinos, e «qualquer autoridade que lhes pareço fazer por elles, bem entendida, mal entendida, logo sae á praça om desculpa do seu defeito». <sup>8</sup> Consolemo-nos, porém, de que assim vamos logrando, quando monos, a democracia no mundo intellectual: todos sabem tudo, e ninguem sabo nada.

<sup>1</sup> VIEIRA, *Serm.*, v. V, p. 138.

<sup>2</sup> *Corinth.*, XIV, 27.

<sup>3</sup> VIEIRA, *Serm.*, v. I, p. 277.

<sup>4</sup> *Dialogo da Vieiosa Vergonha.*

<sup>5</sup> *Ibid.*

<sup>6</sup> *Resposta*, p. 12, col. 1<sup>a</sup>.

<sup>7</sup> *Ibid.*

<sup>8</sup> JOÃO DE BARROS, *loc. cit.*

## III

## O Jurista

« Nas escolas de ensino superior ha lentos que fazem as preleções em cassange. »

(BAPTISTA CAETANO: *Raseunhos*, p. 103.)<sup>1</sup>

25.—Quando o Governo passado incumbiu do Codigo Civil o dr. CLOVIS BEVILACQUA, e este, *audax juvenis*<sup>2</sup>, se poz á empreitada de o dar feito em seis mezes, eu, que, redactor então de uma folha diaria, tinha por officio commentar dia a dia os successos mais relevantes, animei-me a alguns reparos, já quanto á escolha do codificador, já quanto á sua temeridade em ajustar para empenho tão difficil termo tão escasso. O segundo fundamento da minha censura não ha mister justificação: é de evidencia palpavel. O primeiro, objectando á eleição, não desmerecia o valor do eleito. A minha critica era apenas relativa. Sem fazer pouco nas qualidades do escolhido, no qual, emquanto jurista, admirava a capacidade notavel, a louvavel actividade, a fecundidade multipla; dado que talvez apressada em demasia, quizera, entretanto, no jurisconsulto, a quem se commettesse aquelle trabalho, além das qualidades profissionaes, as do homem de letras, com as do homem de estado, e um saber mais feito de experiencia, mais largo no desortino, mais amadurecido nos annos e (isto indispensavelmente) o habito, o gosto, a segurança da correcção no idioma nacional. Tais condições me parecia reunirem-se, até, n'uma pessoa, cujo nome declinei, e cujas provas em todos esses dotes são cabaes: o conselheiro LAFAYETTE.

26.—Mais tarde, concluida pelo dr. Clovis a sua tarefa e ultimada a revisão della, quer pela commissão dos cinco, sob a presidencia do ministro da justiça, quer pela dos vinte e um na camara dos deputados, as palavras, em que me exprimi acerca daquelle jurista, sua obra inicial e sua collaboração posterior, foram de homenagem sem reservas á importancia dos seus serviços. «Entre varios outros collaboradores de alto merecimento», disse eu, no meu parecer<sup>3</sup>, referindo-me aos autores do projecto, «duas culminantes sumidades juridicas, representando aliás tendencias oppostas, o sr. CLOVIS BEVILACQUA e o sr. ANDRADE FIGUEIRA, impuzeram o cunho do seu

<sup>1</sup> Estas palavras, que aqui transcrevo sem o menor intuito de allusão pessoal ao illustre professor do Recife, cujo valor sei honrar, levam apenas em proposito dar a ver ha quanto tempo se sente, entre nós, nas mais altas espheras da nossa educação patria, esse desprezo do nossa idioma, transparente nas idéas do eminente jurisperito quanto á relevancia da forma e da grammatica no legislar.

<sup>2</sup> VIRGILIO, *Georgic.*, IV.

<sup>3</sup> P. 1.

saber ao projecto; e, bem que ambos saíssem malcontentes de uma solução, que não podia satisfazer cabalmente a um e outro, força é que de tal cooperação resultassem valiosos fructos.»

Esse foi em toda a minha longa crítica, o quinhão do illustre professor, a respeito de quem não disse mais nada. Ora, se, ainda com o alçal-o ao ospigão das «*culminantes summidades juridicas*» lhe não satisfiz o sentimento do proprio valor, ignoro onde estará o meio de contentar o amor proprio a esses humildes tão consciences do seu nada, como de si usa dizer o douto jurisperito<sup>1</sup>, enquanto nós não «*invente a grammatica outros termos maiores, porque os superlativos já são curtos*».<sup>2</sup>

Mas, ao passo que o dr. Clovis tinha por insufficientes os termos da minha apreciação, ao autor da famosa *Resposta* mettia zelos que eu tanto exalçasse a collaboração d'elle no trabalho parlamentar.<sup>3</sup> Como atravessar, sem espinhal-as, por entre essas vaidades em conflicto?

27. — No illustre professor do Recife mal se disfarça a ulce-  
ração de um melindre enfermigo. «Um preclaro director da mentalidade brasileira», diz elle<sup>4</sup>, «o sr. JOSÉ VERISSIMO, e devo crer que a sua opinião seja a da maioria dos nossos concidadãos, já fez, pela imprensa, a peremptoria intimativa da minha exclusão do numero dos collaboradores do futuro codigo civil brasileiro. E não sou o unico excluido. Afastados são tambem todos quantos se afadigaram por trazer o seu contingente de reflexão e experiencia á grandiosa lei em preparo. «*Pelo fundo e pela fórma*, diz S. S. que o senador RUY BARBOSA virá a ser o verdadeiro autor do nosso futuro codigo civil. Que mais tenho eu com o que se disser a respeito do malsinado *Projecto*, si a esponja de autoridade tão conspicua já obliterou o que, nesse trabalho, pudesse recordar o meu esteril ainda que bem intencionado esforço? Nada, sem duvida.»

Linguagem maviosamente resignada, para a victima de tão iniquo esbulho. Mas a resignação, em vez de levar o esbulhado ao silencio, abrigo natural das almas conformadas, o accendo para uma lucta, em que as cargas de arma branca se chamam *notas d margem*, e as chuçadas no adversario são epithetos superlativos de glorificação. O autor da espoliação clamorosa, o sr. JOSÉ VERISSIMO, recebe os foros de «conspicuo». Ganho os de «inclito» eu<sup>5</sup>, que a «desfructo».

Uma declaração, porém, tenho que fazer. Nem o sr. JOSÉ VERISSIMO commigo mancommunou o attentado, nem eu lhe acceito os

<sup>1</sup> *Revista de Legislação*, fascic. de 30 set., p. 32: «Não por mim, que nada sou...»

<sup>2</sup> VIEIRA: *Sermões*, v. XI, p. 20.

<sup>3</sup> *Resposta*, p. 7, col. 1<sup>a</sup>, *in fine*.

<sup>4</sup> *Rev. de Legislação*, fascic. de 30 set., p. 22 - 3.

<sup>5</sup> *Ib.*, p. 23.

despojos. Na injusta sentença do autorizado critico ha um desses erros inevitaveis nos repentistas, como elle é, quando escreve para os jornaes matutinos, e é o dr. CLOVIS, quando improvisa codigos civis. O meu contingente nesta codificação nem de longe poderia eclipsar jamais o do professor BEVILACQUA. A missão, que, apesar de uns e a prazer de outros, se me impoz neste grande trabalho, acceitei-a muito a meu máu grado. Ainda a ella me não affiz: Tenho notoriamente envidado os mais instantes meios, por deixal-a. Não perdi ainda a esperança de lograr essa fortuna, em que hei-de insistir a tódo o poder que eu possa. Isso porque, seja qual for a eminencia dos seus cooperadores, não acredito, ao menos entre nós, no bom exito de obras desta natureza, executadas pelo systema de commissões e revisões successivas. Um paiz como o nosso não poderia chegar á posse de um bom codigo civil, senão encontrando uma superioridade nacional, em quem confiasse como os chilenos no seu ANDRÉS BELLO, e entregando-lho inteira, como elles entregaram a este, essa missão.

Mas, se eu houvesse de levar até ao fim o desemponho deste encargo, simples membro de uma commissão de dezete, após uma de cinco e outra de vinte e um revisores, meu papel, subalterno e pouco menos de anonymo, limitado a corrigir, supprimir e additar em obra alheia, não seria susceptível de comparação nenhuma com o do professor CLOVIS, a quem incumbiu delinear a traça, cavar os alicerees, erigir até o fastigió a estructura, construir de cabo a cabo a grande edificação, modificada, mas não substituida, pelas emendas de seus successores. Disso ninguem lhe tira a honra e a responsabilidade. Ambas são grandes. Inveja-as, porém, quem não nutrir as duvidas, que eu nutro, sobre os resultados do emprehendimento levado a effeito nas condições em que este se executa.

28. — As grandes edificações, a que presidem a austeridade e a força, não recebem de seus autores os esmeros da arte. Pelasgos e Cyclopes construíram em toseco, amontóando o granito e o cimento. Assim neste caso. Architectando ás pressas e em grande, com a preoccupação exclusiva das idéas e esse desprezo da forma, que a meio confessa o dr. Clovis no seu «quasi horror ás disputas de grammatica»<sup>1</sup>, não admira que o braço rapido e vigoroso do illustre codificador nos deixasse insossa a alvenaria. O que eu não concebera, é que elle descesse da sua superioridade, para me alterar miudezas, que a gloria dos grandes creadores costuma deixar á obscuridade dos pequenos artistas.

Antes, porém, de as considerar, articula preliminarmente contra ellas o dr. Clovis uma excepção geral. Parece-lhe destem-

<sup>1</sup> *Ibidem.*

paradamente prepostero e temporão o meu trabalho. «Na minha ingenuidade», reflecto o eximio censor, «acreditava que sómente depois de assentados definitivamente quaes os preceitos, cuja systematização deveria constituir o nosso codigo civil, é que caberia cuidar da fórma grammatical das proposições, do bolcio rhetorico da phrase. E, ainda hoje, não atino com a explicação desse desvio da ordem natural das cousas, que faz exigir apuros requintados de estylo, para revestir idéas ainda em elaboração. Que razão justifica o dispendio de tanto tempo, de tão grande esforço na escolha das palavras com que se hão de exprimir regras juridicas, que afinal, podem ser rejeitadas pela discussão? Confesso que não comprehendo.»<sup>1</sup>

O dr. Clovis *comprehenderia*, se não fosse nimiamente esquecediço. O que eu me propuz fazer, quando me veiu ás mãos o projecto da camara, é mesmíssimamente o mesmo que com esse projecto, antes de mim, fizera o dr. BEVILACQUA. Sem embargo de que não estavam «definitivamente assentados os preceitos» do futuro codigo civil, de que ainda se tratava de «idéas em elaboração», não poupou o illustre professor, deante a commissão parlamentar, «dispendios de tempo e esforço» em «cuidar da fórma grammatical», empregando quanto sabia e podia «na escolha das palavras destinadas a exprimir regras juridicas» sujeitas a ser «rejeitadas pela discussão». E' o que attestam, no seu setimo volume, os *Trabalhos da Commissão Especial da Camara dos Deputados*.<sup>2</sup> O mais impertinente fiscal da grammatica, o cultor mais zeloso da fórma não se desentranharia, por amor de uma e outra, em mais «requintados apuros» do que os em que se esmerou o dr. CLOVIS na longa serie das suas emendas, tão miudas como as que por minimas me estranha, e algumas de uma microscopia a que a minha severidade se não compara.

Onle, por exemplo, o projecto da commissão parlamentar, rubricando o liv. III da Parte Geral, dizia *Factos Juridicos*, alvitrou o dr. BEVILACQUA se corrigisse *Dos Factos Juridicos*. Onde, no art. 118, aquella relacção, consoante uma syntaxe reiterada no artigo subsequente, usava de um «*Presume-se fraudatorias as garantias*», propoz o dr. CLOVIS (muito bom) se levassse o verbo ao plural. Onde, no art. 186, se fallava em «*habilitação a casamento*», suggeriu se trocasse em «*habilitação para casamento*». Onde o art. 198 religia «*presidir o acto*», indicou (o com acerto) se dissesse «*presidir ao acto*». Onde o art. 205 empregara de feição adverbial o adjectivo «*independente*», aconselhou substituil-o pelo adverbio «*independentemente*».

<sup>1</sup> *Ibid.*, p. 21 - 2.

<sup>2</sup> P. 277 - 9.

mente. »<sup>1</sup> Onde, no art. 259, se escrevia (e bem) « á administração *daquelle* », opinou se emendasse (para peor) « á administração *do mesmo* ». Onde, no art. 351, I, se errara quanto á collocação do pronome « Provando *que* o marido achava-se », acudiu, obtendo que o restituíssem ao devido logar. Onde, no art. 858, se lhe antolhou descabida a adversativa *porém*, não se desdenhou de formular, para eliminação della, emenda especial. Onde, no art. 1.079, occorrera o descuido minuscuro da conjunctiva *e*, accorreu a exaral-a. Onde, no art. 133, se inserira, superabundante, mas não erroneo, e ainda hoje usual, um *h* no vocabulo *teor*<sup>2</sup>, deu-se pressa, em nome da boa orthographia, a pugnar pela suppressão.

Qual será, das minhas correccões, a que a essas exceda em capricho grammatical, em zelo da fórma litteraria? Na devoção a esta exaggerou o dr. BEVILACQUA o seu esmieuçar até o mais rebuscado extremo das subtilizas de orthographia. Concebe-se que, numa revisão de provas, se expunja um *h* superfluo. Mas dar a essa bagatela orthographica as honras de emenda solemne, é o que só explicaria a superstição absoluta da lingua, a idolatria da correccão no escrever. Eu não fui tão longe, não apostillei erros orthographicos, senão quando importavam em erros grammaticaes, como na questão das crases. E é *elle*, o dr. CLOVIS, quem, tendo usurpado, até, de meticoloso em escrupulos de fórma, o officio do proto, me vem increpar, *a mim*, de prematuridade na revisão litteraria e grammatical.

Se, ao menos, deixados á parte o exemplo e a inconsequencia do professor CLOVIS, alguma coisa valesse, ponderado ante a razão, o seu argumento. Mas «ha coisas que avultam muito, e pesam pouco». <sup>3</sup> Como é que só depois de votado o codigo civil definitivamente se havia de cogitar em redigil-o? Vejamos, praticamente, em que pararia semelhante alvitre. Votar-se um projecto definitivamente quer dizer votar-se em ultima discussão, na

<sup>1</sup> Aliás sem razão; porquanto é muito da nossa lingua evitar os largos adverbios em *mente*, substituindo-os pelos adjectivos adverbialmente empregados. Exemplos: «*Folga*lo dansariam nellas quatrocentas pessoas.» (FILINTO ELYSIO: *Obr.*, v. I, p. 287.) «Comem *fino*, bebem *largo*.» (*Ib.*, p. 288.) «*Longo* se discutiu.» (*Ib.*, v. VI, p. 83.) «Não *diverso* daqui, de lá derrabam.» (*Ib.*, p. 312.) «Me pediu que mui *breve* lh'a traduzisse.» (*Ib.*, v. XI, p. 215.) «*Facil* se vê.» (*Ib.*, v. XII, p. 107.) «*Suspirando continuo*.» (*Ib.*, p. 299.) «*Dirreito* se encaminha.» (*Ib.*, v. XIII, p. 118.) «*Medra sobejo*.» (*Ib.*, p. 142.) «*Pessimo* arrazoou.» (*Ib.*, p. 145.) «*Prometten largo*» (*Ib.*, p. 147.) «Sem pranto um avarento *raro* acaba.» (*Ib.*, p. 151.) «*Viviam junto* em branda sociedade.» (*Ib.*, p. 295.) «*Brando* o atalha.» (*Ib.*, v. XIV, p. 64.) «*Facil* me accitam.» (*Ib.*, p. 279.)

E, se não bastam os exemplos, é lerem as reflexões em que o consummado mestre do nosso idioma encarece a superioridade e elegancia da forma rejeitada pelo dr. CLOVIS. (FILINTO: *Obr.*, v. III, p. 275, v. VI, p. 260, v. XII, p. 299, n., v. XIV, p. 61.)

Pudera citar facilmente de todos os outros classicos. Bastará, porém, apontar de BERNARDES, que tenho á mão, *Nova Floresta*, tomo II: «*procedia mais discreto*» (p. 8); «*pouco nacional procede*» (p. 184); «*portando-se impertinente*» (p. 203); «*quiz portar-se fiel*.» (P. 251.)

<sup>2</sup> Com *h* o escreve CASTILHO, *Metamorphoses*, p. 88.

<sup>3</sup> VEIRA: *Serm.*, v. IV, p. 249.

ultima camara que o discutir. Ora, quando a tal phase attinge um projecto, só essa camara lhe procede á redacção, correndo esta, de mais a mais, em operação accelerada, superficial, summarissima, quasi mecanica, a que os habitos parlamentares nenhuma attenção fazem. Mas, pela compostura literaria em que chegou do outro ramo ao senado, ajuizem a em que, após idas e vindas, debates e contra-debates, de uma a outra camara, iria ter o projecto áquella onde se elles houvessem de encerrar; caso, atravez de tantas peripecias, nunca se curasse da redacção, espaçada, em cada um desses estadios, para depois de fixado, com o derradeiro voto, o pensamento legislativo.

Nem comprehendo que outra maneira exista de *fixar* o pensamento vasado num texto, a não ser a de lhe darmos a transparencia, a nitidez, a precisão de uma fórma correcta e intemerata. Sem isso, nas phases que o projecto vencer, cada uma das transformações, por que for passando, carregará consigo novas manchas de linguagem, novos defeitos de enunciado, e, com elles, novos problemas de hermeneutica legislativa, novos germens de perplexidade, incongruencia e escuraleza. Se, ao menos, verificada a oportunidade, para que nos romette o dr. CLOVIS, a solução desses embaraços competisse em commum aos dois ramos do congresso, ainda pôde ser que o desfecho, liquidando as questões mediante o concurso de ambas as camaras, se acercasse de um resultado toleravel. Longe disso, porém, era exclusivamente naquella das duas casas onde acertasse de findar a elaboração da obra em sua substancia juridica, era ali que ella havia de revestir a sua fórma de expressão definitiva. Os regimentos parlamentares não estabelecem criterio, para discernir entre esta e aquella. Toda alteração feita por uma camara a um projecto adoptado na outra, o obriga a retroceder áquella de onde veio. Logo, por derradeiro, ou uma das duas casas do congresso teria de renunciar á sua participação legitima e indispensavel na redacção do codigo civil; ou as controversias de redacção, adiadas para o ultimo lanço por amor do método e da brevidade, acabariam, em ultima analyse, renovando a questão de essencia já vencida, attenta a dependencia natural entre a significação dos preceitos legislativos e a expressão que os molda.

29.— Não ha, portanto, para a gestação normal de trabalhos parlamentares desta natureza, outro caminho que o encetado pela outra camara, *com o concurso do professor CLOVIS, e nesta por mim continuado, com a censura do mesmo professor.* Passe o projecto, em cada um dos seus estados successivos, pela redacção correspondente, e, quando tocar o extremo do período final, terá que receber apenas a correccão literaria, no que esse lhe houver innovado.

30.— Basta, por maior, o que levo dito quanto á intervenção do erudito jurista. Lamento que a sua contra-critica se esteja a dar

aos prelos fraccionariamente numa revista, quando, se fôra dirigida á commissão da camara, ou á do senado, teria vindo a lume de uma vez, como convinha á importancia de sua contribuição, no *Diario do Congresso*. Até á hora em que aqui escrevo, apenas nos deu a ler aquelle periodico, no fasciculo de setembro, o primeiro fragmento da serie. Quando me tocar a vez de lhe redarguir, segundo o plano deste meu escripto, creio que apenas se conhecerá, no fasciculo do mez vindouro, o fragmento immediato. De um e outro considerarei o que me parecer mais relevante, até onde as proporções, a que houver então chegado esta réplica, m'o consentirem.

IV.

O Critico

« Em litteratura não ha qualidades, que supram a lingua. »  
(J. VERISSIMO: *Estud de Liter.*, 3ª ser., p. 275.)

« A linguagem portugueza ha muito poucos que a tratem.  
Porque ha muito poucos que a entendam. »

(JORGE FERREIRA: *Eufrosina*, a. III, v. 2.)

31.—Com particular attenção discutirei o artigo, em que o sr. José VERISSIMO se occupou com o meu estudo acerca da rodacção do projecto da camara. <sup>1</sup> Tinha ellé direito a essa consideração pela sua autoridade, cortezia e boa fé, além de que suscitara questões muito para estudar, como a do papel litterario dos neologismos e archaismos nas linguas, com applicação especial ao uso classico e aos gallicismos no portuguez.

Na arguição, que me faz, de purismo e tendencia ao gosto archaico, ha injustiça, que, supposto rebatida pelo simples aspecto de todos os meus escriptos, demandava aqui exame, attenta a occasião da censura, que me irroga a proposito da forma por mim dada ao substitutivo. Não sou dos que precisem de ser cathechizados á verdade scientifica da evolução dos idiomas. Meu trato dos antigos escriptores portuguezes não me levou ao fetichismo da antiguidade vernacula, não me converteu em amouco dos vicios do classicismo, não me divorciou dos estudos hodiernos sobre as leis da vida organica nas linguas. Conheço, graças a Deus, tão bom, a este respeito, os escriptos dos LITTRÉS, dos RÉNANS, dos BRÉALS, dos BRACHETS, dos HOVELACQUES, dos DIEZ, dos BOPPS, dos MAX MÜLLERS, dos WHITNEYS, como os dos BLUTEAUS, os dos SOUSAS, os dos BERNARDES, os dos VIEIRAS, os dos CASTILHOS, os dos HERCULANOS. Usado a buscar nas fontes antigas os veios preciosos do oiro fino, que ellas escondem ao modernismo pretencioso e ignaro, amo e uso tambem a

<sup>1</sup> No *Correio da Manhã*, n. de 4 de agosto, sob o titulo *Uma lição de portuguez*.

linguagem do meu tempo, esforçando-me, entretanto, por lhe evitar os defeitos.

*Laudamus veteres, sed nostris utimur annis:*

*Mos tamen est acque dignus uterque coli.*<sup>1</sup>

Tão pouco me cabe a nota de haver, por excesso de severidade no tocante a certos senões inevitáveis á melhor escripta, como as cacophonias, as assonancias, os ecos, requintado a um ponto quasi inacessível o typo da correecção no uso do nosso idioma. Assás disse eu já deste particular no meu discurso ao senado. Um código civil ha-de ser obra excepcional, monumento da cultura de sua época. Com elle, pois, o rigor da mão d'obra importaria que fosse absoluto. No lavral-o, todo defeito evitavel, por minimo que seja, cumpre estrictamente que se evite. O *Platão* de JOWETT é um dos thesoiros classicos do inglês moderno. No prefacio a essa versão admiravel o celebre profe sor de Oxford nos familiariza com as regras do criterio, a que submetteu o seu trabalho. Não houve minucia, a que se furtasse o gosto do insigne escriptor, por conservar a essa imagem contemporanea das obras do grande philosopho antigo a pureza irreprehensivel do original. Descendo até aos pronomes e ás particulas, tão incommodas ás vezes, pela sua frequente occorrenca, ao escrever elegante, estabelece a norma de que só as mais commuas, como a preposição *a*, o artigo e outras semelhantes se poderão admittir duas vezes na mesma sentença.<sup>2</sup>

Parecia-me, ao formular o meu substitutivo, que uma codificação geral das leis civis, sobre ser um commettimento scientifico, é uma grande expressão da literatura nacional; e, só me não enganava, relevaria, creio eu, avisinhar-mos o mais possível, no fundil-a e trabalh-a, desse escrúpulo inexoravel, que não condescende com as imperfeições a pretexto de ligeiras e vonias. Destas enxameava um sem conto, entre muitas mais ou menos graves, no projecto. Todas, maximas ou minimas, quanto sensiveis fossem á nossa visão, haviam de se expurgar. Tal a minha idéa. E por que não as expurgar, desde que fossem perceptíveis?

Aliás não me limitei a emendar: expuz quasi sempre os motivos da emenda. Dahi o avultado numero das minhas notas. Não é, porém, o meu trabalho sómente rectificação das falhas esparsas no contexto do projecto, senão tambem revisão goral de sua linguagem. A esta não importa unicamente a exacção da syntaxe. Um livro pode ser gramaticalmente irreprehensivel, e não ter o cunho idiomatico da lingua em que se escreve. *Aliud est grammaticè, aliud latine loqui*, dizia

<sup>1</sup> OVIDIO, *Fast.*, I.

<sup>2</sup> B. JOWETT: *The Dialogues of Plato. Translat. into english.* Vol. I (Oxford, 1892), p. xxi.

QUINTILIANO. O que JOWETT escreveu da: traducções exemplares, cabe igualmente a todas as producções da literatura de um idioma. A excellencia dellas «não dependerá meramente da propriedade nos vocabulos, na composição das sentenças, na estrutura dos periodos, mas, outrosim, da côr e estylo geral da obra».<sup>1</sup> O projecto, a meu ver, era, por este lado, tão incorrecto quanto do outro. Havia-lhe na physionomia muito mais do tal *dialecto* que da lingua portuguesa. Tentei approximal-o da lingua. Conto que m'o não perdoem os apaixonados do dialecto. Mas as boas letras do sr. JOSÉ VERISSIMO e o seu bom gosto me autorizam a não confundil-o com estes.

## V

## O Aggressor

*Imago animi sermo est:  
qualis vir, talis oratio.*

(SENECA).

«Saturabitur opprobriis.»

(*Thren.*, III, 30.)

32.—Aqui ha tempo, quando, após o odio e o sangue da guerra civil, chegado o enojo da clemencia e da reconciliação, appellei para o bom senso dos vencedores, levantando o pensamento da amnistia, houve um fanatico da reacção, que se precipitou na luta como o espirito do mal, oppugnando-me essa iniciativa, desnobreando-lhe os intuitos, amequinando-lhe o autor, para cumulo de cujo enxovalho inventou que elle desvirtuara as opiniões de um constitucionalista americano. A essa aleivosia redargui, pulverizando-a com os proprios textos do escriptor, a que alludia o meu inimigo. Os documentos do caso estão no meu opusculo da *Amnistia Inversa*.<sup>2</sup> Passados por sobre essa maldade bons sete annos, eil-a que volve, trazendo, por que ninguém a desconheça, no rosto do papel onde se renova, a expressão da mesma calumnia, agora insignemente aggravada. Daquella vez me increpava de infidelidade na citação de textos. Hoje me acoima de arvorar a deshonestidade em theoria, e legitimal-a em direito. «Póde-se», affirma o denegridor, «concurar-lhe a improbidade nas citações, que elle já defendeu como uma doutrina acceitavel.»

Que me importa a mim a opinião de um escriptor, cuja penna exsula esse desprezo da verdade? Haverá, neste paiz, alma tão cretina, que me julgasse por capaz de ombandeirar a improbidade em principio, e ostental-a como norma de moral?

<sup>1</sup> *Ibid.*

<sup>2</sup> RUY BARBOSA: *Amnistia Inversa*. Rio de Janeiro, 1896. P. v-XIII.

*Conscia meus recti famæ mendacia risit.* <sup>1</sup>

Cada um como é, assim imagina, diziam os nossos maiores <sup>2</sup> numa phrase que ficou em proyerbio. O calumniador, que me argue de fazer o legitimar citações incompletas, adultera, materialmente, alli mesmo, para se gosar do effeito, um texto meu. «E' ó grande oscriptor», diz elle, «quem deseje a taes *borrachadeiras*, em varios pontos, chegando até á chalaça, fazendo joguinhos de palavras, num logar em que para supprimir a expressão: «*direitos... de ordem privada*», elle escreve: «Passemos sem *ESTA privada*.»

Eis ahi o que me elle assaca. Ora, no vocabulo que eu aqui relevo com a impressão em versaleto, o que está na minha nota <sup>3</sup>, é o demonstrativo masculino ESTE: «Passemos sem *ESTE privada*»; a saber: «Passemos sem *este* vocabulo», ou «Passemos som *este* adjectivo *privada*.» A referencia, dada esta redacção, ora á *palavra*, que, com razão, ou sem ella, eu qualificava de malsoante. Nestes termos seria impossivel mostrar a chalaça, ou, no adequado vocabulario do censor, a *borrachadeira* por mim commettida. Que faz então elle? Onde eu escrevera «*ESTE privada*», que lhe não servia, substitue-o por «*ESTA privada*», trocando o adjectivo em substantivo, o masculino em feminino, como lhe convinha, por me attribuir «um gracejo de duvidoso asseio». Ahi têm o homem. Não vale a pena de ter escrúpulos: *quand on se permet tout, on peut faire quelque chose*.

Nem será essa, naquolle repuxo de atrabilis, a só amostra da veracidade e lisura, em que se assignala aquelle singular prelector de moralidade literaria. Alguns periodos abaixo, para me pôr em antagonismo com a redacção do meu proprio substitutivo, affirma que eu, «na introdução, protestei contra o uso dos possessivos». Pois seria possivel conceber que uma creatura em seu accordo e no uso da razão tentasse excluir da sua lingua o uso dos possessivos? Esse dispirate sesquipedal exigiria, em quem o commettesse, um par de orelhas asininas. O que eu notei como deselegancia evitavel, foi o uso reiterado, foi «A REPETIÇÃO» <sup>4</sup> desses vocabulos, onde quer que se pudesse variar, recorrendo ao dativo do pronome pessoal. Lá está *expressamente* na minha introdução, designada pelo autor da critica phantastica.

Quando a má vontade e o rancor levam um homem de letras, com a bocca cheia de «probidade», a desmandar-se assim nos costumes do officio, para nodoar o nome alheio, nada será para admirar de sua parte, seja o que for. Senão, vejam. Carrogando as tintas numa

<sup>1</sup> OVIDIO: *Fast.*, III.

<sup>2</sup> VIEIRA: *Serm.*, v. VI, p. 98-9.

<sup>3</sup> Ao art. 1.036 do projecto. *Diario do Congresso*, suppl. ao n. 126 de 27 de jul. 1902, p. 128, 1<sup>a</sup> col.

<sup>4</sup> *Ib.*, p. 6, col. 1<sup>a</sup>: «A REPETIÇÃO do meu, teu, seu, etc...»

gradação crescente, imagina elle ter posto o cumulo na pintura das minhas enormidades, quando mostra que a clausula «*sem a indispensavel formalidade*», tachada, em minhas notas, de «palavreado» escusavel no artigo 832 do projecto, se encontra no decreto hypothecario de 1890, por mim expedido. «Cada estação da vida é uma edição, que corrige a anterior», ensina o *Braz Cubas*<sup>1</sup>, com a sabedoria de *Ecclesiastes*: Mas muito antes d'elle já LITTRÉ nos dava o conselho de nos retermos, para averiguar as mudanças, por que insensivelmente passamos: «*Ici on voudrait ajouter, là retrancher; ici on approuve, là on désapprouve; ici on s'étonne, qu'on ait suivi tel développement, là qu'on n'ait pas aperçu la voie qui s'ouvrirait pour d'amples considérations. En un mot, l'on se trouve tout changé.*»<sup>2</sup> A reescrevermos daquillo sobre que outr'ora escreveremos, já não escreveríamos, annos depois, como tínhamos escripto. E' o que nos assegura esse mestre de escriptores. Eu, porém, hei-de ser immutavel até nas phrases. Palavra que uma vez puz em papel, ou assignei, nunca mais me assistirá direito de emendal-a em mim, ou de a estranhar a outrem. Tal qual se redigiu o decreto de 1890, uma vez que o referendei, assim, ainda nos pontos, como esse, em que for mera cópia de leis anteriores, tenho eu de me exprimir hoje, amanhã, daqui a cincoenta annos, quando quer, em summa, que haja, outra vez, do legislar sobre hypothecas.

Ahi está como essa palmatoria dos «*censores censuraveis*» pratica a lealdade e a justiça. Porque eu averbei de superflua uma locução evidentemente tal, emprestada pela legislação de 1864 a um actó firmado com o meu nome ha treze annos, quando ministro da fazenda, em meio aos cuidados assoberbadores de uma situação ainda oscillante entre o antigo e o novo regimen. dá-me as honras de me apontar como um animal que «foi damnando, damnando,» e «acabou, furioso, por morder-se a si proprio».

Consciência de tal força, não me espanta que esse critico não encontrasse, em um trabalho desinteressado e escrupuloso como o meu parecer, mais que «*futriquinhas pedantescas*» e «violento despeito». «Do principio a fim», escreveu elle, «sonte-se a queixa, o azedume o fel», que me vae nalma. Mas porque? «Por não ter sido o escolhido para fazer o trabalho.» Realmente? Pois se, a crel-o, sou eu mesmo que o confesso. Devéras? «Elle o diz», assegura de mim o critico, «elle o clama e proclama.» Onde? «A cada passo.» Mas que nos aponte um só. Vão ver.

«Lá está», diz o incensuravel consor, «na pagina 6, 2ª columna, a declaração de que todas as suas emendas conseguiram apenas metade do que lhe seria dado fazer, se lhe tivesse cabido a honra da primeira redacção.» Logo, se eu censuro, é de «*damnado*», por

<sup>1</sup> P. 91.

<sup>2</sup> LITTRÉ: *Médecine et médecins* (Paris, 1875), p. 489.

me não terem commettido a elaboração do projecto. De modo que accentuar um homem a inferioridade consideravel de um trabalho de remendaria a uma composição original, equivale a confessar-se picado, resentido, cioso de não ser quem o fizesse e contra os que a fizeram.

Assim, de allucinação em allucinação, imagina estar-se batendo pelas minhas victimas, aqui «os deputados que lovaram os *vingamentos*» meus, allí «o grande e illustre juriconsulto» autor do projecto primitivo, accommettido pela minha «linguagem de *aggressão*»; quando o que é certo, é não haver eu tido, no parecer, a respeito desso juriconsulto, senão gabos talvez excessivos, porque dignos das maiores celebridades, e haver exculpado camara e commissão de toda a responsabilidade nos erros do projecto.

Perdeu-se na quella alma um juiz de enchemão e encomenda para os tribunaes de perseguição e tortura, onde os magistrados, em não encontrando a culpa nas entranhas da prova adduzida, a vão extorquir aos labios do innocente, desfigurando-lhe o teor e torcendo-lhe o sentido ás palavras.

Nada mais facil, observava, em relação a um desses doctores professos, um sabio philologo moderno<sup>1</sup>, nada mais facil do «que entornar todo um dictionario de baldões, sem o minimo effeito. Uma pagina de labéus, porém, outra coisa não mostra que a bilis de um espirito amargo e a consciencia de uma causa fraca.» Estou habituado á poeira do meu caminho. Essas creaturas malignas já me não inspiram mais que indiferença, ou curiosidade. Quando me investem, deixo-as descarregar-me á vontade no rastro ou na sombra o veneno. Quando me gabam, muitas vezes me lembra a celebre pergunta de Phocion, e na sua philosophia me envolvo.

33.—Varridas as offensas, as chufas, os testemunhos que me assaca, essencialmente restam, dessa accommettida, além de um pretenso quinau de syntaxe, tres ou quatro cacophonias simplacheironas, ou sujas, fabricadas a martelo, um «*de dote*», um «*por tal*», um «*mas não*», um «*jurilic* não». De tudo isso terei tratado na resposta ao professor bahiano e ao deputado piauihyense. Com o meu antigo invectivador, pois, ficam aqui encerradas as contas.

34.—Eram-me indispensaveis essas observações geraes, *ne seriem rerum scindere cogar*, antes de encotar a *analyse* dos trabalhos que vou discutir, na segunda parte.

Esta dividir-se-á naturalmente em quatro secções, por serem elles quatro.

A primeira terá por objecto e desfilará miudamente as «*Ligeiras Observações*» do professor CARNEIRO.

<sup>1</sup> MAX MULLER: *Chips from a german workshop*, vol. IV, p. 449.

A segunda considerará, no que ainda não estiver e merecer considerada, a « Resposta » formulada por um membro da commissão parlamentar.

A terceira discutirá, nos topicos principaes, os fragmentos, que a esse tempo se acharem impressos, da defesa CLOVIS BEVILACQUA.

A quarta responderá á « Lição de português » do sr. JOSÉ VE-  
RISSIMO.

## PARTE II

### Analyse das criticas

« Está dito em commum o que basta: agora, para maior distincção e clareza, desçamos ao particular. »

(VIEIRA: *Serm.*, v. III, p. 282.)

### SECÇÃO I

#### As « Ligelas Observações » do prof. Carneiro

« Tanto é facil aos discipulos sobrepujar algumas vezes os mestres que os precederam. »

(CASTILHO: *Metarmoph.*, p. 314.)

### § 1º

#### Art. 1.º (Lei Preliminar)

« ESTE CODIGO. »

**35.**—Divergindo logo ahi da redacção adoptada na camara, sustentara eu que, em vez de *este codigo*, no art. 1.º da *Lei Preliminar*, se devia emendar «*O Codigo Civil*». Revida o illustre professor á minha censura, insistindo pela redacção do projecto. Mas as suas considerações nenhum valor têm.

A questão estava resolvida pelos proprios termos do projecto. Que nome recobera de seus autores aquella secção do texto adoptado? O do *Lei Preliminar*. Foram elles mesmos, portanto, que nella designaram *uma lei distincta*, e dividiram o seu trabalho em duas leis intimamente relacionadas, mas diversas: a *Lei Preliminar* e o *Codigo Civil*. Logo, em tendo a primeira dessas leis que alludir á segunda, nesta não podia fallar como se della fosse parte, mas nos termos em que uma lei se refere a outra.

Dizer-se, na lei preliminar, «*Este codigo*», seria figurar na *lei preliminar* uma parte do *codigo civil*; o que era porm-nos em contradicção com o proprio qualificativo de *lei preliminar*. Como tal a discriminaram nitidamente os seus autores da que se lhe seguia: do *codigo civil*. Sendo, pois, duas leis successivas, estavam ambas obrigadas, no referirem-se uma á outra, a se tratarem como reciprocamente se tratam duas leis independentes. Disso mesmo não deram.

exemplo os redactores do projecto, quando, no código civil, mencionaram a *lei preliminar*. Se, quando elle com esta se occupa, lho chama sempre a *lei preliminar*, de ver está que, em se occupando esta daquelle, ha-de chamar-lhe o *código civil*.

36.—Mas para que é perder tempo em uma controversia já solemnemente dirimida primeiro que trouxessomos este pleito a juizo? Temos na especie aresto decisivo, que vou mostrar.

Essa invenção de *lei preliminar*, de onde a houvemos? Do código civil germanico, onde se denomina *Einführungsgesetz*, *lei de introdução*, ou *lei preliminar*.

Ora bem. Como procede alli a *lei preliminar*, ao fazer menção do código, a que se ajunta? Como diz? Dirá este código? Ou diz o código civil?

A *Einführungsgesetz*, ou *lei preliminar*, reporta-se ao código civil nos arts. 1, 3, 4, 5, 6, 9, 10, 16, 32, 33, 34, 36, 40, 44, 53, 55, 56, 57, 58, 61, 69, 71, 75, 78, 79, 80, 81, 85, 86, 99, 100, 102, 103, 105, 109, 116, 118, 119, 120, 122, 124, 131, 137, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 188, 189, 190, 191, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 214, 215, 216, 217 e 218. E, sendo assim que, em muitos desses artigos, se reitera a referencia duas, tres, quatro e cinco vezes, temos que, lançadas as contas, não menos de cento e setenta e oito vezes allude a *Einführungsgesetz* ao código civil.

Pois bem: nem uma só vez adopta ella a formula do nosso projecto: *este código*. Todas, sem excepção, diz sempre: *o código civil*.

Logo no primeiro artigo a expressão allemã é *das Bürgerliche Gesetzbuch*, o código civil, e não *dieses Gesetzbuch*, este código. E dahi não varia.

Verdade seja (cumpre já daqui prevenil-o) que nas versões francezas de MEULENAERE, LA GRASSERIE e GRUBER, os arts. 69, 162, 169, 173, 174, 175, 176, 183, 198, 199, 203, 205, 208, 210, 214 e 215 nos deparam a locução *ce code*. Mas ninguem se vá com isso illudir. *Traduttore, traditore*. Em todos esses topicos, um por um, a preocupação da elegancia induziu a trasladação franceza a discrepar do texto original, que não se desvia jamaiz da enunciação adoptada: *o código civil*. Aliás nos cento e sessenta e dois lanços restantes o traductor suiso, o belga e o francès lhe catam fidelidade, escrevendo constantemente *LE code civil*.

Ora, eu parece-me que desta sentença não ha, sensatamente, recurso. Ou, transplantando a idéa allemã, querem ter os nossos

<sup>1</sup> Eu parece-me. SILVA TULLIO (*Estudinhos da Ling. Mat.*), SILVESTRE RIBEIRO, *Ensaio de Estudos Prat. de Literatura* (Lisb., 1884), p. 539, e CARNEIRO RIBEIRO, *Gramm. Philos.*, p. 414, 435, condemnam como

classicos a honra de saber entrala-a melhor? Nesse caso ficaria ou com a erronia germanica, de accordo com a qual, evidentemente, a meu juizo, está o senso commum.

37.—Contra elle não fazem argumento as ponderações, já dizendo futeis, que se me oppõem.

Tres são ellas, no arazoado grammatical a que respondo.

A primeira, a que se elle abordoia, é a de que á rubrica *Lei Preliminar* sobreestá, no projecto, o distico do *Codigo Civil*. Ora, eis ahí uma petição de principio, que a sêrula da escola não perloaria. Pois o ponto que se discute, não será precisamente o de saber se o titulo geral de *Codigo Civil* ha-de preceder, ou seguir, ao da *Lei Preliminar*? Se a *Lei Preliminar* constitue uma divisão do *Codigo Civil*, obvio é que este cabeçalho se deverá sobrepor áquelle. Se não constitue, é claro que só após a *Lei Preliminar* cabe a vez ao titulo do *Codigo Civil*.

«solecismo reprehensivel», que «barbariza e deturpa a nossa lingua, essa» expressões» e suas congeneres: *Eu convem-me. Eu admira-me. Eu aborreçem-me.*»

Mas LATINO COELHO (*Elogios Acad.*, v. I, p. 59-60) enxerga nesse dizer um dos semitismos da nossa lingua, havido por correcto no idioma de onde se origina. FIGUEIREDO (*Lig. Prat.*, n. 1, p. 124-5) reivindica-lhe a legitimidade em o nosso. «Em vez de ser erro», diz JULIO RIBEIRO, «é uma figura cheia de naturalidade e bellissima.» (*Gramm.*, n. 457, p. 237-8.)

Ora com estes se acaba o uso popular e o uso classico. Do popular somos a cada passo testemunhas. Não o ha mais frequente. Do classico, igualmente comesinho, se encontram bastantes exemplos na *Grammatica* de JOÃO RIBEIRO, a quem essa construcção parece «não raras vezes elegantissima». (P. 212-17.) Outros nos depara, nos *Serões* (p. 310-11), o proprio dr. CARNEIRO, que, por singular-incongruencia, considerando «não para imitar» essa construcção, quando praticada com o pronome *eu*, de «elegancia» a qualifica nos outros casos. Ora, não ha, nem elle tentou mostrar que houvesse, (e não poderia fazel-o) não ha, digo eu, diversidade grammatical nenhuma desses para aquell'outro. Em todos os casos, seja qual for o sujeito, pronome, ou não, é a mesma interrupção da ordem grammatical pela anacoluthia, variando na sentença o nexo da construcção encetada.

Aos textos que se poderão ver nesses dois grammaticos, aqui juntarei diversos, por mim colhidos nas fontes.

«Cada sacerdote lhe cumpre estudar  
Para boticaio.»

(*Gr. Vic.*, v. I, p. 353.)

«Que quem vive sem ventura  
Em gran tristura,  
Ver prazeres lhe é mais morte.»

(*Id.* II, 358.)

«Vós outros mancebos a quem é meu intento caçar, nenhum pasto vos é mais delcioso quo leteras humanas.» (*BARROS: Dial. da Viçiosa Vergon.*, p. 231.)

«Mas tu, em quem mui certo confiamos  
Achar-se mais verdade, ó rei benigno,  
E aquella certa ajuda em ti esperamos,  
Que teve o perdido Ithaco em Alcino,  
A teu porto seguros navegamos.»

(*CANÕES: Lus.*, II, 82.)

Mas que o *Código Civil* e a *Lei Preliminar* formam duas leis diferentes, embora associadas, ponto é de tal clareza que, na Allogmanha, foram materia a dois decretos independentes. E embora ambos se promulgassem na mesma data (18 de agosto de 1896), o do *Código Civil* teve, na ordem official dos actos imperiaes, precedencia á *Lei Preliminar*, que, desta sorte, a despeito de tal nome, succede, em vez de anteceder, ao *Código Civil*, figurando, apezar das rubricas, antes de supplemento a elle que de introdução.

« Me respondeu com voz pesada e amara,  
Como quem da pergunta *lhe* pesara.»

( *Ib.*, 49.)

« *Eu* que cair não pude neste engano,  
( Que é grande dos amantes a cegueira )  
Encheram-me com grandes abundanças  
O peito de desejos, e esperanças.»

( *Ib.*, 51.)

« Quem valerosas obras exercita,  
L'uvor alheio muito o esperta e incita.»

( *Ib.*, 92.)

« A alma, que está offrecida  
A tudo, nada *lhe* é forte.»

( *Obr.*, ed. crit. de 1874, v. V, p. 871.)

« Quem havia de cuidar  
Que *dama* formosa e bella,  
Saltasse o demonio *nella*.

( *Ib.*, v. VI, p. 22.)

« Quem arde em tamanho fogo  
Tira-*lhe* a virtude a côr  
De subtil e sabedor.»

( *Ib.*, p. 105.)

« Que o mal de que estou doente,  
Sua mais curta mezinha  
He desgosto.»

( *Ib.*, p. 214.)

« Quem tanto vê um só olho *lhe* basta.» ( D. FRANC. MANUEL: *Metaphoras*, p. 11.)

« Vossés *deu-lhes* em crear sangue comigo.» ( *Ib.*, p. 48.)

« Quem dorme *dorme-lhe* a fazenda.» ( *Ib.*, p. 99.)

« Os portuguezes por linhagem *lhes* vem serem cambraias em pontos d'honra.» ( *Ib.*, p. 105.)

« Quem com Deus anda, Deus o ajuda.» ( *Ib.*, p. 121.)

« Vossé metten-se-*lhe* o diabo no corpo.» ( *Ib.*, p. 134.)

« Pedro poz-*lhe* os olhos Christo.» ( VIEIRA: *Serm.*, v. II, p. 352 )

« Quem conhece que tem offendido a Deus, nenhuma coisa o offende.» ( *Ib.*, v. VI, p. 269.)

« Quem viu seus peccados, não *lhe* ficam olhos para ver outra coisa.» ( *Ib.*, p. 270.)

« Oh que grande remedio são aos pés de um Christo, para um homem não se *lê* dar dos juizos dos homens ! » ( *Ib.*, p. 271.)

« A (mulher) de Moro *pareciã-lhe* á sua fidelidade com Deus, crueldade comsigo, e com seus filhos.» ( M. BERNARDES: *Noca Floresta*, v. II, p. 68.)

38.—Já se vê que nada colhe o segundo argumento do illustre philologo, arrimado á comparação, que eu accidentalmente estabelecera, entre as relações da *Lei Preliminar* com o *Codigo Civil* e as do *proemio*, ou *introducção*, com a obra que annuncia, *preambula*, e *explicação*. Na *introducção*, no *prefacio*, no *prologo* de um livro, não ha mais que uma parte a elle addiccional. Dahi o fallar de seu livro o escriptor na *introducção*, como no curso dell' mesmo fallaria, tratando-o por *este livro*. Não o poderia fazer, se o livro e a *introducção* fossem obras diversas, como são duas leis, posto que germanas, se não gemeas, o *Codigo Civil* e a *Lei Preliminar*.

39.—A ultima consideração do meu censor, essa então vem apenas roborar com uma prova mais a minha these de que leis não podem ser redigidas senão por legistas. Affigura-se ao douto professor que a minha emenda «o código civil», não se lhe juntando «pelo menos o adjectivo *brasileiro*», deixaria por decidir, no espirito do leitor, se era desse que se cogitava, ou de algum dos codigos civis estrangeiros, «do português, do francês ou do allemão».

« Porém Carlos prefeito da bibliotheca Alexandrina *parce-lhe* que... » (*Ib.*, p. 91.)

« Mas ainda assim nós, do modo que pôde ser, nem um nem outro logar nos escapou para tirar delle onus. » (*Ib.*, p. 22.)

« Um não lhe faltava industria, mas faltou-lhe fidelidade. » (*Ib.*, p. 251.)

« Quem pois lhe agrada este porte de vida, que o escolha. » (*Ib.*, p. 251.)

« A primeira cousa em que entendo, foi em dar ordem a que *tollas náos e navios* que aviam mister *corregimento, se trabalhasse nelles.* » « E assi estes como os outros que os nossos acharam per as ruas da cidade, todo o seu intento delles era recolher-se a hum monte. » « E os passos per que entram e saem da ilha de Goa, rendiam as suas entradas e saídas dous mil e quinhentos pardãos. » (JOÃO DE BARROS. *Ap. ANT. PER. DE FIGUEIREDO: Espirito da Língua Portuguesa*. Nas *Memorias de Literatura Portuguesa*, tom. III. (1792), p. 187.)

« Eu de hũa parte *parce-me* graça a sua opinião. » (*Eufrosina*, a. IV, sc. 1.)

« Nós, o restante do mundo, é-nos licito não reconhecer. » (CASTILHO: *Collog.*, p. xi.)

« Mulher que toma um filtro, *apagam-sc-lhe* as côres. » (CASTILHO: *Arte de Am.*, v. I, p. 58.)

« O deputado, sem embargo de ir habitar o quarto andar de uma casa lavada de ares e muito desafogada na rua da Precissão, *quiz-lhe parecer* que a atmosphera da capital não cheirava bem. » (C. CASTELLO BRANCO: *A Queda d'um Anjo*, p. 28.)

« A's apalpadellas quanto aos periodos, *eu parece-me...* » (GARRET: *Ap. BARATA, op. cit.*, p. 75.)

Nos proverbios, cujo classicismo é do mais puro, são innumerous os exemplos de tal syntaxe. Taaez, verbi gratia, estes, que nos fornece o velho BLUTEAU:

« A quem » (isto é, *aquelle a quem*) « a quem o demto toma uma vez, sempre *lhe fica* um mez. »

« *Aquelle* a quem Deus quer bem, o vento *lhe opanha* a lenha. »

« *Quem* a porcos ha medo, as moitas *lhe roncã* »

« *Quem* não tem calças em inverno, não *fics delle* teu dinheiro. »

« *Quem* cabritos vende, e cabras não tem, donde *lhe vêm?* »

« *Cão*, que não ladra, *guarda delle.* »

« A mulher e a vinha, o homem *lhe dá* alegria. »

« *Quem* te matar teu pae, não *lhe cries* o filho. »

« O homem ande com tento, e a mulher não *lhetoque* o vento. »

« *Quem* pouco tem, pouco *lhe basta.* »

Soubesse da arte o meu digno mestre, e não exporia a sua alta autoridade a bagatelas deste jaez. Mais pertó da França e de Portugal de nora a Allemanha, e não se arreceiou, empregando cento e setenta e oito vezes, na *Lei Preliminar*, a dicção «o *Codigo Civil*», de que os povos do imperio ficassem a suppor que a referencia tinha em mira o *codigo* português, ou o francês. E' que de tal confusão nunca houve quem se lembrasse, dobaixo do céu. Quando as nossas leis, os nossos julgados, os nossos papeis forenses, os nossos documentos officiaes citam o *codigo do processo criminal*, o *codigo commercial*, o *codigo penal*, é sempre sem o epitheto de *brasileiro*. A allusão, em taes casos, não ha mister de se arrear com a faixa auri-verde, para estar claro que diz respeito aos *codigos* nacionaes. O mesmo passa em todas as nações do mundo, nos varios continentes, sem excepção nenhuma.

Assim que, em summa, logicamente, juridicamente e tradicionalmente, não ha outra maneira legitima de nos exprimirmos na *Lei Preliminar*, a não ser a que apontei: *O Codigo Civil*. As semrazões do proclaro professor CARNEIRO não dizem nem com o exemplo do modelo, nem com a realidade do facto, nem com a jurisprudencia do uso.

### § 2º.

#### (Fôra do substitutivo)

#### « QUE PRECEDE »

40. — Dão principio aqui as palmatoadas cegas do meu velho mestre naquelle «eximio escriptor», que elle ha doze annos afamava. Convocado, com os outros justicadores do meu atrevimento, a defender a relacção do seu projecto contra a do meu *substitutivo*, não lhe soffre a paciencia que, de onde em onde, não salte a pés juntos as raias da sua tarefa, para dar comsigo entre as minhas *notas*, e fazer na minha reputação litteraria uma chacina vingadora.

Neste logar lhe deram na vista estas duas innocentes linhas do meu commento: «Não está, portanto ligada ao colligo a lei preliminar, senão como o proemio, o preambulo, a introducção á obra, *que precede*.» Cae o reparo em haver eu escripto «*que precede*», ó não «*a que precede*».

Ambas as fórmãs são grammaticaes? São-no ambas as duas. Não m'o pu leram negar. O verbo *preceder* tem uma o outra fórmula: a

<sup>1</sup> Dá o professor CARNEIRO (*Gramm. Philos.* p. 210.) como hoje proscriptas, do bom fallar português as expressões pleonasticas *ambos e dois*, *ambos os dois*, *ambos de dois*, «bem que tenham em seu favor a autoridade de CAMÔS, BERNARDIM RIBEIRO, LUCENA e outros escriptores antigos.» CANDIDO DE FIGUEIREDO, ao contrario, classificando-a como «expressão popularissima» e «locução que ouvimos todos os dias; remata, depois de alludir aos classicos, em cujos livros se encontra, dizendo: «Não é preciso mais, para que nunca hesitemos em dizer e escrever *ambos de dois*.»

E' esta é a verdade.

transitiva e a intransitiva. E' pegar de qualquer lexicon, e vel-o. Tanto me seria licito dizer : «A introdução precede *ao* livro», como «A introdução precede *o* livro.» Logo, tão bem me punha eu com a syntaxe, escrevendo «A introdução está ligada á obra, *a* que precede», quanto «A introdução está ligada á obra, *que* precede.»

**41.**— Não é, por conseguinte, a syntaxe que, neste relanço, me exigia a preposição.

Do onde vem, logo, o tel-a o meu censor por «necessaria»? Parece-lhe que, redigindo como eu o fiz, o substantivo *obra* fará de sujeito á oração do verbo *precede*, cujo complemento, pelo contrario, deve ser, na intenção do escriptor.

Bem se diz que, morrendo, e aprendendo. Certamente, para o fazer complemento *indirecto*, preferida a forma intransitiva do verbo *preceder*, moera mister a preposição. Mas, se o verbo *preceder* gosa tambem da outra forma<sup>1</sup> (o isto é inquestionavel), que é o que me inibia de adoptal-a, forrando-me á escusada preposição? Pois o relativo *que*, em construcções como essa, não exerce notoriamente a função grammatical de indicar, no vocabulo a que succede, conforme o sentido da oração, ora o agente, ora o objecto da acção verbal?

Nos classicos antigos não são nada raras essas formas, de obscura e intrincada syntaxe, mas de vernaculidade indubitavel, attenta a dupla tradição, popular e literaria, que as legitima. Bastarão alguns exemplos:

«Começaram assi tambem *ambos de dois*.» (BERNARDIM: *Menin.*, c. 21, p. 170.)

«Lágrimas causadas d'antre contentamento e muita dor,—que de *ambas as duas* soem ellas ás vezes vir.» (*Ib.*, c. 27, p. 200.)

«*D'ambos de dois* a fronte coroadá.» (CAMÕES: *Lus.*, IV, 78.)

«*Ambos de dois* foram vencidos. *Ambos de dois* reciprocamente se amam. Desprezaram-se *ambos de dois*.» (BLUTEAU: *Vocab.*, v. I, p. 328.)

«Morreram *ambos de dois*.» (CAVALL. D'OLIVEIRA, *Cart.*, v. I, p. 330.)

«Rijo o combate entre *ambos os dois* gallos.» (FILINTO, *Obr.*, v. XII, p. 302.)

Mas entre os mestres contemporaneos muita vez tambem se têm usado. Eis alguns especimens:

«O certo é que *ambos os dois* monges, tão amigos.... caminhavam juntos.» (A. HERCUL.: *O Monge de Cist.*, v. I, p. 99.)

«Progenie grega  
Não são *ambos os dois*?»

(CASTILHO: *Past.*, v. II, p. 111.)

«Não quero mais doidice. As mãos *ambos os dois*.»

(CASTIL.: *O Tartufo*, p. 74.)

«Mas porque emulos tambem  
No aviltar-me *ambos os dois*.»

(CASTIL.: *Noite de S. João*, p. 117.)

«Quebradas tives-e eu as pernas *ambas de duas*, quando casei com este moicante.» (C. CASTELLO BRANCO: *Hist. e Sentimentalismo*, p. 173.)

<sup>1</sup> «*Preceder* alguém.» «Certos sinais *precedem* certas cousas.» (BLUTEAU, vol. VI, p. 680.) «Que *precedido* vae por debaixo cannas.» (GARRET: *Canções*, VII, 5.) «Uma nota que *precede* a carta.» (CAMILLO, ap. AULETE.) «*Precediam* a carruagem real.» «*Preceder* alguém.» (AULETE.)

A voz transitiva é, até, segundo todos os lexicographos, a primordial e preponderante nesse verbo. Ver MORAES, D. VIEIRA, AULETE, FIGUEIREDO, vº *preceder*.

Tomemos, por elucidar o caso, esta phrase: «Cada um se acompanha com o socio, *que* prefere.» Então, neste periodo, não representa o *que* o complemento objectivo da ultima oração? Quem prefere, é o socio? Ou o socio é que é o preferido? Componhamos est'outra: «O artista pôs por obra a concepção, *que* elegeu.» E' a concepção que elege? Não: quem elegeu, foi o artista. Logo, o *que* não faz, nesses casos, as vezes do sujeito: fal-as de complemento.

Vamos, em reforço de prova, a um livro classico. Abramol-o á sorte. E' o volume das *Metamorphoses*, tiradas em linguagem por CASTILHO. Saen-nos o prologo, na pag. xxvi: «Por isto quero eu mal áquelle honrado velho, A. RIBEIRO DOS SANTOS, que tanto se deixou cegar da amizade, *que* lhe professava.»<sup>1</sup> Este ultimo *que*, admittido o criterio do meu antagonista, seria o agente na sentença final. A amizade é que professaria não se sabe o que, em vez de ser ella, como queria o autor, a professada por ANTONIO RIBEIRO. Temos, na pagina immediata, outra phrase, que nos cae ao lanço: «E' possivel que naquelle mesmo prologo, *que* tão suavemente escrevia, ... dissesse, perante o mundo, as mais flagrantes injurias contra Ovidio!» Quem é que tão suavemente escrevia? O prologo? De ver está que não. O prologo era o escripto. O relativo, portanto, não servia, na oração, de sujeito: servia-lhe de complemento directo.

No trecho criticado, por egual, absurdo fôra imaginar que o livro *preceda* a introdução. E', por conseguinte, manifestissimo o sentido. A introdução *precede* o livro. O pronome, pois, está desempenhando alli o officio de complemento, não o de sujeito. E, se, para esse effeito, não se lhe fazia mister, grammaticalmente, a *preposição*, tão pouco a demandava a clareza do pensamento, cuja transparencia, naquelle trecho, é absoluta.

O meu venerando professor, já se vê, deixara-se transportar em imaginação aos tempos, em que me tinha sentado ás classes do Gymnasio Bahiano, e se propoz experimentar, numa especie de sabbatina, a memoria do estudante quanto aos rudimentos iniciaes do seu curso. Mas o estudante envelheceu estudando, e tem direito a não ver humilhada hoje a madureza dos seus annos com essas ni-harias de arguição escolar.

### § 3º.

#### Art. 4º.

«SÓ PÔDE»

4.º.—«A versão por mim alvitrada», commentei aqui eu, «evita o *só pô*, tão malsoante e, contudo, tão reiterado no projecto.» Nada

<sup>1</sup> A. F. DE CASTILHO: *As Metamorphoses de Ovidio*. Tom. I. Lisboa, 1841.

mais. E isso entre varias observações de uma extensa nota, com respeito a não menos de tres pontos, em que philologica e juridicamente, contradictei o projecto. De ver é, portanto, que não, fiz daquelle reparo, alli incidentalmente inserido, grande cabedal.

Não agradou ao eminente professor a minha apostilla. E não são de quem estivesse de bom humor os termos, em que m'a repulsa. «Porque *levar tão longe a finura do ouvido*, quando a lição dos melhores exemplares de nossa lingua nos está a trazer continuo essa combinação de sons, por *vezes inevitavel!*»

Ora, antes de mais nada, se essa dissonancia fosse *inevitavel*, eu não a teria notado. Quando *inevitaveis*, as peiores cacophonias se toleram. Fez-se o ouvido a ellas: habituou-se; já não as sente. Não logrou o melodioso LAMARTINE evitar o *la mer de Sorrente*. Nem com elle se enxovalhou a sua Graziela. Tão pouco faz escandalo a ouvidos francezes *la mer d'Irlande*; ou *la mer d'Islande*. Ali a lei da necessidade obriga as exigencias da euphonia á condição fatal de transigir. Mas escrever «*le dernier chant du child-Harold*», isso podia não ter escripto o mais harmonioso dos poetas francezes; e a critica não lh'o releva, como não releva a ROUSSEAU, o poeta, o «*la vierge non encor née*». Não houvesse meio, pois, de atalhar alli o *só pôde*, e eu não lhe teria objectado. Esquivando-o, porém, no meu substitutivo, bem demonstrei que era facil de esquivar.

433.— Demonstrou por ventura o contrario o meu douto mestre? Não. Com allegar dois excerptos de LATINO COELHO, «o grande mestre», cuidou que tudo estava dito. Mas nem tudo nos grandes mestres é de imitar. Mestre dos mestres, primeiro de todos elles é CAMÕES, e não se escoima, a tal respeito, de falhas memoraveis. Foi elle quem, nos *Lusiadas*, escreveu: «*formosissima Maria*» (III, 102); «*extrema melia*» (IV, 49); «*humillima miseria*» (IV, 59); «*le fama amigos*» (V, 95); «*ao Gama monda*» (VIII, 77); «*com novo*» (II, 64); «*com nações*» (III, 18); «*nunca gosta*» (V, 6); «*busca guerra*» (VIII, 92). Não fillo no *alma minha*, que antes de ser peccado seu, um cento de vezes repetido, tinha fóros de expressão corrente entre os poetas lusitanos, como nos attestam repetidas vezes as obras de GIL VICENTE. (Vol. I, pags. 104 e 179. Vol. III, pags. 110 e 224.)<sup>1</sup> Nos demais escriptos de CAMÕES se nos offerecem, a cada passo, um «*com naia*» (*Obras*, v. I, p. 22), um «*por razão*» (*ib.*, 28), um «*com nova*» (II, 118), um «*busca a casta*» (*ib.*, 119), um «*com nuvens*» (III, 13), um «*santissima Maria*» (*ib.*, 31) um «*formosissima Maria*» (*ib.*, 48), um «*beatifica gosando*» (*ib.*, 51), um «*co' o curso*» (*ib.*, 88), um «*chamma amorosa*» (*ib.*, 112), um «*com nosso*» (*ib.*, 155), um «*com Natercia*» (*ib.*, 156), um «*fica*

<sup>1</sup> *Obras de GIL VICENTE*. Ed. de BARRETO FEIO e MONTEIRO, Hamburgo, 1834.

agora» (V, 99), um «por rigorosa» (*ib.*, 142), um «descobre a touca a garganta» (*ib.*, 173), um «fracta guerra» (*ib.*, 219); um «fica a casa» (VI, 31), um «nunca cá» (*ib.*, 191), um «com novas». (*Ib.*, 207.)

Os outros mestres não lhe ficaram aquem.

FERREIRA perpetrou: «cá ganhastes» (*Obras*, ed. de 1865, v. I, p. 98), «por riqueza» (*ib.*, 128), «se m' amas» (*ib.*, 177), «com mais victorias de triumpho dignas» (*ib.*, 179), «cá agora» (*ib.*, 269), «qu'a quem» (*ib.*, 214), «que os qu'os viam» (*ib.*, 221) «um quem agua acha» (*ib.*, 231), «ou ave voce». (*Ib.*, 273.)

VIEIRA escreveu: «confirma mais» (*Serm.*, v. V, p. 51); «affirma a mesma» e «sua mesma melancolia» (*ib.*, 60); «alma muda» (*ib.*, 79); «com nenhum» (*ib.*, 81); «cá costum» (*ib.*, 87); «por remate» (*ib.*, 88); «alma minha» (*ib.*, 64); «toma meia» (*ib.*, 208); «por rodas de navalhas» (*ib.*, 287); «ficou não só» (*ib.*, 299); «com nova» (*ib.*, 303); «nunca dolla» (v. VI, 251); «por rei» (*ib.*, 307); «chama mandamentos» (*ib.*, 313); «com novidade» (*ib.*, 361); «com novos» (*ib.*, 368). Deixo de mencionar outros, por ainda mais asperos, como os que se lhe encontrarão no tomo V, p. 52, 303 e 304.

FILINTO, com ser dos menos antigos, ainda resvalou a dissonancias amidadadas, muitas dellas atrozés ao ouvido: «ficou como» (*Obr.*, v. I, p. 94); «com nobreza» (*ib.*, 254); «com nome» (*ib.*, 297); «castissima Maria» (*ib.*, p. 18); «alma a monarchia» (*ib.*, 24); «alma melhor» (V, 110); «emboca a gaita» (*ib.*, 165); «Africa guerreira» (VI, p. 4); «nem bafo deita» (*ib.*, 323); «por roubal-o» (XI, 11); «com nova» (XII, 42); «com nossos». (*Ib.*, 154.)

Ainda em nossa época, de audição tão afinala, escriptores como ALEXANDRE HERCULANO, incommensuravelmente superior a LATINO COELHO, não se mostram estremes desse declise. No *Eurico*, por exemplo, encontrareis «antiga Gallia» (p. 4), «poeta tornou» (p. 19), «já tão» (p. 26), e na *Historia da Inquisição* (v. I, p. 17), «fraquissima ameaça».

Que muito, pois, que tambem LATINO COELHO tal qual vez se descuidasse?

Estou que, nem por ser de LATINO COELHO, será das mais bem soantes a locução «nunca pode», desto «limado e elegante» exemplar vernaculo.<sup>1</sup>

E', ou não, desaprasivel e rude a conjunção das syllabas naquelle *só póde*? Não há negal-o. Arguem-me de nimidade neste reparo. Redarguirei, extranhando a orelhas taes o que tem de grosseira, se não de amoucada, a sua sensibilidade. O encontro dessas duas syllabas duras, ambas accentuadas numa vogal secca e aspera como o *ó* forte, gera um composto infenso e odioso á boa audição. *Só pó* estruge como o popocar de um foguete em meio á phrase.

<sup>1</sup> LATINO COELHO: *Luiz de Camões*, p. 149.

44. — Fosse elle, entretanto, inevitavel, e não haveria que lho dizer. Mas é quasi sempre facilimo de obviar, mediante succedaneos cabaes. Como descuido, perdoavel nos escriptos mais ou menos passageiros de um autor que não conte com a posteridade, seria menos desculpavel na obra longeva de uma codificação. E desde que os podemos fugir, não ha como relevar esses abusos do feio, apenas admissivel quando utilizado, como segredo d'arte, para obter onomatopaeicamente reproduções imitativas do malsoante, do lugubre, do pavoroso, do horrendo. Oçam, por exemplo, na *Carne* de JULIO RIBEIRO, « *o tutucar dos atabaques* ». Não ha maravilha maior de onomatopoeia. Longe, pois, de ser, uma nodoa é um toque magistral do escriptor. Nessas quatro palavras ulula, ao concerto dos instrumentos selvagens, a musica do captiveiro negro. E' o noturno batucar da melopéa africana entre as palhoças, nas tristes senzalas da escravaria.

Desses rasgos, em que se assignala a mestria dos privilegiados no escrever, têm o segredo os que sabem a lingua, e recoberam da natureza o dom artistico do ouvido, não menos necessario aos prosadores que aos poetas. Só os que o não possuem, ou a não sabem, não se sentirão azojados com o rebentar daquelle *só pôde*, que ostribilha mais de com vezes por toda a extensão do projecto, como se fora o seu *leid-motiv*, e lhe rabeia, e lhe estoira por entre os artigos, desastradamente, como bichas da China atiradas por um gracejo de máu gosto em salão de boa sociedade. Eu não condemno em absoluto a expressão. Uma ou outra vez se lho relevaria o defeito, e bem pôde ser que nem se advertisse. Mas essa extranha reiteração azôa, importuna, enoja, e só não revoltaria aos que, pela semi-surdez litteraria, caminhassem, nas coisas do escrever, para a completa hypocophose.

45. — Se acaso no meu substitutivo para ahi escorreguei tambem, é emendarem-m'o. Outra coisa não peço. Mas onde o teria eu feito? O professor CARNEIRO, que disse me accusa, enumera estes dois exemplos: « Mas *só poderá* demandar... » (Art. 1.497.) « *Só poderá* subsistir o contracto... » (Art. 822.)

Esses, tão sómente.

Ahi, porém, falta á exactidão, ou erra a prosodia o meu honrado mestre. Como é que elle pronuncia então essas phrases? Carrogando no o de *podará*? Seria crível que um mestre de lingua portuguesa dissesse *póderá*? Não pôde ser.

No futuro do verbo *poder* o o se pronuncia como no infinitivo. Diz-se *puderá*, como se diz *puder*.<sup>1</sup> Não ha, portanto, a collisão entre os dois *ós* fortes, cujo choque determina a cacophonia. « *Só puderá* » não é «*só pôde*». Nada tem que sôe mal a successão

<sup>1</sup> JOÃO DE DEUS: *Diccion. prosódico*, ed. de 1895.

do *u* ao *ó*, nem a articulação do *só* ao *pá* occasiona attentado á euphonia, ridiculo, ou torpeza, que a leve ao rol dos cacophatons.

Mas, não contente de commetter essa inexactão contra as normas da boa prosodia, para me encambulhar á cacophonomania do projecto, dá um passo adeante á critica do substitutivo, no intento de mostrar que eu, nesse achaque, sobreexcedi aos que accusara. Elles alastraram de *só podes* o codigo civil. Eu a essa additei outra «messe», para me servir do termo em que se exprime o magistral censor. E querem sabor como? Escrevendo muitas vezes *se pôde*.

Mas onde, neste outro dizer, a mazella inculcada? Onde?

Entreve-se que a malicia desses censores pretende metter no encontro syllabico do *se pode* o phonema de um *sipó*. Quando assim fosse, não ha neste vocabulo nem o indecente, nem o ridiculo, nem sequer o desagradavel das cacophonias.

Não é verdade, porém, que as duas primeiras syllabas de *se pôde* componham a entidade prosodica de *sipó*. O ouvido vernaculo não confunde o soar do accusativo *se* com o do dativo *si*. No *se*, flexão do accusativo no pronome pessoal, bem como no *se* conjuncção, a pronuncia portugueza não é a do *i*, mas a do *e* grave, como na primeira de *pedi* ou na ultima de *ame*.<sup>1</sup> E é por isso que o CAMÕES pode metrificiar elidindo essa vogal:

«S' a dor que manifesta e mostra a gente.»<sup>2</sup>

Quem não disser *pidi* e *âmi*, não dirá *si pôde*, e, conseqüentemente, em *se pode* não descobrirá *sipó*.

465.— Demais, aqui a expressão, que aliás nenhuma dissonancia encorra, é necessaria, é inevitavel, é insubstituivel. Todos os dias, nos casos mais comeseinhos e nos mais graves da vida, a uma noticia, a uma explicação, a uma theoria, a um absurdo, a uma difficuldade, a um problema, a um obsequio, a uma proposta, a uma aspiração, a um requerimento, a um pedido, a uma exigencia, a uma imposição, a uma tyrania, a uma calumnia, a um ultraje, a uma provocação, a um ameaço, a um porigo, a um dissabor, a um damno, a uma falta, a um crime, a um serviço, a uma agonía, a uma vergonha, a um triumpho, a infinitas outras opportunidades, nos acode, espontaneo e irreprimivel, um: «Não *se pode* crer.» «Não *se pode* admittir.» «Não *se pode* adoptar.» «Não *se pode* commentar.» «Não *se pode* transpor.» «Não *se pode* acceitar.» «Não *se pode* annuir.» «Não *se pode* transigir.» «Não *se pode* reconhecer.» «Não *se pode* deferir.» «Não *se pôde* attender.» «Não *se pôde* condescender.» «Não *se pode* subscrever.» «Não *se pode* obedecer.» «Não *se pode*

<sup>1</sup> JOÃO DE DEUS, *op. cit.*, p. vii e 312.

<sup>2</sup> CAMÕES: Eleg. XXV: *Obr.*, v. III, p. 92. A mesma elisão temos frequentemente nos versos de A. FERREIRA. V. as suas *Obr. compl.*, ed. bras. de 1865, v. II, p. 24, 27, 60, 70, 94, 95, 99, 104, 129, 155, 179, 225, 247.

cumprir.» «*Não se pode tolerar.*» «*Não se pode soffrer.*» «*Não se pode obrigar.*» «*Não se pode temer.*» «*Não se pode evitar.*» «*Não se pode occultar.*» «*Não se pode resarcir.*» «*Não se pode relevar.*» «*Não se pode indultar.*» «*Não se pode esquecer.*» «*Não se pode alliviar.*» «*Não se pode apagar.*» «*Não se pode escurecer.*»

E como suppririamos, a querer abolil-o, o *não se pôde* em cada uma dessas negativas, ainda indefinidamente multiplicaveis? Com a fôrma pessoal *não podemos*? Com a expressão *não é licito*? Com as locuções *não ha que, não ha como, ou não é possível*? Claro está que não. Nenhuma tem, com aquella brevidade, a mesma expressão, a mesma firmeza, o mesmo alcance e, na maioria dos casos, applicabilidade equal.

47.— A cada passo a enunciação do pensamento nos assume esse geito. *Não se pode, mal se pode, bem se pode, muito se pode, pouco se pode, nada se pode, raro se pode, tudo se pode, logo se pode, já se pode, nunca se pode, hoje se pode, inda se pode, quando se pode, se se pode* são locuções portuguezas, tão indispensavelmente essenciaes á boa linguagem, quanto absolutamente irreprehensíveis ante a mais requintada euphonia. Nunca houve quem lhes desentranhasse o *sipó*, que agora esta critica de occasião deu em lhes enxertar. E os ouvidos mais rusticos discernem facilmente do *i*, que se accentua em *si*, o *e* quasi mudo, levemente vocalizado em *se*.

48.— No uso juridico então ainda mais defendido está pela necessidade esse feitto grammatical. Estudando a redacção do codigo civil francês, o autor da mais notavel monographia sobre o assumpto, para lhe mostrar a origem das obscuridades, e chegar a certas regras geraes quanto á linguagem nessa especie de leis, apura que, naquelle monumento legislativo, as disposições cuja intelligencia a menos litigios e difficuldades reaes têm dado ensejo, vêm a ser as que se enunciam sob a forma prohibitiva *não pode, ninguém pode, ou não se pode*. Dessas conta elle 162, entre as quaes o *não se pode* sobreesae nos arts. 6, 147, 626, 678, 744, 791, 893, 912, 1.119, 1.130, § 2º, 1.600, 1.780, 1.811, 1.828, 1.894, 2.015, 2.230, 2.236 e 2.240. E dahi acaba por inferir que essas tres maneiras de vasar os textos prohibitivos, no phrasear de um codigo civil, constituem «*verdadeira formula de redacção, brevo, singela, flexivel*», que a outras quasquer se ha-de preferir.<sup>1</sup>

49.— Agora as minhas testemunhas. Com sós duas phrases de LATINO COELHO suppoz o meu insigne mestre haver absolvido triumphalmente da nota desfavoravel o dissono *só pode*. Pois veremos

<sup>1</sup> GUSTAVE ROUSSET: *Des formules de rédaction des lois civiles*. Na *Rev. Critiq. de Legislat. et Jurisprud.* 1891. Tom. XX, p. 353-367 e 423-456.

agora como o *se pode* nunca offendeu o ouvido a ninguem, desde que o português é português até hoje.

« Mas vê bem o que te pedo  
Se *se pôde* conceder.»

( GIL VICENTE, *Obras*, I, 369.)

« Não *se pôde* hi al fazer.»

( *Ib.*, II, 462.)

« E não sei conjecturar  
Como *se pôde* assentar.»

( *Ibid.*, 516.)

« Polas palavras que elle responde *se pôde* conjecturar o que elle diz.»

( *Ib.*, III, 14.)

« Tambem as creaturas que não participam dos sentidos, nem da razão, *se podem* maldizer.»

( AMADOR ARRAIZ: *Dialógos*, p. 45.)<sup>1</sup>

« O reino, onde muitas sortes de homens e muitas casas particulares estão, como sentidas e feridas, não *se pôde* ter por seguro de enfermar.»

(*Ib.*, p. 362.)

« Mas porque *se podem* offerecer comtudo algumas, em que seja forçoso negar.»

(VIEIRA: *Serm.*, II, p. 57.)

Outrosim: *Sermões*, II, p. 150, 218, 231, e *Obras Ineditas*, 122, 128.

« De balde e sem fruto é o feitio que se faz por muitas mãos, quando por uma *sò se pode* fazer.»

( FR. LUIZ DE SOUSA: *Annaes*, p. 164.)<sup>2</sup>

« Não *se pode* passar em silencio.»

(*Ib.*, p. 266.)

« Não *se pode* deixar de observar.»

(CAVALLEIRO DE OLIVEIRA: *Cart.*, I, 226.)<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Ed. Rollandiana, de 1846. Lisboa.

<sup>2</sup> *Annaes de Elrei Dom João Terceiro*, publicados por ALEX. HERCULANO. Lisboa, 1844.

<sup>3</sup> FRANCISCO XAVIER DE OLIVEIRA: *Cartas*. Ed. de Lisboa, 1835.

Outrosim: *Ib.*, p. 235, 237. Vol. II, p. 468. Vol. III, p. 329 (duas vezes) e 330 (tambem duas vezes).

« Não menos das filhas *se podem* fazer criadas, do que *se podem* as criadas fazer de filhas. »

(D. FRANCISCO MANUEL: *Cart.*, p. 88.) <sup>1</sup>

« Bem sabe elle quo em semelhantes questões *se pode* contar com os nossos votos. »

(GARRET: *Obr.*, v. XXIII, p. 89.) <sup>2</sup>

Outrosim: p. 98, 152, 319 e 435.

« Mas, sem crime, *se pode* assentar. »

(A. HERCUL.: *Eur.*, p. 79.)

« Se tal nome *se pode* applicar. »

(A. HERC.: *O Bôbo*, p. 3.)

« Sobre a origem da fabula de Ourique não *se podem* produzir factos decisivos. »

(A. HERCUL.: *Solemnia Verba*, p. 57.) <sup>3</sup>

« ... pelas quaos *se possam* avaliar os diplomas antigos. »

(A. HERCUL.: *Observaç. Diplom.*, p. 3.) <sup>4</sup>

« São das mais graves que *se podem* fazer a homens honrados. »

(A. HERCUL.: *Casam. Civil*, p. 6.) <sup>5</sup>

« Todos os casamentos *se podem* fazer por aquellas palavras. »

(*Ib.*, p. 27.)

« Não *se pôde* conceber. »

(LATINO: *Vasco*, I, p. 99.) <sup>6</sup>

« Nada *se pôde* figurar. »

(LATINO: *Camões*, p. 72.) <sup>7</sup>

<sup>1</sup> D. FRANC. MANUEL DE MELLO: *Carta de Guia de Casados*. Ed. de C. CASTELLO BRANCO. Porto, 1873.

<sup>2</sup> Ed. de Lisboa, 1871.

<sup>3</sup> Lisboa, 1850.

<sup>4</sup> *Observações diplomaticas sobre o falso documento da appareição de Ourique*. Lisboa, 1850.

<sup>5</sup> *Estudos sobre o casamento civil*. Lisboa, 1866.

<sup>6</sup> LATINO COELHO: *Vasco da Gama*. Lisboa.

<sup>7</sup> LATINO COELHO: *Luz de Camões*. Lisboa.

« Não se pôde contestar. »

(*Ib.*, 101.)

« Não se pôde dizer. »

(CASTILHO : *Fastos*, I, p. 211.) <sup>1</sup>

« ... do quo em taes horas... se padeco, se pôde, se faz. »

(*Ib.*, p. 278.)

« E aqui se pôde ver. »

(CASTILHO : *Tartufo*, p. 66.)

Outrosim : *Fastos*, I, p. 270, 280, 319 ; *Amores* <sup>2</sup>, II, 31 ; *Metamorphoses*, prolog., p. XXIV, 293, 298.

« E' que se pôde responder. »

(CAMILLO : *A Queda*, p. 99.) <sup>3</sup>

« Não se pô le calcular. »

(CAMILLO : *Camões*, p. 63.) <sup>4</sup>

« Não se pôde ser perfeito. »

(CAMILLO. : *Maria Moysés*, I, 35.) <sup>5</sup>

Como não é da pureza vernacula que se trata, senão da euphonia no escrever, podemos ir bater á porta dos estylistas mais recentes: dos RAMALHOS e EÇAS. E' o primeiro quem escreveu :

« Não se pôde levar mais longe o effeito do claro escuro. »

(RAMALHO : *A Hollanda*, p. 55.) <sup>6</sup>

Analogos exemplos, a pags. 82, 152, 313, 356.

Não são menos frequentes no segundo :

« Mesmo em Lisboa, não se pôde chamar ao que eu fenho uma collecção. »

(*Os Maias*, I, 207.) <sup>7</sup>

E, como este : *Maias*, vol. I, p. 263, e II, 364 ; *Ramires*, p. 140, 234, 313 <sup>8</sup> ; *Fradique*, p. 115, 142, 240. <sup>9</sup>

<sup>1</sup> ANTONIO F. DE CASTILHO: *Os Fastos de Ovidio*. Lisboa, 1862.

<sup>2</sup> CASTILHO ANTONIO: *Os Amores de Ovidio*. Rio de Janeiro, 1853.

<sup>3</sup> C. CASTELLO BRANCO: *A Queda d'um Anjo*. Ed. de 1887. Lisboa.

<sup>4</sup> C. CASTELLO BRANCO: *Luiz de Camões*. Porto, 1880.

<sup>5</sup> C. CASTELLO BRANCO: *Maria Moysés (Novellas do Minho)*. Lisboa, 1876.

<sup>6</sup> Porto, 1885.

<sup>7</sup> EÇA DE QUEIROZ: *Os Maias*. Porto, 1888.

<sup>8</sup> *A illustre casa de Ramires*. Porto, 1900.

<sup>9</sup> *A correspondencia de Fradique Mendcs*. Porto, 1900.

Tambem o nosso JULIO RIBEIRO não se expressava diversamente:

« O algodoeiro não se pôde comparar com o de Sorocaba.»

( *A Carne*, p. 110 ) <sup>1</sup>

MACHADO DE ASSIS, verdadeiro mestre osse, assim na elegancia, como na vernaculidade, não se desdenha de fallar ao mesmo grito :

« Ainda hoje ( creio eu ) se podem ver no bairro de S. Christovam.»

( *Braz Cubas*, p. 238. ) <sup>2</sup>

« Fallava, como se pôde suppor, lentamente.»

( *Ibid.* )

Ainda na poesia, onde a correccão desse autor pede meças aos mais esmerados de ultramar, nos depara elle, sem desaire do metro :

« Vê se podes funlir meu triste coração.»

( *Foesias*, p. 99. ) <sup>3</sup>

« Mal se pode já suster.»

( *Ib.*, p. 210. )

❧.—Não cumularia bem esta braçada com algumas flores do meu illustre mestre ? Elle não m'as negaceará. Temo-las aos racimos na sua *Grammatica Portuguesa*. Em sós duas paginas sobejariam, para lhe enastrar uma grinalda:

« Ha muitas preposições seguidas de complementos, que não se podem reduzir a adverbios.»

( *Op. cit.*, p. 340. )

« Não se podem resolver em adverbios.»

( *Ib.*, 341. )

« Ha demais muitos vocabulos, que se podem decompor.»

( *Ibidem.* )

« Não se podem por sua vez reduzir a uma preposição.»

( *Ibid.* )

«... toda a palavra que se pode exprimir por uma preposição...»

( *Ibid.* )

<sup>1</sup> Ed. de S. Paulo, 1902.

<sup>2</sup> *Memorias posthumas de Braz Cubas*, 3ª ed.

<sup>3</sup> *Poesias Completas*, 1901.

## § 4º

## A rt. Sº (Lei Preliminar)

« REGE O REGIMEN »

## PLEONASMOS

31.— Prescreve esse artigo, no projecto, que «a lei nacional da pessoa *rege o regimen* dos bens no casamento». A esse dizer puz simplesmente esta ligeira nota: «Não é tão indigente a nossa lingua», e, emendando no substitutivo, diligenciei melhorar a expressão.

Toma, porém, a voz por ella o dr. CARNEIRO RIBEIRO, ponderando-me que «essas redundancias *nem sempre se devem lançar á conta de indigencia da parte dos que fallam, ou escrevem*», e fazendo-se forte com seis exemplos de CICERO, TERENCIO, PLAUTO, FERNÃO LOPES, DUARTE NUNES e A. HERCULANO: *Vivere vitam. Amari amorem tuum. Servitutem servire. Guerra guerrcada. Peleja pelejada. Pelejar-se-ão pelejas.*

Bem estaria ao illustre philologo não se esquecer dessas noções, onde cabiam, a saber, ao proposito do art. 605, ante o qual as põe de lado erronea e iniquamente, por vingar em mim as taras da sua prole adoptiva. Mas por ventura disse eu coisa, que o autorizasse a me julgar baldo em idéas tão elementares? Onde affirmei que o pleonasma denuncie *sempre* indigencia do escriptor, ou do idloma?

Mas é por partes que devemos ir.

32.— Dos exemplos do meu sabio mestre ha um, que está errado. Labora em equivoco a sua autoridade, ao incluir no rol dos pleonasmos a *guerra guerrcada* de FERNÃO LOPES.

Conheço de trato bem antigo o FERNÃO LOPES, «o primeiro», diz A. HERCULANO, «que, na moderna Europa, dignamente escreveu a historia». Não me foi, pois, novidade a sua *guerra guerrcada*. O trecho allegado pelo meu orudito censor sem indicação do logar é na *Chronica de el-rei D. João I*, 2ª parte, cap. 30, que se nos offeroce. Bem vê que lhe sei os recantos. A este exemplo seria facil additar muiços outros. Mas já o adduzido pelo meu contradictor bastava, para lhe evidenciar o engano. Pelo fazer mais claro, porém, lhe addicionei novos excerptos do grande chronista :

«Era melhor que, naquelle tempo que ficava deste anno, ordenasse pelas fronteiras *guerra guerrcada*»

(*Chron. de D. João I*, 2ª par., c. 28.)

«Poer-se em boa ordenança, assim em *guerra guerrcada* como em batalha.»

(*Ib.*, c. 35.)

« El-rei de Aragão, com todo seu poder, estava disposto para pelejar com el-rei de Castella, cá (porque) «via» que por guerra guerreada não podia egualar com elle. »

(FERNÃO LOPES: *Chron. d'el-rei D. Pedro I*, c. 32.)

Recordemos que a citação do professor bahiano reza:

« Se poeria batalha aos inimigos, ou usaria de guerra guerreada. »

Bem se está a ver, pois, que em guerra guerreada não havia então pleonasma. A guerra guerreada contrapusha-se á peleja, á batalha. Os a quem fallociam meios de pôr batalha, ou entrar em peleja, isto é, de sair a campo, ou pôr o campo, como então se dizia; buscavam na guerra guerreada o desforço, ou a defesa. E' o que bem claro se faz neste lanço de DUARTE NUNES, *Crônica del-rei D. João o I*, c. 55:

« El roy de Portugal... propoz se viria a batalha em campo, ou usaria da guerra (como elles então chamavam) guerreada. »

Não era, portanto, uma locução pleonastica, mas uma phrase technica da linguagem militar. Mais tarde se veio a dizer, com o mesmo sentido, guerra de guerrilhas.

Não invento, desumindo o que está manifesto nos textos citados. Mas, a haver quem entre em duvida, abra o dictionario de MORAES, o de FREI DOMINGOS VIEIRA, ou o de AULETE. No primeiro se lhe deparará:

« Guerra guerreada: guerra que se faz por entradas, correrias, choques, sem batalha campal e ordenada. »

No segundo se reproduz essa definição. No terceiro se diz:

« Guerra guerreada (ant.): guerra por escaramuças, investidas ou combates parciaes, sem batalha campal. »

33.—Rectificado esse cochilo nos quinaus do mestre, peço venia, ainda, para lhe advertir que, dos outros exemplos, tambem se não pôde tachar de pleonasma o *amavi amorem tuum*. Aqui o orro é ainda peor.

Pena é não exarasse o mestre a phrase inteira, qual a escreveu CICERO, nem indicasse de onde, nas obras deste, a extrahiu. Mas não me custou muito achar-lhe o sitio, e recompola. E' das cartas *Ad Familiares*, IX, 16, e reza assim: « Delectarunt me tuæ literæ: in quibus primum amavi amorem tuum, qui te ad scribendum incitavit. »<sup>1</sup> O que vem a dizer: « Deleitaram-me tuas

<sup>1</sup> M. TULLII CICERONIS: *Opera*. Ed. de Veneza (1772), vol. VII, p. 521.

letras, nas quaes sobretudo *apreciei o amor que me tens*, e te moveu a escrever-m'as.» <sup>1</sup> Ou, vertendo á letra unicamente as palavras indicadas pelo mestre: «Amei o teu amor.»

Onde ahí a redundancia, que havia de constituir o pleonasm? E' o pleonasm, segundo QUINTILIANO, a *supervacua oratio*, ou a *abundans supra necessitatem oratio*. <sup>2</sup> SOCIPATER, illustre antecessor do meu eminente mestre, definindo quasi nos mesmos termos o *pleonasmus*, «sententia verbo plus quam necesse abundans», accrescenta: «velut Sic ore locuta est, cum sufficeret dici, sic locuta est.» Ou, em vulgar: «Dá-se o pleonasm nas sentenças redundantes como esta: Assim com a bocca fallou; pois bastava dizer: Fallou assim.» <sup>3</sup> Se o grande epistolographo latino houvesse escripto: Amei-te com amor, ou com o meu amor te amei, soria pleonastica a expressão; visto como no *amei-te* já estaria a idéa do amor, que este substantivo inutilmente vinha repetir. Mas, escrevendo *Amei o teu amor*, isto é, *O teu amor me foi grato*, *No teu amor me deleitei*, o *amei* exprime a impressão do quem faz a carta e o *teu amor* a acção do quem a recebe. São dois affectos diversos, residindo em duas pessoas distinctas: o do amor, *que me tens*, e o do apreço, *em que eu tenho* esse amor. Duas idéas, portanto, correspondendo a dois factos inconfundiveis, a primeira das quaes, o *teu amor*, se exprime com o *amorem tuum*, e a segunda, o meu apreço desse amor, com o *amavi*. Não ha, pois, duplicação verbal no *amrem tuum* após o *amavi*.

§4.—Deploro ver-me obrigado a dissertar de coisas tão elementares. Minha não é, porém, a culpa, senão do meu egregio mestre, cuja lição no assumpto me recorda a daquello sujeito nas *Epanaphorás* de d. FRANCISCO MANUEL: «Por razão de certo verso, que parecia ocioso naquelle breve poema, discorreu, ensinando-me o que era pleonasm.» <sup>1</sup> Os discipulos de bons mestres aprenderam, certo, a veneral-os, mas por igual a lhes raciocinar sobre as lições. Os logares communs acerca do pleonasm não me escandalizariam. Mas o erro pratico na applicação do nome á coisa, não o podia eu subscrever, subscrevendo o desacerto, com que me pretendiam corrigir.

§5.—Vejamos agora o *vivere vitam*. Cabe aqui melhor a doutrina do mestre? Nada menos. Deste exemplo tambem apenas indica

<sup>1</sup> «I was delighted with your affection for me.» Assim o trasladam na grande edição critica de TYRRELL E PURSER: *The correspondence of M. Tull. Cicero*, v. IV (Dublin, 1891), p. 311.

<sup>2</sup> «Et in eundem alio libro, *Abiit, accessit, erupit, evasit*; hoc Cœcilio pleonasmos videtur, id est *abundans super necessitatem oratio*: sicut illa: *Vili oculis ante ipse meos*; in illo enim *vili* inest *ipse*; verum id, ut alio quoque loco dixi, quam *supervacua*: oneratur adjectione, vitium est.» QUINTILIANO: *Inst.*, IX, 3.

<sup>3</sup> SOCIPATER CHARISIUS: *Institutionum Grammaticar. lib. quinque. Grammaticæ Latine Auctores Antiqui*. Hanoviae, 1605. Pg. 242.

<sup>4</sup> *Epanaph.* 2, p. 240.

o autor. E' de PLAUTO. Qual das suas obras, porém, lh'o forneceu? Tive de ir eu mesmo dar-lhe, a não pouco esforço, com o paradeiro, no *Persa* 3, 1, 18; e quem alli o fôr buscar, verificará que a citação veio a lume decotada em excesso. Reslitua-se na sua inteireza original, e tambem este pleonasmô se foi. «*Modice et modeste melius est vitam vivere*», é o que rôza o texto latino. Como se dissessemos: «O melhor é viver vida meã o modesta.»

Ora na locução *viver vida modesta*, a característica do pleonasmô desaparecê; visto como o qualificativo de *modesta* adiciona ao verbo, cujo complemento cognato compõe com o nome *vida*, uma noção, que no mêmso verbo se não continha. E' o que optimamente nos ensina o professor CARNEIRO, nos seus *Serões Grammaticaes*.<sup>1</sup> Semelhantemente escreveu TERCENCIO: «*Ego vitam duram quam vixi usque adhuc.... omitto.*»<sup>2</sup>

O caso é parecido ao de outra epistola ciceroneana, que remata assim: «*Cura ut valeas, et meque ames amore tuo illo singulari.*»<sup>3</sup> Pedê a TREBONIO o orador romano que o ame com aquelle affecto, que elle TREBONIO sabe, com aquelle affecto, de que elle tem o segredo, com aquelle affecto que lhe é peculiar. Onde a redundancia? Havel-a-ia em *meque ames amore*; mas no «*meque ames amore tuo illo singulari*» não ha.

36.— Na mesma categoria cae o exemplo de ALEX. HERCULANO: «*Pelear-se-hão pelears como de gladiadores.*» Vede bem. Não diz: «*Pelear-se-ão pelears*»; o que seria incorrer em pleonasmô, renovando no substantivo a idéa já expressa no verbo. O que diz, é que se pelearão «*pelears como de gladiadores*», accrescentando á idéa geral de *peleja* uma restrictiva, que a circumscreve ás *pelejas de gladiadores*. Explica-se, define-se, completa-se, não se retrilha o pensamento do verbo. Bem longe, pois, estamos do pleonasmô.<sup>4</sup>

Tão pouco me parece cabivel semelhante nota no excerpto de DUARTE NUNES: «*A peleja começou, e foi muito travada e peléjada.*» Evidentemente a synonymia estabelecida entre *peléjada* o *travada* faz daquelle adjectivo um novo traço de pincel, um toque de relevo e de vida no quadro da *peleja*. Sob o prestigio desse epitheto vigoroso a imagem cresce do papel, colorida, animada, pinturesca, imponente. Não esqueça o dr. CARNEIRO a lição do mestre QUINTILIANO: «*Quando a redundancia é vã, será defeito; mas, se alguma coisa accrescenta ao pensamento, é bella, como aqui, onde cada palavra tem a sua expressão: Eu mesmo vi com os meus olhos.*» Não atino por que se havia notar de *pleonasmô* esta sentença. A ser

<sup>1</sup> Bahia, 1820. Pg. 320.

<sup>2</sup> *Adelph.*, V, 4, 5. PLAUTO no *Miles Gloriosus*, II, 1, v. 95: «*Nam ego haud diu apud hunc servitutem servio.*»

<sup>3</sup> *Ad Familiares*, XV, 20.

<sup>4</sup> Aliás «*bellum bellare*» escreveu Tiro LIVIO, VIII, 33.

assim, qualquer duplicação ou repetição teria o nome de pleonasmos. »

37.—Do sorte que só nos resta o *servitutum servire*. No tocante à sua proveniência, tão somente se nos revela o nome de PLAUTO. Foi achar o topico nos *Cáptivos*, 2, 3, 31. A phrase latina réza deste modo : « *Mò hic valere et servitutum servire huic homini optimo.* » Temos aqui realmente um pleonasmos na sua caracterização mais directa. O complemento objectivo outra coisa ahi não é que a substancia da acção verbal, reiterada cruamente no substantivo, sem a menor qualificação que o modifique. Mas neste caso a intenção litteraria do escriptor, deixou-a elle assás accentuada. Trata-se de uma creatura que se rendé á excellencia do outra ; e, para traduzir o extremo da submissão, com que se lhe vota, carrega-se a mão na phrase, juntando a *servire* o *servitutum*. Como se dissora : *servil-cativamente.*

Dessas redundancias intencionaes, quasi sempre ditadas pelo intuito de colorir ou avigorar um sentimento, um pensamento, um movimento, ha vestigios tão remotos quanto os primeiros monumentos das letras humanas. Fallando em *aves de penna*, mais não fazia o padre VIEIRA<sup>3</sup> que tirar em portuguez o *volatilia pennata* de DAVID.<sup>4</sup> Haverá quem não sinta, nas mais remotas scenas da Biblia, a energia do *morte morieris* no primeiro mandamento do SENHOR ao homem recém-creado?<sup>5</sup>

Nos autos de GIL VICENTE pullulam essas expressões ora de inspiração litteraria, ora de mero sainete popular : « Dor dolorosa. » (*Obras*, I, 314.) « Remo meu remo. » (*Ib.*, 316.) « Sei mui certo sabido. » (*Ib.*, 328.) « Tão enganados enganos. » (II, 54.) « Sou fidalgo afidalgado. » (III, 116.) « Gosar o goso. » (III, 111.) « Triste tristura. » (III, 232.) « Todo inteiro. » (*Ib.*, 289.) « Prazer alegre. » (*Ib.*, 337.) « Sorreticio engano. » (*Ib.*, 390.)

Poderia folhear qualquer outro classico. Folhearci de todos aquelle, onde mais exuberava a riqueza da nossa linguagem : o padre VIEIRA. E' a cada passo : « Legitimo direito. » (*Serm.*, I, 325.) « Universal para todos, Universal de todos. » (*Obras Inedit.*, 161. *Serm.*, I, 337 ; VI, 45. *Cart.*, II, 98.) « Segurança segura. » (*Serm.*, vol. I, 352.) « Ignorante ignorancia. » (*Ib.*, 166.) « Subir para cima. » (*Ib.*, 362.)

<sup>1</sup> *Instit.*, IX, 3 : « Quum supervacua oneratur adjectione, vitium est: quum auget manifestam sententiam, sicut hic, *virtus*: Vidi, ipse, ante oculos, totidem sunt affectus. Cur tamen hæc proprie nomine tali notavit non video; nam et geminatio, et repetitio, et qualiscumque adjectio, pleonasmos videri potest. »

<sup>2</sup> Essa *geminatio* reitera PLAUTO no *Miles Gloriosus*, II, 1, v. 95 : « Nam ego haud diu apud hunc *servitutum servio.* »

<sup>3</sup> *Sermões*, v. I. (Ed. de 1854), pg. 240.

<sup>4</sup> *Psalm.* LXXVII, 27.

<sup>5</sup> *Genesis*, II, 17 : « In quocumque enim die comederis ex eo, *morte morieris.* »

V, 253.) «Novidade nova.» (*Ib.*, v. II, 194.) «*Sempre ha perpetua noite.*» (*Ib.*, 205.) «Obedientissima obediencia.» (*Ib.*, 259.) «Sair o demonio fóra.» (*Ib.*, 347.) «So repetê duas vezes.» (*Ib.*, 381.) «Cegueira mais cega.» (*Ib.*, 347.) «Vagares de tempo.» (*Ib.*, v. III, 163.) «Forte força.» (*Ib.*, 192.) «Recolheu-se para dentro.» (*Ib.*, 192; V, 48; VI, 11.) «Que assombro de maravilha.» (*Ib.*, v. III, 197.) «Instante de tempo.» (*Ib.*, 251.) «Momento de tempo.» (*Cartas*, v. IV, 132.) «Ver com os olhos.» (*Serm.*, v. III, 308; v. IV, 24; v. V, 38, 134. *Cartas*, v. II, 69.) «Amargura tão amarga.» (*Serm.*, v. III, 372.) «Descer para baixo.» (*Ib.*; v. V, 183, 253.) «Gloria gloriosa.» (*Ib.*, v. VI, 105.)<sup>1</sup>

**38.**—Já vê o meu respeitavel mestre que me não assustam, nem me repugnam de todo os pleonasmos. Mas porque os bons autores os perpêtraram á larga, obedecendo ao tino do seu genio, á inspiração do seu gosto, ao conselho da sua experiencia, concluiremos que á sombra desses se legitimem todos os pleonasmos? que os não haja ridículos, enxacocos, desasados, indefensaveis?

No vulgo desses não estará o que mareia o projecto no art. 8º da *Lei Preliminar*? Quer-me parecer que sim. Justificou-o o professor CARNEIRO? Não. Poz-lhe ao lado os que suppoz ter descoberto em CÍCERO, em PLAUTO, em TERENCIO, em FERNÃO LOPES, em A. HERCULANO. Isso, porém, não basta. Mil recursos literarios ha, de que só os bons escriptores sabem fazer uso acertado.

«A lei nacional», diz-se no projecto, «regêra o regimen dos bens.» Qual a *necessidade*, a que essa redacção corréponde? Nenhuma. Qual a *intenção*, que a ditou? Nenhuma. Qual a *vantagem*, com que beneficia o texto, em clareza, elegancia, ou energia? Nenhuma. Logo, não tem logar: deve sumir-se.

§ 5º

Art. 105

TAUTOLOGIA

**39.**—Pretende o dr. CARNEIRO haver eu escripto esta coisa: «Haverá *simulação* nos actos, quando as partes os tiverem *simulado*.»

Se tal baboseira me saisse advertidamente da penna, devia o meu illustre mestre, por caridade para commigo e as letras patrias, exigir a minha aposentadoria literaria, com inscripção entre os invalidos incuraveis da arte de escrever.

<sup>1</sup> São de FILINTO: *uso usado* (*Obras*, v. I, p. 228) e *prosissimas prosas*. (*Ib.* v. V, p. 249.) CAMÕES disse: «*A vista o vê.*» (*Ode VI. Obr.* v. II, p. 105.) «*Paiz foras*», escreveu TERENCIO (*Phorm.*, V, 1, 20), «*foras quempiam excludere*» (*Eun.*, I, 2, 18), «*extrudere foras*» (*ib.*, V, 5, 11); «*evomere forasque projicere*», *Cicero* (2. *Catil.*, 1); «*mulierem excludam foras*», (*PLAUTO, Miles Gloriosus*, VI, 1.)

Felizmente a assacadilha outra coisa não é que um recurso de mau jogo, uma chança de mau gosto.

Postos lado a lado o art. 105 e a minha emenda, ficará de manifesto o que se deu.

*Projecto :*

*Substitutivo :*

« Art. 105. Haverá simulação nos actos entre vivos :

« Art. 105.

« I. Absoluta, quando as partes os tiverem celebrado sem intenção de realizar o acto apparente, ou qualquer outro.

« II. Relativa, quando as partes os tiverem disfarçado, na intenção de realizar outro acto de diversa natureza.»

« II. Relativa, quando as partes os tiverem simulado, para encobrir acto diverso.»

O membro capital do periodo, que o iniquo censor articulou ao n. II, isto é, a sentença onde se diz que «Haverá simulação nos actos entre vivos», está nas palavras preambulares do artigo. Este depois se forqueia em tres paragraphos, sendo que dentre elles no segundo é que se achava a palavra *disfarçado*, cuja alteração me pareceu conveniente. Rejeitando-a, pois, substitui-a pelo vocabulo «*simulado*», sem dar tento a que a oração, onde ficara, tinha de encontrar com aquella onde se encontra a definição legal de *simulação*.

Aqui entra pelos olhos o lapso da attenção, o resvalo da penna, a que deu logar a bifurcação do periodo. Todo o juiz de mediana consciencia reconheceria para logo no facto um descuido, tanto mais natural quanto esse immenso trabalho de fundir novo projecto, e apostillar em mais de quinhentas notas o antigo, occupando, no *Diario do Congresso*, 196 paginas in-folio, com 392 columnas, se encetou e concluiu, por obra exclusiva de um homem, em menos de quarenta dias.

Essa justiça vulgar, porém, não me soube fazer o meu velho mestre. Tambem lh'o não tenho a mal. A musa da grammatica não conhece entranhas.

## § 6º

### Art. 107

#### COLLOCAÇÃO DE PRONOMES

**GO.**—Não é revide a mim esta nota do professor CARNEIRO, se não resposta d'elle a si proprio.

Estava o artigo redigido assim :

« Se a simulação for absoluta, sem que tenha havido intenção de prejudicar a terceiros, ou de violar disposição de lei, e for assim

provado a requerimento de algum dos contrahentes,—*se julgará o acto inexistente.* »

A essa construcção oppuz eu esta lição categorica do professor CARNEIRO:

« NÃO SE COMEÇA PHRASE ALGUMA em portuguez pelas variações pronominaes obliquas *me, te, se, lhe, lhes, nos, vos, o, a, os as* <sup>1</sup>. »

Acareada assim com o texto parlamentar a regra philologica, a illação era irresistivel. Em «*se julgará o acto inexistente* » so me antolhava uma phrase principiada por uma das variações pronominaes obliquas enumeradas pelo dr. CARNEIRO nesse topico do seu tratado. Logo, estava errada a phrase.

Porque? Porque eu devia de suppor certo o canon formulado pelo mestre.

Acodo, porém, elle agora a dizer que a grammatica da commissão é que é correcta.

Logo, a regra do mestre estava errada.

Numa ou noutra alternativa, não foi a mim que elle sentenceou: sentenceou-se a si mesmo: *De ore tua te jud'co* <sup>2</sup>.

Onde eu teria claudicado então, na hypothese de estar a razão com a grammatica actual do professor CARNEIRO, contra a anterior grammatica desse mesmo professor CARNEIRO, seria em haver posto nimia confiança no meu director grammatical. Suppunha haver-me fiado num grammatico, e de uma ventoinha é que eu fizera confiança. Ainda mal.

**31.**—Estou a ver, enfim, que as suas idéas, neste assumpto, continuam em evolução. Em 1831, quando estampou a sua *Grammatica Portuguesa Philosophica*, não tinha o eminente professor rumo nenhum quanto ás regras de inserção dos pronomes na phrase. Nove annos depois, época em que deu a prelo os *Serões Grammaticaes*, com o subtítulo de *Nova Grammatica Portuguesa*, parecia traçada em definitiva a sua carta de marear entre esses escolhos do nosso idioma. Expungira o seu escrever das nodoas que, nesta materia, o inquietavam, e uma serie de regras precisas indicava aos es-

<sup>1</sup> *Serões Grammaticaes*, p. 339. E de accordo com esta norma, qualifica de *brasilcismos* (*Serões Gramm.*, p. 355), as expressões *me parece, me perdoe, me deixe*.

Ora o erro que ahi se aponta, se erro é, não será peculiar ao Brasil. CASTILHO ANTONIO, escreveu:

« Este simile da fisica, tão sabido de toda a gente, explica, *me parece*, com assaz de propriedade, o como... » (*Fausto*, p. xv.)

« Faz-me tudo isto  
Confusão tal, que sinto, *me parece*,  
Galgas de azenha a andar-me no miolo. »

(*Ib.*, p. 135.)

Ver adiante, nota ao n. 65, neste mesmo §.

<sup>2</sup> LUCAS, XIX, 159.

tudiosos da vernaculidade a maneira de o seguirem. Doze annos mais tarde, porém, entra o legislador a repudiar a sua segunda legislação, e a promulgar terceira. Muda assim de clave segunda vez. Durar-nos-á mais tempo a sua ultima versão da verdade?

**62.**—Mas não antecipemos. Neste particular teremos ao deante oportunidade melhor de lhe estudar as variações.

Basta por agora relevar um ponto. Confessa o dr. CARNEIRO ser «a construcção mais commum» a, por mim preconizada. Em que soja «a única verdadeira» é que elle não concede.

E porque? Porque, em RODRIGUES LOBO, VIEIRA, BERNARDES e FERNÃO MENDES-PINTO catou cinco exemplos favoraveis á variante do projecto.

Nesse caso, porém, é levar o alvião ao seu regimento grammatical dos pronomes; visto como, dos preceitos que estabelece, não haverá tres, que resistam a semelhante prova, tres contra os quaes se não pudesse fazer alardo mais numeroso de textos autorizados. E' o que, ha muito, demonstrou, posto nem sempre com justiça, e criterio, BAPTISTA CAETANO.

**63.**—Aliás, dessas normas grammaticaes, uma das mais seguras vem a ser a renégada hoje pelo dr. CARNEIRO; a tal ponto que, depois de longas pesquisas com respeito ao assumpto, nestes termos se resume o sr. JOÃO RIBEIRO:

*«As únicas regras que parecem não exceptuadas são: a que impede de principiar a phrase com a variação pronominal e a que ordena a anteposição com a negativa.»*<sup>2</sup>

BAPTISTA CAETANO, com ser o mais indomito rebelde á tyrania grammatical, o consagrar cento e quinze paginas á demonstração de que as regras sobre o collocar dos pronomes quasi todas claudicam ante o bom senso e o uso classico, apenas exceptua quatro, uma das quaes é essa. Diz elle:

*«NUNCA se deve começar oração por pronome proclítico: «Me parece impossível; o digo com franqueza; te faz mal; ou te fará mal; a' farias assim mesmo?; lhe cabe a vez agora; se tem dito por ahi; vos embarces de balde; me querendo mal; me maltractara sem motivo; me deixaste ou me deixarias assim?; nos tirar o que é nosso é mau; me perdoar a offensa; se passaram muitas coisas; se arranjam por lá; o quizesse Deus! o acharemos em casa.» Destes castilhanismos com effeito não ha exemplo nos classicos.»*

<sup>1</sup> Rascunhos sobre a Grammatica da Lingua Portugueza (Rio de Janeiro, 1831), pg. 7-121.

<sup>2</sup> Estudos Philologicos. Nova ediq. Rio de Jan., 1902. Pg. 230.

<sup>3</sup> Rascunhos, p. 122.

Todos os nossos grammaticos, ainda os mais modernos, reputam fundamental esse canon. JULIO RIBEIRO, por alguns preconizado neste debate como o maior dos nossos, é preemptorio:

« O pronome objecto, o pronome em relação objectiva adverbial e a particula apassivadora SE nunca devem começar a sentença. Seria incorrecto dizer: Me querem lá:—Te vojo sempre.—Nos parece.—Vos offereço.—Lhe digo.—Lhes peço.—Se contam coisas feias.—Se diz que elle vaé. Deve-se dizer: Querem-me lá. Vejo-tê sêmpre, etc.»

Já PACHECO JUNIOR e LAMEIRA DE ANDRADE ensinavam: « Não se deve começar uma oração pelo pronome em relação objectiva (*me parece, te disse, lhe fallei*).»<sup>2</sup> PAULINO DE SOUSA, na sua *Grammaire Portugaise*, §. 62, do mesmo modo estabeleceu que « nunca deve uma phrase começar pelo pronome regimen ». Na grammatica de LAMEIRA DE ANDRADE a prohibição é terminante: « Não se deve começar uma oração ou sentença pelo pronome em relação objectiva, adverbial (*me parece, te disse, lhe fallei*) e nem tambem com a particula apassivadora se (*Sê cõtam coisas horrivois*).»<sup>3</sup> E, por derradeiro, a mais recente de todas, a de JOÃO RIBEIRO, assim se exprime: « Nunca se começa phrase ou membro de phrase com o pronome obliquo: *Me dê, me faça*, etc. São *brasileirismos, que devem ser evitados*.»<sup>4</sup> O veto é, portanto, digamos assim, universal.

64. — Verdade seja que, a muito catar, deu o professor CARNEIRO com cinco gemmas classicas, em que estribou os seus embargos. Mas, se esses raros casos bastassem, para invalidar a regra, não sei se, neste assumpto, haveria preceito, que sobrevivesse a pesquisas aturadas e cuidadosas.

Tomos exemplos. « Uma das regras mais rigorosas da syntaxe », reconhece o BAPTISTA CAETANO, « é a que exige pronome anteposto aos verbos em tôdas as orações do *que* relativo ou conjunctivo. »<sup>5</sup> O professor CARNEIRO está por isso.<sup>6</sup> Pois bem: querem ver quantos lançes da literatura classica o contestam?

Ahi os têm:

« Que essas cans  
Tornaram-se canas vans »

(GIL VICENTE, v. II, p. 162.)

<sup>1</sup> *Grammat. Portug.*, ed. de 1900, p. 255.

<sup>2</sup> *Noções de grammat. portug.* (Rio de Jan., 1837), p. 493.

<sup>3</sup> LAMEIRA DE ANDRADE: *Grammat. da Ling. Portug.* (1894), 619.

<sup>4</sup> *Grammat. Portug. Curso Superior* (Rio, 1901), p. 203.

<sup>5</sup> *Op. cit.*, p. 36.

<sup>6</sup> *Serões*, p. 359.

« De sorte *que* Christo *dêfendeu-se* do diabo com a escriptura.»

(VIEIRA: *Serm.*, v. I, p. 272.)

« De sorte que a principal differença que então houve, e hõje ha, entre Miguel e Lucifer, *é que* Miguel *chama-se* S. Miguel.»

(*Ib.*, v. III, p. 229.)

« O certo *é que* em Lisboa *ouvem-se* os repiques, o no exercito *sentem-se* as feridas e *experimentam-se* as faltas.»

(VIEIRA: *Cart.*, v. II, p. 37.)

« Accrescento *que* *mandou-me* sua alteza fallar.»

(*Ib.*, v. IV, p. 23.)

« Notou S. Paschasio *que* este mesmo rei da nossa parabola, quando se diz *que* fez ás vodas a seu filho, *chama-se* rei homem.»

(VIEIRA: *Serm.*, v. V, p. 314.)

« A bulla de 12 de outubro chegara tão tarde a Lisboa *que*, estando de partida, o tempo *ter-lhe-ia* faltado para a fazer executar.»

(A. HERCUL.: *Hist. da Inquis.*, v. II, p. 294.)

Tambem sempre se acreditou entre os vernaculistas que o *porque* obrigasse á anteposição do pronome. E sempre se teve por tão solida essa lei grammatical, que uma das nossas mais eminentes autoridades, o sr. JOÃO RIBEIRO, na derradeira edição da sua grammatica, se pronuncia nestes termos: «*Só* ha tres regras, em que a anteposição *é* obrigatoria: 1.º Nas negativas. 2.º Nas subordinadas de que e suas variações, qual, cujo, *PORQUE*, *contanto que*... »<sup>1</sup>

Muitos exemplos em contrario se poderão, contudo, achar nas mais altas autoridades. Vel-os ahi:

« *Porque* hoje *pregam-se* palavras e pensamentos.»

(VIEIRA: *Serm.*, v. I, p. 259.)

« *Porque* os vicios *acham-se* tambem nos catholicos.»

(*Ib.*, v. II, 257.)

« *Porque*, se verdadeiramente o foram, *tiveram-nos* sem duvida em suas casas e aldeas.»

(VIEIRA. *Ap. B. CAETANO*, p. 35.)

<sup>1</sup> *Grammat.*, p. 205.

« Nunca poudé saber novas delle, porque, inda que alguns foram onde pousava, encobria-se de feição, que creram que era outro. »

(F. DE MORAES: *Palmeirim*. Ap. B. CAETANO, p. 34.)

« Porque os paços de Larnentor acabaram-se. »

(BERNARDIM: *Men. e Moça*, c. 28.)

« Porque a decisão da maioria que estabeleceu a nova disciplina estribava-se naturalmente nessa distincção. »

(A. HERCULANO: *Casam. Civ. Estudos*, p. 73.)

« Não... que eu escrevi-o, pensando já em ti. »

(CASTILHO: *Colloq.* <sup>1</sup>, p. 232).

Outra. O adverbio *alli*, segundo o dr. CARNEIRO e toda a gente que escreve português, impõe a próclise do pronome.<sup>2</sup> Todavia LATINO COELHO, que elle me oppõe<sup>3</sup> como «timado sempre», lá escreveu nos seus *Elogios Academicos*:

« Dalli encaminhou-se HUMBOLDT á pequena fortaleza. »<sup>1</sup>

E tinha exemplo em autor não menor que M. BERNARDES :

« *Alli* São Pedro teve-se com Malco. » (*N. Floresta*, v. IV, p. 207.)

Mais. Também o *ahi*, segundo o professor CARNEIRO (*Serões*, p. 338), obriga á ant posição do pronome. Entretanto, ALEX. HERCULANO redigiu :

« *D'ahi* a pouco sentiu-se o galopar de um cavallo. »

(*Eurico*, XVII, p. 264.)

« *D'ahi* a pouco a sua voz esganiçada ouvia-se. »

(*O Bôbo*, IV, p. 63.)

Ainda. O *agora*, pela regra do professor CARNEIRO (*loc. cit.*), determina a mesma construcção. Ora não faltam exemplos magistrais em sentido opposto :

« *Agora dá-se* quando está immortal e glorioso. »

(VIEIRA : *Serm.*, v. VI, p. 366.)

<sup>1</sup> *Colloquios Aldeões*. Porto, 1879. O que, neste excerpto, faz de porque.

<sup>2</sup> CARNEIRO: *Serões*, p. 338.

<sup>3</sup> V. supra, nota ao art. 4º (§ 3.º)

<sup>4</sup> *Alexandre de Humboldt* (Lisb., 1876), p. 341.

« Agora dá-se quando está no céu. »

(Ibid.)

« Agora trata-se de outra coisa. »

(A. HERCUL.: *O Monasticon*, tom. II, p. 189.)

Não é tudo. O adverbio *como*, na lição do professor CARNEIRO (*loc. cit.*) tem o mesmo effeito. Sem embargo, A. HERCULANO escreveu :

« Mas como vingar-se ? »

(*O Bôbo*, XI, p. 194.)

Ainda mais. Ao adverbio *assim* attribue o dr. CARNEIRO (*loc. cit.*) a mesma influencia antepositiva em relação ao pronome. Ora não me custou muito achar em contrário autoridades como estas :

« E assim devemos-lhe retorno. »

(M. BERNARDES : *Nova Flor.*, v. II, p. 167.)

« Assim durante muito tempo conservou-se em silencio. »

(A. HERCUL. : *O Bôbo*, IX, p. 156.)

Não acabei. *Aqui e lá* ensina igualmente o dr. CARNEIRO (*ibid.*) exigirem a próclise. Mas da enclise, ao revoz, usaram, com esses adverbios, tres dos maiores classicos portuguezes :

« Lá come-se Deus exposto e descoberto, aqui come-se coberto e encerrado. »

(VIEIRA : *Serm.*, v. V, p. 311.)

« Aqui trabalha-se. »

(CASTILHO : *Camões*, ed. de 1894, p. 213.)

« Aqui S. Antonio teve-se com S. Pedro. »

(BERNARD.: *N. Flor.*, v. IV, p. 207.)

« De os habitos lá se meterem, pôde-se seguir lá tirarem-se. »

(*Ib.*, p. 325.)

Por ultimo, a mesma regra põe o dr. CARNEIRO quanto á acção grammatical do vocabulo *cada* (*Serões*, p. 337), ao passo que ANTONIO DE CASTILHO pensava contrariamente :

« Todavia, cada uma daquellas diversissimas encarnações conhecia-se. »

(*Camões*, p. 195.)

**65.** — Resumamos. A todas as regras, pois, concernentes á inserção dos pronomes obliquos haverá sempre meio de contrapor alguns exemplos autorizados por bons escriptores. D'entre essas regras há tres ou quatro, que passam com fundamento como absolutas. Uma dellas é a que veda abrir jamais phrase, ou membro de phrase, com o pronome regimen. A respeito desta não ha grammatico dissidente. Todos (inclusive o dr. CARNEIRO no seu tratado grammatical) a qualificam de inviolavel. Foi em nome della que consurei a redacção do art. 107. A essa mesma, porém, sem confessar que se estava emendando a si mesmo, quando me vinha emendar, oppõe agora o professor CARNEIRO meia duzia de trechos classicos. Eu poderia additar-lhe a colheita com varios outros. *Quid inde*, porém? Seguir-se-á que esse canon seja falso? Não. Nenhum existe, na syntaxe, inclusive até os mesmos que estabelecem a concordancia inevitavel do verbo com o sujeito, a que não contradigam, na literatura dos mestres da lingua, anomalias, mais ou menos raras, mais ou menos frequentes, devidas umas a incorrecções de officina, outras a negligencias dos proprios escriptores. E' sem duvida, contudo, que essas leis nem por isso se combalem, quando bem assentos na tradição geral do idioma e formuladas segundo as boas normas scientificas da indução extensivas á linguagem humana.

Vae ainda uma prova. Deixe-se um momento o synclitismo pronominal, para a elle volver logo depois. Não ha verdade mais absoluta em nosso idioma que a estabelecida como inabalavel em rela-

<sup>1</sup> Aqui têm :

« Este é um caso (*me parece*) dos em que se deve advertir. »

(M. BERNARDES : *Nova Flor.*, II, p. 7.)

« Sendo este illustrissimo varão convertido e baptizado pelo papa São Alexandre, *lhe* perguntou o tribuno Quirino. »

(*Ib.*, p. 89.)

« Tu irmão (*the disse*) não te turbes pelo que viste. »

(*Ib.*, p. 129.)

« E ditas estas palavras, se tornou ao estado natural. »

(*Ib.*, p. 130.)

« Antes que vós me afogueis, *tos* afogo. »

(*Ib.*, p. 211.)

« Informado o emperador, mais da nobreza que da virtude do pregador, *lhe offercecu*. »

(*Ib.*, p. 215.)

« Estando neste conflicto, *lhe* appareceu o mesmo anjo. »

(*Ib.*, p. 201.)

« O que feito se fez á vela. »

(Goes : *D. Emmanuel*, fol. 94.)

Outros exemplos semelhantes em BERNARDIM, *Menina e Moça*, 59, 107, 163, 161.

ção ao pronome *se* na voz media passiva. Exercendo ahí aquella particula a funcção de apassiva: o verbo, força é leval-o ao plural, quando neste se ache o sujeito. Deste assumpto discorreu o professor CARNEIRO eruditamente cerca de vinte paginas no seu primeiro tratado grammatical, esteiando em considerações luminosas a conclusão de que ao presente, ninguem discrepa <sup>1</sup>, e que elle substancia nesta nota, realmente decisiva: «*Em nenhum caso se encontram em bons escriptores antigos ou modernos exemplos, como os seguintes: Nomeou-se commissões; vendeu-se muitas flores.*» <sup>2</sup>

Só um, de feito, creio eu, se havia sacado á luz contra aquella these: o de JOÃO DE BARROS, que, na *Decada* III, escreveu: «*Nas terras novamente descobertas primeiro se nota polos marceantes que as descobrem os perigos do mar.*» Delle, porém, se descarta o professor CARNEIRO, e cuido que com razão, lançando-o á conta das negligencias de typographia.

Mas as minhas leituras me foram deparando muitos outros. Ahí os têm:

«*Nom he razom que se tenha ceumes.*»

(D. DINIZ: *Leal Conselheiro* <sup>3</sup>, p. 253.)

«*De quem tão grandes cousas se esperava.*»

(CAMÕES: *Elog.* X. *Obr.*, v. III, p. 46.)

«*Por quem o mar e a terra se governa;*»

(CAMÕES: *Egl.* I. *Obr.*, v. IV, p. 8.)

«*E já quo são tão incertos*

*Teus ditos para se crer.*»

(CAMÕES: *Auto dos Amphitr.*, v. III, s. 2.

*Obr.*, v. VI, p. 134.)

«*Para que se veja os poderes que tinha no peito de Christo.*»

(VIEIRA: *Serm.*, v. IV, p. 167.)

«*So nessa terra se permittisse alguns destes falsos evangelistas, ajuntariam muitos discipulos.*»

(FR. LUIZ DE SOUSA: *Vida do Arceob.* <sup>4</sup>, II, c. 7.)

«*Era necessario ter-se primeiro alguns cumprimentos com o capitão d'El-Róy de Bisnagá.*»

(COUTO: *Dec.* IV, l. I, c. 2.) <sup>5</sup>

<sup>1</sup> *Gramm. port. philos.*, p. 181 e seg.

<sup>2</sup> *Ibid.*, p. 182.

<sup>3</sup> Ed. de ROQUETE, Paris, 1842.

<sup>4</sup> Ed. de Braga, 1890. V. I, p. 224.

<sup>5</sup> Ed. de Lisboa, 1778: V. I, p. 11.

« Ao compasso de uma mão se junta muitos côros.»

(VIEIRA: *Obr. Ined.*, p. 143.)

« Ver como olla para atrair emprega. o de quem mais se namora os sentidos.»

(CASTILHO: *Felicidade pela Instrução* <sup>1</sup>, p. 14.)

Ahi estão, pois, não menos de nove exemplos, que, com o de BARROS, sommam dez. E' cópia maior que a dos allegados pelo dr. CARNEIRO em defesa da relação dada ao projecto neste artigo. <sup>2</sup> E ainda outros se encontrarão adiante, nesta replica, em o n. 279.

Concluem os seus exemplos? Então concluem igualmente os meus, e vae ficar desde hoje promulgada aos solecistas a franquia, em cuja posse os turbavam, de annunciar: *Aluga-se cavallos, vende-se casas.*

§ 7º

Art. 9º (Lei Preliminar)

PATRIA,

NACIONALIDADE

66. — Do art. 8º da *Lei Preliminar* saltara o dr. CARNEIRO ao art. 105 do cod. civil. Occupou-se em seguida com o art. 107. Agora de outro salto regressa á *Lei Preliminar*, em cujo art. 9º se vao deter.

Estranha desordem a destas idas e venidas, a destes avanços e recuadas, que mal se saberiam explicar, não figurando alguma transposição de originaes ou provas na imprensa. Tenho experiencia do que são typographias; porque nellas e com ellas hei vivido. Conheço-lhes as baldas, os logros, as surpresas; e por isso a ninguem recusaria o beneficio dessa escusa, ainda, como neste caso, antes que m'a offereçam.

Mas, isso de parte, a Deus graças que, já neste artigo, me dá o dr. CARNEIRO a vez primeira o gosto de achar-me bem avisado, adherindo á rodacção por mim proposta, que antepõe á outra, allias favorocida, ao mesmo passo, com os fóros do «correcta».

§ 8º

Art. 10

ECOS EM ãO

67.—Lança-me aqui em rosto o emerito professor que, apesar de hostile ás assonancias, não me livro de cair «no mesmo viciô»

<sup>1</sup> Lisboa, 1851. Note-se que esse voluminho finaliza com uma errata minuciosa, e, todavia, ahi não se contempla esse erro.

<sup>2</sup> Ver outros exemplos, do mesmo erro, neste meu trabalho, adiante, parte I, § 75.

de harmonia» por mim arguido aos redactores do código. Fosse exacto o reparo, e o de que devia tratar o distincto professor, era de fazer á minha redacção o que eu áquella fizera: emendal-a. A seu juízo, porém, o que importa ao bem do código civil e ao credito das nossas letras, é vindicar as desharmonias do projecto, dando commigo tambem na philharmonica da zanguizarra.

Vejamos se o logrou.

68.—Ninguem, estando em si, podia attribuir-me a volleidade insensata de banir da lingua portuguesá as desinencias em *ão*. Entre os redactores do código civil não vejo a quem coubessê endoreçarmos a petição do CAVALLEIRO DE OLIVEIRA a certo orthographista de grandes arrojós: «Cuide muito no remedio que ha de dar para extinguir os vocabulos portugueses em *ão*, como *ingratidão, traição, cavilacão, negação, opposição, destruição* e outros semelhantes, que se praticam com grosseria, com fealdade e com descredito da graça, da autoridade e da fineza da nossa lingua.» Tão longe não ha-de pôr a mira quem não houver perdido o juizo; nem me parece que tamaiho mal venha desses vocabulos, quando por tal arte empregados, que evitem retumbancias malsoantes. Contento-me, pois, naquillo que me corre por casa, em fugir ao descredito, á fealdade e á grosseria, de que fallava o velho portuguez.

Sempre se teve esse genero de ecos pelos mais desairosos á harmonia do escrever. Ha mais de seculo e meio que ANTONIO DE MELLO DA FONSECA os levava á chalaça no seu *Antidoto da Lingua Portuguesa*, e entre nós, durante o ultimo quartel da monarchia, certo deputado lhes deveu risivel celebridade.

MELLO DA FONSECA exemplificava essas diabruras do *ão* na prosa nacional em um relanço typico: «O nosso capitão, fulano Galvão, encontrou um Rumeção, e dando-lhe um encontrão, o botou logo no chão; e os seus, vendo cahido o seu capitão, fugiram para a povoação.»

Lendo em voz alta o trecho, quem quer que o faça intelligentemente, no mesmo ponto advertirá em que as pausas naturaes da voz o dividem assim:

O nosso capitão  
fulano Galvão  
encontrou um Rumeção,  
e, dando-lhe um empurrão,  
o botou logo no chão;  
e os seus,  
vendo cahido o seu capitão  
fugiram para a povoação.

Vae por ahi aos trambolhões o metro; mas o ritmo é bem sensível, e as marteladas periodicas do *ão* fazem daquillo mau verso, verso que se desbocou do freio, mas verso froyejantemente rimado no tropel do seu chouto.

Já se está, pois, a ver que o em que se faz reparo, não é no uso de palavras terminadas nesse final, mas na sua distribuição em rima através da prosa. Aqui bate o ponto.

Nem a outra coisa deu jámais alguém o nome de *assonancia*, ou *éco*.

Eco, osereve AUGUSTO FREIRE, <sup>1</sup> «é a concorrencia proxima de syllabas fortes rimando, ou produzindo consonancias». Exemplifica: «Posta a proposição á votação, foi approvada por aclamação.» <sup>2</sup> «E' conveniente evitar o éco e as palayras homophonas», diz FRANCISCO BARATA, «por darem a lembrar prosa rimada.» <sup>3</sup>

Não tem a mesma clareza a definição, que nos dá o professor CARNEIRO desse achaque da linguagem, classificando-o como «o concurso dos mesmos sons». Certo é, porém, que o incluo entre os vícios da linguagem <sup>4</sup>, e, nas amostras que expõe, assás o caracteriza. Ellas: «Coração são de paixões. De longe venho porque tenho empenho de te ver. Clemente sente constantemente dores de dente.»

Não pôde, logó, haver duvida que, se a redacção do projecto do código civil tivesse precedido á dos *Serões* do illustre philologo, com aquelles exemplos emparelharia, no seu tratado, o artigo 200 do trabalho parlamentar agora por elle defendido, onde se manda transcrever na escriptura antenupcial

«o instrumento do consentimento do casamento integralmente.»

Dir-se-ia terem sido lançados ao papel sob a mesma inspiração musical esse trecho e o mais interessante dos exemplos reunidos no livro do professor bahiano:

«Clemente sente constantemente dores de dente.»

Pena é que por esse artigo varasse calado o mou eminente mestre, em vez de utilizar a oportunidade, para abjurar as suas lições grammaticaes de 1890, como faz nó tocante á mazella, ainda mais feia, das consonancias em *ão*.

Exemplificara-as, de feito, o dr. CARNEIRO, nos seus *Serões*, com este passo de um escriptor obscuro, tomado ao opusculo de FRANCISCO BARATA: «Lançar habilidosamente mão, entre um sem nu-

<sup>1</sup> *Grammat. portugueza* (S. Paulo, 1894), p. 416.

<sup>2</sup> *Estudos da lingua portugueza* (Lisboa, 1872), p. 50.

<sup>3</sup> *Serões Grammaticaes*, p. 346.

<sup>4</sup> *Ib.*, 348-9.

mero de *razões* que resolvam a *condenação*, da que com o auxílio de uma *interpretação* vem a favorecer o réo, e o faz merecedor de *perdão*, talento é superior e sempre digno de *condenação*.»

Eis a fealdade apresentada pelo grammatico aos seus alumnos, por que a não imitem, ficando certos de que, até em poesia, o éco apenas «é tolerado», mas, ainda assim, «quando empregado com gosto.»<sup>1</sup>

Discipulo costumado a acatar o meu velho mestre, devia eu delle prometter-me nota optima pela diligencia com que, observando-lhe o dictame, expurguei do projecto os écos em *ão*. Engano. A menção honrosa, que lucrei, foi ver o mestre carregar-me o sobreceño, absolvendo o projecto da tacha, que lhe impunham os *Serões*, amarrando-me ao peloirinho dos rimadores de prosa em *ão*, e expondo os manes de LATINO COELHO á profanação lamentavel de hobrearem, na apologia do projecto, com os heroes de JOÃO ROSADO DE VILLALOBOS e ANTONIO DE MELLO DA FONSECA.

Pois não lhe dou as mãos. A outras a palmatoada. Realmente o caso era de perguntar ao mestre se, quando, nos seus escriptos, estatuiu leis grammaticaes, foi para induzir em erro os que as observassem, e ter então o gaudio singular de os esmagar, esmagando-se a si mesmo.

69.— Pegue-se do projecto, que se discute, num dos artigos onde typicamente se desenvolve a versejadura da prosa rimada em *ão*, e á primeira vista logo se reconhecerá que parecem do feitio do mesmo JOÃO ROSADO DE VILLALOBOS, cujo excerpto o dr. CARNEIRO, no seu livro, encommenda á memoria de seus alumnos como exemplo do vicio reprovado.

Eis o art. 179 :

« Não importa interrupção  
da prescrição  
a citação  
nulla por vicio de forma  
por circumducção  
ou por perempção  
da instancia ou da acção. »

E o art. 1.678 :

« E' valida a disposição  
para a criação  
de uma fundação... »

Collocado como ali está o *ão* no phraseado, coincide, pelo rithmo natural da phrase, com os pont.s onde a voz se accentua, e em cada um delles faz rima.

<sup>1</sup> Dr. CARNEIRO : *Ibid.*, p. 349.

Dar-se-á ao mesmo com os topicos de VIEIRA O LATINO, COELHO trazidos para exculpar os redactores do projecto? Nada menos.

Vêdo, como se decompõe, no dizer, o primeiro delles :

« Não ha velha,  
tão carregada de annos,  
nem velho  
de tão podres membros,  
que não tenham  
coração são.»

Nenhum dos *nãos* e dos *tãos* consoa abi com os seus antecedentes ou subsequentes; porque todos se encorporam no começo ou no meio das sentenças, ou dos membros de sentenças, a que pertencem.

Resta apenas «o coração são». Este sim. E quem poderia absolvel-o, viesse de que escriptor viesse? Ahi não ha só o eco, isto é, a rima entre as vogaes terminaes, nas pausas do discurso, mas ainda a reiteração da mesma consoante no começo das duas syllabas successivas, produzindo um effeito risivel, um *ção são* : «coração são.»

Mas quem não sabe que o ouvido classico era mui pouco sensivel a essas desharmonias? Não ha dissonancia, em materia de cacophonias, que se não pudesse autorizar com antecedencias de CAMÕES, VIEIRA, FR. LUIZ DE SOUSA, FERREIRA e os demais exemplares do nosso escrever. As provas deste asserto são taes e tão repugnantes ao ouvido hodierno, que seria impossivel transcrevel-as; porque muitas e muitissimas *bravent l'honnêteté* com uma simplicidade pasmosa.

FERREIRA poetou :

« Com que a morte de longe m'ameaçava »<sup>1</sup>,

tendo a cachimonia de assignalar elle mesmo a sinalopha, de que presentemente recuariam os menos cuidadosos versejadores.

Com a mesma facilidade nas elisões opera elle noutro soneto seu esta belleza :

« Já qu'o desejo a mais se não estende »<sup>2</sup>

E ainda noutro logar soneteia assim :

« Dos louros immortaes que cá ganhastes.»<sup>3</sup>

FR. LUIZ DE SOUSA escrevia : nunca dellas (Vida do Arceb. I, I, 10); com nome (I, I, 26); por rei (I, I, 18); por rainha (I, I, c. 19); por roinos (I, II, 3); nunca gastou. (L, II, 7.)

Não percebeu CAMÕES que desafinava, escrevendo : com novo (Lusiadas, II, 64); por roubar-lhe (II, 80); com nações (III, 18); por

<sup>1</sup> Sonetos, I, II, 7.

<sup>2</sup> Son., I, I, 33.

<sup>3</sup> Son., I, II, 23.

rei (III, 86, 94, IV, 2), nunca com (III, 100); formosissima Maria (III, 102); por ruas (IV, 5); com nós (V, 69); por rostos. (VI, 93).

Em VIEIRA, abrindo ao acaso, encontro logo: por raro (*Obr. Inedit.*, p. 132); estima mais (*ib.*, 174); com novas (*ib.*, 180); por regra. (*Serm.*, v. I, p. 262.)

Pois ouvidos tão duros ás asperezas da *cacophonia* podiam lá sentir as inharmonias muito menos graves do *eco*?

70.—Mas isso ainda não é o melhor do caso. Onde está o seu sal, é numa dessas circumstancias, com que o acaso de vez em quando confunde os que se desviam do caminho recto, para o dos estratagemas e sophismas. Verificou-se, pouco ha, que no topico de VIEIRA apenas havia um *eco*: o que resoa nas duas palavras contiguas *coração são*. O mestre, como se viu, estranha-me a presumpção de querer avantajjar-me em ouvido ao grande pregador, a quem aquillo «*não soou tão desagradavelmente*». Dest'arte se conforma elle ali, sem reservas, com a audição complacente do padre VIEIRA.

Ora, na mais nova das suas grammaticas, ensinando os seus alumnos a se absterem do *eco*, elegeu o dr. CARNEIRO, já o vimos, para os illustrar, alguns exemplos typicos desse defeito. Pois bem: o primeiro delles é justamente a locução agora por elle absolvida ao padre VIEIRA:

«*Coração são.*»<sup>1</sup>

Que concluir daqui? Ou que o mestre vae perdendo a memoria. Ou que lho vae falseando o ouvido. Destas duas alternativas não ha fugir. Na grammatica censura de ouvido perro a VIEIRA. Na critica de agora me leva a mal sentir essa dureza, e fazer por evital-a.

71.—De LATINO COELHO dá-se o mestre ao afan de copiar largo trecho, que deita a treze linhas; e isso em vão; porquanto nesse absolutamente se não verifica o achaque apontado. Doz vezes alli se reproduz o final em *ão*, mas sem consoar; visto como se acha quasi sempre encravado entre outras palavras, com que se amalgama, evitando a rima.

Senão, vejamos. O texto é este:

«A reformação da universidade, a que o marquez nomeado lugar-tenente do monarcha, deu a feição de uma grande e pomposa festa nacional: a creação das escolas menores e a *diffusão* do ensino das humanidades por numerosas *povoações*, orphãs até esse tempo de escola e de *lição*; a *fundação* regular, posto que ainda *embryonaria*, do ensino primario, como uma

<sup>1</sup> *Serões Grammat.*, p. 348.

*instituição* official; a *instituição* do Collegio dos Nobres na propria casa, que fôra pouco antes um dos noviciados principaes da companhia, lançavam os cimentos de uma nova *civilização*.» (LATINO COELHO, *Hist. Pol. e Milit. de Port.*)

Ora, as terminações ahí indicadas se distribuem de st' art.:

- « A reformação da universidade »
- « deu a feição de uma grande »
- « a criação das escolas menores »
- « a diffusão do ensino »
- « a fundação regular »
- « como uma instituição official »
- « a instituição do collegio »

Nunca as sentenças se dividem com o *ão*, ou nelle recaem as pausas. Não ha consonancia, portanto, nem uma só vez nesses sete casos. O oitavo, que se dá com o vocabulo *civilização*, no qual o periodo remata, está *quatro linhas* distante do *ão* anterior, com que aliás, ainda quando perto ou contiguo estivesse, *não poderia consonar*, visto como esse *ão*, o penultimo do trecho transcripto, se funde, com as palavras do seu complemento: «a *instituição* do collegio dos nobres.» De modo que só em um ponto se poderia arguir de eco aquelle topico: «*numerosas povoações*, orphãs até esse tempo de escola e de *lição*.» Mas ahí mesmo é imperfeita a assonancia; porquanto *lição* não faz consoante com *povações*.

72. — Varrida assim a testada a LATINO COELHO da mazella que lhe irrogou o mestre, ainda menos me custará tirar da minha a assacadilha, que me poz. Cai eu na mesma desharmonia, de que me queixava, affirma elle, por ter redigido assim, no art. 10, o meu substitutivo:

« Os moveis, cuja *situação* se mudar na pendencia de *acção* real a seu respeito, continuam sujeitos á lei da *situação*, que tinham no começo da lide.»

Onde aqui o eco? Onde?

Temos tres vezes o *ão* final. Mas da primeira o seu som se perde no meio da sentença que o absorve: «*cuja situação* se mudar». E' no verbo *mudar*, não no substantivo *situação*, que ahí cae a pausa. Da segunda vez succede o mesmo; por isso que o vocabulo *acção*, na phrase «na pendencia da *acção* real a seu respeito», faz corpo com o adjectivo *real*, a elle subsequente, e com as tres palavras posteriores, indo a voz descansar em *respeito*. De sorte que o ultimo *ão*, em «lei da *situação*», não tem, antes ou depois de si, final semelhante, com o qual consõe: está sósinho.

É o que graphicamente se manifesta, distribuindo o período segundo as pausas da leitura:

« Os moveis,  
cuja situação se mudar  
na pendencia da acção real a seu respeito,  
continuam sujeitos á lei da situação,  
que tinham no momento da lido. »

Errou, pois, o mestre, errou palpavelmente, fazendo-me injustiça a mim, como fez a LATINO e a VIEIRA, quando ao cambo das assonancias do projecto quer juntar, com os dois classicos a que recorreu, o meu substitutivo. O sabio censor não tem o direito de não saber o que é *assonancia*, ou de o esquecer, para se emmaranhar em confusões desta marca:

*Assonancia* não ha, se as palayras, que a devem formar, não estão de tal geito postas na phrase, que mutuamente se respondam, como se, pela identidade da terminação, fossem umas repercussão das outras. *Assonar*<sup>1</sup> (temos *assonancia*, o substantivo; temos o adjectivo *assonante*; porque não teriamos o verbo?) *assonar* (se me permitem o neologismo)<sup>2</sup> ou *consonar*, é soar ou resoar juntamente, devolver num som analogo, ou igual, o som que se recebe, como, no phenomeno natural da reflexão dos sons, se opera o *eco*, reproduzindo as syllabas extremas da voz, que o acordou. Tão antiga é por isso, quanto ás duas palayras, a synonymia entre *assonancia* e *eco*. Já em PLAUTO se encontrava:

« Evion ingeminat, reparabilis assonat Eco. »<sup>3</sup>

OVIDIO, mais tarde, a exprimia melodiosamente naquelle verso das *Metamorphoses*:<sup>4</sup>

« Plaxerunt Dryades, plangentibus assonat Echo. »<sup>5</sup>

Notando que o *eco* apenas « repete as ultimas syllabas », acrescentava o velho BLUTEAU: « Não pronuncia o *eco* mais que as ultimas palayras, porque como as da voz se proferem successivamente, as ultimas são de impedimento de não tornarem atraz as primeiras. » Como no mundo physico, assim no das letras. Necessario é que a voz se detenha, que soffre ao menos uma pausa no cair da phrase, para que se offereça aberta á resonancia, a qual, na prosa escripta ou fallada, constitue o *eco*:

<sup>1</sup> Lat. *assono*, *as*, *ave*, ou *udsonò*; *as*; *are*.

<sup>2</sup> Se temos *consonar*, por que não *assonar*?

<sup>3</sup> *Pers.* I, 102.

<sup>4</sup> *III*, 307.

<sup>5</sup> Que CASTILHO ANTONIO verteu:

« Choraram Drias;

— E Echò seu choro repèttu chorando. »

Em vez de quatro *nãos* e *tãos*, como no lance de VIEIRA, podiam ser quarenta. Dispostos como alli se vêem, não consonariam nunca. Dezenas e centenas de vocabulos em *ão* se multiplicariam num escripto, sem produzir uma assonancia, contanto que o escriptor, no construir o periodo, os furtasse ás cadencias do phraseado, envolvendo-os entre outros, predominantés no fallar.

Demos quô eu escrevesse: «Cálmariã ainda não vi legual? Não sopra o vento; não gemem as vagas; não murmuram os rios; não cantam as fontes; não ramalham as arvores; não oncoiam as messes; não acenam as flores; não bolem as follhas; não trinam as aves; não zumbem os insectos; não avoejam as borboletas; não se move o ar; a luz não oscilla; não se mechem as sombras; a vela não se enfuna; o lago não se increspa; o homem não respira como quô não vive a natureza.»

Dezouvo vezes não ahí teriamos. E, côm tudo, nem um *eco*. Poderia multiplicar os exêmplos ao infinito. Bastará, porém, mais um. Supponhãmos que eu descrevesse os males da guerra nestes termos: «Com a guerra, maldição do ceu e subversão do mundo, veiu a exterminação das vidas, a assolação dos campos, a destruição das cidades, a multiplicação dos crimes, a barbarezão dos costumes, a dissipação da riqueza, a extincção do trabalho, a ablição das leis, a perdição da liberdade e a glorificação da força.»

Doze palavras acabam ahí em *ço*. E quantas fazem assonancia? Nenhuma.

Não se balburdiem, pois, coisas tão distinctas. A diffamação de um homem de letras, e mais sendo tão minima a creatura como eu, não vale a pena de tamanhas torturas á grammatica e ao bom senso.

<sup>1</sup> Antes que me ponham embargos de atestado á syntaxe, atalharei aos criticos o trabalho, por, se acaso os tentar a maldade, não me acharem indefeso. Bem conheço o sentir dos grammaticos eminentes, como JULIO RIBEIRO (p. 250, n. 438) e outros, que não admittem essa forma de linguagem. Mas em que peso a taes autoridades, sempre a praticaram os nossos melhores escriptores.

São de GIL VICENTE: tão supremos (Obr., I, p. 192); mais derradeiro (ib., 322); mais principaes (ib., 330); menos christianissimo (II, 105); tão altissimas (ib., 412); mais impossiveis (ib., 416); tão profundissima. (III, 388.)

Em CAMÕES se nos deparam: mais superna (Obras, v. III, p. 94); tão supernos. (Ib., p. 99.)

BERNARDES escreveu: mais immediato (Luz e calor, ed. de Lisboa, 1871, 52); tão perigosissimo (Nov. Flor., II, 326); mais universal. (Ib., 271.) BARROS: menos principal (Dec., v. I, p. 31); tão christianissimo. (Ib., p. 25); muy antiquissima (I, I, 3; I, IX, 3; III, IV, 1); muy altissimos (III, II, 5). Diogo do Couto: tão fraquissimas (Decad., v. I, p. 45.)

Em VIEIRA pullulam: menos omnipotente (Serm., v. I, 251); mais universal (v. III, 215, duas vezes; v. XI, p. 50; Cartas, v. II, p. 51, e v. III, 451); tão universal (Serm., v. V, 248; Cart., II, 39); tão unico (Serm., v. IX, 79); tão ultimos (Cart., II, 39); mais extrema (ib., v. III, p. 3); tão extrema (Cart., v. IV, p. 144); tão alegres e falsissimas festas (Cart., v. III, p. 171); tão innumeraveis (Serm., v. I, p. 61); tão universaes e tão ultimos (Cart., v. II, p. 39); mais extrema (ib., III, 171); tão extrema (v. IV, 144); tão alta e altissima (Serm.,

## § 9º

## Art. 14

## « INTRINSECA VALIDADE »

## CACOPHONIAS.

73.—A proposito da minha opposição á «*intrinseca validade*» exarada neste logar do projecto, o dr. CARNEIRO, em voz de reconhecer, como lhe cumpria, a procedencia irrecusavel, incontrovertivel do meu reparo, volve ao artificio diversivo de excavar, fora do substitutivo, a minha exposição preliminar, em busca de enxovalhos semelhantes, com que me desautore.

Poderia eu (estava no meu direito) poderia lembrar ao meu inexoravel censor que o unico objecto legitimo da questão é o meu substitutivo, e que, levantando mão d'elle, para esquadriñar outros escriptos meus, o velho mestre exorbita da esphera litteraria do assumpto, do seu terrêno circumscripto, pondo em controversia a minha pessoa, e convertendo em lucta de amor proprio um debate limitado ao campo de simples verificação grammatical. Não me quero, porém, evadir aos golpes do sabio magoad. Parar-lhe-ei uma a uma as estocadas.

v. IV, 243); *tão soberano e supremo* (ib., 260); *tão impossivelmente maior* (ibid.); *supremissimo* (Serm., v. V, 225); *divinissimo* (ib., p. 229, 343); *quão immenso* (ib., p. 278); *ultimo fim* (Serm., v. VI, p. 321, 324); *extremo ultimo* (ib., p. 325); *mais universal* (ib., p. 289, 343); *tão universal* (ib., p. 252); *tão immortal* (ib., p. 242); *tão infinito* (ib., p. 252; v. V, p. 276, 301); *tão nunca ouvidas* (v. V, p. 336.)

«*Mais derradeiras*» é de ANTONIO FERREIRA. (Obr., v. I, p. 179.)

Nos escriptos de FILINTO ELYSIO não são difficeis de encontrar. Assim: «*o mais burrissimo*» (Obras v. XII, p. 246); «*o mais minimo*» (v. XIII, p. 38); «*quão miserrimos!*» (v. XIV, p. 173.)

«*Mais infimo*», escreveu, d'entre os modernos, CAMILLO, nas *Memorias do Carcere* (v. I, p. 148) e «*tão universal*», no prefacio á *Carta de Guia de Casados*. (P. 3.)

Deparam-nos os livros de CASTILHO: *tão principal* (Fastos, v. II, p. 143); *tão sem conto* (ib., v. III, p. 65); *mais que popularissimo* (Fausto, p. 405); *mais que averiguadissimo* (Felicidade pela Instrucção, p. 110); *em muito maior auge* (Amor e Melancol., p. 270); *mais infimiss* (Camões, p. 17.)

LATINO COELHO, emfim, «*o sempre limado*», no dizer do professor CARNEIRO, não se envergonhou de escrever: «*HUMBOLDT... não desmerecia no mais minimo o conceito, que... havia conquistado.*» (At. de Humb., p. 340.)

Condemnem embora os grammaticos essas e outras anomalias, ás vezes uteis, do nosso idioma, os bons escriptores hão-de usal-as, quando necessario, com a discreção que se deve de ter na escolha, refugando as já hoje inadmissiveis, e utilizando adequadamente as outras.

Depois não é só em nosso fallar que essas locuções se costumam. Tambem no francés não raro se topam. No LAROUSSE, vº *extrême*, encontro esta phrase: «*Il ya toujours quelque rapport entre les choses les plus extrêmes.*» E na *Rassegna di Scienze Sociali e Politiche*, anno VI (1888), v. I, p. 638 a 648, ha um artigo de AURELIO GOTTI, com o titulo: *Pessimi, piu pessimi, meno pessimi.*

Seria facil, havendo tempo, trazer á collação muitissimos outros exemplos, vernaculos, ou peregrinos. GIACOMO LEOPARDI, por exemplo, com a sua autoridade quasi incontestavel em questões de philologia e gosto litterario, fez de *nessuno* (*nenhum*), adjectivo de negação absoluta, o superlativo *nessunissimo*, *nessunissima*; (Epistolario di GIAC. LEOPARDI, v. I, p. 112. *Pensieri di G. LEOP.*, v. I, p. 146, v. VII, p. 7.)

Tambem eu, diz elle, escorréguei em cacophonias. Pois sim. Dou-lhe que as houvesse perpetrado. Seguir-se-á dahi que devesse ficar no codigo a *intrinsicca validade*? Poder-se-á negar que o meu substitutivo bem merecesse, perlavando o projecto de tão pasmosa desharmonia?

Não. O que se seguia, era cortar sem piedade pelos meus cacophatons, *se elles estivessem no meu substitutivo*, mas cortar por elles, reconhecendo lealmente os do projecto, e agradecendo-me o serviço prestado.

Que é, porém, o que fazem os meus antagonistas? Abafam a confissão da falta; e, abandonando o substitutivo, põem-se a varejar-me a exposição preliminar, as notas e até as sub-notas, para ter o gosto de ver irmanado nos defeitos o meu ao seu trabalho.

Todo esse labutar, entretanto, nem rehabilita o medonho cacophaton denunciado por mim, nem desvalia o preço do meu acto.

Em «*intrinsicca validade*» a cacophonia soa furiosamente. Fosse eu mouco, e, ainda assim, a perceberia. Ora, percebendo-a, que menos poderia a seu respeito dizer?

Havia alli um carrilhão de ridiculo. Por elle não puxei. Tão sómente reflecti que era quasi o *nec plus ultra* do cacophaton.

*Quasi*, disse eu, medindo o que dizia: por isso que o *nec plus ultra*, no assumpto, está no cacophaton classico. Esse, ultrapassando ás vezes o grotesco, raia na obscenidade, e mergulha na sordidez. Quem duvidar, recorde algumas amestras já por mim citadas; e, se quizer conhecer das não citaveis, póde chegar, por exemplo, até GIL VICENTE, *Obras*, v. I, pag. 178, linha 24<sup>a</sup> a 25<sup>a</sup>, e pag. 253, lin. 26<sup>a</sup>, ou, se não se apraz de ir tão longe, pare na elegia VI<sup>a</sup>, duodocimo tercetto, verso final, de ANTONIO FERREIRA.

Nem era só a delicadeza auditiva o que ainda se não desenvolvera entre os nossos antigos escriptores. Mal sensiveis á cacophonia, muitas vezes tambem nada o eram á decencia na linguagem. Haja vista a especie de juras, a que allude FERNÃO LOPES na *Chronica de D. Fernando*, capitulo 53, o dialogo entre o infante e D. Maria no capitulo 103 dessa mesma chronica, e, na *Chronica de D. João I*, os apuros da séle entre os sitiados no cerco de Almada (c. 136 pr.), o regalo de João Duque ao Mestre na villa de Gaya (c. 174) e (parte I<sup>a</sup>, c. 44) os palavrões, com que, em Sevilha, os escudeiros d'el-rei de Castella, espartavam aos «coices» os prisioneiros portuguezes, occupados em varrer os paços ao fugitivo monarcha de Castella. Mas quem não se quizer dar ao trabalho de tão longo rebuscar, bastará que percorra, no *Vocabulario* de BLUTEAU, o rapido artigo do venerando sacerdote acerca de Belzebut e seu infernal principado.

Rolidas pelos meus criticadores essas velharias opportunas, tomara então me dissessem se, no tocante a indelicadezas do escrever, *pode sempre a autoridade classica servir de abrigo a modernos escriptores.*

De mim-direi, pois, ao meu velho mestre que recuso, no assumpto, esses padrinhos, quando incursos em peccado manifesto contra as leis da harmonia na linguagem. Onde, no meu escrever, se verificarem as condições do cacophaton, offensa ao ouvido, á moral, ou ao bom gosto, não desejo me relevem; porque a mim mesmo, em o sentindo, me não perdoarei.

74.—Mas está nesse caso algum dos pretensos cacophatons, que me assacam?

Os que, ao proposito deste artigo, me enumera o dr.<sup>o</sup> CARNEIRO vêm a ser:

*Vehiculo claro:*

*Se interpunha ella.*

*Ganho é lucro, lucro é ganho.*

*Frouxo éco.*

*As não.*

*A não.*

Dadas as proporções do meu trabalho, ainda sem desconto á escassez das cinco semanas em que o executei, poderi desvanecer-me de que não haverá, entre os mais escrupulosos autores vernaculos, algum, cujo escrever mais raros especimens desse defeito nos depare.

Ao acaso, e a correr, nas obras de CAMILLO CASTELLO BRANCO, se me offerem todos estes: já *Camões* (*Camões*, p. 16); cuja *cabeça* (*Maria da Fonte*<sup>1</sup>, p. 51); *galantissima menina* (*Carar em Ruínas*<sup>2</sup>, p. 24); *mã medra* (*Id.*, p. 46); *ultima missão* (*Mysterios de Fafe*, p. 133); *ferrou della* (*A Caveira da Martyr*<sup>3</sup>, p. 408); *pouca para* (*Queda de um Anjo*, p. 199); *ficou na casa* (*Queda de um Anjo*<sup>4</sup>, p. 82); *excellentissima mana* (*Id.*, p. 149); *por Rousseau* (*Memor. do Carcere*<sup>5</sup>, p. 161); *com novellas* (*Id.*, p. 171); *com noticias* (*Pombal*<sup>6</sup>, p. 96); *côm noventa* (*Id.*, p. 138); *com nojo* (*Noit. de Insomn.*<sup>7</sup>, n.º 7, p. 92); *com não vulgar.* (*Mosaico*; p. 173).

Suba-nos, porém, ainda. Vamos, dentre os mestres da lingua, ao maior: a CASTILHO ANTONIO.

Tomê-se-lhe o *Fausto*<sup>8</sup>: Ah! temos: a *porta della* (p. 303); em honra *della* (p. 309); *já della* (p. 366); *por gosos* (p. 273); *não é já éco.* (P. 89).

No *Amor de Melancolia*<sup>9</sup>: *escuta tudo* (p. 349); *um só grão* (p. 382); *esperiar ecos* (p. 303); *o ouvirem me já lér.* (P. 204.)

<sup>1</sup> Porto, 1885.

<sup>2</sup> 2ª edição, Lisboa (Sem data.)

<sup>3</sup> Lisboa, 1902.

<sup>4</sup> Lisboa, 1887.

<sup>5</sup> Lisboa, 1871.

<sup>6</sup> *Perfil do Marquez de Pombal*, Porto, 1882.

<sup>7</sup> Porto, 1874.

<sup>8</sup> Porto, 1872.

<sup>9</sup> Lisboa, 1861.

Nos *Fastos*<sup>1</sup>: *lá te vejo* (v. I, p. 57); em *vivêres se abunda* (v. III, p. 135); *rustica grinaldá.* (V. I, p. 37.)

Nos *Colloquios Aldeões*<sup>2</sup>: *cá para* (p. 166, 293, 357); *fica pouco* (p. 262); *cá nada* (p. 320); *já páo* (p. 75); *politica cardumes* (p. 154); *toca acudir* (p. 206); *tacha chamada* (p. 164); *multissima mina* (p. 196); *arruma metralhá.* (P. 294.)

Na *Primavera*<sup>3</sup>: *multissima mais.* (P. 35.)

Nas *Georgicas*<sup>4</sup>: *incensos suem* (p. 83); *a nação sossobra.* (P. 255.)

Na *Arte de ahiar*<sup>5</sup>: *com moles* (p. 104); *caça abunda.* (P. 19.)

No *Medico á força*<sup>6</sup>: *«Ja que escapei do oratório.»*

No *Tartufo*<sup>7</sup>: *« Sac-me já daqui »* (p. 76); *« saia-me já della ».* (P. 139.)

No *Avarento*<sup>8</sup>: *Muda-te-me já.* (P. 171); *e põe-te me já fora.* (P. 266.)

Em GARRET não são infrequentes esses lastimaveis descuidos. Abrindo á sorte um só volume das suas obras, o vol. XXIII, logo se me antolha, á pag. 76, este longuissimo hiato: *« Naquelles só ha já a reminiscentia »*; e, á p. 318, o caphator *« com novos »*.

Na mesma negligencia caem e recaem, d'entre os mais modernos, os mais primorosos.

A *Hollenda*<sup>9</sup>, onde resadem todas as elegancias de RAMALHO ORTIGÃO, tem muitas e muitas jaças desta qualidade: *co n'ninguem* (p. 42); *physionomica com (ibid)*; *nunca com* (p. 64); *bocca cortada* (p. 66); *bocca como* (p. 74); *musica com* (p. 82); *cassa branca a cada postigo* (p. 85); *communica a comporta* (p. 89); *alma mais* (p. 248); *systema moral* (p. 253); *santifica cada* (p. 326) *«vimos na Europa paizes»* (p. 235); *historica contendo* (p. 118); *symbolica como* (p. 320); *da critica com* (p. 344); *unica coisa* (p. 239); *cá ha a gazeta* (p. 282); *cá nós* (p. 431); *o monarcha cachimbava* (p. 156); *já Taveira.* (P. 286.)

E EÇA DE QUEIROZ? Tambem elle amiude incorre no mesmo deslize. Folheiem os *Maias*<sup>9</sup>, e toparão: *logica cá da terra* (v. I, p. 283); *a chamma morria* (p. 149); *uma chamma mais* (p. 152); *com nuvensinhas* (p. 209); *com nobresa* (p. 238); *com nojo* (p. 167, 316); *com nomes* (p. 317); *cá agora* (p. 236); *mas olla* (p. 47, 216, 276, 378); *republica governada* (p. 222); *fica agora* (v. II, p. 185); *nalma mais* (p. 410); *com nodoas* (p. 185); *mas ella*

<sup>1</sup> Lisboa, 1862.

<sup>2</sup> Porto, 1879.

<sup>3</sup> Lisboa, 1837.

<sup>4</sup> Paris, 1867.

<sup>5</sup> Rio de Jan., 1862.

<sup>6</sup> Lisboa, 1870.

<sup>7</sup> Lisboa, 1871.

<sup>8</sup> Porto. (Não traz data. A do prologo é de 1885.)

<sup>9</sup> Porto, 1888.

( p. 449 ); nunca dolla ( p. 529 ); fusco ninho. ( P. 124. ) Discorram a *Casa de Ramires*, e verão: prima Maria ( p. 132, 292, 383 ); mas ella ( p. 122 ); não ficou nada ( p. 136 ); com nojo. ( P. 161. ) Na *Correspondencia de Fradique* não faltam: trama molle ( p. 194 ); turba baça. ( P. 154. ) Esquocera-me de compulsar *A Cidade e as Serras*.<sup>1</sup> Abro agora o folheto ao acaso, e logo me fere os olhos: Terminamos *por remexer*.<sup>2</sup> ( P. 161. )

A esses posso ainda juntar, do mesmo insigne estylista: fazer musica a casa ( *Maias*, I, p. 169 ); sêcca cairam ( *ib.*, p. 212 ); faisca candente ( *ib.*, p. 148 ); nunca Carlos ( v. II, p. 182 ); nunca para ( *ib.*, p. 401 ); com marcas ( *ib.*, p. 407 ); tampa tinha ( *ib.*, p. 407 ); já cá ( *Ramires*, p. 144 ); com porta ( p. 423 ); fica cá ( p. 239 ); patriarcha carregado ( p. 292 ); magnifica coragem ( p. 463 ); destaccu com ( *Fradique*, p. 174 ); Pacheco começou ( p. 177 ); fica consolado ( p. 191 ); identica aquella ( p. 183 ); significa cumprir ( p. 147 ); nunca alma melhor ( p. 241 ); cabem bem.

Entre nós, GONÇALVES DIAS<sup>3</sup> escreveu: «COM NOVO»; JOÃO LISBOA: «do papa para»<sup>4</sup>; JULIO RIBEIRO: «honestissima manipulação.»<sup>5</sup> De quantos em Portugal e no Brasil, sob este aspecto, me foi dado examinar, o mais extreme do tal senão, é MACHADO DE ASSIS, verdadeiro modelo da boa linguagem, assim na correccção, como no gosto. A elle mesmo, contudo, e nas suas *Poesias*, cujo esmero desafia a mais exigente critica, escapou, a pags. 347, «aroma melhor» e, a pags. 263, «ella ama».

73.—Outros, irreflectida ou interessadamente, dahi concluirão a inevitabilidade absoluta e a inculpabilidade mais ou menos geral dessas imperfeições literarias. Eu, ao revez, não infiro senão o dever, para os bons escriptores, de contra ellas se precaverom.

Ha, não se nega, entre as palavras, encontros desharmonicós, a que seria impossivel obviar. Nesses casos a suggestão da necessidade affaz o ouvido á asperoza, e a habitualidade estabelecida pela força da precisão acaba diluindo a cacophonia, a poder de repetida. E' o de que alguma coisa já eu disse, e mais terei que dizer ainda, noutro lugar. Tirante isso, porém, as mais das vezes está na desatenção a origem desse peccado. De ordinario o escriptor não limou, quanto devia, o seu escripto: *perfectum decies non revo-*

<sup>1</sup> Porto, 1901.

<sup>2</sup> Notem que esse topico se encontra na parte do livro, a cuja escripta o notavel estylista dera, na phrase do seu carinhoso editor, «aquella ultima demão, em que habitualmente elle punha a diligencia mais severante e mais admiravelmente lucida».

<sup>3</sup> *Poesias*, Ed. de 1896.

<sup>4</sup> *Obras*. S. Luiz, 1835. v. IV, p. 140.

<sup>5</sup> *A Carne*, p. 71.

*cavil: ad unguem.* Occasiões ha, em que teria sido facilimo evitar a conjunção dissonante. No *Amor e Melancolia*, *verbi gratia*, á pag. 277, a phrase « prostrada em oração sobre as lageas », trocado apenas o abverbio *sobre*, teria esquivado o *ção só*, lucrando, até, em pureza e brevidade: « prostrada em oração nas lageas. » Nos *Colloquios Aldeões* (pag. 71) se evitaria o *dadá*, bem sensível em « na mal aventurada da plebe », simplesmente com lhe eliminar a preposição, de todo em todo inutil. Ficaria: « na mal aventurada plebe. » Ainda no *Amor e Melancolia*, o mesmo escriptor, pouco adeante (p. 336), nos depara esta phrase, cuja longa malsonancia difficilmente se transpõe: « Mas tu não és só mãe ds torrentes caudaes. » Haveria mister grande esforço a incomparavel ductilidade e o aprimorado tacto daquella penna magistral, para fugir desse escolho ?

Succede ás vezes que o autor cae em si, ou tem a fortuna de que alguem o advertia, e, em vindo a lançar, nada lhe custa a emenda. Não notavamos, ainda ha pouco, no *Tartufo* e no *Avarento*, quatro vezes repetida, uma cacophonia tão desagradavel ? Pouco depois, vertendo CASTILHO o *Fuusto*, lhe accudiu á penna o mesmo torção de linguagem ; e, só com inverter a situação ao adverbio e ao pronome, atalhou a reincidencia na cacophonia, escrevendo (p. 132, 315 e 399) : « Quem já me dera », em vez de que « quem me já dera ».

Nesse caso estão as dissonancias e cacophatons que sobresaem no escrever do professor CARNEIRO. Não se faria mister grande apuro de lima, p'r evitar descuidos como estes, occorrentes na sua *Grammatica Philosophica* : « circum conserva-se » ( p. 85 ) ; « modificam consideravelmente » ( p. 16 ) ; « affl:ção senão » ( p. 268 ) ; « explica com » ( p. 445 ) ; « com nobreza » ( P. 425. )

Quando os autores do projecto escreveram « abatido do preço desta » ( art. 867 ) e « reclamada do credor » ( art. 934 ), uma simples mudança de preposição teria obviado a essas duplicações *do do, da do*, substituindo-se o *de* por *a* : « abatido ao preço », « reclamada ao credor. »

Tanto assim pensava o dr. CARNEIRO, que, onde estava, no projecto da commissão dos vinte e um, art. 1.372, a clausula « separada da dos outros », emendou « separar-se da dos outros ». ( Art. 1.348. )

Nem eu levei tão longe, quanto se pretende, a severidade com essas negligencias daquelle texto. Muitas deixei de sublinhar, como estas: « accelta a tutela » ( art. 422 ) ; « com comminação » ( art. 507 ) ; « hypotheca a cousa » ( art. 761 ) ; « hypotheca as cousas » ( art. 760 ) ; « a posse passa » ( art. 501 ) ; « fica constituido » ( art. 932 ) ; « publico como » ( art. 1.090 ) ; « com cousa ». ( Art. 1.193, I. ) Em todos esses casos alterei a phrase, esquivando o aspero do original ; mas absteve-me de censurar, ou annotar.

76. — Caberá, porém, de verdade, ás locuções que aqui me exproba o dr. CARNEIRO o tísne de cacophaton? Sustento eu que não. Em «vehículo claro» (a primeira do rol) tenho apurado em vão todas as minhas faculdades auditivas, por attuar com a desharmonia; e não consigo. De quantas pessoas consulto, e reconulto, esperançado em me auxiliarem, não obtenho melhor resultado.

Que mysterio haverá então na cacophonia desse encontro, por onde a mim e a todas ellas se occulte, só se revelando ao seu inventor? Escuto-lhe o conjuncto; e não acho. Ponho-me a syllabal-o; e não descubro. Entro a deletreal-o; e não percebo. Dou-me a escandil-o, a recital-o, a declamal-o, a entoal-o; e acho-me na mesma. Varjo-lhe a prosodia, o accento, o ritmo; nada colho! Tenho, portanto, de suppor uma idiosyncrasia entre a phrase e os ouvidos do mestre. Outra explicação não há. A audição tambem se resente, como o estomago, de caprichos. Mas que tom com elles a euphonia do idioma? Segue-se o «se interpunha ella». Novo enleio do meu tympano. Onde se me occultará, nesses tres vocabulos, a desharmonia, que indispõe o censor? Orelhas finas, tambem as eu possuo. Deu-me a natureza de sobra neste sentido o que de mingua me aquinhoou na vista. Pois ha semanas que o envido, em busca dessa incognita musical, e cada vez estou peor. Naquelle «se interpunha ella», onde a aresta odiosa ao meu illustre mestre? Debalde separo, junto e torno a decompor a sentença. Não me diz nada: Será nas duas syllabas iniciais, *sinter*? Parecem-me de todo innocentes. Será o *terpunha*, ou o *unha*? Mas ambas pertencem ao verbo *interpunha*, que não é obra minha. Será o *punha ella*? Mas, nesse caso, já não poderemos utilizar, sem offensa da harmonia, com aquelle pronome, o imperfeito do *pôr* e seus compostos?

*Punha ella, dispunha ella, repunha ella, compunha ella, oppunha ella, interpunha ella, expunha ella, impunha ella*, seriam então phrases condemnadas? E ainda não fôra tudo. A outros verbos, além desse; como *empunhar, cunhar, alcunhar, testemunhar, estremunhar*, no presente do indicativo, igualmente seria defeso o contacto com o *ella* na construcção inversa. *Testemunha ella, alcunha ella, empunha ella* seriam outras tantas desafinações intoleraveis:

E' serio esse criticar?

Dissera eu, em uma das apostillas ao projecto, «ganho é lucro, lucro é ganho.» Bárbara coisa devo ter escripto; porque o sábio mestre, altudindo ás minhas palavras: sobre a «intrinsicca validade»; equipara a este cacophaton esquipedal do meu «lucro é ganho, ganho é lucro», desfechando-me esta osmechada: «Mas ninguem ousará pôr isso dizer: ah! chegaste quasi ao *nec plus ultra* do cacophaton.»

Ninguem, de certo, o ousará. Mas porque? Justamente porque ninguem, fallando serio, acharia paridade entre os dois casos.

Quando um redactor de leis, ou qualquer outra coisa do siso, resvala a uma expressão como a de *intrinseca validade*, toda a gente desata a cascalhar do riso, ante o contraste entre a gravidade do assumpto e o ridiculo do desastrado *avalidade*, que por alli barafustou. Porque, em *intrinseca validade*, o que resoa em tropel, é *avalidade* e *avalidade*. Se o negarem, peir para os interessados. O estrepito abafado crescerá, como se rompesse das calçadas por entro a hilaridade geral.

Agora em *lucro é ganho*, ou *ganho é lucro*, não haveria oitiva capaz de apalliar uma combinação de sons destoante, ou indecorosa. Submettam-nas, se quizerem, a todos os processos, com que se tem engenhado isolar, concentrar e intensar os sons. Encostem a auricula ao estethoscopio, e procedam como numa auscultação formal. Recorram depois ao microphono mais poderoso. Subtilizem, até onde for possível, a acuidade sensitiva. Não extrahirão dalli coisa, que suscite escandalo, ou promova riso, ou magoe a orelha.

E vojamos.

Na primeira sentença, *lucro é ganho*, temos dois grupos dominantes de sons: o *anho* final e o *lucrué*, resultante da junção operada entre as duas primeiras palavras. O *anho* não corre por conta minha. Pertence á palavra *ganho*, de cuja existencia não sou responsavel. Se *crue* repugna ao ouvido, é abolirem o vocabulo *cruel*, bem assim todos os mais (não poucos), onde se reuñe a mesma articulação com as mesmas vozes, e, por ultimo, todas as construccões nas quaes a um termo desinente em *cro* succeda o verbo *ser* no presente do indicativo, terceira pessoa do singular: *Teucro é*; *pülcro é*; *fúlcro é*; *chucro é*. Até hoje ninguem vacillaria em dizer: «O lucro é maior. O lucro é menor. O lucro é pouco. O lucro é grande. O lucro é insignificante». São phrases corriqueiras. Era preciso a hypersthesia-auditiva do meu douto mestre, para as banir da linha portuguesa.

Na segunda phrase, *ganho é lucro*, duas são as resultantes da conjunção entre as palavras: *anhue* e *lucro*. Onde o que se poderia censurar na primeira, não sei. Ouçam: «Tamanho é o meu amor. Tamanho é o meu soffrer. Tamanho é o meu horror. Tamanho é o meu poder.» Padoce nestas expressões a harmonia alguma coisa? Alguem haverá, que se dedigne de escrevel-as? Resta á combinaça *lucro*. Mas toda a gente diz, sem idéa de haver cacophoneado: «Isso não é lucro, de que se falle. Aquillo não é lucro, em que se pense.»

Basta de fatigar a evidencia, e passemos adeante, lembrando por dorradeiro que FILINTO ELYSIO poetou:

«E que lucros *ganho*  
Em me esfalzar gritando?»

<sup>1</sup> Obras, v. XIII, p. 193.

CHU É.

77. — Esta historia é uma das bagatelas, em que mais se tem chocalhado contra mim na apologia do projecto. Liquidemol-a.

«Embora frouxo *eco* possam ter estas idéas actualmente», é o topico onde resae o meu *corpus delicti*. Estampado o meu trabalho no *Diario do Congresso*, recebia, no dia seguinte, graças á invenção curiosa, depois honrada com o beneplacito do professor CARNEIRO, a patente de *chué*. Deram-lh'a as mofinas entrelinhadas, que o Thesoiro pagava. Esses derivativos do azedume official, porém, cessaram logo depois, como doença recolhida, para irromperem mais tarde, economizado, e recozido o virus, em ataques mais sollemnes e mais altos. Nunca mais esqueceu o *chué*. Sendo, porém, a coisa desprezível, que era, e não mostrando senão a ignorancia rasa de uns, de outros a má-fé e a inadvertencia da maior parte, de tal avelorio critico eu me não occuparia, se o meu venerando mestre, acolhendo-o tambem, não fosse ajudar com a sua autoridade, acatada e acatavel, o trafego de insulsarias contra mim desenvolvido na feira litteraria das missangas e matamingos.

Ensina o dr. CARNEIRO, na sua *Grammatica Portugueza*, pag. 20, que o *o* final, nas palayras em que não for accentuado, como *medo*, é *mudo*; e, nos seus *Serões Grammaticaes* (p. 9), repetindo a mesma noção, a exemplifica em *livro*.

Creio que o douto professor, neste ponto, ainda não variou de sentir. Ora, como em *frouxo* não é accentuado o *o* terminal, deduzo eu que esse vocabulo está no mesmo caso de *livro* e *medo*, os dois que o grammatico bahiano poz de exemplo. Logo (fecho eu o syllogismo), o *o*, em que remata o adjectivo *frouxo*, é, na escola do professor CARNEIRO, um *o* *mudo*.

Fique este ponto assentado.

Como, porém, não me pago de argumentos *ad hominem*, não deixarei sósinho o meu illustrado mestre.

Representa-se por *u* phoneticamente esta função do *o*, por ser essa, das expressões vocalicas, a que mais se approxima ao *o* *mudo*. Mas, para averiguar a differença entre as duas, basta comparar o effeito sonico nas palayras terminadas em *o* não accentuado com o das terminadas em *u*. Nostas *o* e *u* não se funde, nem se altera ao encontro da vogal diversa, que der começo á palayra seguinte. *Urutú*, supponhamos, *kangurú*, *bambú*. Phraseando «O urutú accommette.» «O kangurú e a cotia.» «O bambú é uma graminea», leremos: *ut*, no primeiro exemplo, *u*; no segundo e no terceiro *ue*.

Com os finais em *o* *mudo*, porém, já não é isso, já não é a simples justaposição, ou adherencia, o que se dá: é a fusão. «U+o», diz João RIBEIRO, «*u+o fundem-se.*» E exemplifica: «*Tud'* é possível.» (*Grammat.* p. 274, n. 5.)

Logo, do mesmo modo, em *frouxo eco* a enunciação oral não é a que ora se finge: não póde ser *chué*.

Mas, ainda quando não se fundisse alli o *o* final, e admittido que mantivesse o som de *u*, não soaria como o *u* de *chue*. Nesta palavra ambas as vogaes são accentuadas. Ora, o *u* varia em duas especies de vozes inconfundiveis, cuja discriminação mui claramente estabelece JULIO RIBEIRO (*Grammat.*, p. 32-3): a voz *tonica* e a voz *atonica*. Quando, inserido no meio das palavras, como em *entrudo*, *tuba*, é *tonica* essa voz, tal qual se rematasse o vocabulo, como em *tati*, ou *urubi*. Mas, conclue aquelle philologo eminente, na expressão do *o* final, não accentuado, como em *livro*, *macho*, o *u* é *atonico*. Logo, é *atonico* em *frouxo*, e *tonico* em *chue*. Mas, sendo assim, do encontro entre o *u* atonico de *frouxo*, com o *e*, que naquella phrase lhe succede, não pôde resultar o *u* tonico, ou forte de *chue*. Expressão meramente approximativa do *o* mulo, esse *u* descae, e expira, absorvendo-se no *e* accentuado, que lhe vem após.

Por mais que arranje, torça, desfigure essas noções, a malignidade não vingará, portanto, a extrahir dalli o composto, que pretende. Para de *frouxo eco* (*froux'eco*) obter *chue*, necessario seria esquecer o caracter de *mudo*, inherente áquelle *o*, converter o *o* silente em *u* accentuado, e ler, não *froux'*, mas *frouxi*.

78.—Dahi, porém, a consequencia viria a ser uma revolução na prosodia nacional. Estaria de facto abolido o *o* mudo. Todos os *os* finais teriam de pronunciar-se como os *us* accentuados. Diriamos de ora avante os *machi*s, os *livri*s, os *carr*i; e, em homenagem ao decoro, melhor seria que extinguissemos os vocabulos como *disco*, *sulco*, *unico* e todos os de terminação igual, a principiar por *eco*.

Tomem da melhor poesia, a de MACHADO DE ASSIS, por exemplo, recitem-n'a a esse geito, e vejam onde vae dar a leitura de trechos como estes: «unico em meio» (*Poes.*, p. 43); «sulco de um fundo» (p. 173); «unico o vento» (p. 223); «éco de saudade» (p. 43); «éco dos sagrados ermos» (p. 52); «écos timidos» (p. 60); «éco choga» (p. 244); «éco melancolico» (p. 256).

CASTILHO escreveu: «franco fallar» (*Arte de Amar*, v. I, p. 18); «descoco tal» (*Turlufo*, p. 75); «écos da infancia» (*Fausto*, p. 113); «eu fico de vigia» (*ib.*, p. 383); «écos da voz» (*Am. e Melanc.* p. 286); «éco dos applausos» (*ib.* p. 291); «éco tardio» (*ib.*, p. 297); «écos augmentativos» (*ib.*, p. 230); «écos seductores» (*ib.*, p. 328); «écos daquelles» (*ib.*, p. 338); «écos dos remotos» (*ib.*, p. 365); «poetico no meio» (*ib.*, p. 365); «rusticos pastios» (*Fastos*, v. II, p. 13; *Amores*, v. III, p. 59); «comiecs taes». (*Noite de S. João*, p. 178.)

Em GARRET (*Obr.*, v. XXIII, p. 230) vae-se achar «fraco soldado»; em RAMALHO (*Hollanda*, p. 5), «éco novo»; nos *Maias*, de EÇA (v. I, p. 187), «sulco cavado» e «rico novo»; na *Carne*, de JULIO RIBEIRO (p. 10), «medico já velho».

São locuções de uma decencia perfeita e de uma euphonia normal. Mas alongai-lhes a desinencia, convertendo-lhes o *o* mudo em *u* accentuado, segundo a prosodia applicada a *frouxo eco*, e as teres convertido em dissonancias insupportaveis á decencia e ao ouvido.

Admittido aquelle systema prosodico, vêe ainda o que se daria com a elisão poetica do *m* final ao *com* seguido pelo artigo definito masculino.

São do visconde de CASTILHO todos estes exemplos: «*co' util*» (*Arte de Am.*, v. I, p. 69); «*co' o verão*» (*Fausto*, p. 267); «*co' o temporal*» (*ib.*, p. 271); «*co' os seus*» (*ib.*, p. 352); «*co' o que quero*» (*Am. e Mel.*, p. 320); «*co' o largo*» (*Fausto*, v. I, p. 63); «*co' o proprio*» (*ib.*, p. 65); «*co' o desatado*» (*ib.*, p. 99); «*co' os navalhados*» (*ib.*, p. 101); «*co' os ladrões*» (*ib.*, p. 117); «*co' o ferro*» (*ib. Fast.*, v. II, p. 9); «*co' o celeste*» (*ibid.*); «*co' os avós*» (*ib.*, p. 15); «*co' os rebentalos*» (*ib.*, p. 29); «*co' os seus*» (*ib.*, p. 35); «*co' os aborigenos*» (*ib.*, p. 69); «*co' o fido*» (*ib.*, p. 69); «*co' os brancos*» (*ib.*, p. 81, 147); «*co' o tremendo*» (*ib.*, p. 135); «*co' o igneo*» (*ib.*, p. 159); «*co' o grande*» (*ib.*, p. 169); «*co' os flexiveis*» (*ib.*, p. 202); «*co' o sacro*» (*Georgicas*, p. 277); «*co' o teu*» (*ib.*, p. 285); «*co' o terreno*» (*ib.*, p. 119); «*co' os varios*» (*ib.*, p. 121); «*co' os escarlata*» (*ib.*, p. 143); «*co' o môr*» (*ib.*, p. 149); «*co' o maximo*» (*ib.*, p. 185); «*co' o sereno*» (*ib.*, *ib.*, p. 55); «*co' os pilos*» (*ib.*, p. 63); «*co' o sentido*» (*ib.*, p. 247); «*co' o vivo*» (*Amores*, v. I, p. 69); «*co' o teu*» (*ib.*, p. 94); «*co' o gasto*» (*ib.*, p. 104); «*co' o seu*» (v. II, p. 17); «*co' os nossos*» (*ib.*, p. 22); «*co' os melancolicos*» (*ib.*, p. 35); «*co' os dollas*» (*ib.*, p. 54); «*co' o sabio*» (*ib.*, p. 65). E estes são do Camões: «*co' os seus amados*» (*Lusiad.*, IX, 84); «*co' os seus amantes*» (*ib.*, X, 2); «*co' o que quero*» (X, 9); «*co' o largo*» (X, 87).

Cada uma dessas expressões dará em palavrada improriferivel, se, deturpando a sonancia natural do idioma, transformarmos os dois *oo* consecutivos em *u* accentuado. Mas esse foi o processo, mercê do qual vingaram amolgar de *frouxo eco* um *cujué*.

Entre *frouxo eco* e *cujo eco* a differença de som nas tres syllabas finaes apenas levemente se percebe: *voeco*, *joeco*. E, contudo, lá está na *Hollanda*, de ORTIGÃO, á pg. 124: «*CUJO ECO*».

Escriptor ainda mais cuidadoso, e isso no apurado lavor de versos exemplares, MACHADO DE ASSIS não se despresou de escrever: «*frouxo ia o sol*» (*Poesias*, p. 236), «*frouxa e manca*» (*ib.*, p. 330), e, ao cabo, até, «*frouxo o povo*» (*ib.*, p. 235), de que os forjadores de *us* tonicos facilmente extrahiriam um *chuia*, um *chimanca* e um *chupou*.

Nesta invenção da malicia, engendrada em panegyrico do projecto, o menos lesado seria eu. No idioma portuguez é que o desfalque recairia, largo e irremediavel, com a condemnação de um sem conto de expressões utilissimas e quotidianas ao desuso e á risota.

Já não seria licito, dizer, ou escrever, sem que se caísse no domínio da laracha: «O luxo é pernicioso. O lixo é infecto. O nicho é estreito. O trecho é eloquente. O entretcho é complicado. O desfecho é tragico. O roco é triste. O coxo é lento. O frouxo é mal seguro. Ancho é largo. Muchocho é brasileiro. Teu rabicho é curto. O macho é robusto. O populacho é inulto. Um pinguicho é quasi nada. Carochio é insecto. O pintaroxo é pequenito. O freixo é frondoso. O teixo é conifero. Este rabicho é de chim. Aquelle guincho é de coruja. O mocho é agoireiro. Esse facho é fumarento. O cacho é de uvas. O capacho é de cêco. O cartaxo é dentirostro. Diacho é fraga. O baixo é solemne. Seu despacho é injusto. O mar-racho é voraz. O riacho é corrente. O empucho é grosseiro. Esse espicho é imprestavel. O delcixo é indecente. O queixo é duro. O ropuxo é abundante. O esguicho é tenue. Este empacho é difficil. O troncho é feio. O garrancho é torto. O gancho é curvo. O rancho é numeroso. O arrocho é oppressivo. O cartucho é monge. Meu cartucho é de doces. Ayacucho é no Perú. Cachucho é peixe. Vosso debuxo é lindo. O escalracho é tenaz. O bucho é arbusto. Sou bucho é de ema. O graxo é indigesto. O sacho é de ferro. Este pechincho é travesso. O teu fruncho é maligno. O zarguncho era ervado. Zoncho é alavanca. Borracho é pombo. O farrancho é de fadistas. Fogacho é labareda. Agacho é humilhação. Caspacho é comida. O bicho é medonho. Barbicacho é cabresto. Fecho é ferrolho. Cochicho é passaro. Governicho é sinecura. Releixo é guma. Picho é vasilha. Lobacho é lobo. Seixo é pedra. Bombacho é bomba. Patacho é bareço. Pequerracho é creança. Capucho é franciscano. Trocho é bordão. Velacho é vola. Verdacho é verde. Vulgacho é plobe. Pincho é salto. Pennacho é de chefe. Rabucho é rabricurto. Recacho é aprumo. Relacho é relacha'o. Murcho é dosverdecido. Chocho é secco. Machucho éras tu. O bruxo era velho. O desmancho era total. O gaucho era audaz. O rebaixo era excessivo. O cincho é do queijo. O micho é de massa. Tal capricho é insensato. Essa carrapicho é indecente. O caruncho é roaz. Gabicho é rêde. Garrucho é pau. Marimacho é virago. Gorducho é gordo. Petrecho é nome, e apetrecho é verbo. O vulgacho é rude. Um chicho é migalha. Esexo é limpo. Esse papelucho é immundô. Portucho é de ourivos. Perluxo era o patarata. O trincho é de loiça.»

Cada uma dessas palavras, quasi todas vulgarissimas, traz na cauda o arpêu de um cacophaton. Em topando com o verbo *ser* naquellas formas do indicativo, temos frega e desgraça : a palestra, a recitação, ou a leitura desfôchará em risada. Não háverá então créditos de artista, nem primores de linguagem, que forem escripto e escriptor á nota do *chue's*, desde que um desses effeitos da nova prosodia, escorroçando-lho da bocca, ou da penna, o entregue ás casquinadas da critica de chalaça. Mas, a ser assim, porque não mondarmos logo o nosso idioma deitas esparrolas verbaes, desses vocabulos de

caçoada? Enjeital-os por todo o sempre do lexicon é o que estava a pedir a decencia da lingua e a pureza da escripta. Emquanto se não chogue a essa providencia radical, e exista no fallar de nossa raça o verbo substantivo, o verbo *ser*, com a sua importunidade inevitavel, com a sua frequencia incessante, ha-de coser os beijos e quebrar o tinteiro todo aquelle, que não queira offerecer-se á gargalhada reles da turra literaria, ao grosso espirito dos chibantes da troça, ás chularias de alho e graxa dos cozinheiros de pátuscada.

#### MAS NÃO

79.—Aqui temos outra bugiganga critica, de que o sabio professor bahiano se dignou fazer cabelal.

Eu me poderia abster do mais nada, redarguindo a tão respeitavel sciencia com a sua propria autoridad; porque o *asnão*, albardado por elle dentre as linhas do meu substitutivo, não seria animal de outra especie que o *asno* tresmalhado na *Grammatica Portuguesa* (p. 148) do meu velho mestre, cujo alto sabor, sem advertir nos inconvenientes philologicos do aurito solipede, alli escreveu confiadamente: «*Mas no primeiro destes dois ultimos idiomas.*»

O argumento *ad hominem*, porém, apenas me serviria de mostrar a fraqueza da memoria humana e os riscos da perversidade, ainda quando se insinue no coração dos bons. Não se me faz mister o subsidio pessoal do professor CARNEIRO, ainda que valedio quanto os que mais o forem, para mostrar que a posposição da negativa ao adverbio *mas* não constituo cacophaton.

Bom sei que mais de um grammatico ensina o contrario. Mas a esses esqueceu um criterio essencial na verificacão dessas anomalias grammaticaes. Cacophaton é o som desusado, ou a combinacão insólita de sons, que, pela extravagancia, desafinada, indecorosa, ou risivel, escandaliza ou desgosta o ouvido. Quando o costume correntio, tradicional, unanime, universal de um idioma consagra uma associacão de palavras, seja qual for a combinacão que dellas resulte, não pôde contrariar as leis da harmonia, que é, em boa parte, mero offeito da accommodacão entre o sentido humano e os sons a que se affez. So, acertando uma vez de se encontrarem, dois vocábulos, que se não fazem boa companhia, suscitarem, pelo seu contacto, imagens deshonestas, inconvenientes, ou esdruxulas, surprehendida pela novidade, a audição immediatamente a perceberá, sentindo-se, e reagindo por um phenomeno instinctivo. Mas, se já nos costumámos a presenciar esse encontro, se de cotio o praticamos, nossos passados o praticaram, e terão de o praticar os nossos descendentes, como recurso comosinho da linguagem, toda a gente de siso encolherá os hombros á caturrice do escogitador, que, contra o uso geral de uns poucos de seculos e de todos os logares, der um dia o grito de cacophaton.

Pois eis ali o caso do *mas não*. É um fallar português de todas as edades, todas as regiões e todos os escriptores.

Vao a prova.

Assim se disse, entre os classicos, desde os mais antigos tempos.

« *Mas não* sei a quem ouvi », escrevia GIL VICENTE. (*Obras*, v. I, p. 114). E do mesmo modo, a pags. 128, 135, 165, 360. No v. II, a pags. 360, 43, 487, 488, 517. No v. III, pags. 120, 256, 257, 258, 373.

« *Mas não* de vontade » encontramos em FERNÃO LOPES, *Chron. de D. João I*, parte I, c. 69; e, como esse, innumerados outros logares se poderiam enumerar:

Na *Menina e Moça* de BERNARDIM RIBEIRO <sup>1</sup>, pag. 22, se nos depara egual expressão: « *Mas não* ostovo ella muito. » E, como ali, a pags. 86, 95, 124, 171, 172 (duas vezes), 187, 189 (vezes duas), 205, 214, 216, 225, 226.

CAMÕES poetou :

« *Mas não* lhe succedeu como cuidava. »

(*Lus.*, II, 70.)

« ... *mas não* consento o peito. »

(III, 36.)

« ... *Mas não* se espanta. »

(IV, 32.)

« *Mas não* lho dá comtudo aquelles dôes. »

(V, 95.)

E assim por deante : V, 80 ; VI, 51, 86 ; VIII, 26, 30, 99 ; X, 131.

« *Mas não* foi el-rei menos cuidadoso », narra FR. LUIZ DE SOUSA nos *Annaes de D. João III*, pag. 6. E vae repetindo o *mas não* a pags. 10, 18, 25, 26, 27, 31, 35, 61, 83, 93, 98, 103, 107, 109, 112, 174, 192 (duas vezes), 215, 216, 219, 241, 256, 265, 267, 292, 295, 299, 309, 323, 325 e 441.

« *Mas não* nos constou », diz o mesmo escriptor, na *Vila do Arceb.*, v. I, p. 31 ; reproduzindo essa locução a pags. 32, 40, 46, 118, 129, 199, 205, 250, 259, 304, 305, 338, 339, 373, 422. Escusa prosaquir.

Compulsem-lhe a *Historia de S. Domingos*, e encontrarão a flux a mesma forma grammatical. Bastará indicar, por mostra, o vol. II, pags. 320, 325, 327, 338, 339.

« *Mas não* quèria que o soubesse » encontrareis em ANTONIO FERREIRA <sup>2</sup>, v. II, pag. 343. Folhoae-o ainda, e tornareis a encontrar a pags. 13, 347 e 419, assim como no v. I, p. 41, 207, 212.

<sup>1</sup> Ed. critica de D. JOSÉ PESSANHA, Porto, 1891.

<sup>2</sup> Ed. de Lisboa, 1866.

Na *Chronica d'ElRei D. Manuel*, por DAMIÃO DE GOES, ediç. de Lisboa, 1619, fl. 92 v, se diz: « Os bons teem gloria e os maus pona, mas não para sempre. »

« Mas não foi assim em Castella », relata DUARTE NUNES, na *Chron. del-Rey D. João I, D. Duarte e D. Affonso*<sup>1</sup>, v. I, pag. 353. « Mas não lhes valeu nada », conta ainda, á p. 361. E assim; no mesmo vol., p. 67, 124, 129, 150, 151, 216, 233, 297, 315, 405, 428, 438, 442, 445, 449 e, no vol. II, p. 53, 101, 126, 126, 179, 184, 211.

Na *Euphrosina*, diz JORGE FERREIRA<sup>2</sup>: « Mas não deixo de entender quanto poder. » E assim a p. 193, 206, 227, 231, 243, 245.

« Mas não deixou a sua natureza » e « Mas não quiz que escrevesse mal » é de BERNARDES, *Luz e Calor*.<sup>3</sup> (P. 55 e 72.) Semelhantemente, em a *Nova Floresta* (ed. de 1760): v. II, p. 204; v. IV, p. 68, 113, 120, 151.

« Assás famosa, mas não tal como a primeira », diz Fr. BERNARDO DE BRITO. (*Monarchia Lusitana*<sup>4</sup>, v. I, p. 44.)

« Mas não se recreiam com elle », « Mas não muito tempo », « Mas não é possível », « Mas não as que commettessem com as linguas », são tudo phrases de AMADOR ARRAES. (*Dialogos*<sup>5</sup>, p. 28, 29, 44, 57).

Em VIEIRA se nos depara a monto esse encontro do *mas* com o não. Assim: *Sermões*, v. IV, p. 169, 170, 209, 211, 212, 214, 223; v. V, p. 67, 71, 76, 166, 174 (duas vezes), 209, 213, 227, 276, 284, 288, 301, 308, 311, 322, 223 (tres vezes), 334, 339; v. VI, p. 211, 283, 290, 298, 303, 307, 308, 317, 330, 332, 333, 359, 364, 374; v. XI, p. 15, 19, 38.

Mas, por que me não objectem com a indelicadeza do ouvido classico, desçamos aos modernos. Não teria fim reproduzir as passagens de CASTILHO, HERCULANO, GARRET, CAMILLO, RAMALHO, EÇA, LATINO e tantos, tantos outros, onde se nos deparam o *as não* e o *mas não*, a mim agora censurados. Tão a fronxo em todos os autores conhecidos enxameiam essas legitimas fórmulas portuguezas.

Indicarei, pois, sómente os livros e as paginas, onde occorrem algumas.

De GARRET bastará um volume. Tomando o XXIII das suas obras completas, alli topo as duas combinações ora malsinadas, ás pag. 24, 26, 32, 39, 34, 40, 54, 60, 62, 63, 75, 90, 93, 112, 117, 132, 133, 137, 144, 157, 171, 246, 234, 238, 250, 265, 299, 314, 328, 378, 379, 385, 392, 397, 420 e 425.

De CASTILHO tomol-as, entre um sem numero de outros exemplos, nos seguintes logares: *Georgic.*, pag. 17, 111, 127. *Excavações Poe-*

<sup>1</sup> Ed. de FERNANDES PINHEIRO. Rio de Jan., 1865.

<sup>2</sup> Lisboa, 1780.

<sup>3</sup> Ed. de Lisboa, 1871.

<sup>4</sup> Ed. de 1803, Lisboa.

<sup>5</sup> Ed. de Lisboa, 1816.

*ticas*<sup>1</sup>, pags. 9, 88. *Fastos*, v. I, pags. 31, 105, 278, 307; v. II, pags. 23, 117; v. III, pags. 97, 113. *Fausto*, pags. 5, 333, 395, 400. *Amor e Melancol.*, p. 401. *Arte de Am.*, v. I, pags. 24, 43, 110, 119, 129. *Amores*: v. I, 85 (duas vezes), 86, 88, 101; v. II, 31 (duas vezes), 74, 86; v. III, 33, 74. *Sabichonas*<sup>2</sup>, pags. 25, 26, 77, 200, 236. *Tartufo*, p. 25, 74 (duas vezes), 86, 90, 118, 161. *Tosquia de um Camelo*<sup>3</sup>, pags. 7, 20, 32 (duas vezes) e 45. *Colloquios*, pags. 26, 31, 68, 70, 86, 181, 185, 355.

De ALEX. HERCULANO, folheando ao acaso os *Opusculos*, v. VIII<sup>4</sup>, dou com o *mas não* ás pags. 73, 194, 210. Abro os *Estudos sobre o Casam. Civil*, e o vejo a pags. 17 e 39. Encontro-o ainda no *Mongo de Cistér*, v. II, pags. 235 e 323, assim como nas *Lendas e Narrativas*, v. I, pags. 135, 142, 148, 255, e v. II, pags. 16 e 32.

«*Mas não podiam*» é de LATINO COELHO, no seu *Camões*, pag. 198; «*Mas não deve ser littorato*», de CAMILLO, no seu *Othello*<sup>5</sup>; «*Mas não se atreveu*» e «*Mas não podendo tomar*», de OLIVEIRA MARTINS, no seu *Nun'Alvares*<sup>6</sup> (pags. 382 e 387); «*Mas não foi*» e «*Mas não podemos*» de JOÃO LISBOA. (*Obras*, v. IV, pags. 12 e 50).

EÇA DE QUEIROZ, *Maias*: v. I, pags. 13, 15, 22, 34, 49, 75, 87, 89, 109, 137, 171, 213, 224, 231, 230, 242, 244 (duas vezes), 268, 271 (duas vezes), 279, 331, 376, 377, 397, 450, 452, 458; v. II, 54, 89, 95, 142, 180, 219, 241, 266, 263, 305, 349, 392, 397, 405, 420, 468, 477, 484, 485, 501, 503. *Casa de Ramires*: pags. 13, 80, 92, 96, 116, 366, 118, 398, 247, 469, 533, 540. *Fradique Mendes*, pags. 194, 228.

RAMALHO, *Hollanda*: pags. 22, 53, 233, 250, 273 (duas vezes), 238, 288.

Em GONÇALVES DIAS não escasseiam exemplos. Vede-lhe as *Poesias*, v. I, 311, e v. II, 75, 77, 96, 97, 181.

Em MACHADO DE ASSIS são frequentes: *Poesias*, 114, 116, 248, 319, 341, *Bras Cubas*<sup>7</sup>, 16, 39, 42, 62, 67, 68, 76 (duas vezes), 95, 93, 107, 114, 161, 175, 255, 281, 283, 293, 294, 368.

Não faltam em JULIO RIBEIRO: *A Carne*, 49, 75, 76, 101, 104, 159.

**SO.** — Essa continuidade e universalidade bem estão a evidenciar que não se trata de negligencia ou veso reprovavel, senão de um

<sup>1</sup> Rio de Jan., 18

<sup>2</sup> Lisboa, 1872.

<sup>3</sup> Lisboa, 1853.

<sup>4</sup> Ed. de Lisboa, 1901.

<sup>5</sup> Porto, 1886.

<sup>6</sup> Lisboa, 1893.

<sup>7</sup> Terc. edição,

elemento da linguagem, a ella imprescindivel e nella invencivelmente arraigado.

Considerem nestas phrases : « Corre, *mas não* cansa. Luz, *mas não* é oiro. Canta, *mas não* entôa. Falla, *mas não* convence. Busca, *mas não* acerta. Vem, *mas não* chega. Dá, *mas não* onsina. Ora, *mas não* commove. Pode, *mas não* logra. Como, *mas não* engorda. Brada, *mas não* assusta. Melhora, *mas não* sara. Vasqueja, *mas não* morro. Agrada, *mas não* presta. Ri, *mas não* tom graça. Lê, *mas não* percebe. Estuda, *mas não* aprende. Discorre, *mas não* concluo. Prometto, *mas não* cumpre. Amedronta, *mas não* mata. Lida, *mas não* vence. Arde, *mas não* queima. Escuta, *mas não* ouve. Sento, *mas não* mexe. Ingere, *mas não* digere. Receita, *mas não* cura. Gasta, *mas não* gosa. Soffre, *mas não* gome. Apanha, *mas não* grita. Bebe, *mas não* tontoia. Vacilla, *mas não* cào. Chora, *mas não* sentô. Medra, *mas não* produz. Mõo, *mas não* mata. Venta, *mas não* chove. Sabe, *mas não* mostra. Traduz, *mas não* compõo. Tem, *mas não* desfructa. Vegota, *mas não* vive. Empresta, *mas não* dá. Prega, *mas não* erê. Erra, *mas não* monte. Cochilla, *mas não* dorme. Ralha, *mas não* puno. Quebra, *mas não* toree.» Como se substituiria todo esse phrasear, se houvessemos de abolil-o ?

SI. — A's vezes, até, em vez de *mas não*, é precisamente *as não* o composto, que se produz. « *As não* comem. » ( DAMIÃO DE GOES, f. 105 v.) « *Mas não* taos, que *as não* podesso dizr. » (*Ib.*, p. 179.) « *Que as não* accoitassê. » (*Ib.*, p. 389.) « *As não* desamparassem. » (DUARTE NUNES, *Chron.*, v. I, p. 361.) « *As não* oncontro. » (FR. LUIZ DE SOUSA : *Vida do Arc.*, v. I, p. 167.) « *As não* diziam. » « *As não* conhecôm. » (D. FRANCISCO MANUEL : *Feira de Annerins*<sup>1</sup>, p. 5 o 95.) « *Que as não* veja. » (M. BERNARDES : *N. Floresta*, v. IV, p. 21.) « *Quô as não* deixo. » (JORGE FERREIRA : *Eufrosina*, v. II, p. 7.) « *Que as não* podeis salvar. » (*Ib.*) « Logo *as não* pederá entristocer. » (VIEIRA : *Serm.*, V, 79.) « Pois porque *as não* attpj-bujs. » (*Ib.*, 272.) « Porêque *as não* conservaram. » (*Ib.*, 329.) « Quem *as não* conhecia. » (*Ib.*, VI, 369.) « *As não* posso desencantar. » (CAV. DE OLIVEIRA, v. I, p. 101.) « Eu *as não* digo. » (*Ib.*, p. 340.) « *Que as não* entendam. » (GARRET, v. XXIII, p. 133.) « E certo que *as não* despresava. » (*Ib.*, p. 358.) « *Que as não* posso mecher. » « *Ai de quem as não* vinga. » (CASTILHO : *Fausto*, p. 177, 343.) « *Hoje as não* ha. » « *Que as não* trocava. » (CASTILHO : *Colloquios*, p. 26, 190.) « *Ganhal-as, para as não* lograr. » (LISBOA : *Obras*, v. IV, p. 19.)

Nessas phrases o *as não* sobrosae-escoimado até do *m* inicial, que nas anteriores, do « *mas não* », pareceria modificar-lho o soar.

<sup>1</sup> Ed. de INNOCENCIO F. DA SILVA, Lisboa, 1875.

Sem embargo, ninguem poderia attribuil-o a escorregos da penna, ou negligencias de estylo. E' obvio que todos esses escriptores assim oscreveram de proposito deliberado. E porque? Porque desse geito se reveste a expressão de outra enorgia. Em «não as diz, porque *as não sabe*», a negativa assume vigor e incisão maiores que se invertermos, dizendo: «Não as diz, porque *não as sabe*.» E naturalmente; visto como, no segundo caso, o pronome complemento succede á negativa, attenuando-a, ao passo que, no primeiro a particula adverbial, antecedendo immediatamente o verbo, lhe communica toda a sua intensidade negativa.

82. — Nem ha que receiar a supposta risibilidade do composto, desde que, além do mais, *asno* nunca foi vocabulo usado em português. Quando o asno passa da marca, chama-se *asneirão*. E' esse augmentativo o que se contrapõe ao *asnhão* de que nos falla GIL VICENTE (I, 172; III, 233) e CASTILHO. (*Fastos*, I, p. 43, III, p. 127.)

Cacophonico então seria dar na combinação de *asno* ou *asna*. E' o que faz, como já se viu, o professor CARNEIRO, á p. 148 de sua *Grammatica Portuguesa*, escrevendo «*mas no* primeiro», quando, á p. 438, aponta como typo de cacophonia «*has no* dizer». Isso presumo que o não encontrará o mestre no meu substitutivo, supposto não seja difficil apadrinhar esse feitio vernaculo com as mais altas autoridades. Sem fallar em GIL VICENTE, que escreveu «*Mas no* certo é refalsada» (*Obr.*, v. III, p. 118), ou FR. LUIZ DE SOUSA, que disse: «*Mas no* mesmo tempo que os chorava» (*Hist. de S. Doming.*, l. VI, c. 31), em VIEIRA, que usou: «*Mas no* milagre» (*Serm.*, VI, p. 248) e «*Mas nas* do Brasil» (V, p. 331), ou em DUARTE NUNES, que redigiu: «*Mas nas* côrtes» (*Cron.*, v. II, p. 148) e «*Mas na* partida del rey» (p. 251),—é de CASTILHO: «*raras no* mundo» (*Art. de Am.*, v. I, p. 23), «*mas no* amor» (*Fastos*, v. I, p. 45), «*mas no* applical-o» (*ib.*, p. 274), «*mas no* subtil listão» (*ib.*, p. 111), «*mas no* passado» (*ib.*, v. III, p. 137), «*mas no* lauto festim» (*Georgic.*, p. 183), «*mas no* seu systema» (*Am. e Melancol.*, p. 185); é de GONÇALVES DIAS «*mas nos* roncões da procella» (*Poes.*, v. II, p. 69); é de EÇA DE QUEIROZ «*mas no* meio» (*Os Maias*, I, p. 62 e, II, p. 295); é de MACHADO DE ASSIS «*lagrymas noturnas*.» E bastará este ultimo exemplo, onde o encontro dos dois vocabulos se opera tão suavemente, a mostrar quão facticia é, na maioria dos casos, a escabrosidade alli descoberta pela grammatiquice de alguns autores.

Ninguem notara ainda que LUIZ DE CAMÕES, ao escrever

«*Mas na* ponta da terra Cingapura»,

mettosse entre as estrophes dos *Lusiadas* as quatro patas daquello animal, a que allude o annexim: «*Asna* velha, cinta amarella.» (*Eufrosina*, p. 55.)

Será talvez á conta dessa negligencia da censura, que ANTONIO DE CASTILHO tambem não deu pela onagra, ao dizer «*Mas na* agua»,

(*Fastos*, v. II, p. 193) ou «*Mas na herva acamada*» (*Arte de Amar*, I, p. 137), que GONÇALVES DIAS se aventurou á mesma liberdade «*Mas na accessa fantasia*» (*Poes.*, v. II, p. 200), o EÇA DE QUEIROZ não emendou aos seus romances phrases como estas: «*Mas na familia. Mas narrou.*» (*Maias*, I, p. 273, 243.)

«*Tu lo promette, mas não faz nada*», «*Não faz nada, mas de tudo so gaba*», são construcções que ninguem se correria de escrever no mais linda o estylo. «*Cuida muito e não faz nada*», postou GIL VICENTE. (*Obr.* v. III, p. 383.) «*Mas nada aproveitou*», escreve DUARTE NUNES. (*Cron.*, v. I, p. 408.) «*Mas nada basta*», «*Mas nada lhe valera*», «*Mas nada lhe valeu*», são expressões de FR. LUIZ DE SOUSA. (*Annaes de D. João III*, p. 153, 277, 299.) «*Mas nada lhes valia*» é dell, ainda, na *Vida de Fr. Bartholomeu*. (L. II, c. 26.) «*Mas nada disto*», é de CASTILHO. (*Partufo*, p. XII.) «*Mas nada mais difficil*» é de RAMALHO. (*Holl.*, p. 231.) «*Mas nada lhe offendia*» e «*Nunca se faz nada*» são de EÇA. (*Maias*, I, p. 168, 412.) «*Mas nada me pôde fazer*» é do JULIO RIBEIRO. (*A Carne*, p. 190.) «*Mas nada disse*», é de MACHADO DE ASSIS. (*Poes.*, p. 333.) E nenhum desses prosadores, desses poetas, desses estylists, qual a qual mais notavel, deu fé jamais de que houvesse mettido em casa, não um asno só, mas a manada inteira, toda uma *asnada*.

Maior caso ainda. JOÃO DE BARROS, como acintemente, na sua *Grammatica*<sup>1</sup>, ousa accentuar o o final á combinação, escrevendo: «*Como as dos latinos, de quem as nós recebemos.*» Mas, dir-me-ão, a antiguidade ouvia mal. Sim. Com os modernos, porém, como o explicariam? Entretanto, acabamos de vel-os incorrer, sem constrangimento, no mesmo goito de linguagem; e CASTILHO, cuja affinação de ouvido só tem competidor em BOCAGÉ; CASTILHO, a quem outro mestre da vernaculidade chamou «*o pontifco da prosa*», CASTILHO postou de «*purpuras nativas*» (*Amores*, v. I, p. 36), escreveu «*que as negue*» (*Arte de Am.*, v. I, p. 23), e teceu este verso: «*Mas note sobretudo offertas de outrem*» (*Amor.*, I, p. 87), sem cair em que perpetrava um *asnegue*, um *asnativas* e um *asnote*.

Dir-se-á que ahí o artista p'deria carregar a mão na brandura, e a obra não perderia com um pouco mais de lima. Mas o certo é que as phrases, de que certos escarpellos grammaticaes commigo fariam escandalo, correm nativas da mais genuina linguagem portugesa. Toda a gente diria e escreveria: «*Não ha quem as conteste, ou as negue.*» Toda a gente escreve, ou diz: «*Mas observe. Mas note. Mas nomeie. Mas navegue. Mas nada faça.*»

§ 3. — Alimentemos, pois, a esperanza de que desta feita ainda não perderemos o direito de escrever, ou dizer confiadamente:

<sup>1</sup> Ed. de Lisboa, 1785, p. 74.

« As notícias. *Más* notícias. As novações. As novellas. As nomeações. As notificações. As noções. As notações. As nobrezas. As noviças. As novidades. As novenas. As noviciarias. As nomadas. As novilhas. As novilhadas. As nugas. As nubianas. As nubentos. As nubes. As núculas. As nudezes. As numidas. As nullidades.»

## A NÃO.

84. — Nos mais classicos, nos mais puros, nos mais cuidados especimens da escripta vernacula o pronome regimen amiude se antepõe á negativa. Em vez de « Quem não o viu? » « Como não o achou? » « Porque não o sentiu », se costuma, e sempre se costumou dizer frequentemente : « Como o não achou? Porque o não sentiu? Quem o não viu? » Em tal hypothese, estando no feminino o pronome complemento, em lugar de *o não*, teriamos, nas tres phrases, *a não*.

E ali está o *anão*, com que me querem enxovalhar os brios de escriptor.

Venham, pois, as testemunhas da defesa.

Não me quero deter com os antigos mestres, cuja audição é suspeita. Apenas, quanto a elles, me cingirei á indicação de alguns exemplos. Póde verifical-os quem entender : GIL VICENTE, *Obr*, I, p. 127 (« E diz que *a não* quer por *nora*. »); II, 504; III, 76, 88, 279. CAMÕES: *Obras*, v. IV, p. 147; v. V, p. 58; v. VI, p. 46, 131, 207. JORGE FERREIRA: *Eufrosina* (ed. de 1786,) p. 158, 180, 194, 210, 233, 295. BERNARDIM, p. 29, 116. VIEIRA, *Serm.*: v. V, p. 165, 167, 195, 193, 198 (duas vezes), 226, 319 (duas vezes), 277 (duas vezes); v. V, 280, 311, 327, 359, 375; v. IV, p. 216, 229. *Obr. Ined.*, p. 126, 135. AMADOR ARRAES, p. 51. DUARTE NUNES, *Cron.*, v. I., p. 50, 76, 82, 85, 151, 207, 360; v. II, 55, 85, 114, 277, 459. FR. LUIZ DE SOUSA, *Vida do Arceeb.*, v. I, p. 14, 32, 61, 136, 148, 259, 309, 409, e *Annaes de D. João III*, 25, 162, 192, 227, 256. BERNARDES: *Luz e Calor*, p. 53, 56, 61. FERREIRA, *Obras*, I, p. 351. CAV. DE OLIVEIRA, *Cart.* I, 230, 334, II, 460.

Nos escriptores modernos e contemporaneos, porém, o *a não* é tão correntio como nos antigos.

GARRET: v. XXIII, p. 29 (*a não*), 42 (*a não* vemos), 63 (*a não* quizeram; *já não* existia), 77 (*a não* siga), 81 (*a não* patenteiem), 131 (*a não* conduziram), 137 (*a camara não* deve), 150 (*ainda não*), 154 (*ainda não*; *tactica não*, *ella não*), 157 (*já não* serve); 201 (*para não* cair), 227 (*para não* verem), 235 (*ainda não*), 236 (*já não* há), 251 (*a sua não* fossa), 265 (*a não* fazer), 303 (*já a não* tinha), 320 (*ainda não*), 345 (*para não* perturbar), 354 (*já não* restava), 374 (*já não* era), 419 (*quando a não*).

CASTILHO: *Georgicas*, p. 13 (*terra não*), 25 (*porque a não*), 31 (*a não* rejeita), 53 (*já não*), 171 (*já não*), 215 (*já não*), 293, 203, 111 (*já não*). *Fastos*, v. I, p. 266 (*a não* chamara), 275 (*a não* experimentaram); v. II, p. 149

(a não n'ò haver), 109 (a não quietara); v. III, p. 47 (já não pôde), 7 (a não ser), 157 (a não atino), 69 (a não valer-nos), 153 (sua não). *Arte de Amar*, v. I, p. 26 (a não ser), 32 (a não persigas), 64 (para não.), 87 (já não), 98 (a não sabe), 99 (a não vir), 101 (se a não quereis); 126, (a não lhes ver), 136 (a não tragamos), 48 (outra não), 64 (para não). *Amores*, v. I, p. 43 (já não posso), 68 (já não me aterra), 78 (a não ser), 94 (já não), 96 (para não); v. II, p. 47 (já não), 71 (bella não), 73 (inda não), 87 (venturosa não, bella não), 99 (vacca não; a não tor-nasse); v. III, p. 88 (se a não tens). *Anacreonte*, od. 1<sup>a</sup> (a minha, não), od. 8<sup>a</sup> (lua não), od. 14<sup>a</sup> (já não quero), od. 12<sup>a</sup> (inda não). *Amor e Melancol.*, p. 286 (a não concebemos), 352 (a não lhe deixar), 404 (a não ser), 407 (a não me perder). *Sabichonas*, p. 17 (a não sor), 41 (a não declara), 42 (a não diz), 123 (inda a não). *Tartufo*, p. 39 (a não posso), 46 (que a não zela), 87 (a não viu), 145 (inda a não ha). *Puusto*, p. 10 (a não traguê), 73 (a não ser), 201 (que a não procura), 383 (confesso que a não tenho). *Colloquios Aldeões*, p. 53 (a não refusam), 70 (osta não), 137 (a não talhara), 39, 165, 189, 219 (já não), 304 (a não andar), 329 (a não fazemos), 371 (a não querer), 381 (a não ombaçarom), 385 (só para mim a não houve). *Camões*, p. 35, 49 (osta não); 68, 75, 105, 147, 221 (para não); 110 (já não).

HERCULANO: *Opuscul.*, v. VIII, p. 64 (todavia não), 71 (já não), 201 (a matoria não era). *Casamento Civ.*, p. 33 (ella não), 42 (para não), 43 (para não), 61 (a não recepção). *Solemnia Verba*, p. 30 (para não ignorar). *Monge de Cister*, v. I, p. 125. *O Bóbo*, p. 21.

CAMILLO: *Queda de um Anjo*, p. 105 (a não trahia), 107 (a não quizesse). *Memor. do Carc.*, v. I, p. 85 (a não amasse).

RAMALHO: *Hollanda*, p. 65 (para não), 69 (para não), 268 (ou a não), 324 (já não); 547 (como a não ha).

EÇA DE QUEIROZ: *Os Maias*, v. I, p. 99 (a não ser), 123 (a não ser), 213 (a não ser), 285 (a não metter, a não ser), 359 (já não), 388 (já não), 393 (já não), 403 (já não), 436 (para não), 457 (ella não); vol. II, p. 78 (a não deixar), 84 (já não), 106 (Ega não), 109 (a não vira), 130 (ella não), 141 (ella não), 173 (já não), 195 (a não mereço; a não posso), 202 (já não), 215 (a não; olla não; agora não), 221 (era não), 243 (já não; para não), 288, 296, 316, 373, 380 (já não), 392 (para não), 407 (a criada não; ainda não), 408 (Villaça não), 409 (ainda não), 410, 431 (já não), 433 (ainda não), 456 (para a não), 457 (para não), 461 (já não), 482 (ella não), 493 (a não ser), 503 (já não), 509 (já não), 518 (já não), 526 (já não). *Cusu de Ramires*, p. 62 (a não visitar), 93 (a não vejo), 224 (a não ser), 305 (Quem a não deitaria). *Fradique*, p. 115 (ainda a não ha), 167 (a não ser), 203 (a não ser).

OLIVEIRA MARTINS: *Nun'Alvares*, p. 369 (a não cria.)

LISBOA: *Obr.*, IV, 72 (a não ser), 100 (a não tomia.)

G. DIAS: *Poes.* v. I, p. 73 (olla não), 200 (já não.)

JULIO RIBEIRO: *A Carne*, p. 4, 9 (*já não*), 15 (*Lenita não*), 66 (*Id não*), 68 (*já não*), 69 (*a não ser*), 75 (*ella não*), 76 (*Lonita não*), 92 (*para não*), 94 (*ella não*), 101 (*para não*), 124 (*ainda não*), 128 (*para não*), 155 (*já não*), 160 (*a moça não*), 161 (*Lonita não*) 167 (*a não poderia*), 181 (*a moça não*), 209 (*para não*), 210 (*Elle a não veria*), 212 (*ainda não*), 227 (*já não*).

MACHADO DE ASSIS: *Braz Cubas*, p. 31 (*a não ser*), 81 (*a não estender*), 84 (*m'a não dessem*), 163 (*a não ser*), 318 (*a não ser*): *Poesias*: p. 41, 130, 166, 320, 337 (*já não*), 19 (*inda não*), 220 (*patria não*), 255 (*a vida não*), 258 (*Coema não*), 273 (*alma não*), 304 (*agora não*), 311 (*alguma não*), 330 (*a penna não*).

E por cumular este respeitavel acorvo, que facilmente se decuplaria, ou centuplicaria, se valesse a pena, virá o proprio dr. CARNEIRO, que na sua *Grammatica*, p. 107, não se desdenha de escrever com todas as suas letras um *já não*.

§ 55.—Já se vê que nessa combinação de sons não pôde existir cacophonon. Como havel-o, se essa construcção é inseparavel do bom phraseado portuguez? Banida, teriam que desaparecer com ella (já o eu disse) todas as fórmãs, em que o pronome *a* precede o adverbio *não*. Nem é tudo. Teriamos, outrossim, nesse caso, que desvalijar o nosso idioma de todos os dizeres, em numero innumeravel e de variabilidade infinita, nos quaes o *não*, succedendo á preposição *a*, antecede aos verbos no infinito: « *A não ser. A não ter. A não dar. A não tomar. A não vir. A não pedir. A não deixar. A não ir. A não crer. A não ver. A não rir. A não viver. A não bastar. A não chegar. A não nascer. A não morrer. A não valer. A não partir.* »

Mais longe ainda, porém, havia de ir a assolação. Ella espoliaria a nossa lingua de todas as construcções, onde *a* um nome ou a um adjectivo feminino se segue a negativa. « *Maria não ama. A feia não agrada. A bonita não aborrece. A casa não presta. A lua não brilha. A falua não voga. A data não se sabe.* » Ora, essas construcções não têm numero no fallar vernaculo. Já é muito? Pois ainda assim não fôra tudo.

Com essas iriam tambem do escantilhão para o limbo as phrases, sem fim, sem conta, em que precede á negativa uma destas expressões: *porventura, todavia, ainda, agora, lá, cá, já, para, ella, sua, minha, tua, nossa, vossa, della, outra, alguma, essa, esta, aquella*: « *Se porventura não vier. Todavia não vejo. Ainda não vale. Agora não convem. Lá não ha. Cá não choga. Para não morrer. Ella não falla. A sua não serve. A minha não ganha. A tua não corre. A nossa não circula. A vossa não aproveita. A della não melhora. A outra não cede. Se alguma não acode. Essa não adeanta. Esta não pesa. Aquella não brilha.* »

Que tal lhes parece ficaria a nossa vernaculidade, passando por tamanha devastação? Não creio que o meu velho mestre a admittisse.

Aliás nos reduziria á contingência de não termos possibilidade absolutamente nenhuma de fallar, sem que nos atascassemos até á barba no cacophaton. Não é assim? Assim é. Mas, se tal consequencia lhe repugna, se a não admitte, ha-de reconhecer que a sua estranheza não cabe, que a sua censura não colhe, que a sua emenda não quadra, ha-de confessar que a não devia ter feito, ha-de convir em que a não pôde sustentar.

## § 10

## Ainda «cacophatons»

86.— Sobre algumas outras combinações phônicas, desentranhadas, a muito custar, do meu substitutivo e seus trabalhos accessorios, caiu, da parte de outros criticos, a nota de cacophonia. Entre elles mereceram particular relevo, numa das primeiras censuras, como characteristics do meu achaque, estas realmente curiosas enormidades:

*Por cada;*

*Por tal;*

*De dote;*

Desde logo, pois, se me afigura de bom conselho dizer o que a tal proposito me occorre. <sup>1</sup>

POR CADA.

87.— Nos melhores exemplares de nossa lingua, velhos e novos, sempre achei reunidas assim essas duas palavras, o não me constou jamais que alguem o lovasse a mal.

«Daria premio certo em panos da feitoria», escreve FR. LUIZ DE SOUSA, «por cada cabeça que se lhe presentasse.» (*Annaes*, p. 106.)

«Mandou-os carregar de ferros», diz noutro logar o mesmo autor, «a duas bragas mui grossas por cada um.» (*Histor. de S. Domingos*, I. VI, c. 29.)

«Pagasse mil dobras cruzadas», falla agora DUARTE NUNES, «por cada prisioneiro.» (*Chron. Del-Rey D. João I*, p. 352.)

«Por cada official» é phrase de GARRET (*Obr.*, v. XXIII, p. 47), cujo finissimo ouvido não sentiu metter-se-lhe alli pelo discurso dentro a suinaria, com que agora me querem dar em casa.

«Por cada uma das suas tres gargantas», aventura noutro discurso esse primoroso artista. (*Ib.*, p. 143.)

RAMALHO ORTIGÃO, a quem não conheço estylista que se avanteje em materias de colorido e harmonia, perpetrôu esta sentença na sua *Hollanda* (p. 20): «Dir-se-ia que o escriptor é o soldado ha-

<sup>1</sup> A este particular volto na secção II, §§ 16-20.

viam repartido o seu coração e o seu espirito *por cada* um dos si-tiados.»

«*Por coisa*» também é expressão d'elle (Holl., p. 279), como «*por corôa*» é de GARRET (Obr., XXIII, p. 143), «*por cartas*» de CASTILHO (Fastos, v. I, p. 111), e «*por caçar*» de JULIO RIBEIRO. (A Carne, p. 60.) Cada um desses encontros de sons renderia aos meus criticos um *porco*, ou uma *porca*. Quem a elles anda, afirma o adagio, que em toda a parte lhe roncam.

Por honra da nossa geração, porém, não esqueçamos que só agora se percebeu esse grunhir em expressão tão antiga, tão vernacula, tão geral, tão imprescindivel. Na palestra, no fóro, na tribuna, ou na imprensa, a cada momento, nos dão na vista, ou nos resoam ao ouvido sentenças como estas: «*Por cada* beneficio uma ingratição. *Por cada* prazer uma pena. *Por cada* sacrificio uma amargura. *Por cada* soberbia uma humilhação. *Por cada* aspiração um desengano. *Por cada* promessa um logro. *Por cada* jura uma traição. Perguntei *por cada* um. Quanto pagaste *por cada* logar? Distribua a razão *por cada* praça. Interessei-me *por cada* um. *Por cada* vez uma pessoa.» E' um dos feitiços vernaculos mais portuguezes, toda a vez que se offerece occasião de particularizar, ou distribuir. Nem mesmo orelhas de porcariaõ alli sentiriam, provavelmente, esse cuinehar, de que ora me arguem a prosa os criticos do substitutivo.

Quando, porém, a suinophobia requintada a tal extremo anathematizar definitivamente da nossa linguagem estes velhos moldes patrios, tem de ir adiante, e vasculhar o idioma de muitas outras fórmas portuguezas, onde esse atino auditivo desemboscaria *porcos*, *porcas*, *porcalhas*, *porquinhos*, *porquitas* e *porcarias*: Assim: *por* costume, *por* casa, *por* camisa, *por* caça, *por* calha, *por* quinho-ciro, *por* quitação, *por* cariar.

CAMÕES escreveu «*porqu'antes*», «*por'caso*» e «*por caso*». (Obras, v. I, p. 150, vol. II, p. 43 e 79.)

#### POR TAL

SS. — De veras será necessario não fazer o menor caso do senso commum, para neste composto phonico ir afuroar cacophonias.

Vejamos. Que vem a ser cacophaton?

Abro o velho JOÃO DE BARROS. «Cacophaton», ensina elle, «*quer dizer mau som, e é vicio que a orelha recebe mal: e commetto-se, quando do fim de uma palavra e de principio doutra se faz alguma fealdade, ou significa alguma torpeza.*» (Grammatica, p. 163 !.)

CASTILHO, no seu *Tratado de Metrificacão*<sup>2</sup> (p. 56) miudeia as variedades possiveis do cacophaton: «De tres sortes pôde ser a ca-

<sup>1</sup> Abstenho-me de transcrever o exemplo dado por JOÃO DE BARROS porque, actualmente, o papel impresso o não soffreria.

<sup>2</sup> Porto, 1837.

cophonia : de *torpeza*, de *immundicie* e de simples *desagrado*. *Torpeza*, quando as extremidades de palavras comediaes produzem um vocabulo indecente. *Immundicie*, quando de igual reunião provém um termo repugnante em conversação de pessoas delicadas. E será ainda vicio deste genero o só fazer lembrar palavra indecorosa. O *desagrado* cacophonico pôde ser ainda de dois modos: ou quando da continuidade de dois termos se fórma um terceiro o bem perceptivel, sobretudo se a significação é *desagradavel e baixa*, ou mesmo quando, sem formar vocabulo algum, dá uma combinação pouco bella.»

São estes os exemplos, em que elle successivamente caracteriza estas differentes especies uma a uma:

« Alma minha gentil que te partiste. »

« Em Mecca cada qual se apresentava. »

« Tens-me já dado, amor, bastantes penas. »

« Mas morra omfim ás mãos da bruta gente. »

« Vendo a sua *ré linda*, el-rei perdoa. »

Segundo JULIO RIBEIRO (*Gramm.*, p. 328, n. 633), consisto a cacophonia no « encontro de duas palavras, que produza uma torceira, de significação *baixa* ou *torpe*: Alma minha. Essa fala. Ella trina. »

A definição do professor CARNEIRO discerne quatro generos de cacophonia: o deshonesto, o torpe, o ridiculo e o que se limita ao encontro de consoantes asperas da mesma natureza.

E', como se vê, o mais severo de todos os aquilatahores do cacophonon; porque o proprio CASTILHO, particularizando tanto, e legislando para a harmonia metrica, não individua a ultima das variedades enumeradas pelo grammatico bahiano.

**SD.**—Fosso qual fosse, porém, dessas definições a que se adoptasse, abrangeria a contiguidade entre as duas syllabas *por* e *tal*?

Formam ellas, juxtapondo-se, o vocabulo *portal*, que os lexicographos definem *portada*, ou *porta principal*. Não ha nello, é de ver, associação de idéas torpe, deshonestas, ou ridiculas. Tão pouco se lhe nota encontro de consoantes asperas e da mesma natureza. Nem o *t* é consoante aspera, nem da mesma especie que o *r*.

Não se poderia, a de mais, som offensa do senso commum, classificar entre as cacophonias um concurso, como esse, de particulas, que o uso vernaculo associa normalmente em phrases de occorrença quotidiana e indispensavel. Taes são :

« *Por tal modo. Por tal maneira. Por tal forma. Por tal jeito. Por tal arte. Por tal preço. Por tal caminho. Por tal sacrificio* não valia a pena. *Por tal desfecho* ninguem esperava. *Por tal crime* so famigerou. *Por tal desgraça* lhe acabou a vida. *Por tal sentença* lhe tiraram a fortuna. *Por tal principio* tal fim. *Por tal martyrio* o fizeram passar. *Por tal provação* o experimentou Deus. *Por tal*

beneficio tal gratidão. *Por tal* vida tal morto. *Por tal* amigo não era de mais tal excesso, *Por tal* medida o não deviam medir. *Por tal* heroismo tal victoria. *Por tal* serviço tal galardão. *Por tal* affronta só a morte. *Por tal* miseria só o despreso. *Por tal* maneira só a forca. *Por tal* virtude só o céu.» Como excluir da boa linguagem e supprir, quando excluidas, taes expressões e sentenças?

Se a idéa de *porta*, suscitada em *por tal*, irrita a cacophatomania desses criticos, em fazendo lei o seu capricho, outras locuções vernaculas têm de ser, com essa, refugadas. Pela mesma associação de idéas, já nos não poderiamos servir das construcções grammaticaes, em que a preposição *por* antecede o verbo *ter* no infinito, e a esta se segue o pronome demonstrativo *o, a, os, as*. Exemp.: «*Por tel-o* visto. *Por tel-os* oncontrado. *Por t l-os* estragados (os organís). *Por tel-o* aberto (o caminho). *Por tel-o* fechado (o negocio). *Por tel-a* requestado. *Por tel-as* namorado.» E, desta lavra, innumeras outras phrases, em todas as quaes se introduz um *portêllo*, ou mais *portellos*, uma *portella*, ou varias *portellas*, a saber, uma ou mais *cancellass*, ou *portlinhas*.

90. — Já eu parece que me pudera contentar do que em relação ao *por tal* levo dito. Mas não será por demais accrescentar ás razões as autoridades. Virei até ás mais proximas, desdo as mais remotas.

Os mais antigos monumentos do nosso idioma nos attestam a tendencia constante dessa preposição e esse adverbio á mutua contiguidade. Basta man usar o *Leal Conselheiro* del rei D. DUARTE para ver como semelhante convisinhança é ingenita ao nosso fallar. Vojamol-o, na bella edição de ROQUETE (Pariz, 1842): p. 2, 51, 72, 132, 294, 179, 180, 186, 285, 290, 298, 351, 365, 395, 404, 412, 415, 414, 416, 351, 404, 416, 411, 365 («*por tal* que); 81 («nom se tem *por tal*); 41 (*por tal* amor); 46 («*por taes* mostranças»); 118 (*por tal* temor); 127 (*por taes* avysamentos); 130 (*por tal* lembrança); 154 (*por taes* feitos); 169 (*por tal* sciencia); 178 (*por taes* nos prometto); 260 (so *por taes* os nom conhocer); 311 (*por tal* o couhecere).

«*Por tal* vendei de maneira  
Que não offendaos a Deus»,

dizia Maria Dias, no *Auto da Feira* (GIL VICENTE, *Obr.*, v. I, p. 176), e o anjo no *Auto da Alma* (*ib.*, p. 189):

«*E por tal*  
Me manda a vos ajudar,  
E defendêr.»

Semelhantemente CAMÕES, nos *Lusiadas* (II, 5) :

«Cumprirá sem receio seu mandado,  
Que a mais *por tal* senhor está obrigado.»

FERNÃO LOPES: *Chron. d'el-rei D. Fernando*, c. 66 («Dava a entender por tal obra»); *Chron. d'el-rei D. João I*, c. 29 («Por tal que sua fama crescesse»); *ib.*, c. 48 («Por tal que vista sua resposta»); c. 139 («Por tal que supitamente e improviso as pudesse tomar»); c. 149 («Por tal que morressem»); *ib.*, II parte, prol. («Por tal que aquellos que os houvessem»); *ib.*, c. 183 («Por tal que Deus e o mundo visse»); *ib.*, c. 196 (*Por tal ajuda*).

DAMIÃO DE GOES, *Chron. d'el-rei D. Man.*, fol. 98 «Por tal o manda el-rei castigar.»

DUARTE NUNES, *Chron. d'el-rei D. João I*, v. I, p. 340: «Nunca me conhecestes por tal.»

FR. LUIZ DE SOUSA, *Vida do Arceb.*, v. I, p. 15 («ouvindo-se julgar por tal»); p. 34 («por tal foi depois mandado á India»); p. 42 («por tal lh'o propoz»); p. 88 («por tal merecia»); p. 120 («por taes meios»); p. 152 («por tal o tenho»); p. 166 («e deixada por tal»); p. 175 («conhecer por taes»); p. 219 («por tal ordem»); p. 234 («por tal fôra a primeira»); p. 312 («por tal lhe doram aquelle logar»); p. 313 («por taes estão venerados»); p. 349 («por tal se tem»); p. 363 («conhecendo-me por tal»); p. 369 («e por tal»); p. 387 («para a terem por tal»); p. 397 («por tal está venerada»); p. 399 («festejando aos que tinham por taes»); p. 415 («por tal traça»); p. 420 («por tal chronista»); vol. II, p. 33 («por tal terra como esta»); vol. III, p. 46 («e por taes os guardaram»). *Hist. de S. Domingos*, p. I, l. VI, c. 33 («Destá maravilha, que por tal foi havida»). *Annaes de D. João III*, p. 100 («por tal maneira»); p. 235 («por tal fora escolhido»); p. 313 («por tal sabemos que foi depois imitado»); p. 340 («por tal o foi acompanhando»); p. 343 («por tal trabalho»).

JORGE FERREIRA, *Eufrosina*, a. II, sc. 2: «Por tal não te conheci»; a. II, s. 7: «Por tal a formou Deus»; a. III, s. 2: «por tal razão»; a. V, s. 2: «Se nos vissemos tal por tal.»

BRITO, *Monarch. Lusit.*, v. I, p. 59: «E por tal a canonisam.»

VIEIRA, *Serm.*, v. III, p. 206 («por tal artes»); p. 209 («e so vendiam por taes»); v. VI, p. 305 («a que ou tenho por tal»); *ib.*, p. 308 («e por tal a qualifica o texto sagrado»).

M. BERNARDES, *N. Flor.*, v. IV, p. 209: «quem o deixará do respeitar por tal?»; p. 221: «um paralytico, que conheciam por tal»; v. II, p. 87: «que por taes reputavam.»

ANT. PEREIRA DE FIGUEIREDO, *Memorias de Liter. Portuguesa*, v. III, p. 208: «E por tal o teve tambem.»

FILINTO ELYSIO, *Obras*, v. VII, p. 11: «Não o teve por tal»; v. XVII, p. 11: «enfraqueci-lo por tal modo»; p. 82: «e por tal o mais fanatico»; v. XVIII, p. 8: *por tal o julgaria.*»

ROQUETE, n. I ao *Leal Conselh.*, p. 481: «Apezur de que a Igreja não o tenha declarado por tal.»

GARRET, *Obr.* v. XXIII, p. 89: «E por tal o apoiou o centro.»

CASTILHO, *Georgin.*, p. 205: «e pôr tal peste fóra». *Fastos*, v. II, p. 125: «por tal arte a affligiu»; p. 179: «por tal arte lhe ingenhra». *Fausto*, p. 119: «chegares por tal arte». *O Avarento*, p. 143: «por tal signal». *Anacreonte*, od. 28ª: «Mas dispor-lh'a por tal arte». *Felicidade pela Instr.*, p. 64: «encaminhar as coisas por tal arte».

LATINO COELHO, *Oraç. da Coroa*, p. 6: «Por tal motivo.»

CASTILHO JOSÉ, *Grin. da Arte de Am.*, p. 127: «Por tal guisa.»

CAMILLO, *Narcotico*, v. II, p. 157: «Balburdiaram por tal feição o antigo com o moderno.»

GOÑÇALVES DIAS, *Poes.*, v. II, 203.:

«Virgem! virgem! que o amor recompensas  
Por tal arte, tão dura e cruel.»

*Obras Posthumas* (S. Luiz, 1868) v. IV, p. 201: «Por tal feito cahiu de tal modo em graça.»

RAMALHO, *Holl.*, p. 277: «Por tal motivo elle prevenia de antemão»; p. 279: «Por tal motivo.»

M. DE ASSIS, *Poes.*, p. 11:

«Que por taes gosos não vale  
Deixar os braços de Deus.»

Agora estejam no caso, e, se continuarem a recusar a essa expressão os foros de irreprehensivel, é que se obcecarem no proposito de negar a verdade conhecida *por tal*.

#### DE DOTE

21. — Tambem esta ridicularia chibou nas primeiras criticas oppostas ao substitutivo. O inventor do achado riu-se muito do chiste, e, como os pintores de retratos e paisagens que ninguem reconheceria sem a legenda explicativa, advertiu os amigos da troça que *de dote* vem a ser *dêdote*, e *dedote* o dedo meminho.

Não sei se os papalvos se puzeram a rir. E dahi ririam talvez justamente da sensaboria; porque ás vezes acontece darem os nescios para ter senso.

Mas o que sei, é que não distinguir sons tão diversos quanto o do *e* mudo na preposição *de* e o do *e* accentuado em *dêdo*, é querer destrinçar uma lingua culta com a audiçãõ africana. O ouvido portuguez não confunde, não confundiria jama's «*de* muito» com «*dê* muito», «*de* pouco» com «*dê* pouco», «*de* tudo» com «*dê* tudo», «*de* todo» com «*dê* todo», «*de* pasto» com «*dê* pasto», «*de* treguas» com «*dê* treguas», «*de* manso» com «*dê* manso», «*de* fé» com «*dê* fé», «*de* ordem» com «*dê* ordem», «*de* cabo» com «*dê* cabo». Ha phrases, até, em que os dois vocabulos se encontram juntos um ao outro, sem risco de confusão possivel: «*Dê de* leve. *Dê de* manso. *Dê de* barato. *Dê de* vagar.»

92. — Se a critiqueice conhecesse a lingua, de que discorre, não me levaria a desacerto e a riso uma construcção como essa, tão rigorosamente correctæ e notoriamente vulgar. Não ha quem não phraseie: «Haver *de dote*. Ter *de dote*. Receber *de dote*. Alcançar *de dote*. Reclamar *de dote*. Fallar *de dote*. Deixar *de dote*. Dar *de dote*. Tratar *de dote*. Prescindir *de dote*. Contracto *de dote*. Escritura *de dote*.»

A preposição *de*, como é frequente em nosso idioma, faz ahi vezes de *em*, ou *como*, correspondendo o «dar *de dote*» a innumeradas outras sentenças de analogã foitura: «Dar *de aluguel*. Dar *de aforamento*. Dar *de emprestimo*. Dar *de parceria*. Dar *de juro*. Dar *de festas*. Dar *de esportula*. Dar *de esmola*. Dar *de renda*. Dar *de troco*. Dar *de resto*. Dar *de quebra*. Dar *de saldo*. Dar *de lucro*. Dar *de arras*. Dar *de beneficio*. Dar *de luvas*. Dar *de premio*. Dar *de estreia*. Dar *de gratificação*. Dar *de garantia*. Dar *de graça*. Dar *de barato*. Dar *de tornas*.»

Agora, se ainda exigem autoridades, o não basta a do uso, a maior de todas; ahi vão:

DUARTE NUNES, *Cron.*, v. II, p. 385: «Em lugar *de dote* o legitima»; p. 465: «Que em lugar *de dote* tomou.»

FR. LUIZ DE SOUSA, *Ann. de D. João III*, p. 361: «Devia el-rei considerar que o que desse de sua fazenda, com nome *de dote*, ficava sendo um genero *de donativo*.» Aqui *de dote* e *de do*.

RAPHAEL BLUTEAU, *Vocabulario*, v. III, p. 296: «Magalia, por casar com cinco mil escudos *de dote*; foi chamada por alcunha *A bem dotada*.»

*Ibid.*, p. 297: «Casou com grande *dote*.»

HERCULANO, *Est. sob. o Casam. Civ.*, p. 18: «Precedendo a convenção preliminar *de dote*.»

E, se, por se approssimar do vocabulo *dedo*, houvesse de incorrer em nota desfavoravel a locução *de dote*, outras, como imitações ou arremedilhos da mesma palavra, haviam de merecer egual stygma.

Não seria licito, por exemplo, dizer *de dô*, isto é, *de pesar*, *de magua*, comquanto BERNARDIM RIBEIRO (*Men. e Moça*, p. 21) houvesse escripto «*de dô* de mim», e GARRET, no *Cambes*, poetado:

«Dá com os olhos

No cortejo *de dô* que hospedo novo

Traz á morada eterna.»

CÁSTILHO teria elucidado naquello verso da *Arte de Amar* (p. 30):

«Dar, nunca, mas fingir, sempre tenção *de dar*.»

Mau seria ainda, o exemplo dado pelo dr. CARNEIRO, quando, na sua *Grammatica* (p. 134), disse aos seus alumnos que «cedo devia o homem sentir a necessidade *de dar* nomes aos varios objectos.»

Emfim, da versão do *Fausto*, num dos seus trechos mais primorosos, o canto de Margarida ao fiar na roca, deviamos expungir o verso onde se falla em «caudaes de doçura.»

Mas baste de razões. Essas já me parece que sobejam.

## § 11

## Art. 17

## PRIVADA

93.— Não está o sabio philologo bahiano pelas minhas objecções a esta palavra. A seu ver, é um vocabulo maior de toda a excepção. Deploro não ter por mim a acquiescencia de tão respeitavel autoridade. Mas o seu desapoio não abala as minhas reservas, que mantenho, e manterei.

Em questões, como esta, de gosto e, digamos assim, de olfacto, nem sempre será o melhor aviso o que puder abundar em razões mais ponderosas. Ah! o que decide com acerto, é o tacto do entendido, a experiencia do conhecedor, não logrando, muita vez, estribar o seu laudo noutro motivo que o seu proprio sentir, criterio pessoal, intimo, instinctivo e, não raro, indemonstravel.

Não contestei a legitimidade vernacula do termo. «Pessoa privada» é expressão de Diogo do Couto. (*Dec.* IV, l. I, c. 2.) VIEIRA falla «na capella privada». (*Cart.* I, p. 229) e em «pessoa privada». (*Ined.*, v. II, p. 139.) GARRET (v. XXIII, p. 114 e 115) diz «afeições privadas» e «vida privada». ALEXANDRE HERCULANO (*Opusc.*, v. VIII, p. 47) escreve «virtudes privadas». E «vida privada» escreveu LATINO COELHO. (*Humboldt*, p. 230; *Oraç. da Cor.*, p. 16.)

Esse exemplo, que offereço aos amigos do precioso adjectivo, fazem mais ao intento do illustre professor que o seu excerpto do LATINO COELHO, o qual se refere a «familias privadas de seus chefes». Sendo, com effeito, de mera sensibilidade auditiva o molindre aqui offendido, não trazem a mesma impressão desagradavel que o adjectivo em locuções como «vida privada», «pessoa privada», «virtude privada», onde o ultimo dos dois vocabulos remata a expressão da idéa, communicando-lhe o seu tom, as phrases, como aquella de LATINO COELHO; onde o participio aoristo do verbo *privar* seguido de um complemento, atraz delle se dissimula ao ouvido. Ah! não teria eu a repugnancia, que sinto no outro caso, do mesmo modo como não repugnaria ao uso do adverbio *privadamente*, que me depara JOÃO DE BARROS no *Dialogo da Viciosa Vergonha*.<sup>2</sup>

Nas locuções adjectivadas, o epitheto, que as ultima, tom a predominancia, que recorda á orelha o substantivo *privada*, com

<sup>1</sup> Ver adiante, secç. III, § 20.

<sup>2</sup> Ed. de 1785, p. 287.

as suas accepções necessarias e actuaes, de «secreta, commua, latrina, sentina, cloaca, retreta.» (MORAES, *Diccion.*)

Não deslisou até hoje a palavra da significação, com que a escrovia GIL VICENTE, na *Comedia de Rubena*.

« Quo não saiam da *privada*  
A enganar as coitad s.»

(*Obr.*, v. II, p. 13.)

« E' hũa torta defumada,  
Tapadoiro da *privada* .»

(*Ib.*, p. 16.)

Fazendo suas as palavras do meu parecer, com que suppoz responder-me, não me refuta o dr. CARNEIRO; porquanto não é á brojeirice do calão que tóa mal o vocabulo. Mais de uma vez lhe accentua CAMILLO CASTELLO BRANCO essa parónomasia aborrecivel. «Entrava-lhe na *vida privada*», escreve elle, griphando a expressão, «e dizia que o substantivo era tão limpo como o aljectivo.» (*Historia e Sentimentalismo* <sup>1</sup>, p. 143.) Noutro livro seu (*Noites de Insomnia* <sup>2</sup>, n. 7, p. 92) ainda mais expressivamente se pronuncia: «Diz que não me ameaçara na minha *vida privada*. O *privada é elle e dello. Eu escrevi vida particular*. Não lhe quero maior castigo que a vergonha ante si mesmo do substituir caviliosamente palavras, para amanhar um gracejo sujo.»

§ 4. — Não era de estranhar que a accepção fescennina desse vocabulo acabasse por destingir sobre os seus outros usos, e conspurcal-os, quando palavras estremes dessa grosseira synonymia, outr'ora correntes, vieram a cair em incompatibilidade com a linguagem delicada, ou a ser proscriptas da circulação, por terem assumido ambiguidade accessivel a equívocos maliciosos.

Ninguém actualmente diria, por exemplo, como os nossos classicos diziam, «sujeito de boas partes», «homem de grandes partes», não se podendo já recorrer a esse termo, na accepção de prendas ou dotes pessoaes, senão com subtileza e tento, por não dar azo á malignidade. Outro especimen temos nas locuções *bom successo* e *mau successo*, que, vulgarmente, hoje, no singular, indicam um factu physiologico especial ao outro sexo. *Têtas* diziam dos seios da mulher os nossos melhores poetas <sup>3</sup>, entretanto que presentemente só se applica ás fêmeas dos animaes. Ainda não ha receio do significar o delivramento pelo nome commum e especifico de *parto*. Mas o verbo correspondente, que tantas vezes figurou em bellas estrophes de

<sup>1</sup> Porto e Braga, 1830.

<sup>2</sup> Porto e Braga, 1874.

<sup>3</sup> CAMÕES, ode XI. (*Obr.*, v. II, p. 117.) FERREIRA, *Obr.*, v. II, p. 263. (*Castro*, a IV.)

CÂMÕES<sup>1</sup>, e FERREIRA<sup>2</sup>, que tantas se ouviu nos sermões de VIEIRA, com relação a Maria Santíssima, que sem desaire ainda se repete nas incomparáveis traduções latinas de CASTILHO<sup>3</sup>, desapareceu da linguagem delicada, e, hoje, suscitaria escandalo numa poesia, num discurso, ou numa sala. Ainda agora se falla no *aprisco da igreja*. Mas quanto não faria rir quem dissesse como JACINTO FREIRE<sup>4</sup>, o *curral de Christo*?

Bem razão tinha LAMARTINE, quando, oppondo-se á glorificação do *mot de Cambronne* por VICTOR HUGO, lhe advertia que *«les mots ont leur odeur»*. Se os meus oppositores o não sentem á palavra, de que ora tratamos, paciencia. Será superexcitação dos meus sentidos literariós. Mas que lhes hei-de fazer? Vejo que o *Braz Cubas* de MACHADO DE ASSIS não era menos delicado: duas vezes, nas suas *Memorias* (c. 100, p. 262 e 263), refugou aquelle adjectivo, escrevendo e reescrevendo: «vila particular».

Eu estou com o *Braz Cubas*, e opino que a linguagem do código civil não deve ser mais complacente com os cheiros suspeitos.

## § 12

### PREFERENCIA POR

✻.— Esta apostilla do emerito professor é uma das taes, em que, não contente de me chacinar o substitutivo, se diverte em me andar pulverizando as notas.

Parece-lhe a elle que o seu desaproveitado alumno, dizendo «a preferencia pela outra expressão», não «lhe tacteou bem a vernaculidade». A seu ver, o substantivo *preferencia* não comporta a preposição *por*, senão sómente *a*, *para*, *de* e *sobre*; para demonstrar o que invoca A. DE CASTILHO e LATINO COELHO, nestes dois passos: «A preferencia de Maria *para* as leituras.» «E' então que a preferencia *da* antiguidade apparece claramente, definitivamente.»

A ultima dessas duas passagens não se recommenda senão á censura, pela sua amphibologia. Não se sabe, de feito, alli, se «a antiguidade» é o sujeito, ou objecto da *preferencia*, se a antiguidade *prefere*, ou é *preferida*.

Do outro topico o que se segue apenas, é que com o nome *preferencia* cabe a preposição *para*, sem que dahi resulte não lhe caber tambem a preposição *por*.

O douto professor labora numa confusão, que buscarei desaparecer.

<sup>1</sup> *Iusiadas*, III, 1; e em varios outros pontos.

<sup>2</sup> *Obras*, v. II, pag. 163. (Cart. X, liv. II.)

<sup>3</sup> *Metamorphoses*, p. 300 e em muitos outros logares.

<sup>4</sup> *D. João de Castro*, II, 112.

Os complementos indirectos do verbo *preferir*, esses excluem, não ha duvida nenhuma, a preposição *por*, exigindo a preposição *a*. Mas esta *não rege então o objecto preferido*, senão aquelle que lhe pospomos. «Entregaram-se», diz BLUTEAU, «e foram despojados de tudo, excepto daquella liberdade, que elles preferiam *a tudo*.» (*Vocabular.*, v. VI, p. 691.) «Preferiu a conservação da Republica a sua propria vida.» (*Ibidem.*) «Sem nunca se preferir *aos mais*.» (*Ib.*) «A maioria do povo *preferia* a infamia que a lei impunha aos que recusavam defender a terra natal *aos riscos gloriosos dos combates*.» (A. HERCULANO: *Eurico*<sup>1</sup>, p. 8.)

Com a palavra *preferencia*, porém, a preposição *variard*, sendo, consoante á especie, *a, para, de, sobre, ou por*.

Quando se cogita na pessoa, *que exerce a preferencia*, será de a preposição conveniente. Diremos, v. g.: «Quaes são as preferencias *deste* escriptor? Em coisas de arte consulte o leigo as preferencias *do* entendido. Preferencias *de* ignorante não tem autoridade.» HERCULANO disse: «Era elle quem no meio das festas obtinha todas as *preferencias da* filha adoptiva da infanta.» (O *Bôbo*<sup>2</sup>, p. 47.)

Com os verbos *pedir, solicitar, requerer, promover, obter* e outros semelhantes, a sentença reger-se-á com a preposição *para*: «Peço preferencia *para*<sup>3</sup> o meu projecto. Requeiro preferencia *para* o meu invento. Obtive preferencia *para* o meu livro. Hei-de ganhar preferencia *para* o meu traçado.»

Se o que se quer, é significar a acção de *atribuir, dar, conferir, estabelecer* a preferencia, a preposição acertada é *a*, que, em taes hypotheses, rege a pessoa ou coisa preferida, reservando-se á preposição *sobre* o reger a coisa ou pessoa desfavorecida na selecção do preferente. E' o que se verificará nestes *exerptos* de BLUTEAU (*loc. cit.*): «Darei a preferencia *a* quem primeiro der dinheiro. Ainda

<sup>1</sup> Ed. de 1900, p. 8.

<sup>2</sup> Ed. de 1899.

<sup>3</sup> Será licita em português a construcção *pedir para ir, pedir para ver, pedir para ler*? Sustentam as nossas melhores autoridades que não. FIGUEIREDO: *Liç. Prat.*, v. I, p. 43.) ENTRETANTO AL. HERCULANO escreveu: «*pede para fallar*» (*Eurico*, p. 141); «*pede para te fallar*» (*ib.*, p. 171); «*suppliquei para ser mandado aqui*» (*ib.*, p. 135); «*pedir a sua reverencia para ir ver*» (*O Monasticon*, v. II, p. 69.) E CASTILHO ANTONIO: «*Peça a algum lojista honrado para ter na sua loja.*» (*Colloq. All.*, p. 116.)

Nem é moderna esta maneira de escrever; porque JACINTO FREIRE já dissera: «*Pedia para se vir ao reino.*» (*D. João de Castro*, IV n. 91.)

A meu ver, o uso desta syntaxe, tão generalizada na linguagem popular, tem legitimas raizes numa ellipse bem natural. *Pedir para fazer* equivale a «*pedir licença para fazer*», ou «*pedir venia, permissão, para fazer*.» Assim escreveu BERNARDES: «*Pediu ella licença para responder*.» (*N. Flor.*, v. II, p. 258.) e JACINTO FREIRE: «*Como amigos do Estado lhe pediam licença para desembarcar.*» (IV, 28.)

que dêem a um e outro a preferéncia... também de boa vontade a dão a este sobre aquelle.»

Mas quem me deu a preferéncia a mim, ao meu plano, ao meu livro, á minha idéa, ao meu projecto, mostrado tem a sua preferéncia para com ou pelo meu projecto, pela minha idéa, pelo meu livro, pelo meu plano.

A preferéncia que se concede a um individuo, ou a um objecto, a preferéncia que esse objecto ou individuo assim logrou, é a primazia no lugar, a distincção exterior, a precedéncia nas vantagens. A preferéncia pela entidade que as obtéve é a disposicção de animo, o affecto, a estimacção daquelle que as distribue.

De modo que todas essas preposicções têm sua cabida, mas discriminada, posto que ás vezes concumitaneamente, na mesma sentença. Anhela-se a preferéncia dos juizes competentes, e requesta-se a preferéncia da mulher amada. Conquista-se a preferéncia popular para as idéas bemfazejas, ou para os livros uteis. Outorga-se a preferéncia para os cargos, aos capazes, aos justos, aos doutos e aos fortes. Mas a preferéncia, que se tem, se exprime, ou se sente, é pela coisa ou pela pessoa que a inspira. Se eu disser: «Tenho preferéncia a João», «Tenho a preferéncia de João», «Tenho preferéncia sobre João», não terei significacção que o antepoñho a outrem, mas que eu sou preferido a João, ou por elle preferido. Desde que o meu intento seja preferir-o a outro individuo, direi que «a minha preferéncia é por João». Da mesma sorte, por João ha-de ser a preferéncia, que eu sinto, e por elle a que eu exprima.

Substitua-se agora essa preposicção pelas que indica o dr. CARNEIRO: a, de, para, e veja-se o resultado.

1.º «Exprimirei a minha preferéncia a João.» Mas não é o que se pretendia significar. O que ali se diz, é que da minha preferéncia João ficará sciente, será por mim inteirado. Mas essa preferéncia a quem favorece? em quem recae? Não se disse.

2.º «Exprimirei a minha preferéncia para João.» Ninguem ao certo me atinará com o pensamento. A phrase não tem sentido nitidamente penetravel.

3.º «Exprimirei a minha preferéncia sobre João.» Outra rodacção, que não tem senso claro.

4.º «Exprimirei a minha preferéncia de João.» Desconchavo rematado. Enigma logico e estulticia grammatical. Se a preferéncia é minha, não pôde ser de João. Se for de João, como será minha?

1 Fora dessas construcções, longe de ser á pessoa ou coisa a que, benéfica a preferéncia, é aquella, contra a qual a preferéncia se estabelece, que rege a preposicção a: «O seu apego á liberdade e aos direitos individuaes com preferéncia a tudo.» A. HERCUL.: *Opusc.*, v. 1, p. 23. «A vós se concede isto com preferéncia a todos os mais.» BLUTEAU, *Vocabul.*, v. VI, p. 691.

96. — *Preferencia* é synonymo de *predilecção*, a tal ponto que os lexicologos definem as duas palavras uma pela outra. AULETE: «*Predilecção*. Preferencia de gosto por alguma coisa, ou de amizade por alguém.» E exemplific: «Tenho *predilecção* pela musica.» ADOLPHO COELHO: «*Predilecção*. Preferencia de gosto por alguém ou alguma coisa.» JOÃO DE DEUS: «*Predilecção*. Preferencia, gosto especial.» MORAES: «*Predilecção*. Preferencia por alguma coisa.»

Ora não ha quem não diga, e sempre se disse: *predilecção por alguém*, *predilecção por alguma coisa*.

Nesses mesmos textos, de mais a mais, já se nos depara o substantivo *preferencia* com a preposição *por*. ADOLPHO COELHO alli diz: «*Preferencia por alguém*»; AULETE: «*Preferencia por alguém*, ou *por alguma coisa*»; MORAES: «*Preferencia por alguma coisa*.»

Mas ahí vão mais autoridades.

«No seculo XIV é manifesta a preferencia pelas formas procliticas.» (PACHICO E LAMEIRA: *Grammat.*, p. 493. LAMEIRA: *Grammat.*, p. 649.)

«No latim barbaro a preferencia é pela posposição do pronome obliquo.» (*Ibid.*)

«Na innata *predilecção* pela França.» (LATINO COELHO: *Humbold.*, p. 294.)

Analogamente dizem os italianos: «*Avere preferenza per uno studio, per un amico. A' delle preferenze per quella musica.*» (*Dicc. Ital.* de PETROCCHI, v. I, p. 581.)

Já se vê que não sou eu o que erro no tocante ás preposições de que o substantivo *preferencia* se deve acompanhar.

## § 13

Art. 18 e 1.388 (Cod. civ.)

### CARECER

97. — Fui eu o primeiro a registar que da synonymia entre *carecer* e *necessitar* havia exemplos. Dellos não me assusto. Aos dois que vingou reunir o meu douto mestre facilmente se poderiam adicionar outros.

Assim:

«Estas palavras não *carecem* de commentario.» (A. HERC. *Casam. Civ.*, p. 82.) «Já tem brios de seu, já do homem não *carecem*.» (CASTILHÓ: *Georg.*, p. 119.) «E' tempo de os soltar; *carecem* de repouso.» (*Ib.*, p. 135.) «A inquisição não *carecia* de os absolver, para os espoliar.» (CAMILLO: *A Cav. da Mart.*, p. 16.) «Se Francisco Xavier *carecesse* de expatriar-se para ser feliz.» (*Ib.*, p. 43.) «A menina *carecia* de alguma educação em companhia de familia habil.» (*Ib.*, p. 105.)

**OS.** — Mas são casos ainda mal abonados pelo uso geral da lingua desde os seus primeiros tempos até hoje.

Mostral-o-ci por excerpts, que a acompanhem desde os seus mais antigos classicos até aos nossos dias, guardando sempre a esse verbo a accepção de *não ter*.

GIL VICENTE, *Obr.*, v. III, p. 388 : «Esta *carece* de toda a realidade.»

BERNARDIM RIBEIRO, *Men. e Moça*, p. 138 : «Aquelle contentamento que vista dos olhos dá a aquelles que do mais *carecem*.»

JOÃO DE BARROS, *Grammat.*: «Por elle suprimos o particípio futuro que os latinos têm, de que *carecemos*.» (P. 120.) «Ao derradeiro a quinto modo chamam infinitivo, que quer dizer não acabado, porque, além de *carecer* de numeros e pessoas, não determina nem por si acaba coisa alguma.» (P. 124.) «Alguns» (tempo) «que os latinos têm, de que nós *carecemos*.» (P. 136.) «E apraz, jaço *carecem* de particípio.» (*Ib.*, p. 139.)

DUARTE NUNES, *Chron. de D. João I*: «Mas porque *carecia* de bons capitães e de gente de armas, por as perdas passadas, deixou de vir.» (V. I, p. 347.) «Até o tempo dos romanos *careceram* os hespanhoes do uso das letras.» (*Origem da lingua portug.*, c. III.) «Como tambem os romanos *careciam* daquella arte, assi *careciam* dos vocabulos della.» (*Ib.*, c. 5.)

CAMÕES, *Obr.*, v. III, p. 34 (el. VII):

« O falsissimo herege, que *carece*  
Da graça.»

*Ib.*, p. 43 (eleg. IX):

« Bem conheço que o corpo assi perdido,  
Como de illustre tumulo *carece*,  
Será de brutas feras consumido.»

FR. LUIZ DE SOUSA, *Vida do Arceob.*: «Foi coisa mais que ordinaria, e não *carecente* de mysterio.» (V. I, p. 10.) «Na Syria havia gente innumeravel, que *carecia* do lume da fé.» (*Ib.*, p. 51.) «A do frei Volando *carecia* de tanta perfeição.» (V. III, p. 37.)

FR. AMADOR ARRAIZ, *Dialogos*: «A gente que mora junto do Rio Ganges, porque *carece* de todo genero de mantimentos, só do odor das maçãs silvestres se cria.» (P. 29.) «Quando são ausentes, não os busco, quando presentes, não os engeito, apparelhado para sempre *carecer* delles.» (*Ib.*, p. 30.)

VIEIRA: «Experimento hoje muito maior gosto em deixar e *carecer* dos mesmos gozos que experimentava antigamente em os gosar.» (*Sermões*, v. IV, p. 254.) «Veremos a sepultura, e *careceremos* do sepultado» (refere-se ao tumulo vasio do Christo) «é o rigor mais lastimoso de todos.» (*Ib.*, v. VI, p. 85.) «O sacramento, que contem todo o mesmo corpo e sangue, e foi instituido para dar vida

eterna aos homens, porque *carecerá* da mesma eternidade?» (*Ib.*, p. 236.)

BERNARDES, *Luz e Calor*: «Destas» (paixões) «que vão adeante desejará alguém saber se, pelo exercício da caridade, podemos vir a *carecer* totalmente.» (P. 21.) «Vida que *carece* de curiosidade.» (*Ib.*, p. 53.)

CASTILHO: «*Carecer* desta inefável faculdade» (a vista), «gostando-se embora da luz para desfructar e amar a vida, é vagar surdo-mudo pelo crepusculo numa região verde e florida, sem tratar com os moradores.» (*Am. e Melanc.*, p. 402.) «*Carecer* de vícios já então era grande virtude.» (*Primavera*, p. 137.) «... Se quem tal fundia não *carecesse* do necessario lavor e gosto, para o limar e brunir á horaciana.» (*Fausto*, p. XII.)

CAMILLO, *Queda de um Anjo*, p. 80: «*Carecem* de cunho nacional estes homens.»

RAMALHO, *Hollanda*, p. 223: «Muitas das referencias dos criticos e dos amadores, que têm escripto sobre este assumpto, *carecem* de coherencia e de exactidão.»

Acabarei, appellando para o proprio dr. CARNEIRO, que nos seus *Serões* (p. 312) attribue ao vocabulo a sua lidima expressão portuguesa, dizendo: «Todas essas relações exprimidas pelas preposições as enunciaram os latinos, já pelas preposições, de que tambem usavam, já principalmente pelas flexões casuaes, de que *carecemos*.»<sup>2</sup>

☞.—Assim que a palavra não descaiu jámais da sua acceção ingenita e tradicional. A outra, que parasiticamente se lhe exertou, nasce de uma equivocação facilima de explicar. Natural é que se *carece* daquillo que se não tem, isto é, daquillo de que se *carece*. Dahi a tendencia a confundir a *falta*, ou *carencia*, com a *necessidade*, ou *precisão*.

Quando CASTILHO, por exemplo, escreve:

«Aquelles annos frios  
*Carecem* do calor, e as vinhas dão-lho»<sup>3</sup>;

quando pergunta:

«*Carecer* d'eloquencia poderia  
Quem do seu coração tratava os pleitos?»<sup>4</sup>

allude á *falta* de eloquencia no orador e á *falta* de calor no anno. Mas, num e noutro caso, o geito da phrase igualmente se adaptaria á

<sup>1</sup> Ed. de Lisboa, 1837.

<sup>2</sup> O mesino na sua *Grammatica Philosophica*, onde o dr. CARNEIRO emprega sempre com este sentido o verbo *carecer*. (P. 70, 130, 223, 263, 309.)

<sup>3</sup> *Fastos*, v. II, p. 19.

<sup>4</sup> *Ib.*, p. 117.

*necessidade*, que se tom, da eloquencia, para advogar os pleitos do coração, ou do calor, para fecundar a terra, e se poderia tomar neste sentido a intenção do verbo *carecer*, empregado aliás em diversa. Logares ha, em que essa confusão, relativamente moderna, se causa de caberem no mesmo passo os dois sentidos, ficando-se por saber ao certo se o escriptor cogitou de um só, ou com ambos se occupa: «Ainda que se não inventara senão metade, senão o terço, são o dizimo dos signaes» (orthographicos) «de que se *carece*, já esse ficava sendo, no cabedal artistico de quem escreve, um bom augmento.» (CASTILHO: *Camões*, ed. de 1849, p. 184.) Dest'arte se abriu caminho a uma variação do significado original, na qual nem todos os competentes collaboram.

O padre VIEIRA circumscrevia precisamente a função do verbo *carecer*, discernindo-o de *necessitar*, quando escreveu: «Os que cuidam que tudo sabem *necessitam* de mais advertencias, porque erram mais torpemente; por isso *necessitam* de mais conselhos, porque presumem que de nada *carecem*, cegueira em que os mais advertidos tropeçam. Os mesmos ceus *necessitam* de uma intelligencia, que os mova. O sol, principe dos astros, *necessita* de menores planetas, que moderem sua intensão do raios. As estrellas *necessitam* dos raios do sol.» (*Obr. Ineditas*, v. II, p. 109.)

100.—E tão certo é oppor-se a essa ampliação de sentido, propugnada pelo grammatico bahiano, a indolo do verbo *carecer*, que, embora o troquem por *necessitar*, ou *precisar*, ao seu substantivo *carencia*, ainda lhe não lograram imprimir outra accepção que a de *falta*, ainda lhe não conseguiram dar foros de succedaneo a *precisão*, ou *necessidade*. Desde CASTILHO até EÇA DE QUEIROZ não torceu ainda o vocabulo da sua expressão original. «A ruindade da maioria dos collegios», escrevia, ha quarenta e oito annos, o primeiro desses escriptores «não provém toda só da incapacidade intellectual e moral de quem os dirige, mas tambem de sua *carencia* de haveres.» (*Felic. pela Instruc.*, p. 50.) E vac por dois annos apenas que o segundo, cingindo-se ás tradições do vocabulo, fallava, na *Casa de Ramires* (p. 293), em «*carencia* de bellezas e graças». Assim que de *carencia*, com a applicação correspondente á de que se pretende opulentar agora o verbo *carecer*, não me parece haver exemplo. E' o substantivo resistindo á bastardia da adaptação, a que amolgaram o verbo.

101.—Não se põe em duvida que os vocabulos possam variar, em seu idioma adoptivo, da accepção que tinham na sua lingua de origem. De phenomenos tão vulgares não ha quem não saiba. Trezentos annos antes do professor CARNEIRO já DUARTE NUNES DE LEÃO, na sua *Origem e Orthographia da Lingua Portuguesa* (c. VII), estudava copiosamente essas transformações, essas obliterações, essas multiplicações do sentido original, nas palavras que do latim natu-

realizámos. Mas toda aquella grudição não colhe para o caso; visto como ainda ha mestros da lingua, entre os quaes passa por inadmissivel a synonymia entre *carecer* e *precisar*.

A ella oppõe tenazes embargos o sr. CANDIDO DE FIGUEIREDO, sustentando que não é portuguesa; que «tomar o verbo *carecer* na accepção de *precisar* é erro»; que «*carecer* de só se pôde empregar», em summa, «quando pôde ser substituido por *não ter*». A's suas *Lições Praticas da Lingua Portuguesa*, v. I, p. 75-6, e v. III, p. 177-8. remotto os que sentirem interesse em escoimar a linguagem desta insinuativa corruptela.

Parcorrendo-as, verão que a equivalencia entre os dois verbos é, pelo menos, duvidosa. Ora a um código civil, entendo eu, só devem ter ingresso as formas de linguagem, cuja vernaculidade não for controversa. Havendo, pois, ainda quem recuse a semelhante applicação de *carecer* os foros de correctea, como preferil-a, na redacção de uma lei que importa ser correctissima, a vocabulos do cuja legitimidade se não questiona?

## § 14

### Art. 46

#### PROPOSITALMENTE

102.— Dá-me razão aqui o dr. CARNEIRO. Reconhece que *propositalmente* não tem carta de palavra portuguesa. Por me não sair de graça, porém, a vantagem, confessando que se descuidara de trocar o *propositalmente* em *intencionalmente*, pôz o dr. CARNEIRO esta ressalva: «*Não por ser aquelle vocabulo de formação nova, senão por não abnada a sua analogia.*»

Destarte quem me não houvera lido, imaginaria que eu o refugava, não por ser desabonada a sua analogia, mas por ter o vocabulo formação nova. Ora, o que rezi a minha nota, é precisamente o contrario. Diz ella exactamente o que agora vem dizer o professor CARNEIRO com ar de novidade; e emendação aos fundamentos do meu voto. A minha apostilla a este artigo, de feito, resume-se nestas palavras, por onde começa: «*Propositalmen'te* não é português. As *regras da analogia* não autorizam a formação de semelhante neologismo.»

Pois não está por este modo expressamente dito que *não era o neologismo o que eu reprovava, mas a violação das regras da analogia no feitiço da palavra?*

Demais, onde, neste logar, ou allures, onde rejeitei ou nunca um só vocabulo, meramente pela tacha de neologismo? Mas era mister, a poder destas e outras, apparelharem-me a reputação de neophobia em materia de linguagem, para abrir praça á dissertação final do professor CARNEIRO sobre a evolução e o progresso dos idiomas. Se

não foram os moinhos de vento, não se imaginariam certos exercitos inimigos, de que a gente vae triumphando sem risco de acibar mal ferida.

**103.**— Entretanto, confessando a illegitimidade vernacula do *propositamente* (no que aliás não dizem com essa outras apologias do projecto<sup>1</sup>), devia suppor-se que, neste ponto, não houvesse que accrescentar, e se passasse adiante. O mestre não fóra convidado a ler-me um curso publico da nossa lingua, mas a dizer do meu substitutivo; e, desde que o achava certo, dera conta da tarefa: não tinha que ir além. As minhas notas não estavam na mesa da autopsia. Com o projecto e o substitutivo é que era a anatomia. Pareceu-lhe, porém, dar-me o troco da vantagem, que me não pudera subtrahir, e metteu a sacco outra vez o meu commentario, como se fosse parte do texto submittido á sua revisão. E ahi teve azo de me pontificar duas lições memorandas, aproveitando uma negligencia manifesta de redacção e a evidente omissão typographica de uma letra no impresso.

Vejam só o que é a ignorancia, onde chega a ser extrema como nos analfabetos da minha força. Leva até á ceueira e á surdez. Anda por ahi o ouvido e a vista a metter-nos pelos olhos e pelas orelhas um *alta* e um *altamente*, um *baixa* e um *baixamente*, um *prompta* e um *promptamente*, um *limpa* e um *limpamente*, um *douta* e um *doutamente*, um *digna* e um *dignamente*, um *larga* e um *largamente*, um *bella* e um *bella-mente*, um *rija* e um *rijamente*, um *doida* e um *doidamente*, um *torpe* e um *torpemente*, um *vil* e um *vilmente*, a par, em summa, de cada adjectivo o seu derivado adverbial, sempre em *mente*, sempre com um *m* entro o *ente* final e o adjectivo, de que o adverbio se forma. E, todavia, só eu não dera tino, até hoje, desse infallivel *m*, não percebera que essas adverbios, de numero innumeravel na lingua, terminam tolos em *mente*. Era mister que alevantasse a voz a grammatica em toda a sua magistralidade, para me cairem as escamas dos olhos, e varar-me pela rotina a dentro essa revolução. De ora avante ficarei inteirado, emfim, de que o *mente* dos nossos adverbios é *mente*, e não *ente*.

**104.**—A outra desanda grammatical não me deixou menos maldoento.<sup>2</sup> Não é de *proposito*, senão de *propositado*, ou *apropositado*,

<sup>1</sup> Ver adiante, secç. II, § 12, ns. 379-380

<sup>2</sup> E' muito da nossa boa linguagem, entre os que a tem sabido fallar com elegancia, o emprego do adverbio *mal* na accepção de *mámente*, de modo mau, muito, iniquamente, gravemente, duramente, asperamente, severamente.

« Vejo-te mal castigada » (GIL VICENTE: Obr., II, p. 485). Isto é, *severamente castigada*.

« Fareis bem de vos tornar,  
Porque estou mui mal sentido. »

que se forma, *propositadamente* e *apropositadamente*. E dissera eu o contrario? Sim, dissera; porque disse que de *proposito* fizemos *propositadamente*, e quecendo o *propositado*, que entre elles medeia. De modo que, se eu dissesse naseer o portuguez do latim, *ipso facto* negaria haver, na descendencia do portuguez, entre elle e o latim,

Isto é, mui profundamente sentido.

« Não somente dá vida aos *mal feridos*. »

(CAM.: Lus. IX, 32.)

« El-rei, com prazer da sua vinda, porém *mal magoado* » (a saber, *mui magoado*), « porque Diogo Lopes fugira. » (FERNÃO LOPES: D. Pedro I, c. 31.)

« O almirante, por esta razão, foi muito culpado e *mal desdito* », isto é, e gravemente desacreditado. (Il.: D. Fern., c. 31.)

« *Maguaram mui mal* essas poucas gentes e galeotes que nellas estavam. » (Id.: D. João I., parte I, c. 138.)

« Os inglezes, defendendo-se fortemente, *maguaram mui mal* ás frechas os das galés. » (Id., ib., parte II, c. 4.)

« Des ahi os de dentro sahiam amiude a escaramuçar, e com boa e forte bestaria que tinham, *maguaram mui mal* os da hoste. » (Id. ib., c. 170.)

« E começaram de a talhar », isto é, de contraminar a cava aberta pelos portuguezes, « de guisa que se viram uns aos outros, e cada um por cumprir suas vontades eram postos em grande afan, de geito que se *feriam mui mal*. » (Id.: ib., parte I, c. 174.)

« A primeira era que el-rei ás vezes adoecia de suas dores, que havia mui a meude, e que pouco havia que fora *mui mal doente* de uma de que não era ainda bem são. » (Id.: ib., parte II, c. 28.)

« *Sahiu mal ferido*. » (DUARTE NUNES: Cron., v. II, p. 412.) « Não lha podendo arrancar das mãos » (a bandeira) « lhe deceparam uma dellas, e, cortada aquella, a sustentou com a outra, e, ainda *ferido mal* naquella outra, com os cotos e com os dentes a defendeu. » (Id., p. 413.)

« Livro, se luz desejas, *mal t'engañas*. »

(A. FERREIRA: Obr., v. I, p. 39.)

« Não perá a *mal perdida*

Cabeça do Oriente  
Nos ser restituída. »

(Id., p. 121.)

« Rustico Mevio, ah porque *mal profanas*

O som devido ás musas ? »

(Id., p. 254.)

« Seu santo fim todo é desviar o dano, »

Que *mal nos ameaça*. »

(Id., v. II, p. 15.)

« Quem *mal nega*

Lugar honesto e sprito assi excellente ? »

(Id., p. 113.)

« O tempo escuro, e triste, e tempestoso  
*Mal ameaça*. »

(Id., p. 153.)

« Quantos mortos vamente ás suas mãos contas  
*Mal prolijos* das vidas ! »

(Id., p. 169.)

« Alli dos *mal roubados*, justos prantos

A juiz's cruéis farám espantos. »

(Id., p. 173.)

as formas de transição que medeiam entre esse idioma e o nosso. Se eu affirmar que somos latinos, negarei que somos portuguezes, hespanhoes, franceses, ou italianos. Se eu me disser descendente de meu avô, terei negado meu paó.

Nem tanto escabichar é licito, ainda aos mestres mais eminentes, nem fazer tão pouco, ainda nos discipulos ignaros. Entre o *proposito* e o *propositadamente* só a amaurose consummada não vê o *propositado*. Quando se diz, pois, que *propositadamente* se origina de *proposito*, é que, deixando a fonte mais proxima, se vae buscar ao derivado a linhagem remota na palavra *matriz*, origem commum das suas derivações successivas.

§ 15

Art. 34

« EM QUE ESTABELECE ELLA »

ATTRACÇÃO

103. — Resava, neste artigo, o projecto da commissão dos vinte e um, antes de submettido ao professor CARNEIRO: « O domicilio civil da pessoa natural é o lugar onde ella estabelece de modo definitivo a sua residencia. »

O revisor, desenganadamente, corrigiu: « O domicilio civil da pessoa natural é o lugar em que estabelece ella de modo definitivo a sua residencia. »

« De tanto sangue, e vidas  
Por hum vão appetite mal rendilos. »

( *Id.*, p. 229. )

« Nós, que a teu parecer mal te matamos  
Não viviremos muito. »

( *Id.*, p. 261. )

« Já o tyranno ia embainhando sem sangue a mal temida espada. »  
( VIEIRA : *Serm.*, v. IV, p. 105. ) Isto é, a mui temida. »

« Quer em jogo quer em sanha, sempre o gato mal arranha. » ( JORGE FERREIRA : *Eufros.*, c. II, sc. 4. )

« De vergonhosas lagrimas o banha,  
Quando as devera ao tempo mal perdido. »

( FILINTO ELYSIO : *Obr.*, v. II, p. 166. )

« Esta Marcia de ti tão mal perdida. »

( *Id.*, v. III, p. 134. )

« Tu lhe serás testemunha  
De noite tão mal perdida,  
Que ahí passei a chorar. »

( CASTILHO : *Os Amors*, v. I, p. 74. )

A saber: da noite perdida tão *aspera*, *desgraçada* ou *cruelmente*.  
« Um adagiosinho, que a mandriões, como eu, rezala o papo: «Mais val bem folgar, que mal trabalhar. » ( CASTILHO : *Colloq.* p. 323. ) Quer dizer: mais val folgar bem, que trabalhar muito ou asperamente.  
« Muitas vezes saía mal-ferido d'aquelle combate desigual. » ( A-HERCUL. : *O Bôo*, p. 35. )

Substituiu, pois, *onde* por *em que* e *ella* estabelece por *estabelece* *ella*.

Duas correções, que, uma e outra, visivelmente, não melhoraram, antes peioraram o texto.

Senã, digam-me : qual a vantagem do *em que* sobre o *onde* ? a vantagem do *estabelece ella* sobre o *ella* *estabelece* ?

**106.**— *Onde* é adverbio especialmente destinado a significar o *logar em que* :

« Entre o remoto Istro e o claro *estreito*,  
Aonde Helle deixou co'o nome a vida.»

(*Lusiad.*, III, 12.)

« E já no porto da inclyta Ulysseia

.....

*Onde* o licor mistura a branca areia  
Co' o salgado Neptuno o doce Tejo.»

(*Ib.*, IV, 84.)

« ... pelas ondas do oceano,

*Onde* não se atreveu passar Trajano. »

(*Ib.*, 64.)

Esse é o maior dos antigos, LUIZ DE CAMÕES. Tomando agora, dos modernos, um dos maiores, abro um volume de HERCULANO<sup>1</sup>, o *Eurico*, uma de suas obras mais primas ; e vejo : « Na *campina onde* se deviam resolver os destinos da Hespanha. » (P. 90.) « Chogou ao *logar onde* já o duque de Corduba só procurava amparar-se contra Magueiz. » (P. 105.) « O terror que incutia o cavalleiro negro no *logar onde* pelejava. » (P. 115.) « Volveu os olhos para o *logar onde* soara o bramido. » (*Ibid.*) « Naquelle vasto *campo onde* só descortinava os cadaveres dos vencidos. » (P. 122.) « A pouca distancia do *valle onde* se viam as ruinas de Augustobriga. » E assim por deante, indefinidamente.

Exprimindo, pois, ambas as locuções com a mesma propriedade e a mesma vernaculidade a mesma idéa, ao *onde* cabe, relativamente ao *em que*, innegavel e absoluta superioridade. Além de mais sonora, termina em vogal mulla, e offerece maior brevidade. Com a emenda, logo, não lucrou a phrase : desmerceu.

**107.**— Trocando, porém, o *onde* no *em que*, podia ficar inalterado o passo, dizendo-se, guardada a ordem grammatical do projecto: *em que ella* *estabelece*. Mas a revisão do mestre, invertendo, poz: *em que* *estabelece ella*.

<sup>1</sup> Quarta ediç. Lisboa, 1899.

Inevitavel era, portanto, o cotejo entre as duas construcções; e foi elle que me induziu a criticar a do professor bahiano como inferior á da camara.

Essa inferioridade é palpavel.

No « *em que ella estabelece* » a euphonia é perfeita. Mas o « *em que estabelece ella* » sensivelmente a offende. Apontando-o, disse eu que ouvidos portuguezes não levariam a bem essa posposição do pronome pessoal, e, reconhecendo estar « salvo no lanceo o *trivial da grammatica* », affirmei ser a phrase « dissonante e inadmissivel ».

« *Dissonante e inadmissivel*, depois da clausula anterior, onde se declara illesa a syntaxe, queria evidentemente dizer: *inadmissivel, porque dissonante*.

Entretanto, o dr. CARNEIRO tripulha, interrogando: « E' a'qui, admissivel, para não ser alli? Não é isso o *simul esse ac non esse*? »

Evidentemente não é tal. *Admissivel* é a phrase, bem claro o disse eu, ante a grammatica rudimentar. A saber: não transgride as leis elementares da construcção grammatical. Mas ante a euphonia é *inadmissivel*. O *non esse* é com o ouvido. O *esse*, com a syntaxe. Logo, não ha *simul esse ac non esse*.

O quadro pode estar conforme ás regras usuaes assim do colorido como da perspectiva, e, não obstante, carecer de harmonia. A partitura pode observar todos os preceitos do contraponto, e, contudo, minguar-lhe a melodia e o gosto. O poema pode guardar todos os canones do metro, do ritmo e da rima, e não agradar, todavia, pelas malsonancias, á audição educada. Era o caso.

**IOS.** — E como se defende o mestre?

Com alguns excerptos classicos, a que darei revista.

Os de FREI LUIZ DE SOUSA e REBELLO DA SILVA não lhe aproveitam; visto como não se resentem da sonancia desagradavel, que deslustra o do professor CARNEIRO. Nas phrases « rogara ao Senhor que se servisse elle de abençoar » e « a troco da graça lhe promettesse elle não se sahir », a expressão não incorre em desharmónia, que eu perceba. Acarçem-se as duas com o logar em que *estabelece ella* do philologo bahiano, e a differença resurtirá claramente ao ouvido.

A construcção « Pelo que toca ao estylo, *sae elle* ao nosso autor sempre discretamente (apropriado) é de todo o ponto diversa. Para assemelha-la á criticada, foi preciso eliminar a virgula immediata a *estylo*. Reposta ella, para logo se vê que o *sae elle* principia a segunda sentença, e não se articula á anterior mediante o *em que* do topico censurado. Faço resoar aos meus ouvidos uma e muitas vezes a phrase de CASTILHO « ao estylo, *sae elle* », e não lhe sinto a minima aspereza; quando no « *em que estabelece ella* » a dicção parece levar dois trancos, no começo e no fim da sentença.

Dos outros exemplos o „primeiro apenas deixa ver a collisão do *se* (*artifice se*) escapada ao exímio escriptor portuguez; o que nada faz ao nesso caso.

Escreveu elle tambem (lembra o dr. CARNEIRO): «E eu tomei a criança, que *me ella* offerecia.» São o *me ella* e o *me elle*. duas formas vernaculas, que não indispõem o ouvido sonão áquelles, que, não sabendo ler, encontram na variação enclitica do pronome um *i*, dizendo, *miadamente*, *mi*, em vez de *me*, como em qualquer dictionario prosodico se ensina. E', demais disso, inteiramente diverso o geito do phrasear, que, no exemplo de CASTILHO, remata com o verbo *offerecia*, e, no de CARNEIRO, com o pronome *ella*, posposto ao verbo *estabelece*.

Restam apenas dois: «*Lembrasse-se elle*, de o não ser» e «*Sci que me não hão-de ler elles*.» Essos não ha duvida que apadrinhariam o *que estabelece ella*, se os defeitos de um bom escriptor constituissem para os menos bons exemplar e escusa.

Modificando áquelle geito a redacção do projecto parlamentar, cedera o dr. CARNEIRO a um como veso, não direi cacoethe, do seu escrever, que já em sua *Grammatica Philosophica* me chamara a attenção. Vejam como elle, nesse livro, se multiplica: «*Ainda que fallam estes*.» (P. 60.) «*De que não distinguem elles*.» (P. 206.) «*Aos individuos, a que pode ella*.» (*Ibid.*) «*Quando são estes compostos de dois adjectivos*.» (P. 210.) «*Se termina o adjectivo em vogal*.» (P. 216.) «*Põe-se antes dos substantivos, quando são estes tomados*.» (P. 224.) «*Antes dos appellativos, quando são estes precedidos*.» (P. 230.) «*Se não for ella indicada*.» (P. 246.) «*As varias fórmãs que devem estes tomar*.» (P. 369.) «*Faz-se geralmente ellipse do sujeito da oração, quando é este indicado*.» (P. 419.) «*Que não pode ella existir*.» (P. 315.) «*Em referencia ao logar, que podem elles occupar*.» (P. 321.) «*Dá tal construcção á phrase, que apresentu esta dois sentidos*.» (P. 437.)

Em todos esses lances eu, ao revez do mestre, prefereria a construcção directa á inversa, que, além de toar menos bem, diminue, nesses casos, a energia á phrase. A estes dois aspectos ganharia ella muito naquelles exemplos, dizendo: «*Ainda que estes fallam*. De que elles não distinguem. A que ella pode. Quando estes são compostos. Se o adjectivo termina. Quando estes são tomados. Quando estes são precedidos. Se ella não for indicada. Que estes devem tomar. Quando este é indicado. Que ella não pode. Que elles podem. Que esta apresenta dois sentidos.»

Muitas vezes, noutros logares, por evitar esse inconveniente, bastaria supprimir o pronome, visivelmente desnecessario. Mas o douto grammatico se vae deixando arrastar pelo teor do habito a construcções como estas, em que o bom gosto vernaculo aconselharia a eliminação do *este*, *elle* ou *ella*: «*Na lingua portuguesa não ha palavra, que não tenha accento, quer seja este proprio, quer em-*

prestado.» (P. 43.) «Pelo uso e pela constante leitura das abreviações é que se podem *ellas* conhecer bem.» (P. 95.) «No fim das phrases de um periodo, quando são *ellas* independentes.» (P. 110.)

Outras vezes a construcção directa furtaria a escripta ao quasi cacophonon, como em: «Se não *for ella*» (p. 246), ou ao eco: «Affirmam que podem as *proposições* indicar muitas *relações*» (p. 322). Dissesse: «Se *ella não for*» e «As *proposições* podem indicar muitas *relações*» e nem eco, nem vislumbre de cacophonia houvera.

109.—Se por vezes na linguagem dos bons autores assomam exemplos da mesma construcção, facto incontestavel, do que o dr. CARNEIRO poderia ter respigado melhores documentos, quasi sempre os desvalia um dos senões, que venho de apontar: ou redundo o pronome, ou afrouxa desnervada a phrase. «Das tristezas» (diz o escriptor da *Menina e Moça*, p. 11), «não se pode contar nada ordenadamente, porque desordenadamente acontecem *ellas*.» Pois aqui não sobeja o pronome? Risquê-se, e a sentença adquiriu outra elegancia: «Das tristezas, não se pode contar nada ordenadamente, porque desordenadamente acontecem.» Na *Vida de D. Bartholomeu* (l. I, c. 28), pergunta o santo arcebispo: «Quem não vê que *são isto* preceitos gentilicos?» Mas duvido que hoje nenhum escriptor do ouvido exercitado não preferisse dizer: «Quem não vê que *isto são* preceitos gentilicos?» E teria dito com outro vigor.

Acontece outras vezes recorrerem os mestres da lingua a essa inversão; unicamente por atalhar contiguidades inconvenientes de sons, como nesta passagem daquella obra de FR. LUIZ DE SOUSA: «Mostre-me alguem na vida destes padres, ou em escriptos seus, que *posso eu*, sendo mero dispenseiro, e não dono do patrimonio do CHRISTO, que é a renda ecclesiastica, competir á conta della com os principes seculares.» (L. I, c. 28, p. 148.) Ah, se, em lugar de *posso eu*, escrevesse *eu posso*, teriamos a collisão desagradavel (*so sen*) deste indicativo com o gerundio subsequente; o que a transposição obviou.

Mas, por via de regra, neste genero de subordinadas predomina a construcção directa: «Não porque *elle tinha* mais amor.» (*Eufrosina*, a. I, s. 6, p. 81). «Contiveram forçados e sobejos ocios para *eu pensar* em alguma coisa.» (CASTILHO: *Am. e Melanc.*, p. 337.) «Se é que *ella não escreveu*.» (A. HERCULANO: *Eurico*, p. 69.) «Sem que *estes tenham*.» (*Ib.*, p. 70.) «Não podias crer, por certo, que *eu me houvesse* esquecido de ti.» (*Ib.*, p. 72.) «O espectáculo que *ellas offereciam*.» (*Ib.*, p. 90.) O professor CARNEIRO teria emendado: «Não porque *tinha elle*. Para *pensar eu*. Se é que não *escreveu ella*. Sem que *tenham estes*. Que *me houvesse eu* esquecido. O espectáculo que *offerecem ellas*.» E basta acarear cada uma destas construcções com a sua correspondente nos topicos citados, para sentir quanto, neste caso, a ordem natural sobreleva em nervo o euphonia á invertida.

110. — Para exprimir dobaixo de uma fôrma sensível essa tendencia de approximação, que chama o pronome sujeito á visinhança do relativo, disse eu que o *que*, naquella phrase, «*attrae* o pronome pessoal».

Esse *attrae* exagitou contra mim a colera grammatical do venerando mestre, que me objurga em aspérrima invectiva: «*Que desconhecida, impertinente e descabida attracção é essa? Não é certamente esse o sentido, que ligam os modernos grammaticos ao que se appellida attracção.*» E desfore-me á carga cerrada trinta e duas citações, entre portuguezas, latinas, francesas e inglesas, para me edificar por uma vez quanto ao sentido technico do nome, violado por mim, segundo elle, com a mais flágrante imprópriedade.

Bem podia o douto professor ter reservado esses thesoiros de erudição para onde coubessem: *Non erat hic locus.*

Não se me faziam mister autoridades, para demonstrar o acerto do uso, que eu dera ao verbo *attract*: Era de senso commum a propriedade do termo, e transparente, manifesta. Sendo o meu intento significar, de um modo que sensibilizasse, que a palpabilizasse, a tendencia approximativa, que eu, bem ou mal, penso existir, em hypothoses taes, entre o *que* e o pronome pessoal da oração subordinada, o verbo *attract* era o que se me offerecia e impunha. «*Attracção*», ensina o velho MORAES, é a «*acção ou propriedade de attractir.*» E *attract* que vem a ser? «*Tirar para si, fazer approximar-se um corpo de outro.*» Logo, se, no meu presuppuesto, o relativo *tira a si* o pronome; outra coisa não faz que *attractir*. E, se *attracção* é a propriedade ou o facto de *attractir*, claro está que andei rigorosamente na trilha, appellidando *attracção* a esse phenomeno grammatical.

Nem a applicação é nova. Mais do um grammatico a autoriza. Já MADUREIRA, na sua *Grammatica*, dizla, alludindo a este facto da linguagem: «*Palavras breves attraem palavras breves.*» E ninguem o exprimiu tão bem como o velho autor nessa phrase, de cuja exactidão pinturesca uma vez conversámos eu e o meu saudoso amigo FRANCISCO DE CASTRO, philologo de rara intuição e grandes letras.

Da mesma locução têm usado os modernos. «*Em conclusão*», dizia BAPTISTA CAETANO, na ultima parte dos seus *Rascunhos*<sup>1</sup>, «*acceto a sua lei de attracção, e formulemos em geral: Os relativos (pronomes ou adverbios), os subordinativos e conjunctivos (conjuncções ou adverbios), que de uma fôrma qualquer geram as orações complementares, chamam a si o pronome e em seguida o verbo.*» Ao deante, na mesma pagina, ainda escreve: «*Vê-se que o vocabulo não tem força de attracção para o pronome.*» Desenvolvendo sempre essa idéa, volve, algumas paginas mais longe (p. 121), á mesma expressão: «*Das*

<sup>1</sup> N.º 3, p. 117.

oito conjunções primordiales vimos que tres são as que tem a força de *atracção*, sobre o pronome.» Do mesmo vocabulo se vae tambem JOÃO RIBEIRO, quando, ao concluir a sua exposição do assumpto, no tocante ao logar dos pronomes pessoais na phrase vernacula, substancia as suas regras nesta sentença: «Em resumo, ha uma certa *atracção* do sujeito ou do adverbio de negação, quantidade e tempo, para com o pronome obliquo.»

Não é, portanto, exacto achar-se reservado, na phraseologia grammatical, o nome de *atracção* tão sómente á influencia, peculiar ao vocabulo *que*, de reduzir o verbo da oração, cujo sujeito for, á pessoa do pronome com que, na sentença anterior, é correlato, em phrases como estas: «E's tu quem tens. Vós sois os que esmolais. Has-de ser tu o que me accusas.» Não: aquelle designativo igualmente se applica ás relações de convisinhança obrigada entre o pronome e certas outras partes da oração. Com as boas tradições grammaticaes estava eu, portanto, denominando por aquelle appellido a aproximação, cuja necessidade natural affirmava, entre o pronome e o vocabulo de que se trata. Lei de syntaxe, ou simples relação de euphonia, não importa. O pendor normal, que os chama um ao outro, é materialmente um phenomeno de *atracção*, que se não poderia indicar adequadamente por outro nome.

III. — Foi, por conseguinte, um dispendio inutil de erudição, e erudição facil, esse, á que se deu o illustre professor, nos vinte e dois excerptos portuguezes em que exemplifica uma especie de *atracção* totalmento alhoia á materia de que se cogita.

Fosse, ao menos, coisa desconhecida, ou rara, e ainda se lhe poderiam agradecôr. Mas tão vulgar é o caso entre os nossos modelos de vernaculidade, que não ha folhear classicos, sem o topar á cada momento. Em prova ahí vae reforço consideravel ao rol do professor CARNEIRO :

« Tu és a que abriste a porta á morte... Tu és a primeira que desprezaste e quebraste a lei divina... Tu és a que te atreveste a persuadir o homem... Tu a que tão facilmente não só apagaste, mas deformaste e afeaste a imagem soberana, que Deus nelle tinha impressa. » (VIEIRA: *Serm.*, v. I, p. 198.)

« Não ereis vós os que tanto prezaveis das galas, os que gastaveis as telas, os que inventaveis os bordados, os que empregaveis em uma joia quanto tinheis, e talvez o que não tinheis ! » (*Ib.*, p. 91.)

« Nós somos os que lhe fazemos a maior guerra. » (*Ib.*, p. 330.)

« Não sou eu o que hei-de commentar o texto. » (*Ib.*, v. II, p. 86.)

« Nós que os imos buscar, somos os que lhes havemos de estudar e saber a lingua. » (*Ib.*, p. 105.)

« Nós somos os que os imos servir a elles. » (*Ib.*, p. 118.)

« Mas somos os que... os arrancamos das suas terras. » (*Ib.*, p. 120.)

« Somos os que, sujeitando-os ao jugo espiritual da igreja, os obrigamos tambem ao temporal da coroa. » (*Ib.*, p. 121.)

« Somos os que *lhe fallamos e lhe tardamos.* » (*Ib.*, p. 213.)

« Não sou eu o que *hei-de* deixar as minhas raizes. » (*Ib.*, p. 232.)

« E que será, quando vós sois o que *vos puzestes nellos, o que os precedestes, o que os buscastes, o que os subornastes e o que porventura os tirastes a outrem, para os pôr em vós?* » (*Ib.*, p. 303.)

« Vós sois, diz Christo a seu Eterno Padra, *o que me tirastes por força das entranhas de minha Mãe.* » (*Ib.*, p. 375.)

« E bem, David, não ereis vós o que *diziris a Deus...* ? » (V. III, p. 75.)

« Não sou eu o que *hei-de* pregar o nascimento de Christo. » (*Ib.*, p. 366.)

« Eu só sou o que *zeilo a honra de Deus.* » (*Ib.*, v. V, p. 126.)

« Eu sou o que *domei os leões.* » (*Ib.*, v. VI, p. 233.)

« Eu sou o que me tenho por honrado... Eu sou o que me tenho por valoroso... Eu sou o que me preso de entendido... Eu sou o que me preso sisudo. » (*Ib.*, p. 264.)

« Não sou eu o que a *publiquei* ? » (*Ib.*, p. 276.)

« Eu sou *aquelle que tantas vezes arrisquei a vida pela sua coroa.* » (VIEIRA: *Cartas*, v. II, p. 74.)

« Ella foi a enganada, e eu a que *hei-de* pagar agora o engano. » (BERNARDIM: *Men. e Moça*, c. IX.)

« Sede vós o que *façaes aquillo que é bem que nós obremos.* » (FR. LUIZ DE SOUSA: *Vida do Arceb.*, II, c. 8.)

« Pois sou o que *ganhei.* » (*Ib.*, II, c. 14.)

« Não sou eu o que *turbo a Israel.* » (BERNARDES: *Luz e Calor*, p. 57.) « Eu sou o que *ensinei.* » (*N. Floresta*, IV, p. 222.)

« Vós outros sois os que *estorceacs.* » (FERREIRA: *Obr.*, v. II, p. 307.)

« Eu sou o que *mando.* » (*Ib.*, p. 324.)

« Vós outros sois os que *desconcertaes os estomagos. Vós outros sois os que os tornaes a concertar.* » (*Ib.*, p. 424.)

« Nós fomos quem no berço o *embalámos.* »

(FILINTO ELYSI): *Obr.*, v. I, p. 274.)

« E eu sou

O que *lhe aponto a aurora.* »

(*Ib.*, v. II, p. 81.)

« Que eu sou quem *puz travezes nesse passo.* »

(V. XI, p. 209.)

« Ou sou eu quem, por vivo estudo,

Sei concluir prodigios taes ? »

(CASTILHO, *Amores*, v. III, p. 11.)

« Sois vós quem lh'a deveis. » (CASTILHO: *Colloquios*, p. 5.)  
 « Sou eu, sem n'ò querer, quem lhe sirvo de obstaculo. » (CASTIL. : *Tartufo*, p. 106.)

« E em nome tal és tu quem fallas ! » (GARRET : *Lyrical*, XI, v. 119.)

« Dize que sou quem te mando. » (GONZAGA: *Lyra*, XXXVI, v. 38.)

« Na innocencia do infante és tu quem fallas ;

.....

E's tu quem dás rumor á quieta noite,

E's tu quem dás frescor á mansa brisa,

Quem dás fulgor ao raio, azas ao vento,

Quem na voz do trovão longe rouquejas

..... és tu.....

..... quem dos astros

Governa a harmonia. »

(G. DIAS : *Poesias*, p. 160-61.)

112.— Designa a grammatica esta maneira de construir pelo nome de *atracção*. Não faz, porém, deste nome privilegio reservado exclusivamente a taes casos. Antes o estende a todos aquelles, em que essa especie de *sympathia* ou *iminização* verbal impelle a se buscarem umas as outras certas partes do discurso; de sorte que entre os grammaticos latinos e gregos se falla na *atracção* do sujeito ao caso do relativo, na *atracção* do pronome para o genero e numero do predicado, na *atracção* do gerundio, na *atracção* do verbo infinito para o finito, na *atracção* de *quisque* para o caso de *suus*, na *atracção* entre o verbo e o attributo, na *atracção* do demonstrativo e do relativo com o attributo, na *atracção* entre este e o superlativo, na *atracção* inversa do relativo, na *atracção* modal, enfim, por cujo effeito, no latim, certas proposições subordinadas tendem ao subjunctivo, e, no grego, certas proposições temporaes demandam ora o optativo, ora o preterito do indicativo. (ROBY: *A Grammar of the Latin Language from Plautus to Suetonius*, ns. 1.067, 1.068, 1.374, 1.784, 1.351, 2.288, 1.649, 1.269, 1.435, 1.677, 1.059, 1.357.—RIEMANN et GOELZER: *Grammaire Compar. du Grec et du Latin*, §§ 26, 27, 28, 31, 32, 693, 694, 424, 566, 617, etc.)

Longo, portanto, de ser, como tem para si o dr. CARNEIRO, designação especifica á modalidade grammatical em que o douto philologo a circumscreve, é o nome *commun* a tolas aquellas, onde se note esse mutuo pendor entre dois elementos da oração.

Ora o caso, em que a empreguei, era um destes.

§ 16

Art. 152, § 8º

113.— Concorda aqui o professor CARNEIRO com o meu reparo.

## § 17

## Art. 182, § 2.º II

114.—Aqui também opina' o illustre professor em que o texto se deve redigir conforme a minha proposta.

## § 18

## Art. 187

## DATAR EM

115.—Neste lanço perde o dr. CARNEIRO outra vez de vista o substitutivo, para ir restolhar 'erros nas minhas notas.

Mas, ainda aqui, não se saiu bem do intento.

Avorbando-me de erronea a expressão *datar em*, é o mestre quem erra. *Datar de* é o que, a seu ver, estaria conforme á regra. De que se diz «*datar de*» não haverá, creio eu, quem não saiba. Para trivialidade tão sedição oscusava lição de tamanha autoridade. Entretanto, não será igualmente correcta a expressão *datar em*?

Não soffre duvida que sim. Das duas, até seria a preferivel, se houvessemos de consultar antes a exacção que o uso.

De onde nos vem *data*? Da palavra latina, exactamente igual, *data*, plural neutro de *datus*, participio passado de *dare*, dar. <sup>4</sup> (LITRÉ, v. II, v.º *date*.) «*Data*», ensina WHITNEY, «é a menção do tempo e logar, chamada assim do latim *datum*, *dado*, por ser a primeira palavra da nota costumada, nas cartás e documentos, para indicar o sitio e a epoca, em que se fazem, ou expedem, como, por exemplo, *datum Romæ*, *dado em Roma* (em tal dia).»

Assim, FORCELLINI: «*Datum*, adscriptum in fine epistolarum, significat tempus et locum, quo epistola data, seu scripta est: *in data*.» (Totius Latinitatis Lexicon. Ed. DE-VIT, 1861. V. II, p. 571.) E' o que se pôde ver, por exemplo, em CICERO; *Ad. Fam.* l. XIV, 1, 7, 8, 12 e 23. Todas essas cartas fecham com a formula *Data*: «*D. VI Kälendas Decembres.*» «*D. III Idus Junii.*» «*D. IV Nonas Junias.*» «*D. prid. Nonas Nôvembr.*» «*D. pridie Idus Sext.*» Noutro logar (2.º Q. Fr. 16) se encontrará: «*Accipi tuas litteras datas Placentiæ.*» No Cod. Theod. I, 21, 1, temos: «*Datum pridie id. Febr. Constantinopoli Theodosio A. III.*»

LITRÉ e WHITNEY não adeantaram, pois, ao que já dissera o nosso MORAES: «*Data* (do lat. *data*, desin. fem. de *datus*, *dado*). O dia do mez e anno que se põe no principio, ou no fim de uma carta, contracto, lei etc., para mostrar a epoca, em que foram escriptos e assignados.»

<sup>1</sup> «*Dada*, substantivo, que hoje, mudado o *d* em *t*, dizemos *data*, por seguirmos a origem latina mais que a portuguesa.» BARROS, II, III, 10. «*Accrescentamento de ordenados, e data de officios.*» A. PREIRA DE FIGUEIREDO: *Espirito da Ling. Port. Memor. de Lit. Portug.*, v. III, p. 453.

A *data* de uma carta, de uma escriptura, de uma obra outra coisa não é, pois, que a occasião e a localidade *em que* são *dadas*, isto é, *em que* se consummam, entregando-se ao seu destino. Não é, portanto, a preposição *de*, mas a preposição *em*, a que naturalmente lhe conviria.

Logo, se *datada* quer dizer *dada*, assim como se diz *dada em tal lugar e em tal era*, *datada em tal era e tal lugar* é como se diria mais conformemente á origem e significação da palavra.

Deixemos-lhe porém, a acceção *etymologica* e consideremos no seu sentido *actual*. Que entendemos nós por *datar*? Pôr a *data*. E por *data*? A menção da época e do lugar, *em que* se obra uma acção, ou se faz um escripto. Logo, se *datar* é *inscrever a data*; se *data* é a especificação do *tempo em que o lugar onde se pratica um acto*, ou se lavra um escripto; se, por outro lado, a preposição *em* é a que, de sua natureza, cumula em si as funções de indicar o *tempo em que o o lugar onde*, logica e grammaticalmente essa era a preposição adequada á regência do verbo *datar*. De quando é a *data* neste papel? De maio, anno 1900. De onde? De Londres. Logo, foi *datado em*, isto é, *recebeu a data em Londres*, no anno de mil e novecentos.

Entre os bons escriptores não faltam exemplos a isto consantes. «*Dante na Ribeira X dias de maio*», «*Dada em Santarem XIII dias etc.*» são duas formulas classicas do *datar*, colhidas por JOÃO RIBEIRO entre antigos documentos portuguezes. (*Estudos Philologicos*, p. 85.<sup>1</sup>) Em BLUTEAU, já com a palavra na sua forma actual, se nos depará: «*Era a data em Villa Viçosa, etc., a tantos de outubro.*» (*Vocabulario*, v. III, p. 15.) E ainda: «*O dia undecimo antes das calendas recebi duas cartas vossas, que eram resposta a duas minhas, uma, de que a data era aos quinze antes das calendas, e da outra aos doze.*» (*Ib.*, p. 15.). Aos aqui, bem se sabe, equivale a *nos*.

O dr. CARNEIRO teria corrigido: «*Data de Villa Viçosa. A data de uma era de quinze dias antes; a da outra, de doze.*» Mas já se vê que não tinha fundamento, para corrigir. O que faria apenas, era trocar a phrase mais classica e mais justa na mais vulgar.

**116.**—Querer da habitualidade no uso de uma forma grammatical, no emprego de uma preposição, inferir a inapplicabilidade grammatical de outras, é metter-se em risco de frequentissimos erros. Toda a gente, por exemplo, usa o verbo *descrever* com a preposição *de*; e, não obstante, CASTILHO ANTONIO escreveu: «*Descrendo em Baccho, ainda não bem canonizado, não descriam, comtudo, em outras divindades.*» (*Metamorphoses*, p. 301.) Porque? Porque esta forma convém igualmente aos elementos concorrentes na genesis do vocabulo. No «*descrever de*» se attende á funcção privativa.

<sup>1</sup> Nova edic. Rio de Jan., 1902.

do prefixo *des*. No «*descrever em*» se olha ao regimen natural do verbo *creer*, predominante na formação do seu derivado.

Poderia trazer varias outras amostras. Baste-nos, porém, uma. Nas orações do verbo *baptizar* é a preposição *com* a que sóe antepor-se ao nome dado pelo baptismo. Comtudo, VIEIRA disse: «Este tal peccador baptize-se *no* nome de MARIA.» (*Sermões*, v. XI, p. 39.) «Os christãos no tempo da primitiva igreja se baptizavam *no* nome de CHRISTO.» (*Ib.*, p. 40.) «Concedeu que nos pudessemos baptizar *no* nome de MARIA.» (*Ibidem.*)

Já se vê quão precipitado foi o dr. CARNEIRO em concluir do emprego usual da preposição *de* contra a vernaculidade, aliás manifesta, da preposição *em* nas construcções do verbo *datar*. BRANDÃO, *Monarchia Lusitana* (ed. de 1806), v. I, disse: «He a *data* desta escritura *em* novembro» (p. 285), e: «He a *data* desta escritura *no* anno de 1031.» (P. 287.) Noutros logares substitue a preposição *em* pela sua equivalente *a*: «Cuja *data* é a 11 das calendas.» (P. 53.) Do mesmo modo a p. 59, 70, 72, 73, 290. Nunca *data de*: sempre *data a*, ou *data em*.

## § 19

### Art. 201, § 1.º

#### RETROTRAHIR

#### INTRANSITIVOS

#### TRANSITIVOS

117.— «Em todos os dictionarios portuguezes a significação transitiva directa é a apontada para esse verbo.»

Isto rasgadamente confessa o dr. CARNEIRO.

Dado este facto, o concurso de todos os nossos lexicographos em desconhecer ao verbo *retrotrahir* a significação *intransitiva*, só não estaria justificada a minha inferencia, caso o douto professor me pudesse autorizar o emprego desse verbo na forma *intransitiva* com o uso, quando menos, de um escriptor respeitavel. Não o fazendo, ficaremos reduzidos a uma autoridade tão contestavel como a dos redactores parlamentares do projecto; é dessa poço venia, para declinar.

Não ignoro que o recenseamento lexicographico é incompleto nos melhores vocabularios do nosso idioma. No de CANDIDO DE FIGUEIREDO mesmo, que sobreexcede, sem confronto possivel, quanto á cópia de palavras, aos seus mais proximos antecessores, ufandando-se, com razão, do haver acrescentado ao cabedal existente uma colheita de trinta mil vocabulos, muito ainda haverá que additar. Das minhas notas, lançadas ao correr da leitura, poderia indicar, sem deslustre dos inestimaveis serviços desse philologo á lingua portuguesa, e meramente como exemplo dos incalculaveis thesoiros

de vernaculidade por apurar ainda agora no uso literario e popular, algumas omissoes curiosas, a que não junto, por não caberem nos limites de trabalho como este, os documentos, onde estribo o meu reparo.

Faltam alli, entre muitas outras, estas palavras :

*Abandão. Abrasador. Abundante. Abundantemente. Abuso. Acambaiar. Acarminado. Acareador. Acearia. Acerbar. Aciprestal. Acohença. Acquisitivo. Adjazer. Alurencia. Advenidiço. Afogar. Agradavel. Agorantes. Aguas-furtadas. Alambrador. Aldeana. Aledar. Almondegado. Alongo. Alude. Ali-ecoante. Alvitrista. Alvitrajado. Amangado. Ampliação. Amplimarnoso. Amurar (murar). Amarrar-se. Anematico. Anthropopitheco. Anti-flatulento. Antiguidade. Apalermar. Apalpação. A porfia. Apred. Aquistar. Aramar. Aracupa. Argenti-cérulo. Aristarchia. Arpentagem. Artejono. A's occultas. Ascumada. Assumado. Asthmatico Attemperar-se. Atuchaço. Atypia. Aulicismo. Auri-tremulo. Auruncos. Aurifulgido. Auripurpúreo. Aurigemante. Autogoverno. Auto-infecção. Autobiographar. Avergar. Arestruz. Avultante. Azarangir. Azinhavrar. Azinheiral. Antilatino. Adhortar. Alquando. Archiperbolo. Adedentro.*

*Bacintêa. Bangalé. Bastantissimo. Bebedolas. Bem-parado. Bergajote. Betarda. Bigarnizar. Bisultor. Blaterar. Bonecrage. Borda d'agua. Brutaz. Buçar. Burrama. Burilador. Boaventurança.*

*Cabra-cega. Cachado. Cacoethe. Cajadela. Cambaico. Cardiaca. Careteiro. Carrança. Catambruera. Caudalosamente. Cautelar. Cavoucar. Cavouqueiro. Celga. Charutar. Chrysonomia. Chufear. Cinetographo. Circumjazer. Clarejar. Clavigero. Cocinella. Coch lo. Codeço. Comentação. Compadria. Contemptor. Contraposto (s). Convite (banquete). Coobrigado. Covardice. Couve-flór. Couve-gallega. Cram. Crinal (s). Cupidinario. Cupuldeas. Curca. Curcar. Cynnamoto. Cantarino. Centicipete. Cerada.*

*Dapndio. Decemplicar. Degelador. Dengoso. Dentuço. Desauxiliar. Desbambar. Desercada. Descravizar. Desentediár. Desguelado. Deshábito. Desmazelado. Desmedular. Desnudação. Desnutrição. Desrelvado. Destorpecer. Dessubstanciar. Desvaidade. Devisar (planejar). Dictionarizar. Digrapho. Dirandella. Dissonante. Doctiloquio. Doxographo. Desconsoloso. Desgraciar. Duidade. Degustador.*

*Ebriridente. Igualismo. Elidivel. Emendação. Emmolhar. Emparar. Empreitar. Encafugar-se. Encachoado. Encharque. Endoidar. Enfelpar. Enladeirar. Ensoberbar-se. Entanguir-se. Entretante. Entrebater (v. i.). Entrefechar. Entremarrar-se. Entremisturar-se. Entresonho. Enwarcada (s. f.). Esbanjamento. Esbrasear. Escalpação. Escoante. Escoriação. Escorrêgo. Escóva. Escripturnstico. Escurejar. Esfatachar. Esfazer-se. Esfloramento. Esfugir. Esphirema. Espogeiro. Estatista. Estelligero. Estragação. Estrenoitado. Estudantilo. Etherisar. Evolucionar. Evolver. Exsudorado. Entrescquir. Estrambelho. Entremanhã. Estadista (adj.). Entrededos. Epistolar (v.).*

*Fantasiaista. Feiticamente. Femealmente. Feminilmente. Ferrovelho. Floricreado. Folheação. Foliona. Formiguejar. Forniziar. Fugazmente. Flente. Franções.*

*Galanduchas. Gallicanismo. Gastróphilo. Gazóphilar. Gordalhufo. Grão-de-bico. Grão-vizir. Gravidar. Gravura. Guiboa. Guissanga. Gatal. Gravunhar.*

*Hastilhaço. Herpetólogo. Historiúncula. Honorar. Honradez. Horromata. Horriloante. Horrisonante.*

*Iconista. Ignifremente. Immortificação. Immunista. Impontar. Impugnancia. Incivismo. Indesenvolvido. Industre. Inhanha. Insatisfeito. Insensibilizar. Insulamento. Intangendo. Intentado (não tentado). Intercorrer. Intersilhado. Intímoralo. Inventris. Invingado. Invito. Inviolat. Irraliante. Irritadiço. Isenlar. Ingremidez.*

*Jactanciar-se. Jamundazes. Juboso. Junonal.*

*Laceravel. Ladrante. Largesus. Leigarraço. Leveiro. Livreto. Livrito. Lembramento.*

*Magallanico. Malagradecido. Mangista. Mãochinha. Marcio (marcial). Matraes. Melro-das-rochas. Mensa. Menineiro. Merui. Miradota (s. f.). Misoneismo. Montanismo. Mordedela. Morbigeno. Mutilissimo. Murrião. Myocardio. Martelaço. Meminho.*

*Namorista. Neurosthenia. Nigromante. Noctigeno. Nortear. Novelloriar. Numos.*

*Obscureza. Occupante. Octipede. Operagem. Oxytono. Oraculizar.*

*Pachalizar. Paleanthropologia. Panto-mimeiro. Pára-fogo. Parte-leira. Peraltear. Peralvilhar. Perdoar. Perduzir. Pêlo-da-chuva. Phantasmagorizar. Piretro. Polonio. Polono. Polycultura. Polypharmacia. Pomarejo. Pospuerperal. Potestativo. Pre-antepenultimo. Preenchimento. Primeirissimo. Primogenitor. Prominente. Pusillanimente. Purpurifero. Putrefeilo. Preceptista. Pitecto. Possuimento.*

*Quadrímembre. Quebradeiro.*

*Racemifero. Rapão. Restorente. Residente-za. Resserenar. Roleimar. Retido. Retorteiro. Retracto. Romanescado. Rugar-se. Rudimenta. Revirar.*

*Sabacum. Sacrifero. Semecracia. Semicylindro. Semicivilizado. Semigasto. Semifero. Semivivo. Senadora. Sigisbéo. Sirena. Slavismo. Sobre-irritar. Sobreir. Sobreprovar. Sobretrov. Subscripto. Sociologo. Sociologista. Solteirona. Subdominante. Sub-equóreo. Sublocalario. Subsidiioso. Suedez. Sultanear. Superaltributo. Superadjectivo. Superrequintado. Syndesmologo. Semicolosso. Semifavor. Soberboso. Soltamento.*

*Tacitistuo. Tamínqueiro. Tardeira. Tauto-syllabismo. Torneante. Torricreado. Tramega. Tranguenho. Tribadia. Tributando. Trivio. Tucaio. Tuchado. Tunar. Tumultuador. Tumulario. Trenel.*

*Udo (udo nem miudo). Ullor. Undevicesimo. Uranolitho. Urico. U'ssar. Ultimogenito.*

*Valido. Vuqueame. Venida. (vinda: idas e venidas). Veridissimo. Vico. Vinhita. Vis. Vagatura. Vicegerente.*

*Xenophobia. Xenophobo.*

*Zuniada.*

Outras vezes é quanto ás formas dos verbos que falha a enumeração.

Muitos, de ordinario usados na significação transitiva e intransitiva, tem-se empregado entre os classicos pronominalmente. Taes são: *avisar-se; descer-se; vir-se, correr-se* (correr, circular); *soffrer-se; aconlecer-se; passear-se; trabalhar-se; acordar-se* (ajustar-se); *concordar-se; combater-se; desanimar-se; guarecer-se; adormecer-se; bulir-se; acertar-se; estranhar-se; desembarcar-se; recrescer-se.*

Nos escriptores de autoridade mais recentes não raro se encontram com essa forma ora alguns desses, ora outros verbos, não menos alheios, pelo commum, a esta feição grammatical: *partir-se* (CASTILHO, *Fausto*, p. 303; *Pastos*, v. I, 27, 61, 121, v. II, 63, v. III, 155); *fazer-se* (CASTIL., *Fausto*, 396; *Am. e Melanc.*, 254; *Metamorph.*, 303; *Georgic.*, 63); *andar-se* (*Fausto*, 18, 38; *Pastos*, III, 23, 91; *Georgic.*, 215); *morrer-se* (CASTIL., *Georgic.*, 207; VASCONCELLOS, *Gramm. Histor.*, VI e VII classes, p. 213); *vagar-se* (CASTIL., *Fast.*, I, 89); *baquear-se* (*Fast.*, II, 81, III, 101); *escorregar-se* (*ib.*, II, 123); *subir-se* (*ib.*, 87). Teve-se por erro a CAMILLO haver pronominado <sup>2</sup> o verbo *esvoaçar*. Não havia razão: varias vezes lhe dera CASTILHO ANTONIO essa categoria (*Fausto*, p. 285, 336; *Am. e Melanc.*, p. 252, 296; *Metamorph.*, p. 103), e VIEIRA usara de *vogar-se*. (*Obr. Ined.*, v. II, p. 148.) Com o proprio verbo *estar*, seguindo os vestigios dos antigos, assim escreveu CASTILHO (*Fausto*, 29; *Am. e Melanc.* 303, 309, 350; *Colloq.*, 138, 241; *Arte de am.*, I, 60, 72) e CASTELLO BRANCO (*Queda d'um Anjo*, p. 164; *Fafe*, 30, 41, 143.) Até o verbo *ser*, por derradeiro, tem recebido essa feição. (CASTILHO: *Tartufo*, p. 65; *Colloq.*, p. 213. CAMILLO. *Mem do Carc.*, p. 82; *A Brasil, de Prazins* <sup>3</sup>, 84; *Cancion.* <sup>4</sup>, 456; *O Carrasco* <sup>5</sup>, p. 143.)

Pois tudo isso em vão alli se buscaria.

**118.**—Com a passagem, que muitos verbos fazem, da classe dos intransitivos para a dos transitivos torci occasião de me occupar dentro em breve, a proposito de outra questão.

Não tem menos frequencia que essa a variação dos transitivos em intransitivos. (VASCONCELLOS: *Gramm.*, *loc. cit.*) Opulento, como é, não dá, todavia, o dictionario de FIGUEIREDO senão como transitivos, ou como reflexos, os verbos *encaminhar, deter, endereçar, ende-*

<sup>1</sup> GIL VICENTE, FERNÃO LOPES, DAMIÃO DE GOES, BARROS, BERNARDIM RIBEIRO, FERREIRA, FR. LUIZ DE SOUSA, CAMÕES, VIEIRA e outros.

<sup>2</sup> Relevem-me o neologismo. Também eu os perpetuo, quando convenientes.

<sup>3</sup> Porto, 1832.

<sup>4</sup> *Cancioneiro Alegre*. Porto, 1879.

<sup>5</sup> *O Carrasco de Victor Hugo, José Alves*. Porto, 1872.

*mover, soccorrer, aguardar, rebelar, finir, outorgar, congratular, acompanhar, arrepende, eclipsar, livrar, desarmar, desgostar, saivar, abster, operfeioar, arruinar, espreguiçar, alojar, espantar, zelar, idolatrar, esbaforir.* Delles, entretanto, não ha um, que eu não pudesse inscrever tambem, com a fiança de classicos, antigos, ou contemporaneos, na categoria dos intransitivos.

119.—Qualquer que seja, porém, a habitualidade dessa transição, como indubitavelmente ha verbos, que nunca se empregaram, ou no uso classico, ou no uso vulgar, intransitivamente, por evidente se deve ter que o arbitrio de operal-a não é illimitado. Só aos competentes, inspirando-se em bons exemplos, será permitido.

De minha parte não topei jamais com a caracterização de intransitivo o verbo *retrotrahir*. A commissão nos não mostra que o houvesse encontrado com essa feição em parte nenhuma. Apenas lhe pudera valer a analogia com o verbo *retrahir*, invocada pelo meu venerando mestre. Esse argumento dissiparia, talvez, os meus escrúpulos, se se tratasse da minha responsabilidade particular em obra individual minha. Na linguagem de uma codificação, porém, manifesto é que não devem entrar vocabulos de legitimidade controversa. Ao codificador não seriam toleraveis as liberdades, a que por sua conta e risco se aventura o prosador, ou o poeta, no lavar de seus escriptos.

Não se me apontando, logo, antecedencia alguma, que esteie a variação intransitiva do verbo *retrotrahir*, continuarei a votar contra o seu emprego, sob essa fórma, no texto do futuro código civil.

## § 20

### DESAGRADAR

120.—Do meu commentario ao art. 204 torna atraz, de um surto, o eminente professor á minha exposição preliminar, onde cae, com toda a aspereza da sua severidade, sobre estas palavras minhas: «Perdoem-mo, portanto, aquelles, cujo amor proprio as necessidades desta situação me constroem a *desagradar*.»

Sustenta o dr. CARNEIRO que este verbo não tolera complemento directo. Errei, a seu juizo, evocando assim uma syntaxe *de todo em todo antiquada*, «uma syntaxe do seculo XVI e XVII», hoje «totalmente cahida em desuso».

Bem facil me fôra esquivar a controversia, repudiando a redacção incurra nesta censura. Levisimo deslize typographico elidiu-me alli, com effeito, a proposição *a*, uma simples letra, em sequencia ao pronome *aquelle*. O que eu escrevi, e está no meu autographo, ainda conservado, foi isto: «Perdoem-mo aquelles, *a* cujo amor proprio as necessidades desta situação me constroem a *desagradar*.»

Não me quero, porém, utilizar de semelhante defesa. Aceito a supressão typographica do *a*; e, aceitando-a, mostrarei, sem difficuldade, a semrazão e semjustiça da critica adversa ao meu escripto.

**1.º.** — Antes de mais nada, o que nella sobressae logo, é a incongruencia entre esta censura e os fundamentos da justificação, com que o illustre professor acaba de legitimar o emprego do verbo *retrotahir* na forma intransitiva. Não encontrando um só lexicon, onde a esse verbo se dêsse esta voz, refugiou-se o dr. CARNEIRO na consideração de que, em nosso idioma, «grande cópia de verbos ha» aos quaes, bem que «essencialmente transitivos ou intransitivos, lhes dá o uso dos bons escriptores ora um, ora outro sentido, conforme as circumstâncias.»

Realmente o facto é innegavel. «Emquanto ao dar accusativo aos verbos, que o não tem», já dizia FILINTO ELYSIO, «bizarria tem sido essa, que muitos classicos exerceram, e nos deram a faculdade, com o seu exemplo, de sermos bizzaros com os verbos neutros.» (*Obras*, v. V, p. 106.)<sup>1</sup> Por fallar agora tão sómente dos intransitivos, que, pelo abono de grandes autoridades, receberam egualmente o cunho de transitivos, aqui apontarei alguns.

*Escapar*. «Não prestou seu arrazoado para o escapar de morte.» (FERNÃO LOPES: *D. Fernando*, c. 46.) «Hei-de escapar todos os pelotões.» (*Enfrosina*, prol.)

*Incorrer*. «... as penas... tambem os peixes por seu modo as incorrem.» (VIEIRA: *Serm.*, v. I, p. 59.) «Os homens incorrem a morte eterna.» (*Ibid.*) «Incorremos a desapprovação e riso.» (*Id.*, v. IV, p. 273.) «Por não incorrer nota de ingrato, quero antes viver affrontado na patria.» (VIEIRA: *Cartas*, v. II, 65.) O mesmo emprego em M. BERNARDES, *N. Floresta*, v. II, p. 124, 173, 326, e no *Leal Conselheiro*, p. 432.

*Brilhar*. «Vemos sair da boca daquelle homem, assim naquelles trajos, uma voz muito affectada e muito polida, e logo começar com muito desgarro, a que? A motivar desvelos, a acreditar empenhos, a requintar finezas, a lisonjejar precipicios, a brilhar auras...» (VIEIRA: *Serm.*, v. I, p. 276.)

*Voar*. «Oito mil homens eram os que sitiaram tão poucos, e depois do não admittirem embaixadas, depois de se não renderem a baterias, depois de robaterem duplicados assaltos, tendo-lhes levado um caso grande parte de tão pequeno numero, primeiro desprezaram a morte, querendo ser voados, do que consentiram a vida aceitando partidos.» (*Id.*, p. 313.) «E voando a cortina do muro, a lançou sobre os mouros.» (JAC. FREIRE, II, 123. E assim II, 145.)

<sup>1</sup> Ver ainda o mesmo autor, *Obr.*, v. I, p. 37.

*Resistir.* « Podem-se resistir, mas não se podem vencer. » (*Ib.*, v. II, p. 20.) « Resistimos esta injustiça. » (*Ib.*, p. 111.) « Em todos os armazens de Deus se não acharam armas, com que as resistir. » (*Ib.*, p. 271-2.) « Hoje, porém, vê-se o dedo de DEUS resistido. » (*Ib.*, p. 275.) « Assim resistido Christo... » (*Ib.*, p. 276.) « ... que a não puderam resistir as mesmas pedras. » (*Ib.*; v. III, p. 316.) « Não poder seu coração resistir o sentimento. » (*Ib.*, p. 327.) « Nunca tão resistida e tão vencida se viu a fortuna má. » (*Ib.* v., VI, p. 114.) « Resistir contra lições. » (*Ib.*, p. 152.) « Por isso o devemos resistir com todas as forças. » (*Ib.*, p. 254.) « Tão valerosamente resistidos. » (JACINTO FREIRE, II, 148 e 170.)

« Crês tu que já não foram levantados  
Contra seu capitão, se os resistira. »

(*Lusiad.*, V, 72.)

« Emquanto é fraca a força desta gente,  
Ordena como em tudo se resistia. »

(*Ib.*, VIII, 50.)

*Succeder.* « Ruy de Pina o succedeu no officio. » (BARRÓS: *Dec.* II, III, 1.) Igual emprego amplitude: *Dec.* II, II, 2; III, II, 6.

*Obedecer.* « Venera-lo e obedecel-o como a senhor. » (DUARTE NUNES: *Cron.*, v. I, p. 191.) « Mais que todos o obedecer. » (*Ib.*, v. II, p. 119.) « Aquelles homens, tendo a Sua Alteza, que era seu rei presente, o não obedeciam. » (*Ib.*, p. 264.)

« Aquelle poder alto, que forçados  
Os deuses obedecem. »

(CAMÕES: *Obr.*, v. IV, p. 88.)

*Rir.* « Quanto mundo alli riol! » (FERREIRA: *Obr.*, v. II, p. 67.) O mesmo á p. 26, 67, 138.

*Altercar.* « O mais celebre e mais altercado problema que nunca houve. » (VIEIRA: *Serm.*, v. V, p. 42.) « Era ella... a mais sabia, pelas questões que altercou com o mesmo CHRISTO. » (*Ib.*, v. VI, p. 212.)

*Corresponder.* « O amor de Jonatas obrigou a alma de DAVID a que o correspondesse. » (VIEIRA: *Serm.*, v. VI, p. 197.) *Outrosim.* *Cartas*, v. III, p. 75.

*Abusar.* « Ponhamos o exemplo nas amizades, affeições e correspondencias, que no mundo se usam, e tambem nas que se abusam fóra do mundo. » (VIEIRA: *Serm.*, v. VI, p. 204.)

*Morrer.* « Morrer uma morte ordinaria. » (*Ib.*, p. 281.)

*Contribuir.* « Supponho que difficulosamente virá o parlamento de Inglaterra em contribuir dinheiro para a armada deste anno. » (VIEIRA: *Cartas*, v. III, p. 186.)

*Comprazer.* « Parecendo-lhes que o *compraziam.* » (BARROS : Dec. I, l. I, c. 2.)

*Palrar.* « O amor nasce da vista, e os olhos o *palram.* » (JORGE FERREIRA : *Eufros.*, I.)

*Vagamundear.* « Vac *vagamundeando* a sua vida escoteiramente. » (C. CASTELLO BRANCO: *O General Carlos Ribeiro*, p. 31.<sup>1</sup>)

*Dessuar.* « A mona-mãe lhe abana e lhe *dessua* a fronte. » (CASTILHO : *Excavações Poeticas*, p. 37.<sup>2</sup>)

Indicarei ainda: *Actuar.* (HERCULANO : *Monge de Cist.*, v. II, p. 72). *Creseer.* (GIL VIC., III, 233) *Delirar.* (*Fastos*, v. I, 33.) *Disserlar.* (FRANCISCO DE CASTRO: *Propedeutica*, v. II, prefac.) *Lampejar.* (CASTIL.: *Past.*, I, 153.) *Naufragar.* (CASTILHO: *Colloquios*, p. 354.) *Remoqucar.* (CAVALLEIRO D'OLIVEIRA, II, 273.) *Zombar.* (JOÃO DE BARROS : *Dialog.*, p. 269.)

122.—Não são mais correntes que estes na voz activa os verbos *desfallecer*, *doidejar*, *imperar*, *ladrar*, que, entretanto, o professor CARNEIRO no seu rol insereve como empregaveis indifferentemente na forma intransitiva, ou transitiva.

A' accomodação transitiva do verbo *desagradar* é que reserva, não sei por que ogeriza, ou grima, a nota de repulsa, como syntaxe do seculo XVII.

Mas será mais novo RUY DE PINA, que já em 1497 succedia a VASCO FERNANDES no cargo de chronista-mór, e cujos trabalhos historicos estavam concluidos em 1504?

Todavia, é com o seu nome, com o nome desse *quinhentista*, que o dr. CARNEIRO attribue ao verbo *ladrar* a forma transitiva, estribando-a neste exemplo do velhissimo chronista: « Atraz delles vinham os outros mouros, que os *vinham ladrando.* »<sup>3</sup>

Sorá, pela ventura, JACINTO FREIRE posterior ao seculo XVII? Não: o autor da *Vida de João de Castro* nasceu em 1505, e falleceu em 1654.

Com elle, não obstante, é que o dr. CARNEIRO moderniza a fórma transitiva de *voar*: « A mina com tremendo estampido *voou* pelos ares toda a face do muro. »

Eu do mim não rejeito nem um nem outro dizer; porque vejo na resurreição das formas antigas, immerecidamente abandonadas pelo esquecimento, um dos meios mais legitimos de renovar a lingua, e lhe promover a riqueza. Certo é, porém, que nada está

<sup>1</sup> Porto, 1881.

<sup>2</sup> Rio de Jan., 1846.

<sup>3</sup> Neste exemplo fica em complemento objectivo a pessoa, a quem, ou contra quem se ladra. Doutras vezes a coisa, ou o facto, que se ladra, é o que faz do complemento directo. Assim escreveu BARROS, I, III, 11: « Andou *ladrando este requirimento.* » Nesta segunda fórma caberia ainda hoje naturalmente a voz transitiva do verbo *ladrar*: *ladrando insultos*, ou *ameaças*.

em maior distancia do uso actual que o servirmo-nos transitivamente dos verbos *ladrar* e *voar*.

Mas o meu velho mestre batefia as palmas se eu escrevossse: «Os explosivos americanos *voaram* pelos ares a esquadra hespanhola», se eu redigisse: «Os invejosos *ladram* o genio dos homens superiores.» Estas sim, que são, a seu juizo, locuções do seculo XX, posto o seu resurgidor não vingasse abonar-lhes a modernidade senão com escriptores do seculo XV e XVI. Em verdade não se pode aberrar mais despropositadamente da evidencia e da justiça. Desdenham-se, por archaicas, expressões do seculo XVII, para se recommendarem como novas, locuções do seculo XVI e do seculo XV.

Ainda bem que uma coisa, ao menos, não poderá escurecer o illustre philologo bahiano: não conseguirá escurecer que os escriptos de VIEIRA, MANUEL BERNARDES, LUCENA e Fr. LUIZ DE SOUZA são menos antigos do que as obras do JACINTO FREIRE e RUY DE PINA. Ora VIEIRA disse:

«As aves por mais nobres namoram-se da luz; as fêras como mais brutas a luz *as desagrada*.» (*Obras Incultas*, v. II, p. 110.)

BERNARDES escreveu:

«Devo com diligente e generoso cuidado procurar *agradal-o* em tudo.» (*Nova Floresta*, v. IV, p. 358.)

LUCENA redigiu:

«Mais *os agradava* a innocencia daquelles meninos que tolas as riquezas do mundo.» (*Vida de S. Fr. Xavier*, IV, 10.)

SOUZA construiu:

«Só porque vos parece que *o agradaes* nisso.» (*Hist. de S. Domingos*, II, 5, 5.)

E aqui temos outro exemplo de applicação igual:

«A vontade em pureza de tenção *de agradal-o* em tudo.» (CHAGAS: *Obras Espirit.*, tom. II, p. 276.)

E' do seculo XVIII, e não do seculo dezesete, o *Vocabulario* de BLUTEAU, que entretanto, alli ensina:

«*Agradar*, tambem algumas vezes se constroe com accusativo.» (Vol. I, p. 101.)

Não diz *se construiu*, mas *se constroe*. Logo, não expirou com o seculo XVII o uso do verbo *agradar*, ou *desagradar*, como transitivo.

Muito menos ainda se poderá inscrever no seculo XVII o *Diccionario Portuguez* de Fr. DOMINGOS VIEIRA, composto e publicado no terceiro quartel do seculo XIX. Ora, nesse moderno repositório da nossa lingua, o autor, depois de inscrever, em artigo especial, entre os vocabulos antiquados, o verbo *agradar* na accepção de *gradar*, «passar a grade á terra, lavrada e semeada», diz, no artigo subsequente:

«*Agradar*, v. a. Aprazer, contentar, satisfazer, deleitar, encantar, adivinhar vontades, bem parecer.»

« Conheço el-rei, que d'esperança cheio  
Com longinquo amor sabe *agradar-o*. »

(MÁN.<sup>o</sup> THOMAZ : *Insulania*, c. VI, est. 61.)»

Traz no rosto da obra o titulo de *Contemporaneo o Diccionario* do AULETE, declarando, ademais, na exposição de seu *Plano*, ter sido o intuito do autor coordenar «um vocabulario, que represente a lingua portugouza, como *ella é hodiernamente*.» (P. II.) Se recenseia os vocabulos archaicos, é notando-os sempre, cuidadosamente, com a menção de *antiquados*. Pois bem: tal menção não precede alli á forma transitiva do verbo *agradar*, por elle, não só especialmente consignada, senão recommendada tambem com este exemplo:

« Mais os *agradava* a innocencia daquelles. »

Por que não será, pois, de imitar essa maneira essencialmente vernacula, abonada por autores como VIEIRA, BERNARDES, LUCENA e FREI LUIZ DE SOUSA? Por que refugaria o uso do verbo *agradar* como transitivo quem admitte como transitivos os verbos *ladrar* e *voar*?

## § 21

### QUERER A

123. — Outra vez entra aqui o meu velho mestre pela minha exposição preliminar ao substitutivo, por se deleitar no prazer das obras de caridade, castigando os erros de um ignorante. Mas era mais natural ao espirito christão, como ao amor da verdade, não se dar pressa em figurar ignorancias, quando, para lhes evitar a *hypothese*, bastasse á critica uma pouca de equidade.

A estampa typographica apresenta assim uma phrase minha: « *Querendo* com amor o idioma que fallamos, meu carinho habitual por elle naturalmente me levava a encarar com cuidado esta facc do assumpto. » E' o mesmo caso do reparo antecedente: a inadvertida elisão do *a*. Imprimiu-se «o idioma», onde havia de ser «ao idioma». Quem quer que haja experimentado o *rever* provas, saberá com que facilidade escapam essas differenças de letra aos olhos mais adestrados, sobretudo aos do proprio autor, que, lendo no seu pensamento, cuida amiude ter visto no impresso o que apenas lhe estava na idéa. A imagem mental, em sua fórma correctea, occulta e substitue aos olhos do escriptor a incorrectea reproducção no trabalho da officina.

Não ha, com effeito, vozes mais corriqueiras na lingua portuguesa que as do verbo *querer* no sentido vulgarissimo de ter affecto, amor, amizade, ou aversão: *querer bem*, *querer mal*, ou simplesmente *querer*. O bem, ou o mal, que se quer, é, nesses casos, o complemento directo do verbo; de sorte que a pessoa, ou coisa, a que se quer o mal, ou o bem, representará necessariamente

um complemento indirecto. Em faltando, portanto, o complemento directo, nas phrases cujo torceio elliptico o subentende, a situação grammatical da coisa, ou pessoa, a cujo respeito se cogita om exprimir a disposição de animo do agente, não mudará de natureza. Assim que diremos: Quero bem a Pedro. Quero muito a Pedro», ou, suppresso o complemento directo: «Quero a Pedro.» Mas tão correntia é, de trivialidade tal esta syntaxe, que a puercia; mal adquire as primeiras noções do phraseado patrio, já não a ignora, e com olla se familiariza. E é de não saber nem isso em vernaculo que me supõe capaz o meu bom mestre.

Mas, quando eu, para não dessaber a esse ponto o que meus paes me ensinaram ao balbuciar os rudimentos da nossa lingua, não guardasse um resto de memoria, devia ter a audição quotidiana dos nossos naturaes e a quotidiana lição dos nossos escriptores. Tão longo está desse enfraquecimento aliás a minha retentiva, que ainda me não esqueci das palavras em que o eminente mestre me offerencia, ha doze annos, os seus *Serões Grammaticaes*: «Ao sr. dr. RUY BARBOSA, em testemunho do muito que *lhe quer* e do muito em que tem o seu elevado merecimento, offerce o autor.»

A fineza, em que se ella envolvia, devia gravar me indelevelmente na reminiscencia a lição grammatical. Depois o commercio dos bons escriptores, que sempre me captivou desde menino, sob o influxo do modelo paterno, estava diariamente a me trazer aos olhos a syntaxe habitual do verbo *querer*. Ouvira eu dizer ao CAMÕES:

«Que assaz de mal *lhe* quero, pois que o amo.»

(*Lusiad.*, II, 40.)

Ouvia ao CASTILHO as duas acepções do verbo *querer* nitidamente discriminadas pelos seus dois estylos grammaticaos: «Querem-*lhe* todos, e querem-*no* todos.» (*Tosquia*, p. 6.) Ouvia-*lhe* o vorsejar nas traducções de OVIDIO:

«Pasiphae mesma, a bella, a senhora, a real,  
Suspirava, por elle, e *lhes* queria mal.»

(*Art. de Am.*, v. I, p. 22.)

Annos depois *lhe* ouvia, no *Fausto*: «Hoje *me* quero mal.» (P. 240.)  
«E' toda o sujeitinho; e *quer-lhe!* *quer-lhe!*» (P. 277.)

«Mulher *quer* sempre ao mais novo;  
Plebo ao da ultima hora.»

(P. 348.)

Ainda mais tarde *lhe* escutava, nos *Colloquios Aldeões*: «Não falta por lá quem *lhe* queira mal.» (P. xi.) «Convenci-vos bem do quanto elles *vos* querem, para *lhes* quererdes igualmente.» (P. 24.) «Oh! *querei-lhe*, *querei-lhe* muito!» (P. 26.) «Não tens tu entendimento que abranja a França, coração que baste para *lhe* *querer*?» (P. 55.)

124.—Mas, quando a esse continuo repetir de locuções tão usuas me fôra insensível o ouvido, ou de todo infiel a lembrança, o eu houvera adoptado voluntariamente a fôrma syntaxica, de que me ineropam, não teria caído em erro. Dos mais antigos tempos da nossa lingua aos mais recentes, varios exemplos testemunham que, comquanto muito menos usado, não era, nem é totalmente defeso o empregar-se transitivamente, na accepção de que se trata, o verbo *querer*.

Tome-se, de GIL VICENTE, uma das suas ultimas farças, o *Auto da Lusitania*. Pretende a heroína exprimir sua affeição a Portugal. Poderia, pois, dizer que *lhe quer*. Quer a Portugal, e, todavia, diz:

« Portugal, senhoras, quero. »

(Obr., III, p. 298.)

Na *Comédia do Cioso*, em ANTONIO FERREIRA, a creada e a cortezã conversam do seu fraco pelo outro sexo. Embora *lhe* conheçam os males, malicias e maldade, não cessam de *lhe querer*. Aos homens querem sempre, a despeito de tudo; mas não fallam em *lhes querer*, senão em *os querer*:

«—Tas são os homens.—Ay Faustina, que te dizia eu? Aprenderás ás tuas custas, pois não quizeste as alheias.—Somos tão coitadas e tão parvoas, que *os queremos*, e desejamos.» (A. III, s. 9; Obr., v. II, p. 465.)

Até aqui o fallar do povo. Agora o escrever literario e erudito, o phraseado austero dos historiadores e a lingua harmoniosa dos poetas.

No excerpto seguinte do *Leal Conselheiro* nos depara a regia prosa del-rei D. DUARTE, em duas linhas, as duas formas desse verbo:

« Bemquerença he tam geral nome que a todas *peessoas que* mal nom *queremos*, podemos bem dizer que *lhe queremos* bem. » (P. 247.)

São das redondilhas de CAMÕES estes versos:

« Menina, tende maneira  
Que ainda não venha a ser.  
Pois não *quereis quem* vos quer,  
Que *queiraes quem* vos não queira. »

(Obr., v. V, p. 67.)

Já antes delles escrevera JOÃO DE BARROS, nas suas *Decadas*:

« Ver ante si D. Garcia de Noronha seu sobrinho, *que* elle muito *queria* por suas calidades. » (II, VII, 2.)

ANTONIO FERREIRA, com a mesma syntaxe, versejou:

« Negue-me louro Apollo, Pallas nega  
Teu bom fervor e sprito, se eu *mal quero*  
*Aquelle* ingenho bom, que bem se emprega. »

(Cart., I, 8. Obr., v. II, p. 53.)

Na *Monarchia Lusitana*, do FR. BERNARDO DE BRITO, se me offereco este lanco :

« Deste logar onde foi o primeiro homem creado o levou DEUS a um doleitoso jardim, que plantara, fazendo-o pomareiro da melhor coisa da terra, para que a vista de tão grandes beneficios lhe attrahisse o coração a *querer quem* o creara. » (V. I, p. 5.)

Em todos esses exemplos se emprega transitivamente o *querer* como succedaneo de *amar*, uso que ANTONIO PEREIRA DE FIGUEIREDO, no seu *Espirito da Lingua Portuguesa*, registra entre os padrões classieos da nossa vernaculidade. (*Memorias de Literatura Portuguesa*, v. III, p. 214.) E ANTONIO PEREIRA escrevia aos fins do seculo dezoito. (1781.)

JOÃO FRANCO BARRETO observava a mesma grammatica, neste passo :

« Era desta Sicco espeso, que era  
O mais rico dos campos de Fenicia;  
A quem o pay com bom agouro a dera  
Intacta e a triste o *quiz* com gram caricia. »

(*Eneida*, I, 80.)

CASTILHO ANTONIO, na *Primavera* (p. 197), a descrever o encanto da musica, nas festas campestres de maio, escutada por entre o arvoredo, maviosamente exprime a impressão dessa poesia rustica e seismativa, « tão grata », diz elle, « que ainda não vi coisa que mais *quizesse* ».

O dr. Carneiro emendaria : *a que mais quizesse*.

De outra feita, na *Arte de Amar* (v. I, p. 40), discorrendo, com o seu poeta, da vaidade fominil:

« E' vã toda a mulher ;

Té a horrenda se quer, se mais ninguem *n-a quer*. »

Segundo a dicção usual, devia de ser *lhe quer*. E preferiu a outra, bem que nem o metro *lhe vedasse* aquella. Poderia ter escripto, sem damno do verso:

« Té a horrenda se quer, se mais ninguem *lhe quer*. »

Nos *Amores* (v. II, p. 97) temos o mesmo caso:

« Ao monos guarda-a

Pelo interesse meu, que a amo, o *a quero*,

E preciso de a amar. »

Analogamente, CASTILHO JOSÉ :

« Ha já tantos homensinhos novos, fiadores do futuro, a quere-rem-lhe, a *quererem-n'a*, e a aprenderem-n'a com cedo, que bem se *lhe* pode augurar nova era, e muito mais prospera, para dentro em alguns annos. » (*Iris Classico*, p. 11.)

E quantos mais se não poderiam colher, se a urgencia do tempo m'o consentisse ? Mas essas autoridades já não são poucas. Sobram,

po lo menos, para tirar a limpo que o dr. CARNEIRO jurou falso contra a verdade grammatical, assegurando que o nosso idioma não tolera a forma «*quero-o muito*», em vez de *quero-lhe* muito, e que «*sempre assim foi que disseram os nossos escriptores antigos e modernos*». <sup>1</sup>

A realidade, bem ao contrario, como se acaba de provar, é que as duas construcções do verbo *querer*, supposto muito mais corrente uma do que a outra, andaram sempre de par em todas as épocas do nossa lingua, e desde o seu alvorecer ambas no seu uso criaram posse. Quem der revista ao *Cancioneiro da Vaticana*, logó entre os seus primeiros versos dará com estes :

«*Et todolos que me voem preguntar  
qual esta dona que eu quero ben.*» <sup>2</sup>

Noutro logar ( p. 213, n. 1.113 ):

«*Voieron-m'agora dizer  
d'ũa molher que quero bem.*»

Alli, ainda, nas trovás d'el-rei D. DINIZ, se nos offerrece o *querer* equiparado a amar, um e outro como transitivos :

«*E essa que vos vay dizer  
que trobo, porque me pagu'en  
e non por vós que quero ben,  
mento, ca non veja prazer,  
se eu trobo por m'en pagar,  
mays faz me voss'amor trobar.  
É pero quem vós diz que non  
trobo por vós que sempre amei.*» <sup>3</sup>

Assim que, de D. DINIZ a CASTILHO, do seculo XIII ao seculo XIX, não cessou jámais de ser vernaculo esse phrascar que o dr. CARNEIRO suppõe nunca o ter sido. <sup>4</sup>

§ 22

Art. 223

AFFECTAR

**123.**—Annue o professor CARNEIRO á minha critica no tocante ao uso desse verbo, a cujo emprego invernaculo alli torno mais longe, no meu commento ao art. 1.752, n. IV.

Tomos, pois, ainda uma vez, approvada a minha oimenda pelo mestre: Graças.

<sup>1</sup> *Ligeiras Observações*, p. 5, col. 2<sup>a</sup>.

<sup>2</sup> *Cancioneiro Português da Vaticana. Eliç. crit. de TH. BRAGA*. Lisboa, 1878. P. 1 v. 1.

<sup>3</sup> A outra forma tambem alli se encontra :

«*Ca pero lhi quero tál ben.*» (N. 88.)

<sup>4</sup> *Ib.*, n. 92, p. 19.

## "§ 23

## HONORABILIDADE

126.—Deve o projecto este neologismo á redacção parlamentar. Mas o eminente professor leva em gosto seu-lhe paronympho.

Não me convenceu, porém, o seu arazoado, que ás longas e varias considerações do meu não oppõe nada, salvo quanto ás affinidades romanas da palavra. Em seu desabono reflectira eu que os latinos, com possuirem *honorabilis* e *honorabiliter*, ainda assim não haviam admittido *honorabilitas*. Acode o dr. CARNEIRO que não, que tambem *honorabilitas* era voz latina, havendo os franceses della colhido o seu *honorabilité*.

127.—Bons padrinhos teria a minha ignorancia, para que eu me não avergonhasse de confessal-a.

Bastava-me, para consolo, o apoio de LITTRÉ. Leia-se o seu artigo acerca daquelle vocabulo no segundo volume, p. 2.043, do seu dicionario monumental. O grande lexicologo não deixa de mencionar jámais a etymologia latina dos termos, que a têm. Quando se occupa com o adjectivo *honorable*, vae filial-o ao latim *honorabilis*. Mas as origens de *honorabilité*, põe-n'as exclusivamente no antigo francês. Era, pois, LITTRÉ de todo em todo alheio á existencia do latino *honorabilitas*.

Da mesma sorte que o maior e o mais sabio dos dicionarios franceses, o mais autorizado e vasto dos mais modernos lexicons latinos desconhecia aquella entidade verbal. Adnumera FREUND <sup>1</sup> a familia inteira dos derivados de *honor*, ou *honos*: nada menos que vinte e cinco vocabulos. Dos que mais de perto dizem com o de que se trata, menciona *honorabilis*, *honoralis* e *honorabiliter* (além do *honorarium*, *honorarius* e *honoratio*). Quanto a adverbios, só regista *honoratè*, honradamente.

Claro está, portanto, que da occorrença latina do *honorabilitas* tambem FREUND e THEIL, seu traductor e revisor, não sabiam parte. Assim que nem o lexicologo dos lexicologos franceses, nem o lexicographo dos modernos lexicographos latinos tinham noticia de se haver conhecido entre os romanos aquelle substantivo.

Eu estava com LITTRÉ e FREUND, estes dois atrazados. Não conhecia, de uma parte, HATZFELD e DARMSTETER, da outra QUICHERAT, DAVELUY e CHATELAIN. Os dois primeiros, no seu dicionario da lingua franceza, divergem de LITTRÉ, entroncando o *honorabilité*, francês, no latino *honorabilitas*; os tres ultimos, no seu dicionario latino-francês, adeantam-se a FREUND, affirmando e estribando em um nome de antigo escriptor a existencia do latim *honorabilitas*.

<sup>1</sup> Grand Dictionnaire de la Langue Latine sur un nouveau plan par le dr. G. FREUND, trad., revu et considerablement augmenté par N. THEIL. Paris, 1883. v. II, p. 412.

Notorio é que o meu trabalho sobre a redacção do código civil se elucubrou fora do minha casa e da minha bibliotheca, estando ou em Petropolis, durante as ferias, numa pequena vivenda campestre, onde escassamente dispunha de alguns livros, os mais elementares e de uso quotidiano. Em materia de lexicons latinos tinha commigo o de SARAIVA, que, ajudado da minha memoria e dos meus estudos anteriores, era tudo o que me estava á mão. Ainda quando, porém, me achasse entre o meu gabinete e a minha livraria, para mim tenho por certo que, depois de compulsar LITRÉ e FREUND, não iria excavar em DARMSTETER e QUICHERAT. Nem me parece que elles hajam adeantado grand'coisa á questào.

No dictionario de QUICHERAT, edição CHATELAIN (1899), invocada pelo dr. CARNEIRO, o tópico relativo á palavra de que disputamos, não passa disto :

« *Honorabilitas, alis., f. honorabilité:—tua Facund. vobro Honneur.* »

Nada mais.

Não se transcreve o texto alludido sob o nome de FACUNDUS, nem se indica a obra de onde procede. Apenas se vê que excavações recentes, das quaes se occupa esse vocabulario, tão sómente lograram dar com um texto de certo escriptor, que houve nome FACUNDO. Para lhe avaliar a mediocridade, porém, bastará notar que ao seu nome nem allusão fazem tratados magistros da historia da literatura latina como o de DER TEUFFEL<sup>1</sup>, onde aliás se consagra extenso e minudencioso estudo aos escriptores da centuria, em que viveu aquelle autor.<sup>2</sup> Quem delle quizer noticia, ha-de ir ás grandes encyclopedias, ás historias da Igreja, ou aos repositórios da antiga literatura religiosa. Bispo de uma diocese de Africa, viveu elle quando JUSTINIANO florescia, meado o seculo VI da era christã, escrevendo tres livros em defensão do catholicismo e apologia do concilio chalcedoniano.

Onde o dr. CARNEIRO teria encontrado o latim de FACUNDUS, que o QUICHERAT indica, sem transcrever, é no FORCELLINI, obra incomparavel no seu genero, desconhecida, creio eu, entre nós, que abrange em repositorio immenso toda a latinidade. Dois (por elle vejo) são os topicos, em que FACUNDUS saiu a lume com o HONORABILITAS : « *Legi libros a tua honorabilitate transmissos* » e « *Sic et tua honorabilitas nostram exiguitatem petens.* »<sup>3</sup> Ambos da sua *Defensio trium Capitulorum* (IV, 2), livro de controversia religiosa, cujo eco era necessariamente destinado a expirar nas altas regiões

<sup>1</sup> *History of latin literature*, transl. by W. WAPER.

<sup>2</sup> V. II, p. 523-576.

<sup>3</sup> FORCELLINI : *Totius Latinitatis Lexicon*, Ed. DE-VIT. Prati, 1865. V. III, p. 303.

da "egreja, onde a theologia guardava a metaphysicã dos seus dógmas.

Desses recessos obscuros da litteratura ecclesiastica é que as investigações da erudição moderna vieram a desentranhar o exemplo solitario de FACUNDUS. Fóra dahi não se descobre em toda a latini-  
dade vestígio nenhum de *honorabilitas*. Dónde se vê que o vocabulo affeição-  
do pelo bispo de Hermianum fenece-  
ra enkystado nas dissertações theologicas, em cujo texto surdira á luz. Esse especimen, se considerarmos a sua unicidade, junta á natureza dos escriptos onde se depara, longe de mostrar a latini-  
dade original do termo por mim censurado, o que faz, é incluí-lo no catalogo extravagante dessas palá-  
vras, cuja formação apresenta exclusivamente o cunho pessoal do erudito, que as lavra, sem obter introduzido na circula-  
ção do idioma, a que se destinam.

Não se divulgou, não se generalizou, não se popularizou a expressão do prelado africano. Não entrou nem no uso litterario, nem na massa desse latim vulgar, cuja decomposição tanto concorreu no elaborar dos idiomas novilatinos. Nada nos autoriza, pois, a concluir que o francês *honorabilité* nascesse dessa expressão. Antes me parece ficar subsistindo a hypothese, em que estava LITTRÉ, de ter esse vocabulo a sua origem, pelo adjectivo *honorable*, não proprio francês. E, se não proveiu do latino *honorabilitas* o francês *honorabilité*, já em circulação no seculo XIII, como admittir que de *honorabilitas* haja derivado o nosso *honorabilidade*, introduzido no portuguez primeiro que as excavações da philologia contemporanea revelassem aos especialistas o exemplo de FACUNDUS?

Assim, os esforços em contrario do erudito mestre, o que logram, é corroborar a certeza de que os nossos neologistas não foram buscar esta palavra nas fontes latinas; visto como do FORCELLINI aqui nunca se fallou, a edição CHATELAIN do QUICHERAT e o dictionario francês de DARMSTETER são mui posteriores á entrada em circulação deste vocabulo no Brasil, e antes delles ninguem entre nós aventara a existencia do bispo de Hermianum com o seu insignificante exemplo.

Vindo-nos, portanto, do francês, com a suspeição natural desta procedencia, relevaria, antes de lhe outorgarmos fóros vernáculos, inquirir da sua necessidade e da sua harmonia com as antecedencias do idioma neste particular.

Façamol-o, pois, agora, mas que seja rapidamente.

128.— Consultando os nossos antigos vocabularios, verificar-se-á que BLUTEAU regista *honôr*, *honorifico* (vol. IV, p. 50 e 51, letra H) e no *Supplemento* (vol. I, p. 497), além do substantivo *honorario*, o verbo *honorar*, que não escapou a DOMINGOS VIEIRA, nem a MORAES, mas esqueceu aos nossos dictionarios mais modernos, os de AULETE e FIGUEIREDO.

Ora de *honor*, vulgado até no adagió *Pôr amor não percas honor*, bem como de *honorar*, facilima era ao uso a transição para *honoravel* e *honorabilidade*. Mas nem um nem outro vocabulo calou ao ouvido portuguez, entretanto que ao seu correspondente em França a historia da lingua apura seto seculos de ancianidade.

Tão pouco, de *honra*, apezar de lhe derivarem *honrar*, *honrado*, *honradamente*, *honroso*, *honrador*, admittiram os nossos maiores *honoravel*, ou *honrabilidade*.

Mas não se está vendo neste facto, como no de se excluir em egualmento as derivações *honoravel*, *honorabilidade*, emquanto se adoptaram *honor*, *honorar* e *honorario*, a indicação de uma peculiaridade vernacula, opposta á admissão daquellas duas palavras?

129. — Observara eu que, a proceder o motivo para a voga do substantivo *honorabilidade*, na significação que lhe attribue CANDIDO DE FIGUEIREDO, «deviamos começar por admittir o adjectivo *honoravel*». A isto sobrevem o professor CARNEIRO: «Não; isto negamos nós: não basta haver em nossa lingua o adjectivo terminado em *vel* (ou *bil*), para se formar o substantivo em *dade*.»

Não, não basta. Nem eu tal dissera. O que eu havia escripto, é que naturalmente a croação de *honoravel* devia anteceder a de *honorabilidade*, como natural é que a da raiz anteceda á palavra della resultante.

«Tomos, por exemplo», continúa o meu contradictor, «o vocabulo portuguez *crível*; e deste adjectivo foi que se formou o substantivo *credibilidade*, ou do latim *credibilitas*? *Crível* só daria *cribilidade* e não *credibilidade*.»

Realmente «*crível* só daria *cribilidade*.» Mas, além de *crível*, já BLUTEAU consignava *creível* (v. II, p. 605), e CANDIDO DE FIGUEIREDO regista *credivel* (v. I, p. 360), de onde naturalmente promanaria *credibilidade*, sem o concurso do latim *credibilis*.

El-rei D. DUARTE usava de *incredível*: «Se mantem em soo beber d'agua simprez, que é *incrédyvel*» (*Leal Conselh.*, p. 211), forma primitiva que descobre a existência, já então, de *credivel*.

Deste adjectivo pelos tempos adiante se poderiam rebuscar exemplos entré os classicos. Bastará, porém, o que nos fornece AMADOR ARRAIZ: «Posto que o anjo não faça expressa menção da perpetua virgindade da Madre de Deus, depois do parto, comtudo pelo que era monos *credivel*, deixou por entendido o que era mais facil de crer.» (*Dial.* X, 32. Ed. de 1846, p. 695.) Do portuguez *credivel*, portanto, é que nos saiu o portuguez *credibilidade*. Este substantivo, não o tomamos ao latim.

O que mais curioso ainda se me figura, porém, é que, ao lado de *credibilidade*, inscreva o dr. CARNEIRO *susceptibilidade*, como formado por analogia do latim *susceptibilis*, quando tão notorio e vulgar é o adjectivo portuguez *susceptível*.

Onde, portanto, se ostribará o meu velho mestre, para asseverar que *credibilidade* emana do latim *credibilis*, não do vernaculo *credível*, e *susceptibilidade*, não do português *susceptível*, mas do latim *susceptibilis*?

130.—Não é só o nosso idioma que se tem mestrado avesso á adaptação do latino *honorabilitas*.

Os hespanhoes, acolhendo *honor*, *honorario*, *honorifico*, *honorificar*, *honorificamente*, *honorificencia*, *honoroso*, *honorosissimo*, *honoracion*, *honorable*, *honoravelmente*, *honorabilissimamente*, — não conhecem, todavia, o *honorabilidad*<sup>1</sup>, que seria a equivalencia castelhana do nosso neologismo.

O inglês, por egual, onde tão frequentemente vae buscar ajuda ás suas conclusões de philologia vernacula o dr. CARNEIRO, o inglês, possuindo *honor*, *honour*, *honourance*, *honourance*, *honoraryum*, *honorary*, *honored*, *honorer*, *honourer*, *honorific*, *honourify*, *honorless*, *honourless*, *honorous* e, particularmente, *honorable*, *honourable*, *honorableness*, *honorably*, *honourably*, rejeita a modificação anglo-latina de *honorabilitas*, que teria de ser *honorability*, ou *honourability*.<sup>2</sup>

131.—Em summa que, bem lançadas as contas, nada justifica a implantação desse neologismo. O flador latino de *honorabilitas* é um texto insalado na baixa latinidade entre as paginas de uma apologia theologica, texto que, portanto, não demonstra o uso do termo naquelle idioma. O que se liquida, pois, é a extravagancia da palavra no proprio latim. O que se apura, outrosim, é que o português, o hespanhol e o inglês, tendo, tolos ellés, os adjectivos e verbos correspondentes ao latino *honorabilis*, enjeitaram sempre o substantivo fliado em *honorabilitas*. Sem ello continuam a passar o inglês e o castelhano. Onde a necessidade nossa de o perfilharmos?

É um vocabulo de accepção indefinida e, talvez, indefinivel. Se equivale a *benemerencia* (como ensina FIGUEIREDO), não ha precisão da neologia: *benemerencia* escusa *honorabilidade*. A meu sentir, *honorabilidade*, quando o consagrassemos, teria de significar a estimacão, com que o juizo publico, isso a que hoje em dia chamamos por excellencia a *opinião*, recompensa os homens de bem. Mas, nesse caso, *honorabilidade* se confundiria com *honra*, que (leia-se a definição de MORAES) tambem tem essa accepção.

Depois não vejo abonada a novidade, entre os escriptores vernaculos, com o nome de bons fladores. Dos portuguezes, nem mesmo entre os mais accessiveis á neologia me recorde houvesse encontrado essa importação franceza, e ainda no Brasil autores ha, que nunca a perpetraram.

<sup>1</sup> *Novissimo Diccionario de la Lengua Castellana, que comprende la ultima edicion integra del publicado por la Academia Española.* Paris, 1866.

<sup>2</sup> WHITNEY: *The Century Dictionary*, v. III, p. 2874 - 2876, CASSEL'S *Encyclopaedic Diction.*, v. IV, p. 212-13.

## § 24

## DESVIRGINAMENTO

132. — Por este neologismo quebra lanças o douto philologo, endossando com ardor a invenção juridica dos commissarios parlamentares.

Vae até á tribuna sagrada na Grã-Brotanha o esforçado paladino das aventuras literarias do projecto, á cata de consagrações profanas e religiosas para o uso legislativo do verbo *desvirginar*. Ousaria ou perguntar reverentemente ao mestre se admittê á redacção do codigo civil o verbo *parir*, abonado no pulpito português com todos os esplendores da eloquencia sacra pelo grande VIEIRA?

133. — Tiveram os latinos *devirginatio* o *devirginare*. Deste verbo, acrescenta o sabio professor, usou PETRONIO, VARRÃO, HYGINO, NONIO, JUVENAL, a Vulgata e JUSTINIANO.

Do copioso elenco, devido pelo mestre ao dictionario de FREUND (v. I, p. 808), escapou S. JERONYMO, nome que, junto ao de PETRONIO, viria a reunir em apologia deste feliz vocabulo o côro das coisas divinas e humanas.

Antes de mais nada, há, porém, duas rectificações, que lhe fazer. VARRÃO e NONIO não representam no caso duas entidades; porquanto o exemplo indigitado é de VARRÃO, que NONIO preservou, e transcreveu. Depois não é a *devirginare*, que allude osse exemplo: é á forma passiva, a *devirginari*, cujo sentido, alli bem diverso, exprime, não o deixar de ser virgem, mas o transcender a puberdade: *Puer devirginatus*. O topico latino de NONIO, 458, 25, que FREUND apontou, mas não trasladou, resa: « Virgines non solum feminae dicuntur, verum etiam pueri investes: nam quicumque ex ophebis excesserat *devirginari* dicobantur.»

PETRONIO e JUVENAL, agora. Citar JUVENAL, ou PETRONIO, afim de comprovar a decencia de um termo, que se argúe de indecoro, não se concebe da parte de um mestre, a não ser quando mettido a zombar da credulidade, ou innocencia dos alumnos.

Verificou o dr. CARNEIRO o excerpto de PETRONIO, indicado por FREUND? E' uma das scenas do *Satyricon*, em que a phantasia licenciosa do autor requintou os extremos da crapula na Roma dos CESARES. Trata-se de iniciar PANNYCHIS na prostituição: quer-se alliviar a inexperta moça do peso da virgindade. Ahi é que vem á balla em toda a sua innocencia o *devirginare*: « Ita, ita, inquit Quartilla, bene admonuisti: cur non, quia bellissima occasio est, DEVIRGINETUR Pannychis nostra. » (*Satyric.*, XXV.)

Do quadro alli debuxado nada se poderia tirar em linguagem. A pureza e transparencia do estylo apenas envolvem num ambiente d'arte os excessos da lascivia sob as suas mais desmarcadas formas. A virgindade, apontada como o vexame de um fardo, gaba-se

aquella horoina de não n'a ter conhecido nunca. Não se lembrava Quartilla de que jamais a houvesse possuído. Nascera perdida : « *Junonem meam iratam habeam, si unquam me meminerim virginem fuisse. Nam et infans cum paribus inquinata sum, et subinde, prodeuntibus annis, majoribus me puris applicui, donec ad hanc aetatem perveni. Hinc etiam puto proverbium natum illud, ut dicatur :*

*Quae tulerit vitulum, illa potest et tollere taurum.* »

Desse quadro meretricio é que se foi sacar, pela mão do PETRONIO, o honestissimo *devirginare*.

Passemos a JUVENAL. E' JUVENAL o terrível poeta, de quem « com justiça se disse que, pregando a moral, espavorira o pudor ». <sup>1</sup> As coisas, que elle representa, com uma linguagem nellas mosmas bebida, « inspiram muita vez horror e nausea ». Sua musa não cõra. Seu estylo não desponta as palavras mais repulsivas. Seu pincel não se assusta dos quadros mais torpes. Quando flagella os vicios da Roma imperial, não ha expressão, por obscena, ou cloacina, de que se lhe não ourico o látego vingador. Contemporaneo de sete Cesares, desde NERO até DOMICIANO, o poeta saturara a sua inspiração das côres daquella era, que reflecte com horrenda vividez. A satyra *Das mulheres* escancara de par em par os aditos da alcova e do lupanar, e despe aos olhos da praça o adulterio, o lenocinio, o incesto, a prostituição, a pederastia, a bestialidade. Vol-o, quando nos descreve as fugas nocturnas de MESSALINA, a sua promiscuidade na vida prostibular com a mais vil escoria da cidade, a entrega á brutalidade publica do seio onde se concebera o generoso BRITANNICO :

*Et resupina jacens multorum absorbit ictus.*

Vel-o colorindo a embriaguez da Vonus vaga e delirante :

*Quid enim Venus ebria curat ?*

*Inguinis et capitis quae sint discrimina, nescit.*

Vel-o a onumerar as immundicies em que a matrona tresnoitada, caminho do alcoice, deixa, ao passár, o seu culto de irrisão aos velhos altares do Pudor :

*Noctibus hic ponunt lecticas, micturiunt hic.*

*Effigiemque Deae longis siphonibus implent ;*

*Inque vices equitant, et, luna teste, moventur.*

*Inde domus abeunt ; tu calcas, luce reversa,*

*Conjugis urinam, magnos visurus amicos.*

Vel-o nos mysterios da Boa Deus, quando a orgya sacode os cabellos esparsos da embriaguez, e as monadas furiosas

*cornu pariter vinoque feruntur*

*Attonite, crinemque rotant, ululantque Priapi,*

<sup>1</sup> MARIHA : *Les moralistes sous l'empire romain* (Paris, 1900), p. 256.

*Menades. O quantus tunc illis mentibus ardor  
Concubitus !.....*

*.....  
Illa jubet sumpto juvenem properare cucullo.  
Si nihil est, servis incurritur : abstuleris spem  
Servorum, veniet conductus aquarius: hic si  
Queritur, et desunt homines, mora nulla per ipsam,  
Quo minus imposto clunem submittet asello.  
Atque utinam ritus veteres et publica saltem  
His intacta malis agerentur sacra ! sed omnes  
Noverunt Mauri atque Indi, quæ psaltria penem,  
Majorem quam sunt duo Cæsaris Anticatores  
Illuc, testiculi sibi conscius unde fugit mus,  
Intulerit, ubi velari pittura jubetur. <sup>1</sup>*

A inspiração do satyrista não trepila. Não se conturba a austeridade do estoico. Da sentina ao bordel segue passo e passo a lascivia infrene, que, arrastando pelas fezes a honra das mães de familias e o manto das imperatrizes, passa todas as noites dos braços da plebe rescendendo o cheiro das orgyas vulgares, ao thalamo dos senhores do mundo :

*Et lassata viris, sed non satiata recessit,  
Obscurisque genis turpis, fumoque lucernæ,  
Fæda, lupanaris tulit at pulvinar odorem. <sup>2</sup>*

Versos taes não se poderiam traduzir para aqui, senão afogados em circumloquios e euphemismos. Apenas se transcrevem, e ainda assim a hostiar, volados nas obscuridades do latim, hoje entre nós tão densas, para exhibir ligeira amostra da incontinencia foscennina de JUVENAL, cujos episodios escurecem na crueza da lubricidade as scenas mais oroticas dos amores ovidianos. Da sua indignação, habituada a designar as coisas pelos proprios nomes, fizera o poeta um reflector amplificador, onde a salacia dos costumes imperiaes se reproduziu, para a immortalidade, na mais violenta rudeza dos seus traços. E é nesse repertorio de cynismo que as palavras suspeitas vão agora buscar titulos de compostura e nobreza. Foi dahi que se quiz extrahir para o *devirginare* do professor CARNEIRO outra recommendação classica, egual á que o PETRONIO lhe fornecera.

Sorá certo, porém, que JUVENAL autorize com o seu uso esse verbo? Quer-mo parecer que o mestre lhe levantou um testemunho. Na leitura que fiz desso poeta, não houve como dar-lhe entre os versos com o *devirginare*. E, depois, nem QUICHERAT, nem FREUND, nem FORCELLINI o enumeram entre os autores, que de tal verbo se serviram.

<sup>1</sup> JUVENAL : *Sat.*, VI, 126, 300-301, 309-313, 316-17, 328-39.

<sup>2</sup> *Ib.*, 130-132.

HYGINO era um grammatico, sob essa qualidade mesma apresentado pelo meu douto mestre; e, para os grammaticos, a lingua é como o corpo humano para os anatomistas. O escalpello não distingue, na mesa da autopsia, partes nobres, ou pudendas: tudo são orgams, cellulas e tecidos. JERONYMO, o solitario, o asceta, o fustigador implacavel dos vicios de seu tempo, fallava, por sua vez, a desnuda linguagem dos livros sagrados, cuja phraseologia não recua dos vocabulos mais duros, para castigar as fraquezas da carne.

1:3:1.—Até biblico é o *devirginare*, observa o mestre. Mas tambem não é da Biblia o pão de EZECHIEL com o seu oxtranho conducto, com o seu fétido presigo? Lá está, outrosim, em todas as suas letras o *fornicare*, o *fornicator*, o *fornicarius*, o *fornicatio*, sob quantas variedades se lhe conhecem, quando *in opere externo*, quando *in affectu*, quando *spiritualis*. Lá está no *Deuteronomio* (XXI, 22); no *Ecclesiastes* (IX, 6; XIX, 3; XLI, 21); em OSEAS (I, 2; II, 4; IV, 15); em JEREMIAS (III, 1); em EZECHIEL (VI, 9); em S. PAULO (I Cor., VI, 9; Col., III, 5; Hebr., XIII, 6); em S. JOÃO. (*Apocal.*, XVIII, 3.)

Terão por isso essas palavras sôro de admissiveis nas codificações modernas? Verdade seja que a *redacção final do projecto do codigo civil brasileiro*, submettida pela commissão dos cinco á dos vinte e um (*Trabal. da comm. espec.*, v. VII, p. 53, art. 345<sup>2</sup>) mettia na letra do projecto um realismo quasi desse genero. Mãos caridosas, porém, o escolmaram de tamanha asporeza, mal consentanea com os estylos de legislar em nossos dias.

1:3:3.—Depois da Vulgata, busca o dr. CARNEIRO aferrar ao *Corpus Juris*. A indicação era de FREUND, e não saiu correcta no texto do illustre professor, onde se troca de 18 em 8 a numeração do titulo apontado. Com effeito, alli está no F. 21, D. *de officio præsidis* (I, 18) o verbo *devirginare*. Ante elle triumpho o mestre, perguntando: «Que maior, mais notavel, mais veneravel chancellia?»

A dos livros sagrados era mais notavel, mais veneravel, maior, o já vimos que não aproveita. Vejamos se esta lhe surtirá bem.

Não toava mal o vocabulo ao legislador romano. Segue-se que hoje sôo bem? Não. Basta advertir que, não obstante a suprema ascendencia exercida pelo direito romano sobre os codigos modernos, para nenhum se transplantou aquella palavra.

1:3:6.—As proprias *Ordenações do Reino*, com a sua velhice de tres seculos, não adoptaram o *desvirginar* dos jurisconsultos latinos, cujas obras aliás eram naquellè tempo a matriz de toda a sciencia no direito civil. Tem alli o decloramento regras civis e

<sup>1</sup> C. IV., 12.

<sup>2</sup> «E illicita a afinidade resultante da copula illegitima.»

penas, que se acham reunidas no l. V, t. 23. Cogita o legislador na reparação e no castigo, referindo-se ao «homem que *dormir* com mulher virgem», naquella que «por força *corrompeu* mulher de sua virgindade», no prazo fixado á victima, para «demandar sua virgindade». Mas vestigio do verbo *desvirginar*, isso não ha.

No *Repertorio das Ordenações*, a expressão é a mesma: «*Corrompendo* algum homem alguma mulher virgem por sua vontade...» «*Corrompendo* algum homem fidalgo alguma mulher virgem...» «*Corrompendo* algum alguma mulher virgem...» (Ed. de 1857. Vol. I, p. 403-5.) «Mulher virgem, quem a *corromper*...» Mulher virgem, se alguém a *corromper*...» (V. III, p. 310-11.) Nem era outra a linguagem dos expositores. Podem vê-la em MELLO FREIRE, *Ensaio do Cod. Crimin.*, t. XII, § 19: «O que *dormir* com mulher virgem.»

Nos indices postos ás *Ordenações* pelos editores da Universidade de Coimbra já o *corromper* cede o passo ao *desflorar*: «Mulher *desflorada* até quando pôde pedir satisfação da sua honra.» (V. III, p. 558. Ed. de 1847.)

137.—As leis francesas e belgas não fallam senão em *attentats* contra o pudor e estupro, (viol). E sob essas designações que se abrange a seducção e deshonor das menores. (GARRAUD: *Dr. Pén. Fr.*, v. IV, p. 430 e seg.)

Outra locução utilizada com intento analogo é a do «*commercio carnal*», que se encontra entre outros, no codigo hollandês, art. 244. (SWINDEREN: *Esq. du Dr. Pén. Actuel*, v. III, p. 43.)

O código italiano foi ainda mais cauteloso, incluindo o facto, de que se trata, sob a indicação de *actos libidinosos para corromper menores*: «*Chiunque, mediante atti di libidine, corrompe una persona minore dei sedeci anni.*» (Art. 335.)

O cod. pen. hespanhol (art. 363) não guarda menor reserva, exprimindo o *desfloramento* por *violacion*.

No cod. civil portuguez, emfim, esses delictos se designam sob a expressão de «*violações da honra e virgindade*». (Art. 2301.)

138.—Dois codigos penas temos nós possuido: o de 1830 o o de 1890. Nenhum conhece o vocabulo *desvirginamento*, ou *desvirginar*.

No primeiro (art. 219) se dispõe:

«*Desflorar* mulher virgem, menor de dezeseite annos.»

O segundo resa, no art. 267:

«*Desflorar* mulher de menor idade, empregando seducção, engano ou fraude.»

139.—Do vocabulo *desfloramento*, portanto, que tem o apoio da nossa tradição antiga, inalterada, constante, que motivo nos indu-

ziria a variar para *desvirginamento*, em abono do qual não ha o texto de um só codigo, a letra de uma só lei, a preferencia de um só autor? Que motivo? "

O *Corpus Juris*? Mas nenhuma das nações que lhe adoptaram a jurisprudencia, o admittiu nesta particularidade. O *devirginare* mirrou e feneceu improlífico no fragmento latino de PAULO, recolhido pelos codificadores de JUSTINIANO. Nas proprias versões neo-latinas do *Digesto* esse vocabulo não vingou. Foi substituido. E por qual? Exactamente por *desflorar*: « Quando el presidente conozca del servo corrupto, esclava *desflorada*... » (FONSECA Y ORTEGA: *Cuerpo del Derecho Civil*. Barcelona, 1874; v. I. p. 104.)

Ahi está: « esclava *desflorada*. » E' como os modernos idiomas traduziram o *ancilla devirginata*. A mesma coisa em francês, cujos expositores sempre disseram *défloration*. (CHAVEAU ET HELIE: *Théor. du Code Pén.* Ed. belg. 1863, v. II, ns. 2.805-6.) *Dévirgination* alli não se conhece, e nem uma vez se topa *dévirginer*.

Depois, supposto se encontre o vocabulo *devirginata* no texto solitario das *Pandectas* indicado por FREUND e aproveitado pelo dr. CARNEIRO, esse termo, alli usado incidentalmente a proposito da violação de uma escrava, não era o com que os textos, no corpo do direito romano, significavam o desfloramento. Pelo participio *violata* é que alli se designa a *desflorada*; pelos verbos *violare* e *corrumpere* é que se exprime o *desflorar*. Encerra o *Coligo* de JUSTINIANO dois titulos especiaes ao adulterio e á violação da virgindade: os tits. IX e X do livro IX. No primeiro (*Ad legem Jul. de adult. et de stupro*) dispõe a l. 7: « *Propter VIOLATAM virginem adultam qui postea maritus esse coepit accusator justus non est, et ideo jure mariti crimen exercere non potest, nisi puella VIOLATA sponsa ejus fuerit.* » Isto é: « Do crime de violação perpetrada na virgem adulta não pôde querelar aquelle que depois for seu marido, salvo se já contrahira com elle esponsaes, quando foi *violada*. » O tit. X diz na rubrica: « *Si quis eam, cujus tutor fuerit, CORRUMPERIT* », e no texto resa: « *Si tutor pupillam quondam suam VIOLATA castitate stupraverit...* »

**110.** — Mais. Nos dictionarios franceses o verbo *dévirginer* traz a nota de *latinismo*. « *Dévirginer: latinisme.* » (LITTRÉ: *Dict.*, v. II, p. 1.137.) Alli mesmo, pois, se lhe avantaja o *desflorar*, *déflorer*, que dos melhores escriptores vernaculos, como VOLTAIRE<sup>1</sup>, recebeu carta de naturalidade. (LITTRÉ, *ibid.*, p. 1016.)

<sup>1</sup> En attendant que le conquérant barbare *déflor*e la fille du bon homme. » Apud. LITTRÉ, *ibid.*

De sorte que o *desflorar* desce naturalmente do latim *desflorare* atravez de todas as linguas novilatinas, provençal *desflorar*, hespanh. *desflorar*, ital. *desflorare*, fr. *déflorer*, ao passo que o *desvirginar*, extranho ao provençal, ao italiano, ao hespanhol, indigitado no francês como *latinismo*, desconhecido aos nossos classicos e ao uso das nossas leis, entraria agora no codigo civil brasileiro por obra e graça unicamente de uma phrase de R-MALHO.

Mais, ainda. Os dicionarios latino-franceses não traduzem por *dévirginer* o verbo *devirginare*. «*Dévirginare, déshonorer, ravir l'honneur*», diz QUICHERAT. «*Devirginare, enlever la virginité, déshonorer, séduire, DEFLORE*», ensina FREUND. (Ed. THEIL.) Ahi estão quatro equivalencias francezas para o latim *devirginare*, a ultima das quaes é justamente o nosso *deflorar*.

Mas do *dévirginer* ninguem se lembra, ao dar o equipollente lexicographico do latim *devirginare*.

Ainda mais. Haverá porventura dicionario latino-português, onde, por *devirginare, devirginatio*, figure como traducção *dévirginar, desvirginamento*? Não ha. Tomemos, por exemplo, o mais moderno, o de SANTOS SARAIVA. Eis como os dois vocabulos alli se vertem :

«*Devirginatio*. Acção de tirar a virgindade, deshonnar, *deflorar*, seduzir uma donzella.»

«*Devirginare*. Tirar a honra, deshonnar, *deflorar*.»

1.11.— Nem ao meu doudo mestre, versado como é nos classicos, se poderia desluzir da memoria como entre elles esse tem sido, ha soculos, o termo reservado ao perdimento da virgindade. Abra a *Feira de Annesins*, e lá verá: «*Tractasse de metter o cravo no Limoeiro pelo crime de desfloração.*» (T. III. p. 188.)

Disse igualmente M. BERNARDES: «*Entraram pela sabida traição do conde d. Juliano, em vingança da desfloração de sua filha Florinda.*» (N. Floresta, v. II, p. 232.)

E', com effeito, a expressão mais natural e menos aspera do infortunio, ou do crime, por onde a mulher «*perde a flor da sua pureza*». (JOÃO DE BARROS: *Dial. da Viciosa Vergonha*, p. 306.) Além do que não traz menos legitimas credenciaes latinas que *devirginare*. Já nas matrizes romanas do nosso idioma vamos achar *defflorare, defflorator, deffloratus* e, até, *deffloratio* na accepção translata, que a phrascologia juridica adoptou, de perdição da virgindade. S. AMBROSIO, op. 5, n. 11: «*Quid enim est quod magis publicum sit, quam offensa pudoris et deffloratio virginitatis?*» E FORCELLINI, registando-lhe este significado, ensina: «*Sumitur et in malam partem, pro corruptione, sive floris privazione: defflorazione.*» (*Totius Latinitatis Lex.*, v. II. p. 609.)

1.12.— Tem o *desvirginar* a mesma delicadeza? Está o mestre que sim. A seu sentir, é o *desvirgar*, não o *desvirginar*, a expressão, a que se objectaria com fundamento.

Mas só por uma dessas refinadas subtilezas de philologo, inintelligiveis aos leigos, poderia o dr. CARNEIRO fazer uma tal differença entre aquelles dois termos, cujos foros de vernaculidade são, mais ou monos, os mesmos.

Se um nasce de *virgo*, expressão plebeia da virgindade, o outro de *virgem*, ou do *virgo, virginis*, latino, expressão litteraria do mesmo

estado, ambos, tendo essa origem equipollente, soam de modo quasi igual, se não identico, ao nosso ouvido, e evocam da imaginação, com a mesma nitidez e a mesma violencia, a mesma scena.

Mas não usou CASTILHO do participio *virginizado*? E' objecção do mestre. Usou. Não me disse onde o illustre professor. Mas achei-o eu, no *Amor e Melancolia*. (P. 306.) E saberá o meu contradictor que ainda outrem se utilizou dessa e outras palavras semelhantes. Do verbo *virginizar* temos tambem amostra nos livros de CASTELLO BRANCO. (*Cancioneiro*, p. 7.) Com elle se irmana o *virginalizar-se*, que nos deparam os *Narcoticos*, desse autor. (P. 204.) A essas formas accresce *virginismo*. (CAMILLO: *Marq. de Pombal*, p. 248. *O Vinho do Porto*<sup>1</sup>, p. 83.) Depois (vae alegrar-se o mestre), sã RAMALHO fabricou o verbo *desvirginar*, C. CASTELLO BRANCO engenhou *desvirginizar*: « Dizia que uma esvelta D. JOANNA DE CASTRO o havia *desvirginizado*. » (*Serões de S. Miguel de Seide*<sup>2</sup>, VI, p. 68.)

Se me fosse licito, porém, transcrever o lanço, que remata com esta phrase, veria o publico inverter-se a impressão dos leitores. O trecho por ella ultimado é um rasgo de brejeirice classica, onde as idéas mais dignas da folha de vinha sem ella sã ostentam. Não posso transcrevel-o, que m'o não permite a decencia deste papel. Mas fique a declaração, para aviso de que o neologismo alli floreceia num ramalhete obsceno, digno de emparelhar com a desbocada licença de PETRONIO e JUVENAL.

O que eu não comprehendo, porém, no exemplo invocado pelo dr. CARNEIRO, é o argumento que dali extrae. Pois, se CASTILHO (raciocina elle) usou de *virginizar*, que muito é crevermos nós *desvirginizar*, ou *desvirginar*? Mas, Deus meu, sã precisamente coisas oppostas. Em *virginizar* é a imagem da *virgindade* que se suscita, da virgindade, isto é, da pureza na sua expressão mais acabada e formosa. Em *desvirginar*, mui ao contrario, o que surge, é a evocação do estupro, materializado, na mais odiosa das suas formas, por um vocabulo de pinturesca energia.

1-13.— Ao ponto essencial, portanto, agora. A questão é da escolha entre o velho termo *deflorar*, a cujo lado milita a consagração ininterrupta do uso profissional, e a innovação eunhada no *desvirginar*, entre escriptos profanos, de literatura amena, por um *stylista* famoso. Por que banir a velha expressão juridica, preferindo-lhe a nova? Temos esse direito? Não. A tecnologia juridica é, de sua natureza, eminentemente estavel, essencialmente conservadora. Seu vocabulario não se pôde alterar, senão quando novas necessidades exigirem *palavras novas*.

<sup>1</sup> Porto, 1881.

<sup>2</sup> Porto, 1883.

Aqui a idéa é tão velha quanto o mundo, sua expressão tem, nas leis do paiz, uma forma tão anciã como ellas. Não ha que innovar. Seria ridicula velleidade. O facto de que se occupa o art. 223 do projecto de codigo civil, é o mesmo, a que se consagra o art. 267 do nosso codigo penal. Chama-se alli *defloramento*. *Defloramento* aqui se ha-de chamar.

## § 25

RAMALHO ORTIGÃO.

144.— Não era justo que o respeitavel mestre viesse, a proposito deste nome, testilhar commigo. Eu não desfizera nas qualidades litterarias de tão laureado escriptor. Nenhum contemporaneo se lhe avantajava na elegancia peregrina do estylo. Na fina originalidade do espirito não sei, d'entre portuguezes, se alguem o eguala. Seu vocabulario é de uma opulencia ás vezes deslumbrante, de um collocado raro, de uma plasticidade maravilhosa.

Mas como exemplar de vernaculidade não o considero sempre seguro, nem creio que nessa conta o hajam os competentes em sua mesma terra natal. Para este juizo, porém, não seria ou tão leve, que me bastasse uma só incorrecção daquelle prosador, a que alli indiquei: o emprego do artigo masculino antes do *que* interrogativo. O que fiz tão sómente, foi apontar, do escriptor que me oppunham como oraculo, o desacerto grammatical, que mais visinho estava. Como o *desvirginamento* se achava á p. 73, apontei logo alli, á esquerda, sem voltar a folha, lado a lado, na pagina anterior, aquella phrase, a meu ver avariada.

Muitas, porém, muitas outras, são as locuções pelo menos duvidosas, que naquelle mesmo livro se nos deparam. Aceita o dr. CARNEIRO o *reviewir*? É um barbarismo quasi inarticulavel. Pois lá o tom. (P. 265.) Admitte *assassinato*<sup>1</sup>, em vez de *assassinio*, *soirée*, *touloir*, *toilette*<sup>2</sup>, e até *confiseur*, em lugar do vulgarissimo *confeiteiro*? Todos esses gallicismos inuteis perpetrou elle. (P. 117, 140, 104, 139.) Conhece maior francesia, e mais escusada, que o *detalhe*? Acolá o encontra. (P. 204, 333.) E, todavia, exactamente á p. 338 usa aquelle escriptor de *pormenor*, o succedaneo correcto desse grosseiro contrabando. Serve-lhe *ménage*? Está disposto a significar por essa expressão estrangeira o *trato domestico*, o *mencio do lar*<sup>3</sup>, o

<sup>1</sup> « Este miseravel tinha começado a carreira dos seus crimes pelo *assassinio* do genro de um mercador honrado de Lisboa, *assassinio* perpetrado publicamente no meio da Rua Nova. » A. HERCULANO : *Hist. da Origem e Estabelec. da Inquisição* (ed. de 1897), v. III, p. 128. Ainda *assassinio*, no *Monge de Cister*, v. I, p. 47, 235, 296, e v. II, p. 149. Egalemente, no *Bôbo*, p. 133, 300.

<sup>2</sup> « A *toilette* usual de uma mulher. » Entretanto, á pag. 93 emprega, na mesma accepção, o vocabulo *trajo*. Porque não ficar neste?

<sup>3</sup> « O *mencio da casa* e provimento della estava á conta do Padre Fr. João de Leiria. » Fr. LUIZ DE SOUSA : *D. Fr. Bartholom.*, l. I, c. 13.

*governo da casa?* Alli amiude o topará. (P. 62, 102, 326, 327.) Dizem francezes *tourbe, tourbière*. Nós, *turfa, turfeira*. E RAMALHO? Cobre o francês, escrevendo *turba, turbeira*. (P. 20, 54, 59, 82, 95, 101, 161, 172.) Está por isso o mestre? Está por esse destempero philologico? <sup>1</sup> Temos *poltrona*, de que o proprio ORTIGÃO se utiliza á p. 104. Mas de outras vezes (p. 99, 164) lhe chama *fauteuil*. Subscreeve o douto philologo bahiano esta carta de naturalização? Approva o francês *emballagem*, perpetrado á p. 295? o francês *pês de nariz*, esdruxula accomodação literal do *piéd-de-nez*, ousada á p. 127? o francês *cliquetar*, lançado á p. 300, em vez do nosso *rotular*? o *egualitario* (p. 75 e 92), de typo sensivelmente francês, por *equalista*?

Onde os francezes dizem *blanc d'Espagne*, diriamos nós (com todos os dictionarios) *crê*. RAMALHO, cobrindo a palavra, traduz *branco de Hespanha*. (*Holl.*, p. 63.) Converter *orphelinat* em *orphelinato*, em vez de *orphanato*, ou *orfanato*, como se em portuguez se dissesse *orphelino*, á franceza, e não *orpham*, ou *orfam* <sup>2</sup>, só de galliciparlas desabusados. Pois com elles vi o autor da *Hollanda*. (P. 115, 133. E *constatar*? «Dos mais escandalosos gallicismos», embarga FIGUEIREDO. <sup>3</sup> «Repugnantissimo», qualifica o nosso CASTRO LOPES. Sobre desnecessario, tendo em portuguez uns poucos de succedaneos vantajosos, crassamente francês e dissonante, contra elle reclamam juntas a vernaculidade e a euphonia. Mas RAMALHO o não enjeita. (P. 105.) Legitimo portuguez é *reclamo*, do genero masculino, que responde cabalmente ao francês *une réclame*. <sup>4</sup> Mas RAMALHO vota com os francelhos, dizendo *uma reclame*. (P. 289.) *Ao ar liere*, dizemos nós; os francezes *au grand air*. RAMALHO manipula, mistura e manda: «*ao grande ar l'ere*». (P. 72.) VASCONCELLOZ classifica de «gallicismos vergonhosos» as locuções *movei em castanho, imagem em barro, salva em prata, vestido em seda*. <sup>5</sup> RAMALHO, entretanto, diz, e rediz: «*vestido ds listas azues*», «*azul ds riscas pretas*», «*chapeu em tortulho ds listas de escarlata*» (p. 63, 67, 303), onde toda a gente redigiria «*chapeu de listas*», «*azul de riscas*», «*vestido de listas*».

Já se vê que sobrados motivos me assistiam, para affirmar, como affirmi, aliás nos mais delicados termos, que «o admiravel colorista

<sup>1</sup> Aliás FILINTO ELYSIO (*Obras*, v. I, p. 307), escreveu: «Mal haja a *turba* e enxofre negro e duro», annotando a palavra *turba* com estas: «Fogo, de terra em adobes e de carvão de forja.» Mas é o grande escriptor mesmo quem, a cada passo, nos precata contra os lapsos da sua memoria, que a longa residencia em França e a indigencia de livros portuguezes condemnavam inevitavelmente, algumas vezes, a esses desvios.

<sup>2</sup> CANDIDO DE FIGUEIREDO: *Lições de lingua portuguesa*, v. III, Lisb. 1900, p. 11-12.

<sup>3</sup> *Op. cit.*, v. I (3ª ed., Lisb., 1900), p. 249.

<sup>4</sup> *Id.*, p. 37, 144, 200. V. II, (Lisb., 1901), p. 143, 167, 209, 333.

<sup>5</sup> *Grammat. Portuguesa (Pará uso dos Lyceus)* P. 224.

do estylo, o caprichoso rendilhador da palavra *nem sempre curava da sua pureza com tanto esmero* como da sua formosura e da sua graça ».

Ganhou elle alguma coisa com a reclamação do professor CARNEIRO ? Ha-de ir-se convencendo o mestre de que o seu antigo alumno não adeanta passo, em terreno que não conheça.

§ 26

« QUE ? », OU « O QUE ? »

1-15.— Esta é uma das turras, tantas e tantas, que me arma o amor proprio do mestre, mettendo-se a cada passo, desnecessariamente, só pelo gosto de exercer a função magistral, e mostrar a distancia do professor ao alumno, em assumptos alheios da sua tarefa. Limitava-se esta ao exame das minhas emendas á sua redacção do projecto. Sair dellas para as minhas notas, para escriptos meus, que não tinham de fazer parte do codigo civil, era despique de animo apaixonado. Na la mais.

Mas não valem queixas. Ao que importa.

1-16.— Nos classicos antigos o professor CARNEIRO mal encontrou um excerpto, *unicamente um só*, com que se abonasse. E' este do VIEIRA :

« *O que dirão a isso os todo-poderosos do mundo ?* »

Eis toda a sua colheita.

Ora bem: esse exemplo é falso. VIEIRA escreveu exactamente *do modo contrario*, exactamente como eu sustento que sempre se deve escrever :

« *Que dirão agora a isto os todo-poderosos do mundo ?* »

« *Que dirão ?* » notem bem, e não : *O que dirão ?* »

Essa a verdadeira phrase de VIEIRA, tal qual se acha em ambas as edições existentes das suas obras completas.

Tral-a a edição antiga, no vol. VI (sexta parte), *Sermão da terceira domingo Post Epiphaniam*, p. 309, n. 278.

Reproduz-a a segunda edição, a moderna, de 1855, no vol. IV, p. 279.

Assim que tres vezes estropiou o mestre ao indefenso VIEIRA em monos de uma linha.

Estropiou-o, eliminando-lhe o *agora*.

Tornou a estropial-o, convertendo-lhe o *isto* em *isso*.

Não contente, enfim, de o estropiar no vocabulario, acabou estropiando-o na syntaxe, com lhe antepor o artigo *o* ao *que* interrogativo.

Que fé nos podem merecer de ora avante as citações do professor CARNEIRO, baldas sempre das "indicações" necessarias ao exame de sua sinceridade? Uma casualidade feliz desvendou a inexactão palmar desta. Como nos certificarmos da fidelidade das outras?

1-17.—Côntinuemos, todavia, em seguil-o.

Exculpa o dr. CARNEIRO o emprego do *o* antes do *que* interrogativo, qualificando naquella addição prepositiva um arbitrio «do euphonia, que não exerce em taes casos função alguma grammatical».

Discordo. A sua proposição é indemonstravel. Não ha justificação vernacula, que se enxergue, para a anteposição desse *o* ao *que* nas interrogações.

Quasi nenhum exemplo della se encontra, nas mais antigas fontes. Nas obras de D. DUARTE não os ha.<sup>1</sup> A forma alli é sempre: *que*? Assim: «Nom queiraaes porem seer contynuadamente cuydosos, dizendo *que* comeremos, ou *que* beberemos, ou de *que* nos cobriremos?» (*Leal Cons.*, p. 203.) Doutra vez: «*Que* valleremos?» (P. 249.) E: «*Que* aproveita ao homem, se...?» (P. 428.) Ainda aqui: «Em a qual cousa *que* avemos al de consiirar...?» (P. 51.) E nunca de outro modo.

GIL VICENTE apenas um em contrario nos depara em todas as suas obras.<sup>2</sup>

Fôra dahi, ás dezenas, pullula aquelle interrogativo, sempre só:

«*Que* diz esse arrais? *que* diz?» (V. I, p. 238.)

«*Que* dolor ha hi? *que* foi? *que* quereis?

—Vimos pasmados. —Do *que*? *que* achastes?

—Vimos... —*Que* vistes? do *que* vos pasmastês?

*Que* é? *que* foi? dizei, *que* dizeis?» (I, 345.)

«*Que* dizes, tolo? *que* dizes?» (II, 474.)

«O Fernam Vaz, *que* faremos?...»

Fernam Vaz, não sei *que* faça...

Fernam Vaz, *que* será aqui?» (*Ib.*, p. 475.)

*Que* te fez? *Que* te querellas?

—Faz-me com *que* 3 desespero.

<sup>1</sup> O mesmo nos textos, ainda mais remotos, do *Cancioneiro da Vaticana*: «E *que* farey l?» (N. 865, p. 163.)

<sup>2</sup> «Quando era, *o* *que* seria?» (*Ôbr.* III, p. 347.)

<sup>3</sup> *Fazer com que*. Rejeita FIGUIREDO (*Lições Prat.*, v. I, p. 212), esta construção. Mas o uso classico a recommenda.

«*Faz-me com que* desespero.» (GIL VICENTE: *Obr.* II, p. 493.)

«Mais quero eu quem m'adore  
Que quem *fa*, a com *que* chore.»

(*Ib.*, v. III, p. 130.)

DUARTE NUNES: «*Faz com que* os povos da Cástella...lhe ouvissent.» (*Cron.*, v. II, p. 151.) O mesmo a p. 258, 276; v. I, p. 75, 115, 283.

«*Que o faz com que* desespere.»

(CAMÕES: *Auto de Elrei Seluco. Obras Compl.*, ed. de 1874. Vol. VI, p. 188.)

—Que?» (Ib., 498.)

« Oh, que vos faço eu aqui?

Que é, senhor?...

Que são? que são?...

Não sabeis que me digaes?

Sabeis que?» (V. III, 14.)

« Fernandiamos, que é isto?...

Que vos mettedes agora

Em musiquias?» (Ib., p. 75.)

«Fazer com que me salte o fogo nas barbas.» (D. FRANCISCO MANUEL: *Feira de Annex.*, p. 135.)

« Se lhe faltar o papa, bem lhe podemos fazer com que se entregue aos clérigos.» (Ib., p. 165.)

« O ruído que faz a grande fama também, faz com que o grande seja de todos ruído.» (VIEIRA: *Inedit.*, v. II, p. 111.)

« Theodosio de Itália fez com que se experimentasse a ruína da sua monarchia.» (Ib., p. 139.)

Agora, dos escriptores modernos, indicarei:

FILINTO-ELYSIO, *Obras*, v. XII, p. 291; v. XVII, p. 107, 135.

GARRET: *Obras*, v. XXIII, p. 44, 266, 314.

A. HERCULANO: *Advertenc. prelim. aos Annacs de D. João III*, p. xx. *Monge de Cist.*, v. I, 213, 271; v. II, 333. *O Bôbo*, p. 11, 130. *Lendas*, v. I, 33. *Hist. da Inquisiç.*, v. I, p. 9; v. III, p. 297.

ROQUETE: *Leal Conselh. d'elrei D. Duarte*, p. 141.

CASTILHO: *Felicidade pela Instruç.*, p. 33, 42, 77. *Fastos*, v. II, p. 103. *Primavera*, p. 285. *Camões* (1ª ed.), p. 199, 233.

« Fazendo com que a linfa e com que a flamma  
Dos homens sobre o fisico actuassem.»

*Colloquios Aldeões* (1879), p. 93, 154, 199, 251, 275, 335. *Arte de Am.*, v. I, p. 53:

« Fiz com que a tua amada achasses, e a possuas. »

*Amores*, v. I, p. 100:

« Entregalh'a logo... mas *façe covi que hoje,*  
E já, se é possível, me leia o meu bem.»

C. CASTELLO BRANCO, *Theatrd. Comico*, p. 45: « Cosme, casando nesta casa ha-de fazer com que seu pae não pague nada. »

AD. COELHO: *A Ling. Port.*, p. 28: « A moda faz com que muitas palavras sejam olhadas como ridiculas e baixas. »

Esta locução rege-se, a meu ver, por uma ellipse. *Fazer com que*, isto é, *fazer de modo com que*, ou *de maneira com que*. A expressão *modo com que* é uma variante vernacula de *modo como*: « Muito maior injuria fez no que disse pelo modo com que o disse. » (VIEIRA: *Scrm.*, v. II, p. 209; v. V, p. 63, 315, 324, 325; v. VI, p. 230, 232. BARROS: *Dec.* III, vir. 2, p. 16. FILINTO, *Obr.*, v. V, p. 281, v. VI, 80, v. XXII, 21. DUARTE NUNES, *Cron.*, v. I, p. 33.) Em vez de «fazer de modo como», se teria dito «fazer de modo com que»; e de «fazer de modo com que» se teria passado, ellipticamente, «a fazer com que». E' o que se dá claramente neste exemplo: « Elle faria de maneira com que el-rey ouvesse por bem empregada a confiança. » (DUARTE NUNES: *Cron.*, v. I, p. 403.) Suprimido o «de maneira», teriamos o elliptico *faria com que*.

Coisa igual occorre nestas formas analogas: *ordenar com que* (BARROS, III, vi, 6, p. 57; DUARTE NUNES, *op. cit.*, v. I, p. 401); *succeder com que* (BARROS, III, vi, 10, p. 93); *trabalhar com que* (D. NUNES, *op. cit.*, v. I, p. 268.)

Outras vezes, com as mesmas particulas *com* e *que*, diversifica, no exprimir a mesma idéa, a syntaxe do verbo *fazer*: em lugar de «fazer com que elle ceda», será «fazer com elle que ceda.» Assim BARROS, III, vii, 2, p. 117: « Fez com elrey de Baharem que pagasse o que devia. » E DUARTE NUNES: « Fez com a rainha que lhe escrevesse. » (*Cron.*, v. I, p. 71.) « Fizera com os de Santarém que dessem a villa a elrey. » (Ib., p. 158.) « Fez com el rey que sahisse logo. » (Ib., p. 416.) O mesmo no v. II, p. 158; 173, 175, 217.) « Faziam com el-rei que pagasse os cavallos. » (GOES: *Chron. de D. Emmanuel*, fol. 91.)

« Que escreverei?...

Que?... "

Que mais buscas?...

Que me mandas assentar? » (*Ib.*, p. 291)

« Oulá, que é isto? que é isto?...

Pois que foi?...

Oulá que é isto? dormis?...

Ouvil-o? ouvis que vos digo? » (*Ib.*, p. 311.)

Dos mais (e não são todos) tão só apontarei os logarás: V. I, p. 123, 165, 170, 171, 174, 240, 234, 235, 236, 340, 344, 152, 364. V. II, p. 144, 145, 150, 163, 171, 298, 341, 355, 357, 359, 362, 366, 367, 397, 400, 409, 413, 414, 432, 433, 434, 438, 467, 516, 523, 527. V. III, p. 21, 25, 27, 32, 33, 34, 42, 49, 67, 72, 78, 90, 92, 96, 99, 124, 133, 136, 139, 141, 142, 149, 151, 155, 158, 164, 165, 166, 167, 169, 171, 180, 190, 209, 215, 216, 218, 219, 222, 235, 237, 238, 239, 240, 250, 258, 261, 265, 267, 272, 289, 290, 303, 305, 306, 309, 312, 318, 328, 360, 366, 367, 369, 389, 390.

FERNÃO LOPES, *Chron. de D. João I*: «Que tomos de fazer com enviar recado á rainha?» (C. 27.) «Quero de ti saber que é o que te d'elle parece.» (C. 35.) «Que era o que lhes dello parecia?» (C. 58.) «Perguntou a Fernão Sanches que era o que haviam acordado?» (C. 130.) «Que é o que vos parece?» (*Ib.*) «Que fazemos, estando?» (C. 15.) «O mestre lhe perguntou que lhe parecia destes feitos?» (C. 126.) «Perguntou que era aquillo?» (Parte II, c. 12.) «E pois que faz lá esse vosso Mestre?» (*Ib.*, c. 66.)

BERNARDIM, *Men. e Moça*: «Que fazeis aqui, ou que viestes a fazer?» (P. 24.) «Qu' é isto, senhor e cavalleiro?» (P. 61.) «Que é isto, senhor...?» (P. 80.) Ótrosim, pgs. 114, 145, 166, 175, 179, 222.

GARCIA DE REZENDE, *Cancioneiro*, p. 64 :

« Que te presta padecer,  
Que te aproveita chorar? »

JOÃO DE BARROS: «Que lhe fallecei?» (*Grammat.*, p. 124.) «Que quer, senhor, dizer de causas?» (*Dialog.*, p. 241.) «Que acharemos senão exemplos de condemnação...?» (*Ib.*, p. 263.) Mais: pgs. 324, 336.

CAMÕES :

« Que esperaes ? porque a pondez em tardança ? »

(*Lusial.*, VI, 31.)

« Quem eram ? de que terra ? que buscavam ? »

(I, 50.)

« Pois de tí, Gallo indigno, que direi ? »

(VII, 6.)

« Pois *que* direi daquelles... ? »

(*Ib.*, 8.)

« Mas eu *que* fallo humilde, baixo e rulo,  
De vós não conheci-lo, nem sonhado ? »

(X, 154.)

Nos demais escriptos do cantor dos *Lusiadas* nem uma só vez se acha o artigo anteposto ao *que* nas phrases interrogativas.

Exemplos :

« *Que* levas, cruel Morte ?...

Lusitania *que* diz ?...

*Que* diz ?...

*Que* discorre o amor ?...

Na côrte *que* ficou ?...

*Que* fica lá *que* ver ?... »

(Soneto 85. *Obras Compl.*, vol. I, p. 52.)

« *Que* estilla a arvore sacra ?...

« *Que* faz delle ?...

« E *que* obra ?...

« *Que* foi ?...

« *Que* quiz da terra ?... »

(Soneto 276. *Ib.*, p. 149.)

« *Que* quero eu mais *que* ser vossa a victoria ?...

« *Que* quero eu mais *que* ter-vos por senhora ?...

« *Que* quero eu mais, senhora, *que* querer-vos ?...

« *Que* quero eu mais ganhar *que* ser perdido ?...

« *Que* quero eu mais, *que* o mais não seja o menos ? »

(Eleg. XXIV. V. III, p. 90.)

« E por isso *que* releva ?

*Que* se perde nisso agora ?

*Que* se perde ! »

(*Auto de Filodemo*, a. II, sc. 3. Vol.  
VI, p. 32.)

Tomando a edição critica do Porto (*Imprensa Portuguesa*, 1874 a 1877), percorri attentamente todos os seus escriptos em verso e prosa (tirante o grande poema), em busca de um logar, onde se empregasse interrogativamente a locução *o que*. Do balde. O interrogativo *que* está sempre sósinho. Veja-se:

Vol. I, p. 11, 28, 30, 53 (duas vezes), 61, 72, 81, 104, 112, 119, 121 (tres vezes), 129, 174 (duas vezes), 178, 187.

Vol. II, 41 (duas vezes), 57, 68 (duas vezes), 70 (quatro vezes), 79, 92, 98, 133, 166, 168, 169.

Vol. III, p. 24 (quatro vezes), 25, 33, 35, 36, 41, 57, 69, 85, 99.

Vol. IV, p. 21, 39, 42, 57; 74, 92, 95, 96, 97, 98, 111 (duas vezes), 128, 132, 152.

Vol. V, p. 13, 21, 22, 30, 33, 40, 44, 79, 117, 118 (duas vezes) 122, 126, 132 (tres vezes), 139, 195 (tres vezes), 199.

Vol. VI, p. 17, 27, 30, 41 (tres vezes), 42, 44 (tres), 47, 58, 62, 68, 71 (duas), 85 (tres), 90 (tres), 96, 100, 104, 107, 118 (tres), 146, 148, 152, 161 (tres), 163, 164, 169 (duas), 179 (duas), 182, 221.

Apenas em dois topicos se parece abrir excepção a esta syntaxe: no soneto 86° a phrase «E entendes o que levas?» (Vol. I, p. 52); e, no *Auto de el-rei Seleuco* (vol. VI, p. 202), a pergunta «Ora sabeis o que vae?» Mas nesses casos a excepção não passa de apparente. O *o que*, precedido daquelles dois verbos, equivale a *aquillo que*: Sabeis *aquillo que vae*? Sabeis *o facto que vae*? Entendes *o objecto, o sujeito, ou o valor, que levas*? O artigo concorda, pois, determinadamente com um substantivo occulto e facil de subentender.

Vamos agora aos outros classicos principaes.

DUARTE NUNES, *Chron. del-rei. D. João I, D. Duarte e D. Aff.*: «E perguntando-lhe *que era aquillo*?» (V. I, p. 331.) O mesmo á p. 18, 28, 37, 36 (duas vezes), 241; v. II, p. 175. E sempre deste modo.

FR. LUIZ DE SOUSA, *Vida do Arcebispo*: «*Que não alcançaria?*» (V. I., p. 14.) «*E que vao nisso?*» (P. 98.) «*Que faria o zeloso prelado...?*» (P. 105.) «*Que seria nesses outros sitios mais remotos?*» (P. 119.) «*Pois que vos parece destas minhas obras?*» (P. 335.) «*Pois que ha-de ser?*» (P. 336) «*Que será, sendo tão bem acompanhada?*» (P. 352.)

D. FRANCISCO MANUEL DE MELLO: *Feira de Annexins*: «*Que tem?*» (P. 7.) «*Que falta nesta metaphora?*» (P. 9.) Mais, á p. 23, 25, 29, 70, 89, 96, 98, 103, 167, 172, 192, 193.

De JORGE FERREIRA, na *Eufrosina* (ed. de 1786), apontarei: «*Que vay nisso agora?... que quer ella agora?*» (P. 160) «*Que viu em my...? que lhe avia de fazer?*» (*Ib.*, p. 161.) «*Que vay cá, Andrade? que faz nosso amo?*» (P. 166.) E assim a p. 153, 157, 159, 167, 174, 176, 194, 197, 203, 211, 217 (duas vezes), 225, 238, 239, 241, 243, 246, 250, 251, 254, 255, 272, 280, 299, 302, 311, 331, 338.

ANTONIO FERREIRA abre um dos seus tercetos, na 11ª carta (I. I), depois do ponto final, com este verso:

«E que sem bom amor a Deus apraz?»

(*Obr.*, v. II, p. 80.)

Onde manifesto é que o interrogativo equivale a: *que coisa? que sentimentos? que acções?* Aliás seria irregivel. E com essa interpretação é inconciliavel a anteposição do *o*.

Ainda mais clara se faz essa equivalencia entre *que?* e *que coisas?* na ode 2ª, l. II, cuja sexta estrophe assim começa:

« *Que ficam, senão prantos,  
E saudades tristes  
Daquellas cousas grandes, que acabaram?* »

(*Obr.*, v. I, p. 139.)

Se o *que* não subentendesse *coisas*, como regeriamos o plural *ficam*, de que aquelle relativo representa o sujeito?

Nesse classico nem uma só vez se achia a anomalia do *o* antes do interrogativo. Vejam, no v. I, as pgs. 40, 85, 98, 115, 174, 207 (duas vezes), 268, e, no vol. II, as pgs. 15, 24 (duas vezes), 30, 33 (duas), 60, 75, 85, 99, 103, 131, 139, 145, 159, 194, 206, 214, 215 (duas), 217 (duas), 222, 235, 237, 246, 249, 265 (duas), 267, 272, 278 (duas), 279 (tres), 280. Sempre como á p. 19 do vol. I:

« *Que dizes, meu Lancastro, destes sabios?*  
« *Que dizes destes graves...?*  
« *Que julgas d'outro louro Menclau...?*  
« *Que da carranca deste...?* »

JACINTO FREIRE não desliza jamais desta syntaxe: « *Mas que será se virem...?* » (II, n. 7.) « *Que falta a esta facção para victoria? E que para castigo?* » (II, 181.) « *Que é isto, Portugueses?* » (III, 19.) « *E que muito façamos nós agora...?* » (IV, 11.) « *Que faria, quando offendido...?* » (IV, 17.) « *Que fazem os Arabios?* » (IV, 86.)

M. BERNARDES não poucas vezes, numa pergunta e numa resposta, ou até numa só pergunta, discerne precisamente a função do *que* o a do *o que*: « *Que tem de valente? disseram elles; e respondeu: O que lhe falta de gallinha.* » (N. *Floresta*, II, p. 274.) « *Que importa o saber, se não soubermos o que importa?* » (*Ib.*, v. IV, p. 134.) Fora desses casos, onde « *o que* » acertadamente representa *aquillo que*, nunca o emprega BERNARDES: sempre o simples *que*. Verifiquem: v. II, p. 20 (tres vezes), 33, 258, 264 (duas), 266, 325 (duas), 40, 77, 93, 103 (duas), 104, 119, 122 (tres), 123 (duas), 126 (duas), 125, 145, 195, 218, 238, 297, 325, 356 (quatro), 357; v. IV, 9, 31 (duas), 34, 35, 81 (tres), 115, 116, 131, 138, 142, 145, 150, 152, 174, 188, 227, 238, 244, 271, 272, 306, 330, 341, 354, 369, 403, 423.

O professor CARNEIRO mesmo reconhece que esse autor nunca escreveu de outro modo.

A igual testemunho tem direito FR. THOMÉ DE JESUS. Seus *Trabalhos de Jesus* guardam a mesma syntaxe: « *Que he isto, Deus meu?... Quiz achastes, Senhor?* » (V. I, p. 50). E assim á p. 23, 38, 39, 55, etc.

VIEIRA :

« *Que seria, se se mudassem palavras ? Que seria, se se diminuissem palavras ? Que seria, se se accrescentassem palavras ?... Que seria, se se calassem regras ? Que seria, se se sepultassem papeis e informações ? E que seria, se... ?* » (*Serm.*, v. II, p. 316.)

« *E que é das exequias ? Que é das lagrimas e prantos ? Que é da solemnidade do enterro ? Que é dos apparatus funebres ? Que é dos mausulêas e pyramides egypciacas ? Que é do concurso da côrte ? Que é do acompanhamento.... ?* » (*Serm.*, v. III., p. 268.)

« *Se o demonio tenta com as pedras, que fará com condições menos duras ? Se tenta com o deserto, que será com o povoado e com a côrte ? Se tenta com o jejum, que será com o regalo ? Se tenta com a obra de misericordia, que será com a injustiça ? Se tenta com a omnipotencia, que será com a fraqueza ? E, se até com a divindade tenta, com a humanidade e com a deshumanidade, que será ?* » (*Serm.*, v. V, p. 183.)

« *Se o demonio tenta com a cidade santa, que será com a cidade escandalosa ? Se tenta com o templo de Deus, que será com as casas dos idolos ? Se tenta com as sagradas escripturas, que será com os livros profanos ? Se tenta com os mandamentos de Deus, que será com as leis do mundo ? Se tenta com os anjos da guarda, que será com os anjos da perdição ? Se tenta finalmente com o descer, que será com o subir ?* » (*Ib.*, p. 183-4.)

Note-se especialmente este exemplo:

« *Com o amor, com o cuidado e com as acções, lhe dissestes por ultima despedida...<sup>1</sup> que ? Ainda tremo de o pronunciar.* » (*Ib.*, v. IV, p. 169.)

Ahi está o *que* significando palpavelmente « *que coisa ?* », e excluind), portanto, o determinativo.

« *Que tendes, que possuis, que lavraes, que trabalhaes, que não houvesse de ser necessario para serviço d'el rei ?* » (*Ib.*, p. 243.)

De VIEIRA, ainda:

*Sermões*. Vol. I, p. 49, 53, 57, 91, 92, 110, 135, 147, 149, 103, 168, 217, 231, 291, 71, 78, 79, 84, 190 (quatro vezes), 194, 198, (duas vezes), 203, 204, 206, 208, 209, 213, 216, (tres vezes), 224, 227, 276, 294, 295, 296, 299, 301 (tres vezes), 317, 320, 331, 333, 341, 342, 343, 346, 348, 351. Vol. II, p. 231, 274, 278, 156, 226, 342. Vol. III, p. 12, 81, 181, 190, 244, 316; 319, 339, 369, 97, 153. Vol. IV, p. 49, 53, 54, 58, 91, 176, 253, 262, 110, 178, 254, 168, 171, 207, 210, 211, 216, 217, 223, 227, 228. Vol. V, p. 15, 46, 374. Vol. VI, p. 159, 219, 247, 259, (tres vezes), 269, 270, 281 (duas), 282 (tres), 283 (duas), 295, 293, 303, 322, 323 (duas), 326 (duas), 328, 334, 335, 337, 344, 346, 348, 349 (duas), 359, 362, 371, 271 (duas), 273, 274 (tres), 275, 276 (tres). E assim por doante nos mais volumes.

<sup>1</sup> A retieencia é de VIEIRA. Transcrevo-lhe, tal qual é, o texto.

*Cartas*. Vol. III, p. 33, 41, 154. Vol. IV, p. 38, 98, 113, 114.

*Obr. Ineditas*. V. II, p. 139, 163, 171, 172.

São colhidas a esmo estas citações. Poderia decuplalar-as muitas vezes, caso houvesse de consignar todos os topicos, onde se nota esse interrogativo sem precedencia de artigo.

Passemos aos modernos.

De FILINTO ELYSIO não acertei com exemplo divergente. Indicarei, d'entre innumerous outros, os logares, que me feriram na vista : v. I, p. 179, 269, 274; v. II, p. 83, 89, 100, 132, 210; v. III, 14, 43, 73, 90, 103, 116, 132, 259; v. IV, p. 8, 26, 85, 93, 124, 126, 149, 229, 232, 273; v. V, p. 17, 28, 92, 104, 108, 114, 151, 248, 308; v. VI, p. 94, 139, 243, 289; v. XI, 5, 24, 29, 42, 48, 49, 54 (duas vezes), 59, 61, 62 (duas), 64, 72, 78, 79, 82, 86, 89 (duas), 90 (duas), 91, 95, 96, 97, 99, 121, 122, 134, 141, 142, 144, 152, 156, 162, 170, 181, 203, 213; v. XII, p. 12, 30, 32, 46, 63, 102, 110, 147, 148, 149, 162, 171, 197, 205, 220, 231, 234, 254, 267, 268, 276, 296, 299; v. XIII, p. 10, 23, 36, 37, 39, 50, 60, 71, 74, 100, 112, 114, 128, 136, 154, 172, 177, 178, 189, 195, 200, 216, 218, 242, 279, 300, 320, 322, 324. Assim por deante.

Vejamos A. HERCULANO:

« Com effeito, *que* significará no seculo actual occupar uma camara legislativa com questões de beatas? *Que* tem o sublime evangelho do crucificado com o denominar-se...? *Que* tem com isso a moral publica? » (A. HERCULANO: *Opusculos*, v. VIII, p. 47.)

A mesma syntaxe encontraremos em todas as obras desse grande escriptor. Indicarei:

*Eurico*. P. 27, 33, 50, 56, 75 (duas vezes) 77 (duas vezes) 79, 120, 126, 129, 169, 171, 186 (duas vezes), 254, 273, 280, 283 (cincó vezes). Nem uma só vez o *que*.

*O Monge de Cister*. V. I, 3, 10, 12 (duas vezes), 36, 46, 57, 68, 75, 92 (duas vezes), 101, 102, 103 (tres vezes), 119, 120, 134, 135 (duas vezes), 149, 156, 178, 180, 188, 190, 195, 228, 229, 230, 231 (duas vezes), 232 (duas vezes), 237, 262, 268, 274 (duas vezes), 275, 278, 283, 287, 288, 290 (tres vezes), 292, 298. V. II, 17, 22 (duas vezes), 25, 32, 34, 37, 40, 41, 58, 60, 89, 95, 97, 101, 115 (duas vezes), 123, 157, 160, 163 (duas vezes), 177, 178, 180 (duas vezes), 181, 206 (duas vezes), 214, 237, 263 (duas vezes), 265, 266, 267, 268, 305, 306, 309, 316, 319, 323, 324, 326, 337, 361.

*O Bôbo*. P. 13, 60, 84, 97, 98, 115, 118, 131, 137, 174, 178 (duas vezes), 185, 187, 188, 189, 208, 223, 232, 247, 249, 250, 268, 270, 272, 274, 275, 287.

*Lendas e Narrativas*. V. I, p. 19, (tres vezes), 39, 77, 78, 80, 102, 107, 134, 135, 182, 199, 243, 245, 263, 276, 278, 290, 294. V. II, 17, 33, 36, 44, 47, 49, 58 (tres vezes), 60, 66.

*Poesias*. P. 37, 76, 78, 79, 88, 105, 107, 109 (oito vezes), 113, 130, 131, 132, 172, 173 (duas vezes), 203, 212, 234, 246, 247, 251, 291.

*Historia da Orig. da Inquisição*, v. III, p. 316.

No mesmo volume dos *Opusculos*, por onde comecei, o mesmo escrever acharemos ás p. 10, 22, 68, 75, 183, 191, 207, 210, 220, 233, 235, 236, 238, 246, 252, 268, 269, 270, 272, 287 e 288. Avulta entre elles, porém, este lance, onde se exemplifica, a um tempo, a ausencia do artigo antes do *que* na pergunta e a sua presença na resposta:

« *Que nos diz em resumo a historia dos monumentos? O que nos dizem todas as cousas.* » (P. 217.)

Dessa discriminação temos outro caso no seguinte excerpto de CASTILHO:

« *Que lhe importa a elle  
O que se faz no baile?* »

(*Fausto*, p. 354.)

Da mesma obra é este passo:

« *Vocês, velhotes,*

*Que fazem por aqui?*.....

.....

.....; *mas isto, acantoados  
como ermitães, que faz, ou que lhes presta?*»

(P. 348.)

Nesse livro ainda: p. 41, 58, 64, 82, 116, 117, 118, 120, 121, 125, 139, 140, 144, 176, 184, 186, 192, 193, 216, 219, 222, 223, 226, 230, 232, 237, 244, 247, 254, 262, 263, 264, 270, 273, 279, 292, 298, 300, 301, 302, 312, 313, 320, 322, 332, 357, 359, 369, 373, 385, 386, 390, 395.

Folheemos outros escriptos do traductor do *Fausto*.

*Amor e Melancolia*. P. 245: « *Que havemos de comer, que havemos de beber, que havemos de vestir?* » Mais, p. 214, 234, 264, 269, 294, 326.

No seu *Camões* 1.<sup>a</sup> ed., o mesmo: pgs. 30, 31, 32, 33, 35, 36, 39, 41, 46, 56, 60, 63 (duas vezes), 64 (tres), 65, 69, 73, 78, 82 (quatro), 85, 89 (duas), 95, 98 (quatro), 102, 103, 104, 106 (tres), 108, 109, 110, 111, 112 (duas), 113, 117 (tres), 119, 120, 121, 123, 126 (duas), 129, 131, 132, 134, 138, 142, 149 (duas), 153, 159, 165, 166, 169 (tres), 171, 194.

*Fastos*. V. I., p. viii: « *Que é o que nos fica para o rabuseo?* » Mais: V. I, p. 29, 139, 105, 107. V. II, p. 17, 55, 60, 73, 129, 163. V. III, p. 5, 39, 123.

*Amores*. V. I. p. 43, 81, 83, 92. V. II, p. 36, 51. V. III, p. 9, 25, 46, 74, 78.

*Anacreonte*, ole. 29.

*Arte de Amar*, v. I., p. 35:

« Que será de mim ? brada. O perfido me deixa !  
Ai ! que será de mim ? »

*Outono*: p. XIII, XVI, XXV, 42.

*Excavações Poeticas*: p. 41, 95, 101.

*Tosquia de um Camello*: p. 7, 33.

*Colloquios Aldeões*: p. 142: « Que é o amor materno ? que é o amor da patria ? todos os amores santos, que são ? P. 189: « Que ha-de ser da minha companheira ? e as creancinhas, coitadinhas, que não-do fazer ? » P. 288: « Mas que é da prova ?—Ora essa !—Sim. Que fez ?—Que fez ? » Mais: p. 69, 70, 88, 107, 111, 113, 141, 162, 167, 251, 252, 255, 262, 271, 284, 286, 299, 301, 305, 313, 320, 331, 340, 341, 357, 379.

C. CASTELLO BRANCO. *Theatro Comico*. P. 22: « Que é aquillo, que é aquillo, que é aquillo ? » P. 50: « Fidalgo ! Que é fidalgo ?... Que é fidalgo ?... Que é fidalgo ? » Mais: p. 34, 39, 43, 45, 83 e 87. *Doida do Candal*, p. 61, 86. E o mesmo em todas as suas obras.

Tão imperiosa é, a este respeito, a necessidade vernacula, que até os menos escrupulosos na sua pureza, d'entre os escriptores portuguezes, quasi invariavelmente a respeitam.

Compulsem-se, por exemplo, *Os Maias*. No vol. II, á p. 529, leio: « E que somos nós ? exclamou Ega. Que temos nós sido... ? » E assim, ás ps. 61, 64, 65, 85, 91, 94, 95, 117, 124, 130, 141, 144, 150, 155, 188, 199, 201, 213, 219, 221, 222, 237, 242, 248, 271, 272, 294, 300, 310, 317, 320, 321, 326, 352, 367, 368, 398, 407, 417, 414, 424, 428, 429, 441, 445, 451, 453, 455, 456, 461, 509, 512, 514, 522, 527, 529.

JULIO RIBEIRO, na *Carne*, nem uma só vez discrepa. Veja-se ás ps. 29, 30, 57, 69, 76, 102, 123, 128, 131, 140, 146, 161, 165, 167, 180, 182.

GONÇALVES DIAS vorsejava:

« Chorando—e que choraveis ? —a jurar-me...

— Que juraveis então ? »

(*Poesias*, vol. II, p. 73.)

« Que te hei feito, que punes-me assim ? »

(*Ib.* p. 79).

MACHADO DE ASSIS observa constantemente essa regra. No seu volume de *Poesias Completas* só uma vez se me depara um desvio, a que, penso eu, o levou a seducção do metro. E' á pag. 278, neste verso, onde a suppressão do artigo erraria a metrificacão:

« De esperanças tamanhas o que restá ? »

Tirando essa, todas as outras vezes se encontra alli sem a excrescencia do *o* o que interrogativo. Ver p. 3, 31, 39, 40, 61, 75, 79, 107, 143, 147, 187, 191, 240, 275, 321 (tres vezes), 359.

Rematarei, appellando para o proprio dr. CARNEIRO, em cuja GRAMMATICA (p. 244) se nos 'ensina:

« Ao adjectivo *que*, quando interrogativo, *não se appõz o artigo indicativo*. Assim é que se diz: *que é o mundo? que é o nosso corpo? que é a nossa alma? que é o homem? que é a morte? que é a vida? que pensas daquelle procedimento? que coisa é a felicidade? que coisa é Deus? e não: o que é o mundo? o que é o nosso corpo? o que é a nossa alma? etc.*»

Outra coisa não fiz eu que applicar este canon peremptorio do mestre ao trecho do RAMALHO, que appõz essa páticula ao *que* interrogativo. E esse grammatico é exactamente quem m'o vem 'exprobrar!

148. — Verdade seja que uma ou outra vez, rarissimamente, como que a descuido, se nos offerece, em bons autores, a apposição do artigo indicativo ao adjectivo *que*, interrogativamente empregado.

Assim: « E isso *o que é?* » (MANUEL DE MELLO: *Feira de Annexins*, p. 10). « Pois *o que* vêm vossês a dizer nisto? » (*Ib.*, p. 49.) « Ora o lobo, *o que* faz quando é matreiro? » (CASTILHO: *Amores*, I, p. 85.) « Se perdes meu abrigo, *o que* te resta? » (*Ib.*, II, p. 47.) « *O que* foi isto? » (*Fausto*, p. 177.) « *O que* é, menina? *que* tens tu? » (*Ib.*, p. 230.) « Agora *o que*, Luizinha? » (*Ib.*, p. 300.) « *O que* são os ventos? » (CAMILLO: *Cavar em Ruínas*, p. 211.) « *O que* pôde haver providencial nisto? » (CAMILLO: *Veveira da Martyr*, p. 157.) « *O que* é a propriedade? » (A. HERCULANO: *A Propriedade Literaria*, p. 7.) « *O que* indica essa completa confusão de idéas do chronista? » (A. HERCULANO: *Solemnia Verba*, p. 65.)

De ordinario, porém, nos rarissimos casos dessa occorrença grammatical, o *o que* responde a uma construcção elliptica, na qual o artigo faz de complemento directo a um verbo anteriormente empregado em oração affirmativa e subentendido na interrogativa. E' o que se verifica nestes exemplos:

« Senão quando vêm sair... grande quantia de mouras... tud' a bradar : Ly, Ly, yy... »

« — *O que?* »

« Perguntae-lho lá. » (CASTILHO: *Camões*, p. 129.)

Subentende-se, evidentemente : *A bradar o que?*

Outro:

« — Agora por mouraria... já me passava o dizer-vol-o... » exclamou o moço de monte.

« — *O que?* interrompeu o basteiro.

« — *O que?* Uma vergonha para tavolageiros goliardos. » (*Monge de Cist.*, I, p. 152.)

Tal qual se dissera: « Dizer *o que...*? *Que é o que* vos passava dizer-me? »

Semelhantemente:

« Ouvireis alguma coisa que ha-de interessar-vos. »

« *O que ? O que ?* perguntaram varias vezes. » (*Ib.*, 216.)

Isto é: *ouviremos o que ? que é o que ouviremos ?*

Outro:

« *E que pensas tu, villão, de tanta insolencia ?... Que pensas, que pensas ? Fala, homem...* »

« *O que parece ao villão ?... Parece-lhe...* » (*Ib.*, 230-232.)

E' como se dissesse: « *Quereis saber o que parece ao villão ?* » Tanto assim é que, linhas antes, onde se não dera essa ellipse justificativa do artigo, *tres* vezes se empregou sem elle o interrogativo, e *duas* logo depois se torna a empregar do mesmo feitio: « *Mas, se eu fui culpado e fraco, pergunto: que serão aquelles que, sem respeitarem o bom nome...? Que serão aquelles que, semelhan-tes... ?* » (P. 232.)

Outro:

« *Descanse, tia Domingas, descanse* », acudiu o taberneiro. « *emquanto eu lho vou buscar...* »

« *Buscar o que ?* » (*Monge de Cist.*, II, p. 96.)

Subentendendo: « *Vae buscar o que...?* » « *Que é o que vae buscar ?* »

Mais:

« *Juras ?* perguntou de novo Beatriz ? »

« *Juro. Mas o que juro eu ?* » (*Ib.*, p. 183.)

Correspondendo a: « *Juro. Mas sei o que juro eu ?* » « *Sei eu o que juro ?* » « *Dir-me-ás o que juro eu ?* »

Ainda :

« *Repara bem ! Aquelle cadaver que alli jaz, o que é ?* » (*Ib.*, p. 210.)

Exactamente como se escrevesse: « *Repara o que é aquelle cadaver que alli jaz* », ou « *Sabes o que é aquelle cadaver, que alli jaz ?* »

E', ellipticamente, a mesma relação não elliptica noutras phrases :

« *Não sabe ella o que é o amor de uma donzella louquinha ?* » (*O Bôbo*, p. 246.)

« *Sabeis o que lhe dá ?* » (*Eufros.*, v. I, p. 274.)

« *Homem nescio, tu sabes para onde vás, ou o que levas ?* » (*VEIRA: Serm.*, v. V, p. 86.) « *Homem precipitado, sabes o que fazes ? Sabes o que firmas ?* » (*Ib.*, v. II, p. 186.)

« *Quereis ver o que é uma alma ?* » (*Ib.*, p. 197.)

« *Tu sabes o que vai ?* » (*FILINTO, Obr.*, v. V, p. 303.)

« *Não sabe o que succede ?* » (*Ib.*, v. XIII, p. 40.)

« *Sabes tu o que são mil e mil noites consumidas...? Sabes o que é caminhar sobre silvados...? Sabes o que é isto ?* » (*Eurico*, p. 281.)

119.— Quando a anteposição do *o* ao interrogativo *que* não se possa justificar destê molo, o solecismo é palpavel. Se quizermos

tirar a prova real, é usarmos do mesmo interrogativo, anteposta a elle alguma das proposições *a, em, de, para, ou por*.

Como diríamos? Ao que vens? Não. O vernaculo é: «*A que vens?*» «*A que vens aqui?*» (HERC. : *O Monastic.*, III, 324.) «*Beguino, a que voltaste aqui?*» ( *Id.*, *Lendas*, I, 111.) «*Sabeis a que vom aqui o infante do Portugal?*» ( *Id.*, *id.*, II, 61.) «*A que desceo? A subir a creatura.*» (CAMÕES, son. 276. *Obras*, v. I, p. 149.) «*A que vieste?*» (FERREIRA: *Obr.*, v. II, p. 268.) «*A que vem?*», (CASTILHO: *Cam.*, p. 169.)

Como diremos? «*No que pensas?*» Tampouco. Não se diz senão: «*Em que pensas?*» «*Mas em que consistiam essas instancias diversas, de que faziam tanto apparato?*» (HERCUL. : *Histor. da Inquis.*, v. II, p. 306.)

«*Em que podeis parar? Nisto em que estou.*

*E em que estaes vós?*»

(CAMÕES, son. 221. *Ob.*, v. I, p. 121.)

«*Em que cuidas senhora?*» ( *Id.*, v. II, p. 169.) «*Em que posso, ou que devo hoje esperar?*» ( *Id.*, v. III, p. 57.) «*Em que te mercei tantas cruezas?*» ( *Id.*, v. IV, p. 133.) «*Em que mercees a offensa..?*» ( *Id.*, v. VI, p. 141.)

«*Em que assi descansas o pensamento?*» (FERREIRA, II., p. 70.)

«*Em que espera?*» ( *Id.*, p. 72.)

«*Em que a mereço?*» ( *Id.*, p. 263.)

«*Em que vos determinaes?*» (CASTILHO: *Cam.*, p. 52.)

Como se dirá? «*Do que trata?*» Nunca. Diremos sempre: «*De que trata?*» Eis um excerpto de CAMÕES, onde se encontram discriminadas, par a par, a expressão indeterminada com *o de que* e a determinada com *o do que*:

«*De que serve ás pessoas o lembrar-se*

*Do que se passou já.....?*»

(Eleg. I. Vol. III, p 10.)

Outros, com *o de que* unicamente:

«*Mas eu de que me queixo?*»

(Egl. II. V. IV, p. 25.)

«*Sabremos que mal tem.*

*Se é doença do tristiza.*

*De que nasce, ou de que vem.»*

(Vol. VI, p. 173.)

«*Sabes de que vem*

*Amares boirame?*»

(Vol. V, p. 124.)

« De que serviam ás reparações do concilio... ? » (A. HÉRCUL.: *Obr. cit.*, v. III, p. 313.)

« E tu grã Tybre, de que estás honrado?... »

(FERR., v. II, p. 18.)

« S'esta minh'alma triste perguntasses, Sampayo, de que vive.... ? »

(*Ib.*, p. 72.)

« Espantado! eu... de que, senhor? » (CASTILHO *Camões*, p. 59.)

« E de que te haviás de arrepiar, estando eu cômigo? » (*Ib.*, p. 111.)

Só caberia o *do que*; assim com o *no que*, se a expressão fosse *determinativa*, podendo-se trocar em *daquillo que*, ou *naquillo que*, como nestes exemplos de FILINTO:

« Do que os passaros comem fazer queixas? »

(*Obr.*, v. V, p. 116.)

« Senhor, staes no que digo? » (V. XIII, p. 235.)

Poderíamos escrever: « *Com o que* contas? » Não. A construcção grammatical é: « *Com que* contas? » Assim, em VIEIRA: « Mas o senhor *com que* se escusará? » (*Serm.*, v. V, p. 351.) Assim em FERREIRA:

« Roma, a grã Roma Emperatriz das gentes

*Com que* a soberba Grecia escureceo?

*Com que* tornou suas terras obedientes? »

(*Obr.*, v. II, p. 69.)

Assim, ainda, em CASTILHO: « *Com que* te consolarias? » (*Camões*, p. 35.)

Diríamos acaso: « *Para o que* foges? » Não. Diríamos, sim: « *Para que* foges? » Exemplos classicos: « *Para que?* Para a culpa e triste pranto. » (CAMÕES, v. I, p. 149.) « *Para que* choro, emfim? » (*Ib.*, v. II, p. 79.) « *Para que* é viver? » (*Ib.*, v. V, p. 103.) « *Para que* nomeaes?... » (*Ib.*, v. VI, p. 146.) « *Para que* é mais auto, que vemos a este? » (*Ib.*, p. 172.) « *Para que* sou eu rei, senão...? » (HÉRC.: *Monástico*, v. III, p. 265.) « *E para que* o fiz eu? » (*Ibid.*, p. 268.)

Semelhantemente ninguem diria: « *Pelo que* tardas? *Pelo que* roubas? *Pelo que* te matas? » A construcção portugueza é: *Por que* te matas? *Por que* roubas? *Por que* tardas? »

Em nenhuma d'essas hypotheses o interrogativo admite o artigo, pela razão de que em nenhuma dellas ha particularização de um substantivo masculino, a que o artigo se entenda alludir. Ora mudaria a situação grammatical, quando eliminassemos as prepo-

sições, e deixassemos sósinho o interrogativo? Evidentemente não. Se não podemos dizer «Ao que?», «No que?», «Do que?», «Para o que?», «Com o que?», «Pe'o que?», como poderíamos dizer: «o que?»

1350.— Não importa que, na vasta literatura dos classicos, um ou outro deslize pareça favorecer esta regencia. Nem sempre alguns exemplos de boa procedencia bastam a autorizar uma syntaxe. Se ella é palpavelmente incorrecta ante o proprio uso classico e a indole da lingua, cumpre vor naquellas anomalias simples no loas, dessas a que os melhores escriptores não são immunes. De taes casos nos depara muitos exemplos o dr. CARNEIRO mesmo, na sua *Grammatica Philosophica*. «Erro é muito vulgar» (diz elle, por exemplo) «empregar a expressão *donde* por *onde*», e dessa incorrecção não se isentaram alguns dos nossos classicos como fez LUCENA, dizendo: «Fortuloza *donde* deixassem navios», em lugar de «*onde* deixassem». (P. 352.) E ollo proprio, a respeito do artigo anteposto ao *que* interrogativo, depois de transcrever excerptos de A. HERCULANO e REBELLÓ DA SILVA com essa applicação, nota: «Esses exemplos, porém, não são para imitar.» (*Serões Grammaticaes*, p. 297.) Ora, se não são para imitar, certamente não é porque sejam puros.

Que é, com effeito, esse *o*, anteposto ao *que*? Lembra-se agora o mestre de *o* considerar como particula «de euphonia», innominada e carecente de funcção grammatical.

Mas alli mesmo, nos dois periodos anteriores, duas vezes o qualificava de *artigo*, e de *artigo* *indicativo* lhe chama, já na sua *Grammatica Philosophica* (p. 244), já nos seus *Serões Grammaticaes*. (P. 297.) Ora tendo esse *artigo*, de sua natureza, o mister especifico de *indicar*, e *determinar*, evidentemente lhe repugna á essencia grammatical o antepor-se a uma particula interrogativa. O «*que?*» pergunta, duvida, ignora. O *o* mostra, aponta, revela, individua. Não podem estar associados.

A tal ponto assim é que, ainda nas phrases não interrogativas, nem exclamativas, quando, todavia, a sua expressão traduz impli-

<sup>1</sup> Não sei se poderemos haver essa confusão como peculiar a «alguns» dos nossos classicos. Antes me parece commum a todos, ou quasi todos os antigos.

Em CAMÕES é frequentissima. Deparam-nos as suas obras ora o *onde* por *aonde* (v. IV, p. 27), ora o *aonde* por *onde* (v. I, p. 100; v. II, p. 22, 23; v. III, p. 11; v. IV, p. 52; v. VI, p. 156), ora o *donde* por *onde* (v. I, p. 49, 63 (tres vezes); v. II, p. 67, 149 (once vezes), 150 (quatro vezes); v. III, p. 81, 92; v. IV, p. 29, 37, 66, 123; v. V, p. 37, 63, 34 (duas vezes), 201; v. VI, p. 9), ora, enfim, *adonde* significando egualmente *onde*. (V. I, p. 24, 36, 88, 154. V. II, p. 149, 166. V. III, p. 12, 17, 20, 22, 92. V. IV, p. 35, 148.)

A origem dessa confusão, ainda hoje popular, não estaria exactamente na simultanea consemelhança do *adonde* com o *donde* e o *aonde*?

Advirta-se, entretanto, que aqui o dr. CARNEIRO não trepida em qualificar de «erro» um facto grammatical autorizado geralmente pelos antigos mestres do nosso idioma, por quasi todos senão todos, e em que alguns modernos inda caíram. Assim, LATINO COELHO, *Oraç. da Cor.*, p. 27: «*Aonde* e quando o aprendeste?»

citamente duvida, ignorancia, pergunta, ou indeterminação, quanto ao objecto, a que diz respeito o *que*, o estylo elegante usa empregal-o tal qual nas orações exclamativas ou interrogativas. Exemplos : D. DUARTE : «E se nom tões *que* partas com o pobre.» (*Leal Cons.*, p. 236.) «Ca scripto he, nom guardes *que* f.ças.» (*Ib.*, p. 158.) «E veremos *que* ella diz.» (GIL VICENTE : *Obr.*, v. III, p. 167.) «Eu não sei *que* isso quer ser.» (*Ib.*, 237.) «Canção não mais ; *que* já não sei *que* diga.» (CAMÕES : *Obr.*, v. II, p. 15.) «Oh *que* não sei *que* escreveo nem *que* fallo.» (*Ib.*, p. 80.) «Não sei *que* creia.» (*Ib.*, v. IV, p. 103.) «Não sei, Lillia formosa, *que* mais diga.» (*Ib.*, p. 103.) «Eu não tenho *que* vos dar.» (*Ib.*, v. V, p. 44.) «Eu não sei *que* viste.» (*Ib.*, p. 123.) «Vejamos *que* me ha-de dar.» (*Ib.*, v. VI, p. 24.) «Não lhe faltará *que* conte.» (*Ib.*, p. 168.) «Sem saber este mal *que* possa ser.» (*Ib.*, p. 181.)

« Ponderemos e vejamos  
Que ganhamos em nascer.»

(*Ib.*, p. 219.)

« Quero de ti saber *que* é o *que* te dello parece.» (FERNÃO LOPES : *D. João I*, c. 35.) «Não sabiam *que* dizer... Nenhum de nós sabe *que* vos responda.» (*Ib.*, c. 38.) «Não sabiam *que* cuidar em taes feitos.» (*Ib.*, c. 62.) «Daquella guisa não soube *que* cuidar.» (*Ib.*, p. 190.) «Amigos, eu não sei mais *que* diga.» (*Ib.*, c. 94.) «E mandou essa noite duas inculcas sobre *que* fazia Pero Rodrigues.» (*Ib.*, p. 97.) «Para melhor vermos todos *que* se fez depois que ahi chegaram.» (*Ib.*, c. 98.) «Preguntou *que* lhe parecia destes feitos.» (*Ib.*, c. 123.) «Vamos saber *que* fez Nuno Alvares.» (*Ib.* c. 142.) «Alli comera Nuno Alvares, so tivera *que*.» (*Ib.*, c. 146.) «Não sabendo *que* cuidar, disse *que* vissem *que* era aquillo.» (FERN. LOPES : *D. João I*, parte I, c. 11.) «Se lançaram fora das camas, por saberem *que* era.» (C. 147.) «Não sabiam *que* fazer.» (C. 148.) «Emquanto nós fomos ver *que* fez o Mestre.» (C. 150.) «Não sabendo *que* era aquillo.» (C. 152.) «Ante *que* contemos *que* os moveo a esto.» (C. 175.) «Não soube *que* fazer.» (Parte II, c. 57.) «Não sei *que* faz, disse elle.» (C. 66.) «Sabeis *que* farei?» (*Eufrosina*, a. I, sc. 3.) «Não sei *que* cuide.» (*Ib.*, a. I, s. 5.) «Não sei *que* faça.» (*Ib.*, a. II, s. 5.) «Não sei *que* ha-de ser isto.» (*Menina e Moça*, c. 8.) «Mas, como sabia *que* era...» (*Ibid.*) «Não sabia *que* respondesse o porteiro.» (FR. LUIZ DE SOUSA : *D. Fr. Bartholomeu*, I, II, c. 3.) «Não sei *que* d'aqui resultará.» (*Ib.*, c. 7.) «Ensinac-nos *que* façamos.» (*Ib.*, c. 8.) «E não havendo mais *que* dizer.» (*Ib.* c. 14.) «Dando-lhes, omquanto houve *que*, alguma coisa pouca.» (COUTO : *Dec. IV*, I, I, c. IV,

<sup>1</sup> « Quero saber *que* é o *que* te parece.» Temos aqui visinhas as duas syntaxes correctas: o simples *que*, interrogando, e, em seguida, o *que*, determinando. E' como se FERN LOPES houvesse escripto: «Quero saber *que* coisa é aquillo *que* te parece.»

p. 33.) « Não sei *que* lhe faça. » (FERREIRA: *Obr.*, v. II, p. 291.)  
 « Direi *que* significa essa que avulta. » (CASTILHO: *Fastos*, v. III,  
 p. 121.)

Ainda outros exemplos: « Não soube mais *que* fazer. » (D. NUNES:  
*Cron.*, v. I, p. 80.) « Não sabia *que* dissesse. » (*Ib.*, p. 172.) « Não  
 sabiam *que* dissessem. » (*Ib.*, p. 286.) « Não sei *que* seja. » (*Eufros.*,  
 p. 168.) « Não sei *que* vos diga. » (*Ib.*, p. 201.) « Vede *que* aproveitam  
 a Zelotipo seus cuidados heroicos. » (*Ib.*, p. 283.)

« Olhay *que* fazem  
 Esses doudos amores. »

(FERREIRA, v. I, p. 203.)

« Corri traz elle a ver *que* nos queria. »

(FILINTO, v. II, p. 71.)

**131.**—No antepor do artigo ao *que* interrogativo, portanto, quando encontrado em mestres da boa linguagem, soffre ella uma derogação manifesta, que só á conta das negligencias occorrentes nos melhores exemplares se poderá lançar. Como nas construcções affirmativas o artigo preceda o adjectivo *que*, determinando o objecto, ou individuo, por elle representado, dessas phrases passou facilmente esta syntaxe, em corruptelas do uso vulgar, para as interrogativas. Dahi provavelmente o contagio, que, por inadvertencia, leva, uma ou outra vez, os seus effeitos até á pratica dos bons escriptores. Porque de outro modo não seria possivel explicar a enxertia do artigo nessa especie de sentenças, nas quaes a propria natureza dello está em antagonismo com aquella função.

**132.**—Nem ha idioma, onde o *que* interrogativo admitta semelhante companhia.

Vamos ao maior dos classicos hespanhoes. E. CERVANTES. Folheemos o *D. Quixote*, a sua obra prima. Lá está: « *Que* es lo que hace ? » (C. 18.) « *Que* aprovechará estar en campo abierto ó no ? » (C. 19.) « *Que* quiere este monstreco en esta casa ? » (Parte II, c. 2.) Y *que* son insulas ? » (*Ibid.*)

Do italiano tomo o DANTE. E eis o que elle me exemplifica :

« Disse: « Tu guardi si, padre: *che* hai ? »

(*Inferno*, XXXIII, 51.)

« Dimmi *che* è cagion per che dimostri  
 Nel dire e nel guardare avermi caro ? »

(*Purgat.* XXVI, 110.)

« Tanto ch'io possa intender *che* tu canti. »

(*Ib.*, XXVIII, 48.)

« Não se exprimem de outro modo os franceses.

« O' dieux hospitaliers! que vois je ici paraître ? »

(LAFONTAINE: *Fabl.*, VII, 16.)

« Que seroit-ce à mes yeux que l'œil de la nature ? »

(*Ib.* 18.)

« Mais que dire du troc que la Fortune fit ? »

(*Ib.*, I. IX, 16.)

« Que pourrait-on faire ? »

(LITTRÉ: *Etudes et Glanures* <sup>1</sup>, p. 430.)

« Qu'est-ce en soi une telle crise ? » (LITTRÉ: *Histoire de la langue française*, vol. I, p. 111.)

Entre ingleses e allemães é identica a syntaxe.

Vêde, quanto aos primeiros, SHAKESPEARE:

« What is aught, but as 'tis valued ? »

(*Troil. and Cress.* II, 2, 52.)

« What sais she there ? Words, words, mere words. »

(*Ib.*, V, 3, 107.)

« What must I do ? ... Well, what then ? what then ? »

(*Coriolanus*, III, 2, 35.)

« What shall I need to draw my sword ? »

(*Cymbeline*, III, 4, 104.)

« What is to do ? »

(*J. Caesar*, II, 1, 326.)

O mesmo, quanto aos segundos, os allemães, entre os quaes o *was*, analogo ao inglês *what*, corresponde ao nosso interrogativo *que*.

« Was thun Sie? Was thun? Was setzt Sie in Verzweiflung? Was geschah? Was scheint Ihnen davon? Was ist das Leben? Was ist Das? » (SACHS-VILLATE: *Deutsch-französisches Wörterbuch*, p. 1.979.) Isto é: « Que fazeis? Que fazer? Que é o que te desespera? Que succedeu? Que pensacs disso? Que é a vida? Que é isso? »

Não se conceberia o *der* antes do *was*, no allemão, o *the* antes do *what* no inglês, o *il* antes do *che* no italiano, e no francês, ou no castelhano, antes do *qu*, o *le* ou o *el*. Porque? Porque esse interrogativo equivale sempre a *que coisa*, é, de seu natural, a fórmula da inquirição, e, por consequinto, repelle o artigo, de sua natureza determinativo. Na associação vulgar entre os dois ha, portanto,

<sup>1</sup> Paris, 1880.

intima antilogia, que algumas inadvertencias do bons autores não valem a justificar.

153.— Concluo eu, portanto, com JULIO RIBEIRO (*Grammat.* p. 240), com JOÃO RIBEIRO (*Gramm.*, p. 146), com C. DE FIGUEIREDO (*Liç. de Portug.* v. II, p. 313, e III, p. 17), e, até, com o professor CARNEIRO na sua *Grammatica* (*loc. cit.*), que a expressão *o que*, interrogativamente usada, é *incorrecta*. «Erro de grammatica», é o qualificativo do penultimo desses autores. E *que* lhe havemos de chamar senão isso?

## § 27

### Art. 233

#### INCIDIR

154.— «Acerrima censura» fiz, segundo a versão do professor CARNEIRO, ao emprego deste verbo. Mas o epitheto não se ajusta com a realidade. Contra esse verbo alleguei apenas a excepção de novidade no vocabulario das nossas leis, das nossos arestos, dos nossos juriscônsultos. *Incorrer em*, ou *cair em*, é como diziam, como até hoje dizem os nossos codigos, os nossos julgados, os nossos mestres de direito.

Essa a arguição capital, que lhe irroquei. Oppugnou-a o mestre? Nem com uma palavra.

Subsidiariamente adverti no tom pedantesco do vocabulo, fóra do circulo restricto que a sua invenção erudita lhe reserva, mostrando com frisantes exemplos a segurança de meu asserto. Combateu-o de qualquer modo o mestre? Tambem não.

Ponderei, outrosim, a superioridade, em vigor e clareza, ainda na phraseologia litteraria, do *incorrer* sobre o *incidir*. Que oppoz a isto o dr. CARNEIRO? Nada.

Disserta apenas da etymologia latina, *incidere*, do verbo *incidir*, da synonymia entre o *incidere* e o *incurrere* no latim, para concluir pela sua synonymia no portuguez. Quem lh'a negou? Não eu. Antes outra coisa não fiz que, admittida ella, mostrar a vantagem do antigo verbo em relação ao novo.

Novo é elle, confessa o mestre, qualificando-o de *neologismo*. Mas (racionna) desle que é de boa fonte, e conforma com a boa analogia, razão não ha de o *proscreever*. Proscreevel-o? Mas onde tal feito commetti eu? Não, não o proscreevi. Disse que, na redacção dos nossos codigos, nos não desviassemos do outro vocabulo, consagrado pela tradição das nossas leis, da nossa jurisprudencia, de todos os nossos modelos, e mais cheio, mais sonoro, mais forte, mais intelligivel ao commum da gente.

Disse, e repito, sem *incorrer* em affronta, ao mestre, emquanto elle de algum modo não embargar essas considerações, que deixou intactas.

## § 28

## Art. 239

## INCIDIR SOB

1333.— Escrevera eu que *incidir* equivale a *cair sobre*, concluindo não parecer consentâneo á significação da palavra o *incidir sob* do projecto.

Quem me subministrou essa definição de *incidir* foi CANDIDO DE FIGUEIREDO. (*Dicc.*, v. I, p. 740.)

Tenta corrigil-o o mestre, allegando que *incidere* igualmente exprime *cair em*. Mas, de facto, não corrige; porquanto *cair em* e *cair sobre* dizem ambos a mesma coisa. Caindo *sobre* alguma coisa, *nella* caímos. Caindo *em* alguma coisa, caímos *sobre* ella. Nos dictionarios de FREUND e THEIL, QUICHERAT e DAVELUY, invocados pelo mestre, todas as orações do verbo *incidere* se regem com as preposições *in*, *super* ou *ad*, e quasi todas as de *in* (*em*) se traduzem no francês por *sur* (*sobre*). o que está indicando a equivalencia entre uma e outra. O *super* latino diz igualmente *sobre*, em vulgar. Com a preposição *ad* alli figurá unicamente a sentença «*incidit ad terram*», vertido por «*tomba contre terre*». Mas ahí, em português, se tiraria: «*deu em terra*». (Assim em A. HERCULANO: «*Deu em terra, como se fôra morta*.» *Eurico*, p. 244.) Quem dá ou cae em terra, porém, cae ou dá *sobre* a terra.

Resta por notar sómente, nos lexicons citados, uma phrase construida com o dativo: *Precipites lymphis pulealibus inciderunt*. Quer dizer: «*Precipitaram-se nas aguas do poço*.» Mas quem se precipita *em* aguas, antes de mergulhar *nellas*, *sobre* ellas cae.

Temos, pois, sempre o *incidere*, ou *incidir*, expressão da queda, indicando a relação de movimento do alto para baixo entre a coisa caída e a *sobre* que ella cae.

Só com um excerpto allega o mestre. E qual? Este, de SENECA: *incidere in oculos*. Mas, prova elle que o *incidere* latino se regesse com a preposição *sub*? Não: mostra que se usava com a preposição *in*. E *sub* é que corresponde a *sob*. *In* responde a *em*, ou *sobre*.

Verdade seja que o francês verteu *tomber sous les yeux*, e o dr. CARNEIRO traduz: *cair sob os olhos*. Mas no francês o verbo empregado é *tomber*, e, no português, é *cair*. Ora, nem *cair*, nem *tomber* são *incidere*, ou *incidir*. Com o *incidir*, ou o *incidere*, é que relevava mostrar associada a preposição *sob* nalgum exemplo. O *sob*, de *cair*, nada prova; visto como em *cair* não ha nenhum elemento verbal, que exclua a idéa de *sobposição*. Poder-se-á *cair sobre*, ou *sob* alguma coisa. Mas *incidere* se compõe de *cadere* e *in*. *Cadere* diz *cair*. *In* exprime *em*, ou *sobre*. Logo *cadere in*, *incidere*, ou *incidir*, é *cair sobre*, ou *cair em*. *Cair sob* não pode ser.

Em summa :

Apontou o mestre, entre os latinos, algum exemplo de *incidere sub* ?

Não. Nem podia. O intransitivo latino *incidere*, de onde nos veio o *incidir*, nunca se regeu com a preposição *sub* : as preposições, com que se construía, eram *in*, *supra*, *ad* e *per*. «Constructio verbi», diz FORCELLINI, «est cum accusativo, et prepos. *in*, pro qualiquando est *ad* vel *supra* et fortasse *per*; vel cum accusat. sine prepositione *in*, quæ inest in ipso verbo; vel cum dativo rei aut personæ.»<sup>1</sup>

Indicou, entre os portuguezes, caso algum de *incidir sob* ?

Tambem, não.

Logo, subsiste a minha these : o *in* de *incidere* (*incidir*) exclue o *sub* de *cair sob*.

Nom para traduzir *incidere in oculos* se ha mister dessa preposição. Mantendo a syntaxe latina de SENECA, diriamos vernaculamente « dar na vista, dar nos olhos».

## § 29

### Art. 315

#### SUBJUNCTIVO E INDICATIVO

##### CLAREZA

**136.**— Não poude encobrir aqui o dr. CARNEIRO o beneficio da minha emenda, a qual, reconhece o mestre; mudou em subjunctivo, como cumpria, um indicativo, que estava errado.

Mas agora, o desconto. Parece-lhe menos claro que o projecto o meu substitutivo. Isto de clareza, como não se tactoia á mão, não se determina por conta, peso ou medida, nem se afero a regras de syntaxe, deixa em opinião entre os apreciadores o fazerem, cada qual segundo o seu paladar, ou interesse, da opacidade transparencia e da transparencia opacidade.

Assim *de hoc non est disputandum*.

Arrevezada, obscura, labyrinthica é o que ao mestre se affigura sempre a minha redacção. Pois que remedio? Lucidez, a do projecto: lucidez solar, meridiana, a que o illustre philologo deveu o lograr-lhe digerir e refundir os mil e oitocentos artigos em quatro dias. Quando um homem nasceu charadista, os enigmas são o seu elemento. Mais enxerga o peixe no fundo que á tona.

Da sua travessia grammatical saiu o douto revisor com a visão a ella costumada. De pressa os olhos se affazem ao escuro, e já não toleram o dia.

<sup>1</sup> *Totius Latinitatis Lexicon*, v. III, p. 432.

## § 30

## Art. 324, V

## PRESENTE POR FUTURO

1337.— Objectara eu a esta redacção : « Mutuo consentimento dos conjuges, se *forem* casados *ha* mais de dois annos. »

Mas o dr. CARNEIRO a applaude, e com cinco escriptores classicos se propõe justifica-la. Tomando-os, porém, um a um, facilmente demonstrarei que nenhum delles condiz com a hypothese vertente.

Cotejemol-os com os excerptos do mestre.

*Primeiro.* « E a flor que ainda *ha* pouco *era* comparada á virgom graciosa, no viço da mocidade *faz* convertida em espectro. »

São do indicativo, presente, ou imperfecto, as tres orações. Não ha futuro, nem se emprega um por outro tempo : *ha e faz* exprimm effectivamente acção actual; e no imperfecto *era* se traduz a acção imperfectamente ou, melhor, anteriormente passada. O caso é, pois, totalmente diverso do que nos apresenta a redacção do artigo.

*Segundo.* « Este phenomeno tão geral *confirma* o que pouco *ha* *aventavamos*. »

Aqui tambem não occorre substituição de tempos uns pelos outros.

A acção de *confirma* não se podia exprimir senão pelo indicativo presente; á de *aventavamos* não cabia senão o imperfecto; e a de *ha* se acha adequadamente significada pelo presente, visto como o que se conta, é o tempo que *ha*, o tempo que *tem* decorrido.

*Terceiro.* « Dal-o não posso, porque m'o prohibe a obediencia; porém se vós o *tomardes*, eu *estou* obrigado a defendel-o. »

E' como se o autor dissesse : « eu *estou* obrigado a defendel-o, se vós o *tomardes*. » Bem que o *tomardes* seja futuro, o *estou obrigado* havia de ser, com effeito, presente : a obrigação corre desde o momento em que se falla, supposto eventualmente condicionada a uma circumstancia futura. Não ha transposição de tempos. A especie, logo, nada tem com a vertente.

*Quarto.* « Os mal affeioades muito *ha* já que *hão* de ter dado a sua curiosidade por satisfeita. »

O *hão* de aqui não exprime acção futura : está *hão* de ter por *dever ter*. Temos, pois, duas formas verbaes, *ha* o *hão*, denotando uma e outra o indicativo presente.

*Quinto.* « Se elle não *estiver* aqui, ás 8, *dou*-te a chave da torre, e *são* hoje teus todos os sinos. »

Temos, desta feita, por duas vezes o presente do indicativo, *dou*-te, o *são*, a fazer de futuro. Mas a construcção diversifica da que no artigo se vê. No texto citado os dois verbos do presente indicam

acção que em verdade *presente* será, quando a do futuro se, verificar; coisa diversa do que succede no art. 324, V.

A troca do futuro em presente é occorrença de vulgaridade tal em nosso idioma, que, para a ignorar, necessario seria não ter fallado jamais o portuguez. A cada momento nos servimos de phrases como estas:

Vou *amanhã*.

Volta para o anno.

Quando vieres, não me *encontras*.

Para a semana cá *venho*.

Havendo baile, não *fallo*.

Acabada a missa, lá *estou*.

Como poderia eu ignorar um phenomeno grammatical de frequencia tão reiterada na linguagem mais chã e correntia?

Não, dahi não podia nascer a minha estranheza. Donde ella resultou; foi do modo como no texto increpado se opera a applicação desse uso. «*Si forem casados ha mais de dois annos*», é como alli se diz. O *ha* não significa uma acção *contemporanea* ao futuro *forem*, ou a ella *posterior*. Refere-se ao decurso de um prazo anterior a esse futuro.

Depois, naquello trecho, se levassemos ao futuro o verbo *haver*, ainda não calharia. Ficara então: «*Se forem casados haverá mais de dois annos*.» Este *haverá* não serviria aqui. Logo, não servindo o futuro, não se poderia dizer que no presente empregado se dê uma substituição daquelle por este.

Não cabe, portanto, bem a relação nem de um, nem do outro modo. Seria mister construí-la diversamente, como eu fiz: «*Mutuo consentimento dos conjuges, havendo mais de dois annos de casados*.»

Dispensa-se o futuro e o presente, conseguindo por meio do participio a expressão cabal do pensamento.

## § 31

### Art. 391

#### PRGENITOR

1888. — No extenso commento em que, a este proposito, esprou a sua erudição o illustre dr. CARNEIRO, de todo em tolo perdeu elle do vista a luz, a que eu encarara o assumpto. Na minha nota a este artigo, tomando para cotejo dois pontos extremos na lexicographia do nosso idioma, o *Vocabulario* de BLUTEAU e o *Diccionario* de FIGUEIREDO, entre os quaes mezelam quasi dois seculos, mostrei que não dissidiam na exposição da idéa correspondente ao vocabulo *progenitor*, definido, no primeiro, como «*avô*,

*bisavô, ascendente, primeiro pae* » e, no segundo, como « *o que procria antes do pae, avô, ascendente* », isto é, que a lexicologia mais antiga e a mais recente a este respeito se coadunavam. Dahi, posto em dicionaristas intermedios áquelles dois se encontre já insinuada naquella palavra a noção de *pae*, conclui eu que, sendo a expressão multivoca, designando a um tempo o *pae* e o *avô*, se devia excluir do código civil, onte a nitidez na enunciação do pensamento legislativo exige, para cada uma daquellas entidades, o seu devido nome.

« Quando a lei dispõe do termo específico e univoco », disse eu, « não deve ir buscar o indeciso e multicolor. Usemos, na phraseologia jurídica, da expressão que se não preste a dois sentidos. Para indicar o *genitor*, escrevamos *pae*, e, querendo indicar, ao mesmo tempo, o *pae* e a *mãe*, digamos *paes*, como aliás faz o código muitas vezes. »

Para me render, posta assim a questão, era mister ou que o professor CARNEIRO me destruísse a premissa, alli assente, de que a linguagem legislativa deve preferir á expressão vária no sentido a de um sentido só e inconfundível, ou que mostrasse não ter mais de um sentido, isto é, não indicar ora o *pae* ora o *avô*, o vocabulo *progenitor*.

Nem uma, nem outra coisa fez.

189. — Dando por antiquado o substantivo *genitor*, para concluir que o substituiria o nome de *progenitor*, labora o mestre em engano manifesto.

*Genitor* conserva até á nossa época a primitiva actualidade.

Provo:

« Calpeto é *genitor* de Tiberino. »

(CASTILHO: *Fastos*, v. II, p. 109.)

« Penedo em faixas juvenis invo'to,  
Porque ao deante o oraculo se cumpria,  
Engana ao *genitor*. »

(*Ib.*, p. 127.)

« O' tu que a gente  
Crê ser meu *genitor*. »

(*Ib.*, p. 13.)

« O *genitor* Mavorte ! »

(*Ib.*, p. 109.)

« Nem que assistisse  
Do *genitor* aos ultimos arrancos  
Curtira mais augustia. »

(*Ib.*, v. III, p. 49.)

« Onde está Marte,  
Marte o meu genitor ? »

(*Ib.*, p. 55.)

« O genitor depõ da fronte  
Radiosa c'roa. »

(CASTIL : *Metamorph.*, p. 67.)

« Se dá jus a um laço eterno,  
O Demétrio, o amor paterno,  
Vac, desposa o genitor. »

(CASTIL : *Sonho de uma noite de S. João*, p. 18.)

Ou já não representará CASTILHO a modernidade no classicismo português? Indubitavelmente representa; e nisso não poderá deixar de vir o meu douto mestre, que em vezes para aquelle autor recorre como tribunal de instancia suprema.

160.—Não contesta o dr. CARNEIRO que « fosse a idéa de *avô* a primeira, com que entrou no vocabulario português a palavra, *progenitor*; mas esta significação» (continúa elle) «apagou-se no singular, conservando-se ainda no plural». Assim (conclue) «no singular o vocabulo quer dizer *paes* ou *mães*».

Demonstra, porém, este asserto? Nem com uma só autoridade, ou com uma razão que fosse.

Ora o contrario demonstro eu.

Exceptos <sup>1</sup>, com effeito, os dictionarios de AULETE e ADOLPHO COELHO, todos os demais juntam no vocabulo *progenitor* a acceção de *avós* á de *paes*.

MORAES: « *Progenitor. Ascendente*; o tronco de que alguém procede; o *pac*. »

ED. DE FARIA (4<sup>a</sup> od.): « *Progenitor. Ascendente, pac*. »

<sup>1</sup> « Tudo chegou a salvamento, *exceptas* as partes liquidas. » (VIEIRA: *Cartas*, v. I, p. 167.)

« Todos os portuguezes fazem o mesmo, *exceptos* os mais ricos. » (*Ib.*, p. 245.)

« Vossa senhoria se sirva de me restituir estes papeis, porque tenho promettido a communicação delles a algum amigo, *exceptas* as cartas do marquez de Marialva. » (*Ib.*, v. II, p. 36.)

« *Excepta* a carta de sua alteza, esta é a unica que escrevo a Portugal. » (*Ib.*, v. III, p. 1.)

« Com senhorió absoluto de todas as coisas creadas, *excepta* somente uma arvore. » (VIEIRA: *Sermões*, v. I, p. 73.)

« Tudo o que o seu odio, sua astucia e maldade julgasse conveniente para o vencer, *excepta* somente a vida do mesmo Job. » (*Ib.*, p. 198.)

« Na grande provincia de Hollanda, *excepta* Dorth, por isso chamada virgem, nenhuma cidade houve, que não fosse conquistada. » (*Ib.*, p. 151.)

« *Exceptas* algumas autoridades. » (BERNARDES: *N. Flor.*, II, p. 3.)

« *Excepta* uma, que estava á porta de um cidadão. » (*Ib.*, p. 91.)

Não me parece, pois que tenha razão o illustre sr. CANDIDO DE FIGUEIREDO em recusar foros de português ao adjectivo *excepto*. (*Lições*, v. I, p. 97-8.) Os latinos tinham o adjectivo *exceptus*, e a autoridade de escriptores como VIEIRA e BERNARDES lhe legitima de sobra a adopção portugueza.

FONSECA (Dicc. Portug. Francês): « Progenitor. Ascendant, aieul. »

VALDEZ: (Diccion. Port. Franc.): « Progenitor. Ascendant, aieul. »

FR. DOMINGOS VIEIRA: « Progenitor. Ascendente, o pae, tronco, avós. »

JOÃO DE DEUS: « Progenitor. Ascendente, gerador. »

C. DE FIGUEIREDO: « Progenitor. O que procria antes do pae ; avô, ascendente. »

DOMINGOS DE AZEVEDO : « Progenitor. Aieul, ancêtre. »

Quasi todos os nossos vocabulistas, portanto, reconhecem ao termo *progenitor*, no singular, a significação de *avô*, sendo que alguns delles, e com estes *justamente* o mais moderno, CANDIDO DE FIGUEIREDO, só este sentido lhe attribuem. Onde, pois, foi buscar o dr. CARNEIRO que do vocabulo *progenitor*, no singular, se delisse a acceção de *avô*, restando-lhe unicamente a de *pae*?

Quem aprofundar a glossographia do vocabulo *progenitor*, acabará por se convencer de que tão sómente quanto ao singular, na antiguidade vernacula, a tal respeito definida por BLUTEAU, subsiste essa redução a um só sentido. No singular aquella palavra antigamente só designava o *antepassado*. Quando no plural, já a expressão abrangia ora o *avô*, ora o *pae*. E' o que nos dá a ver, com dois exemplos numa só pagina, o velho AMADOR ARRAES. Eis o primeiro delles : « Por isso disse o sabio que os bons *pães* são gloria de seus filhos. Que o nascido de bons *progenitores* recebe delles pela maior parte natural inclinação para o bem. » (*Dialogos*, c. 15, p. 42.) Algumas linhas abaixo se encontrará o outro lance.

Quanto ao singular, a inclusão de *pae* no significado, outr'ora circumscripto ao *avô*, é obra dos modernos. Mas que estes obliterassem ao vocabulo a segunda acceção, a mais primitiva, não é

<sup>1</sup> D'ahi o dizer CASTILHO (depois de FILINTO) *progenito*, por filho:

« Um raro monstro

Viria então, *progenito* da terra. »

(*Fastos*, II, 91.)

Mas a palavra tanto se podia applicar ao *filho*, como ao *descendente*. (C. FIGUEIREDO: *Dicc.*, v. II, vº. *progenito*.) De modo que no topico de CASTILHO não saberíamos a qual dos significados se refere o poeta, se a contextura da narrativa nos não mostrasse que se trata de um Titão, *filho* da Terra.

No exemplo de FILINTO ELYSIO, a que allude, sem o transcrever, o dr. CARNEIRO, mal se sabe de certo se a acceção é de *filho*, ou *descendente*: « Outro (sacrificio) aos rios, *progenitos* de Jove. »

Mas, ainda que o intuito aqui seja (e me parece que é) dizer *filhos*, não se conclui que o termo se não estenda tambem a *descendentes*. O contrario é que é verdade, uma vez que *progenitor* inclui *pae* e *avô*: tanto mais quanto *progenitura* abrange, além da *prole*, a *descendencia*, a *posteridade*. (MORAES, FR. DOMINGOS VIEIRA, AULETE, FIGUEIREDO.)

Além de *progenito* (v. XII, p. 137), encontraria o mestre, em FILINTO, o proprio vocabulo *progenitor*, na significação de *pae*. (*Obr.*, v. I, p. 267.) Mas nem este, nem os demais exemplos semelhantes provam que com esta o vocabulo não cumulasse a acceção de *avô* e *antepassado*. — motivo por que eu o recusei, como capaz de ambiguidade, no texto do codigo civil.

verdade. No asserto opposto a esse contestam em sua generalidade (já o mostrei) os nossos dicionaristas.

Nem seria de suppor o contrario; porquanto ainda na segunda phase da historia deste vocabulo, quando elle absorvera em si, com a outra, a noção adicional de *pae*, a idéa originaria, a de *avô*, continuou a ser a predominante. Força era que assim acontecesse pela natureza mesma da palavra, a que o novo significado era extranho e advenidoço.

**161.** — Tanto isto é verdade, que, dos dois outros idiomas vivos onde entrou a expressão *progenitor*, em um reune ella *ambos* os significados, e no outro só encerra o de *avô*. Essas duas linguas vêm a ser o italiano e o inglês.

Pelo que toca ao italiano, eis como se pronunciam os vocabularistas: « *Progenitore, Progenitrice: antenato, antenata, della famiglia.* » (PETROCCHI: *Novo Dizion. Univ. della Ling. Ital.*, v. II, p. 609.) « *Progenitore: antenato, ancétro.* » (FERRARI et CACCIA: *Gran Dizion. Ital. Francese*, p. 637.)

Respeito ao inglês, dirá WHITNEY, tão de casa ao mestre: « *Progenitor. An ancestor in the direct line; a forefather; a parent.* » ( *The Century Dictionary*, v. IV, p. 4.758.) O que, em vulgar, significa: « *Progenitor: antepassado na linha recta; avô; pae.* »

**162.** — Já se vê que a canceira, a que se dá o mestre, por demonstrar que os vocabulos variam de expressão com o tempo, ora se atrophando, ora crescendo, aqui perdendo, alli adquirindo, umas vezes permutando entre si, outras invadindo-se, confundindo-se, espoliando-se, essa canceira era escusada. O que se tratava, era de provar com documentos que o singular de *progenitor* se divorciara da idéa de *antepassado*. Não o tendo feito, promulgou uma opinião infundada, arbitraria, caprichosa, — opinião tão aerea, quanto a de se ter sumido entre as velharias da lingua o vocabulo *genitor*.

Não attentemos contra as riquezas do nosso idioma. Nello existem os substantivos *genitor*, *primigenitor* e *progenitor*. *Genitor* é exclusivamente o *pae*. *Primigenitor* é o ascendente, em quem se acha a primeira estirpe do tronco ancestral, o mais remoto dos maiores, a origem da familia, o seu genearcha. Da palavra usou VIEIRA. ( *Sermões*, v. III, p. 130.) *Progenitor*, emfim, era nativamente, e por largo tempo foi o *avô*, qualquer dos ascendentes, com exclusão do *pae*, exclusão, que, com o curso dos annos, por influxo da analogia, da liberdade literaria e da inadvertencia vulgar, acabou por desapparecer.

Destarte é innegavel a coexistencia actual de ambas as significações no vocabulo *progenitor*, resultando inevitavelmente dahi, não raro, ficar-se por saber ao certo o sentido, em que se elle emprega. Quando CASTILHO, por exemplo, fallá em

« Tros, progenitor  
De Assaraco <sup>1</sup> »,

nada na phrase nos descobre se Assaraco era filho, ou neto, de Tros.

Ao lermos nos *Annaes de D. João III* <sup>2</sup>: « Noventa e seis reis lho contaram seus *progenitores* », claro está que o textó se refere a antepassados. Mas já não tem a mesma clareza esta passagem de Fr. BERNARDO DE BRITO <sup>3</sup>: « Succedeu-lhe Sameo seu filho, mui dessemelhante em tudo (como diz Beroso) de seus *progenitores*, porque todo o tempo de sua vida gastou, mettido nos famosos paços e casas de prazer, que sua mãe fizera. » A quem se refere o historiador? aos *paes*, aos *avós*, ou a uns e outros? Dir-se-ia referir-se aos *avós*, attento o ser essa, as mais das vezes, a idéa outrora associada áquelle vocabulo, no plural. Mas as antecedenças do trecho nos induzem a pensar que a allusão entende com os *paes*, mórmente com a mãe, SEMIRAMIS, cuja energia e esforço pouco antes celebrara o escriptor. Quando o orador grego, fallando aos athenienses, lhes diz, na versão de LATINO COELHO, « Eu vos juro pelos manes de vossos *progenitores* » <sup>4</sup>, saber-se-á porventura se allude aos *paes*, ou aos *avós* de seus ouvintes?

Logo, por evitar a ambiguidade, um dos mais graves defeitos na redacção das leis, chamemos *pae* ao *pae*, aos dois genitores *paes*, *avó* ao *avó*, servindo-nos de *ascendente*, quando na mesma expressão quizermos envolver o *avó* e o *pae*. São tres vocabulos, cada um com a sua funcção especial: não as balburdiemos. Aliás succederá que, muitas vezes, ao fallar o codigo nos direitos do *progenitor*, nos encargos dos *progenitores*, não terá dito precisamente se cogita dos *avós*, dos *paes*, ou ao mesmo tempo de uns e outros.

E' o que forcejo por evitar, e o mestre diligencia manter.

Art. 391, IV

« O OUTRO DOS PAES »

163.—Onde o projecto dissera « outro *progenitor* », emendei eu « o outro dos *paes* », ficando assim redigido o texto:

« Nomear-lhes tutor, por testamento ou documento authenticó, se o outro dos *paes* lhe não sobreviver, ou se o sobrevivente não puder exercitar o patrio poder. »

<sup>1</sup> *Georgicas*, p. 145.

<sup>2</sup> De Fr. LUIZ DE SOUSA, p. 389.

<sup>3</sup> *Monarchia Lusitana*, l. I, t. 3, p. 60-61.

<sup>4</sup> *Oraç. da Corça*, p. 44.

A este proposito decreta o professor CARNEIRO peremptoria-mente:

« A phrase *o outro dos paes* é desconhecida em portuguez, como o foram as seguintes: *o outro dos jardins, o outro dos Plinios, o outro dos senadores, o outro dos homens.* »

Pois está errada a bulla.

*O outro dos paes* tem voga portuguesa, com uma das mais altas consagrações que no mundo classico avultam: a do CASTILHO ANTONIO.

Foi elle quem, depois de commemorar a grandeza e a morte de ARCHIMEDES, escreveu:

« LAVOISIER, *outro dos martirizados* pelo materialismo descrente e brutal.» (*Amor e Melancolia*, p. 335.)

Do mesmo feitio de phrase torna elle a usar, no *Fausto* (p. 333):

« *Outra das tuas. Maldições sem termo  
Sobre ti, monstro!* »

164.—E como, por que refusar esta locução? E' o cumulo do arbitrio grammatical.

Trata-se dos *paes*, que, na accepção, vulgar, inconcussa e varias vezes adoptada pelo mestre no seu projecto, de *pae e mãe*, são necessariamente *dois*. *Um delles*, morrendo, poderá, determina o texto, regular a tutella da prole; e a lei o autoriza a prover nesses funcções o consorte sobrevivente. Este quem será, no testamento feito por *um dos paes*? Naturalmente *o outro dos paes*.

A syntaxe não soffre lesão, e a clareza é perfeita. *Dois são os paes*. *Um delles* testa, nomeando tutor *o outro*. Logo, o nomeado é *o outro dos paes*, a saber, *o outro de entre os paes*, ou: *dos paes, o outro*.

Supponha-se que eu dissesse: « Farás guardar os dois extremos da estrada. Para um destacarás o regimento. *O outro dos extremos* será defendido pela brigada.» Poderia inverter a expressão: *dos extremos, o outro* será defendido. Haveria que objectar a esta redacção? Figure-se est'outro dizer: « Elle profere, *dos dois, o outro*.» Estaria errado? Não. Agora transponhamos, dizendo: « Elle profere *o outro dos dois*.» Não está certo? Evidentemente está. Se não ha que censurar em *o outro dos dois*, qual o fundamento da censura a *o outro dos paes*?

### § 33

Art. 417

INFLUIR SOBRE

165.— Aqui a rixa é outra vez com a linguagem das minhas notas, não com a do substitutivo. Não farto de redigir o codigo, propõe-se o dr. CARNEIRO á revisão grammatical do meu commentario.

Combate o mestre diligentemente a expressão *influir sobre*, tirando á praça oito excerptos de CAMÕES, SOUSA, BERNARDES, HERCULANO, REBELLO DA SILVA e LATINO COELHO. Tres desses exemplos tocam ao ultimo destes escriptores. Os outros contribuem cada qual com um só. Ora, para a inducção de uma lei, ainda grammatical, é mui pouco. De haverem alguns classicos usado, uma vez cada um, a locução *influir em* absolutamente não se collige que rejeitassom a expressão *influir sobre*. Eu mesmo tenho do ordinario empregado, nos meus escriptos, a primeira dessas duas fórmãs, a que o dr. CARNEIRO preconiza, e, sem embargo, da outra me servi agora.

Como não costume rogatear jámais a verdade, não occultarei que não será facil encontrar, nos classicos, exemplos da locução *influir sobre*, ao passo que, abonando o *influir em*, temos especimens desta energia : «Como o pintor influira no poeta, o poeta no musico, o musico no estatuario, o estatuario no historiador, o historiador no phiosopho, o philosopho no moralista.» (CASTILHO : *Am. e Melanc.*, p. 314.)

Nasce essa preponderancia do *em*, com este verbo, da sua expressão nativa e primordial. De *fluere*, *fluir*, *correr*, e *in*, *em*, *para*, derivou *influere*, *influir*, significando o correr (fluir), ou «fazer correr para alguma parte.» (FR. DOM. VIEIRA.) «*Palus influit in Seguanam flumen*», escrevia CESAR. (*De Bel. Gall.*, VII, 57.) Dahi veio mais tarde a proceder a accepção metaphorica *penetrar*, *insinuar-se em*, que já os latinos possuiam : «*Ut in universorum animos tanquam influere possimus*. Por que logremos influir em todos os espiritos.»

Mas desta resultou ainda outro significado : o da acção, que sobre alguma coisa se exerce. E neste sentido nos depara FR. DOMINGOS VIEIRA, com essa preposição, varios exemplos :

«A educação *influe sobre* toda a vida.»

«Ha homens que *influem* muito *sobre* a resolução de seus amigos.»

No que escreveu a proposito do art. 204, § 4º, raciocinou o mestre: *Retrahir* é synonymo de *retrotrahir*. Ora LAT. COELHO usou de *retrahir* como verbo intransitivo. Logo, a significação intransitiva cabe egualmente ao verbo *retrotrahir*. Assim o dr. CARNEIRO.

Mas *influir*, no intento em que delle me servi, synonymiza com *actuar*. Ora *actuar* se rege ou com a preposição *em*, ou com a preposição *sobre*.

Provo.

«No mar que força *actua*,

Quando se ergue tremendo e nada lhe resiste?»

(CASTILHO: *Georg.*, p. 127.)

«... que tudo quanto melhora a mulher, vem depois a *actuar* na educação dos filhos.»

(CASTIL.: *Colloquios*, p. 88.)

« Fazendo com que a linfa e com que a flamma  
Dos homens sobre o phisico actuassem. »

(*Ib.*, *Fastos*, v. II, p. 193.)

« Do sua natureza é o actuar sobre multidoes de enfermidades o miserias. » (*Ib.*, *Colloq.*, p. 143.)

« Os methodos industriaes poderão actuar sobre a agricultura. » (*Ibid.*, p. 181.)

« Os costumes de Lisboa iam actuando sobre o animo do seu bom amigo. » (C. CASTELLO BRANCO: *Queda d'um Anjo*, p. 158.)

Logo, se com *actuar*, se pôde escrever indifferentemente *em*, ou *sobre*, com *influir*, quando seu synonymo, do mesmo modo acertará o *sobre*, ou o *em*.

### § 34

«A», POR «EM»

**106.**—A proposito da preposição *em* com o verbo *influir*, abre esta digressão o professor CARNEIRO:

« Cae a lanco notar que em todos os logares do Projecto, onde se emprega o verbo—*incorporar*, seguido da preposição *em*, acompanhando-lhe o complemento indirecto, é esta preposição substituida na emenda do dr. Ruy pela preposição *a*. Entretanto é a preposição *em* de uso muito mais frequente entre os nossos classicos, cada vez que recorrem ao emprego desse verbo. »

Pena é não apontasse o mestre os logares, onde substitui o *em* por *a* depois do verbo *incorporar*. Só o fiz, que nisso não houve de minha parte intenção de emendar, assás o demonstra a circumstancia de não existir palavra minha de annotação a tal respeito. Tivesse eu por erro o emprego do *em* com aquelle verbo, e não deixaria de o apostillar. A ser exacta, logo, a mudança, naturalmente a pratiquei sem animo de corrigir. Alterando a redacção de textos, que por outros motivos se me houvessem assegurado modificaveis, podê ter acontecido que, de envolta com a alteração geral, lhes trocasse tambem essa preposição. Sendo indifferente a escolha entre uma e outra, teria preferido o *a* ao *em*, como, inversamente, poderia ter anteposto o *em* ao *a*.

Errei acaso na preferencia dada ao primeiro? Se não errei, a que vem a censura? Ora, o douto philologo reconhece que erro não houve. Apenas adverte que, entre os classicos, é de mais uso a outra preposição. Logo, tambem usada é a de que usei. Foi acertado, pois, o meu uso. Porque n'ò embargo?

FR. DOMINGOS VIEIRA (*Dicc.*, v. III, p. 1.073) abona o emprego da locução *incorporar a* com diferentes exemplos: «Incorporar a ogra de Jesus Christo todos os povos convertidos. Incorporar uma provincia a um reino.»

MORAES, do mesmo modo: «Incorporou uma porção de terra a outra herdade. Incorporou ao districto, ao territorio, as raías do reino, ao Estado. Incorporar a coroa as conquistas.»

CANDIDO DE FIGUEIREDO, semelhantemente: «Incorporar. Dar forma de corpo a; dar forma ou volume a.»

No latim, onde o verbo *incorporare* se classifica de equivalente a *adjuungere*, *aggregare* (FREUND e THEIL, v. II, p. 201), usava-se construir ambos esses dois ultimos verbos com a preposição *ad*. «*Ad probos propinquitae te adjuveris. Hujus etiam filium eodem judicio et crimine ad patris interitum aggregare voluisti.*» (FREUND e THEIL, v. I, p. 46 e 92.)

Mas por que argumentar com illações, se temos factos positivos? No latim o *incorporare* tambem se construia com o dativo, que em vulgar se traduz pela preposição *a*. São de S. AGOSTINHO as provas: «*Ecclesia... sibimet quodammodo incorporat*» (*homines*.) (2 *Doctrin. Christ. G.*) «*Incorporari Ecclesiae.*» (*De Catech. rudib. 6, n. 10.*)

Quando a acção do verbo *incorporar* se estende a duas coisas (porque se póde limitar em uma só, quando se designa o corpo ou a forma corporea a ella dado), ora se quer exprimir o facto de *metter-se, encaixar-se, embeber-se* (AULETE), *incluir-se* uma na outra, ora o de *reunir, adicionar, cumular* esta *aquella*. Na primeira hypothese predomina a idéa de *inserção*, a que é mais consentanea a preposição *em*; na segunda, a de *agregado, somma*, reclamando mais adequadamente a preposição *a*.

167.—Aliás nada tem de absoluto, na tradição vernacula, a theoria dessa distincção; porque o uso classico, na escolha entre o *em* e o *a*, está frequentemente ao revez do uso commum em nossos dias: ora prefere o *em*, onde nós de ordinario damos preferencia ao *a*, ora o *a*, onde mais vezes empregamos o *em*.

Exemplificarei.

**Em por a:**

«Os cabellos da barba, e os que descem  
Da cabeça nos hombros.»

(*Lusiad.*, VI, 17.)

«Mas voando

D'um noutro; tudo irá desbaratando.»

(*Id.*, X, 16.)

1. «*Incorporatio, onis; f. Verbale ab incorporo; actus incorporandi, corporis constitutio...* 3.—Item simpliciter conjunctio, *additio unius rei alteri.*» FORCELLINI: *Totius Latinitatis Lexic.*, v. III, p. 416.

«Ho qual livro foi de lingua arabica trasladado em portuguez.»  
(ANDRÉ DE REZENDE : *Historia de Evora*, c. 11.)

«Primeiramente mando meu corpo em Sancto Pedro de Coti.»  
(*Dissert. Chronol.* de J. P. RIBEIRO, v. I, doc. n. 20, p. 279.)

BARROS: «Pondo a prôa em atravessar aquelle golphão.» (Dec. II, l. 7, c. 7.) «Os quaes acudiram ao mar, porque os mais delles andavam offendidos de Lacsamana, puzeram o rosto nelle.» (*Ib.* Dec. III, l. X, c. 2.) «Tangiam com uma maneira de frautas pastoris, que em seu modo pareciam bem.» (*Ib.* Dec. I, l. IV, c. 3.)

BRITO: «Noé... se tornou em» (isto é, *voltou a*) «Armeia.» (*Monarch Lusit.*, v. I, p. 13.)

MORAES: *Palmeirim d'Ingl.*: «Sendo já alongado da cidade de Londres, foi ter em um valle despovoado.» (P. II, c. 54.)

SOUSA: *Vid. do Arc.*: «Continuar os filalgos da côrte em o visitar.» (L. I, c. 9.) «Acudiu elle, e apontando nos dentes, disse.» (*Ib.*, c. 13.) «Puzeram-se as lampreias em venda.» (*Ib.*, c. 14.) «Tornavam muitos em si.» (*Ibid.*) «Pelo tempo em quanto.» (L. I, c. 17.) «Obrigado a continuar em pregar.» (*Ib.*, c. 18.) «Quasi nos olhos dos prelados. (*Ibid.*) «Assistia em tudo.» (L. I, c. 24.) «Preside no governo.» (*Ib.*, c. 26.) «Logo se resolveu em tomar o caminho.» (*Ib.*, l. II, c. 1.) «Quem dará solução nestes contrarios?» (*Ibid.*) «Em cabo de muitos dias.» (*Ib.*, c. 10.) «Resolveu-se em romper.» (*Ib.* c. 13.) «Determinando em não sair.» (*Ib.*, c. 23.) «Resoluto o arcebispo em dizer.» (*Ibid.*) «Fazendo-lhe signal com uma mão e com a outra apontando em uma mulher. (L. VI, c. 7.) «Passando em Africa todo o poder e nobreza deste reino.» (L. IV., c. 12.)

FERNAM MENDES: *Peregrinação*: «Costeamos a terra com ventos ponteiros de um bordo no outro.» (T. I, c. 47.)

VIEIRA: «Na face do sol e na luz do meio dia.» (*Serm.*, v. I, p. 76.) «Na testa de um exercito.» (*Ib.*, v. I, p. 96.) «Tirando em limpo.» (*Cartas*, v. I, p. 206.) «Continuo em o pedir.» (*Ib.*, v. III, p. 42.) «Postos em limpo.» (*Ib.*, p. 95.) «Lançou em caça delle.» (*Ib.*, p. 97.) «Na testa dos esquadrões.» (*Serm.*, v. I, p. 20.) «Sair em campo.» (*Ib.*, v. II, p. 16.) «Sairam em publico as suas defesas.» (*Ib.*, v. III, p. 55.) «As quaes se uniam uma na outra.» (*Ib.*, v. VI, p. 176.) «Peregrinando de um lugar em outro lugar.» (*Ib.*, v. IV, p. 200.) «Saltava de um enfermo em outro enfermo, de uma casa em outra casa, de uma rua em outra rua, de uma cidade em outra cidade.» (*Ib.*, p. 203.)

M. BERNARDES: *Nova Floresta*: «Vieram no Egypto dous monges.» (V. II, p. 33.)

CASTILHO: «De tempo em tempo.» (*Amores*, v. I, p. 15) «Descêmos em terra.» (*Primav.*, p. 92.) «Sairam em campo.» (*Ib.*, 147.) «De um em um.» (*Eccav. Poet.*, p. 33.) «Encostado no cotovolo.» (*Metamorph.*, p. 303.) «Não se limitaram em elucidar o poema.» (*Fastos*, v. I, p. XLVIII.) «Põe-te em salvo.» (*Ib.* v. II, p. 67.) «Em riba, e

logo ao fundo!» (*Tartufo*, p. 148.) «Ah! torna em ti!» (*Fausto*, p. 398.)

A. HERCULANO: «Faze resoar nos ouvidos das turbas palavras do terror.» (*A Voz do Proph.*, I.)

C. CASTELLO BRANCO: «O rapaz já nos dezeseis annos disse á mãe.» (*Narcotic.*, v. I. p. 144.) «Qualidades, que, em meu juizo, dizem muito na belleza.» (*Mem. do Carc.*, v. I, p. 94.) «Estampar a torpeza, e recital-a em piano.» (*Cancion.*, p. 487.) «Não lhe levo em mal.» (*Queiroz*<sup>1</sup>, p. 1.) «O capitão não lhe levara em mal o arrojo.» (*Doze Casamentos*<sup>2</sup>, p. 187.) «Sem embargo de fliar-se em um grande talento.» (*Prol. aos Combates e Criticas*<sup>3</sup>, p. XXIX.) «Antoninha abraçava-se no tio. Catharina abraçou-se na filha.» (*A Cav. da Martyr*, p. 106, 181.)

#### A por em :

«O grão sabio Daliarte, pondo os olhos a todas partes, virou-se contra Florida.» (MORAES : *Palmeir.*, I, 3, 10.)

«Muitas vezes lhe acontecia estar a ellas em pé no meio do côro.» (SOUSA: *V. do Arc.*, I. I, c. 27.)

«Quem se contenta a se salvar.» (VIEIRA: *Serm.*, v. V, p. 111.)

«Teimaram os israelitas a ter rei.» (*Ib.*, v. II, p. 246.)

«Tudo resumiu S. Paulo a uma só palavra.» (*Ib.*, v. III, p. 353.)

«A materia tão immensa como breve se resume a uma só palavra.» (*Ib.*, v. XI, p. 5.)

«O ver-se entrado a nova e prodigiosa vida.» (CASTILHO : *Fausto*, p. 145.)

«Por entrardes sem venia e a furto aas lares nossos.» (*Ib.*, p. 192.)

«Manda Allah que eu te colha a meus braços.» (CASTIL.: *Quadros Historicos, Givaldo sem Pavor.*)

«E teimas a insultal-o!» (CASTIL.: *Tartufo*, p. 103.)

«Veiu para o Porto, animado por um gamenhosito, que o industriou a furtar.» (CAMILLO : *Memor. do Carc.*, v. I, p. 137.)

Muitas vezes com a mesma construcção, o mesmo verbo e o mesmo pensamento empregam os bons autores alternativamente a, ou em, dando a ver a olho a perfeita equivalencia vernacula, nesses casos, entre as duas preposições.

<sup>1</sup> *Memorias de Fr. João de S. José Queiroz*. Porto, 1863.

<sup>2</sup> *Doze Casamentos Felizes*. Ed. de Lisboa, 1902.

<sup>3</sup> DE SILVA PINTO. Porto, 1882.

<sup>4</sup> Por outras preposições tambem se costuma entre os classicos a preposição em.

Pela preposição para:

«Tão gloriosas foram para o infante as causas que concorreram em sua morte.» (VIEIRA: *Serm.*, v. VI, p. 107.)

Agora diz VIEIRA, por exemplo : « Saiu *d* campanha. » (*Serm.*, v. I, p. 323.) Agora, na pagina seguinte : « Saiu *em* campanha. » Agora, outra vez, na linha immediata : « Sair o rei *d* campanha. »

Aqui escreve : « Correr *em* nosso remedio. » (*Serm.*, v. II, p. 210, 211.) Alli, na mesma pagina : « Acudir *a* nosso remedio. »

Na *Menhina e Moça*, de BERNARDIM RIBEIRO, ora se nos depara : « E se poz *em* se mover para elle » (c. 14); ora : « E ás vezes se punha *a* fallar com os officiaes. » (P. 157.)

« Pôr peito *em* acudir », é de CASTILHO. (*Colloquios*, p. 96.) E do mesmo CASTILHO (*ibid.*, p. 248) é : « pôr peito *a* extirpal-a. »

Todos esses exemplos me parecem ainda hoje imitaveis. Mas creio que nem sempre, neste particular, nos seria licito seguir as pegadas ao uso classico. Duvido, por exemplo, que, a não ser em desafio caprichoso ao gosto contemporaneo, ousasse escriptor da nossa época o emprego da preposição *em* por *entre*, como nestes excerptos, aliás de um dos maiores e menos antiquados mestres da lingua : « Os trezentos mil réis que restam para o dito conto se repartam *em* pobres e orphãs. » (SOUSA : *V. do Arc.*, I. II, c. 9.) « Diz o decreto que nas cathedraes onde faltarem distribuições, ou forem curas, se reparta nellas a terceira parte das prebendas. » (*Ib.*, c. 16.) De onde se apura que não basta allegar o exemplo antigo e autorizado, para concluir pela admissibilidade actual da imitação.

Claro está, pois, que os do mestre nada nos adeantaram. Ao mesmo tempo se vê que do nosso direito á opção livre entre a preposição *em* e a preposição *a*, nessas phrases, não me fallecia noticia. Tão pouco era eu alheio ao uso desse arbitrio, cuja facilidade muitas vezes utilizei em trechos como este : « Propagou-se rapidamente, de campo *em* campo, de villa *em* villa, de capital *a* capital. »<sup>1</sup>

Ora delle tanto me resultava o jus de antepor o *incorporar a* a *incorporar em*, como o de preferir o *incorporar em* a *incorporar a*.

Se as prelições antigas puzessem lei absoluta, não poderia o dr. CARNEIRO escrever, como o fez, nos seus *Serões* : « Presidiu *a* cerimonia »; visto como, no estylo classico, prepondera o *presidir em* : « Presidê no governo da camára. » (SOUSA : *V. do Arc.*, I. I, c. 26). « Presidiram nellê *em* seu nome dois cardaes. » (*Ib.*, I. II, c. 5).

Pela preposição *por*, ou *de*:

« Por ordem sua *nesta* forma. » (SOUSA : *Vid. do Arc.*, I. I, c. 40.) « Na mesma forma. » (*Ib.*, I. II, c. 1.) « *Em* alguma maneira. » (*Ib.*, I, c. 10.) « *Em* nenhum modo se deve dissimular. » (*Ib.*, I. II, c. 13.) « Forcejou *em* erguer-se. » (CAMILLO : *Myst. de Fafe*, v. II, p. 170.) « Lucia esforçou-se *em* dissimular-se. » (CAMILLO : *A Doida do Cand.*, p. 69.) « Vestido *em* seu pobre habito. » (SOUSA : *Vid. do Arc.*, I. I, c. 17.) « Vestidos *em* dalmaticas carmesins. » (*Ib.*, I. II, c. 34.)

Pela preposição *contra*:

« Como poderei eu fazer esta maldade, e pecar *em* meu Deus ? » (*Inedito d'Alcoabaça*, t. II, p. 62.) « Com direito padecemos esto, porque pecamos *em* nosso irmão. » (*Ib.*, p. 67.)

<sup>1</sup> RUY BARBOSA : *Cartas de Inglaterra* (Rio de Jan., 1896), p. 276.

§ 35

Art. 406, II

« CARECER A »

**IGS:—**Redigia-se este artigo, no projecto:

« Quando o devedor pôde fornecel-os sem ser privado dos meios de que carece *a* sua sustentação.»

(Objectei:

« Errada aqui a crase. O *a* não é dativo, mas nominativo. Não são complemento indirecto, mas agente do verbo carecer, as palavras *a* sua sustentação.»

A defesa do mestre vale a pena que se transcreva.

« E' *justamente o contrario*», diz elle. « Na phrase do Projecto doCodigo o sujeito de *carecer* não é *a sua sustentação*, mas o substantivo *devedor*, sendo este o sentido: *sem ser o devedor privado dos meios de que carecer a sua sustentação*, isto é, *dos meios de que precisar, dos meios de que houver necessidade para sua sustentação*. Parece-nos isso claro; o que não entendemos é esse *a dativo* e esse *a nominativo*.»

Esta explicação affronta a evidencia.

Fere na vista dos mais myopes que, naquelle texto, a derradeira sentença está invertida. Disse-se: « de que carece a sua sustentação », por « de que a sua sustentação carece ». O sujeito está nas palavras *a sua sustentação*. Alludo-se aos meios de que *a sustentação do devedor carece*. E, sendo *a sustentação* o agente, não era licito impôr ao artigo *a* o signal do crase.

Tanto esse foi o pensamento da commissão parlamentar, que no seu projecto aquelle «*a*» não tem accento. Assim está nos *Trabalh. da Commiss. Espec.*, v. VII, p. 59.

No *Diario Official* de 26 janeiro de 1902, onde primeiro saira a lume aquella redacção, vinha accentuado o *a*. (P. 197.) Deram, porém, pelo erro os seus autores, e, ao paginar-se para o setimo volume, onde ficou a edição definitiva do trabalho parlamentar, elidiram o accento, deixando assim redigido o texto:

« Quando o devedor pôde fornecel-os sem ficar privado dos meios de que carecer *A* sua sustentação.»

A minha emenda, portanto, outra coisa não fez que restabelecer a syntaxe adoptada pela commissão parlamentar.

Ou fortuita, ou obra do professor CARNEIRO é, portanto, a crase superveniente, agora por elle advogada com todo esse calor.

Mas esse calor é o de um erro, que, com o insistir e arrazoar, mais ainda se aggrava. Quor o mestre que « *a* sua sustentação » alli esteja em vez de « *para a* sua sustentação ». O que se pretendia, segundo elle, era fallar nos « meios, de que o devedor carecia *para a* sua sustentação », e, substituida uma preposição por outra, escre-

veu-se : «os meios de que carecer á sua sustentação». Uma redacção tal, porém, extravagante, arrevezada, obscura, não tolera exame. Ninguém diz : «Preciso de meios *a viver*», mas : «Preciso de meios *para viver*». Ninguém : «Necessito de recursos *á* minha subsistencia», mas : «Necessito de recursos *para a* minha subsistencia.» Ninguém : «Careço de alimentos *á* minha sustentação», mas : «Careço de alimentos *para a* minha sustentação.»

Logo, se *á sua sustentação* alli estava em complemento indirecto, havia de construir-se a phrase com a preposição *para*. O *a* não pôde encerrar naquelle trecho preposição. Força é que seja unicamente o artigo ; e, como tal, não soffre craso.

## § 36

## CASOS

169.—Mais que o de ninguém é occasionado o espirito dos mestres a crises de mau humor. Vem-lhes esse achaço do continuo emendar e castigar, do continuo encontrar-se <sup>1</sup> com o erro, e com elle contender.

Devia estar num desses accessos o illustre dr. CARNEIRO, quando, ao rematar o panegyrico daquella singularidade, me desfecha do alto do seu saber esta palmatoada : « Parece-nos isso claro : o que não entendemos, é esse *a* dativo e esse *a* nominativo.»

Que terá em mente insinuar o mestre ? Não me porá, creio eu, abaixo dos seus mais lanzudos alumnos, suppondo-me alheio á noção grammatical de *casos* nas duas linguas, mãe e filha, que tão distinctamente professa.

Perderam-se, ninguém o ignora, entre nós as variações terminativas, que naquella os distinguiam, salvo quanto aos pronomes, cuja flexão, semelhante á latina, conserva no idioma patrio, como nesse, o nome de *caso*, ou declinação. (JOÃO RIBEIRO : *Gramm.*, p. 75.) «Entre os pronomes, os pessoas têm *casos*, e declinam-se como no latim.» (*Ib.*, p. 77.) «Perdido o genitivo, ficou-lhos o nominativo, o dativo, o accusativo, o ablativo.» (*Ibid.*) «Ao pronome indefinido *se*, nas vozes apassivadas, tambem, ora o qualificam de *particula*, ora de *caso*.» (SOTERO : *Postillas de Gramm. Geral*, p. 53.) Ahi, tal qual no idioma de onde o nosso descende, se appellidam *casos* as flexões terminaes das palavras.

<sup>1</sup> Não parece correcta ao eminente sr. CANDIDO DE FIGUEIREDO a regencia *encontrar-se com*. (*Lições*, v. II, p. 8.) Não sei, porém, se o douto philologo tem razão.

MANUEL BERNARDES (*N. Floresta*, v. II, p. 38) escreveu : « Succedendo *encontrar-se em outra terra com uma mulher*, que fôra occasião de seus vícios.»

E C. CASTELLO BRANCO (*Scrões de S. Miguel de Seide*, VI, p. 46) : « O Senhor sabia que elle havia de *encontrar-se com muita gente*.»

170.—Será essa, porém, a acceção unica, em que esse vocabulo se use? Não se terá empregado igualmente, para designar os succedaneos dos casos latinos, que com as preposições formamos em portuguez?

E' innegavel. « Se por declinações houvermos de entender as diferentes relações e circumstancias, que exprimem os nomes por meio das preposições de que nos servimos, e com as quaes fazemos variar essas relações e circumstancias, *por certo temos declinações, e é a esta luz que nós as consideramos, e distinguimos os casos.* »

Assim se exprimia, no *Genio da Língua Portuguesa*<sup>1</sup>, EVARISTO LEONI, que reforça esta lição com a de ROQUETE<sup>2</sup>: « Os grammaticos vulgares têm commettido *atd-gora um grande erro*, dizendo que os casos são as differentes terminações dos nomes; e, como nas linguas portuguesa, castelhana, franceza, italianá, etc. não ha terminações de nomes, como na grega e latina, decidiram pedantemente que naquellas linguas não havia *casos*. Este erro vem de uma falsa interpretação. A palavra *caso* deriva-se de *casus*, que significa, na verdade, queda, desinencia; mas significa tambem *acaso, accidente, circumstancia*. A primeira acceção, toda material, fez com que se não curasse da segunda, que é logica; daqui o engano, que a força do habito e a falta de reflexão têm perpetuado nesciamente. Se se houvesse tomado na segunda acceção, ha muito que se teria deduzido della a definição logica, que acima lhe damos. Tenhamos, pois, por assentado que as linguas latina e grega tinham casos em ambas as acceções: *as modernas só os têm na segunda, os quaes se formam por meio de particulas.* »

Desenvolvendo estas idéas, mostra LEONI (p. 190) como, « perdidas as desinencias dos casos, *passaram estes a ser designados por meio de preposições*; de um modo analogo ao por que o são no Latim o accusativo e o ablativo. » Em « *Livro de Pedro* », acrescenta elle, applicando, « está Pedro *em genitivo* ». Continuando, observa, ao deante (p. 193), que o *dativo* se indica mediante a preposição *a*, e acaba por notar que, no tocante ao accusativo e ao ablativo, *os casos* « nada soffreram » com a eliminação das flexões terminativas, « continuando a ser indicados com as preposições com que d'antes o eram ». (P. 193-4.)

De accordo com este sentir, ensinava BLUTEAU (v. I, p. 181) que o verbo « *agradar* tambem algumas vezes se constroe *com accusativo*. »

171.—Bem sei que com isso não conforma a theoria moderna, ante a qual, salvo a respeito dos pronomes, se considera scien-

<sup>1</sup> Lisboa, 1858. Vol. I, p. 130.

<sup>2</sup> *Grammat. da Ling. Franc.* (Paris, 1830), p. 20.

tificamente inapplicavel a designação de *casos* aos idiomas, cujos substantivos não indicam mediante o variar nas desinencias as relações que dest'arte se discerniam entre os latinos. (AYER: *Grammaire compar. de la lang. franc.* p. 162-3. *La Grande Encyclopédie*, v. IX, p. 639.)

Não obstante, a analogia logica subsiste entre o jogo das flexões no latim e o das proposições no portuguez, tanto mais naturalmente quanto naquelle umas e outras muita vez se associavam, por designar os *casos*. Nada obstaria, pois, em boa razão a que, no correr da linguagem usual, por condensar a phrase, indicassemos, como fiz, sob a expressão de *nominativo* o sujeito do verbo, sob a de *accusativo* o seu complemento directo.

Os mais autorizados escriptores nossos assim procederam.

Haja vista FILINTO ELYSIO: «

« Não lendo; que pelo aranzel adeante acharão *uns embryões, que são o accusativo* deste verbo *vi.*» (Obr., v. V, p. 205.)

« Eil-o que chega o *ronceiro accusativo.*» (Ib., p. 206.)

« Estes perluxos francezes, com as suas clarezas de estylo, co'o seu pautado *nominativo*, verbo e *caso.*» (Ib., p. 348.)

« Se eu escrevesse em francês, que é uma lingua qu'vae como o Padre nosso enfiadinha por *nominativo*, verbo e *caso.*» (Ib., v. V, p. 96.)

« Toda a nossa lingua (mênos as orações correntes e mpentes de *nominativo*, verbo e *caso*, como — Pedro ama a Deus —) são hyperbatos.» (Ib., 181.)

« A labareda é o *nominativo* desta oração, *arremessa* é o verbo, e o *accusativo* é *alma ingente.*» (Ib., p. 214.)

« Tanto com os taes *fados*, que os puz eu aqui em *nominativo.*» (Ib., v. XIII, p. 231.)

FRANCISCO DIAS, o famoso critico e consummado grammatico lusitano, analysando uma obscura passagem de FERNÃO LOPES, assim discorre: «

« Em que *caso* está o *Castello de Lisboa*? Se está em *nominativo*, qual é o verbo que indica a sua accção? Se é *accusativo* do verbo *tomar*, ou elle, ou o artigo *o* antes desse verbo redundia; porque em tal caso ficam sendo *dois accusativos*, um dos quaes é absolutamente desnecessario, e ainda que se tirasse o artigo qu'o faz o *segundo nominativo*, ficava sem a oração grammatical, mas não pura.» (Memórias de Literatura Portug., v. IV, p. 34.)

Noutro lugar, a proposito de outra construcção portuguesa: «

« Onde está o *accusativo* deste verbo? » (Ib., p. 36.)

Com definir *caso*, de accordo com os estylos hoje correntes, a « desinencia variavel das palavras que se declinam » (*Dictionn. de la Lang. Fr.*, v. I, p. 498), reconhece LITTRÉ que, « por ampliação, ao sujeito da phrase, nas linguas que não têm *caso*, como o francês », cabe a designação de *nominativo*. (Ib., v. III, p. 743.) E se, por

extensão, nesses idiomas, a cujo numero pertence o nosso, é licito chamar *nominativo* ao sujeito, porque se não admittiria ao objecto do verbo a denominação de *accusativo*? Foi no uso dessa licença literaria que FÉNELON escreveu: « *En Français, le régime appelle aussitot un accusatif, qui ne peut se déplacer.* »<sup>1</sup>

## § 37

## Art. 119, V

## « DEFEITUOSA PROBIDADE »

172. — « Não ha probidade defeituosa », declara o mestre. « Se probidade é o apego severo aos deveres »; « se probidade é synonymo de integridade, honestidade »; « se o adjectivo *defeituoso* o mesmo vale que *imperfeito*: « pôde a probidade ser *estricta, austera, severa, rigorosa, escrupulosa, etc.* »; « defeituosa é que não pôde ser. »

Com o mesmo arrazoado em que se ella estriba qualquer logico de fracas posses provaria o erro desta sentença, aliás tão categorica e tesa, que me começou por deixar perplexo e atalhado.

Só ás qualidades susceptíveis de imperfeição podem caber os adjectivos, por onde a perfeição se discerne e exprime. Se não ha probidade *imperfeita*, toda a probidade é necessariamente *rigorosa, escrupulosa, estricta, severa*; porquanto, falseando á severidade, á estreiteza, ao escrupulo, ao rigor, terá incorrido em defeitos, e de ser capaz de os ter, é justamente que o mestre lhe sustenta a impossibilidade. Uma de duas: ou a idéa de *perfeição* é, como quer o dr. CARNEIRO, substancial á de *probidade*, e não haverá probidade, que não reúna todos aquelles caracteres; ou, se ha probidade, a que elles possam faltar, probidade há capaz de faltas, arriscada a faltas, isto é, *defeituosa probidade*.

O padrão metaphisico, a que o mestre submetteu o conceito de *probidade*, quadraria com a mesma justeza a cada uma das virtudes. Todas ellas são absolutas no archétypo divino; todas lacunosas em cada uma das suas imagens terrenas. E' o que o dr. CARNEIRO não vê, ou não quer ver.

Dada a fragilidade humana, pareceria natural que a *virtude*, nos melhores, tivesse as suas quebras. Mas a nova theoria só admitte a virtude estreme e intemperata: a dos santos, ou a dos estoicos. E que diremos então da sciencia? Poderá ter falhas? Não pôde; visto que *falhar*, em materia de saber, é *ignorar*. Em não abrangendo, pois, quando menos, o cognoscivel todo na sua universalidade, usurpou a *sciencia* o nome, de que usa. No rigor logico, *sciencia que não sabe*, é proposição que se implica nos seus termos. Não haverá,

<sup>1</sup> Apud LAROUSSE, v. I, vº. *Accusatif*.

pois, meio termo entre o apedreuta e ARISTOTELES. Ou tudo, ou nada: ou sciência, ou ignorancia. Em assumptos de honra, por egual, ou LUCRECIA, ou MESSALINA; ou CATÃO, ou CARTOUCHE. Coragem, bravura, intropidez, tambem, só a dos heróes. Ou BAYARDO, ou cobarde. Não concebê o dr. CARNEIRO ás qualidades moraes, a não ser no superlativo da sua idealização cabal. A honestidade, que não for sem jaça, como os diamantes raros, perdeu o jus aos foros de honestidade. Em improbidade para logo degenerou a honra, se lhe aconteceu passar pela mais leve tira. Moral com eclipses, religião com peccados, caracter com desvios não se concebem. Eis onde vae parar a philosophia do mestre.

VIEIRA, com todas as austorezas do pregador, com todas as severidades do pulpito, era menos absoluto, reservando tão sómente á virgindade essa condição extrema de não tolerar deslize, de não admittir diminuição, nem augmento. « *Se fallara* », dizia elle, « *de qualquer outra virtude, não tinha difficuldade esta doutrina.* Mas da virgindade, parece que não pôde ser, porque a virgindade *consiste em indivisivel.* E' uma inteiroza perfeita, incorrupta, intemerata, que não pôde crescer, nem minguar, nem admitte mais ou menos.» (Sermões, v. I, p. 103.)

« A' combien de désirs il faut que l'on s'arrache,  
Si l'on veut conserver une vertu sans tâche »,

versejava CREBILLON; e *vertu sans tâche*, escreve CHARPENTIER<sup>1</sup>, trasladando a francês o *probitatis spectatae*<sup>2</sup> de TACITO.<sup>3</sup> De onde se vê que, na expressão dos merecimentos humanos, não é incompativel com a nota de virtude a reserva de *maculas, taras, lacunas, defeitos.*

« Qui n'aurait que *la probité que les lois exigent*, serait encore un assez malhonnête homme », escrevia DUCLOS: « bem improbo seria aquelle, cuja probidade não passasse da exigida nas leis »; o que nos mostra do padrão legal ao padrão moral da probidade quanto vae a dizer. « *La probité d'un avare n'est pas moins suspecte que l'honneur d'une coquette* », dizia COEUILHÉ: « a probidade de um avarento não é menos suspeita que a honra de uma loureira »; e ainda aqui se descobre quantas differenças medeiam, socialmente fallando, entre probidade e probidade. Era MASSIAS quem advertia « *qu'on répare difficilement les fautes contre la probité, jamais celles contre l'honneur* »; onde se vê como os peccados contra a probidade nem sempre a destroem, antes della mesma sae a força de os reparar.

Não seria acaso a idéa de probidade susceptivel de comparação? não compadeceria a noção usual de intensidade e desenvolvimento

<sup>1</sup> Edic. Garnier. Vol. I, p. 398.

<sup>2</sup> E não *spectatae probitatis*, como está em FREUND, *Dicc.*, v. II, p. 900.

<sup>3</sup> *Annal.* XIII, 42.

maior, ou menor, isto é, de augmento e diminuição? Mas os latinos tinham *probissimè*. (TERENCIO, *Adelph.* III, 3, 65), que nós verteriamos *probissima* ou *honradissimamente*. PLINIO disse *probissimus vir*. (II ep. 9; e X ep. 95.) CICERO: «Modestior rex, et probior et integrior.» (X *Ad. Alt.*, 17.) E PLAUTO: «Esse probiorem quam ipsus fuerit, postulet.» (*Pseul.* I, 5, 23.) A propria concepção de *integridade*, no padrão relativo da nossa linguagem, não escapa á idéa commum de graus. «Quid hac quæstione dici potest *integrius*?» exclamava CICERO. (*Pro Mil.*, 22.) E não tinham elles *integerrimè*, *integerrimus*, como nós *integerrimamente*, *integerrimo*? «*Asiam integerrimè* administravit.» (SUETONIO: *Vespas.*, 4.)

Se a *probidade*, logo, humanamente fallando, pôde ser maior, ou menor, mais ou menos perfeita, é que será também capaz de imperfeições. E de homens não seria ella, se o não fôra. Se a probidade não tolerasse máculas, como se poderia fallar em *probidade immaculada*?

173.—O mais curioso é, porém, que contra o panegyrista do projecto não tenho eu menor argumento que o seu proprio texto; contra o dr. CARNEIRO não me vale autoridade menor que a delle mesmo. Se o meu substitutivo resa «pessoas de mau procedimento ou *defeituosa probidade*», o texto substituido resava «pessoas de mau procedimento ou *falhas em probidade*». Mas que vem a ser *pessoas falhas em probidade* senão pessoas cuja probidade tem falhas? E *probidade que tem falhas* não é probidade falha, ou *defeituosa probidade*?

Contestavel será o epitheto adoptado no projecto, não, porém, com o argumento allogado, mas, bem ao contrario, com o opposto; isto é, não porque não haja *defeituosa probidade*, senão, muito ao revez, porque, no fim de contas, humanamente fallando, não haveria probidade sem defeitos.

## § 38

### Art. 426

#### «INSOLVABILIDADE»

174.—Neste ponto está de accordo com a minha emenda o illustre dr. CARNEIRO.

Pondera aliás, em sentido contrario, o uso commercial e a circumstancia de já se achar registada a palavra em FERREIRA BORGES, MORAES e FR. DOMINGOS VIEIRA. Mas FERREIRA BORGES não é dos autores mais escrupulosos em materia de vernaculidade. O seu *Diccionario Juridico*<sup>1</sup>, a par de *insolvabilidade*, que com o seu voto se pretende sustentar, legitima francezias, como a de *budget*.

<sup>1</sup> Ed. de 1836. P. 59 e 141.

por orçamento. MORAES, nas suas ultimas elições, e DOMINGOS VIEIRA nem sempre se podem haver como pedra de toque, desle que nelles se acham apontadas expressões como *conducta*, na accepção de *procelimento*, e o gallicissimo *detalhe*, ambas as quaes o mestre, em sua *Grammatica* (p. 433), averba de *barbarismos*.

Das leis portuguezas modernas é o codigo civil a que tom autoridade classica; e nelle o que se acha, quanto a este particular, é:

*Solvencia*: arts. 794 e 795.

*Insolvencia*: arts. 753, 836, 1.033, 1.036,  
1.043, 1.326, n. 4, 2.123,  
§ un.

*Insolvente*: arts. 751, 1.257 e 2.161.<sup>1</sup>

Entendo, portanto, que moramente á conta de negligencia deveremos levar o *solvabilidade*, a que resvalou *uma só vez*, no art. 827. E isso tantomais quanto de semelhante vocabulo, ou seus derivados nunca se utilizou A. HERCULANO em seus escriptos. *Insolvent* e *insolvel* são as expressões, de que se elle sempre serviu. «Cremos», dizia, por exemplo, «que a vossa divida é *insolvel* e *insolvel* a divida das gerações que vierem após nós.» (*Opusc.*, v. VIII, p. 209.)

Este ultimo adjectivo, do qual mais se usa pelo commum em relação ao débito que ao devedor, nos bons moleles se emprega indifferentemente a respeito deste ou daquelle.

«Creio que os fidalgos, menoscabados de *insolueis*, pagaram todos.» (CAMILLO: *Noites de Insomnia* <sup>2</sup>, n. 2, p. 51.)

«O sr. Anselmo era *insolvel*.» (*Ib.*, n. 7, p. 94.)

Nem é a caturrice dos puristas que, em Portugal, se atem a *insolvencia*, e rejeita *insolvabilidade*. Deste ultimo vocabulo não me lembro de haver encontrado caso em EJA DE QUEIROZ ou RAMALHO ORTIGÃO. Antes este o refuga, duas linhas abaixo de um *assassinato*, na sua *Hollanda* (p. 140): «Segundo a velha lei hollandoza, nos casos de *insolvencia* do morto, a condessa viuva teve que pôr um vestido de emprestimo, para acompanhar á sepultura o cadaver do seu esposo.»

<sup>1</sup> Tambem é de *insolvencia* que usa o cod. commercial portuguez: «As alienações e pagamentos effectuados depois da *insolvencia*.» (Art. 748, § un.) «... que augmente a *insolvencia*.» (Art. 725.) E sempre assim. «Onde não ha *insolvencia* não pôde haver processo do fallencia», dizia em um discurso parlamentar o sr. HINTZE RIBEIRO. (Append. ao Cod. Commere. Portuguez, Coimbra, 1893. P. 417-18.) «Da quebra e da *insolvencia* no direito crimim. portug.» é o titulo de uma recente monographia, firmada pelo sr. J. PEDRO MARTINS. (Coimbra, 1901.) Leiam-na, e encontrarão, creio que sempre, *insolvencia* e *insolvente*. (P. 1, 3, 5, 13, 14, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 28, 41, 43, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 61, 62, 63, 65, 69, 70 e *passim*.)

<sup>2</sup> Porto, 1874.

§ 39

Art. 429

« O », POR « ISSO »

178.—Resava aqui o texto do projecto:

« Os bens do menor serão entregues ao tutor por inventario e avaliação, ainda que os paes tenham dispensado *essa formalidade.*»

Eu redigi:

« Os bens do menor serão entregues ao tutor mediante inventario e avaliação, ainda que os paes o tenham dispensado.»

E agora, tomando a mão, na controversia, entre os dois pareceres, contravem o mestre:

« A que se refere esse *o*? Ao vocabulo menor, tutor ou inventario, e avaliação? Se a estes dois devia dizer-se *os* e não *o.*»

Pois será seriamente possivel a duvida, que induz o mestre a esta opinião? Desconheceria elle a funcção amplissima do *o*, quando, como pronome complemento, substituindo a *isso*, ou *aquillo*, representa orações e series inteiras de orações, anteriores, ou posteriores?

« Do peccado tiveram sempre a pena  
Muitos, que Deus *o* quiz e permittiu,»

diz CAMÕES, nos *Lusiadas*. (III, 140.)

Vel-o ahi, esse *o*, complemento directo de *quiz*. Que é *o* que Deus quiz, e permittiu? *Isso* (e por *isso* está *o*); quiz *isso*: que muitos soffressem o castigo do peccar.

Melhor exemplo ainda:

« Ûa dellas maior.....  
.....  
Enchendo a terra e o mar de maravilha,  
O capitão illustre, que *o* merece,  
Recebe alli com pompa honesta e régia,  
Mostrando-se senhora grande e egregia.»

(*Lus.*, IX, 85.)

*Merece* tem por complemento directo esse *o*, que *o* precede. « O capitão illustre *o* merece»; a saber, *isso* merece o capitão illustre. *Isso*, que? Que «uma dellas», a maior entre todas as nymphas, *o* receba

« alli com pompa honesta e régia  
Mostrando-se senhora grande e egregia.»

As duas orações, a que se refere aquelle *o*, vêm após elle, em vez de *o* antecederem; e nem assim pareceu jamais a ninguém obscuro, naquelles versos, o sentido; antes não ha quem *o* não sinta claro e manifesto.

Exemplo ainda melhor:

« E vós, ó bom nascida segurança  
Da Lusitana antiga liberdade,  
E não menos certissima esperança  
De augmento da pequena Christandade,  
Vós, ó novo temor da Maura lança,  
Maravilha fatal da nossa cidade,  
Dada ao mundo por DEUS, que todo o mande,  
Para do mundo a DEUS dar parte grande;

Vós, tenro e novo ramo florescente  
D'ũa arvore de Christo mais amada,  
Que nenhũa nascida no Occidente,  
Cesárea, ou Christianissima chamada.  
(Vede-o no vosso escudo, que presente  
Vos amostrá a victoria já passada... )»

(Lus., I, 6-7.)

Neste passo, diz SOTERO<sup>1</sup>, «o adjectivo demonstrativo *o* representa, não só *o* que o poeta já disse em resumo, na proposição do seu poema, sobre as acções memoráveis dos portuguezes, mas ainda *o* que vae dizer sobre o mesmo assumpto na dedicatória que d'elle faz a D. Sebastião.»

De sorte que o ambito grammatical da acção indicativa exercida por esse monosyllabo em nossa lingua, abrangendo antecedentes e consequentes, na phrase, no periodo, ou nos periodos a cuja extensão elle estende o seu raio, não tem outros limites que os traçados pela idéa exprimida e sua enunciação vernaculamente correcta. E' a fórma neutra do latim *id*, representando indefinidamente, conforme ás circumstancias syntaxicas do caso, ora membros de orações, ora orações inteiras, ora «sentidos extensos e complicados».<sup>2</sup>

E' do autor do *Bôbbô*, á p. 243 desse romance, esta phrase: «Tructezindo fez-lhe uma visagem, de modo que elle *o* não visse.» O grammatico bahiano, com o olho em *visagem*, teria substituido o relativo masculino *o* pelo femenino *a*. Mas A. HERCULANO muy propositadamente escreveu *o*, tendo em mira toda a oração principal. «Não *o* visse», isto é, não visse que Tructezindo fize a uma visagem.

<sup>1</sup> *Postillas de Gramm. Ger.*, p. 70.

<sup>2</sup> *Ib.*, p. 60.

Vamos a outra autoridade summa. Olçamos a CASTILHO:  
 « — Nunca percas  
 Dessa idade, lhe disse, a alva innocencia. »  
 Jurou elle cumpril-o.»  
 (Faustos, II, p. 129.)

Neste o se contem representativamente a advertencia inteira de Cibelle a Attis, com a acquiescencia deste á exhortação da divindade amiga. Jurou Attis cumprir *isso*, ou *aquillo*, que lhe ella encommendara: « não perder jámais a alva innocencia da juventude. »

Noutro lugar, annotando o *Midsummer Night's Dream*, no que respicita ao titulo ducal de Theseu, escreve o traductor portuguez: «SHAKESPEARE só o poude empregar aqui como synonymo de tyranno (recebido o nome á boa parte), de rei, ou soberano de um estado; isso foi-o sem duvida Theseu para os athenienses. »<sup>1</sup>

D'outra feita, commentando as *Metamorphoses* <sup>2</sup>, tem este dizer: «Vêdo-me a ancia, com que o immortal ARIOSTO, no canto decimo, tomou ao nosso poeta, com a liberdade com que o costuma...»

O professor CARNEIRO aqui sobreviria, atalhando: «Costuma, que? O canto decimo? ou o nosso poeta?» São, *mutatis mutandis*, as perguntas, que na especie me faz. E toda a gente riria ao despropósito, enxergando sem candeia o que o ARIOSTO costuma: a liberdade em tomar de emprestimo idéas e fórmãs aos antigos poetas.

Traduzindo, noutra occasião, CORMENIN, saiu-lhe da penna esta phrase: «Tinha embirrado em a levar adeante, dêsse por onde dêsse, e sabia que o nosso mestre PEDRO havia de querer por força tirar-m'o da cabeça.» (*Colloquios*, p. 371.)

Que era o que mestre PEDRO queria por força tirar da cabeça ao FRANCISCO? O pensamento, em que este *embirrara, de levar adeante a sua demanda, dêsse por onde dêsse*. Sem um só nome, a que se refira, o demonstrativo *o* abarca e designa duas orações inteiras, posto entre elle e a ultima dellas medeie ainda toda uma sentença.

Finalmente, por derradeiro exemplo, tomo do *Fausto* (p. 247):

«Olço instrumentos,  
 Ou coisa que o parece.»

«Pareço, como?» dir-me-ia a sciencia do mestre. Pois o que *Me-  
 phistopheles* ouve não são instrumentos, ou coisa que *os* parece?  
 Como «o parece», se os instrumentos são muitos, e a elles é que se  
 parecem os sons escutados? Emtanto, CASTILHO não, errou. Ouve o  
 domo instrumentos, ou coisa que *isso* lhe parece. Este *isso* traduz-  
 se portuguezmente em *o*.

<sup>1</sup> *Sonho d'uma noite de S. João*, notas, p. vii.

<sup>2</sup> Pg. 304.

Assim, no meu trecho, em que mette a mira a censura magistral. Depois de estatuir que «os bens do menor serão entregues ao tutor mediante inventario e avaliação», accrescentei: «ainda que os paes o tenham dispensado.» Aqui fecha o mestre commigo, e salta com o meu substitutivo: «Dispensado, que? A avaliação? o inventario?» Nem uma nem outra coisa; ou antes, uma e outra coisa juntas. Dispensado *que os bens sejam entregues ao menor por inventario e avaliação.* E' isso o que os paes em vão dispensariam; e, por isso, em lugar d'isso, o demonstrativo *o* a mesma coisa exprime, referindo-se, não aos substantivos, mas á oração, que o precede.

Objectar um mestre, nesse tom e com esse aprumo, a construcção vernacula tão illibada e de uso tão vulgar, desconhecê-la de português corrente e recente, difficilmente o conceberá quem não reflectir no que são criticos, em lhes toldando o juizo a estima de suas proprias obras.

Escreveu MANUEL BERNARDES, na sua *Nova Floresta*<sup>1</sup>: «Que o que baila, e dança, tem parte de louco e furioso, basta vel-o de fóra, para confessal-o.» Não está claro, diria o professor CARNEIRO. A que allude este *vel-o*, este *confessal-o*? A *furioso*? A *louco*? Ao *que baila*? Mas todos os que não possuem o dom, conferido a certos grammaticos, de não enxergar o que toda a gente enxerga, claro estão vendo que o demonstrativo *o*, nas duas ultimas orações, allude ao conjunto das tres anteriores: «*que o que baila, e dança, tem parte de louco e furioso.*» Basta *vel-o* de fóra, isto é, basta de fóra ver isso, ver *que tem parte de louco e furioso aquelle, que baila e dança*, para o confessar; quer dizer: para confessar que *assim é*, que *esse tem parte de louco e furioso.* Tamanha expressão tem, com uma só letra, esse simples *o*.

Tanto mais digna de nota é a redacção neste lance, quanto se podia ter dito, sem o demonstrativo: «Que o que baila, e dança, tem parte de louco, basta ver de fóra, para confessar»; fórma de construcção invertida, que se reduziria á natural, deste geito: «Basta ver de fóra, para confessar, que o que baila, e dança, tem parte de louco o furioso.» O escriptor, porém, transpoz. Não contente de transpor, valeu-se duas vezes do adjectivo demonstrativo. Dir-se-á que soffresse com isso a elegancia habitual de BERNARDES? que se eclipsasse a sua costumada clareza? Muito ao contrario, sem quebrar da lucidez, a que tão usado é, deu á phrase outro vigor, outra precisão á idéa.

Grammatica semelhante vem a ser, ainda, a de AL. HERCULANO aqui: «Os corpos vieram; mas as almas... Eu sei?... Ficaram-lhes lá. Ao menos *parece-o.*» (*O Monge de Cister*, v. II, p. 41.)

176. — Depois, não temos, para o caso, menos autoridade que a do proprio philologo bahiano, cuja critica, annotando o meu sub-

<sup>1</sup> Ed. de Lisboa, 1759. Vol. II, p. 4.

st. tutivo ao art. 1.084 do projecto, houve por bem adoptal-o. Digo eu alli : « Se a accettazione, por circumstancia imprevista, chegar tarde ao conhecimento do proponente, este communicar-o-á immediatamente ao accoitante.» A que se refere este o? A *proponente*? Não, ao conteúlo inteiro da oração anterior. E, todavia, o dr. CARNEIRO o subscreeve.

§ 40

Art. 432, IV

« DE-TINADOS À VENDA »

177. — Tem por necessario e impreterivel o dr. CARNEIRO ao signal da crase na sentença : «Alienar os objectos destinados d venda.»

Neguei-o eu, e nego.

Que vem a ser *crase*? Uma figura do grammatica, responde MORAES, pela qual se contraem duas vogaes em uma só. Assignalado com o accento agudo, indício da crase, o *a*, dizia BLUTEAU, «equipolle a dois *aa*, para evitar o hiato». (*Vocab.*, v. I, p. 4.) Logo, não soffre duvida que só se admite accentuação tal, quando no *a* se fundir com a proposição o artigo feminino. Não haverá contração, desde que se não amalgame no mesmo *a* o prepositivo com o articular. Não havendo contração, não haverá crase. Não havendo crase, não caberá o accento.

« A maneira de nuvens se começam

A descobrir os montes que enxergamos»,

canta o poeta dos *Lusiadas* (V. 25), estampando no rosto a dois versos successivos o duplo exemplo do *a* com e sem a contração. No segundo é manifesta a ausencia della; no primeiro a sua presença. E por que? Porque o primeiro *a* se decompõe na preposição mais o artigo, podendo-se escrever, se não fôra o hiato: «*A* maneira de nuvens.» Indica-se a maneira dos montes, que se começam a enxergar, mediante o complemento, «*de nuvens*». *De nuvens* era a maneira, com que aquelles montes se amostravam.

Em

« Villas, castellos toma d escala vista »

(*Lus.* VIII, 25.)

ocorre o mesmo. *Escala* é a escaia (lat. *scala*), arrimada aos muros para escalar a fortaleza. «Levar d escala vista» quer dizer accommetter a descoberto a praça por esse meio de guerra. Diriamos «toma a a escala vista», como os antigos diziam, se o não vedassem hoje as leis da euphonia.

(Mas, em não havendo a determinação, isto é; o artigo, por onde se ella expressa, já não tem logar o uso do accento. Por isso escreveu CAMÕES : «Vem a fazenda a terra». (VIII, 94.) Não era possível dizer *a a terra* ; porque o substantivo allí está indeterminadamente. O mesmo na subseqüente estrophe :

« Elle, vendo que já lhe não convinha  
Tornar a terra.....»

Teria escripto «á terra», se dissesse *terra da Índia*, ou *terra de Calecut*, ou *terra do Calutã*, como no canto anterior, estrophe 16 :

« Tanto que a nova terra se chegaram.»

Aqui o adjectivo *nova* estabelece a determinação, e a determinação impõe o accento.

Vêdo como se elle distribue nesta passagem do GARRET: «D. Manuel, ajudou-o muito a fortuna ; mas sua felicidade não a deveu ao acaso, sim *a* natureza de seus conselhos, *a* constancia e firmeza de sua resolução, *a* sua instrução, *a* sua generosidade, *a* boa fé de seus tratados, *a* agudeza com que sempre discerniu os homens de talento, *a* sua justa e temperada severidade, *a* seu amor das sciencias, sua religião verdadeira e san.»

Desses exemplos, que não custaria reunir a montões, emanam tres regras:

1º) que não se ha-de accentuar o *a* senão antes de palavra feminina, clara, ou subentendida ;

2º) que a palavra ainda feminina, exclue o accento, se não admitir a anteposição do articular *a* ;

3º) que, embora susceptivel dessa anteposição, não se accentuará o *a* antes do vocabulo feminino, quando este se tomar em sentido generico, indeterminado.

E' o que um professor paulista, o sr. THOMAZ GALHARDO<sup>2</sup> expendeu cabalmente :

« Escreve-se », diz elle, «*gotta a gotta*, e não *gotta à gotta*».

« Porque ?

« A palavra *gotta* pertence ao genero feminino, e admite artigo.

« Qual a razão, pois, de se não realizar a contracção naquelle caso ?

« E' por não estar aquella palavra tomada em sentido determinado.

« Como conhece-o facilmente ? Qual a regra pratica ao alcance de todos ?

<sup>1</sup> Assim, em A. HERCUL: ( *O Dóbo*, p. 161 ) : « Dirigiu-se para Garcia Bermudes, que entregue a distracção melancolica, se encostara á balaustrada. »

<sup>2</sup> *Monographia da letra A.* 2ª ed., S. Paulo, 1884: P. 7, 15, 16, 17 18-20, 35, 39-43.

« JULIO RIBEIRO escreve «bater-se a espada», «matar a pistola», não accentuando a preposição *a*.

« A razão é porque, em taes phrases, as palavras *espada* e *pistola* estão tomadas em sentido indeterminado, indicando genericamente o instrumento.

« Além disso, comparando-se essas phrases com outras equivalentes, em que, em vez de ser o instrumento indicado por termo feminino, o seja por palavra masculina, vê-se que este não exige artigo.

« Dizemos *bater-se a florete*, e não *bater-se ao florete*.

« Ora, se, neste caso, considerando-se o sentido generico em que está empregada a palavra *florete*, não ha artigo, naquelles, pela mesma razão, não o ha; não devendo, consequentemente, ser accentuada a preposição.

« Além disso, aquellas duas proposições *bater-se a espada* e *matar a pistola* não podem offerecer outro sentido, senão o que lhes é proprio, tornando-se assim desnecessaria a determinação.

« Nessas condições não se acham as duas proposições *bater a porta* e *bater a porta*, que significam coisas diversas.

« Comparando-se esta locução *bater a porta* com outra, em que, em vez do termo feminino, se emprega vocabulo masculino, se vê apparecer o articular: *bater ao portão*, e não *bater a portão*. Ora, se neste caso a phrase admite artigo, naquelle tambem o admite, e, portanto, ha contracção da preposição com esse artigo, motivo pelo qual é imprescindivel o accento.

« Se empregarmos o mesmo processo comparativo, substituindo pelo substantivo masculino *lapis* o termo feminino *tinta*, empregado por JULIO RIBEIRO no seguinte trecho: « Todos os exemplares... serão numerados *a tinta vermelha* », vemos que a palavra *lapis* não é precedida do artigo, pois não se escreveria « serão numerados *ao lapis vermelho* ». Ora, não havendo artigo com o emprego da palavra *lapis*, tambem não o póde haver com o substantivo *tinta*; e consequentemente falta o segundo elemento da contracção.

« Nesta phrase *o caçador carregou a espingarda a bala* não ha contracção antes da palavra *bala*, o que se verifica, substituindo esta pelo vocabulo masculino *chumbo*: *O caçador carregou a espingarda a chumbo*, e não *ao chumbo*. Se neste caso não concorrem os dois elementos da contracção, tambem não concorrem naquelle. Logo, a preposição *a* não deve, na phrase acima, ser accentuada antes da palavra *bala*.»<sup>1</sup>

Estas verdades grammaticaes me parecem ineluctaveis, sendo o criterio dellas resultante o unico, adequado juntamente á razão e ao uso, de aferir as crases e distribuir o accento.

<sup>1</sup> *Ib.*, p. 33-41.

Ora foi valendo-me desse criterio que eu conclui contra o accento na locução « *objectos destinados a venda* ». Substitui *venda*, expressão de um contracto, por *aluguer*, significação de outro. Que me ficou ? Não *objectos destinados ao aluguer*, mas *objectos destinados a aluguel*. Logo, inferi, não havendo artigo antes de *aluguer*, não o pôde haver antes de *venda*. Mas, não occorrendo o artigo, não se realiza a contracção. Logo, em *a venda*, nessa locução, era descabida a crase.

178.— Contradizendo-me, sustenta o mestre a orthographia *duelo à pistola*, *duelo à espada*, em vez de *a espada*, *a pistola*; e, para este effeito, embrulha com essas expressões outras mui diversas, taes como *colher à mão armada*, *à capucha*, *à gineta*, *à marialva*.

E' misturar alhos a bugalhos.

*Colher à mão armada* está realmento certo; mas isso justamente porque o epitheto de *armada*, accrescentado a *mão*, a determina. Não é *à mão livre*, nem *à mão solta*, nem *à mão tente*, sim *à mão provida de armas*. Determinou-se, pois, a natureza, o estado ou a maneira de obrar da mão, com que se colhe; e, determinando-se, para logo se justificou o uso do artigo, origem da contracção, ensejo da crase e motivo do accento.

Semelhantemente acertará quem disser *à capucha*, *à gineta*, *à marialva*. Mas por que? Porque a determinação ahi está, bem que ellipticamente. São *maneiras*, ou *modas*, que esses adjectivos qualificam. Assim dizemos: *à francesa*, *à inglesa*, *à portuguesa*, *à estrangeira*, *à formiga* (BLUTEAU, v. I, p. 4-5); *à hespanhola*, *à grega* (LEONI, v. II, p. 23); *à doida*, *à propria*, *à chucha caladinha* (CASTILHO: *Fausto*, p. 148, 151, 346); *à Filinta* (CASTILHO: *Metamorph. prol.*, p. xx.); *à cortezã* (VIEIRA: *Serm.*, v. III, p. 201); *à farisaica*. (BERNARDES, *Nov. Floresta*, IV, p. 80.)

Ou assim não será? Ou não estará subentendida allí a palavra, cuja ellipse afflirmo? Tanto está, que JULIO RIBEIRO ensina a escrever « *ve tido à Luiz XV* », « *estylo à Camões* ». <sup>1</sup> Em taes locuções diz elle, « *há a ellipsis da palavra moda* ». (*Grammat.*, p. 20, n. 53.)

Quando SOUSA escreve: « *la fugindo à rédea solta* » (*Vid. do Arc.*, l. II, c. 20), precisou a maneira de estar a rédea, frouxa, e não apertada. Quando CAMÕES diz:

« *Vão correndo e gritando à bocca aberta* »

(*Lus.*, IV, 21.)

o epitheto *aberta* opera a determinação, a que o artigo responde. Quando CASTILHO redige « *as mãos choias* » (*Metamorph.*, p. 303), e CAMILLO « *à competencia de bellezi* » (*Narcot.*, p. 136), num caso o restrictivo de *belleza* determina a especie da compo-

<sup>1</sup> « *Escrevo á Latino Coelho* ». GALVARDO, *op. cit.*, p. 15-16.

tencia, a que se allude; no outro o adjectivo *cheias* o estado das mãos, em que se falla. Analoga a essas, é a hypothese da locução «*d falsa fé*», em BLUTEAU. (*Loc. cit.*)

Se usamos «*d meia noite*» (CAMILLO, *O Esqueleto* <sup>1</sup>, p. 108), é que temos em mente *determinada* hora da noite, a noite já meitada, a noite em seu meio. Na phrase «*comiam ds horas*», de CAMILLO (*ibid.*, p. 102), se te á de subentender, por ellipse, *ds horas certas, ds horas precisas, ds horas do costume, ds horas de preceito*; e por isso é que, em logar de *as horas*, alli se escreve *ds horas*.

Razão ogual justifica o «*d custa alheia*», de CASTILHO (*Fastos*, v. III, p. 35), e o «*d custa dos ignorantes*», empregado pelo mesmo autor nos *Colloquios Aldeões* (p. 294), bem como o «*ds mãos de um creado*», phrase de CAMILLO. (*As Tres Irmãs* <sup>2</sup>, p. 23.)

179.—Mas onde não se operar determinação, onde, portanto, não couber o artigo, não se poderá legitimar a crase. Só á conta do inadvertencia e casualidade se hão-de levar exemplos como estes: «*anterior d todas as linguas*» e «*d elles, como d nós*», em escriptor da competencia de SOTERO (*Postill.*, p. VII, XI), que, no mesmo livro, assim escreve: «*Se, neste caso, sempre se refere a pessoa indeterminada*», e: «*Porque se refere a pessoa determinada.*» (P. 55 e 59.)

Nestes ultimos dois lances temos, correctamente, a indeterminação repellindo o articular, e oppondo-se, em consequencia, ao accento. E' o que se dá nas phrases *crescer a baleia, subir a andorinha, subir a aguia, inchar a rã a elephante*, deparadas em MORAES. (*Dicc. in vº A.*)

Como se dirá? Vou a casa? ou vou á casa? Vou a casa. «*Voltar a casa*», diz CASTILHO (*Colloq.* p. XX); «*de escola até casa*», o mesmo autor (*ib.*, p. 48); «*quando cheguei a casa*», elle ainda (*ib.*, p. 237); «*foram dar a casa*», CAMILLO (*As Tres Irmãs*, p. 22); «*vou a casa*», MORAES (*loc. cit.*); «*E nos vem buscar com elle a nossa casa.*» (VIEIRA: *Serm.*, v. V, p. 200.)

Porque, nesses casos, o nome, vernaculamente, não demanda artigo. E' o que se tira a prova nas locuções em que o substantivo *casa* entra com a preposição equivalente *para*. «*Resolveu-se o prodigo a tornar para casa do paç.*» (VIEIRA: *Serm.*, v. II, p. 293.) «*Para casa dos vossos parentes.*» (HERCULANO: *Opusc.*, v. I, p. 151.) «*Depois tornarem para casa.*» (CASTILHO: *Colloq.*, p. 109.) «*Tinham tomado para casa.*» (*ib.*, p. 194.) «*Desandei para casa.*» (*ib.*, p. 283.) «*Quando voltou para casa.*» (BERNARDES: *N. Floresta*, IV, p. 144.) «*Eu me irei para casa de minha mãe.*» (*Eufros*; IV, 2.)

180.—Logo, embora muitos o hajam escripto, não se pôde autorizar, portugüesmente, o accento nas expressões *dvelo a espada*,

<sup>1</sup> Ed. de Lisboa, 1902.

<sup>2</sup> Ed. de Lisboa, 1902.

*conflicto a pistola. Diz-se duelo, ao florete? Diz-se conflicto ao punhal?* Não se diz. E porque? Porque, em ambas as locuções, a qualidade das armas se indica genericamente. De onde resulta ser allí inadmissivel o artigo e, portanto, o accento. Quem tem razão, pois, é JULIO RIBEIRO contra o professor CARNEIRO. «Ganhadas a montante», diz CAMILLO. (*O Esqueleto*, p. 108.) E que vem a ser *montante*? Um genero de espada, que se moneava, pela sua grandeza, a duas mãos. Ganhar a montante, vencer a montante, pelear a montante, é como se dizia, logo, em português: nunca, «ao montante.» Troquê-se um em outro nome do mesmo instrumento, uma em outra casta da mesma arma de guerra: troque-se montante em espada. Não se diria «a o montante». Logo não se poderá dizer «a a espada». E a *montante*? Ha-de ser a *espada*.<sup>1</sup>

«Ainda assim», escrevia o padre VIEIRA, «eu antes quizera as suas ordens por papel que a boca.» (*Cartas*, v. IV, p. 55.) Porque não disse *a boca*? Pela mesma regra, invocada no meu primeiro trabalho e arbitrariamente contestada agora, de que «se omitta o artigo, quando as coisas são designadas indeterminadamente». (JOÃO RIBEIRO: *Grammat.*, p. 157.) E, se aqui não se diz *a boca*, porque se diria allí *a espada*?

O mesmo quanto ás demais locuções, a que o professor attribue como de necessidade o accento: *a roda de*, *a força de*, *a custa de*.

«A *custa de*» encerra crase, e não prescinde, portanto, do accento, em razão de trazer necessariamente após si um complemento, cujos termos indicam a pessoa, ou coisa, a expensas da qual se opera o facto enunciado:

«Só folga extraviar-se em labyrinthos  
De selvatico horror, trajar á custa  
Das feras, que prostrou.»

(CASTIL.: *Metamorph.*, p. 38.)

Ferido pelas setas do amor, Apollo embrenhou-se pelas selvas, onde já não veste senão *a custa das feras, que mata*.

Com *a força de*, o mesmo caso. A segunda preposição, o *de*, está exigindo uma palavra, ou sentença, que perfaça o complemento determinativo:

«A *força de azas*»

A palmeira da gralha o segue, o alcança.»

Diz-se tão sómente que a gralha o encalça, *a força*? A ser assim, não haveria que accentuar o *a*. Mas o que se narra, é que ella o persegue «*a força de azas*»; e com este *de azas* temos especificada *a força*, de que se vale o acoçador.

<sup>1</sup> No mesmo sentido, com JULIO RIBEIRO e THOMAZ GALHARDO, se pronuncia RAGGIO NOBREGA: *Estudos de português*, (Campinas, 1900), p. 22.

Assim igualmente com «*a roda de*». *Correr a roda*, ou *dansar a roda* não obrigariam a accentuação. Mas, em sendo *a roda de* alguém, ou *de alguma coisa*, a individuação desta, ou da pessoa, de *roda de* quem se opera o movimento, presuppõe o artigo, e força ao accento: «Assim têm *a roda de* si muito bem patentes as leis, que lhes é preciso ver.» (CASTIL.: *Colloq.*; p. 298.) «Astro de brilhante intelligencia, *a roda do qual* gyravam.» (A. HERC.: *O Monastic.*, v. III, p. 12.)

Não tendo reflectido no assumpto, commetteu o mestre esses desacertos, que remata, fazendo-me outras correções visivelmente erradas:

181. — Dissera eu: «O devedor que paga, tem direito a quitação.» Emendou o mestre: «*a* quitação». Mas emendou mal. Substituamos quitação pelo seu congêneres masculino, o vocabulo *recibo*. Não se diria correctamente: «tem direito a *recibo*»? Por certo: em *ao recibo* seria por demais o artigo. Mas *direito a recibo* = *direito a quitação*. Logo, sendo o articular demasia na primeira phrase, demasia fôra o accento na segunda.

182. — Escrevi eu: «exigir que se afastem do limite distancia igual *a* metade.» Emenda o mestre: *a metade*. E porque não *a metade*? As *metades*, em qualquer todo, são *duas*, como os terços três, e quatro os quartos. Ora, assim como se poderia dizer indeterninadamente *um terço*, nada obstava a *dizermos uma metade*. Nada, senão a euphonia, aliás não offendida, se pronunciarmos, como se deve, *ũa* em vez de *uma*. Eliminou-se o *uma*, o artigo *indefnido*, como dantes lhe chamavam. A que viria, pois, sobre a particula prepositiva o accento, expressão do artigo *defnito*?

No proprio texto do meu substitutivo me depara o acaso, como *ad rem*, destrinçado o equivoco desse cochilo magistral. «Havendo filho legitimo, ou legitimado», resa o meu texto, no art. 1.609, § 1º, «só *a* metade do que a este couber em herança terá direito o filho natural.» O mestre emendaria: «*a* metade.» Porque? Por figurar no *a*, amalgamado á proposição, o artigo feminino. Mas alli mesmo, junto com esse, no § 2º, se diz: «Ao filho adoptivo tocará sómente metade da herança.» Que é do artigo? Não o ha. E' *metade*, em vez de *a metade*. No artigo 1.618, igualmente: «Herdará *metade*.» Onde o articular *a*? Não existe. Em lugar de *a metade*, é simplesmente *metade*. Como é, pois, que intervindo *a* preposição *a*, onde não occorre o artigo *a*, se poderia estabelecer a contracção *d*? O vocabulo *metade* não ha mister deixar a forma indefnida, que lhe é natural. Dizemos: «Quero *metade*. Peço *metade*. Deu-me *metade*. Ficou *metadé*. Não vejo nem *metadé*. Basta *metade*. Cedeu *metade*.»! Sempre sem o artigo. Raramente, portanto, com esse termo se verificaria a emergencia grammatical da crase.

<sup>1</sup> «Penetrava indecisa *até* meia área.» (A. HERC.: *O Monastic.*, v. II, p. 46.) E não *até á* meia.

**183.** — Onde eu redigira «destinado a cultura», me sobreveio o mestre com o quinaú : «a cultura. » Terceiro desacerto. Se eu me tivesse referido á cultura de *árvores, á de legumes, á de flores* ; se a expressão, em summa, particularizasse uma dentre as culturas possíveis, calharia a censura. Mas occupando-me, como me occupi, com a cultura em sua generalidade, não podia escrever, senão como escrevi: «destinado a cultura». Para tirarmos a prova, em lugar de *cultura*, imagine-se *amanho, poisio, ou descanzo*. Como diríamos? Terreno destinado *ao amanho*? terreno destinado *ao poisio*? terreno destinado *ao descanzo*? Não: destinado *a amanho, a descanzo, a folga, a poisio*, é que era. «Herdades dos menores não se cultivam, e jazem em poisio», rezam as *Ordenações Affonsin*. IV, 299. «Em poisio», e não «no poisio». Logo, se é «terreno destinado a poisio», tem de ser «terreno destinado a cultura», sem artigo no segundo, tal qual no primeiro caso.

**184.** — Tendo eu escripto: «se esse accrescimo for devido a mudança na maneira de exercer a servidão», carrega-me o censor outra nota má, accentuando a preposição anteposta a *mudança*. Mas alli não se determina mudança nenhuma, das figuraveis na maneira de exercitar a servidão. Falla-se indeterminadamente em todas, em qualquer, ou em alguma dellas. E' o generico, o indefinido, entre as hypotheses de mudança na fôrma do exercicio daquelle direito. Esse generico, esse indefinido exclue o artigo definito. Tinha eu, pois, acertado, e mais uma vez claudicou o mestre.

**185.** — De outras incorrecções ainda me argúe elle : «encostar a parede do visinho» ; «será imputada a meação do conjuge devedor» ; «roubo a mão armada».

Dellas me argúe, mas guardando segredo quanto aos logares, onde as encontrou. Ora esse direito não lhe assistia. Quem accusa, documenta. Topando em erros meus, devia por-lhes o dedo a cada um no seu logar, para que o réu, convencido, ou innocente, confessasse, ou se defendesse. Dessa garantia tanto mais fundamentos me tocam para fazer questão, quanto, no caso do art. 199, que a seu tempo ventilarei, mostra o censor um texto meu deturpado, truncado e falseado, para offerecer base á censura.

Quero, porém, acceitar os tres ultimos reparos enumerados, como acceitei os quatro anteriores: acceital-os *sem verificação*. Ahi, de feito, era de rigor o accento no *a*. Devia estar impresso: «á parede» ; «á meação» ; «á mão armada». Mas quem não sabe quão facil é á composição typographica o engolir um accento, e á revisão mais cuidadosa não n'o perceber?

Abra-se, de qualquer autor, de CASTILHO, por exemplo, um livro qualquer, a versão dos *Amores*, supponhamos. No vol. III, p. 23, lá está uma falta grosseira do accento:

« Por corto os deuses toleram  
As bellas a falsidade.»

No mesmo tomo, á p. 88, outra, e bem sensível:

«A mingua de accusadores,  
Tu propria, dos teus erros,  
Dás a denuncia e os signaes?»

Terceiro exemplo nos fornece nos seus *Colloquios Aldeões*, p. 183: «Bastavam-me os meus jornaes de sessenta dias a razão de 240 réis por dia.» Seria, grammaticalmente, «*d* razão», «*d* mingua», «*ds* bellas»; mas, por obra dos prelos, ficou: «*as* bellas», «*a* mingua», «*a* razão.» Eu não podia ter o privilegio de forrar-me, num trabalho composto e estampado a correr entre duas sessões parlamentares, a essas inadvertencias da officina, que os mais severos mestres não evitaram, em livros com tanto esmero e lazer impressos quanto escriptos.

Tambem o texto do projecto CARNEIRO, no art.574 (quando accuso, aponto), comeu a crase á sentença «*proceder d* demarcação», que lá se acha «*procedôr a* demarcação», como se houvera na lingua portuguesa um só exemplo legitimo de tal verbo, em tal sentido, com acção transitiva. Entretanto, não o apostillei eu, nem sequer sublinhei o erro, limitando-me, como é facil de ver, a corrigil-o no meu substitutivo, por se me antolhar evidente a innocencia dos redactores.

## § 41

### Art. 1.632

#### ESCRITOR DO TESTAMENTO

**186.**—Dá-me razão aqui o mestre, reconhecendo que o individuo chamado pelo testador a escrever a seu rogo e sob o seu ditado o testamento não assume, por isso, foros de *escriptor*.

Entretanto, por esse desconcerto quebra lanças, na sua defesa, o sr. CLOVIS BEVILACQUA. Alli tornarei ao caso.<sup>1</sup>

## § 42

### Art. 1.641, IX

#### DISJUNCTIVA PELA COPULATIVA

**187.**— Tambem neste ponto annue á minha critica o dr. CARNEIRO. Era *e*, não *ou*, a conjunção cabida.

<sup>1</sup> Ver adiante, secç. III, § 4º, ns. 438-445.

Art. 43 no. 1.º

Art. 533

FÉ DE

188.— «Havendo má fé, de ambas as partes», resava o projecto, no topico objecto da minha censura.

A resposta do professor CARNEIRO a ella seria cabal, se se defendesse com a virgula, que da proposição *de* separa o vocabulo *fé*. Não pode haver cacophaton, entre dois termos, aos quaes se interpõe uma separação orthographica, indicativa de pausa na leitura. Por minima que seja a pausa, a suspensão da voz, notada pela virgulação, é quanto basta a obstar que as duas palavras se articulem uma na outra, gerando cacophonía. Desde que dei por aquella virgula, em que não advertira, abri mão do meu reparo, ante ella evidentemente insustentavel.

Não fôra esta circumstancia decisiva, que eu nelle insistiria. Longe estou de querer dar carta de viciosa a todas as expressões, onde a preposição *de* estiver em contiguidade com o vocabulo *fé*. Quando esta palavra constituir com aquella formas correntes, locuções usuaes e necessarias, não ha para que lhes objectar. *Fé de officio, em fé de, a fé de* (lêmbra-dos pelo mestre) são grupos verbaes consagrados, formando cada qual um todo vernaculo, de incessante applicação no uso do nosso idioma. Já o ouvido portuguez os adoptou, e pela sua familiaridade com elles nenhuma aspereza lhes sente. As outras expressões adduzidas pelo meu censor, *federal, federar, federação, federativo, fedifrago* vem a ser cada qual de per si uma palavra; e dentro em uma palavra não pôde haver cacophonía. Desde que este nome existe, sempre se lhe associou a noção de vizinhança e contacto casual entre dois ou mais vocabulos successivos. Mas, quando se j: facilmente evitavel o contacto, avesso á boa audição, cumpre que, em sendo possivel, se evite. Nisto se funda a minha censura.

Nem os primeiros exemplos, logo, nem (e muito menos) os segundos caem a proposito contra a minha emenda. Se ella não cessasse em presença da virgula, subsistira immune a taes argumentos; porquanto, dada a junção malsoante entre dois termos, em cessando a sua necessidade, principia o cacophaton. Ora, no caso, onde o projecto resava: « Havendo má fé de ambas as partes », o meu substitutivo propõe: « Se de ambas ás partes houve má fé », desapparecendo na substituinte a dissonancia da phrase substituida.

§ 44

Art. 145

INFINITO PESSOAL:

INFINITIVO ANTES DO FINITO

189.— Censurando, na minha exposição preliminar ao substitutivo a redacção do art. 673 no projecto, defini eu, em nota, com as

proprias palavras do professor CARNEIRO nos seus *Serões*, as regras, a meu ver, dignas de observancia no uso do infinito pessoal e impessoal. Uma dessas regras estabeleceu que, não obstante ser identico o sujeito de ambas as orações, mais convirá fazer pessoal o infinito, quando a oração deste preceder á do modo finito.

Ora no art. 145 estava o projecto redigido exactamente desse modo :

« Todos os escriptos de obrigações que forem redigidos em lingua estrangeira, para produzirem effeitos legais, deverão ser traduzidos no idioma nacional. »

A oração do infinitivo *produzirem* antecede á do futuro *deverão ser*. Embora, pois, caiba a uma e outra o mesmo sujeito, todos os escriptos de obrigações, era o caso, em conformidade com aquella norma, expressamente adoptada por mim, de preferir a fórma pessoal *produzirem* á forma impessoal *produzir*.

Logo, vem aos olhos que emendei contra a minha propria regra ; o que não se me poderia levar senão a inadvertencia, em se me não quèrendo supprer dosmemoriado, pecha de que me considero em seguro. Graças a Deus, sempre me tiveram até os meus desaffectos por sujeito de retentiva alguma coisa acima do vulgar; e só os que me quizessem tachar de amnésia, ou dysmnésia, assás adeantada, concoberiam que, no correr do mesmo trabalho, arguisse eu do erro o que paginas antes recomendará como acerto. Quaesquer restos do espirito de justiça (já não digo de equidade) nos meus contradictores bastariam, para que me carregassem a meu *haver* essa justificativa, independentemente de allegação minha.

190.—Aliás (devo accrescentar), subscrevendo aos preceitos formulados na obra grammatical do mestre, não me houvera ou com a dovuta ponderação. A celeridade extrema do meu trabalho sobejamento explica um ou outro senão deste genero, que acaso lhe descobrirem. Onde o mestre diz, com effeito, «será preferivel o emprego do infinitivo pessoal», melhor estaria dizermos: «empregar-se-á indifferentemente o infinitivo pessoal ou impessoal.» De uma e outra fórma, realmenté, se valem, a seu livre alvedrio, os melhores escriptores.

Em documento da minha thesa, aos tres exemplos do mestre, um de JACINTO FREIRE, um de BERNARDES, um de A. HERCULANO, contraponho todos os seguintes, de SOUSA, DUARTE NUNES, ANTONIO VIEIRA e outros:

« Os da escala por *subir*, o *entrar*; os de dentro por *se defender*, *tiveram* uma dura peleja. » (D. NUNES: *Cron. Del Rey D. João I*, c. 79, p. 379.)

« Todos para se salvar, ao menos na hora da morte, *querem* restituir.» (VIEIRA : *Serm.*, v. III, p. 200.)

« Digam-me aquelles que tantas vezes por contentar aos principos, atropelam a graça de Deus.» (*Ib.*, v. IV, p. 250.)

« Por se salvar, puzeram logo a proa em terra.» (GÓES : *Chron. d'El-Rey D. Eman.*, p. II, c. 4.)

« E por vos mostrar isenta,  
Guardae-vos de supirar.»

(GIL VICENTE, v. II, p. 522.)

« Só para se defender delles.... *usavam* armas.» (SOUSA : *Annaes*, c. 9, p. 38.)

« Sem o *querer* confessar, *mostravam* claramente não ser filhos legítimos.» (VIEIRA : *Serm.*, v. IV, p. 37.)

« Sem *morrer*, *estão* as suas almas separadas de seus corpos.» (CAV. D'OLIVEIRA : *Curt.*, v. I, p. 359.)

« Para *subir* ao derradoiro abrigo,  
Iam cortando lentamente os ares.»

(M. DE ASSIS : *Poes.*, p. 278.)

## § 45

### Art. 673

#### INFINITO PESSOAL

#### OU IMPESSOAL

**191.**—Antes de me submeter á prova da controversia, em que me obriga a entrar a consideração devida á eminencia do mestre, convirá que se veja, em que moderados termos articulara eu a censura por elle robatida, e quaes as autoridades que a ella me animaram.

Tinha eu dito, na minha *exposição preliminar*:

« Tomem os dignos membros da commissão o art. 673: «Não *constituem* direito autoral, para *gosarem* de garantia, os escriptos prohibidos.» A fórma legitima seria: «Não *constituem*, para *gosar*.»

Nada mais. E em nota, justificando-me, reflexionara:

« Quando numa phrase houver dois verbos, um do modo definito, outro do indefinito, precedidos ou não de proposição, *sendo idénticôs os sujeitos de ambos*, usaremos, em geral, do *infinitivo impessoal*.»

Dr. E. CARNEIRO RIBEIRO: *Serões grammaticaes*, pag. 278. E' a velha regra, formulada, havia muito, por JERONYMO SOARES (*Gramm.*, pag. 208):

«A lingua portugueza usa do infinito pessoal, quando o sujeito do verbo infinito é differente do do verbo finito, que determina a linguagem infinita.»

«Dizendo em geral, o eminente philologo bahiano deixa ver que há excepções á regra; mas logo após as enumera. Apesar da identidade dos sujeitos, ensina o douto mestre, será preferivel o emprego do infinito pessoal:

« 1.º Quando a fórma verbal regente estiver distanté da fórma regida»;

« 2.º Quando o infinitivo vier antes da fórma verbal definitiva, que o rege»;

« 3.º Quando entre o verbo do modo definitivo e o infinitivo houver alguma palavra, que possa tambem ser sujeito deste.» (*Op. cit.*, pag. 378-9.)

« Ora em nenhum dos casos exceptuados cabe o texto do art. 673: «Nã constituem direito autoral, para goarem de garantia os escriptos prohibidos por lei.» E' identico o sujeito (*escriptos*) dos dois verbos (*constituem* e *goarem*) e a fórma verbal regente não está longe da regida, o infinito não precede o finito, nem ás duas orações se interpõe vocabulo, que possa dar ensejo a equívoco acerca do sujeito. *Direito autoral* não poderia servir de sujeito a *goarem*.»

Bem se vê que eu estribara a minha censura *exclusivamente* numa regra firmada pelo dr. CARNEIRO. Mui de intento me referia nominalmente a este grammatico respeitavel. Fôra elle o revisor do projecto. Não se podia magoar, pois, de quê eu, criticando á luz da sua grammatica a linguagem da sua revisão, lhe dissesse: *Patere legem, quam ipse fecisti*.

O autor das *Ligeiras Observações* deste anno, porém, já não estava com o autor dos *Serões Grammaticaes* em 1890. Lera, nosse comenos, outros legisladores do vernaculo. Meditara entrementes JULIO RIBEIRO, a quem faz a justiça de elogiar, e por elle soubera que DIEZ não pactua com a opinião do JERONYMO SOARES. Atirara, pois, ás ortigas a sua cartilha portugueza de ha doze annos, e militava agora na ala dos adiantados. Era direito seu, não lh'o nego. Mas então rovidasse de outro modo á minha impugnação. Principasse, confessando a sua mudança de signa, declarando francamente que variara de parecer. Não averbasse do erro a minha theoria, advogada expressamente á sombra do seu nome, sem consignar primeiro que a erronia era d'elle, antes de ser minha.

E' só do que eu me queixo: não de ficar sózinho; porque, afinal, ainda privado assim de tão lustrosa companhia, não me deslustrara a que me resta.

192. — Ninguem terá em mais que eu a valia litteraria de JULIO RIBEIRO. Da lo que o não alce, como o sr. JOSÉ VERISSIMO, acima de todos os nossos grammaticos, acredito que nenhum lhe faz vantagem. Tive, em sua vida, occasião de lhe mostrar o muito, que lhe queria, chamando-o espontaneamente, sob a minha administração das finanças, a uma situação official, que minorava ao homem de letras os embaraços da vida, e desassombrava para os trabalhos do espirito o eminente escriptor. Annos, muitos annos antes disso, já da minha competencia nestos assumptos algum apreço fazia elle, por sua vez, mais, muito mais que o merecido, consignando, em 1884, como preciosidade, na segunda edição da sua grammatica, as breves palavras, com que eu, em 1882, a gabara, e registando os meus applausos com este encarceido reconhecimento: «Acceitei grato os elogios da imprensa brasileira: com os louvores dos competentes, de RUY BARBOSA, de THEOPHILO BRAGA, do conselheiro VIALE, exultei.»<sup>1</sup> Dava-me, até, a honra de considerar a minha opinião, tão succintamente enunciada, como capaz de ser égide a um trabalho daquella altura e solidez: «Apresento ao publico», dizia, «esta segunda edição de meu livro, escudando-o com os louvores de tres homens venerandos, RUY BARBOSA, o conselheiro VIALE, ANDRÉ LEFEVRE.»<sup>2</sup>

Para com essa memoria, tão grata ás nossas letras, claro está já se vê, que não posso ter senão affecto o respeito. Estava quasi dizendo gratidão. Dezoito annos antes dos enxovalhos em que a grammatica se compraz hoje de me tisonar, lavrara o insigne grammatico, naquellas palavras, o meu desagravo. Mas a sciencia moderna habituou-nos a conciliar com o respeito a independencia. Não cede hoje em dia a convieção á autoridade, quando a autoridade lhe parece contrariar a razão.

No sentir do illustre grammatico, «para que se ponha o verbo no infinito pessoal, ou no impessoal, é indifferente que elle tenha, ou não, sujeito proprio». Esta, observa JULIO RIBEIRO, «é a doutrina de F. DIEZ, deluzida dos factos, positiva, simples, satisfactoria. As regras cerebrinas, que na differença dos sujeitos baseiam SOARES BARBOSA, SOTERO e cem outros, só servem para gerar incerteza no espirito de quem estuda. Segundo tres regras, os escriptos de CAMÕES, de FR. LUIZ DE SOUSA, de VIEIRA, de HERCULANO estão inçados de erros!!!»<sup>3</sup>

<sup>1</sup> *Grammat. Portug.* Prefac. da 2ª edic. 1884.

<sup>2</sup> *Ibidem.*

<sup>3</sup> *Grammat.*, p. 278.

E quando é que os nossos grammaticos, inclusive JULIO RIBEIRO,

Se a questão se houvesse de estabelecer de autoridade a autoridade, ninguém poderia hesitar entre o velho grammatico português e o grande philologo allemão, cujos estudos renovaram a sciencia da linguagem. Mas não é o proprio JULIO RIBEIRO quem, discutindo a etymologia dos artigos, argúo de erro a sustentada por DIEZ? «E' singular», escreve elle, «que quasi todos os etymologistas tenham *desacertado* a respeito da origem do artigo português: DIEZ entende que elle tom ce ta apparencia particular, quasi anti-românica, e quo: *à fina-força* i-identifical-o com o *el, lo, la* hes-

tiveram mão em si deante do uso classico, se elle encontrava de frente uma das suas preocupações grammaticaes?

Os mais illustres delles, quasi todos, por exemplo, estigmatizam de viciosa a construcção das sentenças, em que se deixa no singular o verbo após o adjectivo ou pronome conjunctivo *que*, precedido de *um dos*, ou *uma das*.

Ora os mais venerandos e venerados classicos subscreveram essa forma syntactica:

« Elle foi *um dos que* muito contradisse a el-rei. » (FERN. LOPES: *D. Fernando*, c. 81.)

« *Um dos* capitães que nesta peleja se achou em mor perigo, foi João Serrão. » (GOES: *Cron. del-Rey D. Emman.*, fol. 12.)

« Esta ilha a que os antigos chamam Madagascar, e nós de S. Lourenço, he *hũa das maiores que se sabe* em todo o descoberto. » (*Ib.*, fl. 112 v.)

« *Uma das maiores ditas que se viu.* » (JORGE FERREIRA: *Eufros.*, a. II, sc. 5.)

« Esta cidade foi *uma das que* mais se corrompeu. » (SOUSA: *D. Fr. Barthol.*, l. II, c. 4, v. I, ed. de 1890, p. 205.)

« *Huma das cousas que dava* o principal ser áquelles capitães do reyno Decan, eram os cavallos que vinham de Arabia. » (BARROS: *Dec.* IV, VI, 8.)

« A entrada daquella cidade foy *hum dos* illustres feitos, que té aquelle tempo se fez naquellas partes. » (*Ib.*, II, 1, 3.)

« Promettia ser *dos primeiros que ferisse nos contrarios.* » (DUARTE NUNES: *Cron. de D. João I*, v. I, p. 91.)

« *Huma das cousas, que derrubou* a Galba do imperio, foi tardar algum tanto em aplacar com donativos os cabos do exercito. » (M. BERNARDES: *N. Flor.*, v. II, p. 181.)

« *Huma das cousas que me levanta* o espirito a admirar a altura dos juztos de DEUS... he ver quão largas licenças concede... » (*Ib.*, p. 328.)

« *Uma das felicidades que se contava* entre as do tempo presente. » (VIEIRA: *Serm.*, v. I, p. 275.)

« E' *uma das* mais importantes materias que se deve ensinar ao mundo. » (*Ib.*, v. IV, p. 263.)

« *Uma das coisas que muito se admira* em José. » (*Ib.*, v. VI, p. 88.)

« *Um dos* autores mais modernos que se conhece. » (CAV. D'OLIVEIRA *Cart.* v. I, p. 101.)

« O vosso estylo é justamente *um dos* mais estranhos que jamais se viu. » (*Ib.*, v. II, p. 468.)

Até aqui os antigos. Agora, dos modernos (entre os quaes aliás já se poderia inscrever o ultimo dos nomeados), citarei:

GARRET, *Obr.*, v. XXIII, p. 221: « Eu sou *um dos que fiz.* »

SOTERO, *Postillas*, p. VIII: « *Uma das que* mais se occupou. »

C. CASTELLO BRANCO, *Am. e Sentim.*, p. 101: « Na Asia foi *um dos* governadores que mais impulsioneou a queda do imperio indico. »

Nem se trata, nesses casos, de uma anomalia portuguesa. Os franceses têm a mesma construcção: « C'est *une des* pièces de Plante qui a eû plus de succès. » (VOLTAIRE.) « Vous êtes *un des* hommes qui me convient plus. » (MME. DE SÉVIGNÉ.) E, segundo a *Academia Francesa*, tanto se poderá dizer: « L'astronomie est *une des sciences* qui font le plus d'honneur à l'esprit humain », como: « L'astronomie est *une des sciences* qui fait le plus d'honneur à l'esprit humain. » (AYER: *Gramm. Comparée de la Langue Franç.*, ed. de 1885, p. 484.)

panhol.»<sup>1</sup> Porque nos não será licito, logo, a nós também, pesar, neste assumpto, as opiniões do sabio DIEZ?<sup>2</sup>

**193.**—Não é para levar tão a desdem, como faz JULIO RIBEIRO, a circumstancia de lhe ser avêss'o o consêns'o geral dos grammaticos portuguezes. Custa a crer.<sup>2</sup> que uma contena de homens, dados todos

Na especie do ultimo excerpto muitos são os individuos que exercem a acção do verbo *fall*. *Fazem* honra ao espirito humano  *muitas sciencias*, das quaes a astronomia é uma; e, sem embargo, podemos construir a oração com o singular *fall*, como se *uma* só fóra a sciencia, por que se quer dizer honrado o espirito humano.

Semelhantemente, dos trechos de classicos portuguezes acima transcriptos, em quasi todos a acção é exercida por muitas entidades, e, não obstante, o verbo está no singular. Considerando, por exemplo, no primeiro e no derradeiro, ver-se-á que neste varios governadores *impulsionaram* a ruina do imperio indiano, que naquelle multos individuos *contradisseram* a el-rei, entretanto que num se diz *impulsionou*, e *contradisse* no outro. Não é, portanto, exacta a regra, formulada pelo dr. CARNEIRO (*Gramm.*, p. 403), de que o verbo, em taes circumstancias, se põe « no singular ou no plural, segundo a acção exprimida pelo verbo é feita por um só individuo, ou por muitos ».

Estas construcções, a meu sentir, o que exprimem é, sob outro aspecto, mas com eguaes caracteristicos, o phenomeno da *attracção* do verbo de uma sentença pelo sujeito de outra. Repare-se, verbi gratia, nestes dois topicos de AL. HERCULANO: « *Fal* eu o primeiro *que fallia*. » (*O Monast.*, v. II, p. 29.) « *Ah*, sois vós, nobre herdeira des Bravaes, vós a que não *tendes* nenhum préstamo de minhas mãos! Sois vós a que *recusacs* obedecer-me! » (*O Bôbo*, p. 174.) No primeiro o verbo *fallar*, devendo concordar regularmente com um sujeito da terceira pessoa do singular, assumo a primeira, obedecendo ao agente da oração principal. No segundo factio analogo se dá, no plural, com os verbos *ter* e *recusar*.

Pois a irregularidade que ahí se manifesta com o verbo da subordinada, quando se liga á principal mediante a expressão *o que*, naquel' outros casos egualmente se opéra com o verbo da clausula regida, quando se liga á regente pelas expressões *um dos que*, ou *uma das que*. E se numa hypothese não se contesta a legitimidade a essa forma, como se ha-de contestar na outra?

<sup>1</sup> *Op. cit.*, p. 185.

<sup>2</sup> *Custar a*. No douto sentir de *Figueiredo* essa construcção « está fora das leis da grammatica » (*Lic.*, v. I, p. 213); pelo que lhe chama, até, de *algaravia*. (*Ib.*, v. II, p. 11.) Porque? Porque o verbo *custar* não admite preposição após si, e pede complemento directo. Mas onde nos estribarmos, para afirmar que este verbo não tolera complementos regidos de preposição? Claro está que no *uso*, base da grammatica, a qual, na justa definição de WHITNEY, outra coisa não é que « a exposição dos factos da linguagem ». « Grammar does not at all make rules and laws for language; it only reports the facts of good language. » (*Essentials of English Grammar*, ed. de 1877, p. 4.) O uso ou é *popular*, ou *literario*. Do popular, quanto á locução de que se trata, nos dá testemunho aquelle mesmo illustre philologo, dizendo: « Chega a parecer-me que toda a gente diz — *custa a crer*. » (*Loc. cit.*) Do uso literario firmado pelos mestres da lingua temos, entre outras, estas provas:

« A estatua de marmore *custa* muito a fazer. » (VIEIRA: *Serm.*, v. V, p. 332.)

« Nada me *custa* a leval-o. » (M. BERNARD: *N. Pl.*, v. II, p. 179.)

« Versos de frandulage *custam* pouco a fazer. » (FILINTO: *Obr.*, v. II, p. 111.)

« Em portuguez sei eu quanto me *custaram* a arremedar assim, assim. » (*Ib.*, v. VI, p. 172.)

« E em tal estado *custa*  
A crer que a se vingar aspire Troia. »

(*Ib.*, v. XI, p. 24.)

« Se versos me *custassem* a compôr. » (*Ib.*, p. 245.)

« *Custa* a ouvir os homens novos nesta causa. » (GARRET: *Obras*, v. XXIII, p. 147.)

á especialidade, não tivessem olhos, para enxergar as tradições da lingua, se estas fossem inconciliaveis com a doutrina, que elles abraçavam. Se o de que se trata, é de observar com acerto os factos da linguagem, se este é o lemma das idéas do nosso tempo na materia, nenhum investigador, entre nós, mais familiarizado com o uso classico, nenhum observador mais perspicaz e miudo, nenhum analysista mais intelligente e escrupuloso das coisas do nosso idioma conheço eu que SOTERO DOS REIS. Cingiu-se elle a repetir JERONYMO SOARES? Não. As paginas, que a este assumpto dedicou, estão cheias de observações originaes e judiciosas.

Na influencia dos exemplos latinos foi elle buscar a causa da « pouca regularidade, que, quanto ao emprego da proposição do infinito pessoal, se nota algumas vezes nos melhores autores, que do ordinario attendiam mais á harmonia da phrase o á imitação do latim que ás regras grammaticaes e ao fundamento logico do dizer; pois o que pedo em rigor e clareza, é o emprego exclusivo da proposição do infinito pessoal, quando a proposição infinitiva tem sujeito proprio, ou distincto do sujeito da proposição por elle modificada. » A liberdade praticada em contrario pelos bons autores os expõe a obscuridades, a amphibologias, a durezas, que o philologo maranhense de espaço estuda e demonstra, ovidenciando, com especimens concludentes da antiga escriptura vernacula, como, a este respeito, « em geral os classicos punham mais o fito em arredondar o periodo que em guardar os preceitos da boa logica grammatical ». <sup>1</sup>

o No emprego da excepção concernente ao caso particular em que so legitima a proposição do infinito pessoal, « naufragaram », con-

- « Já me custa a ouvir galar os recrutas novos. » (Ib., p. 160.)
- « As lagrymas que custavam a reter. » (Ib., p. 303.)
- « Custará a chegar a uma decisão. » (Ib., p. 332.)
- « Custa a crer como um ente, que é da nossa especie... custa, digo, a crer como um tal ente... » (CASTILHO: *A Primave.*, p. 299-300.)
- « Custa realmente a explicar esta omissão. » (CASTILHO: *Fausto*, p. xv.)
- « Custa a ver-se-lhe o limite. » (Ib. p. 317.)
- « Não custavas a mata-la. » (Ib., p. 320.)
- « O remedio ha de custar a dar-lhe. » (CASTILHO: *Colloq.*, p. 31.)
- « Custa-lhes a mexer-se. » (Ib., p. 409.)
- « Custa, ou não custa a subir? » (Ib., p. 412.)
- « Assim custavam mais a fazer. » (Ib., p. 359.)
- « Custou-me a conhecer-lhe as feições. » (A. HERCULANO: *O Monge de Cist.*, v. I, p. 21.)
- « Mas tanto, custava-me a crel-o. » (Ib., p. 31.)
- « A offerta não lhes custaria a realizar. » (Ib., v. II, p. 105.)
- « Custa muito a morrer. » (Ll.: *O Ubo*, p. 173.)
- « Não custava muito a obter a retractação do autor. » (A. HERCULANO: *Histor. da Inquis.*, v. I, p. 51.)
- « Custa-me a crer. » (C. CASTELLO BRANCO: *Soropita*, p. 174.)
- « Custou menos a fazer de um guarany um epico do que a introduzir idéias de orthographia nos escaninhos encephalicos dos argentarios. » (Ib. *Serões de S. Miguel*, I, p. 20.)
- « Custava-lhe a comprehender que a não castigassem. » (Ib., IV, p. 93.)
- « Custa-me a reconhecer-a. » (Ib.: *O Esqueleto*, p. 263.)

<sup>1</sup> Apostillas de *Gram. Geral* (ed. de 1863), p. 37-42.

tiua SOTERO, «os melhores mestres da lingua, prosadores e poetas, todas as vezes que a proposição infinitiva, com sujeito identico ao da proposição por ella modificada, se acha proxima ao sujeito e ainda ao verbo dessa proposição; porque então patenteia-se em toda a sua clareza a desnecessidade de tal emprego, que fica como rebuçada, quando a proposição infinitiva está um pouco distante daquello sujeito e verbo. Deste defeito não se eximiu o proprio CAMÕES, que deve a todos os respeitoos ser, entre os mais abalizados, reputado o primeiro mestre do fallar portuguez; pois disse com notavel aspereza para os ouvidos da intelligencia: «E folgarás de veres a policia», em vez de «E folgarás de ver.»

FRANCISCO BARATA, n'um livrinho precioso, já raro hoje, os *Estudos da Lingua Portugueza*<sup>1</sup>, ia pela mesma esteira: «Famoso lusitanismo é este de conjugar qualquer verbo por pessoas; o que outras nações não pódem fazer... Se é, pois, uma belleza privativa da nossa lingua; ponhamos cuidado em fazer bom uso della: reparemos escriptos nos casos, em que a devemos empregar.» «E' facilissimo», observa elle, «quando a penna obedece á mão subordinada ao pensamento, não attender á parte material, á escripta, e trocar-se um por outro caso, um por outro infinito. Com esta falta de cautela explicamos nós os exemplos defeituosos dos classicos. Cre-mos que, suppondo os classicos sem defeitos, tomam a nuvem por Juno os que não admittem nelles um erro qualquer. Escreveram bem; mas tambem erraram. Sabido é que modernamente se tem prestado valiosos serviços á grammatica e vernaculidade da nossa lingua, e que esses trabalhos tem expurgado della muitos defeitos commettidos pelos classicos. Julgar que elles se não podiam enganar é desconhecer a significação do vocabulo, e conceder a esses ditos antigos mais perfeição do que a nós outros, que depois chegámos. *Classico* é o que *melhor* e mais primorosamente escravo n'uma certa época; mas, como aquelle *melhor* é relativo a *peior*, forçosamente o será tambem a *multo melhor*: comparando-se a inferior, necessariamente se deve comparar a superior.»

Verdade é que os livros de SOTERO, de BARATA e dos grammaticos por este apontados no seu util opusculo<sup>2</sup> têm após si já tres o quatro dezenas de annos, em tempos nos quaes tudo envelhece rapidamente, com o progredir continuo das luzes modernas. Mas são de hontem as duas grammaticas de LAMEIRA DE ANDRADE e PACHECO JUNIOR, estampadas uma em 1887, outra em 1894, e nellas ambas<sup>3</sup> se ensina que se conserva *impessoal* o infinito, quando são *identicos os sujeitos* da oração regente e da oração integrante. E' de hontem (1894) a *Grammatica Portuguesa* de AUGUSTO FREIRE, onde

<sup>1</sup> Lisboa, 1872. P. 23-4.

<sup>2</sup> *Ib.*, p. 28.

<sup>3</sup> Pag. 462 da primeira e 623 da segunda.

se assenta a mesma theoria : « A proposição circumstancial infinitiva vae para o infinito pessoal, *quando tem sujeito diverso* do da proposição por ella modificada. Exemplo : « Por serem os ventos contrarios, não poude o navio adiantar muito aquelle dia. » Conserva-se, porém, no infinito *impessoal, quando o sujeito de ambas as proposições, modificada e modificante, é o mesmo*. Exemplo : « Sem estudar, não aprendes. »<sup>1</sup>

A *Grammatica Portugueza*, emfim, de JOÃO RIBEIRO é de hojê. Quatorze annos ha que, na sua segunda edição, se lia esta regra : « Emprega-se o infinito pessoal, *quando tem um sujeito differente do do outro verbo* : Admiro-me de gritares com tamanha força. » Pois bem : os tres lustros de então a esta parte decorridos não o demoveram deste pensar. A decima edição, impressa o anno passado, reproduz literalmente<sup>2</sup> a lição de 1888.

Tambem são de agora (1900 e 1901) as *Lições Praticas* de CANDIDO DE FIGUEIREDO, que, entretanto, alli esposou declaradamente o ensino de JERONYMO SOARES, qualifica de « tolice » a construcção « Elles não tinham força para responderem », e firma o preceito de se usar o infinito *impessoal, « quando o sujeito da oração regente é o mesmo que o da oração regida. »*<sup>3</sup>

FIGUEIREDO, JOÃO RIBEIRO, AUGUSTO FREIRE, LAMEIRA DE ANDRADE e PACHECO JUNIOR, escrevendo, com erudição notoria e notavel, entre 1887 e 1901, não podiam ignorar os trabalhos de FRIEDRICK DIEZ, cuja *Grammatik der Romanischen Sprachen* appareceu, em tres volumes successivos, de 1836 a 1844, estampando-se-lhe a versão franceza, por onde se conhece entre nós, tambem em tres tomos, de 1874 a 1876. Contando, pois, cerca de sessenta annos o livro original e bons vinte e sete a traducção, devia ser familiar aos philologos brasileiros, que muito mais tarde escreveram, e alguns dos quaes cultivam a literatura allemã. Depois JULIO RIBEIRO dera o rebato da theoria germanica desde 1881, na primeira edição da sua *Grammatica Portugueza*.

**194.** — Se a pedra de escandalo, nesta syntaxe, consiste em ir de encontro a exemplos classicos, dessa increpação não se livra o regimento grammatical promulgado por DIEZ e JULIO RIBEIRO. Uma de suas regras presereve o *impessoal*, « quando o verbo do infinito não póde eximir-se da dependencia em que está para com o verbo principal »; o que, prosogue o nosso grammatico<sup>4</sup> « aconteceu especialmente com os verbos que exprimem virtuali-

<sup>1</sup> P. 357.

<sup>2</sup> Rio de Jan., 1888. P. 249.

<sup>3</sup> P. 166.

<sup>4</sup> *Liç. Prat. da Ling. Port.* v. I, p. 91, 170-73, 264; v. II, p. 304; v. III, p. 109, 140.

<sup>5</sup> JULIO RIBEIRO, *op. cit.*, p. 277.

dades, volições do espirito, taes como *poder, saber, desejar, intentar, pretender, querer.*» Ora os classicos não raro usaram, nesses casos, o infinitivo *pessoal*.

Provas :

« *Contentaram-se com acharem* algumas jarras do mantimento. » (SOUSA: *Annaes*, p. 79.)

« *Assentaram correrem* ambos a Argilla. » (*Ib.*, p. 185.)

« *Acceitaram conformemente começarem.* » (SOUSA: *Vida do Arceb.*, l. III, c. 2.)

« Os quaes *assentaram de matarem* Abdear Rah-mão. » (GÓES: *D. Emanuel*, p. II, c. 17, f. 106 v.)

« *Que não somente ousados se contentam De soffrerem* da terra firme os damnos. »

(CAMÕES: *Lus.* X, 91.)

« Os que tom alguma indole, e se *presam de serem* vereladrosos filhos de seus paes. » (AMADOR ARRAIZ: *Dialog.*, c. 15, p. 42.)

« O pouco *gosto que tinham de se acharem* nesta santa junta. » (SOUSA: *Vida do Arc.*, l. II, c. 5.)

« *Julgam obra piã fazerem* de mentiras religião. » (A. HÉRCULANO: *Solemnia Verba*, carta 1<sup>a</sup>, p. 18.)

*Contentar-se* (querer), *assentar* (resolver), *acceitar* (querer), *ter gosto* (desejar), *julgar* (saber, pretender) são verbos correspondentes aos indicados exemplificativamente na enumeração de JULIO RIBEIRO, e exprimem, todos elles, «*volições e virtualidades moraes*». Não obstante, contra a regra desso autor, aquelles classicos empregaram, nas orações regidas por esses verbos, o infinitivo *pessoal*.

Se todos os *factos de linguagem* são indiscutíveis, se todos os usos classicos são absolutos e soberanos, como, contra esses e innumerous outros exemplos do alto classicismo, nos formula DIEZ, para aquelles casos, a regra do infinito *impessoal*?

193. — Não é tudo. Ainda a outros respeitoos não trepida o philologo allemão, na theoria do infinito *pessoal* e *impessoal*, em contrariar com as suas formulas a pratica dos antigos modelos portuguezes.

O topico, onde o autor allemão autoriza, com o canon depois adoptado por JULIO RIBEIRO, o uso do infinito *pessoal*, tenha elle sujeito proprio, ou não, reza assim, na transladação franceza :

« Il est indifférent que cet infinitif ait son sujet propre ou non. Exemples où le sujet n'appartient qu'à l'infinitif : *tempo he de partir* (c. á d. *tempo he que tu partas, tempus est hinc te abire*) ; *deos te desembarace* ó *juizo para te remediares* (*para que te remedies*) ; *basta*

*Sermões dominantes (que somos d.) ; não me espanto fallardes tão ousadamente (de que fallais) ; vio nascerem duas fontes (que nasciam).* Exemplos où le sujet est commun aux deux verbes : *não has vergonha de ganhares tua vida tão torpemente (de que ganhás) ; todos são alegres por terem paz (porque tem) ; este não podeis achar sem me matares (sem que me mataes).*»<sup>1</sup>

Quatro linhas, porém, adiante observa DIEZ :

« Si l'infinitif dépend d'auxiliaires de mode, il ne se conjugue pas : *pudestes ouvir, sabes dar, queres crer.*»<sup>2</sup>

O preceito é, a meu parecer, verdadeiro ; porque o bom senso e o ouvido não tolerariam hoje um *pudestes ouvires*, um *sabes dares*, um *queres creres*. Mas a tradição antiga lhe oppõe embargos ; porque não faltam, entre os velhos mestres, sollemnes exemplos do infinito conjugado nesses casos.

BARROS redigiu :

« Em todas aquellas partes orientaes costumavam os pais e mães venderem os filhos. » (Dec. III, VI, 2, p. 17.)

E noutro logar :

« Tentaram diffamarem de mim, para indignarem V. Alteza. » (Ap. dr. CARNEIRO, *Grammat.*, p. 286.)

BERNARDIM RIBEIRO :

« Não soem ellas fazerem-se de baldo. » (*Menina e Moça*, p. 35.)

AZURARA :

« Não podem serem em um accordo. » (*D. João I*, c. 5.)

Ainda no seculo XIX, escrevia FILINTO ELYSIO :

« Vinham vivos sentarem-se. » (*Obr.* v. I, p. 90.)

Em nenhum desses exemplos a clausula do infinito pôde eximir-se á subordinação para com o verbo principal mediante o processo indicado por DIEZ, convertendo-se numa clausula do indicativo, ou do subjunctivo, como se poderia nest'outros : « *pensam haverem* » (*Leal Cons.*, p. 89) ; « *mostram serem* » (*ib.*, 193) ; « *pensam serem* » (*ib.*, 216) ; « *peñsemos sermos* » (*ib.*, 299) ; « *determinam não quere-rem* » (*Liv. da Ensinança*, p. 609) ; « *não soffrem serem* ». (FERREIRA : *Obr.*, v. II, p. 52.) Em *costumavam venderem*, *tentaram diffamarem*, *o soem fazerem-se*, os indicativos *soem*, *tentaram*, *costumavam* são, portanto, *auxiliares de modo*, na phraseologia consagrada pôr DIEZ ; e, sem embargo, os infinitos que elles regem, assumiram, contra o cañon do philologo allemão, a forma pessoal.

Logo, de duas uma :

Ou é verdadeiro o criterio, em que DIEZ assenta a sua primeira lei, o seu principio geral sobre a conjugação do infinito portuguez ;

<sup>1</sup> FRED. DIEZ : *Gramm. des lang. romans*, 3ª ed. Vol. III, Trad. FATIO et GASTON PARIS. Pg. 202. Convem transcrevel-o porque JULIO RIBEIRO o não fez.

<sup>2</sup> *Ib.*, p. 203.

e, nesse caso, falsa é a segunda regra, concernente a elle, quando regido por auxiliares de modo.

Ou, se esta regra se sustenta, bem que contrariada por aquelle criterio, isto é, bem que note de erro a padrões classicos da mais eminente origem, então vacilla pelos seus fundamentos o principio geral do philologo allemão, abraçado por JULIO RIBEIRO.

O direito de que usa DIEZ, rejeitando, para firmar a ultima regra, exemplos dos melhores mestres, porque o não teria a critica, allumiada pela razão, para contestar os outros, a que ella arrima a segunda?

Já se vê que a escola do grande sabio allemão não está, neste particular, de accordo consigo mesma; porquanto ora dogmatiza o uso antigo, para admittir o infinito pessoal, ora, para o condemnar, não hesita em ferir o uso antigo.

196. — E seria só dessa vez que o insigne philologo de Bonn ousasse expor á arguição de *erro grammatical* o escrever dos antigos mestres? Caso houve, até, em que expressamente lh'a irrogou. Costumavam, por exemplo, os escriptores do seculo dezeseis empregar muitas vezes, em logar do futuro, o imperfeito do condicional:

« Se as armas queres ver, como tens dito,  
Cumprido este desejo *te seria.* »

(CAMÕES: *Lus.* I, 66.)

Pois a esses desvios das boas normas syntaxicas não hesita DIEZ em chamar « *solecismo* », ainda que está subscripto por CAMÕES.

Nem foram sómente JERONYMO SOARES e DIEZ quem ousou averbar de senões ao vate dos *Lusiadas*. Não menos que dois modernos classicos se abalançaram, se n receio, a esse atrevimento.

« Não são os *Lusiadas* », aventura LATINO COELHO, « um poema perfeito na traça e no debuxo, no agrupamento das figuras e na propriedade e vigor do colorido, na corrocção da metrica e na exacção e primor da linguagem. » <sup>1</sup> CASTILHO, ainda mais positivamente: « *A grammatica mesma*, este senso commum da linguagem, a grammatica mesma (sem custo se demonstraria, se necessario fosse) é *frecquentes vezes offendida* nos *Lusiadas*, por mais que lho queiramos acudir com o valhaçouto das figuras e das nimio elasticas licenças poeticas. » <sup>2</sup>

197. — Mas ninguem notou ainda aos nossos antigos autores maior numero de faltas que o dr. CARNEIRO na sua *Grammatica Philosophica* e nos seus *Serões Grammaticaes*.

<sup>1</sup> *Elogios Academ.*, v. I, p. 97-8.

<sup>2</sup> *Conversação Preliminar ao D. Jayme*, Ed. de 1863, p. cxi

E' elle quem argúe de erro a Fr. LUIZ DE SOUSA, o maior dos nossos classicos, na estimativa de A. HERCULANO, por usar com terminação feminina a expressão *muita* na segunda parte deste exemplo: «Derám-lhe *muita* ( honra ) os que sem paixão fallaram e *muita* mais os que sabiam de perto qual era sua vida.» (*Grammatica Philos.*, p. 349.)

E' elle quem, contra outro exemplo, registado por elle mesmo, desso grande escriptor, «Não eram bem despedidos de *um e outro arcebispos*», estatue a regra de que, com a expressão *um e outro* ficará sempre no singular o substantivo correlato. (*Ib.* p. 390.)

E' elle, ainda, quem, rejeitando expressamente especimens vernaculos de FERNÃO LOPES e JOÃO DE BARROS, adopta o canon de que, nas orações em que o pronome *nós* fizer as vezes de *eu*, não se pôde manter no singular o adjectivo correspondente ao sujeito: «Antes sejamos *breve* que *prolixo*.» (*Ib.*, p. 392.)

Ainda é elle quem tacha de *erro muito vulgar* a troca do adverbio *onde* em *donde*, confessando aliás que *dessa incorrecção alguns dos nossos classicos (alguns, não; quasi todos)* nomeadamente LUCENA se não isentaram. (*Ib.* p. 352.)

E' elle, sempre elle, quem reprova como indignos de imitação os exemplos dados por alguns escriptores de primeira nota, como D. FRANCISCO MANUEL de MELLO, quanto ao uso do verbo *haver* sob esta fórma: *Houveram philosophos.* (*Serões*, p. 273.)<sup>1</sup>

Delle é, enfim, o reparo, explicitamente em desabono de classicos antigos e modernos, como BARROS, CAMÕES o HERCULANO, contra a accumulção successiva de conjuncções como estas: *mas e contudo, mas e porém, e e todavia.* (*Gram. Phil.*, p. 339.)

O mais aqui de notar, porém, nesse catalogo, nem sempre justo, de erros classicos, esboçado nas obras grammaticaes do professor CARNEIRO, é ser elle quem nos declara (*Gramm.*, p. 286) «*não para imitar*» os exemplos do infinito pessoal cuja vernaculidade presentemente roivindica. Eil-os, taes quaes nesse livro se exaram:

«*Doleites que servem de escurecerem a razão.*»  
(LUCENA.)

«*Foram forçados a lançar ferro e estarém sobre elle vinte dias.*» (LUCENA.)

<sup>1</sup> Entre os incursos nesta syntaxe vitanda está LUIZ DE CAMÕES:

«*Hajam festas de prazer,*

*Hajam cantos para ouvir.*»

(*Luto de El-rei Seleuco. Obras Compl.*, ed. crit. do Porto, v. VI, p. 204.)

A essa forma grammatical averba SOTERO, com a opinião hoje corrente, de *erro grosseiro*. (*Apostillas*, p. 52.) Do voto geral presentemente é discrepa RIBEIRO DE VASCONCELLOS, que, na sua *Grammatica*, p. 254, adopta como legitimo portuguez esse fallar.

« *Tentaram diffamarem* de mim para indignarem a V. Alteza. » (JÓÃO DE BARROS.)

« *Resistiram a submeterem-se.* » (L. SORIANO.)

« *Viram-se constringidos a buscarem* refugio nas montanhas. » (A. HERCULANO.)

« *Pareciam, com as visagens truanescas que nas faces mortas lhes imprimira o escultor, escarrecerem* da colera popular. » (A. HERCULANO.)

« *Bastam os frios de Coimbra, para satisfazerem* a vontade de meus amigos. » (VIEIRA.)

« *Oh Noptuno, lhe disse, não te espantes.* »

*De Baccho nos teus reinos receberes.* » (CAMÕES.)

« *E folgarás de veres a policia.* » (CAMÕES.)

Ora pois: é justamente essa especie de syntaxe que ou refugo no art. 673 do projecto «*Não constituem para gosarem*». Não será isto o mesmo que *bastam para satisfazerem, não te espantes de receberes e folgarás de veres*? Todas essas orações, aferidas segundo a norma estabelecida por DIEZ, são irreprehensíveis; visto que todas são conversíveis em sentenças do indicativo, ou do subjunctivo, dest'arte: *bastam, para que satisfaçam; não te espantes de que recebas; folgarás de que vejas*. Mas agora o dr. CARNEIRO, que, na sua *Grammatica* (p. 286), nos ensinava: «*Estes exemplos*» (formaes palavras suas) «*não são para imitar*», me relargue: «*Tão legitima é a syntaxe que a omenda propõe, quanto a que está no projecto.*» Com exemplos eguaes, figurando, até, no seu alardo actual um dos que avultaram naquelle (o exemplo de VIEIRA); ensina hoje o que então reprehendia, reprehendendo o que então ensinava.

Porque não queimou, ou abjurou o mestre as suas grammaticas, antes de se lançar a este debate?

Mas, paciencia; e vamos até ao fim.

198.— Outros elementos me proporcionariam, ainda, esses dois livros do professor CARNEIRO, com que mostrar como elle, para estabelecer as suas leis grammaticas, nunca se embarçou com exemplos adversos dos melhores escriptores, o bom assim que, a despeito desses exemplos, se têm constituido regras, hoje em pleno vigor no idioma.

Com a expressão *cada* usaram classicos, entre os quaes VIEIRA, do verbo no plural: «*Quando cada reino, cada cidade e cada casa continuamente mudam a scena.*» Citando, comtudo, elle proprio, esse exemplo, firma o dr. CARNEIRO o dictame de que, em taes casos, o verbo é obrigado ao singular. (*Serões*, p. 261.)

O emprego promiscuo das duas fórmas pronominaes *eu* e *nós* no mesmo periodo, ou na mesma phrase, indicando uma só pessoa, declara o dr. Carneiro que «*se não deve imitar*». Mas imitar de

quem? Justamente de classicos, o classicos do tope de Sousa e HERCULANO, que elle mesmo nomeia, o refuga. (*Serões*, p. 291.)

Sabo de sciencia certa o dr. CARNEIRO que «com as locuções *ainda que*, *posto que* se acha tambem pelos classicos empregado o *indicativo* na oração subordinada». (*Serões*, p. 273.) Não obstante fórmula peremptoriamente a regra, arbitraria e injustificavel ante o uso vernaculo antigo e moderno, de que as conjunções *posto que* e *ainda que* levam o verbo, na oração subordinada, ao *subjunctivo*. <sup>1</sup> (*Ib.*, p. 272.)

<sup>1</sup> « *Inda que a faz maior, a faz soffrivel.* »

(CAMÕES: *Obi. Compl.*, v. III, p. 81. Eleg. XXI.)

« *Mas inda que isto é assi.* »

(*Ib.*, v. VI, p. 47.)

« *Ainda que me parece que este o não fez.* » (*Ib.*, p. 176.)

« *Ainda que tenho medo  
Que lhe seja por demais.* »

(*Ib.*, p. 193.)

« *Que posto que Deus accita  
Um coração humilhado.* »

(*Ib.*, v. V, p. 188.)

« *Posto que em si é mortal.* »

(*Ib.*, p. 204.)

« *Bem qu' eu verei mudar a opinião.* »

(*Ib.*, v. IV, p. 41.)

« *Posto que dá principio ao claro dia,  
Posto que as roxas flores imitava.* »

(*Ib.*, v. I, p. 66.)

« *Mas comquanto não pode haver desgosto.* »

(*Ib.*, p. 13.)

« *Assim que, comquanto canso,  
Já não posso achar atalho.* »

(*Ib.*, v. VI, p. 197.)

Em todos esses exemplos, a vigorar a regra do professor CARNEIRO, errou CAMÕES, errando, com elle, todos os classicos; porquanto não ha um só que não usasse das expressões *posto que*, *ainda que*, *bem que*, *comquanto*, *por mais que*, *dado que* e outras semelhantes, com o verbo no *indicativo*.

Assim :

Em D. DUARTE: *posto que senti* (*Leal Cons.*, p. 227); *ainda que devemos* (p. 132); *ainda que nasce* (p. 370); *ainda que mostra*. (P. 407.)

Em DUARTE NUNES (*Chronica de D. João I, D. Duarte e D. Aff.*): *posto que lhe requereu* (v. I, p. 15); *posto que não tinha* (p. 53); *posto que viam* (p. 41); *posto que lhe parecia* (v. II, p. 33); *posto que era* (p. 91); *posto que assinou* (p. 93); *posto que não desistiu* (p. 135); *posto que nella viu* (p. 189); *posto que elle tinha* (p. 192); *posto que tinha* (p. 390, 420, 432, 283); *posto que fez*. (P. 422.)

Em FERREIRA: *inda que tens* (*Obr.*, v. II, p. 75); «*inda que o grande amor nunca se força*» (p. 266); *por mais que calam*. (P. 149.)

« *Inda que injustamente assi me busca.*

*Inda que estes meus dias assi corta.* » (P. 266.)

Em Fr. Thomé de Jesus: *ainda que é* (*Trab. de Jes.*, p. 9, 26, 49); *ainda que são* (p. 16); *ainda que o obrigavam* (p. 25); *ainda que compara* (*ib.*); *ainda que o mostrou* (p. 28); *ainda que se communica* (*ib.*); *ainda que tomava* (p. 29); *posto que chegou* (p. 33); *ainda que está* (p. 37); *ainda que não sabia* (p. 39); *ainda que era*. (P. 43, 48.)

Professa que «o adjectivo *meio*, quando modifica outro adjectivo, se considera adverbio, e como tal é invariavel (Serões, p. 256.)<sup>1</sup>, inteirado, entretanto (*ib.*, p. 257), de que os melhores escriptores redigiram muitas vezes assim: «Meios mortos de medo.» (LUCENA) «Meios alagados.» (*Id.*) «Meios enterrados.» (*Id.*) «Meios comidos.» (*Id.*) «Edifícios meios cobertos do arcaia,» (BARROS.) «Carnos meias devoradas.» (A. HERCULANO.) «Habitações meias enterradas.» (R. DA SILVA.) «Espada meia desembainhada.» (CAMÕES.) E' elle proprio quem os cita.<sup>2</sup>

Em JACINTO FREIRE: *ainda que o ameaçava* (D. João de Castro, l. I, n. 24); *ainda que o amava* (n. 25); *ainda que havia* (n. 32); *se bem foram* (n. 47); *se bem devemos* (n. 74); *ainda que os estimulava* (l. II, n. 2); *da lo que recebem* (n. 7); *ainda que estava* (n. 30); *se bem se reparavam* (n. 37); *ainda que repetia* (n. 65); *ainda que chegou* (n. 87); *ainda que tinha* (n. 92); *ainda que achou.* (N. 101.)

Em VIEIRA: *ainda que foi* (Serm., v. V, p. 63); *posto que a vemos* (p. 64); *ainda que não foi* (p. 170); *posto que ensina* (p. 173); *ainda que tinha* (p. 177); *ainda que é* (p. 178, 325); *ainda que era* (p. 199); *ainda que pronuncia* (p. 216); *ainda que exerce* (p. 225); *posto que basta* (v. VI, p. 235); *ainda que enchemos* (p. 234); *posto que é* (p. 259); *supposto que tem* (p. 278); *supposto que são* (*ibid.*); *ainda que são* (p. 291); *ainda que não pode* (p. 293); *ainda que soube* (p. 326); *ainda que teve* (p. 327); *ainda que foi* (p. 332, 333); *ainda que é* (p. 359) *ainda que não faz* (p. 361); *posto que vês* (p. 362); *ainda que contrahia* (p. 376).

No Padre MANUEL BERNARDES: *ainda que se reduz* (Nova Fl., v. II, p. 37); *ainda que estava* (p. 51); *ainda que não incluem* (p. 83); *se bem não foi* (p. 195); «*se bem outros dizem*» (p. 211); *se bem diz* (p. 216); *supposto parecem* (p. 292); *supposto não podia* (p. 304); *ainda que deixa* (v. IV, p. 74); *supposto que usavam* (p. 91); *se bem não é* (p. 114); *ainda que não sei* (p. 150); *ainda que me offendestes* (p. 159); «*se bem Lutero não reprova*» (p. 216); *ainda que são* (p. 304); *supposto que logram* (p. 306); *supposto que os calou* (p. 313); *supposto que alterou* (p. 374); *ainda que chegam* (p. 373); «*não obstante que os hospedes vinham*». (V. II, p. 34.)

Poderia multiplicar a milhares estes exemplos. Assim escreveram sempre os classicos, preferindo, nesses casos, as formas do indicativo ás do subjunctivo. Pois bem: tudo isso, ante a regra categorica do professor CARNEIRO, adoptada tambem por JULIO RIBEIRO (*Grammat.*, p. 274), são erros grammaticaes, redondos solecismos.

Entretanto, é por se escandalizarem com a hypothese de que a linguagem desses mestres fosse capaz de erro, que JULIO RIBEIRO e, agora, com elle, o dr. CARNEIRO abraçam a opinião de DIEZ quanto á syntaxe do infinito pessoal.

<sup>1</sup> No mesmo sentido, C. DE FIGUEIREDO, *op. cit.*, v. I, p. 38.

<sup>2</sup> Tambem ALEX. HERCULANO escreveu:

«*Cuberto de uma pouca de palha meia podre.*» (*O Bóbo*, p. 256.)

«*Uma usança meia pagan meia religiosa.*» (*ib.*, p. 313.)

E R. DA SILVA:

«*A influencia meia eclipsada.*» (*Pastos da Igreja*, v. I, ed. de 1870, p. 84.)

Outros exemplos ainda:

«*Caem meios mortos.*» (CAMÕES: *Lus.*, III, 60.)

«*Outros meios mortos.*» (*ib.*, 113.)

«*Meios fieis e meios gentios.*» (VIEIRA: *Serm.*, v. II, p. 123.)

«*Meias caltras.*» (A. HERCUL.: *Opusc.*, v. I, p. 139.)

«*A carne dos cavallos meia crua.*» (D. NUNES: *Cron.*, v. II, p. 55.)

«*Os outros corpos estão meios podres.*» (BERNARDES: *N. Flor.*, v. II, p. 95.)

«*Meia quebrada, oh cruz.*» (A. HERC.: *Poes.*, p. 126.)

«*Deixando a porta meia aberta.*» (CASTILHO: *Camões*, p. 155.)

Esta syntaxe praticaram os primeiros classicos portuguezes. E desso facto da linguagem não faz conta o professor CARNEIRO, cuja regra *adverbializa* necessariamente o adjectivo *meio*, quando anteposto a outros adjectivos.

199.—Locuções, maneiras de escrever que hoje se têm a mal, o passariam, até, por erros chapados, tiveram sua época entre os melhores exemplares do nosso idioma.

Na *Menina e Moça* abundam expressões como estas: «Não passou muito, que por aquelle logar não vejo.» (P. 123.) «E não tardou nada, que uns pastores... vieram alli ter.» (P. 123.) «Teve aquella noite maneira como... arribou á fresta.» (P. 177.) E' o perfeito do indicativo representando o imperfecto do conjunctivo. Quem se affoitaria hoje a imitar BERNARDIM RIBEIRO nesta substituição?

Entre os antigos o gerundio era precedido ás vezes do *em*, ás vezes do *sem*: «O sentir demanda cousas ligeiras de passar com prazer, com toda delectação da vontade, *sem reguardando* ser bem feito.» (D. DUARTE: *Leal Conselheiro*, p. 142-3.) Deste uso a cada passo encontramos vestigios em FERNÃO LOPES, em BERNARDIM, em DAMIÃO DE GÓES e muitos outros. Não incorreria, contudo, em erro quem, de presente, escrevera *sem querendo*, *sem amando*, *sem sentindo*, em vez de *sem sentir*, *sem amar*, *sem querer*?

Não ha classico, dos anteriores ao seculo passado, onde não se depare amiude esta fórma: «Quebrar as tréguas que tinha feitas. Contra os pactos que tinham feitos.» (D. NUNES: *Cron.*, v. I, p. 362.) «Tirando os cabellos, que já tinha dados.» (*Ib.*, p. 365.) «A jurisdicção que naquellas partes tinha perdida.» (BARROS: *Dec.* I, l. 1, c. 1, v. I, p. 11.) «D. Jorge leva a capitania do Maluco, por lha ter dada o governador.» (COUTO: *Dec.* IV, l. 1, c. 6, p. 41.) «Outras muitas que tinha ouvidas.» (BERNARDIM: *Men.*, c. 14, p. 120.) «Tanto que os padres... os tivessem acabados.» (SOUSA: *V. do Arceb.*, l. II, c. 13.) «E do Jordão a arcia tinha vista.» (CAM.: *Lus.* III, 27.) «Votos que em adversidades e doenças TINHA FEITOS para remissão de quantas culpas tinham commettidas.» (FERNÃO MENDES PINTO: *Peregrinação*, v. II, p. 347. Ed. de 1829.) Hoje erraria quem, reproduzindo esses modelos, fizesse concordar com o objecto do verbo o particípio passado ou aoristo, empregado como elemento de formação do tempo composto.

Usou-se, entre autores antigos, empregar, depois do *que*, ou do *como*, na formação dos comparativos, o pronome pessoal com a flexão dos casos obliquos: «As cousas mais fortes que *ty* non buscaras.» (D. DUARTE: *Leal Cons.*, p. 63.) «Porque sois maior que *minim*?» (CAMÕES: *Obr.*, v. V, p. 129.) «Mais temida e presada que *ti*.» (AZURARA: *Chron. d'El-rei D. João I*, c. 1.) «Para o que ellas prestariam, se fossem como *ti*?» (FERREIRA: *Com. de Bristo*, a. II, sc. 4.) «Quem tinha mais experiencia do mundo que *ti*?» (*Id.*, a. III, sc. 1.) «Não polerá elle mais que *ti*.» (*Id.*, a. IV, sc. 1.) De presente, bem que desse remoto fallar ainda se rastreiem vestigios na linguagem do povo português, sob a fórma:

«Tem mais dinheiro *ca mim*», «Sou' mais velho *ca ti*»<sup>1</sup>, não evitaria a nota de solecismo o escriptor, que ousasse destas phrases: «*Tão bom como ti*», «*Melhor que mim*.»<sup>2</sup>

Aos verbos *prohibir*, *defender* (no mesmo sentido) e *impedir* juntaram os classicos muitas vezes a negativa, nesta fórma: «*Prohibiu-lhes que não tivessem oiro.*» (VIEIRA: *Serm.*, v. V, p. 248.) «*Pois se a fazenda comprada vos impede que não vades ao ceu.*» (*Id.*, v. III, p. 197.) «*Deixando-se estar nos bateis para defender que não apagassem os inimigos o fogo das náos.*» (GOES: *Chron. d'El Rei D. Emanuel*, p. II, c. IV, f. 91 v.) Actualmente essa redacção imprimiria á linguagem sentido precisamente contrario ao que então exprimia.

No escrever classico nem sempre se discernem, consoante aos significados especiaes de cada um, os adverbios *onde*, *aonde* e *donde*. Escreve-se muita vez *donde*, por *onde*: «*Como nosso natural é entre as mais nações conhecido por amoroso, e nossas dilatadas viagens occasionam as maiores ausencias, dahi vem que donde se acha muito amor, e ausencia larga, as saudades sejam mais certas.*» (D. FRANCISCO MANUEL: *Epanaphoras de Vária Historia Portug.*, p. 286.) «*E os annexistas donde dirão que está o ponto?*» (*Id.*: *Feira de Annexins*, p. 183.) «*A perguntar-lhe de donde o sabia.*» (BERNARDIM RIBEIRO: *Men.*, c. 15, p. 126.) «*Em uma casa palhoça, detraz de outras, d'onde elle estava.*» (*Id.*, c. 27, p. 199.) «*Sobre a cabeceira, d'onde pobremente estava encostado.*» (*Id.*, p. 200.) «*Lembrou-se logo do logar d'onde ella estivera assentada.*» (*Id.*, c. 28, p. 200.) «*A bolsa donde as levava mettidas estava fechada.*» (VIEIRA: *Inedit.*, v. II, p. 158.) «*De donde forçosamente se seguiria a total ruina de seus estados.*» (*Ib.*, v. I, p. 206.)

Algumas vezes *donde* faz de *aonde*, ou para *onde*: «*Não tenho donde fugir.*» (*Id.*, c. 18, p. 150.) «*Já inclinada para aquella parte donde o esposo ia.*» (*Id.*, c. 30, p. 219.) Mais frequentemente, porém, a troca é de *aonde* por *onde*, ou de *onde* por *aonde*: «*D'alli se foi logo onde estava o arcebispo.*» (SOUSA: *Vida do Arc.*, l. II, c. 20.) «*A sahida das Lombas, aonde se deteve grande espaço.*» (SOUSA: *Ann.*, p. 187.) «*E vós aonde a vistas!*» (JORGE FERREIRA: *Eufros.*, a. I, sc. 1.) «*Deus meu, onde me mandaes?*» (VIEIRA: *Serm.*, v. II, p. 253.) «*A poucos passos haviam de achar o Messias. E aonde?*» (*Id.*, v. V, p. 119.) «*Que te vi já, não me lembra aonde.*» (FERREIRA: *Obr.*, v. II, p. 386.) «*Que aonde a gente*

<sup>1</sup> VASCONCELLOS: *Gramm. Histor. da Ling. Portug.* (VI e VII classes), p. 210.

<sup>2</sup> *Presente mim*, disse AZURARA, *Cron. de El-rei D. João I*, c. 37: «*Que vós façaes vossos filhos cavalleiros, presenté mi.*»

põe sua esperança.» (CAM.: *Lus.* I, 105.)<sup>1</sup> Mas actualmente, apesar de alguns exemplos, bem raros, em classicos do seculo dezoenove, como GARRET, CASTILHO e LATINO COELHO<sup>2</sup>, não escreveria correcto quem não discriminasse nitidamente, no uso d'esse adverbio, o logar *donde*, o logar *onde*, o logar *aonde* ou *para onde*<sup>3</sup>, como AL. HERCULANO OS discriminou neste passo: «Lá no ceu, *aonde* ella subiu, e *onde* no seo paé acolheu no seio a sua infeliz filha.» (*Monasticon*, v. III, p. 206.)

Na tradição classica o pronome *quem* alludia assim a *coisas* como a pessoas: «Um tiro de fogo, contra *quem* não valem forças, nem esforço.» (SOUSA: *Annaes*, p. 90.) «Não posso culpar *quem seja essa cousa*.» (JORGE FERR.: *Enfros.*, a. II, s. 19). «Este galeão deu á vela meado março, e foi seguindo sua viagem, a *quem* tornaremos.» (COUTO: *Dec.* IV, c. 6, v. I, p. 37.) «Esta Braga, por *quem* este servo do Deus fez extremos.» (SOUSA: *V. do Arc.*, I, II, c. 1.) «Reino e coroa, por *quem* tantos annos tão valorosamente batalhou.» (*Id.*, I, V, c. 1.) «Aquelles poderosissimos vasos de primeira navegação do Oriente, a *quem* os estrangeiros... chamaram carrácãs.» (VIEIRA: *Serm.*, v. II, p. 254.) «A soberba Europa, a *quem* rodeia... o Oceano.» (CAM.: *Lus.* III, 6.) FILINTO ELYSIO ainda escreveu de modo semelhante, servindo-se do relativo *quem* allusivamente a *emporios* e *navios*. Mas hoje, a não ser que as coisas, por certa liberdade rhetorica, recebam do escriptor uma personificação<sup>4</sup>, erraria quem, referindo-se a ellas, usasse d'esse pronome.

No escrever de outr'ora o conjunctivo *quem* podia levar ao plural o verbo, que regia. se representava um nome no plural, claro, ou occulto: «O aposentador da rainha, com outros d'el-rei de Castella,

<sup>1</sup> SOUSA: *Annaes de D. João I*, p. 38, 231, 333. BRITO: *Monarchia Lusitana*, v. I, p. 7. D. FRANCISCO MANUEL: *Febra de Annaes.*, p. 109, 116. VIEIRA: *Serm.*, v. IX, p. 82; *Obr. Ineditas*, v. II, p. 106, 107, 130, 154, 157, 168, 180. FERREIRA: *Obras*, v. II, p. 463, 481. BARROS: *Dec.* I, v. I, p. 31. CAMÕES: *Lus.* II, 59, VIII, 91, IX, 3.

<sup>2</sup> GARRET: *Obr.*, v. XXII, p. 86, 212, 389. CASTILHO: *Colloq.*, p. 61, 113. *Anor e Melancol.*, p. 307. LATINO COELHO: *Humboldt*, p. 265.

<sup>3</sup> C. DE FIGUEIREDO: *Lições Prat.*, v. I p. 113; v. III, p. 111, 116, 129.

<sup>4</sup> Como nestas passagens de CASTILHO :

« E, em nau mudado, o pinheiro  
Foi *quem* ensinou primeiro  
Por sobre attonitas ondas  
Funesto caminho abrir.»

(*Amores*, v. II, p. 59.)

« O dinheiro é *quem* vivifica a agricultura. »

(*Colloquios*, p. 195.)

Semelhantemente na *Arte de Amar*, v. I, p. 104, e nas *Georgicas*, p. 31.

De maneira análoga A. HERCULANO: *Eurico*, p. 214; *O Bôbo*, p. 46, 137; *Monge de Cister*, p. 357.

repartiam bairro a cada um, segundo *quem eram.*» (FERNÃO LOPES: *D. João I*, p. I, c. 67.) Em nossos dias, porém, certo que não escaparia á censura dos grammaticos esse phrasear.<sup>1</sup>

Com] varios outros bons autores de outra era escrevia aquelle, a quem A. HERCULANO chamou «o pae da historia portugueza», e classificou entre os maiores poetas a par de HOMERO: «Viu... como todos andavam alevantados, que se poderia seguir *mais peor.*» (FERNÃO LOPES: *D. João I*, p. I, c. 26.) Hoje seria erro ignobil cumular, a esse geito, as duas expressões comparativas.<sup>2</sup>

Os nossos classicos usavam indiscriminadamente *the* ou *thes* em relação aos nomes no plural: «E' bem que, vindo taes *embaixadores* a vós, que *the* façaes muita honra.» (FERN. LOPES: *D. João I*, p. I, c. 57.) «Muito mais o *serão* depois, vendo que *the* houveste; me lo.» (*Id.*, p. II, c. 36.) «Se o rei houvesse mister das suas *gentes*, que el-rei *the* dêsse licença e bom geito de ficarem.» (*Id.*, c. 93.)

Extrema é a frequencia nos exemplos dessa confusão. Por isso me limitarei a indicar, de amostra, alguns dos logares, onde se deparará esse uso a quem se der ao trabalho de o verificar:

<sup>1</sup> C. DE FIGUEIREDO: *Lig. Prat.*, v. I, p. 263-4.

<sup>2</sup> Entre as formas classicas ha muito envelhecidas e extinctas, uma houve, que, não sei porque, passou despercebida até hoje aos estudiosos e aos scientes. Costumam todos os philologos designar por *brasilicismo* (e eu em tal conta sempre o tive, até não ha muito) o uso do pronome pessoal *elle, ella, elles, ellas*, como objecto do verbo: «*Eu vi elle, Eu deixei elle.*» Dessa pratica, entretanto, bastantes casos se me deparam nos classicos mais antigos. Ex.:

«E el-rei, sabendo isto, houve mui grande pézar, e deitou-o logo fora de sua mercê, e *degradou ELLE* e os filhos a dez leguas de onde quer que elle fosse.» (FERN. LOPES: *D. Pedro I*, c. 4.)

«Deu os bens d'alguns áquelles que lh'os pediam, os quaes se houveram por mui aggravados, dizendo que *culpava ELLES*, porque se davam tão azinha, não se podendo mais defender, aos inimigos.» (FERN. LOPES: *D. Fernando*, c. 36.)

«El-rei mandou-o logo prender, e *levaram ELLE* e Matheus Fernandes a Sevilha.» (*Id.*, c. 46.)

«Rogando-lhe» (el-rei), «por suas cartas ao cardeal, que *absolcessc* ELLE e seu reino d'algum caso d'excommunhão ou interdicto.» (*Id.*, c. 81.)

«E ás horas que o infante veiu foi recebido por uma mulher de sua casa, e levado escusamente onde D. Maria estava, e elle, quando entrou, *viu ELLA* e seus corrimentos assim dispostos para o receber por hospede.» (*Id.*, c. 100.)

«Os cardenas, outrosim, *privaram ELLE* d'algum direito, se o no padado tinha.» (*Id.*, c. 108.)

«Traziam quatro honrados senhores um panuo d'ouro tendido em hastes, que *cobria elle* e o cavallo.» (*Id.*, c. 167.)

«Que em tal caso *houcessem ella* por sua rainha e senhora.» (*Id.*, c. 158.)

«El-rei de Castella não vinha senão por passar seu caminho, e não por *cercar ELLES* nem outros.» (FERN. LOPES: *D. João I*, parte I<sup>a</sup>, c. 60.)

«Martin Annes veiu alli olhar como ia a hoste, trazendo já consigo muitos mais do que d'antes trouvera, e *nomcamos ELLE* mais que nenhum dos outros, porque elle principalmente era o que fazia fazer estas esportadas.» (*Id.*, p. II, c. 65.)

«Parecendo-me vai que esta nossa vinda aqui pera desastres foi, e não mais. Mas, assi de longe *os ordena ELLES* a ventura, que, logo ao começo, se não podem conhecer.» (BERNARDIM: *Men. e Moça*, c. 23, p. 179.)

D. DUARTE : *Leal Conselheiro*, p. 69, 106, 136, 208, 280, 293, 418, 428, 432, 451, 247, 50, 403, 409, 226, 202, 212, 321, 372.

DUARTE NUNES : *Crônic. de D. João I, D. Duarte e D. Aff.*, v. I, p. 44, 49, 52, 70, 73, 86, 92, 95, 101, 126, 149, 163, 245, 249, 253, 256, 258, 279, 307, 317, 318, 401, 425, 445, 453, 457 ; v. II, p. 49, 52, 53, ( duas vezes ), 122, 125, 183, 257, 315, 355, 356, 362, 386, 401.

CAMÕES : *Lus.* II, 9, 25, 36, 76 ; I, 21, 51, 81, 89, 94 (duas vezes) ; IV, 63, 71, 76, 97 (tres vezes) ; V, 22, 33, 80, 98 ; VI, 49 (duas vezes), 50 (duas vezes), 77, 88 ; VII, 47 ; VIII, 59 (duas vezes), 40, 41, 42 ; IX, 4, 6, 8, 38, 39, 84, 92 ; X, 20, 38. *Obras Compl.*, v. IV, p. 24 ; V, p. 115 ; VI, p. 26.

GIL VICENTE : *Obr.* v. I, 311, 312, 348 ; v. II, 511, 514 ; v. III, 7, 15 (duas vezes), 385.

GOES : *Chron. d'El Rei D. Emanuel*, f. 99 v., 100, 105 v., 107.

JORGE FERREIRA : *Eufrosina* (ed. de 1786), p. 40, 43. Assim quasi sempre.

BERNARDIM RIBEIRO : *Men. e Moça*, p. 37 (duas vezes), 57, 129.

JOÃO DE BARROS : *Gramm. e Dial.* (ed. de 1785), p. 104, 105 (duas vezes), 150, 213, (duas vezes), 214, 215, 217, 224, 226, 257, 269, 273, 274, 275 (duas vezes), 291, 293, 215, 206, 297, 302, 303 (duas vezes), 304 (duas vezes), 320, 324. E sempre assim.

VIEIRA : *Sermões*, -v. I, p. 90 (duas vezes) ; v. II, 254 ; v. III, 40, 350 ; v. IV, 34. *Obr. Inedit.* v. II, 114, 121, 131 (duas vezes), 140. E assim amiude.

BARROS : *Dec.* I, v. I, p. 26, 44, 52, 54. E *passim*.

COUTO : *Dec.* IV, v. I, p. 28, 47. E a cada passo.

BRITO : *Monarch. Lusit.*, v. I, p. 6, 7, 8 (duas vezes), 9, 40, 44, 45, 52. Com a mesma frequencia, no resto.

SOUSA : *Annaes*, p. 7, 176, 212, 227, 252, 267, 272. E innumeradas outras vezes. *Vida do Arcebispo*, v. I, p. 257, 265, 273 ; v. II, 14, 30 ; v. III, 43. E um sem conto de outros logares, ahi, como na *Historia de S. Domingos*.

D. FRANCISCO MANUEL DE MELLO : *Feira de Annexins*, p. 18, 33, 48, 192, 194, 196, 197.

M. BERNARDES : *Nova Floresta*, v. II, p. 5, 225, 323 ; e por esse teor reiteradas vezes.

JACINTO FREIRE : *Vida de S. João*, l. II, n.º 40, e em muitos outros passos.

AMADOR ARRAIZ : *Dialog.*, p. 55, 325. E a cada passo.

CAV. D'OLIVEIRA : *Cartas*, v. I, p. 236, 267, 268, 364 (duas vezes) ; v. II, 275, 276, 278, 404, 405, 472. E amiude em toda a obra.

Ainda em FILINTO ELYSIO se encontram desses exemplos em sobeja copia. Entre outros, no v. I (*Obras*), p. 185, 272 ; v. III, p. 210 ; v. IV, p. 129 ; v. V, p. 65, 130 ; v. VI, p. 73, 224, 333 ; v. XI, p. 33, 130 ; v. XII, p. 92, 159, 199, 293 ; v. XIII, p. 101, 211, 252, 269 ; v. XIV, p. 38.

Não era, portanto, erro, anomalia, caso fortuito, que escapasse aos bons. Não. O uso, arbitro do fallar, dera a essa flexão pronominal, um a par do outro, os caracteres de variavel e invariavel. Variavel, assignalava ella o plural, terminando em *s*. Invariavel, representava, sem se alterar, nomes no singular ou no plural. Com o tempo, a reflexão entrou a allumiar a pratica, infiel á razão e á clareza. Começaram-se de sentir na immutabilidade da fórma invariavel os seus inconvenientes, a obscuridade nas referencias, as suas amphibologias, as suas confusões; e, pouco e pouco, inutil, inintelligente, desvantajosa, essa fórma descaiu para o esquecimento e o abandono. Ainda uma ou outra vez se encontrará hoje em autores contemporaneos de peso, como A. HERCULANO, CASTILHO, CASTELLO BRANCO, MACHADO DE ASSIS<sup>1</sup>, mas tão escassamente, que se não-do levar á conta, penso eu, de negligencias da attenção no escrever, incorrecções do deleixo no imprimir, ou exigencias da metrica no versificar.

200.—E' um desses processos de selecção, discriminação e eliminação, meio inconscientes, meio reflexivos, como aquelle que acabou por imprimir definitivamente ao pronome *lhe* a flexão de numero, o que, entre mais difficuldades e resistencias, se vae lentamente desenvolvendo no tocante ao uso do infinitivo pessoal. Gerado na lingua esse maravilhoso lusitanismo, um dos privilegios mais invejaveis do nosso idioma, não houve a principio discernimento no seu emprego. Onde quer que o pudessem explicar a pessoa e o numero do verbo, era com frequencia preferido á fórma impessoal, embora as circumstancias da phrase não exigissem aquella syntaxe, embora não fosse necessaria á clareza, á elegancia, ou á harmonia do discurso.

De envolta, no entanto, com a que predominava, a outra forma não abandonou jámais os seus direitos, irrompendo, aqui e alli, de quando em quando, e de onde em onde afirmando a sua existencia, a sua vantagem, a sua especialidade grammatical. Desde os mais longinquos monumentos do nosso idioma se poderia acompanhar o curso paralelo de ambas as formas do infinitivo: uma quasi exclusiva no começo, reduzindo-se progressivamente ás funcções, que a systematização grammatical veiu porfim a *lhe* assignar; a outra assumindo pouco e pouco a que naturalmente devia exercer. Nos escriptores que mais dissipadamente usaram e abusaram do infinito

<sup>1</sup> A. HERCULANO: *Eurico*, p. 45, 285. *O Monasticon*, v. II, p. 158; v. III, p. 151.

CASTILHO: *Fastos*, v. I, p. 137; v. III, p. 181. *Taucto*, p. 59, 245, 280, 372. *Colloq. Abt.*, p. 79, 86, 204, 233, 231, 298.

C. CASTELLO BRANCO: *Memor. do Carcere*, v. I, p. 112. *Doze Casamentos*, p. 191.

M. DE ASSIS, *Poesias*, p. 121:

« Damas, tem-las aqui; inspira-lhe essas chammás. »

pessoal, vamos achar sempre, ao mesmo passo e nos mesmos casos, o infinito impessoal mais ou menos amplamente utilizado.

Para o demonstrar, num trabalho desta ordem, escassamente poderei indicar pelos cimos alguns exemplos, mais ou menos significativos:

« E assi digo que é bem de *lavar* e criarem bestas e gaados. » (D. DUARTE: *Leal Consel.*, p. 37.)

« Poserom todas as suas teençoões com gram desejo em se trabalharem de bem *trazer*, *calçar*, *jugar* a peella. » (D. DUARTE: *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar*, c. 15.)

« Não mudavam os do conselho a *cahir* em simples paz, ... tiveram geito de *fallar* á rainha. » (FERN. LOPES: *D. João I*, parte II, c. 196.)

« Com estas palavras começaram as lagrymas a *correr*. » (BERNARDIM: *Op. cit.*, c. 4, p. 45.)

« Temos grande razão de nos *alegrar*. » (AZURARA: *D. João I*, c. 5.)

« Teromos vagar pera *fazer* nossas mandas e testamentos. » (*Ib.*)

« Pera haverem razão de se *aconselhar*. » (*Ib.*, c. 31.)

« Provaram de *attentar* ao infante D. Duarte. » (*Ib.*, c. 33.)

« Certo nós não sabemos outro, senão virem elles *encarentar* o mantimento da terra. » (BARROS: *Dec. I*, c. 4, v. I, p. 39.)

« Como se foram *passear* a um campo mui sabido, e seguro. » (*Ib.*, c. 5, p. 45.)

« E como deram de subito sobre elles, sem *ter* lugar pera não serem vistos, e se *tornar* ao navio. » (*Ibidem.*)

« Começaram a *caminhar* contra o navio. » (*Ib.*, c. 6, p. 51.)

« E assi se apinhoaram todos a *olhar* tamanha novidade. » (*Ibid.*)

« Tornaram-se aos navios, sem lhe *fazer* damno. » (*Ib.*, c. 6, p. 56.)

« Muitos contradizem a natureza, fazendo-se caçadores, sem o *ser*. » (JOÃO DE BARROS: *Dial. da Viciosa Vergonha*. Ed. de 1785: P. 281.)

« Começaram a *borderar*. » (COUTO: *Dec. IV*, c. 4, v. I, p. 34.)

« Sahiram a elle para o *defender*. » (D. NUNES: *Cron. del Rey D. João I, etc.*, c. 72, p. 331.)

« E os encaminhou para se *ir* á Inglaterra. » (*Ib.*, c. 72, p. 336.)

« Foram contra Badajoz para *escaramuçar* com os contrarios. » (*Ib.*, c. 74, p. 342.)

« Estivessem apercebidos para se *defender*. » (*Ib.*, p. 42.)

« Com este bom successo se vieram para Nunalvarez muitos a se *offerecer* para o *servir*. » (*Ib.*, p. 94.)

« Fizeram preito e omenagem ao Mestre de o averem por senhor, e o *servir*. » (*Ib.*, p. 155.)

« Tomaram folego, para outra vez *fazer* a guerra. » (*Ib.*, c. 75, p. 349.)

« Andassom por Castella buscando os prisioneiros, para os *fazer* soltar. » (*Ib.*, p. 352.)

« Elles eram bastantes para se porem em defesa, e dar boa conta da cidade.» (*Ib.*, c. 78, p. 369.)

« Muitas nações estiveram muito tempo, sem *conhar* moeda.» (D. NUNES: *Orig. da Ling. Port.*, c. 3.)

« Os mesmos romanos... estiveram tanto tempo, sem *conhar* moeda.» (*Ibid.*)

« Crescem, para dar de si maravilhosas esperanças.» (AMADOR ARRAIZ: *Dial.*, c. 20, p. 51.)

« Os nossos entraram quasi sem *ser* sentidos.» (*Ib.*, c. 16, p. 65.)

« Mostraram valor e animo em *defender* desesperadamente e sem *fazer* pé atrás seu povo.» (*Ibid.*)

« Começaram a *entender* em sua obrigação.» (SOUSA: *Vida do Arc.*, l. I, c. 19.)

« ... visto entenderem sómente em *se aproveitar* do leite e lã das ovelhas.» (*Ib.*, l. II, c. 11.)

« Quiz quô seus filhos não possuissem na la, para saberem dar tudo, e *ser* senhores de tudo.» (*Ib.*, c. 29)

«Ora vê, rei, quamanha terra andámos,  
Sem *sair* nunca d'este povo rudo.»

(CAM.: *Lus.* V, 69.)

«Que os muitos, por *ser* poucos, não temamos.»

(*Ib.*, VIII, 36.)

« Os paes, que taes filhos tem, e os não afogam, mereciam *padecer* a pena de seus erros.» (FERREIRA: *Bristo*, a. I, c. 3.)

« Quereis vós credit, para *fazer* leis de erros, a vosso salvo, mais acreditadas que as de Minos e Lycurgo, sem as *attribuir* aos Deuses?» (JORGE FERREIRA: *Eufros.*, a. I, c. 4.)

« Não tendes outro modo do vos *sustentar*.» (VIEIRA: *Serm.*, v. I, p. 49.)

« Aprendam a não as *perder*; o se *perder*, mas a *negociar* com ellas.» (*Ib.*, p. 116.)

« Tão fora estiveram de *ficar* isentos do peccado.» (*Ib.*, p. 165.)

« Não cuidaste de *curar* nem de *preservar* seus peccados.» (*Ib.*, p. 170.)

« Tão pouca razão tem uns de *se desvanecer*, como outros de *se desconsolar*.» (*Ib.*, p. 241.)

« Affrontavam-se do parentesco de Deus, só por não *ser* parentes de um crucificado.» (*Id.*, v. III, p. 271.)

« Tiveram muita razão, não só para *se alegrar*, mas para *se rir*.» (*Id.*, p. 374.)

« As mulheres perdidas, e as que estavam a risco de *se perder*.» (*Id.*, v. IV, p. 12.)

« Sem o querer *confessar*, mostravam claramente não *ser* filhos legitimos.» (*Id.*, p. 37.)

« Só com Deus em um monte se guardam suas leis sem se *quebrar*. » (*Id.*, v. VI, p. 24.)

« Se tens propósitos, como é certo que tens, de algum hora *te converter* a Christo, de algum hora *te chegar* a Christo, de algum hora *te apartar* de tudo o que te aparta de Christo; quando ha-de ser esta hora? » (*Id.*, p. 310.)

« Ou seria tambem que, opprimidos os pés com carga de tanto oiro e prata, a largaram de si, por não *podel-a* sustentar. » (*Obr. Inedit.*, v. II, p. 167.)

Mostram estes exemplos, collidos á ventura, sem o monor esforço de investigação, nos volumes onde pullulam, a frequencia, com que, já entre os classicos antigos, se praticava o infinito impessoal, quando o seu sujeito era identico ao da oração do modo finito, com a qual se ligava. Com o apurar do ouvido, com o crescer das exigencias da euphonia, com o intervir cada vez mais largo da reflexão e da analyse no fallar e escrever, mais e mais se foi amiludando esta fórma, mais e mais ganhando preferencia á outra. Começou-se a sentir que a utilidade e belleza do infinitivo pessoal estavam nos serviços, que contribuo<sup>1</sup> para a clareza e a graça da construcção vernacula, dando á expressão da idéa maior transparencia e relevo. Multiplicado indistinctamente, onle não offerecesse esse proveito, sobrearregava o estylo, embarçava a enunciaçãõ do pensamento, desbotava e enfraquecia a linguagem. Personaliza-se o infinitivo, para lhe indicar o sujeito, quando esto lhe é peculiar, quando não for o mesmo da oração regente. Tal de ordinario o prestimo deste invejado lusitanismo. Mas, se o sujeito é commum ás duas orações, e o verbo do modo finito já o determinou, cessa, para o infinito pessoal, o motivo dominante, o verdadeiro motivo da sua excellencia, o grande motivo logico e literario da clareza. Esta intuição, que não poderia deixar de occorrer, por fim, aos bons escriptores da nossa lingua, aos seus mestres, aos seus melhoradores, aos seus benemeritos, foi gradualmente estabelecendo no emprego dessas duas fórmãs a discriminação natural.

Praticamente ainda não está de todo consummada. Ainda nos melhores modelos se discrepa ás vezes desso criterio, recorrendo-se á flexão pessoal do infinitivo, em casos nos quaes não serve senão para desnervar, carregar e emperrar inutilmente o discurso. Mas tão sensível é a evidencia e a energia da necessidade, a cujo influxo se vac operando a redução do infinitivo pessoal ás suas funcções normaes, que até os adeptos da theoria de DIEZ nem sempre confirmam, na pratica do idioma, a indifferença, que doutrinam, entre as duas fórmãs. O mais illustre desses entre nós, JULIO

<sup>1</sup> « Supponho que difficulosamente virá o parlamento de Inglaterra em *contribuir dinheiro* para a armada deste anno. » (VIEIRA: *Cartas*, v. III, p. 186, c. 121.)

RIBEIRO, com professor didacticamente a theoria do grammatico allemão, não usa, no ultimo e no mais bem ecripto dos seus livros, nem uma só vez <sup>1</sup> do infinito pessoal, nos casos do sujeito commum ás duas orações. E' sempre da outra construcção que se vale:

« Negros ageis saltaram para cima delles, a *descarregar.* » (A Carne, p. 28.<sup>2</sup>)

« Temperaram lingua, para matar o tempo. » (Ib., p. 32.)

« Com dous simulacros de torres a *picar* do branco o azul do ceu e o escuro da matta. » (Ib., p. 112.)

« Fizera uma confissão, que as mulheres nunca querem ser as primeiras a *fazer.* » (Ib., p. 167.)

« As cannas do milho que tinham nascido e morrido estioladas pela sombra, *sem produzir.* » (Ib., p. 222.)

201. — A querermos, de mais a mais, pôr de parte essas considerações todas, legitimando, neste particular, o phraseado classico unicamente pela sua autoridade tradicional, pelo seu classicismo, teremos de chegar aonde não quereriam, ou, pelo menos, até onde o não imitariam de boamente os adeptos do arbitrio absoluto nesta questão grammatical.

Quando, na redacção da phrase, grande numero de palavras medeiam entre o verbo do modo finito e o do infinitivo pessoal, nem sempre fere o ouvido o superfluo e inconveniente da flexão a este desnecessariamente impressa. A's vezes, porém, convisinham a tal ponto as duas formas verbaes, que mal se chega a sentir a interposição, cuja breve distancia as separa :

« Foram fartos de me, *mostrarem.* » (BERNARDIM : Op. cit., p. 21.)

« Se ellas por isso *teem* razão de serem mais tristes. » (Ib., p. 38.)

« Ordenaram outros homens de os *matarem.* » (Ib., p. 41.)

« Saíram tambem condemnados a *virem.* » (GOES : D. Emmanuel, f. 103 v.)

« Viram-se outras mulheres *fazerem.* » (CAV. D'OLIVEIRA : Cart., I, p. 220.)

« Davam fé de não serem comprehendidos em devassas. » (SOUSA : V. do Arc., l. I, c. 17.)

« Foste ditoso em *vires.* » (FERREIRA : Cioso, a. V, s. 2.)

<sup>1</sup> A menos que me escapasse, o que não creio, apesar da rapidez, com que reli esse escripto.

<sup>2</sup> Ed. de S. Paulo, 1902.

Outras occasiões quasi não ha intermedio, quasi que se succedem um ao outro os dois modos, apenas divididos por uma preposição, ou um pronome :

« Não soem ellas *fazerem-se* de balde. » (BERNARDIM: *Men. e Moça*, p. 35. )

« Inda não eram pera *andarem* com as mães. » (Ib., p. 131.)

« *Trabalharam* de trazerem todos os feitos a este fim. » (AZURARA: *D. João I*, c. 5.)

« Com mais diligencia se *guardam* de *quererem*. » (Ib., c. 33.)

« *Acudiam* com gosto, pelo que o tinham de *o verem*. » (SOUSA : *V. do Arc.*, l. I, c. 11.)

« *Estavam* para *servirem*. » (Ib., l. II, c. 11.)

« Cujos olhos banhados de fel *pareciam* não lhe *caberem* nas orbitas. » (A. HERCUL.: *O Bôbo*, p. 235.)

Logares ha, porém, onde os dois verbos se succedem um ao outro em absoluta contiguidade :

« Não *podem serem* em um accordo. » (AZURARA: *D. João I*, c. 5.)

« Elles *confessam levarem* tanto trabalho. » (JOÃO DE BARROS : *Dial. da Vic. Verg.*, p. 294.)

« Nem *dissessem serem* de sua familia. » (SOUSA: *V. do Arc.*, l. II, c. 3.)

« Só a fim de *alcançarem serem* admittidas nella. » (Ib., c. 6.)

« Os seculares *duvidaram estarem*. » (Ib., c. 13.)

« *Conheciam terem* bom partilo com a *posse*. » (Ib., l. V, c. 8.)

« *Mostravam estarem* mais para fazer algum auto de guerra. » (DUARTE NUNES : *Cronicas de D. João*, etc., v. II, p. 410. )

« *Mostravam estarem* cheos de medo. » (Ib., p. 183.)

« *Mereciam verem-se*. » (CAV. D'OLIVEIRA: *Cart.*, v. I, p. 101.)

« Alguns orificios profundos, que *mostravam terem* servido para embeber as traves. » (A. HERC.: *Eurico*, p. 228. )

Haveria de presente escriptor, que ousasse perpetrar phrases destas ? C. CASTELLO BRANCO moteja algures da phrase : *Parecem terem*. A prevalecer o typo classico, não tem razão a zombaria. A expressão que elle mette a riso, não differe dos exemplares aqui transcriptos. Diz-se *parece terem*, ou *parecem ter*. No segundo caso

o verbo concorda com o sujeito plural. Para o plural, portanto, irá legitimamente o segundo verbo, desde que se admitta, na especie, o infinitivo pessoal. A clausula *parecem terem* converto-se em *parecem que têm*. Logo, está dentro na formula grammatical de DIEZ: satisfaz o seu criterio de vernaculidade, e, segundo esse criterio, será certa.

Não admittem a conclusão? Então é rejeitarem a premissa. O criterio é que não presta.

A subsistir, portanto, a doutrina do philologo allemão e do grammatico paulista, ninguem se poderá escandalizar, quando se ocrevam proposições desto jaz: *Vão correrem. Podem saírem. Busquem fugirem. Hão-de morrerem. Queiram entrarem. Deixem-se estarem. Tentaram correrem. Procurae beberdes. Foram estudarem. Ousaram escreverem. Sentem ficarem. Ide repousardes. Pensam lucrarem. Dizem serem. Cuidam vencerem. Imaginam ganharem. Lograram fazerem. Resolveram acabarem. Foram jantarem. Vieram dormirem. Irão trabalharem.* Grandes antecedentes classicos as autorizam.

Estou vondo que, a despeito de JULIO RIBEIRO e DIEZ, acham intoleravel a liberdade. Mas a esse paradei'o fatalmente nos leva o processo, de onde se elaborou a regra por elles firmada.

Se a limitam, se, para autorizar esses exemplos, não valom textos, como os que apontei, dos molhores escriptores antigos, é que a regra será falsa, é que o seu criterio não será de boa lei. Se a restringem, estão reconhecendo que o uso classico raiava pelo abuso. E, admittida a restricção, o unico limite não arbitrario é o da linha discriminativa entre os casos de *sujeito commum* e os de *sujeitos diversos* nas duas orações.

Neste sentido guia o genio da lingua, tende a sua natureza progressiva, encaminha o curso do seu uso, conspira o sentir dos grammaticos na sua generalidade. De todas as autoridades, porém, ha uma, que por cima de todas sobreleva: a daquelle, que SILVA TULLIO acclamava o nosso pontifice contemporaneo em pontos de fé grammatical, a de CASTILHO ANTONIO. Philologo, poeta e prosador insigne entre os mais insignes, esse classicó, o maior dos da nossa lingua no seculo dezenove, consultado especialmente nesta controversia, respondeu a FRANCISCO BARATA:

« Vindo ao ponto sobre que me consulta, digo que a opinião de JERONYMO SOARES BARBOSA, que é ao mesmo tempo a de V. acerca dos infinitos impessoaes e pssoaes, me parece a mais sã; por isso em todos os meus escriptos me tenho com ella conformado.»<sup>1</sup>

<sup>1</sup> F. BARATA: *Op. cit.*, p. 31-2.

## § 46

## Art. 337

## « CONCORDANCIA VERBAL »

202. — Resava o original deste artigo:

« São parentes em linha collateral, até o decimo grá), as pessoas que procedem de um tronco commum, sem que *descenda* uma da outra.»

Eu propuz que se emendasse :

« São parentes em linha collateral ou transversal, até ao decimo grau, as pessoas que provêm de um só tronco, sem descendorem uma da outra.»

A's observações em que estribei a minha censura acudiu bravamente a critica de faca e calhau :

« Quanto pôde o despeito! Qualquer menino de collegio verificará, entretanto, que o sujeito de *descenda* é *uma* e não *pessoas*. A ordem directa seria : «sem que uma *descenda* da outra.» Achou o que estava perfeitamente certo, e *emendou para errado.*»

Mas ao sanhoso dilettante responde civilmente o profissional :

« Aqui pôde o verbo *descender* (*descenda*) ir ao plural, dando-se-lhe por sujeito o vocabulo— *pessoas*, ou ficar no singular, tomando-se-lhe por sujeito a palavra—*uma*, que então concorda com o substantivo— *pessoa*—subentendido.»<sup>1</sup>

Lá se avenham entre si os dois apologistas do projecto. Possa o espirito de transacção enlaçar um ao outro os dois órgãos da defesa.

A mim bastar-me-á mostrar, com a pratica dos melhores mestres, que não corriji errado:

« Ora, filhos, logo essora,  
Cada um com sua esposa,  
Vamos ver a poderosa  
Rainha nossa Senhora.»

(GIL VIC., v. II, p. 441.)

« Onde se assentaram cada um em sua cadeira de espaldar.» (GOES: *Chron de D. Manuel*, p. II, c. 7.)

« Levou el-rei seu caminho até que chegou ao extremo onde cada um tiveram cuidado de levar a enterrar seus senhores.» (FERN. LOPES: *Chron. d'El-Rei D. João I*, p. I, c. 156.)

<sup>1</sup> DR. CARNEIRO : *Ligeiras Observações*, p. 9, col. 2.<sup>a</sup>

« A frota que jazia sobre Lisboa ordenou de se partir pera os logares d'onde cada um eram. » (*Ib.*, p. II, c. 61.)

« E ambos se ham de converter um em outro. » (JOÃO DE BARROS: *Dial. da Vic. Vergonha*, p. 246.)

« Arrastados cada um por dois homens. » (SOUSA: *V. do Arceb.* 1. II, c. IV.)

« Empenaram no lyão cada um sua lança. » (SOUSA: *Annaes*, p. 295.)

« Maiores são as estrellas cada uma só por si que toda a terra junta. » (VIEIRA: *Ineditas*, v. II, p. 146.)

« Sou eu, sois cada um de vós, e somos todos os homens. » (VIEIRA: *Serm.*, v. III, p. 361.)

« Cada um trazia tamanha ledico, como se determinadamente soubessem que sem nenhum perigo haviam de haver victoria. » (AZURARA. Ap. CARNEIRO, *Grammat.*, p. 396.)

« E á vista de um theatro immenso, tão tragico, tão funesto, tão lamentável, aonde cada reino, cada cidade, e cada casa continuamente mudam a scena. » (VIEIRA. Ap. CARNEIRO, *Grammat.*, p. 397.)

« Não podia ser duvidoso o resultado : eram um contra cem. » (A. HERCULANO. Ap. CARNEIRO, *Ligeiras Obsevaç.*)

« Por irem esconder no fundo de mosteiros distantes o horror carnal um do outro. » (EÇA: *Os Maias*, II, p. 441.)

Para justificar, na phrase «as pessoas que procedem de um tronco commum, sem que descenda uma da outra», o verbo no singular *descenda*, attribuem-lhe por sujeito o numeral *uma*. Tão singela era, se colhesse, esta explicação, que á primeira face lhe reconheceria a verdade quem quer que não fôra cego. Mas esse redigir, com o verbo no singular, não exclue o facto do parentesco por descendencia entre os dois individuos senão *destacada e successivamente*, considerando-se de cada vez um a respeito do outro; quando o pensamento legislativo seria excluir para logo, por synthese, em relação a ambos, essa idéa, o que só mediante o verbo no plural se operava de modo sensível ao primeiro aspecto. Por isto alvitrei eu *descenderem*, concordando com pessoas, em vez de *descenda*, concordando com *uma*.

## § 47

### Art. 663

« TEM OS MESMOS DIREITOS, E COM AS MESMAS GARANTIAS. »

203.— Topou o dr. CARNEIRO nesta locução, mas sem o menor fundamento.

Senão, vejamos.

O art. 663 do substitutivo, onde se ella contém, enuncia-se assim:

« Aquelle, que, com a autorização do compositor de uma obra musical, sobre os seus motivos escrever

combinações ou variações, tem, a respeito destas, os mesmos direitos e com as mesmas garantias, que sobre aquella o seu autor.»

Todo o escandalo do professor CARNEIRO, aqui, está na conjunção e, que elle não sabe meio de accomodar sem quebra do não sei quantos canones grammaticaes, infelizmente não expressos na critica do mestre.

Quizesse elle, com um tudo-nada, sequer, de equidade, suppor que tambem contra mim aconteça distrair-se a revisão, e tanto bastara, para se forrar a essas despezas grammaticaes, reduzindo, pela simples elisão do e, aquella redacção a esta: «tem os mesmos direitos, com as mesmas garantias.» Dest'arte é que eu havia escripto.

Som embargo, não repudio a redacção, que alli se encontra. Está mal feita? Não: está certissima. Para lhe dar com a rogençia, basta lhe figuremos a mais simples das ellipses. A que será que as garantias corresponlem? Aos direitos. Os direitos referem-se ás garantias, e a ellas pertencem. E' o que transparentemente se enxerga na proposição «tem os mesmos direitos, e com as mesmas garantias». Entre a conjunctiva e a preposição com está, portanto, subentendido o mesmo vocabulo direitos, complemento directo de tem, ou um adjectivo demonstrativo, que os represente, dest'arte: «tem os mesmos direitos, e estes direitos com as mesmas garantias», ou melhor: «tem os mesmos direitos, e estes com as mesmas garantias.»

Se duvidar ainda o douto professor, edifique-se nestes excerpts, do mais autorizado classicismo:

«Um tão poderoso principe, E COM que o impedidor mostrara tanto contentamento.» (MORAES: *Palmeirim d'Inglaterra*, p. II, c. 131.)

«O clero hespanhel, incomparavelmente o mais allumiado da Europa naquellas eras tenebrosas e cuja influencia nos negocios publicos era maior.» (A. HERCULANO: *Eurico*, p. 5.)

«Este acontecimento ignorado, e cujo motivo e circumstancias inteiramente se ignoravam.» (*Ib.*, p. 199.)

«Granada, mãe de valentes soldados e donde podia partir o raio.» (A. HERCUL.: *O Monge de Cister* v. I, p. 65.)

«Micissa o quadrangular, com os seus esguios miradouros bojando nos dois angulos exteriores, e erguida sobre o escuro portal.» (A. HERCUL.: *O Bôbo*, p. 18.)

«Uma grande camada de futuros homens, a lerem, a escreverem, a contarem, e iniciados na religião.» (CASTILHO: *Felic. pela Instr.*, p. 34.)

« São também uma especie de mestres das povoações E COM as vantagens de actuarem inda mais sobre os adultos.» (*Ib.*, p. 43.)

« A terra, enorme pero e no ar envolta.» (CASTIL.: *Fastos*, v. III, p. 121.)

« Mudassem a cova da estrumeira para mais longe, e donde o vento não trouxesse as exalações.» (CASTIL.: *Colloq.*, p. 228.)

« Dá-lhe a ama o candido véo das musas, radiante como o sol, e que saíra d'um cofre odorifero.» (C. CASTELLO BRANCO: *Os Martyres*, I, p. 24.)

## § 48

### Art. 419, II

#### FAZER VALER

201.—Não quero fazer grande força no meu reparo a esta expressão, bem que, se os italianos a praticam, entre nós os mais altos exemplares do fallar vernaculo quasi nunca a admittiram.

Verdade seja que uma vez se me depara em SOARES BARBOSA, na phrase: «*Fazem-se valer os casos julgados de dois modos*» (*Instituições Oratorias*, v. I, p. 223), offerecendo-se-me outro exemplo do mesmo uso em CASTELLO BRANCO, não acerto agora em que logar da sua traducção dos *Martyres*. Noto, porém, que MORAES, enumerando em copioso elenco as combinações vernaculas do verbo *valer*, dessa não falla. Reflexiono que SOARES BARBOSA, mestre em grammatica, não é como prosador tão apontado modelo. «Os grammaticos raramente são escriptores», disse, com o abono da observação goral, um dos nossos philologos mais eminentes. <sup>1</sup>

C. CASTELLO BRANCO, por ultimo, a quem chamaram, com algum exaggero, «o derradeiro e mais illustre mestre da lingua portuguesa» <sup>2</sup>, certo é que, insigne padrão no opulento do vocabulario, e guia quasi sempre seguro no vernaculo do phraseado, não saíu immune, quanto ás influencias do contagio francês, a deslisos e inadvertencias, uma ou outra vez assaz graves,

*quas aut incuria fudit*

*Aut humana parum cavit natura.*

203.—De algumas já lhe fizeram cargo no Brasil, ha mais de trinta annos, CARLOS DE LAET, BELLEGARDE <sup>3</sup> e outros. Para justificar o affectado <sup>4</sup> (*Esqueleto*, p. 102), teve o incrépulo que se

<sup>1</sup> CANDIDO DE FIGUEIREDO: *Lições Praticas*, v. III, p. 232.

<sup>2</sup> SILVA PINTO: *Combates e Criticas*, p. 56.

<sup>3</sup> *Vocabulos e locuções da ling. portug.*, p. 149-173.

<sup>4</sup> Na accepção de *accommettido*, saltado de enfermidade.

valer do CONSTANCIO (*Ecos do Minho*, n. 3, p. 14), a quem, dahi a dois annos, no *Perfil do Marquez de Pombal* <sup>1</sup> (p. 163), havia de chamar «aquelle desgraçado dictionarista». Do *adresse*, ainda hoje reputado puro francês <sup>2</sup>, se defendeu, allegando erro de imprensa, mas sustentando-lhe, ao mesmo tempo, a necessidade, quando empregado como indicação de moradia <sup>3</sup>; o que aliás elle mesmo praticamente refuta, dizendo, nos *Mysterios de Fafe*, com este significado, *adereçar* <sup>4</sup>, vantajosamente substituível por *endereçar*, cujo substantivo é *endereço*, nome especifico áquella idéa. <sup>5</sup>

Escrevia, ainda recentemente, C. DE FIGUEIREDO <sup>6</sup> que «*haverão tres bazares* é disparate imperdoavel ao mais incipiente alumno da escola primaria»; o dr. CARNEIRO <sup>7</sup> acoíma de solecismo essa phrase, e o proprio CASTELLO BRANCO, desabrido em relação ao nosso VARELLA, com «a corcova desse solecismo», se saboreou, a chufear da syntaxe do brasileiro. <sup>8</sup> Nesse delicto, porém, incorrou elle mesmo <sup>9</sup>, e, colhido em flagrante, buscou (creio que sinceramente) a exculpação no veso typographico da infidelidade. Não vira as provas, e os revisores, talvez com o proposito de o beneficiarem, o haviam calumniado. <sup>10</sup> Mas nas *Memorias do Carcere*, edição de 1881, «*revista pelo autor*», se nos offerece e repete a mesma cinca: «*Haviam anemolas. Houveram os costumados gritos.*» (V. I, p. 55 e 101. <sup>11</sup>)

Além dessas, por outros já denunciadas, varias outras francesias e invornaculidades manifestas (porque só das manifestas seria licito fazer rol contra a sua preexcelsa autoridade) nos deparam os livros de CAMILLO.

De resto (que FIGUEIREDO qualifica de «francês pur.» <sup>12</sup>) lhe é bem commum. (*Sentimentalismo*, p. 138, 161; *Narcoticos*, v. I, p. 184, 204; *A Brasil de Praxins*, p. 67, 92, 118, 153; *Marquez de Pombal*, p. 107, 159; *Maria da Fonte*, p. 98; *Os Ratos da Inquisição* <sup>13</sup>, p. 16). <sup>14</sup>

<sup>1</sup> Porto, 1882. Os *Ecos Humorísticos do Minho* são de 1880.

<sup>2</sup> C. DE FIGUEIREDO: *Lições*, v. I, p. 203.

<sup>3</sup> *Ecos*, n. 3, p. 13-14.

<sup>4</sup> «Cintou a gazetta epigrammatica, e adereçou-a pela posta interna a D. Gabriella.» P. 109.

<sup>5</sup> V. BELLEGARDE: *Op. cit.*, p. 152, 167-8, 171-2.

<sup>6</sup> *Lições Práticas*, v. II, p. 280.

<sup>7</sup> *Grammat.*, p. 431.

<sup>8</sup> *Cantioneiro Alegre*, ed. de 1879, p. 517-18.

<sup>9</sup> *Romance de um moço pobre*, p. 91, 213.

<sup>10</sup> *Ecos*, *ib.*, p. 11-15.

<sup>11</sup> Esta circumstancia escapou a BELLEGARDE. Vel-o *op. cit.*, p. 152, 153, 160-63, 172-3.

<sup>12</sup> *Lições*, v. I, p. 763.

<sup>13</sup> Porto, 1883.

<sup>14</sup> Dessa locução tambem se acham exemplos em HERCULANO, CASTILHO é que nunca a perpetrou.

O emprego do *se*, particula apassivadora, com o verbo no singular é das mais lastimaveis nodoas, que podem macular o português. De « censuravel deformidade » a censura FIGUEIREDO <sup>1</sup>, e o dr. CARNEIRO <sup>2</sup> a enumera entre os mais rudimentares solecismos. Pois a elle descambou não poucas vezes CAMILLO : « *se lho dê* mais alguns crusados » ; « *não se calculou* os milhares de victimas » ; « *lia-se* menos arolas » ; « *imagine-se* os conluios ». (*Narcoticos*, v. I, p. 95. *Pombal*, p. 115. *Myst. de Fafe*, p. 128. *Cav. da Mart.*, p. 60.)

Do *a*, em vez de *que*, em dizeres como estes — *obrigações a cumprir, deveres a satisfazer, ter a receber*, que o dr. CARNEIRO avorba de solecismo <sup>3</sup>, e com razão, apesar de alguns exemplos que tambem conta esse phrasear em AL. HERCULANO <sup>4</sup>, usa CAMILLO em muitos passos. (*Doze Casamentos*, p. 212. *Mem. do Carc.*, v. II, p. 140. *Cav. da Mart.*, p. 60.)

Além desses, muitos outros. *Prevalecer-se de*, (*Mem. do Carcere*, v. I, p. 126), que o dr. CARNEIRO tem por erro de syntaxe. (*Gramm.*, p. 435.) *Feerico* (*Othelo*, p. 22), a que FIGUEIREDO põe a tacha evidente, a mau parecer, do não euphónico e não português. <sup>5</sup> *De modo a* (*O Vinho do Porto*, p. 77 ; *Pombal*, p. 110), solecismo stygmatisado por CARNEIRO. <sup>6</sup> *Acclimatado*, aliteração portugueza do francez *acclimaté* <sup>7</sup>, que em linguagem se diria *acclimado*. (*Othelo*, p. 33.) *Desolado*, por *consternado* (*O Vin. do Porto*, p. 60), adaptação gallica de uma locução, portugueza noutro sentido. (CARNEIRO : *Gramm.*, p. 433.) *Intrigado*, em vez de *embaraçado, enleiado, suspenso, atalhado, perplexo* (*Narcot.*, v. I, p. 82 ; *Maria da Fonte*, p. 333), uso em que não diz com o significado vernaculo da palavra. *Extracção*, em logar de *linhagem, descendencia* (*Pombal*, p. 55 ; *O Carrasco*, p. 23), applicação entre nós rejeitada como francesia. (CARNEIRO : *Gramm.*, p. 433.) *Confecções*, exprimindo roupis e objectos de moda ou luxo (*O Gener. Carl. Rib.*, p. 64), francesismo claro e notorio. <sup>8</sup> *Engrenagem* (*Narcoticos*, v. I, p. 295 ; *Pombal*, p. VIII), que no idioma patrio se escreveria : *entrosagem, entrosado, engransado, engranze, endentação, endentalo*. *Bsbeche* (*Maria da Fonte*, p. 18), francez xaroco, a que FIGUEIREDO oppõe o vernaculo *arandela* <sup>9</sup>, fóra o qual ainda temos *dirandela*, que o seu dic-

<sup>1</sup> *Lições Praticas*, v. I, p. 72, v. II, p. 257.

<sup>2</sup> *Grammat.*, p. 434.

<sup>3</sup> *Ibidem*.

<sup>4</sup> *Eurico*, p. 94. *O Bisbo*, p. 275, 277. *O Monge do Cistèr*, v. I, p. 253 ; v. II, p. 135, 132.

<sup>5</sup> *Lições Praticas*, v. I, p. 195.

<sup>6</sup> *Grammat.*, p. 435.

<sup>7</sup> Ver FIGUEIREDO, *Liç.* v. II, p. 173. *Acclimar* diz *Ramalho, Hol-land.*, p. 211, e CAMILLO mesmo, *Narcoticos*, v. I, p. 137.

<sup>8</sup> C. DE FIGUEIREDO, *Lições*, v. I, p. 263. CASTRO LOPES: *Neologismos indispns. e barbarismos dispensaveis* (Rio 1889), p. 163.

<sup>9</sup> *Lições*, v. I, p. 142.

cionario inadvertidamente omittiu. *Tige* (Noit. de *Insomn.*, n. 6, p. 79), deslavado francês, « mais que gallicismo »<sup>1</sup> na expressão de uma autoridade, ao qual corresponde o nosso *haste*, ou *caule*.<sup>2</sup> *Bigotismo* (Pombal, p. 95), mero francês, que tirado em vulgar, se diria *beatice*, *carolice*, *santimonia*. *Argot* (*Sentimental.*, p. 63), em vez de *gíria*, ou *calão*.

† Não metterei nesta conta o «fallar a verdade», locução muitas vezes encontrada nos seus escriptos (*Queda de um Anjo*, p. 175; *Theat. Comico*, p. 33; *Coisas Espantosas*, p. 210; *Doze Casam.*, p. 194; *Mem. do Carc.*, XLVI); porque, não obstante a sentença pe-reptoria de SILVA TULLIO<sup>3</sup>, FIGUEIREDO<sup>4</sup> e CARNEIRO<sup>5</sup>, muito varia, a esse respeito, o uso dos bons autores.<sup>6</sup>

Tambem lhe não farei cargo do *a miúdo* (*Cav. da Martyr*, p. 197, 206), bom que de *improprio* e *bastardo* o tache, com o grande peso da sua autoridade, CANDIDO DE FIGUEIREDO<sup>7</sup>; porque, ainda neste ponto, não harmonizam entre si os mestres.<sup>8</sup>

<sup>1</sup> FIGUEIREDO: *Lições*, I p. 142.

<sup>2</sup> BELLEGARDE: *Op. cit.*, p. 137-9.

<sup>3</sup> *Estudinhos da Lingua Materna. Dicionario Universal da Educa-ção de CAMPAGNE*. Trad. por CASTELLO BRANCO. V. I, p. 943.

<sup>4</sup> *Lições Prat.*, I, p. 248.

<sup>5</sup> *Grammat.*, p. 345.

<sup>6</sup> E, se não, averigüe quem se quiser esclarecer as indicações desta minha summa:

*Fallar verdade*. FERREIRA, *Obras*, v. I, p. 308, 418. *Lusiadas*, IX, 45. GIL VICENTE, *Obr.* III, p. 319. SOUSA, *Vida do Arceeb.*, l. III, c. 5, p. 34 (na ed. de 1800). CASTILHO, *Fausto*, p. 95. A. HERCULANO, *Monge de Cistér*, v. II, p. 304.

*Fallar a verdade*. GIL VICENTE, *Obr.* I, p. 374; III, 427. FERREIRA, *Obras*, v. I, p. 412. CASTILHO, *Fausto*, p. 131. D. FRANC. MANUEE DE MELLO, *Apolog.*, I. A. HERCULANO, *Monge de Cistér*, v. II, p. 237. FILINTO, *Obr.*, v. XII, p. 451.

*Dizer verdade*. GIL VICENTE, *Obr.* III, p. 41, 353. JORGE FERREIRA, *Eufrosina*, a. I, sc. 6. Ed. de 1786, p. 212, 236, 269. VIEIRA, *Cart.* v. IV, p. 176. ANT. FERREIRA, *Obr.*, I, p. 376, 391, 447. CAV. D'OLIVEIRA, v. II, p. 274. CASTILHO, *Camões*, p. 59.

*Dizer a verdade*. GIL VICENTE, *Obr.*, II, p. 445 (tres vezes). ANT. FERREIRA, I, 339, 340. D. NUNES: *Crôn.*, v. II, p. 191. *Eufrosina*, p. 200, 209, 230. CAV. D'OLIVEIRA, I, p. 83. VIEIRA, *Cart.*, v. IV, p. 93. CASTILHO, *Fausto*, p. 193. CASTILHO, *Colloq.*, p. 55, 253, 291, 357, 372. CAMILLO, *Genio do Christianismo*, v. II, p. 332. A. HERCULANO, *O Monge de Cistér*, I, p. 231. FILINTO, *Obr.* v. XII, p. 48, v. XIII, p. 127. CASTILHO, *Camões*, p. 222.

*Amar verdade*. GIL VICENTE, II, p. 415.

*Amar a verdade*. GIL VICENTE, III, p. 330.

*Tratar verdade*. GOES, *D. Emmanuel*, f. 107.

*Usar verdade*. JORGE FERREIRA: *Eufrosina*, a. I, sc. 4. A. HERCULANO, *Monge de Cistér*, I, p. 234.

*Guardar verdade*. FERREIRA, I, p. 467.

*Transluzir verdade*. CAMILLO, *Mosaico*, p. 173.

*Achar verdade*. FILINTO, *Obr.*, v. XIV, p. 6.

*Escrever verdade*. D. DUARTE: *Leal Conselh.*, p. 471.

<sup>7</sup> *Lições Praticas*, I, p. 31-2.

<sup>8</sup> Por todas as formas tem passado este adverbio no escrever dos mestres: *amehude*, *ameude*, *ameudo*, *amyude*, *amiude*, *amiudo*, *a miude*, *a meude*, *a miúdo*, *a meúdo*.

*Amehude*. D. DUARTE: *Leal Cons.*, p. 173, 272, 432, 431.

Casos ha, porém, de incorrecções lexicas e syntaxicas, a que o grande escriptor, estou certo, não faltaria com a emenda, se repassasse com vagar as suas obras. Assim: o *colera*, por a *colera* (*Noit. de Insomn.*, n. 3, p. 35; *Coisas Espantos.*, p. 6 e 11); o *philloxera*, em vez de a *philloxera* (*Maria da Fonte*, p. 300); um *abordar*, por *aportar* (*Coisas Espant.*, p. 216); um *tal qual como* (*Narcot.*, v. II, p. 159; *Vin. do Porto*, p. 24; *Cuncioneiro*, p. 141, 334), a que FIGUEIREDO chama de *tolice*<sup>1</sup>, bem que ao mesmo descuido resvalasse egualmente CASTILHO<sup>2</sup>; um *tal e qual*<sup>3</sup> (*Sentimentalismo*, p. 25, 262; *Theatro Com.*, p. 15), provavelmente erroneo; um *o quer que seja* (*Queda de um An.*, p. 53), « corrupção anti-grammatical da locução portugueza *o que quer que seja* »<sup>4</sup>; um *quem venciam* (*Narcoticos*, I, p. 11), que já encontrou em Portugal imitadores<sup>5</sup>; um *faz*, por *faze* (*Theat. Com.*, p. 26, 36) e um *diz*, por *dize* (*Doze Casam.*, p. 203; *Cois. Espant.*, p. 13); um *prófugo*, synonymo, em português, de *fugitivo*, empregado na accepção contraria de *afugentador*.<sup>6</sup>

Não quero com isto desfazer na autoridade vernacula de CASTELLO BRANCO. CASTILHO ANTONIO lhe chamou, talvez com razão, o *mais opulento dos nossos classicos*. Mostram as minhas observações

*Amygd.* *Ib.*, p. 274.

*Ameudo Ib.*, p. 146.

*A meude.* D. DUARTE: *Livro da Ensinança*, p. 575.

*Amiude.* CASTILHO: *Fast.*, II, 487. BLUTEAU, *Vocab.*, v. I, p. 340. MORAES: *Diccion. CASTILHO: Primavera*, p. 10, 160. A. HERCULANO, se me não falha a memoria, escreve sempre assim.

*Amiudo.* BLUTEAU: *ibid.* MORAES, *ib.* CASTILHO: *Camões*, p. 201.

*Ameude.* FERNÃO LOPES: *D. Pedro*, c. 8 (duas vezes), c. 11. FERN. LOPES: *D. João I*, parte II, c. 170. D. DUARTE: *Leal Cons.*, p. 206, 295, 413, 416, 276, 299, 320. Assim JOÃO DE BARROS.

*A miudc.* FERN. LOPES: *D. Fernando*, c. 31, 57 (duas vezes), 76, 82 (duas vezes), 100, 105; *D. João I*, parte I, c. 10; parte II, c. 40 (duas vezes) e 65. SOUSA: *Annacs de D. João III*, p. 47, 158, (duas vezes.) GIL VICENTE: *Obr.*, II, 134; III, 22, 332. CASTILHO: *Rastos*, v. II, 33; v. III, 73, 77; *Metamorph.*, p. 184; *Amores*, II, p. 53 (duas vezes). FERREIRA: *Obr.*, v. II, p. 26. FILINTO: *Obr.*, v. IV, p. 45. CASTILHO: *Camões*, p. 45, 290.

*A miudo.* SOUSA: *V. do Arc.* ed. de 1890, v. I, p. 38, 62; v. II, p. 29; v. III, p. 33, 38. SOUSA: *Hist. de S. Domingos*, ed. de 1866, v. II, p. 319. FERNÃO LOPES: *D. João I*, parte I, 169, 182. *Lusiadas*, VI, 39. CASTILHO: *Georgicas*, p. 57, 111, 163, 171, 179, 209. *Rastos*, v. I, p. xxviii, LI. *Colloquios*, p. 155. BERNADES: *N. Floresta*, v. II, p. 72. FILINTO: *Obr.*, v. XII, p. 61, 131, 152, 236; v. XIII, p. 5, 165; XXII, p. 87.

*A meudo.* FERNÃO LOPES: *D. João I*, parte I, c. 54, 107, 177. FR. THOMÉ DE JESUS, v. I, p. 12.

<sup>1</sup> *Lições Praticas*, v. II, p. 315; v. III, p. 55-6.

<sup>2</sup> *O Avarento*, p. 150. *Colloquios Aldeões*, p. 81.

<sup>3</sup> Ver FIGUEIREDO, *op. cit.*, v. I, p. 255. Aliás tambem deste se encontra exemplo em CASTILHO, *Excavaç. Poet.*, p. 39, bem como em FILINTO ELYSIO, *Obr.*, v. IV, p. 122 (« são estes *taes e quaes* ») e v. XIII, p. 225 (« *Visinhos taes e quaes* são Lobo e Zorra »).

<sup>4</sup> FIGUEIREDO: *Op. cit.*, v. II, p. 37-8.

Aliás A. HERCULANO tambem escreveu: « A minha manopla tornou a encontrar o *quer que foi*. » (*O Monge de Cister*, v., p. 16.)

<sup>5</sup> FIGUEIRDO: *Op. cit.* v. I, p. 264.

<sup>6</sup> *O Esquelcto*, p. 274: « Davam-lhe amuletos e orações *prófugas* do espirito immundo. »

apenas que, como HOMERO, tambem dormitou uma ou outra vez, escorregando em algumas expressões menos correctas e em certos empréstimos francezes, que nem a necessidade nem o bom gosto justificam.

Sendo, pois, desta natureza a duvida quanto ao *fazer valer* e essa quasi a unica autoridade em abono da locução por mim posta em duvida, não terei motivos, para deixar o assumpto em quarrentena, e preferir á expressão contestada uma das *dez*, ou mais, que vantajosamente a substituem ?<sup>1</sup>

## § 49

## Art. 420, IV

## UMA SANCADILHA

**206.** — Não sei se no ultramar já enferrujou o vocabulo. O nome que a coisa tem hoje em dia nos costumes brasileiros, sóa mais plebeicamente. Não lh'o darei. No entanto, aqui, é desse artificio que se valeu o douto censor, por salvar uma dificuldade, e occultar um contratempo de amor proprio.

A essa acuidade visual do mestre, que em cada poro, na epiderme alheia, descortina um abysmo de mazellas e monstros, escapou no proprio lavor a ingenuidade palmar de um texto como este:

« Podem escusar-se da tutela os impossibilitados  
por enfermidade emquanto ella durar. »

Ora, discorri eu, haveria ahi coisa alguma que o seja, quando já não é? que dure, quando já não dura? Se a enfermidade não durar, deixou de ser enfermidade. Se enfermidade continua a ser, é que está perdurando. Temos aqui, logo, uma dessas redundancias, que nenhuma utilidade têm, senão a de metter nas leis o riso e a galhofa.

Não encontrou fresta o dr. CARNEIRO, por onde o conseguiu-se negar. Era de preceito, pois, em boa guerra, que o confessasse. Mas não fez. Preferiu dissimular, recorrendo á tactica de submeter ao seu formidavel escarpello a grammatica e o estylo da minha nota a esse trecho do projecto. Sempre a obsessão de suppor que, com indigitar nodoas minhas, se abluiria das suas.

Os obsessos não são felizes. Têm a visão introrsa: vêem para dentro de si mesmos, da sua idéa fixa, perdendo, a cada momento, de vista a realidade exterior. Distrahido, abstracto, suspenso num

<sup>1</sup> Allás agora, ao rever das provas, dcu com estes dois exemplos dessa locução nas obras de A. HERCULANO: « O mais crível é que o governo portuguez respeitasse o direito de um homem collocado em situação de o *fazer valer*. » (*Historia da Inquis.*, v. III, p. 337.) • Dantes a raça christan tinha a consciencia de uma grande superioridade religiosa o *fazia-a valer* na legislação. » (*O Monge de Cist.*, v. I, p. 72.)

desses enleios devia de estar o dr. CARNEIRO, quando empeceu nestes periodos meus:

« Pois a enfermidade que já não dura, isto é, a enfermidade que foi, que existiu, que acabou, ainda será enfermidade? E, se já o não é, desde que se allude a *enfermidade*, não está claro ser a enfermidade *enquanto dura*, pois, em não durando, cessou de *haver-a?* »

A estas interrogações redargúe, no mesmo tom interrogativo, o douto censor, com uma seriedade aruspicina, de que só os mestres são capazes, em assumptos que a não têm :

« Nesta construcção labyrinthica do Dr. Ruy Barbosa, a quem se refere aquelle — *a* — por que termina a phrase?

« Não será ao vocabulo *enfermidade*, que é a um tempo sujeito do verbo *dura*, do particípio *durando* e pelo contexto da phrase, do verbo *cessou*, por ser da enfermidade que se afirma o cessar?

« Se assim é, qual a função daquelle pronome — *a* — que se refere a enfermidade?

« A que vem elle?

« Não estaria completo o conceito, dizendo-se simplesmente *cessou* ou *cessou de existir*, sem se recorrer áquelle — *haver-a*, — que torna a phrase de todo irregivel? »

Tivesse eu quarenta annos menos, e bem poderia ser que esta sophisteria de má morte me não escapasse a um desses fluxos de riso em casquinada, frescos, amplos, chirriantes, com que a troça menineira se despica das esturricos da palmatoria, salvando em assuada franca aos oscurrogos e cochilos do saber magistral.

Pois inquirirá de verdade o mestre a quem se refere esse *a*, por onde, naquella phrase minha, o periodo remata? E de veras sustentará que elle a torne *irregivel*? E' de mais.

Mais de uma vez discuto o padre VIEIRA, a grande esforço de erudição theologica, nos seus sermões, quem era a mãe dos filhos de Zebedeu. <sup>1</sup> Mas se pelo pae dos filhos de Zebedeu lhe perguntassem, que responderia a esta questão de largo tiro o grande pregador?

A prova a que me quer submitter o mestre, desta vez, é da mesma força. Naquelles dois periodos interrogativos, que se succedem, o derradeiro dos quaes finda com as palavras « cessou de

<sup>1</sup> Sermões, v. I. p. 238, v. XI, p. 247.

*havel-a*», o unico substantivo, aliás alli muito de proposito repetido quatro vezes, o unico substantivo existente é *enfermidade*, substantivo, advirta-se, do genero feminino. Logo, se alli outro nome não se vê, o esse nome é feminino, a que, se não a ello, se ha-de referir o pronome feminino *a*, que põe termo á phrase? E, querendo a prova real, é substituirem, o pronome pelo nome, que se presume representar. Teremos: «Desde que se allude a *enfermidade*, não estará claro ser a *enfermidade emquanto dura*, pois, em, não durando, cessou de *haver enfermidade*?»

O *havel-a* passou a dizer-se *haver enfermidade*. E ficou mal? Não.

A reiteração da palavra toda a gente de boa fé está a sentir e palpar que mui de estudo se usou, para trilhar e retrilhar o risivel da expressão criticada no projecto. Por evitar, porém, a ultima

<sup>1</sup> Faz o dr. CARNEIRO que não percebe esse intuito, para me imputar ao estylo o habito dos trocados de palavras, a cujo proposito me desfecha de tirada este sermão:

« Em alguns pontos recorre o eminente censor a trocadilhos e juguetes de palavras, que lhe empegam o contexto do discurso, e lhe ensofram o estylo, levando não raro o espirito do leitor a um emaranhado enlelo e inextricavel labyrintho, onde muitas vezes se quebrã o fio das idéas, e se enturva e obscurece a claridade do pensamento.

« Tal defeito, muito para notar em Vieira e nos escriptores seus contemporaneos, que se não podiam subtrahir á influencia do seculo em que viviam, transparece a trechos no estylo do eximio escriptor, marcando-lhe a virilidade; energia, elegancia e gravidade.

« Attestam esta minha consideração as duas passagens seguintes, com que impugna, sem fundamento serio, o uso do adjectivo — *privado* — na terminação feminina e a phrase, onde diz o Codigo: *emquanto durar a enfermidade*. Ell-as:

« Passemos sem este *privada*, de que nos podemos *privar*, sem *privação* que se sinta » (Art. 1033.)

« Pois a *enfermidade* que já não dura, isto é, a enfermidade que foi, que existio, que acabou, ainda será *enfermidade*? E se já o não é, desde que se allude a *enfermidade*, não está claro ser a *enfermidade*, emquanto dura, pois, em não durando, cessou de *havel-a*? »

Allirma elle, pois, que o defeito dos joguetes e trocadilhos de vocabulos « transparece a trechos » no meu estylo. A trechos quer dizer: de tempo em tempo, de quando em quando, de distancia em distancia. (MORAES.) Ora em cerca de quatrocentas largas columnas, que tantas conta o in-folio do meu parecer, apenas dois exemplos encontrou do que lhe apraz classificar nesse genero de áchaque literario. Parece-lhe, entretanto, que essas duas passagens bastam, para attestar a sua consideração de que os trocados, no meu escrever, se repetem « a trechos ». Que escrupulo no fallar e accusar!

Facilimo seria mostrar que nadá ha commum entre a feição desses topicos e o veso rhetorico sem razão imputado pelo dr. CARNEIRO especialmente a « VIEIRA e aos escriptores seus contemporaneos », quando é igualmente commum, nos antigos escriptores vernaculos, ainda entre os de melhor gosto mui anteriores ao grande pregador, como CAMÕES. (V. Obr. Compl., v. V, p. 15, 88, 90, 95, 120, 130, 136, 146, 148, 150, v. VI, p. 29, 40, 56, 60, 61, 72, 76, 84, 85, 91, 100, 108, 145, 211.)

Nesses escriptores este artificio tinha a pretensão de belleza e atavio, demonstrando o mau gosto de quem o empregava. Tal não acontece commigo. Nas minhas notas, dos dois sós exemplos catados pelo dr. CARNEIRO, apenas um encerra trocadilho: « Passemos sem este *privada*, de que nos podemos *privar* sem *privação* que se sinta. » Mas ahí a phrase leva o proposito especial de amostrar, lado a lado com o derivado mal soante do verbo, as suas formas não susceptiveis de reparo: em face do *privada* o *privação* e o *privar*. Não é um capricho rhetorico, mas um meio demonstrativo.

No outro topico não ha trocadilho nenhum. O trocadilho suppõe jogo e equivoco entre varias accepções do mesmo vocabulo, ou entre as pare-

repetição de *enfermidade*, substitui-a eu pelo pronome, a que em boa grammatica sempre se commetteu essa funcção.

207. — E' a esta pratica elemental, singelissima, sedição do pronome, representando, em seguida ao verbo *haber*, um substantivo a elle anterior, que um mestre de grammatica vem oppor gravemente aquella farragem toda. Comprazer-lhe-ia que, em vez de «cessou de *haver-a*», dissesse eu «cessou de existir». Mas porque? Seria mais translucida esta expressão que a outra? Não. Antes a primeira tem mais de especialmente vernacula que a segunda. No *cessou de existir* temos uma forma commum a varios idiomas. No *cessou de haver-a* é mais nosso o dizer.

CASTILHO ANTONIO (oíça o mestre) não se pejou de escrever (*Colloq.*, p. 172):

«Igualdade verdadeira, meu amigo, não a ha.»

Para que esse a? perguntaria eu, mettendo-me nas idéas e na linguagem do mestre. Pois o *conceito não estava completo* sem o pronome? De certo. Muito bem se poderia escrever: «Igualdade verdadeira, meu amigo, *não existe*»; ou mais simplesmente: «Igualdade verdadeira, meu amigo, *não ha*»; ou ainda: «Igualdade verdadeira *não ha*, meu amigo.»

Preferiu, porém, o grande prosador o *não a ha*, sem embargo do hiato, que no meu caso não occorre. Porque? Talvez por lhe sentir assim mais natural o sabor vernaculo, nas outras versões menos distincto.

D'outra feita disse ainda CASTILHO, na mesma forma (*Colloq.* p. 218):

«Sociedade sem familia, não a ha.»

cenças de vocabulos consemelhantes. E' o que se dá, quando CAMÕES escreve:

«Mas sinto que de *mofo*  
Me *fino* sem o sentir.» (*Obr.*, v. VI, p. 40.)

«Perguntaes-me por meu *amo*,  
E não por um que vos *ama*.» (*Ib.*, p. 72.)

ou

«Que pouco *valera* en,  
Se contra vós me *valera*.» (*Ib.*, p. 84.)

e

«Que vos não *pese* da pena  
De quem vos foi tão *pesado*.» (*Ib.*, p. 145.)

Mas no segundo trecho meu, apontado como incurso em vicio t'gual, não se equivooca sobre significações diversas de uma palavra, nem sobre semelhanças de palavras parecidas: insiste-se no substantivo *enfermidade* e no verbo *durar*, repetindo-os varias vezes, com o fim de tornar claro o pleonasmio inutil do projecto na phrase «impossibilitados por *enfermidade*, *emquanto durar*».

Aliás nem sempre são vici-sos os jogos de vocabulo. A's vezes servem utilmente á ironia, ao espirito, á chança, á clareza, ao raciocinio e, até, á expressão de idéas elevadas. «O *sabio sabe* que não *sabc*», disse VICTOR HUGO, sem desluzte do seu alto estylo. «*Maliciosamente* lhe attribui *malicias*», escreveu, sem desdoiro, CASTILHO. (*Camões*, ed. de 1849, p. 270.)

Ainda o *a*, de que, grammaticalmente, se não sentiria a minima falta, se o escriptor houvesse dito:

« Sociedade sem familia não ha. »

Quer o mestre reforço? Eil-o:

« Convem esfregal-os primeiro com gelo, se o houver. » (*Colloq.*, p. 234.)

Para que era esse *o*? Diga-se:

« Convem esfregal-os primeiro com gelo, se houver. »

Não estaria, na phrase do dr. CARNEIRO, completo o conceito? Posso continuar.

« Quo administração é a desta communa; Francisco? Mais desleixada ha-de custar a haver. »

Assim redigiria o dr. CARNEIRO. CASTILHO, porém, não lhe dispensa o pronome, aliás grammaticalmente superfluo:

« Que administração é a desta communa, Francisco? Mais desleixada ha-de custar a haver-a. » (*Colloq.*, p. 311.)

Adstricto ao criterio que o dr. CARNEIRO me impõe, teria eu de escrever:

« Envenenamentos ha de muitas castas. »

Mas CASTILHO escreveu:

« Envenenamentos, ha-os de muitas castas. » (*Colloq.*, p. 238.)

E, por equal teor:

« Boa sorte sem boa cabeça, não a póde haver. »

(CASTILHO: *Camões*. Ed. de 1849. P. 34.)

« Designios ha os sempre. » (*Ib.*, p. 37.)

« Mais solemne jura, não a sei, nem a quero. » (*Ib.*, p. 60.)

« Noite de San-João mais alegre e estrondosa, nunca a hei passado. » (*Ib.*, p. 70.)

Não divergia deste portuguez AL. HERCULANO:

« O refulgir do sol haviam-no visto só nas faixas de luz. » (*O Monge de Cist.*, v. II, p. 223.)

Com a syntaxe CARNEIRO devia emendar-se:

« Só nas falxas de luz haviam visto o refulgir do sol. »

Aqui temos outro:

« A meu pãe não o tornei a ver. » (*Ib.*, p. 269.)

Supprima-se o pronome, inutil e, segundo CARNEIRO, condemnavel. Não perdeu nada o sentido:

« A meu pae não tornei a ver. »

Mais:

« Posto que affectasse extrema placidez, a sua inquietação era visivel. A causa della não saberia explicar-a, mas sentia-a. » (*Ib.*, p. 281.)

Podiam-se eliminar os *aa*, sem que padecesse damno a clareza da expressão:

« ... A causa della não sabia explicar, mas sentia. »

Ainda:

« As que Fr. Vasco lhe promettera, havia-as a desesperação para sempre estancado. » (*Ib.*, p. 292.)

Agora ao geito do professor CARNEIRO:

« As que Fr. Vasco lhe promettera havia a desesperação para sempre estancado. »

C. CASTELLO BRANCO, pelo mesmo feitiço:

« As primeiras horas gastou-as em pesquisas inuteis. » (*Coisas Experimentos*, p. 218.)

Segundo CARNEIRO ha-se de corrigir:

« As primeiras horas gastou em pesquisas inuteis. »

Do mesmo autor, folheando ao acaso os *Doze Casamentos Felizes*, topo, á pag. 201:

« Os appellidos manda a minha proverbial discrição calar-os. »

Erro, consoante ao preceito CARNEIRO. Devia de ter dito, sem aquella pronominal superfluidade:

« Os appellidos manda a minha proverbial discrição calar. »

Mas, a ir por deante, encheria um livro, se quizesse reunir documentos vernaculos do escrever contestado pelo mestre.

Baste-me findar engrazando estes excerptos *ad rem*:

« Os exemplos destas voontades cada huft em si bem os pode veer. »

(*Leal Conselheiro*, p. 47.)

« Fraqueza nunca a houve no querer. »

(CAMÕES, son. 132.)

« As cousas elle *as* ata e *as* conforma  
Com o mundo.»

(*Id.*, Egl, VII. *Obr.* v. IV, p. 87.)

« Absoluto poder não *o ha* na terra.»

(FEREIRA: *Obr.*, v. II, p. 104.)

« E a sombra, que não fazem com a vastidão das  
folhas, *a* fazem com a vastidão do tronco.»

(BERNARDES: *N. Floresta*, IV, p. 192.)

« O grande reparo que tem esta resposta, todos *o*  
estão vendo.»

(VIEIRA: *Serm.*, v. V, p. 163.)

« Coisa de maior preço e de maior valor que todo  
o mundo, não *a* ha.»

(*Ib.*, p. 200.)

« Aos que edificaram a torre de Babel, condem-  
nou-os a justiça de Deus a fallar diversas linguas...;  
aos que pregam a fé entre as gentilidades, condem-  
nou-os o amor de Deus...»

(*Ib.* p. 339.)

« Estas nações queria Deus que S. Pedro *as* en-  
sinasse.»

(*Ib.* p. 347.)

« O corpo natural poderam-*no* atormentar e  
matar.»

(*Ib.*, v. VI, p. 241.)

« E posto que esta verdade *a* não alcancem os sen-  
tidos.»

(*Ib.*, p. 245.)

« Aos filhos amados sobre todos, vestiu-*os* de  
pardo.»

(*Ib.*, p. 302.)

« Quem do fogo o Senhor fosse  
Não *o* reza a escriptura.»

(FILINTO ELYS.: *Obr.*, v. IV, p. 146.)

« O nome mandei-lho eu aqui.»

(*Ib.*, p. 272.)

« Era obra que só um homem tão rico e tão po-  
deroso como um rei podera concebê-la, e concluí-la.»

(*Ib.*, v. VI, p. 280.)

« Todos tres *os* terás.»

(*Ib.*, v. XII, p. 170.)

« A Jove não o logram.»  
(*Ib.*, p. 171.)

« E as suas dez moedas arrecade-as.»  
(*Ib.*, v. XIII, p. 28.)

« A Hippocrates  
« Abdera o convidou por deputados.»  
(*Ib.*, p. 103.)

« Pela apparencia a gente nunca a julgoi.»  
(*Ib.*, p. 240.)

« O seu vergel dostronca-o.»  
(*Ib.*, p. 311.)

« O asylo de Scipião ousaes violal-o?»  
(*Ib.*, v. XIV, p. 185.)

« Mas livros não os tenho.»  
(*Ib.*, v. VII, p. 24.)

« Todo o meu passado esqueci-o.»  
(A. HERCUL.: *Eur.*, p. 276.)

« O que continha nunca elle o disse a ninguem.»  
(A. HERCUL.: *Monge de Cist.*, II, p. 365.)

« Razões de odio contra os conversos não as  
tinha.»  
(A. HERCUL.: *Inquisiç.*, v. II, p. 298.)

« Os effeitos das communicações do nuncio experimentou-os desde logo Faria.»  
(*Ib.*, III, p. 307.)

« Todas essas podeis e deveis omittir-as em vossa  
cópia.»  
(CASTILHO: *Mnemonic*a, p. 121.)<sup>1</sup>

Com esses frisantes exemplos e esses summos escriptores é que errou o meu « *havel-a* ». Quando todos elles estiverem á obediencia do professor CARNEIRO, o lhe estenderem as mãos, irei de conserva aos bolos.

## § 50

### Art. 877

REGER, COMO INTR.

208.— Ha realmente nos bons autores alguns exemplos do verbo *reger* em significação intransitiva. Infelizmente um só não apontou o dr. CARNEIRO.

<sup>1</sup> *Tratado de Mnemónica*. Lisboa, 1851.

Aqui lh'os offerço :

« Mettido em hum ataúde  
O que inda ha pouco regia.»

( GIL VICENTE, III, p. 350.)

« E aqwesto presta muyto ao *reger* sem rostre.»  
(D. DUARTE : *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar*,  
c. V, p. 592 <sup>1</sup>.)

« Ficou senhor pacifico do tudo, e *regeo*, e rognou  
per hũ bom espaço de tẽpo.» (GJES : *Dohn Emanuel* <sup>2</sup>,  
fol. 106 v.)

« E porque a nau não era alastrada e a gente  
entrou mais do que devera, não podia *reger* como  
cumpria.» (FERNÃO LOPES : *D. João I*, c. 133.)

« Enquanto o infante *regeu*.» (DUARTE NUNES :  
*Cron. del-Rey D. Aff. V*, c. 13.) «Despois pediu ao  
infante D. Pedro quizesse por elle *reger*.» (*Ibid.*, c. 15.)  
« El-Rey não tinha idade para *reger* só.» (*Ibid.*)  
« Disse que o escolhia para elle tornar a *reger*.»  
(*Ibid.*) « Só elle queria *reger*.» (*Ibid.*, c. 16.) «Cumpria  
a sua honra *reger* algum tempo antes de casar.»  
(*Ibid.*) « Elle era o que governava e *regia*.» (*Ibid.*)

« A mulher fie e coma ;  
O homem grangeie e *reja*.»

(CASTILHO : *As Sabichon.*, p. 194.)

« *Rege*

O atrevido Duclerc, a flor dos nobres.»

(M. DE ASSIS : *Poesias*, p. 226.)

Mas nem BLUTEAU, nem MORAES, nem CONSTANCIO, nem VIEIRA,  
nem AULETE, nem AD. COELHO, nem JOÃO DE DEUS, nem FIGUEIREDO,  
nenhum dicionario portuguez, em summa, o regista senão como  
*transitivo*, ou como *pronominal*. E o proprio dr. CARNEIRO, tecendo,  
na sua *Grammatica* (p. 257-62), uma lista dos verbos empregados  
ora como transitivos, ora como intransitivos, não o menciona.

Seja isto, se não justificativa, ao menos attenuante á minha  
censura, em que não insisto.

<sup>1</sup> Ed. Roquete

<sup>2</sup> Ed. de 1619.

## § 51

## Art. 605

PESCAR PEIXE

COLHER PEIXE

209.— «Pescar peixe é expressão pleonastica», diz, em tom de quem houvesse descoberto um novo planeta, o dr. CARNEIRO.

Mas será minha, porventura, a phrase *pescar peixe*? Será minha? Ou é do sr. professor?

O meu texto, sobre que recae a sua severidade, está redigido assim:

«Pertence ao pescador, o peixe, que pescar, e o que, arpoado, ou farpado, perseguir, embora outrem o colha.»

Em *pescar peixe*, o *pescar* e o *peixe* estão na mesma sentença, compondo a enunciação de uma só idéa. Dá-se, logo, o pleonasma, visto se repetir no regimen, *peixe*, a iléa já enunciativa no verbo *pescar*.

Na phrase, porém, «Pertence ao pescador o peixe, que pescar», duas orações ha, traduzindo cada uma o seu pensamento. Na primeira tão sómente se diz que «pertence ao pescador o peixe». Designa-se então no pescador o proprietario do peixe. Na segunda limita-se essa propriedade ao «que pescar». São idéas distinctas, significadas em duas orações diferentes, bem que uma a outra subordinadas.

Que faz, porém, o dr. CARNEIRO? Extrae de uma oração o verbo *pescar*; saca da outra o vocabulo *peixe*; com as duas palavras, a seu bel-prazer conjugadas, tece uma proposição nova, de lavra exclusivamente sua; e do pleonasma, que á força desse estratagemma obteve, carrega á minha conta a responsabilidade.

Será legitimo, será leal, será veraz este systema de accusar?

Crú é o pleonasma na sentença gisada pelo mestre: *pescar peixe*. Se eu aldravadamente oscrevesse *comer comida, sonhar sonhos, dormir somno, viver vida, morrer morte, sorrir sorrisos, gemer gemidos*, sem um complemento, ou, sequer, um adjectivo; que modificasse a idéa expressa no objecto do verbo, poderia, talvez, incorrer em censura.

Mas nem de love teria faltado á correção, ou á elegancia, se oscrevesses:

«Arruinou-lhe o estomago a comida, que comia.»

«Não imaginas o somno, que dormi.»

«Acordei estremunhado com os sonhos, que sonhava.»

«Era intoleravel a vida, que viviamos.»

«Foi atroz a morte, de que morreu.»

«Cortavam o coração os gemidos, que gemia.»

«Revia o paraizo nos sorrisos, que sorria.»

Semelhantemente poderíamos escrever :

- « Furtaram ao pescador o peixe, que pescara. »
- « Deixaste-me os peixes, que pesquei. »
- « Apodreceu-nos o peixe, que pescámos. »
- « Vendieis o peixe, que pescaveis. »
- « Iam comendo o peixe, que pescavam. »

O peixe que pescara, os peixes que pesquei, o peixe que pescámos, o peixe que pescaveis, o peixe que pescavam são fórmulas vernaculas da maior trivialidade, absolutamente eguaes ás anteriores : « os sorrisos que sorria, os gemidos que gemia, a morte de que morreu, a vida que viviamos, os sonhos que sonhava, o somno que dormi. »

Assim mesmíssimamente escrevia CASTILHO :

« Inspirava-lhe com beijos os sonhos, que havia de sonhar. » (*Am. e Melanc.*, p. 237.)

« Riqueza de que é rico o mundo todo. »

(*Excav. Poet.*, p. 180.)

« Com a vida que has vivido. » (*Camões*, p. 117.)

CAMÕES seculos antes dissera :

« Com qualquer vento, que vent. »

(*Auto dos Amphitriões*, a. I, sc. 2.)

E, ainda antes, BARROS :

« Com o vento que ventava. » (*Dec.* III, VI, 9.)

« Foy hum dos illustros feitos, que té aquelle tempo se fez. » (*Dec.* II, I, 3.)

« Hum dos mais illustres feitos que se na India fizeram. » (*Ib.* II, III, I.)

« Por este ser um dos honrados feitos bem comedido e pelejado, que té ly se fez na India. » (*Ib.*, II, III, 4.)

« Dos feitos que os portuguezes fizeram » é a clausula com que abre até a epigrapha de cada um dos livros na grande obra do velho historiador.

Depois, VIEIRA :

« So a vida que vivem é sua ou é de Christo. » (*Serm.*, VI, p. 351.)

210.— Aliás, ainda quando eu tivesse usado simplesmente da locução *pescar peixe*, não me falleceriam abonos de primeira ordem entre os mestres. Não tenho neste sentido menos autor que VIEIRA, menos autor que JOÃO DE BARROS, menos autor<sup>1</sup> que FILINTO ELYSIO, que ANTONIO DE CASTILHO, que ALEXANDRE HERCULANO.

<sup>1</sup> « Não tenho menos autor para prova que o principe dos apóstolos, S. Pedro. » VIEIRA: *Serm.*, v. II, p. 269.

Eil-ps :

« Diga-lhe *ditos* o papagaio, mas na sua cadeia.»  
(VIEIRA : *Serm.* v. I, p. 35.)

« Nós *em estado* estamos que havemos mister milagres.» (*Id.*, *Cartas*, v. IV, p. 103.)

« Dos *feitos* que os portuguezes *fizeram*.» (BARROS :  
Dec. I, l. VI, c. 1.)

« *Adiado* o dia.» (FILINTO ELYSIO : *Obr.*, v. XIII,  
p. 313.)

« *Reedificar edificios*.» (CASTILHO : *Amor e Melanc.*  
p. 184.)

« *Viram faiscar fagulhas*.» (CASTILHO : *Fastos*, v. II,  
p. 193.)

« *Vozear* de muitas *vozes*.» (A. HERCUL. : *O Monge*  
*de Cist.*, v. I, p. 53.)

Nos livros santos não são raros esses pleonasmos. S. PAULO, por exemplo, disse : «*Ascendens in altum DEDIT DONA hominibus*. Subindo Christo ao ceu, *deu dons* aos homens.» (*Ad. Ephes.* IV, 8.) E, semelhantemente, LUCAS (XIV, 35) : «*Qui habet AURES AUDIENDI, audiat*. Quem tiver *ouvidos de ouvir*, ouça-me.»

Em *dizer* se encerra necessariamente a idéa de *ditos*, em *estar* a de *estado*, em *fazer* a de *feitos*, em *adiar* a de *día*, em *edificar* a de *edificio*, em *vozear* a de *vozes*, em *dar* a de *dons*, em *ouvido* a de *ouvir*; e, comtudo, esses grandes escriptores não se correram de escrever : *vozear vozes*, *edificar edificios*, *adiar dias*, *fazer feitos*, *dizer ditos*, *estar em estado*, *dar dons*, *ouvido de ouvir*.

211. — Apertemos ainda o ponto. Não é só com phrases equivalentes que se poderia justificar de todo a locução *pescar peixe*. Mais que *analogias* a seu favor tenho entre os arestos da lingua. Alguns consignam idêntica o textualmente a mesma expressão : «*Pescar peixe*.»

Aqui estão :

« Com rês alheias ou feitas por mão alhoia podem-se PISCAR PEIXES, homens não se podem pescar.» (VIEIRA : *Serm.*, v. I, p. 268.)

« Os PESCADORES DE PEIXES PESCAMOS PEIXES para que se comam.» (*Id.*, v. II, p. 121.)

Ahi tomos não só *pescar peixes*, mas ainda *pescadores de peixes*, e ambas essas locuções cumulativamente, successivamente, contiguamente na mesma phrase.

BLUTEAU imitou-a, escrevendo :

« Quem PESCA UM PEIXE, pescador é.» (*Vocab.*, v. VI, p. 462.)

E porque não? Acaso em *pescar* se contém necessariamente a idéa de *peixe*?

Não. Com a idéa primitiva, original, innata á sua derivação latina (*piscari*, de *piscis*), com essa idéa, de *tomar o peixe n'agua*, lhe é commum a de *tomar d'agua tudo o que nella viva*, ou nella esteja.

Pois não se *pescam perolas*? não se *pescam aljofar*?

« Fállando nos logares, onde se *pescam perolas*.»

(BARROS: Dec. III, l. VI, c. IV.)

« Ambas aldéas de *pescadores* de algum *aljofre* pouco que alli *pescam*, e a villa Julfar, que é mais povoada, e de maior *pescaria*.» (Ib. Dec., IH, l. VI, c. IV, v. VI, p. 35.)

« Quem disto tem mais experiência são os que alli *pescam o aljofre*.» (Ib. Dec. II, c. I, v. V, p. 105.)

« A outra cousa que a mais nobreçe é a *pescaria das perolas*, e o *aljofre*, que se alli *pescam*... Mas não é tamanha *esta pescaria* como a da ilha Ceilão da India... Das *quaes pescarias* e assi das que ha nas Antilhas de Castella, tratamos...» (Ibid., p. 40-41.)

« Diz João de Barros que na ilha de Baharem a *pescaria das perolas* não é tamanha como a da ilha Ceilão.» (BLUTEAU: Vocab., v. VI, p. 462.)

Não se *pescam* igualmente o *coral*? Não se *pescam* a *baleia* e, como ella, todos os *cetaceos*, *mammiferos marinhos*, que certo não são *peixes*? Não se *pescam mariscos*? *Ris* não se *pescam*? *Pêcher des grenouilles*, dizem os francezes (LAROUSSE); e a traducção, creio eu, não póde ser outra. *Pescar*, em summa, « se dit de tout ce qu'on tire de l'eau. » (LITTRÉ, v. III, p. 1.025.) De tudo o que se tira d'agua se diz *pescar*. Por isso é comeseinho o dizer-se: *pescar um cadaver*.<sup>1</sup> E DAMIÃO DE GOES (Chron. de D. Manuel, I, c. 60) disse: « Mandou *pescar a artilheria*. »

Até *homens*, por derradeiro, se *pescam*. *Fuciam vos fieri pisca-tores hominum*, dizia CHRISTO aos seus discipulos. (MATH. IV, 19.) « Eram rédes de *pescadores*, que haviam de *pescar homens*... Quem não sabe enfiar, nem sabe atar, como ha-de *pescar homens*? » (VIEIRA: Serm. v. I, p. 268.) « Esses *homens* não os *havemos nós de pescar*, para que elles os *comam*... Os *pescadores de homens* hão de *pescar homens*, para que se *conservem*. » (Id., v. II, p. 124.) Disse VOLTAIRE: « Oú a-t-il pu *pêcher cet homme*? » e LESAGE: « Oú as-tu *pêché cette femme*? »

<sup>1</sup> « *Pêcher un cadavre*. » LAROUSSE.

No fallar dos nossos bons autores, os mesmos canhões *pescam*. Frequentes vozes, em BARROS, JACINTO FREIRE e outros, vemos *pescar* a artelheria :

« Andavam mudando o poiso das naos, e em toda a parte eram *pescados com artelheria*.» (BARROS : Dec. II, v, 6.)

« Estava um basilisco de ferro assy ordenado, que em maré cheia e vazia *pescava* um batel, por pequeno que fosse. » ( *Ib.*, II, VII, 4.)

« Recollido o Çamorim em hum palmar á borda do navio, lá o foy *pescar uma bombard*a, matando-lho nove homens. » ( *Ib.*, I, VII, 6.)

« ... que os não podia *pescar a nossa artelheria*. » (J. FREIRE : D. João de C., II, 48.)

« Não podiam assomar-se, que os não *pescassem* as balas do inimigo. » ( *Ib.*, 93.)

« A nossa *artelheria os pescava*. » ( *Ib.*, 100.)

Logo, se se *pescam* homens, cadaverés, cetaceos, mariscos, bactracios, perolas, coraes, é que ao vocabulo *pescar* não se associa necessariamente o supposto de *peixe*; e, portanto, não seria licito rejeitar como pleonasmio a locução *pescar peixe*, firmada aliás, de mais a mais, nos mais classicos exemplos.

212. — Quando, porém, fosse *pleonasmio*, e condemnavel, (porque pleonasmos ha naturaes, correntios, elegantes e, ainda, indispensaveis, existindo, até, palavras de seu natural pleonasticas<sup>1</sup>), seria por estarem nesse dizer juxtapostos os vocabulos *pescar* e *peixe*, servindo á mesma oração um delles de verbo, o outro de complemento directo.

Coisa de todo o ponto diversa é, porém, o que se observa na phrase : « Pertence ao pescador o *peixe*, que *pescar*. » Ahí o verbo *pescar*, formando oração distincta, restringe a idéa traduzida no substantivo *peixe*. E nesses casos, em que bastaria a adjunção de um *simplex adjectivo* ao nome, para excluir a tacha de pleonasmio, a oração do complemento restrictivo, por maioria de razão, legitima, banindo a nota do pleonasmio, a associação do nome e verbo germanos no mesmo predicado.

Provas :

« As doces *cantilenas*, que *cantavam*.

Os semicapros douses. . . . .  
Cantando, *escreverei*. »

(CAMÕES : EgI. VII. Obr., v, IV, p. 80.)

<sup>1</sup> Por exemplo: o verbo *suicidar-se*, em que o pronome *se* reitera a idéa da acção reflexa, já exarada no prefixo *sui*.

- « Como hei-de cantar o canto  
Que só se deve ao Senhor? » (Ib., v. V, p. 17.)
- « Feitos serão tão dignos de memoria. »  
(CAMI, Lus. X, 71.)
- « A fazer feitos grandes de alta prova. »  
(Ib., VI, 42.)
- « Destes tiros assim desordenados  
Que estes moços mal destros vão tirando. »  
(Ib., IX, 34.)
- « E se o estoico morre uma morte certa, o christão  
morre duas também certas. »  
(VIEIRA: Serm., v. I, p. 291.)
- « Que quem furta um furto tal. »  
(Ib., v. III, p. 241.)
- « Haviam de morrer uma morte ordinaria. »  
(Ib., v. VI, p. 281.)
- « Pôr quão bom feito fizera? » (D. NUNES, Cron.  
del-Rey D. João I, c. 6.) « Cavalgou no cavallo de um dos  
cômmendadores. » (Ib., c. 27.) « Sem fazerem algum feito  
hônroso. » (Ib., c. 40.) « Se fizeram feitos muito para se  
notarem. » (Ib., c. 49.) « Morrer de tão cruel morte. »  
(Ib., c. 51.) « O feriu da ferida de que morreu. » (Ib.,  
c. 69.) « Feitos notáveis, que na tomada se fizeram. »  
(Ib., c. 93.) « Cantavam cantares tão sentidos. » (Ib.,  
c. 94.) « Naquelles cercos se fizeram tantos feitos assi-  
gnalados. » (Ib., c. 97.) « Morrer morte violenta. » (Cron.  
del-Rey D. Affonso V, c. 8.) « Ferido de feridas mortaes. »  
(Ib., c. 14.) « Onde fez muitos feitos grandes em armas. »  
(Ib., c. 22.) « Vestiu-se de vestiduras reaes. » (Ib., c. 61.)
- « Quem me desta riqueza enriquecesse? » (A. FER-  
REIRA, Obr. I, p., 132.)
- « Fazer grandes feitos de guerra. » (Leal Conselh.,  
p. 58.)
- « Offereçamos nossas offertas. » (Ib., p. 98.)
- « Vos amam de tal amor. » (Ib., p. 474.)
- « Cantam curtos cantos. » (Ib., p. 419.)
- « Perderia por sua descreença a maior perda, que  
poderia perder. » (Ib., p. 198.)
- « Caem grandes queedas. » (Ib., p. 27.)
- « De poucas feridas será ferido. » (Ib., p. 332.)

- « *Corra per carreira chã.* » (D. DUARTE: *Liv. da Ensin.*, p. 623.)
- « *Trabalho em que os nossos fizeram honrados feitos.* » (BARROS: Dec. III, I, 8.)
- « *Remava seu remo igual.* » (*Ib.*, III, VII, 3.)
- « *Corre com ledo sprito taes carreiras.* » (FERREIRA: *Obr.*, v. II, p. 150.)
- « *Doutra nova coroa coroada.* » (*Ib.*, p. 277.)
- « *Não se tirava da fortaleza tiro algum perdido.* » (JACINTO FREIRE: *V. de D. João de Castro*, II, p. 56.)
- « *Onde fizeram tão heroicos feitos.* » (*Ib.*, II, p. 129.)
- « *Morreu uma morte ordinaria.* » (VIEIRA: *Serm.*, v. VI, p. 281.)
- « *Emquanto ventar es'e vento.* » (*Eufrosina*, V, p. 4.)
- « *Nunca fez bom feito.* » (*Ib.*, III, p. 2.)
- « *Cantar cantigas muito sentidas.* » (*Ib.*, IV, p. 1.)
- « *Põe cobre no ouro, ou diz o menor dito.* » (FILINTO ELYSIO, *Obr.*, v. XIII, p. 44.)
- « *Vivera vida de continuo pensar.* » (A. HERC.: *Lendas*, v. I, p. 224.)
- « *Não vivia elle a mais justificada vida.* » (*Ib.*, p. 257.)
- « *Sobraçada debaixo do braço esquerdo.* » (*Ib.*, v. II, p. 13.)
- « *Viveu vida pura.* » (HERCUL. *Eur.*, p. 79.)
- « *Adormeceram do seu ultimo somno.* » (*Ib.*, p. 120.)
- « *Somno curto dormido sobre a dura enxerga.* » (*Ib.*, p. 127.)
- « *Teremos dormido o nosso ultimo somno.* » (*Ib.*, p. 179.)
- « *Ilumina de terrivel luz.* » (*Ib.*, *M. de Cistér*, v. I, p. 231.)
- « *O sol illumina-se da luz daquelle tempo.* » (*Ib.*, v. II, p. 59.)
- « *Viver de vida propria.* » (*Ib.*, p. 78.)
- « *Viver a vida folgada do paço.* » (*Id.*, *O. Bôbo*, p. 22.)
- « *Morrerá morte infame.* » (*Ib.*, p. 248.)
- « *Jura solemne vos juro aqui.* » (CASTILHO: *Camões*, p. 60.)
- « *Lhe cantam cantigas  
De multo folgar.* »  
(*Ib.*, p. 86.)
- « *Rir tentadores risos.* » (CASTILHO: *An. e Melanc.*, p. 249.)

- « *Vivia vida tão romantica.* » (*Ib.*, p. 288.)
- « *Dormia em brando feno os sonhos faceis.* » (*Id.*  
Fastos, v. II, p. 23.)
- « *Lutoram luta horrenda as labaredas.* » (*Ib.*, v. III,  
p. 141.)
- « *Dancê a dança macabra.* » (*Id.*, Fausto, p. 151.)
- « *Morreu morte christã.* » (*Ib.*, p. 239.)
- « *Vivendo a vida natural.* » (*Id.*, Colloq. Ald.,  
p. 97.)
- « *Empregar mais bem empregado.* » (*Ib.*, p. 76.)
- « *Dessedentar a rancorosa sêde.* » (CAMILLO: Carta  
de Guia de Cas., pref., p. 50.)
- « *Prende-o bem preso.* » (*Id.*, Georgicas, p. 275.)
- A lyra, que suspira  
Maguado suspirar.»
- (*Id.*, Amores, v. II, p. 9.)
- « *Nomeado o nome de Maria.* » (VIEIRA: Serm.,  
v. I, p. 209.)
- « *Jogam jogo de probabilidade e azar.* » (CASTILHO:  
Colloquios, p. 204.)

213.— Melhor, porém, ainda que todos esses exemplos é que, a esse uso continuo do nosso idioma havia posto o dr. CARNEIRO a sua respeitavel chancellia, *grammaticando* com o *grammatico* saber da sua *grammatica*:

« A certos verbos ajuntam-se ás vezes complementos cognatos directos ou indirectos: *Sonhar sonhos dourados; vestir um vestido elegante; olhar com olhos de lynce. Sonhei o mesmo sonho. Rogamos a Deus que não morramos de mortê supitanea. Vida viver escura e abatida.* » (Dr. CARNEIRO: *Serões Grammatic.*, p. 320.)

Eis ahi a lição categorica do mestre, lição que traz raizes das mais antigas letras, desde os nossos livros sagrados. E' de S. PAULO o *expectantes bestam spem*, e de CHRISTO o «*vidit ibi hominem non vestitum veste nuptiali*». (MATH., XXII, 11.)

Tem alicerces bem caldeados, já se vê, o ensino do mestre. Mal que eu, porém, tomando á sua grammaticologia o canon grammatical tão grammaticalmente formulado, lanço mão precisamente de um desses complementos cognatos indirectos, escrevendo: «*Pertence ao pescador o peixe, que pescar*», já não tem grammaticalidade aquillo, já os complementos cognatos dessa especie recebem o stygma de ordinarios pleonasmos.

Se ao monos o egregio professor tivesse a franqueza de abrenunciar como grammaticice ingrammaticavel aquelle seu dictame. Tal, porém, não fez. Seus discipulos continuarão a ler, nos *Serões*, que o privilegio dos complementos cognatos autoriza locuções como *viver vida escura, sonhar sonhos dourados, morrer de morte*

repentina, olhar, com olhos de lynce, e eu a penar as penas de grammaticida, por haver escripto: «Ao pescador pertence o peixe, que pescar.»

Seja embora mais amplo na minha phrase que nos seus exemplos o complemento; porquanto nelles a modificação ou integração da idéa significada pelo verbo se realiza apenas mediante um epitheto, como em *sonhos doiradas*, ou um nome com a preposição *de* anteposta, como em *olhos de lynce*; ao passo que, no meu caso, é uma oração inteira, *que pescar*, a que faz o officio de complemento. Acresça embora, ainda, em meu favor, que, naquelles exemplos, o verbo e o substantivo cognado, *sonhar* e *sonho*, *vestir* e *vestido*, *olhar* e *olhos*, *morrer* e *morte*, *viver* e *vida*, se juntam na mesma oração, enquanto na minha hypothese o substantivo *peixe* está numa sentença («pertence ao pescador o peixe»), e noutra sentença («que pescar») é que se encontra o verbo. Nada me vale. Invertem-se as razões de julgar, para que, reforçando o gosto classico em phrases como *vestir vestido elegante* o *sonhar o mesmo sonho*, a pro genie grammatical do mestre não scandalize o idioma pátrio com a ingrammaticalidade grosseira de attentados, como o meu nò dizer: «Pertence ao pescador o peixe, que pescar.»

214.—Ao grammaticalismo do insigne revisor, porém, tudo o mais ainda se relevaria, talvez, se elle, sequer, observasse a verdade material do caso. Mas a phrase, que eu escrevi, é uma; a de que elle me argúe, totalmente outra. Se eu dissesse meramente «*pescar peixe*», reproduziria no complemento do verbo a mesma idéa já por elle definida. Mas, dizendo que pertence ao pescador o *peixe, que pescar*, modifico e limito, com a clausula adjectiva «*que pescar*», a idéa geral encerrada no substantivo *peixe*. Logo, se cabe o qualificativo de pleonastica á locução *pescar peixe*, confundir com essa e qualificar de pleonasma a phrase «o peixe que pescar», não seria licito nem a um estudante attento, quanto mais a um emerito professor, nem a um sophista desabusado, quanto mais a um espirito recto.

Antes que eu escrevesse: «Pertence ao pescador o peixe, que pescar», escrevera AL. HERCULANO: «para se regalar do ver a excelente *prêa, que havia preado*», e paginas adeante: «foz conduzir ao castello a *prêa, que havia preado*.»

215.—Queria o mestre alli trocar o verbo *pescar* em *apanhar*. Mas ainda aqui não é de bom conselho o seu voto. Atribuindo ao pescador o *peixe, que pescar*, asseguro-lhe o dominio da pescaria por elle feita, do peixe que elle houve mediante o anzol, a rêle e os demais artificios da pesca.

Consignando-lhe o peixe, que elle *apanhar*, dar-se-lhe-ia todo o que elle colhesse ás mãos, donde quer que o encontrasse, dentro n'agua, ou fóra, pescando, subtrahindo, arrebatando; o que era superlativamente absurdo.

Com o verbo *pescar* fariamos da apprehensão mediante a *pescá* o titulo de aquisição industrial quanto ao peixe. Com o verbo *apanhar*, *tomar* e seus equivalentes, imprimiriamos na apprehensão do peixe pelo pescador, fosse qual fosse ella, o character acquisitivo da propriedade.

Mas essa propriedade não na alcança o pescador, apanhando o peixe, como quer que o apanhe: adquire-a, se o *apanhar pescando*. Do *pescar*, e não do *apanhar*, é que lhe resulta o direito.

Eis o que aquelle texto quiz significar; e de outra maneira o não podia fazer.

216. — Mas ainda não findei com o pescado. Mal se poderia comparar o mestre aos pescadores do alto, empenhalos nos grandes lanços da fígga, ou da rêde, nem ao pescador de canna, a quem satisfaz a pescaria, que lhe trouxer o anzol. Vae ás trutas, venha, ou não, de bragas enxutas. E' o mariscador, a quem não escapa nem a ameijoia, nem a sapateira. Esses pescadores do razo, porém, nem sempre acertam com o que esperam. Muita vez, quando já imaginam saborear a lagosta, ensanguentam os dedos no oirício. E' o caso.

Além do peixe, que poscar, attribuirei eu ao pescador aquelle, em cujo enalço proseguir, depois de por elle arpoado, ou farpado, «*embora outrem o colha*».

Pois é a esta expressão que o mestre, no seu escabichar, acoima de «*impropriedade*».

Numerosa lista de coisas susceptíveis de se *colherem* nos toce complacentemente, para concluir: «*Mas não se diz com propriedade colher peixes.*»

Colhem-se (elle o confesa) colhem-se ramas de arvores; colhe-se o *fito*, o *cabo*, a *falciza*; colhem-se loiros e triumphos; colhem-se homens; colhem-se de sobresalto (poderia accrescentar) navios, esquadras, legiões, exercitos, praças, governos e povos. Colhem-se tambem as *rêdes*. (BLUTEAU: *Vocab.*, v. VII, p. 171.) Tambem se colhem *velas*. (DOMINGOS VIEIRA, MORAES, AULETE e FIGUEIREDO.) «*Tempo é já de colhermos as rêdes*», pregou VIEIRA. (*Serm.*, v. VI, p. 207.) Em FILINTO ELYSIO temos «*colhendo o manto*» (*Ob.*, v. II, p. 61), temos «*colheu abrigo*» (v. III, p. 305), temos o leão «*numas rêdes colhido*»<sup>1</sup> (v. XII, p. 59), temos, na fabula da aguia e o corvo, «*o pastor, que lindamente o colhe*» (*ib.*, p. 67-8), temos um cão de fila que «*colhe*» um lobo

<sup>1</sup> Já o padre BERNARDES escrevera: «*E pelo que vejo, devia o leão ser tambem colhido.*» (*Nova Floresta*, v. II, p. 160.)

(*ib.*, p. 149), temos a Morte a dizer ao velho: «Não te *colho* de salto» (v. XIII, p. 22); temos o rato «*colhido*» pela ostra na alcaprema da sua concha (*ib.*, p. 50, 51), temos o peregrino «a *colher prêa*» (*ib.*, p. 137), temos as queixas da perdiz, que o caçador «*colhe na enfilada rêde*». (*ib.*, p. 188.)

Se colhemos, pois, tudo o que anda ou corre na terra, desde o leão até a toupeira, desde o bruto até o homem, desde o individuo até a multidão, tudo o que paira no ar, ou atravessa a atmosphera, desde o passarinho e a aguia até a chuva e o raio, tudo o que morgulha, ou fluctua no mar, desde a tarrafa até os pannos, desde a ancora até as navos, desde os barcos pescarejos até as frotas de guerra, se a mesma *caça*, miuda, ou grossa, *colhem* as rêdes do caçador <sup>1</sup>, só o *peixe* se não *colheria*, só entre este verbo e esse nome se havia de estabelecer inconciliabilidade vernacula?

Não: este grammatiquismo é injusto com aquell'a classe de viventes. Tudo quanto se arrecada, se abrange, se recobe, se ápanha, se surprehende, se toma, se adquire, se encalça, se amaina, tudo isso propria, ou figuradamente, dadas certas circumstancias, se poderá *colher*.

E por que só o *peixe* não?

Está errado o mestre. Temos até para o caso lição positiva. Abra o v.º LO BLUTEAU, v. VII, p. 170, e lerá:

«E' aquella rêde, que nós chamamos tarrafa, e, alguns chumbeira, porque diz que sendo lançada dos pescadores, se estende em circuito, e todos os PEIXES que debaixo COLHE, prende.»

Nem é senão ao *colher do peixe* nas rêdes que allude tambem, com a elegancia habitual, o autor da *Carta de Guia de Casados* quando falla em:

«...armar tão largas rêdes, para COLHER dentro dellas todos os casos.»

Um grammatico familiarizado, em seara alheia, com o *Corpus Juris*, deve estar bem apercebido na sua. O mestre ha-de ter, pois em casa o BLUTEAU. Mas, se o não tem á mão, bastará o CONSTANCIO, onde se acha expressamente registada a locução:

«*Colher caça, peixe.*» <sup>2</sup>

Agora, se tal estranheza lhe faz a expressão *colher peixe*, que não seria, se ouvisse fallar em *caçal-o*! *Caçar peixe*!

<sup>1</sup> «Assim na espiritual montaria de humanas feras os pregadores tocam a trombeteira para levantarem a *caça*, os missionarios, e bons amigos, e conselheiros a vão seguindo, e os confesores a *colhem nas rêdes.*» (M. BERNARDES: *Nova Fl.*, v. IV, p. 82.)

<sup>2</sup> Ed. de 1877. P. 273.

Pois volva ao BLUTEAU, *colha* ás mãos desta vez o vol. VI, á pag. 46, e veja como o reverendo vocabulista escreve impavidamente: «Dá Plinio o nome do pescadora á uma especie de rã, que anda á caça do peixe.» Ora, se até *se caça*, porque se não havia de *colher* o peixe?

217.— Mais uma fígada no meu desfecha o mestre, afervorado em vender o da sua rasca.

Acha o exímio professor que a expressão «*embora outrem o colha*» é de uma *dissonancia notavel*.

*Dissonancia?* e *notavel?* Mas porque não teve a condescendencia de nos dizer em que?

Alli não ha duas vogaes identicas em contiguidade. Hiato, pois, não se dá. Tambem não vej em encontro consoantes asperas da mesma natureza. Varre-se, pois, a suspeita de collisão. Homophonia ou éco, é impossivel descobrir-lhe. Dos termos que nessa clausula se succedem ninguem extrahiria uma palavra, uma associação de idéas, torpe, indecente, risivel, ou menos delicada. Onde, portanto, a dissonancia, leve que seja?

O illustre professor, assaz duro da orelha vernacula, para não distinguir em *intrinseca validade* o estrupido de uma cacophonia desbocada e trupitante, faz-se agora de uma subtiliza auricular, a que nada satisfaz. Lembra-me certo critico musical, mouco de ambos os ouvidos, que não escutava dois compassos, sem topar em quatro desafinações.

218.— Até a pontuação do trecho lhe não escapou ao arpeço. Acha-me virgulas de mais. Assim lhe apraz desferrar-se das virgulas de menos, que lhe eu demonstrei.

Deste assumpto me occuparei em separado, a seu tempo. Por enquanto, apenas o remetto a ANTONIO DE CASTILHO. Leia-lhe as *Metamorphoses*, prologo, texto, notas, e veja se eu só é que virgulo antes das orações determinativas e de conjunções como *e* e *ou*.

§ 52

Art. 1.027

UMA DE CUJAS

219.— Rezava o projecto:

« Sendo nulla qualquer das clausulas de uma transacção, nulla será esta. »

Substitui, adensando e avigorando a phrase:

« Nulla é a transacção, uma de cujas clausulas for nulla. »

«Que diz o mestre? Categoricamente:

«E' uma construcção forçada.»

E disse. Nada mais.

Mas eu não lhe vejo em que. Será pela expressão *uma de cujus*? Nada mais frequente e natural em nosso fallar. Será pela oração invertida «Nulla é a transacção», que abre o período? Mas não se concebe que um philologo português estranhe, em nosso idioma, a inversão de uma sentença de tres palavras. Diga-se: «E' nulla a transacção». Tem a mesma energia? Varie-se: «A transacção é nulla.» Não descae ainda mais?

D'outra vez seja o mestre mais explicito. Dê-nos a experimentar a chave scientifica ou artistica das suas predilecções grammaticas.

§ 531

Art. 1.212

NUGA E NADA

220.— Dissera o projecto:

«O locatario do predio rustico *deve* aproveitá-lo, no mister a que *o mesmo* se destina.»

Desta provisão legislativa em fórma de conselho moral não direi, como diria A. HERCULANO<sup>1</sup>, que se ache concebida «em estylo sorna e estafado»; mas em duas linhas difficilmente poderia ser mais tabellioa.

Reduzi-a a estes termos:

«O locatario do predio rustico *utilizá-lo á* no mister a que *se* destina.»

Ou eu não tenho noção alguma da clareza, ou não n'a podia haver maior.

Pois o dr. CARNEIRO opina diversamente. A seu juizo, o sujeito da proposição *a que se destina* devia ser expresso. Aliás poderá suppor-se que seja o *locatario*, e não o *predio*, que *se destina* ao mister. Mas como, numes da *grammatica* e da lingua! como, após aquelle *utilizá-lo á*, onde o demonstrativo *o* se refere inequivoca e necessariamente a *prédio*, se conceberia não ser esse *prédio* o sujeito da oração «*a que se destina*»?

E que razões, deus do vernaculo! Temos, argumenta o dr. CARNEIRO, uma oração principal e outra subordinada. Logo, haverá por onde suppor que o *sujeito* da subordinada seja o da *principal*. Como,

<sup>1</sup> O Monge de Cister, v. I.

porém, se com o objecto da principal se entrelaça naturalmente a acção da subordinada?

Mas, reflecte o mestre, « se destina » poderia ter sentido reflexo, ou sentido passivo. Não alli, onde se está subentendendo fatalmente, o entrando pelos olhos a quem os não tenha vasados, o sujeito *predio*, com o qual não pôde ser senão passiva a significação de *se destina*.

Na phrase « O locatario do predio rustico utilizal-o-á no mister, a que se destina », seria mister que a grammatica não fosse o que tão excellentemente disse CASTILHO, « o senso commum da lingua-gem »<sup>1</sup>, para interpretar: « O locatario do predio rustico utilizal-c-á no mister, a que o locatario se destina. »

POSIÇÃO DO PRONOME:

« CUA DUBLICATA DIR-SE-IA. »

221.—O dr. CARNEIRO, como se tem visto, por não perder ensejo de me atarracar o pobre nome de escriptor, abandona de onde em onde, a breves trechos, a analyse do substitutivo, para se lançar a monte pelas minhas notas, ou pela minha exposição preliminar, em caça de cincas e negligencias, cuja exploração o habilito a assoalhar o meu nada.

A' custa dessas escapadas, em que exorbita da sua tarefa, encheu grande parte das suas *Ligeiras Observações*, cujo tamanho, se as adscovesse ao exame das minhas emendas, mostraria ao primeiro aspecto a miseria da colheita apurada a tanto rebuscar. Foi em uma digressão dessas que o mestre, na minha exposição preliminar, deu com esta linha suspeita: « cuja duplicata dir-se-ia não haver meio de obviar. »

Não precisava ir buscar os dois exemplos de ALEXANDRE HERCULANO, com que esgrime, para mostrar nesse lanço um defeito de syncletismo pronominal, nem menos cingir as suas investigações ao genitivo *cujus*, fluxão do relativo. Isto, em qualquer dos seus casos, obriga á próclise; sendo uma das poucas regras nesta materia invariaveis a da anteposição do pronome ao verbo, onde quer que intervenha o *qu-*, ou seus derivados, funcçione elle como relativo, ou como conjunção.

Não escrevo de outro modo; e tamanho cuidado, a este respeito, se observa nos meus trabalhos, que, ainda ha pouco, uma revista litteraria, aqui publicada, investigando o assumpto, só em mim creio eu, d'entre os escriptores brasileiros mais conhecidos, não encontrou falha neste particular.

<sup>1</sup> Felicidade pela Instrução, p. 38.

Tomem o ultimo dos meus trabalhos, por exemplo, o proemio aos discursos do dr. FRANCISCO DE CASTRO, aqui dados a publico meiado outubro deste anno, e vejãm:

« Os *que se* dirigiam á casa ferida pelo raio. »  
(P. IV.)

« Dir-se-ia *que* a morte *se* estava comprazendo. »  
(*Ib.*)

« Os escriptos *que se* infeasam nesta brochura. »  
(P. V.)

« *Porque* sua palavra impressa, pela verdade, pela acção, pelo calor, pela magia, *lhe* transfigura os discursos escriptos. » (*Ib.*)

« O escriptor de *cujos* dedos como *que se* vê irradiar ao papel a chamma inspirativa. » (P. VI.)

« Nem era a amizade *que se* encarregara de recobol-o. » (*Ib.*)

« Aos olhos dos *que lhe* admiravam a intelligencia. »  
(*Ib.*)

« Tinha com o inglês, em *que se* exprimia correntemente, as relações mais familiares. » (P. VII.)

« A mesma facilidade elegante de *quem se* acha no seu. » (*Ib.*)

« Um affecto *que se* nutria em mim de admiração. »  
(*Ib.*)

« Por muito *que lhe* eu devesse. » (*Ib.*)

« Mas era nesta sobretudo *que se* percebia com elle a largueza das benções do Creador. » (P. VIII.)

« Todas essas partes, *que já* o privilegiavam. »  
(P. IX.)

« Uma emanação do interior, *que lhe* punha a evidencia nos labios. » (P. IX.)

« Dir-se-ia *que*, por um phenomono de inversão absurda, *se* voltara para dentro de si mesmo a attenção do inquiridor. » (P. X.)

« Não se movia sequer para obstar a *que* o despojassem dos seus loiros mais justos. » (P. XI.)

« O commettimento de *que nos dão* hoje o primeiro prelibar neste volume. » (P. XIII.)

« O debito de agradecimento em *que lhe* hão-de estar. » (*Ib.*)

« Uma dessas especies extinctas, *cujos* (eis aqui o *cujo*) «*cujo* desmarcado tamanho nos assombra. » (*Ib.*)

« *Por que se* *lhe* pudesse dizer. » (*Ib.*)

« Entre os *que* o conheceram ficou-lhe o culto. » (*Ib.*)

« Ainda não volvi a mim da turvação de animo em *que me* sossobrou. » (P. III.)

« Uma vida que me importava muito mais do que a minha mesma. » (Ib.)

« Não foi tão somente sobre os que o amavam. » (Ib.)

« Numa estupefacção, a que os proprios inimigos da victima se não evadiram. » (Ib.)

Em todas essas phrases, algumas conjuncções, outras pronominaes relativas, o *que*, o *quem*, o *cujos* attraem invariavelmente o pronome, removendo para depois deste o verbo correspondente. Não bastam essas vinte e quatro amostras em doze paginas, para evidencia de que ninguem cata mais severamente que eu as regras do synclitismo pronominal ?

222.—Agora uma ou outra desatenção neste especial, isso nem os classicos mais correctos evitaram.

Quorem ver ? E' com dois exemplos de A. HERCULANO que me enxovalha o mestre.

Pois bem : vou apresentar-lhe maior numero de logares, onde o grande escriptor reservava a descuidos semelhantes, na disposição dos pronomes em seguida ao *que*, relativo, ou conjuncção :

« Isto era dito com tanta brandura e unção, que o moço cisterciense atirou-se a chorar aos braços do Fr. Lourenço. » (O *Monge de Cist.*, v. I, p. 105.)

« Ponderava que para ella a existencia actual fechava-se a curta distancia num horizonte de ferro. » (Ib., p. 259.)

« E que não achou ahi com que refrescar-se. » (Id., v. II, p. 97.)

« O cavalleiro sabia que taes affrontas escrevem-se para sempre na frente de quem as recebe. » (Lendas, v. I, p. 186.)<sup>1</sup>

A CAMÕES, ao proprio CAMÕES, o maior dos maiores, escapou a collocação enclitica do pronome complemento após o *que*:

« Sabes, cruel, que tenho causas muitas,  
Para te convencer, de que queixar-me. »

(Egl. XIII, *Obr.*, v. IV, p. 132.)

JACINTO FREIRE, elle mesmo, o correctissimo JACINTO FREIRE escreveu :

« Tinha depositado em diferentes partes o melhor de seus roubos, como segunda taboa em que salvar-se. » (L. I, 23.)

<sup>1</sup> Ver adiante, n. 228, outro exemplo caracteristico deste descuido em AL. HERCULANO.

« Sô ha tres regras », ensina JOÃO RIBEIRO, « em que é obrigatoria a anteposição. » (*Gramm.*, p. 205.) Dessas a segunda, por elle consignada, é a tocante ás « subordinadas de *que* o suas variações », entre as quas enumera o *porque*. (*Ibid.*)

« Pois bem : vede quão frequentes são em AL. HERCULANO e outros mestres os tranvios d'esse preceito :

« *Porque* meu *voltava-me* para o céu. » (*Eurico*, p. 148.)

« *Porque* o rio *cobre-se* durante a noite. » (*Lendas*, v. I, p. 47.)

« *Porque* D. Thereza *ergueu-se* immediatamente. » (*O Bôbo*, p. 160.)

Muitos exemplos semelhantes nos deparamos nos escriptos de FILINTO ELYSIO :

« Não ha *que* *perguntar-lhes*. » (*Obr.*, v. XVIII, p. 42.)

« Bem pôdiam *cercear-lhe* das orelhas  
Com *que* *emendar-lhe* o rabo. »

(*Ib.*, v. XII, p. 15.)

« Se á minha Musa, *que* *sentou-se* ás vezes. »

(*Ib.*, p. 259.)

« Que remedio ha, *que* *dar-lhe* ? »

(*V.*, XIII, p. 112.)

« Mas harto em *que* *occupar-vos* ora tendes. »

(*Ib.*, p. 332.)

Tambem nos de CASTELLO BRANCO :

« ... *que*, nas poesias onviadas ás suas amadas...  
ou lhos não fallava nos pés, ou... *abstinha-se* de lhos  
chamar pequenos. » (C. CASTELLO BRANCO. *Apud* B.  
CAETANO, *op. cit.*, p. 38.)

« Agonizavam-na tão insoffridas afflicções *que* os so-  
luços *estavam-lhe*. » (C. CASTELLO BRANCO: *A Cav. da*  
*Martyr*, p. 61.)

Não nos cita o dr. CARNEIRO aminde como autoridades classicas a THEOPHILO BRAGA e CASTILHO JOSÉ ?

<sup>1</sup> A proclise, entretanto, é a regra por elle observada em relação ao *porque*. *O Bôbo*, p. 186, 192, 210, 232, 260, 288, 290; *Monge de Cister*, v. II, p. 42, 228. *Lendas*, p. 41.

Pois bem, é do ultimo dolles esta phrase : « Sempre te quero dizer *que* o pimpão... *saiu-se* com outras. » (Apud B. CAETANO, *op. cit.*, p. 37.)

Ainda lhe pertencem estes dois excerptos :

« Estas e outras circunstancias me convencem do *que*, embora o estylo seja exclusivo..., as partes da oração *são-lhe* ministradas.!! » (Ibid.)

« O curioso é *que* o termo  *applica-se* não menos a cousas inanimadas. » (Ibid.)

Dô outro, isto é, de TH. BRAGA, temos a seguinte :

« Destas uniões regularmente contrahidas resultou uma raça *cujos* homens *têm-se* sempre distinguido. » (Ap. B. CAETANO, *Ibidem.*)

O proprio VIEIRA, cujo continuo uso autoriza a norma da anteposição, não deixa de ter, lá uma ou outra vez, o seu extravio :

« De sorte *que* Christo *defendeu-se* do Diabo com a escriptura. » (Serm., v. I, p. 272.)

« A razão disto é *porque* as palavras *ourem-se*, as obras *veem-se*. » (Ib., p. 259.)

« Accrescento *que* mandou-me sua alteza fallar com o mesmo D. Francisco. » (Cartas, v. IV, p. 23.)

« E' *que* Miguel chama-se S. Miguel. » (Serm., III, p. 229.)

« O certo é *que* em Lisboa *ourem-se* os repiques. » (Cartas, v. II, p. 37.)

« *Porque* hojé *pregm-se* palavras. » (Serm., I, p. 259.)

« *Porque* os vicios *acham-se* tambem nos catholicos. » (Ib., v. II, p. 257.)

Não menos escrupuloso na observancia dessa regra, mais de uma vez resvala, todavia, MANUEL BERNARDES :

« *Porque* a natureza resentida *encolhe-se*. » (V. Floresta, v. IV, p. 118.)

« E tambem *porque* o sujeito *aperfeiçoa-se*. » (Ib., p. 304.)

JOÃO DE BARROS escreveu :

« *Porque* *descuidar-se-ia*. » (Dec. III, VII, 8.)

Ainda nos casos em que é livre a eleição entre a próclise e a enclise, propõe pelo commum á primeira DUARTE NUNES. Mas,

ainda assim, duas vezes deslisou á posposição em casos, como este, que a não toleram:

« *Porque, sendo com pouca gente, metter-se-ia em perigo.* » (Cron. de D. João I, c. 15, p. 57.)

« *Porque com armas ganham-se os corpos.* » (Ib., c. 37, p. 149.)

223.—Mas ninguem, ninguem errou jamais em tanta maneira, copiosamente, espalmadamente, como o dr. CARNEIRO na collocação dos pronomes. A sua *Grammatica Philosophica* é, a esse respeito, um mappa de anatomia pathologica, onde se gruparam, apinhoadas, todas as variedades e circumstancias deste syndroma grammatical.

Com o *que*, por exemplo, ora relativo, ora conjuncção, alli escreveu o mestre :

« Pelo ar, *que escoa-se.* » (P. 26.)

« Os sentimentos, *que tomam-nos.* » (P. 46.)

« As paixões, *que turbam-nos.* » (Ib.)

« Muitos vocabulos de origem grega, *que pronunciam-se.* » (P. 50.)

« Não é senão para neste ponto acompanharmos a maioria dos grammaticos *que estudamol-a aqui.* » (P. 98.)

« Das tribulações innumeradas e constantes *que assaltam-nos.* » (P. 100.)

« São muitos pontos consecutivos *que empregam-se.* » (P. 112.)

« E' a idéa *que liga-se.* » (P. 122.)

« O primeiro leite, *que no vagido deu-lhe o primeiro esboço da voz.* » (P. 129.)

« Sentimentos *que de sobresalto tomam-nos e dominam-nos a alma.* » (P. 130.)

« Uma idéa accessoria, *que torna-se.* » (P. 206.)

« A qualidade accessoria, *que torna-se.* » (P. 207.)

« Demonstram *que a necessidade desta distincção razoada fez-se com cedo sentir.* » (P. 99.)

« Certas situações d'alma, em *que a perturbação instantanea dá-lhe apenas tempo.* » (P. 128.)

« Vocabulos ha em *que representa-se o som.* » (P. 72.)

« Palavras em *que o primeiro e muda-se em i.* » (P. 78.)

« Pluraes em *que por vezes o uso mostra-se arbitrario.* » (P. 165.)

« Explosões naturaes... a *que dá-se o nome de interjeições.* » (P. 128.)

« Antes de exprimir-a *que individuos applica-se esta palavra.* » (P. 207.)

« Os mesmos ordinaes, a que sempre *ajuntam-se*. »  
(P. 240.)

« *Calis, que tambem escreve-se calico.* » (P. 163.)

« *Assim é que encontra-se em Voltaire.* » (P. 156.)

Com o relativo *que* e o adverbio *mais*, o qual tambem á sua parte exige a anteposição :

« *Disso, daquillo, que mais geralmente escrevem-se.* »  
(P. 116.)

Com *qual*:

« A maior parte dos *quaes derivam-se* das linguas orientaes. » (P. 51.)

« Um aspecto *pele qual consideramol-a.* » (P. 48.)

« Com os *quaes emprega-se* a euphonica. » (P. 36.)

Com o *cujo*, de que agora me faz tiro :

« *Aquellas cujo som ouve-se* de um golpe. » (P. 25.)

« A fonte particular, *cujas aguas mitigavam-lhe* a sêde. » (P. 137.)

Com o *porque*:

« *Porque o primeiro applica-se* a cada um dos individuos. » (P. 135.)

Com o *que* e o *assim*, após o qual tambem a próclise é de rigor:

« *Assim que estabelecem-se* as seguintes regras. »  
(P. 91.)

Ainda com o *assim*:

« *Assim diz-se.* » (P. 36.)

« *Assim escreve-se.* » (P. 71.)

Com o *que* e adverbios em *mente*:

« *Assim foi que as palavras que originariamente eram nomes proprios e designavam objectos individuaes, insensivelmente tornaram-se* nomes communs. »  
(P. 137.)

Com o *que* e o *bem*, após o qual não se admite a posposição do pronome:

« *Bem que pareça-nos* mais conforme. » (P. 72.)

« *Bem que alguns destes... escrevam se* tambem. »  
(P. 73.)

Com o *que* relativo e o adjectivo *todo*, em cuja companhia a anteposição tambem é de necessidade:

« *Todas as vezes que encontram-se* duas consoantos. »  
(P. 30.)

« Todas as vezes que muitas consoantes consecutivas ouvem-se em um vocabulo. » (*Ibid.*)

Com o *assim* e o *todo* juntamente (ambos de acção proclitica):

« Assim todo o adjectivo ajunta-se ao substantivo do verbo. » (P. 207.)

Com a conjunção *como*, de acção forçosamente antepositiva sobre o pronome:

« Como vê-se em todas as enclíticas. » (P. 43.)

Com o *quando*, adverbio, ou conjunção, cujo effeito inevitavel é a próclise pronominal:

« Quando a ponta da lingua applica-se. » (P. 26.)

« Quando pronuncia-se esta consoante. » (P. 28.)

« Quando gastam-se dois. » (P. 39.)

« Quando a *taes* preposições seguem-se dicções. »

(P. 84.)

« Quando... repetem-se as conjunções. » (P. 103.)

Com a negativa *não*, que determina a próclise fatalmente:

« Não sahio-se mal no exame. » (P. 331.)

Com a negativa *nem*, cujo resultado é o mesmo:

« Nem todos os ce mudos pronunciam-se. » (P. 39.)

« Nem todas as letras do alphabeto de uma lingua acham-se em todos os outros alphabetos. » (P. 70.)<sup>2</sup>

Com a conjunção *se*, posteriormente á qual é força preceder o pronome ao verbo:

« Se o accrejmentamento effectua-se no principio. »

(P. 35.)

« Mas, se entre os antigos encontram-se signaes. »

(P. 98.)

« Se alguns adverbios approximam-se da natureza das preposições. » (P. 122.)

Cincoenta vezes, quando menos, errou, portanto, o dr. CARNEIRO, na sua *Grammatica Philosophica*, a collocação dos pronomes regimés. Desses erros só muito mais tarde, passados nove annos, se penitenciava o mestre nos seus *Serões* (p. 354): «Nos meus primeiros trabalhos grammaticaes ha essas faltas, que confesso o reconheço. E' este um idiotismo tão arraigado no fallar e no escrever, que ainda aquelles que mais se esforçam por evital-o, *uma ou outra vez* o commettem, fallando ou escrevendo.»

<sup>1</sup> Aqui tambem o *tal* obrigava a antepor o pronome.

<sup>2</sup> Nestes dois exemplos tambem o *to*to, ou *to*tas, exigia a anteposição.

O caso é, porém, que boas nove annos circulo entre os estudantes, com aquelle compendio, o exemplo mau, propinado com o peso da autoridade e a influencia insinuativa do seu eminente autor, cuja penna, ao fazer confissão da culpa, dissimula euphemicamente com o nome de *idiotismo* a orronia vernacula, envolve o acto de contrição nos minusculos caracteres de uma nota quasi imperceptivel, e alludê a occorrença dessa falta como raridade, que «*uma ou outra vez*» lhe succedesse.<sup>1</sup>

**224.**—A evolução do mestre, porém, nesta materia ainda não findou. Das regras por elle firmadas nos *Serões Grammaticaes*, algumas já começam a receber d'elle mesmo derogação, ou repudio.

Alli doutrina elle, por exemplo, que «as variações pronominaes regimos, ou empregadas como taes, se collocam antes do verbo», quando este «é precedido de uma negação». (*Serões*, p. 336.) Entretanto, nas suas *Ligeiras Observações*, me argue de solecismo, por haver anteposto a variação pronominal regimen ao verbo no gerundio, quando precedido da negativa.

Alli, outrosim, dispõe que «*não se começa phrase alguma em portuguez pelas variações pronominaes obliquas me, te, se, lhe, lhes, nos, vos, o, a, os*». (*Serões*, p. 339.) Apanho-o eu em flagrante dessa contravenção, principiando uma phrase com as palavras «*se fulgura*». <sup>2</sup> E como se ha-de sahir o mestre? Dizendo que a construcção por mim aconselhada «é a construcção mais commun, verdade seja dita, mas é fulso julgar-a a unica verdadeira».

Assim que do mesmo modo como os *Serões Grammaticaes* abjuraram a *Grammatica Philosophica*, vêm agora as *Ligeiras Observações* abjurar os *Serões Grammaticaes*.

Em que ficarão, no cabo, quanto ao collocar das variações pronominaes, os discipulos do professor CARNEIRO?

§ 55

Art. 325 § un.

COLLOCAÇÃO DOS PRONOMES:

«DEPOIS DE CONHECEL-O»,

OU «DEPOIS DE O CONHECER?»

**225.**—Com essa volubillidade, a que acabamos de assistir, nas idéas concernentes á syntaxe dos pronomes complementos, acha o

<sup>1</sup> Era mister, ao menos, que o correctivo se fizesse no logar adequado. Mas os *Serões* têm capitulo especial, debaixo do titulo *Collocação dos pronomes empregados como complementos*. Ahi é que importava lavar o mestre auto dos seus erros contra essa parte da syntaxe. Não o faz, porém, nesse logar, reservando a notasiça micrôscopica, de que ha pouco fallei, para o capitulo dos *brasilcismos*.

Nem nesta qualificação é exacto, como verificará quem ler, nos *Essaudos Philologicos* de João RIBEIRO (ed. de 1902), a parte concernente á *Collocação dos Pronomes*. (P. 203 e seg.)

<sup>2</sup> Ver nota ao art. 107. Ver neste vol. o § 6.º, n.º 60.

dr. CARNEIRO meios de casar uma segurança importável, nas transições por que vae passando em cada uma das phases do seu variar.

Ensinam PACHECO JUNIOR e LAMEIRA DE ANDRADE ser próclítico o pronome objecto «depois de qualquer adverbio de negação, de tempo, lugar, quantidade e modo». (*Noç. de Gramm.*, p. 492.) A mesma doutrina, por elles ali exarada em 1887 repete, em 1894, o ultimo desses autores na sua *Grammatica da Lingua Portuguesa*. (P. 616, n. 237.)

Egual preceito estabelece BAPTISTA CAETANO<sup>1</sup>, que, declarando obrigatoria a anteposição dos pronomes com o relativo *que*, acrescenta: «Com a mesma força de relativo tem-se as orações, nas quaes figuram adverbios: *onde* (o lugar *em que*) se acha o livro; *quando* (no tempo *em que*) me procurares; *donde* (do lugar *de que*) o tenham de levar; *como* (o modo *porque*) me hei-de haver. Estes adverbios implicitamente contêm sempre *que*.»

Tão bem acompanhado, eu me devia considerar ao menos immune, em caso de erro, ao vexame de o haver commettido. E é o que me bastava, para mostrar que não opinara de leve. Mas não só não opinei de leve, senão que, ainda, não errei. O erro é de quem m'o imputa.

Com o aprumo que lhe veremos sempre nas questões concernentes ao lugar dos pronomes complementos na sentença, como se houvesse de resgatar por esse modo e a si mesmo delir da memoria o seu passado grammatical neste assumpto, redondamente me declara o professor CARNEIRO que errei. Próclítica, ou enclítica, indifferentemente, podia ser, na especie, a situação do pronome regimen. E' a sua these, que, por me applicar dois golpes de um só revez, associa a outro quinau, contestando-me o designativo de *adverbio* a respeito do vocabulo *depois*, na clausula supratranscripta.

Não é adverbio ali o *depois*, entende elle, mas *locução prepositiva*. Mas haverá quem não saiba a contenda antiga dos nossos grammaticos e philologos acerca da classificação a esse vocabulo alocuada? BLUTEAU era pelo qualificativo de *preposição*. (*Vocabul.*, y. III, p. 69.) MORAES, pela de adverbio. CONSTANCIO, arbitando entre os dois, attribuia, segundo os casos, um e outro character a essa palavra. Do mesmo modo se pronunciava DOMINGOS VIEIRA. Mas já ADOLPHO COELHO, JOÃO DE DEUS e FIGUEIREDO tornam á classificação de *adverbio*, pondo aliás os tres ultimos á expressão *depois de* a nota de *locução prepositiva*.

Que alcance terá, porém, esta rusga de pontilheiro no tocante á especialidade controversa? Nenhum. Porque é que, não vendo aquelles tres lexicologos senão um adverbio no vocabulo *depois*,

<sup>1</sup> *Rascunhos sobre a Gramm. da Ling. Portug.*, p. 113.

a *depois de* applicam o nome de *locução prepositiva*? Porque uma convenção grammatical attribue este appellido a essas associações do *adverbio* com a *preposição*. Mas, em substancia, nem por isso o *adverbio* decae, nessas expressões, de sua natureza adverbial. Em *depois de* está o *depois* com a sua ingenita acção grammatical sobre o verbo, o adjectivo, ou o adverbio mesmo: « *Depois de* morrer. *Depois de* bom: *Depois de* amanhã.»

Logo, se a palavra *depois* obriga á anteposição do pronome regimen, á expressão *depois de* ha-de caber a mesma propriedade. O que releva, portanto, é unicamente averiguar se o adverbio *depois* se accomoda vernaculamente á situação *enclitica* das variações pronominaes, quando complementos, ou se á *proclise* as leva necessariamente.

Ora, applicado á hypothese o criterio de que se utilizou, no trecho ha pouco transcripto, BAPTISTA CAETANO, veremos que *depois de*, a locução prepositiva, equivale a *depois que*, locução conjunctiva: «*depois de* chegar» = «*depois que* chegar.» Mas a locução conjunctiva, por effeito necessario do *que*, nella contido, força a anteposição do pronome objecto. Logo, á sua equivalente, á prepositiva *depois de*, inherente ha-de ser o mesmo effeito.

Demais com o proprio *depois de* são constantes, nos classicos, os exemplos da anteposição.

Aqui estão alguns:

« DEPOIS DE *as* olhar, virou-se contra o imperador.»  
(MORAES: *Palmeirim d'Inglat.*, c. 22.)

« DEPOIS DE *lhe* perguntar pela disposição de sua pessoa, começou de mover a pratica sobre cousas alegres.» (*Ib.*, c. 29.)

« DEPOIS DE *se* conhecerem, caíram um pera uma parte e outro pera outra quasi mortos. (*Ib.*, c. 34.)

« Alguns DEPOIS DE *o* ver a elle, iam ver ao gigante.» (*Ib.*, c. 43.)

« *Depois se* veiu chegando a Lisboa.» (DUARTE NUNES: *D. João I*, c. 28.)

« DEPOIS DE *o* roubarem.» (*Ib.*, c. 42.)

« *Depois o* entenderam os castelhanos.» (*Ib.*, c. 59.)

« *Depois se* encontrou na ribeira.» (*Ib.*, c. 65.)

« E DEPOIS DE *se* fazer absolvição plonaria.»  
(DUARTE NUNES: *D. Duarte*, c. 9.)

« DESPOIS DE *se* despedir, e *lhe* beijar a mão.»  
(D. NUNES: *D. Affonso V*, c. 5.)

« DESPOIS DE *thes* fazer muitas amoestações.» (*Ib.*, c. 7.)

« E DESPOIS DE *lhe* ella dizer sua determinação.»  
(*Ib.*, c. 9.)

- « Depois pelos tempos se mudou esta ordem. » (Ib., c. 15.)
- « DESPOIS DE *lhes* louvar a vontade. » (Ib., c. 17.)
- « Depois com a espada os tratava do maneira que... » (Ib., c. 22.)
- « DESPOIS DE *lhe* beijar as mãos. » (Ib., c. 25.)
- « DESPOIS DE se assentarem as bombardas. » (Ib., c. 29.)
- « Depois *lhe* fez mercê. » (Ib., c. 31.)
- « DESPOIS DE se defenderem. » (Ib., c. 53.)
- « DESPOIS DE o matarem. » (Ib., c. 59.)
- « DESPOIS DE *lhe* el rey D. Alfonso dar as graças. » (Ib., c. 61.)
- « E ainda se pode dizer, que passaram alguns mezes DEPOIS DE a receber. » (BRANDÃO: *Monarchia Lusitana*, VIII, 8, v. I, p. 74. Ed. de 1806.)
- « Aquelle mesmo Deus, que DEPOIS DE vos dar o ser, se fez homem. » (VIEIRA: *Serm.*, v. III, p. 37.)
- « Mas depois *lhe* descobriram as raizes. » (Ib., v. XI, p. 20.)
- « DEPOIS DA morte se achou escripto. » (Ib., p. 44.)
- « DEPOIS DE se saudarem. » (Ib., v. V, p. 73.)
- « DEPOIS DE os reprehender. » (Ib., p. 83.)
- « DEPOIS DE aceitar o partido e se ficar com os reinos do mundo. » (Ib., p. 205.)
- « DEPOIS DE os reprehender da culpa. » (Ib., p. 329.)
- « DEPOIS DE *lhes* mostrarem a Christo. » (Ib., p. 331.)
- « DEPOIS DE as crear. » (Ib., p. 333.)
- « DEPOIS DE os haver servido a todos. » (M. BERNARDES: *N. Fl.*, v. II, p. 78.)
- « DEPOIS DE o dizerem. » (Ib., v. IV, p. 213.)
- « DEPOIS DE te haver servido. » (Ib., p. 362.)
- « DEPOIS DE me encomendar em vossa mercê. » (Eufrosina, V, p. 1.)
- « DEPOIS DE o governador *lhe* fazer injusta guerra. » (JACINTO FREIRE: *D. João de Castro*, II, p. 7.)
- « DEPOIS DE *lhe* engrandecer a fidelidade. » (Ib., p. 8.)
- « DEPOIS DE o enterrar por suas mãos. » (Ib., p. 119.)
- « DEPOIS DE o hospedar com real tratamento. » (Ib., IV, p. 20.)
- « DEPOIS DE o louvar de curioso. » (Ib., p. 34.)
- « DEPOIS DE *lhe* fazer honrado tratamento. » (Ib., p. 78.)

« DEPOIS DE Moysés haver visto a Deus em a carga, o DEPOIS DE *lhe ter* dado supremos poderes sobre Pharaó. » (FR. THOMAZ DA VEIGA: *Sermões*, p. 52. Ap. D. VIEIRA.)

« DEPOIS DE *lhe tirarem* o substancial, *lhe deram* fogo. » (DIOGO DO CÔUTO: *Decad.* IV, l. 8, c. 10.)

« Poucos dias DEPOIS DO governador partêdo *se embarcou*. » (DIOGO DO COUTO: Ap. BAPT. CAETANO, *op. cit.*, p. 26.)

« DEPOIS DE *lhe captar* a benevolencia, com elogios e DE *lhe encarecer* quanta perdição era lançar ao fogo tão lindas prendas. » (FILINTO: *Obr.*, v. XVII, p. 122.)

« DEPOIS DE *a escaminarem* por largo espaço, voltaram ao campo. » (A. HERCULANO: *Eurico*, p. 86.)

« Talvez, pouco DEPOIS DE *a haver* transposto, ella se fecharia eternamente para mim. » (*Id.*: *O Monge de Cist.*, v. I, p. 266.)

« DEPOIS DE *se conservar* largo espaço naquella posição inartura. » (*Ib.*, p. 281.)

« DEPOIS DE *se rolar* pelo chão, mordendo os punhes cerrados. » (A. HERCUL.: *O Bôbo*, p. 194.)

« Correu para elle e, DEPOIS DE *o abraçar*, tomando-o pela mão, o fez approximar do infante. » (*Ib.*, p. 211.)

« Quero folgar DEPOIS DE *a ver* satisfeita. » (*Ib.*, p. 277.)

« DEPOIS DE *se converter* o direito temporal do padroado numa concessão pontificia. » (A. HERC.: *A Reacção Ultramont. em Portg.*, p. 15.)

« DEPOIS DE *se haverem* feito doprecações. » (LATINO: *Oraç. da Corôa*, p. 40.)

« DEPOIS DE *os ter* na mão, não ha perigo. » (CASTILHO: *Amores*, v. I, p. 86.)

« DEPOIS DE *a apagar* bem, que nem signal se veja. » (*Ib.*, p. 124.)

« Quom as olvidará em nenhum tempo, DEPOIS DE *as ler* ? » (CASTILHO: *Camões*, p. 164.)

« DEPOIS DE *se desculpar*. » (*Ib.*, p. 276.)

« DEPOIS DE *o ter* esbulhado... e DE *o haver* até divorciado... » (*Ib.*, p. 234.)

« DEPOIS DE *se ter* gravado nova lápida. » (*Ib.*, p. 236.)

Dos cincoenta e nove exemplos que ali ficam <sup>1</sup>, apenas sete apresentam o adverbio *depois*. Os mais cincoenta e dois são construidos

<sup>1</sup> Ainda outros: *Depois de lhes* haver tirado a fazenda. » (VIEIRA: *Obr. Ined.*, v. I, p. 187.) « *Depois de se verem* ignominiosamente desterrados. » (*Ib.*) « *Depois de se* haver prostituido a alguns moços de sua nação. » (*Ib.*, p. 189.) « *Depois de se* contestar o processo. » (*Ib.*, p. 198.) « *Depois de o* haver recusado duas vezes. » (*Ib.*, v. I, p. 14.)

com a locução *depois de*, collocando-se em todos procliticamente o pronome. <sup>1</sup>

Escassamente se encontrará um ou outro caso de posposição pronominal com o adverbio *depois*, ou a locução prepositiva *depois de*, e isso de ordinario entre os escriptores mais modernos, ou em obediencia ao rithmo do verso. <sup>2</sup>

**226.**—Como quer, porém, que raciocinasse o dr. CARNEIRO em prol da sua these, o que não era de grammatico, nem de homem de sciencia, nem de espirito são, como o do illustre professor, é o argumento pessoal, que me endereça :

« O proprio dr. Ruy Barbosa, na emenda feita ao art. 1.202 deste projecto, onde diz « *antes ou depois de havel-o recebido* », pondo-se em contradicção manifesta com o que sustenta aqui no que respeita á anteposição do pronome. »

Abuso palpavel da palavra *contradicção*, exploração futil do seu effeito. Se eu, no meu parecer, firmei em principio a anteposição pronominal como consêquencia inherente ao uso do adverbio *depois*, e desse principio discrepei, *no applical-o*, alli mesmo, claro está que me esqueci momentaneamente da minha regra, ou não adverti que a estava transgredindo. A isso chamar-se-á inconsideração, descuido, negligencia. *Contradicção* é que nunca ; porque uma doutrina, uma theoria não se contradiz, senão com uma theoria, uma doutrina opposta. *Irreflexões, desatensões* não se pôdem qualificar de *contradicções*. Corrija-se a emenda, onde eu houver ferido a regra, por mim mesmo posta, da próclise em seguida ao adverbio *depois* ; mas não se pretenda que, ferindo-a, sem intento de a ferir, me *contradisresse*.

**227.**— Contradicção, o formal, é a do mestre, cuja theoria agora, a este respeito, está em diametral antagonismo com a dos seus *Serões Grammaticaes*.

<sup>1</sup> E' o mesmo que com a locução *antes de*, em que se mantem a propriedade antepositiva do adverbio *antes* :

« *Antes de a ouvir.* » (VIEIRA: Serm., v. VI, p. 310.) « *Antes de se pregar.* » (Ib.) « *Antes de o ouvir.* » (Ib.) « *Antes de se ouvir.* » (Ib.) « *Antes de Christo o ensinar.* » (Ib., p. 314.) « *Antes de Christo os pregar.* » (Ib., p. 312.) « *Antes de os convidar.* » (Ib., p. 345.) « *Antes de os conhecer.* » (Ibid.) « *Antes de se darem as mãos.* » (Ib., p. 348.) « *Onde, antes de se fechar, foram recolhidos seus ossos.* » (JACINTO FREIRE: D. João de Castro, IV, p. 407.) « *Antes de lhe ser dado Portugal.* » (BRANDÃO: Monarch. Lus., v. I. p. 21.) « *Antes de se lhe dar tudo o que Portugal continha.* » (Ib., p. 75.)

<sup>2</sup> E' o que se dá nestes lances :

« Vol-o talhou, para *depois vestil-o.* »  
(CAMÕES, son. 19.)

« Se não ha mais que *ver despois de ver-te.* »  
(Ib., Ob., v. II, p. 151.)

« *Só depois de enfiar-se um dia inteiro*  
Sentem o menos — sentem o dinheiro.»  
(FILINTO EL.: Obr., v. III, p. 191.)

A próclise, nesses trechos, alongaria o verso, e quebraria o metro.

Alli ensina o dr. CARNEIRO :

« Quando antes do verbo occorrerem os adverbios sempre, quando, onde, JA, como, cá, lá, aqui, ali, alli, mal, bem, só, ainda, assim, AGORA, mais, talvez, accaso, LOGO, etc., o pronome complemento collocar-se-á antes do verbo. »<sup>1</sup>

E' uma regra absoluta, por elle firmada em relação a todos os adverbios, dos quaes enumera vinte, entre esses o *já*, o *agora*, o *logo*, abrangendo allusivamente os demais num *et cetera* geral. Todos elles, consoante essa regra, trazem o pronome complemento para antes do verbo.

Devia eu tomar a serio a norma solemnemente instituida pelo mestre? Parece. Mas, quando hoje a invoco, já lhe não serve; está errada: contra ella «se colhem exemplos copiosissimos nos escriptores de melhor nota e renome».

Algumas amostras nos offerece. Dessas, poucas se referem ao adverbio *depois*. Quasi todas são exemplos do uso pospositivo do pronome regime em séguida aos adverbios *agora*, *já*, *logo*, explicitamente enumerados na passagem transcripta dos *Serões*, onde, mui ao contrario, se institue que esses adverbios determinam a anteposição pronominal. Nos *Serões* congrega autores, por demonstrar a fatalidade da *próclise*. Na defesa á revisão do codigo civil arrebanha escriptores, para assentar o direito á *enclise*.

Será de grammatico, ou de lingua humana, essa compleição resvaladiça e fugidia?

228.—No que respeita á collocação dos pronomes complementos, não ha, talvez, um canon, dentre os mais estrictos, que resista a essa prova: a do consenso unanime e invariavel dos bons autores. Se alguma dellas se ha-de considerar absoluta e inexceptionavel, é aquella, em cujo nome, pouco ha, me corrigia o dr. CARNEIRO a phrase «*Cuja duplicata dir-se-ia*»: a norma inflexivel da *próclise* nas subordinadas de *que*, relativo, ou conjunctivo, e suas variações. Comtudo, é nem mais nem menos ALEXANDRE HERCULANO quem escreve:

« A bulla de 12 de outubro chegara tão tarde a Lisboa, *que*, estando de partida, o tempo *ter-lhe-ia* faltado para a fazer executar. » (*Inquisição em Portugal*, v. II, p. 294.)

E neste sentido, ainda ha pouco, na contra-nota anterior (n. 222), registava eu grosso numero de exemplos.

Outro preceito por todos os grammaticos indigitado, neste assumpto, como absoluto é o da *próclise* nas orações negativas. VIEIRA, comtudo, escreveu: «*Viu que não conservando-se.*» (*Sermões*, v. VI<sup>o</sup>

p. 108.) Antes d'elle escrevia D. DUARTE: «*Não amando-a*». (*Leal Conselheiro*, p. 427.)<sup>1</sup> Modernamente A. HERCULANO: «*Não acha-se nisto um typo de cobiça e avareza?*»<sup>2</sup> «*Não acha-se nisto um pensamento enganoso?*» (*Lend. e Narrat.* Ap. NOBREGA.)<sup>3</sup> E FILINTO ELYSIO: «*Aventura-se a si, por não expol-o.*» (*Obras*, v. XI, p. 71.

## § 56.

## Art. 1.222

## COLLOCAÇÃO DOS PRONOMES :

## « NEM SE PODENDO »

1.222. — Resa, neste artigo, o meu substitutivo :

« Não havendo prazo estipulado, *nem se podendo* inferir da natureza do contracto, ou do costume do lugar, qualquer das partes, a seu arbitrio, mediante prévio aviso, póde rescindir o contracto.»

A' expressão «*nem se podendo*» oppõe o mestre o seu veto. Dir-se-ia que, autoerata de todas as Grammaticas, o illustre professor a todas ellas se sobrepõe, e contra todas decreta.

<sup>1</sup> Os dois livros d'el-rei D. DUARTE, editados em 1842 por J. J. ROQUETE<sup>1</sup> são entretanto exemplares admiraveis no que diz respeito á collocação dos pronomes. Não conheço, neste particular, modelo mais seguro. Além do que acabo de exarar no texto supra não ha, nessas duas obras, que se espraiam em 650 largas paginas, senão dois exemplos, que a syntaxe actual do idioma não soffreria:

« Salvo se for corretor, ou quizer vender cavállos, criandoos e os fazendo». (*Livro da Ensinança*, p. 505.)

« *Em confessando-se que tal he* » (*Leal Conselheiro*, p. 271.)

Não sei se algum, dos classicos mais escoimados, teve tão poucos descuidos, em materia tão resvaladia.

<sup>2</sup> Ap. GALHARDO, *op. cit.*, p. 5.

<sup>3</sup> RACCIO NOBREGA: *Estudos de Português* (Campinas, 1900), p. 412. Nota este autor que a phrase, nesse exemplo, « é mais *interrogativa* do que *negativa*, valendo o mesmo que—*Acha-se nisto um pensamento enganoso, não?* » Mas esta consideração não justifica a anomalia grammatical da enclise, numa sentença em que intervem o *não* antes do verbo. *Negativo*, *dubitativo* ou *interrogativo*, o *não* é sempre *não*, e como tal exerce a propriedade, que lhe compete emquanto *não*, de atrahir o pronome obliquo. Tanto assim que, noutro lugar, A. HERCULANO, em circumstancias semelhantes, com o mesmo *não* interrogativo, antepõe ao verbo a enclitica pronominal:

«*Não te parece isto mais grandioso que o assassínio de Lopo Mendes?*» (*O Monge de Cister*, v. II, p. 325.)

A nota ao art. 1.222, que principia em seguida, mostrará outra irregularidade syntaxica, de analoga natureza, e occorrente em VIEIRA: uma oração negativa do gerundio, mas sem interrogação, em que o pronome regimen se pospõe ao verbo.

<sup>4</sup> Alterando aqui a ordem (melhor se diria a *desordem*), seguida pelo mestre nas suas notas, reunirei, examinando-as umas após outras, as que dizem respeito á situação dos pronomes objectos na oração.

O preceito, em cujo nome o dr. CARNEIRO substitue aquella construcção pela de «nem podendo-se», evidentemente errada, é novo original o exclusivamente seu.

A regra universalmente consagrada hoje em nosso idioma está, sem excepção, pela próclise nas sentenças negativas.

« Nas proposições negativas o pronome é sempre proclítico », diz C. DE FIGUEIREDO. (*Liq. Prát.*, v. III, p. 239.)

Já na *Grammatica das Grammaticas* de ANDRADE JUNIOR, o mais antigo documento acerca desta questão, como o classifica JOÃO RIBEIRO<sup>1</sup>, se consignava o preceito de que «em proposição negativa, onde o elemento negativo vem antes do verbo», «as variações enclíticas do pronome se devem collocar antes» deste.

« Sempre que a oração seja negativa », ensina AULETE, «as enclíticas pronominaes passam para antes do verbo.» (*Diccion.*, vº *Enclítico*.)

É proclítico o pronome objecto, escrevem os SRS. PACHECO JUNIOR e LAMEIRA DE ANDRADE, «depois de qualquer adverbio de negação». (*Noç. de Gram.*, p. 492.)

« Nas sentenças negativas geralmente antepõe-se o pronome objecto », diz JULIO RIBEIRO. (*Gram.*, p. 254.) Geralmente, diz elle; mas não indica um só caso, em que se não anteponha.

« A próclise sempre occorre », doutrina o sr. ARAUJO MACIEL, «nas proposições negativas.» (*Grammat. Descriptiva*<sup>2</sup>, p. 312.)

Oçamos, emfim, a JOÃO RIBEIRO, cuja *Grammatica* é das mais recentes, e cuja autoridade passa, com razão, por uma das maiores: «A verdade» (são as suas palavras) «é que os casos de collocação determinada se reduzem a quatro.» «Fora dahi», acrescenta, «tudo fica a capricho e arbitrio do rithmo, euphonia, ou emphase, não havendo para esses casos regra alguma.» A simplificação não pôdo ser mais radical, está-se a ver. Reduz ella a forçada anteposição pronominal a quatro categorias. Pois bem: uma dellas é a das sentenças negativas. «Sempre», diz elle, reproduzindo literalmente o texto de AULETE «sempre que a oração seja negativa, ou subordinada, as enclíticas pronominaes passam para antes do verbo.» (P. 202.)

Essas quatro categorias, epitomou-as o autor em tres preceitos. «Do que ficou exposto», summaria elle, findando, «resulta que só ha tres regras, em que a anteposição é obrigatória: 1. Nas negativas. 2. Nas subordinadas de que e suas variações. 3. No gerundio em se levantando.» (P. 205.)

A *Grammatica* succederam-lhe, um anno depois, os *Estudos Philologicos*, onde o illustre grammatico ainda mais restringe os limites

<sup>1</sup> *Estudos Philolog.*, ed. de 1902, p. 219 e seg.

<sup>2</sup> *Id.*, p. 225-6.

<sup>3</sup> Rio, 1902.

ao dominio imperativo da anteposição nas enclíticas pronominaes. Ahi, todavia, se continua a guardar, com relação ás sentenças negativas, a feição absoluta do canon antepositivo. « *As unicas regras que parecem não exceptuadas* » (assim se exprime), « são: a que impede de principiari a phrase com a variação pronominal e a que ordena a anteposição com a negativa. » (P. 230.)

Da formula assim expressa em termos illimitados não se excluem estas ou aquellas orações, não se exceptuam as construidas com estes ou aquellos modos, estes ou aquellos tempos do verbo: *em sendo negativas*, estão sujeitas á próclise do complemento pronominal.

Nem outra é a linguagem do proprio dr. CARNEIRO, que, na ultima das suas obras grammaticaes, os *Srões* (p. 333), assim se pronuncia:

« Quando o verbo de uma oração é precedido de uma negativa, as variações pronominaes regimos ou empregadas como taes collocam-se antes do verbo. »

A esta regra categorica, irrestricta, fatal nem elle nem um só dos outros grammaticos puzeram excepção alguma, nem elle nem uma só das outras autoridades traçou a menor reserva. Logo, finito, ou infinito, que seja no verbo o seu modo, esteja elle no indicativo, no subjunctivo, no imperativo, no particípio, ou no gerundio, em o precedendo negativa, ha-de ser procliticamente disposto o pronome complemento. Pode-se dizer que esta lei tinham, com a sanção formal do professor CARNEIRO, o character das definições dogmaticas, segundo aquillo de VICENTE DE LERINS: *quod semper, quod ubique, quod ab omnibus*.

230. — Mas agora temos dogma novo, derogatorio do antigo. O antigo, porém, estribava na unanimidade dos votos conciliares. Com o de agora succede que ninguem jamais lhe ouvira o rumor, e surde pelo oraculo de uma só voz. Deve ser de papa, desde que estes passaram a definir os dogmas.

Proclama o do professor CARNEIRO que, *se a oração for de gerundio*, não incorrerá no preceito da próclise imposta ás negativas, quando a negação reve-tir a fôrma de *nem*. A saber: dado o gerundio; só com as negativas de *não, nunca, ninguem, nenhum, nada, jámais*, se usaria o pronome anteposto. As do *nem* não só o não exigem, mas até o não toleram. « *Não se podendo* » é a unica ro-dacção grammatical do gerundio com a negativa *não*. « *Nem podendo-se* » é a só expressão grammatical do gerundio com a negativa *nem*.

Bem razão tinha JOÃO RIBEIRO de clamar contra « as regras falsas, arbitrariamente imaginadas e impostas com uso, tyrannico e absurdo despotismo por certos grammaticos ». De onde surdiria á imaginação do mestre esta distincção inaudita ?

Ninguém, até hoje, a esse respeito, fizera differença do *nem* ás outras negativas. O proprio dr. CARNEIRO nunca o ensinara. Não se duvidara jámais da equiparação, a este aspecto, entre todas as negativas. Estava até solememente declarada pelos grammaticos mais vistos e abalizados na especialidade. Na monographia do sr. RAGGIO NOBREGA sobre o assumpto, expressamente se doutrina, com abundante cópia de autores :

« Em sentenças negativas, isto é, usando-se do adverbio *não*, ou de *nem*, nunca, jámais ninguém, nada, etc., antepõe-se o pronome *regimen*. »<sup>1</sup>

Isso, quanto ao juizo dos grammaticos. Agora, por outro lado, á luz da *sciencia* grammatical, ou da philologia, onde o fundamento de semelhante distincção? Que differença natural entre as duas negativas, socias e irmãs germanas, explicaria essa distribuição entre ellas de effeitos oppostos?

O nosso *nem* é o *nec*, ou *neque* latino.<sup>2</sup> E no latim o *neque*, ou *neo* conjuncção, usava empregar-se, em todas as epochas da lingua e em todos os estylos, até como simples equivalencia de *não*. (FREUND: *Dicc.* v. II, p. 560.) «*Delubra esse in urbibus censeo, NEC sequor magos Persarum, quibus auctoribus Xerxes inflammasse templa Græcie dicitur.*» (Cic., *De Leg.* II, 10.) Vertamos: «Que haja delubros na cidade tenho eu por bem; e *não* (*nec*) estou (ou «*nem* estou») com os magos dos persas, a conselho de quem se diz que Xerxes poz fogo aos templos gregos.» Allí está o *nec*, tal qual estaria o *et non*, trasladando-se á nossa lingua indifferentemente por *nem*, ou por *e não*. «*Apud antiquos*», diz FORCELLINI, «*Valet ac non, et majori etiam vi negat.*» E com profusão de excerptos dos melhores clássicos o demonstra. (*Totius Latinitat. Lexic.*, v. IV, p. 243.)

Os melhores grammaticos latinos de nosso tempo discorrem dessa equivalencia e dessa promiscuidade nos melhores escriptores romanos entre o *nec*, o *neque*, o *ne* e o *et non*, indicando as circumstancias, em que os tres primeiros se applicavam como simples negativas a este equipollentés.<sup>3</sup> Em portuguez, egualmente, ou é adverbio significando *não*, ou copulativa representando *e não*. (MORAES; C. DE FIGUEIREDO.) Por que extranha contradicção havia de succeder, pois, que, emquanto o *não* obriga á anteposição pronominal as orações do gerundio, o *nem* levasse as orações dessa mesma natureza á posposição do pronome?

<sup>1</sup> *Estudos de Portuguez*, p. 110.

<sup>2</sup> LEONI: *Gen. da Ling. Port.*, v. II, p. 205.

<sup>3</sup> MADWIG: *Gramm. Lat. Trad. THEIL.*, § 438. ROBY: *A Gramm. of the Latin Language from Plautus to Sucton.*, ns. 2.227, 2.235. RIEMANN ET GOELZER: *Gramm. Comparée du Grec et du Latin. Syntaxe* — N. 365; p. 363, n. 2.

**231.** — Ante a razão é incongruente, cerebrino, absurdo. Será legítimo perante o uso? Não o conheço; e a melhor prova de que o não ha, é que o mestre não o pode attestar, senão com um exemplo, de cuja origem nos diz apenas estar nos *Lusiadas*:

« Não sendo seu soldado experimentado,  
Nem vendo-se num cerco duro e urgente. »

E' realmente daquelle poema, canto X, estr. 48. Mas, ainda que de CAMÕES, ou de HOMERO, um exemplo só não faz lei, nem prova. A respeito dos maiores genios, ou dos mais altos mestres, cumpre não esquecer o *Quandoque bonus*. A esse poderia eu, logo, revistar com as simples palavras do velho VIEIRA: « Este exemplo, por ser singular e unico, não faz argumento. »<sup>1</sup>

**232.** — Querem a demonstração *ad rem* desta verdade? Vão tel-a.

No mesmo periodo, onde condemna de oração a próclise, nas orações do gerundio com o *nem*, o mestre declara indispensavel a próclise nas orações do gerundio com o *não*. Eis, textualmente, como se exprime o subtil censor:

« Não havendo prazo, nem se podendo » não se diz: o pronome, em tres casos; é sempre enclítico, salvo se for o participio precedido do adverbio *não* ou da preposição *em*, formando o que se denomina gerundio, como por exemplo: *Não lhe sendo* possivel; *não o julgando*; etc. ».

Nesses casos, doutrina elle, o pronome ha-de forçosamente anteceder ao verbo.

Pois bem: nas obras de VIEIRA, um dos tres ou quatro grandes cimos classicos do nosso idioma, se nos depara, como forjulo para o caso, este trecho:

« Viu que NÃO CONSERVANDO-SE. »  
(*Serm.*, v. IV, p. 103.)

Ahi está o verbo no gerundio: *conservando*. Ahi está, antes d'elle o *não*. Em logar, porém, de se achar *antéposta* a enclítica pronominal, como exige, com razão, absolutamente o professor CARNEIRO, ahi se encontra *pósposta*. Logo, se um exemplo faz regra, ahi temos desmentida a do professor CARNEIRO quanto ao logar do pronome nos gerundios em que o participio for precedido do *não*. Se um exemplo institue lei, ahi temos demonstrado que, nesses casos, ao revez do que exige o dr. CARNEIRO, o pronome *succede ao verbo, não o precede*. E' isso admissivel? Não. Não basta, logo, um exemplo a esteiar um preceito grammatical. Não ha um, a quo

<sup>1</sup> *Sermões*, v. IX, p. 80.

uma busca rigorosa das negligencias dos mestres não lograsse oppor exemplos desgarrados e aberrantes.

Nem esse desvio no mesmo VIEIRA está sósinho. No tomo immediato (V, p. 201) nos deparam os seus *Sermões* outro caso de gerundio com a negativa não e o particípio *anteposto* ao pronome:

« Mas ainda que nesta occasião fez o tiro a Christo com muitas almas, já antes della o tinha feito com uma só, NÃO OFFERECENDO-LH'A, mas querendoll'h'a roubar.»

Pelo mesmo teor escrevia, muito antes, el-rei D. DUARTE:

« NOM AMANDO-AS, pera as reteer.»

(*Leal Conselh.*, p. 427.)

Ora, se ao professor bastasse um só e unico trecho antigo, para lhe autorizar a rogra da collocação *enclitica* do pronome nos gerundios de *nem*, a mim haviam de sobrar-me os meus tres ex-cerptos de igual nota, para justificar igualmente a norma da construcção enclitica com os gerundios de *não*. Mas esta norma é reconhecidamente erronea, segundo o proprio dr. CARNEIRO, e subsiste sem embargo dos *exemplos* que a encontram.<sup>1</sup> Logo, menos ainda pole exaütorar a outra *o só* exemplo que a contesta.

Mas eu não firmo a minha these exclusivamente na prova analogica e negativa. Tenho por ella a positiva e directa. Apesar de extremamente rara a forma dos gerundios em *nem*, aqui vão não menos do seis exemplos em que elle se opera *antepondo* o pronome:

« E quem houver desejo, per sy novamente screver alguma cousa (que mal nom seja, *nem se dando* mais a tal estudo...» (D. DUARTE: *Leal Conselh.*, p. 74.)

« ... nom o tirando... *nem nos torvando* por outro cuidado, ou fantasia.» (*Ib.*, p. 13.)

« Nam afrouxando per fraqueza de voontade, *nem nos tornindo* por gança!» (*Ib.*, p. 104.)

« Nom leixando de pecar, *nem se trabalhando* de vyver virtuosamente.» (*Ib.*, p. 215.)

« Nom se emendando, *nem se afastando* della.» (*Ib.*, p. 271.)

<sup>1</sup> Assim: « Nom lhe *fartando*, seu trabalho, a envençom sy myaha sollamente.» (D. DUARTE: *Leal Conselh.*, p. 435.)

« Não lhe *soffrendo* Amor que supportasse.» (CAMÕES, son. 21. *Obr.*, I, p. 49.)

« França, que é a mais obrigada, não nos *mandando* embaixador assistents.» (VIEIRA: *Obr. Incl.*, v. II, p. 35.)

«Nom tardando, *nem nos trigando*, em tal guisa que  
voltemos o corpo primeiro que a besta.» (D. DUARTE:  
*Livro da Ensinança de Bem Cavalgar*, c. 12, p. 529.)

E' uma bateria, contra a simples *unidade* a que se arrima o  
dr. CARNEIRO.

233. — No caso de VIEIRA o facto solitario e anomalo que  
nelle se exprime, deverá ter-se, presumo eu, por mero descuido.  
No de CAMÕES será, talvez, concessão á harmonia poetica.  
Neste assumpto reconhecem todos os mestres, não é, muitas vezes,  
senão á emphase, á euphonia, ao rithmo que obedece a penna  
do escriptor<sup>1</sup>; e o verso, em se entrando nesse terreno, dispõe  
sempre de faculdades muito mais latas que a prosa.

Frequentes especimens nos offerecem os poetas desse predomínio  
do rithmo contra as regras da syntaxe, na collocação das encliticas  
pronominhaes.

Até dos mesmos versos de CAMÕES o mostrarei.

E' o dr. CARNEIRO mesmo, por exemplo, quem estabelece que,  
tirante o caso do *nem* nas orações do gerundio, a negativa impõe  
sempre a anteposição do pronome regimen ao verbo.

Entretanto, CAMÕES versejou:

« E' um *não* contentar-se de contente.»

(*Obras Compl.*, v. I, p. 51.)

« Não pode *não* ferir-te imigo ferro.»

(*Ib.*, p. 189.)

« Em *não* ver-me ella só sempre está firme.»

(*Ode XI. Obr.*, v. II, p. 120.)

« Por servir a amor vil *não* desejar-vos.»

(*Eleg. XII. Obr.*, v. III, p. 86.)

« Mas quem por *não* deixar-te a *não* deixara.»

(*Egl. XIII. Obr.*, v. IV, p. 135.)

« Que possa viver, sem ver-vos,

Minh'alma, por *não* perder-vos.»

(*Obr.*, v. V, p. 110.)

Eis ahí seis vezes transgredida pelo mesmo CAMÕES, cujo exemplo  
no caso do *nem* presume decisivo o professor CARNEIRO, a regra da  
anteposição do pronome após o *não*, formulada pelo dr. CARNEIRO

<sup>1</sup> JOÃO RIBEIRO: *Gramm.*, p. 234, n. 8.—LAMEIRA: *Gramm.*, p. 613  
n. 240.

como *absoluta*. Seis vezes quebrou ella, nesses topicos, ante as leis do metro.

O exemplo do *nem* com o gerundio na oração «*nem vendo-se*», aduzida pelo dr. CARNEIRO, é singular. Singular nos *Lusiadas*. Singular nas obras completas do CAMÕES. Singular entre os classicos portuguezes. A que o havemos, pois, de attribuir, senão ás exigencias do ouvido na poesia, que por seis vezes constrangeram o grande poeta classico a violar o preceito inflexivel da collocação próclitica do pronome em seguida ao *não*?

Ainda outros: *... não se ...*

Ensina o professor CARNEIRO que, em occorrendo o adverbio *só* antes do verbo, a este se anteporá o pronome. (*Serões*, p. 338.) Pois um só verso de CAMÕES quebra duas vezes essa regra:

« A mim e a todos *só* de *ouvir-o* e *vel-o*.»

(*Lus.* V, 40.)

Grammaticalmente havia de escrever-se:

« A mim e a todos *só* de *o* ouvir e *o* ver.»

Mas seria a infracção do metro, deixaria de ser verso. E ao verso eve de ceder a convenção grammatical.

De CAMÕES são igualmente estes excerptos, em que se transgribe o mesmo canon, por obediencia ás leis da versificação:

« E a que elles tem vos dou, *só* para dar-vos  
O mór louvor de todos os maiores.»

(Son. 202. *Obr.*, v. I, p. 111.)

« Que *só* no contemplal-os, se não vel-os.»

(Son. 248. *Obr.*, v. I, p. 135.)

« Vida que *só* de ver-te se sustinha.»

(Egl. IV. *Obr.*, v. IV, p. 55.)

O mesmo, pela mesma razão, vereis em FILINTO ELYSIO:

« Se, *só* de ver-me, escapam, vão fugindo.»

(*Obr.*, v. II, p. 160.)

« Lá ninguem pensa em derramar o sangue  
Dos animaes. El-rei de *só* tocar-lhes  
Fizora scrup'lo.»

(*Ib.*, v. XIII, p. 288.)

MAIS é outro adverbio, cuja presença na phrase em precedencia ao verbo attrae igualmente para antes d'elle, segundo o professor CARNEIRO, o pronome regimen. (*Serões*, *loc. cit.*) Pois, em contradicção flagrante com este preceito, encontramos no mesmo CAMÕES:

« E, por *mais* segurar-se os deuses vão.»

(*Lus.* V, 58.)

E na egloga V:

«Que fazem, senão *mais* endurecer-te ?

(Obr., v. IV, p. 61.)

A syntaxe exigia a próclise. O ritmo ditou a enclise.

Em FILINTO, igualmente:

«Deixemos-lho ; e não vamos

Semelhár-nos da Fabula co'o burro,

Que por *mais* dar-se ao dono

A querer, quiz tambem fazer-lhe festa.»

(Obr., v. XII, p. 122.)

Outro. Occorrendo o adverbio *aqui*, o complemento ha-de preceder ao verbo. Dil-o peremptoriamente o dr. CARNEIRO. (*Serões*, p. 338.) E com acerto. Mas FILINTO ELYSIO poetou:

« Antes sou grato ao ceu, que *aqui* juntou-nos.»

(Obr., v. XXII, p. 143.)

Devia ser «*aqui nos* juntou.» Mas o endecasyllabo cresceria um ponto, fazendô-se agudo. Teve pois a grammatica de ceder o passo á harmonia.

Ainda. Com o adverbio *onde* legisla, e bem, o dr. CARNEIRO (*eodem loco*) a precedência forçosa do pronome. Todavia, FERREIRA escreveu:

«Achei, *onde* perdi-me, o meu thesouro.»

(Obr., v. I, p. 66, Son. XL.)

Porque? Porque, antepondo o complemento ao verbo *perdi*, cairia num *dodecasyllabo*, que a metrificacão do soneto não tolerava.

234.—O mesmo acontece nos poetas modernos de mais apurado vernacullismo.

Vimos que o *assim* obriga á construcção proclitica. Não é? Dil-o (e com fundamento) o dr. CARNEIRO. (*Serões*, p. 338.) Mas está encliticamente construido, não obstante esse adverbio, este verso de CASTILHO:

«*Assim* varreu-se a illusão.»

(Noite de S. João, p. 193.)

Porque? Porque a anteposição do obliquo alongaria de uma syllaba o verso. Era do setz: passava a ser de oito; o que o regimen do metro não permittia.

Dos adverbios, com os quaes a próclise é forçada, segundo o dr. CARNEIRO (*loc. cit.*), um dos primeiros, na enumeraçãõ, é o *onde*. Entretanto, CASTILHO versejou:

«A accender lume, *onde* coser-lhe uns bolos.»

(Fastos, v. III, p. 153.)

Para estar com a syntaxe prescripta, haviá de ser:

« A accender lume, *onde* *the* cozer uns bolos.»

Mas já não metrificava. Cedeu, pois, ás exigencias da harmonia a necessidade grammatical.

E' o que já praticara FILINTO nestes versos:

« Nas plumas não achando.

Fenda assaz ampla, ou toca,

Ou furo, *onde* embutir-se.»

(Obr., v. XII, p. 126.)

Com o proprio *não*, de que, segundo o consenso universal deve resultar necessariamente a próclise, temos em contrario, além dos de CAMÕES supracitados, solemne exemplo de CASTILHO:

« Nestes dias tambem deve a cingida

Consorte do Dial *não* pentear-se.»

(Fast., v. II, p. 45.)

O prosador teria forçosamente escripto: «*não se* pentear.» O metrificador, pela autoridade soberana do rithmo, teve que escrever: «*não* pentear-se.» E' o imperio do metro derogando á ordem grammatical.

Outro exemplo, do mesmo autor :

« Mas antes assim, ó Deusa.

Quo *não* sentir-te a influencia.»

(Amores, v. II, p. 56.)

Pela syntaxe ora: «Que *não* te sentir a influencia.» Assim o impunha a intervenção da negativa, anterior ao verbo. Mas o esdruxulo passaria a ter dez syllabas, em vez de nove, e estava perdida a metrifcação do trecho.

§ 333. — A's vezes até na prosa as convenções grammaticaes, por severas que sejam, têm-se de amoldar aos dictames da euphonia, ou da emphase, que tambem fazem lei e, em certos casos, lei suprema da linguagem. «Tirado da boca, com *só* abril-a», escrevia o padre VIEIRA. (Obr. Inedit., v. II, p. 167.) O *só*, conforme ao canon adoptado pelo mostre (Ser., p. 338), requeria a precedencia do regimen ao verbo. Mas o resultado seria durissimo hiato: «com *só* a abril-a». Dobrou-se o preceito grammatical á condição da harmonia, pospondo-se, mercê desta, o que se devia antepor.

Ora, na poesia essas liberdades ainda sóem gosar de mais ensanchas, como bem o adverte SOTERO DOS REIS a proposito de outra lei da syntaxe, na qual frequentemente se dispensa a beneficio do metro, ou do rithmo: «Esta regra geral rarissim a's vezes tem

excepção nos bons autorés portuguezes, e a excepção *observa-se mais no verso, em razão da difficuldade do metro, que a desculpa*, que na prosa, que a repelle, por contraria á indole da lingua, seja qual for a autoridade do prosador.»<sup>1</sup>

Taes são os privilegios da harmonia metrica, exercidos pelas musas, que até á indole grammatical da lingua por vezes contra-vêm. De uma dessas franquias do seu apanagio de vate e musico da palavra se havia de estar logrando o autor das *Lusiadas*, ao desferir da lyra o celebre verso, arvorado pelo philologo bahiano em bandeira de uma nova lei grammatical. *Solus, totus et unus* em toda a obra de CAMÕES, esse exemplo carece de expressão e força, para induzir, e legislar.

Querem ver ainda quantos outros preceitos grammaticaes subscriptos pelo dr. CARNEIRO cedem á tyrannia da métrica?

Exige elle que o pronome complemento anteceda ao verbo, quando antes deste occorrer o adverbio *já*. (*Serões Gramm.*, p. 338.) E, comtudo, o verso obrigou FILINTO a dizer :

« Ir co' os deanteiros pés levando-o a pino  
Rodal-o, ou *já* arrastal-o. »

(*Obr.*, v. XIII, p. 164.)

A mesma regra põe a respeito do *logo*. O rithmo, não obstante, levou esse poeta a escrever :

« Affligiu-se de introito ; mas *logo*,  
Ao vel-os mutuamente espicaçar-se,  
E os quadris retalhar-se, consolou-se. »

(*Ib.*, p. 187.)

No mesmo canon incluiu o adverbio *lá*. Mas a versificação constrangou o c'ássico traductor de LA FONTAINE a redigir :

« Foram pousar no Hymoto  
E *lá* fartar-se á larga. »

(*Ib.*, p. 144.)

Tambem o *aquí* entra nessa norma. Mas FILINTO, por salvar um verso, não hesitou em transgredir-a, escrevendo :

« Quando no *aquí* juntar-nos poz desvelo. »

(*Obr.*, v. XI, p. 15.)

E nessa liberdade reincidiu, versejando outra vez :

« Ladrão quô o bom Robin *daquí* lovou-nos. »

(*Ib.*, v. XIII, p. 162.)

<sup>1</sup> *Postill. de Gramm. Geral*, ed. de 1863, p. 29.

Vae com esses, consoante ao dr. CARNEIRO, o adverbio *bem*. Cedendo, porém, talvez á sua maneira de sentir a harmonia poetica (não á medida métrica, neste caso), pospoz esse classico o pronome regimen ao verbo precedido desse adverbio :

« Com *bem* gana o meu guapo  
Para o jantar *colhera-os*. »

(*Obr.*, v. XII p. 98.)

Na enumeração desses adverbios comprehende o dr. CARNEIRO o *assim*. Mas, com o *assim*, por amor do verso, fez o contrario FILINTO mais de uma vez :

« Que só, de *assim* vingar-me, o enlevo surge. »

(*Obr.*, v. XI, p. 19.)

« Mas tu, Senhor, mas tu *assim* tratar-me. »

(*Ib.*, v. XXII, p. 153.)

Estabelece o professor CARNEIRO (e ainda com razão) que, se numa oração vier o vocabulo *muito* antes do verbo, a este se anteporá o pronome complemento. (*Serões Gramm.*, p. 337.) FILINTO, porém, por não desearcar um verso, teve que pospor o pronome ao verbo :

« Por *muito* debruçar-se caiu n'agua. »

(*Obr.*, v. XII, p. 60.)

Todos os grammaticos repellem terminantemente a posposição dos pronomes obliquos ao participio passado nas linguagens compostas. « Não se diz em portuguez » (doutrina o professor CARNEIRO) : « Eu tinha perturbado-me ; elles tinham esquecido-se. » (*Serões Gramm.*, p. 340.) Vede, porém, como o metro zomba dessa lei nos versos classicos de FILINTO :

« O veado não chorou. Que tinha a rainha  
*Enganado-lhe* a esposa, o filho... A morte  
Lhe seca o pranto, e o vinga. ».

(*Obr.*, v. XIII, p. 66.)

A posposição dos casos obliquos do pronome nas formas imperfeitas do gerundio é uma das regras mais correntes no assumpto. (CARNEIRO : *Serões Gramm.*, p. 342. JOÃO RIBEIRO : *Gramm.*, p. 203.) FILINTO ELYSIO, comtudo, versejou :

« Um dia, que o Deus Jupiter,  
*Se achando* com pachorra. »

(*Obr.*, v. IX, p. 153.)

Grammaticalmente está orrado: havia de escrever «*achando-se*». Mas *achando-se* punha oito syllabas no verso, que devia ter sete, o que em «*se achando*» não se dá, pela fusão do *e* com o *a* subse- quente.

E aqui temos outra vez o mesmo sacrificio da syntaxe ao rithmo :

« De lá vem que, em funcção *se achando*, um lobo  
Comeu tanto de subito... »<sup>1</sup>

(Obr., v. XII, p. 96.)

No imperativo, doutrina o professor CARNEIRO, o pronome complemento segue *sempre* o verbo. (Serões, p. 340.) FILINTO, entretanto, escreveu, oppostamente :

« Finca-te nisto,  
Oh filho ; e *me ouve* o que fazer nos cumpre. »

(Obr., v. XII, p. 166.)

« Toma alguns grãos do helléboro, o *te purga*. »

(Ib., p. 229.)

Sempre a lei da harmonia, no metro, preponderando, neste particular, á da syntaxe.

## § 57

### Art. 658

#### COLLOCAÇÃO DOS PRONOMES:

#### « NEM LHE AUTORIZAR »

**236.** — Temos aqui outra criação grammatical do mestre. Deparou-lhe azo ao invento o art. 658, onde outra vez se revela a fertilidade e volubilidade philologica do eminente autor no tocante á collocação dos pronomes. Nesta materia, em que, de todos os grammaticos notaveis, era o que menos sabia, e o que mais errava, hoje é o que mais entende, e o que mais decreta.

Redigira eu o texto, de que se trata, nestes termos:

« Quando uma obra, feita em collaboração, *não* for divisivel, nem couber na disposição do art. 658, os collaboradores, *não* havendo convenção em contrario, terão entre si direitos iguaes; *não* podendo, sob pena de responder por perdas e danos, nenhum delles, sem consentimento dos outros, reproduzil-a, *nem lhe autorizar a reproducção*, excepto, quando feita na collecção de suas obras completas. »

Nesse «*nem lhe autorizar a reproducção*» declara-me em erro o dr. CARNEIRO. « Para ser vernaculo », afirma, « devia dizer: sem consentimento dos outros, reproduzil-a, *nem autorizar-lhe a reproducção*. »

<sup>1</sup> Reduza-se a phrase á construcção directa, e se verá que a forma do gerundio aqui não é a perfeita, isto é, que o *em* ahí não rege o particípio *achando*: « De lá vem que um lobo, *se achando em* funcção, comeu tanto de subito... »

E a proposito, vem com uma regra, ignota aos grammaticos até hoje :

« Essa anteposição do pronome ao infinitivo, precedido immediatamente da conjunção—*nem*, dá-se, de ordinario, quando a este infinitivo precede outro, regido pela preposição—*sem*. »

Duas novidades syntaxicas de uma assentada :

*Primêira* : não é licito antepor a enclitica pronominal ao verbo precedido de *nem*, quando elle estiver no infinitivo.

*Segunda* : exceptuam-se dessa regra as phrases, em que a sentença da conjunção *nem* anteceder immediatamente outra oração do infinito, regido da preposição *sem*.

Destes dois achados pôde haver patente de invenção o mestre, que bem a merece.

237.—Mas em que as estriba? A primeira em dois excerptos de LATINO COELHO, onde com o *nem* anteposto ao verbo no infinitivo se pospõe a este o pronome. A segunda, em um exemplo de BERNARDES, um de A. HERCULANO e um de CASTILHO, em cada um dos quaes temos duas orações de verbo no infinito, precedendo ao verbo, na primeira, a preposição *sem*, na segunda a conjunção *nem*, e ambos com a próclise do pronome obliquo.

Pesemos, cada uma á sua parte, as duas novas fórmulas grammaticaes.

238.— Por duas vezes usou LATINO COELHO do *nem* com o pronome regimen posposto, em sentenças de verbo no infinitivo. Mas *quid inde*? Quando muito, o que dahi se deduziria, era que com as orações do infinitivo não se faz obrigatoria a anteposição desses pronomes, ficando á mercê da occasião, do gosto e da euphonia o precederem ou succederem elles ao verbo. Muitos casos ha, com effeito, enumerados pelo dr. CARNEIRO e os demais grammaticos, em que entre a próclise o a enclise é optativo e arbitrario o uso. Por encontrarmos em bons autores alguns exemplos do pronome posposto, não se infere seja de rigor a posposição, assim como não se conclue seja de preceito a anteposição, porque encontremos algumas vezes o pronome anteposto. Uma e outra poderiam ser ao mesmo tempo grammaticaes, á discreção do escriptor.

Que é o que succede na hypothese? LATINO COELHO forneço dois exemplos de *enclise*. E' isso? Nada mais?

Pois bem : autoridades *mais allas* nos suppeditarão, contrariamente, exemplos do mais puro vernaculismo em abono da *próclise*, isto é, da fórmula por mim adoptada e de erronea tachada pelo dr. CARNEIRO.

Foi VIEIRA quem disse :

« Aberta com o peso por todas as costuras, incapaz de fugir, NEM SE DEFENDER. » (*Sermões*, v. I, p. 39.)

« E quantos filhos que por não desagradarem aos paes, NEM SE APARTAREM delles, deixam a Deus, e servem ao mundo? » ( *Ib.*, v. IV., p. 171. )

« E não se desdizer, *nem se retractar* jamais. » ( *Ib.*, v. V, p. 160. )

E como elle, tempos atraz, muitas vezes, DUARTE NUNES :

« Mas não sabiam de que genero, NEM LHES podiam *socorrer*. » ( *Cron. del-rey D. João V*, c. 33, p. 129. )

« Não por olio, que ao Mestre tivessem, NEM por LHES PARECER que não era elle digno de maiores reinos. » ( *Ib.*, 46, p. 185. )

« Deixarem todos os ritos gentilicos, como é cantar janeiras... NEM SE CARPIREM sobre finados, NEM SE DEPENNAREM cabellos sobre elles. » ( *Ib.*, c. 60, p. 265. )

« Não tinha tempo para se aporcerber, NEM para SE VALER de seus amigos. » ( *Ib.*, c. 90, p. 439. )

« Não se espantou de ver o infante D. Pedro como foi, NEM de LHE OUVIR o que lhe disse. » ( *Cron. del-rey D. Aff. V*, c. 6, p. 115. )

« Ninguem ousava de se vir a ella, NEM de a SERVIR. » ( *Ib.*, c. 9, p. 130. )

E, antes de DUARTE NUNES, não escrevia de outro modo FERNÃO LOFES :

« Não lhes entendo tomar seus officios, NEM LHES DAR outros. » ( *Cron. de El-rei D. Fernando*, c. 174. )

« Não o queria o conde ver, NEM LHE FALLAR. » ( *Ib.*, c. 162. )

Desde os primordios da nossa lingua era esta a syntaxe corrente. Provam-n'o os escriptos de el-rey D. DUARTE, que *nem uma só vez* della se arreda. Eis como elle escrevia :

« Aos outros bem penso que *nom* muito lhees praza de o ler, *nem de o ouvir*. » ( D. DUARTE : *Leal Conselheiro*, p. 8. )

« Ouvindo bem as partes com delivrado conselho se deve acordar o que convem de fazer ; e bem acordado *nom o mudar* por medo, empacho, avareza ou voõtade *nom* razoada. » ( *Ib.*, p. 14. )

« E se gloriam em esta voõtade carnal *nom* nos contrariar, *nem lhe nembrar* algũa cousa do que desejam. » ( *Ib.*, p. 27. )

« Nunca per conselho de fisicos ou doutra pessoa, *nem desejo* que aja, queyra fazer pecado, *nem se vezar* a maao costume. » ( *Ib.*, p. 124. )

« *Nom* saber, *nem se lembrar*. » ( *Ib.*, p. 166. )

- « Nom no temer, *nem o amar.* » ( *Ib.*, p. 359. )
- « Nom se doer, nom se fazer prestes pera receber a sua graça, nom husar da graça recebida, nem ainda a conservar, *nem se converter.* » ( *Ibid.* )
- « Nunca destas cousas he muyto de curar, *nem lhe filhar grande afoiçom.* » ( *Ib.*, p. 351. )
- « Nom poderemos aver dereyto sentimento, *nem as obrar virtuosamente.* » ( *Ib.*, p. 389. )
- « Fallecem muyto do que som obrigados per nom saber, *nem se lembrar.* » ( *Ib.*, p. 401. )
- « Nom presumyr de seus merecymentos, *nem se levantar per soberba.* » ( *Ib.*, p. 412. )
- « Pois as cousas som todas sojeitas aa fortuna, a que val prudencia, *nem discretamente se governar em nossos feytos?* » ( *Ib.*, p. 312. )
- « Tal maneira nom se pode boem teer com todos Senhores, *nem se guardar em todos amyzides.* » ( *Ib.*, p. 473. )
- « Nunca requeror cousas injustas ou torpes, *nem as fazer*, posto que requeridas sejam. ( *Ib.*, p. 474. )
- « Nom veze poer emprasto no estamago, *nem o trazer sobejo coberto.* » ( *Ib.*, p. 485. )
- « Deve seer muyto guardado do vento e do ar, *nem se desabotoar em casa muyto fria.* » ( *Ib.*, p. 486. )
- « De todos nom devemos confiar, *nem lhe filhar seus ditos e feytos na myllor parte.* » ( *Ib.*, p. 258. )

E do mesmo modo se exprimia Fr. THOMÉ DE JESUS :

« E assi tenha por costume ordinario, não começar cousa alguma, *nem se determinar em cousa-nova que lhe succeda, sem primeiro se encommendar.* » ( *Trabalhos de Jesus*, v. I, p. 12. )

« Não presumir de si... *nem se antepor a nenhuma pessoa.* » ( *Ib.*, p. 22. )

Por egual JACINTO FREIRE :

« Tinha em torno umas letras antigas, cujo significado ignoravam os naturaes da terra, por não estarem em lingua conhecida, *nem se formarem com clausulas atadas.* » ( JACINTO FREIRE : *Vida de D. João de Castro*, I, nº 57. )

Agora escolham. São trinta exemplos contra dois, e contra um só contemporaneo cinco patriarchas da nossa lingua.

Se a regra do professor CARNEIRO acerta, orrei eu, não tem duvida; mas errei com os mais autorizados mestres e as mais constantes

tradições do nosso idioma, com o autor do *Leal Conselheiro* e DUARTE NUNES, com o padre VIEIRA, THOMÉ DE JESUS e JACINTO FREIRE. Tudo é, portanto, optar, quanto á autoridade vernacula, entre o douto grammatico bahiano e os cinco grandes lumináres da nossa vernaculidade.

Mas, se estes, na competencia, levarem a palma áquelle, como escriptores que tanto fizeram pela grandeza do nosso idioma, então errou o professor, e eu é que estou certo.

Ora me parece que entre as duas alternativas, ninguem, de bom siso, vacillará.

O desacerto do professor CARNEIRO é palmar. O uso classico se oppõe á these, que elle enunciou (tão emphaticamente!) nestes termos:

« Não se diz em linguagem portugueza: não quero vel-o *nem o ouvir*; mas: não quero vel-o, *nem ouvir-o*; não podendo reduplicar a *nem lhe autorizar* a reprodução; mas: não podendo reproduzir a, *nem autorizar-lhe* a reprodução. »<sup>1</sup>

A fé implicita na autoridade respeitavel do LATINO COELHO induziu o grammatico bahiano a forçar o alcance aos dois exemplos, que lhe aquelle escriptor moderno fornecera. Elles provariam que nas orações do infinitivo a negativa *nem* comporta a posposição do pronome ao verbo. Mas não provam que exclua a anteposição. As duas formas poderão ser igualmente grammaticas. Isso é o que será possível. O certo é, porém, que, das duas, a mais autorizada, a mais corrente, a mais classica é a antepositiva, é a proclitica, é a adoptada por mim e contestada pelo mestre.

239.—Com o seu criterio de assentar induções grammaticas sobre um, dois ou tres exemplos, a continuação de decepções se exporia o mestre.

Encontrando, por exemplo, em CAMÕES, trechos como estes:

« Escuros deixam sempre seus menores  
« Com *lhe* deixar descãosos corruptores »

(Lus. VIII, 40)

« Com *lhe* fazer tributo dar dobrado »

(Lus. X, 53)

Decidiria que a preposição *com* obrigá á próclise. Não faltaria entretanto, quem, manuseando o mesmo poema, lhe desmentisse o preceito com outros logares, onde o autor optou, nas mesmas circunstancias, pela enclise:

<sup>1</sup> DR. CARNEIRO: *Ligeiras Observações, Diar. Offic.*, p. 41, col.<sup>a</sup> 2<sup>a</sup>.

« De quem se ganha a vida, com perdel-a. »<sup>1</sup>

(Lus. VI, 83.)

Toparia com especimens deste geito:

« Para servir-vos braço ás armas feito;  
Para cantar-vos mento ás musas dada. »

(Lus. X, 155.)

e para logo se sairia com a regra da enclise forçada, nas orações em que o verbo se reger da preposição *para*. Mas, a poucos passos nos mesmos *Lusiadas* se desencantaria, lendo :

« Para lhe obedecer já se apercebe. »

(Lus. IX, 43.)<sup>2</sup>

Daria com a enclítica anteposta numa sentença de verbo regidos da preposição *por*:

« Por vos servir a tudo aparelhados. »

(Lus. X, 148.)

Nas obras de CASTILHO encontraria igualmente:

« Folgas *por te* ver lindo. »

(Arte de Am., I, 59.)

e seria levado a estatuir que a preposição *por* attrae a si para antes do verbo o pronome objecto. Mas bem cedo o proprio CAMÕES e o proprio CASTILHO ministrariam com que o desautorar, em trechos de feição opposta:

« Um dos maus, *por* fartar-se mais depressa. »

(Lus. X, 117.)

« *Por* vingar-se e punil-o, e só talvez *por* isto. »

(Arte de Am., I, 75.)

Acharia a adversativa *mas*, em exemplos onde o pronome regimen precede ao verbo :

« *Mas* firme a fez e immobil. »

(Lus. IX, 53.)

<sup>1</sup> Próclise:

« Com geito se transmuda um rio. »

(CASTILHO: Arte de Am., I, 62.)

Enclise:

« Com homens de mau nome *corpõe-se* a muito a dama. »

(Ib., 122.)

<sup>2</sup> « Para *conservar-se*. » (VIEIRA: Cart. IV, 83.)

Contra, procliticamente: « Para se metter em governos. » (*Scrmões*, v. III, p. 231.) « Para se acudir ao damno. » (*Obr. Inedit.*, v. II, p. 125.) « Tenha-se valor, *para se* dar um desengano ao principe. » (*Ib.* p. 126.) « Para *lhe* resistir. » (*Ib.*, p. 128.)

« Mas os anjos do céu, cantando o rindo,  
Te recebem na gloria »

(Lus. X. 118.)

e passaria a ensinar que o *mas* actua prócliticamente sobre os pronomes complementos do verbo, a que precedo. No mesmo escriptor, porém, dentro em breve se lhe offereceria prova do contrario:

« Mas enverga-se num e noutro bando  
Partido desigual. »

(Lus. VI, 61.)

Com a preposição *em* passaria por dissabor igual, se fiasse de exemplos como este :

« Lucram muito ambos vós *em tel-o* por amigo »

(CASTIL.: *Arte de Am.*, I, 38),

para concluir pela enclise forçada; porque alli mesmo, não muito longe, veria a próclise manifestamente abonada noutro exemplo:

« Sua esposa *em se ornar* empregaria estudo. »

(*Ib.*, p. 103.)<sup>1</sup>

A temeridade, que nessas hypotheses commetteria, é a de que se metteu em risco na especie vertente, assentando em dois simples exemplos de LATINO COELHO a regra, toda sua, da enclise obrigada nas orações em que o *nem* rege verbo no infinitivo. LATINO COELHO não destroe a DUARTE NUNES, JACINTO FREIRE, THOMÉ DE JESUS e ANTONIO VIEIRA. Logo, a não rejeitarmos como suspeitavel o exemplo do primeiro, a emparelhal-o em autoridade com os outros, o mais que se admitirá, é considerar facultativo, nessa contingencia grammatical, o pospor ou antepor o complemento ao verbo.

Ainda assim, porém, mais seguro do que o mestre, abraçando-se em LATINO COELHO, me parece ficarei eu, inclinando-me ao concurso dos outros classicos, muitos e de autoridade mais segura.

240. — Diga-se agora da outra surpresa grammatical, regalada ao pobre deste seu alumno o ao mundo em geral pelo meu respeitavel mestre. Como visse tres vezes, em escritura vernacula, duas orações successivas de verbo no infinitivo, regido na primeira de *sem*, na outra de *nem*, conclue o dr. CARNEIRO,

<sup>1</sup> Próclise:

« *Em* *lhes* chamar. » (VIEIRA: *Serm.*, I, 275.) « O diamante passa muitos annos *em se* crear. » (*Id.*, *Obr. Inedit.*, v. II, p. 125.)

Enclise:

« E' a ultima *em* *queixar-se.* » (*Ib.*, *Serm.*, p. 74.)

atribuindo ao influxo do *sem* a anteposição do pronome regimen. Acredita elle que «a anteposição do pronome ao infinitivo precedido immediatamente da conjunção *nem*» se costuma usar, «quando a este infinitivo preceda outro, regido pela proposição *sem*».

Mas, para que tal idéa se sustivesse, necessario seria que á proposição *sem* reconhecesse o uso do nosso idioma esse poder grammatical de attracção, moliante o qual certas palavras ou particulas chamam para junto de si, antepondo-as ao verbo, as encliticas pronominaes. Ora, innegavel aliás á conjunção *nem*, ao menos com as orações do modo finito<sup>1</sup>, pela regra absoluta da próclise

<sup>1</sup> «*Nem* a confiança na misericordia divina nos assegura da sua justiça.» (VIEIRA: *Sermões*, v. I, p. 23.)

«Ninguém se queixa de Deus, *nem lhe extranha.*» (*Ib.*, p. 28.)

«Nem Deus o ha-de perdoar, *nem o peccador se ha-de converter.*» (*Ib.*, p. 29.)

«Não a podarei, *nem cavarei, nem lhe farei outro beneficio.*» (*Ib.*, p. 34.)

«*Nem* os carregou o peso da cruz, como aos hombros; *nem os* rasgava ou suspendia a dureza dos cravos, como aos pés e mãos; *nem os* molestava o estirado e desconjuntado dos membros, como aos nervos e ossos; *nem os* attenuava o vazio e exausto do sangue, como ás veias; *nem os* amargava o fel, como á bocca, e. o que é mais que tudo, *nem os* picavam os espinhos, como á cabeça.» (*Ib.*, v. V, p. 275.)

«Nem teve culpa, *nem a* pode ter.» (*Ib.*, v. VI, p. 66.)

«*Nem se encontra* o preceito de amar os mesmos paes com este preceito.» (*Ib.*, p. 204.)

«Não se ouvem, *nem se* ouviram.» (*Ib.*, v. III, p. 77.)

«Não estive mais em mim, *nem o* estou ainda.» (*Ib.*, *Cartas*, v. I, p. 15.)

«*Nem me* doe dor.» (A. FERREIRA, v. I, p. 65.)

«Não se cante entre vós já, *nem se* ria.» (*Ib.*, p. 79.)

«Que *nem me* pode ouvir, *nem me* responde.» (*Ib.*, p. 83.)

«Lá onde se não geme, *nem se* chora.» (*Ib.*, p. 85.)

«Quem inda o não viu bem, *nem o* conhece.» (*Ib.*, p. 184.)

«*Nem* o povo nos ame; *nem o* amemos.» (*Ib.*, p. 270.)

«Ninguém a soffre, *nem se* emenda.» (JORGE FERREIRA: *Eufros.*, III, 2.)

«Ninguém em sua presença cuspiu, *nem se* assoasou, *nem* tossisse, *nem se* risse, *nem lhe* olhasse direito para o rosto.» (M. BERNARDES: *N. Fl.*, v. II, p. 194.)

«Nenhum doutor as observou com maior escrupulo, *nem as* esquadrinhou com maior estudo, *nem as* entendeu com maior propriedade, *nem as* proferiu com mais verdade, *nem as* explicou com maior clareza, *nem as* recapitulou com mais fidelidade, *nem as* propagou com maior valentia, *nem as* pregou e semeou com maior abundancia.» (*Ib.*, v. IV, p. 93.)

«*Nem* Pelagio *lhe* deu para isso tempo.» (A. HERC.: *Eur.*, p. 264.)

«*Nem* o consolaram.» (*Ib.*, O *Bôbo*, p. 194.) *Nem tu o* podes, *nem eu o* quero.» (*Ib.*, p. 275.) «*Nem eu lhe* perdoo, *nem* Deus *se* amerceará delle.» (*Ib.*, p. 298.) «*Nem eu me* esqueci.» (*Ib.*, p. 97.) «*Nem me* faltariam chapins broslados.» (*O Monge de Cist.*, v. I, p. 75.) *Nem eu o* expulsarei.» (*Ib.*, v. II, p. 264.)

«*Nem* dos átrios dos grandes *te* deslumbrem  
As estatuas.»

(CASTIL.: *Amor*, v. I, p. 86.)

«*Nem* um *nem* outro *se* entendem.» (*Ib.*, I, 91.)

«*Nem* um *nem* outro *te* agradeço o zelo.» (*Ib.*, II, 16.)

«Por *te* servir *nem me* importava  
O orvalho que o ceu distillava.»

(*Ib.*, III, 41.)

com as negativas, essa propriedade falta ao adverbio *sem*, com o qual é tão correntemente vernacula quanto a anteposição a posposição dos pronomes complementos.

Eis não poucos exemplos dessa *posposição* após o *sem*:

« Seccar as frescas rosas, *sem* colhel-as.»

(CAMÕES. *Obr. Compl.*, v. I, p. 35.)

« Um bem que, inda *sem* ver-vos, reconheço.»

(*Ib.*, p. 93.)

« Deixa ver-te

A meus cansados olhos, que de tantas  
Lagrinas são movidos, *sem* mover-te.»

(*Ib.*, v. IV, p. 105.)

« *Sem* doinar-se, são bravas, ou esquivás.»

(*Ib.*, p. 113.)

« Que possa viver, *sem* ver-vos.»

(*Ib.*, v. V, p. 110.)

« *Sem* deler-se mais.» (BERNARDES: *N. Fl.*, v. IV,  
p. 48.)

« *Sem* fazer-se de rogar.» (*Ib.*, p. 116.)

« Esteve muito em si, *sem* responder-lhe.» (*Ib.*,  
p. 158.)

« Porém D. João de Castro, *sem* deixar-se vencer  
do amor do filho...» (JACINTO FREIRE, II, p. 87.)

« Vel-os-á triumphar, *sem* pôr-lhe obstaculo.»

(FILINTO ELYS.: *Obr.*, v. XI, p. 92.)

« *Sem* presentil-o, os lobos dão fim delle.»

(*Ib.*, v. XII, p. 102.)

« *Sem* conhecer-se a si.» (*Ib.*, v. XIII, p. 104.)

« Que *sem* ver-se

« Em apertos, coubesse bem num ponto.»

(*Ib.*, p. 166.)

« Nem Thamyres *sem* luz se enleva na pintura.» (*Ib.*, 49.)

« E *nem* a mais humilde o requestou jamais.» (*Arte de Am.*, I, 45.)

« *Nem* a precedas tu, *nem* te preceda ella.» (*Arte*, I, 92.)

« *Nem* a compraes corando, a furto.» (*Ib.*, 105.)

« *Nem* vos dispenso a dansa.» (*Ib.*, 116.)

E assim invariavelmente nas orações do modo finito. Que motivo poderia occorrer, para que com as do infinitivo prevalecesse regra opposta?

« O gato, *sem* largal-a,  
Rosna.»

(*Ib.*, p. 326.)

« Ouvi, *sem* irritar-me, reprehensões:» (A. HERC.  
*O Monge*, v. I, p. 27.)

« Se forem muitos,

« Serás mais rica, *sem* custar-lhes tanto.»

(CASTIL.: *Amores*, I, p. 85.)

« *Sem* dar-te o mais leve enfado.»

(*Ib.*, p. 110.)

« O tempo affrontam, *sem* temer-lhe o dano.»

(*Ib.*, p. 118.)

« Prouvera ao ceu que arguir-te,

« *Sem* convencer-te, eu pudera.»

(*Ib.*, II, p. 27.)

« Sem luz, sem norte, *sem* ficar-se em nada.»

(*Ib.*, p. 51.)

Ora, se o *sem*, na própria sentença cujo verbo rege, não força a construção proclítica o complemento pronominal, como poderia ir ter em outra oração esse influxo, que na sua mesma não exerce? E' absurdo. A subtileza do mestre attenta contra o senso comum.

241. — Mas a minha demonstração vae mais longe. Com um exemplo de Diogo do Couto e outro de Castilho Antonio pretende o dr. CARNEIRO mostrar que a anteposição do pronome regimen ao verbo em oração do infinitivo não caberá senão quando ella succeder a outra em que o verbo, desse modo, esteja regido pela preposição *sem*. Não é assim? Os seus exemplos são estes:

« *Sem* lhe dar nada de suas cartas, *nem* se moderar em sua condição.»

« *Sem* attentar nelle, *nem* lhe saber da existência.»

Pois bem: aqui tem o dr. CARNEIRO mais de outros tantos exemplos, um de MANUEL BERNARDES, um de FILINTO ELYSIO, um de JORGE FERREIRA, nos quaes, sendo a primeira sentença do infinitivo regida de *sem*, o pronome complemento da segunda, tambem do infinitivo, está *pósposito* ao verbo:

« O que se refere dos Sarmatas... que *sem* dar penso, ou ração aos cavallos, *nem* aprear-se delles, andam de uma jornada cento e cincoenta-mil passos.»

(M. BERN.: *N. Fl.*, v. IV, p. 206.)

« *Sem saber tomar postos, nem relet-os.* » (FILINTO: *Obr.*, v. XXII, p. 144.)

« *Vem elle, põe-se no trato sem se mover, nem defender-se.* » (JORGE FERR.: *Eufr.*, V, 5. El. de 1786, p. 336.)

Nestes tres exemplos, apesar do *sem* que rege o verbo na primeira oração do infinitivo, o pronome regimen, na segunda, está posposto.

A formula do professor CARNEIRO é, por conseguinte, inexacta. O *sem* da primeira oração do infinitivo não obriga á anteposição as encliticas pronominaes da oração subsequente.

242.— Redarguir-me-á, porém, o dr. CARNEIRO que, se as minhas tres autoridades combatem a sua formula grammatical, no que respeita á propriedade, que ella attribua ao *sem*, de actuar sobre a collocação do pronome objecto na oração seguinte, outros tantos reforços com essas autoridades ganha, por outro outro lado, a sua regra da posposição do pronome regimen, nas sentenças em que o adverbio *nem* reger um verbo no infinito.

Mas não. O que essas duas autoridades vem confirmar, é que, em taes orações, nos será de livre escolha antepor ou pospôr o pronome regimen ao verbo; porquanto monstruoso desproposito fôra, que eu com trinta e um exemplos classicos, como os acima exarados (n. 238), não justificasse a prôclise, e o dr. CARNEIRO só com cinco da enclise, della alcançasse fazer lei absoluta e exclusiva.

Confessando em 1890 a sua insciencia de 1831 quanto á collocação dos pronomes, desdizendo-se em 1902 de tantas das regras que nesta materia, formulara em 1890, devia o illustre professor ter aprendido a se precaver contra o risco de improvisar leis grammaticaes, em especialidade tão acondicionada a riscos, imprevistos e desenganos. Ainda assim, porém, não se colibiu. Improvisou de novo; e, improvisando, tornou a errar. Não é exacto que, em face do uso classico, o *nem*, adverbio, ou conjunção, exija, nas orações de verbo no infinito, a posição enclitica do complemento. Em conjuncturas taes, o exemplo dos bons escriptores autoriza por igual a posterioridade, ou a anterioridade, na situação do pronome objecto para com o verbo.

## § 58

### Art. 1º

VIABEL,

VIABILIDADE.

VITAL,

VITALIDADE.

243.— Occupara-me eu, em nota a uma das minhas notas, por occasião do texto deste artigo, com os neologismos *viavel e viabili-*

dade, que rejeitei na accepção, já de coisa ou pessoa *capaz de viver*, já de capacidade ou aptidão que para a vida têm essas pessoas ou coisas, alvitrando, em logar daquelles dois, os vocabulos *vital* e *vitalidade*.

Pois isso mesmo não escapou ao illustre professor. Até isso era, a seu ver, parte do substitutivo. Ainda nisso lhe parecia estar revendo o código civil. Nem um pingo da minha penna se havia de furtrar ao olho inexoravel do mestre. Estou convencido hoje de que a grammatica é uma especie de *bestia insatiabilis*. Nada lho satisfaz a dureza dos instinctos, ainda bem que exercidos em arena incruenta.

Felizmente não está só o misero de mim nesta bulha, comprada mui de seu gosto pelo dr. CARNEIRO. Que tinha a revisão do projecto com a minha subnota, se eu não alvittrara que se admitisse á contextura delle nem o *vital*, nem o *vitalidade*?

O caso é, porém, que foi esse um dos pontos, de que mais á larga dissertou o illustrado revisor. Sua opinião vem a ser que daquelles dois neologismos não podemos prescindir. Mas os motivos do seu parecer não combaliram o meu. Ao menos é o que, com o melhor fundamento, se me affigura. Antes, porém, de oppôr as minhas ás suas razões, outra autoridade contraporei á sua autoridade.

211. — Num livro que atravessava os prelos exactamente quando o meu parecer os transpunha, o sr. CANDIDO DE FIGUEIREDO, incontestavelmente a maior das nossas competencias actuaes em materia de lexicologia portugueza, rejeita as expressões defendidas pelo philologo bahiano. Leiamol-o :

« Mudou, porém, de resolução, porque tal plano não era *viavel*. »

« *Viavel*, em tal sentido, percorreu já muitas obras de escriptoros de merito, e está registado nos nossos dicionários.

« Tal palavra, todavia, é um claro francesismo (cf. o francês *viable*, de *vie*, vida): Não tem, portanto, formação nem derivação, que a torne ao menos aparentada com palavras nossas.

« Nós temos *viavel* (que se póde percorrer ou transitar, *caminho viavel*, *campo viavel*); mas este é um vocabulo distincto de *viavel*, no sentido de que *póde viver*, que é *vivedouro*, que *póde ter effeito*, e muito justificavel com o latim *viare*.

« No sentido, pois, do francês *viable*, é ESTRANGEIRISMO QUE O BOM ESCRIPTOR DEVERIA PÔR DE LADO. »

(*Os Estrangeirismos*<sup>1</sup>, p. 70.)

<sup>1</sup> Lisboa, 1902.

245.— Esses parentescos de França não importam ao dr. CARNEIRO: «E' modernamenté o francês», raciocinã elle, «a fonte, que mais consideravel numero de vocabulós tem trazido ao nosso idioma.» Guapa consideração, na verdade. Mas já era o que se dizia antes de FILINTO ELYSIO, e se continuou a dizer por todo o seculo passado. Todos os bons escriptores o sentiam, e todos o confessavam, mas deplorando, resistindo e exhortando á defesa do idioma contra a invasão estrangeira. Com annos depois o illustre professor de língua portugueza, vendo crescer a onda, em voz de aconselhar contra ella os diques razoaveis da tradição e do bom senso, opina que estejamos tranquillos, e abramos ao diluvio as ultimas represas. Já nos sentiamos alagados: pois que nos acabemos de alagar.

Complacencia, e não escrúpulo com as neologias, é a divisa o a empresa de armas deste paladino da vernaculidade. Com os vocabulos de importação, ponto está em que (venham embora francamente do Sena) se lhes possa dissimular a procedencia real, agci-tando com habilidade uma especiosa avoenga latina.

Seguirei, porém, o mestre passo e passo no seu arrazoado, esforçando-me por discriminar as considerações allí amalgamadas. A tres argumentos poderemos reduzil-as:

- 1.º A genesis latina de *viavel* e *viabilidade*.
- 2.º A diversidade no significado entre a desinencia em *al* e a desinencia em *avel*.
- 3.º A differença de sentido entre *vitalis*, mais o seu derivado *vitalitas* no latim, e *viavel*, com o seu derivado *viabilidade* na proposta neologia.

Estudemol-os um e um por essa ordem.

246.—1º) «Tomando á lingua franceza», diz elle, «segundo WHITNEY, o vocabulo *viable*, do latim medieval *viabilis*; corruptela talvez da formula latina *vita habilis*, apto para viver», transformou-o a nossa lingua, deixando cair o *t* médio na palavra original, qua dest'arte se mudou em *viabilis*; de onde, atravez da expressão franceza, o nosso *viavel*.

Mas que sabe o mestre do *vilabilis* ou *vita habilis* no latim?

Nada, além do que lhe informam LITTRÉ e WHITNEY.

Veremos o que por elles consta. Antes, porém, saibamos que é o que de *vilabilis* nos dizem os lexicons latinos.

No de FREUND, a mais autorizada lexicographia contemporanea da lingua dos romanos, apenas se encontra a esse respeito linha e meia, que transcreverei:

«VITABILIS, e, adj. (vito), qu'on doit éviter.—  
Ovid. Pont. 4, 14, 31; Arnob. 5, 165.»

FREUND copiara, na definição e nas autoridades, a FORCELLINI, cujo lexicon, sempre mais largo e copioso, diz da especie nestes termos:

« VITABILIS, LE. Adject. verbalo a *vito*; *vitandus*, da *schifarsi*. *Ovid.* 4. *Pont.* 14.31. *Esset perpetuo suo quam vitabilis Asera*, *Ausa est agricolæ Musa docere senis*. *Alii aliter leg.* *Arnob.* 3, p. 165. *Illum fœtor vitabilem reddidit fugiendumque carpinus.*»

(*Totius Latinitatis Lexic.*, vol. VI, p. 366.)

QUICHERAT e DAVELUY, na ediç. CHATELAIN (de 1899), citada alhures pelo dr. CARNEIRO, não adeantam aquillo coisa alguma.

« VITABILIS, e, *Ov.* *Pont.* 4, 14, 31; *ARN.* 5, 13, *qu'on doit éviter, qui est à craindre.*»

Já se vê que os latinos só conheceram esse *vitabilis*, o qual, originario do verbo *vitare*, *evitar*, quer dizer, em linguagem, tão sómente *evitavel*, coisa que convém *evitar*, *fugir*, ou que é *de temer*.

Nada faz elle, pois, ao caso do *viable*, ou *viavel*, na accepção gallica de coisa viveioira, isto é, *capaz de viver*; porque, neste caso, de *vita*, a *vida*, e não de *vitare*, *evitar*, é que procederá a raiz latina do *vitabilis*, pae hypothetico do *viavel* actual.

Teria havido, porém, no latim, esse *vitabilis*, derivação de *vita* e equivalencia, prefiguração, origem do francês *viable*?

Deste particular é que depõem LITTRÉ e WHITNEY, os únicos informadores, a cujo testemunho se arrima o dr. CARNEIRO. Que nos attestam elles?

LITTRÉ, nada mais do que isto:

« ETYM. Lat. *vita* *habilis*, apte à vivre. »

Isto é:

« ETYMOLOGIA : Latim *vita* *habilis*, apto a viver. »

Mas essa etymologia, como se está vendo, é meramente uma *hypothese*. Não suppõe uma palavra latina, correspondente a *viavel*, mas duas, *vita* e *habilis*, que o glossologo francês imagina terem-se associado na gestação do francês *viable*.

WHITNEY dá um passo adiante: Mas de que modo? Eis, *ad litteram* transcriptas, as suas palavras:

« VIABLE, a. (F. *viable*. M. L. *vitabilis*, capable of life, (L. *vita*)). »

(Vol. VI, p. 6.744.)

<sup>1</sup> Na citação de ARNOBIO, os algarismos de QUICHERAT não estão inteiramente de accordo com os de FREUND e FORCELLINI.

Quer dizer:

« VIABLE, adjectivo. Francês, *viable*. Latim medieval, \* *vitabilis*, capaz de vida. (De *vita*, no latim.)»

Ha-de ter notado, porém, quem ler com attenção (o dr. CARNEIRO, ao parecer, não o notou) que ao termo *vitabilis* precede, no texto de WHITNEY, um asterisco.

Esse asterisco não dirá nada? Estará em vão antes daquelle vocabulo?

Recorrendo á *chave* (*key*), preposta pelo autor ao 1º volume do seu dicionario, p. XVIII, alli encontro a ponto a explicação do asterisco. Eil-a:

« \* read *theoretical* or *alleged*; i. e. *theoretically assumed, or asserted but unverified, form.*»

A saber:

« O asterisco \* denota ser a palavra, que se lhe segue, uma forma *theorica*; ou *supposta*, isto é, *theoricamente presumida* (*assumed*), ou affirmada, *mas não verificada* (*but unverified*).»

Assim que, se o dr. CARNEIRO houvesse attentado a notação orthographica, e não se esquecesse de ir perguntar-lhe ao proprio WHITNEY pela significação, teria visto que ella dá em terra com o seu castello etymologico, alluindo-o pela base. O *vitabilis* de WHITNEY, declara-o este mesmo, não passa de um supposto *inverificado*. LITRÉ, pela homophonia o homographia, figurara *vita habilis*. WHITNEY, simplificando, reduzindo os dois vocabulos a um só, passou de *vita habilis* a *vitabilis*, da *hypothese* de uma locução complexa á *hypothese* de uma só palavra. De sorte que o passo adancado pelo philologo americano ao philologo francês nos mantem na região das hypotheses.

Nem na antiga latinidade, portanto, nem na latinidade medieval se descobriu até hoje o menor documento, o mais ligeiro vestigio da palavra necessaria aos nossos neologistas, o *vitabilis* derivação do *vita*, para demonstrarem a procedencia latina da francosia, que preconizam. *Vitabilis* é, confessadamente, uma creação theorica do etymologista, que o suggere.

Não transcende, pois, os limites de um supposto, de uma presumpção a etymologia latina do francês *viable*. Nessa presumpção não faz fundamento a sciencia. E tanto assim que o mais recente dos dictionarios daquelle idloma, o *Dictionnaire Général* de HATZFELD e DARMSTETER; onde se exara o estado actual dos conhecimentos philogicos no assumpto, abre mão, quanto a *viable*, da etymologia latina, fliando-o unicâmente no proprio francês. O seu artigo lexicographico acerca da etymologia de *viabilis* é este:

« VIABLE. E'tym. Derivé de VIE, § 93.»

Em face da sciencia actual, portanto, isto é, dos dados verifica-  
veis, apurados, seguros, de que a sciencia hoje dispõe, *viable* não  
emana de *vitabilis*, creação engenhosa de uma hypothese : emana  
directamente de *vie*, pela ampliação do *e* final, convertido em *able*,  
segundo o processo que, adaptativamente, a evolução franceza to-  
mara á evolução latina. E' o que positivamente ensinam DARMSTE-  
TER e HATZFELD.

Aquella nota por elles alli posta, « § 93 », nós remette ao para-  
grapho assim numerado no primeiro volume, onde, a proposito  
do suffixo latino *bilis*, discorrendo acerca dos compostos latinos que  
delle se formaram, accrescentam os dois dicionaristas : « *L'ancien  
français a continué cette tradition.* »<sup>1</sup> As palavras com que o exem-  
plificam, vêm a ser : *accueillable*, do francês *accueillir* ; *aidable*, do  
francês *aider* ; *agréable*, do francês *agréer* ; *comptable*, do francês  
*compter* ; *effroyable*, do francês *effroi* ; *épouvantable*, do francês *épou-  
vante* ; *redevable*, do francês *redevoir* ; *secourable*, do francês  
*secourir*.<sup>2</sup>

Destarte nós mostram praticamente os dois sabios lexicographos  
como do *vie* francês se compoz, francesamente, o francês *viable*.

Não tem, portanto, esse vocabulô a directa ascendencia latina, que  
lhe sonha, e com dois mal entendidos trechos de LITTRÉ e WHITNEY  
lhe obtem o dr. CARNEIRO. Pouco importam os nomes, com que se  
pretende reforçar, de SCHELER, BESCHERELLE e AD. COELHO. BES-  
CHERELLE e SCHELER são anteriores a HATZFELD, DARMSTETER e  
WHITNEY, que nada encontraram nelles além do que suggerira  
LITTRÉ. AD. COELHO nada affirma. Limita-se a perguntar :  
« Fr. *viable*, por *vivable*, ou de *vite habilis* ? »<sup>3</sup> E' apenas uma in-  
terrogação, enfiando em si duas questões : « *Viavel* procederá do  
francês *viable*, derivação de *vivable* ? Ou emanará antes do *vite  
habilis* ? » Esta supposição dubitativa de ADOLPHO COELHO outra  
coisa não faz que reproduzir a hypothese de LITTRÉ, tão sómente  
como hypothese por elle aventada. Ora essa hypothese imaginara  
uma fôrma remota, que nunca existiu em francês, o termo *VIVABLE*,  
absolutamente imaginario, para entroncar no latim *vivere* o actual  
*viable*, filiação esta que o saber consciencioso dos modernos etymo-  
logistas repello, buscando, como já vimos, a descendencia im-  
mediata de *viable* no francês *vie*.

Logo, a termos de adoptar definitivamente o *viable*, haviamos de  
reconhecer que não tem no latim, sim no francês, a sua arvore de  
costado. Não seria um latinismo ; seria um gallicismo.

<sup>1</sup> *Dictionnaire Général*, v. I, p. 55.

<sup>2</sup> Essas as etymologias que HATZFELD e DARMSTETER lhes attribuem  
especificadamente nos arts. respectivos. (V. I, p. 55 do *Traité* e, do  
*Dictionnaire*, p. 55, 485, 842, 944 ; v. II, p. 1896 e 2.020.)

<sup>3</sup> *Diccion. Manual Etymol. da Ling. Port.*, p. 1221.

Apurada esta certeza, aqui pudera eu terminar. Mas não quero deixar sem resposta as outras ponderações do mestre.

247.—2º) As formas adjectivas obtidas mediante o suffixo *al* e o suffixo *avel* exprimem (nota o dr. CARNEIRO) intenções diversas. O suffixo *al* significa, nos adjectivos com elle constituídos, « que a idéa do seu radical *convém* á coisa a cujo nome se ajuntam ». O suffixo *avel*, « do latim *habilis, abilis* indica uma *aptidão, uma disposição* ».

Por via de regra assim é. Mas tambem essa regra pôde quebrar. Disso temos exemplo justamente nos vocabulós oppostos a *viavel, viabilidade*, omquanto equivalentes de *viable, viabilité*. *Mortal* quer dizer *morredoiro* (C. DE FIGUEIREDO), exactamente do mesmo modo como *viable* significa *vivedoiro*. *Vivedoiro*, isto é, *capaz de viver*, dotado das condições de vida. *Morredoiro*, isto é, *capaz de morrer*, creado em condições de soffrer morte. Logo, se para indicar *morredoiro*, não se ha myster de *mortavel*, basta *mortal*; para exprimir *vivedoiro*, não se necessita de *viavel*: basta-nos *vital*. Em *mortal* se confundem as duas idéas correlativas ao suffixo *al*, do latim *alis*, e ao suffixo *avel*, do latim *abilis*. Podemos, pois, sem laivo de heresia contra as fórmas consagradas, juntar em *vital* ambas essas idéas.

Quer o mestre ver como naturalmente se ajuntam? WHITNEY, depois de se occupar com a etymologia de *viable* (v. VI, p. 6.744), remette-nos ao artigo concernente, na sua obra, a *vital*: «*See vital*; isto é: «*Veja o vocabulo vital.*»

Vejamos, pois, esse outro artigo, a que WHITNEY nos remette. Vaé da pag. 6.772 a 6.773. Alli, discorrendo a synonymia de *vital*, consigna WHITNEY, sob o n. 5, este item:

«*Capable of living; viable.*

«*Pythagoras, Hippocrates... and others... affirming the birth of the seventh month to be vital.*»

Trasladado a portuguez :

«*VITAL: capaz de viver; viavel*

«*Pythagoras, Hippocrates... e outros... os quaes affirmam que o parto de sete mezes é vital.*»

E', portanto, o proprio WHITNEY, o WHITNEY evocado pelo dr. CARNEIRO, quem lhe dá em terra de golpe com a laboriosa theoria. O depoimento do sabio linguista, desmentindo abertamente o grammatico babiano, certifica a synonymia, no inglés, entre *viavel* e *vital*. Este vocabulo se applica, naquelle idioma, tanto quanto o outro, ás coisas ou creaturas *capazes de viver*. Dizem-se ellas, indifferente-mente, *viable* ou *vital*. Por cumulo remata ainda o philologo americano com aquelle excerpto, já transcripto, de um physiologista inglés, onde se qualifica de *vital* a creança setemesinha: «*O parto de sete mezes é vital.*»

Ante este documento scientifico onde vae parar a these, categoricamente enunciada pelo mestre, de que « *viavel*, em medicina legal, não pode ser substituido por *vital* »?

218.—3.º) « *Vitalis*, em latim », adverte o professor CARNEIRO, « quer dizer pertencente ou relativo á vida, que faz viver, que é de longa duração, que vive muito. »

Replicarei, considerando por dois lados a objecção.

Primeiro. O unico *vitabilis* de que fazem menção os dictionarios latinos, ainda se acha a maior distancia do *viable* francês que este de *vital*. O *vitabilis* consignado nos lexicons, expressamente alli designado, já o vimos, como synonymo de *vitandus*, equivale a o que se deve evitar: não tem relação nenhuma com a idéa de vida, idéa manifesta, absoluta e exclusiva em *vital*. O outro, o *vitabilis* supposto por WHITNEY como resultante do *vite habilis* figurado por LITTRÉ não passa de um ente de razão etymologico; por modo que, a subsistir a nacionalização portugueza de *viable*, ao nosso *viavel* não restará, em latim, outro simile mais que um vocabulo de significação totalmente alheia á desse: o *vitabilis* synonymo de *vitandus*, em portuguez *vitando*, coisa que se ha-de evitar.

219.—Vamos, porém, ao outro aspecto da objecção, que ora se estuda. Tinha *vitalis* essa accepção limitada entre os romanos, admitto: restringia-so á concepção definida pelo mestre. Mas *quid inde?* Não lhe esqueça a noção, elementar em materia de etymologia, a que inoportunamente se foi soccorrer, quando commigo dissentiu o vocabulo *progenitor*.<sup>1</sup> Então nos disse elle:

« Mostra-nos a historia das palavras que estas estão sujeitas a varias mudanças, não só nos elementos phoneticos do que se compõem, senão tambem relativamente á sua significação. »

Vae já em trezentos annos que essa observação não era nova. DURANTE NUNES, tres seculos ha, lhe consagrava desenvolvido capitulo na sua *Origem da Lingua Portuguesa*. Do latim *clamare*, clamar, fizemos *chamar*, idéa que entre os romanos se traduzia por *vocare*. Do *mulier* promanou *mulher*. Mas em latim *mulier* representa, na especie humana, o sexo feminino, ao passo que o portuguez *mulher*, além dessa noção, abrangê a que se contrapõe a *marido*, exprimida, entre os romanos, por *uxor*. *Casa*, na linguagem destes, era o tugurio, a arribana, a choça; na moderna é o edificio destinado á vivenda humana. *Locare* significava dar de aluguel; tomar de aluguel era *conducere*.<sup>1</sup> Nós, porém, juntamos as duas idéas no vocabulo *alugar*, derivação do primeiro desses dois verbos latinos. *Posticum* chamavam os romanos á porta escusa ou trazeira.

<sup>1</sup> Nota ao art. 391. Ver § 31, ns. 153-162.

*Postigo* chamámos nós a portinha ou a <sup>1</sup> pequena abertura, em forma de porta, rasgada nesta, ou na janella. De *morari* se gerou *morar*; mas *morari* era *tardar*, e *morar* é *residir*. *Taberna* appellidava-se a barraca, a tenda, o armazem de qualquer natureza. Conservámos literalmente o mesmo nome, designando, porém, com elle unicamente a casa de pasto e bebidas a retalho ou por miúdo. *Jocus* era a chança, o gracejo, a zombaria: transformou-se nos com ligeira mudança, em *jogo*, mas para substituir o *ludus* latino, expressão de recreio, passatempo, occupação em que se arrisca dinheiro sobre cartas, dados, ou quaesquer outras combinações de semelhante natureza. *Jantar* vem de *jentaculum*, que, em latim, era o primeiro almoço; *rôsto*, de *rostrum*, que designava o bico da ave; *mancebo*, de *mancipium*, que exprimia o escravo.

Muitos séculos, já se vê, primeiro que o engenho dos modernos baptizasse na pia grega a *semantica*, ou *semasiologia*, de que me falla o mestre em tom de quem annunciasse á minha ignorancia um mundo novo, era sedição a observação desse variar na accepção das palavras, ora no mesmo, ora de um para outro idioma.

Que muito, pois, viesse a soffrer agora uma dessas mutações o termo *vital*, com o seu derivado *vitalidade*? Bem levê seria a transição; porquanto o sentido antigo e o contemporaneo se ligam um e outro á mesma idéa, sob faces diversas: sempre á noção de vida nas suas relações, bem que debaixo de aspectos differentes. Se o vocabulo *vital*, entre os romanos, designava aquelle, ou aquillo, *que muito vive*, ou *tem de viver muito*, não mudaria senão dentro da mesma idéa, passando a designar, outrosim, a coisa ou pessoa *capaz de viver*. Num caso é a aptidão para viver; no outro, para a vida longa. Por que não se poderiam encerrar ambos estes sentidos na mesma palavra?

WHITNEY reduziu toda a *semantica* a dois grandes factos: variação, nas palavras, da idéa geral para a especial; transição, nas palavras, da idéa especial para a geral. *Vital* e *vitalidade* indicavam, na concepção de vida, a especialização do viver longamente: passariam a significar, além dessa, a capacidade geral de viver.

**230.**—Aqui, de mais a mais, se do perto considerarmos, veremos como se esvae a distincção, em que labuta o mestre, de *vitalis*, como reservado ás pessoas ou coisas de longa vida, o

<sup>1</sup> Segundo a orthodoxia preconizada por certos autores (v. g. BELLE-GARDE, *Vocabulos e Loc.*, p. 30-32); eu não poderia escrever correctamente, senão como fiz na Unha anterior: «chamar á»; nunca «chamar a».

Mas não é exacta essa exclusão. FERNÃO LOPES escreveu: «*chamava-a Rainha de Portugal*» (*Cron. de el-rei D. Fern.*, c. 173.). E com innumerables exemplos deste escriptor, de D. DUARTE, JOÃO DE BARROS, VIEIRA BERNARDES, JACINTO FREIRE, FILINTO ELYSIO, registados nas minhas notas, poderia eu demonstrar que a forma criticada por esses censores de tão bom uso como a outra.

*viavel*, como peculiar, aos individuos ou objectos *aptos á vida*. Nos tres excerptos latinos, que eu allegara, *vitalis*, diz o mestre, «quer dizer o que *tem longa duração*, o que *vive muito*». O que no adjectivo latino se traduz, portanto, é a *capacidade especial de viver longo tempo*. No «*O puer, ut sis vitalis metuo*», o que Trebácio receia, é que o seu interlocutor não logre vida para muito, isto é, não seja *capaz de longa vida*. Mas, digo eu, respondendo, no francês *viable*, que é o que a linguagem dos medicos francezes designa? A creança *capaz de vida*. De sorte que *vitalis*=*capaz de longa vida* e *viable*=*capaz de vida*. E' a *capacidade*, num caso (o latino), *de viver muito* e, no outro (o francês), simplesmente *de viver*, o que exprimem *vitalis* e *viable*; mas em ambos a *capacidade vital*, a saber, a *disposição*, a *aptidão para viver*.

Que é o que obstará, pois, a se enfeixarem no mesmo vocabulo os dois sentidos? Unicamente a inconveniencia da ambiguidade, em certas circumstancias possível. No idioma patrio, porém, o adjectivo *vital* só se applica a objectos, idéas e factos. A pessoas não se applica. Ao individuo talhado para viver muito chamaríamos *vivedoiro*. *Vital* não lhe poderíamos chamar. Seria um latinismo inconciliavel com o nosso senso vernaculo. Quando, portanto, chamássemos *vital* ao feto, ao recém-nascido, não nos arriscariamos a confusão. Bem claro estava referirmo-nos á sua capacidade nativa *de viver* o que quer que fosse, muito, ou pouco.

231.—Mas, dir-me-ão, temos, em todo o caso, no latim o termo *vitabilis*. A acceção alli é diversa. Mas desde que admittis a variabilidade nas acceções, não era intoleravel á razão figural-a nesta hypothese, com o intuito de subtrairmos a neologia ao reparo de gallicismo.

Dois sophismas amalgama esta evasiva.

Primeiramente, sendo a philologia o quadro dos *factos* da linguagem, antes de ser a systematização desses factos, não nos é licito *imaginar phantasias*, e dal-as por occorridas. Tal variação não se passou jamais. Nunca o *vitabilis*, derivado latino de *vitare*, se transformou em *viabilis*, prefiguração latina de *viable*. *Viabilis* é adjectivo, que nunca existiu em latim.

Depois não basta a semelhança da fórma portuguesa á latina, para evitar a nota de francesia. Gallicismo teremos, seja embora a palavra tomada ao latim, se com ella exprimirmos significado especialmente attribuido a essa forma pelo uso francês. Não quero, em prova, mais que o rol de *barbarismos* exarado, na sua *Grammatica Philosophica*, pelo dr. CARNEIRO. Não é do latim *desolatus*, *desolare*, que vem o nosso *desolado*? Não é do latim *extrahere* que procede o nosso *extração*? Não é do latim *imponere* que descende o nosso *impor*? Mas *impor*, *extração*, *deso-*

lado, em se abastardando com as accepções, moramente francosas, de *consternado*, *afflicto*, de *origem*, *linhagem*, de *embar*, *illudir*, perderam o cunho vernaculo: entraram na categoria dos gallicismos.

— Verdade seja que os dictionarios italianos registam (diz o dr. CARNEIRO), a par do adjectivo *vitale*, o adjectivo *viabile*. Tambem nos portuguezes encontramos *vital* e *viavel*. Encontrámos *viavel* até no de FIGUEIREDO; o que não tollheu a FIGUEIREDO mesmo imprimir-lhe a nota de *gallicismo*, no livro supracitado.

O que eu, porém, não explico, é que o illustre censor nos não indicasse o vocabulario italiano, onde se lhe d'aparou o termo *viabile*. Será talvez porque, na sua apostilla ao art. 419, n. II, a proposito da locução *fazer valer*, nos deixou scientes de que o seu consultor, nesse idioma, é o *Grand Dictionn. Franç.-Ital. et Ital.-Franç. de C. FERRARI* e JOSEPH CACCIA.

Pois bem: que nos dizem, neste particular, esses vocabulistas?

Na parte franco-italiana, o seguinte:

« *Viabile*, adj., *qui est assez fort pour vivre*, VITALE, *vitabile*. »

Eis ahí está o *viabile* francês traduzido no italiano VITALE e *vitabile*. Do *viabile*, affirmado pelo dr. CARNEIRO, nem palavra.

Além desse, possuo eu o *Novo D. zionario Universale della Lengua Italiana*, por P. PETROCCHI, obra superior áquella. Mas, se a compulso, buscando o *viabile*, não o encontro. *Viabilità*, sim; mas significando unicamente a *boa condição das estradas publicas*:

« *Viabilità*, s. f. T. ing. *Condizione buona di strade pubbliche*. » (V. II, p. 1.223.)

Não acredito, pois, que com os dictionarios italianos me pudesse o dr. CARNEIRO justificar o seu dito.

— Transcrevendo largo trecho de um livro novissimo, o compendio de direito civil do professor BENZA, cathedratico na universidade de Genova, provara eu *documentalmente* que os juriconsultos italianos refusam o vocabulo *viabile*, para significar o *feto ou recém-nascido capaz de viver*, e não se utilizam, com esse intuito, senão do vocabulo *vitale*.

Mas a esse elemento decisivo na questão fez o dr. CARNEIRO vista grossa, para insistir em que, no sentido restricto da sciencia, « *viavel* não se póde substituir por *vital* ».

Jurista, porém, escrevendo para juristas, na collaboraçã de uma obra juridica, a tradição juridica era, sobre tudo, o que me importava. Ora, essa, na Italia, é absolutamente opposta ás expressões *viavel*, *viabilidade*, é invariavelmente favoravel ás locuções *vitalidade* e *vital*.

Todos os livros de direito civil allí publicados o demonstram. Todos. Note bem o dr. CARNEIRO: todos.

Tomemos um dos mais conhecidos e acatados: o de CHIRONI, *Istituzioni di diritto civile italiano*.<sup>1</sup> Trata o autor da pessoa natural, o homem, e define-lhe as condições de existir: 1ª, que nasça; 2ª, que nasça vivo, isto é, que passe vivo da existencia uterina á extra-uterina; 3ª, que nasça *vital*. Respeito a esta, eis como se exprime:

« Finalmente è d'uopo che sia *vitale*, ossia che abbia conformazione *da esser capace di vivere indipendente* dopo avvenuta la separazione del corpo materno. La legge non determina alcun periodo di tempo il cui decorso valga a definire la questione della *vitalità*... Nè basta poi referirsi alla maturità del feto porchè la *vitalità* può non esserle connessa... I tre requisiti debbono concorrere: se per un caso non attribuibile a mancanza di *vitalità*, avvenuto il parto...» (V. I, p. 36.)

Recorro agora ao *Corso di Diritto Civile* de BIANCHI.<sup>2</sup> E' um dos tratados mais amplos e magistraes que deste assumpto se têm escripto. O seu testemunho não é diverso:

« La capacità giuridica... suppone un individuo che sia nato vivo e *vitale*...» (P. 71, n. 19.) « Ritenuto il principio, che, affinché ad un individuo possano essere attribuiti diritti, è necessario ch'egli sia nato vivo e *vitale*...» (P. 75, n. 21.) « La legge presume bensì — come ora diremo — la *vitalità*, ma a condizione che...» (P. 76, n. 22.) «...qualunque dubbioza rimanga intorno all'essere o no nato *vitale* un individuo debba risolversi in favore della *vitalità*.» (P. 78.)

Nas *Istituzioni* de PACIFICI MAZZONI<sup>3</sup>, o mesmo dizer:

« Da ultimo si presumè nato *vitale* quegli che è nato vivo... La legge non ammette veruna presunzione relativamente alla mancanza di *vitalità*... La *vitalità* del nato vivo non è nemmeno esclusa dai vizi di conformazione... La mancanza poi di qualche organo essenziale nella vita... esclude il fatto donde la legge deduce la presunzione della *vitalità*.» (Vol. II, p. 12-13.)<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Torino, 1888.

<sup>2</sup> Segunda edição. Torino. O IVº vol., de onde extracto, é de 1890.

<sup>3</sup> Firenze, 1881.

<sup>4</sup> Na primeira nota a essa pagina cinco vezes se repetem os termos *vital* e *vitalità* com este mesmo sentido.

No seu *Corso Completo di Diritto Civile Italiano Comparato*<sup>1</sup> usa a mesma linguagem o professor DE FILIPPIS :

« Giuridicamente parlando, il feto acquista la sua individualità quando il distacco dell' utero materno si verifica con le seguenti condizioni: 1. completamente, 2. con vita successiva e propria del neonato, 3. con *vitalità*, 4. con forma umana.» (V. I, p. 131.)

« E' necessario studiare... la esistenza completa e perfetta individualmente (nascita con vita, *vitalità* e forma umana).» (*Ib.*, p. 125.)

« *Vitalità*. Non basta che il feto siasi distaccato della matrice, assumendo la condizione di una individualità vivente, è necessario che fosse nato *vitale*, ossia con *attitudine a vivere*... Un esempio di mancanza di *vitalità* per imperfezione dell' organismo rinviensi nell' aborto. Un esempio di mancanza di *vitalità* per difetto di organo è il mostro nato senza bocca. Il nato vivo e non *vitale* è giuridicamente considerato come non nato nè concepito... nega al genitore e suoi eredi l'azione per disconoscere la paternità di un figlio nato vivo e non *vitale* per imperfezione di organismo e dichiara nell' art. 724 incapace di succedere il nato non *vitale*.» (*Ib.*, p. 132.)

BORSARI, no seu *Commentario del Codice Civile Italiano* (v. III, parte 1ª, § 1.546-7<sup>2</sup>) falla sempre desso modo. Estudando «la *vitalità* del feto» (p. 59), discutindo «la condizione della *vitalità*» (p. 60), estabelecendo «i criteri della *vitalità*» (p. 61), ventillando as circumstancias, em que se manifesta «il difetto di *vitalità*» (p. 62), mostra como «nei codici moderni si distingue a tutta evidenza la vita della *vitalità*» (p. 60), e declara, por definição, que, dizendo «*vitalità*, abbiamo detto *attitudine, capacità di vivere* secondo gli ordini della natura». (P. 61.) *Vinte e cinco vezes*, nessa exposição, por exprimir a idéa de *aptidão para a vida*, emprega elle *vitale* o *vitalità*: nem uma só, *viabile* ou *viabilità*.

EMANUELE GIANTURCO, nas *Istituzioni di Dir. Civ. Ital.*<sup>3</sup>, não usa de outros vocabulos :

« La *vitalità* (*attitudine a vivere* fuori dell'utero materno) si argomenta dell'integrità degli organi (*animal integrum*) e dal decorrimiento del tempo riconosciuto dalla legge come minimo periodo di gestazione

<sup>1</sup> Napoli, 1878.

<sup>2</sup> Roma, 1874.

<sup>3</sup> Firenze, 1889.

uterina, cioè 180 giorni: la *vitalità* si presume sino a prova contraria, quando è dimostrata la vita.» (P. 28.)

No seu *Systema di Diritto Civile Italiano*<sup>1</sup>, começado a estampar cinco annos depois, não varia desso escrever:

« La *vitalità* è anch'essa un requisito essenziale per l'acquisto dei diritti... La *vitalità* si presume, quando è dimostrata la vita. La *vitalità* si argomenta... Non è accottabile la dottrina di Merlin, secondo il quale il parto, purché sia concepito 180 giorni prima della nascita, dovrebbe sempre riguardarsi come *vitale*... La presunzione della *vitalità* è *juris tantum*. » (V. I, p. 80.)

SERAFINI, um dos mestres contemporaneos, escrevendo as suas *Istituzioni di Diritto Romano*, occupa-se com esta materia no § 4.º E' como?

« Il parto dev'essere *vitale*, vale a dire l'infante deve aver raggiunta nel corpo della madre *la maturità necessaria alla continuazione della vita*... Perché l'infante sia *vitale* non è però necessario che sia nato nel settimo mese... Ma non dice punto che chi sia nato primo manchi necessariamente della *vitalità*... Non bisogna quindi equivocare sulla parola *vitalità*... I più delle volte un simile infante non *vitale* o viene al mondo già morto o muore durante il parto, ma può benissimo accadere... ch'esso viva anche dopo la nascita e muoia dappoi per mancanza della *vitalità*... »

Abram-se as *Pandectas* de ARNDTS, vertidas e annotadas por FILIPPO SERAFINI.<sup>2</sup> E' um dos livros classicos em direito civil. Pois lá está duas vezes consagrada com este uso a locução *vitalidade*:

« E' necessario eziandio *la capacità di vivere, la vitalità?* ... Oggi non esiste più l'antica controversia sul requisito della *vitalità*. » (V. I, p. 30-31.)

Nas obras mais elementares tambem esse é o vocabulario que se inculca á juventude. Haja vista o *Compendio di Dir. Civ.* de GIORGIO LORIS<sup>3</sup>:

« L' uomo... dicesi infine *vitale* quando ha raggiunto nel seno materno la *maturità necessaria per*

<sup>1</sup> Napoli, 1891, 2ª ed.

<sup>2</sup> Bológna, 1872.

<sup>3</sup> Milano, 1896

la continuazione indipendente della vita. Queste distinzioni nel diritto italiano hanno molta importanza in tema di successioni legittime, nelle quali sono incapaci di succedere: 1º...; 2º I nati non *vitali*... La condizione della *vitalità* è disputata... la legge penale la quale tutela la vita del neonato tutto ch'è non *vitale*... la presunzione della *vitalità*, poichè nel dubbio si presumono dalla legge *vitali* i nati vivi.» (P. 53-4.)

Assim, todos os *civilistas*. E, como esses, todos os *criminalistas*. Dentre estes, por não aggravar a dilatação, talvez já excessiva, destas provas, citarei somente uma das maiores autoridades: o *Completo Trattato di Diritto Penale*, collaborado pelos mais eminentes juriconsultos italianos sob a direção de COGLIOLO. Eil-o:

« Se spontaneamente sia stato espulso un feto immaturo vivente, ma per la sua immaturità assolutamente non *vitale*.... E' noto difatto che la legge civile fissi il minimo della *vitalità* del feto a 180 giorni dal concepimento...» (V. II, parte II, p. 296-7.)

Não é só, porém, a phraseologia da jurisprudencia e da escola: é, ainda, a technologia da lei. A expressão *vitale* é a consagrada pelo *codigo civil italiano*:

« Quando il parto fosse dichiarato non *vitale*. » (Art. 161, n. 3.)

« Sono incapaci di succedere :

« 2. Coloro che non sono nati *vitali*.

« Nel dubbio si presumono nati *vitali* quelli di cui consta che sono nati vivi. » (Art. 724.)

Agora acrelito cairá em si o mestre, vendo o tacteando quão de ligeiro andou em um relevantissimo ponto e num ponto capital da sua defesa, tocantes a este particular: no primeiro, quando em abono da expressão *viavel* invocou o exemplo italiano, cujo voto desenganadamente o repelle, cingindo-se ao vocabulo *vital*, por mim proposto; no segundo, quando peremptoriamente assegurou que o vocabulo *vital* não substitue a *viavel* na indicação médica do parto maduro para a vida.

Para que o dr. CARNEIRO, emfim, não tome de soccorro a medicina, cuja laurea o corôa, direi que, ahí mesmo, lhe não depararão abrigada segura os seus esforços. Nos livros italianos dessa especialidade escriptos com zelo da linguagem não se diz *viabile*, nem *viabilità*, mas *vitalità* e *vitale*. Tonho entre mãos a prova numa obra da maior autoridade. E' o *Dizionario Enciclopedico di Medicina e Chirurgia per uso dei medici pratici*, redatto dal prof. DR. ALBERTO

EULEMBURG, in *Berlino*, con la collaborazione di molti dottori e professori, Traduzione italiana autorizzata.<sup>1</sup> O volume VI, in v.º *Feto*, discorre do que o dr. CARNEIRO pretende se diga naquelle idioma pelos nomes de *viabile* e *viabilità*. Pois bem: não é tal assim que ahí se escreve, senão, como eu affirmei, *vitale* e *vitalità*.

Façamos certo o ponto com os textos:

« Siccome un feto nato alla fine di questo mese »  
(o setimo) « può talvolta, con cura ed attenzione  
tutte speciali, esser mantenuto in vita, così un tal  
feto suol esser considerato come **vitale**. (p. 62).

Na pagina subsequente:

« Relativamente alla **vitalità** o non **vitalità**  
del feto immaturo, può dirsi in generale... »

O medico, logo, não andou mais com a verdade que o philologo, assegurando, como assegurou, que, « no sentido restricto da medicina legal, o *viavel* não pôde ser substituído pelo *vital* ». A medicina legal acaba de lhe responder solemnemente. O que se não pôde, o que se não deve, o que não se faz, é, bem ao contrario, substituir o *vital* e o *vitalidade* por *viabilidade* e *viavel*.

254.—Por derradeiro, logo, nisto se resume o debate: escolher entre o exemplo francês de *viabile*, *viabilité* e o exemplo italiano do *vitale*, *vitalità*.

Entre as duas alternativas fôra necessario ser galliciparla resolutamente e cadimo, para não propender ao segundo. No italiano temos sempre o modelo menos remoto do latim e mais visinho do português. Entre a sua tradição e a francesa não ha, entre nós, que hesitar.

§ 59

CARINHO POR

255.—Aqui não me annota o dr. CARNEIRO a linguagem do substitutivo: annota-me a *exposição preliminar*. Não ha, em sua estimativa, differença de uma a outra coisa. Tudo é código civil. Demonstrado que a *exposição preliminar* e as notas claudicam na linguagem, provado estará que o substitutivo não presta.

Felizmente, neste seu trabalho, não vale muito mais do que esta logica a dissecação grammatical, a que se propõe.

O topico aqui inquinado, no sentir do mestre, é o em que eu fallava do meu cuidado nos estudos vernaculos: « Querendo com amor ao idioma, que fallamos, meu *carinho* habitual por elle natu-

<sup>1</sup> PAEQUALE e VALLARDI. Napoli.

ralmente me levava a encerrar com cuidado esta face do assumpto.»

Não admite o mestre a locução *carinho por*, como não tolera *preferencia por*, e, citando EVARISTO LEONI, de par com Fr. FRANCISCO DE S. LUIZ, estigmatiza o uso daquelle preposição em sequencia a *amor, affecto, respeito, odio, gosto* e outras de semelhante feição.

Não aguardava ou, Deus louvado, quanto a essas maneiras de fallar, esta admonição magistral, para aprender coisa tão velha. Os meus escriptos o attestam. Compulse o dr. CARNEIRO as minhas *Cartas de Inglaterra* (Rio, 1896), e reiteradamente o verificará :

«Expressamente o absolvem de *amor do dinheiro*.»  
( P. 248. )

« Não podia ser mais tocante para com elle o *amor dos seus conterraneos*.» ( P. 312. )

« S. Ex. tem consignado nos seus actos administrativos os testemunhos mais inequivocos do seu perseverante *amor da ordem*, bem como do seu *respeito ás pessoas e propriedades*.» ( P. 315. )

« Tão viva intensidade adquiria, sob Rosas, o *culto da patria*.» ( P. 311. )

« Era uma religião, cuja sinceridade se pode avaliar pelo zelo dos seus observantes na *reverencia aos emblemas da sua fé* e no *horror aos symbolos proscriptos da incredulidade*.» ( P. 312. )

Dias antes de nos darem os prelos a conhecer aqui as *Ligeiras Observações do mestre*, onde tal censura se me faz, saíam a publico os *Discursos do professor FRANCISCO DE CASTRO* com um preambulo meu.<sup>1</sup> Pois alli verá o dr. CARNEIRO destes exemplos :

« Não é dello que se poderia escrever como escreveu alguém de certo medico estrangeiro cujo *amor da literatura encarecia*.» ( P. VIII. )

« Mas o seu bom equilibrado *amor da sciencia e da literatura* não esmorecia. ( P. XII. )

« Suas palavras testemunham brilhantemente grande *amor da verdade*.» ( *Ibid.* )

« A falta absoluta de fé, associada ao *gosto do paradoxo*.» ( *Ibid.* )

Mostram da minha parte estes excerptos mais severo escrupulo no observar da regra invocada pelo dr. CARNEIRO, do que têm mostrado grandes e venerados mestros.

<sup>1</sup> Deu-se a lume esse opusculo aos 11 de outubro, anniversario do passamento daquelle grande brasileiro. Só quinze dias mais tarde estampava o *Diario do Congresso* a contra-critica do philologo bahiano.

*Gosto por*, que o philologo bahiano tacha, na sua *Grammatica* (p. 434), de *solecismo*, e que eu, num dos trechos transcriptos, evitei, usou-o AL. HERCULANO:

« O gosto que reinava pela nova sciencia. » (*Estudos sob. o Casam. Civ.* 1, p. 25.)

AULETE disse igualmente: « Predilecção, preferencia de *gosto por* alguma coisa ou de *amizade por* alguém. » E CANDIDO DE FIGUEIREDO: « Predilecção, *gosto por* alguma coisa, ou *amizade por* alguém. » AL. HERCULANO escreveu do mesmo modo, por duas vezes, á p. 90 do *Bôbo*:

« A predilecção que sempre mostrava pelo seu mosteiro e por elle. »

*Respeito por*, que, no topico citado pelo dr. CARNEIRO, mereceu considerado por LEONI erro do syntaxe, é locução praticada igualmente por AL. HERCULANO:

« Esqueceu-se do fingido respeito que em toda a parte mostrava pela rainha. » (*O Bôbo*, p. 174.)

236. — *Carinho*, porém, não é *respeito*, nem *gosto*, nem *afeição* ou *affecto*, nem *amor*. Será, sim, a manifestação exterior desses sentimentos: será o *desvelo*, o *extremo*, o *zelo*.

E', ou não, licito construir essas tres palavras com a proposição *por*? E'.

*Zelo de* e *zeloso de* eram pelo commum, entre os antigos classicos, as fórmãs preferidas. SOUSA, na *Vida de D. Fr. Bartholomeu*, escrevia: « *Zelo da honra de Deus e da salvação das almas.* » (L. II, c. 10.) « *O zelo do serviço de Deus.* » (L. II, c. 24.) « *Como zeloso da honra de Deus e da dignidade episcopal.* » (L. II, c. 23.) « *Crescia o zelo da honra de Deus.* » (VIEIRA, *Serm.* v. VI, p. 370.)<sup>2</sup>

Seguindo essas pegadas tambem dizia eu:

« Estas margens escarpadas são como que as defesas severas de um mundo zeloso dos seus thesoiros. » (*Cartas de Inglaterra*, p. 213.)

Entre os modernos, porém, se AL. HERCULANO falla no « *santo zelo da justiça* » (*Monge de Cist.*, I, p. 122), não duvidou, contudo, escrever: « Em frei Roberto o *zelo pela fé* era ilimitado. » E CASTILHO, não menos extremado em vernaculidade, não hesitou

<sup>1</sup> Lisboa, 1866.

<sup>2</sup> Nem sempre o uso classico, neste particular, seria hoje de boa cotação. Onde JACINTO FREIRE, por exemplo, redigia: « Se na graça, ou justiça dos reis achasse alguma *gratidão de seus serviços*, » (IV, n. 110), creio que presentemente diríamos de preferencia: « *gratidão por seus serviços.* » (Ver MORAES, *Dicc.*, vº *Reconhecimento.*)

em redigir: « *Zeloso pelo futuro nacional.* » (*Felicid. pela Instrução*, p. 23.)

Já antes delles FILINTO ELYSIO (vol. XI, p. 124) escrevera:

« Corou de a ver o vulgo; mas tal zelo  
Porem por ti lhe assanha odio e vingança. »

Pelo que toca a *desvelo*, tanto se pôde usar com as preposições *em*, *para*, ou *sobre*, como com a preposição *por*:

« *Desvelae-vos pela republica, pela riqueza.* » (VIEIRA: *Sermões*, ed. de 1854, v. I, p. 638.)

« *Desvelar-se por outrem ou por acudir aos negocios de outrem.* » (BLUTEAU: *Vocab.*, v. III, p. 182.)

« *Desvelar-se pela riqueza.* » (*Ibid.*)

« *Desvelam-se os homens pela riqueza e não pela virtude.* » (*Ib.*)

« *Por quem tanto te desvelas.* » (LOBO: *Primavera*.

Ap. D. VIEIRA.)

Com *extremos*, ora se nos offerece *para*, ora *por*:

« *Fazer extremos por alguma coisa.* » (BLUTEAU: *Vocab.*, v. III, p. 405.)

« *Fazer extremos pela saúde.* » (*Ib.*, p. 406.)

« *Fiz extremos por amor delle.* » (*Ibid.*)

« *Corridos comsigo dos poucos extremos, que por ella fizera.* » (LOBO: *Côrte na Aldêa*, p. 196. Ap. BLUTEAU, *ib.* e MORAES, vº *extremo*.)

« *Louvo todos os extremos, que se fizeram por ella.* » (CHAGAS: *Carl. Espirit.*, v. II, p. 221. Ap. BLUTEAU, *ib.*)

« *No seu extremo pela antiga pureza da lingua vernacula.* » (LATINO COELHO: *Elog. Academic.*, I, p. 11.)

Sendo, pois, as expressões de *zelo*, *extremo*, *desvelo* equivalentes de *carinho*, na acceção em que o usei, a voga geral do *por* com os substantivos *desvelo*, *extremo* e *zelo* evidencia que essa é, da mesma sorte, a preposição vernaculamente associável a *carinho*.

Demais, a tomarmos *carinho* na significação de *affecto*, será o *affecto* exaltado, estremecido, o *ardor*, o *enthusiasmo*, a *paixão*.

Ora, com o vocabulo *ardor*, a preposição *por* é a autorizada: « *Obtivera satisfazer o ardor pelo luxo e pelos triumphos.* » (A. HERCULANO: *M. de Cistér*, v. II, p. 145.)

A mesma preposição é a que, com o vocabulo *enthusiasmo*, serviu ao autor do *Eurico*, nesse romance-poema: « *Transformado o enthusiasmo em enthusiasmo pela virtude.* » (P. 14.)

« *Elle tom uma grande paixão pela prima,* » está no *Diccion. de AULETE*. Cesse, porém, o mais, desde que para o caso não tenho menor autor que o proprio dr. CARNEIRO.

Elle, que não transige com o amor, o *affecto* ou o *gosto por*, ensina, da cadeira magistral de sua grammatica, aos seus alumnos a *paixão por* :

« A *paixão* de Dante *por* Beatriz. » (*Serões Grammat.*, p. 312.)

A tudo isto accresce que, no mesmo logar, nos aconselha o dr. CARNEIRO a expressão «*interesse por* alguém.»

Logo, se têm fôro, graças ao uso dos mestres, as locuções *desvelo por*, *extremo por*, *zelo por*, *ardor por*, *enthusiasmo por*, *paixão por*, *interesse por*,—que é o que á expressão *carinho por* tiraria o mérito de *lidimamente* portuguesa ?

## § 60

### PREFERENCIA POR

237. — Repetição do que expendeu o mestre em apostilla ao art. 17, onde lhe confutei documentalmente o erro.

*Preferencia*, igual a *predilecção*. Ora *predilecção*, do mesmo modo que *dilecção*, boa companhia faz com a preposição *por* :

«D. Manoel tinha uma grande *dilecção* devota *por* este appellido.» (C. CASTELLO BRANCO : *Narcot.*, v. I, p. 61.)

« A *predilecção* que sempre mostrara *pelo* seu mosteiro e *por* elle em especial o moço principe. » (A. HERCULANO : *O Bôbo*, p. 90.)

## § 61

### Art. 1.777

### SERÃO PROCEDIDOS

238. — Reconhece o mestre estar errada aqui a redacção do projecto. Ora bem haja esta declaração do illustre professor ; e prouvera a Deus que com a valia de tamanha autoridade se afugentasse do nosso escrever essa locução, hoje tão usual, especialmente nas gazetas e nos papeis officiaes : « *procedido o inventario* », « *procedidas as eleições* », « *procedida a formação da culpa*. »

Na accepção de *fazer*, *operar*, *executar*, o verbo proceder é *sempre* e *sempre* intransitivo, regendo-se o seu complemento com a preposição *a* (« *proceder á leitura*, « *proceder á execução* », « *proceder ao encerramento* ») ; de modo que lhe não pôde caber a forma passiva, usada nas expressões « *procedido o encerramento* », *procedida á execução*, « *procedida a leitura*. »

## § 62

## Art. 1.477

## « ANTES DE COMEÇADO A EXECUTAR »

239. — Reza a disposição do substitutivo malvista ao dr. CARNEIRO :

« ... A disposição do artigo antecedente applica-se aos montepios de qualquer natureza, particulares, ou officiaes, obrigatorios, ou facultativos, salvo ás pensões cuja successão se abrir *antes de começado este codigo a executar.* »

A' clausula « antes de começado este codigo a executar » chama o douto professor « construcção embaraçada o torcida ».

Torcida e tortuosa me parece a sua censura.

Reconhecendo o mestre, como aqui mesmo reconhece, que se diz correctamente :

« Não é *para crer*, em vez de não é *para ser crido* » ;

« Casas *para alugar*, em vez de casas *para serem alugadas* » ;

« E' *para lastimar* esta perda, em vez de é *para ser lastimada* esta perda » ;

construcções todas essas em que a forma activa dos verbos lhes faz as vezes da significação passiva, não está de accordo consigo mesmo, quando condemna a phrase « antes de *começado a executar* », onde é identica a troca de um em outro sentido.

Sempre se disse *começado a fazer*, *começado a construir*, *começado a fundir*, *começado a lavar*, *começado a escrever*, *começado a reover*, *começado a demolir*. E' um modismo vernaculo, que por sedição e nunca impugnado se devia considerar acima de reparo.

Se colhesse a censura do mestre, igualmente á justa se applicaria áquillo de CASTILHO, nos *Fastos* (v. III, p. 113) :

« Acaba de descobrir-se a constellação da Aguia do Jupiter, *começada a apparecer* a 25 de maio. »

Encarando aqui o periodo á luz da syntaxe regular, nelle teriamos, com effeito, uma implicação manifesta entre a significação grammatical do particípio *começado*, necessariamente *passiva*, e a do complemento *a apparecer*, essencialmente *activa*.

No topico de que ora se trata, o particípio corresponde á acção, realmente passiva, que mediante elle se intenta exprimir, e com o infinitivo por elle regido não se dá senão o phenomeno grammatical, autorizado pelo mestre, de servir passivamente a fórma

activa do verbo. A clareza, que o mestre lhe nega, é cabal e incontestavel; porque a intervenção do particípio *começado* no contexto da phrase deixa evidente a significação passiva do infinito *executar*.

Aliás, não me opporia a que escrevessem « antes de começado este codigo a executar-se, ou « antes de começado este codigo a se executar »; o bem pôde ser que assim o corrigira eu, se mais de espaço o revisse.

Mas, com syntaxe analogá á que me achaca de viciosa o dr. CARNEIRO, verseejoi FILINTO ELYSIO:

« Por circular aviso,  
Que sellou real sello,  
Mandado publicar por toda a parte. »

(Obr., v. XII, p. 231.)

E, muito antes delle, escrevera DUARTE NUNES:

« Os quaes vinham já começados a chamuscar. »

(D. João I, c. 51, p. 213.)

« Acabado de comer, foi-se o duque. » (Ib. c. 67, p. 304.)

« Acabado de a dar a terra. » (Ib., c. 87, p. 420.)

« Acabada de benzer » (a casa) « começaram o hymno. » (Ib., c. 94, p. 462.)

« Alguns lhe viram na boca ainda não acabados dengolir, porque a armação dos novillos lhe escachava muyto as queixadas. » (BARROS: Dec. II, VII, 8. Ap. Memor. de Lit. Port., v. III, p. 172.)

E com syntaxe, como a dos excerptos que se acabam de ler, totalmente, absolutamente, identicamente equal á que me leva a erro o dr. CARNEIRO, escreveram FR. LUIZ DE SOUSA e CASTILHO ANTONIO.

CASTILHO :

« Nestes quatorze annos, COMEÇADOS A CONTAR aos vinte e dois da minha vida. » (A Primavera, p. 5.)

SOUSA :

« E com estes não ha duvida que vencia Guimarães tambem ao convento de Lisboa om alguns annos, sem embargo de ser COMEÇADO A EDIFICAR ao justo dezenove annos depois. » (Histor. de S. Domingos, 1ª parte, I, IV, c. 12.)

Assim, para o meu « começado a executar », temos, nos melhores autores : *começados a chamuscar* (DUARTE NUNES); *começado a edificar* (FR. LUIZ DE SOUSA); *começados a contar*. (CASTILHO.)

Foi este portuguez « embaraçado e torcido » que copiei.

## § 63

Arts. 1.333, 1.338, 1.380, 1.541

## INDEMNIZAR

260.—Tendo eu escripto: «ou *lhe* indemnice a differença» (art. 1.333); «indemnizar *ao* gestor *as* despezas» (a. 1.338); «*a* sociedade indemnizará cada socio os prejuizos» (a. 1.380); «indemnizará o offensor *ao* offendido *as* despezas (a. 1.541), vem-me com embargos á primeira o mestre, allegando que «em português não se diz: *indemnizar a* *alguem* *alguma* *coisa*, mas: *indemnizar* *alguem* *por* ou *de* *alguma* *coisa*».

Está enganado o mestre. Com o mesmo cunho português diremos assim de um como de outro modo.

De que se use o verbo na oração com a ultima dessas formas, seria precipitado inferir não *lhe* caiba igualmente a outra.

Synonimo de *indemnizar* é *restituir*, numa das suas accepções: a de *repor* a *alguem* o que perdeu, ou o em que foi lesado.

Pois bem: com a forma correspondentemente a *indemnizar* *alguem* de *alguma* *coisa*, temos, é verdade, *restituir* *alguem* de *alguma* *coisa*. Exemplos:

«Tendo passado sem novas de V. S.<sup>a</sup> dois correios, o terceiro *restituiu-me* desta perda.» (VIEIRA: *Cart.*, v. IV, p. 118.)

«A poucos lances se viu *restituido* do que fôra seu.» (VIEIRA: *Sermões*, v. XIII, p. 213.)

«*Restituir* *alguem* de *alguma* *perda*, *damno*, *injuria*; INDEMNIZAR-O.» (MORAES, *Dicc.*, vo. *Restituir.*)

«Era justo... que com boas obras o *restituissem* dos males passados.» (LONO: *Pastor Peregrino*. Ap. MORAES, *ib.*)

«Com arte repara uma mulher as ruinas, que *lhe* causou a idade, *restituindo-se* de cores, dentes e cabello.» (*Arte de Furtar*, c. 1, p. 1.)

«*Restituir-se*: *indemnizar-se*». (C. DE FIGUEIREDO, *Dicc.*)

Outras vezes, entretanto, o encontramos com a fórma de *indemnizar* ora censurada: *indemnizar a* *alguem* *alguma* *coisa*. Assim:

«*Restituir* o *damno*.» (MORAES.)

«Tendo passado sem novas de V. S.<sup>a</sup> dois correios, o pas ado *me restituiu* esta *perda*, com duas cartas de V. S.<sup>a</sup>» (VIEIRA: *Cart.*, v. IV, p. 118.)

«Todo o homem que é causa gravemente culpavel de algum *damno* grave, *se* o *não* *restitue*, quando póde, *não* se póde salvar.» (VIEIRA: *Serm.*, v. II, p. 190.)

« A um queimastes, a outro fizestes; e de ambos deveis *restituição* igualmente. Ao que queimastes, deveis *restituição* do mal que lhe fizestes; ao que fizestes deveis *restituição* dos males que elle fizer.... *restituireis* os *damnos* das suas cegueiras..... *restituireis* os *damnos* de suas palavras.... *restituireis* os *damnos* das suas omissões.... *restituireis* os *damnos* de seus desgovernos.» (*Ibid.* p. 395.)

« Restituir o dano.» (BLUTEAU, *Voc.*, v. VII, p. 297.

*Recuperar-se* o mesmo é que «*indemnizar-se* do perdido». (MORAES: *Dicc.*), e «*ser indemnizado* ou resarcido». (C. DE FIGUEIREDO: *Dicc.*) Mas, com essa, tem a outra fôrma, analoga á que ora se nega a *indemnizar*: a de *recuperar* o que se perdeu.

*Pagar-se* *alguem* do prejuizo, por que passou, é fallar *correntio*. Igualmente o é *pagar a* *alguem* o prejuizo, que teve.

*Entregar*, em certos casos, equivale «a pagar, satisfazer, *indemnizar*.» (MORAES, *Dicc.*) Isso, bem que tenha, ao mesmo tempo a fôrma *entregar-se* de, ou *ser entregue* de:

« Fico *entregue* da carta.» (VIEIRA: *Cart.*, v. II, p. 39.)

« Fico já *entregue* de ambos os livros.» (*Ib.*, v. IV p. 81.)

« Fico *entregue* do livro, que só tive tempo de folhear.» (*Ib.*, p. 105.)

« Feito pelo secretario o termo de entrega do preso, *se entrega delle* o alcaide.» (VIEIRA: *Obr. Varias*, v. I, p. 12.)

« *Entregar-se* de alguma coisa: pagar-se, satisfazer-se, *indemnizar-se* della.» (MORAES. *Dicc.*)

« *Entregar-se* dos gastos, que fizera.» (ANDRADE: *Chron. de D. João III*, III, c. 35.)

« *Entregar-se* das dividas.» (*Ord. Affons.*, V, t. 108.

« *Entregar-se* do sonnoque perde ra.» (LOBO: *Obr.* f. 64. *Ap.* MORAES.)

Com varios outros verbos occorre a mesma duplicidade no jogo dos complementos. Dizemos «*encarregar a* *alguem* alguma coisa», e «*encarregar* *alguem* de alguma coisa.» (MORAES, AULETE.) Temos *incumbir* alguma coisa a *alguem*: «*Elle incumbia* a seu irmão a compra de quadros antigos» (AULETE); ao mesmo passo que *incumbir* *alguem* de alguma coisa: «*Incumbi-o* de me procurar umas casas.» (MORAES.) Escrevemos: «*persuadir* alguma coisa a *alguem*»: «*Persuadiu-me* que era assim.» (MORAES.) Não menos correcta nem frequentemente, porém, se diz «*persuadir* *alguem* de alguma coisa»: «*E'* preciso *persuadi-lo* destas verdades.» (AULETE.)

Toda a gente falla em *consolar* *alguem de alguma coisa* (MORAES, AULETE); o que não exclue podermos dizer, com VIEIRA: «Vede se temos com que *consolar* a perda.» (Serm., v. VI, p. 135.) Ambas essas fórmulas têm egualmente o verbo *dotar*. *Dotar* *alguem de*: «As prendas *de* que o dotou.» (VIEIRA. Ap. MORAES.) *Dotar* *a* *alguem alguma coisa*.: «*Dotou-lhe as villas* de Covilhã.» (ARRAIZ: Dial. IV, 21.) *Dotam* *suas fazendas* a sumptuosos templos.» (BARROS: Dec. I, 1, 1.) «*Dotarem-se* da fazenda real.» (LUCENA, V, 23.) O mesmo com varios outros verbos. Assim *fornecer*: *fornecer* o navio de munições; *fornecer munições* ao navio. Assim *prover*: *proveu* os alimentos (VIEIRA, ap. MORAES) e *proveu* de alimentos. Assim *avisar*, *certificar*. E muitos mais.

Tomem-se os dois lexicographos mais recentes, os que melhor estampam o uso hodierno da nossa lingua, AULETE e FIGUEIREDO. O primeiro define assim o verbo *indemnizar*: «*dar indemnização* ou reparação *a*; *compensar*, *resarcir*.» De termos identicos usa o segundo. Ora não se dirá: *compensar-lhe* o damno, *compensar-lhe* o prejuizo? Indubitavelmente. Não se diz: *resarcir-lhe* o damno? Nem de outro modo se costuma dizer. (MORAES.) Logo, da mesma sorte como se diz *resarcir* ou *compensar alguma coisa a* *alguem*, assim se poderá dizer: *indemnizar a* *alguem alguma coisa*.

TEIXEIRA DE FREITAS, na *Consolidação das Leis Civis*, ora se vale de uma, ora de outra construcção.

Aqui, da que o professor CARNEIRO singulariza:

«Antes do proprietario ser privado da sua propriedade, será *indemnizado* do valor della». (Art. 67.)

Alli, da que o dr. CARNEIRO onjeita:

«Em qualquer destes dois casos de renuncia o socio renunciante deve *indemnizar* os prejuizos, a que dou causa.» (Art. 761.)

Da mesma fórma usa elle no *Esboço do Código Civil*, arts. 3.635, 3.636, 3.660, 3.684, 3.685, n. 1, 3.687, 3.688, 3.691, 3.693, 3.697.

Bem sei que não é autoridade vernacula o celebre juriconsulto. Mas, se o invoco, é apenas em argumentó adminicular, subsidiario aos outros, que venho de expender.

Como autoridade me bastaria a de CASTILHO ANTONIO, que escreveu: «*Indemnização a* mestra» (Colloq. Ald. p. 92), quando segundo a regra do mestre bahiano, só se poderia dizer: «*indemnização da* mestra». Porque, dizendo «*indemnização a* mestra», dizemos «*indemnizar a* mestra»; e então, estando *mestra* em complemento indirecto, em complemento directo estará o que se *lhe* *indemniza*: «*indemnizar a* mestra *alguma coisa*.»

§ 64

Art. 1.339

EMBOLSAR

261. — Como analogia e, pois, igualmente erronea, desaprova o illustre philologo a phrase do meu substitutivo: «Reembolsando ao gestor as despezas.»

Semelhante é, no seu desacerto, esta emenda á anterior. Onde a natureza dos verbos admitte por egual as duas fórmãs, pretende o dr. CARNEIRO circumscrever-nos ao exclusivismo de uma.

Quo é *embolsar*? «*Metter na bolsa.*» Assim BLUTEAU (v. III), MORAES, CONSTANCIO, VIEIRA, AULETE e FIGUEIREDO, o qual addiciona: «*pagar o que se deve a.*»

Ora, se *embolsar* é *pagar o que se deve a alguém*, aquelle a quem se dever, está em regime indirecto, na posição grammatical equivalente ao dativo latino, indicada com a preposição *a*. Será, portanto, *embolsar* ou *reembolsar a alguém o que se lhe deve*. O mesmo teremos, se decompuzermos *embolsar* em *metter na bolsa*. Aquelle na bolsa de quem se mette o dinheiro, ou seu equivalente, ficará de complemento indirecto ao verbo *embolsar*, cujo objecto então ha-de ser a coisa *embolsada*. Por est'outro caminho iremos dar, pois, no mesmo resultado. *Embolsar* = *metter na bolsa*. Logo, *metter alguma coisa na bolsa a alguém* = *embolsar a alguém alguma coisa*. Tão regular, pois, é a construcção *embolsar-lhe a quantia*, como *embolsal-o da quantia*.

A minha relação, portanto, está certa, e vem mal assentado o quinau.

§ 65

Art. 1.503

POSSESSIVO E PRONOME

262. — Rezava o projecto :

« A obrigação do fiador passa a seus herdeiros. »

Substitui :

« A obrigação do fiador passa-lhe aos herdeiros. »

Não apostillei esta emenda, a que ora se oppõe o dr. CARNEIRO; mas na minha exposição preliminar já estava préviamente justificada.

« Tom o nosso idioma », allí dissera eu, « bellezas de concisão e vigor inestimaveis, especialmente na re-

dacção das leis, onde a magestade da soberania se revê na brevidade da palavra. Consiste uma dessas elegancias do nosso fallar no privilegio de escusarmos os adjectivos possessivos, forrando-nos ao seu uso ou pela mera clareza na disposição da phrase, ou pela utilização opportuna do dativo do pronome pessoal em seguida ao verbo. A repetição do *meu, teu, seu, seus, nosso, nossos, vosso, vossos*, toda a vez que importe exprimir a relação de pertença, ou dependencia, desvigorá, peia e arrasta a prosa vernacula, amarrando-a a trambolhos as mais vezes inuteis. Um prosador habil no mecio do nosso idioma não diria, por exemplo, como o projecto no art. 391, n. I : «E' direito do progenitor sobre a pessoa dos filhos menores *dirigir sua educação*.» A boa fórma portuguesa, clara, incisiva e tersa é «*dirigir-lhes a educação*». Mas o projecto quasi não conhece outra maneira de escrever. Veja-se o art. 430, n. I, o art. 433, n. II, o art. 464, o art. 485, o art. 598, n. I, o art. 672, o art. 831, n. II, o art. 1.550, paragrapho unico. Apenas no art. 1.350; paragrapho unico. depois de cair e recair, alli mesmo, na monotonia do seu veso, acaba por abrir uma excepção feliz : «O editor poderá oppor-se ás alterações, que prejudiquem *os seus* interesses, offendam *sua* reputação, ou *lhe* augmentem a responsabilidade.» Melhor *lhe* fôra ter principiado como acabou : «O editor poderá oppor-se ás alterações, que *lhe* prejudiquem os interesses, offendam a reputação, ou augmentem a responsabilidade.» Aquelle dativo inicial, de per si só, dispnsava os tres possessivos, imprimindo ao dizer uma rapidez e energia, que *lhes* elles não deixam.»

263. — Estaria eu tresleando? Vejamos.

JOÃO RIBEIRO, occupando-se com os possessivos, na recente edição da sua *Grammatica* (p. 144), diz :

« O uso dos possessivos *não é elegante*, e é por isso frequentemente evitado, *com grandes vantagens*, no estylo idiomatico da lingua

Cortou-me o braço.

(meu braço)

Ouviu-se-lhe a voz.

(sua voz)

Dos tres filhos *que tenho*.

(meus)

Já os grammaticos LAMEIRA DE ANDRADE e PACHECO JUNIOR haviam dito : « *O dativo do pronome pessoal, quando se acha dependente de um verbo, póde fazer as vezes do possessivo : si não ME fosseis amigo; vejo-TE o coração triste; quebrei-LHE a cabeça.* » (*Noç. de Gram. Port.*, p. 436, n. 22.)

Tambem JULIO RIBEIRO : « Os pronomes substantivos em relação objectiva adverbial equivalem algumas vezes aos adjectivos possessivos *meu, teu, seu*, etc. : *Elle me é pae — Amigas te somos — Não lhe sou tutor*, em vez de *Elle é pae meu — Amigas tuas somos — Não sou seu tutor.* » (*Gramm.*, p. 252, n. 443.)

O mesmo professor CARNEIRO, nos seus *Serões* (p. 294), ensinara que, em certas circumstancias, « o possessivo é substituido por uma variação pronominal, que se ajunta ao verbo na mesma phrase ou sentença : « *Dóo-me o peçoço; dóem-lhe os olhos; dóe-me todo o corpo; beijo-lhe as mãos; rompeu-lhe as vestes; osmagou-lhe a cabeça; arrancou-lhe os miolos; detesto-lhes as intenções; descobriu-lhe os embustes; exaltou-lhe os brios; accendeu-lhes o denodo; lisonjeou-lhes as paixões.* »

261.—Entre os bons escriptores, de todas as épocas, superabundam neste sentido os exemplos :

« Saiba bem conhecer as bocas das bestas, e mandar-lhes fazer os freos. » (D. DUARTE : *Liv. da Ensinança*, p. 513.)

« Nom fazendo monçom das estrebeiras, em tal guysa que os pés *lhe* andem em ellas luyndo. » (*Ib.*, p. 516.)

« Como hufi boo tangedor que os dedos *lhe* vão nas cordas. » (*Ib.*, p. 596.)

« E aposto-te a carapuça. » (GIL VIC., I, 113.)

« Facil cousa seria atalhar logo no principio a um rio, entupindo-lhe a fonte. » (FR. HEITOR PINTO : *Imagem da Vida Christam*, Dial. I, c. 1.)

« Comquanto *lhe* entendia os fins. » (SOUSA : *Annaes*, p. 157.) « E para nos bater a fortaleza. » (*Ib.*, p. 158.)

« Mandou... p ara memoria guardar-lhe a pelle. » (*Ib.*, p. 296.) « Para nos ganharem a villa. » (*Ib.*, p. 327.)

« Fazem-lhe a festa no moz de setembro. » (*Ib. Hist. de S. Doming.*, parte I, l. IV, c. 4.) « Celebram-lhe a festa na segunda oitava da Paschoa. » (*Ib.*)

« Procuraram aliviar-lhes o trabalho, e encurtar-lhes o caminho. » (*Ib.*, c. 7.)

« Não *lhe* sabe os jazigos. » (JORGE FERR. : *Eufr.*, III, 2.)

« Juro a mim que *lhe* sabe os intrinsocos. » (*Ib.*)

« Quem *lhes* sabe o erro. » (*Ib.*, III, 7.)

« Do meu parto se *lhe* gerou a morte.» (*Ib.*, IV, 2.)

« Se *lhe* souberdes seguir a trilha.» (*Ib.*, V, 5.)

« Jupiter desterrou seu pay, por *lhe* possuir o reino.» (*Ib.*, V, 6.)

« A' primeira audiencia *lhe* foy julgada por mulher.» (*Ib.*, V, 9.)

« Criou-se com esta, e está-*lhe* em casa.» (*Ib.*, I, 1.)

« Que *lhe* reze pela alma.» (A. FERREIRA: *Com. de Bristo*, a. I, sc. 4.)

« Não *lhes* tiro a fama.» (*Id.*, *Obras*, v. II, p. 162.)

« E o uso

Das duras mãos *lhe* põe no brando fuso.»

(*Ib.*, p. 228.)

« Fez-*lhe* o amor as penas suaves.» (THOMÉ DE JESUS: *Trabalh.*, v. I, p. 26.)

« Approva-*lhe* Cofo Cofo os erros.» (JAC. FREIRE: *D. João de C.*, II, 4.) «A espada, com que *nos* degollaram o rei.» (*Ib.*, II, 7.) «Para esperar os turcos, e impedir-*lhe* a saída.» (*Ib.*, II, 78.) «Aconteceu isto á vista do arraial, que *lhe* tinha festejado o primeiro accommettimento.» (*Ib.*, II, 153.) «Donde os varejou com tanta furia, que *lhes* rompeu as defensas.» (*Ib.*, 154.) «Em voz alta *lhes* accusou, com palavras feas, a desobediencia.» (*Ib.*, 165.) «Afcando-*lhes* a retorada.» (*Ib.*, 169.)

« Tão longe *lhe* vao buscar o principio? » (MELLO: *Feira de Annex.*, p. 125.) « Sem que eu primeiro *lhe* ganhe o pão.» (*Ib.*, p. 150.)

« Por vós lá *lhe* repousa o pensamento.»

(CAMÕES: *Obr.*, v. III, p. 104. Eleg. XXVI.)

« Nas azas *lhes* ficaram por memoria.»

(*Ib.*, v. IV, p. 93. Egl. VII.)

« Comeram-*lhes* as fazendas, comeram-*lhes* as cidades, comeram-*lhes* as liberdades, comeram-*lhes* as vidas.» (VIEIRA: *Serm.*, v. X, p. 228.)

« Chamava-se d'antes Saray, e diminuiu-*lhe* Deus o nome.» (*Id.*, v. VI, p. 347.)

« Mettendo-*lhe* a sotta no peito, com a ponta feriu-*lhe* o coração.» (*Ib.*, p. 349.)

« Não se *lhes* gastou o calçado, nem se *lhes* rompeu o vestido.» (BERNARDES: *Nov. Fl.*, v. II, p. 15.) «Quem teve depois poder para *lhe* meter na cinta uma roca, e na-mão em logar de clava um fuso? » (*Ib.*, p. 311.)

«*Lhe* sahio ao encontro este santissimo prelado.» (*Id.*, v: III, p. 384.) «Mas se o diabo agora *lhes* lambe, e faz suave o pão, depois lho fará amargoso, e então *lhe* sentirão o veneno.» (V. II, p. 226-7.) «Não o acharam em casa, e sua mulher *lhes* recebeu a visita.» (V. IV, p. 147.) «Mas cahindo um raio, *lhe* abriu os peitos.» (*Ib.*, p. 218.) Antecipar-*lhe* os desejos com as execuções.» (*Ib.*, p. 227.) «Mas he que *lhe* não conhecem as propriedades.» (*Ib.*, p. 263.) «O nome *lhe* abrandou o peito, a humildade *lhe* atou a paixão, e a razão *lhe* convenceo o juizo.» (V. V, p. 429.)

« Vejo-*lhe* a côr murchar-se, espavorida.»

(FILINTO ELYSIO: *Obr.*, v. I, p. 297.)

« Vês-*lhe* a triste carranca aboicimada.»

(*Ib.*, v. II, p. 180.)

« No dia em que seus filhos e seu genro *lhe* celebraram os annos.» (*Ib.*, p. 259.)

« E pude !... E não morri ! quando das faces  
*Lhe* colhi o rubor ! »

(*Ib.*, v. III, p. 183.)

« Tendo-*lhe* odio ao rigor, tédio á bolleza.»

(*Ib.*, v. XI, p. 16.)

« Fugamos-*lhe* á violencia.»

(*Ib.*, p. 74.)

« E entrei-*lhe* em casa.»

(*Ib.*, p. 157.)

« Vi um dia

Parar-*lhe* á porta um phaetonte aereo.»

(*Ib.*, p. 173.)

« Vender-*lhe* só na feira a pelle querem.»

(*Ib.*, v. XII, p. 80.)

« Bebe-*lhe* o vinho.»

(*Ib.*, p. 120.)

« A vinda *te* receio:»

(*Ib.*, p. 162.)

« Ouviu-*lhe* o canto um Buitre.»

(*Ib.*, p. 305.)

## CASTILHO:

« E amando-*Ihe* o carinho, e aquella dextra amiga  
Que *Ihes* bate no collo. »

(*Georgic.*, p. 167.)

(*Ibidem*, p. 175, 181, 193, 195, 197, 211, 215, 275.)

« Quero o manto arrojjar, só plumas palpo :  
Sinto-*Ihes* a raiz lavrar na cutis. »

(*Ib.* : *Metamorphoses*, p. 96.)

« Da mão *Ihe* escorre o plectro. »

(*Ib.*, p. 97.)

« Que em rubros borbotões *Ihe* escoz a vida. »

(*Ib.*, p. 98.)

« Infuso já no peito o Deus *Ihe* ferve ;  
Fatidico furor *Ihe* exalta a mento. »

(*Ib.*, p. 99.)

« E nos candidos pés *Ihe* resplandeçam. »

(*Ib.*, p. 104.)

« Da morte a pallidez *Ihe* está no aspecto. »

(*Ib.*, p. 107.)

« Ferrugem torpe

Nos asquerosos dentes *Ihe* negreja. »

(*Ib.*)

« Longo o riso *Ihe* está dos negros labios. »

(*Ib.*)

« A lingua se *Ihe* fonde. »

(*Ib.*, p. 205.)

« Leva da ara um tição, com elle ao rosto  
*Ihe* desanda. »

(*Ib.*, p. 232.)

« Para que ás bodas

Mais prosperos auspicios *vos* presidam. »

(*Fast.* II, p. 45.)

« Olhae-*Ihe* a dextra. » (*Ib.*, p. 49.) « *Me* estava  
ao lado. » (P. 147.) « Saltei-*te* em correntoza as tres  
fogueiras. » (P. 185.) « Respeitando-*Ihe* o jus. » (P. 211.)  
« *Ihe* põe na dextra. » (*Ib.*, III, p. 9.) « Quiz-  
*Ihe* o fado ruin cerecar vaidades. » (P. 17.) « Era-*Ihe*  
passatempo. » (P. 23.) « Se da origem *Ihe* não sabes. »

(P. 29.) « Com reter-lhe a armada. » (P. 37.) « Es-  
sencias nos cabellos *lhe* reluzem. » (P. 41.) « Implora  
á sombra que *lhe* largue a estancia... » (P. 51.)  
« Combateu-*lhe* o rigor. » (P. 105.) « Que famulos  
*lhe* ponham o pé no limiar. » (P. 145.) « Intrava-*lhe*  
de noite no palacio. » (P. 157.)

« Assassino-*te* o irmão para ser tua;  
Para ser minha a irmã tu *me* assassinas.»

(P. 159.)

« Eu sigo-*lhe* o exemplo atroz. » (*Amores*, I, 78.)  
« Celê-*me* a raiva ao medo. » (II, 67.) « *Me* esteja  
n'alma. » (III, 19.) « A vontade *te* adivinham. »  
(*Ib.*, 24.) « Esvae-se-*lhe* a furia. » (*Ib.*, 32.) « Senti-  
*lhe* o calor. » (*Ib.*, 45.) « As posses *me* estraga. »  
(*Ib.*, 58.)

« A's frias cinzas a terra  
Nunca *te* seja pesada. »

(*Ib.*, 63.)

« Vou contar-*lhe* o nascimento. »

(*Trad. de Anacreonte.*)

« Já *lhe* tenho o coração. » (*Sonho de uma Noite*  
*de S. João*, p. 19.) « Quem *lhe* toma as lições. »  
(*Tartufo*, p. 21.) « Começou-*lhe* o supplicio. »  
(*Ib.*, 187.)

« Estar-*lhe* ancioso á porta. » (*Fausto*, p. 45.)

E mais : p. 213, 220, 224, 225, 238, 248, 261, 277,  
278, 388, 392.

« Encheram-*lhes* a memoria, atrophiaram-*lhes* a  
intelligencia. » (*Felucid. pela Instr.*, p. 36.)

« Elle se *lhe* pendia amorosamente ao pescoço...  
Nestas porflas se *lhe* exauriam as forças. » (*Amor e*  
*Melancol.*, p. 250.)

Ainda : p. 249, 252, 297, 327, 394, 395.

LATINO COELHO : « Tendo-se escondido no Pireu,  
*descubro-*lhe* a guarida.* » (*Oraç. da Coroa*, p. 28.)

C. CASTELLO BRANCO : « Esperem-*lhe* pela volta. »  
(*Queda*, p. 231.) « Não *te* chegam em fidalguia aos  
calcanharos. » (*Ibidem.*) « Conhecia-*lhe* o leite. »  
(*A Brasileira*, p. 240.) « Refrigerou-*lhe* a testa. »  
(*Histor. e Sentimental.*, II, p. 169.)

« Oiço as pedras

Rolar-*te* sob os pés. »

(G. DIAS: *Poes.* I, p. 193.)

OLIVEIRA MARTINS: «Oscillando-*lhe* o espirito entre a terra e o céu... Embora os annos *lhe* tivessem branqueado já as barbas e os cabellos.» (Nun'Alvares, p. 412.)

Análogos a p. 341, 400, 411, 422.

RAMALHÓ: «Tinha-*lhe* posto preço á cabeça.»

(Hollanda, p. 17.) «Foi esartejado, pregando-se-*lhe* os membros.» (P. 18.) «Sento-se-*lhes* no bolso da sobrecasaca a carteira bem recheiada.» (P. 58.)

EGÁ: «Exclamou elle, apoderando-se-*lhe* da mão.»

(Os Maíes, I, p. 280.)

JULIO RIBEIRO: «Admirava-*lhe* cada vez mais a flexibilidade do talento.» (A Carne, p. 121.)

«Mirando-*lhe* as fôrmas franzinas.» (P. 122.) Semelhantemente, p. 124, 127, 227.

MACHADO DE ASSIS: «O que mais-*lhe* qudrava ao sabor.» (Braz Cubas, p. 30.) «Os olhos banhavam-se-*lhe* de orgulho.» (P. 32.)

A mesma syntaxe: p. 35, 53, 78, 102, 233, 266.

«Reza-*lhe* em torno da cruz.»

(Poesias, p. 14.)

«Murchar-*lhe*, viva, a rosa da ventura;  
Mortá, insultar-*lhe* a paz da sepultura.»

(P. 175.)

«Posso apiedar-*lhe* o coração ferido.»

(Ibid.)

«Co's pés do meio o ventre *lhe* cingira,  
Com os da frente os braços *lhe* peava,  
E ambas as faces *lhe* mordeu com ira.  
Os outros dois ás coxas *lhe* alongava.»

(P. 336.)

«E um rugido no peito *lhe* murmura...  
O sangue *lhe* esfriou....  
Como um grito de morte a voz *lhe* soa.»

(P. 287.)

«Simulada alegria *lhe* desceerra  
Os labios; riso á flor, escasso e dubio,  
Que mal *lhe* encobre as vergonhosas  
maguas....

«Como qué se *lhe* fecha a flor do rosto.»

(P. 189.)

- Do mesmo genero se acharão outros exemplos alli, a p. 23, 24, 84 (duas vezes), 147, 148, 149, 150, 155, 161, 169, 172 (duas vezes), 174 (tres vezes), 184, 186, 190, 195 (duas vezes), 196, 198, 199, 200, 208, 209, 210, 217, 219, 220, 225, 229, 231, 241, 249 (duas vezes), 250, 258 (duas vezes), 281, 286, 288, 334, 339 (duas vezes), 347.

Já é munição de respeito essa que ahi vaõ gasta. Poderia ir adeante, sobrepondo uns a outros, sem cessar, exemplos semelhantes, por se acaso esses não bastassem; que ninguem virá por elles aos bons exemplares da nossa linguagem, que os não leve a mãos cheias. Mas a abundancia dos acima transcriptos já é tamanha, que sorria de todo por demais o trabalho.

Bastam elles de sobejo, por tirar a limpo sem mais duvida alguma possível que :

1º, esta syntaxe assenta nos mais remotos monumentos da lingua portuguesa ;

2º, que, nascendo com ella, com ella se perpetuou, sem se lhe descontinuar jamais o uso, commum e frequente em todos os escriptores;

3º, que entre os contemporaneos é tão usual como entre os antigos.

Julgue-se agora da sciencia, com que o critico parlamentar, considerando este ponto, cathedricamente declara :

« A suppressão dos possessivos é tendencia dos modernos puristas portuguezes. Neste ponto a linguagem brasileira ainda se não deixou corromper, guardando o cunho da sã vernaculidade. »<sup>1</sup>

Tem aquelle senhor ácase por modernos a elrei D. DUARTE e FERNÃO LOPES ?

Terá por invernuculos e corruptos a Fr. LUIZ DE SOUSA, THOMÉ DE JESUS, ANTONIO FERREIRA, JORGE FERREIRA DE VASCONCELLOS, D. FRANCISCO MANUEL DE MELLO, HEITOR PINTO, ANTONIO VIEIRA JACINTO FREIRE, FILINTO ELYSIO, A. HERCULANO, ANTONIO DE CASTILHO, GONÇALVES DIAS e MACHADO DE ASSIS ?

Considorará puristas a JULIO RIBEIRO, JOÃO RIBEIRO, OLIVEIRA MARTINS, RAMALHO ORTIGÃO e EÇA DE QUEIROZ ?

E é com essa ignorancia radical, absoluta de coisas tão elementares, que esta critica se mette a levantar questões philologicas, contentendo e decidindo com entonos de saber.

265.— Quem se der ao que a muitos parecerá fastio do perlustar esses trechos, verá que maravilhoso instrumento de brevidade, precisão, clareza e elegancia que é esse recurso vernaculo no meocio da nossa lingua. Só o esquecem os melhores escriptores, quando lhes

<sup>1</sup> Resposta, p. 11, col. 2ª.

caeda mão, em prejuizo do esmero na fórma, a lima, ou o cinzel. Onde, por exemplo, escreveu CASTILHO: «Ouvia as *suas* conversações em voz alta», outra ligeireza, harmonia e graça teria o phrasear, se dissera: «Ouvia-*lhe* as conversações em voz alta.» Certas occasiões é a luz que se enfraquece no discurso, é a transparencia da idéa que se enturva com a maneira vulgar de exprimir a dependencia, ou posse. «Succede», observava um bom escriptor, «quo os prudentes se compadecem de um espirito, a que chamam perdido, e que apenas se encontram quatro estudantes, dois frades e algumas mulheres loucas que estimem *os seus* escriptos.»<sup>1</sup> Com o uso do possessivo o objecto da referencia, nesta phrase, poderá ser dubitavel, ou não resair á primeira vista. Substitua-se, porém, «*os seus*» pelo dativo *lhe*, e no mesmo ponto se verá distinctamente que a allusão não pôde tocar senão a esse «*espirito*, que os prudentes chamam perdido».

Foi deste prestadio segredo vernaculo que me vali, emendando «A obrigação do fiador passa-*lhe* aos herdeiros», onde estava: «A obrigação do fiador passa *aos seus* herdeiros.»

A isso que diz o mestre? Que, neste passo, «o emprego do pronome em lugar do possessivo não trouxe á expressão do pensamento *aquella graça e elegancia que noutras circumstancias se nota*».

Favorecer-nos-á o illustre censor com a exemplificação dessas circumstancias *outras*? Felizmente nos favorece. Bem me estaria, entendendo elle, se eu dissesse:

«Agradeço-*lhe* a fineza; respeito-*lhe* os escrupulos; louvo-*lhe* a paciencia; admiro-*lhe* o saber; venero-*lhe* a virtude; beijo-*lhe* as mãos; havia já dois annos que *lhe* haviam morrido pae e mãe; descobriu-*lhe* os embustes; exaltou-*lhe* os brios; arrancou-*lhe* os miolos; accendeu-*lhe* o denodo; rompeu-*lhe* as vestes; lisongeou-*lhe* as paixões.»

A estes dizeres reconhece *elegancia e graça* o emerito professor. Ao meu, não. Pois este não será exactissimamente a mesma coisa? Aquelles, ao juizo do mestre, graciosos e elegantissimos. Este desasado e enxacoco. Mas onde a differença, ainda linear, capillar, microscopica entre um e os outros, entre a minha emenda e os modelos do mestre? Estes dizem: «Agradeço-*lhe* a fineza, venera-*lhe* a virtude, ou exalta-*lhe* os brios»; aquelle: «Passa-*lhe* aos herdeiros.» E haverá, neste mundo, aos olhos da grammatica, ou ás orelhas da harmonia, alguma distincção entre isto e aquillo?

Se ha! Isto é meu; e aquillo, do mestre. Mas (é o caso de perguntar como o cavalleiro do *Palmeirim*?) «que prestam razões, onde não ha razão»? ?

<sup>1</sup> CAV. D'OLIVEIRA: *Cartas*, v. II, p. 470.

<sup>2</sup> P. II, c. 132.

§ 66

Art. 325

CORRESPONDENCIA ENTRE VERBOS

266.—Procedo aqui a emenda CARNEIRO. Mas o erro era tão obvio, tão palpavel, tão grosseiro, que o mais vulgar dos escriptores se poderia indignar á suspeita de o haver commettido advertidamente. Será naturalmente que eu rastejo abaixo dos mais vulgares. Se me houvessem, porém, de julgar os dictames da justiça, e não as malignidades da vingança, o que a critica desapaixonada e judiciosa toria por admiravel, é que muitos, muitissimos outros deslizes como esse não abundem, num trabalho daquella extensão, complexidade e miudeza, concluido em cerca de cincoenta dias por um homem absolutamente sósinho e desajudado, quando, attentas, nessa tarefa, a sua grandeza, o seu melindre, a sua variedade, era para absorver quatro ou seis trabalhadores assiduos no curso de mezes e mezes.

§ 67

Art. 335

SUBJUNCTIVO, OU  
INDICATIVO

267.—Uma differença de letra, a troca de um *a* em *e* no final de um verbo, rondou aqui ao mestre ensejo de pontificar e triumphar nessa plenitude saborosa das grandes e faceis desforras.

Estatuia aqui o original:

« A mãe que contrahe novas nupcias não perde por isso o direito de ter os filhos na sua companhia, da qual só poderão ser retirados por ordem do juiz, provado que ella ou o padraсто não os trata convenientemente.»

Doixando a essa disposição unicamente as cinco primeiras palavras, « *A mãe que contrahir novas nupcias* », alvitrei a seguinte emenda:

« Art. 335... não perde o direito a ter consigo os filhos, que só lhe poderão ser retirados, mandando o juiz, provado que ella, ou o padraсто, não os trate convenientemente. (Arts. 255, n. 1, e 400.) »

Bem se vê, portanto, (e, de boa fé, não haveria quem o não visse) bem se vê que o meu proposito era alterar o periodo em quasi toda a sua textura, substituindo-o por outro, a meu

ver, mais recommendável, e não, como figurou o dr. CARNEIRO, mudar em *trate* o *trata* do projecto.

Fosse este o meu intuito, e bastaria, como alli sempre fiz, pôr entre duas reticencias aquelle verbo, ou simplesmente declarar: «Em lugar de *trata*, diga-se *trate*.»

Não procedendo assim, claro está que outra era a intenção da emenda. Ao dr. CARNEIRO RIBEIRO acontece por vezes, na sua defesa, o cusar-se com erros de letras, syllabas e palavras inteiras, ora associadas á typographia, ora a inadvertencias de redacção. Acerta esta ás vezes de equivocar *devedor* por *credor*, ou *vendedor* por *devedor*. Outras occasiões chega a lhe altorar o numero dos verbos, trocando o plural em singular, e, até, a lhe obliterar ou transtornar de todo o sentido ás proposições. Pois, com esta experiencia pessoal tão *ad rem*, não lhe occorreu ao illustrado censor a casualidade possivel de me transformarem uma na outra duas vogaes, o *a* e o *e*, visinhas contiguas na escala dos sons da linguagem?

268.— Aliás, enunciada em absoluto, como a enuncia o mestre, não é verdadeira a sentença de que o subjunctivo indique sempre *duvida, indecisão, incerteza*. Certo é que as locuções enunciativas da acção *possivel, desejavel, receiavel, ou dubitavel*, conformam especialmente com aquelle modo verbal. Mas não seria igualmente exacto que *só* por esse modo se exprimam essas idéas, assim como o não é que *só* a exprimir taes idéas se limite a funcção desse modo.

Muita vez se traduz a duvida em tempos do verbo no indicativo: «Não sei se vou. Não sei se virá. Espero que virá. Está em duvida se vem, ou vae. Suppõe que não conseguirá. Talvez chegará tarde. Póde ser que não chegará hoje.» Todas essas orações, perfeitamente conversiveis ao subjunctivo e mais communs sob essa fórma, se dão igualmente bem com as do indicativo. «A razão... *podérá ser* que *parecerá* a môr do mundo», escreveu BERNARDIM RIBEIRO. (*Men. e Moça*, c. 5.) «*Póde ser* que isto *foi causa*», disse FR. LUIZ DE SOUSA. (*Historia de S. Domingos*, p. I, l. 6, c. 32.) «*Talvez foi* della a culpa.» (CASTILHO: *Amores*, v. III, p. 49.) «*E' possivel que me atravessou* Deus a alma no corpo, de sorte que não póle sahir?» (M. BERNARDES: *N. Fl.*, v. II, p. 139.) «*E' possivel que em um dia me hei-de vêr* orphã?» (VIEIRA: *Serm.*, v. IV, p. 213.) «*E' possivel que em nenhuma parte das nossas jerarchias achou* Deus outra natureza...?» (*Ib.*, p. 222.) «*E' possivel que ha-de* deixar os anjos...?» (*Ibid.*) «*E' possivel que hão-de* ficar no mundo os homens, que *hão-de* ficar no mundo os meus? *E' possivel que eu me hei-de* apartar...?» (*Ib.*, v. VI, p. 334.) «*E' possivel que eu sou*...! *E' possivel que me prezo* eu de considerado... e que... *declaro* Misiboset... e *lhe confisco*, e *a dou* ao mesmo accusador! *E' possivel*

que tenho eu opinião de recto, e que.... deixo ao traidor com amade dos bens, e não mando que se restituam todos ao innocente! » (Ib., p. 263.) «E' possível que sou eu tido no mundo pelo valente da fama, e que bastou uma mulher para me vencer...! E' possível que me prezo eu de principe verdadeiro, e que mandei commetter uma aleivosia tão grande..., e que a um vassallo tão fiel... the tirei tambem a vida enganosamente!... E' possível que me fez Deus rei do seu povo... e que consolo eu a nova da rota do meu exercito com a nova da morte de Urias, e que pesa mais na minha estimação a liberdade de um appetite...?» (Ib., p. 232.)<sup>1</sup>

De maneira analoga escreveu CAMÕES:

« E' possível que os dois o fructo comem? »

(Obras, v. I, p. 78.)

« E pode ser que in la agora

« Traz abertas as frechadas.»

(Ib., v. V, p. 38.)

« Eu ainda agora não creio

« Que é verdade este amor.»

(Ib., p. 47.)

« Pode ser que empregastes.»

(Ib., p. 188.)

269.—Por outro lado não mingua m specimens classicos do subjunctivo associado á enunciação de idéas positivas e certas. «Ainda que os homens não sejam anjos.» (VIEIRA: Serm., v. V, p. 366.) «O lavrador, ainda que *necessite*<sup>2</sup> da arvore de fructo para

<sup>1</sup> Muitos outros exemplos desta syntaxe em VIEIRA: Serm., v. I, p. 135, 264; v. II, p. 355; v. III, p. 54, 72, 101, 264, 265, 359; v. IV, p. 46, 262; v. V, p. 9, 129, 187; v. VI, p. 59, 260; v. XIII, p. 115; etc.

<sup>2</sup> Aqui se refere VIEIRA á necessidade certa, que do lenho da arvore tem o lavrador.

O subjunctivo *necessite* podia trocar-se aqui no indicativo *necessita*, a exemplo do que frequentissimamente occorre nos escriptos classicos. «Ainda que não tinha descuido», redige SOUSA, *Vida do Archeb.*, l. I, c. 5, v. I, p. 37 (ed. de 1890). Do mesmo modo a p. 52, 99, 99, 200, 215, 223, 242, 286, 288, 324, 355, 361, 365.

A mesma coisa no *Fausto*, de CASTILHO, p. 259, e 331, bem como no *Amor e Melancol.*, p. 350.

Com «por mais que» nos depara o *Fausto*, p. 311:

« Por mais que façamos,  
Por mais que lavamos,  
Por mais que esfregamos,  
Ficamos maninhas.»

No primeiro verso, o verbo no subjunctivo: *façamos*. Nos dois seguintes, no indicativo: *lavamos*, *esfregamos*. E quer o subjunctivo, quer o indicativo regidos da locução conjunctiva *por mais que*.

Já se vê quão falsa é a regra, promulgada por JULIO RIBEIRO (*Grammat.*, p. 274, n. 7), de que «depois das locuções conjunctivas *ainda que* e *por mais que* se põe no subjunctivo a oração da clausula subordinada.»

o uso domestico, não lhe dá golpe tão interior que lhe corte as raizes.» (VIEIRA: *Obras Ined.*, v. II, p. 267.) Tão correctamente diremos «Posto que somos homens», como «Posto que sejamos homens», ou «Posto que somos mortaes», quanto «Posto que sejamos mortaes». Entretanto, ninguem duvidará de que seja certa e absoluta a noção da nossa humanidade, ou a da nossa mortalidade.

## § 68

## Art. 1.248

PREFAZER

POR

PERFAZER.

270. — Dizia, no projecto, esta disposição :

« O commodato é o empréstimo de coisas não fungiveis. *Prefaz-se* com a tradição do objecto.»

Não ha talvez um classico, dos mais antigos aos mais modernos, que não desmintia essa inculcada lei grammatical: « E, posto que com a posse della parecia este negocio de conquistar os mouros muito leve... » (BARROS Dec. I, v. I, p. 17.) « A qual destruição de madeira, *posto que foi proventosa...* » (Ib., p. 34.) « *Posto que a obra desta passagem não foi grande em si...* » (Ib., p. 41.) « E, *posto que alli achou rasto de homens...* » (Ib., p. 55.) « E *posto que teve contrariedades da parte dos pilotos...* » (Couto: Dec. IV, l. 1, c. 6. vol. I, p. 40.) « *Ainda que de noite a alliviou algum tanto...* » (SOUSA: *Histor. de S. Domingos*, p. 1, l. VI, c. 29.) « *Ainda que haviamos por bastantemente qualificados os testemunhos dos nossos religiosos...* » (SOUSA: *V. do Arc.*, l. V, c. 6.) « *Ainda que um só destes entendimentos é o que entende...* » (BERNARDES: *Luz e Calor*, n. 39, p. 30.) « *Se bem não é necessario que sejam tantos...* » (Id. n. 47, p. 36.) « *Supposto que aquelle amor tambem é honesto...* » (Id., n. 63, p. 59.) « *Ainda que eu zombo com Annibal.* » (FERREIRA: *Obr.* v. II, p. 332.) « *Bem que este exemplo pertence a outra figura...* » (J. SOARES BARBOSA: *Inst. Orator. de Quintil.*, v. II, p. 269.) « E preso emfim, *por mais que resistiu.* » (CAMÕES: *Obr.*, v. I, p. 183.) « *Por mais que todo o clero soffre mal.* » (Ib., v. II, p. 163.) « *Pois, por mais que de mi me andaes tirando.* » (Ib. v. IV, p. 96.)

E ainda:

« *E posto que logo começou.* » (BARROS: Dec. III, vi, 3.) « *Ainda que está fóra da garganta daquelle estreito.* » (Ib., 4.) « *Ainda que em todos havia boa vontade.* » (Ib., 5.) « *Ainda que nelle se perdeu gente.* » (Ib., 7.) « *Posto que Diogo Fernandes era capitão mór.* » (Ib., 9.) « *E posto que na India não se soube.* » (Ib., l. VII, c. 1.) « *Posto que nos dava muito trabalho.* » (Ib., 4.) « *Ainda que era homem de pouco saber.* » (Ib.) « *Comquanto parecia.* » (HEITOR PINTO, Dial. I, c. 2.) « *Ainda que nisto não ha comparaçam.* » (Ib.) « *Ainda que vosso rogo teve tanta.* » (Ib., c. 3.) « *Ainda que a alma he a forma do homem.* » (Ib., c. 5.) « *Bem que Socrates no Cratilo de Platão anda-lhe buscando.* » (Ib., c. 6.) « *Ainda que se calou.* » (Ib., c. 7.) « *Ainda que professo philosophia.* » (Ib., c. 8.) « *Ainda que a abalou.* » (JAC. FREIRE: *D. João de Castro*, l. II, n. 153.) O mesmo, nesse livro, n. 183, no l. III, n. 6, 24. l. IV, n. 6, 36, 45, 66, 140, com *ainda que, bem que, por mais que.* Igualmente em FILINTO, v. XIII, p. 6, com a ultima dessas locuções.

CASTILHO, *Metamorph.*, p. 21, 50: « *Posto que era.* »

C. CASTELLO BRANCO, *Cavar em Ruínas*, p. 164: « *Posto que o livro*

*oi.* » Ver o que a este respeito deixei dito atrás, n. 198, nota.

Objectei : « Mais um erro de lexicon. O verbo é *per-*  
*fazer.*»

E o mestre? Está «de accordo», mas só «até certo ponto». «Deve-se dizer», acrescenta, «*per*fazer, não *pre*fazer; mas não vamos tão longe, que ponhamos a nota do erro ao verbo *pre*fazer.»

Mas então? Sim, explica elle: «mostra-nos a lição dos classicos, que alguns dos verbos que têm hoje como particula componente a preposição *per*, se escreviam antigamente, dando-se-lhes por prefixo a particula *pre*, do latim *pre*».

Admitto. Mas, antes de mais nada, onde a prova desse uso quanto a *pre*fazer, em vez de *per*fazer? Onde o documento de que os classicos escrevessem, não *per*fazer, mas *pre*fazer, ou, ao menos, de que simultaneamente se utilisassem de uma e outra forma? Um topico de Diogo do Couto foi quanto poudo colher o dr. CARNEIRO. Nada mais. Será isso provar a habitualidade ou, sequer, a frequencia de uma usança vernacula? Obvio é que não.

Já se vê que não pôde ser corrente um escrever, de que tão raro vestigio se nos depara. E, quando o fosse, deduzir dahi as influencias de progenitura latina, em cujo exame se distrae o mestre, seria temeridade. Em materia de orthographia eram de uma negligencia insigne os classicos antigos. ALEXANDRE HERCULANO, transcrevendo para a estampa, de um códice onde os encontrara sepultados, os *Annaes de D. João III*, obra de Fr. LUIZ DE SOUSA, por aquelle contemporaneo havido como «o principal entre os nossos escriptores classicos», intentara a principio «seguir escrupulosamente a orthographia do original». Mas, é elle mesmo quem depõe, «desenganâmo-nos brevemente de que era necessario modificar um pouco a nossa opinião. Por via de regra os antigos escriptores não curavam de aprimorar nesta parte os seus livros: Fr. LUIZ DE SOUSA não se esquivou á descuidosidade commum. *Reina no manuscripto dos Annaes uma grande confusão orthographica: a mesma palavra apparece escripta de dois e tres modos diversos na mesma pagina.*»<sup>1</sup>

Dada essa desattenção, essa indifferença e essa anarchia no graphar das palavras, entre escriptores primorosos como SOUSA, haveria quem do encontrar, nello ou noutros, transpostas uma vez as duas letras de uma syllaba seriamente ousasse inferir um facto de linguagem, a prova de um uso, o registo de uma tradição?

Ainda hoje, com outros costumes literarios, com um meio severo, como o actual em relação aos erros orthographicos e com a perfeição a que se abeira a arte da typographia, são comessinhas essas faltas. No tempo dos nossos maiores, dellas se inçavam todos os trabalhos

<sup>1</sup> *Annaes de D. João III. Advertenc. preliminar, p. XIX e XXII.*

impressos. «E' incrível», dizia o padre JOAQUIM DE FORTES, grande hellenista, «o descuido e negligencia com que se acham impressos, pelo que toca á orthographia, os livros antigos dos nossos classicos, apezar da veneração, ou antes superstição, com que alguns estimam estas primeiras impressões. Nem esta pouca exacção nasce só das officinas; vinha já dos mesmos autores, genios profundos, que, occupados todos em crear pensamentos novos, e dar-lhes a belleza de que era capaz a lingua em que fallavam, deixavam o outro cuidado como pouco merecedor de se empregarem nolle os seus grandes talentos.»<sup>1</sup>

Exarando esse autorizado testemunho, commentava JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO : « Fosse essa, ou outra, a causal do *desamparo em que os antigos deixaram a orthographia*, reconheçamos o facto que os classicos não tinham systema orthographico, e que esses admiráveis mestres do dizer *seriam do escrever desgraçadissimos guias.* »<sup>2</sup>

Numa só folha de FERNÃO D'ALVARES, alem de *profiar*, escreve elle *profiar, perfiar, e prifiar*, emolo de envolta com *emulo, estorcar* de mistura com *estovar*. De VIEIRA é *diccese, premiticas e devação, a par de devoção, pragmaticas e diocese*. Doduzir-se-á dahi que essas formas oppostas, ou diversas, eram egualmente cortas? Quem escrevesse hoje *diccese, pregmatica, estovar, prifiar, perfiar, ou profiar* escaparia á nota de erro?

FRANCISCO JOSÉ FREIRE, nas suas *Reflexões sobre a Lingua Portuguesa*, rejeita como formas erroneas *enteado, milhofre, brazão, corsario, estomago, gasnete, lacre, ode*, antepondo-lhes *oda, lacra, gasnate, estamago, cossario, blazão, bilhafre, anteado*.<sup>3</sup> Mas não incorreria em erro quem de qualquer destes modos escrevesse? Porque LUIZ DE CAMÕES escrevia *antão, agardecer, antre, contrairo, piadoso*, ovitaria a tacha de errada a escripta, que hoje o imitasse? Porque D. DUARTE, GIL VICENTE, FERNÃO D'OLIVEIRA e JOÃO DE BARROS, em vez de *sou*, usavam *são, som* o *so*, deixaria de errar actualmente quem de egual maneira se exprimisse? FERREIRA, BERNARDES, ANTONIO VIEIRA muita vez nos deparam *consume, cubre, acude. Estrue e fuge* são fórmulas camoneanas. Mas quem agora as adoptasse, não attentaria contra a grammatica? Não cairia hoje em ridiculo erro quem escrevesse *estormento* e *tabalião* (por *tabellião* e *instrumento*), só porque essa era a orthographia de Fr. LUIZ DE SOUSA?

Querem ver como andava seculos atrás, a orthographia portuguesa tomem, por exemplo, o *Leal Conselheiro* e o *Livro da Ensinança* de el-rei D. DUARTE. Eis aqui, em rapido quadro, segundo elles, o como então se escrevia a nossa lingua:

<sup>1</sup> Ap. CASTILHO JOSÉ : *Orthographia Portuguesa*. (Rio de Jan., 1860), p. 50.

<sup>2</sup> *Ibid.*

<sup>3</sup> Parte II, p. 41-139.

<i>Antiga orthograph.</i>	<i>Pag.</i>	<i>Orthogr. actual.</i>
<i>Tiba</i> .....	23, 24.....	Tibia.
<i>Ysime</i> .....	26.....	Exame.
<i>Celoryião</i> .....	32.....	Cirurgiões.
<i>Soloryiães</i> .....	59.....	Cirurgiões.
<i>Scoldrinhar</i> .....	63, 107.....	Esquadrinhar.
<i>Somana</i> .....	64.....	Semana.
<i>Hida</i> .....	115.....	Ida.
<i>Hira</i> .....	97.....	Ira.
<i>Hyra</i> .....	344.....	»
<i>Hidade</i> .....	115.....	Edade.
<i>Hydade</i> .....	117.....	»
<i>Husar</i> .....	70, 76, 99...	Usar.
<i>Deferença</i> .....	64, 65, 79...	Diferença.
<i>Nembrar, nembrança</i> ..	68, 70.....	Lembrar, lombrança.
<i>Consiirar, consiiraçom</i> .	66, 67, 69...	Considerar, consideração..
<i>Contrairo</i> .....	68.....	Contrario.
<i>Ataa</i> .....	69.....	Até.
<i>Soberroso</i> .....	65, 89.....	Soberroso.
<i>Soberva</i> .....	73, 89.....	Soberba.
<i>Fectas</i> .....	73.....	Feitas.
<i>Compre</i> .....	74, 76, 86...	Cumpre.
<i>Fortelleza</i> .....	72.....	Fortaleza.
<i>Esto</i> .....	74, 77.....	Isto.
<i>Aquello</i> .....	75, 76, 77...	Aquillo.
<i>Boos</i> .....	74, 75.....	Bons.
<i>Entençons</i> .....	75, 78.....	Intenções.
<i>Soo</i> .....	75.....	Só.
<i>Enframado</i> .....	79, 98.....	Inflammado.
<i>Sytem</i> .....	80.....	Sentem.
<i>Prouxemos</i> .....	92.....	Proximos.
<i>Arrevatado</i> .....	96.....	Arrobatado.
<i>Descliçam, descliçom</i> ..	99, 116, 152.	Discrição.
<i>Suydade</i> .....	103.....	Saudade.
<i>Cehumes</i> .....	104.....	Ciumes.
<i>Enduzir</i> .....	107.....	Induzir.
<i>Persoa</i> .....	107.....	Pessoa.
<i>Perpuz</i> .....	114.....	Propuz.
<i>Praneta</i> .....	133.....	Planota.
<i>Omécídio</i> .....	109.....	Homicidio.
<i>Odiencia</i> .....	116, 333.....	Audiencia.
<i>Strollogos</i> .....	133.....	Astrólogos.
<i>Estronomia</i> .....	213.....	Astronomia.
<i>Gatom</i> .....	118.....	Catão.
<i>Avangelho</i> .....	455, 466.....	Evangelho.
<i>Pusalamidade</i> .....	157.....	Pusillanimidado.

<i>Hodio</i> .....	280.....	Odio..
<i>Unido</i> .....	266.....	Unido.
<i>Samos</i> .....	367.....	Somos.
<i>Specia</i> .....	269.....	Especie.
<i>Porveza, proves</i> .....	187.....	Pobresa, pobres.
<i>Proveza</i> .....	229, 425.....	»
<i>Helica</i> .....	282.....	Ethica.
<i>Fremosura, fremoso</i> ...	229, 477.....	Formosura, formoso.
<i>Pervista</i> .....	435.....	Prevista.
<i>Prelongar</i> .....	420.....	Prolongar.
<i>Estoria</i> .....	230.....	Historia.
<i>Vehuva</i> .....	235.....	Viuva.
<i>Formento</i> .....	250.....	Fermento.
<i>Estromento</i> .....	450.....	Instrumento.
<i>Persciencia</i> .....	220.....	Presciencia.
<i>Estucia</i> .....	381.....	Astucia.
<i>Pior</i> .....	386.....	Peior.
<i>Infruencia</i> .....	221.....	Influencia.
<i>Aprycar</i> .....	333.....	Aplicar.
<i>Preto</i> .....	617, 624, 643.	Perto.
<i>Entrepetar</i> .....	461.....	Interpretar.
<i>Emprasto</i> .....	485.....	Emplastro.
<i>Madurgar</i> .....	486.....	Madrugar.
<i>Estinto</i> .....	335.....	Instincto.
<i>Hucara</i> .....	230.....	Ulcera.
<i>Angio</i> .....	52.....	Anjo.
<i>Punar</i> .....	272.....	Pugnar.

Se um alumno do professor CARNEIRO lhe porpetrass um *isame*, um *deferença*, um *enframado*, um *praneta*, um *omecílio*, um *odiencia*, um *estronomia*, um *avangelho*, um *fremoso*, um *estoria*, um *entrepetar*, um *formento*, um *emprasto*, e outras dessas ali catalogadas, livral-o-ia alguém dos rr magistraes, embora a seu favor depuzessem os mais classicos exemplares da antiga orthographia?

Dirá o dr. CARNEIRO que o seu escusador não vem de tão remota antiguidade. E' verdade: AMADOR ARRAIZ pertence ao século XVI. Mas desse mesmo século é ANTONIO FERREIRA, que escrevia *dereito*, por *direito*, *sogigar* por *subjugar*, *piadade* e *piadoso* por  *piedade* e  *piedoso*, *ouve* por *houve*, *moura* por *morro*, *reposta* em vez de *resposta*, *reto* em lugar de *repto*. (Obr., v. II, p. 109, 136, 180, 99, 170, 111, 257, 270, 261, 224, 95, 173, 232, 233, 234, 240.) MANUEL BERNARDES, é ainda menos velho: já se inscreve no século XVII. Entretanto, orthographava *trocida* por *torcida*, *postrar* por *prostrar*, *perferir* por *preferir*, *anciaons* por *anciãos*. (Nova Flor., v. II, p. 214, v. IV, p. 88, 338, 168.)

271.— E nesses exemplos se trata simplesmente de modos, que envelheceram. No caso de *prefazer*, porém, tudo induz a crer uma negligencia do escriptor, ou um descuido na officina. Neste sentido milita, primeiramente, a consideração da unicidade, em que se acha o exemplo allegado.<sup>1</sup> A esta se acrescenta a de que BLUTEAU, minucioso como se sabe a respeito das fôrmas antigas, dessa não faz memoria. Em terceiro lugar, *pre-fazer* teria gerado *prefeição* o *prefeito*, variantes que desde os mais remotos lexicographos nunca se dictionarizaram, nem me consta que deixassem rastro nos velhos escriptores.

CASTELLO BRANCO teria escripto realmente, nos *Mysterios de Fafe* (p. 225), *perguiceira*, em vez de *proguiceira*? na *Doida do Candal* (p. 188), *presistir*, em lugar de *persistir*? Seria, com effeito, de CASTILHO o *provir* (porvir), que nos *Fastos*, v. II, p. 109, se nos depara? Ou é que lh'o attribuiram calumniosamente os seus impressores? Parece manifesto. Pois da mesma origem derivará o *procelanas* de FR. LUIZ DE SOUSA (*Vida do Arceb.*, l. II, c. 29), o *permissas*, o *persevar*, o *persevação* do VIEIRA (*Cartas*, v. IV, p. 35; *Serm.*, v. p. 43 e 45), em vez de *preservação*, *preservar*, *premissas*, e, emfim, o *prefazer* de COUTO, citado pelo dr. CARNEIRO: São meras inversões typographicas de duas ou tres letras. Nada mais.

A que vem, pois, os largos latins, em que deu para se embrenhar, tão fôra de proposito, o mestre? *Perfazer* nada tem com o *præ* dos romanos. DIOGO DO COUTO, como JOÃO DE BARROS, e AMADOR ARRAIZ, que eram latinistas, não podiam incorrer na confusão vulgar, a que se refere DIEZ, e se quer apegar o dr. CARNEIRO, entre o *præ* e o *per* da nossa lingua mãe. *Perfazer* emana directamente do *perficere* latino, como BLUTEAU já consignava; e aquelles profundos sabedores das coisas da latinidade não o podiam ignorar.

272.— Conferir diploma de tradição classica a manifestos deleixos de composição no estampar desses livros seria destreza de sophista; mas não é recurso de mestre. Os bons autores sempre escreveram *perfazer*. «Entre o fazer e o *perfazer* ha grandes intervallos», disse VIEIRA. (*Sermões*, ed. ant., v. VII, p. 150.) «Com a qual gente do guerra *perfez* dom Nuno trezentos homens do cavallo.» (DAMIÃO DE GOES: *D. Manuel*, c. IV, p. 23.) «Tanto que se *perfizeram* estes setenta dias.» (GODINHO: *Viagem da India*, 168.) «Muito fizeram os que vieram antes de nós, mas não *perfizeram*. *Perfazer* a somma, *perfazer* a quantia. *Perfazer* o seu terço. *Perfazer* dias.» (BLUTEAU, v. VI, p. 418-9.)

<sup>1</sup> Verdade é que em FILINTO, *Obras*, v. LXXXII, p. 46, se me depara outro exemplo da mesma cacographia: «Nunca hei-de *prefazer* obra.» Mas este caso igualmente solitario, seculos depois do outro, não altera os termos do meu raciocinio.

Em nossos tempos ninguem escreve de outro modo: «O modo de se *perfazer* a educação e a instrução publica devia ser esse, e não outro.» (CASTILHO: *Fel. pela Instr.*, p. 49.) «Olhos em summa que só a sabeloria de quem os ideou o *perfez* poderia discriminar.» (*Id.*: *Amor e Melanc.*, p. 282.)

273.—Entretanto, os classicos escreviam frequentemente *perguntar*; e, com ser essa talvez a forma preferivel, não a pratica o dr. CARNEIRO. Mas, ao passo que, apoiando-se na casualidade insignificante de um texto provavelmente deformado por uma negligencia de compositor, busca absolver a erronea transposição de letra, evidente em *prefazer*, apontava como *barbarismo* (*Serões Grammatic.*, p. 346-7) *tijuco* por *tujuco*, quando um o outro vocabulo têm a mesma cotação (FIGUEIREDO: *Diccionario.*, v. II, p. 614 e 656); como barbarismo, *abobeda* (por *abobada*), orthographia portuguesa, adoptada por JACINTO FREIRE (l. II, n. 82<sup>1</sup>), DUARTE NUNES, MANUEL BERNARDES, registada por MORAES, DOMINGOS VIEIRA, ADOLPHO COELHO, FIGUEIREDO e ainda recentemente autorizada por CASTILHO, na forma *bóbeda*<sup>2</sup>; como barbarismo, ainda, *ringir*, em vez de *ranger*, quando o primeiro, com o seu etymo no *ringi* latino, é portuguez reconhecido em MORAES, CONSTANCIO, AD. COELHO, JOÃO DE DEUS, FIGUEIREDO e chancellado por C. CASTELLO BRANCO.<sup>3</sup>

*Prefazer* está no mesmo nivel de *prejúrio*, que C. DE FIGUEIREDO<sup>4</sup>, qualificou de «tolice orthographica», e de *percursor* e *promenores*, a que esse philologo chama de «erros vulgares».<sup>5</sup> Ao avesso de *prefazer*, gorando *prefeito*, em lugar de *perfeito*, não falta por ahi quem, alludindo aos nossos juizos locaes e a outras autoridades que usam do mesmo nome, os denomine *perfeitos*. Tão bom como tão bom.<sup>6</sup>

## § 69

## DIVERSORIO

274.—Aqui está um dos pontos, em que se desnuda sem a menor cerimonia o espirito de sophisma, cujo sopro anima a critica do mestre, accentuando a veia de malignidade, que a entretém.

<sup>1</sup> «E assi encheo levemente de soldados o lugar donde pelejava que era o eirado ou *abobeda* da igreja.»

<sup>2</sup> «E pelas negras *bobedas* da selva  
Estes do nume oraculos reboam.»

(*Fastos*, v. I, p. 125.)

E' orthographia tambem de MANUEL BERNARDES, *Nova Flor.*, v. II, p. 297. D'outras vezes escreve *bóbeda*. (V. II, p. 122, v. IV, p. 14.)

<sup>3</sup> «O padre manda-o escutar o estridor de dentes que *ringem* lá em baixo no sempiterno horror.» (*Canoion.*, p. 512.)

<sup>4</sup> *Lições Praticas*, v. II, p. 304.

<sup>5</sup> *Id.*, v. III, p. 224-5.

<sup>6</sup> *Ibid.*

Em uma das suas diversões pelas minhas notas e pela minha exposição preliminar, materia alheia da tarefa que lhe confiara a comissão da camara dos deputados, cuidou ver o illustre professor onsejo precioso a brilhaturas de erudição num dos trechos mais innocentes do meu commento p.reambular: Referindo-me aos vicios de redacção no projecto, escrevera eu:

«A cada passo entre o meu espirito e o do legislador se interpunha ella como um veu, um *diversorio*, ou um tropeço.»

Não podia estar mais claro o pensamento. Que outra idéa suggere *diversorio*, a não ser a de coisa que *diverte*<sup>1</sup>, ou distrae? *Diversorio*, quem á primeira vista o tomaria, senão como equivalente a *diversão*, ou coisa que a promova? O commum dos leitores alli não veria outra coisa. Apenas algum erudito lhe associaria, talvez, a sua accepção latina e classica, hoje em dia inteiramente esquecida.

Vejam, porém, como o mestre as arranja. «Nesta phrase», diz elle, «o vocabulo *diversorio* parece tomar-se como synonymo de *tropeço*, embaraço, estorvo.» Parece, como? Parece, porque? O contrario é o que, sobre *parecer*, alli se acha até palpavelmente manifesto.

*Pareceria* assim, por anteceder, na phrase, ao vocabulo *tropeço*? Mas é inverter as guardas á logica. Por isso mesmo que a noção de *tropeço* lá se achava já expressa justamente nessa palavra, não era de suppor se malbaratasse outra em retrilhar a mesma idéa.

Pois então só por encontrarmos um adjectivo a par de outro, colheremos dahi que se empregaram synonymamente, embora accepções distinctas os seporem? O que a boa razão ensinaria, é precisamente o inverso. São os dois epithetos susceptiveis de expressões diversas? A presumpção é que enunciam idéas diferentes. O criterio opposto não tem senso commum.

Cao-mo a talho um exemplo. Escreveu alguns LATINO COELHO: «Foram uma verdadeira revolução, mas uma revolução, em que o sangue, o lucto, a *desolação* e a ignomiínia doutrinararam a França.» (*Al. de Humboldt*, p. 377-8.) Ora dois sentidos tem o nome *desolação*: o de *assolação*, *devastação* (e neste é vernaculo); o de *consternação* e *lucto* (e neste passa por francesia<sup>2</sup>). Poderíamos tomar, na-

<sup>1</sup> «Mas he tempo de tornarmos ao fio da historia, que nos temos *divertido* muito.» (Sousa: *Hist. de S. Dom.*, p. I, l. IV, c. 7.) «Por nos *divertir* a attenção com outra industria, mandou fabricar alguns cavallos de madeira.» (JAC. FREIRE: *D. João de C.*, II, 111.) «Trata Rumeção *divertir-nos*.» (*Ib.*) «Nos outros baluartes não estavam as armas ociosas porque em todos se peleijava para com a *diversão* facilitar a entrada polo de Santiago onde havia rebentado a mina.» (*Ib.*, n. 131.)

<sup>2</sup> Ao menos, assim o entende o professor CARNEIRO, que com esta nota inclui, na sua *Grammatica* (p. 433), entre os barbarismos o adjectivo *desolado*. Entretanto, VIEIRA disse: «Um anno faz hoje que o ceu que vos tinha dado ao mundo, vos tornou a levar, e que deixastes em tanta tristeza e *desolação* o reino e os vassallos, para que nascestes.» (*Serm.*, v. II, p. 68.)

quelle trecho, *desolação* por *amargura*, *magoa*, *tristeza*; para arguir de gallicismo o escriptor? Não. Essa idéa já se enuncia alli na palavra *lucto*. Não era de suppor se repetisse na sua vizinha. Mas ao contrario nos levaria a norma implicita na censura a que respondendo. Falla-se acolá do *lucto*? E ao pé de *lucto* se falla em *desolação*? Logo, na dialoctica do mestre, *desolação* alli está em synonymia com *lucto*. Mas não se pôde raciocinar peor.

275.—No lance transcripto da minha exposição preliminar nin guom, de boa fé, poderia fazer essa confusão. De tres modos caracterizava elle a viciosa forma do projecto. Em vez de ser esta o vehiculo transparente de communicação intellectual entre o legislador e o interprete, continuamente a difficulta, dizia eu, ora *obscurecendo*, ora *embaraçando*, ora *distrahindo*. Aqui lhe falta a luz, e se annuvia: é o *véo*. Alli obra como estorvo, em que se topa: é o *tropeço*. Acolá transvia, afasta, *diverte*: é o *diversorio*.

São tres palavras, cada uma com o seu significado. Bem o viu o dr. CARNEIRO; e tanto lhe remordeu a consciencia da assacadilha, que teve a cautela de abrir uma fresta á retirada, accrescentando: «Entretanto, se foi neste sentido que o empregou o dr. Ruy...» Mas, se ha este sentido, se elle cabe, e evidentemente melhor, no intento da phrase, porque lhe attribuir o outro?

Foi, comtudo, o que praticou o critico iniquo, proseguindo, sem embargo da condicional dubitativa: «Se foi neste sentido que o empregou o dr. Ruy, torceu-lhe e desviou-lhe de todo o ponto o sentido.»

Era mister, pois, que eu fosse posto ás varas do ridiculo, figurando-se haver mettido no meu substitutivo *uma estalagem*, quando coisa tão diversa tinha em mente; assim como que o mestre assombrasse os discipulos, desmontando á cohorte inteira dos lexicons, e «molestando os ouvintes com os latins largos», de que VIEIRA fallava<sup>1</sup>, para mostrar que *diversorium*, entre os romãos, significava *hospedaria*, e que em portugúes é essa *uma das suas accepções*.

276.— Ora vamos. No latim mesmo o vocabulo não tem sómente a accepção de *hospedaria*, *poisada*. FORCELLINI, citando o *Thesaurum Novæ Latinitatis* do grande philologo MAI, regista *diversorium* como synonymo de *diversio*:

«*Diversio*, et HOC DIVERSORIUM; *diversitas viarum*.  
*Thes. Nov. Lat.* p. 001. MAI.»

(*Totius Latinitatis Lexicon*, v. VI, p. 579.)

E nada mais natural; desde que, na lingua dos romãos, o verbo *divertere*, ou *devertere*, de onde provém juntamente *diversio* o *diversorium*, ou *deversorium*, significava tambem *apartar-se do caminho*: *divertere via* (FORCELLINI, v. II, p. 682), e no sentido translato ex-

<sup>1</sup> *Sermões*, v. I, p. 68.

primia o *façer digressão, distrair-se do assumpto*: «Translate, tam active, quam passive, est a re proposita deflectere, far una digressionis.» (FORCELLINI, *ibid.*) E' assim que CICERO escreveu: «Sed redeamus ad illud unde divertimus.» (XII, *Ad. Fam.*, 25, a med.) Da mesma sorte OVIDIO: «Inferior virtute meas divertor ad artes.» (IX *Metamorph.*, 62.)

277.—Que nos importam aliás, no caso, os romanos, se foi o próprio dr. CARNEIRO quem se espraçou em outros latins, a proposito do verbo *carecer*, na significação de *precisar*, para dar a ver quam facilmente mudam significação os vocabulos, quando passam do idioma original para o adoptivo?

No portuguez é que se trava a questão. A palavra *diversorio*, entre nós, toca unicamente a significação de *estalagem*? Não. O próprio dr. CARNEIRO o confessa, quando, a par de BLUTEAU, com os modernos CONSTANCIO, VIEIRA, MORAES e ADOLPHO COELHO, que registam *diversorio* como synonymo de *estalagem, hospedaria, pousada*, transcreve AULETE e CANDIDO DE FIGUEIREDO, que o definem como *diversão, diversivo*. «Diversorio», diz AULETE: «o mesmo que *diversivo*.» «Diversorio», define C. DE FIGUEIREDO: «adj., o mesmo que *diversivo*; s., aquillo que *diverte*; *diversão*». E nada mais, tambem.

Note-se bem. BLUTEAU, CONSTANCIO, VIEIRA e MORAES, a saber, os mais antigos lexicographos portuguezes, não dão á palavra senão o seu principal significado etymologico, primitivo, latino: o de *estalagem*. Dos modernos, porém, o unico (ADOLPHO COELHO) onde ainda se encontra a palavra com aquelle sentido, nol-a averba de *desusada*. Seguem-se os dois mais recentes: AULETE e FIGUEIREDO. AULETE já não menciona senão somente a accepção nova: *diversivo*. FIGUEIREDO attribue-lho a dupla existencia de adjectivo e substantivo, correspondendo simultaneamente a *diversivo* e *diversão*. Sendo, portanto, estes dois ultimos vocabularios o espelho menos infiel, a imagem mais completa do estado actual da nossa linguagem, que é o que havemos de colligir? Que á erosão do tempo gastou a *diversorio* o seu primeiro significado, e o eliminou de todo<sup>1</sup>, restando-lhe hoje, graças ás variações contemporaneas da lingua, unicamente o novo, desconhecido aos antigos.

278.—O mesmo aconteceu ao inglés, a que o latim herdou egualmente esse vocabulo, ignoto a franceses e italianos. Vou até o Tamisa, porque o dr. CARNEIRO alli me chama, citando, a proposito, WEBSTER, para demonstrar o duplo sentido, naquelle idioma, da palavra que se discute. Verdade é que esse dicionarista ainda

<sup>1</sup> Aliás encontro em CASTILHO ANTONIO:

«As albergarias ou *diversorios* de velhos.» (*Colloq. Ald.*, p. 99.)

«A fundação de um tal *diversorio* em cidades de meã grandeza não excederia de uns cem mil réis.» (*Ib.*, p. 401.)

the attribute ambas as accepções, definindo, em dois artigos distinctos: «*Diversory*, a. *Serving to divert*. *Diversory*, n. *A wayside inn*.» Tambem o *Encyclopædic Dictionnary*, de CASSELL (v. III, p. 135), além de «*Serving or tending to divert; diverting; discriminating; distinguishing*», faz em seguida menção do substantivo homomorpho, com a definição: «*A wayside inn*.»

Mas por que nos não fallou agora o dr. CARNEIRO no WHITNEY, seu tira-duvidas habitual, neste debate, quanto a assumptos inglezes? Porque no *Century Dictionnary* daquelle famoso glossologo já se não encontra o substantivo *diversory*, estalagem, mas unicamente o adjectivo *diversory*, significando a qualidade daquillo que *distrae, diverte* «*Serving to divert*.» (V. II, p. 1.704.)

Ora que concluir dahi, senão que o desuso obliterou, no inglés, tambem, a essa vocabulo a primeira accepção, a de *estalagem*, deixando-lhe exclusivamente a de *diversivo*?

279.— Como quer que seja, cu se perdesse, ou se conservo ainda no portuguez, a significação de *hospedaria* á palavra *diversorio*, ninguem; nem o dr. CARNEIRO mesmo, lhe recusa a outra. Temos, pois, o direito de escrever *diversorio* por *diversão, diversivo*. E' o que faz algures CASTILHO JOSÉ<sup>1</sup>: «Não ver na melhor parte da humanidade senão um *diversorio* de sensuaes appetites.»

Nessa accepção a empreguei, translucida e manifestissimamente. Não fui eu, pois, o que *torci* a palavra do seu sentido vernaculo. O dr. CARNEIRO, sim, é quem a *torce* do significado em que eu a usara.

## § 70

### Art. 1.320

«SALVO SE PROVAR ESTE»

280.— «Salvo *se provar este* que não podia continuar no mandado sem prejuizo consideravel.»

Ponderei a isto apenas que «aqui *soa e cabe melhor* a construcção natural, *se este provar*, do que a transposta, *se provar este*.»

Sustentando, porém, a sua redacção, pretende o dr. CARNEIRO não incorrer ella «om falta alguma, nem no que toca ás regras grammaticaes, nem no que respeita á harmonia do discurso». Ora, nem de uma, nem de outra falta o arguira eu. O que dissêra, é que *melhor soaria* a outra forma do que essa. Mas o *melhor* suppõe, rigorosamente fallando, comparação entre duas coisas uma e outra boas. Logo, dizendo *mais bem* soante alli a construcção directa que a

<sup>1</sup> Tenho o topico transcripto com cuidado nas minhas notas, onde vejo que é da *Grinalda Ovidiana*. Deixe, porém, de registar a pagina, assim como se pertence á *Grinalda dos Amores*, ou á da *Arte de Amar*. Posso, porém, assegurar a fidelidade da transcripção.

inversa, não puz a esta a coima de *mal soante*. Limitei-me a preferir, das duas, a primeira, como superior á outra.

Quando, porém, eu a negasse de bem soante, não é com um emplosito, nú e crú, de GARCIA DE REZENDE que me haviam de confundir. A esse respeito os classicos, sobre tudo os dessa idade, não são dos melhores tira-duvidas. Nem sempre afinava com a nossa a orelha grammatical dos classicos. Naquellas eras, por exemplo, soava optimamente este vernaculo:

« As cousas que vendem lá  
São de bem pouco proveito

A quemquer *que as comprard.*»

(GIL VIC., I, p. 164.)

E quem presentemente o subscreveria?

Na mesma prosa de Fr. LUIZ DE SOUSA sobre todas cheia de harmonia e doçura, ha dissonancias formidaveis. Haja vista o « *hão que são* » do l. III, c. 7, na *Vida do Arcebispo*. Não basta, pois, ser classico, para não incorrer em tacha desta natureza.

§ 71

Art. 1.297

AGIR

281.—Não me respondeu o mestre aos argumentos contra a vernaculidade deste verbo. Affinidades analogicas eu não lhe negara. O que lhe neguei, foi a *necessidade*, ou sequer a *utilidade*, clausula não menos essencial ás cartas de naturalização em philologia. Inundar uma lingua de neologias *inúteis* não é melhora-la, mas *corrompel-a*.

Do *agir* nenhuma precisão tom um idioma, que, para o mesmo effeito, dispõe de: *fazer, andar, obrar, operar, actuar, proceder, portar-se, comportar-se, haver-se.*

FAZER, ANDAR: « *Fizeste* bem, Cubas; *andaste* perfeitamente.» (M. DE ASSIS: *Braz Cubas*, p. 147.) «Os discipulos, que nesta occasião *andaram* menos finos, foram os de Emaús.» (VIEIRA: *Serm. Ap. Dicc. da Acad.*) «*Fez* pessimamente !... Oh, esse avô Gutierrez *andou* perfeitamente.» (EÇA: *Ramires*, p. 289.)<sup>1</sup>

OBRRAR: «*Obra-se* mal, não só quando *se obra*, não só quando se aconselha, senão tambem quando *se permite*.» (VIEIRA: *Obras Ineditas*, v. II, p. 179.) «Maravilhas que *obra* o Senhor em seus

<sup>1</sup> «*Andar. Obrar. Anda* sincero e sem reboços. Parece-me que neste negocio andaes com muito animo e vigor.» (BLUTEAU: *Voz.* v. I, p. 368.) «*Andar. Obrar, proceder, portar-se, conduzir-se.*» (*Diccionario da Academia*, tom. I, p. 298.) «*Andar. Portar-se, haver-se.*» (MORAES: *Dicc.*)

santos.» (SOUSA: *V. do Arc.*, l. II, c. 24.) «Das maravilhas que nella obra o ceu.» (*Ib.*, c. 32.) BERNARDES: *Luz e Calor*, p. 36, n. 48, p. 65, n. 85.— «Consideremos ha perfeição e miudeza, com que os santos obraram.» (*Ib.*, p. 95, n. 117.) «Aqui se descobre outro par de perfeições no modo de obrar.» (*Ib.*, p. 97, n. 118.) SOUSA: *Hist. de S. Doming.*, l. VII, c. 32, p. 326, 329.— «Só havia de obrar com as mãos.» (ARRAIZ: *Dial.*, c. XIX.) «Fallar, obrar contra elles.» (GARRET: *Obr.*, v. XXIII, p. 115.) «Mas grandes coisas do mundo se tem obrado por semelhantes poquenezes.» (*Ib.*, p. 304.) «Não diziam o que sentiam, ou não obravam como diziam.» (*Ib.*, p. 414.) «Obrou como portuguez o ministro de então; como portuguezes estão obrando os ministros de hoje.» (CASTILHO: *Felic. pela Instr.*, p. 87. Mais: *Amores*, v. III, p. 9. *Tartufo*, p. 113, 135.) «Executando e obrando pessoalmente.» (J. F. LISBOA: *Obr.*, v. IV, p. 34.)

OPERAR: «Os prodigios operados nas escolas.» (*Ib.*, p. 12.) «A Patagonia opera sobre o intellecto como Vichy sobre o figado.» (EÇA DE QUEIROZ: *Fradic.*, p. 65.) «Ou porque nelle se tivesse já operado com a idade esse phenomeno.» (*Ib.*, p. 98.) «Teve necessidade de deixar sair, para se affirmar e operar fóra, aquelle immenso talento.» (*Ib.*, p. 172.)

ACTUAR: «No mar que força actua.» (*Georgic.*, p. 127.) «A educação da mulher vem depois a actuar na educação domestica dos filhos.» (CASTIL.: *Colloq.*, p. 88.) «Actuar sobre multidões de enfermidades e misérlas.» (*Ib.*, p. 143.) «Poderão actuar sobre a agricultura.» (*Ib.*, p. 181.) «As Caixas Economicas... actuam com aquella possante energia que todos sabem haver nos juros compostos.» (*Ib.*, p. 204.)

PROCEDER: «Não foi de consideração polla muyta vigilancia com que o capitão procedia.» (SOUSA: *Annaes*, p. 239.) «Sendo informado da lealdade com que o Xequo Raxit procedera.» (*Ib.*, p. 275.) «E não bastou para lhe cortar o fio deste proceder um caso não cuidado.» (*Ibid.*) «Fez grandes informações em Braga da vida e governo e modo de proceder de seus antecessores.» (SOUSA: *V. do Arc.*, l. I, c. 11.) «Como procedia cada um em sua obrigação.» (*Ib.*, c. 12.) «Neste modo de proceder.» (*Ib.*, c. 13.) «Neste genero de proceder era incansavel!» (*Ib.*, c. 14.) «O modo que aquelles padres tinham em proceder.» (*Ib.*, l. II, c. 32.) «Vendo o modo com que os homens procedem, e com que obram.» (FILINTO: *Obr.*, v. XIII, p. 208.) «Na Bahía procedeu-se como nos demais pontos da monarchia.» (J. F. LISBOA: *Obr.*, v. IV, p. 27.) «Virtudes domesticas... servin lo egualmente

<sup>1</sup> Edic. de Lisboa, 1695.

<sup>2</sup> Ed. de 1866, v. II.

para bem *proceder* e bem *pintar*.» (RAMALHO: *A Holl.*, p. 342.)

« Não *procedesse* contra os bandidos. » (EÇA: *Ramires*, p. 457.)

PORTAR-SE: « Para mostrar que a Mãe *se portava* como se não fôra Mãe. » (VIEIRA: *Serm.*, v. IV, p. 248.) « *Portae-vos* de tal

maneira, sendo sempre o mesmo, que vós possam todos louvar. » (*Ib.*, v. V, p. 109.) « Assim vós deveis *portar* de maneira que nem

inclineis para uma parte nem para outra. » (*Id.*, v. IV, p. 215.)

« Elle *se portou* com tal mansidão. » (M. BERN.: *N. Fl.*, v. II, p.

189.) « Outro quiz *portar-se* fiel. » (*Ib.*, p. 251.) « Se a alta inter-

venção divina *se portasse* estranha aos ataques e escaramuças que o padre Casimiro narra sem basofia. » (CAMILLO: *Maria da Ponte*,

p. 85.) « *Portou-se* sempre com honra. » (RAMALHO: *Holl.*, p. 288.)

— EÇA: *Ramires*, p. 58, 439; *Os Maias*, v. I, p. 234, 304, 337, v. II, p. 150, 313, 392.

#### COMPORTAR-SE :

« E cada um *se comporta*...

Dando graças infinitas

A Deus e a El-Rei e á Côrte. »

(GIL VICENTE, v. II, p. 437.)

« Criatura não vejo *comportar-se*...

Comedida. »

(FILINTO: *Obz.*, v. XIII, p. 141.)

« *Comportara-se* de uma maneira atroz. » (EÇA: *Os Maias*, I, 94.)

« Pelo menos commigo assim *se comportou* immutavelmente. »

(EÇA: *Fradiq.*, p. 61.)

#### HAYER-SE :

« Quem deste vicio se quyser, com a graça de Deus, guardar, de todas quatro partes se guarde, *avendosse* como convem. » (D. DU-

ARTE: *Leal Conselh.*, p. 173.) « E nom tenhaes que com todollos homeens convem de *nos aver* d'ũa guisa. » (*Ib.*, p. 147.) « Com

estes homêes *nos* devemos *aver* como aquel que aos cavallos bem sabe trazer a mão. » (*Ib.*, p. 243.) « Como em cada hũa *nos* de-

vem<sup>os</sup> *aver*. » (*Ib.*, p. 247.) « Muyto convem consiirar com quem

*nos* devemos *aver*. » (*Ib.*, p. 285.) « Assy *se* dovo de *haver* o

pryncipado ao poboo assy como o boesteiro *se ha* aa seeta. » (*Ib.*, p.

922.) « Por deesira e sceetra mão *se ha* de tal guysa, que em cada

hũa *se faz* vencedór. » (*Ib.*, p. 313.) « Nem pode seer que todos em

ollas *se ajam* per hũa maneira. » (*Ib.*, p. 317.) « *Haviam-se* com

ollas como ginetos com os homens de armas. » (BARROS: *Dec.* III, VI,

8; v. VI, p. 78.) « Não vos lembrará o que me ouristes contar de

como *me* costume *aver*. » (*Eufrosina*, V, 5.) « *Acresceonta* como *se*

Com certa analogia usavam os latinos de *habere se* na accepção de *comportar-se*. (FREUND: *Grand. Dictionn.*, v. II, p. 65.)

*hãõ de haver* nas batalhas.» (VIEIRA: *Serm.*, v. V, p. 172.) « Por certo que não *nos-havemos* nós assim nas temporalidades.» (*Ib.*, p. 205.) « *Hãõ-s*: *de haver* os pregadores evangelicos na formação desta parte do mundo, como Deus *se houve* ou *se ha* na criação e conservação de todo.» (*Ib.*, p. 333.) « *Houve-se* a Senhora na eleição da ordem carmelitana, *houve-se* esta Mãe na eleição destes filhos, como *se houve* Deus na eleição de sua Mãe.» (*Ib.*, v. VI, p. 299.) « Os outros fidalgos e cavalloiros *se houveram* tão iguaos no valor, que nenhum mereceu segunda fama.» (JAC. FREIRE: *D. João de C.* IV, 67.) « *Hajamo-nos*, pois, com a nossa lingua, como os romanos *se houveram* com a sua.» (ANT. PER. DE FIGUEIREDO: *João de Barros. Memor. de Liter. Portug.*, v. IV, p. 23.) « Andando ás voltas com elle da maneira que *se hãõ* os genetes com a gente d'armas.» (BARROS: *Dec.* I, I, 14. V. I, p. 119.)

« *Houve-se* Amor commigo

Tão brando ou pouco irado

Quanto agora em meus males se conhece.»

(CAMÕES: *Obr.*, v. II, p. 25.)

« Como bem prudente e sagazmente *se houveram* os romanos contra os cartagineses.» (JOÃO DE BARROS: *Grammat.*, p. 158.) « Ella gabou-m'a de muito discreta, e lida, e de especial condição, e que *se avia* tambem com ella, como se fôra sua irmã.» (JORGE FERREIRA: *Eufrosina*, I, sc. 1.) « Se *se mete* a delphim, veja como *se ha* com o leão.» (D. F. MANUEL DE MELLO: *Feira de Annez.*, p. 158.) « E de maneira *se houve* em todas, que o reverendissimo geral... lhe deu grau de mestre.» (SOUSA: *V. do Arc.*, I, I, c. 4.) « Como *se houve* no cargo.» (*Ibid.*) « Elle *se havia* com todos como irmão menor.» (*Ib.*, I, II, c. 30.) « Quiz ouvir os pareceres dos capitães e soldados velhos sobre o como *se deviam aver* naquella occasião.» (SOUSA: *Annaes*, p. 163.) « Com tanto valor *se ouve.*» (*Ib.*, p. 247.) « Não pollo feito, mas pollo termo e pouco respeito com que o Macedo *se ouve.*» (*Ib.*, p. 276.) « *Houve-se* Deus com os portugueses como agricultor de luzes.» (VIEIRA: *Serm.*, II, p. 252.) « Como brando senhor *se ha* Jovo cõ'elle.» (FILINTO: *Obr.*, v. XII, p. 216.) « Como *te houveras*, se... ? » (*Ib.*, p. 231.)

« Se sisudo,

Ou não, no caso *se houve* o immortal Povo

Não é o scopo meu.»

(*Ib.*, v. XIII, p. 290.)

« O senso das turbas mal sabia como *se houvesse* com as trovas e monstros.» (CASTILHO: *Fausto*, p. VII.)<sup>1</sup> « Com elle *se ha-de*

<sup>1</sup> Evidentemente por equívoco escreve CASTILHO ahi, p. xv: « E como *se havem* na empreza o desenhador ? » Neste caso é manifestamente o verbo

haver.» (Ib.; p. 164.) «Aqui tens tu como um amigo meu... se houve afinal neste negocio.» (CASTILHO: *Colloq.*, p. 88.) «Haver-se-ia com toda aquella diligencia e escrupulo.» (Ib., p. 115.) «Como é que vos havieis de haver nisso?» (Ib., p. 147.) «Elle, porém, houve-se com a maior delicadeza.» (M. DE ASSIS: *Braz Cubas*, p. 368.)

282.—Ora, todos esses verbos expressivos, genuínos, valedios entraram a rarear na circulação, desde que a invadiu o seródio e o contestável *agir*. Ensinam economistas que a mooda espúria, onde quer que se admitta, expelle da circulação a boa moeda. Como que o mesmo occorre nas linguas entre os vocabulos de contrabando e os de léi. Em se pondo a vogar um termo de má nota, que pela novidade attraia os amigos da moda, todos os seus synonymos correntes, de bom toque e peso, se vão esquecendo o sumindo.

No Brasil o *agir* hoje está para tudo. Onde esses nove ou dez verbos se revezavam d'antes, com tamanha vantagem do gosto e propriedade no dizer, quasi que se não sabe de presente se não est'outro. Ora, ao meu ouvido pelo menos, o *agir* é uma palavra chocha, enfesada, insignificativa. Não exprime a acção com a

*avir-se*, correspondente ao adjectivo *arindos*, que empregou na pagina anterior; e esse carece de *h*.

Salvo esse caso, de evidente descuido, não se poderá dizer que os mestres da lingua confundissem, como alguns têm dit., com o verbo *avir-se* o verbo *haver-se*. De um e outro nelles se encontram exemplos distinctos. CANÕES, verbi gratia, poetou:

«Com meu gado *me avenho*, e estou contente.»

(*Obr.*, v. IV, p. 27.)

«O rico côm seu ouro *la se avenha*.»

(*Ib.*, p. 124.)

FILINIO ELYSIO, semelhantemente, escreveu: «Lá *se avenham* os soneteiros com Boileau.» (*Obras*, v. V, p. 46.) «Lá *se avenham* com os classicos.» (*Ib.*, v. VI, p. 230.)

DUARTE NUNES, de quem é a phrase «Lá vos avinde» (*Cron. del Rey D. João I*, c. 20, p. 77), innumeradas vezes se utilizou do *haver-se*: «Pedro Rodriguez, alcaide mór do Landroal, e Gil Fernandez de Elvas *se ouveram* valerosamente.» (*Ib.*, c. 27, p. 102.) «Como tambem *se ouve* contra Pedro Rodriguez da Fonseca.» (*Ibid.*) «Os mouros que ficaram, saltaram com o infante, no meio daquella pressa, e *ouveram-se* de tal maneira que alguns delles caíram alli.» (*Ib.*, c. 92, p. 417.) «Os infantes, não tendo forças para de outra maneira *se averem*, mandaram...» (*Cron. del rey D. Aff. V*, c. 9, p. 123.) «... a quem por quão valerosamente *se ouve* naquella batalha...» (*Ib.*, c. 58, p. 412.) «... o qual ... *se envolveu* com os inimigos, e *se ouve* de maneira, que deu grã mostra do homem, que avia de ser.» (*Ibid.*)

E BLUTEAU regista precisamente *haver-se* como synonymo de «*portar-se, obrar*», com as equivalencias latinas de *agere*, de *gerere* e estes exemplos vernaculos: «Na administração de seu cargo *houve-se* de maneira que...» «Como *se ha-de haver* o confessor» (*Vocabul*, v. IV, vº *Haver*.)

2 Allás autoridade mui eminente (o sr. CANDIDO DE FIGUEIREDO) afirma have-lo encontrado mais de uma vez nos quinientistas. (*Lições Práticas da Ling. Port.*, v. III, p. 82.) Não ponho em duvida o testemunho, que me merece o maior respeito. Eu, porém, tenho sido menos feliz com os classicos a esse respeito. Nunca me depararam, que me lembre, o verbo *agir*.

— Não; em  
Castellho l.º.  
que se mesmo  
haver-se, mas  
está errado.  
avir-se o verbo  
só do Farello!

sua amplitude, na sua variedade; a sua belleza; a sua força, como *actuar*, *obrar*, *operar*, *proceder*. Nestes domina « o som franco, rasgado, energico » do *o* que o do *a*; em que « se expressa a alegria e a grandeza ». <sup>2</sup> São as vozes que correspondem ao movimento, á deliberação, á acção; ao passo que o *i*, predominante em *agir*, desperta « as idéas de tristeza e poquenez ». <sup>3</sup>

No *agir*, a de mais, temos apenas um verbo de significação intransitiva, inadequavel á outra. Ao passo que *actuar* reúne esta áquella. *Obrar* e *operar* estão no mesmo caso. <sup>4</sup>

Se a synonymia subalterna destes dois verbos offende o melindro aos delicados, muitos outros vocabulos de uso corrente, como *pejar*, *evacuar*, *soltura* e, até, *congresso*, <sup>5</sup> pelo mesmo inconveniente deviam passar ao indice. Depois como é que, repugnando ao verbo *obrar*, não repugnam ao substantivo *obra*?

283.—No aferir dos bons vocabulos a verdadeira pedra de toque está no exemplo dos mestres. Não sei, porém, de nenhum desses, que chancelle o *agir*. Por fiadores seus mal conseguiu BELLEGARDE reunir os nomes de BAPTISTA CAETANO e TEIXEIRA MENDES, homens de muitas letras, mas sem opinião de escriptores. Acresce que delles só o primeiro tem autoridade em philologia. Dos classicos portuguezes, até CASTILHO, REBELLO DA SILVA e CAMILLO, nenhum conheceu o *agir*. RAMALHO ORTIGÃO, EÇA DE QUEIROZ e OLIVEIRA MARTINS sem elle passaram; e, entre nós, creio que MACIÃO DE ASSIS, não o empregou jamais. Que falta nos faz, portanto, esse neologismo? Que considerações o recommendam?

## § 72

## Art. 431.

## ELLIPSE

284.—E' com a minha redacção deste artigo a admoestação do censor. Dissera eu assim:

« So o menor possuir bens, será sustentado e educado a expensas suas, arbitrando o juiz para tal fim, as quantias que lhe pareça necessario, attento o rendimento da fortuna do pupillo, quando o pae ou a mãe, as não tiver taxado.»

<sup>1</sup> CASTILHO: *Metrificação*, p. 63.

<sup>2</sup> *Ibi.*, p. 60.

<sup>3</sup> *Ibidem.*

<sup>4</sup> « *Actuado* por sentimentos oppostos. » A. HERCULANO: *O Monge de Cister*, v. II, p. 72.

<sup>5</sup> « O Senhor nada obrou que fosse indecoroso. » (CASTILHO: *Tartufo* p. 113). Vide os exemplos pouco ha dados desses dois verbos.

<sup>6</sup> « No congresso marital tantas mulheres despachava, quantas admittia. » BERNARDES: *Nova Floresta* (ed. de 1759), tom. II, p. 30. V. MORAES, *hoc verbo*.

<sup>7</sup> *Vocabulos e locuções da lingua portuguesa*. (Rio, 1837), p. 15-17.

Pondera agora o mestre:

- « E' preferivel a redacção do Projecto.
- « Arbitrando o juiz as quantias que pareça necessario.
- « Esta phrase sôa mal: ou deve dizer-se as quantias que lhe pareçam necessarias ou julgar necessarias como se lê no Codigo, ou as quantias que lhe pareça necessario fazel-o, isto é, arbitrar.

« De outro modo, a phrase ficaria elliptica e de máo soido. »

Peço venia, para me não dar por vencido. Estou com o padre VIEIRA (e de par com elle todos os mestres), que disse:

« Da mesma presença de vossa divina e humana magestade espero *aquellas assistencias de graça*, que para tão immenso assumpto *me é necessario*. » (Sermões, vol. VI, p. 38.)

*Aquellas assistencias de graça, que me é necessario*, escrevia, pois, essa autoridade, prócera entre as mais altas. A ellipse não o assustou, mas que fallasse ao povo, e não se descuidasse jamais da clareza, um dos seus mais luzantes predicados.

E' que se trata de uma dessas ellipses vulgarissimas, a que o mais chão discretoar do vulgo não se furta. São de cotio entre todo o mundo estas e outras phrases :

Só empregue a força, *sendo necessario*.

Valha-se dos seus amigos, se lhe parecer *necessario*.

Use dos meios, que *achar necessario*.

Sirva-se das armas, *sendo necessario*.

Recorra á fuga, caso *seja necessario*.

Envide os recursos, *que for necessario*.

Obre com a energia, que houver por *necessario*.

Renuncie as condições, *que entender necessario*.

Reprehenda com soberidade, *quando necessario*.

Dê de mão ás vantagens, *que seja necessario*.

Reuna os elementos, que *lhe pareça necessario*.

O adjectivo *necessario* na segunda oração de cada uma dessas phrases não concorda jamais com o substantivo da oração precedente, a que a interferencia do *que* figuraria ligal-o. Suppõe sempre terceiro verbo, ellipticamente omittido, que, em se enunciando, inteiraria a construcção grammatical deste modo: « Reuna os elementos, *que lhe pareça necessario reunir*. Renuncie as condições, *que entender necessario renunciar*. » E assim por deante.

A redacção do substitutivo, no topico de que me reprehende o mestre, é essa, grammaticalissima, usualissima, clarissima. Tanto

cu podia escrever « arbitrando as quantias, que lhe pareçam necessarias », concordando este qualificativo com as quantias, como redigir « arbitrando as quantias, que lhe pareça necessario », mediante aquella corriqueira ellipse, que mentalmente subentende alli repetido no infinito o verbo do particípio: « arbitrando as quantias, que lhe pareça necessario arbitrar ».

## § 73

## AS NÃO

285.— Mais uma vez a toirão<sup>1</sup> do mestre com a conjunção dessas duas particulas verbaes. Deixei liquidado o ponto noutro lugar; mas não se me dá de volver a elle.

Já FRANCISCO JOSÉ FREIRE dizia: « Os cacophatons INDISPENSÁVEIS são aquelles que resultam precisamente de duas vozes, ainda que estas se pronunciem bem, como v. g.: *as* junto ao adverbio *não*, ou a particula *no*. »<sup>2</sup> Podia acrescentar: a adversativa *mas* com as palavras *não*, *na*, *no*, *nas*, *nos*, *nada*.

São « cacophatons indispensaveis », diz CANDIDO LUSITANO. Não são cacophatons, penso eu. Poder-se-ia averbar de inharmonia ou desafinação um encontro de sons absolutamente imprescindível nas mais afinadas e melodiosas combinações musicas? Pois do mesmo modo não vejo que caiba incluir entre as cacophonias as junções de palavras imprescindiveis ao melhor uso de um idioma. Cacophonia quer dizer vicio de phonação no compor ou distribuir os vocabulos. E vicio é *desvio*, *anomalia*, *aberração*. Quando, pois, se trata de associações phonicas essenciaes ao jogo do idioma, não se podem tachar de viciosas. Logo, não se lhes ajustará o nome de cacophonias.

Serão cacophonicas as palavras *disputar*, *computar*, *imputar*, *reputar*, *reputação*, *imputação*, *computação*, *reputa*, *computa*, *imputa*, *disputa*, *depúta* e tantas outras do mesmo soar? Não. E porque? Porque a sua necessidade e immemorialidade habituaram o ouvido a escutal-as, sem as associar ás consomelhanças repugnantes, que no proprio contexto desses vocabulos se encerram. No mesmo caso estão; em nossa lingua e em todas as linguas, innumerous outros termos.

286.— Ora é o que se dá com esses criticos do *as não*, que os nossos grammaticos, obsessos de uma idéa imponderada, copiando-se uns aos outros, arguem de cacophonia. Ainda o pospor do *não* ao *as* poderíamos evadir, antepondo a negativa á variação prono-

<sup>1</sup> MORAES inscreve este substantivo como feminino; FIGUEIREDO, como masculino. HERCULANO, porém, nos seus romances, ora o emprega num genero, ora noutro.

<sup>2</sup> Parte II, § 33.

minal. O *mas não*, porém, o *mas na*, o *mas no*, o *mas nas*, o *mas nos*, o *mas nada*, em que se entranha da mesma sorte o *asão*, o *asna*, o *asno*, o *asnas*, o *asnos*, o *asnada*, interessam, em nosso idioma, a carne viva, e não poderiam ser proscriptos, sem que o mutilássemos, o decepássemos, o lacerássemos, o espoliássemos estupidamente.

Já se viu, noutra parte deste trabalho, a frequencia desse encontro entre o *mas* e o *não* nos melhores livros antigos. Do CAMÕES, postos de lado os *Lusiadas*, a que já me referi, as demais obras nos deparam frequentemente *mas não*, *mas nos*, *mas na*, *mas nada*, onde finas orelhas dão agora com o azurrar de *asões* (?), *asnas*, *asnos* e *asnadras*. Abram-se-lhe as *Obras Completas, edição critica* do Porto, e ver-se-á pastear todo esse gado por todas ellas: vol. I, p. 13, 21, 77, 59, 100, 118; v. II, p. 10, 35, 67, 92, 143, 169; v. III, p. 83; v. IV, p. 32, 116, 134, 143, 149, 153; v. V, p. 37, 52, 87, 105, 119, 156, 160, 161, 167, 187; v. VI, p. 99, 184.

Em FILINTO ELYSIO acabou a serie dos *antigos*. Pois é fulhear nelleão acaso, e sob os dedos nos enxamearão os pretensos cacophatons. Por exemplo: *as não* (v. III, p. 132, 185, 281; v. IV, p. 87; v. VI, p. 316; v. XI, p. 150; v. XII, p. 300); *mas não* (v. I, p. 146; v. II, p. 91; v. III, p. 46, 198, 302; v. IV, p. 93; v. V, p. 8, 194, 283; v. XI, p. 62, 132; v. XII, p. 32, 50, 139, 142, 161, 186, 196, 242, 248, 265, 271; v. XIII, p. 15, 141, 246); *mas na* (v. III, p. 221); *mas nada* (v. V, p. 179; v. X, p. 34; v. XII, p. 308; v. XIII, p. 85).

Não se trata, porém, meramente de uma forma «usada dos classicos», na phrase do mestre, phrase mui distante, por falha, da verdade, mas de formas vulgares, em todos os tempos, entre todos os que escrevem, e oram, e pregam, e conversam, e exprimem com a mais alta sciencia, com o mais peregrino estylo, com o mais apurado esmero, o seu sentir em lingua portuguesa. Já o demonstrei. Mas, uma vez que este azo me offeroem, aqui de novo insistirei por momentos.

Abram-se um por um os admiraveis livros de AL. HERCULANO. E' a cada passo *mas não*, *mas no*, *mas na*. No *Eurico*: p. 13 (*mas não pudora*); p. 70 (*mas não é*); p. 153 (*mas não cedom*); p. 190 (*mas não digas*). No *Bôbo*: p. 19 (*mas não vedes*); p. 28 (*mas no meio*); p. 92 (*mas na extensão*); p. 179 (*Mas não!*); p. 209 (*mas no meio*); p. 217 (*mas não consinto*); p. 230 (*mas não basta*); p. 242 (*mas não*); p. 259 (*mas não mancheis*; *mas nos seus*); p. 281 (*mas não tardou*); p. 291 (*mas não era*); p. 294 (*mas não tardaram*). No *Monje de Cister*: v. I, p. 26 (*mas não a dei*); p. 28 (*mas não pudo*; *mas notei*); p. 48 (*mas não havia*); p. 52 (*mas não disse*); p. 72 (*mas não confundia*); p. 87 (*mas não sei*); p. 89 (*mas não disse*); p. 118 (*mas não a viu*); p. 133 (*mas não para*); p. 293 (*mas não ha*); v. II, p. 43 (*mas no momento*); p. 98 (*mas não tem*). Nas *Leulas e Narrativas*: v. I,

p. 76 (*mas nunca*); p. 93 (*mas não se descuidara*); p. 99 (*mas no meio*); p. 221 (*mas não era*); p. 254 (*mas na terra*).

Veja-se em LATINO COELHO: «*Mas no presente.*» (*Oraç. da Coroa*, p. 17.) «*Mas não ha.*» (*Ib.*, p. 24.) «*Mas não tinha.*» (*Ib.*, p. 25.) «*Mas não eram.*» (*Ib.*, p. 43.) «*Mas não é.*» (*Ib.*, p. 63.)

De CASTILHO ANTONIO ao muito que alhures já registej, posso adicionar aqui, folheando-lhe o CAMÕES: «*mas não recita*» (p. 45); «*mas não vos esquecaes*» (p. 46); «*mas não o temo*» (p. 63); «*mas não era*» (p. 70); «*mas não hajaes medos*» (p. 79); «*mas não deve*» (p. 104); «*mas não me pertencem*» (p. 109); «*mas não importa*» (p. 131); «*mas não me hei de ir*» (p. 162); «*mas não era assim*» (p. 181); «*mas não a que animos vulgares julgariam*» (p. 192); «*mas não sei*» (p. 195); «*mas não irreparavel*» (p. 238); «*mas não dá*» (p. 259); «*mas nãoa impresso.*» (P. 205.)

Não acabaria, se quizesse colher tudo. Mas isso já sobeja ao meu proposito.

A cancellarmos, a deriscarmos do nosso idioma essas combinações daquelle adversativa com as particulas e palavras que a acção natural da linguagem lhe associa, lhe pospõe a cada momento, como as suppririamos, como d'ahi em deante fallariamos portuguez?

## § 74

## Art. 1.696

## AMBIGUIDADES

287.—Ponhamos em defrontação aqui o defeito e a emenda.  
Será o melhor meio de treplicar: a catureira do mestre.

## Projecto

## Substitutivo

Art. 1.696. O legado puro o simples confere ao legatario, desde a morte do testador, o direito, transmissivel aos seus successores, de pedir a cousa legada aos herdeiros instituidos.

Art. 1.696. O legado puro o simples confere, desde a morte do testador, ao legatario, o direito, transmissivel aos seus successores, de pedir aos herdeiros instituidos a coisa legada.

Nega o mestre que, no projecto, a expressão «*aos seus successores*» se arrisque a parecer relativa aos *successores do testador*. Ella não se póde referir, sustenta o dr. CARNEIRO, «*senão ao vocabulo legatario, objecto indirecto de confere, e não a testador, que faz parte do complemento circumstantial desde a morte do testador.*»

Por mais que ou admire, porém, esse metaphysicar, não o ontendo. Bem se vê que *testador* faz parte do complemento circumstantial. Mas onde estará, grammaticalmente, nesse facto o obstaculo a que ao vocabulo *testador* se refira o possessivo *seu*, da oração posterior e visinha? Eu por mim não atino a descobrir. E, como não sou havido em conta de toupeira entre os meus

collegas de fóro, ha-de ser provavel enxergarem outros tão mal quanto eu a evidencia, que o mestre alli divisa.

Evidente o que se me antolla, é que, antes da expressão *aos seus successores*, ha na phrase dois nomes de pessoa; *legatario* e *testador*. Ora assim o *legatario* como o *testador* podem ter *successores*. Logo, empregando-se a expressão *seus successores* depois de *legatario*, o de *testador*, é de presumir se refira, dos dois substantivos, ao mais visinho. Esse é *testador*. Logo, *aos successores deste* é que devo inferir ali se alluda. Mas o intento da codificação é que se referisse aos successores do *legatario*. Logo, mal redigido, obscuro está o texto; e cumpre clareal-o.

Agora incomodarmo-nos com um hyperbaton, numa lingua de inversões e transposições como o português, não é serio. Ao hyperbaton exaggerado, á synchyse, que arroyesa o dizer, e tolda o pensamento, isso sim, comprehendo que se objecte. Mas na especie tal não há. A circumstancia de tempo «*desde a morte do testador*», mediante entre o verbo *confere* e os seus complementos, não enturva á phrase o pensamento, não lhe empana a clareza. E a clareza é o essencial, a clareza associada á vernaculidade.

Vem-nos, porém, o mestre com o «*melhor soido*». Prefiro (e cuido não errar) um texto, que me soe menos bem, mas tenha unicamente um sentido, a uma ambiguidade elegante e sonora. Entretanto, na hypothese, juraria eu que a orelha do mestre o engana. E cotejar as duas relacções. Alli estão defrontantes. Quem quizer, por si mesmo o julgue.

288. — Ainda um reparo fizera eu á contextura do projecto. Dizendo «*pedir a coisa legada aos herdeiros instituidos*» não se diz claramente «*pedir aos herdeiros instituidos a coisa legada*». Mais parece tratar-se de um pedido, cujo objecto seja *a coisa legada aos herdeiros instituidos*, que de pedir a estes a coisa objecto do legado. Contra esta duvida, que não pode negar, tudo fia o mestre do sentido. Mas bem não vae a lei, em que o sentido e a expressão entre si collidirem. E porque não os afinarmos um ao outro? Bastava transpor a redacção do projecto. E' o que fiz. Onde elle resava: «*pedir a coisa legada aos herdeiros instituidos*», rectifiquei: «*pedir aos herdeiros instituidos a coisa legada*». No primeiro caso a duas significacções entre si contrarias se amolda o texto. No segundo não pode ter senão uma.

Pois o mestre profere á versão inequivoca a redacção dobre. Gostos.

§ 75

Art. 1.772

«**MAIS DE UM QUE TENHAM**»

289. — Teve aqui um fartão de alegria o mestre, com a oppor-  
tunidade, que se lhe deparou, de mostrar que o seu laureado

alumno de outros tempos não sabe hoje concordar o verbo com o agente, que o escriptor condecorado pelo dr. CARNEIRO, nos seus *Serões*<sup>1</sup>, com os epithetos de « esclarecido e exímio » babuja o nosso idioma como qualquer tamanheiro de obra grossa.

O erro chambão é alvar; de que me achaca, resulta, entretanto da simples differença de uma letra, um *m* de mais, que escapou aos revisores. Está no impresso: « Havendo *mais de um* testamenteiro, que *tenham* accedido. » Havia de ser: «... que *tenha* accedido ».

Só a iniquidade insigne desta critica me supporia capaz de semelhante alarvaria grammatical. Creio bem não me teriam por accusavel dessa asneira de preto novo nem na minha meninice, nos tempos em que o corpo docente do *Gymnasio Bahiano*, um de cujos ornamentos era o professor CARNEIRO, me condecorava como o primeiro dos seus alumnos.

**290.**— Omissões de palavras inteiras, entretanto, e erros grammaticaes de toda a ordem, no seu projecto, lança-os o mestre á conta dos compositores e protos, cujos descuidos tanto irritavam a FILINTO ELYSIO.<sup>2</sup>

Aqui (art. 182, § 8º) são os vocabulos « o prazo », que elle se lastima de lhe haverem comido.

Alli (art. 1.164) é o substantivo *vendedor*, que lhe trocaram em *devedor*.

Acolá (art. 1.084) um « *communica-o* »; que, em grave damno do sentido, lho mudaram em « *communica-a* ».

Ora (art. 1.129) queria a redacção dizer: « as coisas *que communmente se recebem* »; o, sem tom nem som, lhe saiu a desmarcada tolice de « coisas *que communmente receberem* ».

Ora (art. 1.545) lhe erram o casar do adjectivo com o substantivo, singularizando-lhe em *este* o plural *estes*.

Nem a concordancia dos verbos lhe fica illosa. Onde tinha de ser plural (art. 593), assacam-lhe o solecismo de um singular. Era « a quem *incumbirem* as mesmas vias »; e fizeram-lhe escrever: « a quem *incumbir* as mesmas vias. »

Pois só a mim é que não poderia succeder, na typographia, o erro de uma letra? Ao projecto CARNEIRO lhe somem, neste ultimo caso, duas. Ao meu substitutivo não se admitte que me acrescentassem uma. A elle invertem-lhe o plural em singular. E quem responde, são os impressores. A mim demudam-me um singular em plural. E sou eu que respondo.

**291.**— Mas, circumstancia curiosa, em que a malicia recebo uma lição a ponto. Agora mesmo, nas *Ligeiras Observações* do mestre,

<sup>1</sup> P. 295.

(<sup>2</sup> « ... erratas de impressão, logro de obreiros, gatunices do proto... » *Obras*, I, p. 272.)

pag. 8, col. 1<sup>a</sup>, o fazem réu de uma punhalada na syntaxe dos verbos, attribuindo-lhe a sentença «Não nos parece de bom cunho as phrases», sentença em que o sujeito plural *as phrases* anda ás testilhas com o verbo no singular *parece*.

292.—Desses equívocos encontramos não raro avultados exemplos nos melhores escriptores. Aquí vão por mostra alguns.

Primeiramente, *do singular pelo plural*:

GIL VICENTE :

« Seus olhos maravilhosos

Fontes d'agua parecia. »

(Obr., v. III, p. 348.)

D. DUARTE : « *Todallas doores pera esta mo parece-ria de saúde.* » (Leal. Conselh., p. 118.) « *Per o qual se defende todas mentiras.* » (Ib., p. 240.) « *Busquesse boos amygos.* » (Ib., p. 226.) « *Em todos casos que se offerecia.* » (Ib., p. 465.) « *Pera se fazer grandes lanças.* » (Livro da Ensinança, p. 624.)

FERNÃO LOPES : « *Pareceu-lhe as razões boas.* » (D. João I, p. I, c. 4.) « *A elle proveiu des-aí, com esto, costumês de grande avisamento.* » (Ib., c. 16.) « *Estava em guarda trinta ginetes.* » (Ib., c. 146.) « *Já era horas de vespora, quando os castellãos foram pres-tes de todo.* » (Id., p. II, c. 42.) « *Alguns peccados o damnados costumes dos gentios, que se em ella de longo tempo usava.* » (Id., c. 41.)

BERNARDIM RIBEIRO : « *As affrontas e grandes aventu-uras que ella contava me fazia a mim haver dó delles.* » (Men. e Moça, c. 3, p. 39.)

CAMÕES :

« Fizestes verdadeiros os receios

A que confusamente me levavas. »

(Obr., v. IV, p. 117. Egl. XI.)

DUARTE NUNES : « *E a parte, porque mais se acquire as vontados.* » (Crônicas del Rey D. João, D. Duarte e D. Aff. V: Ed. de 1780: V. I, p. 59.) « *Aconteceu que dous besteiros, um da villã, e outro do arraial, atirou um ao outro.* » (Ib., p. 164.) « *A occupação dos nobres eram aquella noite fallarem nos casos que lhes aconteceram.* » (Ib., p. 455.) « *Não foi muito não lhe succeder bem, e não se lhe perdoar dos homens bons, e graves, os infortu-nios, que depois lhe succederam.* » (Ib. v. II, p. 56.) « *Accordaram de se mandar a Portugal outros embaixa-dores.* » (Ib., p. 151.) « *E como os corações dos impios*

andem sempre em *tempestades*, que os não deixa asso-  
cegar.» (*Id.*, p. 173.) «E assi as *ilhas da Madeira*, e dos  
Açores, das Flores, e do Cabo Verde, e a Conquista do  
reyno de Fez, *ficasse para sempre aos reys de Portu-  
gal*. E que, *as ilhas das Canarias*, com a conquista do  
reyno de Granada, *ficasse aos reys de Castella.*» (*Id.*,  
p. 455.)

FR. LUIZ DE SOUSA: «Suspeito muito que se nessa  
terra se *permittisse alguns destes falsos Evangelistas*,  
ajuntariam muitos discipulos.» (*V. do Arcebispo*, l. II,  
c. VII. Ed. de 1890, v. I, p. 224.)

VIEIRA: «Não se me *tira da memoria as muitas  
vetes*, que v. s.<sup>a</sup> em todas suas cartas repetia este nosso  
desmerecimento.» (*Cart.*, I, p. 172.) «Aqui não ha  
novidades, antes se *queixam os lavradores dese ter dimi-  
nuído muito as que esperavam de vinho.*» (*Id.*, III, p. 80.)  
«Aos reys *as sortes os faz senhores.*» (*Obr. Inedit.*, II,  
p. 132.) «Ao compasso de *uma mão se ajunta muitos  
coros.*» (*Id.*, p. 143.) «Por maior cuidado se *adverte*  
aqui *as circumstancias que o mesmo milagre mostra.*»  
(*Id.*, p. 153.) «Toda a grandeza da estatua de Nabuco  
caiu em terra, porque *foi o tiro só aos pés que a susten-  
tava.*» (*Ined.*, v. II, p. 167.) «Para-se fazer uma lei,  
*se requer seis condições.*» (*Id.*, v. I, p. 207.)

JOÃO DE BARROS: «E por isso me *fica deste meu  
trabalho duas esperanças.*» (*Dial. da Viciosa Vergonha*,  
p. 299.) Como *estas indignações que os homens tem nos  
casos de conjuração perdida se remata na esperança de  
se poderem vingiar.*» (*Dec.* III, VI, 6. VI, p. 59.) «*Os  
principaes foi Jai — o Correa Alcaide mór de Pondá.*»  
(*Dec.* III, VII, 10. V. VI, p. 221.)

FILINTO ELYSIO: «*Correres vós!*» (*Id.*, v. XIII,  
p. 57.)

A. HERCULANO: «Võem fugir aquella teia enro-  
dada, que *as franças das arvores lhes afigura como  
lançada sobre o chão do firmamento.*» (*Eurico*, p. 219.)

C. CASTELLO BRANCO: «*Pede que se lhe dê mais  
alguns cruzados.*» (*Narcot.*, I, p. 95.) «*Os sons cla-  
morosos e a musica pungitiva vinha do lado.*» (*Mem.  
do Carc.*, II, 33.) «*Trocamos certas phrases, das quacs  
apenas me lembra duas.*» (*Carar em Ruínas*, p. 251.)  
«*Os criados... não ousou tocar-lhes.*» (*O Esqueleto*,  
p. 274.) «*Coube-lhe dez contos de réis.*» (*Myst. de  
Fufe*, p. 46.)

Outras vezes, *exactamente como no meu caso*, e o plural, que  
escapa inadvertidamente pelo singular: «*...*»

FERNÃO LOPES: « Taes *haviam* que certificavam que o mostre era morto.» (D. João I, p. 1, c. 12.) « O coração de quantos hi *haviam* era dado a grandes pensamentos.» (Ib., c. 20.) Noutro logar, de que perdi a nota: « Cada *uma* das virtudes são merecedoras.» Ainda: « Deu-lhe el-Rei procuradores para receber por elle menagens daquelles a que *pertemem* de as fazer.» (Ib., parte II, c. 141.)

DUARTE NUNES: « Havia differenças sobre os danos, que cada um dos ditos reynos *haviam* recebido dos outros.» (Op. cit., v. I, p. 498.) « Não *deixaram de* haver escaramuças, em que houve mortos e feridos do uma parte e outra. (Ib., p. 347.) « *Houveram* algumas escaramuças. (Ib., p. 457.) « *Começaram a* haver grandes differenças.» (Ib., v. II, p. 91.) « Fazer resistencia a quaesquer movimentos, que naquella comarca *houvessem*.» (Ib., p. 139.) « O infante respondeu que, para se tomarem nelles conclusão, era necessaria a presença da rainha.» (Ibidem.) « Com ella se não *achavam* então nenhum dos grandes do reyno.» (Ib., p. 346.)

JACINTO FREIRE: « Um galeão que jugava duzentas peças de bronze, o maior que até aquelles tempos surcaram nossos mares.» (V. de D. João de C., I, 10.)

VIEIRA: « E ainda que *haja* outras razões.» (Inedit., v. II, p. 32.)

MANUEL BERNARDES: « Bemaventurado tu, meu Hadriano, que tão venturosamente achastes as riquezas... Verdadeiramente na flor de teus annos, fostes dar com um thesouro.» (V. M., v. II, p. 71.) « O fundo destes montes são uma parte pertencente a algum dos infernos.» (Ib., p. 220.) « Assim aqui o thesouro de Agostinho, que são as chagas de christo, estão onde o seu coração.» (Ib., v. IV, p. 104.) « Que isso *significam* aquelle Dicere ad illos.» (Luz e Calor, p. 97, n. 118.)

FILINTO ELYSIO: « E se ainda *houverem* prolixos ociosos editores.» (Obr., v. VI, p. 41.) « Apenas *houveram*.» (Ib., v. XIII, p. 328.) « Que ellos sós merecem que se nelles *fallem*.» (Ib., v. XVII, p. 138.)

<sup>1</sup> Advirta-se em como logo na segunda proposição « *houve* mortos e feridos » se corrige o descuido occorrente na primeira: « Não *deixaram de* *haver* escaramuças. » O mesmo no exemplo anterior, com a phrase « *havia* differenças ».

<sup>2</sup> Conhece-se a inadvertencia desta syntaxe, porque nos demais logares usa FILINTO correctamente, em taes casos, do verbo no singular:

« Houve dois cidadãos numa cidade. »

(Obr., v. III, p. 301.)

« *Havia* commentadores ás carradas. » (Ib., v. V, p. 34.)

CASTILHO: « Chegam a afirmar *haverem* por lá, ainda no seculo passado, hospitaes. » (A *Primavera*, p. 275.)

A. HERCULANO: « *Eram* perto das seis horas. » (O *Monge de Cist.*, v. I, p. 143.)

C. CASTELLO BRANCO: « Eu tinha lido que o *cadaver* dos *envenenados*... *resistiam*, ás vezes, mais ou menos tempo, á *corrupção*. » (Narcot., I, p. 40.) « *Nenhuma* dessas *phrases denotam idéas*. » (Othello, p. 35.) « O *relaxamento* do musculo das *facos pareciam descair*. » (Mem. do *Carc.*, I, p. 155.)<sup>1</sup>

LATINO COELHO: « A *tendencia* cada vez mais viva e manifesta de estreitar em laços intimos o homem e a natureza, — caracter fundamental da sciencia em nossos dias, *são* já visiveis nas feições intellectuaes de Humboldt. » (Elog. *Academ.*, v. II, p. 358.)

JOÃO RIBEIRO: « Em geral o *archaismo representam* coisas que não existem. » (Grammat. *Port. Curso Sup.* p. XXIV.)

Outras occasiões é a pessoa dos verbos que desmente a dos pronomes. Assim, em VIEIRA, *Serm.* IV, p. 46: « *Vós ir* padecer e morrer ás mãos de vossos inimigos? » « *Mas vós foste* eleito. » (A. HERCULANO: O *Monge*, v. II, p. 30.)

Alguns topicos nos apresentam em pessoas diversas dois verbos obrigados á mesma pessoa. Tal em AL. HERCULANO, O *Bôbo*, p. 244: « *Dissestes-me* que não *tinhas* de mim prestamos. » Tal, ainda, em CASTELLO BRANCO, Os *Martyres*, v. I, p. 14: « *Poupae* uma virgem indiscreta; não *a trespasses* com as tuas frechas. »

Succede, até, deturparom-se grosseiramente as flexões terminaes do verbo. « *Resurga*! » diz o texto de CASTILHO ANTONIO nas *Georgicas* (p. 137), em vez de « *Resurge*! » « *Quando nellas intervier*, » escreve CASTILHO JOSÉ, na sua *Orthographia* (p. 190), em lugar de « *quando intervier* ».

293. — O dr. CARNEIRO mesmo, até elle, o justiça maior das minhas culpas grammaticaes, não se livrou desses solecismos casuaes, um de cujos mais notaveis exemplos é o que nos doparam os seus *Serões* (p. 20) neste solemne trocho:

« O *estudo* dos metaplasmos *são* de importancia capital. »

Não é um colectivo o vocabulo *estudo*, para se pretender que alli concorde com o determinativo plural o verbo *são*. Temos, portanto, um solecismo flagrantissimo na sentença « *O estudo são* de importancia ». »

<sup>1</sup> Ver diversos outros exemplos desta incorrecção (nos livros de CAMILLO) aqui adiante, n. 358.

Ora imaginem que eu me puzesse a leccionar o dr. CARNEIRO: «O estudo são não se diz»; ou a JOÃO RIBEIRO: «O archaismo representa é erro»; ou a LATINO COELHO: «A tendencia são não se escreve»; ou a CASTELLÓ BRANCO: «O cadáver resistiam é bernardico»; ou a CASTILHO: «Haverem hospitaes é dislate.» Que me diriam? Provavelmente que me estava a armar facéis triumphos, aproveitando com pouca lealdade casos fortuitos, por enxovalhar de solecistas os melhores escriptores.

Pois é o que commigo se faz. Não se há mister de avultar entre os melhores autores, para saber a concordancia do verbo com o sujeito. Com essas noções rudimentares só não estarão correntes os zotes da escola primaria.

## § 76

## Art. 1.799

ECOS EM AÔ

291.—Rese esta disposição no projecto:

« Quando os netos succedorem aos avós, representando seus paes, trarão á collação o que os ditos seus paes deviam conferir, ainda que não hajam herdado. »

Censurei a assonancia trarão á collação. Não será assonancia? E'. Não será desagradavel? E'. Não será evitavel? E'. Logo, evitemol-a.

Assim é que se havia de haver o mestre, se entrasse despreocupado neste debate. Longe disso, porém, como lho não era possivel nogar a mácula indicada, envida, por me apontar eguaes, os meios e modos em que se distingue o espirito de sophisma. Se assonancias commetti eu, *quid inde?* Apenas que rolevaria corrigilas. Mas onde as foi esquadrinhar o dr. CARNEIRO? No meu substitutivo? Não. Em uma das minhas notas. E que tem o codigo civil com a grammatica das minhas annotações?

Vejamus em todo o caso, porém, o excerpto sacado á luz pelo mestre. Eil-o, o meu corpo de delicto:

« Com esta relação e pontuação, temos a doação feita no inventario de cada conjugue, verdadeiro despropósito, quando o que se intenta significar, é que em cada um desses inventarios a collação se effectuará por metade. »

Nestas linhas sublinha o dr. CARNEIRO os quatro substantivos em *do*. Porque? Acaso pretendi eu jamais que dessemos cabo dos nomes em *do*? Tal velleidade só em nescios caberia. O meu empenho era que no texto do codigo, esmerado como deve ser, não se deixassem ecos e, especialmente, os mais feios de todos elles: os ecos em *do*.

Ora bem. Teremos, realmente, nas quatro palavras em italico daquello texto meu, ecos em *ão*? Não: temos apenas um em *redacção* e *pontuação*. *Doação* já não produz eco; porque a voz, ao lermos, não pausa nesse nome: incorpora-o ao participio subsequente, enunciando como um só vocabulo a *doação feita*. Quanto a *collação*, a distancia e as orações interpostas obstariam ao eco, ainda quando elle fosse possível, estando esse substantivo alli, como está, posto de modo que a terminação malsoante se articula e dilue nos vocabulos subsequentes, lendo-se de enfiada: a *collação se effectuará*.

Disto já disse eu mais largamente a proposito da nota CARNEIRO ao art. 10.

## § 77

Art. 855, § un.

ECOS EM *ÃO*

298.— Eis lado a lado o projecto e o substitutivo:

§ unico. A hypotheca se restringirá á linha ou linhas comprehendidas no titulo e ao respectivo material de *exploração*, no estado em que se acharem ao tempo da *execução*. Isto não obstante, poderão os credores hypothecarios oppor-se á venda da estrada, ou de alguma de suas linhas ou ramaes, ou de uma parte considerável do material de *exploração*, assim como á fusão "com outra companhia, sempre que julgarem diminuida a garantia da divida.»

§ unico. A hypotheca será circumscripta á linha ou linhas especificadas na escriptura e ao respectivo material de *exploração*, no estado em que ao tempo da *execução* estiverem. Não obstante, os credores hypothecarios poderão oppor-se á venda da estrada, á de suas linhas, de seus ramaes, ou de parte considerável do material de *exploração*, bem como á fusão com outra companhia, sempre que a garantia do débito lhes parecer com isso enfraquecida.»

Observa o mestre que «a emenda não diminuiu o numero de palavras, nas quaes se ouve o som de *ão*».

Sophisma. E' pueril estarem-se a contar os vocabulos acabados em *ão*, quando o de que se trata, é daquelles em que o *ão*, ultimando períodos, ou accentuando phrases, *resoa* á maneira de *eco*, ou *rima*. Tal o que se dá, no projecto, com a desinencia de *exploração* e a de *execução*, as duas unicas a que eu puz sublinha.

Considere-se bem nisto. Só aquelles dois vocabulos estampej em grifho. Não o fiz aos outros, que lhes succedem, egualmente em *ão*: *não*, *poderão*, *exploração*, *fusão*.

Porque?

Porque esses, *embebidos* nas orações de que participam, não se ouvem nas pausas do recitar, e, portanto, não ecoam, não rimam.

E' o que succede ás seis palavras em *ão*, notadas no substitutivo. Lá se acha n, sim, mas sem inconvenienciã, taes como as quatro do projecto que não censurei ; porque o contexto da phrase as absorve, as envolve, ás amalgama, e não lhes permite conso-narem.

Bem pouco observador será o dr. CARNEIRO, se de tal não deu tino.

78

Art. 655

ECOS EM *ÃO*

296. — O projecto aqui se exprime nesta fórma:

« Quando uma obra feita por *collaboração* não for susceptivel de *divisào*, nem estiver comprehendida na *disposiçào* do art. 655, os *collaboradores* *gosarào*, não havendo *convençào* em contrario, de direitos iguaes, não podendo qualquer delles, sem o consentimento dos outros, sob pena de *indemnizaçào* por perdas e damnos, reproduzil-a, nem autorizar a sua *reproduçào*, salvo quando feita na *collecçào* de suas obras completas.»

Quantos *ecos*. ?

« Quando uma obra feita por *collaboração* não for susceptivel de *divisào*, os *collaboradores* *gosarào*  
.....  
nem autorizar a sua *reproduçào*...»

Não são, portanto, os *ecos* tantos quantos ou contara, isto é, são tão sómente *quatro* ; visto que as outras palavras de igual desinen-cia, *não, convençào, indemnizaçào, disposiçào, collecçào* se dissimulam no contexto do phraseado, e por isso não resoam. Mas são, em todo o caso, *quatro* *ecos*.

Substitui eu :

« Quando uma obra, feita em *collaboração*, não for divisivel, nem couber na *disposiçào* do art. 655, os *collaboradores*, não havendo *convençào* em contrario, terão entre si direitos eguaes ; não podendo, sob pena de responder por perdas e damnos, nenhum delles, sem consentimento dos outros, reproduzil-a, nem lhe autorizar a *reproduçào*, excepto quando feita na *collecçào* de suas obras completas.»

Declamado o trecho, tel-o-emos decomposto assim:

« Quando uma obra,  
feita em *collaboração*,

... não for divisivel, nem couber na disposição do art. 656, os collaboradores, não havendo convenção, em contrario, terão entre si direitos eguaes; não podendo, sob pena de responder por perdas e damnos, nenhum delles, sem consentimento dos outros, reproduzila, nem lhe autorizar a reproducção excepto quando feita na collecção de suas obras completas.»

Haveria ali algum equívoco? Poderiam occasionalmente os dois nomes *collaboração* e *reproducção*, a não se acharem tão longe um do outro. Os mais obvios é que o não fazem. Pouco importa que as palavras findas em *ão* sejam alli *nove*, como contou o mestre, incluindo até os *ãos* postos em começo de sentenças; pouco importa sejam nove, ou noventa; uma vez que a composição da phrase os embeba, e iniba de resoarem.

E' o que o mestre não quer entender, claudicando nisto como desattento alumno, ou insigne sophista.

## § 79

## Art. 592

Todo o, todo

297. — Como neste artigo se lhe deparass a expressão *todo proprietário*, e pôr varias vezes se lhe offercessem, no correr do meu trabalho, locuções, onde ao *todo* se segue immediatamente o substantivo determinado, aproveitou o ensejo o dr. CARNEIRO, para dissertar da materia, a cujo proposito desenganadamente sustenta ser inevitavel hoje o artigo entre aquelle adjectivo e o nome a que adhere.

Sempre costumei escrever assim. Haja vista as minhas *Cartas de Inglaterra*, o ultimo dos livros meus em cuja revisão alguma diligencia empreguei. Tomo dalli alguns excerptos:

- « Por toda a parte. » (P. 48.)
- « Toda a minha vida. » (P. 212.)
- « A arte da transacção, a que se reduz toda a sabedoria politica e todo o segredo da vida. » (P. 221.)
- « Para todos os tempos e para toda a parte. » (P. 225.)

- « Por toda a parte. » (P. 226.)  
 « Em toda a parte. » (P. 240.)  
 « Em todo o seu decurso. » (P. 268.)  
 « Toda a sua carreira. » (P. 274.)  
 « Toda a gente sabe. » (P. 308.)  
 « Por toda a parte até hoje. » (P. 398.)  
 « Percorrei toda a Europa. » (P. 398.)  
 « Todos os sons. » (P. 222.)  
 « Todas as autocracias. » (P. 304.)

Mas nem por isso me conformo com a proposição do mestre, canon tão absoluto quão arbitrario, que, sem fundamento, despoja a nossa lingua de uma variação grammatical tão legitima e util, como a que se quer favorecer com o privilegio exclusivo de legitimidade.

298. — Sempre usaram os nossos classicos indifferentemente de *todo* ou *todo o*, seja quando esse adjectivo corresponde ao latino *omnis*, seja quando substitue o *totus* romano, a saber, assim nos casos em que exprime a totalidade de uma coisa, como naquelles em que significa o total de muitas.

Vede, por exemplo, os *Lusiadas*.

Ora: «toda a suspeita» (II,6); «toda a cousa viva» (III,64); «gentes de todo o reino» (III,68); «em quem se encerra todo o valor» (IV,30); «por todo o largo mar»; «que toda a terra é patria para o forte». (VIII,63.)

Ora: «tu com toda armada» (II,3); «toda sorte de tormentos» (III,39); «em toda parte» (IV,25); «perdições de toda sorte» (V,44); «em toda parte» (X,67); «de toda sorte» (X,127); «toda ambição terão por vento». (X, 14.)

A's vezes encontramos contiguas uma á outra, as duas fórmas: «Toda a sua alma e todos seus espiritos.» E' de VIEIRA (*Serm.*, III, 316) este trecho. O uso mais frequente, porém, nesse classico, assim como nos demais, é o de se eximir ao artigo: «O peccador se arrepende de todo coração.» (*Serm.*, III, p. 29) «Providencia que não é de todo tempo, de todo logar, nem de todo perigo.» (*Serm.*, v. VI, p. 172.) «O maior perigo em que jamais se viu toda Polónia.» (*Ib.*, v. IX, p. 83.) «Elle o todos seus descendentes.» (*Ib.*, v. XI, p. 16.) «Os navios hajam de estar em Lisboa por todo março.» (*Cartas*, v. IV, p. 149.) «To-lo genero do vicios.» (BRITO: *Monarchia Lusitana*, v. I p. 11.) «De todo ponto.» (*Ib.*, p. 12.) «Com toda sua familia.» (*Ib.*, p. 62.) «Toda outra cousa.» (FERREIRA: *Obras*, v. I, p. 63.) «Dina de om toda lingua ser cantada.» (*Ib.*, 64.) «E resplandecorão em toda idade.» (*Ib.*, 74.) «Em toda parte.» (*Ibid.*) «Em toda outra parte.» (*Ib.*, 86.) «Luz clara, que todo homem alumias.» (*Ib.*, p. 107.) «Em todo mundo novas estatuas se ergam.» (*Ib.*, p. 119.) «Em toda parte.» (*Ib.*, p. 141, 148, 163, 183, 168.) «Canta toda

ave canto de alegria.» (Ib., p. 168.) «Toda piedade e amor que se devia.» (Ib., p. 181.) «A todo mundo, ao mundo t.do cabe.» (Ib., p. 199.) «Soberbo vae em todo estado.» (Ib., p. 212.) «De toda flor que em Papho e Guido cheira.» (Ib., p. 255.) «Cilicios u.ava em todo tempo.» (SOUSA: *Vida do Arc.*, l. I. c. 11.) «Toda Arabia.. todo Egypto.» (BARROS: *Dec. I*, l. I, c. 1, p. 2.) «Toda Hespanha.» (Ib., p. 6.) «Laranjeiras que todo anno tem fruto.» (GOES: *D. Manuel*, f. 99.) «Toda sua casa.» (Ib., f. 109.) «Todo genero de mercadorias.» (Ib., f. 93.) «Toda ajuda.» (Ib., f. 94.)

299. — Pretende, porém, o dr. CARNEIRO que esta fórma se antiquou de todo em todo, invocando o patrocínio de CASTILHO JOSÉ, no sentir de quem «não a poderíamos empregar hoje, sem incorrer na taxa de exotico ou afrancesado». Como incorrer na pecha de exotica, ou afrancesada, precisamente aquella das duas locuções, que entre os bons autores vernaculos campeou sempre de predilecta?

Ao parecer de CASTILHO JOSÉ contraponho o de CASTILHO ANTONIO, mestre e oráculo do irmão.

Vejam :

«Gessner, no qual e na escolha de poesias allemãs por Huber, andou por alguns annos cifrada toda minha leitura.» (A *Primavera*, p. 11.)

«O sol da primavera com toda sua magnificencia.» (Ib., p. 83.)

«O alicerce de toda a rhetorica e logica, a primaria condição de todo o discurso e a indispensavel argamassa de todo edificio de sciencia.» (*Metamorphoses*, prol., p. XXI.)

«Ficar no santuario intimo para todo sempre inspirativo.» (A *Amor e Melancol.*, p. 203<sup>1</sup>)

«Perdido para todo sempre.» (Ib., p. 231.)

«Hão de ser para todo sempre o sou mais incontestavel titulo de glória.» (*Fastos*, v. I, p. x.)

«Quando haja de morrer á mingua de todo humano soccorro.» (A. HERC.: *Lendas*, v. I, p. 273. A *Abob.*, IV.)

CASTILHO e HERCULANO não estão sós. SOTERO DOS REIS, mestre entre os mestres, escreve, ao mesmo teor:

«Concedendo-lhes favores de toda especie.» (*Postil. de Gramm.*, ed. de 1863, p. XIV.)

<sup>1</sup> Todo o sempre, nos *Fastos*, v. I, p. 283: «Fenix permanecerá para todo o sempre.»

<sup>2</sup> FILINTO ELYSIO usava da mesma syntaxe :

«A toda hora ás visinhas apregoa.»

(*Obras*, v. VIII, p. 179.)

« Toda reunião de palavras, a qual fórma um sentido, é uma proposição. » (*Ib.*, p. 1.)

« Complemento é toda palavra ou oração que completa o sujeito ou o attributo. » (*Ibidem.*)

Mais difficil de se ageitar ao ouvido moderno é o plural de *todos* sem a subsequencia do artigo. E JULIO RIBEIRO, na sua *Grammatica* (p. 237) declara « sempre obrigatorio », neste caso, « o uso do artigo ». Da praxe contraria, todavia, quem nos dá o exemplo? Justamente CASTILHO JOSÉ, que na *Prefação da Arte de Amar* (v. I, p. xxxii) escreve:

« E' que Ovidio trazia entre mãos *todas suas* composições eroticas. »

Semelhantemente escreveu ANTONIO DE CASTILHO :

« De *todas suas* manchas. » (*A Primavera.*, p. 42.)

« *Todas suas* idéas. » (*Ib.*, p. 160.)

« Com ser immensa, se compõe em *todas suas* partes de elementos minimos. » (CASTILHO: *Camões*, p. 257.)

« Convidada e recebida com *todas suas* gallas. » (*Ib.*, p. 231.)

« Tal primavera com *todas suas* circumstancias. » (*Am. e Mel.*, p. 196.)

« Em *todas suas* cousas tão feiticceiro. » (*Metamorph.*, p. 277.)

« E' o unico movel de *todas suas* idéas. » (*Ib.*, p. 299.)

« São, em *todas suas* partes, um dos mais admiraveis trechos. » (*Ib.*, p. 304.)<sup>1</sup>

**300.** — Já se vê que com o exemplo dos classicos, antigos, ou modernos, se abona a suppressão do artigo em seguimento ao adjetivo *toda*, ou este, na phraseologia adoptada pelo dr. CARNEIRO, Indique o todo logico, ou designe o todo physico, isto é, ou corresponda ao universal distributivo *cada, cada um*, ou traduza a concepção de inteiréza numa só coisa.

Mas os grammaticos?

A esses quer pôr lei o mestre, estabelecendo a necessidade absoluta do artigo, assim em um, como noutro caso. Não se poderá dizer senão *toda a casa*, em se querendo fallar *na casa toda*. Não se poderá dizer *senão*, do mesmo modo, *toda a casa*, em se alludindo ás *casas todas*, ou, o que o mesmo é, a *cada uma* das casas.

<sup>1</sup> Assim usavam de ordinario os classicos: « E *todas outras* cousas que façamos. » (D. DUARTE: *Leal Conselheiro*, p. 232.) « Quem senão Deus poderá fazer *todas suas* obras perfectas? » (BERNARDES: *Luz e Calor*, n. 116, p. 94.) Semelhantemente, GOES: *D. Manuel*, f. 94 v. e FERREIRA, v. I, p. 311, 346, 350, 372, 377, 384, 482, 491.

Estará porém, com o dr. CARNEIRO o consenso dos grammaticos ? Não. Delles ha que sustentam a dispensabilidade vernacula do artigo num caso; delles, que a permittem no outro.

Vel-o-emos, examinando as duas hypotheses, qual a qual de por si.

1<sup>a</sup>) Aqui o *todo* exprime totalidade: «*Toda a casa está cheia de ratos.*» Admitte-se nesta situação grammatical a eliminação do *a* ? Não, responde, com o philologo bahiano, o grammatico JULIO RIBEIRO. (*Gramm.*, p. 236, n. 397.)

Mas LAMEIRA DE ANDRADE e PACHECO JUNIOR ensinam que ali é *facultativo* o emprego do artigo. (*Noções de Grammat.*, p. 441, n. 52. *Gramm. da Ling. Port.*, p. 582, n. 179.)

2<sup>a</sup>) Aqui, distributivo proprio, o *todo* faz as vozes de *cada*, ou *cada um*: *Toda a hora. Todo o momento. Todo o homem.* Segundo o professor CARNEIRO só assim se pode escrever. Nunca jamais, *toda hora, todo momento, todo homem.*

Pois bem: oppostamente se pronunciam LAMEIRA DE ANDRADE, AUGUSTO FREIRE e, até, JULIO RIBEIRO.

LAMEIRA e PACHECO, digo eu, porquanto declaram que «hoje mais se generalizou o emprego do artigo»; o que importa reconhecerem ainda em uso, posto não tão corrente; a outra fórma. (*Gramm.*, p. 572.)

AUGUSTO FREIRE; porque formalmente ensina que, em hypotheses taes, não se usa o artigo: «*Omitte-se o artigo depois do adjectivo todo, toda,* quando é distributivo proprio, ou tem a significação de cada: «O cumprimento de *toda obrigação* contrahida é um dever sagrado», isto é, «o cumprimento de *cada obrigação*, etc.» (*Gramm. Port.*, p. 313, n. 11.)

JULIO RIBEIRO, emfim; por isso que, na sua *Grammatica*, p. 237, n. 3, assim se exprime: «Quando *todo* equivale a *cada*, é *facultativo* o emprego do artigo; exemplo: *Todo homem sensato*, ou *Todo o homem sensato despreza a ostentação.*»

301.— Não faltam, portanto, grammaticos, a cujo suffragio se apoio a omissão do artigo depois do *todo*, quantitativo, ou qualificativo; e entre esses notarei que avulta JULIO RIBEIRO, a quem um dos criticos do meu trabalho preconiza como o maior dos grammaticos portuguezes.

Nem entre os mestres do escrever, pois, nem entre os do grammaticar, entidades aliás nem sempre entre si de boa avença, encontrará guarida a proposição do mestre, que não concebe o adjectivo *todo*, como quer que seja, sem o seu appendice articular.

<sup>1</sup> O mesmo arbitrio reina quanto ao artigo o consecutivo a *tudo*, nas expressões em que este precede a *que* ou *mais*.

*Tudo o que.* SOUSA: *Vida do Arceb.*, l. I, c. 13, p. 90. CASTILHO: *Amor e Melano.*, p. 209; *Amores* v. III, p. 59; *Colloquios*, p. 143, 232. *Tudo que.* CASTILHO: *Am. e Melano.*, p. 238, 306; *Amores*, v. I, p. 63; *Arte de Am.*, v. I, p. 39, 58; *Fastos*, l, p. xxviii, 15, 277; *Fausto*,

§ 80

Art. 1.155

ALGUM, POR QUALQUER

**302.**— O projecto desaccortava, empregando o segundo em lugar do primeiro. Emendi. Ao illustre philologo parece razoavel a emenda.

Ainda bem.

§ 81

Art. 4.º (Lei Preliminar)

IMPLICITO A

**303.**— E' *a la diable* o methodo, nas *Ligeiras Observações* do mestre. Do art. 1.455 do codigo volvemos, de vôo arrancado, ao art. 4.º da *Lei Preliminar*.

Teria eu commetido falta na redacção do texto? Não: foi nas minhas notas que o cavador do mestre deu com o novo erro. Não admittre o eminente revisor que os meus escholios cheguem menos correctos do que o texto legislativo aos olhos dos vindoiros. Ah! quiz eu severidade com a redacção do codigo civil? Pois então, paguem as minhas apostillas.

Escrevera eu que « a idéa de posterioridade é essencialmente *implicita* a de revogação ou derogação ». Não tolera, porém, o dr. CARNEIRO a preposição *a* com o adjectivo *implicito*, fórma irregular, observa elle, do particípio *implicado*.

**304.**— Queira perdoar o mestre. Para não ignorar a affinidade natural entre a proposição *em* e o adjectivo *implicito*, basta advertir-lhe no prefixo *in*. Mas o uso, ao menos entre brasileiros, muito ha que, respeito a esse vocabulo, variou de *em* para *a*. E essa variação não repugna ao genio do nosso idioma, cujas antecedencias não raro nos mostram a permuta de uma daquellas proposições

p. 117, 266; *Outono*, p. 81; *Colloquios*, p. 303; *Georgicas*, p. 57, 273 (duas vezes.) C. CASTELLO BRANCO: *Scrões de S. Miguel de Seide*, I, p. 17; *Os Martyres*, p. XIX.

*Tudo o mais*. SOUSA: *Vida do Arcob.*, I, l. c. 16, p. 107. GOES: *D. Manuel*, f. 101 v. (*tudo o demais*). A. HERCULANO: *Opusculos*, v. I, p. 18. CASTILHO: *Amores* v. I, p. 107; *Colloquios*, p. 109. C. CASTELLO BRANCO: *Doze Casamentos*, p. 202.

*Tudo mais*. CASTILHO: *Amor e Melanc.*, p. 403; *Metamorphos.*, p. 152. C. CASTELLO BRANCO: *Marques de Pombal*, p. 93. MACHADO DE ASSIS: *Poesias*, p. 38.

<sup>1</sup> E não *posterioridade*, como está no trabalho do professor CARNEIRO.

pela outra e, especialmente, o uso do *a*, em vez de *em*, significando *situação, lugar onde.*» Haja vista:

« Aos doze capitulos do Genesis, diz a divina Escrip-  
tura que, deixando uns homens o Oriente aconselharam  
uns aos outros, que fizessem uma cidade.» (HEITOR  
PINTO: *Imagem da Vida Christ.* P. I, Dial. IV, c. 2.)

« Tornamos aos nossos que *d* ponte de Jacob nos  
estavam esperando.» (PANTALEÃO D'AVEIRO: *Itinerário*,  
c. 84.)

« Entrar *a* certo dia.» (FERNÃO LOPES: *Chron. de*  
*D. Fern.*, c. 119.)

« Lia Alexandre a Homero de maneira,  
Que sempre se lhe sabo *d* cabeceira.»

(CAM.: *Lus.* V, 96.)

« Tornando-se a recolher para casa, achou *d* porta  
tres cargas de pão cozido.» (BRITO: *Chron.*, I, 7.)

« Que lhe fosse El-Rei fallar *d* borda d'agua.» (BAR-  
ROS: *Dec.* IV, VIII, 8.)

« O grão sabio Dinarte, pondo os olhos *a* tolas  
partes.» (MORAES: *Palmeir.*, II, 47.)

## § 82

### Art. 180

#### « INTERRUPTÃO FEITA »

**305.**— Averbei eu de mal soante, hoje, ao ouvido vernaculo  
essa locução. E como se defende o mestre? Com uma phrase  
das *Ordenações Affonsinas*. Note-se bem: não se trata nem do *Co-  
digo Felippino*, nem da *legislação manuelina*, que aliás são já tres  
vezes seculares, mas de textos legislativos ainda mais remotos.

Ora quem tem, como o douto professor, trato familiar com os  
velhos monumentos de nossa lingua, ha-de notar que varias das  
phrases outr'ora construidas com o verbo *fazer* ou se antiqua-  
ram, ou sabem mal ao paladar holierno. Quem, por exemplo,  
diria em nosso tempo: *fazer exemplo em alguém?* Comtudo, é  
do mais escorreito classicismo, para exprimir o castigo imposto  
como exemplo e meio de terror.

Com a mesma estranheza me toa o *fazer interrupção*. Quando  
toda a gente diz *realizar, operar, effectuar, consummar, abrir  
a interrupção*, não vejo que adeantemos desprezando todas essas  
fórmias em voga, simplesmente para as trocar na do uso affonsino.

**306.**— Muitas locuções, repitô, compunham os antigos com o  
verbo *fazer*, ás quaes não dá entrada o uso moderno.

*Fazer gente* diziam elles, em lugar de *reunir gente, allicial-a,  
juntal-a, ou arregimental-a*: « Já tinha feito muitas *gentes* para

entrar em Portugal.» (D. NUNES : *D. João I*, c. 50, p. 204.) «Até que a gente, que mandara fazer em Inglaterra, pudesse chegar.» (*Ib.*, c. 55, p. 231.) «Os da cidade lhe mandaram com muita brevidade e boa vontade a gente, que puderam fazer.» (*Ib.*, c. 65, p. 291.) «Naquelle tempo mandou el-rei o condestavel a Alomejo fazer gente.» (*Ib.*, c. 68, p. 307.) Neste sentido escreveu semelhantemente JOÃO DE BARROS : «El Rey tinha té mil *espingardeiros*, que mandou vir da terra firme feitos lá secretamente para este caso.» (*Dec. III, VII, 3.*) Que me diria, entretanto, o dr. CARNEIRO, se eu, firmado nessas autoridades classicas, me atheresse á expressão *fazer gente, fazer espingardeiros*, na accepção de os angariar, ou alistar?

*Reunir, juntar, organizar* esquadra, ou armada, é como ao presente nos exprimiriamos. Mas os classicos diziam *fazer armada*. «Tondo feito uma armada do vinte náus» é phrase de DUARTE NUNES, na *Cron. del-rey D. Affonso V*, c. 28, p. 228.

*Lançar, dar ou deitar benção* é como hoje se falla em nosso idioma. Entre os antigos, porém, não era raro dizer-se: *fazer benções*. «Vindo el-rei a falar em seu casamento, se achou que se no dia seguinte lhe não fossem as *benções feitas*, se não podiam *fazer* dali a muitos dias.» (D. NUNES : *Ib.*, c. 68, p. 308.) «Escreveu logo ao bispo da cidade que ao outro dia estivesse prestes para lhe *fazer as benções*.» (*Ibid.*). Seria hoje admittivel esse escrever?

E que me não diria o professor Carneiro, se, em vez de *lançar, deitar* ou *pronunciar a absolvição*, escrevesse eu, como DUARTE NUNES, *fazer absolvição*? Lá está na *Cronica e Vida del-rey D. Duarte*, c. 9, p. 37 (ed. de 1780): «E depois de se *fazer absolvição* plenaria, se tornou a *procição*», citando o *Diccionario da Academia* (p. 38) outros exemplos desta applicação.

Dizemos, hoje em dia, *crear raizes, lançar raizes, deitar raizes, profundar raizes*. Se a essas fórmas, porém, antepuzesse eu a de *fazer raizes*, não m'o estranhará o dr. CARNEIRO? Certo que sim, e com razão. Pois é classico da melhor nota. «O odio que tinha ao infante», escreve D. NUNES na *Cronica del-rey D. Affonso V*, «*fizera já nelle grandes raizes*». (C. 21, p. 196.)

As *Ordenações Affonsinas* são ainda mais velhas: Se se der a lollas, encontrará o dr. CARNEIRO dizeses sem numero, que o fallar de hoje rejeitaria. Não basta, pois, invocallas, para legitimar como de bom uso a «*interrupção feita*» do projecto. *Fazer amor*, diziam ellas na accepção do *galanteur, namorar, presentear*: «*fazer amor* de sua carne, vinho, etc.». *Fazer armas*, usava o codigo felippino, na intenção de *ter duellos, justas, batalha*: «item, dar logar a se *fazerem armas* do jogo.» (*Ord. II, 26, 2.*) *Fazer armas*, ainda se poderia hoje aventurar com as menos antigas das *Ordenações*. Mas de *fazer amor*,

<sup>1</sup> No mesmo sentido, GASPÁR DA CRUZ, *Trat.* 25, 5. *Apud Diccionario da Academia*, p. 409.

com as *Affonsinas*, na acceção de *fazer mimos*, ou seria servir-se o professor CARNEIRO, já que tem por essa phrase a mesma autoridade invocada em favor da que censurei? 20) (L. 182, q. 10, c. 1, § 1) «Vogava outr'ora o *fazer um cavallo*, na acceção de ensinar-o, *fazer verdade* no sentido de proval-a em juizo, *fazer perda* na significação de causal-a, ou *soffrel-a*, *fazer pranto*, na de o verter, ou derramar, *fazer vingança*, ha de tomá-la ou exercel-a. Eram classicas. Bastará, para que actualmte circulassem sem ropato?

1) No Livro da *Ensinança* (p. 611) se descrevia *fazer revezes*, por *soffrel-os*: «E teenham vontade de querer ante algntas vezes *fazer revezes* ou *cayr*, que de todo leixar decontrar.»

«Fazer livros disse JOÃO DE BARROS por *escripturar livros*, ou *arrumal-os*: «E com estes quatro *escrivãos* eram outros quatro mouros, que também *faziam livros* por si, que respondiam aos nossos.» (Dec. III, VII, 2.)

*Fazer fazenda*, na significação de negociar, nos depara egualmte BARROS (Dec. III, III, 6; II, II, 7), e frequentemente FERNAM MENDES PINTO.

De BARROS, ainda como de outros antigos escriptores, é *fazer obediencia*, na acceção de *préstal-a*, *rendel-a*: «A primeira que mandou, ante que se determinasse no que devia *fazer* a Thomé Pires, foi mandar que elle não fosse mais ao paço a *lhe fazer obediencia*.» (Dec. III, VI, 1.)

Haveria quem escrevesse hoje *«fazer obrigações»*, em lugar de *contrahil-as*, *firmal-as*, *estipulal-as*? Pois desse modo escreveram classicos: «Os *promettimentos*, *juras* e *obrigações feitas* pelo dito senhór rei.» (FERNÃO LOPES: D. Fernando, c. 170.)

*Fazer fim de*, na acceção de *pôr fim a*, seria hoje toleravel? Mas assim se escrevia naquelles tempos: «*Fazia fim de suas fallas*.» (F. LOPES: D. João I, parte II, c. 139.)

Actualmte se *concedem*, *outorgam*, *distribuem* ou *promulgam perdões*. Entretanto, no antigo vernaculo, também *perdões se faziam*: «Aquellas *divisas* que deu e *perdões que fez* a todos os do reino.» (Ib., c. 143.)

«Fazer desprezo de, onde nós diriamos *ter desprezo a*, ou *ter em desprezo a* é de MANUEL BERNARDES: «Em sinal de sua pobreza o do *desprezo que fazia do mundo*.» (N. Fl., v. IV, p. 315.)

*Tirar illações* escrevemos hoje. VIEIRA escrevia *fazer illações*: «A mesma *illação faço* ou.» (Serm., v. VI, p. 353.)

*Fazer prata* usa JACINTO FREIRE, significando o *adquiril-a*, ou *juntal-a*: «Ainda a *prata*, que no reino *fizera*, havia já gastado.» (D. João de Castro, IV, n. 102.)

De uma *embaixada* ninguem diria hoje senão que se *desempenhe*, *exerça*, ou *occupe*. Nos tempos de JACINTO FREIRE o verbo era *fazer*: «Foi d'el-rei dom Sebastião particular accito, fidando-lhe os

maiores negocios, e logares do reino, *scilicet*: *diversas embaixadas* para França, Castella, Roma e Saboya. » (Ib., n. 110. *in fine*.)

Quem se atreveria hoje, não digo a um *fazer desprezo*, ou *fazer illação*, talvez ainda permissíveis, mas a um *fazer obediencia*, *fazer prata*, *fazer embaixadas*, *fazer fazenda*, *fazer livros*, *fazer benções*, *perdoes*, *absolvições*, *obrigações*, *fazer amor*, *fazer rovezes* &c.

Bem se vê, pois, que o exemplito classico do professor CARNEIRO o não justifica. A leitura dos autores antigos, como a dos livros santos, demanda critica e selecção: a nossa lingua, noutros seculos, era, a certos respeitoes, cheia de lacunas e pobresas. E' o que demonstra o profundo philologo FRANCISCO DIAS num dos seus solidos trabalhos. Entre essas caberia enumerar, talvez, a applicação indistincta e geral do verbo *fazer*. Com o tempo muitas das accepções, que elle abarcava, especializando-se pouco e pouco, se vieram a individuar e absorver noutros verbos, que de presente as significam mais á justa, com proveito da clareza, elegancia e variedade no fallar.

§ 83. Prescreve-se a seguinte concordancia:

Art. 182, § 3º

CONCORDANCIA

307. — Rezava o projecto:

« Art. 182. Prescreve-se a seguinte concordancia:

« § 3.º Em dois mezes a acção do marido para contestar a legitimidade do filho nascido de sua mulher, contado o prazo do nascimento, se nessa occasião elle se achava presente. »

Objectei ou á relacção deste texto, ponderando que entre *elle* e o vocabulo *marido*, a que se deve referir, mediam quatro substantivos masculinos, cuja interposição deixa hesitante a escolha do leitor quanto ao antecedente, com que o pronome concorda.

Não veio nisto o mestre. «O pronome», diz elle, «não pôde aqui referir-se, senão ao vocabulo *marido*.»

Logicamente, de accordo. Syntacticamente, não. Ante a regra de syntaxe o pronome concordará com o nome mais visinho, so em genero e numero condizem. Em casos como este será mister accorrerem-nos ao *sentido*, escutar, a travez da phrase, a intenção do escriptor, para substituir pela subordinacção logica a subordinacção grammatical. Divergem ellas uma da outra, e mercê da primeira é que se obtem rectificar a errada pista da segunda. Taes verificações, porém, presuppõem, em quem as faz, reflexão

attenta e criterio seguro, que nem sempre assistem ao commum dos interessados, e que as incalculaveis artes da trica forense costumam de caso pensado evitar.

Os codigos civis, porque se escrevem para o povo e, até, para as escolas de primeiras letras, convem que se abstenham, no seu contexto, desses enigmas grammaticaes, por facil que seja o decifral-os. Cumpre, logo, na sua redacção, que o pensamento resulte naturalmente da ordem grammatical; aliás a simpleza e ignorancia vulgares cairão muitas vezes em interpretações extravagantes, com prejuizo do bem geral, a que as codificações pretendem servir.

**308.**—Em logar do phraseado, que, no projecto, envolve a idéa legislativa, propuz esta versão :

« Em dois mezes, contados do nascimento, se era presente o *marido*, a acção para *este* contestar a legitimidade do filho de sua mulher.»

Pois não é, sem comparação, mais claro ?

No texto CARNEIRO precedem ao pronome pessoal masculino quatro substantivos masculinos, a cada um dos quaes grammatical, se não logicamente, poderia dizer respeito a relação pronominal.

No meu texto não ha equivoco possivel: á oração «se era presente o *marido*» succedem logo as palavras: «para *este* contestar a legitimidade do filho». *Marido* é o substantivo immediatamente anterior a *este*. *Este* não se póle referir, portanto, senão a *marido*. Coincide o pensamento com a ordem grammatical.

Ora bastava ser possivel a segunda redacção, para se recusar a primeira. Entre um phrasear sujeito a hermeneutica e outro do sentido materialmente visivel não ha vacillar.

**309.**—Nem por ser do codigo civil portuguez, escapa á censura o exemplo citado pelo mestre em sua defesa. Dizendo, como alli diz :

« O amo é obrigado :

2.º A indemnizar o servical das perdas e danos, que padecer por causa ou culpa *delle*.»

deixa o legislador, com este *delle*, ao espirito de quem o ler, a selecção entre os nomes de *amo* e *servical*, ao ultimo dos quaes tocaria grammaticalmente a referencia do pronome pessoal. Para não cair em tal engano, se ha mister de um processo, que põe de lado a grammatica, a inferencia natural della resultante, e vae devassar além o intuito da lei, envolvido numa syntaxe, que o dissimula. Quem não possuísse a noção juridica de que só o autor da culpa responde pelo damno, não a adquiriria com a inspecção daquelle texto, onde o contrario se parece dispôr.

Como toda a obra humana, tem defeitos a redacção do código civil português, aliás geralmente magistral. Dello fallava o autor daquelle obra, annos após a sua publicação, dizendo: «Não me foi licito dar a ultima demão ao meu trabalho, emquanto esteve na commissão revisora; e quando me preparava, para promover a necessaria revisão na camara dos pares, na qualidade de relator da commissão de legislação, soube, achando-me ausente, que o código civil alli passara, *sem que ao menos se desse o tempo necessario para uma simples leitura.* Não é aqui o logar de demorar-me com a *indicação dos descuidos, que abundam no código, e que facilmente teriam sido evitados.*»<sup>1</sup>

81

Art. 182, § 3.º

310.—Commentando, neste particular, o meu substitutivo, observa o dr. Carneiro :

« Construindo assim a phrase, o illustre dr. Ruy não guardou, na expressão do pensamento, uniformidade entre este paragrapho, os dous anteriores e o seguinte.

« No § 1.º deste artigo diz: Em dez dias, contados do casamento, a acção do marido para», etc.

« No § 2.º « Em quinze dias, contados da tradição da coisa, a acção do comprador contra o devedor», etc.

« No § 4.º II « Acção do pae, tutor, ou curador para», etc.

« No § 5.º I « A acção do conjuge coacto para», etc.

« No § 3.º Não observa essa ordem e diz :

« Em dois mezes, contados do nascimento, se era presente o marido, a acção para este contestar, etc.»

Não quero qualificar de impertinencia uma tal bagatella. Essa linguagem seria de mestre a alumno. De alumno para mestre, fôra caso capital. Mas que lhe hei-de chamar ?

Chega a ser quasi impalpavel o objecto da censura. Só á força de a ler e rerear alcancei dar-lhe com o pensamento. Vejamos esta grande coisa.

Desfiando as especies de prescripção, que se deslobram em immenso kyrio, a espraiair-se por dez paragraphos, divididos cada um em numero ás vezes ainda maior de subparagraphos, que por sua vez se subdividem noutros membros, alphabeticamente nume-

<sup>1</sup> VISCONDE DE SEABRA: Carta, em 1869, a SILVA SOUSA. Ap. SILVA E SOUSA: *O código civil port.*, Porto, 1879. P. VII.

rados, era mister cingir-se ao texto, quanto possível, a formulas uniformes. Attento a esta consideração, enuncia-se o meu substitutivo, nos paragraphos citados pelo dr. CARNEIRO, deste modo :

« Prescreve :

« § 1.º *Em dez dias, contados do casamento, a acção do marido, para annullar o matrimonio.* »

« § 2.º *Em quinze dias, contados da tradição da coisa, a acção do comprador contra o vendedor, para haver abatimento no preço...* »

« § 3.º *Em dois mezes, contados do nascimento, se era presente o marido, a acção para este contestar a legitimidade do filho...* »

« § 4.º *Em tres mezes a acção do pae, tutor ou curador, para annullar o casamento...* »

« § 5.º *Em seis mezes, a acção do conjuge coacto, para annullar o casamento...* »

Coteje-se o § 3º com os dois antecedentes e os dois subsequentes. Onde o transvio, que me increpa o mestre, da ordem adoptada, a *quebra de uniformidade* com ella?

Todos quatro paragraphos começam, fixando o prazo: «em dez dias; em quinze dias; em tres mezes; em seis mezes»; e em seguida especificam todos elles a acção prescriptivel, dizendo: «a acção do marido, para annullar o matrimonio; a acção do comprador contra o vendedor, para haver abatimento; a acção do pae ou tutor, para annullar o casamento; a acção do conjuge, para annullar.»

E no § 3º, sobre o qual recae a nota desfavoravel? A mesma coisa, salvo sómente que, entre a fórmula inicial «*Em dois mezes*» e a que designa o direito legal circumscripto a esse prazo, «*a acção para contestar a legitimidade*», se insere a clausula «*se era presente o marido*».

Em que é que esta clausula contravém a ordem adoptada? A ordem commum áquelles textos consiste simplesmente em se indicarem successivamente o *periodo prescriptivo*, o *titular do direito* e a *acção prescriptivel*. Ora é o que neste rigorosamente se faz. A restrictiva «*se estiver presente o marido*», posposta á expressão «*contados do nascimento*», mais não faz que intoirar a fixação do prazo, delimitado nas palavras iniciaes «*em dois mezes*».

Ponham-se lado a lado, para confronto, o § 3º e o § 2º :

« § 2.º *Em quinze dias*

*contados da tradição da coisa,*

*a acção do comprador contra o vendedor para haver abatimento.* »

« § 3.º *Em dois mezes,*

*contados do nascimento, se era presente o marido,*

*a acção para este contestar a legitimidade do filho.* »

Mostrem-me a desconformidade na ordem entre esses dois textos. Seria impossivel, ante a materialidade graphica desta acareação. Não pôde o *Magister dixit* alterar a realidade visivel das coisas. Do criticar ao turrar ás vezes não vae mais que um passo, e a irritabilidade dos mestres bem de pressa o transpõe.

§ 85

Art. 142

« ALGUM » POR « QUALQUER »

311.—Acceita o mestre a emenda.

E' o mesmo descuido, com que já nos encontramos no art. 1.455.

§ 86

Art. 219, § un.

« NUBENTES » POR « CONJUGES »

312.—Reconhece o mestre o erro dessa confusão.  
Graças.

§ 87

Art. 1.129, § 1º

« QUE COMMUMENTE RECEBEREM »

POR

« QUE COMMUMENTE SE RECEBEREM »

313.—Confessa o dr. CARNEIRO a falha grammatical.

E tudo isso passaria, e ficaria, e se incorporaria no codigo civil, e com elle se perpetuaria, se o discipulo jurasse nas palavras do mestre.

§ 88

Art. 199

« EXARAR »

ADULTERAÇÃO DE UM TEXTO MEU

314.—Bem me custa ventilar este ponto, onde não sei como conciliar o meu respeito ao mestre, respeito sincero, com a desnudação do abuso, mercê do qual vejo aqui mettido a cutelo o meu nome de escriptor.

O caso assume character quasi criminal. Procederei, pois, como em tribunal aberto, documentando a querela com o corpo de delicto.

Eil-o, nas palavras do censor, que textualmente reproduzo:

« Art. 199. « O casamento será inscripto no registro, immediatamente após a celebração. »

« A inscripção será assignada pelo presidente do acto, os esposos, as testemunhas, o official do registro o deverá conter, etc. »

« A segunda parte do artigo é assim redigida pelo illustre Dr. Ruy Barbosa :

« No assento, assignado pelo presidente do acto, os conjuges, as testemunhas e o official do registro serão exarados. »

« Não julgamos muito proprio aqui o emprego do verbo—*exarar*: não se exaram pessoas; porém, coisas. »

« Assim se diz: *exarar uma acta, exarar uma inscripção, exarar um epitaphio; exarar em uma acta um voto de louvor*; mas não nos parece acertado dizer: *exarar uma pessoa, exarar testemunhas, exarar os conjuges.* »

Leram? Pois bem: o texto que ali se me attribue, está grosseiramente alterado.

No meu substitutivo o que se acha, é isto:

« Art. 199. Do matrimonio, logo depois de celebrado, se lavrará o assento no livro de registro. (Art. 206.)

« No assento, assignado pelo presidente do acto, os conjuges, as testemunhas e o official do registro, serão exarados :

« I. Os nomes, prenomes, datas do nascimento, profissão, domicilio e residencia actual dos conjuges. »

« II. Os nomes, prenomes etc... dos paes. »

« III. Os nomes e prenomes do conjuge precedente e a data... »

« IV. A data da publicação e celebração do casamento. »

« V. A menção dos documentos... »

« VI. Os nomes, prenomes... das testemunhas. »

« VII. O regimen do casamento... »

« VIII. A summa da autorização dada por escripto. »

Temos, portanto:

1º) Que o presidente do acto, os conjuges, as testemunhas e o official do registro assignando o assento lavrado no livro. (E' o que rezam as palavras: «No assento, assignado pelo presidente do acto, os conjuges, as testemunhas e o official do registro.»)

2º) Que nesse assento serão exarados nomes, prenomes, datas, profissões, menções, summas, residencias e documentos.

Logo, não havia eu duto que no assento se exarassem pessoas.

Logo, o que eu dissera, é que no termo do casamento se exarariam *factos, actos, declarações, nomes*. E a isso é que justamente se applica o verbo *exarar*, synonymo de «*abrir, gravar, mencionar, consignar, escrever*». (C. DE FIGUEIREDO.)

§ 155.— Mas como me teceu o mestre o dislate grammatical, de que me faz carga?

Adulterando-me o texto do substitutivo, mediante a *eliminação da virgula* antes do «*serão exarados*» e a *eliminação dos dois pontos* após essa clausula. Dest'arte, com a modificação orthographica do dr. CARNEIRO, o periodo terminava no particípio *exarados*, e, elidida a virgula antes do futuro *serão*, ficavam por sujeitos dello as *palavras conjuges, testemunhas e official do registro*. Esses, pois, é que seriam os *exarados*.

Deste destempero philologico, assacado á minha responsabilidade por quem m'o armava, resultaria a cabeçada juridica de ser o assentamento do matrimonio assignado exclusivamente pelo presidente do acto, reduzindo-se os *conjuges, as testemunhas e o notario* a mera *exaração, isto é, menção*, na escriptura nupcial.

§ 156.— Como se logrou perpetrar esse attentado contra a verdade material do texto? E' inexplicavel; porque lá está a virgula no impresso, visibilissima aos mais egos; os dois pontos lá estão; e, além do mais, acima de tudo, sobrelevando em conspicuidade a toda a notação orthographica do artigo, alli, em longo rol, numa extensa enumeração de *oito paragraphos successivos*, cada qual com o relevo do seu algarismo romano, lá estão os itens da *exaração* que se ordena. Foi mister ongolir-se inteira, com a orthographia do texto tola aquella serie de especificações expressas e distinctas, para se ter o gosto de osmagar-me sob o peso desta novidade: «*Exaram-se coisas; não pessoas.*»

Pena é que semelhante factio haja de ficar *exarado* em papeis como estes. Ello caracteriza a critica, de que sou alvo, colhendo-a em flagrante de viciar e trincar textos. Não direi mais, que sobremodo já me pesa de não ter podido fugir a esta exposição. Mas como deixar-me fraudar e caluniar sem desaggravo?

§ 157.— Se, consoante ao que me induz a crer a minha reverencia ao mestre, praticou elle inadvertida e inconscientemente essa mutilação e transmutação daquelle texto, sobremaneira achacado é a essas distracções, ou ausencias de espirito, que LA BRUYERE tão galantemente descrevia no typo de Menaleo e, segundo o CAVALLEIRO DE OLIVEIRA «*fazem grande dano ás pessoas de entendimento*».

Ou então adormeceu, sonhou e somnambulou; o que não seria caso novo. Se Homero, com ser Homero, dormitava, não será de estranhar que espiritos de menos alta esphera durmam, de quando em quando, a bom dormir. Seria num desses somnos a valer,

folgados, povoados e animados, que lhe teria acudido aquella maligna inversão da realidade, cuja explicação debalde iríamos tentar no mundo anedoctico dos abstractos.

## § 89

## Art. 208

## TEMPOS DE VERBOS

**318.**— Dizendo o texto do projecto, nas palavras iniciais: «em que se elle» (o casamento) «realizar», continúa em seguida (§ unico): «Se, porém, o tiver sido...»

Obvio me parece que o «se elle realizar», por onde acaba o primeiro período, não condiz bem com o «se o tiver sido», que abre o período immediato. Bem vejo que ambas as fórmulas estão no subjunctivo, correspondendo uma ao futuro, outra ao futuro anterior. Mas, em que se não infrinja a lei grammatical, ha todavia uma divergencia na maneira de enunciar a acção do verbo, que da primeira vez se exprime com o subjunctivo futuro, e da segunda com o subjunctivo futuro anterior. Desde que no introito dessa disposição se dissera: «em que o casamento se realizar», bem era se dissesse no topico seguinte: «Se, porém, se realizar...», e não: «Se, porém, se houver realizado» ou: «Se, porém, o tiver sido.» Porque na segunda hypothese a acção anterior, quando na primeira se redigira com a acção presente?

Mas, inquire o mestre, «quêrera: o dr. RUY propor o emprego da expressão *for realizado*, em vez de *ser realizado*?» E conclue: «Se assim fóra, não se tornara a phrase de notavel dureza e dissonancia?»

Sim. Mas não ha indagar do que eu *quizesse propor*, quando a minha proposta alli se acha *formulada* par a par com a censura. Eu não *quiz* *propor* a expressão *for realizado*. Eu *propuz* a seguinte redacção:

«O casamento celebrado fóra do Brasil prova-se, de accordo com a lei do paiz, *onde se celebrou*.

«§ unico. Se, porém, *se contraiu* perante agente consular *provar-se-á*.»

«*Se celebrou*» e «*se contraiu*» estão no mesmo modo e no mesmo tempo. Não se varia de um para outro, afim de exprimir a mesma eventualidade, que no mesmo tempo se deve figurar.

## § 90

## Art. 1.164, § un

## «DEVEDOR» POR «VENDEDOR»

**319.**— Abraça o mestre a omenda, que me parece não é de leve monta.

Registe-se.

## Art. 657

## DIREITO AUTORAL.

**320.**— Quem acarear a minha extensa apostilla a esta disposição do projecto, no tocante ao vocabulo *autoral*, com a contradicta do mestre, verá que elle nada adeantou á defesa desse neologismo, por mim prevista e refutada.

Não contestara eu que semelhante innovação pudesse invocar parentescos no vocabulario portuguez. Delle até offeroci exemplos nos adjectivos *doutoral* e *reitoral*, aos quaes o mestre, a muito esforço, apenas vingou addicionar *eleitoral*, que é comesinho, e *professoral*, criação de LATINO COELHO e EÇA DE QUEIROZ. Ainda que a esses se acrescentem, no carácter de congêneres, segundo o douto philologo, os nossos adjectivos em *ial*, como *senatorial* e *dictatorial*, vocabulos pesadões e rabilongos, a que se avanta a fórma *dictatorio* e *senatorio*; ainda que acceitemos, outrosim, como conclusiva para entre nós a analogia inglêza, coisa contestavel, subsiste nos seus dois pontos capitads o meu articulado contra essa neologia.

**321.**— Contestei-lhe, bons foros, entre outras razões, á primeira porque abriria a porta ás mais extravagantes imitações, irrecusaveis a prevalecer esta, v. g.: *direito actoral*, *direito editoral*, *direito escriptoral*, *direito compositorial*, *direito inventoral*, *direito construtoral*, *direito pintoral*, e outros, sem conto, da mesma estirpe o feito.

Á segunda, puz-lhe em duvida esses foros, por não existir o uso de um só oscriptor de valia, com que em seu abonó se possa allegar.

Neguei-lhe, emfim, á terceira, o meu voto, em razão de ser superflua a novidade. Debalde a preconiza o mestre, a titulo de que « não tem contra si a analogia ». Mas basta isso? Não: faz-so mister ainda a *necessidade*, uma grande conveniencia, pelo menos, ou a vantagem de prender o idioma com uma expressão notavel pela bellêza, precisão, graça ou energia. Só um desses motivos de utilidade manifesta, ou esthetica evidente, autorizam a circulação dos neologismos, que houverem transitado sem nota pela contrasteação da analogia.

Não me envergonha o stygma literario de neophobia, emquanto a minha for da casta daquella a cujo quadro pertencia JULIO RIBEIRO, um dos raros grammaticos escriptores, o qual, rompendo contra a *mania dos neologismos*, lhe oppoz, em expressões memoraveis, a barreira do senso commum.

« O neologismo », dizia elle, « só se justifica pela necessidade de uma denominação nova, para uma

descoberta que tambem é nova, para um vovo instrumento, ou então *quando vem apadrinhado por um nome respeitado na lingua.* Os neologistas não passam de deturpadores da lingua. » (*Grammat.*, p. 352.)

Ora que precisão temos desse adjectivo? *Direito autoral* não faz a menor vantagem a *direito de autor*. Ambas as locuções têm o mesmo numero de syllabas, e da mesma natureza. *Nenhum nome de autoridade* o apadrinha. *Nenhuma lingua* o perfilhou até hoje. Não o quiz ainda o próprio inglês, de cuja facilidade em cunhar epithetos dessa terminação falla com emphasis o dr. CARNEIRO. Não se aponta *uma lei*, portuguesa, ou de outra nacionalidade, que o adoptasse. Tão só nente se nos depara num acto legislativo brasileiro; o que bem se sabe mui longe está de constituir carta de crença ante o vocabulario ou a *grammatica* do nosso idioma.

E é por uma locução de taes quilates que enrista a sua sciencia um amigo das boas tradições do nosso idioma.

## § 92

## Art. 233, II

## IMPEDIMENTOS OFFERECIDOS

## IMPEDIMENTOS OPPOSTOS

322.—Aconselhei que se trocasse a primeira dessas expressões na segunda. Mas o mestre me averba de infundada a censura: e, por que eu de tal me convença em dois tempos, depois de me illustrar com a novissima das novidades, ensinando-me que « *impedimento é resistensia, difficuldade, estorvo, obstaculo, embaraço* », adverte que ninguem rejeita as expressões *offerecer difficuldade, offerecer resistensia, offerecer o escudo aos golpes inimigos*. Podia accrescentar que são classicos, e estão no velho MORAES est'outros: *offerecer batalha, offerecer pancada, bofetões ou pontapés*.

Disso creio eu que sabia desde o *Gymnasio Bahiano*, onde nos liam, e muitas vezes li eu mesmo, da tribuna, ás boas horas do refeitório, as estrophes dos *Lusiadas*, numa das quaes, impressa em nossa memoria pela estereotypia da audição quotidiana, me lembra dizer-se:

« Estará prompto a toda a adversidade  
Que por guerra a teu reino se offereça. »<sup>1</sup>

323.— Nem se ha mister de cogular do latins a medida, para se admittir nessas locuções o verbo *offerecer*. Não exerce elle ali outra funcção que a de *apresentar*, seu conhecido succodanco em taes casos. Na hypothese, porém, não era do uso vulgar a questão,

<sup>1</sup> *Lusiad.* VII, 63.

sim do uso *juridico*, e em particular do que é *especifico a impedimentos matrimoniaes*.

Se ao codigo civil portuguez, pouco ha invocado pelo mestre como oraculo acerca de uma duvida grammatical, se accorresse o dr. CARNEIRO aqui, onde mais a propria cairia esse appello, teria visto que alli não se diz *impedimentos offerecidos*, mas *impedimentos oppositos*. E' no art. 1.076, § unico:

« Os *impedimentos* legais, mencionados no art. 1.058, só podem ser *oppositos* por aquelles, cujo consentimento é necessario para a celebração do contracto. »

São matizes da phraseologia juridica, indifferentes aos loigos, mas relevantes aos olhos do profissional. Ninguem diz, em lingua-gem forense, « *oppor embargos contra a nullidade da sentença* », em vez de « *oppor embargos de nullidade á sentença* ». Disse-o todavia CAMILLO<sup>1</sup>, por não ser jurista. Não ha duvida alguma que a *terça* é o *terço* dos bens de quem testa, ou fallece. Mas em phrase juridica a locução consagrada e insubstituivel é *terça*, embora CASTELLO BRANCO, não obrigado no romance á precisão do legislador e do jurisconsulto, escrevesse uma vez *terço*, por *terça*.<sup>2</sup> Nem era senão por não ter a cultura especial dessa profissão que um dos nossos mais eminentes philologos dizia uma feita : « Não posso comprehender o que seja *vicio redhibitorio*. »<sup>3</sup> E não se viu um dia o sr. CASTRO LOPES, philologo de especialidade em coisas latinas, metter a riso a expressão latina *o de cujus*, tão antiga, corrente e legitima no fóro, por imaginar que o *de*, alli, se encantoara com pretensões de reger o genitivo *cujus* ?

§ 93

Art. 255, VI

CONCORDANCIA

324.— Reza, no projecto, esta disposição:

« Independentemente de autorização, pôde a mulher casada :

VI. « Promover os meios asscuratorios e acção que lhe competirem contra o marido em razão de seu dote ou de outros bens seus sujeitos á administração do mesmo. »

Critiquei-a eu, porém, reflexionando :

« Redigido assim o texto, o dote é *do marido* e a administração é *do dote*, duas extravagancias que o projecto não podia ter em mente. »

<sup>1</sup> *Caveira da Martyr*, p. 47-8.

<sup>2</sup> « Legando ao seu filho adoptivo quanto possuia, excepto o *terço*, que manda repartir pelos parentes de sua mulher. » *Coisas Espantosas* (ed. de 1902, Lisboa) p. 221.

<sup>3</sup> João RIBEIRO : *Estudos philologicos* (ed. de 1902), p. 47.

particulares, que bastem, o cônjuge responsavel pelo acto annullado.» Não ha, na oração, outra entidade, em que se possa ver o sujeito, senão «o conjuge responsavel pelo acto annullado», outra que seja susceptivel de passar como objecto do verbo, senão «bens particulares, que bastem». Onde a falta de clareza? Onde a deformidade grammatical?

Continuemos.

« Aos terceiros de boa fé », prosegue o texto, « se comporá o damno pelos bens communs. » *Compor*, ensina MORAES, é « reparar, satisfazer, indemnizar a injuria, o damno, a losão, que se fez ». *Indemnizar* que especie de construcção demanda? Responde o proprio MORAES, no trecho que se acaba de transcrever: « *indemnizar o damno a* » quem o soffreu. Agora troquemos *indemnizar* em *compor*, e teremos, tal qual, a redacção do texto, que o dr. CARNEIRO infama: « Aos terceiros de boa fé se comporá o damno pelos bens communs ».

Seguem-se, no passo criticado, as palavras do remate: « na razão do proveito, que lucrar o casal. » Isto é (ligando esta á oração principal, que lhe antecede): « aos terceiros de boa fé se comporá o damno, na razão do proveito que lucrar o casal. » Onde a escuridade. Será duro de entender o *na razão*, equivalente de *na proporção*, onde quier que se falle a nossa lingua? Sel-o-á o substantivo *proveito*? Sel-o-á, emfim, a clausula « *que lucrar o casal* »? Mas *casal* não pode ter aqui dois sentidos; *lucrar* não tem senão um; *proveito* ninguem ignorará o que seja. Apenas aqui se depara uma ligeira inversão na ordem grammatical, dizendo-se « *que lucrar o casal* », em vez de: « que o casal lucrar »; mas isso a bem da euphonia, e sem desmerecer absolutamente nada a transparencia da forma.

Eis a redacção, que a cathedra averba de « obscura e possivelmente construida ». Bem dizia o nosso VIEIRA: « Quantas vezes reconhece o quinau na consciencia o mesino que na cadeira o defende a vozes? »<sup>1</sup>

## § 96

### Art. 1.084

127.— Abraça o dr. CARNEIRO como « razoavel » a correcção, que fiz, substituindo « *communica-l-o-á* » por « *communica-l-o-á*. »

Entretanto, na apostilla ao art. 429, em presença de uma construcção analoga, braveja indignado, perguntando se o demonstrativo *o* se refere aos substantivos masculinos mais visinhos.

Digo eu, no art. 1.084:

« Se a acceptação, por circumstancia imprevista, chegar tarde ao conhecimento do proponente, este communica-l-o-á immediatamente ao acceptante... »

<sup>1</sup> *Sermões*, v. II, p. 25.

Porque não me estranha o mestre aqui o demonstrativo *o*, quando tem neste passo a mesma serventia que no art. 420? Porque me não pergunta aqui se o *o* se refere a *conhecimento*, substantivo masculino proximamente anterior?

## § 97

## Art. 1.043

## NEM LHE AUTORIZADO

328.— A redacção mal cotada pelo mestre é a seguinte:

« Se as partes não tiverem nomeado o terceiro arbitro, nem lhe autorizado a nomeação pelos outros, a divergencia entre os dois nomeados rescindirã o compromisso.»

Continúa o professor CARNEIRO de arguir sem provar, continúa a condemnar sem arrazoar. Tacha-me a phrase de «redigida sem gosto, nem elegancia.» Razão parece que ao asserto juntasse o fundamento. Não o faz. E' que andará em costume outra vez crer-se implicitamente aos cathedromaticos, pela confiança que dolles se tenha.

Mal nos diz o professor CARNEIRO que eu «andaria com mais correção», so, repetindo o auxiliar, escrevesse: «Se as partes não tiverem nomeado o terceiro arbitro, nem lhe tiverem autorizado a nomeação.» Não vejo, porém, nem elle mostra, onde o incorrecto do evitar na segunda sentença uma repetição arrastada e inutil, que nenhum preceito grammatical me dictava. Sabe-lhe melhor a reiteração do auxiliar, onde nada me obrigava a que o reiterasse. Mas então é só do seu paladar que se trata. Melhor seria que, para encurtar de razões, logo o declarasse; visto que *de gustibus non disputandum*.

Se eu houvera dito: «nem autorizado-lhe»; isso então sim, era erro grave, pois nem a negativa, nem o particípio passado toleravam a posposição do pronome. Anteposto elle, porém, a clausula é inquestionavelmente grammatical; e não percebo em que será inferior á que alvitra o dr. CARNEIRO.

## § 98

## Art. 1.545

## « TERCEIROS » POR « TERCEIRO »

329.— Acquiesce o mestre á procedencia da emenda, lançando á conta da revisão a culpa do erro.

## § 99

## Pontuação

**330.**—Como eu notasse ao projecto, em certos lances, parcimoniosa excessiva no virgular, desforra-se o professor CARNEIRO, acoiando-me de prodigalidade na virgulação.

Proomiando a versão das *Metamorphoses*, onde presentia incorrer nesse defeito aos olhos de outrem, «Se descontentar», dizia CASTILHO ANTONIO, «é um livro mal pontuado; por onde não virá nenhum mal ao mundo.»<sup>1</sup> Assim responderia eu ao meu critico, se fosse da pontuação num livro meu que se tratasse. Mas trata-se da pontuação no código civil. Não devo, pois, ontrogal-a indefensa á fortuna da assacadiha, que a poderá ter melhor do que mereça.

Nos monumentos escriptos da historia, ou da lei, um ponto, ou uma virgula pôdem encerrar os destinos de um mandamento, de uma instituição, ou de uma verdade. A estranha e aggravosa critica do mestre á redacção do art. 199 no meu substitutivo já nos deu a ver como, para coroar uma creatura humana com um par de orelhas d'asno, basta calumniar-lhe a orthographia de uma clausula grammatical, engolindo-lhe uma virgula, substituindo-lhe um colón por um ponto final. Mas ninguem celebrou ainda a importancia e (porque não dizer?) a venerabilidade quasi sacra dos signaes orthographicos em termos de tamanha edificação como um dos nossos maiores no magisterio da penna e da palavra, o padre VIEIRA, pregando, ha dois seculos e meio, a quaresma.

«Bem é», clamava elle, «que saiba o nosso tempo quanto bastará, para falsificar uma escriptura. Bastará mudar um nome? Bastará mular uma palavra? Bastará mudar uma cifra? Digo que muito monos basta. Não é necessario para falsificar uma escriptura mudar nomes, nem palavras, nem cifras, nem ainda letras; basta mudar um ponto ou uma virgula.»<sup>2</sup> Perguntam os controversistas se, assim como na sagrada escriptura são de fé as palavras, serão tambem de fé os pontos e virgulas? E respondem que sim; porque os pontos e virgulas determinam o sentido das palavras; e variados os pontos e virgulas tambem o sentido se varia. Por isso antigamente havia um conselho chamado dos Masoretas, cujo officio era conservar incorruptamente em sua puroza a pontuação da escriptura. Esta é a galanteria mysteriosa daquelle texto dos canticos: *Murenulas aureas faciemus tibi vermiculatas argento*. Diz o Esposo Divino que fará a sua esposa umas arrecadas de oiro, esmaltadas de prata: e o esmalte (segundo se tira da

<sup>1</sup> *Metamorphoses de Ovid.*, Prol., p. XX.

<sup>2</sup> E' o que se me fez na aleivosa censura á redacção do substitutivo quanto ao art. 199.

raiz hebréa) era de pontos e virgulas; porque, em lugar do *Vermiculatas*, lêem outros: *Punctatas virgulatas argenteo*. Mas, se as arrecadas eram de ouro, porque eram os esmaltes de prata, e formadas de pontos e virgulas? Porque as arrecadas são ornamentos das orelhas onde está o sentido da fé: *Fides ex auditu*; e nas palavras do fé, ainda que os pontos e virgulas pareçam de menos consideração, (assim como a prata é de menos preço que o ouro), também pertencem á fé tanto como as mesmas palavras. As palavras; porque formam a significação: os pontos e virgulas; porque distinguem e determinam o sentido. Exemplo: *Surrexit; non est hic*. Resuscitou; não está aqui. Com estas palavras diz o evangelista que Christo resuscitou, e com as mesmas (se se mudar a pontuação) pôde dizer um herego que Christo não resuscitou: *Surrexit? Non; est hic*. Resuscitou? Não; está aqui. De maneira que só com trocar pontos e virgulas, com as mesmas palavras se diz que Christo resuscitou; e é de fé: e com as mesmas se diz que Christo não resuscitou; e é de heresia. Vêdo, quão arriscado officio é o de uma penna na mão. Officio que, com mudar um ponto, ou uma virgula, da heresia pôde fazer fé, e da fé pôde fazer heresia. Oh que escrupuloso officio! »<sup>1</sup>

331. — Os escrupulos e riscos de officio tal não creio já os sentisse alguém mais vivamente que eu, vendo-me em travacontas de palmatoria com o mestre, por não saber com as virgulas a quantas dando. Que se metta a redigir-codificações quem não sabe dar a um periodo a pontuação elementar? quem em umas duas ou tres linhas de seu proprio punho anarchiza toda a orthographia? quem tontamente abusa da pontuação, ao extremo de cançar e adoecer a visão aos leitores? *me Eil-o, ipsis literis*, o libello orthographico do mestre, contra o presidente da commissão do codigo civil no senado:

« E' de notar que muitas vezes recorre ao emprego da virgula, quando de todo desnecessaria.

« Assim é que antes da conjunção — ou — quando esta liga palavras ou phrases simples e curtas, emprega frequentemente essa notação, escrevendo, por exemplo:

« Exime-se o juiz a sentenciar, ou despachar, em lugar de eximo-se o juiz a sentenciar ou despachar; os bens, moveis, ou immoveis, em lugar de os bens moveis ou immoveis;

« a successão, legitima, ou testamentaria, em lugar de a successão legitima ou testamentaria;

« a annuencia, ou a autorização de outrem, em lugar de a annuencia ou a autorização de outrem;

<sup>1</sup> VIEIRA: *Serm.*, v. II, p. 315-6.

« *por dolo, ou negligencia, em lugar de por dolo ou negligencia ;*

« *ao acto amigavel, cu d sentença, em lugar de ao acto amigavel ou d sentença ;*

« *a renuncia da prescripção pôde ser expressa, ou tacita, em lugar de a renuncia da prescripção pôde ser expressa ou tacita ;*

« *o fiador, ou o abonador, em lugar de o fiador ou o abonador.*

« *A's vezes tanto abusa do emprego da virgula, tanto multiplica essa notação, que numa sentença, causando até desagradavel impressão d vista desacostumada, são quasi todos os vocabulos seguidos deste signal ; o que, entre muitos artigos emendados, se exemplifica no art. 163, em que assim escreve : « Aquello, que, por acção ou omissão voluntaria, negligencia, ou imprudencia, violar, etc. », devendo, por coherencia pôr a virgula no vocabulo acção, que, não sei porque, ficou privado de seu respectivo signal, merecendo-o ao menos tanto, quanto, nesse modo de pontuar, mereceu o vocabulo negligencia.*

« *Tal maneira de virgular não nos lembra ter encontrado em escriptor nenhum.* »

**332.**—Eu'que acabava de transcrever estas palavras, e a vista que me caía sobre o tomo de ANTONIO VIEIRA, ainda aberto ante mim, de onde, momentos antes, copiara aquelle excerpto concernente ao valor dos pontos e virgulas na escriptura humana e divina. Desde as ultimas linhas da passagem trasladada, alli se me offerece a virgula iterativamente anteposta á conjunção *ou*, com clausulas de minimo tamanho e, até, em simples nomes della regidos. Vejam:

« *Com mudar um ponto, ou uma virgula.* » (P. 316).

« *E ha quem na vida, ou na morte.* » (P. 319.)

« *Por que modo, ou por que modos ?.* » (Ib.)

« *Dar a benção, ou a investidura.* » (P. 320)

« *Com tal distincção do que confessou, ou não confessou ; dos propositos que teve, ou não teve ; da satisfação que fez, ou deixou de fazer.* » (Ib., p. 329).

« *São por offeio, ou arteificio, como as pennas d'agua.* » (Ib., p. 313):

« *Ou por desattenção das pennas maiores, ou por corrupção das inferiores.* » (Ib., p. 314.)

« *Ou seja cepo de pau, ou cepo de oiro.* » (Ib., p. 306.)

« Ou fosse esculptor de officio, ou imaginario de devoção. » (*Ib.*, p. 304.)

« Levava o seu machado, ou a sua acha ás costas. » (*Ib.*)

« Partido o tronco em duas partes, ou em dois cepos. » (*Ib.*)

« Mas o meu escrupulo, ou a minha admiração, não está no officio. » (P. 300.)

Sempre, sempre, sempre deste modo virgulava mestre VIEIRA, o grande. E mestre CARNEIRO « não se lembra de ter encontrado em escriptor algum esta maneira de virgular ».

O correcto e esmerado BERNARDES tambem não segue outro virgular:

« Que lugar apontaremos no mar, ou na terra, ou dobaixo da terra, proximo, ou remoto, profano, ou sagrado, a que a cobiça se não atrevesse, e a fome do ouro não penetrasse ? » (*Nova Floresta*, ed. de 1759, v. II, p. 221.)

« Nem outro lugar nos escapou para tirar d'elle ouro, ou dinheiro. » (*Ib.*, p. 224.)

« Cava, que quer dizer má mulher, ou concubina. » (*Ib.*, p. 232.)

« ... mortos os taes mouros, ou mouras... » (*Ibid.*)

« ... quando tal vez apparecem algumas almas em figura de hum, ou outro sexo, ou na de alguma cobra... » (*Ib.*, p. 233.)

« ... os simoniacos por via da lingua, da mão, ou do obsequio; ... os Dardanarios, ou atravessadores... » (*Ib.*, p. 226.)

Tambem assim não raro pontuava o singelo e exemplar Fr. Luiz DE SOUSA :

« Aconselhara eu a todos que a não leram por acerto, ou acaso. » (*Vida de D. Fr. Barth. dos Martyres*, l. III, c. 17).

« E não outro cargo mais quieto, ou mais rendoso. » (*Ib.*)

« Ou faz anjos, ou demonios. » (*Ib.*)

Não consta, entretanto, ao illustre philologo bahiano de autor nenhum, que virgulasse desta maneira.

**333.**— Era o caso de repetir com o dito VIEIRA, naquelle sermão: « Isto me admira ! Não louvo, nem condemno ; admirame. »

Ha mais de oitenta annos, um grammatico de autoridade, que sabia o que é saber a sua lingua, traçava estas leis ao emprego da virgula:

« Sempre se põe virgula antes dos relativos, e antes das conjunções, tanto no latim, como no portuguez.

« Tambem sempre se põe virgula entre adjectivos, quando concorrem muitos do mesmo caso... O mesmo se usa entre vozes copuladas, ou substantivos juntos com conjunção, ou sem ella.»<sup>1</sup>

Ahi mesmo está exemplificado, quanto á conjunção *ou*, o uso do preceito, nas palavras em que esse topico remata: «com conjunção, *ou* sem ella.» Mas, como se não bastará, logo no frontespicio da obra, a pagina do rosto, onde aliás os estylos da typographia escusavam pontuação, nos depara em relevo o emprego forçoso da virgula antes dessa conjunctiva:

« Orthographia, *ou* arte de escrever.»

Contudo, não tinha noticia o professor CARNEIRO de que nunca se houvesse pontuado assim.

### 331.—CASTILHO assim pontuou:

« Ainda quando, uma, *ou* duas vezes, os fustigou.»  
(*Metamorph.*, p. 313.)

« A gaia, *ou* folgazã, sciencia.» ( *Am. e Melancol.*, p. 295.)

« Das noticias do mundo, *ou* mesmo da poesia, alli se dariam tambem, com a melhor vontade, lições.»  
( *Ib.*, p. 345.)

« Quom, não sendo amante, *ou* louco, pôde fir-se nos sorrisos de tal fantasma? » ( *Ib.*, p. 356.)

« E, *ou* elle vá, *ou* pare, *ou* retroceda.» ( *Ib.*, p. 372.)

« Quando Deus quer, transfere-se para hora melhorada, *ou* para outro dia.» ( *Fausto*, p. xii.)

« Com tijolos quentes, *ou* garrafas e botijas.» ( *Colloq. Ald.*, p. 233.)

« Havendo modo para se cauterizar com ferro em brasa, podra infernal, *ou* potassa caustica.» ( *Ib.*, p. 242.)

« Convem tambem esfregar a parte com azoite quente, *ou* qualquer genero de gordura.» ( *Ibid.* )

Sem embargo, ignorava o mestre que algum dia se pudesse ter usado a virgula desse modo.

<sup>1</sup> MADUREIRA: *Orthographia, ou arte de escrever e pronunciar com acerto a ling. portuguesa.* Bahia, 1820. P. 133, ns. 275 e 276.

Do mesmo modo que eu, porém, virgulava, ainda, EVARISTO LEONI :

« Au muda-se geralmente em Ô, ou Ou. » (*Gen. da Ling. Port.*, I, p. 3.)

« As mudanças do E em A, ou I. » (*Ibid.*)

« Corda do canhão, ou de esparto. » (*Ib.*, p. 25.)

« Vêde agora se foi castigo, ou mercê. » (*Ib.*, p. 27.)

« Costumam collocar-se defronte, ou em situação opposta. » (*Ib.*, v. II, p. 25.)

« Em presença, ou á vista de seus paes. » (*Ib.*, p. 28.)

« D'onde alguma coisa vêm, ou procede. » (*Ib.*, p. 44, 49.)

« Uma observação errada, ou, quando menos, incompleta. » (*Ib.* p. 61.)

Assim sempre. Entretanto, não constava ao mestre que em época nenhuma houvesse tido a virgula essa applicação.

G. CASTELLO BRANCO praticou o mesmo:

« Quando adrega de apaixonar-se, ou mar, ou terra. » (*Memor. do Carc.*, v. II, p. 110.)

« Um monumento digno de reparo, ou um factó não sabido. » (*Os Martyres*, v. I, p. xvii.)

Haverá, em nossa lingua, maiores autoridades? Ora, se todas ellas, além de outras, me offerecom esse padrão, anterior ao meu escripto, a dar-se que esteja errado, primeiro que meu seria dellas o erro.

**333.** — Bem sei que outros, depois, têm praticado a virgulação de outro modo, e formulado a seu respeito regras diversas. Mas onde, em materia de orthographia portugueza, a opinião com força de lei, o uso com os caracteres de tradição obrigativa? « Não ha opinião de classicos », dizia, ha cerca de quarenta annos, CASTILHO José, « nem uso, nem systema pratico, por onde a orthographia se possa regular. Numerosas tentativas hão sido feitas, em diversos tempos, para legislar em tal materia: outras tantas icarias quédas! Um só lexicographo, um só grammatico, um só orthographo não

<sup>1</sup> A *Grammat. Portug.* de Augusto Freire diz não se pôr virgula « antes das conjunções e, ou, nem, que a suppreem, quando atam membros de uma mesma oração ». Mas acrescenta a:

« Ha contudo escriptores, que usa n da virgula, mesmo n esse caso. » (P. 431-2.)

Da virgula nesse caso com as conjunções ou, e e, se encontrarão exemplos no texto. Com a conjunção nem, aqui está um, de CASTILHO:

« Nem portas, nem degraus, nem muros restam! » (*Am. e Mel.*, p. 366.)

teve ainda a gloria de arvorar uma bandeira, que todos abraçassem. A razão universal se tem revoltado contra a legislação de todos ellos.» Por esse lado, continuava elle « não é admissivel argumentar com a escripta dos classicos, contradictoria e irracional; tambem o não é com o uso, que não existe, constante e geral, nem tão pouco com as regras dos orthographos, pois destes uns não têm systema merecedor de tal nome, outros destroem nas applicções o que estabeleceram nos principios.»<sup>1</sup>

Não foi mais bem succedido com o de sua construcção esse notavel erudito. Para logo refugado com a pécha de «singular»<sup>2</sup>, insulou-se e pereceu nos livros do autor, não obstante o cabedal precioso de erudição, methodo e arte que lhe empregara nos fundamentos. A deploravel «anarchia», em que, na justa expressão dessa autoridade<sup>3</sup>, jazia então a lingua patria, subsistiu, e creceu. Acompanhem-se os esforços, perlustrem-se os estudos recentes de C. DE FIGUEIREDO<sup>4</sup> acerca do mesmo assumpto, e ver-se-á que o mal perdura, com as aggravações da crescente vetustez. Nem os adeptos da etymologia, nem os da phonica, nem os da transacção arrazoada entre as origens e a prosodia corrente lograram firmar coisa alguma. Aquella assembléa, cuja historia elle esboça, de academicos, celebrada, para delibérar sobre o *Diccionario*, na qual cada um dos presentes á assentada professava ter o seu systema em coisas de orthographia, debuxa a situação geral. Afinal a Academia commetteu a parte orthographica da sua encetada obra a LATINO COELHO, com quem o autor do *Novo Diccionario da Lingua Portuguesa* nos diz não haver «nada que aprender a respeito de orthographia».<sup>5</sup>

336. — Se essa é a babel, que vae pela graphia das palayras, veja-se agora que não será quanto aos signaes da pontuação. A minha tive sempre em mente que obedecesse ao proposito de «contribuir (não exclusiva, mas efficaçmente) para apresentar aos olhos a distincção das orações, ou de seus membros, tornar mais claro o sentido, mais facil e elegante a leitura, graduando os signaes segundo a adhesão das idéas.»<sup>6</sup>

De accordo com este pensamento, «considero a virgula practicamente, sob o aspecto grammatical, para a divisáo das orações, e, sob o aspecto logico, para a separação dos termos de egual

<sup>1</sup> *Orthographia Portuguesca*. Rio de Jan., 1830. P. 57-9.

<sup>2</sup> *Ib.*, p. 50.

<sup>3</sup> *Ib.*, p. 46.

<sup>4</sup> *Lições Praticas*, v. I, p. 149, 153, 175, v. III, p. 272-337.

<sup>5</sup> *Ib.*, p. 231 — LATINO COELHO (ligeira amostra de seu systema) graphava o vocabulo *profano* com *ph*. (*Elog. Acad.*, v. II, p. 316, 391.)

<sup>6</sup> CASTILHO JOSÉ: *Op. cit.*, p. 131.

natureza ligados, ou mesmo para segredos de pausas, que mais se podem apreciar que regular-se.»<sup>1</sup> Ora, entendido assim o papel desta expressão orthographica, não me parecem mais racionaveis, nem mais uteis, em relação a elle, as fórmulas modernas que as antigas.

Costumam ensinar hoje em dia que «a virgula serve, para separar os termos de uma serie, quando não são ligados por conjunção», ao passo que outr'ora, pelo contrario, como ha pouco vimos, antes das conjunções era de preceito que a virgula não faltasse. Mais logica se me affigura esta regra do que a de agora. Logicamente, numa serie grammatical, os termos a que se interpoz conjunção, não se acham mais liados entre si pela interferencia desta, que os outros pela sua méra contiguidade. Nesta, por exemplo: «A mesa, o papel, a penna e o tinteiro são meus», não ha, quanto á idéa, mais ligação entre *penna e tinteiro*, por terem de permeio a conjunctiva *e*, que entre *penna e papel*, ou *papel e mesa* entre si immediatamente visinhos. A função logica da conjunção não se limita a vincular um ao outro os dois ultimos termos da serie: actua em toda ella, estendendo aos anteriores a relação expressa no tocanto aos dois que a encerram.

Não ha, portanto, motivo racional, para que a virgula, que separa os primeiros termos, não separe os derradeiros. E muito menos o ha, se a conjunção interposta for a disjunctiva. Esta não liga sinão *excluindo*, ou *distinguindo* entre os dois termos, ou clausulas, a que se entremetto. E, se *distingue*, ou *exclue*, não é sensato retirar-lhe o signal orthographico desse facto, sob o inexacto pretexto de que *liga*.

Nesse mesmo pretexto, porém, se está a reconhecer que a função da virgula estabelece a sua necessidade, onde quer que se seriem termos successivos, mas distinctos, na expressão de uma idéa. Mas, se assim é, não tem senso commum o criterio indicado na censura do mestre, criterio segundo o qual se proserve o uso da virgula entre as clausulas longas, e se proserve entre as *curtas*, ou entre simples vocabulos consecutivos. Não é a complexidade, ou a extensão dos membros consecutivos (clausulas, ou palavras) o que legitima a virgulação: é a simples necessidade logica de os separar, desde que estão juntos, e se não devem confundir.

337.—CASTILHO ANTONIO usa frequentemente da virgula antes da copulativa e:

«Da escola devem sair o futuro homem, e a futura mulher.» (*Felic. pela Intr.*, p. 37.)

«O fallar, o ler, e o escrever.» (*Ib.*)

<sup>1</sup> CASTILHO José: *Ib.*, p. 135.

« A razão das variações, e a razão porque... »  
(*Ib.*, p. 39.)

« E' c'róa de vaidade, e veu da insipiencia. »  
(*Fausto*, p. 256.)

« Suprem conversações, leituras, e até pensar, »  
(*Am. e Melanc.*, p. 179.)

« A arte no coração, e a fé na alma. » (*Ib.*, p. 248.)

« Está equidistante do convento fanatico, suicida, e assassino, e do convento relaxado. » (*Ib.*, p. 275.)

« Pombas, pardaes, e outros passarinhos. » (*Ib.*, p. 303.)

« Já conhecidas da presente idade, e das edades ultiores. » (*Ib.*, p. 314.)

« Um espirito amante do remanso, e do estudo, e ávido de bemquerenças. » (*Ib.*, p. 322.)

« Os fastos religiosos, historicos, e politicos. »  
(*Fastos*, v. I, p. XI.)

« Baccho é Liber, com garras de leão, e pontas de capro. » (*Metamorph.*, p. 302.)

« Perseguidores, piérios, e pégos. » (*Ib.* p. 313.)

« Não fará pouco ao seu ropouso, e fortuna. » (*Ib.*)

« Ceres, legisladora, e civilizadora. » (*Ibid.*)

« Tinha de ser cheio, e cochado. » (*Ibid.*)

« Defeituoso, e incompleto, como é, encerra mais saudado, e melancolia, o, muitas vezes, um colorido mais vivaz, e adequado. » (*Ib.*, p. 314.)

« Das bravatas, e insolencias, já deixamos dito. »  
(*Ib.*, p. 315.)

« E o grave adorno, limpido, e sem arte. » (*Fastos*, v. I, p. 161.)

« A' mingua do trato, remedios, e medicos. » (*Colloq.*, p. 10.)

« Confusão para a vista, e para o juizo. » (*Ib.*, p. 19.)

« As linhas dos principaes rios, e o boleado das ser-  
ras mais altas. » (*Ib.*, p. 20.)

« O ensino especial dos deveres, e bons costumes. »  
(*Ib.*, p. 21.)

Assim poleria ir citando indefinidamente. O mesmo de LATINO  
COELHO :

« Recommendar o seu nome a veneração da poste-  
ridade, e ás honras academicas. » (*Elog. Acad.*, v. I, p. 5.)

« O seu aspecto venerando, e os seus costumes ver-  
dadeiramente pastoraes. » (*Ib.*, p. 6.)

Ora seria a mais palpavel inversão logica interpor a virgula, -- o  
signal orthographico de separação, antes da *copulativa*, e antes da

*disjunctiva* não o admittir. Se á primeira se deve antepor a virgula, á segunda, com maior razão, cumpre antepol-a.

338.—«Às vezes», diz o mestre, carregando-me a mão na que-rela, «tanto abusa da virgula, que, numa sentença, causando até desagradavel impressão á vista desacostumada, são quasi todos os vocabulos seguidos deste signal.»

Provas?

A que elle adduz, é unicamente o art. 163 do substitutivo, que aliás, com um *et cætera*, deixou truncado ao meio. Demol-o inteiro:

«Aquello, que, por acção ou omissão voluntaria, negligencia, ou imprudencia, violar direito ou causar prejuizo a outrem, fica obrigado a reparar o damno.»

Quantas são as virgulas?

Seis.

Quantos os vocabulos?

Vinte e tres.

E diz o mestre que alli a virgula segue a *quasi todas* as palavras. Naturalmente entre *seis* e *vinte tres* quasi não haverá differença.

Mas espanta-se o dr. CARNEIRO da minha liberalidade no vir-gular? Pois veja agora, de amostra, um topico de A. HERCULANO, aliás mui sobrio virgulador:

«Procuravam evitar as discussões em materias de fé, e, até, o papa Alexandre III, escrevendo a Gerocho, prior do Reichsberg, lhe ordenava se abstivesse.» (*Hist. da Or. da Inquis. em Port.*, v. I, p. 9.)

Quantas palavras?

Vinte e tres.

Quantas virgulas?

Seis.

O mesmo numero de palavras e virgulas que no malsinado ar-tigo do meu substitutivo, com o qual tive a desdita de irritar o nervo optico ao meu respeitavel mestre.

E ainda ha melhor. Aqui está um periodo, desse mesmo autor, com *seis* virgulas em *vinte e uma* palavras:

« Ficam condemnados a carcere perpetuo os rela-psos, isto é, os que, depois de convertidos, recahirem no erro, os contumazes, os fugitivos. » (*Op. cit.*, v. I, p. 33.)

Suppunha eu, entretanto, que o acerto da virgulação se houvesse de aferir pelo da collocação das virgulas. Vejo agora que é *pelo seu numero*. Tanto mais mal virgulado estará o periodo, quanto mais virgulas tiver. Quanto menos, tanto melhor. Do modo que a sup-

pressão da vírgula seria a excellencia em materia de virgulação. Um periodo inteiramente desvirgulado fóra, quanto á virgulação, o modelo dos periodos grammaticaes.

**339.**— Não serve a consequencia? Então é que é falsa a premissa, de onde mathematicamente decorre. Para demonstrar que eu abusara da vírgula no art. 163, necessario era ao mestre fazer o que não fez: mostrar que eu a puzera onde não cabia. E porque o não fez? Porque não era possível.

Alli, de feito, apenas uma vírgula se poderia arguir de excessiva: a que se segue á palavra inicial do trecho, o pronome *aquelle*. Essa mesma, aliás, antepoñdo-se a um *que*, bem poderia allegar em defesa o antigo preceito, que manda virgular sempre *antes dos relativos*. A *que* caodeia entre « *omissão voluntaria* » e « *negligencia* » ninguem terá que objectar: está em observancia da regra universal, cujo dictame ordena se separem mediante este signal os varios termos, que numa serie se succederem.

Restam assim tres, das seis virgulas que se me exprobravam.

Dessas, duas vêm a ser a precedente e a subsequente á clausula « *por acção ou omissão voluntaria, negligencia, ou violencia* ». Mas esta clausula é uma incidente explicativa; e as incidentes ficam entre virgulas, quando são explicativas. (João Ribeiro: *Gram.*, p. 343.)

A derradeira, emfim, é a que aparta a restrictiva « *que...causar prejuizo a outrem* » da oração principal « *fica obrigado a reparar o damno* ». Ora entre essas duas especies de sentenças não ha systema de pontuação, que não mande virgular.

Eis ahi, pois, reduzida a coisa nenhuma a superabundancia figurada pelo dr. CARNEIRO com tamanho escauceu, que, não contente de me criminar como rebelle á grammatica, me argue, até, de attentar contra a visiva dos leitores.

**340.**— Dada assim conta das virgulas que usei, vem a ponto dar razão da que omitti. Não comprehende o mestre que eu, no meu systema, não virgulasse depois do vocabulo *acção*. Parece-lhe que « a coherencia » me não permittia recusar-lhe a notação, que a palavra *neglicencia* me mereceu. Mas é que á palavra *negligencia* succede outro substantivo, independente daquelle; ao passo que *acção*, com o seu subsequente *omissão*, alli se acham rounidos pelo epitheto *voluntaria*, que os adjectiva, numa idéa commum. VIEIRA, cuja orthographia, conforme demonstrei, usa ordinariamente a vírgula antes da conjunção *ou*, não a emprega em eventualidades semelhantes: « *Torrivel coisa é que a boa ou má sorte de uns dependa das pennas de outros.* » (*Será.*, v. II, p. 312.) A condição de dois adjectivos qualificando um substantivo é analogá á de um adjectivo qualificando a dois substantivos.

**341.**— Se o dr. CARNEIRO, antes de me accusar, houvesse reflectido, e consultado a sua memoria, tão habituada a conviver

mão por mão com os bons autores, certamente advertiria em que a minha pontuação, menos parca, admitto, que a de outros, bem longe, todavia, está da profusão no uso das virgulas, a que o exemplo de modelos de primeira ordem me poderia tentar. Bastava lembrar-lhe o como pontuou CASTILHO ANTONIO no seu volume das *Melamorphoses*, a que, para lição á intemperança do meu critico nas suas censuras, tomarei ligeiras amostras.

Eil-as, sem uma virgula de menos, ou de mais:

« Bem descontento fica esse desar, pelo vivo, e tão frisante, documento, que a donzellas, e educadoras suas, está offerecendo. » (P. 300.)

« A ser Ovidio o creador desta fabula, que o não foi, estranhara-lhe eu, desabridamente, este castigo das Mineidas: viva, o floreja Baccho, muito nas boas horas; faça delphins os corsarios, que, por cruexa, e traições, lh'o merecêram; dê morte a um Lyeurgo, derrotador de vinhas, e a um Ponthou, que, sobre oppor-se a suas festas, o quiz mandar metter a tratos, e justicar, como malfeitor; mas, para umas donzellas, que, por ainda não convencidas, o só de suas portas a dentro, o desveneraram, á fé, que ultrapassa o rigor todas as raias. » (P. 301.)

« E, por isso tambem, os povos, que, pela Revelação, não tiveram luz da sua primeira invenção, a attribuiram aos seus maiores varões, ou Deuses: os romanos, a Saturno; os gregos, a Baccho; a Osiris, os egypcios. Este é o retrato de vinho visto pelo rosto; do revez não ha que fazer menção; ahi, é, que Baccho é Liber, com garras de leão, e pontas de capro. Foi, por conhecerem, ou avontarem, esse revez, que os romanos dos bons tempos... » (P. 302.)

« O arrojo, com que Athamante esmaga o filho num penedo, o delirio, com que Ino, bradando, *Evohé*, se precipita, com o outro, no mar, provam, como o cantor d'amores, e delicias, podera, se o quizesse, ter dado a Roma um digno rival do Sophocles, e Euripdes. » (P. 303.)

« Quanto porém ao logar, onde essa, ou semelhante cousa, passara, apontarei por curiosidade, que em Joppe, Jaffa, ou Japho, marítima cidade ás abas do Medi terraneo, cnde vão pojar os peregrinos de Terra Santa, q uerem outros de boa nota, que tal, em verdade, succedesse. » (P. 305.)

« Perseu, alvo, pouco ha, de todas as admirações, de todas as benevolencias, e invejas, acha-se, de ro-

...pento, exposto a todos os insultos, e furias, dos levanta-  
 ...tados.» (P. 308.) « As seguintes punições, de Prêto, e Polydectes;  
 ...vão apenas esboçadas, e não ha que dizer dellas; senão,  
 ...que, em ambas, e, em especial na segunda, havia, por-  
 ...ventura, matéria para maior obra, e muito conveni-  
 ...niente.» (P. 310.)

Chega ás vezes, obedecendo simplesmente á emphase, a vir-  
 gular entre o verbo e seu complemento directo: « Eu vos  
 fio, que descobrireis. » « Lá devia saber, o porque taes coisas  
 enjeitava. » ( P. 310. ) Outras é entre o sujeito e o verbo  
 subsequente que a virgula se introduz: « Mas Ovidio, enten-  
 deu. » « A Píeride, não espera. » « As vencidas, prorompem em  
 injurias. » (P. 312.) « O papel de Ceres, é, em verdade. » (P. 313.)<sup>2</sup>

342.— No extremo opposto ao deste grande escriptor avulta  
 outro de não menor altura, prestigio e celebridade: ALEXANDRE  
 HERCULANO. Emquanto o primeiro barateia, cuida ou, as notações  
 orthographicas, o segundo, quer me parecer, as desfalca.

Nota-se, verdade é, uma excepção a esta avareza. Cortas  
 locuções, certas conjunções, certos adverbios, em especial os  
 adverbios em mente, — *provavelmente, necessariamente, porém,*  
*portanto, pois, depois, todavia, enfim, assim, talvez, até, por fim,*  
*tambem, desde logo, de feito, isto é, além disso, por isso, na verdade,*  
*às vezes, a principio, em substancia, a cada passo, ao mesmo tempo,*  
*até certo ponto, não* passam, no texto do grande prosador, sem uma  
 virgula a cada ilharga.<sup>3</sup>

Fóra dahi, a parcimonia é de uma severidade, que de quando em  
 quando parece tocar á nudez. Longos espaços se transpõem,  
 ás vezes, quasi inteiramente ermos de pontuação, como este:

« Izabel, a Catholica, repugnava a admittir na mo-  
 narchia castelhana e leonesa a continua representação  
 das scenas que eram consequencia forçosa do estabele-

<sup>1</sup> Semelhantes ainda, como typicos desse pontuar, muitos outros lan-  
 ce a p. 213, 214, 217, 222, 223, 224, 251, 254, 257, 258, 259.

<sup>2</sup> Exemplos eguaes, em *Am.* e *Mclano.*, p. 258 *finc.* 260 *fine.* 261  
*princ.*, 279, 307.

<sup>3</sup> *Hist. da Or. da Inquis.*, v. I, p. 9, 15, 31, 32, 34, 35, 36, 38, 39,  
 41, 42, 48, 50, 51, 53.

Analogamente CASTILHO:

« De alguns bois, apenas,  
 Este, agora portento, era pastio. »

( *Pastos*, v. I, p. 27. )

« Sileno,  
 Esse então, convidava-se a si proprio. »

( *Ib.*, v. III, p. 127. )

cimento daquelle sanguinario tribunal e que repugnavam á brandura da sua indole.»<sup>1</sup>

«Debalde ali varia o pensamento, e o folego se esgota: não ha, para a attenção, nem para a voz, um ponto de respiro, ou descanso.

Entre essas duas contrarias extremidades caberia, talvez, meio termo, que ligeiramente indicarei, pondo, lado a lado, em breve confronto, alguns trechos do admiravel estylista do *Monasticism*, quaes elle os pontuou, e quaes eu (rêlevem-mô a temeridade e profanação) imagino se deveriam pontuar.

« Mandam-se arrazar as casas onde qualquer delles se haja occultado. »

(*Hist. da Inq.*, I, p. 33.)

« Onde e quando os herejes ou reputados taes podiam recorrer ás violencias para obter desforço, não as poupavam. »

(*Ib.*, p. 36.)

« Aos inquisidores, que assim perocjam victimas do seu e alheio fanatismo, consideravamos como martyres. »

(*Ib.*, p. 37.)

« Produziram bastante escandalo para estes perderem muito da sua popularidade. »

(*Ibid.*)

« As resistencias eram taes que os papas viram-se obrigados a ir moderando essas formulas. »

(*Ib.*, p. 39.)

« Restituiu-se aos bispos uma parte daquella acção que de direito lhes pertencia em taes materias. »

(*Ibid.*)

« A heresia tinha principes que a protegiam, soldados que combatiam por ella. »

<sup>1</sup> A. HERCULANO: *Op. cit.*, v. I, p. 50.

(P. 50.)

« Aproveitavam o terror para promover os triumphos do christianismo.»

« Aproveitavam o terror, para promover os triumphos do christianismo.»

(P. 55.)

« Incitavam os ambiciosos a abandonar a creença de seus paes para attingirem aos cargos e dignidades de que o judaismo os excluia.»

« Incitavam os ambiciosos a abandonar a creença de seus paes, para attingirem aos cargos e dignidades, de que o judaismo os excluia.»

(Ibid)

« O individuo que por nascimento ou por espontanea deliberação não pertencia a essa sociedade não devia estar sujeito ás leis della.»

« O individuo que, por nascimento, ou por espontanea deliberação, não pertencia a essa sociedade, não devia estar sujeito ás leis della.»

(P. 57)

**343.**—A essa linha me ative e me atenho: nem tanto ao mar, nem tanto á terra. Que outro meio de me não indispor com os espiritos delicados e escandalizaveis como o do mestre? Não lhe agradei, ainda assim. Paciencia. Tem o dr. CARNEIRO lá o seu regimen orthographicico: o do projecto; e não se sente bem senão com elle. Contra isso que valem razões? Já o nosso FREI LUIZ DE SOUSA estudara esses estados do coração: «*Todo o homem ama os partos do seu entendimento e ás vezes mais que aos mesmos filhos: e esta é a causa de muitos se cegarem com as suas coisas.*»<sup>1</sup>

## § 100

## Art. 1.670

## CONTEÚDO, ADJ.

**344.**—Desce aqui outra vez sobre uma das minhas notas (advirtam que não é sobre o substitutivo) a soberania philologica do mestre.

A linguagem moderna, declara elle, não conhece o adjectivo *conteúdo*. Tal palavra só em character de substantivo se admite presentemente.

Não faço escrupulo em appellar deste decreto. Pouco importa que se antiquassem pelo geral os adjectivos em *udo*: *temudo*, *recebudo*, *entendudo*, *conhecudo*, *reteudo*. Se ainda lhes sobrevivom *teúdo* o

<sup>1</sup> *Vida do Arcebispo*, l. I, c. 26.

*manteúdo*, como reconhece o mestre, não era de estranhar sobrevivesse, com esses, o adjectivo *conteúdo*. E, de feito, sobrevive.

Quer o dictionario *contemporaneo* de AULETE, quer o de FIGUEIREDO, onde os vocabulos antiquados trazem invariavelmente indicação de taes, registam, sem nota de *obsoleto*, ou sequer de *pouco usado*, tambem costumada alli, esse adjectivo. E, se me declinam da autoridade coercitiva dos dictionarios, appollo para os classicos modernos. CASTILHO ANTONIO, o mestre dos mestres, usou de *conteúdo* adjectivamente, entre outras, nesta passagem:

« Ao *conteúdo* nas precedentes paginas alguma coisa havemos de subtrahir agora, e alguma coisa tambem accrescentar. » (*Trat. de Metrificaç. Portug.*<sup>1</sup>, p. xi.)

Se me sobrasse lazer para excavações, poderia mostrar exemplos analogos em C. CASTELLO BRANCO, onde tenho em retentiva que já os encontrei.

§ 145.— Que diria o professor CARNEIRO, se, em logar de *conteúdo*, me abalançasse eu ao uso do *contento* na accepção de *coisa contida*?

Esse não se encontra, de MORAES e CONSTANCIO a VIEIRA o AULETE, em dictionario algum. Até o *Vocabulario* de BLUTEAU e o *Elucidario* do VITERBO o desconhecem. FIGUEIREDO é o só o unico dictionarista que o mette a rol. Entretanto A. HERCULANO não hesitou em o abonar num dos seus melhores escriptos: « Apenas o monge saiu, a velha pegou na bolsa, virou-a mansamente sobre uma arca o viu que *os seus contentos* eram dez magnificas dobras validias. » (*O Monge de Cist.*, v. I, p. 297.)

Modoremos, pois, esse instincto de covoiros, que anima a certos philologos, tanto mais inclinados a relaxar com os neologismos, quanto mais severos em apertar com os vocabulos de boa lei. *Pouco usado* será, se quizerem, o adjectivo *conteúdo*. Mas pouco uso não val desuso; e sacar á praça um bom vocabulo meio esquecido não é deservir, senão antes servir, e bem, á nossa lingua.

## § 101

### Art. 1.479

#### PERDENTE

§ 146.— Outra palavra, que o mestre ferreteia de *obsoleta*. Porque? Enigma temos aqui. FIGUEIREDO apenas a qualifica de *pouco usada*. Logo, não cessou de se usar. O contrario affirma o dr. CAR-

NEIRO. Mas, pondo em balança o seu depoimento com o do respeitavel dicionarista portuguez, á parte deste se inclina o fiel. Em materias de lexicographia, pelo menos, não posso vacillar entre os dois.

Não tem maior uso o vocabulo *peccante*; e, comtudo, CASTILHO altamente o autoriza: «Seja o proprio *peccante* quem por si reconheça, confessé, explique, e corrija o seu peccado.» (*Folha pela Instrucç.* p. 78.)

Temos, da mesma folção que *perdente*, innumerados adjectivos e substantivos: *lemente, influente, conducente, requerente, descrente, producente, beneficiente, luzente, mordente, proponente, concorrente, arduente, defendente, oppoente, regente, combatente, padecente, lente, delinquente, remettente, nubente, recorrente, benquerente, tremente, decorrente, fluente, comparecente, liquescente, descendente, convincente, rompente, parturiente, ridente, maldizente, vivente, resplandecente, commoriente, gemente, dormente, jacente, docente, nutriente, pendente, carecente, fulgente, occorrente, vilente, fervente, fremente, ardente, olente, bibente, sensiente, e tantos, tantos outros. Nenhum envelheceu. Porque só o *perdente* se havia de antingar?*

347.— Se, em vez de *perdente*, dissesse eu *perdidor*, seria mais tolerante o mestre com o segundo, á conta de neologismo, do que á de archaismo com o primeiro?

Pois bem: *perdidor* é de C. CASTELLO BRANCO: «Já a mãe propriamente a induzia a sair do reino e consurava a floixa diligencia do *perdidor* de sua filha.» (*Cap. da Mart.*, p. 150.)

Quando nos reconhecem o direito do cunhar, em sendo bem cunhados, vocabulos novos, por significar novas idéas, ou idéas correntes, que não disponham de outra expressão, como nos denegariam, para o mesmo effeito, o arbitrio de restituir á circulação palavras já vernaculas, do melhor carimbo, que um deshabito imerecido vae expondo á ferrugem?

Para designar o autor da perda, ou *perdição*, inventa um escriptor moderno o termo *perdidor*. E, como seja neologismo, está direito. Precisa-se, porém, para indicar, em contraposição ao autor da perda, o seu *paciente*, aquelle que a soffre; e, como a palavra, de que para isso nos valem, já era portuguesa, *não serve*, porque está em desuso. Esdruxula semrazão e deslavada semjustiça, que parece estarem bradando: ás palavras de manipulação contemporanea braços abertos e passo franco; ás de tradição vernacula suspeição e rigor.

Assim como, de *pedra*, temos *pedrada*, assim, de *seixo*, fizemos *seiwada*. Mas, se alguém hoje se utilisasse desta palavra, incorreria em ranço archaico, só porque, desde GIL VICENTE, quasi ninguem a empregou? Mas nenhum dos nossos lexicographos a nota de obsoleta. Vejam, por exemplo, ainda, o vocabulo *fraldejar*, excellente expressão, viçosa, rescendente a novidade, e sem outro nome que a suppra, na accepção de contornar o morro, ou o monte, pela fralda,

Mas ha' que tempo esqueceu! Desde DAMIÃO DE GÓES<sup>1</sup> não me lembro do escriptor que a utilisasse. Comtudo, nenhum dicionario, a qualifica de archaismo:

## § 102

## Archaismos

## LIDIMO

**348.**—Eis aqui está outro vocabulo, que o mestre me não perdoa.

Tambem é dos antiquados, que a juvenildade literaria do omninonte grammatico refusa desenganadamente.

E porque?

1.) Porque achou em JOÃO DE BARROS o FR. BERNARDO DE BRITO dois trechos, que o empregam.

2.) Porque MORAES lho aponta um logar das *Ordenações Manuêlinas* e LEONI (v. I, p. 43) outro do *Inédito de Alcobaca*, um e outro anteriores ainda aos dois primeiros, onde egualmente se exara aquelle adjectivo.

3.) Porque DUARTE NUNES DE LEÃO já o reconseava como obsoleto.

Reduzom-se os dois primeiros argumentos a um só, consistindo ambos em dar como razão de caduquez de um vocabulo o seu encontro em autores de remota ancianidade. Esse criterio, a vingiar, poria de obsoletos dois terços, ou tres quartos do portuguez hoje fallado; porquanto duas terças ou tres quartas partes do seu vocabulario e quasi toda a sua syntaxe nos são communs com a época dos BRITOS e BARROS, com a de FERNÃO LOPES e, até, com a de el-rei D. DUARTE. E basta o risivel da consequencia, para evidenciar quanto a premissa é de rir.

**349.**—Mas coisa mais de rir ainda temos; e vem a ser que, emquanto nos aponta o contacto com as *Decadas* de BARROS o a *Monarchia Lusitana* de BRITO como documento do archaismo do lidimo, com esses mesmos autores e outros ainda mais remotos, como RUY DE PINA e GARCIA DE REZENDE, muitas outras vezes neste mesmo trabalho, forceja de mostrar a legitimidade actual de outras locuções.

Do *Inédito de Alcobaca* não faz o dr. CARNEIRO cerimonia, quando lho cae a lanço, em utilizar trechos que desse antiquissimo texto lho ministra a obra de LEONI, para d rimir questões de vernaculidade contemporanea. E, ao passo que da circumstancia de encontrar *lidimo* nas *Ordenações Manuêlinas* conclue de plano contra

<sup>1</sup> « Neste tempo viu Gonçalo Vaz hum mouro de cavallo que vinha, muito seguro *fraldejando* a serra de Benares. » *Chronica del rei Dom Emanuel*, III, c. 26, ed. de 1619, f. 498.

a vitalidade actual desse adjectivo, pouco ha que, no commento ao art. 180, advogava com as *Ordenações Affonsinas*, tres quartos de seculo mais antigas do que aquellas, a prestabilidade hodierna do *fazer interrupção*, por mim embargado. Ora, se no *texto do codigo civil* nos é licito usar essa phrase, porque RUI FERNANDES, LOPO VASQUES, LUIZ MARTINS e FERNÃO RODRIGUES a usavam, em 1446, nas leis de AFFONSO V, não porêbo como baste, para do nosso fallar enfeitarmos a palavra *lidimo*, a consideração do ter servido a RUY BOTTO, a RUY DA GRAN e a JOÃO COTRIM, em 1521, na codificação promulgada por D. MANUEL. Salvo se a modernidade, ou a anciania, das palavras está na razão inversa da dos monumentos, que as attestam.

Uma das louçainhas que o projecto deve á revisão do mestre, é a locução adverbial *de feição que*, por vezes alli repetida. Mas essa expressão é autorizada por MORAES com excérptos de JOÃO DE BARROS <sup>1</sup>, autor com o exemplo de quem o dr. CARNEIRO documenta a vetustez de *lidimo*. Antes, porém, do autor da *Asia* já era corrente aquella expressão em GIL VICENTE (v. I, p. 379; v. II, p. 402; v. III, p. 385), e muitas vezes a encontro no *Leal Conselheiro*, d'el-rey D. DUARTE. Tão velha é, pois, quanto o *lidimo*, senão mais. Mas o *lidimo* corre-se como antigualha, emquanto aquella se galanteia como belleza.

**330.**—Porque? Porquo já ha tres seculos passava *lidimo* por velho aos olhos de DUARTE NUNES. Certo é; mas no mesmo rol do velharias, de envolta com *lidimo*, não sabe o mestre quantos vocabulos alli figuravam, tão lustrosos hoje em dia, como se acabassem de nascer?

Reloia esse elenco, e veja onde foi cair. Affigura-se-lhe obsoleto *acoimar? afan? aguçoso? alveio? alfageme? algo? albergar? algures? alhures? aquecer? arrefecer? aturar? atroar? confortar? haveres? covilheira? despachar? doesto? encalçar? esmerar? estado? falha? finado? grei? grado (vontade)? jogral? lidar? ufano? possança? puridade? quebrantar? sagaz? sanhuo? sanha? talante? tanger? vindicta?*

Pois tudo isso passava por obsoleto em 1603, para o chronista d'elrei D. DUARTE, quando estampava a sua *Origem e Orthographia da Lingua Portugueza*. <sup>2</sup>

Mais de seculo e meio depois (em 1765) imprimia FRANCISCO JOSÉ FREIRE as suas *Reflexões Sobre a Lingua Portugueza* <sup>3</sup>, em um de cujos capitulos dava revista aos archaismos de seu tempo. Pois entre elles já se não enumera *lidimo*. Em compensação alli figuram um sem conto de vocabulos hoje em plena actualidade. Taes estes:

<sup>1</sup> Em seguida a BARROS, usou-a COUTO. *Decad.*, v. I, p. 31, 33.

<sup>2</sup> *Ib.*, c. XVII.

<sup>3</sup> Ed. de 1863. Parte 3ª, p. 5-59.

acatar; acendalha; acendrado; achanar; açodado; acompadrado; alrede; amamentar; amercear-se; andrajo; arremangar; ar-teiro; aviventar; cainho; caravel; córrego; denodado; em-baimento; ementa; empantufar-se; entaliscado; escandir; esmar; ferropeia; gafeira; gafaria; guarida; menestreis; mesurado; mordomnar; ornear; passos; palafrem; passamentos; pêco; peri-galhos; pincar; pinchar; precalçar; pujança; quejando; reptar; retoiçar; roaz; roçagante; roldão; sandeu; sobrejuiz; tabo-lagem; talar; tosquenejar; trabuco; zarguncho; abobadar; alar-dear; alfaiar; amarellecer; amigar-se; atalaiar; barbar; bas-tardear; abolinar; abonancar; chocarrear; deslar; desatinar; embeleçar; enramear; escudar; esquivar; extremar; afamar; desfraldar; hastear; enfermar; maridar; ameigar; amollentar; parvoejar; despear; pejar-se; perjurar; aquinhoar; rabi-ar; sortear; tartamudear; tratear; trombejar; velhaquear.

Tinha esse antigo philologo a simpleza de cuidar irremediavel-mente perdidos para o nosso idioma tôdos esses termos; porquê, dis-corria elle, «não está presentemente em vigor a regra de HORACIO: *Mulla renascentur que jam cecidere*». Mas HORACIO não consignara um factio antigo e solitario: esboçara um canon perenne e geral á evoluçã das linguas. Longe de se continuarem a fossilizar, todas aquellas palavras revivesceram, e pompeiam hoje como recém-creadas no vocabulario de nossos dias.

Ainda mais tarde (em 1793) saía a luz ANTONIO DAS NEVES PE-REIRA com o seu *Ensaio sobre a Philologia Portugueza*, nas *Memorias de Literatura* publicadas pela Academia Real das Sciencias de Lisboa; e ahi <sup>1</sup> lamentava o abandono em que se iam sumindo grande numero de vocabulos excellentes, «sem outra causa mais que o perder-se a familiaridade com os bons escriptores». <sup>2</sup> Imagina o dr. CARNEIRO quaes seriam esses vocabulos, a esse tempo já quasi esquecidos? Multos dos que hoje mais continuo circulam no uso literario, ou no vulgar, com as melhores notas: *agricullar*; *alascar*; *cumprir*, na accepção de *convir*, *importar*, na de ser *forçoso*; *demandar*, na de *buscar*; *embeber*; *enxergar*; *enfrear*; *refrear*; *soffrear*; *desenfrear*; *fundear*; *montear*; *mariscar*; *ornamentar*; *vollear*; *incomportavel*; *ledo*; *mêsquinho*; *haver mister*; *sotar*.

Ainda após os catalogos de CANDIDO LUSITANO e ANTONIO DAS NEVES continuou esse movimento de resurreiçã. Não vao por muito mais de vinte annos que ADOLPHO COELHO perguntava, alludindo ao expurgatorio de FRANCISCO FREIRE: «Quem em-progará hoje *aculco*, *dealbado*, *derelecto*, *excidio*, *jugular*, *lutulento*, etc., condemnadas por um purista do seculo XVIII?» <sup>3</sup> Ora

<sup>1</sup> V. IV, p. 247-252.

<sup>2</sup> *Ib.*, p. 247.

<sup>3</sup> *A Língua Portugueza. Noções de Glottologia Geral.* Porto. P. 35. (O prefacio tem data de 1881.)

nenhum desses termos tem presentemente nota de antiquado no lexico portuguez. *Jugular* é trivial no uso literario. *Acileo* não é raro. *Derelicto* anda em voga nos escriptos juridicos. As traducções ovidianas e virgilianas de CASTILHO nos deparam *excidio* e *lutulento*. *Dealbar* se encontra nesta fórma em AL. HERCULANO (*Monge de Cister*, v. II, p. 197) e, ligeiramente modificado para *dealvar*, em C. CASTELLO-BRANCO. (*Novellas do Minho*, 1ª parte, p. 20.)

Cincoenta annos depois de JOÃO DE BARROS, que o empregara, (*Dec.* I, IV, 3), apontava DUARTE NUNES como archaismo o adverbio *acinte*. Mas, seculos depois, o abraçava como vocabulo em plena actualidade ANTONIO DAS NEVES PEREIRA.<sup>1</sup> Por sua vez, porém tachava de antiquados uns poucos, em que no tempo de hoje ninguém empeceria: *amercear-se*, *ardego*, *ardido*, *começo*, *endereçar*, *exalçamento*.<sup>2</sup>

— 331. — Assim como o *lidimo*, que entrou a resurgir sob a penna de FILINTO ELYSIO, num de cujos peiores versos se diz:

«Vendo escrava a de Cassio prole *lidima*.»

(*Martyres*, I. VII.)

Basta seguir depois o curso das publicações lexicographicas, para assistir ao resurgimento, por que esse vocabulo passou até nossos dias. MORAES, CONSTANCIO, VIEIRA, os mais antigos, o dão por antiquado. Mas a nota recusativa já se não acha nos modernos. AULETE, ADOLPHO COELHO, JOÃO DE DEUS, C. DE FIGUEIREDO não o excluem das palavras correntes.

E não ha por que o façamos. Além do mais, é uma palavra notavelmente prestada pela sua bemsonancia e energia. Em *legítimo*, o vigor da idea como que se entibia, resvalando prestemente ao correr da expressão proparoxitona. *Lidimo* nos proporeciona, para a enunciação do mesmo pensamento, um vocabulo grave, onde a voz, accentuando-se na penultima syllaba em uma vogal vibrante como o *i*, nos deixa outra impressão de vigor.<sup>3</sup>

— 332. — Além de tudo, porém, acresce uma circumstancia muito para advertir. E' no rol de palavras antiquadas, tecido, vae em tres seculos, por DUARTE NUNES, que estriba o dr. CARNEIRO a sua nota de archaismo á expressão *lidimo*; Pois bem: o mesmo DUARTE NUNES, que na sua *Origem da Língua Portuguesa* tachava de

<sup>1</sup> *Espírito da Língua Portuguesa. Memoria de Literat. Port.*, v. III, p. 118.

<sup>2</sup> *Ib.*, p. 191-2.

<sup>3</sup> Aliás uma autoridade respeitavel como a de C. DE FIGUEIREDO nos dá por esdruxulo esse termo. Lembra-me, porém, de tê-lo ouvido pronunciar sempre, entre os velhos, com o accento na penultima. E assim o accentua JOÃO DE DEUS. (*Diccion. Prosodio*, ed. 1393, p. 553.)

obsoleto esse vocabulo, ainda o traz na sua *Cronica del rey D. João o I*, c. 46, p. 189 (ed. de 1780): « Assim que por tal confirmação os ditos filhos, que ha, sejam LIBIMOS.»

## § 103

## Art. 1.930

DESPEDIDA

DESPEDIMENTO

**333.**—Quom ler a contra-nota do mestre a este artigo, collirá ter eu alvitrado pura e simplesmente a substituição do primeiro desses termos pelo segundo. Convencer-se-ia do contrario, porém, se recorresse á minha nota. Mas, infelizmente, á differença<sup>1</sup> do que geralmente usa, não indica o dr. CARNEIRO o artigo do projecto, ou substitutivo, a que allude.

Pedantaria fora querer deslocar da sua serventia actual no uso vernaculo o substantivo *despedida*, tão comesinho quão indispensavel. O que observei, foi que me não parecia extensiva, no uso commum, «aos actos de força e autoridade», como o do amo, ou patrão, no pôr fóra os creados de servir. Diz-se então que os *dispensa*, ou *despede*. Mas, para exprimir substantivamente o caso, qual dos dois derivados miêlhor caberá? *despedida*? ou *despedimento*?

Remova-se, antes de mais nada, a preocupação de ranço, ou decrepitude, que oppõe o meu censor ao vocabulo *despedimento*. Nem um só dicionario lhe irroga semelhante coima. Todos o mencionam, sem reserva alguma, como derivação corrente do verbo *despedir*, cujo acto substantivamente exprime.

Confrontando agora, na sua adequabilidade ao particular de que se trata, os dois nomes, o que se me offerece nos lexicologos, é que, enquanto *despedida* se toma como «o acto de despedir ou despedir-se» (MORAES, CONSTANCIO, AULETE, FIGUEIREDO), *despedimento*, sobre exprimir essa mesma idéa, ainda traduz a de «acto de despedir *alguem do serviço*: *demissão*». (MORAES, CONSTANCIO, VIEIRA.) E é precisamente isto o que se pretende expressar no facto do patrão que se descarta dos famulos, ou serventes.

Do termo *despedida*, ontretanto, não me occorre á mente haver dado, entre os bons autores, senão com raros exemplos<sup>2</sup>, onde signifique a separação imposta a uma de duas pessoas pela outra. O que

<sup>1</sup> « O terceiro dia passou a jantar a Monfalcon, onde viu o corpo de Santa Clara chamada de Monfalcon, á differença da grande discipula do Patriarcha S. Francisco. » SOUSA: *Vida do Arcebispo*, l. II, c. 28.

<sup>2</sup> « De sorte que é a tristeza um gusano negro, (á differença dos brancos que rdem o bronze). » VIEIRA: *Serm.*, v. V, p. 57.

<sup>3</sup> JACINTO FREIRE: *V. de D. J. de Castro*, IV, ns. 40, 46, 71.

elle costuma denotar, as mais das vezes, é a partida, ou o adeus por acto do individuo que se despede. Ex. :

« O pastor, para dar fim  
A cantiga promettida,  
Acabou por *despedida*  
Desta sorte.»

(LOBO : *O Desengano*, 221.)

« *Despede-se* do pontifice para tornar para Trento.  
Contam-se alguns favores particulares, que Sua Santidade lhe fez na *despedida*.» (SOUSA : *V. do Arc.*  
l. III, c. 28.)

« Mas quando o arcebispo foi sobre tarde, para lhe beijar o pé por ultima *despedida*, achou-se enganado.»  
(*Ibidem.*)

#### § 104

FILIAR EM,

FILIAR A

**334.** — Não nos diz o critico bahiano onde se lhe deparou, no meu trabalho, a locução *filiar a*. Certo que não foi no texto do substitutivo ; e isso devia bastar, para que me forrasse a uma censura, cujo objecto era apurar se eu corrigira bem ou mal o projecto revisto pelo dr. CARNEIRO. Mas o mestre não se contém. Sua questão não é restabelecer a boa linguagem do projecto, mas demonstrar quanto se enganava o commum da gente em me suppor bem apontado no escrever.

Pouco feliz, pouco feliz, porém, o mestre, não raro me deixa provar do proprio texto das censuras que me faz a sua semjustiça. Assim é que, estranhando-se de ver-me pospor ao verbo *filiar a* preposição *a*, que elle quereria substituida por *em*, dest'arte se enuncia : «No fallar classico é muito mais frequente o emprego da preposição *em*.»

De muito mais frequente qualifica a preposição *em*. Logo, bem que não tanto, reconhece o mestre ser frequente no fallar classico a preposição *a* com o verbo *filiar*. Pois é quanto me basta. Entre um dizer *mais* e outro *menos frequente*, porém ambos *frequentes*, e *classicos* os dois, não será menos acertado o segundo que o primeiro. Preferindo o *bom* ao *melhor*, não me podem arguir de que elegesse o ruim.

#### § 105

##### Erros typographicos

**335.** — Consiste uma das minhas iniquidades na revisão do projecto em lhe não ter relevado, sequer, os erros de *typographia*,

em os haver carregado á conta dos redactores daquelle trabalho. Mas a queixa nem verdadeira é, nem justa.

Por mais de uma vez, na minha critica, admitti expressamente a hypothese de erro dos compositores. Outras não me era dado fazel-o, já porque nem sempre se poderá discernir, ante um desacerto impresso, a incidencia da sua responsabilidade, já porque a minha missão não era identificar responsáveis, mas descobrir os erros, apontal-os, e corrigil-os, sem inquirir d'onde viessem.

**356.**— Quando, no texto de um livro, se me deparam vocabulos inexistentes, ou impossiveis, erros de concordancia entre o artigo e o nome, ou entre este e o adjectivo, e assim outras incorrecções desta grosseria, é de equidade não as attribuir ao escriptor.

O padre VIEIRA não podia ter escripto «a tentações», em vez de «as tentações», «estes tremos», em vez de «estes termos», «as peitos», em vez de «os peitos», «pararello», em vez de «parallelo», «onvite», em vez de «convite», «ocção» em vez de «acção», «prosonte», em vez de «presente», como se acha no primeiro tomo de suas obras. JULIO RIBEIRO não havia de ter dito *preco, assencia, tridurada, graciosamente, primaveira, hypogrita, chalo, espandalas, secundo*, em vez de *preço, essencia, triturada, graciosamente, primeira, hypocrita, chale, espantadas, segundo*. Todos aquelles desacertos, comtudo, faz seus a ultima edição da *Carne*.<sup>1</sup> Ninguem imputaria sonsatamente a CASTILHO ANTONIO o *depresadas (despresadas)*, ou o *entrenhadas (entranhadas)*, que se lhe attribuem nos seus *Colloquios Aldeões*.<sup>2</sup> Quando, ao folhear as *Poesias* de MACHADO DE ASSIS, vou encontrando «na poente», «o paz», «dos crepusculo», «ricos pedrarias», «os amphoras», «nãe compra», «o existencia», «o omor», «nadas perdes», «do noite», «povoadas prias» (praias), «pela fadigas», «volve o cabeça», «embera» (embora), «o casca», «cruzam-lhe ao mãos», «fachar seus labios», «aquelle acção», «ds guerreiros», «o natureza», «abramo» (abramos), «as teus»<sup>3</sup>, bem estou vendo que o autor foi maltratado e calumniado pela edição.

Era impossivel que Fr. LUIZ DE SOUSA redigisse, ou orthographasse «um grossa bombardas», ou «não pudesse escapar os que viessem»<sup>4</sup>, ou «da minha perte (parte), ou «latrado (letrado), ou «daquelles dia», ou «haver de ser» (havia), ou «razer» (trazer), ou «pelos religiosos», ou «das quas», ou «clustro», (claustro)<sup>5</sup>, como impossivel era que João

<sup>1</sup> Ed. de 1854, p. 273, 237, 346, 347, 362, 63 e 7.

<sup>2</sup> Ed. de 1902, p. 40, 23, 33, 62, 89, 102.

<sup>3</sup> Ed. de 1879, p. 249, 353.

<sup>4</sup> Ed. de 1804, p. 50, 52, 71, 91, 114, 129, 130, 131, 142, 162, 193, 194, 199, 219, 344, 308, 243, 261, 283, 298, 301, 302.

<sup>5</sup> *Annacs de D. João III*, p. 250, 300.

<sup>6</sup> Ed. de 1890, v. I, p. 278, 231, 310, 339, 375, 397, 401, 422.

DE BARROS dissesse «o liberdade»<sup>1</sup>, ou que CASTELLO BRANCO escrevesse «obvidio», «imerge á flor do lago», em vez de «emerge á flor do lago», «globulos das orelhas», por «lóbulos das orelhas», «amoreada», por «armoreada», «presistem», por «persistem», «arripaña», por «arribana», «frado», por «frade», «esquiroal», por «esquirola.»<sup>2</sup>

Essas transgressões alvares da grammatica e do lexicon, só a má fé as poderia suppor a quem quer que seja, que tivesse algumas noções elementares do nosso idioma. Nenhum escriptor, por ordinario que fosse, as commetteria.

**337.**— Fôra dahi, porém, nem sempre será facil discernir com segurança onde termina realmente a acção do escriptor, onde começa a culpa do typographo. Muitas vezes a differença apenas de uma letra, a falta, ou o excesso de um accento representam actos voluntarios do autor, que escreveu incorrectamente, seja por descuido, seja por erro de opinião. Muita gente de alto cothurno usa *podèram*, em vez de *puderam*, *reclame* em vez de *reclamo*, *desapercebido*, por *despercebido*, *evidenciaia*, em lugar de *evidencia*. E' simplesmente uma vogal que se troca, ou accrescenta. Mas nesse accrescimento, ou nessa troca, o desvio orthographico, assás comesinho, tem sido perpetrado por muitos escriptores ora acaso, ora de intento. Quando, portanto, se me offereça, deverei lançal-os á conta dos prelos?

O professor CARNEIRO, na sua *Grammatica*<sup>3</sup>, enumera como barbarismos *perca*, por *perda*, *amasteis* por *amastes*, *obstroe* e *instroe* por *obstrue* e *instrue*, *alparcátas*, por *alpargatas*, *ethers* por *etheres*, *alcoholes*, por *alcóhes*, *salôba*, por *salobra*. Não ha, todavia, em nenhum desses casos, mais que uma letra substituida, uma letra augmentada, ou uma letra suppressa.

CANDIDO DE FIGUEIREDO, nas suas *Lições Praticas*<sup>4</sup>, em face ora de usos admittidos, ora de questões postas, ora de controversias travadas, examina, discute e emenda, aqui por barbarismos, alli por solecismos, acólá por cacographias indesculpaveis:

satisfazer o	em vez de	satisfazer ao
dignatario	»	dignitario
d'esde	»	dêsde
sobre	»	sob
aereonauta	»	aeronauta
evidenciaia	»	evidencia

<sup>1</sup> *Dial. da Viciosa Vergonha*, ed. de 1785, p. 311.

<sup>2</sup> *Cavar em Ruinas*, 2ª ed., p. 115. *A Morgala de Romariz* (ed. de 1876), p. 75, 81. *A Dúda do Cantal* (ed. de 1833), p. 161, 188, 234, 275, 287.

<sup>3</sup> P. 432.

<sup>4</sup> *Voi. II*, 2ª ed., p. 19, 60, 145, 155, 157, 159, 219, 236, 246, 268, 269, 271, 274, 283, 284, 286, 287, 304, 315, 316, 339, 352, 353, 356, 365.

rumoreja-se	em vez de	rumoreja-se
pomos-nos	»	pomo-nos
irracível	»	irascível
ceryneu	»	cireneu
synonymo	»	synonimos
absolutorio	»	absolutorio
obdece	»	obedece
avisasteis	»	avisastes
iniciar	»	indiciar
explendor	»	esplendor
tradições	»	tradições
desapercebido	»	despercebido
enleados	»	enloados
projurio	»	perjurio
enteter	»	entretet
quem ver	»	quem, vir
reclame	»	reclamo
thedio	»	tedio
expontaneo	»	espontaneo
poderam	»	puderam
fremet	»	fremir

Ante um desses erros, como se teria de portar o crítico, na minha situação? Leval-o, como inexactão de orthographia, á conta da officina, quando o escriptor poderia chamal-o a si como graphia intencionalmente sua, ou sua poderia ser realmente, ainda que elle não se exponha a defendel-a?

Não tem, no sentir de FIGUEIREDO, « justificação linguistica » a escripta « a miúdo », em logar de *amiúde*.<sup>1</sup> Muita gente, porém, escreve de proposito *a miúdo*. FILINTO, entre outros, frequentemente o fazia; exemplo que depois foram seguindo CAMILLO<sup>2</sup> e diversos. Em se me antolhando, pois, esta forma, como, saber se representa descuido typographico, ou deliberada orthographia do autor? Na mesma perplexidade me teria eu de ver com o *accipite*, igualmente apontado como cinca por esse philologo<sup>3</sup>, mas praticado em mais de um livro.<sup>4</sup> A quem deverei criminar, em o encontrando? Ao escriptor, ou ao impressor? Ao original, ou á estampa? Naturalmente ao original, naturalmente ao escriptor, emquanto me não allegue o contrario.

<sup>1</sup> *Ib.*, v. I, p. 31-2.

<sup>2</sup> C. CASTELLO BRANCO: *A Caveira da Martyr* (ed. de 1902), p. 197, 206.

<sup>3</sup> FIGUEIREDO: *Lições*, v. I, p. 29.

<sup>4</sup> « Foi *accipite* cavalleiro da ordem de Malta. » (C. CASTELLO BRANCO: *D. Luiz*, p. 18.)

**318.**— Tomemos ainda, por clarear o assumpto, alguns exemplos. Evidentemente C. CASTELLO BRANCO não escreveria «os agentes lhe embargou», como se lê na sua *Morgada de Romariz*<sup>1</sup>, nem «o relaxamento pareciam», qual se vê nas suas *Memorias do Carcere*<sup>2</sup>, nem «apenas me lembra duas», segundo se acha no seu *Cavar em Ruínas*<sup>3</sup>, nem «o cadaver resistiam», que se encontra nos seus *Narcoticos*<sup>4</sup>, nem o «nenhuma denotam», estampado no seu opusculo do *Oihelo*.<sup>5</sup>

Se, todavia, num texto de lei submettido á minha revisão apparecessem erros semelhantes, podia eu deixar de notal-os, estranhal-os, e rectifical-os?

**319.**— Não ha deslize tão facil á mão dos compositores o ao olho dos protos como a omissão do signal de crase. Por outro lado, nem todos os grammaticos estão de accordo, no tocante aos preceitos que a regulam. Ha muito quem escreva «fui d casa», «mandei d casa», «voltei d casa», «recolhi d casa». São graphias erradas; porque ninguem, alludindo á casa de alguém, sem complemento que a determine, escreveria: «sai da casa», «dormiu na casa», «passou-lhe pela casa», «oh da casa», mas: «oh de casa», «passou-lhe por casa», «dormiu em casa», «sai de casa». Da mesma sorte, pois, em intervindo a preposição *a*, desde que a locução exclue o artigo definido, correspondente ao substantivo feminino, a graphia correcta ha-de ser: «fui a casa», «mandei a casa», «voltei a casa», «recolhi a casa». <sup>6</sup> Assim, como todos os mestres, escreveu DUARTE NUNES: «O caso que a um rei deve parecer mais grave é ir a casa do outro rei.» (*Cron. del rey D. Aff. V*, c. 60, p. 424, ed. de 1780.) Do mesmo modo FERN. LOPES: «Chegaram alguns delles a casa d'um homem que chamavam João Vicente.» (*D. Fernando*, c. 132.) E assim todos os bons autores.

Ora, supponha-se que um texto sujeito á nossa consideração nos apresente accentuado o *a* em phrases taes, como se houvera contracção prepositiva. Serei obrigado a filiar o desacerto numa negligencia do impressor? Claro está que não, salvo allegação em contrario do escriptor. A falta não é daquellas, cuja imputação envolva injuria ao autor, figurando-lhe extremos de ignorancia

<sup>1</sup> P. 70-71. Ed. de 1876.

<sup>2</sup> V. II, p. 155. Ed. de 1831.

<sup>3</sup> P. 251. 2ª ed.

<sup>4</sup> V. I, p. 40. Ed. de 1882.

<sup>5</sup> P. 35. Ed. de 1886. Ver muitos outros casos de incorrecções analogas citados atrás neste meu trabalho, n. 292.

<sup>6</sup> Esta questão, esgotou-a João RIBEIRO, *Estudos Philologicos* (ed. de 1902), p. 54-7.

«O sposo a casa a chama.» (F. ELYSIO: *Obr.*, v. XII, p. 267.) «Tornando a casa.» (*Ib.*, v. XIII, p. 27.) «Certo cão que a ração trazia a casa.» (*Ibid.*, p. 42.) «Vir a casa co'a orelha lacerada.» (*Ib.*, p. 183.)

absurda, ou moralmente inadmissivel. Logo, enquanto não repudiado, correrá por conta do signatario do escripto. Sei eu lá se o erro do accento superfluo é proposito, como o foi na phrase «objectos destinados á venda»<sup>1</sup>, onde o dr. CARNEIRO defende energicamente como grammatical o signal de crase, apesar de estar allí sósinha, sem o artigo feminino, a preposição?

**360.**—Nem de outro modo procederam para commigo os apologistas da revisão CARNEIRO.

Encontrando o seu autor na minha exposição preliminar as palavras «querendo com amor o idioma, que fallamos», suppoz acaso que os typographos me tivessem elidido allí a preposição *a* antes do artigo masculino, como aliás era verosimil? Não: proferiu imaginar que eu realmente escrevera daquella maneira, para me assentar bem assentado o quinau de que o verbo *querer*, na accepção do *querer bem*, demanda complemento indirecto.

Deparando-se-lhe, ainda allí, a phrase «aquelles cujo amor proprio as necessidades desta situação me constrangerem a desagradar», fez-me acaso a justiça de attribuir aos impressores a falta da preposição *a* antes do genitivo *cujo*? Não: levou em gosto que eu houvesse escripto aquillo mesmo, por ignorar que o uso contemporaneo exclua depois do verbo *desagradar* o complemento directo.

Noutro lugar<sup>2</sup> deu com a locução «*datar na*», por *datar da*. Comquanto *datar em* seja forma classica, do que infelizmente o mestre não sabia, hoje ninguem diz senão *datar de*. Mas o dr. CARNEIRO, por não figurar que os compositores ou revedores trocasssem um *d* em *n*, deixou-me a autoria da expressão impressa, para ter ensejo de me envergonhar com a ignorancia da preposição adequada ao complemento indirecto do verbo *datar*.

Mais. Na impressão do meu substitutivo, art. 1.772, um simples *m*, acrescentado, na officina, ao termo *tenha*, me attribue a phrase «mais de um testamenteiro que *tenham*», erro de regencia, em que qualquer alumno de primeiras letras, ainda mal aproveitado, não cairia. Teve commigo o mestre a equidade rudimentar de me eximir áquella syntaxe de cozinheiro? Qual! A typographia que imprimira assim, é porque eu assim havia escripto.

Quatro vezes, portanto, erros cada qual de uma só letra, adicionada, ou alterada, naturalmente, verosimilmente imputaveis á composição typographica, me ficaram ás costas. E os que desta medida tão repetidamente usam commigo, são os que me accusam de injustiça, ou malignidade, por não assacar aos impressores todos os erros de grammatica encontrados no projecto.

<sup>1</sup> Art. 432, n. IV.

<sup>2</sup> Nota minha ao art. 187, n. XIV.

## SECCÃO II.

## A «Resposta» parlamentar

« Cacophraste, cacologue, cacophile, cacomane! »

CHAMPFLEURY: (*Realisme*, p. 303.)

« E censura livros quem não sabe escrever a sua lingua! »

FILINTO ELVSIÓ: *Obr.*, v. II, p. 45.

§ 1º

TELEPHONE,

TELEPHONO

**361.**— A secção da troca nas apologias philologicas do projecto desceo, nos seus enxovalhos ao substitutivo, até á infracção material da verdade.

E' assim que, defendendo a preferencia do final em *e* ao final em *o* na palavra que designa o aparelho da telephonia, diz que « o nobre censor *a* refugou indignado, mandando escrever *telephono* ».

Não se poderiam alterar mais crassamente os factos expressos no rosto do meu trabalho e dos da commissão parlamentar.

*Telephono*, e não *telephone*, é a graphia adoptada *sempre*, desde a sua primeira fundição, no projecto do codigo civil.

O sr. CLOVIS BEVILAQUA escreveu *telephono*. (*Trabalhos da Comm. Espec. da Cam. dos Dep.*, v. I, p. 119, art. 1.217, 1º.)

*Telephono* escreveu a commissão extraparlamentar dos cinco. (*Ib.*, p. 240, art. 1.231, 1º.)

*Telephono* poz a subcommissão parlamentar dos sete, na redacção apresentada á commissão geral dos vinte e um. (*Ib.*, v. VII, p. 144, art. 1.124, n. 1.)

*Telephono* manteve o professor CARNEIRO na sua revisão. (*Ib.*, v. VIII, p. 179, art. 1.085, I.)

*Telephono*, ainda, reza o projecto da commissão dos vinte e um, mandado á mesa da camara em 26 e estampado no *Diario do Congresso*, aos 27 de fevereiro. (P. 326, art. 1.085, I.)

*Telephono*, outra vez, a ultima edição desse trabalho, feita em supplemento, com o parecer preliminar, no *Diario do Congresso*, de 1 de abril. (P. 67, art. 1.085, I.)

*Telephono*, por derradeiro, a redacção final do projecto, dada a lume no *Diario do Congresso*, aos 4 desse mez: (P. 48, art. 1.083, n. 1.)

Todas as redacções, portanto, todas ellas, desde a do primitivo autor do projecto até á votada pela camara e por esta remetida ao senado, observaram a orthographia de *telephono*.

A minha revisão, logo, outra coisa não fez <sup>1</sup> que cingir-se a essa maneira de escrever, conservando a desinencia em o, com que o senado recebera da outra casa do congresso aquella palavra. E assim procedi, sem lhe fazer observação de especie alguma.

Como é, pois, que se me argúe de haver *rejeitado com indignação* a variante da desinencia em e? Como é que, em nome da camara e da sua comissão especial, se reivindica, especie de honra para uma e outra, o haverem preferido *telephone* a *telephone*, se ambas, ao contrario, preferiram sempre *telephono* a *telephone*? <sup>2</sup>

De modo que o relator da comissão especial não sabe o que escreve, nem como escrevo. Escrevera *telephono*, e diz que escreveu *telephone*. Refugara *telephone*, e pretende haver refugado *telephono*. E' o que acontece nos trabalhos feitos sem attenção, nem escrupulo. Já me não posso queixar dos testemunhos, que me leyanta, quando assim os levanta a si proprio.

**362.**— Só uma vez encontro a versão *telephone*. Não é, porém, nos trabalhos da camara: é justamente na edição annexa ao meu parecer, onde, ao passo que a columna do meu substitutivo reza *telephono*, a do projecto exara *telephone*. <sup>2</sup>

A uma invenção da typographia se deve unicamente, alli, esta forma orthographica, em que o relator da comissão dos tres cuidou ver a escripta adoptada pela comissão dos vinte e um e pela camara dos deputados.

Este singular *qui-pro-quo* debuxa em rapido e incisivo escoreço as qualidades geraes daquelle trabalho, que ha-de assignalar época nos annaes parlamentares.

Na graphia por que optei, estava eu com todos os collaboradores do projecto desde o sr. CLOVIS BEVILAQUA até o proprio relator da subcomissão da desforra, que, agora se vê, escrevera sem consciencia do que escrevia, para acabar adrogando o contrario do que tinha escripto.

**363.**— Aliás é justamente em o que deve terminar o nome desse maravilhoso instrumento de transmissão dos sons. *Telephone*, substantivo, seria ao geito francès, do mesmo modo como o substantivo *telegraphe*. <sup>3</sup>

Todos os vocabulos compostos do suffixo grego *phonè* se convertem, no portuguez, em phono: *aphono*, *euphono*, *graphophono*, *homophono*, *microphono*, *polyphono*.

<sup>1</sup> Suppl. ao *Diario do Congresso*, n. 123, de 27 de jul. de 1902, p. 131, col. 2ª, art. 1.083, I.

<sup>2</sup> *Diario do Congresso*, loc. cit., col. 1ª.

<sup>3</sup> C. DE FIGUEIREDO: *Liq. Prat.*; v. I, p. 142. JOÃO DE CASTRO LOPES; *Palestras com o Povo*. Lisboa, 1901. V. I, p. 167.

Até *gigantóphono* temos, no verso de FILINTO ELYSIO :

« A cohorte rebelde, que assaltara  
A Jove *gigantóphono*. »<sup>1</sup>

A analogia é, neste caso, absoluta. Nem se limita ás desinencias provenientes deso etymo grego. Por uma tendencia geral a nossa lingua se inclina ao *o*, de preferencia ao *e*, no final dos nomes em que o *e* caracteriza, noutros idiomas, como o francez, a mesma terminação.

Tenho em muito a competencia de PACHECO, LAMEIRA e JOÃO RIBEIRO. Mas não vejo que justificassem a anteposição de *telephone* a *telephono*. AULETE, JOÃO DE DEUS e C. DE FIGUEIREDO adoptam, nos seus dictionarios, a forma *telephono*. E não sei por que EÇA DE QUEIROZ, escrevendo (*A Cidade e as Serras*, p. 160) «*microphono*» e «*graphophono*», alli mesmo, uma linha abaixo, varia dessa terminação a «*telephone*». Deslize typographico, provavelmente.

## § 2º

Art. 255, n. IV, § un.

### DISSIMULE

**364.**—Outro aleive contra a verdade material dos textos.

« Entende o sr. RUY », diz-se na famosa *Resposta* ao meu parecer, « entendo o sr. Ruy que anda mal o projecto, preferindo o vulgar — *disfarce*, ao tecnico — *dissimule*. Nos lexicographos que nos foi dado consultar não encontramos a palavra *dissimule*.

« *Dissimulo*, sim, está em Candido de Figueiredo, sómente, mas acompanhado de um asterisco para significar que elle não o encontrara em quantos dictionarios pudera manusear. »

Pratendo-se, pois, neste desatino, que eu inventei um substantivo novo: o substantivo *dissimule*. O genitor dessa idéa impagavel matou-se a correr dictionarios em busca do nome inaudito. Não houve meio de o lobrigar. Apenas achou num delles o substantivo *dissimulo*, que, não lhe advertindo no accento, confundiu, na maneira de escrever, com o *dissimulo*, flexão do presente do indicativo num conhecidissimo verbo.

Queria encontrar nos vocabularios a palavra *dissimule*. E' como se nelles catasse as palavras *ha*, ou *hei*; *vae*, ou *vou*; *vem*, ou *venho*;

<sup>1</sup> *Obras*. Ed. Rollandiana. Vol. I (1836), p. 233. C. DE FIGUEIREDO regista no seu dictionario a palavra, mas sem apontar autor

*gude, ou posso; tem, ou tenho; foge, ou fujo; quiz, ou quero.* Claro está que havia de morrer a *procural-as*; porque os dictionarios, suppondo em quem os manuseia o conhecimento dos verbos, destes apenas alfabetam o infinitivo.

A picuinha allude áquelle trecho da minha exposição preliminar:

« Alli, o vulgar *disfarce*, preterindo o technico *dissimule*. » (Art. 255, n. IV, § unico.) »

Ora eu alludia apenas ao art. 255, n. IV, § unico, do projecto, que assim reza:

« Este direito prevalece, esteja ou não a mulher em companhia do marido, e ainda que a doação *se disfarce* em venda ou outro contracto. »

O vocabulo *disfarce*, griphei-o eu, e anotei: « Os termos juridicos são *dissimular, simular*. »

O *disfarce*, que alli está, não é, portanto, o substantivo, mas o verbo *disfarçar*, no seu subjunctivo presente, singular, terceira pessoa.

Logo, o *dissimule*, a que alludi nas expressões transcriptas, « o vulgar *disfarce* preterindo o technico *dissimule* », é a forma correspondente do verbo *dissimular*. Não faz este verbo *dissimule* no presente do subjunctivo, terceira pessoa do singular?

Buscasse o censor no lexicon o verbo, e fosse depois, nas grammaticas, aprendel-o a conjugar.

### § 3º

#### Art. 1.326

« DE PARA »

3425.— Aqui, uma chicana associada a outra falsidade. Eil-a, nas suas textuaes palavras:

« Não se diz—*procuração para o fôro em geral*; e sim: *procuração com a clausula de para o fôro em geral*. » (Art. 1.326 do substitutivo.) Esse *de para*, ahí enxertado, dá ao texto uma graça incomparavel. »

Ora eu não sustentara que não se diga « *procuração para o fôro em geral*. »

Absolutamente diverso foi o meu asserito. No projecto da camara, o art. 1.326 estava pontuado assim:

« A *procuração para o fôro, em geral, não se entendendo para certa e determinada causa.* »

«Censurando essa pontuação», observei :

« A procuração para o fôro, em geral, não se entende. Eis aqui duas virgulas, que, sendo por demais, attribuem á phrase um pensamento injuridico e alheio ao legislador.

« Com essas duas virgulas intrusas, o que se diz, neste passo, é que « a procuração para o fôro não se entende, em geral, para certa e determinada causa. » Mas o que se quer dizer, é que « não se entende para certa e determinada causa a procuração para o fôro em geral. » Procuração para o fôro em geral equivale a procuração geral para o fôro, e contrapõe-se a procuração especial. »

Destarte reclamava eu contra as duas virgulas, que alterariam substancialmente o pensamento daquella disposição ; e o autor desta resposta, para me alterar o meu, torce os termos á minha censura, comendo ao texto censurado as duas virgulas, cuja presença era o motivo, o objecto e o fundamento della.

#### § 4º

Arts. 76 e 124.

#### VIGORAR.

**366.**— Diz o relator da commissão posthuma:

« No art. 76 condemnou o illustre censor o verbo — vigorar — e no art. 124 rehabilitou-o na mesma accepção. Pobre projecto : máo por *vigorar*, máo por *não vigorar*. »

Outro falso testemunho.

No art. 76 não ha nem uma palavra minha, condemnando o verbo *vigorar*. Só um parvoeirão, ou um alarve em questões de linguagem, desses que varam ás vezes por estes assumptos como javarlos pelo povoado, seria capaz de se oppor a um vocabulo já corrente ha cento e oitenta annos, quando BLUTEAU dicionarizava. <sup>1</sup> Refundindo, como fiz, o artigo inteiro, que tem cinco membros, substitui as palavras iniciaes « Na aquisição dos direitos *vigoram* as seguintes regras » por « Na aquisição dos direitos *se observarão* estas regras ». Inferir dahi, porém, que eu condemnasse o verbo *vigorar*, só porque, em vez d'elle, escrevi *observar*, tão sensata coisa fôra, como supporem que eu alli condemnara o adjectivo *seguintes*, desde que o substitui pelo demonstrativo *estas*.

<sup>1</sup> CAMILLO usou este vocabulo, de que não fazem menção os nossos lexicographos, como verbo transitivo. (*Os Ratos da Inquisição*, p. 98.) Porque não lhe daremos a significação intransitiva? Nesta o emprega FILINTO, *Obras*, v. XI, p. 67: «Seguindo este methodo de dicionarizar.»

DENTRO EM,

DENTRO DE

**367.**— *Dentro* em escrevi e escrevo amiude, sem, todavia, rejeitar a locução *dentro de*, que igualmente uso. Parece que estava, e estou no meu direito, sendo certo que ambas as fórmhas têm o mesmo quillate vernaculo.

Mas o philologo improvisante da commissão dos tres sae-se-me com embargos. « Saiba », diz, « saiba o eminente censor que Fr. LUIZ DE SOUSA (citado por AULETE, o exemplo que vamos apresentar ainda maior força tem) escreveu: « assim se achou el-rei D. Manuel *dentro de* dous annos sem mulher e sem filho. »

O que não sei, é ler Fr. LUIZ DE SOUSA por intermedio de AULETE. O que não sabia, era que com obterem a chancellia de AULETE mais força adquirissem os exemplos de SOUSA. Mas que elle escrevesse *dentro de*, só o não soubera quem, como esse critico, nunca o leu, e, quando o conhece, é por interposta pessoa.

Fr. LUIZ DE SOUSA não rejeita a locução *dentro de*; mas de *dentro em* se utiliza mais frequentemente.

**368.**— Como já não é a primeira vez que se me estranha o emprego dessa locução prepositiva, apontarei a seu favor logares, onde os não edificados da sua vernaculidade a verificarão nos melhores escriptores, antigos e modernos.

Assim se escreveu e tem escripto, desde que existe o nosso idioma. Já D. DUARTE, no *Leal Conselheiro* dizia: « *dentro na mente* » (p. 263); « *dentro em nos* » (p. 24); « *dentro em sy* » (p. 41, 327, 368, 428), e, no *Livro da Ensinança*: « *dentro na sella* » (p. 517); « *dentro em ellas* » (p. 532); « *dentro nas sellas* ». (P. 533.)

Só em CAMÕES leio, percorrendo-lhe a edição critica das *Obras Completas*:

« E *dentro na* minha alma contemplar-vos.»

(V. I, p. 41.)

« Que *dentro na* minha alma amor ordena.»

(V. II, p. 23.)

« Mas *dentro n'alma* o fim do pensamento.»

(Ib., p. 29.)

« *Dentro n'alma* com as letras da memoria.

(Ibid.)

« Iguaes ao mal que *dentro n'alma* mora.»

(Ib., p. 42.)

« Já dentro no seu peito a namorava. »

(*Ib.*, p. 155.)

« Que a fonte dentro em si representava. »

(V. III, p. 74.)

« Te vemos morto dentro em cinco dias. »

(*Ib.*, p. 100.)

« Que ardendo dentro na alma encurta a vida. »

(V. IV, p. 114.)

« Que se eu levo

« Dentro n'alma quanto devo. »

(V. V, p. 66.)

« Dentro n'alma sepultada. »

(*Ib.*, p. 83.)

« Ella falla dentro em mim. »

(*Ib.*, p. 152.)

« Quo vós fallaes dentro em mi

.....  
Pois vós andaes dentro em mi,

Que ande eu também dentro em vós

Dentro na vossa alma d'igo. »

(V. VI, p. 40.)

« Dentro no meu coração. »

(*Ib.*, p. 42.)

« Que dentro n'alma vos tem. »

(*Ib.*, p. 95.)

E, nos *Lusiadas* :

« Dentro no falso rio entrar queria. »

(II, 14.)

Mais: IX, 43, X, 28.

De outros classicos indicarei as mais das vezes apenas os livros e paginas, onde se depara, algumas dentre muitas vezes, o emprego dessa locução.

JORGE FERREIRA: *Eufrosina*, a. IV, sc. 1: «dentro em si traz.»

ANTONIO FERREIRA: *Obr.*, (ed. de 1865), v. II p. 67, 100, 109, 137, 216.

FR. LUIZ DE SOUSA: *Vida do Arcebispo*, v. I, (ed. do 1890), p. 103 («dentro no peito»; «trazia dentro nelle»); p. 7, 15, 86, 98, 115, 120, 152, 195, 220, 301, 363, 370, 387. V. III, p. 15, 16, 19. *Annaes de D. João III*, p. 3, 15, 74, 76, 107, 160, 161, 167, 169, 185, 198, 224, 281, 347, 348. *Historia de S. Domingos*, v. II, (ed. de 1866), p. 19, 320, etc.

PANTALEÃO DE AVEIRO<sup>1</sup>: «Dentro na agua no porto.» (C. XVII, fol. 41 v.) «Dentro no mar.» (*Ibid.*)

GIL VICENTE: «Fallava dentro em David.» V. I, p. 373; v. II, p. 368, 398; v. III, p. 93, 206.

FERN. LOPES: «Entrou o principe dentro na cidade.» (*Chron. de D. Fernando*, c. 12.) «Dentro em Castella.» (*Ib.*) «Entrou dentro nella com todos os seus.» (*Ib.*, c. 33.) «Dentro na villa.» (*Ib.*, c. 34.) «Dentro na cidade.» (*Ib.* c. 40.) E a cada passo, em todas as suas *Chronicas*.<sup>2</sup>

DUARTE NUNES: *Chron. del rei D. João I*, (ed. de 1780) p. 74 (duas vezes) 78, 79, 94, 120, 292, 440.

HEITOR PINTO: *Imagem da Vida Christã* (ed. de 1843), v. I, p. 9, («dentro nos olhos»), 31 («dentro em nós»).

JACINTO FREIRE: *Vida de D. João de Castro*, I, n. 22 («dentro em poucos dias»); II, n. 19 («dentro na nossa fortaleza»); II, n. 51 («dentro na tenda»); III, n. 7 («dentro nellas»); IV, n. 32 («dentro em sua mesma casa»); IV, n. 48 («dentro em Amadabá»).

VIEIRA: *Sermões*, v. I, p. 354; v. II, p. 91; v. III, p. 43, 49, 74, 94, 214 (duas vezes), 219 (duas vezes) 238, 283, 349; v. IV, p. 7, 95, 103, 177 (duas vezes), 198, 199, 229, 231, 262; v. V, p. 131, 57, 59, 75, 161, 194, 284, 308, 311, 349; v. VI, p. 82, 101, 234, 263, 264 (três vezes), 270; v. XI, p. 27, 101, 112, 119, 152, 164, 263. *Cartas*: v. I, p. 16, 242, 253; v. II, p. 3, 68; v. IV, p. 36, 39, 110, 170. *Obras Ined.*, p. 125, 168.

BARROS: *Dec.* I, v. I, p. 38; III, VI, 4, v. VI, p. 39; III, VII, 1, v. VI, p. 110; III, VII, 2, v. VI, p. 126; *ib.*, p. 129; III, VII, 3, *ib.*, p. 144.

COUTO: *Dec.* IV, v. I, p. 33.

BRITO: *Monarch. Lus.*, v. I, p. 26.

FILINTO ELYSIO: *Obras* (ed. Rollandiana de 1836—1840), v. V, p. 132; v. XII, p. 204, 248; v. XIII, p. 108.

A. HERCULANO: *Opusculos*, v. I, p. 28, 32.

LISBOA: *Obras*, v. IV, p. 50, 64, 69.

<sup>1</sup> Ediq. de 1593, in-fol.

<sup>2</sup> Onde muitas vezes occorre, outrossim, a variante, *dentro a*, tambem deparada em SOUSA, *Annaes*, p. 77, 291, 313.

G. DIAS: *Poesias*, v. I, p. 88; v. II, p. 7, 75, 80.  
 CASTILHO: *Camões* (ed. de 1849), p. 81, 107. *Arte de Am.*, v. I, p. 127. *Amorés*, v. II, p. 747. *Fastos*, v. I, p. 155, 285; v. III, p. 543. *Geórgicas*, p. 219. *Arte de Metrificaç.*, p. 8. *Fausto*, p. 53, 70, 124, 210, 221, 273, 321, 339. *Avarento*, p. 209. *Tôsquia de um Camello*, p. 38. *Metamorphoses*, p. 81, 107, 144, 215, 306. *Colloquios*, p. 101, 185, 218, 312, 329. *Amor e Melancol.*, p. 206, 341, 385, 396. *Felicidade pela Instr.*, p. 13, 28, 45.  
 CASTELLO BRANCO: *Cancioneiro*, p. 454. *Queda d'um Anjo*, p. 181.

LATINO COELHO: *Vasco da Gama*, v. II, p. 152.

EGÁ: *Maias*, v. II, p. 398, 462.

M. DE ASSIS: *Braz Cubas*, p. 19, 153. *Poesias*, p. 77, 111, 298, 300.

João RIBEIRO (*Gramm.*, p. 182) reconhece que as locuções *dentro de* e *dentro em* «são de equal uso, ainda que a segunda mais frequente nos antigos.»

## § 6º

### Art. 1.413

ASSIM... COMO

**369.**—Note-se que, neste ponto, não cita a *Resposta* o artigo do substitutivo, como o não fez, quanto ao art. 76, no reparo concernente ao verbo *vigorar*, como o não faz, ainda, quanto á minha exposição preliminar, no despropósito que lhe armá em relação á forma verbal *dissimule*, como se abstem sempre de fazer, quando, como neste ponto, lhe convem diffamar o substitutivo á custa da verdade.

Aquí o artifício se acoberta manhosamente nestas palavras:

«Mais: «são obrigados a guardar no contracto a mais stricta, boa fé e veracidade assim a respeito do objecto.» *Veracidade assim? Assim como?*»

O autor desta sophisteria crassa, por lhe dar cõr de bom senso, truncou o texto do substitutivo na palavra *objecto*, depois de lhe ter truncado as palavras iniciais.

Restituído á sua inteireza, tal qual se acha no *Diario do Congresso* (Suppl. de 27 de julho, p. 163), é isto o que escrevi:

«O segurador e o segurador são obrigados a guardar no contracto a mais stricta boa fé e veracidade *assim* a respeito do objecto, *como das circumstancias* o declarações a elle concernentes.»

O adverbio *assim*, portanto, não modifica o vocabulo *veracidade*, como se finge crer: nossa esdruxulá censura: seu papel é reger as expressões, a elle subsequentes, «a respeito do objecto», e ligar-se á conjunção *como* na clausula immediata: «*como* das circumstancias e declarações.»

«*Assim... como*» é uma locução conjunctiva do mais puro vernaculo, equivalente a «*tanto... como*». Abra o autor dessas extravagancias o seu MORAES; se o tem, *in v.* *assim*, o ha-de ler:

« Quando a particula *como* vem no segundo extremo da comparação, então significa *tanto, tão*. GÓES, *Chr. Man.* I, 36: «Os naturaes são negros, *assim* os da ilha, *como* da terra firme.»

MORAES copiara o *Diccionario da Academia* (tom. I, p. 471), que, no lance correspondente, reza assim:

« Quando a particula *como* vae no segundo extremo da comparação, *assim* significa *tanto*. GOES, *Chr. de D. Man.*, I, 36. Os naturaes são negres, *assi* os da ilha, *como* os da terra firme. COUTO, *Dec.*, 5, 5, 4. *Assi* pera animar aos da Fortaleza, *como* pera meter terror e espanto nos Turcos. BRIT. *Chr.* I, 20. Foi esta desgraça mui sentida, *assi* dos familiares de casa, *como* dos estranhos.»

So lhe não bastar, veja os *Lusiadas*, c. X, estrophe 23:

« Aqui tens companheiro, *assi* nos feitos,  
Como no galardão injusto e duro.»

Olhe ainda o mesmo CAMÕES, nas oitavas *A Santa Ursula* (*O'r.* v. II, p. 153):

« Porque sendo mais rico e mais potente,  
*Assi* no largo mar, *como* na terra.»

Folheie, se puder, o VIEIRA, *Cartas*, v. III; e, á p. 181, verá:

« Tinham posto em grande terror a todas as nações daquellas partes, *assim* naturaes, *como* europeas.»

Tome-me agora os *Sermões*, desse mesmo escriptor, v. III, p. 27. Ahi se lhe deparará :

« E o mesmo commento o declaração faz sobre outros logares, *assim* do Velho, *como* do Novo Testamento.»

Compulse DAMIÃO DE GÓES, *Chron. del rei D. Manuel*, ed. de 1619, prim. parto, e, logo ás primeiras paginas, verá:

« Tenças que dava, *assi* á infanta D. Beatriz...  
*quomo* aos moradores de sua casa.» (Fol. 4.) « Mercês

que fazia, *assi* aos de sua casa, *quomo* aos moradores da del rei. » (F. 4 v, col. 1<sup>a</sup>.) « Agradecido aos muitos beneficios quo del rei seu pai, *assi* na vida, *quomo* na morte recebestes ». (F. 5, c. 1<sup>a</sup>.) « Proveu em muita abastança todolos lugares dalém, *assi* de mantimentos, *quomo* de gento de pé ». (F. 6 v., c. 2<sup>a</sup>.) « Cousas que intentou, *assi* nestes regnos, *quomo* nos estranhos. » (F. 8 v, c. 1<sup>a</sup>.) « Teve tanta authoridade em Roma, e nestes regnos, *assi* no consistorio dos papas, *quomo* no conselho del rei. » (F. 9, c. 1<sup>a</sup>.) « Trabalhos, e perdas, *assi* de gente, *como* de bens ». (F. 10, c. 2<sup>a</sup>.) « Pois *assi* huus, *quomo* hos outros se sahiam do regno. » (F. 11 v, c. 1<sup>a</sup>.)

Se ousa abalançar-se ás asperezas de JOÃO DE BARROS, mestre de CAMÕES e VIEIRA, é percorrer-lhe qualquer das *Decadas* da Asia: a tereira, por exemplo; e verá:

« Mandou primeiro pôr fogo a mais de quarenta terradas, *assi* das que havia na terra pera a pescaria do aljofar, *como* pera serviço da cidade. » (III, VI, 5.) « Per os quâes *assi* nas cousas da guerra, *como* da paz. » (*Ib.*, 6.) « Todolos direitos que a ella vinham, *assi* por entrada, *como* sahida. » (*Ibid.*) « Pera no cabo do anno, *assi* os livros dos officiaes portuguezes, *como* dos mouros. » (*Ibid.*) « E os seus rendeiros polo muito que lhe mais importava, *assi* para poderem navegar seguros de nossas armadas, *como* no ganho que connosco tinham. » (III, VI, 8.) « Como ellas ficavam em posto, que *assi* do baluarte... *como* das mãos de Diogó Lopes poderia receber muito damno. » (*Ib.*, 9.) « Pessoa das notaveis deste reyno, *assi* pelo claro sangue de sua linhagem, *como* por sua cavalleria. » (III, VII, 1.) « Os mouros *assi* da costa da India, e Cambaya, *como* os da parte da Arabia. » (*Ib.*, 2.) « E lhe desse esta nova, *assi* para lhe acudir, *como* avisar os nossos. » (*Ib.*, 3.)

Perlustre a obra classica de JACINTO FREIRE, e topará exemplos como estes:

« El-Rei dom João *assi* conhecia seu valor, *como* sua piedade. » (I, n. 69.) « Maravilhosa conversão de almas, que recoberam com o baptismo o suave jugo de Christo, *assi* da plebe, *como* dos regulos e magnates. » (I, n. 71.) « *Assi* rechaçação os ultimos, *como* os primeiros. » (II, n. 101.)

Corra o BERNARDES, em a *Nova Floresta*, por exemplo, e dará com estes :

« A caridade espiritual, *assim* para com aquelles seus hospedes, *como* para com todos os outros monges. » (Ed. de 1709, v. II, p. 33.) « Requere-se que *assim* no entendimento, *como* na vontade, seja bom. » (*Ib.*, p. 252.) « Plauto arbitrou que *assim* os delatores, *como* os que lhes dão ouvidos, sejam enforcados. » (*Ib.*, p. 257.) « Que aos reis, *assim* os bons, *como* os maus são suspeitosos. » (*Ib.*, p. 262.) « Onde *assim* o bem, *como* o mal se pintam facilmente. » (*Ib.*, p. 323.) « O pay dos alchimistas, *assim* dogmaticos, *como* empiricos. » (*Ib.*, p. 90.) « Por espaço de dous annos continuados, *assim* em casa, *como* pelas ruas. » (*Ib.*, p. 109.) « He fertilissimo este paiz de ouro, *assim* nas minas, *como* nos rios. » (*Ib.*, p. 216.) « A lançou depois pela boca aos poucos, *assim* carne, *como* ossos. » (*Ib.*, p. 321.)

De CASTILHO aconselhar-lhe-ia eu os *Colloquios Aldeões*, como obra de mais facil accesso, onde, sem esforço, encontrará muitos exemplos deste feitiço:

« Arranjo assisado, que abrange a tudo, ainda que o não pareça, *assim* ao pouco *como* ao muito. » (P. 89.)

« O proveito de tal estabelecimento, *assim* para o depositante, *como* para a sociedade, se para a bolsa é como quatro, para a moral é como, quarenta. » (P. 209.)

Tem ahi um volume de HERCULANO ? O *Monge de Cister*, por exemplo ? Veja-me, no tomo I, a pag. 112:

« As despezas desarrazoadas, que o fastoso monge fazia, *assim* nestes casos especiaes, *como* no seu tracto e viver ordinario, recachiam... »

Pegue, ainda, no *Eurico*, o, á pag. 237, se lhe offerecerá:

« Mas, nesse dia de punição, esta devia abranger *assim* os infieis, *como* os que lhes haviam vendido a patria. »

Abra, se o não enfastia, as *Lendas e Narrativas*, v. II, p. 48 e olhe :

« Apenas o grito do velho soou, *assim* elle *como* D. Inigo foram bater contra o poyal do cruzeiro. »

Seriam innumerous os exemplos ainda para invocar aqui, se estes já não sobrassem ; e fôra necessario estar nestes assumptos em con-

dição de 'boa raza, para suscitar duvidas taes, o obrigar' a taes lições.

**370.**—Não findarei, porém, sem me valer de um, que frisa *materialmente* a especie notada pelo critico parlamentar no meu substitutivo. Estranha elle que eu dissesse: «*Veracidade, assim a respeito do objecto, como das circumstancias*», e em tom de chança me pergunta: «*Veracidade assim? Assim como?*»

A este espanto responde NUNES DE LEÃO com um «*verdade assim*», nestes termos:

« Não tinha isto sombra alguma de *verdade, assim* pela muita bondade e limpa consciencia do infante, *como* porque, se ella tenção tivera, mais á mão tinha a rainha em Portugal.» (*Cron. del rey D. Affonso V, c. 13, p. 157. Ed. de 1780:*)

*Veracidade assim*, disse eu. *Verdade assim*, dissera o classico lusitano.

Mas venha o *assim*, nessas construcções, após um substantivo, um adjectivo, um verbo, uma conjunção, ou qualquer outra entidade grammatical, não faz differença: a syntax é sempre a mesma, significando o *assim*, nessa correlação com o *como* posterior, o mesmo que *tant*; geito vernaculo que, nos livros desse escriptor, e em todos os classicos, e dos mais encontradiços. Na *Cronica de D. João I* (ed. de 1789) o tomos á p. 36, 111, 135, 141, 191, 195 (duas vezes), 229, 249, 256, 259, 263, 445, 474, 474, 500. Na de *D. Duarte*, á p. 27. Na de *D. Affonso V*, á p. 123, 191, 213 (duas vezes) 301, 358, 359, 360, 361, 387, 388, 397, 403, 405, 440, 445, 452 (duas vezes), 453 e 454.

E que um redactor de codigos em lingua portuguesa descohesse uma fórma vernacula como essa, das mais legitimas e das mais vulgares? Destas provas, Senhor, esgotam a paciencia christã. Mas «*seja feita a tua vontade assim na terra, como no ceu.*»

Se este censor voltasse á escola, e recapitulasse, com as primeiras letras, o Padre Nosso, que es queceu?...

### §. 7º

#### Art. 517

PERDER

**371.**— Outras de marca:

« Emendando o art. 517 do projecto, o sr. Ruy escreveu «...perdendo o antigo dono o direito a reivindicar-a ou ser indemnizado.» Ora, o verbo *perder* pede complemento indirecto; o mestre acertou na primeira parte e errou na segunda; o projecto havia acertado em ambas. »

Duas ou tres, aqui, de fazerem voltar ao mestre de primeiras letras uma creança.

A primeira é a de que o « verbo *perder* pede complemento indirecto». Até hoje todos os dictionarios lhe consideravam primaria a significação transitiva. E não será? Pois então em *perdeu o chapéu, perdeu a cabeça, perdeu a vergonha, perdeu a tramontana, perdeu a fortuna, perdeu o mandato, mandato, fortuna, tramontana, vergonha, cabeça, chapéu* são complementos indirectos?

« Perder » *pode* ter complemento indirecto, isso sim. Mas, no caso actual, é *directo* o seu complemento, que consiste nas palavras « o direito a reivindicar-a, ou ser indemnizado ». O que o « antigo dono » *perde*, é o *direito*; e o *direito*, isto é, um nome, precedido simplesmente do respectivo artigo, não pôde ser senão complemento objectivo.

Offerecendo-se-lhe alli a preposição *a*, cuidou o improvisado grammatico estar com um complemento indirecto á vista. Não soube reconhecer que essa preposição não se liga ao verbo *perder*, mas ao substantivo *direito*, o que *deste* é que é complemento a clausula por ella regida.

372.—Mas não ficam ahi as tontices grammaticaes desta censura. Entende ella que eu errei, com escrever: « o direito a reivindicar-a ou ser indemnizado »; porque, imagina, precedendo a *reivindicar-a* a preposição *a*, força era que ella se exprimisse tambem antes de *ser indemnizado*.

Muito enganado, ou mal enganado está. Tratando-se de verbos continuados, basta que a preposição se exprima antes do primeiro. Assim diriamos correctamente: « O martyr foi condemnado a padecer tratos, soffrer mutilações, perder a fortuna, e morrer queimado. » Quatro verbos regidos da preposição *a*, uma só vez expressa. Repetir-a antes de cada uma das orações successivas, era tirar ao periodo fluencia, elegancia e força.

§ 8º

Art. 187, VIII

DELINQUENTE

373.—Reza, nesse artigo, o n. VIII:

« O conjuge sobrevivente, com o que foi condemnado como *autor* ou *cumplíce* no homicidio. »

Substitui :

« O conjuge sobrevivente, com o condemnado como *delinquente* no homicidio. »

Era fazer, com a mesma precisão e clareza, por meio de uma palavra o que obrigara o projecto a despendar tres.

Não aceitam, porém, os seus autores o alvitre, graças a uma confusão de idéas incrível entre letrados e sabedores no assumpto. Dizem elles:

« O projecto nada innovava. «Autor ou cúmplice» é a expressão de que usam todos os nossos codificadores, a (C. Rodrigues, art. 1.848 § 4º; Clovis, art. 218 n. 8; Cod. Revisto, art. 776, n. 8; Teixeira de Freitas, o Cod. Civ., art. 1.277, n. 10; Carlos de Carvalho, Nov. Cons. art. 1.399, § 4º;) lei do casamento civil, art. 7º § 4º e o Cod. Civ. Port. art. 1.058 n. 4. A autoria e cúmplice, autor e cúmplice são cousas distinctas e inconfundíveis, diversamente capituladas e diversamente punidas.

« A distincção, portanto, era necessaria. »

Não ha tal: a olho se vê que não o era.

Necessaria é a distincção nas leis penaes, justamente porque ahi, tendo o *autor* e o *cúmplice* responsabilidades diversas, e incorrendo, por isso, em differentes penalidades, se faz mister discriminá-las um do outro, para a cada um assignar a sua condição penal.

Mas, ante essa disposição da lei civil a situação do *cúmplice* é identica á do *autor*; pois, definindo o impedimento matrimonial, se declara que o conjuge sobrevivente ao assassinado não poderá contrahir casamento com o *autor* nem com o *cúmplice* do crime.

*Delinquente*, que é?

O que *delinque*.

E *delinquir*? Incorrer em delicto.

Incorre em delicto o *autor*? Sim. E o *cúmplice*? Tambem. Aliás não seriam envolvidos um e outro na capitulação penal. Logo, um e outro *delinquem*. Logo, ambos são *delinquentes*.

Mas, se ambos são *delinquentes*, e a lei civil aqui lhes equipara as situações, vedando a ambos, nas mesmas circumstancias, o casamento, o mesmo é prohibil-o successivamente a um e outro, falando em *autor* e *cúmplice*, que tolhel-o simultaneamente aos dois, referindo-se a *delinquentes*.

Haverá nada mais obvio?

§ 9º

Art. 188

AFFINIDADE ILICITA

371.— Defendo-se esta expressão com os nomes de dois juristas brasileiros e com o texto do decreto n. 181, de 24 de janeiro de 1890, que entre nós estabeleceu o casamento civil, art. 7º, § 1º.

Tendo eu, porém, mostrado léxicologicamente com as maiores autoridades, como BLUTEAU e LITTRÉ, ser errada tal applicação.

do adjectivo *illicito*, o que se segue, é que essa lei e aquelles dois juristas nossos desacertaram.

No mesmo erro teria caído eu também, se fosse justo, como pretendem os apologistas do projecto, haver-me por corresponsavel na redacção do decreto n. 181. Acto do Governo Provisorio nos primeiros mezes da sua administração, assoberbada de responsabilidades e preoccupações esmagadoras, claro está que, *pela sua linguagem*, pela sua forma, não poderia ser responsavel senão, quando muito, o ministro, por cuja pasta corria o assumpto. E esse ministro não era eu, mas o da justiça. Não faziam pouco os outros, conhecendo realmente *da materia*, e collaborando realmente nas arduas questões, jurídicas, politicas e moraes, que ella suscitava.

375.— Nem a todos, bem vejo, será claramente perceptivel, ao primeiro lance d'olhos, a gradação que distingue os adjectivos *illicito* e *illegitimo* em sua applicabilidade ás diferentes idéas, com que entendem. Ha desses matizes, cujo discrimine só alcançam promptamente os espiritos affeitos á delicadeza de estudos taes. Na especie vertente, porém, temos um criterio ao alcance de todos. Ninguem diria *filho licito*, ou *filho illicito*. Ninguem, *prole*, *descendencia* o *ascendencia licita*, ou *illicita*. Ninguem, *esposa licita*, nem *pae*, *mãe*, ou *avô licito*. E' *avô legitimo*; é *mãe legitima*; é *legitimo pae*; é *esposa legitima*; é *filho legitimo*; é *prole legitima*, ou *illegitima*; é *ascendencia* e *descendencia legitima*, ou *illegitima*; são *legitimos* e *illegitimos ascendentes* e *descendentes*.

O *parentesco*, em summa, sempre se qualificou de *legitimo*, ou *illegitimo*; nunca de *licito*, ou *illicito*. *Licitos*, ou *illicitos*, podem ser os actos, ou factos<sup>1</sup>, de onde taes relações decorrem.

Assim, escreveu C. CASATLLO BRANCO no rol das pessoas condemnadas em virtude de uma devassa aberta sobre a moralidade do mosteiro de Odivellas: «O padre Pantaleão Rodrigues... por dar palestra a varios freiraticos em sua casa, dando os escriptos o recebendo as respostas de muitos *tratamentos illicitos*. O padre Roque Francisco... por *tratamento illicito* com certa religiosa.» Mas as relações, que dahi resultem, são *legitimas*, ou *illegitimas*. Assim se qualifica o *casamento*, a *mancebia*, a *progenie*.

Disso mesmo nos dá testemunho a *Resposta* na citação de um commentador contemporaneo, segundo o qual «a *affinidade illicita*» se funda sobre uma razão semelhante á em que se baseia a *affinidade legitima*.»

Pois, se não chamais *affinidade licita*, porém «*affinidade legitima*», e ahi mesmo o estaes consignando, como é que, para significar a

<sup>1</sup> «Estes reys sabendo aquellas verdades, per *modos não licitos* se faziam chamar reys de Castella.» *Cron. de D. Aff. o V*, ed. de 1780, c. 49, p. 354.

«Resistir contra a *illicita guerra*.» (*Ib.*, p. 355.)

contradictoria dessa idéa, não direis *affinidade illegitima*, e sim «*affinidade illicita*»? Do *licito* se faria *illicito*. Logo, a *legitimo* não será *illegitimo* o que se contrapõe?

## § 10

## Art. 1.709

## ESTE, ESSE

376.— Confessa a *Resposta* o erro occorrente nesse artigo, e por mim apontado, com a substituição de *esses* por *estes*.

Entretanto, referindo-se á minha correção, observa:

« A omenda do illustre censor é, porém, assim redigida:

« Se o testador commetter designadamente a certos herdeiros a execução dos legados, só *esses* responderão por *estes*. » *Esses* refero-se a herdeiros, mas a quem a referencia de *estes*? A—legados—deve ser, mas no texto *legados* está tão distante... »

Notem, porque é característico. Inculca-se que a referencia de *estes* não pôde ser, como devia, a *legados*, visto que, «no texto, *legados* está TÃO DISTANTE... » Ora, o texto, alli mesmo transcripto, reza:

« Se o testador commetter designadamente a certos herdeiros a execução dos *legados*, só *esses* responderão por *estes*. »

Entre *legados* e *estes* mediam apenas os termos «só esses responderão por»: um adverbio, um adjectivo, um verbo e uma preposição. A nenhum dolles a referencia poderia tocar; porquanto nenhum é substantivo masculino plural, para poder concordar com o demonstrativo *estes*. *Immediatamente* anterior a essas *duas particulas* e a essas *duas palavras*, que representam a *distância* encarecida pelo meu contradictor (*distancia grande!*), jaz o substantivo *legados*. A que outro vocabulo senão *este*, logo, poderia o *estes* alludir?

## § 11

## Art. 185, § 1º

## CASAR, CASAR-SE

377.— Estranha-me a *Resposta* a fôrma intransitiva, que usei, deste verbo, aliás sem condemnar ou rejeitar a pronominal.

Preferi a intransitiva pela superioridade, evidente ao ouvido, que a sua brevidade lho dá. Na sentença «O rei *casou-se*», o dizer

é sensivelmente mais froixo que nest' outra: «O rei casou.» «*Casou*» diz mais rapida e elegantemente que «*Casou-me*». Não o sentem? Tambem eu o não poderia demonstrar discursivamente. Sei; porque o sinto. «Nestas coisas de gosto delicado», dizia o bom senso por bocca do CASTILHO<sup>1</sup>, «nem tudo se raciocina; muita coisa fica a um senso intimo: o *não sei que*, o proverbial *não sei que*, representa em todas as artes um importantissimo papel.»

378.—Mas, se eu não puz stygma ao *casar-se*, porque me notarem o *casar*? Em todos os dictionarios a significação neutra, neste verbo, antecede á pronominal. Na ordem natural é egualmente essa forma a primeira o a dominante. «A significação neutra», diz FR. DOMINGOS VIEIRA, «é aqui a original.» No uso da lingua é ella a prevalecente. Basta, para o demonstrar, a vantagem, que leva á outra no fallar dos annexos:

*Casar, casar*, soa bem, e sabe mal.

*Casar, casar*, quer bom, quer mal.

*Casar*, e comprar, cada um com seu igual.

*Casars*, e amansurás.

*Casareis*, e em manteis alvos comereis.

*Casa* o filho, quando quizeres, e a filha, quando puderes.

Cada um canta, como tem graça, e *casa*, como tem ventura.

Com teu visinho *casars* teu filho, e beborás seu vinho.

Quem longe vae *casar*, ou vae enganado, ou vae enganar.

Quem tarde *casa*, mal casa.

Antes que *cases*, vê o que fazes.

Nem de minina te ajuda, nem *cases* com viuva.

Estes classicos me dispensariam de socorrer-me a outros. Entretanto, sempre alguns exemplos apontarei :

«*Casou* com este.» (FERN. LOPES: *D. Fernando*, c. 134.)

«*Casou* com ella.» (*Ib.*)

«Esta *casou* depois.» (*Ib.*)

«Ordenou como *casasse*.» (*Ib.*, c. 150.)

«*Casasse* com ella.» (*Ib.*, c. 154.)

«*Casando* com o infante.» (*Ibid.*)

«*Casasse* com o dito rei.» (*Ib.*, p. 160.)

«*Casando* el-rei primeiro.» (*Ib.*, c. 165.)

«Por nenhuma guisa *casar*.» (F. LOPES: *D. João I*,

<sup>1</sup> Grinalda Ovidiana. Append. ao Amor., v. V. p. 241.

parte II, c. 125.)

« Ordenara do casar. » (*Ib.*)

« Ambos casaram. » (*Ib.*)

« E depois casaste. » (*Ib.*)

« Casasse, como casou com ella. » (VIEIRA: *Obras Varias*, v. I, p. 191.)

« Casou com uma filha bastarda. » (*Ib.*, p. 194.)

« Casou com uma neta. » (*Ib.*)

« Casou com d. Anna de Athayde. » (JACINTO FREIRE, *Op. cit.*, IV, n. 110.)

« Casou uma só filha. » (BARROS, *Dec.*, ed. de 1778, v. I, p. 100.)

« Casou com a rainha. » (*Ib.*, p. 102.)

« Com quem casou um fidalgo. » (*Ib.*, p. 103.)

« Com quem casou Diogo. » (*Ib.*)

« As mulheres não podiam casar. » (*Ib.*, p. 105.)

« Não estavam em disposição para casar. » (*Ib.*, p. 106.)

« Casando com tres filhas do proprio rey. » (BRANDÃO: *Monarchia Lusitana*. Ed. de 1806. P. 4.)

« Adelaid, a qual casou em Saboya. » (*Ib.*, p. 8.)

« Casou com Constança. » (*Ib.*, p. 10.)

« Casou com Elisa. » (*Ib.*, p. 15.)

« Casou esta princesa com Amadeu. » (*Ib.*, p. 17.)

« Não casou segunda vez a rainha D. Tareja. » (*Ib.*, p. 295.)

« Se não queres casar mal

Casa com igual. »

(BERNARDES: *N. Fl.*, v. I, p. 225.)

« Casem primeiro as idades, as condiçoens, as saudes, e as qualidades; e então casarão bem as pessoas. »

(*Ibid.*)

« Case lenho com lenho. » (*Ib.*, p. 226.)

« Se alguns des seus audientes casavam, lhe mandavam que impedisse a geração. » (*Ib.*, v. IV, p. 91.)

Não bastará, para que me ficasse o direito de escrever *casar*, em vez de *casar-se*?

## § 42

Arts. 46 e 96

### PROPOSITAL, PROPOSITALMENTE

379.—Confessa o autor da *Resposta* não encontrar esses vocabulos em dicionario nenhum. Mas a elles se aferra; porque

JOÃO RIBEIRO (*Gram.*, p. 298) os enumera entre os adoptados pelo uso geral.

Entretanto, o unico registo authenticico do uso geral é a pratica dos bons escriptores. E, afora o proprio JOÃO RIBEIRO, que daquelle adverbio já usou (*Hist. do Brasil*, 2ª ed., p. 10), e JULIO RIBEIRO, que também lhe abriu porta (*A Carne*, p. 8.), não conheço um só de autoridade, que desses termos se valesse. No Brasil nunca os encontrei nos escriptos de GONÇALVES DIAS, LISBOA, ou MACHADO DE ASSIS. Em Portugal nem mesmo RAMALHO e EÇA, tão inclinados ás locuções francesas, nol-os deparam. *Intencional* é como escreve OLIVEIRA MARTINS: «A lehtidão da marcha era intencional e educativa.» (*Nun'Alvares*, p. 149.)

A respeito desta novidade C. DE FIGUEIREDO se pronuncia nestes termos: «O termo *proposital* nunca se me deparou em escriptor português. E para que se ha-de elle inventar, se *propositado* exprime a mesma idéa, tem derivação conforme á indole do nosso idioma, e é usado pelos que bom fallam?»<sup>1</sup>

**380.**— Como succedaneos portuguezes desse adjectivo e do se adverbio enumerei, annotando o art. 46, n. III, do projecto, não menos de *desesete* vocabulos e locuções. A essas poderemos accrescentar *de estudo*, empregado elegantemente por GARRET: — «*De estuda* evito renovar aqui memorias desagradaveis.» (*Obras*, v. XXIII) p. 320.) Noutro lugar escreve «*deliberadamente*». (*Ib.*, p. 322.) «*Propositadamente*», diz C. DE FIGUEIREDO (*Liç., Prat.*, v. II, p. 229, e D. MICHAELIS DE VASCONCELLOS na sua traducção da grande obra de STORCK sobre a *Vida e Obras de Luis de Camões*.<sup>2</sup>

— Ora por que, a não ser um capricho aberrativo, a força de uma perversão, ou o gosto de errar, trocaremos em *proposital* o vernaculo *propositado* e em *propositalmente* o vernaculo *propositadamente*?

Ainda bem que neste ponto está commigo o revisor adoptado pela commissão dos vinte e um, o dr. CARNEIRO, que assim (como vimos atrás, n. 102) formalmente se declara.

### § 13

#### Art. 126<sup>3</sup>

#### INSOLVABILIDADE

**381.**—Pezaroso de não ter inventado a palavra *honorabilidade*, termo inutil, vago, obscuro e mal derivado, que já discuti, replicando ao professor CARNEIRO, o trocista philologico da *Resposta ex-*

<sup>1</sup> *Lições Prat.*, v. III, p. 44.

<sup>2</sup> Lisboa, 1897.

<sup>3</sup> E arts. 825, 914, 915, 955; § 4º, 1003, 1133, 1300, § 2º, 1589, 1437, 1492, 1494, III, 1497, § un., 1506, 1807.

prime igualmente a sua magoa de não ter forjado também o *insolubilidade*. Quem necessitar de um responsavel adoptivo para o robutalho das neologias bastardas, já sabe onde ha-de ir bater. <sup>1</sup>

Está no seu direito. Mas o direito que lhe eu nego, é o de lhes adereçar as certidões de baptismo com os nomes de padrinhos imaginarios, como faz, dizendo que «a maioria dos nossos lexicographos consigna» aquelle termo.

Não é verdade. Entre os nossos dictionarios de autoridade só o registam as edições menos antigas de MORAES e o *Thesouro* de FR. DOMINGOS VIEIRA. FERREIRA BORGES<sup>2</sup> não decide em pontos de vernaculidade. Commercialista, aliás de não alta esphera, e compilador de leis commerciaes, recobia com a plasticidade utilitaria de pratico forense a móssa dos livros franceses, absorvidos sem escrupulo no tocante á linguagem. Os outros vocabulistas nossos, porém, ainda não acceitaram este alojão francês. Não o encontrareis em CONSTANCIO, AULETE, AD. COELHO, JOÃO DE DEUS, nem C. DE FIGUEIREDO. DOMINGOS DE AZEVEDO, no seu *Diccionario Portug-Francês* só inscreve *insolvencia*, e por *insolvencia* verte, no seu *Diccionario Francês-Português*, o francês *insolvabilité*.

§ 2.—Temos *solvencia*, *solvente*, *solvel*, *soluvel*, *insoluvel*, *insolvel*, *insolvente*, *insolvencia*, *insolubilidade*. Não necessitamos, portanto, das achavascadas adaptações de *solvable* e *solcabilité*, vocabulos mal luvrados e muito menos bemsoantes que aquelles nossos.

Que os fóssemos buscar, se, por carencia de expressões equivalentes, delles necessitassemos, isso sim. Mas, ainda nesse caso, cumpriria que os tomássemos ás fontes naturaes do nosso idioma. Essas estão no latim. E de que modo exprimiam os latinos a idéa de *pagar*, *satisfazer debitos*, ser *capaz* ou *incapaz* de os satisfazer? Mediante o verbo *solvere* e seus derivados. Ora como extrahir dessa base as palavras *solvavel* e *solvabilidade*? Não ha meio, em português. De *solvere* só poderia derivar o resultado, que dorivou: *solver*, *solvente*, *solvencia*, *insolvencia*.

O que, em vez desses termos, se nos quer desatinadamente encampar, é, portanto, grossa e mal aldravada francesia. Para que um neologismo tenha a franquia de cir-

<sup>1</sup> « Quanto a esta palavra, portanto » ( a. palavra *honorabilidade* ) « si alguma cousa sente a Commissão é o pezar de não a ter creado, como de não haver creado o termo « lacunoso » era o pezar manifestado por Tobias Barreto, deante dos arreganhos de um *canis grammaticus* que em nome da vernaculidade tentava mordel-o por o haver empregado.

« — « *Insolvabilidade*. » E' a mesma a nossa situação, é o mesmo o nosso pezar: chegamos tarde para a gloria de invental-a. A maioria dos lexicographos a consigna e as nossas leis a consagram. » ( *Resposta ao parecer do senador Ruy Barbosa*, p. 18, c. 3. )

<sup>2</sup> Que aliás só o menciona em segundo logar, subordinado a *insolvencia*.

cular, importa que receba, ao adaptar-se, conforme ás leis da boa cunhagem, a feição do idioma onde penetra. Assim procederam os francezes com o seu *solvable*. Está esboçado em LITTRÉ o processo de elaboração desse adjectivo. Diz-nos elle que *solvable* nasceu do latim *solvere*. Mas de que modo? Como se de *solvere* se tirara *solver*, e de *solver* se formara *solvable*.<sup>1</sup> Já se está vendo, assim, que é mediante a singularidade, peculiar á lingua franceza, de transformar a terminação *er* dos seus verbos na terminação *able* dos seus adjectivos. Graças a essa propriedade, alli vernacula, de *envier* compuzeram *enviable*; de *mépriser*, *méprisable*; de *aimer*, *aimable*; de *louer*, *louable*; de *varier*, *variable*; de *exprimer*, *exprimable*; de *dompter*, *domptable*.

Mas, em português, a desinencia em *avel*, nos adjectivos, procede necessariamente da terminação *ar* nos verbos: *amavel*, de *amar*; *louvavel*, de *louvar*; *curavel*, de *curar*; *transportavel*, de *transportar*; *toleravel*, de *tolerar*; *estimavel*, de *estimar*; *domavel*, de *domar*; *conquistavel*, de *conquistar*; *reprovavel*, de *reprovar*; *saneavel*, de *sanar*; *usavel*, de *usar*; *detestavel*, de *detestar*; *appellavel*, de *appellar*; *tratavel*, de *tratar*; *malleavel*, de *mallear*; *danavel*, de *danar*; *saneavel*, de *sanear*; e assim sempre.

Os nossos verbos terminados em *er* não geram nunca adjectivos terminados em *avel*. A terminação nos adjectivos procedentes dos verbos portuguezes em *er*, ou dos latinos em *ere* da terceira conjugação, será necessariamente em *ivel*: *legivel*, de *ler*; *aprazivel*, de *aprazer*; *desprazivel*, de *desprazer*; *respondivel*, de *responder*; *fazivel*, de *fazer*; *conhecivel*, de *conhecer*; *reconhecivel*, de *reconhecer*; *dizivel*, de *dizer*.

Assim que o processo, cuja applicação ao latim *solvere* deu suppositivamente aos francezes o verbo *solver*, e, mediante este verbo, o adjectivo *solvable*, esse processo, applicado ao mesmo verbo latino, veio a nos dotar realmente com o verbo *solver*, e, mediante este verbo, com os adjectivos *solvel* e *solvente*. Porque do francês *solver*, adaptação imaginaria do latim *solvere*, só se podia tirar *solvable*. Mas do português *solver*, naturalização effectiva entre nós do latim *solvere*, não podia resultar senão *solvente*, ou *solvel*.

Ora o substantivo de *solvente* é *solvencia*; o de *solvel*, ou *solvel*, segundo a transmutação vulgar do latim *solubilis*, é *solubilidade*, com os seus contrapostos ou antonymos: *insolubilidade*, *insolvel*, *insolvivel*, *insolvencia*, *insolvente*.

§§§.—Já se vê que admittir em nossa lingua as palavras *solvel* e *solubilidade*, com as suas derivadas, é cobrir o francês, mas cobri-lo ignaramente, violando as proprias leis de geração etymologica, pelas quaes o francês obteve *insolvabilité*, *insolvable*.

<sup>1</sup> « Solvable. Mot fait du latin *solvere*, payer, comme si l'on en avait tiré le verbe *solver*; d'où *solvable*, comme *exprimable* de *exprimer*. » (LITTRÉ: *Dicc.*, v. IV, p. 1972.)

Philologicamente, a questão não é susceptível de outro aspecto. Scientificamente, não se poderá discutir em terreno diverso. Nomes de juristas e parlamentares sem peso vernaculo não adiantam uma linha á solução. Da que o estudo etymologico do assumpto nos acaba de proporcionar, só haveria motivo, para nos desviarmos, caso esses atamancados contrabandos franceses houvessem recebido a chancella de bons autores. Mas, se nem um só destes até hoje os esposou?

## § 14

## Art. 223, I

## AFFECTAR

384.—Este verbo, em nossa lingua, nunca se usou pelos escriptores vernaculos senão como equivalente do *amar*, *ambicionar*, *desejar*, *ostentar*, *simular*, *requintar* ou *rebuscar*, *requerstar* ou *diligenciar* alguma coisa. Eram as accoções latinas de *affectare*. *affectari*: são as nossas de *affectar*.<sup>1</sup>

Outras, de todo em todo outras, deram os francezes ao seu *affecter*. Mas essas repugnam á indole da palavra em nosso idioma, que, para corresponder ás significações estranhas deste vocabulo, dispõe de varios, qual a qual mais adequado e expressivo. Ora, para conciliar repugnancias dessa natureza, não bastariam nomes de escriptores, por altissimos que fossem. Quanto mais que de tal eminencia não me consta seja nem o de JORGE PARANHOS, nem o de TOBIAS BARRETO. Nenhum dos dois é modelo, ou mestre, em questões de vernaculidade portugueza.

Nos proprios exemplos que a *Resposta* nos apresenta, se está a ver a negligencia e desprimor, com que um e outro se houveram no emprego desse verbo. «*Affecta* de modo agradável» disse TOBIAS: onde CASTILHÓ, HERCULANO, GONÇALVES DIAS, ou MACHADO DE ASSIS

<sup>1</sup> «E deste modo zelavam os fariseus e escribas as *affectadas* observancias de sua lei contra Christo.» (BERNARDES: *Luz e Calor*, ed. de 1696, n. 81, p. 61.)

«Ao abbade Serapião veiu visitar um monge, *affectando* no habito, gesto e palavras tanto desprezo de si.» (*Ib.*, n. 82.)

«Tambem é humildade *affectada* e *supposta*.» (*Ib.*, p. 62, n. 83.)

«Os hypocritas *affectam* cheirar bem pela boa fama e a pouco custo.» (*Ib.*, n. 88, p. 67.)

«Sinceridade e *desaffectação* no modo de obrar.» (*Ib.*, p. 97, n. 113.)

«Não é *affectação* minha.» (VIEIRA: *Serm.*, v. I, p. 110.)

«Mas como a soberba e ambição pervertesse a igualdade desta ordem, com outra ordem desordenada de primeiros, segundos, até ultimos logares, e os pharizeus na mesa *affectassem* os primeiros, este foi o vicio que o Senhor observou.» (*Ib.*, p. 336.)

«Não a deteve a fama com o ruido de seus applausos, nem *affectou* victorias e triumphos.» (*Ib.*, v. III, p. 226.)

«Pediram a seu Divino Esposo as privasse daquella graça, que outras tanto estimam, e com tantas artes *affectam*.» (*Ib.*, p. 237.)

«Do Olympio só os caminhos *affectando*.» (CASTRO: *Ulysséu*, VII, 103.)

escreveriam: «*Commove, toca, impressiona.*» «A fome nos *affecta*», escreveu JORGE PARANHOS. E qualquer escriptor português de mediano merecimento diria: «*Salteia-nos a fome*», «*Dá-nos a fome*», «*Entrou-nos a fome*», ou «A fome nos *accommette*, nos *invade*, nos *afflige.*»

**385.**— Outra applicação meramente franceza desse verbo é a de que nos dão exemplo certas phrases desta laia: «O governo *affectou* o assumpto ao congresso.» «A molestia *affectou-lhe* os rins.» «Estas circumstancias *affectam* a questão.»

Tiradas em linguagem, seriam: «O governo *submetteu* a questão ao congresso. A molestia *interessou-lhe* os rins. Estas circumstancias *interessam* á questão, *tocam* á questão, *respeitam* á questão, *entendem* com a questão.»

A' opulencia desta variedade prefero a francesice insciente, deleixada e sensaborona a monotonia do *affectar*, encambulhando uns poucos de sentidos, cada qual mais alheio á sua origem, á sua indole, á sua tradição. E isso em nome da *evolução dos idiomas*. Pobre sciencia moderna, quantas ignorancias e imposturas se não acobertam com o teu nome e a tua phraseologia!

§ 15

Art. 1.670

CONFLICTO DA BATALHA

**386.**—São estes os termos da replica á minha nota:

«O censor protesta em termos irritadiços<sup>1</sup> contra a phrase—*conflicto da batalha*—do art. 1.670.

«A expressão não é nova, nem constitue uma singularidade no *vocabulario* do projecto.

«Estava no projecto revisto (art. 2.º15); foi empregada repetidamente na Ord. L. 4.º T: 83; foi usada pelo emérito Teix. de Freitas (Cons. art. 1.066) e repetida pelo classico Gouvêa Pinto (ob. cit. pag. 82).

«Resta saber se, apezar da justificativa, o censor *absolve* a Comissão.»<sup>2</sup>

<sup>1</sup> «Termos irritadiços» é chapadissimo erro de linguagem. Um individuo, um temperamento, um caracter pode ser irritado. Um vocabulo, nunca.

A desinencia portugueza *ço* traduz frequencia, habito. *Agastado*, o atreito a se agastar. *Encontrado*, o facil de encontrar. *Embarcado*, o dado a embarcar. *Namorado*, o inclinado a namorar. *Posto*, o feito para se tirar e por. Poder-se-á dizer, pois, que uma pessoa é irritado significando que facil ou habitualmente se irrita. Mas chamar irritado a uma palavra, uma expressão, uma phrase, é de quem não falla portuguez

<sup>2</sup> Resposta p. 17, c.º 2.º.

Veja-se agora o que eu dissera. Transcrevel-o-ei fiel e inteiramente :

« So batalha é a lucta entre dois exercit.s, e *conflicto* o embate dos que lutam, dizer *conflicto da batalha* o mesmo é que se dissessemos *na batalha da batalha*, ou *no combate da peleja*. Provavelmente, creio eu, o intuito do autor da omenda foi especificar os individuos *empenhados na batalha*, reservando só a esses o supposto beneficio do testamento nuncupativo, e excluindo assim desse privilegio as pessoas presentes ao combate, mas nelle não envolvidas. Para exprimir essa idéa, porém, não se havia mister da phrase pleonastica *no conflicto da batalha*. Dizendo *pessoas empenhadas na batalha*, diremos o mesmo, sem o vicio do pleonasm.o. »<sup>1</sup>

Onde o «*irritadiço*» desta linguagem ? Não era possível, bem se vê, ser mais calma. Em toda ella não ha o minimo traço de agastamento, a mais leve observação offensiva do projecto, nem a seu respeito um qualificativo desfavoravel mais que o de *pleonastica*, applicado á phrase, de que divergi. Combati-a tranquillamente, com um raciocinio, mostrando que, na locução *conflicto da batalha*, o vocabulo *batalha* já encerra em si a expressão desnecessariamente reiterada na palavra *conflicto*.

Não se absolve, pois, a defesa, oppondo ao meu reparo o exemplo das *Ordenações* e o dos dois juriconsultos que lhes aggrega. A argumentos logicos ha-de contrapor-se a razão, e não a autoridade. Se eu qualificara aquella expressão de «*singularidade no vocabulario do projecto*», como figura o autor da *Resposta*, levantando-me nisso mais um testemunho, então sim, viriam a calhar as citações.

Estas, porém, não enfraquecem absolutamente o meu argumento. O autor da *Resposta* poderia tel-a reforçado, sem objecção minha, se conhecesse os mestres do nosso escrever. Um ou outro delles escreveu, tal qual vez, *conflicto da batalha*, como as *Ordenações*. Em falta dessa leitura, que não lhe gosta<sup>2</sup>, alguma ajuda lhe traria neste sentido o dictionario de MORAES, *in vº conflicto*. Mas esta consideração não tolhe o character de *pleonasm.o*, por mim attribuido áquelle dizer. Não poucas locuções traquejadas nas antigas leis portuguezas e nos velhos mestres da lingua se resentem dessa nota, que aliás nem sempre as desqualifica de bellas e acertadas.

<sup>1</sup> Meu parecer, p. 522.

<sup>2</sup> Deste castelbanismo se encontram exemplos nos bons autores. Ex.:

« Eis topa  
Em certo sitio á cáfila  
Com monsenhor Leão, e não lhe gosta. »

(FILINTO: Obr., v. XII. p. 139.)

No lavor literario não raro se exorna o estylo com o repetir de idéas ou palavras. Julga-se por elegante o verso de VIRGILIO :

*Longa procul longis via dividit in via terris* <sup>1</sup>,

e aquell'outro :

*Ingentemque Lyas ingenti mole Chymeram.* <sup>2</sup>

Muito de industria poetou FILINTO ELYSIO :

« *Longes terras correu com longo curso* <sup>3</sup> »,

e mui de estudo :

« *O que os cães fazem, faz que elles o façam.* » <sup>4</sup>

Doutras vezes são as idéas que se reiteram pleonasticamente em diferentes vocabulos successivos, por adensar a cor, ou duplicar a energia á linguagem. Na singela enunciação dos actos legislativos, porém, o pleonasma não seria admissivel senão por um interesse manifesto de clareza. Haverá, na especie, esse interesse : Evidentemente não. Ponhamos lado a lado as duas phrases. Aqui ? « o soldado testou na batalha ». Alli : « o soldado testou no *conflicto da batalha* ». Diz a segunda mais que a primeira ? Não, por certo. *Conflicto* « é o embate dos que lutam ». (C. DE FIGUEIREDO.) *Batalha* « é a luta entre exercitos ». (*Ib.*) Logo, toda a *batalha* é *conflicto*, e, não havendo *conflicto*, não pôde haver *batalha*. Em fallando, pois, de *batalha*, dito está fallar-se de *conflicto*. Synonimos são os dois termos, de que VIEIRA usou como taes neste topico : « Todo aquelle *combate* ou *conflicto* de angústias. » (*Serm.*, v. VI, p. 338.) Na phrase *conflicto da batalha*, portanto, empregada como está no art. 1.670, ha mais que um pleonasma: uma tautologia. E' o pleonasma, ás vezes, a redundancia util á graça ou á força do discurso. Naquelle, o que redundava, não tem vantagem nenhuma para o encanto ou o vigor da expressão. *Conflicto da batalha* traz-me á mente a *physionomia do rosto*, empregada por um dos nossos melhores clássicos, a que ninguem, hoje, apezar de sua autenticidade, imitaria neste particular.

387.— Depois, na antiga phraseologia legislativa, o vocabulo *batalha* podia não ter a significação de *combate*, e, nesse caso, não haveria que notar á phrase *no conflicto da batalha*. Hoje este substantivo é exclusivamente synonymo de *peleja*. Mas outr'ora queria dizer, outrosim: o centro do exercito, os troços de gente

<sup>1</sup> *Æneid.*, III, v. 383.

<sup>2</sup> *Æneid.*, V, v. 118.

<sup>3</sup> *Obras*, v. I, p. 63.

<sup>4</sup> *Ib.*, v. XIII, p. 210.

em que elle se dividia, e qualquer corpo formado para pelear. (MORAES.) Veja-se a lição de VITERBO. (*Elucidario*, v. 1, p. 128): «*Batalha*. Assim chamavam antigamente a todo o corpo de um exercito, constante de vanguarda, centro e retaguarda.»

Nessa accção escreveu DUARTE NUNES, como escrevera FERNÃO LOPES<sup>1</sup>: «Chegaram suas batalhas ao palanque para o combater.» (*Cron. del rey D. Duarte*, c. 12. Ed. de 1780, p. 50.) «Assim ordenou o infante suas batalhas.» (*Cron. del rey D. Aff. V*, c. 17. Ed. de 1780, p. 180.) «Após esta vinha a batalha del rey, com a bandeira real do reyno.» (*Ib.*, c. 51, p. 362.) «Ao marichal seguia o capitão dos ginetes da guarda del rey, que era Vasco Martins Chichorro, com sua batalha ordenada.» (*Ib.*, p. 361-2.) «E esta era a batalha real, na qual não foi el-rey, por se assegurar.» (*Ib.*, c. 57, p. 408.) «Da outra gente fez dez alas, quatro grandes, e seis pequenas. Das quatro grandes, que hiam na mão esquerda da batalha del rey, eram capitães...» (*Ib.*, c. 57, p. 409.) «No meio destas batalhas hia a gente do pé.» (*Ibid.*) «El rey D. Fernando ordenava suas batalhas.» (*Ibid.*) «Das seis alas que hiam á mão direita da batalha del-rey.» (*Ib.*, p. 411.) «Alguns dos portuguezes feridos, e os castelhanos que escaparam, se acolheram á batalha real.» (*Ib.*, c. 58, p. 412.) «Abalou logo el rey D. Affonso em pessoa com sua batalha.» (*Ibid.*) «Estas duas batalhas pelejaram por espaço de uma hora.» (*Ib.*, p. 413.) «El rey D. Affonso, vendo sua bandeira no chão e sua batalha desbaratada.» (*Ib.*, p. 414.) «Se poz com os seus em um tezo, com os quaes e com alguns, que a ellè se acolheram da batalha del rey, fez um bom corpo de gente.» (*Ib.*, p. 415.) «O principe, como viu a batalha del rey desbaratada, sem lho poder valer...» (*Ib.*, c. 59, p. 418.) «Desta gente toda fez o principe uma grossa batalha, com que determinou em amanhecendo dar em outra grande batalha dos castelhanos, que se ajuntara no campo, e estava tão perto da sua, que se ouvia de uma a outra o qué fallavam.» (*Ibid.*) E por egual JACINTO FREIRE: «Ordenou a sua gente em duas batalhas.» (L. IV, n. 62.)

Se o termo *batalha* não houvesse perdido tal significação, o nosso codigo civil poderia copiar ás Ordenações do Reino a phrase *conflicto da batalha*; porque o primeiro desses termos exprimiria então a *peleja* e o segundo a *gente de armas*. Estar no *conflicto da batalha* seria, nesse caso, achar-se no encontro da força armada com o inimigo. Mas, se o codigo tem de fallar a lingua do nosso tempo, a locução *conflicto da batalha* será um anachronismo injustificavel, ou uma escusadíssima perissologia.

<sup>1</sup> «E naquelle logar repartiu suas batalhas, como haviam de ir.» (FERN. LOPES: *Chron. d'el rei D. João I*, parte II, c. 164.)

E assim muitas vezes.

«*Batalha*. Antigamente se entendia pelo esquadrão. (BLUTEAU: *Vocabul.*, v. II, p. 67.)

## § 16

## Art. 1.644, n. VIII

PUBLICO NO

(CACOPHATON ?)

**388.**—Palavras da Resposta:

« Neste paiz só o sr. Ruy Barbosa conhece a nossa opulenta e expressiva lingua; só elle sabe evitar os pleonasmos e as cacophonias, embora, corrigindo a redacção do n. VIII do art. 1.644, houvesse dito — «o official publico no testamento.»

A Comissão, no entretanto, cuidadosamente evitara o *cacophaton indecoroso*! »

Conservo a esta allucinação morbida a sua expressão literal. Foi o doente mesmo quem, nas palavras «publico no», griphou a derradeira syllaba de *publico* e a contracção adverbial *no*, que se lhe segue.

Não satisfeito, acrescentou que «a commissão evitara cuidadosamente o *indecoroso cacophaton*».

Quero crer, e apostaria que a commissão foi caluniada. Não posso conceber que toda ella se deixasse contaminar da aberração sexual; que nesse topico se retrata. Descobrir obscenidade nas palavras «publico no testamento», e encartal-a nas duas syllabas, que o italico do escriptor nos indica, se não for signal de uma dessas enfermidades *sui generis*, que interessam de certo modo os centros medullares, sel-o-á de um desses habitos de lasciva malignidade, que em documentos parlamentares até hoje nunca se viram.

*Publico*, adjectivo, ou substantivo, lê-se, em nossa lingua, *públiku*. Assim lhe figura a pronuncia o *Diccionario Prosodico* de João DE DEUS; assim ensinam todos os grammaticos a pronunciar os vocabulos terminados em *o* surdo, isto é, os vocabulos paroxytonos ou proparoxytonos, que terminam em *o*; e assim se pronunciou sempre, tanto em Portugal, como no Brasil. Nas particulas ou palavras de uma só syllaba o *o* final não accentuado tem aquelle mesmo som de *u* não accentuado: *to, do, no, mo, lho*, que se proferem *lhu, mu, nu, du, tu*. Logo, as duas syllabas sublinhadas naquella brejeirice hão-de pronunciar-se forçosamente como se acabassem ambas em *u* breve: *hy nu, hynu*: «*publihu nu testamento.*»

Onde ahí o *indecoro*? Onde, sequer, a cacophonia?

## § 17

## Art. 3º

JURIDICO NÃO

(CACOPHATON ?)

**389.**— Outra inspiração pornographica da mesma casta que a antecedente. Cito textualmente da *Resposta* (p. 12, col. 2ª):

« Logo na 1ª columna do substitutivo (art. 3º, not.) ahí vem com um *juridico não*. »

Transcreverei agora, para edificação dos a quem tocar, o lance, que aqui me criticam. E' isto :

« O obstaculo á uniformidade foi a locução « coisa julgada », a que o uso juridico não attribue plural. »

Devo advertir, pela segunda vez, que o gripho não me pertence ; é do original parlamentar. Guarda-o o *Diario do Congresso*, o hão-do-perpetual-o os *Annaes*.

Para quem lê *juridico*, do mesmo modo que *publico* (públihu), isto é, com o acconto na antepenultima,—prosodicamente, a sabor, falladamente, aquella palavra termina em *u* breve: « juri'dihu ». Juxtaposto agora o vocabulo á negativa subsequente, o resultado vem a ser : *juridihu não*.

Seria necessario, pois, ler *juridico*, ou *juridicô*, á francesa, para fornecer á depravada imaginação dos manufactores destas perolas a cacophonía, que appetecem.

**390.**—Duas faces apresenta ahí a refinada malícia; porque, se, de um lado, altera a prosodia á syllaba final de *juridico*, de outro separa a negativa *não* da palavra seguinte, em que, na enunciação fallada, se encorpora, modificada e embutida. Não se lê *juridihunão* como se as duas palavras se englobassem numa só. As primeiras palavras da sentença (« a que o uso *juridico* ») succede breve pausa na voz, e só após esta se enunciam os vocabulos posteriores « *não attribue plural* », como se os dois primeiros « *não attribue* » constituíssem uma só expressão.

## § 18

Arts. 115 o 1.759

POR A

SEM MENÇÃO

(CACOPHIATONS?)

**391.**—Dispõe, no meu substitutivo, o art. 115 :

« O credor chirographario, que receber do devedor insolvente o pagamento da divida ainda não vencida, ficará obrigado a *repor* á massa o que recebeu. »

O art. 1.759 reza :

« Não é rôto, porém, o testamento, em que o testador dispuzer da sua metade, não contemplando os herdeiros necessarios, de cuja existencia sabia, ou desherdando-os, nessa parte, *sem menção* de causa legal. (Art. 1.748.) »

A esses dois textos allude uma das mais estupendas censuras da *Resposta*, nestes termos:

« Surge em seguida um *por a* (art. 115), e logo após, ali vem o *sem men* (*sem menção*) do art. 1.759. « E' o *nec plus ultra* do cacophaton. »

Vamos por partes: primeiro o «*pôr a*», depois o «*sem men*».

Ambas essas bugigangas de intenção obscena, *griphou-as* a mesma penna, que as engendrara, mutilando palavras innocentes, o amalgamando syllabas inoffensivas.

302.—«*Pôr a*.» Mas haverá na aproximação destas duas syllabas alguma coisa improferivel, estranha, malsoante?

Nenhuma. «*Pôr a*» lê-se: *porá*. Nada menos, nada mais. E *porá* é o futuro do verbo *pôr* na terceira pessoa do singular. Quem, neste mundo, já se lembraria de que essa indifferente, essa ordinaria, essa comesinha flexão do mais trivial dos verbos encerrasse no bojo uma torpeza?

Allás não vejo traças de armal-a, senão alterando aquéllas syllabas a prosodia, ou a graphia, falsificando-lhes a pronuncia, ou a escripta, adulterando-lhes os sons, ou as letras. De francesia em francesia, acaba o terrivel gallicista afrancesando-nos os *rr*; e graças a esse vicio de accento parisiense é que infamará do horrendas sordieias o pobre do verbo *pôr*, metti lo agora no indice da linguagem decente.

303.—Haja, porém, ahí o que houver, não é producto meu, senão obra da commissão da camara dos deputádos, autora do «*por a*», que a minha culpa se limita em não haver mudado. O meu substitutivo, modificando a outros respeitoos a redacção do art. 115, manteve-o tal qual era, no que toca aos vocabulós «*repor a massa*», onde o mineiro de cacophonias immoraeos topou com o seu achado. Eis, de feito, os termos daquelle artigo no projecto da camara:

« O credor chirographario que recebe do devedo: insolvente o pagamento da divida ainda não voncida, fica obrigado a *repor a* massa tudo quanto recebeu. »

Logo, so no «*por a*» existir realmente alguma dessas imagens para compostura das quaos se invontou na estatuaria a folha de vinha, não serci eu quem a terá lavrado. Lavrou-a, sim, a propria mão, que m'a pretendo impor. De mim o que se poderia dizer, é que, não tendo a imaginação do genero, não dei tino da figura suspeita, insinuada pelos autores do projecto nos escaninhos do seu trabalho legislativo.

304.—Agora, aquelle a que a *Resposta* chama « o *nec plus ultra* do cacophaton ». (Deus me dê paciencia, para transpor o muladar.) Decepo a *Resposta* o substantivo *menção*, reduzin-

do-o á syllaba inicial *men*, que, com a preposição *sem*, a olla anteposta, dá em resultado o composto «*sem men*».

Esse *men* é syllaba accettuada na palavra *menção*. O «*sem men*» teria de ler-se, portanto, *semên*, com accento na final. E *semên* não quer dizer coisa alguma.

Admitta-se, porém, o contrario, isto é, que, das duas syllabas, o accento carregue na primeira. Ainda assim, não se conseguiria obter com semelhante conjuncto a imagem de luxuria, que se pretende. Tome-se ahí um dictionário prosodico, afim do que seja documentada esta lição elemental de leitura. Na preposição *sem* o *e* é nasal; porque o *m* subseqüente lho modifica neste sentido a voz. De modo que no composto *sem men* ambas as syllabas se nasalam. Mas no vocabulo, a que alli se allude, expressão commum daquillo com que os apologistas catholicos accusavam os manicheus de manipularem o pão da eucharistia<sup>1</sup>, nesse vocabulo que o formidavel relator diligencia confundir com aquel'outro, de sua lavra, o *m* pertence á segunda syllaba. Não altera, portanto, a vez normal ao *e* da primeira. Está, por conseguinte, não se pronuncia *sêm*, mas *sê*. De modo que, num caso, temos *sê-men*, e no outro *sê-men*.

As duas palavras são, portanto, inconfundiveis.

Depois, na ultima dellas não se contém necessariamente a idéa, que o escriptor da *Resposta* se compraz em alambicar. Antes da acceção physiologica, encerra esse termo o significado commum de *semente*, que todos os dictionarios lho reconhecem e assignam como a sua intenção primordial.

Além de tudo, emfim, numa longa fioira de vocabulos, em *semen-contra*, em *sementado*, *semental*, *sementão*, *sementar*, *semente*, *sementeira*, *sementeiro*, *sementilhas*, *sementinas*, as duas primeiras syllabas constituem sempre o nome rebuscado por esse critico original, o, segundo elle, *non plus ultra* da cacophonia.

Não imaginou AL. HERCULANO que a estivesse perpetrando, quando escreveu, nas paginas austeras e classicas do *Bôbo* (p. 64) :

« Não me perdõe o Senhor na hora extrema do passamento, se mentem as minhas palavras: »

## § 19

### Art. 78

« ESSE ECONO »

(CACOPHATON ?)

39 — «*Esse econo*», com aspas e griphos, traz-se para aqui fielmente da *Resposta*, p. 12, col. 2<sup>a</sup>, 30<sup>a</sup> linha.

<sup>1</sup> \* Gnosticos docuit Satan per flagitiosam turpitudinem commutare materiam eucharisticam cum semine humano. » SANCT. EPHIPHAN. *Heresi.* 26. *Apud.* Pe. M. BERNARDES: *N. Fl.*, v. IV, p. 91.

Ainda não findou, bem se vê, esse como delirio-obsceno, essa especie de *psychopathia sexualis*. Não contentê do «*sem men*», do «*por d*», com rijos erros á franceza, do «*juridico não*», do «*público não*», compostos do seu engenho, por elle convertidos em escandalos de lubricidade, accentua agora o autor da *Resposta* a subtileza desta perversão odiosa, truncando successivamente dois termos, e falsificando o contexto material de um periodo, afim de manipular uma palavrada libertina.

O texto assim maltratado e deturpado era, no meu substitutivo, este:

« Para propor ou contestar uma acção, é necessario ter legitimo interesse, economico, ou moral. »

Entre o substantivo *interesse* e o adjectivo *economico*, lá está, no texto impresso, a separação de uma virgula, que de um para o outro vocabulo obriga a voz a se deter. Ora, quando a duas palavras se interpõe a pausa de uma virgula, nunca jamais se poderá estabelecer entre ellas cacophaton. Porque o cacophaton exige a conglobação, num só corpo, das vozes que se succedem. E, portanto, um acto de censuravel espezteza apagar a virgula, por obter o cacophaton, a que ella obstaría.

**396.**—Outro aspecto dessa tramoia critica. A palavra *economico*, de onde o distillador inimitavel de estimulantes extrahiu o «*econo*» veio no projecto da camara, e nesse projecto está.

Diz elle, com effeito:

« Para propor acção em juizo, assim como para contestal-a, é necessario ter interesse legitimo, quer economico, quer de ordem moral. »

Dahi é que esse adjectivo passou ao meu substitutivo, onde uma virgula o balisa do vocabulo anterior, quando, no projecto, vemos em «*quer economico*» a contiguidade e adherencia das duas palavras successivas, condição cuja ausencia na minha emenda impossibilitaria, em qualquer hypothese, o cacophaton.

**397.**—Se elle, porém, existe sómente na sequencia das tres ultimas syllabas notadas na censura, risquemos então, por torpes, dos nossos vocabularios todos os vocabulos, onde esta associação se reproduz: *economato*, *economia*, *economico*, *economista*, *economizar*, *economio*, bem assim os seus derivados, e, com esses, as mais palavras de feitura analoga, taes como os varios compostos do grego *eikōnikos*: *iconoplasmō*, *iconoclasta*, *iconographia*, *iconomania* e seus aparentados.

Vá desbaptizar-se a *economia domestica*, a *economia politica*, a *economia social*. E não se falle mais em *economia*, inclassificavel torpitude, onde mia o «econo» desse vingador immortal do projecto. <sup>1</sup>.

§ 20

*Cacophatons ineptos*

**308.**— De envolta com os cacophatons lubricos e salazes, ageitados sem o menor fundamento, os cacophatons ineptos, urdidos sem senso, nem proposito algum.

Desse genero calharia como especimen caracteristico um, que, na galeria de indecencias e bagatelas, mereceu esta moldura distincta:

«O art. 1.727 estava assim escripto: «A capacidade do herdeiro e do legatario é somente exigida no momento da devolução da herança».

«O Sr. Ruy emendou: «Só se exige a capacidade do herdeiro e do legatario na «*data da*» devolução da herança».

«DATA DA—... eis em que deu a emenda.»

Realmente é inaudito o em que dera a minha infeliz emenda. Dera em juntar o substantivo *data* á contracção propositiva *da*; o que, a muito puxar, acabaria no adjectivo participial *datada*. Ora, por mais que submettam a tractos esse vocabulo, haverá quem lhe desentranhe cacophonia?

Pois então não se dirá, não diz e escreve toda a gente *data da carta*, *data da escriptura*, *data da certidão*, *data da eleição*, *data da posse*, *data da morte*, *data da festa*, *data da sentença*? Haverá quem hesitasse jamais em pôr o vocabulo *data* antes de qualquer substantivo feminino regido da contracção propositiva?

**309.**— Do mesmo jaez no medalhario de frioleiras resaeem est' outras:

*Em pena.* (Art. 1.360.)

*Cerca das.* (Art. 14.)

*Autoriza a acção.* (Art. 78, § un.)

*Disser respeito.* (Art. 90.)

*Reconhece esse.* (Nota ao art. 1.153.)

*Por tal.* (Nota ao art. 1.342.)

*Má acção.* (Arts. 77 e 78, § un.)

*Tôr por.* (Art. 1.345.)

<sup>1</sup> CASTILHO não soube em que ia dar, escrevendo: «*sopa economica*» «*fogão economico*», «*estudo economico*». (Colloq., p. 75, 103, 147.) O autor da *Resposta decomporia*: «*sopa econo*», «*fogão econo*», «*estudo econo*».

Constitue-se, toda a gente o sabe, a cacophonia pelo som desagradavel, ou pelo vocabulo ora feio, ora risivel, ora indecente, que se forma da contiguidade entre duas palavras.

Quem seria capaz de averbar em qualquer desses capitulos uma daquellas expressões? Se não foram os italicos, alli cuidadosamente distribuidos pelo inventor, não haveria engenho capaz de atinar com as combinações, cuja inconveniencia, ou repugnancia, o relator daquello papel traz em mira accentuar. Considero-s; nellas uma a uma.

100.—«*Tor por.*» (Art. 1.345.)

A phrase donde se extrae, é esta: «Haver-se-á o gestor *por* socio daquello.» Onde se vê que o cacophonômano não sabe ler a sua lingua. A preposição *por*, distincta do verbo *pôr*, lê-se *pur*, como se com *u* fôra escripta; ao passo que o critic diz *pôr* (como se alli se achara, claro ou occulto, o circumflexo), tão sómente para embutir no trecho um *torpor*.

Supponhamos os versos de FILINTO:

« Que a querer eu *por* pontos, *por* miudo  
Pôr todo o caso, o folgo me faltara.»

(Obr., v. XII, p. 287.)

Ou est' outro:

« Bem faz o sabio em *pôr por* obra ás vezes  
O feito sem consulta, sem reparo.»

(Ib., v. XIII, p. 208.)

Ou este trecho, de AL. HERCULANO :

« O zelo e actividade dos peões chamados a *pôr por* obra as concepções artisticas dos empregados municipaes.» (O Bôbo, p. 310.)

Quem não for tatamba em portuguez, dirá: «*pur* pontos», «*pur* miudo», «*pôr* todo o caso», «*pôr pur* obra», distinguindo com cuidado, na dicção, a particula prepositiva do infinito verbal.

Nas expressões o «gestor *por* socio», logo, não é *torpor*, mas *torpur*, o que se encontraria, lida a preposição *por* como cumpre. Mas, quando fosse *torpor*, que tinha? Haverá nesse vocabulo traço, que repagne ao ouvido, ao gosto, ou ao decoro?

101.—*Mã acção* (Arts. 77 e 78.) *Mã acção!* Mas quem é que o não diz? Quem será, que o não escreva? E onde a cacophonia, a *phoniu* revêssa ao ouvido, ou desprazivel ao gosto, á polidez, á moral? De certo o censor tinha a noção de outra coisa, quando esta affirmou. Era o *hiato*, que o critic sentia, ao escrever *cacophonon*.

Que elle ha 'nesse'logr um *hiato*, isso não direi que não. Mas é um desses, a que a orelha vernacula se afieiz por gerações e gerações, por seculos e seculos, de modo que entrou no cabedal commum da lingua, e já não pôde estar exposto a reparo, senão dos que não a sabem fallar. Bulir com esses valores correntes, mettendo-os a chacota, não é dar cópia de bom siso.

Mas, emfim, lá nos diz o proverbio que «a boa ou má acção é do quem a faz.»

Ou será que do «*má acção*» compuzesse a orelha do critico algum *mação*? *Mação*, hoje em dia *maçon*, nome do *pedreiro livre*, do filiado á maçoneria, não me consta que seja vocabulo risivel, faceto, aspero, pudendo, ou indelicado. E se o fôr, por evitar os encontros de termos que o reproduzam, teremos de vedar á boa linguagem o uso da adversativa *mas* antes do verbo ser no plural do indicativo presente, primeira e terceira pessoa: *mas somos, mas são*. Fugam do *maçon*, que se intromette na primeira, e do *mação*, que se encarta na segunda. «*Mas somos leaes*», «*mas somos brasileiros*», «*mas são bons*», «*mas são grandes*», «*mas são uteis*», ninguem mais o diga. Seria cairem no mau peccado, em que se ennodou Fr. LUIZ DE SOUSA, escrevendo: «*Mas são tantas que tomo*» (*Hist. de S. Dom.*, l. IV, c. 3), e A. HERCULANO: «*Mas são marido e mulher*» (*Est. sob. o Casam. Civ.*, p. 46.)

402.—*Por tal*. (N. ao art. 1.342.) O despropósito deste invento, já o discuti em artigo especial na resposta ao dr. CARNEIRO.<sup>2</sup> Alli apontei desse encontro de syllabas innumerous exemplos.

Vão mais estes agora, de A. HERCULANO E CASTILHO:

«*Soffrearam por tal arte as mulas.*» (*Monasticon*, v. II, p. 113.) «*Soube fazer respeitar por tal arte.*» (*Id.*, p. 121.) «... impossiveis de descrever, *por tal arte*

<sup>1</sup> «*Elle havia tambem Já tantissimo tempo.*»

(CASTILHO: *Fausto*, p. 193.)

«*Nem elle ha coisa peior.*» (*Avarento*, p. 186.) «*Elle ha um modo de nunca faltarem livros aos que gostam de ler.*» (CASTILHO: *Colloq.*, p. 123.) «*E elle ha tambem caridade tola?*» (*Id.*, p. 160.) «*Elle é verdade que em tu não tendo que fazer, não tens que comer?*» (P. 180.) «*Pois elle ha, homem nenhum, que possa tudo?*» (P. 284.) «*Pois elle ha no mundo quem não conheça?*» (P. 292.)

«*Não que elle ha marotos muito grandes na tropa.*» (C. CASTELLO BRANCO: *Histor. e Sentimentalismo*, p. 152.)

«*Ella é intoleravel cegueira do intendimento, intoleravel abuso da razão, e intoleravel injuria da justiça e da verdade, que aquillo que se não devia escrever, se haja de sustentar, só porque se escreveu.*» (VIEIRA: *Serm.*, v. V, p. 163.)

«*Emfim, senhores, elle é necessario que haja em cada nação um juiz arbitro das controversias que se podem excitar sobre a sua lingua.*» (ANT. PER. DE FIGUEIREDO: *João de Barros. Memor. de Liter. Port.*, v. IV, p. 24.)

<sup>2</sup> V. supra, ns. 88-90

que... (O Bôbo, p. 95.) «Foi por tgl motivo.» (Ib., p. 158.)  
 «Semelhante mensagem repetida por tal bocca.» (Ib.,  
 p. 203.) «Conhecida vulgarmente por tal nome.» (Len-  
 das, v. I, p. 51.) «Por tal arte lie pôe o remate.»  
 (Ib., p. 272.) «Sumiu-se por tal arte.» (Ib., v. II, p. 14.)  
 «E por tal me chamaste!» (CASTIL.: *Métamorph.*, p. 97.)  
 «Cantao; e por tal maneira.» (Camões. p. 99.)

Antes desses escrevera CAMÕES (Obras, v. II, p. 140):

«E se por tal quizerdes conhecer-me!»

E BERNARDES:

«Porque o verdadeiro humilde não se reputa por  
 tal.» (Nova Floresta, v. II, p. 188.)

E FRANCISCO DE MORAES:

«Mano, não me tenhaes vós por tal.» (Dialog. III.)

E DUARTE NUNES:

«Elle o conhecia por tal.» (D. João I, c. 35, p. 138.)  
 «Por tal confirmação.» (Ib., c. 46, p. 189.) «Para por  
 tal o reconhecerem.» (D. Affonso V, c. I, p. 83.) «E por  
 tal o teria sempre.» (Ib., c. 17, p. 178.) «Elle tinha o  
 infante por tal cavalleiro.» (Ib., c. 19, p. 182.)

E HEITOR PINTO:

«Por tal a tinham escripto na porta do templo.»  
 (Imag. da Vida Christ., Dial. I, c. 4.)

E Fr. LUIZ DE SOUSA:

«Ficando entre todos praticado e conhecido por  
 tal.» (D. Fr. Bartholom., l. III, c. 5.)  
 «Por tal o veio buscar neste tempo.» (Ib., c. 13.)  
 «Só por tal cousa intentar.» (Vida de S. Dom.,  
 parte I, l. IV, c. 8.)

E JORGE FERREIRA:

«Tambem a eu sei, se nos vissemos tal por tal.»  
 (Eufros., V, 2.)

E FILINTO ELYSIO:

«Não o teve por tal.» (Obras, v. VII, p. 11.) «Que  
 ou a dê por tal.» (V. VI, p. 29.) «Entonde o poeta por  
 taes.» (Ib., p. 229.) «Por tal o nomeou sempre.»  
 (V. XI, p. 111.) «Que por tal nesta côrte se vendia.»  
 (Ib., p. 151.) «Por taes cultos.» (V. XII, p. 129.) «Por  
 tal o escuso.» (V. XIII, p. 171.) «Por tal maneira.»  
 (Ib., p. 174.) «E por tal getto.» (Ib., p. 206.)

Como depois delles, OLIVEIRA MARTINS :

« Formada por tal preceptora. » (Os filhos de D. João I, Lisboa, 1891..P. 6.)

Não ha, em summa, locução mais correntia, innocente e inevitavel em nosso fallar. Com o *por tal*, ainda temos *por taes*, de que se acabam de ver, nos excerptos de FILINTO ELYSIO, algumas amostras, sendo facil ajuntar-lhes outras, como esta de DUARTE NUNES: « Por taes eram de todos conhecidos. » (Cron. del-rey D. João, c. 52.) E, agora *por tal* e *por taes*, nos accresce o *por tão*: « Tendo por tão impossivel passalo. » (Ib., c. 98.) « Por tão certos indicios. » (SOUSA: Hist. de S. Dom., parte I, l. IV, c. 10.)

Até pelos seus adagios se insurge a nossa lingua a essa exigencia disparatada, contra a qual brada o sabido annexim:

« Tal por tal. » (BLUTEAU: Voc., v. VIII, p. 18.)

Mas por que me hei-dô justificar eu de acto, que não pratiquei? Leia-se a minha nota ao art. 1.342, § un., indigitala como o *locus delicti*, e ver-se-á que alli não existe a expressão *por tal*.

A censura assenta, pois, num falso testemunho.

403.—« *Ecc esse.* » (Art. 1.153). A phrase, onde se encravam as syllabas criminadas pelo censor alegre, é esta: « Mas o art. 1.151 reconhece esse direito. »

Não me dirão como se sacará dali um cacophonon?

404.—« *Disser respeito.* » (Art. 90.) As duas syllabas «*ser res*» não se accomodam á oitiva deste afinador de phrases. O texto sobre que recae a censura, vem a ser este:

« Tem-se igualmente por erro substancial o que disser respeito a qualidades essenciaes da pessoa. »

Pois, *disser respeito* não é locução trivialissima, como *fizer respeito*, *impuzer respeito*? Que ouvido com ellas jamais se escandalizou?

405.—« *Autoriza a acção.* » (Art. 78.) O composto cacophonico é *autorização*. Realmente má palavra. Todo o cuidado em não a proferirem. E' incrível que a tanta puerilidade haja tocado a critica nestas alturas officiaes.

106.—« *Cerca das.* » (Art. 14.) A cacophonia está em *cercadas*. Ignobil vocabulo, de veras. Mas fallemos serio, se é que se podem tratar a serio extravagancias tamanhas. *Cercadas*, evidentemente, nada tom de mau som, ou de indecencia.

Onde ella está, e das mais graves, é em faltar á verdade num papel solemne e, sobretudo, numa accusação friamente meditada. No art. 14 não ha tal «*cerca das*», nem coisa que a esta se assemelhe.

407.—«*Em pena*» (Art. 1.360.) Pois não estão vendo a horrenda cacophonia? *Empena* será vocabulo, que se profira por bocca limpa, ou que ouvidos finos tolerem? Entretanto, MORAES nos ensina a dizer: «*Alma em pena.*» DOMINGOS VIEIRA nos aconselha «*Sem pena.*» «Sem ser necessario para isso muito rigor, *nem pena*», escreveu FERNÃO MENDES PINTO. (*Perigrinação*, c. 2.) Do elegante MANUEL BERNARDES é a phrase: «*Em pena* deste pouco pejo.» (*Nova Floresta*, v. II, p. 322.) GONÇALVES DIAS poetou:

« Pelos christãos inimigos  
Cortou *sem pena*, e sem dor».

« *Em pena*, das rebelliões que fez a Elrey de Ormuz.» (BARROS: Dec. III, VII, 2. V. VI, p. 117.)

« Em premio, *em pena*  
« Dê-se a cada hum'o que lhe for devido.»

(A. FERREIRA: *Obr.*, v. II, p. 103:)

« Lançado o genero humano *em penas* e tormentos.» (FR. THOMÉ DE JESUS: *Trabalh.*, v. I, p. 47.)

« Perpetuamento os atormenta e faz viver *em pena.*» (*Ib.*, p. 55.)

« *Em pena* do peccado.» (VIEIRA: *Serm.*, V, p. 307.)

« A mesma sentença *em pena* da sua culpa.» (*Ib.*, p. 320.)

Nem ha quem não diga «*em pena* de seus crimes», «*em pena* de sua culpa», como eu disse:

« Comminando-lhe *em pena* a rescisão do contracto.»

Que infantilidades taes merecessem as honras do parlamento? Seja, em castigo dos seus erros, ou *em pena* dos meus peccados.

408.— Ainda abaixo, na escala da insulsaria e da insignificancia, accumula o fabricante de cacophonias:

« *Conto della.*» (Art. 1.392.)

« *Falta della.*» (Art. 1.423.)

« *Parte della.*» (Art. 1.051.)

« *Que della.*»

Este ultimo, não indica o censor onde o achou: Diz em tom de graceta que alli se encontra «*por cima do tempo*».

<sup>1</sup> Se é o *a della* que arripia aqui o critico parlamentar, note que um poeta de fino esmero como M. DE ASSIS escreveu:

« Parecem ver passar a sombra *della* »

(*Pocs.*, p. 24.)

Os tópicos onde perpetrarei as outras enormidades contra a euphonia, são:

« Além do que por conta della despende. »  
(Art. 1.382.)

« Por convenção das partes e, em falta della, pelo disposto nesta secção. » (Art. 1.423.)

« De toda a divida, ou só de parte della. » (Art. 1.051.)

Ora qual é ahi o escriptor, que se recusaria a subscrever alguma dessas phrases?

A frivolidade, porém, culmina no « que dellas ». Já se não poderá escrever: « O que dellas me consta. O que dellas resulta. O que dellas obtivo. O que dellas restou. » *Cacophonizaria* desgraçadamente a penna, a que taes expressões escapassem. Que veia critica a deste homem!

409.— Mas ainda não acabou. Nesse futilizar, esgaravatou ainda o tino do escavador:

« Com vicio. » (Art. 182, § 2º.)

« Só va. » (Art. 1.689.)

« Só via. » (Art. 776, not.)

410.— « Só via. » « Ainda que o contracto se lavrasse em uma só via », redigira eu. A' cacophonomania dessas escogitações grutescas não toa bem o *só via*. Talvez porque lhe *assovia*. Note, porém, como inimigo das formas antiquadas, que a hoje mais em uso desse verbo é *assebiar*, e não *assoviar*. Mas, com *b* ou *v*, não se lê *assóbiar*, *assóbia*, *assóviar*, *assóvia*. Não. Assim não se lê. Ainda no Brasil, toda gente diz *assubiar*, *assubia*. A prosodia transmuda o *o* em *u*. Consulte os dictionarios, e aprenderá. Ora, na expressão criminada o som é de *ó*, o *ó* forte, *ó* accentuado: « Uma só via. » E para confundir o *óv* de *só via* com o *uv* de *suvia*, é necessário padecer de surdez.

EÇA DE QUEIROZ escreveu, som dar tento que *assóviava*: « *Só via* que ella tremia, *só via* que ella o amava. » (*Os Maias* v. II, p. 93.)

411.— « *Só va.* » (Art. 1.689.) CASTILHO ANTONIO, em uma das suas obras mais primas no esmero do buril e na harmonia da musica, não se correu de escrever:

« Thesou, ou Demophonte, o nome *só varia.* »

(Art. de Am., v. I, p. 122.)

1 Já o *Diccionario da Academia* dava por antiquado o verbo *assoviar*, que DOMINGOS VIEIRA reproduz, mas que nem MORAES, nem CONS-TANCIO adoptam. AULETE, AD. COELHO, JOÃO DE DEUS e CANDIDO DE FIGUEIREDO não o conhecem, registrando apenas a versão *assobiar*, que é a de AL. HERCULANO. (*Poesias*, p. 109, 171.) Penso, porém, como CONS-TANCIO e MORAES, não haver motivo para excluir a forma *assoviar*, que não perdeu a posse do uso commum, e me parece de onomatopeia ainda mais rigorosa que a outra.

412.— «Com vicio.» (Art. 182, § 2.º) «Perdas e danos pelo imovel alienado com vicio redhibitorio», reza o teor do artigo.

Ora *convicio*, (o resultante da visinhança entre aquellas duas palavras, não é nome de mau soido, ou má nota; não fere nem a decencia, nem a polidez, nem o ouvido; não encorra grosseria, nem asperceza. Onde, pois, a sua cacophonia? No *Fausto* de CASTILHO ha estes versos:

« Mão grosseira assim, como é que a pode  
Beijar um cavalheiro? »<sup>1</sup>

Se na melhor poesia cabe sem escandalo um «a pode», que razão ha para suppor que não admitta um «com vicio» a harmonia da prosa?

A bastar que se forme da contiguidade, entre dois vocabulos successivos um vocabulo novo, ainda quando inoffensivo e decente, para constituir *cacophonia*, então antes quobrêmos a penna, tapemos a bocca, e demos cabo da lingua portuguesa. Porque não ha fallar, sem as esparzir, juncando o verso, ou a prosa.

413.— Façamos uma experiencia demonstrativa com o mais rico, esmerado e harmonioso dos escriptores vernaculos. Tomemos successivamente os livros de CASTILHO :

*Georgicas*: «Com taes» (p. 7); «ha mais» (79); «se ara» (97); «a terra» (107); «para nós» (121); «a braços» (145); «da manada» (149); «mostra dor» (153); «só da» (169). Eis ahi: *soda*; *dama*; *abraços*; *Paraná*; *alerra*; *seara*; *amais*; *contaes*.

*Faustos*: «com taes» (I, p. 53); «só pé» (47); «lá saís» (71); «a vós» (277); «com dor» (143); «lá vda» (III, p. 69); «lá sóa» (77); «lá saí» (175); «como tua» (II, p. 65) «só brados» (75); «com machado» (93); «lá vae» (125); «publica sagraram» (147); «me ha dado» (211); «cã tão longe» (491); «se hão» (85). Isto é: *Sião*, *Catão*, *meada*, *caça*, *lavae*, *coma*, *sobrados*, *mutua*, *laçae*, *laçou*, *larou*, *condor*, *avós*, *laçaes*, *sopé*, *contaes*.

*Arte de Amar*: «Roma toda» (19); «nossos peitos» (24); *sê largo*» (25); «cultivar as bellas» (28); «cã sou» (58); «è rara» (99); «a faz» (108). A saber: *affuz*, *errara*, *caçou*, *varas bellas*, *selar*, *suspeitos*, *matou*.

*Amores*: «já sinto» (v. I, p. 45; v. III, p. 71); «com taes» (v. I, 49); «a guardar» (v. II, p. 19); «com vida» (53); «si a vós» (v. V, 163); «lá vaes» (v. VI, p. 210); «fatidica veia» (232); «de fama» (246); «manda-la sou» (250); «Alcides fia» (280). Eis ahi: *desfia*, *assou*, *diffama*, *caveia*, *lavaes*, *avós*, *convêda*, *aguardar*, *contaes*, *jacintho*.

*Fausto*: «da dor» (p. 306); «nã n'os» (312); «só faço» (369); «de marca» (249); «lá tão longe» (345); «da minha» (399, 400);

«já lá vamos» (207). E assim: *lavamos, daminha, latão, demarca, softô, não nus, dador.*

Colloquios Aldeões: «*pára a bem cumprir*», (23); «*lá vac*» (83); «*cá vac*» (381); *pará taes* (326). Portanto: *aluas, cavac, lavac, parabem.*

Em diversos outros escriptos: «*entre ninhôs*» (*Am. e Melanc.*, p. 316); «*não só da cidade*» (*ib.*, p. 324); «*triumphar das*» (*Felicidade pela Instr.*, p. 32); *triumphar de* (*Georg.*, p. 65); «*a par dos cedros*» (*Am. e Melanc.*, p. 337); «*plena dou*» (*Sabichonas*, p. 8); «*lá vou*» (*ib.*, 124); «*cá vou*» (*Avarento*, p. 23); «*com meu saber*» (*Amor.*, II, 66.) Isto é: *comeu, cavou, nadou, lavou, pardos, farde, fardas, sóda, trininhos.*

*Cana* é dos *Lusiadas*: «*cá na Europa*» (VIII, 5); «*fica na aljuva*» (IX, 48). Também lá encontramos uma *janella*: «*ji nella*» (VIII, 25). Com um «*me salvou*» (*Mar. da Fonte*, p. 265) fez CASTELLO BRANCO um missal. Também delle são: «*com mais*» (*Carrasco*, p. 205, e *Virtudes Antig.*, p. 19); «*lá vamos*» (*O Fil. Natural*, 2<sup>a</sup> parte, p. 66); «*cá vou*» (*Maria Moysés*, I, 65). Fallando em «*a voz do mestre*» (*Nun'Alvares*, p. 139), lembrou-nos OLIVEIRA MARTINS os «*avós do mestre*». GONÇALVES DIAS, escrevendo «*a par dos filhos*», e cantando a «*sua dor*» (*Poes.*, v. II, p. 84, 87), não fugiu de *suador*, nem de *pardos filhos*. EÇA DE QUEIROZ, escrevendo «*lá vou*» (*Ramires*, p. 235), «*lá veiu*» (*ib.*, p. 210), «*cá temos*» (p. 537), «*som não*» (*Fractique*, p. 22), não se importou de que toasse *catemos*, *somnã*, *lavei-o lavou*. MACHADO DE ASSIS, tão limado, tão fino, tão cauto, deixou «*a fere*» (*Poes.*, p. 17), «*mal havia*» (23), «*se paras*» (40), «*unica adorna*» (229), «*hoca saes*» (301), «*da manada*» (322), embora pudesse vir a soar: *dama, caças, cadorna, separas, malla, affere.*

Notar do cacaphonia esses resultados phonicos seria tolher aos mais cuidadosos escriptores o uso do nosso idioma. E' o que faz o cacophonista da *Resposta*, reduzindo a cacophatons os encontros syllabicos apontados com este ferrete naquello abysmoso documento.

Com esses encontros de syllabas inoffensivos e indifferentes nada tem a noção do cacophaton, sensivelmente realizada noutros, como estes: «*s'ama mais*» (A. FERREIRA, *Obr.*, v. II, p. 11); «*fica aquem*», «*nunca captiva*» (p. 44); «*m'amaste*» (p. 48); «*com não*» (p. 66); «*com nossá*» (71); «*por regra*» (p. 111); «*por roubar*» (110); «*por riqueza*» (p. 120, 151); «*nunca cá*» (p. 126); «*por razões*» (p. 134); «*est'alma machina*» (p. 135); «*em si só se encorra*» (p. 141); «*se s'arte usar*» (p. 165); «*do que te a ti mataram*» (p. 282); «*vida dá*» (p. 148); «*tas tra: aos olhos*» (p. 204); «*mê já chamava*» (p. 207); «*alma minha*»<sup>1</sup> (p. 246, 209, 220); «*dá custa tua*»

<sup>1</sup> Este é frequentissimo em todos os antigos poetas. Em *Camões* temol-o reiteradas vezes: vol. I, p. 15, 29, 64, 81, 156; v. II, p. 57, 59,

(p. 217); «com nomê» (p. 222); «nũca s'ouça» (p. 240); «nem s'ouça» (p. 242); «triste to tem tornado» (p. 273); «nũs sós ólhos» (p. 274); «quem me de ti tirar» (p. 277); «lá ma tens» (ib.); «quem ma matou» (p. 278); «mesma mão». (V. I, p. 197).

411.—Entre as extravagancias e infantilidades ombrechadas, porém, no papel a que respondo, sobressae o requinte de tres, que, pela sua distincção na sensaboria e na malignidade, põem cumulo, remate e coroa á desvairada lista.

Vêm a ser:

«*Cos dellas*» (Art. 1.257.)

«*Fez es*» (Art. 1.342, § un.)

«*Fé no*» (Art. 553, § un.)

412.—São as palavras «*má fé no proprietario*» (art. 553, § un.) que se prestaram, nas mãos deste manipulador, ao que elle chama cacophonon. Para o forjar, transformou «*fé, no*» em «*fêno*».

Eu de mim neste nome não vejo ridiculo, indecoro, grosseria, ou aspereza, que o incompatibilizem com a phrase elegante e polida. Riso não suscitaria a prestimosa graminea, senão de contentamento entre as creaturas, de que é beneficio e consolo. As glorias da Roma primitiva associavam o feno ás suas signas de guerra. Ovídio, recountando os fastos dos primeiros heroes, descantava o culto do *feno*:

«*Non illi cœlo labentia signa movebant,  
Sed sua; que magnum perderet crimen erat;  
Illaque de feno; sed erat reverentia feno,  
Quantam nunc aquilas cernis habere tuas.*»

E CASTILHO, na sua versão admiravel, não o dissimulou:

«*Entretanto, ó pendões da marcia Roma,  
Que ereis vós senão feno! mas o feno  
Nessas mãos triumphaes valia ás aguias.*»

Seria, porém, necessario sonhar com feno, para o descobrir nas palavras «*má fé no proprietario*».

No vocabulo *fê* a vogal tem accento agudo, produzindo o *é* aberto: *ê*. Em *feno*, porém, essa vogal se lê, como se trouxera accento circumflexo: *ê*. Assim é que a representam JÓÃO DE DEUS e AULETE: *fênu*. Já se vê que, para arranjar a equivalencia entre «*fé no*» e

67; v. III, p. 47, 60; v. IV, p. 31; v. V, p. 96, 149, 162 (duas vezes); v. VI, p. 135. (Reíro-me sempre á edição critica do Porto, 1874-77.)

Antes de CAMÕES já se encontra em GIL VICENTE, *Obras*, v. I, p. 164, 179, e v. III, p. 110, 224.

<sup>1</sup> *Fastorum*, l. II, v. 123-6.

<sup>2</sup> *Fastos*, v. II, p. 17.

«feno», o artifício grosseiro da *Resposta* lê *fênu*, carregando no *e* o accento agudo.

Mas essa prosodia, ainda que fosse parlamentar, não seria portuguesa. Não tenho, pois, de que me arrependor, ou que emendar. Antes de mim escrevera AL. HERCULANO:

« Quem nos ensinou a esperar? Quem a ser feliz pela *fê* no meio das agonias? (*Eurico*, p. 132.)

E CASTILHO:

« Cheio de magnanima *fê* nos milagres da arte.» (*Camões*, p. 249.)

E VIEIRA:

« Porque se a *fê* nos certifica da presença, a mesma *fê* nos encobre a vista.» (*Serm.*, v. V, p. 312.)

416.—O «*fez es*» é outro exemplo typico da manha, inauditamente exaggerada naquelle documento, de falsear os sons ás palavras, afim de simular cacophatons. Evidentemente o intuito da forjadura é converter «*fez es*» em «*fezes*.»

O texto onde se exerceu essa manobra (art. 1.342, § un.), estabelece que cessará o disposto nesse artigo, «em se provando que o autor *fez essas* despezas com o simples intento de bem fazer». De «*fez essas*» extrahiu *fezes* o torcedor. Mas aventar *fezes* em «*fez essas*», é do se lhe pôr em duvida o asseio do nariz.

Aqui a adulteração prosodica se faz ainda mais insigne que no caso anterior, onde bastara estropiar a pronuncia a uma vogal. Nest' outro teve o autor de o fazer ás duas: Em «*fez essas*» é fochado, como a accento circumflexo, o primeiro *e*, e aborto, como a accento agudo, o segundo. Lê-se: *fêzês*. Em *fezes*, pelo contrario, cae o accento agudo sobre o primeiro *e*, e é mudo o *e* final. Lo-se: *fêz's*. De modo que o phantasista da *Resposta* confunle *fêz's* com *fêzês*.

Em materia de prosodia não se conceberia maior descêdo. Duas falsificações orthoepicas tão sómento para obter *fezes*. Outros sem este genero de esforço o lograriam. Este o que alcançou, foi mostrar que, para agênciar uma coisa feia, nem sempre bastará praticar duas.

417. — Afinal, o «*cos della*». (Art. 1.257.) O texto aqui alambicado pelo distillador cacophonico é o seguinte:

« Este emprestimo transfere o dominio da coisa emprestada ao mutuário, por cuja conta correm todos os *riscos della* desde a tradição.»

A intenção rasteira da censura quiz aproveitar o som de *u*, proprio do *o* nas palavras não oxytonas, para ageitar com a ultima syllaba de *riscos* um nome improferivel. Mas, como o pudendo

substantivo estaria no plural, e o texto punha o genitivo de possessão immediato no singular, «*della*», o que, logicamente, não fazia concordancia, adulterou-se o texto, pluralizando a expressão possessiva, para se estabelecer a devida harmonia das partes na indecente concepção assim forgicada. «*Cos della*» não serviria: arranjou-se «*cos dellas*».

Não saberia o que mais enjõe: se a substancia da invenção, se a maneira de a lavar. O que sei, é que do que escrevi só me teria de exculpar, quando CAMÕES se justificasse de ter ditó nas suas *ostrophes immortaes* :

« Com palavras soberbas o arrogante  
Despreza o fraco moço mal vestido»

(*Lus.* III, 111),

e:

« Mas olha um ecclesiastico guerreiro,  
Que em lança de aço torna o bago de ouro.»

(*Lus.* VIII, 23.)

418.—Foi dest'arte que a nova perfumaria de cheiros suspeitos me reuniu e lançou aos pés essas coisas infectas. Doendo-lhe, porém, afinal, a consciencia, quiz encarregar-se de mostrar que da estremeira também nasciam, rescendentes e saborosos, os productos comestiveis da terra, e esvasiou-me assim o samburá: «E' a amora, a jaca, a cana por todos os lados.»

Não indica um topico sequer, de onde a cana, a jaca e a amora lhe houvessem tentado o appetite. Ora não ha flar em quem tantas vezes se viu colhido em flagrante de adulteração da verdade material, ainda quando indicava numericamente os textos increpados. Dou, porém; que aqui a não altere. Que montava semelhante increpção ?

C. CASTELLO BRANCO, nos *Serões de S. Miguel de Seide*, v. VI, p. 44, escreveu: «Roboriza a sua opinião genealogica nas autoridades.» Não sentiu, ou não lhe pesou, que houvesse escripto *canas*, e ninguom lh'o estranha. Menos bem do que *canas* torrá *canos*. Todavia, CASTILHO ANTONIO escreveu: «*Cá nos disse.*» (*Conv. préamb.* ao D. Jayme, p. cxxvi.) «*Cá no continente.*» (*Colloq.*, p. 161.) «*Cá nos campos.*» (*Ib.*, p. 143.) «*Cá no campo.*» (*Ib.*, p. 193.) «*Cá no Diario.*» (*Ib.*, p. 245.) «*Cá no meu.*» (*Subichonas*, p. 73.) «*Nunca jamais.*» (*Fastos*, v. I, p. 67. *O Outono*, p. 67.) «*Roca já.*» (*Amores*, v. II, p. 33.) «*Boca já.*» (*Tartufo*, p. 9.)

Escrupuloso e exigente, como era, na linguagem, afinado musico no verso e na prosa, foi ainda CASTILHO quem não teve repugnancia a escrever: «*Já cahida no Orco.*» (*Georgicas*, p. 145.) «*Já cá dentro m'o annuncia.*» (*Noite de S. João*, p. 202.) «*Já cada qual sem termo a sua exalta.*» (*Fastos*, v. I, p. 157.) «*Já caluco.*» (*Fausto*, p. 67.) Outro donoso poeta é MACHADO DE ASSIS; e, entretanto, se lhe não

encontramos *jacá*, nem *facá*, encontrar-lhe-emos *Jacob*, em versos que o mais ruim de contentar escreveria sem receio:

« Tibio clarão já cora  
A tela do horisonte. »<sup>1</sup>

As *amoras*, não sei onde m'as teria ido colher o pomareiro de maus bofes. Se algumas, de feito, roseassem na linguagem do substitutivo, não era caso de lhe julgarem modoada a trama. Dos ramos, onde ellas purpureiam, nasce o mais fino e opulento dos tecidos. Os versos de CAMÕES não as rejeitaram.<sup>2</sup> Porquê se envergonharia dellas o código civil? Num relatório, num inquerito, num officio, numa sentença, onde se dissesse «O guarda-mór as apprehendeu», «o guarda-mór as fiscalizou», se teria derogado á seriedade e á conveniência do estylo official?

Mas posso afirmar que não se encontrarão nem no meu substitutivo, nem nas minhas notas. Para obter esse conjuncto syllabico, seria indispensavel a derradeira syllaba de uma palavra terminada em *mór*. As desinenciãs em *amor*, precedendo á particula *a*, ou *as*, dariam *amõra*, ou *amõras*, não *amõra*, ou *amõras*: O *o*, fechado em *amor*, continua a sel-o nessas combinações: *amõr ao bem*; *amõr aos paes*: *amõr á patria*; *amõr ás tradições*. O composto resultante é tão apazivel ao ouvido como o seu elemento principal, o vocabulo *amor*, e não dá em palavra, que deslustre a phrase, ou mova ao riso.

Demais, como evitar esses resultados? Trocando na preposição *por* a preposição *a*? Seria, dizendo *amor por*, incorrer na francesia, que todos os mestres da lingua nos mandam fugir. Mudando o *a* em *de*? Diriamos então, em vernaculo portuguez: *amor do bem*; *amor da familia*; *amor dos filhos*; *amor das idéas*. Mas ahi a cacophonophobia do meu *canis politicus* teria immediatamente que rilhar num *morda as ideas*, *mordo os filhos*, *morda a familia*, *mordo bem*. Entre o gallicismo e o cacophaton, o só remedio contra o insolavel dilemma fôra eliminarmos a palavra *amor* do vocabulario portuguez.

### SECÇÃO III

#### A Critica do dr. Clovis

«Estude, conversé os bons autores da nossa lingua, aprenda-a com amor, que vale a pena.»

J. VERISSIMO: *Est. de Lít.*, 3ª sér., p. 276.

#### § 1º

#### A Correccão Vernacula

119. — Numa controversia que, toda ella, diz respeito á linguagem do projecto, seria indesejavel lacuna deixar sem exame

<sup>1</sup> *Poesias*, p. 12.

<sup>2</sup> «As amoras que o nome tem de amoreis.» (*Lusiãd.*)

elementos de tamanha importancia para a orientação de taes estudos, como sejam as opiniões do codificador, a quem se deve aquelle trabalho, sobre o valor da lexicologia e da grammatica no elaborar das leis.

O dr. CLOVIS BEVILACQUA encara com mal encoberto desde « os peccados grammaticaes ». Discutir o emprego transitivo ou intransitivo dos verbos, apurar as preposições, que após si comportam os participios, ou os adjectivos verbais, « deslindar outras graves questões de lexicologia ou syntaxe, pôde ser de alto interesse, mesmo quando se trata de resolver um problema juridico tão grave e complexo como é um código civil; mas », diz o preclaro jurista, « não me attrae; não me seduz. Será », continua elle, « defeito da minha educação intellectual, que me faz suppor que a esthetica das construcções juridicas está antes na disposição e encadeamento hierarchico das idéas, na clareza do pensamento que deve actuar como ordem, no matiz peculiar a cada conceito, do que no sabor classico da phrase. »<sup>1</sup>

120.— O douto jurista, nesta como profissão de indiferença à correção da linguagem na feitura das leis, subtil e obscuro a um tempo, casa admiravelmente em si estes dois merecimentos, commodos ao expositor de idéas mal sustentaveis, nos quaes, a respeito do grammatico VARRÃO, advertia AULU-GELLIO com certo laivo de fina ironia.<sup>2</sup> *Subtiliter quidem, sed subobscurè*, deixa esbater o pensamento, correndo por uma escala de noções diversas, insinuadas successivamente, o habilmente confundidas no vago de um amalgama, onde se não distingue bem entre a da clareza no estylo e a do alinhio na phrase, nem entre a do rigor no classicismo e a do cuidado na observancia grammatical.

Que é, realmente, o de que faz bom barato o dr. CLOVIS? Da syntaxe? ou dos classicos? Não se diz expressamente. Mas parece que o illustrado logista não põe distincção entre uma e outra coisa, desde que tanto o sabor classico do phraseado como a regencia dos verbos se lhe affiguram egualmente subalternos, se não despidiendos, á « esthetica das construcções juridicas », em relação á qual parece não vale a pena de attender senão « ao encadeamento hierarchico das idéas » e á « clareza do pensamento ».

121.— Quando eu censuro o anteporem-se ao complemento do adjectivo *interessado* preposições, que lhe não cabem, e me opponho a que se invertam as significações dos verbos, transitivando (relevem-me o neologismo), os intransitivos, ou vice-versa, nos casos em que o uso veda amplial-os de uma a outra forma; evidentemente não é « o sabor classico » o que estou a exigir, mas a exactidão vulgar da syntaxe.

<sup>1</sup> CLOVIS BEVILACQUA: *A Redacção do Projecto de Cod. Civ. no Senado, Revista de Legislação*. N. de 30 set. 1902. P. 21.

<sup>2</sup> AULU-GELLIO: *Noctes Att.* III, 14.

Não se dignando, pois, de gastar o tempo com essas cogitações, em que tanto do seu malbaratam os sujeitos da minha baixa craveira, o que pretende o erudito codificador, é saltar de claro em claro, não só os estorvos classicos, mas ainda os obstaculos grammaticaes, para, deixando aquem a corrente impura e turva dos preconceitos communs, attingir a margem, onde « a esthetica das construcções juridicas » resplandece na sua limpidez, acima de superstições e vulgaridades.

422.—Mas, se « a educação intellectual » do eminente professor o imbuuiu realmente na crença de que á esthese das construcções juridicas não importa a severidade na obediencia ás leis grammaticaes; se, de feito, imagina chegar á ordem, á nitidez, á transparencia na enunciação da vontade legislativa, exprimindo-se em uma lingua sem disciplina de syntaxe, nem côr de vernaculidade, ou eu de todo em todo me engano, ou de todo o ponto está elle fóra do bom senso a respeito de uma das condições primarias de qualquer lei capaz e duradoira.

Quando o problema, de que se trata, é « tão grave e complexo como o de um codigo civil », tanto maior razão, para que nos desvelemos em lhe dar fôrma irreprehensivel ante as normas do idioma fallado pelo povo, a que aquelle se destina; já porque com a pureza exterior se identifica o sentimento da decencia em todas as creações intellectuaes vasadas na palavra humana, e, quanto maiores ellas forem, mais dellas exigirá o seu decoro; já porque, sendo a lingua o vehiculo das idéas, quando não for bebida na veia mais limpa, mais cristallina, mais estreme, não verterá estremo, cristallino, limpido o pensamento de quem a utiliza. Além de que, se no commum dos actos legislativos os defeitos de linguagem, que os eivarem, são passageiros como elles, com as leis, a bem dizer, seculares, como os codigos civis, a perpetuidade das suas incorrecções, transmittindo-as de uma geração a outra e a outra, além de immortalizar a impericia e o erro, fazendo impudentemente delles padrão e escola, obriga a posteridade aos esforços e riscos de embaraçosas decifrações, que uma redacção esmerada lhe pouparia.

Aquelles que educaram a faculdade da palavra na lição de escriptos estrangeiros, que se affizeram a pensar num genero de aravia cosmopolita, feita a esmo de quantos residuos o contacto de idiomas peregrinos lhes foram imbutindo na mente, que habituaram o ouvido a essa lingua bastarda, a esse dialecto promiscuo, a esse fallar incongruente e discolo, perdendo o senso da vernaculidade, o tino da sua belleza, a intelligencia da sua harmonia, acabam por suppor seriamente mais clara essa miscellanea amorpha, emburilhada e rude, esse português mistiço de entre lobo e cão<sup>1</sup>, no pitoresco

<sup>1</sup> « São uns fidalgos mistiços de entre lobo e cão. » (FRANCISCO DE MORAES: Dial. I.)

dizer dos nossos maiores, que o genuino phraseado patrio, onde até as singularidades, os modismos, as anomalias são traços de luz, gradações de idéas, elucrescuros de perspectiva na imagem verbal do pensamento.

423.—Não me proponho a curar desse achaque os que o contrahiram. Bem sei que delle raros acertam de sarar. Na «vergonhosa metamorphose por que está hoje passando o português»<sup>1</sup> entre nós, «homens aliás mui instruidos, verdadeiros sabios em outras materias, commettem crassos erros de linguagem».<sup>2</sup> Depois então que se inventou, apadrinhado com o nome insigne de ALENCAR e outros menores, «o dialecto brasileiro», todas as mazellas e corruptelas do idioma que nossos paes nos herdaram, cabem na indulgencia plenaria dessa fórma da relaxação e do desprezo da grammatica e do gosto. Aquella «formosa maneira de escrever», que delectava os nossos maiores, passou a ser, para a orelha destes seus tristes descendentes, o typo da inelegancia e obscuridade. Ao sentir de tal gente, quanto mais offender a linguagem os modelos classicos, tanto mais melodias reune; quanto mais distar do bom português, mais luminosidade encerra. As bossas da palavra recheiaram-se-lhe de francês, ligeiramente lardeado ou trufado ás pressas de inglês e allemão. De todos esses idiomas, afinal, todos mal sabidos, haurido na sciencia de cada um apenas o *quantum satis* para o trato dos livros, a que a profissão, ou a curiosidade os attrae, fica-lhes sendo a nossa apenas a menos mal conhecida entre as varias linguas estrangeiras, cuja mistura cultivam.

Os francezes, observa o melhor dos nossos criticos<sup>3</sup>, «escrevem naturalmente bem; são excepções os que delles conhecem, além das linguas classicas, outro idioma que não o seu; mas mesmo o conhecendo, lêem enormemente mais no seu que no alheio. Aprendendo o seu profundamente (o curso de francês nos lyceus é de sete annos) e directamente dos seus grandes escriptores estudalos sob todos os aspectos, não admira que a critica alli raro tenha a notar-lhes incorrecções de linguagem.» Entre nós, bem ao contrario, os melhores alumnos transpõem os cursos secundarios e superiores sem o menor germen de estima do idioma patrio. Aquelles que, por mais laureados, como o dr. BEVILACQUA, o alto magisterio vem a chamar ás suas cadeiras, vão levar á mocidade, com o exemplo, a

FERNÃO LOPES, referindo-se ao lusco fuzo do crepusculo, escreveu: «Sendo já serão *entre lobo e cão*.» (*Chron. d'El-Rei D. João I*, parte II, c. 163.)

Já se vê que, supposto corresponda ao francez *entre chien et loup*, a phrase tem os mais antigos foros vernaculos.

<sup>1</sup> SOTERO: *Apostill.*, p. 47.

<sup>2</sup> *Ib.*, p. 48.

<sup>3</sup> JOSÉ VERISSIMO: *Estudos*, 3ª serie. P. 274.

persuasão de que os grandes merecimentos se sublimam, arregaçando as vestes talares da sciencia, por não roçarem no chão as questões inuteis de linguagem.

424.— Lembra-me, porém, que BENTHAM, cuja competencia o illustre professor distingue, invocando-lhe algures o nome, pensava diversamente: «Dignem-se de reflectir», dizia elle, «a respeito das causas da obscuridade e incerteza das leis esses espiritos finos em materia de legislação, que se arroceariam de faltar aos direitos do genio, abaixando-se a curar com escrupulo das palavras. *Taes palavras, tal lei.* Com que outra coisa; a não ser com palavras, se haviam de fazer as leis? Vida, propriedade, liberdade, honra, tudo quanto nos é mais precioso, dependerá sempre da silecção nas palavras:»

Senhores da regra, om que se quer assentar, resolvido pelo direito o problema legislativo, resta aos legisladores a outra parte da tarefa, inseparavel dessa: «atinar-lhe expressão, e expressão que seja clara, singela, precisa. E' o que toda a gente sabe, e o que diz toda a gente, ainda os que não suspeitaram jámais os embarços da applicação do instrumento da linguagem» a taes assumptos.<sup>1</sup> Se a lei não for certa, não pôde ser justa: *Legis tantum interest ut certa sit, ut absque hoc nec justa esse possit.*<sup>2</sup> Para ser, porém, certa, cumpre que seja precisa, nitida, clara. E como ser clara, se for vasada nos residuos impuros de um idioma de alluvião? se não se espelhar nessa lingua decantada e transparente, que a tradição filtrou no curso dos tempos?

Aspirar á clareza, á simplicidade e á precisão sem um bom vocabulario e uma grammatica exacta seria querer o fim sem os meios. A lucidez no estylo das leis «depõde, a um tempo, da logica e da grammatica», diz BENTHAM<sup>3</sup>, «*sciencias que demister possuir a fundo, para dar ás leis redacção boa.*»

425.— Mas nem sempre, quando se pauta a escripta pelo fio da grammatica, se tem dado conta da mão, no escrever bem, e no escrever para o povo. Ha grammaticos provecetos, philologos consummados, que nunca escreveram senão com penna de chumbo em papel borrador. Não peccando contra a grammatica, poder-se-á peccar, todavia, contra a boa linguagem, «o que nem sempre é a mesma coisa». <sup>4</sup> Um livro pode não infringir materialmente as leis da concordancia e da regencia, e, comtudo, não estar redigido vernaculamente. <sup>5</sup> A lexicologia e a syntaxe não são tudo num idioma.

<sup>1</sup> Rossi: *Elém. de Dr. Pên.*, t. I.

<sup>2</sup> Bacon: *De Augmentis Scientiarum*, l. VIII, t. I, aph. 8.

<sup>3</sup> *Tucs générales d'un corps complet de legislation* (ed. de 1840), c. XXXIII.

<sup>4</sup> C. DE FIGUEIREIDO: *Liq. Prat.*, v. 1, p. 225.

<sup>5</sup> «Fallará talvez como grammatico, mas não como português.» A. PEREIRA DE FIGUEIREIDO: *Espir. da Ling. Portug. Mem. de Lit. Portug.*, v. III, p. 126.

O projecto, por exemplo, tal qual atravessou as suas quatro primeiras phases desde as mãos do dr. CLOVIS até ás do dr. CARNEIRO, passando, entre um e outro, pelas duas commissões, estaria escripto nisso a que chamam *brasileiro*: em português, não está. Direi que o estaria em *brasileiro*, a quererem enxovalhar, contra a minha opinião, este adjectivo, associando-o ao abandono dos bons modelos da linguagem, cuja historia, cujos monumentos e cujos destinos se entrelaçam com os da nossa raça e os da nossa nacionalidade.

Cada lingua tem no seu genio uma força de espontaneidade e selecção, um criterio de acerto e um typo de belleza, que se exercem, ou se enunciam, pela sensibilidade e o instincto dos que a fallam. E' essa intuição da vernaculidade, esse como que sexto sentido, o da linguagem, que parece ter por organo o ouvido, e do ouvido recebe o nome. Quando JOÃO DE BARROS<sup>1</sup>, na sua *Grammatica*, vae por quatro seculos, a proposito da anteposição ou posposição dos adjectivos aos substantivos, ensinava que « não temos nisto mais regra que o consentimento da orelha », a autoridade ao ascendente da qual rendia tão subida homenagem, ora a mesma, cuja supremacia todos os grammaticos depois haviam de reconhecer nas ultimas difficuldades e subtilezas do fallar.<sup>2</sup> Nella respeitaram sempre os competentes o arbitro derradeiro, assim nas questões de harmonia, como nas de clareza, assim nas de clareza, como nas de elegancia e correccção. Hoje ainda, o hoje mais que nunca, o ouvido, na phrase eternamente verdadeira do velho grammatico do seculo XVI, « julga a musica e a linguagem, e é censor d'ambas ». <sup>3</sup> Ora como preservarão essa qualidade, tão cara e mimosa entre as nações desveladas pelo seu idioma, os que incessantemente a embotam, desde os annos mais accessiveis aos beneficios da cultura, na convivencia quasi exclusiva, bem que as mais vezes superficial, das letras estrangeiras ?

Quando, pois, eu qualifico de obscuras certas passagens do projecto, e o dr. CLOVIS acima de obscuridade a certos lanços do substitutivo, bem pode ser que ambos sejamos sinceros ; porque nem sempre nos comprehendemos facilmente um ao outro, havendo afinado cada qual o ouvido por uma lingua diversa. Diligencio eu exprimir-me « segundo o verdadeiro costume do nosso fallar »<sup>4</sup>, emquanto o meu nobre antagonista, arrebatado na onda que vae, com a sciencia, para o futuro, esquece naturalmente, no commercio dos idiomas que ella usa preferir, a individualidade, a formosura e a opulencia do seu. E' entre esses dois estylos de linguagem que pende o litigio. Nella somos partes um e outro. Um e outro, nesse pleito, havemos, talvez, de ser julgados, mas não por nós mesmos, senão

<sup>1</sup> Ed. de 1735, p. 152. A 1ª ed. é de 1510.

<sup>2</sup> SOTERO: *Apostill.*, ed. de 1863, p. 41.

<sup>3</sup> JOÃO DE BARROS: *Dial. em louvor da nossa linguagem.*

<sup>4</sup> D. DUARTE: *Leal Conselheiro*, p. 59.

pela gente que falla o idioma de nossos paes, felizmente ainda não de todo substituido por aquillo a que a zombaria de *Fradique Mendes* chamava « a macaqueação de Paris ».

426. — A esse tribunal deixarei o pronunciar-se, na questão de intelligibilidade vernacula, entre mim e o meu eminent) contradictor, abstando-me de o acompanhar na analyse das redacções, que me increpa de escuras; porque a elegancia e a clareza hão-de sentir-se: não se demonstram.

Do que eu me quizera defender, se já me não corresse tão descompassadamente largo este escripto, era da tacha de futilizar materia de tamanha relevancia e peso como a codificação das leis civis, envolvendo-a em minusculas questões de palavras. Mas já disse do sobra para justificação minha. « Os vocabulos da lei hão-de pesar-se como diamantes », ensinava BENTHAM<sup>1</sup>, legislando sobre a maneira de legislar. Se « não é minúcia o ser exacto no fallar »<sup>2</sup>, a não ser para os que fallam mal por habito, commodidade e gosto, muito menos pôde ser-o, quando o de que se trata, é de imprimir forma, exactidão e certeza ás leis. *Si parva despiciamus*, dizia S. JOÃO CHRYSOSTOMO, que não era nenhum pobre de espirito, *si parva despiciamus, magna non comprehendemus*. A exactidão não se despreza de cuidados, para ser fiel. A inteireza do espirito começa por se caracterizar no escrupulo da linguagem. Medindo e pesando uma e uma as expressões da lei, outra coisa não faz o legislador que lhe pesar e medir o pensamento. Quando este zelo da perfeição da phrase não se conciliar com « a educação intellectual » daquelle, a quem se commetteu o encargo de redigir um grande codigo, é que essa educação, realmente defectuosa, o deixou sem uma das qualidades mais necessarias ao desimpouho de tão grave missão.

### § 2º

#### Art. 17<sup>3</sup>

PRIVADA

427. — E' o dr. CLOVIS dos que votam com affluco pela consagração deste vocabulo no coligo civil. Quer-lhe como bom, util e indispensavel.

Já discorri deste particular, rebatendo as considerações do professor CARNEIRO. Aqui me cingirei, pois, a desfazer o argumento, que é um só, do professor CLOVIS no seu curto escholio a esse ponto

<sup>1</sup> *Loc cit.*

<sup>2</sup> CASTILHO: *Trat. de Metriçã. Port.*, p. 17.

<sup>3</sup> *Da Lei Preliminar.*

do substitutivo. Entende elle que « o epitheto *privadas* não pôde ser convenientemente substituido por *particulares* »; visto como, argumenta, « *particular*, de *parte*, oppõe-se mais directamente a *geral*; *privado* é qualidade antithetica de *publico*. *Sunt quædam PUBLICÆ utilia quædam PRIVATIM.* »<sup>1</sup>

Molhor amparo que o desta phrase latina encontraria essa voto até no texto das *Ordenações*, lei nossa, onde, no l. IV, t. 80, § 3, por exemplo, duas vezes occorre a locução *pessoa privada*. Não é, porém, culpa minha, se a identidade phonica e graphica desse adjectivo com o substantivo de accepção menos alta, que com elle coincide em nossa lingua, o reduziu, por essa homonymia desagradavel, a uma situação contrafeita e mal vista no trato da linguagem delicada. Nella, hoje em dia, não seria facil usar de muitas expressões, correntes e triviaes, outrora, na mais casta linguagem dos mestres. Dando a esta consideração o peso, com que se impõe ao estylo do bom dizer, não vejo de que modo teria eu justificado as mysteriosas palavras, em que o emerito professor CLOVIS ultima a sua apostilla: « Quanto ao privilegio das terminações masculinas, sempre isentas da tison dos maus pensamentos, parece-me bem duvidoso. »

Talvez por mau enigmatisa, não decifrei o rimoque. Mas, se o que o chiste quer, é divertir-se com o jogo entre as terminações de *privado* e *privada*, querreria eu saber, onde o tal privilegio de masculinidade, que o autor do rimoque me argue de ter reivindicado. De uma para a outra, naquellas duas palavras, ha mais que a simples differença da flexão de genero nas terminações: ha, primeiro que essa, a de um adjectivo para um substantivo mal notado. Os «maus pensamentos» não são meus. Resguardo-me dellos, onde os encontro do tal modo generalizados por circumstancias inevitaveis, que ameacem com o riso da malignidade coizas tão respeitaveis como o estylo das leis.

Temos a este respeito um simile frisante. Tambem o adjectivo, *commun* soffre no portuguez flexão feminina. THOMÉ DE JESUS referindo-se ao berço de CHRISTO no presepe, disse: «Escolhe a terra por cama *commua* aos bispos.» (*Trabalh. de Jes.*, v. I, p. 64.) Ainda no primeiro quartel do seculo XVIII escrevia BLUTEAU: «O uso fez esta palavra *commua*. E' voz *commua*.» (*Vocab.*, v. II, p. 405.) E porque desapareceu do uso vernaculo essa forma do adjectivo? Po: se confundir com o substantivo *commua*, synonymo de *cloaca*, ou *privada*. Assim que, de um lado, o adjectivo *privado*, equivalente de *particular*, e, do outro, o adjectivo *commun*, synonymo de *publico*, um e outro na sua flexão feminina, acabaram, sob a forma de *privada* e *commua*, por coincidir com aquella idéa indelicada. Pois não seria natural que, assim como dahi resultou a

<sup>1</sup> *Revista de Legislação*. 30 de set. P. 26.

proscripção do adjectivo *communis*, assim dahi se siga a eliminação do adjectivo *privada*?

428.—Agora, ao ponto do argumento CLOVIS: *particular* oppõe-se a *geral*; a *publico* o que se oppõe é *privado*.

Nem tanto. No latim era isso verdade. Mas não confundamos o latim com o portuguez; pois nem sempre se ajustam. Realmente entre os romanos, contrapondo-se ora a *generalis*, ora a *universalis*, o *particularis*, derivação de *pars*, *particula*, significava exclusivamente o relativo a uma parte, o parcial: « *Propositiones alie universales, alie PARTICULARES. Universalis dedicativa non est conversibilis, sed PARTICULARITER tamen potest converti.* »

Nos idiomas descendentes do latim, porém, cessou de existir essa discriminação precisa, firme e inevitavel entre os dois adjectivos. Tanto é assim verdade, que os melhores lexicographos traduzem frequentemente com o epitheto de *particulares*, em vulgar, o epitheto latino de *privatus*. Veja-se, por exemplo, THEIL na versão franceza de FREUND. <sup>1</sup> Logo ao dar a equivalencia do adjectivo, *privatus*, a, um, nos diz elle: « Qui est separé de l'Etat, en dehors du gouvernement, qui concerne un particulier. »

Depois alli se nos deparam os textos seguintes, com as seguintes versões:

« PRIVATI ac separati agr. apud eos nihil est. »	« Chez eux point de terres divisées et appartenant à des PARTICULIERS. »
« PRIVATI homines. »	« Simple PARTICULIERS. »
« Vir PRIVATUS. »	« Simple PARTICULIER. »
« PRIVATUS. »	« Simple PARTICULIER. »
« In PRIVATUM. »	« Pour l'usage des PARTICULIERS. »
« Id. sibi (Domitiano) maxime formidolosum, PRIVATI hominis nomen supra principis attoli. »	« Rien ne lui faisait ombrage comme de voir le nom d'un PARTICULIER élevé plus haut que celui du prince. »

Ahi está por seis vezes o qualificativo latino de *privatus* em equipollencia ao francez *particulier*. Quem procurar em LITTRÉ este vocabulo <sup>2</sup>, alli verá completa esta equiparação entre os dois termos: « Un particulier, une personne privée. » Isto é: tanto vale dizer « une personne privée » como « un particulier. » No LAROUSSE <sup>3</sup> as duas palavras se definem uma pela outra: « Privé, ée, (du lat. *privatus*, qui est l'opposé de *publicus* et qui signifie PARTICULIER...) Qui est simple PARTICULIER. » E, se, de outra parte, nessa mesma encyclo-

<sup>1</sup> Grand Dict. de la Lang. Lat., v. II, p. 897-8.

<sup>2</sup> Dictionn., v. III, p. 975.

<sup>3</sup> Vol. XIII, p. 188.

pedia catarmos *particulier*<sup>1</sup>; lá encontraremos: «Substantiv. *Personne privée.*» De modo que *particulier* define *privé*; e *privé* traduz *particulier*. No francês, logo, ao menos a respeito de pessoas, de individuos, a adjectivação pôde assumir qualquer das duas fórmás, *particulier*; ou *privé*, para significar a noção contraposta á de *publico*.

129.—Essa *contrasignificação* (neologismo que me parece util) entre o adjectivo *particular* e o adjectivo *publico*, negada agora, creio eu que a vez primeira, pelo dr. CLOYIS, está consignada em todos os nossos lexicons de autoridade.

Em BLUTEAU :

« *Particular.* Um particular. Homem que não tem officio publico. Vidá *particular.* A do homem que vive estado *dissem* officio nem negocio publico. *Vita privada.* (Sobre a disputada vida régia e particular. LOBO, Corte na Aldeia, 287.)»  
 « *Privado.* PARTICULAR.»

Em MORAES :

« *Particular.* Vida, estado particular; i. e. de homem não publico.»

« *Privado.* Não publico. PARTICULAR.»

Em CONSTANCIO :

« *Particular.* Privado : não publico.»  
 « *Privado.* Particular, não publico.»

Em DOMINGOS VIEIRA :

« *Particular :* vida, estado ; vida de homem não publico.

« *Privado.* Sem emprego publico ou caracter publico.

Exame privado: exame não publico.»

Em AULETE :

« *Particular.* Casa particular. Professor particular. *Oppõe-se a publico.*»

« *Privado.* Que não é publico, ou que não tem caracter publico.»

Em C. DE FIGUEIREDO :

« *Privado :* que não é publico; particular.»

<sup>1</sup> Vol. XII, p. 336.

<sup>2</sup> *Vocabul.*, v. VI, p. 288.

<sup>3</sup> *Ib.*, p. 750.

De sorte que entre os nossos lexicographos não ha um, em cujo sentir o adjectivo *particular* se não contraponha antitheticamente ao adjectivo *publico*, e não equivalha rigorosamente ao adjectivo *privado*.

Attente-se agora na linguagem commum, e se verificará quo, a cada momento, oppomos a *vida particular* á *vida publica*, o *interesse particular* ao *interesse publico*, as *relações particulares* ás *relações publicas*, bem assim aos *negocios publicos* os *negocios particulares*, ás *funções publicas* as *funções particulares*, aos *cargos publicos* os *cargos particulares*. O mesmo com os vocabulos *dignidade*, *autoridade*, *instituições*, *medidas*, *conveniencia* e outros: *autoridade publica* e *autoridade particular*, *dignidade publica* e *dignidade particular*, *instituições publicas* e *instituições particulares*, *conveniencia publica* e *conveniencia particular*, *ensino publico* e *ensino particular*, *estabelecimentos publicos* e *estabelecimentos particulares*. Um exemplo classico: nos *Colloquios Aldeões* de CASTILHO (versão dos de CORMENIN) o cap. XVI se consigna á caridade. Trata-se da caridade *publica* e da... *privada*. E' como se escreveria segundo o vocabulario do projecto. CASTILHO, porém, tendo que optar, *vezes nove*, entre esse epitheto e o que lhe prefiro, *nunca se serve sendo deste*, dizendo sempre *caridade particular*.<sup>1</sup>

430.—Mais uma circumstancia para notar. Registrando a applicação do adjectivo *privado* á expressão *vida*, MORAES nos ensina: «*Vida privada*: a VIDA PARTICULAR<sup>2</sup>, intima; opposto a *vida publica*, ou á do individuo em relação aos seus actos officiaes na sociedade, á politica, etc.» DOMINGOS VIEIRA, por sua vez, define: «*Pessoa particular*, *pessoa privada*.»

Logo, conspante á lição expressa desses dictionaristas,

Vida *privada*=vida *particular*.

Pessoa *privada*=pessoa *particular*.

Consequentemente,

Relações *privadas*=relações *particulares*.

Convenções *privadas*=convenções *particulares*.

Disposições *privadas*=disposições *particulares*.

Portanto, se, tendo que recorrer a qualquer dessas adjectivações, ou a outras semelhantes, antepuzerem o *privada* ao *particular*, não será porque o segundo não caiba tão á justa como o primeiro, não será porque o segundo se não contraponha tão adequadamente quanto o primeiro á idéa de *publico*, não será porque o primeiro constitua

<sup>1</sup> *Op. cit.*, p. 133 ( tres vezes ) 131, 140, 141 ( duas vezes ), 142 ( duas vezes ).

<sup>2</sup> « As coisas de toda a minha *vida particular*. » (LATINO COELHO, *Or. da Coroa*, p. 2.) « Respondo a quantos improprios inventou a maledicencia do meu accusador á minha *vida particular*. » (*Ibid.*)

expressão necessaria e insubstituivel. Ha-de ser que o primeiro lhes-tôe melhor. E porque ? Não o sei advinhar.

131.—Estes os fundamentos do meu voto contrario ao *privadas*. Valham elles, ou não, ali ficarão, mostrando que o caso não é tão simples, como o imaginou o dr. Clovis, e que não costumo opinar sem razões muito para consideradas.

### § 3º

#### Art. 655

##### «OBRA» POR JORNAL, REVISTA

132.—Nesse texto, o primeiro de que se occupa o dr. Clovis, diz o projecto gosar dos direitos de autor «o editor de obra composta de artigos ou trechos de autores diversos, formando um todo, como *jornaes, revistas, dictionarios, encyclopedias e selectas*».

Opondo-me á inclusão das *revistas, e jornaes em* o numero das *obras*, disse eu que olla «desnatura a significação dos nomes», e, figurando que «só por descuido se terá dado applicação tão incorrecta áquella palavra»; alvitrei que alli se trocasse na de *publicação*.

*Publicação* é o que é a *revista* e o *jornal*. Chamar *obra* a uma *revista*, chamar *obra* a um *jornal*, é, obviamente, uma dessas liberdades, que á lei se não concedem, e que tanto menos se poderia autorizar, quanto nem sequer a necessidade a explica. Pois se os periodicos e os diarios sempre se designaram pelo nome de *publicações*, e isto são,— que outra coisa é, senão gratuito capricho, forçar, torcer, confundir o sentido ás palavras, para os designar como *obras*? Haverá quem chame *obra* ao *Times*? quem veja no *Temps* uma *obra*? quem capitule de *obra* a *Gazeta de Colonia*, ou o *New York Herald*? Já qualificou alguém de *obra* o *Jornal de Commercio*, a *Gazeta de Noticias*, ou o *Pai*? a *Revista Brasileira*, ou o *Direito*? Porque e com que vantagem então iriamos estabelecer um tal antagonismo entre o uso juridico e o senso commun, entre a phraseologia das leis e a de todo o mundo?

133.—Vamos aos dictionarios. Não me socorrerei dos portuguezes, cujo bafio de antiguidade e atrazo não vae com olfactos educados no fino da sciencia européa. Tomemos o LITRÉ. Como define o dictionario monumental do grande philologo francez a palavra *obras, oeuvres*, em relação aos productos *escriptos* do entendimento? «*Produções em verso ou prosa, consideradas a respeito do autor.*»<sup>1</sup>

Se quizerem agora verificar a lexicologia juridica do assumpto noutra fonte das mais autorizadas, e essa em letras juridicas, é perulustrarem, no DALLOZ, a secção consagrada á *propriedade litteraria*.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Vol. III, in vº *oeuvre*, p. 801, n. 15.

<sup>2</sup> Répertoire, v. XXXVIII, p. 412 - 4, 413 - 9, 459 - 62.

Nem uma só vez alli se applica aos *jornaes*, ou *periodicos*, o vocabulo *obras*. Lá se nos ensina, por exemplo, (n. 48), que o autor de uma colleção, ou de uma *publicação periodica* não pó lo reimprimir artigos tomados a outras *publicações*. «Esses periodicos, não os designa o grande repertorio como *obras*, senão meramente como *publicações*. Sob os ns. 103 a 105 discorra da propriedade com relação ao titulo *das obras*. Teria incluído ahi a doutrina quanto aos dos *jornaes*, se por *obras* estes pudessem passar. Não é, porém, o que se dá. Só do n. 103 ao n. 111 cogita daquelle direito relativamente ao titulo dos *jornaes*.

131.—Nem se poderia, a não ser mediante a ampliação mais arbitraria e a violencia mais directiva do significado natural dos termos, confundir sob o designativo de *obra a gazeta, o jornal, a folha, a revista*. Faltam a estas entidades as características essenciaes da *obra*: a noção de limite inicial e terminal, a de personalidade, a de unidade, a de integridade, a de identidade.

O periodico é uma exhibição quotidiana, ou intercadente, de factos e idéas rotulados com a marca e assignatura, continuamente mutaveis, dos seus expositores. Excepto o distico da folha, tudo alli se desloca incessantemente, ou a espaços, inclusive, até, a individualidade do editor, eixo do seu movimento e principio da sua cohesão; mas susceptivel de variar, de um para outro momento, por uma simples operação commercial.

Nessa feição de *mercantilidade* está o grande traço physionomico do jornal moderno. Chamar-lhe *obra literaria* fóra desconhecer-lhe de todo em todo o typo, que um moderno economista allemão precisou magistralmente. «O jornal», diz o dr. BÜCHER, «é essencialmente uma *instituição commercial*, e constitue presentemente um dos mais importantes organs da economia nacional.» Não será, continúa elle adiante, depois de o emparelhar com o correio, o telegrapho e a ferrovia, entre os grandes factores da sociedade contemporanea; «não será um meio de circulação congenere á via ferrea, ou á posta, no transporte das pessoas, valores e novas; mas é um instrumento analogo á carta e á circular, no transmittir noticias, separando-as dos seus autores assim pela escripta, como pela estampa, e fazendo-as destarte materialmente transportaveis. Por grande que hoje em dia se nos antolhe a differença entre a carta, a circular e a folha, em reflectindo um pouco, veremos que todas tres são productos de sua essencia consemelhantes, gerados pela necessidade nossa de communicações e pelo uso da escripta em satisfação dessa necessidade. Apenas discrepam em que a missiva se endereça a um só destinatario, a circular nomeadamente a muitos, o jornal a grande numero delles indesignadamente. Por outra: carta e circular são maneiras de informar particularmente a certos individuos, emquanto que a gazeta informa de publico a todos.»

Continuando a desenvolver com o mais logico e severo exame dos factos essa theoria, conclue, afinal, o sabio economista: «O jornal moderno é uma empresa, digamos assim, *capitalista*, um estabelecimento de informações, cujo regimen obedece a certa divisão do trabalho mui adiantada, e, debaixo de uma direcção una, emprega, assalariadas, grande numero de pessoas, entre correspondentes, redactores, compositores, revedores, machinistas, agenciadores de annuncios, expeditores, postilhões e outros. Produz essa fabrica, a demais, mercadorias para certo circulo de leitores, que não conhece, e aos quaes se lhe interpõem diferentes medianeiros, taes como os vendedores e as estações postaes. Nem são unicamente as precisões do leitor, ou da clientela, o que determina a qualidade da mercancia, mas o estado da concorrência, mui complicado no mercado da publicidade. Nelle, como por via de regra nos do grande commercio, quem representa o grande papel, não são os consumidores dos generos, ou os leitores dos jornaes. Quem decide, quanto á especie da mercadoria, são os grandes negociantes e os especuladores da publicidade: os governos e estações telegraphicas della dependentes, as agencias de publicidade, os partidos politicos, as cabalas literarias e scientificas, os bolsistas, não sendo entre esses dos menos influentes as agencias de annuncios e os freguezes de inserções consideraveis. Cada numero de uma grande folha quotidiana, estampado em nossa época, é um prodigio da divisão do trabalho organizada sob a fórma capitalista e, ao mesmo tempo, uma maravilha de arte mecanica, um instrumento de communicação intellectual e económica, em cuja criação cooperam todos os outros meios de communicação: o caminho de ferro, o correio, o telegrapho e o telephono.»<sup>1</sup>

§ 1:35.—Ora, sendo isso, como nos evidencia essa demonstração minuciosa, o moderno jornal, sendo elle um acto de grande commercio, um commettimento de alta especulação, um instrumento de poderosos interesses, em que os factores intellectuaes da combinação obedecem a irresistiveis elementos industriaes e mercantis, claro está como, distanciando-se do uso universal da linguagem, se distanciaria da realidade e da sciencia a terminologia legislativa, se classificasse esses órgãos de publicidade entre as *obras literarias*. Fazer da contribuição literaria, da parte desinteressada, que nelles intervem quasi sempre subordinadamente, a característica dessa hodierna instituição social, seria commetter um erro de classificação tão imperdoavel quão escusado.

Felizmente em tal não caíram as legislações contemporaneas. Examinemol-as, mas que seja de relance.

<sup>1</sup> KARL BÜCHER: *Études d'histoire et d'économie politique*. Trad. par ALFR. HANSAY. Bruxel. 1901. P. 134, 135, 211 - 12.

A lei allemã de 11 de junho de 1870, occupando-se, no art. 9º, com as «*obras compostas em collaboração*» e com as «*obras formadas de trechos de autores diversos*», *não julga ter dito das folhas publicas*, acerca das quaes só no art. 10 providencia, regulando alli os direitos de autor, pelo que toca «*aos artigos, dissertações, etc., insertos em publicações periodicas, taes como os jornaes, as revistas, os almanaques.*»<sup>1</sup>

Temos, pois, que a phraseologia germanica esposa justamente o designativo de *publicações*, adoptado no meu substitutivo, não o de *obras*, admittido no projecto.

A lei hespanhola de 10 de janeiro de 1879 firma precisamente a mesma distincção, estatuindo, no art. 29, as exigencias, a quo se hão-de submeter «*os proprietarios de jornaes, que lhes quizerem assegurar a propriedade, o assimila-os ás produções literarias quanto ao gozo dos beneficios*» naquelle acto determinados.<sup>2</sup>

Na legislação da Noruega (lei de 8 de junho de 1896), o art. 4º, sob o nome de *escriptos periodicos*, nitidamente discrimina as folhas publicas das *obras collaboradas por varios autores*: «*O editor de um escripto periodico, ou de uma obra formada de contribuições independentes, por varios collaboradores, será tratado como autor.*»<sup>3</sup>

Na Romania a lei da imprensa (1/13 abril de 1862), depois de reconhecer, no art. 1º, aos «*autores de todo o genero de escriptos*» o direito vitalicio de disporem das suas *obras*, regula separadamente no art. 3º a propriedade dos «*jornaes e outras folhas periodicas*».<sup>4</sup>

O regulamento russo da imprensa, edição de 1886, depois de legislar, nos arts. 1º a 8º, sobre os *livros e obras*, consagra especialmente o art. 9º aos «*jornaes e outras publicações periodicas*».<sup>5</sup>

De modo analogo acerca da propriedade literaria procede a lei sueca de 1877, onde o art. 5º reune, em grupo distincto, com «*os escriptos compostos de artigos, entre si independentes, de varios autores*», os «*escriptos periodicos*»<sup>6</sup>, denominação evidente dos jornaes e revistas.

**436.**—A esta serie de considerações e factos juridicos que é o que oppõe o dr. CLOVIS?

Vale-se elle, primeiro, da lei brasileira n. 496. Esse acto, do 1º de agosto de 1898, declara, no art. 2º, que «*a expressão obra literaria scientifica ou artistica comprehendendo livros, brochuras e em geral escriptos de qualquer natureza*», enumerando em seguida as

<sup>1</sup> LYON-CAEN e DELALAIN: *Lois franç. et étrangèr. sur la propr. littér. et artist.* Par., 1889. v. I, p. 53.

<sup>2</sup> *Ib.*, p. 216.

<sup>3</sup> *Ib.*, p. 438.

<sup>4</sup> *Ib.*, p. 481.

<sup>5</sup> *Ib.*, p. 489.

<sup>6</sup> *Ib.*, p. 521.

obras dramaticas e musicas, depois as do pincel, do escopro, do buril, do lapis, e, ao cabo, «qualquer produçãõ, em summa, do dominio literario, scientifico e artistico».

Nesta clausula derradeira é que se faz forte o illustre professor com o argumento de que ninguem contestará serem «os jornaes e as revistas produçãõ do dominio intellectual».<sup>1</sup>

O argumento não prova nada; porque provaria demais, se pretendessemos dilatar a tal ponto o campo á expressãõ «*dominio literario, scientifico ou artistico*».

Note-se que o hermeneuta já nos altera a expressãõ do texto, substituindo-a por «*dominio intellectual*», idéa evidentemente muito mais ampla: no *dominio intellectual* muita coisa entra, além do que toca ás letras, sciencias e artes.

Mas não disputemos ao dr. CLOVIS a equivalencia, aliás forçada e ampliativa. Dada ella, porém, pergunto: cabe então na lei dos direitos de autor, na lei do 1º de agosto daquelle anno, tudo quanto couber na significação das palavras *dominio intellectual*? Mas então ali se abarcará tudo o que a *intelligencia* humana tem creado, e vaõ creando, tudo o que se gera da intelligencia humana, fecundada pelas sciencias, letras e artès. Tudo isso, comprehendendo-se no dominio da intelligencia, comprehendido está no dominio intellectual. Entram nelle os jornaes, porque são obras do entendimento? Mas os segredos commerciaes e industriaes não são tambem productos do nosso engenho? Não serão productos da intelligencia humana as especulações mercantis? Todos os inventos, mais ou menos modernos, a telographia Marconi, por exemplo, a radiographia, a phonographia não são feitura da nossa intellectualidade? Não caem, pois, no *dominio intellectual*? Evidentemente. Mas se, a despeito de alli cairém, não se consideram abrangidas naquella clausula legislativa, porque se há-de metter violentamente nella a *imprensa periodica*, sob o pretexto de estar abrangida no dominio intellectual.

Encarado no seu conjuncto, o *periodico* não quadra á vaga generalidade dessa rubrica, senão como nella quadraria qualquer empreza complexa de exploração mercantil: uma exposiçãõ, por exemplo, nacional, ou internacional. A *exposiçãõ* é, como o jornal, um vasto, complexo e multiplice organismo de publicidade. Lá está o *dominio intellectual* sob todas as fórmãs, *scientificas, literarias, artisticas*; lá está o annuncio em toda a escala das suas engenhosíssimas variedades; lá estão, enfeixados e distribuidos, todos os instrumentos de comunicação, informação e verificação imaginaveis. A *exposiçãõ* é o *jornal* vivo, como o *jornal* é a *exposiçãõ* impressa. Num e noutro se conteem *obras scientificas, literarias, e artisticas*; mas nem um nem a outra são obras artisticas, literarias, ou scientificas.

<sup>1</sup> Revista de Legisl., fascic. citado, p. 30.

No jornal é literario o artigo de letras, scientifico o topico de sciencia, artistico o trabalho de artes. Em cada uma dessas collaborações haverá uma obra, no sentido especial do vocabulo, um producto do *dominio intellectual*. O jornal, porém, é apenas o receptaculo, o quadro, o aparelho exhibitivo, onde se offerecem ao goso publico esses labores do nosso engenho.

Quiz a lei do 1.º de agosto dizer outra coisa? Onde nos fundariamos, para lhe attribuir esse intonto? Não atino. O art. 3.º, é uma longa enumeração de cerca de vinte *itens*, onde se discriminam os livros, as brochuras, os escriptos de todo o genero, as obras dramaticas, as musicas, as dramatico-musicas, as musicas acompanhadas, ou não, de palavras, a pintura, a esculptura, a architectura, a gravura, a lithographia, a photographia, as illustrações, as cartas, os planos, os esboços. Tudo isso alli se particulariza, nome por nome; e, querendo-se abranger na lista a imprensa periodica, desta só, a mais importante, sem comparação, de todas as verbas, a que pelo seu papel no mundo moderno deixa a perder de vista as outras todas, desta só é que se não falla? só esta não se especifica? só ella não teve uma palavra, que a indicasse? ella só havia de ficar innominada e apenas subentendida na amplitude indecisa da clausula final? Seria inexplicavel.

Depois, attente-se na redacção do art. 1.º, e se averiguará que o legislador, naquelle acto, não cogitou do *jornal*, senão para assegurar a cada um de seus collaboradores o senhorio dos escriptos, com que nelle cooperarem. « Os direitos de autor », reza o texto, « de qualquer obra literaria, scientifica ou artistica consistem no direito, que *só elle* tem, de reproduzir ou autorizar a reproducção *do seu trabalho*. » Essa disposição, que domina toda a lei, restringe formalmente as garantias desta aos *autores*, cada qual em relação *ao seu trabalho*. Não se pensou, pois, no *editor do jornal*, entidade em que o jornal se personifica, mas que não póde ter, contra os *autores* dos trabalhos neile estampados, outros direitos além dos que as leis e os contractos lhe attribuirem. Perante a lei do 1.º de agosto, portanto, não ha outras obras, em materia de revistas e jornaes, que as de cada collaborador a respeito da collaboração, cujo autor houver sido. Quanto ao mais é claudicante, omisso esse acto legislativo, que, no concernente aos editores de folhas, apenas lhes garantirá o dominio da sua parte pessoal e da parte adquirida, mediante convenção, expressa, ou tacita, com os collaboradores, sobre o contingente de cada um destes para o resultado colectivo.

137.—Não se sae melhor o dr. Clovis com as demais autoridades, para que appella.

Começa por soccorrer-se a LYON CAEN no excerpto que d'elle transcreve: « Parmi les ŒUVRES LITTÉRAIRES, une place à part doit être faite AUX ARTICLES DE JOURNEAUX ET REVUES. »

Eu mantenho a todas as expressões assignaladas pelo meu contradictor o versalete, com que as relevou o dr. CLOVIS; porque dest'arte é elle mesmo quem se incumbem de imprimir realce á propria cegueira.

O que o commercialista francês opina incluir-se entre as *obras literarias*, são os *ARTIGOS* de jornaes; e por essa opinião tambem estou eu. Mas uma coisa é o *artigo*, estampado no jornal, outra o *jornal*, onde se estampa o artigo; e, incluindo entre as *obras* tão somente o *artigo*, das *obras* exclue *ipso facto* LYON-CAEN o *jornal*. De meu lado, portanto, é que está, visivelmente, o juriconsulto invocado pelo illustre professor do Recife.

A lei hungara de 26 de abril de 1884 vae elle buscar depois o art. 2º, na versão franceza, que reza: «Pour les œuvres littéraires composées d'articles de plusieurs personnes et considérées comme formant un seul tout; le rédacteur en chef bénéficie, comme les auteurs, de la protection légale.» De onde infere, porém, o meu impugnador que esse texto entenda com os *jornaes*? Unicamente, ao parecer, dá allusão á existencia de um *rédactor chefe*, palavras estas duas que accentuou, griphando. Mas evidentemente é ás *encyclopedias* que allude o teor daquelle acto legislativo, as quaes tambem têm *rédactor chefe*. Haja vista as *Pandectas Francesas*, cada um de cujos volumes traz no rosto a declaração de que H. FRENNELET é o seu «*rédactor chefe*».

A lei luxemburgueza de 10 de maio de 1898 (penultimo arrimo do meu contradictor), essa lei, cujo art. 1º, parcialmente por elle transcripto do *Jornal de Direito Internacional Privado*<sup>1</sup>, não faz mais que reproduzir o art. 4º da convenção de Berna (9 de setembro de 1886)<sup>2</sup>, tambem claró é que não têm o sentido supposto na intenção de quem o cita. E veja-se: «L'expression œuvres littéraires et artistiques», é o texto, «comprend les livres, brochures et tous autres écrits... enfin toute production quelconque du domaine littéraire, scientifique ou artistique, qui pourrait être publiée de quelque manière et sous quelque forme que ce soit.»

O italico é do meu oppositor, empenhado em mostrar que as clausulas deste modo sublinhadas comprovam a sua these. Ora o que eu vejo, é o contrario. Confrontada a primeira com a ultima das clausulas griphadas, não ha quem não sinta que de *escriptos* é que alli se cogita, «tous autres écrits», considerando-se *obras* todas as produções desse genero por qualquer modo e sob qualquer forma dadas a lume, *publiées de quelque manière et sous quelque forme que ce soit*. Ora *escriptos* são realmente os varios trabalhos expostos á luz publica num jornal. Será, porém, de bom senso considerar igualmente como *escripto* o jornal, onde se imprimem taes *escriptos*?

<sup>1</sup> CLUNET. V. XXVI (1899), p. 509 (e não 508).

<sup>2</sup> LYON-CAEN e DELALAIN, *op. cit.*, v. II, p. 221.

A hermenêutica do illustre dr. CLOVIS revolteia num círculo vicioso; porque, declarando esse texto obra literaria, scientifica ou artistica «*toute production quelconque du domaine littéraire, scientifique ou artistique*», publicavel por qualquer maneira e debaixo de qualquer forma, para mostrar que o jornal entra na ordem dessa especie de obras, necessario era demonstrar primeiro que o jornal é uma *produção literaria, scientifica ou artistica*. Mas não o fez, nem o podia fazer; porque, segundo já evidenciei, se no jornal se encerram, se exaram, se divulgam produções dessas tres categorias, a nenhuma destas categorias pertence, nem emparelha a nenhuma de taes produções, constituindo apenas o laço, que as enfeixa, o mostrador, que as expõe, ou a feira, que as vende. O jornal e a revista, pois, ao contrario do que pretende o dr. CLOVIS, *não* «devem ser incluidos na designação» de obra literaria, justamente porque *não são* «produções do dominio literario» publicaveis de qualquer modo, antes constituem o modo pelo qual as produções do dominio literario se publicam. As produções literarias publicam-se no jornal, que é o seu publicador, o instrumento de as publicar, o mecanismo da sua publicação.

Por extremo argumento, afinal, observa o dr. CLOVIS «que os redactores da lei allemã sentiram necessidade de, na hypothese a que nos referimos, declarar que não comprehendiam as revistas *entre as obras compostas de fragmentos de autores diversos*». Mas onde o declararam os redactores da lei allemã? No contexto della? Certamente é o que teriam feito, se de tal declaração houvera essa «necessidade». Mas nem na lei o fizeram, nem tão pouco fóra da lei. Os redactores da lei allemã não declararam em parte alguma que «não comprehendiam as revistas entre as obras compostas de fragmentos de autores diversos».

Restabelecamos os factos *documentadamente*.

A lei allemã de 11 de junho de 1870, no art. 2º, a que se refere o dr. CLOVIS, estatue, segundo a versão franceza <sup>1</sup>, onde eu e elle bebemos: «*Il faut assimiler à l'auteur, quant aux droits conférés par la présente loi, l'éditeur d'un ouvrage composé de morceaux d'auteurs divers.*»

A este texto, porém, *não os redactores da lei, mas os seus traductores*, esta nota:

«*Tels sont les articles d'une encyclopédie, d'un dictionnaire; mais il en serait autrement des articles d'une revue. (Exposé des motifs, p. 21).*»

As aspas são minhas. No original não as ha; e necessariamente as haveria, se essas palavras fossem dos redactores da lei allemã. A declaração «*Exposé des motifs, p. 21*», alli posta entre parenthesis, sómente nos dá a saber que os traductores extrahiram daquelle

<sup>1</sup> De LYON-CAEN E DELALAIN, *op. cit.* v. I, p. 55.

documento isto é, da *exposição de motivos*, não do texto legal, essa noção; mas em que termos nelle se acha enunciada não se sabe.

Ainda admittindo, porém, aquella nota como versão literal do texto germanico, que é o que alli temos? Simplesmente um commentario, uma apostilla, um escholio ás palavras da lei, advertindo que «os artigos de uma *encyclopedia*, ou de um *dicionario* caem sob a inscripção legal «*obras feitas de textos de varios autores*», mas que os artigos de uma revista alli não caberiam («*mais qu'il en seroit autrement des articles d'une revue*»), isto é, que as encyclopedias e os dicionarios se têm *por obras*, mas *não se reputam obras as revistas*.

Ora esta é exactamente a doutrina, que eu defendo, e que o dr. CLOVIS adversa. De que traças usa agora o dr. CLOVIS, para a inverter em seu proveito? Figurá haverem declarado os elaboradores da lei allemã que elles «*não comprehendiam as revistas entre as obras*». Mas o que alli está dito (roleia-se a nota) não é que os autores desse acto *não incluíam* entre as obras as revistas, mas que as revistas *não se incluíam* entre as obras. A exclusão das revistas não era um acto dos redactores da lei, mas um facto resultante da natureza das coisas: «*il en seroit autrement*».

A isso, entretanto, é que o illustro professor chama «*sentirem-se elles obrigados a essa confissão*», para concluir que, se fôra absurdo classificar de obras os jornaes, «era inutil a resalva». Onde «a resalva»? E que resalva é uma posta á lei fóra do seu texto?

### § 4º

Art. 1.652, II, e 1.725, I

#### ESCRITOR

438.— «Leva-se a cacologia até ao ridiculo», dissera eu, «appellidando com a designação de *escriptor* o individuo, talvez nem *escrevedor* ou *escrevente*<sup>1</sup>, chamado pelo testante impedido ou analfabeto para por elle escrever o testamento.»

Nesta correcção convoio o professor CARNEIRO. O dr. CLOVIS, porém, não annuo. Mas, antes de m'a rebater, aproveita o lanço, para me dar uma lição de polidez. «Quando isto li», diz elle, «vieram-me á lembrança umas palavras de EMILIO LITTRÉ, nas quaes a delicadeza, talvez melhor dissera a unção, disfarça a monitoria subtil.» E' o caso que STUART MILL rematará o seu famoso livro *Auguste Comte and Positivism*, qualificando com a

<sup>1</sup> «O que em Dextro podia ser vicio do *escrevente*.» (FR. LUIZ DE SOUSA: *V. do Arch.*, I, c. 26.) «Hum pobre homem, que por bom *escrição*, tinha escola aberta na cidade.» (SOUSA: *Ann. de D. João III*, p. 7.) «E' que a liberdade sobeja nos *escrevedores* se converte numa verdadeira escravidão para os outros.» (A. HERCUL.: *Opuscul.*, v. VIII, p. 21.) «Seja qual for o sistema ortografico de cada *escriptor* e de cada *escrevedor*.» (C. DE FIGUEIREDO: *Liç. Prat.*, v. III, p. 286.)

palavra «ridiculos», os «absurdos» por elle attribuidos ao celebre autor da *Philosophia Positiva*. Recorda o dr. CLOVIS que o grande alumno de COMTE, «doido com o deprimente epitheto», escrevera: «O que me magôa o sentimento de equidade e, até, o de artista, é que osse triste vocabulo seja o derradeiro, com que se despida<sup>1</sup> o leitor, e que uma phrase digna de COMTE e de MILL não transporte o espirito do leitor ás magnificencias do homem e sua obra.»

<sup>1</sup> Não obstante a opinião de CARNEIRO em sua *Grammatica* e a de RAMALHO ORTIGÃO, que no *Glossario aos Lusitãos* (ed. do Gabin. Port. de Leitura, 1880, p. xc) dá como «fixada a flexão em ca (*impeça, despeça*), na linguagem literaria», opinião accorde com a de FRANCISCO JOSÉ FREIRE (*Reflex.*, 2ª ed., parte 2ª., p. 24-5), estou pelo sentir de JULIO RIBEIRO, (*Gramm.*, p. 141) e, se me não engano, tambem de CANDIDO DE FIGUEIREDO. A similitude literal de *impelir* e *despedir* com *pedir* não basta, para autorizar uma identidade grammatical, que a etymologia e o sentido juntamente repellam.

«Não me *impilas* o gosto da tomada.»

(CAMÕES: *Lus.* VIII, 75)

«E porque a fama

desta subita vinda os não *impila*:»

(*Ib.*, IX, 8.)

«Porque o temor morrer me não *impila*.»

(CAMÕES, son. 56. *Obras*, v. I, p. 37.)

«Que nos turbe a paz, e *impila* a liberdade.» (BERNARDES: *Lus e Calor*, n. 114, p. 92.)

«E se não as pode concordar, *despida-sc.*» (BERNARDES: *Nova Floresta*, v. II, p. 262.)

«Com esta ultima advertencia vos *despido* ou me *despido* de vós, meus peixes.» (VIEIRA: *Serm.*, v. I, p. 59.)

«Não seja a minha indignidade a que *impida*.» (*Ib.*, v. V, p. 324.)

«Do Maranhão me *despido*, de vossa mercê.» (VIEIRA: *Cart.*, v. III, p. 7.)

«Não *impilam* estas.» (THOMÉ DE JESUS, v. I, p. 11.)

«Que *impida* vossas soberanas obras.» (*Ib.*, p. 42.)

DUARTE NUNES, na sua *Orthographia*, tratando, num dos ultimos capitulos, a «Reformação de algumas palavras que a gente vulgar usa e escreve mal», rejeita como errata a fórma *despego-me*, que emenda para *despido-me*.

No uso actual dessa flexão vinha C. CASTELLO BRANCO, de quem é, na *Queda d'um Anjo* (p. 124), esta phrase: «Aqui me fico, e do imo peito *espido* brado de louvor.»

A consemelhança, que figura aparentar os verbos *expelir*, *impedir* e *despedir* com o verbo *pedir*, occasionou a versão vulgar de *impeço*, *expeço*, *despeço*; mas, não tendo a outra sido proscripta inteiramente da pratica dos mestres, razão é que prevaleça, desde que de sua parte está o significado das palavras e a sua etymologia.

Convem aliás notar que, entre os antigos, o proprio verbo *pedir* se conjugava por vezes regularmente: *pido*, *pidacs*, *pida*.

«Que não sei se remedio ou morte *pida*.»

(CAMÕES: *Obr.*, v. IV, p. 108.)

«Não me *pidacs* interesse.»

(*Ib.*, v. V, p. 181.)

«Amor, amor, mas te *pido*.»

(*Ib.*, v. VI, p. 73.)

E, como esse, o verbo *melir*:

«Não *midas* o passado e o presente.»

(*Ib.*, v. III, p. 10.)

Mas a que proposito esta associação de idéas? Se o dr. CLOVIS não começasse a citação de meio texto, ver-se-ia quão opposta é ao interesse de quem a faz. Diz LITRÉ que não empregaria aquelle qualificativo, por se lhe affigurar que «esses absurdos são antes casos de pathologia que de philosophia»: «Não nega» a STUART MILL, contudo, «o direito de applical-o a qualquer das concepções desastrosas, que assignalaram a phase extrema do COMTE.»<sup>1</sup>

Tambem o grande philosopho inglés não aguardara que l'ha reconhecessem, para se valer, sem receio, dessa liberdade, irmanando entre si COMTE, DESCARTES e LEIBNITZ, assim nos grandes serviços á sciencia, como na «desmedida extravagancia e na grotesca absurdeza», com que algumas das suas theorias se distinguiram entre as concepções dessa qualidade solemnemente advogadas por homens reflexivos.<sup>2</sup>

Essa lição memoravel dos direitos da critica, exalçados, na linguagem de um espirito equilibrado e temperante como o de STUART MILL, ao ponto do não evitarem sequer a nota de *grotescas* a creações philosophicas de tres genios daquella grandeza, responde concludentemente á magoa, de que se vê transido o meu illustre antagonista com algumas ousadias minhas, a mais grave das quaes está na qualificação de *ridículo*, por mim applicada á escolha erronea de uma expressão destemperadamente inadequada. Quem, numa contenda litteraria, discute factos, e aquilata orros, ainda que ironica e vehementemente, sem alludir a pessoas, não desacata individualidades, sobretudo se o objecto da apreciação for um trabalho impessoal e collectivo.

Aos olhos do illustrado professor, STUART MILL deixou resgatada a aspereza das suas severidades em relação ao fundador do positivismo com «as palavras de tocant) emoção», que para com elle tivera «uma pagina antes». Nessa pagina dissera MILL que «outros poderiam rir, mas a elle muito mais facil lhe seria chorar ante aquella decadencia lastimosa de um grande entendimento».<sup>3</sup> Eu creio haver tributado a todos os collaboradores do projecto homenagens bem menos desagradaveis. Se os não alcei á eminencia dos LEIBNITZ e DESCARTES, tão pouco lhes dei o pregão dessa *decadencia* mental, cujo tom de melancolia no funesto diagnostico de JOHN MILL sobre o genearca do positivismo em seu periodo religioso tanto commoveu o dr. CLOVIS.

<sup>1</sup> LITRÉ: *Fragments de Philos. Positive*, 1876, p. 213-4.

<sup>2</sup> MILL: *Op. cit.*, p. 200. Ed. de 1882: «... and also with some of the most extravantly wild and *ludicrously* absurd conceptions and theories which ever were solemnly propounded by thoughtful men.»

<sup>3</sup> «Others may laugh, but we could far rather weep at this melancholy decadence of a great intellect.» *Op. cit.*, p. 199.

O de que se dóe LITTRÉ, de mais a mais, (dil-o elle expressamente; e o dr. CLÓVIS não o esconde) é de que o adjectivo *ridicula* seja a ultima expressão, o fecho, do livro de STUART MILL, de que seja esse o vocabulo immediatamente anterior ao ponto final, em um largo estudo qual o dó philosopho inglês acerca do francês; como se o autor quizera deixar, em sùmmula do seu juizo, a impressão desse stygma na mente dos leitores. No meu escripto, porém, aquelle epitheto não é, sequer, a palavra terminal do periodo onde se encontra, seguindo-se após elle cento e noventa e tres paginas do in-folio em duas columnas, a cujo longo perlustrar não resistiria, no espirito dos que me honrarem com a leitura, o vestigio daquello qualificativo irrespeitoso. Alem de que o meu recae, de tão baixo como está o plano intellectual da minha inferioridade, apenas sobre o erro de uma palavra; ao passo que o outro, desferindo-se, como raio, das maiores alturas do pensamento moderno, que teve em JOHN STUART MILL uma das suas mais elevadas encarnações, detona com fragoroso estampido sobre as invenções politicas e religiosas do autor da *Politica Positiva*.

439. — Examinemos, porém, entrando em materia, se a minha apreciação não foi justa. « *Escriptor* », diz o dr. CLOVIS, « é aquelle que escreve, pela mesma razão por que *subscriber* é o que subscreve, *prolator* o que profere, *recededor* o que recebe. ».

O dr. CARNEIRO, que sabe a sua lingua, pensa diversamente. A seu juizo insuspeito, quem tem razão na pendencia, sou eu. Elle não encambullharia, como o illustre professor do Recife, o caso do *escriptor* aos do *subscriber*, *prolator* e *recededor*. Especies ha, de feito, em que, por excepção, a desinencia em *or* não exprime *habitualidade*, *genio*, *indole*, ou *vocação*. Mas taes derogações á regra se verificam, do ordinario, quando o acto exprimido no vocabulo, a que se põe essa terminação, não costuma formar *habito*, *predilecção*, *officio*, *estado especial*, ou *intensidade*. Nem a *prolação*, nem a *subscripção* constituem *cargo*, *emprego* ou *occupação* habitual de ninguem. São méramente factos secundarios ou accidentaes a certos estados, ou oportunidades.

Não faz consbnnancia, é verdade, com esta explicação o substantivo *recededor*, cujo emprego ora se applica ao individuo que accidentalmente recebe qualquer coisa, ora ao que o faz por incumbencia permanente, como os *recededores* fiscaes. Mas o principio quasi absoluto é que, na lingua portuguesa, a desinencia *or*, de expressão intensitiva, analogo posto não identica, na applicação, á desinencia *eiro*, «denota a pessoa que, por *genio*, *indole*, ou *vocação*, faz aquillo, que indicam as raizes dos vocabulos »<sup>1</sup> com essa desinencia compostos.

<sup>1</sup> EVARISTO LEONI: *Genio da Língua Portuguesa*, v. I, p. 156.

Tambem ella «se» emprega algumas vezes em sentido physico, para denotar *muitos*.<sup>1</sup> Commentando estas noções, que formula nesses termos, exemplifica EVARISTO LEONI a sua verdade com os substantivos *amador, caçador, caminhador, dansador, nadador, dormidor, pretensor, representador, tremedor, viajor, bojador*. Para mostrar a importancia da terminação e o seu valor discriminativo entre os varios significados, a que se presta o radical, segundo a desinencia que o completa, basta cotejar cada um desses vocabulos em *or* com os seus correlatos em *ante*, ou *ente*, fnaes estes ultimos aos quaes incumbe significar a acção actual, *casual; accidental, transitória*, em contraposição á tendencia *natural, usual, duradoira* e *reiterativa*, indicada pelos fnaes em *eiro* e *or*. Com *amador*, o individuo usado a amar, o que ama por *indole*, ou *gosto*, temos *amante*, o que presentemente ama; com *caçador*, o inclinado e habituado á caça, o *caçante*, o que está em acção de caçar; com *caminhador*, o que por genio e costume, muito caminha, o *caminhante*, o que vae de caminho; com o *dansador*, quasi dansarino, aquelle que se dá muito ao dansar, o *dansante*, aquelle que ou o faz, ou se acha em attitudo de o fazer; com *dormidor*, o amigo de dormir, o *propenso a dormir em excesso*, *dormente*, o que está dormindo; com *pretensor*, o que pretende com empenho, ou autoridade, e tem altas pretensões, o *pretendente*, que anda a pretender; com o *representador*, aquelle que representa por costume e inclinação, o *representante*, o que actualmente representa; com o *tremedor*, sujeito propenso a de tudo tremer, o *tremente*, que agora tremo; com o *viajor*, aquelle que viaja por costume e predilecção, o *viajante*, o que vae de viagem; com *bojador*, o que boja amplamente (Cabo Bojador), *bojante*, o que em qualquer grau boja, ou está bojando.

A esses vocabulos em *or* ainda se podem accrescentar de exemplo, entre muitos outros: *instructor; preceptor; inspector; collector; compositor; pintor; tutor; cantor; eleitor; auditor; lançador; revisor; repetidor; agrimensor; regedor; cultor; agricultor; horticultor; floricultor; apicultor; silvicultor; lavrador; obrador; receptor; reflector; coadjutor; actor; mentor; monitor; productor; consumidor; explicador; corretor; partidior; bemfeitor; gestor; expositor; protector; feitor; manufactor; esculptor; abridor; cinzelador; demolidor; conhecedor*. Sempre a terminação *or* indicando a *durabilidade, continuidade, ou intensidade* da acção exprimida na raiz da palavra.

440. — Fará excepção a essa regra, quasi sem excepções, o vocabulo *escriptor*? Recorra-se aos dictionarios das linguas vivas mais conhecidas: nenhum suffragará o uso, que o projecto adoptou. Dos portuguezes consultarei o mais antigo e o mais recente, e

<sup>1</sup> *Ib.* p. 459.

ver-se-á que de um a outro a significação não varia. BLUTEAU define *escriptor* « o autor de algum livro ». ( V. III, p. 227. ) Nem uma palavra mais. C. DE FIGUEIREDO, semelhantemente: « *Escrivor*, autor de composições literarias e scientificas. » CONSTANCIO, MORAES, DOMINGOS VIEIRA, AULETE, ADOLPHO COELHO, todos a uma concorrem na mesma definição: « *autor de obra escripta* », « *autor de obra literaria ou scientifica* ».

Onde foi achar, portanto, o dr. CLOVIS que no vocabulario do nosso idioma a palavra *escriptor* reunisse dois sentidos, um « especial ao productor de obras literarias » outro (ainda na sua phrase applicavel « a quem escreve coisa diversa » ?

1. 11.— Appella o douto lento de direito para « o uso juridico ». Onde, porém, os documentos dello e da sua legitimidade? COELHO DA ROCHA, TEIXEIRA DE FREITAS e CARLOS DE CARVALHO são os nomes, que declina. Os dois ultimos, porém, como entre nós se faz quasi sempre, limitaram-se a compilar do primeiro.

E deste que direi? Que attribue ás *Ordenações* coisa a ellas do todo alheia. Transcrevo literalmente do dr. CLOVIS, que com fidelidade as adduz, as palavras de COELHO DA ROCHA (*Instituições*, § 681) concernentes ao ponto:

« A *Ordenação*, quando diz que nesta disposição o testador ou *escriptor* do testamento seja tido no logar do tabellião, dá logar a entender que o acto ficou authenticico ou concluido. »

Recorrendo á obra de COELHO DA ROCHA, verifico, no tomo II, p. 537, com referencia á pag. 536, e esta á pag. 535, que a *Ordenação* citada é a do liv. IV, t. 80, § 3º. Pois bem: os redactores do *Codigo Felippino* longe de empregarem alli a locução *escriptor do testamento*, cuidadosamente a evitam, significando mediante um circumloquio aquelle por quem o testador manda escrever o testamento.

Eis como se enuncia o antigo legislador :

« E se o testamento for feito pelo testador, ou por outra pessoa... esse testador, por cuja mão for feito, ou assinado o testamento, e bem assi *qualquer outra pessoa por cuja mão for feito e assinado*; seja havido por tabellião. »

E assim até ao cabo do paragrapho citado. Não diz, logo, *escriptor do testamento*, mas, periphrasticamente, « *qualquer outra pessoa por cuja mão for feito e assinado* ».

O texto da nossa antiga legislação civil, portanto, condemna a expressão de COELHO DA ROCHA<sup>1</sup>, bom *escriptor*, de certo, mas sem auto-

<sup>1</sup> Aliás ainda quando se encontrasse nas *Ordenações*, o vocabulo *escriptor* nessa accepção, conviria notar que nem sempre, como tenho mostrado por mais de uma vez, o uso antigo autoriza o moderno. No *Local Conselheiro*, por exemplo, se encontra a expressão *orador* significando

ridade vernacula, e que, ainda quando a possuísso, não teria a de reformar de golpe uma inveterada tradição da nossa lingua, conforme á de todas as outras.

142.—Facil é de verificar esta conformidade. LITRE define *escriptor* (*écrivain*), aquelle que faz officio de escrever por ou para outrem, « *écrivain public* », perito no exame de escriptas, « *maître écrivain* », escrivão, « *l'écrivain a qualité pour recevoir les testaments* », e, afinal, « *homme qui compose des livres* ».

Nos dicionarios italianos *scrittore* é « *chi o che scrive* COMPONENTE », com a advertencia expressa de que se não confunde com *escrivão*, ou *escrevente*: « *Non scribano o scrivente.* » (PETROCCHI: *Dis. Univ. del. ling. it.*, v. I, p. 902.)

Quanto ao inglés, o melhor dos expositores conhecidos é o *Century Dictionary* de WHITNEY, que (v. VI, p. 6.693) enumera assim as varias accepções do substantivo *writer* (*escriptor*): « 1. O individuo entendido ou pratico na arte de escrever (*a person who understands or practises the art of writing*)... 2. O que faz profssão de escrever (*one who does writing as a business*)... 3. Aquelle que escreve o que de sua mente *compõe*; o *autor* de um ou mais escriptos; um *autor* em geral... »

143.—Não discrepavam desta linha no latim as accepções do vocabulo *scriptor*, prefiguração e origem do nosso *escriptor*. Com a significação secundaria e mui rara de *copista* (*librarius*), ou *amanuense* (*amanuensis*), o termo *scriptor*, alli, correspondia exactamente ao nosso *autor*, o productor intellectual de obras escriptas: *scriptor artis* ou *artium*; *scriptor historiarum* (historiador); *scriptor carminum* (poeta); *scriptor tragediarum* (tragico); *scriptor veteris comediae* (comediógrafo antigo); *scriptor iamborum* (poeta jambico); *scriptor mimorum* (o autor de *mimos*, *momos*, *arremedilhos*, *entremeses*, ou *farcas*); *scriptor satyrarum* (satirista); *scriptor legum* (legislador).<sup>1</sup>

Ha, contudo, na literatura latina um trecho solitario, de que se teriam valido, se o conhecessem, os apologistas do projecto, e que eu me não receio de lhes offerecer: o de SUERONIO, na biographia do Nero, c. XVII, sobre certos actos desse imperador em materia de testamentos. « *Cautum* », diz elle, « ...ne quis *alieni testamenti scriptor* legatum sibi adscriberet. » A saber: « vedou, a quem escrevesse testamento alheio, nelle receber legado. »

Mas nem nas letras latinaz teve imitadores essa applicação da palavra *scriptor* ao individuo que lançava por escripto o testamento, nem (o que sobretudo é para notar no caso) nem a *technologie* dos juriconsultos romanos a aceitou. O testamento daquello que não

o que está em ditação, tomada esta ultima palavra na accepção de *proced* (V. essa obra, p. 29, 33, 34 e 37, especialmente, á pag. 29, a nota de ROQUETE.)

<sup>1</sup> FREUND: *Gr. Dict. de la Lang. Lat.*, v. III, p. 491. (Ed. de 1883.) FORCELLINI: *Totius Latinitatis Lexicon*, v. V., p. 390.

sabia escrever, em Roma, o testamento do analphabeto, *illiteratus*, requeria, além das sete testemunhas ordinarias, uma oitava: a pessoa que *lacrava o acto*, e que, devendo tambem subscrever-o, recbia deste facto, e não do de haver escripto o instrumento testamentario, o nome legal de *octavus subscriptor*: «*Quod si literas testator ignoret vel subscribere nequeat, OCTAVO SUBSCRIPTORO PRO EO adhibito, eadem servare decernimus.*» (L. 21 Cod. de test., VI, 23.)<sup>1</sup>

Era, pois, com o nome de *testemunha* que a phraseologia *juridica* dos latinos designava a pessoa, cujo punho no escrever do testamento fazia as vezes do testador. Digo «com o nome de *testemunha*», porque desta expressão eram synonymas as de *subscriptores* e *signatores* no concernente á forma dos testamentos.<sup>2</sup> De sorte que a locução *scriptor testamenti*, favorecida unicamente por aquelle trecho suetoniano dos *Doze Cesares*, não encontrou acolhida na linguagem das leis e dos juristas, para a qual o amanuense do testador na feitura do seu testamento era simplesmente o *octavus subscriptor*.

141.—Das legislações modernas tambem não conheço nenhuma, que dê ao individuo encarregado pelo testante de lhe escrever a ultima vontade o nome de *scriptor do testamento*. Os mais dos codigos hoje em vigor previram a hypothese, reconhecendo ao testador essa faculdade. Nenhum, porém, consagrou locução tal. Ver o portuguez, art. 1.920, o hespanhol, art. 736, o italiano, arts. 782 e 784, o allemão, art. 2.238.

142.—O designativo que o dr. CLOVIS preconiza, em summa, não é, pois, nem o do *Corpus Juris*, nem o das *Ordenações*, nem o dos codigos hodiernos. Privado assim do concurso de todas as autoridades capazes de o legitimar, não tem por si, antes contra si tem, como se acaba de ver, esse *uso juridico*, invocado, á sombra de um só jurista portuguez e dois compiladores brasileiros, pelo illustrado professor.

Era mister, portanto, que, ao menos, se pudesse conciliar com o uso commum, com o uso vernaculo. Esse, porém, lhe é, como vimos, desenganadamente hostile. O uso juridico, pois, e o uso vulgar, o uso antigo e o moderno, o uso patrio e o estranho contestam em desfavorecer e refugar essa denominação, avessa ao genio da lingua e ás tradições profissionais.

### § 5º

Arts. 1.112, o 1.114

### RETRACTO, RESGATE

143.—Trata-se da *retrovenda*, *venda a retro*, ou *retrocedição*. Como designar o direito, quo, nesta especie de venda, o vendedor

<sup>1</sup> L. 23, § 1º Cod. col tit. Glück. Comment. all. Pand. Ed. SERAFINI, v. XXVIII, parte prim., §§ 1406 e 1415 a, p. 141, 370-73.

<sup>2</sup> SALMASIO, ap. GLUCK, *ib.*, p. 373.

se reserva, de solver o contracto, restituindo o preço ao comprador. *Resgate*, diz o projecto nesses dois artigos.

*Retracto*, emendou o meu substitutivo, autorizando-se com o cod. civ. port., art. 1.538, e T. DE FREITAS, *Consolid.*, n. 51 ao art. 351.

Era firmar-me, a um tempo, na tradição portugueza e na tradição brasileira. A essas podia sobrepor ainda a do idioma irmão germano do nosso, a do castelhano; visto que é da palavra *retracto* que usa também o cod. civil hespanhol. (Arts. 1.507 a 1.520.)

Suppunha eu que dest'arte me não estribava mal. Creio, porém, que me enganei. O dr. CLOVIS oppõe-me tres civilistas: CORREIA TELLES, COELHO DA ROCHA e DIAS FERREIRA. Naturalmente porque esses tres autores usaram, como o projecto, do vocabulo *resgate*. Pois não ha tal. Dil-o o proprio dr. CLOVIS: nenhum desses tres juriconsultos se utilizou de tal palavra. A de que se elles serviram, é *remissão*.

Mas, nesse caso, se elles é que são as autoridades, e o nome que autorizam, é *remissão*, de *remição* devia usar o projecto CLOVIS. Erro meu. Certo é que esses tres luminares optam pelo termo *remissão*. Mas o meu contradictor não os cita, senão para trocar *remissão* em *resgate*, versão adoptada no projecto, com o fundamento, adduzido pelos seus autores, de que AULETE lhes attestara equivalerem um a outro os dois nomes.

Assim, temos a vantagem inestimavel de variar. Não se diz *retracto*, por não copiar o cod. civ. portuguez, o hespanhol e a *Consolidação* de TEIXEIRA DE FREITAS. Não se fica em *remição*, por não reproduzir CORREIA TELLES, COELHO DA ROCHA e DIAS FERREIRA. Elego-se *resgate* como inteiramente diverso, sobre desusado nas leis e nos expositores. E' no em que essa justificação se resume.

1.17.—Mas, como todas as sciencias, a do direito possui a sua classificação e a sua nomenclatura. Nesta, cada entidade juridica responde a uma designação estabelecida e invariavel. Quem a determina? O uso profissional, convem a saber, a linguagem das leis, da praxe e dos autores, indicada nos textos. Ora não ha textos senão a favor de *retracto* e a favor de *remição*. Logo, força era escolher entre estes dois substantivos. Dahi não havia sair.

Variar da terminologia assim consagrada para a do estylo commum ora inaugurar nestes assumptos um costume de imprevistos e esdruxulos resultados. E' o que me seria facil demonstrar, analysando a tecnologia juridica, pondo-lhe muitos dos termos em confronto com os do vocabulario usual, e substituindo aquelles por estes, se, nesta infanda e ingrata discussão, já me não viesse escasseando tempo, logar e paciencia.

1.18.—*Retracto* é o termo especifico. *Remissão* o *resgate* não offerecem essa vantagem. *Resgatam-se* pessoas, coisas e obrigações. Resgata-se o escravo do captivoiro, o preso do poder do presador,

a vida de quem nol-a tem nas mãos, a obra ou escriptura, furtando-a ao esquecimento e sumisso, o tempo mal gastado, empregando-o utilmenté. Em direito, *resgato* o meu compromisso, *resgato* a minha divida, *resgato* a minha fazenda. *Resgatô* da caução os meus titulos, *resgato* do penhor os fructos do mou plantio, *resgato* da hypotheca a minha casa, *resgato* do sequestro; ou da penhora, os bens executados. A tudo isso cabê o nome de *resgato*. O de *remição* applica-se egualmente onde quer que o de *resgato* possa quadrar. Applica-se a isso tudô, e a mais ainda. *Remir* é resgatar, é livrar, é remediar, é defender. Pode *remir-se* o captivo, *remir-se* a praça conquistada, *remir-se* o combate, *remir-se* a creatura do peccado, da culpa do vexame: Juridicamente, *remimos* a obrigação contrahida, *remimo* a coisa empenhada, *remimo-nos* da aggressão, do serviço militar nos *remimos*, e nos *remimos* dos encargos de sócios numa collectividade. Não só, porém, temos (de *remittir*) *remissão* como synonymo de *quitação*, não temos somente (de *remir*) a *remição* da garantia do penhor, da hypotheca mas ainda, no dizer juridico, temos a *remição* da pena, temos (de *remittir*) a *remissão* dos embargos (Ord. Aff., 3), temos emfim a *remissão* (intervallo) da enfermidade: «E se o que está em continúo furor sem intervallo e *remissão* alguma, fizer seu testamento.» (Ord. IV, 81, § 1.)

Todas essas tres expressões, logo, *remissão*, *remição* e *resgate*, se espraíam, vulgar e juridicamente, por uma synonymia numerosa, ao passo que *retracto* significa *exclusivamente* o acto de se desfazer a transmissão da propriedade nas vendas com pacto de retro. Não haverá ninguem, portanto, que, de boa fé e em bom senso, não alcance a superioridade palpavel deste substantivo aos outros dois e a elles o não prefira.

O *retracto* é um caso de *remição*, um caso de *resgate*. Está para a idéa do *resgate*, ou *remição*, como a parte para com o todo, a unidade para com a pluralidade. *Retracto* é a especie; *remição* e

<sup>1</sup> *Remittir* vem do *remittere* latino; *remir*, do latim *redimere* (*redimere* e não *redimere*, como, provavelmente por erro typographic, se diz no Dictionario de FIGUEIREDO; porque essa troca do e em i converte primeiro verbo noutro de significação diversa). De *remittere* fizeram os romanos *remissio*. De *redimere*, *redemptio*. Ora, do *remissio* vem o nosso *remissão*, com dois ss. No caso pois em que o nosso substantivo abstracto deriva, não de *remittere*, origem de *remissão*, mas de *redimere*, origem de *redemptio*, a este é que corresponde, e com ç se deve escrever, como *redempção*.

Advertir-se que *redempção* e *remição*, especialmente no significado em que aqui se encara, de *retracto*, isto é, desfazimento da venda e volta do objecto vendido ao dominio do vendedor; além de vernacula e juridicamente, são etymologicamente a mesma coisa. *Redimo*, *is*, *redemptum*, *redimere* (donde *redemptio*) vem de *emo*, *is*, *emptum*, *emere*, comprar, com o prefixo *re*. Equivale, pois, a *re-comprar*. Dahi fizeram os latinos *redemptio* (isto é, *re-emptio*, *re-compra*), synonymo, diz FORCELLINI (v. V, p. 118), de *conductio* (*compra*, *arrendamento*), que por sua vez, se define *redemptio ad tempus*. (FORCELLINI, v. II, p. 369.) Temos, pois, esta linhagem: *emere*, *redimere*, *redemptio*, *redempção*, (*re-compra*), *redempção*, (intercaldado o *d* por euphonia, contra o hiato), *redemição* (immediata resultante de *redimere*), *remição*.

*resgate*, o genero. No significado, natural ou tecnico, de *resgate* ou *remição* está incluída a noção de *retracto*, como no de *alienação a de venda*, no de *empréstimo a de commodato*, no de *penhor a de antichrese*, no de *transferencia a de cessão*, no de *aluguel a de arrendamento*, no de *locação de serviços a de empreitada*, no de *testamento a de codicillo*. Mas não ha uma legislação, que não destaque do genero, em cada um desses casos, a especie distincta, individuando-a sob o seu nome peculiar.

Porque não proceder, na hypothese vertente, do mesmo modo? Porque dizer indistinctamente *remição* o *resgate*, vocabulos applicaveis a tantos outros factos juridicos diversos, se o nome especifico de *retracto* nos habilita a frisar precisamente a individualidade unica do caso, a *retracção*, isto é, a restituição, o regresso, o retorno da coisa vendida ás mãos do vendedor?

Depois nem *remição*, nem *resgate* espelham fielmente a idéa contida em *retracto*. *Retracto*, do latim *retractus, us, (actus retrahendi)* é o substantivo verbal de *retrahere*, significando, *retrahir, retirar; restituir, repor*, isto é, *desfazer o que se fizera*. E' o que se dá na *retrovenda*, onde o *retracto*, desmanchando a venda, torna ao vendedor a coisa e ao comprador o preço. Ora nem *resgate*, nem *remição* traduzem precisamente esse duplo facto do contracto, que se fez, e se desfaz.

**4.19.** — Descoberta, cunhada, vulgarizada a expressão peculiar de uma idéa, não é facil atinar-lhe ou inventar-lhe succedaneo capaz. Por isso os mestres da arte da palavra entre os gregos, como DEMOSTHENES, costumavam repetir-se amiude a si mesmos, no pre-supposto de que *uma coisa se poderá dizer bem uma vez, não duas*: τὸ καλῶς εἰπεῖν ἀπὸ πλεονεξίας ἀποφεύγεταί, εἰς δὲ οὐκ ἐνδέχεται.<sup>1</sup>

Este principio de fina observação tem dobrado valor na rodacção das leis. Dahi o conselho, que nos dava BENTHAM, quanto á linguagem legislativa, de não usarmos «jamais senão um só e mesmo vocabulo, para exprimir uma e a mesma idéa». Dahi ainda, entre as regras praticas sobre o estylo das leis, a fórmula, que nos dá ROUSSET na sua vasta monographia<sup>2</sup>, de «evitar o emprego das mesmas palavras em accepções differentes».

Fixando-nos em *retracto*, observamos rigorosamente esse proceito salutar; porque elegemos um termo de um só sentido e uma applicação só, um termo estrictamente univoco, e absolutamente inconfundivel.

<sup>1</sup> AELIUS THEON: *Rhetores Graeci*, II, 62. Ed. Spengel.

<sup>2</sup> De la lettre des lois ou de la codification et de la rédaction rationnelle, des lois. *Rev. Crit. de Leg.*, 1857, t. X, p. 340.

No momento em que chego a este ponto (setembro de 1903) estão publicadas apenas as duas primeiras partes da critica do illustre juriconsulto, que a *Revista de Legislação* vai estampando aos fragmentos, de mez em mez.

Não me é dado, portanto, continuar a segui-lo, o que aliás as dimensões já excessivas desta replica bem difficil me tornariam.

#### SECÇÃO IV

#### A « Lição de português » do sr. José Verissimo

#### § 1º

#### Galicismos

« Sendo a nota lingua de bom metal lhe mesclaram tanta liga, que perde muito de seus quilates. »

Lobo: *Corte na Aldeia*. Dial. 9.

« Mas quẽ houver de julgar estas linguagẽes : á de saber dambas tanto, que entenda os defeitos e perfeição de cada hũa. »

JOÃO DE BARROS: *Dial. em louv. de nossa linguag.*, p. 213.

« Raro será o mestre, antigo ou moderno, que não tenha perpetrado galicismo. »

C. DE FIGUEIREDO: *Lições*, I, p. VIII.

131.— Da critica inspirada ao sr. J. VERISSIMO pelo meu primeiro trabalho sobre a redacção do projecto do coligo civil terá esse illustre escriptor encontrado resposta na que oppuz á analyse do professor CARNEIRO, com a qual a apreciação daquelle meu oppugnador coincide, em quasi todos os topicos onde baixou da synthese a particularidades. Mas ha dois, a cujo respeito as suas reflexões me induzem a replica especial e cuidadosa. O primeiro é a quostão dos gallicismos na lingua portuguesa.

132.— « Nos classicos », diz elle, « ha para todas as opiniões, esta é a verdade. O que foi hontem purismo, é hoje galicismo, e vice-versa. Vejam-se os roes de FR. FRANCISCO DE S. LUIZ e do FRANCISCO JOSÉ FREIRE. O padre VIEIRA usava *maladia, contagaão, guarcer e successo* (*Sermão* citado) no sentido de bom exito, condemnado pelos puristas; GARRET, que é talvez o mais elegante escriptor vernaculo portuguez, não hesita em usar *desapontamento, esquissa, breve*, resumindo uma enumeração, á francesa, *deboche, preferir antes, tractos*, no sentido de *rasgos* (« tractos moraes históricos »); CAMILLO escreve *explosir*<sup>1</sup>, seguindo a etymologia

<sup>1</sup> A precisão natural de um verbo correspondente ao substantivo verbal *explosão* tem suggerido aos nossos escriptores e philologos de aquem e de além mar tres soluções diversas: *explosir, expluir, explosir*.

1.) *Explosir*. Tem por si C. CASTELLO BRANCO: *Narcoticos*, I, p. 162.

## § 6.

Art. 745 e 1.429

## DIREITO DE ACCRESCER

450.— Pouco direi deste ponto, esgotado nas minhas notas a esses dois artigos. Ampliar a expressão *direito de accrescer*, nativa ás instituições successorias, a relações jurídicas diferentes, como as do usufructo e as da constituição da renda, é insinuar desnecessariamente no vocabulario do direito um elemento de confusão, uma origem de ambiguidades. Conviria que, na technica das leis, a cada noção tocasse unica e exclusivamente uma locução especial. Não sendo isso até agora possível, respeitemos ao menos as especialidades, que o uso mais geral tem discriminado.

Caem aqui outra vez a ponto as minhas reflexões desenvolvidas no capitulo anterior, a proposito da synonymia entre *resgate* e *retracto*. Aqui, semelhantemente, é innegavel a analogia dos casos contemplados nos art. 745 e 1.429 com o que ocorre nas relações entre colegatarios e coherdeiros. Mas nem por isso ha vantagem alguma em estender a todas essas especies a expressão *ordinariamente applicada*, até aqui, a uma só, convertendo assim um designativo *especifico* em denominação *geral*. «Essencial é», dizia MONTESQUIEU<sup>1</sup>, «que as palavras das leis despertem as mesmas idéas em todos os homens.» Eis o que se dará na hypothese, emquanto a expressão *direito de accrescer* esteja circumscripta ao dominio das relações que a successão estabelece entre legatarios e herdeiros.

Mostrei que assim era no direito romano. Provei que assim continuou a ser nas mais das legislações modernas até ao codigo allemão. Esta só autoridade bastaria, se lhe conviesse, a um germanista como o dr. CLOVIS, para offuscar e emudocer todas as demais. Como, porém, a occasião lhe deparou, em beneficio do seu alvitre, os exemplos da vizinhança que se encontram nos codigos chileno, argentino e uruguayo, está contente. Essa é, a seu parecer a «boa fonte», posto se lhe contraponha a dos grandes mestres romanos e a de todos os codigos europeus, entre os quaes não lhe foi dado obter padrinho.

Croio que i-so baste a quem entre elle e mim<sup>2</sup> houver de pronunciar.

<sup>1</sup> *L'Esprit des lois*, l. XXVIII, c. 16.

<sup>2</sup> C. DE FIGUEIREDO, *Lic. Prat.*, v. II, p. 63, é de aviso contrario a esta forma. Pego venia, porém, ao mestre para lhe notar que VIEIRA *Sermões*, v. II, p. 66, disse: «Como a comparação não é mais que *entre meu Paz e mim*, cuidem embora.» E VIEIRA poderia allegar FERNÃO LOPES, que escrevera: «Não queria que el-rei de Inglaterra cuidasse que eu lhe falleci ou quero fallecer no que *entre elle e mim* é posto.» (*Chron. de el-rei D. Fern.*, c. 162.)

Que se não admitte o *entre elle e eu* (como o *entre eu e elle*), é sem duvida. Mas de *entre mim e elle* a *entre elle e mim* não vejo onde a vernaculidade padeça quebra, supposto assim não pensem grammaticos de nomeada. E ainda bem que não opino sem dar autor, como diria o citado VIEIRA. (*Cartas*, v. III, p. 32.)

popular, que linguistas reconhecem legitima, e, com o mesmo criterio, *intemerato* no sentido de *destemido*, e emprega a forma *vir de*, sem ser para exprimir um facto material: « eu vinha de perder minha mãe », diz elle algures. E com estas divergencias dos melhores escriptores de nossa lingua se escreveria um livro.»<sup>1</sup>

São os factos, ligeiramente apontados, em que o autor attribua as suas conclusões. Antes de chegar a estas, examinemos todos aquelles attentamente, procedendo ás verificações e rectificações, que demandam.

133.—Não sei onde se encontraria, nas obras de VIEIRA, o vocabulo *successo*, com a intenção de *bom exito*, bom successo, bom succedimento. Diz entre parenthese o sr. J. VERISSIMO que no «sermão citado»; mas, como alli nos não cita, antes, ou depois, sermão algum, receio, não infidelidade voluntaria (sei que seria incapaz de a commetter), mas erro de apreciação na passagem, a que allude, e não indica.

No meu longo tracto com os livros do eximio escriptor portuguez, não me lembro que se me houvesse deparado jamais esse termo senão meramente na accepção de *acontecimento*, *facto*, *occorrença*, *accidente*, *acaso*. Não lhe attribuindo outra significação, ora o adjectiva com o epitheto de *bom*, *feliz*, *venturoso*, *ditoso*, *prospero*, ora com o de *adverso*, ou *mau*. Exemplos: «O *bom successo* de uma emboscada.» (*Cart.*, v. III, p. 18.) «Vessa excellencia, por cujo *feliz successo* se offereciam os sacrificios e orações.» (*Ib.*, p. 23.) «Na brevidade e *bom successo* deste negocio.» (*Ib.*, v. IV, p. 129.) «Os *successos ditosos* da guerra.» (*Obr. Inedit.*, v. II, p. 112.) «Depois dos *successos venturosos*.» (*Ib.*, p. 180.) «De Deus vêm todos

p. 369; *Maria da Fonte*, p. 368; *Marquez de Pombal*, 293. Mas não tem analogia vernacula, nem latina, ou novilatina. Assim que o tenho por indefensavel.

2.) *Expluir*. Conta, esse tambem, com o suffragio de CAMILLO, na *Brasil. de Prazins*, p. 124, no *General Carlos Ribeiro*, p. 28, no *Othelo*, p. 7, e, além desse, com o do sr. VASCONCELLOZ, na sua *Grammatica*, p. 199, onde enjeita como barbarismo o *explosir*. Mas, a meu ver, ainda mais o é est'outro. *Expluir* não vae com o radical de *explosão*, e, como aquelle, não tem affinidades no portuguez, no latim, ou nos idiomas neolatinos. Não ha em latim *expluire*, nem *expluere*. *Pluere*, sim; mas *pluere* é *chover*, *caer* como *chuva*, *distillar*, *gotejar*, o que tudo nenhuma relação tem com a idéa de *explosão*.

3.) *Explodir*. Neste, que tem o voto do sr. C. DE FIGUEIREDO (*Liq. Prat.* v. I, p. 51, 293; v. II, p. 275), é que me parece estar a forma portuguesa. *Explosão* responde ao latim *explosio*, e este, em latim, é o verbal de *explodere*. Ora a adaptação portuguesa de *explodere* é *explodir*. Assim nos cingimos á indicação do radical, opposta ao *expluir*, á derivação latina, contraria ao *explosir*, e á analogia do unico idioma irmão, onde ha verbo correspondente, o italiano, que naturalizou literalmente o *explodere* latino.

Os franceses continuam a dizer *faire explosion*. (HATZFELD e DARMS-TETER: *Dict. Génér.*, v. I, p. 1007.) O *explosir*, pois, nem portuguez, nem francês seria.

<sup>1</sup> «Uma lição de portuguez.» No *Correio da Manhã*, 4 de ag. de 1902.

os *successos prosperos.*» (*Ibid.*) « Em todos os *successos prosperos* ou *adversos*, e muito mais nos *prosperos*, que são os mais *falsos* e *inconstantes.*» (*Serm.*, v. XI, p. 43.) « A nossa insensibilidade com nenhum *mau successo* se entristece. » (*Cart.*, v. IV, p. 79.)

Uma ou outra vez, não se attentando como cumpre, nos daria ares a phrase de significar naquella palavra a noção de boa fortuna. No topico seguinte, por exemplo: « Não só lhe commetteu a empreza, mas seguiu a todos o *successo della.* » (*Serm.*, v. V, p. 8.) *Bom exito* é o que, ao primeiro aspecto, se diria expressar alli o termo *successo*. Mas do contrario nos convenceremos, substituindo, na oração, esse nome pelo de *exitu*, ou *resultado*. O pregador poderia ter dito: « Não só lhe commetteu a empreza, mas seguiu a todos o *resultado della* » ou: « Não só lhe commetteu a empreza, mas seguiu a todos o *exitu della.* » O mesmo nestes topicos: « O signal, com que o Senhor o assegurou do *successo della.* » (*Serm.*, v. VI, p. 21.) « Deus lhe dê na paz e na guerra os *successos* que o reino ha mister. » (*Cart.*, v. II, p. 14.)<sup>1</sup>

E' o mesmo que se dá nestas passagens de JACINTO FREIRE: « A temeridade do general desculparam então o brio e a mocidade, e depois o *successo.* » (*D. João de Castro*, I, 61.) « Estive duvidoso o *successo.* » (*Id.*, 63.) « Fizeram coisas maravilhosas, mais faceis de ajuizar pelo *successo*, do que pela escriptura. » (*Id.*, II, 68.) « Com um espirito presago do triunfo antevisto, ou da esperanza do *successo*, ou da grandeza do animo. » (*Id.*, 182.) Em qualquer desses topicos se poderia enxergar, á primacia face, no vocabulo *successo* a intenção de *bom exitu*. Considere-se, porém, attentamente, e se verá que poderíamos substitui-la, sem alteração do sentido, simplesmente por *exitu*, *désenlace*, ou *resultado*.

A contraprova disso, têmol-a neste concludente excerpto: « O *successo* foi que, tendo sitiado a fortaleza, veio sobre os portuguezes tal peste, que, mortos muitos, perderam a facção, a honra e a vida. » (*Serm.*, v. XIII, p. 222.) Aqui o caso, com ser infausto, funesto, calamitoso, se designa pelo vocabulo *successo*, empregado sem qualificativo algum. Ninguém dahi, contudo, inferirá que aquelle nome exprima o *mau exitu*, os factos desastrosos. Assim se está a ver que o termo *successo*, empregado sem adjectivação, deixa o qualificativo de bom, ou mau, ao espirito do leitor, ou do ouvinte, segundo o contexto do periodo, ou da sentença. Do mesmo modo como, numa hypothese não traduz o *successo inditoso*, não indica o *ditoso* na outra. E' como se dissessemos, unicamente o *resultado*, o *facto*, o *caso*, o *desfecho*, deixando a qualificação do seu character ao das circumstancias, a que se allude na phrase. E' provavelmente um desses passos o que terá induzido em engano o douto censor.

<sup>1</sup> Exemplos analogos, nos *Annaes de D. João III*, por FR. LUIZ DE SOUSA, p. 116, 151, 237, 249, 253.

DUARTE NUNES, na *Chron. del-Rey D. João I* (c. 79, v. I, p. 377) nos offerece outro lance comprobativo desta conclusão. « Os portuguezes », diz elle, « que com o infante vinham, trabalhavam por que elle esperasse ao condestavel, e viessem ás mãos, mas os castelhanos foram de contrario parecer, porque lhes lembrava o successo da recente batalha de Algibarrota. » O successo, de que se os castelhanos lembravam, fôra, para elles, um *revez*, um desbarato; e, não obstante, de successo o trata, sem qualificativo algum, a pennã magistral do chronista. Assim em SOUSA, *Annaes*, p. 85: « O successo que tiveram, foi perder-se em Mascate a (nau) de Duarte de Atayde com um temporal. »

Desta maneira de considerar esse vocabulo nunca se desviaram, que me conste, escriptores classicos. « Bons successos da fortuna », « successos prosperos » são locuções de AMADOR ARRAIZ. (*Dial.*, p. 55.) Em SOUSA encontramos ora *bons successos* (*Annaes*, p. 78, 101, 281, 289), ora *successos desastrados* e *successos avessos* (p. 99), *successos contrarios* (p. 257), *successos desfavoraveis* (p. 177), *successos pesados* e *de muito desgosto*. (P. 319.) Fôra d'ahi, exprime simplesmente o acontecimento, ou os acontecimentos, já favoraveis, ou desfavoraveis, segundo o teor da narrativa, já desqualificados e indifferentes. (P. 2, 108, 119, 129, 245, 263, 267.)

A tradição classica, neste particular, é, portanto, continua e firme. Não ministra subsidios ao uso, que C. DE FIGUEIREDO tachou de *inutilissimo, pelulante e inadmissivel*.<sup>1</sup> Apenas será de lamentar que um escriptor como JULIO RIBEIRO o favoreça com a negligencia de um exemplo<sup>2</sup>, contrariado aliás por outros.<sup>3</sup>

1254. — Se VIEIRA usa de *contagiação*, é que esta palayra não é menos nossa que dos francezes. Para um e outro idioma permanou ella do latim *contagio, contagionis*. BLUTEAU... Com licença do sr. JOSÉ VERISSIMO: não hei-de citar os vocabularios modernos para demonstrar a antiguidade vernacula dos termos falsamente postos de modernos e adventicios... BLUTEAU já regista esse vocabulo, invocando LEMMOS, *Cerco de Malaca*, p. 40: « Inficionados da *contagiação* do ar corrupto. » Podja citar autores mais eminentes, como FR. LUIZ DE SOUSA, onde frequentemente occorre esta palavra: « Foi *contagiação* do ar. » (*Annaes*, p. 59.) « Escapar de se lhe communicar a *contagiação* na villa. » (*Ib.*, p. 60.) « Com pestilencial *contagiação* tem inficionada e enferma grande parte da christandade. » (*V. do Arceb.*, l. II, c. 15.) « Andando já a mesma *contagiação* mui acesa em Fêz. » (*Hist. de S. Doming.*, parte I, l. VI, c. 31.) « E como mal de *contagiação* oram goraes em todos os logares. » (*Ib.*, l. IV., c. II.)

<sup>1</sup> *Lições Prat.* v. I, p. 45, 146, 265.

<sup>2</sup> *A Carne*, p. 110.

<sup>3</sup> P. 144: « o successo pavoroso »; « um successo tragico ».

Mas seculos antes de FR. LUIZ DE SOUSA e VIEIRA, o rei D. DUARTE que começou a reinar em 1433, já usava desse vocabulo: «Grande bêm he mandar alguns curar fora dellas» (cidadês e villas), «e assy os enterrar quando della» (da peste, *pestellença*), «morrerem, fechando as casas por XV ou XX dias, ca veemos cortâr ou queymar hun membro mal desposto, por nom se perder per sa *contagiom*.» *Leal Conselh.*, p. 307.)

Foi dessas origens, puramente nossas e derivantes do latim, que a tomou CASTILHO, para escrever:

«Evita a *contagião*, que ás mais vem já visinha»<sup>1</sup>, e C. CASTELLO BRANCO, num de cujos romances<sup>2</sup> se diz: «Outras macas levavam os mortos de *contagião* aos valados dos cemitorios.»

**1833.**— *Maladia*, de que VIEIRA fez uso, tambem não é gallicismo. Deriva do baixo latim *malatus* e do italiano *malato*. Desse nome se utilizou o nosso grande epistolographo nas suas cartas (v. IV, p. 25): «Tornei a recair da minha *maladia*.» Escrevia elle assim, em fevereiro de 1674, de Roma, onde estava desde, 1669.<sup>3</sup> E os italianos, além do adjectivo ha pouco designado, possuem o substantivo *malattia*, palavra que existia, outrosim, tal qual, com um *t* de menos, no antigo hespanhol.

Esse recurso a expressões da linguagem do paiz onde estava, em tom de bom humor, chança, ou ironia, se nota por vezes na correspondencia de VIEIRA. Haja vista, nesse mesmo tomo (p. 171), a carta 85ª, onde escrevia ao marquez de Niza: «Até domingo se espera que se firme a paz, e, excluida a França uma vez della, será coisa mui necessaria á utilidade e autoridade que esses *monsieurs* sejam tambem requerentes.» E VIEIRA não sublinhava. O grpho é meu.

Nos modernos dictionarios de FREUND, LITTRÉ, QUICHERAT e DAVELUY, HATZFELD e DARMSTETER não figura o latim *malatus*. DARMSTETER, HATZFELD e WHITNEY vão buscar a derivação do francês *maladie* e do inglês *malady* no latim popular *male habitus*, *malabitus*, ao passo que LITTRÉ a prende ao castelhano *malatia* e ao italiano *malattia*. Mas BLUTEAU nos depara documento da existencia latina de *malatus*, raiz commum ao francês *malade*, o italiano *ammalato* ou *malato* e o *malato* português. «*Malato*», diz elle, «deriva-se de *malatus*, que se acha nas glossas antigas. SALMASIO, na pag. 1.122, sobre SOLINO diz: «*Malatus, qui male se habet, quem Maladum vocamus, Glossæ Malatus.*» De *malatus* fizeram os italianos *ammalato*, e os francezes *malade*; em uma e outra lingua querem dizer *doente*. O nosso *malato* não é propriamente *doente*, mas indis-

<sup>1</sup> *Georgicas*, p. 205.

<sup>2</sup> *Coisas Espantosas*, p. 5.

<sup>3</sup> PADRE ANDRÉ DE BARROS: *Vida do Padre Antonio Vieira*, ed. de 1858, p. 224 e segs.

posto, e com alguma alteração na saúde. V. Ando malato. *Leviter agrotat.* Cic.» (*Vocab.*, v. V, p. 264.) E FORCELLINI, o mais completo de todos os dicionaristas latinos, o confirma no seu *Lexicon de Toda a Latindade* (vol. LV, p. 25), dizendo: «MALATUS legitur in *Gloss. Lat. Vulcanius* a notat: Galli malado, flandri melacets pro leproso accipiunt.» E' sem duvida, portanto; que na baixa latindade cursava a palavra *malatus*.

Dahi naturalmente o portuguez *malato*, registado por BLUTEAU, e por derivação delle a *malatia*, encontrada em VIEIRA.

D. FRANCISCO MANUEL (*Obras, Camfonha de Euterpe*, p. 116, col. 2) serviu-se do vocabulo *malato*:

«Sabereis como Dom Carlos

De gastar bom humor sempre

Diz que se acha hoje *malato*.»

Se *malato*, porém, era portuguez do velho, e tirava a sua ascendencia do latim *malatus*; se, por outro lado, antes dos francezes terem *maladie*, tinham os italianos e hespanhoes *malatia*, o *maladia* de VIEIRA, primeiro que se ligasse ao francez, teria que entroncar no hespanhol, no italiano e no latim. As circumstancias, a de mais, historicamente nos mostram, com a propria data da carta de VIEIRA, que elle adoptara o nome de *maladia* na capital da Italia; de onde, sem fallar de ligeiro, se poderá concluir que o tomou directamente ao idioma dos italianos.

186. — Tão pouco incorreu em francesia o nosso VIEIRA, servindo-se do verbo *guarecer*: «Os nossos miêlhores autores da lingua portuguesa», diz FR. DOMINGOS VIEIRA, «usaram deste vocabulo no sentido de convalecer, cobrar saude, sarar, avultar; taes foram JOÃO DE BARROS, FR. LUIZ DE SOUSA, FERNÃO LOPES e outros.»

Já no tempo de GIL VICENTE, ha quatrocentos annos, era expressão popular:

«Se chegando a esta pousada,

Se *guarece*.»

(*Obr.*, v. I, p. 186.)

«E tu vieste a teu prazer,

Cuidando cá *guarecer*.»

(*Id.*, p. 216.)

«E só da coróa, tambem crede vós.

Que não *guarecera*.»

(*Id.*, p. 350.)

«Bem ha aqui que *guarecer*.»

(V. III, p. 317.)

As *Ordenações Affonsinas*, que são de 1446, anteriores, portanto, aos autos do nesso *Plauto*, já se utilizavam da mesma palavra:

« Som' ricos d'herdamentos e possessões de guisa, que podem bem *guarecer*. » (L. II, fl. 180.)

Ainda antes dellas, porém, já o empregava D. DUARTE no *Leal Conselheiro*: « Da maneira que fui doente do humor menenconico e del *guareci*. » (P. 114.)

Mais longe ainda, nas velhas trovas portuguezas, era commum, com o *quarir*, o *guarecer*. (*Cancioneiro da Vaticana*, p. 234.)

Era evidentemente, pois, de uma antiga palavra nacional que se valia FR. LUIZ DE SOUSA, quando escreveu: « E tomando aquelle bafô *guareceria* logo. » (*Histor. de S. Doming.*, parte I, p. 118. Ap. BLUT.)

Antes delle dissera BRITO, na *Monarch. Lusitana* (tom. I, 371, ap. BLUT.): « *Guarecer* das feridas. » « No tempo que os moradores de Hespanha se iam *guarecer* a França. » (*Ib.*, p. 76. *Ibidem.*)

Ainda antes, JOÃO DE BARROS (*Dec.* IV, p. 103. Ap. BLUT.): « Feridos que logo *guareceram*. » BLUTEAU, emfim, muito depois: « Entre nós *guarecer* é convalescer, cobrar saúde, sarar. » (*Voc.*, v. IV, p. 140.)

Bem verdade é que DUARTE NUNES (*Orig. da Ling. Port.*, c. 11) o enumera entre os vocabulos, que os portuguezes tomaram dos francezes; e esse é tambem o sentir de BLUTEAU. (*Voc.* IV, p. 145.)

Mas onde se poderia fazer fundamento para esta illação, ante o depoimento do italiano e do hespanhol? O antigo castelhano teve *quarir*, fórma que nós tambem adoptámos. (MORAES, VIEIRA.)

O italiano tinha e tem *guarire*: « Se non sarai a letto non *guarirai*. Di certi mali non si *guarisce* mai. » Ora não é mais natural saisse directamente o nosso *quarir*, ainda consignado nos lexicons actuaes, do italiano *guarire* e do castelhano *quarir*. formas idénticas á portuguesa, que do francês *guérir*, cuja differença em relação a ella avulta pela diversidade da vogal na syllaba dominante? Esta minha opinião é a de LITTRÉ, que, registando o provençal *quarir* e o italiano *guarire*, os dá, não como resultantes, mas como origens do francês *guérir*, pondo a fonte mais remota de todas essas derivações novi-latinas no godo *uarjan* e no germanico *wehren*, cujo significado é o mesmo. Essa é tambem a descendencia que FIGUEIREDO attribue ao verbo *quarir*.

Ora, dado o verbo *quarir*, temos nelle a procedencia de *guarecer*. *Guarecer*, entrar em via de cura, convalescer, será o inchoativo do *quarir*, curar, como *adormecer* o é de *dormir*.

Em toda esta genesis, pois, assim de *quarir*, como de *guarecer*, não ha motivo, que demonstre ou reclame a cooperação franceza.

457.—No caso de *guarecer*, de *contagido*, de *maladia*, as semelhanças entre o portuguez e o francês induziram o critico brasileiro a concluir pelo francesismo de vocabulos nossos, que só se ligam aos seus analogos de França collateralmente por filiação a origens communs. São exemplos de uma paronomásia, que a cada passo encontraremos, discorrendo os bons escriptos antigos e mo-

dermos. Não raro supponmos topar numa francezã descabellada o impudente, onde o que ha, na realidade, é uma excellente locução vernacula, vernaculissimamente empregada. Isso, não só com o vocabulario, senão tambem com o phrasear.

Pegue-se das obras de GIL VICENTE, por exemplo. Lá está : *fazer fazer*. (V. I., p. 152 ; III, 177).<sup>1</sup> Em francês, *faire faire*. Lá está : «*Hi ha de homens ruins.* » (I, 159.) Francês : «*Il y a des hommes...*» Lá : «*Queres tu do pão?*» (I, 137. E outras semelhantes, p. 178, 182, 258, 263, 317, 347; II, 425; III, 228, 269, 367.) Francês : «*Veux tu du pain?*» Lá : «*Tanto de sangue.*» (V. I, 341.) Franc. : «*Tant de...*» Lá, ainda : «*Fazei-mo esmola.*» (II, 436.) Franc. : «*Faire l'aumône.*» Lá : «*E's contente.*» (II, 430.) Fr. : «*Tu es content.*» «*Sem pessoa*» (ninguem) «*perguntar.*» (II, 448.) Franc. : «*Sans que personne...*» Lá : «*E bem.*» (II, 509.) «*Passae-vos.*» (I, 193.) Franc. : «*Promenez-vous.*»<sup>2</sup>

Quanto a vocabulos: *Jeitar* (II, 31, 160 ; III, 154), fr. *jeter*. *Multitude* (III, 328), fr. *multitude*. *Ceguidade* (II, 354), fr. *cécité*. *Nelta* (I, 349), fr. *net, nette*. *Messengeria* (II, 399), fr. *messengerie*. *Grandura* (I, 154), fr. *grandeur*. *Marchante* (negociante, I, 173), fr. *marchand*. *Hu*, onde (I, 113), fr. *où*. *Avantage*, fr. *avantage*. (II, 135.)

Tomem-se as *Chronicas* de FERNÃO LOPES, do onde, para facilitar a verificação a tola a gente, citarei pela edição popular de LUCIANO CORDEIRO. (*Bibliotheca dos Classicos Portugueses.*)<sup>3</sup> Alli temos:

*Letra*, por carta. (Fr. *lettre*.) *D. Ped.*, p. 22, 115.

*Toste*, cedo, depressa. (Fr. *tôt*. It. *tosto*.) *D. Ped.*, p. 25, 36. *D. João*, t. III, p. 121 ; tom. IV, p. 64.

*Hu* (ou), onde. *D. Pedro*, 30, 32.

*Fazer erros* (*faire des erreurs*). *D. Ped.*, 31.

*Arder de* («*Ardia de fazer.*» *Arder* por. Fr. *brûler de*.) *D. Ped.*, p. 34.

*Car* (fr. *car*, porque). *D. Ped.*, 35, 42, 44.

*Assaz de* (*assez de*). *D. Ped.*, 58, 122. *D. Fernando*, tom. I, 26. *D. João I*, tom. I, 153, 175.

*Attender*, por *esperar*. (Fr. *attendre*.) *D. Ped.* 124, 147. *D. Fern.*, I, 21, 59, 110. *D. Fern.*, II, 56, 59, 79. *D. João*, I, 158 ; II, 22, 143 ; III, 45 ; IV, 39, 110, 111, 138, 179 ; V, 157.<sup>4</sup>

<sup>1</sup> CAMÕES : *Lusíad.*, III, 63, VIII, 93.

<sup>2</sup> Da reiteração do pronome pessoal, ordinariamente indigitada como francesismo, aqui temos característico exemplo :

« *Elle* quebra as cerejeiras,

*Elle* vendima as parreiras,

E não sei que faz das uvas.

*Elle* não vae a lãvrada,

*Elle* todo o dia come,

*Elle* toda a noute dorme,

*Elle* não faz nunca nada. » ( I, p. 171. )

<sup>3</sup> Nestas citações o algarismo romano indica o tomo, e o arabico a pagina.

<sup>4</sup> D. DUARTE: *Real Conselheiro*, p. 139, 310.

*Grande manhã* (fr. *grand matin*). *D. Ped.*, 76, 141.  
*D. Fern.*, I, 73. *D. João*, I, 64; II, 74.<sup>1</sup>

*Fazer fazer* (fr. *faire faire*). *D. Ped.*, 94, 101.  
*D. Fern.*, I, 62; II, 18. *D. João*, I, 103, 110, 150; IV, 84; VII, 48.<sup>2</sup>

*Ser tido de, ser obrigado a* (fr. *être tenu de*).  
*D. Ped.* 97, 170. *D. Fern.* 10, 33, 46, 88, 155, 159, 166;  
II, 9, 25, 74, 94, 109, 172. *D. João*, I, 164, 191. (E dahi em deante, *passim*.)

*Gajas* (soldada, salario; fr. *gages*). *D. Fern.*, 43, 44, 76, 78, 79. *D. João*, III, 33, 75. (Ainda em FILINTO ELYSIO se encontra o vocabulo *gages*. *Obr.*, v. III, p. 44.)

*Sage* (prudente, sisudo; fr. *sage*). *D. Fern.*, II, 70.  
*D. João*, I, 82; V, 140.

*Sagesa* (sisudez, juizo, prudencia; fr. *sagesse*).  
*D. Fern.*, I, 152. *D. João*, V, 108.

*Du* (dónde; fr. *d'où*). *D. João*, I, 133.

*Avantage* (fr. *avantage*). *D. João*, II, 6, 57; III, 15.  
(Ainda FILINTO ELYSIO usou de *avantage*. *Obr.*, v. XI, p. 137.)

*Fazer perda* (por *soffrer perda*; fr. *faire perte*).  
*D. João*, VII, 8.

*Fazer mau fim* (ter mau fim; fr. *faire une mauvaise fin*). *D. João*, III, 153.

*Fazer prazer* (dar prazer; fr. *faire plaisir*). *D. João*, IV, 153; V, 47.

*Bom mercado* (fr. *bon marché*). *D. João*, III, 197;  
IV, 163.

*Assaz bem* (fr. *assez bien*). *D. João*, V, 79.

*Damnós e interesses* (fr. *dommâges et intérêts*).  
*D. João*, VII, 81.

Essas expressões, da mais antiga, segura e autorizada vernaculidade, mas de physionomia tirante ao francês, passariam por despejados gallicismos, aos olhos de quem não tivesse muita lição dos nossos bons molelos.

**1818.**—Outro longinquo monumento da nossa boa linguagem é o *Leal Conselheiro* d'el-rei D. DUARTE, o mais precioso de quanto, pelo que respeita á nossa lingua, nos resta do seculo quinze. Mottei-o nas mãos de um noviço em estudos classicos, e cuidará estar lendo uma

<sup>1</sup> « Alta manhã » *D. João*, II, 179. « Grande madrugada. » *D. João*, II, 100. « Bem manhã » *D. João*, II, 112. « Grande noite. » *D. João*, II, 36. « Grande serião. » *D. João*, II, 91.

<sup>2</sup> A, mesma locução, não só nos *Lus.* VIII, 98, já citados, ma sem VIEIRA, *Serm*, v. I, 293, e em JORGE FERREIRA, *Eufrosina*, a. II, sc. 6, p. 143.

versão incorrecta do francês, quando topar em vocabulos e phrases como *remercear* (fr. *remercier*)<sup>1</sup>, *mais, mes* (mas, fr. *mais*)<sup>2</sup>, *davangagem* (fr. *d'avantage*)<sup>3</sup>, *sages* (fr. *sage*)<sup>4</sup>, *a grande pena* (fr. *à grand peine*)<sup>5</sup>, *guardar se de* (fr. *se garder de*)<sup>6</sup>, *reguardar* (fr. *regarder*)<sup>7</sup>, *contenença* (fr. *contenance*)<sup>8</sup>, *tressayr* (fr. *tressaillir*).<sup>9</sup>

Ainda um paradeiro notavel de formas semelhantes é a *Chronica de D. Manuel*, por DAMIÃO DE GÓES, ondê encontramos frequentemente vocabulos e locuções como estas: *sujeitos* (fr. *sujets*), na acceção de subditos (fol. 93); *cachados* (fr. *cachés*), na significação de occultos, encubertos (fl. 96); *a condição que* (fr. *à condition que*), sob a condição que, ou de que (fl. 257 v.)<sup>10</sup>; *polonios* (fr. *polonais*), polacos (fl. 260), adjectivação analogá á do CAMÕES<sup>11</sup>, e tão differentes ambas da moderna.

Sousa, na *Vida do Arcebispo*, autoriza (tão sómente no primeiro tomo, ed. de 1890): *potagem*, fr. *potage* (p. 143); *fazer proveitos*, fr. *faire des profits* (p. 155); *sujeito* (por assumpto), fr. *sujet* (p. 244); *demandas* (em vez de perguntas), fr. *demande* (p. 264); *ver dos olhos* (ver com os olhos), fr. *voir de ses yeux* (p. 272); *fazer faltas* (commetter faltas), fr. *faire des fautes*. (P. 289.)

Quem não supporia ver o francês *visage* em *visagem*, usado por JORGE FERREIRA, na *Eufrosina*<sup>12</sup>, como synonimo de *rosto*, *gesto*, *semblante*? o francês *fille*, *moça*, em *filha* por esse mesmo autor alli empregado neste sentido? o francês *maisons de plaisir* na locução *casas de prazer*, autorizada por BRITO, na *Monarchia Lusitana*?<sup>13</sup> o francês *bien des jours* na expressão *bem de dias*, utilizada por ANTONIO FERREIRA?<sup>14</sup> o francês *abreuver* em *brevar*, antiga forma portuguesá do baixo-latim *abēverare*, do castelhano *abrevar*, do italiano *abbeverare*?<sup>15</sup>

<sup>1</sup> P. 471.

<sup>2</sup> P. 57 e *passim*.

<sup>3</sup> P. 19.

<sup>4</sup> P. 125, 253 e *amiude*.

<sup>5</sup> P. 270.

<sup>6</sup> P. 132. Sousa: *Vida do Arc.*, v. III, p. 49 (ed. de 1890.)

<sup>7</sup> P. 241, 66.

<sup>8</sup> P. 99 e nota 3.

<sup>9</sup> P. 100.

<sup>10</sup> « ... se renderam á condição de os deixarem ir fora do castello. » (DUARTE NUNES: *D. João o I*, c. XIII, p. 49.)

<sup>11</sup> *Polonios Lusitadas*, III, 41. Ver, entretanto, sobre o (considerado) gallicismo *polonez*, FIGUEIREDO, *Lic. Prat.*, I, p. 131.

<sup>12</sup> A. II, sc. 2.

<sup>13</sup> V. I, p. 61. Bem assim por D. NUNES, *D. Afonso V*, p. 305, por BERNARDES, *N. Fl.*, v. II, p. 287, v. IV, 137, e outros classicos.

<sup>14</sup> *Obr.*, v. II, p. 436. « Bem de lenha » é de BARROS, *Dec.* III, VI, 9. JACINTO FREIRE (I. II, n. 460) escreveu: « uma pendencia *assar de bem renhida*. »

<sup>15</sup> FIL. ELYSIO, tom. VII, p. 124, tom. XIV, p. 139. BELLEGARDE: *Vocabulos e Loceç.*, p. 51-2. LITTRÉ: *Dict.*, v. 6. *abreuver*. DOMINGOS VIEIRA, in *verb. abbrevar*, *abrevar*.

Aquelle que sentenciar, neste assumpto, como os que sentenciavam do que não sabem de raiz,

« Julgando as coisas só pela apparencia »<sup>1</sup>,

inscreverá entre os gallicistas a todos esses patriarchas e mestres da nossa lingua, a VIEIRA, por escrever « em effeito », apparente aliteração de *en effet* (*Inedit.*, I, p. 181)<sup>2</sup>, por usar repetidamente « e bem » (*Serm.*, II, 183; III, 75, 358; VI, 63, 69), como se cobrisse o francês *Eh bien*<sup>3</sup>; por fallar em *largezas* (*Serm.*, I, 235), adaptação, ao parecer, do francês *largesses*, mas na realidade approximação, mais visinha que *larguesas*, do latim *largitio*. Grandes senhores, apparente arremedilho do francês *grands seigneurs*, que elle por vezes emprega (*Serm.*, I, 89; *Cart.*, III, 122), é frequentissimo em FERNÃO LOPES, como nos demais antigos, continuando em voga entre os melhores exemplares modernos, como CASTILHO (*Am. e Melancol.*, p. 294) e AL. HERCULANO no *Eurico* e no *Bôbo*.

Com a phrase franceza « *C'est bien* » coincide a camoneana: « *E' bem.* »<sup>4</sup> A *l'envie* dizem os francezes na intenção em que nós dizemos *d'competencia*, *d'porfia*. Naturalmente me acoiariam de francelho, se eu escrevesse *d'inveja*. Mas assim escreveram BARROS e LUCENA.<sup>5</sup>

BAPTISTA CAETANO, invocado pela commissão da camara como autoridade irrefragavel, apontava, nos seus *Rascunhos*<sup>6</sup>, como documento do « cassange » fallado no parlamento brasileiro a expressão *em ordem a*, corrente na tribuna parlamentar, o que elle, pela coincidência das formas, suppunha amolgação grosseira do inglêz *in order to*, quando a locução tem os melhores foros de vernaculidade no uso dos bons autores antigos e modernos. (VIEIRA: *Cartas*, v. I, p. 43; v. II, 51, 62, 98; III, 66, 138; IV, 88, 90, 96; VI, 93. *Obras Varias*, v. II, p. 80. *Obr. Inedit.*, v. I, 203.

<sup>1</sup> CAMÕES: *Lusiad.*, V. 47.

<sup>2</sup> « E em effeito se foi com toda sua casa. » (DUARTE NUNES: *D. João o J.*, c. VIII, p. 29.) « Disse el rey ao condestavel que acudisse á gente de pé da retaguarda, que estava em grande aperto, pela muita gente, que carregava sobre elles; o que era assim em effeito. » (*Ib.*, c. 59, p. 256.)

<sup>3</sup> FILINTO ainda usou « *E' bem* » (*Obr.*, v. XI, p. 32.) « *E' bem!* » (*ib.*, p. 135) e « *E' bem?* » (*ib.*, v. XIII, p. 248.)

<sup>4</sup> CASTILHO, no seu *Camões*: « *E' bem*, burguez honrado? sois conchavado no ajuste? » (P. 33) « *E' bem* monseor de Saint Paul, como achas a nossa cortezinha de Portugal? » (*Ib.*, p. 70.)

<sup>5</sup> LATINO COELHO, igualmente: « *E' bem*, Eschines... não orou... » (*Oraç. da Cor.*, p. 17.) « *E' bem*, Eschines, ainda te parece...! » (*Ib.*, p. 49.)

<sup>6</sup> « *He bem*; que fallar he esse? »

(*Auto de Filomeno*, a. II, sc. 4. *Obr.*, v. VI, p. 40.)

<sup>7</sup> Ver a este respeito um caso typico, recontado por FRANCISCO BARATA, *op. cit.*, p. 45-6.

<sup>8</sup> P. 63.

CASTILHO: *Colloq.*, p. 303, 368. BERNARDES: *Nova Floresta*, v. II, p. 2, 117, 119, 161.)

Pois EVARISTO LEONI não nos mostrou que o nosso velho *alleur*, antiga forma do *alhures*, tão semelhante ao fr. *ailleurs*, provém do latim *aliubi*? que o nosso antigo *car*, identico ao francês, teve origem no *quare* latino? que a nossa expressão *paór*, donde *pavor*, não nos deriva do fr. *peur*, mas do latino *pavor*? que *u*, igual ao francês *ou*, *ben*, semelhante ao fr. *bien*, *rem*, convisinho do fr. *rien*, e *leixar*, tão parecido ao fr. *laisser*, nascem do latim barbaro *lassare*, do latim *rem*, do latim *bene*, do latim *ubi*?<sup>1</sup>

MORAES attribue ao francês *gros*, *en gros*, o nosso vocabulo *grosso* e a locução *em gros*, das Ordenações Affonsinas, correspondente ao actual *em grosso*, opposto de *a retalho*. Mas *grosso*, a quo EVARISTO LEONI vae buscar a estirpe em *crassus* (*Genio*, v. I, p. 3), originou-se directamente do latim, homorpho e quasi identico, *grossus*, irmão germano de *crassus*, que com elle se usa a revêzes nos antigos manuscriptos, e que nalguns monumentos da baixa latinidade assumia ás vezes a forma de *grassus*, parecendo virem todos, *grossus*, *grassus* e *crassus* de uma só nascente commum. (FORCELLINI, *Lexic.*, v. III, p. 244.) De *grossus* fez ainda a baixa latinidade *grossamen*, *grossitudo*. (*Id.*). De *grossus* vem ainda, segundo LITTRÉ (*Diction.*, v. II), o proprio francês *gros*. Claro está, pois, que esta forma, commum ao nosso idioma e ao francês, ambos a foram beber simultaneamente na mesma fonte: o latim da idade inferior.

FRANCISCO DIAS (*Memor. de Liter. Port.*, v. IV, p. 66) traz do francês *tout-puissant* a ascendencia do *todo-possante*, empregado por AZURARA. Mas, se, para explicar a origem de *possante*, nos ministram os velhos documentos portuguezes o verbo *possar* (VITERBO, *Elucid.*, el. 1835 v. II, p. 137; BLUTEAU, *Suppl.*, v. II, *hoc verb.*), o é de legitimo cunho português o *todo-poderoso*, por que ir catar no estrangeiro a filiação do seu collateral *todo-possante*?

Usava o antigo português da palavra *torto*, significando *injuria*, *danno*, *lesão*, *agravo*, *injustiça*. (VITERBO: *Eluc.*, v. II, p. 256.) Della ainda se utiliza na mesma accepção AL. HERCULANO: «Dar querela do *torto* que lhe fizeram aqui.» (*O Monast.*, v. III, p. 27.) Apparentemente seria a simples adaptação do francês *tort*. Mas não. O *tort* francês vem do *tortum*, participio passivo de *torquere*, diz LITTRÉ. (*Dictionn.*, v. IV, p. 2261.) Além do *tortus*, participio, tinha ainda o latim os substantivos *tortus* e *tortum*. (FORCELLINI: *Lexic.*, v. VI, p. 125.) Obvio é, pois, que o nosso antigo *torto*, coirmão do italiano *torto*, promanou immediatamente do *tortus* ou *tortum* latino, a que está muito mais proximo do que da forma franceza *tort*.

<sup>1</sup> EV. LEONI: *Gen. da Ling. Port.*, v. I, p. xxii.

1339. — Grammaticos abalizados<sup>1</sup> qualificaram de francesismo vulgar o emprego da conjunctiva *que* no começo das proposições imprecativas e optativas. Assim em: «Que eu morra, se minto!» «Que me não appareça este criminoso!» Não têm razão, porém, esses mestres. Induziu-os em engano a analogia com a fórma franceza, circumstancia que nem sempre é concludente.

BERNARDIM RIBEIRO escreveu: «*Que este pequeno penhor de meus longos suspiros vá ante os seus olhos.*» (*Menin.*, c. 1, p. 12.) Escreveu elle ainda: «Disse ella muito passosinho: *Que me perdoeis.*» (*Ib.*; c. 25, p. 192.)

FILINTO ELYSIO poetou :

«Levo-lhe o coração; *que ella o devore.*»

(*Obr.*, v. XI, p. 101.)

«*Que ella de alma romana o vigor mostre.*»

(*Ib.*, p. 140.)

«Sem nós, *que se sustente de ar* (diziam).

(V. XII, p. 82.)

Imitando esses e outros exemplos antigos, versejou CASTILHO nos *Pastos* (v. II, p. 189-91):

«*Que nunca á noite, ao recontar cabeças  
Contadas de manhã, lhes note eu mingua ;  
Que nunca eu volte aos meus curraes gemendo  
Com roto velo arrebatado ao lobo;  
Que nos não vexa a fome e sobrem pastos.  
Que as aguas para a sêde e para os banhos  
Corram em larga cópia; que mungindo  
Encontre sempre rotesadas têtas;  
Que bons cobros me renda a quojaria;  
Que para tal pelos vimineos cinchos  
Se escoe tolo o sôro e enrije a massa ;  
Que no carneiro pao não falte o cio ;  
Que bem conceba a fomia e bem produza  
E que fervam no estabulo as cordeiras;  
Que farta a lâ nos venha.»*

Equal syntaxe nos depara elle nesse mesmo poema, v. I, p. 133 ; v. II, p. 111, 139, 161, 209; v. III, p. 49, 97, 125 ; no *Amor*, e *Melancolia*, p. 245 ; nos *Colloquios Aldeões*, p. 118 ; nas *Metamorphoses*, p. 85 ; no *Camões*, p. 22, 37, 39, 192, 243, 273.

Nos escriptos de AL. HERCULANO é frequentissima : «*Pagens ! que arreiem o meu ginete murzelo.*» (*Lendas*, v. II, p. 77) «*Que venha!...*»

<sup>1</sup> C. DE FIGUEIREDO: *Liq.*, v. I, p. 164. F. BARATA: *Estudos*, d. 66.

«Que venha salval-os! Que venha!» (*Eurico*, p. 153.) *Que* té diga de ante do mundo: «tu és minha mulher» e *que* depois te abandode... *Que* a terra cubra a nossa dishonra.» (*O Monge de Cistèr*, v. I, p. 283.) E em muitos outros lances, como: *Opusculos*, v. I, p. 153, 154. v. VIII, p. 42; *Casamento Civil*, p. 68 e 72; *Eurico*, p. 71, 132, 133, 156, 209, 252; *O Monge de Cistèr*, v. I, p. ix, x, 20, 34, 174, 286; v. II, p. 25, 50, 85, 178, 311; *O Bôbo*, p. 13, 14, 59, 179, 259; *Lendas*, v. I, p. 135, 136, 169; v. II, p. 38, 65, 68, 71; *Poesias*, 244, 260.

«*Que* Deus se amerceio de tua alma», traduziu C. CASTELLO BRANCO, vertendo *Os Martyres*, de Chateaubriand, v. I, p. 19.

E MACHADO DE ASSIS (*Poes.*, p. 167):

«*Que* a tua mente as illusões esqueça.»

460 — Semelhantes a essas, têm incorrido indevidamente, graças á sua parecença com o francês, no mesmo reparo as sentenças optativas e imprecativas começadas com o subjunctivo do verbo poder: «*Possas* tu viver! *Possa* essa desgraça acabar!» Mas de uma regencia clara, na sua forma elliptica, taes construcções têm por fiadores de sua vernaculidade os mais emnente: classicos do nosso tempo.

São de CASTILHO estes excerptos:

«*Possa* o quasi nada que nella apontámos, suscitar em paes o mães um pouco de sisuda melitação.» (*Camões*, p. 272.)

«*Possa* a brisa da terra aos teus ouvidos

Só levar ajs dos teus o vivas nossos!

*Possas* tu não sentir nas azas dellas

Mais que orvalho do lagrymas.»

(*Excavaç. Poet.*, p. 94.)

«*Possas* tu de anno em anno alvorecer-nos.»

(*Past.*, v. II, p. 13.)

«*Possa* ella, se indigno me não julga,

Sempre aos estudos meus sorrir piedosa.»

(*Id.*, p. 85.)

«*Possas* vós, cantos meus, ser dignos della.»

(*Metamorph.*, p. 248.)

Poderia, além desses, apontar muitos e muitos outros, como o dos *Amores*, v. I, p. 53; o do prologo aos *Pastos*, p. LI, LII, o do *Amor e Melancol.*, p. 256, o do *Fausto*, p. 25.

«*Possa* ou nunca mais ver-te o rosto», escreveu A. HERCULANO. (*Eurico*, p. 138.) E: «*Possa* eu encontrar.» (*O Bôbo*, p. 164.) E, ainda: «*Possas* tu depois perdoar-me.» (*Lendas*, v. I, p. 194.) E assim muitas outras vezes.

161.— Nesta categoria de equívocos, originados facilmente da coincidência entre as fôrmas de dois idiomas, coincidência ora casual, ora gerada pela acção de causas communs a ambos, cae a tacha de gallicismo, irrogada pelo sr. JOSÉ VERISSIMO á locução *vir de* em phrases como esta de C. CASTELLO BRANCO: «Vim de perder minha mão.»

Essa expressão, com semelhar á franceza correspondente, é irreprehensivelmente vernacula.

Usou-a CAMÕES:

« D'amor dos lusitanos incendidas,  
Que vem de descobrir o novo mundo.»

(Lus. IX, 11.)

Antes de CAMÕES, já se servira della GIL VICENTE:

« Frades virão vinte e sete,  
Que vêm de furtar melões.»

(Obr. I, p. 131.)

« Vem alta noite de andar.»

(V. III, p. 6.)

BARROS tambem a admittiu:

« Topou o mesmo calyfa, que ia buscar, que vinha  
de dar uma batalha.» (Dec. I, l. I, c. 1.)

Assim tambem JACINTO FREIRE:

« Quando chegou áquelle porto Luiz Falcão, que  
vinha de governar Ormuz.» (D. João de C., IV, 53.)

Como elle, MANUEL BERNARDES:

« Vindo um dia El-Rei D. João III de Portugal de  
ouvir missa na Annunciada.» (N. Fl., v. II.)

Mais tarde BLUTEAU:

« Porque vinha de estar com Roseio.» (Vocabul.,  
v. VIII, p. 511.)

Depois FILINTO ELYSIO:

« Que vinham de tomar seu regabofe.»

(Obr., v. V, p. 111.)

« Alpheu vinha de descer da Elide entre triumphadores.» (V. XIV, p. 86.)

« Não tem algumas das qualidades das que vimos  
de nomear.» (V. XXII, p. 94.)

Dentre os contemporaneos bastaria citar-lhe em comprovação da legitimidade CASTILHO ANTONIO, que não poucas vezes a subserveçu:

« Vinde de brigar ? » (Camões, p. 132.)

Vinha eu de assistir do Vesta ao culto.»

(Fastos, III, 137.)

«Aquelles

« Vem de jornadaear.»

(Fausto, p. 157.)

« Passando como viração que vem de ver namora-

dos.» (Amor e Melancol., p. 267.)

E como CASTILHO redigiu HERCULANO:

« Vinha eu pelas Fangas acima, da banda dos cuber-

tos do Pelourinho, de fazer as minhas mercancias.»

(O Monasticon, v. II, p. 278.)

E' locução anologa a *chegar de fazer*, em cujo abono, entre os clas-

sicos, nos não faltam exemplos: «A esta hora (que é uma da noite)

*chego de fallar* toda a tarde sobre o negocio de vossa excellencia.»

(VIEIRA: *Cart.*, II, p. 71.)

462.— Na mesma condição está o *começar de*, ou *principiar de*, censurado por um eminente grammatico <sup>1</sup> de gallicismo. Tantos são os exemplos classicos da sua vernaculidade, que bastará indicar-lhes os nomes e logares. Vide: *Lusiadas*, V, 61; VIII, 76; IX, 68. GIL VICENTE, I, 203, 265, 361; III, 39, 51, 89. FERNÃO LOPES: *D. Pedro*, p. 32, 35, 51, 53, 61, 74, 90, 91, 97, 138, 145, 156, 166. *D. Fernando*, p. 7, 36, 41, 90, 104, 107. BARROS, *Dec.* (ed. de 1777), v. VI, p. 33, 137, 140, 144. BRITO: *Monarch. Lusit.*, v. I, p. 23. CAMÕES: *Obras*, v. V, p. 26, 220, v. VI, p. 91. A. FERREIRA: *Obr.*, v. II, p. 141. BERNARDIM RIBEIRO: *Men. e Moça* <sup>2</sup>, p. 17, 60, 127, 161, 162. DUARTE NUNES: *Chron. de D. Manuel*, v. I, 373, 382 e 393. BARROS: *Dec.* I, v. I, p. 20, 28. FILINTO ELYSIO: *Obr.*, v. III, p. 211, v. XII, p. 83. A. HERCULANO: *Eurico*, p. 106; *Lendas*, v. I, p. 250, 287, v. II, p. 27, 35, 38. LATINO: *Humboldt*, p. 295, 321. CASTILHO: *Colloq.*, p. 73. *Camões*, p. 59, 63. *Primavera*, 88, 90. *Metamorph.*, p. 289. *Fastos*, v. I, p. 4, 41, v. II, p. 19, 35. C. CASTELLO BRANCO: *Caveira da Mart.*, 195, 204. *Noites de Insomn.*, n. 1, p. 39. VASCONCELOS: *Grammat. Portug.* (III, IV e V classes) p. 281. Todos esses com o verbo *começar*, que era o mais habitual entre os antigos.

Com *principiar de* apontarei estes, de CASTILHO :

« Principiou tambem de ter seu atrio.» ( *Past.*,

II, 173.)

« Já principiava de esmorecer.» ( *Camões*, 1<sup>a</sup> ed.,

p. 66.)

« Principiou de intrançar.» ( *Id.*, p. 165.)

<sup>1</sup> JOÃO RIBEIRO: *Gramm.*, p. 222.

<sup>2</sup> Ed. de 1891.

Verdade é que, segundo uma das autoridades mais altas nestes assumptos em nosso tempo, «entre as alterações syntacticas por que uma lingua passa, havemos de contar, em português a substituição moderna do *começar de* por *começar a*». <sup>1</sup> Mas a prova mais *ad rem*, que eu poderia dar, de que tal substituição ainda está por operar, é que esse mesmo autor, na mesma obra, escreve *começar de*: «Ainda não *começei de* responder ás variadas perguntas» <sup>2</sup>, que o seu *Diccionario*, v. II, p. 183, remata com esta solemne declaração: «*Começou de* se imprimir a 1 de junho de 1900», o que JÓÃO RIBEIRO, cuja *grammatica* énumera entre os gallicismos *principiar de*, como vimos, por outro lado nos ensina que «com o verbo *começar* o complemento directo tem a preposição *de*: *começar de* escrever». <sup>3</sup>

Tão pouco me parece que o uso de *começar de* se possa qualificar de moderno. É tão velho quanto *começar de* e tão frequente como este entre os antigos. A *Menina e Moça*, por exemplo, que conta de sua idade tres seculos e meio, nos depara de p. 17 a p. 170 (ed. de 1891) cinco vezes (ha pouco citadas) a fórma *começar de* e onze vezes o *começar a*. (P. 18, 19, 23, 46; 70, 119, 128, 129, 134, 149, 170.) Antes della, muito antes, no seculo XV, escrevia D. DUARTE no *Livro da Ensin.* (p. 523): «*Começando a* correr.» Em FERNÃO LOPES tambem o temos: «*Começaram a* fazer grão pranto.» (*D. Fernando*, c. 126.) «*Começou-se a* rugir pelo arraial parte destas novas.» (*Ib.*, c. 131.) Nos *Lusiadas* não se encontra menos vezes que a outra fórma. Ver c. I, 15, 59; c. VI, 26, 37, 61; c. VIII, 62. Nas demais obras de CAMÕES, vê-la no v. IV, p. 100 e 106. Em DUARTE NUNES, *Chron. de D. Manuel*, v. I, p. 373 a 393, onde achamos tres casos de *começar de*, ha pelo menos, dois de *começar a*. (P. 375, 379.) Em JÓÃO DE BARROS, *Dec. I*, v. I, no correr das mesmas paginas que nos forneceram dois excerpts com o complemento, em *começar*, regido por *de*, topamos dois com a preposição *a* (p. 19, 36), que ao deante se vão reproduzindo. (P. 33, 137, 139.) FR. LUIZ DE SOUSA usa tanto de *começar a* como do outro escrever. (*V. do Arceb.*, v. I, p. 24, 33.) Nas *Decadas de Couto*, logo ás primeiras paginas do volume primeiro encontramos reiteradamente a expressão *começar a*. (P. 16, 21, 33, 50.) Em summa que as duas fórmas coexistiram sempre uma de par com a outra, e uma a par da outra coexistem, sem motivo algum, para que de qualquer dellas nos despojemos, ou a tenhamos por estranha.

<sup>1</sup> C. DE FIGUEIREDO: *Liq. Praticas*, v. I, p. 122.

<sup>2</sup> *Ib.*, v. III, p. 39.

<sup>3</sup> P. 135.

<sup>4</sup> Além dessas usavam os classicos o *começar em* (SOUSA, *V. do Arc.*, v. I, p. 319), ou empregavam o complemento do verbo sem preposição al-

**163.**— *Ordenar de*, que aquelle douto grammatico <sup>1</sup> incluye tambem na caterva das francesias, está no mesmo caso de estremo puresa vernacula.

Provas:

« Tendo *ordenado de* a publicar por mulher.»

(FERN. LOPES: *D. Pedro I*, c. 27.)

« *Ordenou de* se enviar desculpas.» (*Id. id.*, p. 166.)

« El-rei de Navarra *ordenou de* não ser na batalha.» (FERN. LOPES: *D. Fernando*, c. 4.)

« El-rei D. Henrique *ordenou de* tornar para Castella.» (*Id., id.*, c. 16.)

« El-rei *ordenou de* combater o castello.» (*Id., id.*, c. 17.)

« *Ordenou* el-rei d' ir lá.» (*Id., id.*, c. 30.)

« *Ordenou de* juntar suas gontes.» (*Id., id.*, c. 35.)

« Então *ordenou de* se ir.» (FERN. LOPES: *D. João I*; p. I, c. 17)

« *Ordenou de* se partir de Alemquer.» (*Id., id., id.*, p. 96.)

« E o mestre *ordenou de* lavrar moeda... E quando *ordenou de* tomar Ceuta...» (*Id., id., id.*, c. 50.)

« *Ordenou logo de* ir sobre Alemquer.» (*Id., id., id.*, c. 52.)

« *Ordenemos de* partir.» (GIL VICENTE: v. I, p. 231.)

« *Ordena* o autor *de* a representar.» (*Ib.*, v. II, p. 107.)

« E logo *ordena*

*De* ir ajudar o pae ambicioso.»

(CAMÕES: *Lus.*, IV, 58.)

« Quando *ordena*

*De* se tornar ao rei.»

(*Ib.*, VIII, 91.)

Como esses, de todos os mais classicos poderia ou adduzir exemplos. Será possível inscrever entre os gallicismos uma locução, que teve constantemente a chancellia dos melhores escriptores portuguezes?

**164.**— O dr. CARNEIRO professa, a este respeito, uma theoria cerebrina. Reconhecendo em abono dessas fórmas gramma-

guma: « *Começou ganhar as terras.* » (BARROS: *Dec.*, v. I, p. 8, 24, 26, 27, 28, 51, 56, 90, 91, 107 (tres vezes). BERNARDIM, p. 52, 85, 101, 150, 60, 165.

<sup>1</sup> JOÃO RIBEIRO: *Gramm.*, p. 222.

ticas o beneficio da tradição classica, citando excerptos de GOES LUCENA, BARROS, FERNÃO MENDES, SOUSA, BRITO, LOBO e CAMÕES, onde se associam á preposição *de*, no complemento, os verbos *começar, ordenar, determinar, esperar, desejar, procurar*, conclue: « Isto não obstante, é para notar que, segundo o *uso actual dos que melhor escrevem*, não se pôde usar dessa regencia, de que nos deram exemplo os nossos classicos, sem incorrer *em archaismos ou gallicismos*. » <sup>1</sup>

Como conciliar estas duas notas? De que modo, no emprego de uma palavra, ou de uma fórma grammatical, se poderá incorrer simultaneamente nos riscos de *archaismo* e *estrangeirismo*? Se esses vocabulos são *archaicos*, isto é, têm a sua ascendencia, no velho português, como os averbar de *gallicismos*, isto é, de importações francezas? Se os classificam de *gallicismos*, a sabor, de productos forasteiros, contrabandeados á lingua patria, como harmonizar essa qualificação com o confessado facto da sua antiga vernaculidade? Uma antilogia tão crassa desafia o senso commum.

*Archaismo*, o *estrangeirismo*, ou *neologismo*, são epítetos que se encontram, e repellem. Os vocabulos outr'ora portuguezes não perdem o cunho da sua naturalidade, porque envolhecessem; e, se o conservam, tornando ao uso, nelle entrarão com o sello de sua antiga linhagem. Pois, se o dr. CARNEIRO se contenta de uma analogia latina, difficilmente rebuscada, para defender da increpação de franceza uma palavra como *honorabilidade*, que evidentemente nos invadiu pela influencia franceza, como é que, para ferrar tolas aquellas expressões, originariamente vernaculas, a essa pecha, lhos não bastaria a consagração geral dos classicos mais autorizados?

Quando um termo desaparece da circulação de um idioma, não se pôde saber se o esquecimento, em que se adormentou, se o abandono, em que se sumiu, é morte, ou hibernação. Todo aquelle que restitue ao commercio dos vivos uma velha expressão desusada, tem o direito de abrigal-a á sombra dos seus titulos de nascimento e legitimidade. Se lh'a rejeitam, poderá ser á conta de obsoleta. De bastarda é quo não.

105. — Será verdade, porém, que a regencia daquella preposição, nos complementos daquelles verbos, esteja condemnada « pelo uso actual dos que melhor escrevem »?

Não é.

Nos livros dos melhores classicos modernos encontramos sagradas as expressões *entrar de, pegar de, dever de, ousar de, jurar de, escusar de, forcejar de, exprobrar de, receiar de, punir de, tentar de, continuar de, folgar de, costumar de, usar de, comprazer-se de;*

<sup>1</sup> *Serões Grammaticaes*, p. 316.

*defender* (proibir) *de*, *recusar-se de*, *desejar de*, *merecer de*, *cuidar de*, *esperar de*, *pretender de*, *temer de*.

*Vejam*os:

*Entrar de*. «*Entrou de scismar.*» (CAMILLO: *M. de Pombal*, p. 239.) «*Entrou de nublar-se.*» (*Id.*: *Noit. de Insomni.*, n. 2, p. 10.) «*Entraram de mascarar o seu idioma.*» (C. DE FIGUEIREDO: *Estrangeirism.*, p. 9.)

*Pegar de*. «*Pegaram de entrar os guias.*» (CAMILLO: *M. de Pombal*, p. 33.) Semelhantes, em CAMILLO: *Narcoticos*, p. 16, 146; *Cav. da Martyr*, 158; *As tres Irmãs*, 28.

*Dever de*. «*Orã deveis de saber.*» (A. HERCUL., *Lendas*, v. II, p. 12.) «*Tal devia de ser o Cyllaro.*» (CASTILHO: *Georgicas*, p. 153.) «*Deveria de se expressar.*» (CASTIL.: *A Primav.*, p. 272.) «*Devem de estar.*» (*Id.*: *Metamorph.*, p. 103.) «*Devia de ser mestra.*» (*Id.*: *id.*, p. 300.) «*Não devia de considerar.*» (*Id.*: *id.*, xxxiv.) «*Como quasi solitaria a devia de findar.*» (CASTIL.: *Grinalda aos Amor.*, v. V, p. 157.) «*Devias de trazer.*» (CAST.: *Camões*, p. 71.) «*Deve ella de estar na sua cama.*» (*Id.*, p. 140.) «*Nada os deve de amargarur.*» (CASTIL.: *Colloquios*, p. 105.) E em CAMILLO: *Genio do Christ.*, v. II, p. 51; *Soropita*, p. xxxvi; *Virtudes Antig.*, p. 17; *Queda d'um Anjo*, p. 33; *M. de Pombal*, p. 118; *Cav. da Martyr*, p. 222.

*Ousar de*. «*Filha e mãe sem terror já ousam de se olhar.*» (CASTIL.: *Outono*, p. 2.)

*Jurar de*. «*Juro de o proscreever.*» (CAST.: *Fastos*, I, p. 169.) «*Eu jurava de o adorar.*» (*Id.*: *Amores*, I, p. 78.)

*Acontecer de*. «*Acontecia de encontrar-se com a sobrinha do prior.*» (CAMILLO: *Narcoticos*, p. 145.)

*Escusar de*. «*Escusas de aperfiar.*» (CASTIL.: *Fausto*, p. 57.)

*Forcejar de*. «*Exemplar com que todos forcejam de conformar-se.*» (CASTIL.: *Metam.*, p. xvi.) «*Forcejava de arrancar aquellas has-teas de murta.*» (*Id.*: *id.*, p. 291.)

*Exprobrar de*. «*Me exprobras de passar no ocio a vida.*» (CASTIL.: *Amores*, I, p. 117.)

*Receiar de*. «*Não receies de saltar por cima do cadaver.*» (A. HERCULANO: *Monastic.*, II, p. 103.) «*Receias de ser cumplice?*» (CASTIL.: *Amores*, II, p. 13.) «*Receiam de as offender.*» (*Id.*, *id.*, v. III, p. 29.) «*Eu receio de dar.*» (CAMILLO: *Memor. do Carc.*, I, 165.)

*Punir de*. «*Se me punes de amar-to, é ser injusto.*» (CASTIL., *Fast*, II, 57.)

*Duvidar de*. «*Duvidaram de pagar.*» (A. HERCULANO: *Hist. da Inquisic.*, v. II, p. 315.)

*Tentar de*. «*Tenta de a confortar.*» (CASTIL.: *Fast.*, II, 69.) «*Tento de a consolar com frases meigas.*» (*Id.*, III, 31.)

*Continuar de*. «*Continua de roquebrar... Continua de querer-lhe.*» (CASTIL.: *Metamorph.*, p. 274.) «*Continua de florear.*» (CAST.: *Fastos*, I, 276.)

*Folgar de.* «*Folgara de entender.*» (CAST.: *Fast.*, II, 143.) Outrosim nos *Colloquios*, do mesmo autor, p. 135, 141, 353.

*Cuidar de.* «*Cuidou d'estourar.*» (A. HERC.: *Monge de Cist.*, v. I, p. 249.) «*Cuidei de estalar.*» (CAMILLO: *Srões de S. Miguel*, I, p. 37.) «*Cuidou de rebentar.*» (*Ib.*: *Coisas Espantos*, p. 16.)

*Costumar de.* «*Costuma de escolher fracos sujeitos.*» (CAST.: *A Primavera*, p. 154.) «*Costuma de ser a igreja o mais antigo edificio de toda a aldeia.*» (CASTIL.: *Colloq.*, p. 60.)

*Usar de.* «*Como usam de votar.*» (CASTIL.: *Colloq.*, p. 102.) «*E' que nós usamos de ver o vicio impune.*» (CAMILLO: *Myster. de Fafe*, p. 186.) «*A primavera usa de tomar ás vezes a forma de mulher.*» (CAMIL.: *Mem. do Carc.*, I, p. 162.)

*Comprazer-se de.* «*Se comprazia de seismar, com os olhos no ceu.*» (CASTIL.: *Fast.*, I, p. 279.)

*Defender de.* «*Da mãe que o vigario de Caldellas cuidadosamente e com doloroso constrangimento defendia de entrar á alcova.*» (CAMILLO: *A Brasileira de Prazins*, p. 269.)

*Recusar-se de.* «*Recusando-se todavia de figurar de parente anojado.*» (CAMIL.: *A Doida do Candal*, p. 152.)

*Desejar de.* «*Deseja de comprar.*» (CASTILHO: *Tartufo*, p. 29.) «*Bem declarado vae aos que desejarem de o saber.*» (*Id.*: *Metamorph.*, p. XII.) «*Deseja de se retirar do mundo.*» (*Id.*: *Camões*, p. 134.)

*Doer de.* «*Doe-me tambem, senhor conde, accrescentou o cavalleiro, de ser ou quem...*» (A. HERC.: *O Bôbo*, p. 229.)

*Merecer de.* «*Não merecia de ter morrido.*» (CASTIL.: *Metam.*, p. XIX.)

*Esperar de.* «*Espero de levar a cabo.*» (CASTILHO: *Camões*, p. 117.) «*Ainda algum dia espero de andar em ginete.*» (*Ib.*, p. 129.)

*Pretender de.* «*Pretendem sim de a casar.*» (*Ib.*, p. 49.)

*Temer de.* «*Teme de perder o siso.*» (*Ib.*, p. 112.)

166. — Com esses e outros muitos verbos se nos depara feita, nos classicos, mediante a preposição *de* a regencia dos complementos.

Assim: *determinar de*; *atrever-se de*; *ousar de*; *entender de*; *acordar de*; *prazer de*; *aprazer de*; *cumprir de*; *firmar (ajustar) de*; *parecer de*; *despresar de*; *outorgar de*; *concertar de*; *obrigar-se de*; *contar de*; *haver por bem de*; *fazer-se prestes de*; *ser prestes de*; *ser bem de*; *provar (tentar) de*; *duvidar de*; *entremetter-se de*; *fazer mal de (em)*; *pensar de*; *affoitar-se de*; *offerecer-se de*; *encaminhar de*; *presumir de*; *errar de (deixar de, faltar de)*; *aperceber-se de*; *perceber-se de*; *propor de*; *convir de*; *contender de*; *procurar de*; *concordar de*; *esforçar-se de*; *acertar de*; *pensar de*; *ancear de*; *esperar de*; *ser necessario de*; *ser melhor de*; *ameaçar de*; *assentar de*; *trabalhar de*; *consentir de*; *mostrar de*;

soer de ; allegar de ; aproveitár de ; resolver de ; imaginar de ; deliberar de ; sentir de ; fallar de (doixar dó) ; pretender de ; chegar de (choço de fallar) ; refusar de ; convidar de («me convida de nos vermos». VIEIRA, *Cart.* IV, 186) ; propor de ; presuppór de ; prometter de<sup>1</sup> ; ajustar de ; decretar de ; prótestar de ; cobiçar de ; estar de («Nas suas mãos está de ser.» FILINTO, v. XII, p. 12.)

Por não avultar ainda as já dâsmesuradas proporções a este trabalho, não sotoponho a cada uma dessas locuções a certidão classica de vernaculidade ; para o que não haveria mister mais que transcrever as notas, de que acerca de cada uma aqui disponho á mão. Meio olvidadas umas, outras ainda em uso, bem que não corrente, não se poderiam essas expressões reanimar ? Bastaria o condão do estylo dos bons escriptores. Os elementos da palavra humana são occasionados a esses eclipses, ou lethargias, seguidos, quando menos se espera, das suas revivescencias. Condemnados ás vezes como obsoletos, eis que resurgem á vida, quando se imaginava estarem-se fossilizando entre os residuos mortos do idioma, como renovos de primavera, ao prestigio da boa prosa, ou ao encanto da poesia inspirada. Nesse caso, com que honras volveriam ao trafego da lingua essas expressões ? Com a de estrangeiras naturalizadas, unicamente pôr corresponderem a fórmãs estrangeiras do mesmo feitto ? Não: como portuguezas do lei, que tornam á acção e á luz com os titulos primitivos de seu berço.

Não havemos de alistar como galliciparla a LATINO COELHO, porque escreveu : «a seu aviso» (fr. *à son avis*)<sup>2</sup>; nem qualificar

<sup>1</sup> Não vejo, pois, fundamento á censura de FIOUEREIRO contra esta regencia, que o eminente philologo tem por indesculpavel. (*Liç. Prat.* v. I, p. 128.) «El-rei de Calecut», diz DAMIÃO DE GOES, «tinha mandado a el-rei de Cananor secretamente antre outras munições de guerra vinte-quatro peças d'artelheria e prometti'o de o ajudar.» (*Chron. del-rei D. Emmanuel*, fol. 103.)

JOÃO DE BARROS, *Dec.* I, I, 8 : «Té que lhas promettem de o levar.» CAMÕES, nos *Lus.*, IV, 85:

«Ellas promettem, vendo os mares largos,  
De ser no Olympo estrellas, como as de Argos.»

«Promettem-me hontem de vir.»  
(CAMÕES: *Obr.*, v. I, p. 77.)

«Promettemdo de me ver.»  
(*Id.*, p. 78.)

«Eu prometto de te ser  
Em tudo inteira lembrança.»  
(*Id.*, p. 226.)

SOUSA, *Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres*, l. II. c. 23:  
«Promettemdo de não tardar em as dar á execução.»

E ANTONIO FERREIRA: «Prometti-lhe de o ajudar em tudo.» (*Bristo*, a. III, s. 3.) «Promettem de me ajudar em tudo.» (*Id.*, a. IV, sc. 2.)

E FILINTO: «Eu já daqui lhas prometto de a encaixar nestes ver-sinhos.» (*Obr.*, v. VI, p. 313.)

<sup>2</sup> Humboldt, p. 293.

de gallicismo a *refração* (CASTILHO, *Fausto*, p. 111), ou *refrêm*, por coincidirem com o francês *refrain*, da mesma assonancia e quasi da mesma graphia. A homographia do *aviso* português com o francês *avis* não filia o primeiro ao segundo; o *refração*, com o seu ascendente immediato no castelhano *refran* (BLUTEAU, VII, p. 189 e p. 334, in vº *rifão*) e o seu antepassado mais remoto no latim *refrangere* (LITTRÉ, in vº *refrain*), não precisa de ir buscar a forma intermediaria, monos consonante, do antigo verbo francês *refraindre*, para explicar a sua gertação.

Porque os francezes de *prodigue* tiraram *proliquer*, não será licito inferir, como fez o dr. CARNEIRO (*Gramm. Philos.*, p. 433); que seja francosia o nosso *prodigar*. Desta fórma se serviu, depois de FILINTO ELYSIO<sup>1</sup>, CASTILHO, na traducção dos *Fastos*: «Dá, *prodiga* ao meu genio os teus influxos.» (Tom. III, p. 45.) De *prodigus* derivaram os latinos dois verbos: *prodigere* (FORCELLINI, v. IV, p. 893) e *prodigire* (*ib.*, v. VI, p. 706), um e outro com a accepção de *immoderate rem effundere, aliquid superflue, consumptorie agere*, isto é, de *malbaratar, dissipar*. Mas, tendo aliás *prodigalitas* e *prodigaliter*, de *proligalis* não extrahiram fórma verbal. Por que então, indo nós além delles com o *prodigalizar*, que adoptámos, por derivação *indirecta* de *prodigo*, não lhe admittiriamos á semelhança dos latinos, a derivação verbal directa *prodigar*?

Outras vezes pólo acontecer que seja realmente franceza a palavra. Assim em *cusina* (*cousine*), *minhão* (*mignon*), *pucella* (*pucelle*), *arranjar* (*arranger*), *poterna* (*poterne*), *freire* (*frère*), *livré* (*livrée*), *marau* (*maraud*), *remercer* (*remercier*), e tantos, tantos outros vocabulos. Mas a elaboração vernacula, por que passaram, as necessidades, a que vieram servir, as lacunas, que preencheram; a adaptação portugueza, que revestem, acabaram por os incorporar na substancia viva e genuina da nossa linguagem, bafejados pelo genio della e naturalizados sob as suas fórmas.

A historia dessas transformações e nacionalizações, porém, não favorece a theoria dissolvente daquelles, que, exaggerando essa mutuação de serviços entre as linguas vivas, não conhecem barreira á introdução dos estrangeirismos; e das negligencias de bons escriptores tiram argumento para a legitimação de absurdos, enormidades, ou bastardias inadmissiveis.

<sup>1</sup> «Té os lhe argúe, que *proliga* ás hostes.»  
(FILINTO: *Ob.*, v. X, p. 136.)

«Deus *proliga* seus dons a quem faz voto  
De ser seu.»  
(*Ib.*, v. XII, p. 168.)

«A magnificencia que elle em todo o género *proligou*, passou a ser pro-  
verbio.» (*Ib.*, vol. XVIII, p. 37.)

167. — O caso de GARRET, merece, especialmente, considerado. Constitue esse um especimen singular, entre os bons escriptores, de complacencia e, até, algumas vezes, desmazelo em materia de estrangeirismos. Dos que elle perpetrou, cita o sr. JOSÉ VERISSIMO alguns: *desapontamento, esquiça, breve* (por *em summa, emfim*), *deboche, preferir antes e tractos* (*traits*, por *episodios*). Muito mais longe iria, porém, o rol.

Num só volume, o XXIII, das suas obras, que me cae á mão, sem muito esmerilhar, se me deparam: *detalhe* (p. 128, 133, 367), *fazer as delicias, faire les delices* (p. 383), *estar ao facto, être au fait* (p. 343), *de parte e outra, de part et d'autre* (p. 241), *lutar de zelo, lutter de zèle* (p. 245), *ter logar*, em vez de *ocorrer*. (P. 313, 343.)<sup>1</sup>

Mas que mostram esses deslises senão as distrações casuaes do grande escriptor, ou os eclipses momentaneos do seu gosto, do seu tino, da sua maestria no fallar? Meio seculo, ou mais, ha que elle os perpetrou, e nem o lustre do seu nome os logrou sobredoirar, nem a fascinação do seu estylo conseguiu naturalizal-os.

*Esquiça*, alliteração infeliz do francês *esquisse*, não alcançou jamais entrar em competencia com *esboço, escorço, bosquejo, lineamento, debuzo*<sup>2</sup>, quanto mais excluil-os. Ninguém, absolutamente ninguém escreve, ou escreveu jamais, depois de GARRET, *breve* adverbialmente, á franceza, por *em summa*. *Deboche*, em cujo logar temos *crápula, devassidão, libidinagem, desvergonha, barganteria*, continúa a reputar-se o mais torpe e dissoluto dos gallicismos. «Não é português, é francês», diz FIGUEIREDO.<sup>3</sup>

A *fazer as delicias* antepõem, ainda hoje, os entendidos na arte de escrever o torneio vernaculo, muito mais elegante, da nossa lingua na phrase de VIEIRA: «*Essa, era as delicias da velhice de Isaac.*» (*Serm.*, I, 531. Ap. MORAES.)

*Preferir antes* não reflecte o menor traço da elegancia paterna, o não encontraria, entre os menos escrupulosos escrevedores, quem o imitasse.

*Tractos*, por *episodios, lanços, rasgos* historicos, era um cumulo de francelhice, que havia de expirar, como expirou, do excesso da propria desenvoltura. Dá a lembrar, pela sua extravagancia, tão con-

<sup>1</sup> Não incluo aqui o *chicana*, usado por GARRET, v. XXIII, p. 24, porque, apesar do prof. CARNEIRO, que o reputa gallicismo (*Grammat. Philos.*, p. 433), tem por si a opinião summa de CASTILHO ANTONIO, que varias vezes a empregou:

«Vá promover já já, sem sombra de *chicana*.»  
(*Tartufo*, p. 94.)

«Um é um *chicaneiro*, que principiou por fiel dos feitos.» (*Colloquios Aldões*, p. 382.)

<sup>2</sup> C. DE FIGUEIREDO: *Liç.*, I, p. 91, e II, p. 37. *Estrangeirismos*, p. 30. BELLEGARDE, *Op. cit.*, p. 58. BARATA, p. 72.

<sup>3</sup> *Lições*, I, p. 194.

traria ás grandes qualidades daquelle escriptor, o *chefe d'obra*, tambem de GARRET, que o sr. VASCONCELLOZ, autoridade insuspeita á boa escola da evolução historica no estudo da linguagem, enumera entre «as palavras e phrases em que a nossa lingua anda conspurcada por ignorancia e pedantismo»: <sup>1</sup>

*Estar ao facto*, locução desprovida, em nosso fallar, de regencia e sentido, não desalojou o *estar sciente*, *estar em dia*, *estar inteirado*, *estar a par*.

*Detalhe*, com as suas derivações *detalhar*, *detalhado*, *detalhadamente*, vinha, com a audacia e o desaceio do mais tosco barbarismo, sobrepor-se a um acervo de expressões vernaculas, sãs, correntias, sonoras, variadas, expressivas: *miudeza*, *minudencia*, *particularidade*, *pormenor*, *circumstancia*, *individuação*, *especificação*, *indivduar*, *particularizar*, *circumstanciar*, *por menor*, *por miudo*, *pele miudo*, *miudamente*, *minuciosamente*, *circumstanciadamente*, *particularizadamente* e muitas outras, analogas, ou derivadas. Esse lançou as radiculas pertinazes do esralracho no mau terreno; mas no bom, na lingua dos escriptores onde se aprende a fallar, não encontrou jamais senão repulsa.

O *ter logar*, na accepção franceza, alguma coisa vae medrando, graças ao equívoco do seu significado exacto, mas só entre escriptores mediocres, ou descuidados.

Quanto ao *lutar de zelo*, por *competir*, *porfiar*, *rivalizar*, *em zelo*, e o *de part et d'autre*, por *de uma e outra parte*, são fraquezas, desaires e aleijões, a que só não succumbe o credito de um GARRET porque ao seu fulgor não ha nodoas, que se não apaguom.

Grande mestre, mas de quem, ainda com mais razão na segunda parte da sentença, se poderá dizer como CASTILHO de FILINTO ELYSIO: «Fez serviço talvez maior que nenhum dos classicos; mas é de todos o menos para seguir ás cegas.» <sup>2</sup>

168. — Attribuia DUARTE NUNES a abundancia das francesias na lingua portuguesa, acima de tudo, «ás idas que os portugueses faziam á França». <sup>3</sup> Nos individuos é especialmente sensível a influencia dessas relações e desses contactos. A tendencia de GARRET para os estrangeirismos creio terá tido origem nas causas dessa natureza, que assignalam aquella vida, em que tamanha parte coube aos salões, á moda, ás viagens e á diplomacia.

Quem ler as *Cartas do CAVALLEIRO DE OLIVEIRA*, lá descobrirá effeitos semelhantes do influxo do ambiente estrangeiro sobre a fórma do pensamento nos melhores escriptores. Todos os pros têm nesta vida os seus contras; todos os beneficios, os seus descontos.

<sup>1</sup> *Grammat.* (III, IV, e V<sup>a</sup> classes), p. 198.

<sup>2</sup> *A. Primavera*, p. 152.

<sup>3</sup> *Orig. da Ling. Port.*, c. 11.

Naquelles volumes, ordinariamente do melhor vernaculo, como nos de GARRET, ha gallicismos ás vozes impudentes e destemperados, como «acordar favores» (fr. *accorder*), por *conceder favores* (v. II, p. 210), *depois* (*depuis*), por *desde* (v. I, p. 439), *rasoavel* (*raisonable*), em vez de *rasoavel* (I, 227, II, 467, III, 211, 325), *maquinhão* (*maquignon*), em lugar de *alquilador* (II, 278), *seriosas* (*sérieuses*), por *sérias* (I, 237), *seriosamente* (*sérieusement*), por *seriamente* (I, 103, 337.) E, assim como o autor do *Frei Luiz de Sousa* foi buscar ao *disappointment* inglés o *desapontamento* (v. XXIII, p. 322) e ao inglés *despondency* o seu *despndencia*, em que ninguem mais ouviu fallar, de novidades londrinas semelhantes nos quiz dotar o correspondente da condessa de Vimios, cobrindo vocabulos saxonicos com vocabulos portuguezes, como ni expressã *Philosophical transactions*, esdruxulamente a portuguesada em *Transacções Philosophicas*. (V. II, p. 307.)

Mas o que neste assumpto constituo a obra prima do CAVALLEIRO DE OLIVEIRA é o typo, que nos deixou, do francelho petulante, satisfeito e alvar, na impagavel creatura de um famulo, que *achatava* (*achetail*), quando queria comprar, tratava de *trupas* ás *tropas*, trocava *bolsas* em *bursas* (*bourses*), disfarçava os seus *pensamentos* em *pen-seiros* (*pensées*), não *neglijava* (*negligeait*) os seus deveres, e, com as surpresas e graças dosse phraseado, era, nos dias humidos e tediosos do Amsterdam, o *sulajamento* do amo. <sup>1</sup>

Não ficam acima desta craveira, por monos que valesse o tarelo daquello famulo, os *chefe d'obras*, os *esquissas*, os *deboches*, os *débutes*, os *gôches*, mais bem nascidos, mas não melhor formados.

169.— Que serviços faz ao seu estylo e á sua lingua um bom escriptor, cuja phantasia se compraz em disparzir como flores essas nodosas, sem necessidade, nem criterio? Lastima FIGUEIREDO <sup>2</sup> a afrancesada construcção, que o *Primo Basilio* e o *Padre Amaro* puzeram em moda entre a mediocridade, propensa a arromedar os vicios, porque incapaz de imitar virtudes. Não é delles que se gerou, para o escriptor brilhante e original dessas novellas, a reputação justa e universal de estylista diserto, de prosador claro, elegante e donoso. Não foi do gallicismo no phrasear que lhe veiu o transparente e crystallino da linguagem. «Casas brancas avistavam-se ao longe», «sons de piano ouviam-se a distancia, e cauteleiros impertinentes assaltavam-me», «vozes esganiçadas do vendedores ambulantes *punham* no ar a nota viva», são outras tantas distorsões e tregeitos de arremedo estrangeiro, que invertem a corrente natural da linguagem, e toldam a limpida veia do pensamento. Certas monotonias da obsessão imitativa, sempre inclinada ás formas

<sup>1</sup> *Cartas*. v. I, p. 331-38.

<sup>2</sup> *Lições*, I, p. 225.

adventicias, lhe voltam e revoltam periodicamente no discurso, como sesões, bordões, achaques e cicoethes. Entre outras, as locuções do verbo pôr, especie de tique, amiudo e como de espasmo reiterado no aliás formoso aspecto daquella prosa: «*punha* um brilho» «*punha* um traço de luz»; «*punha* uma tristeza»; «*pondo* uma palpitação em cada peito»; «o fio d'agua *punha* o seu choro lento». (*Os Maias*, v. II, p. 131, 342, 365, 381, 464.)

No estofo da phrase corada á estrangeira sobresaem de quando em quando, como joias destinadas a atavial-o, gallicismos de toda a casta: uns antigos, relapsos, enxovalhados; outros no trinque, flamantes, desabusados, provocadores; estes obscuros, medíocres, dessaboridos; aquelles vistosos, infunados, estrepitantes.

Aqui um *de resto*<sup>1</sup> «francês puro»<sup>2</sup>; alli um *Geneva*<sup>3</sup>, francosissimo nome de *Genebra*; além um *massacre*<sup>4</sup>, a que o *morticínio*, *carnificina*, *matança*, *trucidiação*, *carnicria* tão bem nos forravam; adiante, um *debutar*<sup>5</sup>, desnaturação feia, malsoante e pedantesca do nosso *estreiar*; mais longe um *gôche*<sup>6</sup> e um *gôchement*<sup>7</sup>, incríveis reproduções das homophonas palavras francasas, que o nosso idioma traduz vantajosamente por *desasado*, *contrafeito*, *desastrado*, *constrangido*, *embaraçado*, *acanhado*, *mal*, *agitado*, *desgeitoso*; agora um *costume*<sup>8</sup>, em vez do português *fato*, *andaina*; logo, um *confeccão*<sup>9</sup>, em lugar da roupa, *vestido*, *artefacto*; depois, um *unido*<sup>10</sup>, cópia ignara do francês *uni*, com a significação de *liso*, que em português lhe não pôdo caber; mais tarde, um *no fundo*<sup>11</sup>, arromedação do francês *au fond*, *em summa*, *na essencia*, *em substancia*, ou um *cabello chato*<sup>12</sup>, *cheveu plat*, *desageitada* o infiel expressão de

<sup>1</sup> *Os Maias*: II, 16. 18. 31. 101. 165. 162. 177. 182. 186. 189. 238. 249. 261. 262. 292. 339. 315. 361. 371. 398. 401. 413. 421. 431. 434. 441. 466. 491. 495. *Maias* I, 229 e passim. *Fralique*: 26. 109. 152. 175. 63. 80. 178. 191. 220. 243.

<sup>2</sup> C. DE FIGUEIREDO: *Lic.*, I, p. 163. Assim pensa, ao menos, esse illustre philologo. Cumpre, entretanto, notar que AL HERCULANO (se não outros) muitas vezes o perpetrou. Ex.: «*De resto* Faria aconselhava que el-rei fizesse espontaneamente e como por mercê as concessões.» (*Hist. da Inquisição*, v. III, p. 395.)

<sup>3</sup> *Maias*, I, 209.

<sup>4</sup> *Maias*, I, 122, 173.

<sup>5</sup> *Ib.*, p. 254, 257. Ver FIGUEIREDO, *Lic.* II, p. 38, BARATA, *op. cit.* p. 72, JOÃO RIBEIRO, *Gramm.* (2ª ed.), p. 237.

<sup>6</sup> *Maias*, I, 25, 233. «*Embaraçado*». Sôusa: *Annaes de D. João III*, p. 107.

<sup>7</sup> *Maias*, II, p. 142.

<sup>8</sup> *Ib.*, v. I, 340. Quando aliás bem conhece e, até, emprega o seu succedaneo português *fato*. *Ib.*, 341 (duas vezes) e 367.

<sup>9</sup> *Maias*, II, 396. Ver JULIO RIBEIRO, *Gramm.*, p. 328, FIGUEIREDO, *Lic.*, I, 263.

<sup>10</sup> *Maias*, I, 317, 316.

<sup>11</sup> *Ib.*, II.

<sup>12</sup> *Maias*, I, 155.

*cabêllo escorrido*, ou *liso*; ora o *partager*, mal disfarçado em *partilhã* <sup>1</sup>, com a significação, que o nosso idioma lhe recusa, de *participar*, *compartir*; ora um *ter a* <sup>2</sup>, em vez de *ter que*, um *qualidades* <sup>3</sup>, na significação de *virtudes*, *boas* ou *grandes qualidades*, um *amor por* <sup>4</sup>, em vez de *amor a*, ou *amor de*, e até, novidade de *primeira mão*, um *saudade por* <sup>5</sup>; umas vezes, o *grande ar* <sup>6</sup>, versão inepta do *ar livre*, os *detalhes*, esparsos em profusão <sup>7</sup>, com desprezo do *pormenores*, que aliás lhe não esqueceu, mas como que não ousa empregar senão a vergonha e a medo <sup>8</sup>, o *fazer o conhecimento* <sup>9</sup>, *faire la connaissance*, pelo vernaculo *travar conhecimento* ou *relações*; outras, um *adresse* <sup>10</sup>, desfigurando o nosso *endereço*, um *alcools* <sup>11</sup>, homenagem ao francês, em rebeldia com as regras vernaculas do plural dos nomes <sup>12</sup>, ou o *cholera* <sup>13</sup>, masculinizado em desprezo das nossas leis grammaticas. <sup>14</sup>

Já não fallo no *soirée* <sup>15</sup>, condemnado pelo dr. CARNEIRO <sup>16</sup>; no *abat-four* <sup>17</sup>, reprovado por JULIO RIBEIRO <sup>18</sup>, e que vernaculamente se diria *quebrã-luz*, *guarda-luz*, *tapa-luz*, *sombreira*, *pantalha*, *bandeira*; no *toilette* <sup>19</sup>, desnecessario *travestissement* do *trajo*, *vestuario*, *vestido*, *vestidura*, *fato*, *vestimenta*; no *boudoir* <sup>20</sup>, cuja equivalencia portuguesa, *toucador*, o proprio EÇA varias vezes utiliza. <sup>21</sup>

Com essas trocas do portuguez em francês teria-lucrado o discurso em colorido; em graça, em harmonia, em força, em clareza?

<sup>1</sup> *Maias*, I, 182, II, 83, 401. Ver FIGUEIREDO, *Liq.*, v. I, p. 240.

<sup>2</sup> *Maias*, II, 110, 111, 160, 294, 318, 414, 250, 346, 418. *Pradique*, 27. Ver JOÃO RIBEIRO, *Gramm.*, p. 298.

<sup>3</sup> *Maias*, I, 23.

<sup>4</sup> *Maias*, I, 15, 441, II, 238, 241. Vide CARNEIRO, *Gramm.*, p. 434, BELLEGARDE, *op. cit.*, p. 92-5, BARATA, *op. cit.* p. 52.

<sup>5</sup> *Maias*, II, 445.

<sup>6</sup> *Maias*, I, 74, 421. Os classicos diziam tambem, na acceção de *ar livre*, «*ar aberto*». CAMÕES, *Obr.* v. IV, p. 75. FILINTO, *Obr.*, v. II, p. 250.

<sup>7</sup> *Maias*, I, 107; II, 79, 91 (—mente), 111, 392, 400, 403, 425 (detalhar), 443, 470, 477; 479, 482, 487, 293 (E logo após: *pormenor*) *Pradique*: 74, 79, 131, 143, 153, 231.

<sup>8</sup> *Maias*, I, 114; II, 293.

<sup>9</sup> *Maias*, II, 198.

<sup>10</sup> *Maias*, I, 105, 236, 250, II; 305, 398, 432.

<sup>11</sup> *Maias*, II, 510.

<sup>12</sup> FIGUEIREDO: *Liq.*, I, 138, 236; II, 216, 231.

<sup>13</sup> *Maias*, I, 231.

<sup>14</sup> FIGUEIREDO, *Liq.*, I, 85, II; 300. *Estrangeirismos*, 110-112.

<sup>15</sup> *Maias*, I, 123.

<sup>16</sup> *Gramm. Port.*, p. 433.

<sup>17</sup> *Maias*, II, 445.

<sup>18</sup> *Gramm.*, p. 328.

<sup>19</sup> *Maias*, II, 106.

<sup>20</sup> *Maias*, I, 45.

<sup>21</sup> *Maias*, I, 75, 76, 575; II, 453. Ver CASTILHO, *Amor e Melancol.* p. 269.

Muito ao contrario. Coteje-se o *boudoir* ao *lucador*, o *abat-four* ao *quebra-luz*, o *adresse* ao *endereço*, o *detalhes* a *pormenores*; o *unido* ao *liso*, o *gôché* ao *désasado*, o *adresse* a *endereço*, o *mâssacre* ao *morticínio*, o *debular* ao *estrear*; e logo se verá quanto descae a expressão, em luz, em sonoridade, em transparencia, em energia, das castas e bellas formas vernaculas para os bastardos e alojados arremedilhos francezes. Na aberração dessas preferencias pelo vicioso, pelo maculado, pelo disforme não se pode enxergar o criterio ou a intuição da arte: são os defeitos do temperamento do artista, as influencias da sua leitura, as intermittencias da sua attenção, os bocejos da sua indolencia, as falhas da sua cultura mental e essa especie de dandysmo literario, emfim, que dos habitos pessoaes se reflecte na lingua de certos escriptores.

Nessas extravagancias, nessas impurezas, nessas degradações da palavra continuará elle a exorcer a sua justa autoridade, o seu officio natural de actuar creadoramente sobre o idioma? Não pode ser. Quando taes empréstimos de povo a povo, recebendo o baptismo patrio das mãos de um mestre, acodem ao reclamo de uma idéa nova, de uma necessidade ainda não attendida, e passarão intelligentemente pela moldagem nacional, ninguem os poderá tachar de intrusos. Mas locuções estranhas, inúteis, revêssas, trazidas a capricho e a martello amanhadas, não se impõem ao uso popular, que não as reclamava, e, para as colher, tem de lhes sacrificar tradições antigas, relações naturaes e formas superiores.

470.—Todos os idiomas vivos permutam uns com os outros. Seria desatino recusar esses subsidios, tão inestimaveis quão imprescindiveis, que se mutuam as linguas, enquanto não fossilizadas. Condemnar, pois, em absoluto os estrangeirismos fóra não ter senso commum. Não são os gallicismos em si mesmos o que se repelle, mas a superfluidade evidente, ou a crueza indigesta, nos gallicismos. Podemos importar de França o que não tivermos, e necessitarmos, comtanto que o façamos, respeitando as leis da morpholôgia na historia natural da genese e transformação das palavras. Muifos vocabulos são hoje portuguezes, ninguem o ignora, que eram meramente francezes; e todos os prosadores, todos os poetas contribuem para esse capital de importação, essencial ao convívio dos povos civilizados.

Ha-de ser difficil deparar-se nos «bom escriptor, que não tenha perpetrado gallicismo». Nos melhores, em geral, como GARRET e LATINO, são principalmente verduras da mocidade. <sup>1</sup> Outros, como EÇA e RAMALHO, os vão semeando quasi toda a sua vida. Mas, para lhes dar legitimidade, não basta de pèr si só o nome refulgente dos

<sup>1</sup> FIGUEIREDO: *Liç.*, I.

autores, que os adoptam. Consultaram o genio da lingua? Obedeceram ás exigencias da lingua? Observaram os moldes da lingua? Bemvindas sejam, nesse caso, as innovações. Não o fizeram? O bom sizo, a sciencia, a arte nol-os mandam repellir.

471.— A questão, portanto, não é embaraçosa para os criticos de boa fé. «O que se rejeita», diz FIGUEIREDO, «são os gallicismos inúteis, *perfilhados pela moda ou pela tolice*, como *golpe de vista*<sup>1</sup>, *chefe de obra*<sup>2</sup>, *delalhe*, *debutar*, etc., etc.»<sup>3</sup> Nesse caminho, não ha que andar muito do *élite*, do *reclame*, do *atelier*, do *nuances*, ao *parure*, ao *première*, ao *corbeille*, ao *rez de chaussée*, ao *recollar*, ao *jeven filha*, ao *amusant*.<sup>4</sup>

Os grammaticos mais novos, mais estremes de ranço archaico, mais versados nas theorias evolutivas da glottica moderna têm-nos prevenido contra os gallicismos inconsiderados, injustificados, inadequados. JOÃO RIBEIRO adverte que muitos se nos foram introduzindo «por descuido, pela ignorancia das fontes classicas, pelo mau gosto dos escriptores, ou pelos caprichos da moda». LAMEIRA e PACHECO os exemplificam em alguns do jaez de *bouquet*, *négligé*, *fautueil*, *comité*, *coquette*, *petimetre*, *plateau*, *bello espirito*, *chefe d'obra*, *guardar o leito*, *deboche*.<sup>5</sup> JULIO RIBEIRO aponta-nos de amostra *confeccionar*, *abat-jour*, *afroso*.<sup>7</sup> VASCONCELLOZ nos indigita como typos de «mit outras» falsificações, «com que a nossa lingua anda conspurcada por ignorancia e pedantismo», *bloco*, *affuzeres*, *recidivar*, *debutar*, *chefe d'obra*, *golpe de vista*, *guardar o leito*, *fazer literatura*.<sup>8</sup>

472.— Ante essas lições, bebidas, não no sepulcario das mumias antigas, mas nas fontes vivas do saber contemporaneo, que queria o sr. JOSÉ VERISSIMO que eu fizesse? «Certos jornalistas», escreviam, ha annos, entre nós, dois homens de lotras, «certos jornalistas, baldos de amor ás excellencias da viril linguagem portuguesa, grandemente presadas dos CAMÕES, BERNARDES, FILINTOS e outros, encaminham o esbelto idioma para o despenhadeiro dos barbarismos, solocismos e quejandas soezes corruptelas. Mudemos de politica, de amores, de vestuario, que tudo isso é moda; mas conservemos uma lingua uniforme, que

<sup>1</sup> «Golpes de vento» é de AL. HERCULANO, *O Bóbo*, p. 255.

<sup>2</sup> Esta francesia vem de longe. Teve cunho official até em um edital da Mesa Censoria de 23 de fevereiro de 1769. (FILINTO: *Obr.*, v. I, p. 45.)

<sup>3</sup> *Lições Prat.*, v. I, p. 84.

<sup>4</sup> *Ib.*, v. II, p. 134, 158, 204, 231, 310.

<sup>5</sup> *Gramm.* (10<sup>a</sup> ed.), p. 221.

<sup>6</sup> *Noç. de Gramm.*, p. 504.

<sup>7</sup> *Gramm.*, (6<sup>a</sup> ed.), p. 328.

<sup>8</sup> *Gramm. Port.* (III, IV e V<sup>a</sup> classes), p. 199.

seja entendida de todos nós, sem atravancal-a de impurezas, que lhe desdoiram o brilho e lhe corrompem a indole.»<sup>1</sup> Havia eu de seguir, na elaboração de um código civil o rasto do periodismo vicioso e descuidado? Nesse trabalho de incomparavel responsabilidade, nesse trabalho impessoal e nacional, nesse trabalho destinado a transpor uma existencia secular, era essa a norma que se me impunha? ou a de o vasar nos moldes menos impuros, ditados á nossa lingua pelo uso mais esculpulozo e pelos melhores escriptores?

473. — Se já não ha estrangeirismos defesos, tem razão o sr. JOSÉ VERISSIMO. Se inda os ha, *c'est une querelle d'allemand*, é uma rusga futil esse longo dissertar das necessidades inevitaveis da evolução no seio das linguas vivas, a que o illustre critico, o dr. CARNEIRO e a «Resposta» joco-séria do commissario parlamentar se entregaram a proposito das minhas emendas.

Todas ellas se inspiraram em considerações tão simples, quanto irrefragaveis, a que os mais decididos evolucionistas em materia de linguagem não recusam assentimento. Venham as novidades, embora advenas, mas recebendo feição vernacula. Venham os estrangeirismos, assim transformados, comtanto, porém, que sejam necessários. «Ha um principio generico, de que se não deve desfitar a vista: é que não é licito enxertar em o nosso idioma palavra estrangeira, destinada a representar uma idéa, que pôde ser expressa por uma palavra portuguesa.»<sup>2</sup>

A esses dois canones me ative. São elles os que me inspiram objecções a vocabulos do feitio de *honorabilidade*, *propositalmente* e outros, o primeiro pela sua inutilidade e obscuridade, o segundo pela sua superfluidade e invernaculidade, os demais, todos elles, por motivos egualmente estribados nessa dupla regra, a que toda a escriptura limpa deve obedecer.

§ 20

Neologismos

«*Propter egestatem lingue et rerum novitatem.*»

LUCRET.: *De rer. natura*, l. I.

«O modo de aperfeiçoar a lingua materna é enxertando nella o precioso das outras.»

FILINTO ELYSIO: *Obr.*, v. I, p. 90.

«Imaginar que a lingua portuguesa, ou já a antiga, ou já a moderna, tocou a baliza da perfeição, é imaginar uma chimera. Só quem nunca escreveu, quem não sabe o que é escrever, tal pode imaginar.»

*Ib.*, v. VI, p. 135.

474. — A se ouvirem as lições, com que me favoreceram o sr. JOSÉ VERISSIMO, o dr. CARNEIRO e o signatario da *Resposta*, que

<sup>1</sup> ARTHUR AZEVEDO e ARTH. BARREIROS: *Revista do Rio de Janeiro*, 1877, p. 123 e 124. Ap. BELLEGARDE, *Op. cit.*, p. 45-6.

<sup>2</sup> FIGUEIREDO: *Liq.*, I, p. 141-2.

me veio da camara dos deputados, em nome da extincta commissão parlamentar, sobre o desenvolvimento do vocabulario nas linguas vivas, as suas variações incessantes, o perpetuo movimento de seu curso e a necessidade inevitavel dos neologismos, crer-se-ia que eu contra elles houvesse lavrado alguma profissão de fé, e systematicamente os enjeitasse; quando outra coisa não fiz que rebater certas innovações dessa natureza, não emquanto novidades, mas emquanto novidades ociosas e victiosas.

Não ha, porém, que admirar. Esse facto obedece, emquanto a mim, á constituição moral da atmosphera no periodo nacional que atravessámos. O movimento de 15 de novembro, que dura ainda, fez do neologismo politica. A subversão da corôa repercutiu até no idioma, que fallamos. Os homens de 1889 no Brasil tomaram aos de 1789 em França o barrete phrygio, o titulo universal de cidadãos e a senha de fraternidade. Mas uma de suas mais extraordinarias aspirações foi a de substituirem o tratamento em terceira pessoa, nativo á indole da nossa lingua, pelo de vós, generalizado a todos os estylos, a todas as situações e a todas as classes. Como a antiga maneira de correspondencia verbal, ou escripta, se achasse associada á mercê, á senhoria e á excellencia, com que a democracia indigena suppunha deslustrar os seus fóros, imaginou-se que aquelle pronome, convertido em instituição republicana, eliminaria essas desigualdades suspeitas, nivelando todos os graus da escala social, desde o chefe do estado até os serventes, sob uma formula de cortezia commum. Só o vós poderia desempenhar semelhante missão, entendendo-se, talvez, que para ella a sem-ceremonia do tu, ou do você, exprimiria familiaridade exaggerada. Era o neologismo arvorado em regimen de governo. T tamanha é, porém, a tolice humana, que o ridiculo exemplo da nossa chancellaria chegou a se distinguir até sobre as relações intimas, e começámos a ver nas cartas particulares e nos dialogos usuaes a segunda pessoa do plural succeder malageitadamente á terceira do singular, em que sempre nos entenderamos, desde que o portuguez é portuguez.

Dest'arte obrigámos a lingua a cantar a *carmagnole*. Cuidavamos estar desse modo a imitar a França, a santa madre intellectual dos

---

1 Não tolera uma das nossas maiores autoridades vernaculas essa locução, que averba de «reverenda tolice grammatical». (C. FIGUEIREDO: *Liç. Prat.*, v. I, p. 27, 33, 52; v. II, p. 26.)

Pego licença, porém, de oppor a esse os votos de FILINTO ELYSIO, CASTILHO e CAMILLO: «Emquanto aos poetas modernos.» (FILINTO: *Obr.*, v. I, p. 247.) «Emquanto ao dar accusativo aos verbos.» (*Ib.*, v. V, p. 106.) «Emquanto á pompa funeral.» (*Ib.*, v. VI, p. 207.) «Emquanto á maneira de enviar-lho.» (*Ib.*, v. XII, p. 138.) «Emquanto a mim, entendo.» (*Ib.*, p. 243.) «Emquanto ao rouxinol-ser o arauto da primavera.» (*Ib.*, v. XIII, p. 158.) «Emquanto ás allusões mal vertidas.» (*Ib.*, p. 185.) «Emquanto a mim, o digo.» (*Ib.*, p. 289.) «Emquanto ao como as cabras colhem a gomma do sargaco.» (*Ib.*, v. XIV, p. 86.) «Emquanto ao dinheiro.» (*Ib.*, v. XVII, p. 145.) «Emquanto ao desfractar os prazeres da vida.» (*Ib.*, v. XVII, p. 42.) «Emquanto ao corpo e emquanto ao animo.»

povos latinos. Mas em França a paixão equalista fizera coisa bem diversa. Na época em que as bajulices dos grammaticos, acaudilhados por DOMERGUE, vaticinavam ao povo soberano a extincção do *Monsieur* e do *Madame*, « incompatíveis com o vocabulário de um povo cuja mais bella prerogativa consiste na egualdade », o *vós* era apontado á indignação das camadas populares, e o *tu* enthronizado na pragmatica official. Do balde se esforçou LA HARPE, com todo o peso das suas letras, por demonstrar, na Escola Normal de Paris, que o tratamento de *tu* era peculiar ao despotismo: foi o *tu* que prevaleceu na *Commissão de Salvação Publica*, na *Convenção* e, até, nos exercitos francezes, de onde só em 1795 se abliu. Na essência, porém, revolucionarios brasileiros e revolucionarios francezes estavam de accordo. Uns e outros se inspiravam na mesma velleidade: a que o padre GREGORIO acalentava, ao terminar uma das suas famosas arengas, apresentando aos reorganizadores da França « o vasto projecto de revolucionar a lingua ». Essa concepção estulta de uma revolução linguistica mediante golpes de autoridade, official, ou literaria, ainda ao raiar do seculo passado inspirava a MERCIER a sua celebre *Neologia*. Mas o facto é que, entre as chammas do brasido revolucionario, nos dias de sua mais violenta deflagração, uma coisa tinha de accordo a girondinos e jacobinos: a reverencia do antigo fallar nacional. MERLIN era mettido a riso, por usar, na tribuna, do vocabulo *publicista*, que se havia por não consagrado, e na obra parlamentar de VERGNAUD, DANTON, SAINT-JUST, ROBESPIERRE não se depara com um só vocabulo innovado por esses grandes subversores.

173.—Quasi todos os maiores artistas da prosa e da poesia, entre os francezes, no seculo passado, tinham contra as innovações do vocabulário prevenções enraizadas. CHATEAUBRIAND constitua entre elles a grande excepção. Mas esse era em tudo CHATEAUBRIAND. Primeiro o unico entre os maiores, reunia no mais alto grau as qualidades literarias dos verdadeiros creadores, e as suas creações communicava o sopro de um genio habituado a talhar

(*Id.*, p. 44.) « *Emquanto a graças, mereceis-vos ambos.* » (CASTILLO: *Os Amores*, v. I, p. 84.) « *Lá enquanto á mõesinha, adeus.* » (CASTILLO: *Fausto*, p. 232.) « *Emquanto ás curiosidades geographicas dos gaulzes.* » (CAMILLO C. BRANCO: *Os Martyres*, v. I, p. xvi.) « *Emquanto á influencia do romance nos costumes.* » (CAMILLO: *O Esqueleto*, pref., p. 1.)

<sup>1</sup> Bem que em geral a notem de incorrecta preclaras autoridades, a syntaxe *depara* com encontra amparo frequentissimo nos escriptos de FILINTO ELYSIO. Ver-lhe as *Obras*, v. I, p. 82; v. V, p. 62, 112; v. VI, p. 84, 197, 302, 315; v. XI, p. 16, 48, 99, 112; v. XII, p. 37, 88, 135, 199; v. XIII, p. 71, 124, 207, 236; v. XIV, p. 2, 42, 81, 257; v. XVII, p. 70; v. XXII, p. 56.

<sup>2</sup> FERD. BRENOT. *La Langue Française. Na Histoire de la Langue et de la Litterature Française*, publ. sous la direct. de L. PETIT DE JULLEVILLE, vol. VII (1899), p. 822-3, 833-5.

formas immortaes. Fóra dahi, todos os mais estavam: pela regra de «acceptar cautamente a neologia, isto é, a admissão das palavras necessarias, mas fugir o neologismo, a saber, a innovação injustificada».

Hugo tinha o neologismo por miseravel recurso da incapacidade. «São os vocabulos novos», dizia elle no prefacio do CROMWELL, «os vocabulos inventados, os vocabulos artificiaes, são elles que destroem o tecido de uma lingua.» *Moderniser, positivisme, utilitarisme* eram; a seus olhos, horesias.<sup>1</sup> *Parlementarisme* inspirava-lhe um movimento de phrenesim contra NAPOLEÃO III, «esse academico de golpe de estado». <sup>2</sup> Em dez das suas obras poucos neologismos, realmente taes, logrou apurar um esmerilhador minucioso. <sup>3</sup> «Le tout est fort peu de chose», diz FERD. BRUNOT. «Encore Hugo environne-t-il ces mots de formules d'excuse.» GAUTIER accendia-se em ira com a incursão dos estrangeirismos. Rarissimos foram os creados por elle, ou por MUSSET. FLAUBERT pensava que as formas existentes poucas eram para as coisas. «De là la torture des conscientieux.»<sup>4</sup> Timido no innovar, entretanto, era á tradiçãõ que se afferrava, e na escola dos grandes escriptores de outros tempos se matava em escavar «*le mot propre*», o vocabulo consubstancial á idéa, carne do pensamento, especifico e insubstituivel na sua funcção de o revestir. Só ante a necessidade absoluta capitulava em transigir com o espirito de innovação.

Bem sei que depois, addindo á successão de CHATEAUBRIAND e de BALZAC, os grandes innovadores, vieram os GONCOURTS, os DAUDETS, os BAUDELAIRES, os BANVILLES, os ZOLAS, os impressionistas, os naturalistas, os realistas, os symbolistas, e a anglomania, o a sciencia, e a tribuna, e a impronsa, imaginando, forjando, engendrando, importando, amalgamando, tumultuando, carreando, golphando para o vocabulario, para a syntaxe, para a rua, para as lótras, para a especulação, para o trabalho, para a vida uma torrente de formas inesperadas, cambiantes, revolucionarias, que desbordam o lexicon, embatem a syntaxe, e deixam em caminho a barreira das tradições, como os rochedos que o rio desapoderado açoita, e abandona, borbotandõ.

E', todavia, aos preservadores e minciros da tradiçãõ como FLAUBERT que se agradece o haverem «augmentado a força de resistencia do idioma, recuando a victoria da barbaria».<sup>5</sup> Se a um jurisconsulto, porém, sciende das responsabilidades de sua missãõ

<sup>1</sup> *Le Rhin*, p. 166. *Choses vues*, p. 160.

<sup>2</sup> *Napoléon le Petit*, p. 213.

<sup>3</sup> HUGUET: *Le néologisme chez V. Hugo*.

<sup>4</sup> *Correspondance*, v. II, p. 193.

<sup>5</sup> PAUL BOURGET: *Ess. de psychologie contempor.*, p. 169.

alli pedissem a materia, onde se inscreva a epigraphia dos codigos civis, não a iria buscar á areia inconstante das alluviões: teria de pedil-a ao marmore daquellas canteiras impollutas, onde RENAN, «o quasi unico», talhava na pureza das formas consagradas as finas linhas do seu pensamento.

176.— Não ha lingua definitiva o inalteravelmente formada. Todas se formam, reformam e transformam continuamente. Quem o não sabe? Que homem de medianas lotras hoje o ignoraria? Dessa trivialidade vulgarissima não estaria informado JULIO RIBEIRO, para quem não tinha segredos o progresso da glossologia hodierna? Era elle, comtudo, quem dizia: «*A mania do neologismo é das mais detestaveis. Os neologistas não passam de deturpadores da lingua.*»<sup>1</sup>

177.— Quaes são, pois, os vocabulos novos, sobre que não recae esta censura? Os que, «formados por boa analogia», responde o professor CARNEIRO, «correndo com o cunho ou sello nacional, sem desvirtuar o character de nossa lingua, concorrem para lhe enriquecer o vocabulario, fazendo-a corresponder ao movimento progressivo dos povos que a fallam».<sup>2</sup>

Nesses caracteres da neologia admissivel me firmei, para contestar as palavras, cujo ingresso ao codigo civil ousei contrastar. Argui-as de não responderem á exigencia da necessidade. Argui-as de virem enxovalhar, em vez de enriquecer, o nosso lexicon. Argui-as de contravirem ao genio da nossa vernaculidade. Argui-as, por derradeiro, de se não formarem segundo a boa analogia. Estavamos, portanto, de accordo nos principios. Onde o não estavamos era na applicação.

178.— Esses principios, definiu-os com a singeloza e a exacção da sciencia nos assumptos de accordo universal o sr. RIBEIRO DE VASCONCELLOZ, estabelecendo as regras do «procedimento, que devemos ter em face de um neologismo». Profundamente embebida nos methodos e noções da linguistica moderna, a sua *Grammatica Historica da Lingua Portuguesa* traça cuidadosamente, a tal respeito, entre a innovação e a tradição o limite natural.

«Sendo» (o neologismo), diz elle, «*de origem literaria*, podemos acceital-o, se corresponder a uma necessidade da lingua, que porventura não tivesse até alli palavra para exprimir nitidamente aquella idéa, ou se corresponder pelo menos a uma conveniencia, por ficar a expressão mais nitida, vigorosa e pittoresca da idéa significada. Mas, não estando nestas condições, tal neologismo deve ser rejeitado como inutil e deturpador da vernaculidade da lingua.

<sup>1</sup> *Gramm. Port.* (6ª ed.), p. 352.

<sup>2</sup> *Gramm. Philosoph. Port.*, p. 436.

« Se for de origem popular, deve ser admittido no caso de exprimir um factio novo, que não tenha expressão na lingua. Mas se é apenas uma outra expressão de um factio antigo, que na lingua já tinha expressão adequada, é condemnavel em principio, e devemos combatel-o quanto possível, antes de entrar no uso common. E' necessario manter o respeito pela tradição, e lutar neste sentido, segundo aconselha a sã razão e os mais importantes interesses da litteratura. Mas, se apezar disso o neologismo vinga, o é aceite pela maioria, temos então de nos curvar. »<sup>1</sup>

Essa resistencia exprime a força conservadora das linguas, tão essencial á existencia dellas, quanto o são as suas tendencias de expansão e progresso. Os puristas, de que zomba a leviandade ociosa e gárrula, constituem, á disposição daquella força, um elemento de solidez e durabilidade. Só os frivolos, ou os ignorantes, lhes não reconhecerão, como lhes reconhece esse applicador intelligente da observação historica aos factos grammaticaes, « o relevante serviço, que prestam, combatendo as importações injustificaveis ou pedantescas ».<sup>2</sup>

479 — Em relação a mim, porém, a nota de *purismo*, isto é, de opposição desenganada e systematica ás neologias, encontra no proprio substitutivo e suas notas a prova do falso testemunho, que me levanta. Alli, como em todos os meus escriptos, não faltam palavras de toque molerno, verdadeiros neologismos, alguns de minha propria lavra, justificados pela sua utilidade e boa adaptação ás formas portuguezas. Quem escrevera antes de mim a apologia do adjectivo *estadual*, ainda recentemente impugnado não sei por que escriptor de nome como um dos exemplos da anarchia trazida até ao idioma nacional pelo regimen republicano? Extensa apostilla minha ao projecto demonstra a mprocedencia dessa censura. O vocabulo é bem formado e indispensavel. Logo, deve ser naturalizado.

A mesma linguagem teria eu acerca de quaesquer outros, que preenchessem ambas essas condições. Não tomou CASTILHO ANTONIO como « autorizados pela suprema lei da necessidade » ao vocabulario especial da administração franceza termos ingenitos e privativos á organização politica da França, como *arredondamentos*, *mères*, *merias*?<sup>3</sup> Entretanto, o cunho desses nomes é mui inferior ao do adjectivo *estadual*, moldado no typo de innumeros outros, que do latim adoptámos. Depois, não se fazia mister grande esforço, para contestar a precisão daquelles tres substantivos, que, francezes de origem, não têm objecto, a que se applicuem, fóra dos países fran-

<sup>1</sup> P. 94.

<sup>2</sup> *Ib.* p. 419.

<sup>3</sup> *Colloquios Allicões*, p. xvi.

ceses; ao passo que a urgencia de um qualificativo, para designar a situação dos estados e suas relações mutuas nas federações e confederações hodiernas, correspondendo nestas ao de *provincial* nos governos centralizados, se ha-de impor ao fallar de todas as nacionalidades, em cujo seio penetre aquelle regimen.

A questão do molde vernaculo, nessas adopções, é quasi tão fundamental, quanto a da necessidade. A fórma adequada imprimo ao oiro estrangeiro o cunho nacional. Tresfoliar, digamos, assim, quasi letra a letra, como se tem feito, por exemplo, sob o pretexto de necessaria, uma palavra de nacionalidade franceza, derivação franceza e physionomia franceza, qual é a de *féerique*, mudando-a, com a differença do ligeiro traço, nesse *féerico*, a que tantas pennas e tantas lyras se tem robaixado, é não ter o menor senso da nossa lingua. CASTILHO, seguindo á portuguesa a gestação do vocabulo estranho, verteu *féerie* por *fadaria*<sup>1</sup>, que em *fulgarias*, *figurarias*, *fradarias*, *gafarias* tem antecedencias da melhor nota. E' até onde se poderia chegar na adaptação daquelle grupo de fórmas estrangeiras. O adjectivo *féerique* não pôde ser transportavel senão mediante deformação escandalosa, e em português não soa coisa que se entenda.

Taes os neologismos a que eu resisto, e me envergonharia de ceder. Pôr de compostura á descarada nudez de palavras ou phrases estrangeiras uma leve alteração literal é contrabandear sordidamente de uma a outra lingua. Nem traduzir sabem, ás vezes, os autores desses esqualidos attentados. Foi o que se deu, quando o calão politico, entre nós, forjou o *Saúde e Fraternidade*. Em *fraternidade* não havia por onde errar. Mas com o *salut* tomaram-lhe as vozes pelas nozes. *Saudar* é como o poderiam traduzir os nossos maiores, segundo o estylo das cartas régias: «Eu el-rei vos envio muito *saudar*.» Que fizeram, porém, os nossos manipuladores? *Salut* puxava no aspecto a *saúde*. Superpoz-se, pois, um vocabulo ao outro. Os sons predominantés condiziam. Estava, logo, achada a traducção, fazendo, como se usa em pintura, por estrezir um debuxo de outro, com os sobrepor, e copiar polo contorno: *saúde* era o vulgar de *salut*.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> *Sonho de uma noite de S. João*, p. 206 e p. V. das notas finaes.

<sup>2</sup> Não é nova da minha parte esta maneira de ver. Sempre a tive, desde o *Governo Provisorio*, e varias vezes de publico a exprimi.

Em português sempre se verteram por «*saudação*» (não *saúde*) e «*benção apostolica*» as palavras da formula papal «*Salutem et apostolicam benedictionem*» nas bullas e diplomas da Santa Sé. (BLUTEAU: *Vocab.*, v. VII, p. 511.)

Do mesmo modo se ha-de trasladar o *salutem* usado dos latinos ao começar das suas cartas e equivalentes sempre a «*saudações, cumprimentos*». (FREUND, v. III, p. 156.)

O *salut* francez, portanto, descendente desse estylo romano, quando usado ao terminar de uma carta, quer na forma vulgar «*salut et amitié*», quer no «*salut et fraternité*», que a simiesca imitação republicana introduziu no Brasil, ha-de traduzir-se por *saudações*, ou *saudação*. Não por *saúde*. Podem verifical-o no LITTRÉ, v. IV, p. 1814, vº *salut*, n.º 4, e p. 1815, *syn*.

480.— Refugar os neologismos insensatos, incorrectos, ou informes não é proscreever o neologismo. Quem o praticou jámais tão deliberada, profusa e intrepidamente como o latinista CASTRO LOPES? Entretanto, quando o *Diccionario* do AULETE e a setima edição do de MORAES lhe depararam, com a nota de necessario á lingua portugueza, o vocabulo *comitê*, por elles mesmos aliás apontado como equivalente de *junta*, não se teve que não exclamasse: «Pareço que todos perderam o juizo.»

Não haviam mister de se arrimar a LATINO COELHO os apologistas do projecto, para me convencer de que «o neologismo é uma necessidade fatal». Nunca o duvidei. Sou que o festejemos, até, como progresso auspicioso. Reconheço a necessidade fatal dos neologismos precisos e decentes. Com a fatalidade, porém, dos inuteis e disformes é que não quero transigir.

Estaremos entendidos? Já o deviamos estar, se eu fosse julgado pelo que escrevi, e não pelo que a critica se compraz do me attribuir gratuitamente. Salvos <sup>1</sup> os casos de necessidade, ou utilidade, e boa adaptação vernacula, voto contra o neologismo. Dados esses casos, não vacillo até em lhe assumir a iniciativa.

### § 3°

#### Archaisms

«E' caso mui digno de notar que os meus criticos de agua doce não me accusem senão de palavras antigas... Ora esses que me arguem de antigualha, tomem o trabalho... e contem as palavras antigas, e vão ao mesmo tempo fazendo outro rol das modernas, e, feita a somma, verão que por uma antiga, que a necessidade do assumpto, ou a redondez da phrase me inclinou a usar, encontrarão com vinte modernas, que talvez me grangeariam a accusação de modernista.»

FILINTO ELYSIO: *Obr.*, v. I, p. 55-6.

«Deixemos essa ridicularia de querer campar por amigo de Azurara e Castanheda. A palavra que mais energica me explica o pensamento, é a de que lanço não, sem lhe perguntar de quantos annos é.»

*Ib.* v. VI, p. 142.

*Verba licet renovare.*

VIDA, l. III de *Art. Poet.*

«Porque, a troco de uma duzia de palavras, que tomamos emprestadas de fóra, havemos de pôr em esquecimento um cento das domesticas!»

ANT. PER. DE FIGUEIREDO: *Memor. de Lit. Port.*, v. IV, p. 24.

481.— O gosto da antiguidade levado ao archaismo, isto é, a mania de rejuvenescer inutilmente formas anachronicas, inintel-

<sup>1</sup> A C. DE FIGUEIREDO parece erro a pluralização deste vocabulo. (*Lições*, I, p. 98.) Muitos exemplos nos dão, porém, os classicos deste uso. Tenho á mão dois: «E forão á porta da treição, e quebrarão os fechos, e sahirão fora, *salvos tres*, que forão tomados, e delitados do castello abaixo.» (DUARTE NUNES: D. João I, c. 76, p. 362.) «*Salvas* as legitimas consequencias do matrimonio.» (CAMILLO: *Memor. do Carcere*, v. II, c. 31, p. 136.)

ligíveis ao ouvido commum na época em que se exhumam com o vão intuito de as modernizar, avulta entre os mais ridiculos e insensatos vicios do estylo, no fallar idiomas vivos. E', tolavia, um dos achaques; de que me acaba de fulminar a nota o concurso dos censors do meu trabalho sobre a redacção do codigõ civil. Desta assacadilha me não defendéria eu, se a devesse apenas á gente que HERCULANO definiu, alludindo aos « criticos de folego curto e letras rabudas ». <sup>1</sup> Mas, com es que vêm dar regras deste assumpto, sem saber de todo em tolo o que dizem, tambem os ha daquelles que o bom FR. LUIZ DE SOUSA classificava de « sujeites grandes em virtude e letras ». <sup>2</sup> De « algum politico, mau grammatico e peor christão » <sup>3</sup>, que se esteja a saborear <sup>4</sup> dos seus remoques neste sentido á minha prosa, mais que vingado me dou pelo proprio nome que os assigna. Mas não posso votar ao justo desprezo dos *falsi et audaces emendatores* <sup>5</sup> um critico do porte do sr. JOSÉ VERISSIMO, ornamento do seu genero entre nós, *vir in cognoscendis rebus nulli studii* <sup>6</sup>, nem um philologo da reputação do professor CARNEIRO, *nulli nominis Romae grammaticum*. <sup>7</sup> Bem que de ambos esses « as suas grandes lotras aviso e prudencia » <sup>8</sup> me autorizassem a esperar outra equidade, outro criterio e outro acerto, mais que tudo pôde commigo a sua merecida autoridade e a consideração, em que me habituei a tel-a. A todos, pois, « vá pelo direito o seu direito ».

182.— Nem a estima que inspiramos, porém, nem o magisterio que exercemos nos autoriza a aventurar acerca de outrem sentenças fulminatorias, que se não acómpañem da prova. Nesse dar por liquida uma arguição, que nunca ninguem me irrogara,

<sup>1</sup> O *Monasticon*, v. I, p. 181.

<sup>2</sup> *Vida do Arcebispo*, l. II, c. 34. (V. I, ed. de 1890, p. 422.)

<sup>3</sup> VIEIRA : *Sermões*, v. II, p. 115.

<sup>4</sup> Rejeitado por C. DE FIGUEIREDO. (*Liq. Prat.*, v. I, p. 93.) Tem, entretanto, abonos de primeira ordem :

« Nesta propria hora, já tão remota, me estou eu ainda saboreando como presente nos felizes do meu Lago dos Cedros. » (CASTILHO : *Am. e Melancol.*, p. 312.)

« Que fructos se poderam ter colhido, sabem-n'o já, por se estarem nelles saboreando, muitas povoações do imperio. » (CASTIL. : *O Outono*, p. 53.)

« Baldaque saboreava-se não do tom preleccionador da dama, que não o tinha... » (CAMILLO : *O Carrasco*, p. 123.)

Nem é invenção dos modernos classicos essa forma pronominal do *saborear*. Já BLUREAU, ha quasi dois seculos, a registava como portuguesa: « *Saborear-se* de alguma coisa. Deleitar-se nella. *Saborear-se* pelas delicias da carne sem resguardo. » (*Vocabulario*, v. VII, p. 415.) Muito antes delle na *Alma Instruïda*, t. II, p. 467 (citada por esse vocabulista) se escrevera: « *Saboreando-se* pelos vicios, sem guarda, nem resguardo. »

<sup>5</sup> AULU-GELLIO, II, 14.

<sup>6</sup> *Id.*, II, 28.

<sup>7</sup> *Id.*, II, 3.

<sup>8</sup> FR. LUIZ DE SOUSA : *Vida do Arcebispo*.

qual a dessa « affectação do purismo », qual a desse « muitas vezes mal inspirado gosto de archaismo e de expressões obsoletas », com que me regala o sr. José VERISSIMO, disso, tirado o tom oracular do critico, nada resta. Quando mesmo <sup>1</sup> pudesse caber-me a increpação de *purismo*, que me encara, lado a lado com essa, as duas pelo braço do illustre escriptor, justificada uma, nem por isso a outra estaria comprovada. O inimigo dos neologismos pôde igualmente sel-o dos archaismos. Uns e outros se propõem a lutar contra a fatalidade das leis naturaes, estes restaurando o passado, aquelles antecipando-se ao futuro. Bem podia succeder, pois, que ou fosse o mais intransigente dos puristas, e, entretanto, não admittisse com o archaismo relações de especie alguma.

Onde, porém, os documentos do meu *purismo*? Purismo, no sentido pejorativo do vocabulo, é a superstição da immobildade do idioma numa phase delimitada pelos ultimos escriptores que se cotaram com o apreço de mestres. Fixada a immutabilidade vernacula com essa rigidez inflexivel, todas as formas, que não couberem no inventario exacto do classicismo, incorrem na averbação de viciosas, tão sómente porque novas, embora de bom prestimo, boa origem e bom cunho. Em sendo neologias, dado que necessarias e bem nascidas, não se tolerem. Mereci, acaso, por algum feito em coisas de linguagem, que de tal me culpassem?

Não. As novidades que refuguei, não passam de meia duzia, e não as refuguei porque novidades, mas porque desnecessarias e bastardas: *propositadamente*, *honorabilidade*, *agir*, *desvirginar*, *affectar*, *autoral*. De cada exclusão dei os meus motivos. E nenhum destes ostribava no culto da invariabilidade classica. Todos, pelo contrario, presuppunham e reconheciam a natureza organica, evolutiva, progressiva da lingua. O a que se oppunham, era ao arbitrio, ao desenfreio e á anarchia na invenção neologica. Uma lingua é um organismo vivo; mas, por isso mesmo, não será licito garfar-lhe <sup>2</sup> quantos enxertos se quizerem, ainda que de um hybri-

<sup>1</sup> Mesmo, na significação de *até*, ou *ainda*, é mui frequente entre os classicos do nosso tempo. Haja vista os exemplos disso em CASTILHO: *Arte de Am.*, v. I, p. 29, 109; *Amores*, v. III, p. 29; *Amor e Melanc.*, p. 202, 279, 298, 232 (duas vezes), 237 (tres vezes), 379, 383, 393, 407; *Arte de Metrificac.*, p. 2; *Fastos*, v. I, p. 21; *Felicidade pela Instrucção*, p. 7, 23, 44, 55, 59, 63, 86; *Tosquia de um Camello*, p. 11; *Fausto*, p. 22, 239, 243, 217; *Outono*, p. 73; *Colloquios Aldeões*, p. XII, 3, 31, 40, 48, 74, 113, 124, 137 (duas vezes), 140 (duas vezes), 141, 172, 177, 207, 221, 232, 233, 392.

Já FILINTO ELYSIO o empregava amiude no mesmo sentido. Ex.: *Obras*, v. II, p. 87, v. IV, p. 89, v. V, p. 303, v. VI, p. 153, v. XII, p. 137, 226.

Não me parece, pois, que tenha razão o sr. C. DE FIGUEIREDO em o condemnar, como faz. (*Liq. Prat.*, v, II, p. 78.)

<sup>2</sup> Tem esta palavra contra si a autoridade do sr. C. DE FIGUEIREDO, que lhe nega a existencia. (*Liq. Prat.*, v. II, p. 114-15.)

CASTILHO ANTONIO, entretanto a empregou num dos seus mais esmerados trabalhos, a versão das *Georgicas*:

dismo irreductível á natureza. Viessem ás neologias, mas bem reclamadas; bem derivadas e bem moldadas. Com estes requisitos não afinavam aquellas. Por isso as enjeitei. Nenhuma satisfazia á clausula da necessidade. Corram-lhes o indículo: *autoral, desvirginar, agir, honorabilidade, propositalmente*. Por cada uma nos sobram quatro; seis, doze ou mais succedaneos, qual a qual mais corrente, mais são, mais expressivo, mais feliz. Tomem-se agora um e um de per si: não preenchem ora esta, ora aquella, das outras condições. Adoptar neologismos, para decair e peiorar, como de *deflorar* para *desvirginar*, de *obrar, operar, actuar*, para *agir*; neologismos para substituir, sem vislumbro de proveito, excellentes expressões vernaculas, como *intencionalmente* por *propositalmente*, ou *direitos de autor* por *direitos autoraes*; adoptar neologismos nem susceptiveis, sequer, de função ou significado precisamente definível, como *honorabilidade*; adoptar neologismos, como o *affectar* na significação franceza, meramente por imitar o francês, usurpando a outros vocabulos accpções por elles melhor desempenhadas, seria bastardear, chibar e pedantear com ouuropeis estrangeiros; unicamente por amor do pedantesco, do novo e do bastardo.

Nem ao menos aquelles neologismos tinham por si a prescripção acquisitiva, essa *prescripção* de que nos fallava LITTRÉ nos seus *Etudes et Glanures*. Não conheço escriptor portuguez de algum nome, ainda no grupo dos mais rebeldes ao classicismo, como RAMALHO, EÇA e OLIVEIRA MARTINS, que usasse de um *propositalmente*, de um *honorabilidade*, de um *agir*. O *autoral* nasceu hontem, numa lei brasileira de 1898, e ainda nos está a rechinar da forja. O *desvirginar* teve genitor; mas ainda não tem padrinhos. Exercam primeiro as letras a sua função digestiva e assimilativa desses vocabulos no organismo do idioma. Antes disso está por saber se elle definitivamente os absorverá, ou rejeitará.

« Dois modos ha de enxerto: um *garfa*; outro inocula.»

(E. II, p. 77.)

« Quem pretende *garfar*, degolla o tronco liso,  
Racha-o á cunha, e embebe-lhe o preciso.»

(Ib., p. 79.)

« Mas tambem o *garfar* nos generos varia.»

(Ibid.)

E por que não *garfar*, de *garfo*, na accepção, que todos os dictionarios, inclusive o de FIGUEIREDO, lhe attribuem, como termo agricola, de galho, rebento, renovo, ou borbulha, com que se faz um dos generos de enxertia?

O proprio FIGUEIREDO regista, depois de MORAES, *garfar* na significação de «mexer ou raspar com o garfo». Não será egualmente natural a derivação *garfar* no significado tecnico de *enxertar de garfo*, ou *fazer garfos de enxerto*? Eu sempre o ouvi entre jardineiros e pomareiros neste sentido, que aliás o testemunho classico de CASTILHO mostrará não ser neologia.

Depois, se no fazer do que lhe é proprio, do que não empenhará senão a sua responsabilidade, e só por sua conta e risco ha-de correr, assiste ao escriptor liberado, para desferir o vão pelas regiões da phantasia e da moda, já não tem a mesma largueza de ensanchas o codificador das leis nacionaes. Esse, a não ser que legisle para novas relações juridicas, desconhecidas ao u o popular e ás letras do idioma, só no patrimonio inconcusso deste, no seu cabedal assento, no reservatorio da sua mais estreme vernaculidade, se ha-de ir sortir das fórmãs da linguagem. Por que, entre uma palavra legitimamente portuguesa e uma palavra de vernaculidade contestavel, havia preferir a eu a de cunho talvez espurio á de

<sup>1</sup> Alista o professor CARNEIRO no seu rol de solecismos as locuções *havemos ver*, *havemos vir*, isto é, todas as vezes compostas em que entre o auxilliar e o verbo não medear o *de*. Mas dest'arte põe de solecistas os nossos melhores classicos, talvez a todos elles, antigos e modernos.

Vão em prova alguns textos.

«Ca dos synaes e venturas os boos homeês nam *ham fazer* conta.» (D. DUARTE: *Leal Conselh.*, p. 86.)

«A umas senhoras que *haviãam ser* terceiras.» (CAMÕES: *Ob.*, v. V, p. 137.)

«Cassandra disse de Troya  
Que *havia ser* destruida.»

(*Ib.*, p. 165.)

«*Havéis deixar* entrar a todos.» (*Ib.*, v. VI, p. 170.)

«*Haviãa mcler-me* d'amores com ella.» (JORGE FERREIRA: *Eufros.*, a. I, sc. 6.)

«Para que entendessemos que no obrar em serviço de Deus não *haviãamos só attender* a obrar assim a vulto, e de por junto.» (BERNARDES: *Luz e Calor*, n. 115, p. 92.)

«Mais considere i que *havia dizer* ao vosso Christo.» (*Ib.*, n. 124, p. 103.)

«Tanto que o matassem, se *haviãam lançar* a correr ao castello.» (DUARTE NUNES: *D. João I*, c. 42, p. 168.) «Aquella noite, em que *haviãam ancorar* sobre a cidade.» (*Ib.*, p. 437.) «A que elle chamava madre piedosa, *havia já achar* madrastra injusta.» (*Ib.*, *D. Affonso V*, c. 21, p. 193.) *Havento-se embarcar* aos vinte dias de outubro.» (*Ib.*, c. 24, p. 212.) «Homens que o *haviãam desamparar*.» (*Ib.*, c. 58, p. 416.)

«Algun dia *havia o* senhor calçar com o meu sapateiro.» (D. FRANC. MANUEL: *Metaphoras*, p. 411.)

«Porem nós *havemos já* agora ouvir o fim da historia.» (*Ib.*, p. 146.)

«Ainda que o senhor o fora de terras e de muitas rendas, lhe *affirmo se havia vender* a uma senhora.» (*Ib.*, p. 149.)

«*Havia experimentar* fragilidades.» (*Ib.*, p. 151.)

«Agora lhe *havemos nós passar* uma banda de mosquetaria.» (*Ib.*, p. 176.)

«Aquella bandeira d'el-rei de Portugal não *havia deixar* ganhal-a aos turcos sem nodos de seu sangue.» (JACINTO FREIRE, IV, 88.)

«Feito pois diligente exame, *hio-se confessar*.» (VIEIRA: *Serm.*, v. III, p. 180.)

«Pois por ser morto violentamente, se *haviãam affrontar* de sua geração.» (*Ib.*, p. 270.)

«Nem sua alteza *havia de* crer tal palavra, nem se *havia fiar* de tal seguro.» (*Ib.*, v. VI, p. 94.)

«Mas *ha-lhes succeder* como aos outros.» (*Ib.*, p. 135.)

«Foi siber e conhecer o fim onde *havia parar*.» (*Ib.*, p. 155.)

«Se no ceu *hi durar* eternamente o evangelho.» (*Ib.*, p. 237.)

«Nesta opinião e na contraria se *havia proseguir* o assumpto.» (*Ib.*: *Ob.*: *Incl.*, v. I, p. 12.)

«Picando o quinto capello *in pectore* e não sendo, nem *havendo ser* para Portugal.» (VIEIRA: *Cartas*, v. I, p. 258.)

«Se á India fossem bispos não nomeados por el-rei de Portugal, os *havia mandar* enforcar.» (*Ib.*, v. III, p. 173.)

genuino cunho? Isso inda suppondo eguaes em merecimento os dois vocabulos a todos os demais respeitoes. Admitti, porém, que a ess'outros aspectos, o antigo sobreexceda em boas qualidades ao novo. Que nome teria então a insonatez de antepor o segundo ao primeiro? Ora é o que succede em relação a todas aquellas neologias.

- « E que nos *haja* fazer maiores mercês. » ( *Ib.*, v. IV, p. 199.)
- « *Havia-se* a colher a sagrado a lingua. » ( VIEIRA : *Ineditas*, v. II, p. 108. )
- « Dizia Plínio que a importancia dos maiores negocios se não *havia* tomar por sua maior qualidade. » ( *Ib.*, p. 162. )
- « Chegando Cesar, a quem *havia* sair a receber. » ( *Ibid.* )
- « Ezequias *havia* ter quinze annos mais de vida. » ( *Ib.*, p. 163. )
- « Estava traçando o como se *havia* conservar no pontificado. » ( *Ib.*, p. 164. )
- « *Haviam* os grandes viver á custa dos pequenos. » ( *Ib.*, p. 168. )
- « Os prudentes nunca *havian* achar opinião senão a verdade. » ( *Ib.*, p. 173. )
- « Se *havia* sair da portaria. » ( M. BERNARD : *N. Fl.*, v. II, p. 21. )
- « O mesmo pó. e cinza, que *havemos* ser na morte. » ( *Ib.*, p. 105. )
- « Toda a vida, instante por instante, *haviamos* empregar em render graças. » ( *Ib.*, p. 163. )
- « Perguntando que resposta *havia* dar da sua embaixada. » ( *Ib.*, p. 204. )
- « Sobre este *havian* carregar todos a culpa. » ( *Ib.*, p. 205. )
- « Já lá *havian* ter chegado. » ( *Ib.*, p. 225. )
- « Assim *havia* ser necessariamente. » ( *Ib.*, p. 237. )
- « Ou como se *havian* adstrar em ambas as sellas. » ( *Ib.*, p. 314. )
- « Se pudera, como já pude, *houvera* de hoje por deante *desterrar* as minhas Musas. » ( D. FRANC. MANUEL, ap. CASTILHO, *Metam.*, p. 310. )
- « Não *havian* ter os apóstolos o uso dellas. » ( *Ib.*, p. 177 )
- « *Hão* dar. » ( FILINTO: *Obr.*, v. XI, p. 23. ) « Que *ha* dizer. ? » ( *Ib.*, p. 29. ) « Não *has* morrer. » ( *Ib.*, p. 69. ) « Me *ha* custar. » ( *Ib.*, p. 70. ) « *Hei*cerer. » ( *Ib.*, p. 76. ) « *Hei* já destruir. » ( *Ib.*, p. 79. ) « *Hei* sahir. » ( *Ib.*, p. 100. ) « *Hão* responder. » ( *Ib.*, p. 115. ) « Não mais te *hei* ver » ( *Ib.*, p. 133. ) « No meu te *hei* pôr. » ( *Ib.*, p. 205. )
- « *Havia* despejal-os. » ( *Ib.*, v. XII, p. 42. ) « *Heis* prometter-me. » ( *Ib.*, p. 151. ) « *Coe*er-se *havia* a couve. » ( *Ib.*, v. XIII, p. 114. ) « Não *hei* mudar. » ( *Ib.*, p. 256. ) « *Has* colher. » ( *Ib.*, p. 304. ) « *Havian* cantar. » ( *Ib.*, v. XIV, p. 115. )

« *Hão-se* deitar ao pasto  
Os gados ao sol fora. »

( CASTILHO: *Georg.*, p. 163. )

« *Havias* ver o fogo. » ( CASTIL.: *Amores*, v. II, p. 43. )

« Mão que *havia* mostrar um dia o fero Heitor. »

( *Id.*: *Arte de Am.*, v. I, p. 6. )

« Por heresia e contumacia me não *havian* relaxar ao braço se-  
cular. » ( *Id.*: *A Primar.*, p. 140. )

« *Havia* arder » ( *Id.*: *O Avarento*, p. 201. )

« Estou que *havian*  
Lamber-lhe os beiços. »

( CASTILHO: *Fausto*, p. 166. )

« Porque não *havian* os conselhos geraes rotar uma verba... ?  
( CASTIL.: *Colloq.*, p. 101. )

« O nome do sujeito, que se *havia* tambem assignar á margem. »  
( *Ib.*, p. 121. )

« Porque não *havia* o governo meter a caminho... ? E porque não *ha-*  
*viam* as communas... riscar e manular fazer bons caminhos... ? Emfim,  
porque não *havia* quem nos governa fundar officinas... » ( *Ib.*, p. 183. )

Nessas expressões o que occorre, é a ellipse do *de*, mui frequente  
noutras locuções portuguezas, como em « *lembrando-se* que » ( D. NUNES:  
*D. Aff.* V, c. 17, p. 178 ), « se contentaria acabar » ( *ib.*, c. 20, p. 190 ),

Isto que ao progressismo philologico do critico fluminense e do grammatico bahiano cheira a rãncido purismo, encareem-no elles embora a sorrir do alto da sua superioridade, foi o exemplo allemão; foi a cultura allemã, foi a sciencia allemã quem m'o ensinou, quem me animou a commetter, arrostando o vespeiro de vaidades, que a minha critica se atreveu a melindrar. Na Allemanha, ao fazer do codigo recente, as palavras de procedencia ou physionomia menos vernacula foram pesadas a oiro o fio, por geito que não escapasse nenhuma da menor liga advonticia, do menor laivo estrangeiro. Allemão de lei, soldo, reconhecido, indubitavel, é o de que se não prescindia. Quando se cogitou, por exemplo, da lei constitutiva das associações dotadas de capacidade juridica, feriu-se largo debate sobre a designação, que receberia esse genero de pactos. De outra coisa não se tratou na segunda commissão, a grande elaboradora do codigo civil, quando esta houve de examinar o texto, que recebeu a numeração de art. 25 naquellê monumento legislativo. Os famosos juriconsultos, que aquella junta reunia, não acreditaram desmerecer da sciencia e da seriedade professional, concentrando a discussão toda na critica do vocabulo *estatulos* (*Statut, Statuten*), que se rejeitou, apesar de já contemplado nos dictionarios allemães <sup>1</sup>, por ser de proveniencia estrangeira, trocando-se num substantivo (*Vereinsatzung*), cuja linhagem não offendesse, de leve sequer, os melindres vernaculos da nação. <sup>2</sup>

O bolor, portanto, do espirito do meu purismo é mesmíssimamente o dos autores do maior dos codigos modernos: é a antoposição natural da palavra vernacula á ostranha, da palavra genuína á espuria, da palavra segura á duvidosa.

483.— Do meu archaismo, agora, ter-nos-á dado o sr. JOSÉ VERISSIMO cópia melhor, ou, ao menos, alguma cópia? Absolutamente nenhuma. As minhas occasiões de «mal inspirado gosto archaico» são muitas, diz elle, muitas as em que me sirvo de «*expressões obsoletas*». E por que ao mouos me não convenceu com uma? D'entre tantas, era só escolher, e apontar.

\* a fim que » (ib., c. 37, p. 275), « informados que » (FILINTO, v. V, p. 61), « não ha memoria que » (ib., p. 282), « no caso que » (ib., v. VI, p. 29), « lembrem-se que » (ib., p. 243), « não se querem capacitar que » (ib., p. 316), « tens noticia que », (ib., v. XI, p. 194), « á espera que » (ib., v. XII, p. 187), « foi causa que » (ib., 219), « certos não ser aquella gente algum artificio » (BARROS, Dec. IV, VI, 1, v. VIII, 41), e em innumerables outros modos vernaculos. Com o verbo começar usavam frequentemente os bons autores essa ellipse, dizendo *começar fazer*, em vez de *começar a*, ou *começar de fazer*. (« *Começava intentar.* » BARROS, Dec., v. VI, p. 27. « *Começava já tomar.* » Ib., p. 73. « *Começaram bradar.* » Ib., p. 88. « *Começou lançar.* » Ib., p. 90. « *Começou a India fazer.* » Ibid. « *Começava fazer.* » Ib., p. 91. « *Começou entender.* » Ib., p. 108. « *Começou haver diferenças.* » Ib., p. 150. Etc.)

<sup>1</sup> SACHS-VILLATE: *Encyklopödisches französisches und deutschfranzösisches Wörterbuch*, II Theil, p. 1660.

<sup>2</sup> R. SALEILLES: *Les personnes juridiques dans le cod. civil allemand* (Paris, 1902), p. 21.

« Ha' um facto, que sempre me impressõnou, diz o eminente aquilatador literario : « a nenhuma influencia do sr. Ruy Barbosa, escriptor, sobre os nossos escriptores, mesmo os que mais o admiram. Essa influencia, que eu aliás desejava, como correctivo ao nosso defeito do bom fallar portuguez, comprehendí, depois, se não podia exercer, porque o sr. Ruy Barbosa, como escriptor, era alhoio ao seu meio; admiravam-se os seus escriptos como bellos exemplares de classicismo; mas, salva alguma rara excepção, ninguem se deixou contagiar pelo seu exemplo, nem se fez seu discipulo. »

(No que respeita á materia de facto, não posso entrar em duvida quanto ao valor de um testemunho como o do sr. JOSÉ VERISSIMO. Depõ elle que eu nunca exerci influencia alguma de escriptor que ninguem me imitou jamais. Elle o affirma: deve ser verdade; tanto mais, quanto vem a ser justamente o que entre mim

- 1 « A qual, tomando um pouco sobre si,  
Revolvendo na mente pressurosa  
Os tempos já passados  
Hum pouco lhe pesasse,  
E lá entre si por dura se julgasse. »  
(CAMÕES: *Obr.*, v. II, p. 40.)
- « Disse entre si o coitado. »  
(*Ib.*, v. VI, p. 223.)
- « E rompa-se Magallio, rompa, e cegue;  
E de meus versos lá entre si se espante. »  
(A. FERREIRA: *Obr.*, v. I, p. 228.)
- « Determinou entre si de deixar o mundo. » (DUARTE NUNES: *Cron. de D. Aff.* IV, c. 62, p. 435.)
- « Parecé que tomou Deus o caso de aposta, e que disse entre si. » (M. BERNARDES: *Nov. Flor.*, v. IV, p. 222.)
- « Mas nenhuma coisa ha em Deus mais unida entre si, nem mais identificada, e mais uma, e mais a mesma que a misericordia e a justiça. » (VIEIRA: *Serm.*, v. III, p. 11.)
- « Entré uma verdade passa melhor a mentira. » (VIEIRA: *Ined.*, v. II, p. 164.)
- « Até entre o mesmo Deus ha distincção nas pessoas. » (*Ib.*, p. 141.)
- « Disse entre mim: Depõe, Filinto, a lyra. »  
(FILINTO: *Obr.*, v. I, p. 291.)
- « Digo entre mim a miude. »  
(*Ib.*, v. IV, p. 45.)
- « Este é Quevedo  
(Disse eu logo entre mim.) »  
(*Ib.*, v. V, p. 17.)
- « Digo entre mim reflexo:  
« Este home' é hollandez. »  
(*Ib.*, p. 100.)
- « Dizia entre si Horacio. » (*Ib.*, v. XVIII, p. 52.)
- « Ir entre si dizendo. » (*Ib.*, p. 53.)
- « Como entre mim d'est'arte eu meditava. »  
(CASTIL.: *Fast.*, v. I, p. 13.)
- « Assim — diz entre si — « a achei sentada. »  
(*Ib.*, p. 163.)
- « Bom (Entré si.) Viva Deus. » (CASTILHO: *Camões*, p. 22.) « Pensava eu entre mim. » (*Ib.*, p. 66.) « Meditando entre si. » (*Ib.*, p. 152.) « Antonio (Entre si. » (*Ib.*, p. 163.)
- « Deixada por Theséo num ermo entre o mar vasto  
Do equoreo bando alado Ariadne ia ser pasto. »  
(CASTIL.: *Artic de Am.*, v. I, p. 99.)
- « Julio (entre si). » (CASTIL.: *O Avár.*, p. 271.)

sempre suppoz. Era, sequer, possível que assim não fosse? Dos artistas é que será o influir e captar imitadores. Cabe esse privilegio aos imaginadores, aos creadores, aos pintores, esculptores e ourives da palavra; cabe aos poetas, aos philosophos, aos romancistas, aos dramaturgos, aos historiadores, aos que, na prosa, ou no verso, inventaram, cantaram, sonharam, cinzelaram, aos que vasaram o seu genio, sua pessoa, ou sua vida num livro, ao menos, feliz e duravel. Mas eu, escrevedor de folhas, que rastro poderia sulcar da minha passagem na esphera superior, onde os grandes productores e os grandes criticos literarios dispõem do presente e do futuro? O que só me pudera maravilhar, é que a admiração haja descido entre nós a termos de se fixar, momentaneamente que seja, num esteril da minha casta. O illustre critico honra-me, pois, em demasia, figurando em beneficio meu hypothese tão inverosimil.

Uma coisa, porém, lhe não sei relevar: a arguição de estar eu fóra do meio em que vivo, pela lingua que fallo. Ah! a injustiça passa a medida usual dos sentimentos malevólos, a que a má fortuna me acostumou. Essa fossilização em vida, a que o illustre critico me reduz, não é o que se colligiria da linguagem, em que elle mesmo, no *Livro do Centenario*<sup>1</sup>, aprecia o meu papel de jornalista em nossa terra. Referindo-se á phase da minha direcção no *Diario de Noticias*, cujos artigos de fundo quotidianos, a esse tempo, eram todos meus, attribuiu-lhe o critico brasileiro «uma grande influencia no preparo do paiz para o advento da republica, pela sua acção na decomposição da disciplina do exercito e seus ataques ao derradeiro ministerio da monarchia e aos seus intuitos denunciados como contrarios aos interesses e á vontade popular. «Desde EVARISTO DA VEIGA com a sua *Aurora se não vira no Brasil ter um jornalista tamanha influencia*. O dr. RUY BARBOSA foi, pela sua cam-

« Entre mim pensei. » (C. CASTELLO BRANCO: *Mem. do Carcere*, v. I, p. 168.)

« A ponto de se ficar a madrinha embellezada nelle, e dizer *entre si*. » (*Id.*: *Myster. de Laf.*, p. 19.)

« Dizia *entre si* o fidalgo. ( *Ib.*, p. 101. )

« Puff! — disse eu *entre mim*. » (C. CAST. BRANCO: *O Carrasco*, p. 16.)

« D. Bruno releu a linha escripta a lapis, e disse *entre si*. » ( *Id.*: *Queda d'um Anjo*, p. 97.)

« Calisto Eloy lia estas coisas nas gazetas, e dizia *entre si*. » ( *Ib.*, p. 202. )

« Terminada a leitura, o velho disse *entre si*. » ( *Ib.*, p. 268. )

« Pedro de Castro, recolhendo-se ao seu quarto, ia dizendo *entre si*: « E' um doido incuravel. » (C. CAST. BRANCO: *Doze Casamentos*, p. 203. Ed. de 1902.)

« Nicolau passou avante, e dizia *entre si*. » ( *Id.*: *O Esqueleto*, ed. de 1902, p. 256. )

« O inglez espantou-se, e disse *entre si*: « *Inelegancy! improper!*... » ( *Ib.*, p. 271. )

« Cymodoce disse *entre si*. » (C. C. BRANCO: *Os Martyres*, v. I, p. 16.)

« Ficou Demodoco enleado dizendo *entre si*. » ( *Ib.*, p. 32. )

O *entre* equivale, nesses casos, a *em*: «Que pensará Camões? dizia eu em mim.» (CASTILHO: *Camões*, p. 112.)

<sup>1</sup> Vol. I. *A Instrucção e a Imprensa*, por JOSÉ VERISSIMO, p. 41-2.

panha no *Diario de Noticias, um dos principaes fautores da republica.*»  
 Eis o primeiro depoimento do sr. JOSÉ VERISSIMO. Como harmonizar com elle as suas opiniões actuaes acerca desse mesmo escriptor? Concebe-se que uma penna archaica, um estylo propenso ao obsoleto, uma linguagem avêssa ao meio social pudessem exercer essa influencia suprema nos espiritos, competir em poder na opinião popular com o jornalista mais influente do primeiro reinado, insinuar-se nos quartéis, penetrar no animo da tropa, consummar tamanha propaganda, e ser, na revolução que deu em terra com a monarchia, um dos elementos predominantes?

184.—E' mais preciso na sua censura o dr. CARNEIRO, quando me increpa de archaizar o discurso. «Emprega», diz elle de mim, «emprega palavras já de muito cahidas em desuso; taes como: o adjectivo verbal *perdente*, o participio *conteúdo*, que, assim como todos os participios em *udo*, dos verbos da segunda conjugação portugueza, *está hoje proscripto do bom dizer.*»<sup>1</sup> Acrescente-se a estes dois o adjectivo *lidimo*, e estará concluido o rol das minhas velharias em todo o meu largo trabalho, minudenciosissimamente afuroado á cata desses e outros senões.

Ponto por ponto discuti, em seu logar, esses reparos<sup>2</sup>, e quem me leu, terá verificado que nenhuma de taes palavras se resente da *velhez*; que o mestre lhes exprobra.

No mais novo dos nossos dictionarios, o de C. DE FIGUEIREDO, ainda no quarto anno apenas da sua idade, o adjectivo verbal *perdente* traz nota expressa de vocabulo «pouco usado»; o que importava

<sup>1</sup> Acrescenta, neste logar, o professor CARNEIRO:

«Vem a ponto aqui notar que, algumas vezes, por uma mal entendida delicadeza de orelha, evita o distincto cultor do idioma patrio o emprego de um vocabulo, que na occasião fôra o mais adaptado ao pensamento que intenta exprimir.

«Assim é que no art. 1785 diz: «*repondo elle ou elles aos outros, em dinheiro, o que para estes sobrar.*»

«Julgamos haver usado da preposição — *para* — na phrase — *para estes sobrar*, por escapar ao hiato resultante do encontro das vozes — *c a e* das palavras — *que a estes sobrar*, tornando dest'arte menos portugueza a phrase pelo emprego da preposição — *para* — em vez de — *a*, que o sentido exigia.»

Mostra esta censura apenas que o seu eminente autor não atinou o pensamento do texto, cuja redacção critica.

Reza assim, no meu substitutivo, o art. 1785:

«O immovel que não couber no quinhão de um só herdeiro, ou não admittir divisão commoda, será vendido em hasta publica, dividindo-se-lhe o preço, excepto se um ou mais herdeiros requererem lhes seja adjudicado, e repondo elle ou elles aos outros, em dinheiro, o que para estes sobrar.»

Se, em vez de «*para* estes sobrar», tivesse eu escripto «*a* estes sobrar», diria coisa absolutamente diversa do que se queria: O adjudicatario não reporá em moeda aos outros herdeiros «o que *a* estes sobrar»; porquanto *a* estes, que ainda nada terão havido; nada sobrará. Repõe-lhes sim o que *a* elle adjudicatario sobrará do seu quinhão, *para* o dos outros, ainda não inteirado.

Não raro, como se terá visto no fio deste trabalho, cae nestas o mestre, que, circumscripto aos aspectos grammaticaes, não penetra a intenção juridica dos textos.

<sup>2</sup> Ns. 344-5 (*contcúlo*), 346-7 (*perdente*), 348-352 (*lidimo*).

declaração de estar em uso, posto que não frequente. O adjectivo participial *contido* é enconstradiço, como demonstrei, nas obras de CASTILHO ANTONIO, cuja linguagem me parece não estar ainda «proscripta do bom dizer», e nem no vocabulario de FIGUEIREDO, nem nos demais, traz cotá sequer de *pouco usado*. Quanto a *lidimo* tem-lhe o dr. CARNEIRO a prova da actualidade, a prova mais *ad hoc* que se poderia exigir, no proprio artigo do sr. JOSÉ VERISSIMO, *Uma lição de portuguez*, escripto ácerca do meu substitutivo na imprensa de 4 de agosto deste anno. Alli nos falla ellê no «preconceito de que a LIDIMA fórma vernacula na nossa lingua é a indirecta».

Assim que a critica de archaismo, contra mim enunciada, não me feriria, sem que primeiro se varasse de lado a lado a si mesma. Archaiza o sr. JOSÉ VERISSIMO, segundo o professor CARNEIRO. E o professor CARNEIRO? Esse, a lhe apertarem com o criterio do uso actual, de que se valeram para me inquinarem de anachronismo aquellas expressões, não sairá illeso de culpa. *Por acerto*, em vez de *por acaso*, de *passo*, por *de passagem*, de *ligeiro*, por *às pressas*, *estar de concerto com*, por *estar de accordo com*, são excellentes locuções vernaculas, que eu não hesitaria em empregar, mas que entre nós perderam de todo em todo a voga. Compraz-so, todavia, o dr. CARNEIRO de as semear, e solememente, na sua *Grammatica* <sup>1</sup>, onde os vicios de linguagem, perpetrados pelo mestre em lições aos alumnos, sobre maus exemplos, ficam sendo, ainda, maus conselhos.

E' que a lei do arbitrio não tarda em se voltar contra os que a exercitam. Ora não cónheço nada mais arbitrario que a temeridade e o aprumo, com que as dictaduras philologicas, exorcidas pelo dictionario, ou pela grammatica, desvalijam a lingua de gemmas inestimaveis, romovendo-as como antigualhas e fosséis para os archivos e museus da curiosidade inutil.

483.— Desse mal, que, com summa complacencia, qualifica de «ingenuidade» nos eruditos, se queixa, com as provas em punho, CANDIDO DE FIGUEIREDO, na *Conversação Preliminar* do seu *Dictionario* <sup>2</sup>, lamentando as centenas de preciosos lusitanismos, dicções apropriadas e termos prestadios, que, classificados por essa aristocracia pretenciosa e leviana como archaismos, continuam, na linguagem viva do povo, grande mestre do fallar patrio, a oxornal-o de bellezas desdenhadas pelo capricho dos escriptores.

Entre os muito usados a requintar esse capricho não seria injusto quem incluísse o illustre philologo bahiano, que o leva ao extremo de rejeitar como antiquada a intercalação euphonica do *n* em locuções como estas: «Quem *no* diria? Quem *no* creria?» Vão despartar para o gerontocomio dos velhustros caducos os CASTILHOS,

<sup>1</sup> Pgs. 64, 60, 493, 346.

<sup>2</sup> Pg. vii.

OS LATINOS, e CAMILLOS, cuja decrepidez grammatical perpetrou a monte desses anachronismos:

« Em que não nas vejais abertas. » (CASTILHO: *Camões*, p. 73.)  
 « Sem na olhar, ou sem nã entender. » (*Ib.*, p. 238.) « Não cuidamos que haja ahí quem nas encorpore. » (*Ib.*, p. 242.) « Quem n'a ha-do refutar ? » (CASTILHO: *Fastos*, I, p. 131.) « Quem n'a ousava prove? » (*Ib.*, II, p. 71.) « Quem n'as tosquiaria ? » (CASTILHO: *Georgic.*, p. 219.) « Já não n'o assusta. » (*Ib.*, p. 111.) « Em n'o abrasando a brama. » (*Ib.*, p. 175.) « Não n'as verão ceder. » (*Ib.*, p. 235) « A não n'o haver. » (CASTILHO: *Fastos*, II, p. 149.) « Em n'a esbulhar. » (*Ib.*, III, p. 35) « Não n'os tratam. » (*Ib.*, p. 41.) « Não n'o estrear. » (*Ib.*, p. 49.) « Quem n'a vê. » (CASTILHO: *Amores*, II, p. 86.) « Quem n'o traz. » (*Ib.*, I, p. 85.) « E mesmo sem n'o ler. » (CASTILHO: *Arte de Am.*, I, p. 31.) « Em n'o encobrir. » (*Ib.*, p. 88.) « Nem n'o percebe. » (*Ibid.*) « Não n'a arredava. » (*Ib.*, p. 92.) « Nem n'a agora houvera. » (*Ib.*, p. 99.) « Não n'a esqueças. » (*Ib.*, p. 100.) « Sem n'o elle presumir. » (CASTILHO: *Excavações*, p. 45.) « O porque bem n'o sabem. » (CASTELLO BRANCO: *Cavár em Ruínas*, p. 48) « Bem n'o sei. » (LATINO COELHO: *Oraç. da Corôa*, p. 61.)

1815. — Com esse decepar ao organismo do nosso idioma partes ainda animadas e vivas condescendeu, ainda mal, aquelle mesmo que tão sentida e energicamente o denunciou, o autor do nosso mais recente e opulento vocabulario. Entre as expressões obsoletas ou desusadas enúmera FIGUEIREDO muitas, cuja consagração nos melhores escriptores contemporaneos os devia assegurar dessa injustiça.

Assim, *allures*, usado por CASTILHO JOSÉ, *Arte de Amár*, v. II, p. 317, v. III, p. 278, 279, e; ainda recentissimamente por MACHADO DE ASSIS, *Braz Cubas*, p. 247: « Como dizem *allures*. »

Assim, *adubio*, que se encontra em CASTILHO ANTONIO, á p. 308 dos *Colloquios Aldeões* e á pag. 291 do *Camões*.

« Outra. O dr. CARNEIRO e, como elle, outros grammaticos têm por « não tolerada hoje » (*Serões*, p. 328-9) a construcção portugueza, em que *homem* entra na accepção indeterminada e vaga do *ou* no francès e da particula apassivadora *se* em nossa linguagem, onde tem ainda os succedaneos de *um homem*, *uma pessoa*, ou simplesmente *um*. Mas classicos de nosso tempo, como CASTILHO e C. CASTELLO BRANCO, ainda usaram dessa forma portugueza, cuja elegancia era pena se deixasse perder:

« Tediosa e impolida coisa é fallar *homem* de si mesmo. » (CASTILHO: *As Metamorph.*; prol., p. xi.)

« O que *homem* herda  
 Só o pode chamar seu, quando o utiliza. »

(*Fausto*, p. 46.)

« E' mais facil cortar fun lo nos outros do que arranhar *homem* em si proprio » (*Ib.*, p. 414.)

« Deserto é estar *homem* só, como succede a tola pessoa que não tem *aquillo* com que mais se acenle o engenho. » (C. CASTELLO BRANCO: *Noites de Insomnia*, n. 2, p. 41-2.)

« Mas, se ha temeridade sandia, é querer *homem* pôr hombros de suporte ao desabar das velhas coisas. » (C. CASTELLO BRANCO: *Prologo aos Combates e Criticas* de SILVA PINTO, PORTO, 1832, p. xxiii.)

Assim, *garção*, que MACHADO DE ASSIS não trepidou em escrever e reiterar: «Era um lindo *garção*. Eu era esse *garção* bonito.» (*Braz Cubas*, p. 48.)

Assim, *obsecrar*, que tem a prova da sua contemporaneidade em C. C. BRANCO, versão dos *Martyres*, v. 1, p. 13: «*Obsecra* as divindades dos bosques», bem como a chancellia de LATINO COELHO, *Or. da Corôa*, p. 14: «*Obsecro-te* que o digas.»

Assim, *padar*, chancellado por CASTILHO, á p. 193 das suas *Georgicas*:

«Se vês que lhe negreja

Sob o humido *padâr* a lingua...»

Assim, *desasado*, na accepção de *desgeitoso*, *malageitado*, *nico*, na significação de *macaco*, *billão*, como designativo tecnico da moeda inferior, e *anspessada*, posto militar,—vocabulos todos esses de circulação entre nós universal e quotidiana.

Assim, *gages*, por lucros, *salema*, por *saudações*, *cumprimentos*, e *linda*, por *linda*, *extrema*, *raia*, todos de uso nos *Elogios Academicos* de LATINO COELHO.<sup>1</sup>

Assim, *villa*, encontradiço nos escriptos de CAMILLO. (*Noites de Insomnia*, n. 5, p. 21, n. 6, p. 91.)

Assim, *goliardo*, corrente nas obras desso mesmo escriptor. (*Perfil do Marq. de Pombal*, p. 275; introd. aos *Combates e Criticas*<sup>2</sup>, p. xxxii), e *significancia*, praticado tambem por essa autoridade. (*O Esqueleto*, p. 248.)

Assim, *guisa* e á *guisa*, inscriptos, não só no seu dictionario com a marca de *antiquados*, mas ainda nas suas *Lições* com a de «archaismos inuteis», e, entretanto, utilizados por GARRET (*Obr.* v. XXIII, p. 364), CASTILHO (*Colloquios*, p. 92) e M. DE ASSIS. (*Braz Cubas*, p. 34.)

Assim, ainda, *sambarco*, de que, ha poucos annos, se aproveitava PACHECO JUNIOR.<sup>3</sup>

Assim *al*, *asinha*, *soer*, que, segundo FRANCISCO BARATA<sup>4</sup>, «são hoje de commum emprego entre os mestres da lingua.»

Muitos e muitos outros vocabulos teria que acrescentar, se houvera de tecer lista completa. Vão esses apenas de amostra.

487.—Cada autoridade, lastimando os abusos de seus predecessores nesse terreno, vae, por sua vez, decotando ao pobre do nosso idioma, a titulo de mirradas e seccas, ramas ora florescentes, ora desfrondescidas, mas ainda vivas.

<sup>1</sup> V. II, p. 323, 288, 347, 392.

<sup>2</sup> V. I, p. 41.

<sup>3</sup> Controversia com JOÃO RIBEIRO. Ap. JOÃO RIBEIRO, *Estud. Philol.* p. 41.

<sup>4</sup> *Estud. da Ling. Portug.*, p. 71.

ROQUETE, nas suas notas ao *Leal Conselheiro*<sup>1</sup>, averba de *antiquadas*, ou *desusadas*, as expressões *amercear-se*<sup>2</sup>, *desvestir*<sup>3</sup>, *mestria*, *rijo* (em função adverbial); *aguçar* (por *espertar*, *estimular*), *desesperança*, *pêco* (na significação de *nescio*; *tolo*, como descendencia do *pecus* latino), e *pequice*<sup>4</sup>, que, ainda hoje, quasi sessenta annos depois, são de uso commum.

SOTERO DOS REIS<sup>5</sup> assignala como antiquados os particípios *não*, *teúdo* e *manteúdo*, quando os dois ultimos JOÃO RIBEIRO<sup>6</sup> apresenta como «ainda usados» (o que é corrente, na expressão *teúdo e manteúdo*), e do primeiro temos exemplos contemporaneos, entre outros, nos livros de CASTILHO.<sup>7</sup>

Tacha de *obsoleto* JULIO RIBEIRO (*Gramm.*, p. 352) o substantivo *avença*, que, entretanto, nem CASTILHO<sup>8</sup> e CAMILLO<sup>9</sup> se pejaram de empregar, nem os menos inclinados aos classicos ainda hoje duvidariam fazel-o.

São corriqueiras, com os verbos *gastar*, *imprimir*, *ganhar*, phrases como estas: «Pouco tenho *ganhado*.<sup>10</sup> Elle não me tem *escrevido*. Tenho *gastado* tudo.» Pois a *Grammatica* de JULIO RIBEIRO<sup>11</sup> enjeita esses tres particípios como antiquados.

Nada mais commum, ainda agora, que as formas do gerundio: *em amanhecendo*; *em acordando*; *em morrendo*; *em chegando*; *em concluindo*. Não ha conversa, em que se não profiram, ou livro, onde

<sup>1</sup> Pgs. 64, 82, 91, 93, 99, 142, 259, 325, 450.

<sup>2</sup> «Nem Deus se *amerceará* delle.» (A. HERC.: *O Bôbo*, p. 298.)

<sup>3</sup> «Quando alguém tente *desvestir* a espada»

«Ella mesma, que é ella, apenas se *desveste*»

São versos de CASTILHO ANTONIO, o primeiro nos *Fastos*, v. II, p. 209, o segundo na *Arte de Amar*, v. I, p. 86.

As *Metamorphoses* (p. 265) deparam-nos o mesmo verbo:

«*Desvestindo*

A viril forma, que por mim tomara.»

<sup>4</sup> «O ter de mulheres medo

E' signalada *pequice*.»

(A. HERC.: *Poes.*, p. 292.)

«Rompê-las mãos de homens, fôra *pequice* tão sómente imaginal-o.» (HERC.: *Lendas*, v. II, p. 33.)

«*Riria da pequice*.» (HERC.: *O Bôbo*, p. 26.)

<sup>5</sup> *Apostill. de Gramm. Geral*, p. 13, 14.

<sup>6</sup> *Gramm.*, ed. de 1901, p. xxv.

<sup>7</sup> *Fastos*, v. II, p. 41, 83 e 89. *Georgicas*, p. 75. *Arte de Amar*, v. I, p. 58.

<sup>8</sup> *Fausto*, p. 122.

<sup>9</sup> *Narcoticos*, v. I, p. 65, v. II, p. 6. *Cancion. Alegre*, ed. de 1879, p. 65. *Avençar-se*: *Cavar em Ruínas*, p. 27; *Virtudes Antigas*, p. 24; *O Cego de Landim*, p. 24; *A Morgada de Romariz*, p. 31.

<sup>10</sup> «São merecimentos pessoas, *ganhados* a poder de bom estudo e honrada vida.» (CASTILHO: *Canções*, p. 273.)

<sup>11</sup> Pg. 152, n. 266.

não se escrevam. Mas a *Grammatica* de AUGUSTO FREIRE <sup>1</sup> as indigita como syntaxe archaica.

Não é essa mesma autoridade quem dá como desterrados do uso vernaculo pelos termos *ctagère* e *dunherque* as expressões *consolo* e *aparador*, tão frequentes ainda em nossa linguagem vulgar?

488. — Tomem-se as obras de CASTILHO ANTONIO, «talvez o maior apurador do escriptor portuguez do seculo dezenove». <sup>2</sup> Estão crivadas, pagina a pagina, de locuções *desusadas, antiquadas, archaicas*, a nos guiarmos pelos afferidores professos da moeda corrente em nosso idioma: os grammaticos e dictionaristas.

Quando não, vejamos: *pascigo* (*Georgicas*, p. 161); *agro*, por *campo* (p. 161, 197); *lastimeiro* (p. 185); *andorriaes* (p. 187); *escontra* (p. 189); *colle* (p. 219); *a-la-fê* (p. 300; *Fastos*, v. III, p. 153); *escuriza* (*Geogics*, p. 289; *Fausto*, p. 386); *venida* (*Georg.*, p. 47); *affeite* (p. 71); *amojar* (p. 77); *prol* (p. 87); *ressio* (p. 113); *abreviar* (p. 157); *contagiao* (p. 205); *mparar* (p. 35); *acciro* (*Fastos*, I, p. 99); *obsecrados* (*Fast.*, I, p. XLIX); *chacim* (*Fast.*, III, p. 111); *tomar voz por* (*Felicidade pela Instr.*, p. 111); *em que*, por *ainda que* (*Amor e Melanc.*, p. 247); *umbrãtilles* (p. 331); *que furte* (*Fausto*, p. 113, 202); *em mal*, por *ainda mal* (p. 126); *hemos* (p. 232); *mau peccado!* (*Colloq.*, p. 37); *gigas* (p. 97); *palũde* (*Fastos*, I, p. 131); *fêrculo* (p. 135); *ser*, ora por *ter* ora por *estar* <sup>3</sup>; *mais bom* (*Fausto*, p. 239; *Amores*, III, p. 38) <sup>4</sup>; *afim* (*Fausto*, p. 356.)

LATINO COELHO entrava ainda mais afoitamente por esse campo, usando, sem vacillar, torneios syntacticos de fundo cunho antigo, como este: «A realidade historica *da que* os factos dão apenas a vestidura material e transitoria» <sup>5</sup>, — forma singularmente classica e ainda entre os classicos infrequentissima, que parece moldada no quillo do padre ANTONIO VIEIRA: «Estas são as maravilhas da misericordia, *da que* David parece que se admirava.» <sup>6</sup>

Não tomava GARRET menos liberdades com o desusado e o antigo do que com o novo e o forasteiro. Abrindo a oito um dos seus volumes,

<sup>1</sup> Pg. 274.

<sup>2</sup> C. DE FIGUEIREDO: *Lições Prat.* I., p. 277.

<sup>3</sup> «As armas inda improprio, imberbe infante»

Era ficado em Roma, ultimo Fabio.»

(*Fastos*, I, p. 103.)

«..... quando Fauno

Lá do viso de um monte, onde então era,  
Os avistou, e ardeu.»

(*Ib.*, p. 109.)

«Vem! onde és tu? vem ver nossos regalos!»

(*Ib.*, II, p. 155.)

<sup>4</sup> JOÃO RIBEIRO (*Gramm.*, p. 73) diz não ser de uso, admitindo aliás *mais mau*.

<sup>5</sup> *Elogios Academicos*, v. II, p. 573.

<sup>6</sup> *Sermões*, v. III, p. 265.

para logo se me deparam expressões de antiga usança, como *partes* na accepção de *qualidades, diffidencia, á guisa de ruda*.<sup>1</sup> A. HERCULANO, com especialidade nas suas obras mais literarias, no *Monasticon*, no *Bôbo*, nas *Lendas e Narrativas*, não poupa os thesoiros da antiguidade vernacula. OLIVEIRA MARTINS, que se não presava de classicismo, esmaltou copiosamente das graças antigas as suas mais bellas obras historicas. Folheando a esmo, por exemplo, a *Vida de Nun'Alvares*, em poucas paginas vemos asfluirem todas estas locuções de velho cunho e nulla circulação hoje: *ruda*, em vez de *rudo*, *appellido*, por *chamado*, *alardo*, em lugar de *revista*, *homens de cavallo*, *correger*, *irigosamente*.<sup>2</sup> O nosso GONÇALVES DIAS, neste particular, usava e abusava, nem sempre a proposito, desde o *asinha*<sup>3</sup>, que tem a chancellada de outros modernos<sup>4</sup>, até o *sembrar*, de uma antiguidade talvez irreconciliavel com a lingua de hoje.<sup>5</sup> JULIO RIBEIRO não trepida em desoxidar o inusitado *asir* e o dosusadissimo *ludo*.<sup>6</sup> *Al, harto, meles* (meis), *fertiles, avadema* e outras são formas antigas, de que se cravejam as poesias de MACHADO DE ASSIS.<sup>7</sup> Da expressão *partes*, no velho sentido, hoje—ainda mal!—esquecido aos nossos escriptores, se aproveitou habilmente FRANCISCO DE CASTRO<sup>8</sup>, um dos poucos sabedores do nosso idioma nesta terra e um dos que mais aprimoradamente entre nós o têm polido.

489.— Serão archaistas esses escriptores? Terão incorrido o vicio<sup>9</sup> de archaismo, por haverem tentado insuflar o espirito do nosso tempo nessas formas de outr'ora? Não. Foram antes renovadores bemfazejos do idioma patrio, que não rejuvenesce unicamente com as locuções creadas agora de novo pela inventiva dos modernos, senão também com o revivescer das antigas, do mesmo modo como o arvoredo não frondesce de primavera unicamente com o novedio das vergonteas lustrosas e tenras, agomadas ao sopro da sazão creadora, mas ainda com o reabrotar das galbas antigas e rugosas, que a intelligencia do cultor providente se

<sup>1</sup> Vol. XXIII, p. 371, 152, 364, 401.

<sup>2</sup> P. 371, 373, 375, 379, 392, 405.

<sup>3</sup> *Poesias*, v. II, p. 79.

<sup>4</sup> CASTILHO Jesé: *Grinalda á Arte de Amar*, v. I', p. 37.

<sup>5</sup> « Succedem-se as cores,  
Qu'imitam as flores,  
Que *sembram* primores  
D'um novo arrebol. »

(*Poesias*, v. I, p. 1 89.)

<sup>6</sup> *A Carne*, p. 45, 83, 173.

<sup>7</sup> P. 154, 285, 240, 277, 133.

<sup>8</sup> « Coube ao visconde de TAUNAY pelas suas muitas *partes* de superioridade, uma missão typicamente caracteristica, naquella phase de agitação e controversia, que feneceu com o anno legislativo de 77. » (*Discursos do dr. FRANCISCO DE CASTRO*. Rio, 1902. P. 47.)

<sup>9</sup> « Porque d'este modo escusarão de *encorrecer a culpa* da engratidão. (BERNARDES: *Nota Floresta*, ed. de 1759. v. II, p. 178.)

absteve de esfrancar, á espera de vel-as garrir e revicejar em galas e fructos entro as recém-vindas á festa annual da natureza.

Como proscreever em absoluto o *archaismo*, quando se recebem, aconselham e festejam os *neologismos*? Pois, se, por dar expressão adequada a idéas, factos ou coisas novas se nos permite e applaude que recorramos ao cabedal estrangeiro de outros idiomas, vivos e mortos, como nos havia de ser defeso recorrermos, para a mesma serventia, á nossa propria fazenda, injustamente abandonada ao mugre pelo deleixo de umas gerações e a insciencia de outras?

Dos vocabulos que DUARTE NUNES, vao por tres seculos, enter-rava, quasi metade a precisão, a curiosidade, ou a arte os trou-xeram de novo á luz, e circulam hoje a par dos novissimos no idioma corrente. O mesmo aconteceu aos inscriptos no obituario philo-gico de FRANCISCO JOSÉ FREIRE, e acontece a cada hora com os certificados de inhumação lavrados pelos dicionaristas. Essas covas facilmente se transformam em berços. De uma expressão hoje em dia tão corriqueira como o substantivo *talante* escrevia, ha cerca de duzentos annos, BLUTEAU: «*Palavra antiquada, que queria dizer vontade. Parece que no tempo de D. FRANCISCO MANUEL talante era palavra culta.*»<sup>1</sup>

Quando nos não corremos do ir tomar de empréstimo a estranhos as locuções, que nos fallecem, como nos envergonhámos de recorrer ao *nosso*, de ir buscar nos thesoiros, que o esquecimento domestico entregou á ferrugem, as preciosidades reclamadas pela occasião? Poderíamos considerar menos desusada a expressão alheia, que deliberamos importar, do que a velha, de posse nossa, esque-cida por algum tempo? Terá mais autoridade, emquanto *uso*, a voga estrangeira, para adoptarmos uma locução exotica, do que a an-tiga tradição vernacula, para volvermos á circulação um deslem-brado vocabulo português? O desuso absoluto de uma palavra adventicia não será mais cabal e remoto que o relativo e tempo-rario desuso de formas patrias, outr'ora correntes? Um artefacto já conhecido aos nossos maiores traz-nos hoje de Europa o nome de *bobèche*. Mas nossos paes lhe chamavam *dirandela*, ou *cran-dela*. Como acercar-nos mais do uso, e observar-lhe melhor a lei? Impondo-lhe o nome francês? Ou reanimando o velho termo nacional? Servimos ao uso, enfeitando-nos com o francês *dessert*, com o francês *élite*, com o francês *enveloppe*, com o francês *plateau*, com o francês *rendez-vous*. E não estará mais perto de nós o *nosso proprio uso*, antolhando-nos, de preferencia a esses, com o costume de casa, o antigo português *ponto dado*, ou *prazo dado*, o antigo por-tuguês *achada*, *chã*, *planalto*, *chapada*, o antigo português *sobre-carta*, o português antigo *sobremesa*, *postres*, *pospasto*?

<sup>1</sup> *Vocabulario Port.*, v. VIII, p. 17.

190. — Se eu houvesse utilizado no meu trabalho algumas das applicações classicas do genitivo *cujo*, interrogativas, ou não, taes como: « *o seu, a cujo é* », « *cujos eram os filhos?* » tinha de havel-o <sup>1</sup> com o dr. CARNEIRO, ou o sr. JOSÉ VERISSIMO. Era caso de *archaismo*, o flagrante. Vejo, entretanto, que um douto philólogo brasileiro faz votos pela restauração dessas antigas formas vernaculas. <sup>2</sup> « *Cujas são tantas terras conquistadas no Oriente?* » dizia VIEIRA. « *Cujas as armadas que cobrem e navegam aquelles mares? Cujos os portos que enriquecem com os commercios e tributos, que o Indo e o Ganges só pagavam ao Tejo?* » <sup>3</sup> Doutra vez :

<sup>1</sup> JULIO RIBEIRO, censurando a phrase « *Elle tem de se haver commigo* » phrase cujo cunho classico mostrei numa das notas anteriores, reprova igualmente a que no texto acabo de empregar. « *MORAES e CONSTANCIO erram* », diz elle, « procurando explicar a phrase incorrecta *Havel-o com alguem*, a qual deve ser emendada *Aril-o com alguem*. » (*Gramm.*, p. 152)

Na emenda alvitrada pelo eminente grammatico é que ha incorrecção palpavel. *Aril* na significação transitiva quer *dizer ajustar, compor, conciliar, congraçar, concordar*: « E se alguns Concelhos hão demandas ou contendas entri si, deve trabalhar quanto puder de os concertar e *aril*. » (*Orl.* I, 39.) Na phrase *havel-o com alguem* o sentido é, ao revés, de *pendencia, disputa, conflicto*. Averbál-a de incorrecta, unicamente por não ser clara a chave da regencia grammatical na ellipse alli manifesta seria inquinár de igual vicio a varios idiotismos nossos, cuja syntaxe não se conhece, e perpetrar aquillo que, a proposito da opinião de JERONYMO SOARES acerca do infinito pessoal, escandaliza a JULIO RIBEIRO, indignado com a audacia de se notarem erros a CAMÕES e Fr. LUIZ DE SOUSA. Este, por muitas vezes, na *Vida do Arcebispo*, se utilizou do *havel-o* sob aquella forma. E, como elle; outros mestres. Citarei o autor da *Eufrosina* e o da *Comedia do Cioso*.

Na primeira (a. I, sc. 4) temos:

« — Ide eramá que vos mente a bebada Philtra. — Mentir, ou como? achastes vós o emanto sofrido, *com quem o has*; quaresma? para lhe tirar um olho e mostrar-lho ao outro. »

Na segunda:

« — Ah treição... vil encubridora de ladrões. — Eu não conheço aquella falla. — Tinham-se concertado; eu te conheçeréi quem quer que és. — Pera que vem? — Antes damenhã a estas oras, um e outro saberão *com quem o houveram*. »

E, já que fallei em Fr. LUIZ DE SOUSA, por não deixar sem prova o meu dito, apontarei dois exemplos seus:

« Fr. João, acautelando-se com tempo, como sabia *com quem o havia*... » (*Vida do Arc.*, l. I, c. 21.)

« Foi embecendo tempo, e estendendo a pratica com rodeios e dissimulação, a ver se se desculdava o prior; mas *haviám com homem executivo*. » (*Ib.*, l. II, c. 3.)

FILINTO ELVISO empregou muitas vezes esse modismo, de uma expressão incisiva e vigorosa:

« Com mais dura que tu *havel-o* queres. »

(*Obr.*, v. XII, p. 194.)

« Que o teria de *haver* c'um Leão Monarcha,

« Terrível creatura. »

(*Ib.*, v. XIII, p. 236.)

« E muito mais quando o não *has* com muitos ouvintes, mas com um só. » (*Ib.*, v. XXII, p. 75.)

Já se vê que JULIO RIBEIRO assentou a sua opinião, sem conhecer os textos classicos, e que a razão está da parte de MORAES.

<sup>2</sup> LAMEIRA DE ANDRADE: *Gramm.*, p. 606.

<sup>3</sup> *Sermões*, v. XIII, p. 220.

« Senhor, por *cujos* peccados nasceu este moço cego, pelos seus, ou pelos de seus paes? »<sup>1</sup> E, ainda: « Mas *cujas* foram as diligencias? Mas *cujas* foram as tardanças? »<sup>2</sup> Ou: « *Cuja* era aquella imagem, e *cujo* nome escripto nas letras? »<sup>3</sup>

LAMEIRA DE ANDRÁDE quizerá ver reactualizada esta linguagem. Parte de um falso presupposto esse desejo. O uso classico, aqui, não teve jámais solução de continuidade. Manteve-o CASTILHO ANTONIO, ALEX. HERCULANO e C. CASTELLO BRANCO.<sup>4</sup> Mas a respiração enunciada pelo nosso grammatico está evidenciando a necessidade literaria de taes ressureições e o futil das incropações de archaismo, lançadas sem a prova de inconveniencia, impropriedade, ou mau gosto.

491.— Guardadas as leis, talvez indefniveis, mas sentidas e instinctivas, do bom gosto, as da propriedade e conveniencia no escolhel-os, as da moderação no ousal-os, as da oportunidade no tental-os, as do tacto no expol-os, de modo que a phrase, onde se insinuem, ou enervam, lhes allumie e patenteie o sentido, insigne serviço fazem os bons escriptores á sua lingua, reempossando-a no goso de vocabulos e torneios antigos deixados esquecer por injustos desprezos do tempo. « Aos modernistas onjoadiços », dizia CASTILHO, « só respondo que onde tão sobejo e tão consentido anda o uso de barbaros neologismos e estrangeirices semsabores, não se deve estranhar que um amigo de sua lingua forceje por lhe restituir parte dos haveres, com que se já viu tão abastada, e que só por descuido de seus administradores e feitores andavam perdidos; que, já que a escusadas novidades se tem a porta aberta, dêem por olla entrada a alguma pouca antigualha, que não morecia do ter morrido; mas que, pois desaparecera, e agora volta, tambem como novidade, quando por mais não seja, a podem admittir ». <sup>5</sup>

Defendendo, porém, essa utilissima franquia do bom escrever, a que, na mão dos mestres, devem todos os idiomas boa parte das galas, com que incessantemente se renovam, não se descuidava o eximio escriptor de lhe indicar as condições essenciaes. « Tão parco me portei », advertia, « no exercicio desta prerogativa, concedivel a todo escriptor sisudo e de consciencia, que, se algumas raras vezes me vall de palavras passadas, foi quando entendi que eram *necessarias*, ou, *pelo menos*, *uteis*; por *bellas*,

<sup>1</sup> Serm., v. VI, p. 66.

<sup>2</sup> Serm., v. II, p. 212.

<sup>3</sup> *Ib.*, p. 219.

<sup>4</sup> CASTILHO: *Primavera*, p. 27, 196. *Arte de Amar*, v. I, p. 124. *Outono*, p. 74. *Colloquios*, p. 20.

CAMILLO, *Noites de Insomnia*, n. 5, p. 19.

A. HERCULANO: *Lendas*, v. II, p. 40. *O Bóbo*, p. 185.

<sup>5</sup> *As Metamorphoses, prol.*, p. XIX.

ou por expressivas, dignas de resurreição; o que nem a todos os archaismos acontece; e nunca as puz, senão em logar e de modo que o contexto do periodo lhes declarasse, á justa, ou proxima-mente, a significação.»<sup>1</sup>

Não teve nunca o idioma italiano quem o escrevesse melhor que LEOPARDI. Seus versos, cuja belleza, na phrase de GLADSTONE, resurgiu a poesia italiana, extineta nos labios do DANTE, e suas prosas inoffaveis de simplicidade e pureza tocaram a perfeição das graças gregas. Vêde, entretanto, nas suas palavras de singola belleza, que verto do italiano, como elle se exprimia nesta questão, commentando a sua profissão de fé contra os archaismos, *Odio gli arcaismi*, por vezes reiterada no curso de seus admiráveis *Pensamentos*: «Abomino o archaismo... Mas os nossos escriptores antigos e antiquissimos abundam em palavras e maneiras hoje desusadas, que, sobre serem de significado manifestissimo á quem quer que for, tão naturalmente e suavemente e facilmente caem no discurso, tão alheias se mostram a todo o geito de affectação ou estudo no seu uso, são, em summa, tão frescas e viçosas, que o leitor, se não sabe de onde lhe vêm, não dará tino de que sejam passadas, antes haverá por modernissimos e como que acabados de cunhar no momento esses vocabulos e modos, cuja antiguidade, quando se possa conhecer, não se poderá jamais sentir. E, ao passo que aquell'outros, caberia comparal-os ás coisas inanidas, rancescidas, abolezcidas<sup>2</sup> do tempo, estes semelham á fructa, que, envolvida em cêra, se conserva, para comer fóra da sazão, e, ao deixar o envoltorio, está vivida, e fresca, e bella, e corada, como se então a colheramos do pé... Se bem descostumados, e do larguissimo tempo, no escrever, no fallar, ou no fallar e escrever, não têm ar de esquecidos, mas depositos á parte, em seguro, para se volverem opportunamente a usar.»<sup>3</sup>

192.—Em todos os tempos se percebeu que nos dominios da antiguidade, ainda pelas mais abandonadas regiões do archaismo, ha thesoiros e jazidas por explorar, com grande vantagem para o desenvolvimento e renovação das linguas vivas, para o lustre e opulencia das literaturas modernas.

Já FERNÃO DE OLIVEIRA, o mais antigo dos nossos grammaticos, notava que «o uso destas dições antigas traz e dá muita graça ao falar, quando é temperado e em seus logares e tempos».<sup>4</sup> Oxalá, dizia, tres seculos depois, ANTONIO DAS NEVES PEREIRA, «oxalá que os nossos escriptores antes se inclinassem a resuscitar muitos voca-

<sup>1</sup> *Ibidem*.

<sup>2</sup> « Stantivite, rancidite, ammuffite. »

<sup>3</sup> GIAC. LEOPARDI: *Pensieri di varia filosofia e di bella letteratura*. Vol. II. (Firenze, 1900), p. 402, n. 1099.

<sup>4</sup> *Grammatica de Linguagem Portuguesa*, c. 36, p. 81. Ed. do Porto, 1871.

bulos assaz energicos do seculo quinze e dezeseis do que a mendigar das linguas estrangeiras tantos outros, que não dão maior credito à nossa lingua, nem lhe conciliam mais graça, nem mais energia». <sup>1</sup> Ainda mais perto destes nossos dias refurçava o bom senso dessas reflexões outro autorizado cultor das coizas vernaculas. Era FRANCISCO BARATA, no seu opusculo de estudos da lingua: «Não vemos nós que muitas censuras mereçam aquelles escriptores, que ao passado vão buscar termos obsoletos e hoje sem uso, para lhes dar livre curso no exprimir de suas idéas. Com isto não queremos o chamamento daquella linguagem anterior a D. JOÃO I, e maiormente a D. DINIZ, mas a escripta e fallada nos seculos aureos de nossas letras, em que viveram CAMÕES, BARROS, OS BERNARDES, FR. LUIZ DE SOUSA, ARRAES, HEITOR PINTO, VIEIRA, PAIVA DE ANDRADE e muitos mais. A moda tem sujeição a linguagem: uma esquece e se antiqúa, para se dar vida á outra, que já foi usada.» <sup>2</sup>

**493.**—Não convertamos, portanto, em espantalhio o nome de *archaismo*. Todas as gerações assistem ao reabrir de palavras antiquadas, que outra vez, ao influxo de novos tempos, rebentam de seu, espontaneas e bellas, sob a penna dos escriptores de bom gosto. Com os *archaismos* a lei é a mesma que a respeito dos *neologismos*: usarem-se «discretamente, quando necessarios, ou uteis». <sup>3</sup>

Nem porque eu assim me enuncio, poderá campear contra mim a tachã, que me impõe o sr. JOSÉ VERISSIMO, de não possuir no devido grau «o sentimento da evolução da lingua». Ninguem o possuiu mais do que LITTRÉ, cujos trabalhos historicos nesta materia regeneraram, em França, a sciencia do seu idioma. Não era elle, comtudo, quem, pouco mais ha de trinta annos, levantando o brado contra a corrupção do francês, exhortava os seus naturaes «à avoir souci de notre *parlure* (c'est le mot de nos aïeux). car n'obligez pas le peuple à parler français, car n'obligez pas le peuple à parler français?» <sup>4</sup>

Sim, elle, e não outro. Elle, e não outro, quem, no prefacio do seu *Diccionario*, chamou de «esperdiçado» o idioma, que, «sem motivo, deixa perder vocabulos bem feitos e de boa liga». Elle, ainda, quem, na sua *Historia da Lingua Francesa* <sup>5</sup>, disse: «Dentro em certa medida, o archaismo, cujo gosto ás vezes se oblitera, mas não se extingue nunca, é salutar á alma e ao espirito.»

O evolucionismo, com o vicio de todas as demasias contemporaneas em *ismo*, não logrará banir da evolução natural nas linguas o inestimavel concurso da revivescencia das fôrmas antigas, ou da

<sup>1</sup> *Memor. de Literat.*, tom. IV, p. 80 e 81.

<sup>2</sup> P. 68-9.

<sup>3</sup> AUGUSTO FREIRE: *Gramm. Port.* Ed. de 1894. P. 333.

<sup>4</sup> Ap. EM. DESCHANEL: *Les déformations de la langue française.* Paris, 1898. P. 208.

<sup>5</sup> LITTRÉ: *Histoire de la langue française*, v. I, p. 416.

sua preservação contra os antojos doentios da modernidade intransigente. *Sollicitude*, no francês, cheirava mal ás *Sabichonas* de MOLIÈRE :

«... *Sollicitude* à mon oreille est rude,

Il pue étrangement son ancienneté.»

Não obstante, porém, enfiar as illustrissimas ovolucionistas daquelle tempo, *sollicitude*, ficou, sem quebra de mocidade, energia e vigor, no vocabulario desse idioma, através da inundação neologica om que mais tarde se viu de monte a monte alagado.

Elemento de regeneração, quando sensatamente disciplinado, no vocabulario das linguas, esse aroma de antiguidade, « *une certaine fleur d'antiquité* »<sup>1</sup>, que do habil emprego das boas locuções antigas se desprende, é um dos segredos da graça e força nos escriptores de grande raça, nos *stylistas* de escola, nos renovadores do gosto literario, nos creadores de obras d'arte<sup>2</sup> duradoiras. DE GABRIEL P'ANNUNZIO (por me não afastar do mais moderno) poude VOÛË<sup>3</sup> dizer que, obseço dos velhos mestres, vive incessantemente a excavar as remotas nascentes de sua lingua.

194.— Nesses limites é que eu comprehendo e entretenho, no meu tanto, o gosto da antiguidade, cuja exaggeração gratuitamente me achaca o sr. JOSÉ VERISSIMO. O habito de cavar e recavar nos velhos mestres as riquezas incalculaveis do idioma patrio me trouxe á convicção, em que JOÃO DE BARROS estava, de que « a quem não fallecer materia e engenho, para demonstrar sua tenção, em nossa linguagem, não lhe fallecerão vocabulos ». A mim, na minha longa, aturada e continua pratica do escrever, me tem succedido innumeradas vezes, depois de considerar por muito tempo necessaria e insupprivel uma locução nova, encontrar vertida em expressões antigas mais clara, expressiva e elegantemente a mesma idéa. Nesses casos o bom escriptor, a quem não mingue consciencia e tino do officio, não deve receiar-se de tentar e pertentar<sup>5</sup> a rea-

<sup>1</sup> *Ib.*, p. 410.

<sup>2</sup> O verrinista de certa critica infamante ao meu substitutivo leva-me a riso o escrever eu *obra d'arte*. Será que o *ouvido brasileiro* faz questão do *« arte »*. Eu, porém, escrevi á maneira dos melhores escriptores vernaculos. Haja vista CASTILHO, no *Camões*, 1<sup>a</sup> ed., p. 181.

<sup>3</sup> VOÛË: *Histoire et Poésie*, p. 239.

<sup>4</sup> JOÃO DE BARROS: *Dialago em louvor da nossa linguagem*.

<sup>5</sup> « Tenta a morte vencer; pertenta, e balda,  
Quantos lhe occorrem. medicos segredos. »

(CASTILHO: *As Metam.*, p. 98.)

*Pertentar*, excellento neologismo, gerado nesses versos do traductor de OVIDIO, para significar a insistencia, no tentar. E' uma applicação rigorosamente vernacula do prefixo *per*, denotando *força*, *augmento*, *continuação*, *intensidade*, *persistencia*, como em: *perambular*, *percautar*, *perdurar*, *perfulgir*, *perfarcer*, *perlavar*, *perlongar*, *permanecer*, *perquirir*, *persecurtar*, *persistir*, *persolver*, *persoterrar*, *peritubar*, *percagar*.

nimação da fôrma dosusada, com tal que<sup>1</sup> venha a cair naturalmente, como não de estudo, no logar onde a empregarmos, e da urdidura do texto lhe resumbre transparente o significado.

Até ahí creio que o illustre crítico me não terá que embargar. Num ponto divergiremos, isso é verdade: quando elle, entre exaggero e exaggero, entre vicio e vicio, me prefere o do neologismo ao do archaismo. Reprovando ambos elles, eu me não quereria ver obrigado a optar por um, ou por outro, certo de que, em qualquer dos casos, haveria da outra parte seus contras á minha escolha. Porém<sup>2</sup> sempre estou que dos dois, com as tendencias excessivamente progressistas e versateis da nossa edade, não é no caturrismo vernaculo que avultaria jamais o perigo. Esse, nos tempos de agora,

« Deu a cêsta a guardar a tres donzellas,  
Filhas do duplex Céerope; mas logo  
Com tal que nunca dentro espreitariam. »

( CASTIL. : *Metam.*, p. 91-5. )

E' o com tal que uma variante elliptica da expressão vernacula com tal condição que, tambem encontradica nos bons autores. Ex.:

« Elles o queriam levantar, com tal condição que em espaço de um anno elle, nem os que com elle estavam, nem outra qualquer companhia de gente que lhe viesse, fizesse guerra naquella comarca. » DUARTE NUNES: *Cron. del-rey d. Affonso o V.*, c. 58. ( Ed. de 1789, p. 422. )

« Com tal que com raiva não chegueis a praguejar. » ( JORGE FERREIRA : *Eufrosina*, III, 2. ) « Com tal que seja eu o esposo. » ( *Ib.*, 6. ) « Com tal que mo agradeças. » ( *Ib.*, IV, 7. ) « Com tal que antes de sairem de palacio haviam de dar conta de suas rendas. » ( BERNARDES : *N. Flor.*, v. IV, p. 289. )

<sup>1</sup> Um dos mestres contemporaneos da boa linguagm professã não ser « bem portuguesa a collocação da adversativa porém no principio de uma oração ». ( FIGUEIREDO : *Liç. Prat.*, v. I, p. 122. ) Porém todos os classicos de todos os tempos m'a deparam frequentemente assim collocada.

Vão, em prova, alguns textos e indicações de textos.

« Porém ainda que devemos aver esta guarda nas virtudes, desposiçom dellas, e manhas do corpo, nom podem sear de todos por igual possuidas. » ( D. DUARTE : *Leal Conselheiro*, p. 132. )

« Porém aquelles que se enalçarom por grandes riquezas do mundo... » ( *Ib.*, p. 231. )

« Porém vos aconselho que tenhaes tal geito com todos... » ( FERN. LOPES : *D. Fernando*, c. 41, in fin. )

« Porém, quando os capitães tomavam, faziam algumas entradas. » ( BARROS : *Dec.* I, l. I, c. 4. V. I, p. 40. )

« Porém não me lembran. » ( BERNARDIM : *Menin.*, c. 5, p. 57 )

« Porém, era já menhan quasi. » ( *Ib.*, c. 8, p. 85. )

« Porém já neste tempo andava outro genero de prophacia mais temeroso. » ( SOUSA : *Annaes*, p. 48. )

« Porém achou forte contraste. » ( *Ib.*, p. 51. )

« Porém elle tanto que as teve a tiro... » ( *Ib.*, p. 73. )

« Porém vendo agora que se chegavã dia de juizo pera elle... » ( *Ib.*, p. 83. )

« Porém faz-me força para não deixar nenhum huma lembrança... » ( *Ib.*, p. 102. )

« Porém como os que n'ella moram e tratam não são anjos por natureza... » ( SOUSA : *Vida do Arch.*, l. II, c. 21. )

« Porém se a comunicação de importantes segretos é a ultima prova de verdadeira amizade... » ( *Ib.*, c. 30. )

« Porém, se lhe não consta da intenção; e... » ( BERNARDES : *Luz e Valor*, p. 67. )

« Porém não foi ouvido de Deus. » ( *Ib.*, p. 63. )

« Porém não se imagine o peccador estar destituido de verdadeiro arrependimento. » ( *Ib.*, p. 70. )

« Porém Deus que se gloria de confundir os sabios do mundo, fez... » ( *Ib.*, p. 71. )

não será capaz de proselytismo. As sementas, que esparzisse, mirrariam todas em solo hostil. « Não é dos archaismos que o português tem recebido grande mal ; nem sei do lingua que com elles

« Porém o santo propheta, cuja lingua era hũa facha ardendo, lhe respondeu. » ( *Ib.*, p. 72. )

« Porém no caso que ambos estes exercicios não coubessem... » ( *Ib.*, p. 75. )

« Porém já lá teve o seu premio. » ( *Ib.*, p. 76. )

« Porém levo o sentido em não fazer grande volume. » ( *Ib.*, p. 77. )

« Porém é de advertir... » ( *Ib.*, p. 81. )

« Porém fazer penitencia por direcção do padre espirital... » ( *Ib.*, p. 83. )

« Porém recorreu logo á presença real. » ( *Ib.*, p. 90. )

« Porém mais considereí se era verdade que nos fossemos. » ( *Ib.*, p. 103. )

« Porém já cinco soes eram passados. »

( CAMÕES : *Lus.*, V, 37. )

« Porém, depois que esplendida fortuna  
Fez da aldeia cidade..... »

( CASTILHO: *Fast.*, v. I, p. 23. )

« Porém mais que o universo o deve Roma.

( *Ib.*, v. II, p. 117. )

« Porém não crias bois. » ( CASTIL. : *Georgic.*, p. 165. )

« Porém se os annos — triste regeneração ! — as restauraram... » ( CAMILLO: *A Caveira da Martyr*, p. 12. )

Tambem se encontra amiude em todos os escriptos de A. HERCULANO, e ás centenas e centenas por toda a parte nos de todos os bons escriptores. De A. HERCULANO pode-se ver, entre innumerous outros logares, no *Bôbo*, p. 45, 262, e no *Eurico*, p. 137.

Versando as obras de CAMÕES ( edição citada ), a cada passo toparemos com o *porém*, abrindo orações, periodos e paragraphos : vol. I, p. 9, 10 ( duas vezes ), 21, 30, 40, 52, 103, 131, 132 ; v. II, p. 14, 17, 27, 28, 86, 133, 141, 146 ; v. III, p. 45, 59, 61, 80 ; v. IV, p. 6, 11, 15, 21, 61, 74, 107, 151, v. V, p. 46, 67, 73, 120, 183, 213, 216 ( duas vezes ); v. VI, p. 56, 101, 117, 122, 189.

Assim foi sempre dos mais antigos escriptores portuguezes aos mais modernos :

D. DUARTE, *Leal Conselheiro*, p. 74, 98, 126, 132, 231, 472.

DUARTE NUNES : *Cron. de D. J. I.*, etc., v. I, p. 116, 146, 152, 187, 283 ; v. II, p. 148, 155, 165, 166, etc.

JORGE FERREIRA : *Eufrosina* ( ed. de 1786 ), p. 175, 179, 191, 239, 288.

JACINTO FREIRE : *D. João de Castro* ( ed. de 1869 ), p. 10, 13, 29, 30, 63, 74, 82, 89, 94, 95, 93, 105, 107, 112, 113, 114, 117, 120, 122, 125, 126, 127, 129, 132, 144, 146, 151, 153, 155, 158, 160, 216, 223, 234, 237, 241, 245, 247, 259, 252, 257, 258, 259, 267, 269, 271, 275, 278.

VEIRA : *Serm.*, v. V, p. 52, 166, 171, 173, 177, 245, 298, 299, 309, 310, 317, 319 ; v. IV, p. 170, 211 ; v. VI, p. 214, 248, 250, 252, 301, 310, 325, 328, 326, 329, 347, 352, 353, 360, 363, 372.

M. BERNARDES : *Nova Floresta*, v. II, p. 31, 35, 176, 181, 202, 203, 241, 242, 248, 249, 323, 324, 5, 41, 13, 25, 28, 42, 46, 49, 59, 67, 69, 70, 74, 80, 81, 93, 94, 102, 108, 117, 119, 125, 132, 142, 145, 146, 158, 160, 195, 213, 214, 216, 219, 224, 225, 227, 230, 232, 269, 271, 273, 274, 292, 291, 296, 297, 299, 300, 311, 315, 327, 335, 337, 341, 359, 356, 357, 359, 361, 362.

FILINTO EL. : *Obr.*, v. XIII, p. 16, 127, 275, 283.

Authorizam, portanto, essa collocação do *porém* as melhores tradições da lingua. O que ella não tolera, é encerrar com essa adversativa periodos, paragraphos e obras, como fez o sr. CLOVIS BEVILAQUA, em cuja longa introdução ao seu projecto de codigo civil um *porém* sam precedente na historia do nosso idioma remata aquelle escripto, antecedente ao ultimo ponto final e á assignatura do autor : « A extensão desses direitos e o modo de conformal-os são varios, POREM. » ( *Trabal. da Comm. Especial*, v. I, p. 46. ) \*

chegasse a deformar-se grandemente<sup>1</sup>; ao passo que os *modernismos*, os *perigrinismos*, os *neologismos*, os *invencionismos* (se me dão licença) de todá a qualidade lastram instantaneamente, pelo contagio da moda, contaminando e desfigurando, atravez de todas as camadas sociaes, a lingua fallada e escripta.

493. — Se estas noções de sizo commum e evidencia vulgar me forem capituladas em *aggravó* de archaismo, estou condemnado. Fóra dahi, por onde mereceria eu daquelle critico o *carregar-me tal culpa?*

Será porque eu tenha, na sua phrase, «o preconceito de que a lidima fôrma vernacula em nossa lingua é a inversa»? Para mostrar que o não nutro, basta percorrer os meus escriptos, onde se encontram, distribuem e equilibram constantemente a construcção inversa e a directa. Se a primeira tem, ás vezes, no meu estylo, mais acolhida que a outra, é porque esse é realmente o pendor do nosso idioma, no qual, de sua natureza, a regencia inversa prevalece á directa. Quem o diz, não sou eu só: é o sr. J. VERISSIMO tambem, no ultimo dos seus livros.<sup>2</sup> Mas ha, quer parecer-me, distancia immensa entre ser a fôrma *preponderante*, e ser «a fôrma lidima», isto é, a *única* illibada.

Será porque o meu trabalho «se apega ás accepções como quer que seja anachronicas de um dicionarista do secculo XVIII, como BLUTEAU, a cada passo chamado em abono das» minhas emendas?

Tão pouco me caberia por ahi sentença tal. Não me caberia, *primeiro*, porque não é verdade que eu trouxesse á baila<sup>3</sup> o BLUTEAU a cada passo. O meu trabalho comprehende, cerca de seiscentas notas, e altera a redacção do projecto em quasi todos os seus artigos, cujo numero passa de mil e oitocentos. Só por seis vezes, entretanto, invoquei o nome de BLUTEAU; a sabor, a proposito dos arts. 195, 223, n. 1, 246, 391, 586 e 593, § 3º, em relação aos vocabulos *impediente*, *honorabilidade*, *sobrenome* e *prenome*, *progenitor*, *parede meia*, *vallo* e *vallado*.

<sup>1</sup> G. DE MOURA COUTINHO: *Analyse Critica* (Braga, 1857), p. 25. Ap. BARATA, *op. cit.*, p. 70.

<sup>2</sup> «... a construcção inversa, mais da nossa lingua.» *Estudos de Literatura Brasileira*, 3ª serie, 1903, p. 276.

<sup>3</sup> Rejeita o sr. C. DE FIGUEIREDO a expressão *á baila*, corrigindo á *balha*. Mas tenho certeza, por lembrança mui segura, que uma e outra, como haja tempo de as buscar, se encontrarão, com o mesmo uso, nos bons textos antigos e modernos. Nem vejo motivo de bom discernimento para a selecção, que faz o illustre philologo.

FILINTO ELYSIO valeu-se indifferentemente de ambas:

«Trazem á *bailha* a Thebade.» (*Ob.*, v. III, p. 292.)

«Logo á *bailha*

Vinha o loução, louçan.» (*Ib.*, v. XI, p. 196.)

«Thema é, que anda na *baila*.

Mas que nunca se observa.» (*Ib.*, v. XIII, p. 143.)

Depois (e este é o segundo fundamento, por onde a querela se pulveriza), se o citei meia duzia de vezes, nunca o arvorei em oraculo, conforme pretende o sr. JOSÉ VERISSIMO; antes busquei, de todas, afferir e rectificar o juizo daquelle vocabularista pelo de quasi todos os outros: o de MORAES, o de DOMINGOS VIEIRA, o de AD. COELHO, o de AULETE, o de FIGUEIREDO.

Em terceiro logar, ha-de permittir o illustrado censor que estranhe o seu desdem para com aquella autoridade, tão do resto por elle tratada. Apesar de ter a data no seculo XVIII, não é um livro anachronico no seculo XX a obra de BLUTEAU. Em todas as questões, como as por mim suscitadas, onde se intende ventilar a arvore de geração das palavras no nosso idioma ha-de ser, a todo o tempo, um repositorio imprescindivel e inestimavel de informações autorizadas. Ainda além dessas raías, porém, isto é, ainda quando a controversia recaia sobre questões de actualidade em nossa lingua, o voto desse antigo lexicographo será muitas vezes digno de ponderação, quando não for decisivo. Para desdenhar de BLUTEAU, é necessario não o conhecer. Infelizmente a sua raridade não o põe ao alcance de todos. Mas os que tiverem occasião frequente de versar aquelles dez volumes, nelles reconhecerão, para o latim e o portuguez, uma vasta mina de noções preciosas. Contava-me com veneração um grande humanista, da mais saudosa memoria, o dr. FRANCISCO DE CASTRO, os serviços, que lhe devia, até em assumptos de nomenclatura medica. Debatia-se uma vez, em sua presença, o verdadeiro nome do musculo, a que os franceses chamam *soléaire*. Os dictionarios, em geral, e, com elles, o uso commum da profissão traduzem, aliterativamente, *solear*. Mas porque *solear*? O adjectivo provém de *sola*: a *sola* ou *planta* do pé. Ora, se de *palma*, *palmar*, porque, de *sola*, *solear*? Duvidou-se, e recorreu-se, como arbitro, ao BLUTEAU. Pois lá estava a emenda, que resolveu a pendencia: não é *solear*; mas *solar* a verdadeira designação daquelle musculo humano. <sup>1</sup>

196.—FRANCISCO DE CASTRO reverenciava o BLUTEAU; porque estava habituado a frequental-o. O mesmo succede a quantos, vendo a aridez das primeiras tentativas, se acostumaram a frequentar os velhos mestres, os espelhos dessa boa antiguidade, onde ainda hoje abundam excellentes e indispensaveis exemplares do fallar e escrever com acerto, elegancia e vigor. Os que se não avesaram a essas relações, desfazem com ironia no classicismo poeirento, e confundem a vernaculidade com o archaismo. Mas o que eu noto, é que, em lhes caindo á mão alguma florinha classica, dessas que se offerecem nos caminhos mais trilhados, não perdem esses tafues o

<sup>1</sup> BLUTEAU: *Vocabular.*, v. VII, p. 693.

ensejo de aromatizar com a velha essencia a sua modernidade. Acontece, ás vezes, ser dos mais antiquados o especimen. Como, porém, justamente por fóra do commum, lhes rescende a novidade, e foi um modernista que o colheu, lá lhes vae rutilando airoosamente na lapela, sem escandalo da *evolução dos idiomas*, nem attentado ao *dialecto brasileiro*.

## CONCLUSÃO

Mas já é tempo de pôr termo a esta defesa. Não foi a meu prazer que a dilatei, como quem navegasse a cairo largo por mares amigos. Pouco me importava, a mim pessoalmente, ficar, ou não, em seguro das frechadas, que voavam sobre o meu nome de escriptor. Mais do que este me interessa hoje a economia do meu tempo, reclamado por outros encargos. Por mais settas que contra mim embebessem no arco as paixões agastadas, emquanto só a minha individualidade perigasse, bem pouco se me dava. Já me habituei a não lhe acudir, em taes casos, por mais numeroso que seja, na *accommettida*, o golpe de inimigos. Sei que a parte, que de mim conhece o mundo, pouco me sobreviverá; e já por ella me não mato. Outros interesses, porém, estavam em jogo, uma vez que a commissão especial do senado fizera seu, por voto unanime, o meu trabalho. Desde então era a sua responsabilidade collectiva o que punham a vulto as aggressões endereçadas ao meu escripto. Desagralava-me ficava sendo, portanto, um dever, com que eu não podia deixar de cumprir<sup>1</sup>, sem incorrer em deserção e covardia.

<sup>1</sup> *Cumprir com*. Esta expressão, duramente censurada como erronia grosseira por um eminente philologo (C. DE FROUFEIREDO: *Lic.*, v. I, p. 26, 129), tem as melhores credenciaes entre os nossos bons autores:

« Mas, não *cumprindo com o que dizia*, determinou dom Francisco de ir sobre elle. » (Goes: *D. Emmanuel*, f. 91, col. 2<sup>a</sup>.)

« E elle foi *cumprir com outra romagem*, que tinha promettido a Nossa Senhora da Oliveira. » (DUARTE NUNES: *Cronicas*, I, c. 71, p. 327.)

« Os quaes assim *cumpriram com a obrigação* do seu officio. » (João DE BARROS: *Dial. da Viciosa Verg.*, p. 234-5.)

« *Cumprirci eu contigo e c'o o que devo.* »

(FERREIRA: *Obr.*, v. II, p. 216.)

« ...de cujo serviço e fazendas se ajudavam, para poderem *cumprir com seus pagamentos.* » (Sousa: *Annaes*, p. 94.)

« Conservarmo-nos nesta, até *cumprirmos com a obrigação* em que estamos. » (*Ib.*, p. 305.)

« Mal *cumpriria elle com o officio.* » (Sousa: *D. Fr. Bartholomeu*, l. I, c. 14.)

« *Cumprindo com os termos* de cortezia. » (*Ib.*, l. II, c. 13.)

« Pareceu-nos que não *cumpriríamos com a obrigação* de historiador. » (*Ib.*, l. V, c. 6.)

« Que a deusa dos poetas logo ordena  
Que para bem *cumprir co' os estatutos*  
.....  
Não coma um só bocado com socego. »

(FILINTO: *Obr.*, v. I, p. 269.)

Foi o de que me desempenhei, começando por mostrar que nem por toque offendera os nossos predecessores na collaboração do código civil, a camara, a sua commissão, o primeiro autor do projecto, os seus revisores extraparlamentares, o philologo bahiano, em quem os commissarios da outra casa do congresso delegaram as vezes do seu poder quanto á materia grammatical, e discutindo em seguida, tirados ao claro estes pontos de cortezia elementar, com os contradictores que tão asperamente vinham renhir commigo sobre o assumpto, as injustiças da sua censura.

Se o logrei, dirão os que tiverem a pacienciã de me ler. Mas era mister a todo o risco tental-o; e não o podia fazer em palavras taxadas e avaras. Força era discorrer por largo, e esquadrinhar por miudo, cerrar argumentos, multiplicar provas, e atravessando rota batida o fadigósissimo estirão, dar successivamente alcance aos erros, malignidades e sophismas, que m'o difficultavam. Não creio que de tão dura prova conseguisse alguém sair á satisfação de todos. Como o alcançaria, pois, quem de tantas qualidades para tamanha porfia se sente desprovido? Ainda quando, porém, todas me falleçam, não me hão-de achar menos a consciencia propria e o respeito da alheia, o desejo do bem e o amor da verdade, a paixã do dever e o enthusiasmo do trabalho. Muito mais longe me levariam elles, se a natureza deste papel m'o consentisse. Mas, enquanto qualquer margem me restava de volutô,

« Ternas aves, *cumpri* com meu desejo. »

( *Ib.*: v. V, p. 241. )

« Contento morro e co' o meu fado *cumpro*. »

( *Ib.*: v. XI, p. 400. )

« Já se *cumpre*

Co' o edicto do monarcha. »

( *Ib.*, v. XII, p. 237. )

« *Cumpria* em Paris com as funções de correspondente. » ( *Ib.*, v. XVII, p. 58. )

« Vingou-se elle, deixando de *cumprir* com o proprio *dever*. » ( A. HERCULANO: *Hist. da Inquis.*, v. II. p. 295. )

« Mas tu me dá que *cumpra*, ó grã Rainha

Das musas, com o que *quer* á nação minha. »

( CASTILHO: *Am. e Melancol.*, p. 320. )

« Para *cumpriremos* com o argumento proposto, faz-se-nos indispensavel seguir a ordem chronologica. » ( FRANCISCO DIAS: *Memorias de Litterat. Portuguesa*, v. IV, ed. de 1793, p. 90. )

« *Cumpriu* El Rei com o que devia. » ( CASTILHO: *Camões*, 1ª ed., de 1849, p. 96. )

« Por *cumprir* com o alvoroço e obrigação da amizade. » ( JOSE FERREIRA: *Eufrosina*, a. V, sc. 1. )

« *Cumprir* cada um com as obrigações do seu estado. » ( M. BERNARDES: *N. Floresta*, v. IV, p. 204. )

« Trabalhe por saber muito bem as obrigações de seu estado, e *cumprir* com ellas. » ( FR. THOMÉ DE JESUS: *Trabalh.*, v. I, p. 11. )

« Para *cumprir* bem com suas obrigações. » ( *Ib.*, p. 22. )

« Aos que não *cumprem* com esta obrigação chamou CHRISTO escandalosos. » ( *Ib.*, p. 222. )

não deixei censura alguma por ventilar, embora fosse apertada a estreitoza de praça na tela, e as liberdades que ousei no excedel-a fossem grandes.

Quem quer que possuir experiencia ou noção destes estudos, avaliará o que neste caso me custaram, o que representa de esforço, tenacidade e capricho investigativo a somma de elementos criticos e documentos literarios, aqui reunidos, á soffrega, no espaço de alguns mezes, por um trabalhador entregue exclusivamente a si mesmo e com a vida, a responsabilidade, a attenção divididas entre tantos outros empenhos. Valha-me esta consideração de escusa ás faltas, que, a pezar meu, houverem escapado ás insufficiencias da minha aptidão para empresa tamanha. Sejam quaes forem ellas, porém, não terei vendido barata ao inimigo a confiança dos meus collegas. E é quanto me basta por consolo e pago,

O de que me não penitencio, é do esmero, bem ou mal succedido, que puz em dar os cuidados que dei á fórma, com que nos veiu da camara o projecto. Neste particular sempre querería ver-me arguido antes de excesso que de mingua. Cotejado o numero das minhas emendas com o das contra-criticás a ellas oppostas, averiguar-se-á que a defosa em bem diminuto numero de pontos se conseguiu apalancar. Estes se numeram por dezenas, ao passo que por centenas se contam aquelles em que emmudeceu, e fez pé atrás. Rarissima vez succedeu que tivesse por si a razão; mas nesses casos não lh'a regateei. Assim que, em ultima analyse, de uma e outra parte, sairá lucrando o projecto. Se dahi se causou demorar-se-lhe a elaboração todo este espaço, toque a responsabilidade a cuja é. A camara nos dera o exemplo, submettendo, até, a redacção da sua obra ao processo inaudito de uma limagem extraparlamentar. Não fiz, portanto, mais que render a devida consideração ao que tamanha lhe merecera.

Meu *desideratum*, nesse trabalho preliminar ao estudo tecnico do projecto, era melhorar-lhe a linguagem, até onde me fosse dado, em clareza, exactidão e vernaculidade. E, para chegar ao effeito almejado, houve de traçar-me certas regras, com as limitações aliás que todas as regras padecem. Fiz, antes de mais nada, pelo depurar de barbarismos e solocismos. Baní as expressões de cunho estrangeiro, onde quer que nol-as não impunha a necessidade, reconhecida pelo suffragio dos competentes. Não desconhecendo o prestimo das neologias indispensaveis, ou uteis, quando bem naturalizadas, refuguei as mal trajadas e ociosas. Busquei sempre a expressão, ou a syntaxe, de feitio mais portuguez, em não embarcando ella a transparencia do pensamento legislativo e o seu accesso ao entendimento commum. Onde o texto derogava á tecnologia profissional, trabalhei de a restabelecer. Onde se preteriam as tradições da phraseologia consagrada nas leis nacionaes, por abraçar

fôrmas estranhas, baldas de outro beneficio mais que o de novidades infelizes, restitui ao uso autorizado os seus direitos. Se alguma vez o vocabulario do projecto não observava, na escolha das palavras, a especialização definitivamente firmada pelo tempo, repuz os termos especificos, condição essencial da precisão jurídica, no seu devido logar. Não me esqueceu, emfim, o alinhô, a elegancia, a harmonia, meritos de que o legislador, se não em todas as leis, ao menos nos grandes padrões da arte legislativa, não poderá deixar de fazer conta,

Obtive acaso o que pretendia? Bem longe estou de poder affirmar-o. Tão alto puzera o fito, que, para o tocar, muito nos restará, provavelmente, por fazer. Como quer que seja, porém, tenho por certo que esse passo já constitue vantagem consideravel sobre o estado anterior deste commettimento, para o qual a camara dos deputados venceu, talvez, dois terços do caminho, mas o que vos resta por vingar, não é breve, nem facil. Do meu contingente para elle, agora, ouvidas as duas partes, estaes habilitados a estimar a valia. Não será muita. Mas foi posto por obra com devoção e sinceridade, sem outro intuito que o de servir á nossa terra, sua civilização e sua lingua.

Recebendo, porém, nesta contribuição a minha quota para a tarefa que nos incumbe, espero, e supplico, ainda uma vez, me dispenseis de continuar convosco. Será, de um lado, manifesta equidade commigo; porquanto o meu duplo serviço exprime somma extraordinaria de trabalho, que submetteu as minhas forças a uma prova demasiada, e a minha saúde está reclamando pelas seus direitos. De outro lado, será medida não só de boa politica, mas até de necessidade, a bem da obra que intentaes, aliviardes a vossa cooperação de um companheiro, cujo nome, pelos muitos melindres que sobreirritou contra si neste incidente, ficará sendo occasião certa de novas prevenções e luctas contra o que fizerdes, por melhor que logreis fazel-o.

Não me indefraís, pois, quando me houverdes lido, a justa petição, em que insisto, e insistirei, a todo o meu poder.

Sala das commissões do senado, 31 de dezembro de 1902.

*Ruy Barbosa.*



## INDICE POR ASSUMPTOS

---

Os algarismos indicam os numeros em que se divide a *Réplica*

### A

A. (V. crase.)

ABOBEDA: 273 e n. (\*)

ABREVAR: 458 e n.

A' DIFFERENÇA DE: 353 e n.

ADULTERAÇÃO.

De um texto de Vieira pelo dr. Carneiro: 14, 146.— De varios textos do sr. Ruy Barbosa por um critico do seu parecer: 32.— De um texto do sr. Ruy Barbosa pelo dr. Carneiro: 314-317.

ACCRESCEER (direito de): 450.

ADVERBIOS.

Em *mente*, substituidos pelos adjectivos correspondentes, adverbialmente empregados: n. ao n.º 28.

AFFECTAR: 125, 384-385.

AGIR: 281-283.

Seus legitimos succedaneos portuguezes: 281.

AGRADAR, v. tr.: 122.

A' INVEJA (fr. *à l'envie*).

Legitimo portuguez na accepção de *à-competencia*, *à porfia*: 458 e n.

ALGUM.

Por *qualquer*. Erro reconhecido pelo dr. Carneiro: 302, 311.

AMBIGUIDADES.

Suppostas —, descobertas por Carneiro no substitutivo: 287-288.

AMBOS.

*Ambos e dois, ambos de dois, ambos os dois*: n. ao n.º 40.

AMERCEAR-SE: 488 e n.

AMIUDE.

*Amiudo, a miude*, etc.: n. ao n.º 205, p. 277.

---

(\*) N., neste indica, quer dizer nota; n.º, numero; p., pagina.

ANACOLUTHIA: n. ao n.º 36.

ANTE.

Desinencia em —. Compara-se com a terminação em *or.*  
430.

AQUELLE, ESSE: 325. "

ARCHAISMOS: 344-352. 481-493.

ASSAZ.

*Assaz bem*: 457. *Assaz de*: 457.

ASSIM... COMO: 369-370.

ATÉ AO.

Data dos mais antigos classicos esta forma: n. ao n.º 23.

ATTENDER (por *esperar*; fr. *attendre*): 457.

ATTRACÇÃO: 110-112.

AUTORAL (direito): 320-321.

AVANTAGE: 457.

*Davantagem*: 458.

ÁVENÇA: 487.

AVIR-SE: n. ao n.º 281.

AVISO.

*A seu aviso*: 436, p. 554.

## B

BAILA.

*Vir à baila*, ou *vir à balha*: n. ao n.º 495.

BARBARISMOS:

Alguns que de taes, sem razão, classifica o dr. Carneiro: 273.

BATALHA:

Anti ga accepção deste vocabulo: 387.

BEM.

*Bem* (*assaz*) *de dias*: 458. — «E bem?» 458 e n. — *E bem*: *ib.*

— *E' bem* (fr. *c'est bien*): *ib.*

BLUTEAU.

Seu valor e autoridade actual: 495-496.

## C

CACHADOS: 458.

CACOPHATONS: 73-92.

Nos escriptos dos mestres: 43; 73-75. — «Intrinseca validade»: 73. — Do prof. Carneiro: 75. — Não o são os apontados pelo dr. Carneiro no trabalho do sr. Ruy Barbosa: 76-92. — Nem ainda os figurados pelo critico parlamentar: 388-418. — *Mas não, mas na, mas no*, etc.: 79-83. 280. — *A não*: 84-85. — *As não*: 285. — *Por*

cada: 87. — Por tal: 88-90, 402. — De dote: 91-92. — Fé de: 188. —  
Cacophatons sordidos, ou ineptos: 338-418.

CAMILLO C. BRANCO: 204-205.

CAR (porque; fr. *car*): 457.

CARECER: 97-101.

— a, ou para? 168.

CARNEIRO (Dr)..

Sua revisão extra-parlamentar: p. 5-6 — Publicação do seu trabalho: 1. — Suas excusas: *ib.* — Improcedencia dellas: 2, 3. — Suas emendas á redacção parlamentar: 5. — Quaes dellas incorreram na censura do sr. Ruy Barbosa: 6. — Pontos em que acceita as correccões do sr. Ruy Barbosa: 7, 113, 114, 124, 125, 183, 187, 302, 311, 312, 313, 319, 327, 329. — Sua incoherencia: faz-se solidario com a redacção parlamentar: 8. — Exorbita da sua tarefa, e personaliza o debate, criticando, fóra do substitutivo, a exposição preliminar e as notas do sr. Ruy Barbosa: 9, 10. — Nega ao sr. Ruy Barbosa as qualidades elementares de escriptor: 11. — Erros seus não notados no primeiro trabalho do sr. Ruy Barbosa: 12. — Emenas suas, a que acquiesceu o sr. Ruy Barbosa: 13. — Adulteração de textos, que commette: 14, 146, 314-317. — Pontos em que se contradiz com o critico parlamentar: 102, 125, 384-5, 174. — Pontos em que agora enjeita a sua propria doutrina nos seus trabalhos grammaticaes anteriores: 60, 61, 63, 64, 65, 147, 153, 189, 190, 191, 193, 223-225, 229-231, 233. — Erros de sua *Grammatica Philosophica* no tocante á collocação dos pronomes: 223. — Suas variações mais recentes neste assumpto: 224, 227. — Sua phantasia grammatical: 233-242. — Resposta do sr. Ruy Barbosa ao dr. Carneiro: 31-34; 35-360; 464; 484 e n.; 485.

CASAR, CASAR-SE: 377-378.

CASOS: 169-171.

CEGUIDADE: 457.

CHAMAR: São correctas ambas as formas: chamar-*he* e chama-*o*:  
n. ao n.º 249.

CHEGAR DE FAZER: 461.

CHICANA: n. ao n.º 467.

CITAÇÕES.

Infielidade no fazel-as: 14, 32. (V. *adulteração*.) — Seu rigoroso escrupulo neste trabalho: 14.

CLAREZA: 157, 158-162, 203.

A — nas leis: 424-5.

CLASSICOS. (V. *erros*.)

Exemplos seus não para imitar: 150.

## CLOVIS BEVILACQUA.

Resposta ao dr.—pelo sr. Ruy Barbosa: 19; 25-30; 419-450.  
 —Suas arguições de incivilidade ao parecer do sr. Ruy Barbosa: 19. — Elogiado pelo sr. Ruy Barbosa: 26. — Melindrado com o sr. José Verissimo: 27.—Apreciação geral de sua critica: 25-30.  
 — Seus escrupulos ultra-grammaticaes e incongruencia da sua estranheza aos do sr. Ruy Barbosa: 28. — Seu desdem da boa linguagem: 419-426.

## COM

« Tem os mesmos direitos, e com as mesmas garantias » : 203.

*Com tal que* : 494 e n., p. 592

## COMEÇAR.

« Começado a executar ». Erronea censura do dr. Carneiro: 259.

*Começar a, começar de* : 462. *Começar em* e simplesmente *começar*, sem preposição entre os dois verbos : n. ao n.º 462.

## COMMISSÃO DA CAMARA.

Suas severidades grammaticaes : p. 5, 7.—Sua submissão implicita á revisão Carneiro: p. 5-6.—Pontos de sua redacção em que o sr. Ruy Barbosa a adoptou contra a do dr. Carneiro: 7.—Não tem character de representação sua a resposta formulada em seu nome pelo relator da sub-commissão dos tres : 22-23.—Apreciação geral dessa resposta : 15-24.

## COMMISSÃO DO SENADO.

Limitou-se, no rever a redacção, a seguir o exemplo da camara : p. 6-7.—Defesa do seu proceder, começando por examinar a redacção do substitutivo : 27-29.

## COMMUA.

Como femin. de *commum*. Hoje inadmissivel. Analogia com o caso do adjectivo femin. privada: 427.

## COMPARATIVOS.

De superlativos e de qualificativos absolutos : n. ao n.º 72. 199.

## CONCORDANCIA. 307-309. 324.

Entre verbo e sujeito : 202.— Entre o objecto do verbo e o particípio passado, nos tempos compostos : 199, p. 259.

## CONDIÇÃO.

A *condição que*, a *condição de* (fr. *à condition que*): 453 e n.

## CONFLICTO DA BATALHA : 386-387.

## CONTAGIÃO : 452, 454.

## CONTENENÇA : 458.

## CONTEÚDO.

Como adjectivo. Ainda não obsoleto. 344-345.

CORRESPONDENCIA.

Entre verbos : 318.

CRASE : 177-185.

*A' casa, ou a casa ?* 177, 359.

CREDIBILIDADE, CREDIVEL, CREIVEL : 129.

CUJO.

Nas formas *o seu a cujo é* e semelhantes : 490. — « Uma de cujas » : 219. — Collocação das variações pronominaes após elle : 221-223.

CUMPRIR COM.

Nota á *Conclusão*, p. 596.

CUSTAR A.

Sua vernaculidade : 1ª n. ao n.º 193.

D

DAMNOS E INTERESSES : 457.

DATAR.

— *em* ; — *de* : 115-116.

DE (prep.)

Por *com* (ver *dos olhos*) : 458. — Seu uso classico, e ainda hoje legitimo, antes de certos verbos empregados como complementos indirectos : 461-466. — *Cerebrina theoria* do prof. Carneiro a este respeito : 464. — Sua suppressão após o auxiliar *haver*, antes de verbos no infinitivo : n. ao n.º 482.

DEFEITUOSA PROBIDADE : 172-173.

DELINQUENTE : 373.

DEMANDA.

Por pergunta : 458.

DENTRO A : n. ao n.º 368.

DENTRO EM, DENTRO DE : 367-368.

DEPARAR COM : Penultima n. ao n.º 474, p. 565.

DESAGRADAR.

Como transitivo : 120-122.

DESCRER EM : 116.

DESOLADO : 205, 251. — N. ao n.º 274.

DESPEDIDA, DESPEDIMENTO : 353.

DESPIDA (de despedir) : n. ao n.º 438.

DESVESTIR-SE : 488 e n.

DESVIRGINAMENTO.

*Desvirginar, destorar, destoramento* : 132-143, 482.

DETALHE, DETALHAR : 467.

DEVEDOR.

Por *vendedor*. Descuido, reconhecido pelo dr. Carneiro : 319.

DIALECTO BRASILEIRO : 22, 423, 496.

DICCIONARIOS.

-Suas lacunas : 117.

DISSIMULE.

Verbo, que o critico parlamentar supõe substantivo : 364.

DISSONANCIAS.

*Só pôde*: 42-50. — *Só poderá*. Não o é: 45. — *Se pôde*. Não o é: 45-50. — Ecos em *ão*: 67-72 ; 291-296. — «Embora outrem o colha»: 217.

DIVERSORIO : 274-279.

DU (*d'u* ; fr. *d'où* : donde) : 457.

## E.

EÇA DE QUEIROZ.

Seus gallicismos e barbarismos : 469, 470.

EFFEITO.

*Em effeito* (*en effet* ; por *com effeito*) : 478 e n.

ELLE.

Como complemento directo de verbos : *ver elle*, etc. Exemplos classicos : n. ao n.º 199, p. 262.

Repetição do pronome : 2º n. ao n. 457.

*Elle ha* (fr. *il y a*) : n. ao n.º 401.

ELLIPSE.

Vulgarissima e sem razão criticada pelo dr. Carneiro: 284.

EMBOLSAR.

Construcções analogas ás de *indemnizar*: 261. (V. *indemnizar*.) 260.

EMQUANTO A.

Por *quanto a*: n. ao n.º 474.

ENTRE LOBO E CÃO: 422 e n.

ENTRE MIM : n. ao n. 483, p. 577.

ERROS :

Não ha mestre, ou classico, que os não tenha : 10. — Attribuidos aos classicos por Diez, Julio Ribeiro e o prof. Carneiro : 194-198. — classicos, attribuiveis a descuidos de copia ou impressão : 291-293.

— typographicos : 355-360.

ESCRITOR.

Quid? 186. 438-445.

ESQUISSA : 467.

ESTADUAL : 479.

ESTE, AQUELLE : 325.

« Este código » e não « o código civil ». 35-39.

ESTE, ESSE : 376.

EU ... PARECE-ME : n. ao n.º 36.

EXARAR :

Adultera o dr. Carneiro um texto do sr. Ruy Barbosa, para o increpar de erro no uso desse verbo : 314-317.

EXCEPTO.

Como adject. : n. ao n.º 160.

EXPLODIR, EXPLOSIR, EXPLUIR : 452 e n.

## F

FALTAS.

Fazer — : 458.

FAZER.

Fazer *gente, espingardeiros, esquadra, benção, absolvição, raizes, interrupção, revezes, livros* (escriptural-os), *cavallos* (onsinal-os), *obediencia, obrigações, perdões, embaixadas, amor* (presentear) : formas antigas, em que o verbo fazer, hoje, se substitue por outros : 306.

*Fazer com que* : n. ao n.º 147.

*Fazer fazer* : 457.

*Fazer valer* : 204.

FEERICO : 479.

FILHA.

Por *moça* (fr. *fille*) : 458.

FILIAR.

Filiar *em*, *filiar a* : 354.

FIM.

*Fazer fim* (por *ter fim*) : 457.

FRALDEJAR : n. ao n.º 347.

FRANCISCO DE CASTRO : 488 e n., 495, 496.

## G

GAGES, GAJAS (soldada, salario) : 457, 486.

GALLICISMOS.

De Ramalho : 144.—125. 251. 381-385.—Insolvabilidade : 174 381-383. — Honorabilidade : 126-131. — De Camillo : 205. Affectar : 384-385. — Gallicismos apparentes e reaes (resposta. ao sr. J. Verissimo) : 451-473. — De Garret : 467-468. — De Eça : 469-470.

GARFAR.

Na accepç. de *enxertar* : n. ao n.º 482, p. 572.

## GARRET.

Suas liberdades, algumas até hoje rejeitadas, em materia de francesias: 467,470.

GENITOR : 158-162."

GRANDURA: 457.

GROSSO.

*Em grosso*: 458.

GUARECER, GUARIR : 452,456.

GUERRA GUERREADA: 52.

## H

## HAVER.

*Havel-o com alguém. Ou avil-o?* N. ao n.º 490. — Na forma impessoal: descuidos classicos: 292 e notas.

Supressão do *de* após este auxiliar seguido de verbos no infinito. Forma correcta. N. ao n.º 482, p. 574

*Haver-se* (portar-se, proceder): 281 e n.

*Haver-se com*: 281 e n.

## HIATO.

Confundido pelo critico parlamentar com a cacophonia: 401

HI HA DE (fr. *il y a de*): 457.

## HOMEM.

Impessoalmente empregado, em vez da apassivadora *se, um, um homem, uma pessoa*: n. ao n.º 485, p. 581.

HONORABILIDADE: 126-131.

HU (ou fr., onde): 457.

## I

## ILLICITO, ILLEGITIMO.

Sua distincção. Não se diz *parentesco illicito*, nem *illicita affinidade*. 374-375.

## IMPEDIMENTOS.

*Offerecer* — ; *oppor* — : 322-323.

IMPIDA: n. ao n.º 438.

## IMPLICITO.

— *a*; — *em*: 303-304.

## INALTERAVEIS.

Por *inalteradas*. Erro: n. ao n.º 22.

INCIDIR: 154

INCIDIR SOB: 155.

INCORRER, trans.: n. ao n.º 489.

## INDEMNIZAR.

Cabe a forma «indemnizar a alguém o damno»? Sim. 260.

—Dupla forma de construcção com este verbo. Outros a esse respeito semelhantes. *Ibid.*

## INDICATIVO.

Em vez do subjunctivo após as locuções *ainda que, bem que, posto que, por mais que, etc.* : 1ª nota ao n.º 198 ; n. ao n.º 269.  
—Erro do prof. Carneiro a tal respeito : 198.

## INFINITO PESSOAL : 189-201.

Variações do prof. Carneiro a este respeito : 191. — O consenso geral dos grammaticos : 192-93. — O voto de Castilho Antonio : 201. — Contradição da theoria de Diez : 194-6. — De como Diez, Julio Ribeiro e o dr. Carneiro não hesitam em acoimar de erro aos classicos : 195-197. — Formas classicas, hoje absolutamente proscriptas : 198-199. — Applicaçào desse ponto de vista ao uso do infinito pessoal : 200. — A inadmissivel consequencia da regra de Diez : 201.

## INFLUIR :

— *sobre* ; — *em* : 165.

## INSOLVABILIDADE : 174. 381-383.

## INTERRUPÇÃO.

*Fazer interrupção*, forma hoje desusada. Apontam-se muitas outras com o mesmo verbo, de presente abandonadas. 305-306.

## INTRANSITIVOS : 117-119.

## IRRITADIÇO, IRRITADO : n. ao n.º 386.

## J

JEITAR (fr. *jeter*) : 457.

## JORNAL.

Pòde-se classificar de *obra*? Entende que sim o dr. Clovis.  
Erro. 432-487.

## JOSÉ VERISSIMO.

Appreciação geral da sua critica : 31—Analyse do seu artigo : 451-496.

## L

LARGEZAS (fr. *largesses*) : 458.

## LHE

Por *lhes* : 199, p. 262.

## LIDIMO.

Falso o *stygma* de obsoleto, que *lhe* põe o dr. Carneiro : 348-352, 484.

## LOGAR.

*Ter logar*. A accepção legitima e a francesa. Erro, a este respeito, do prof. Carneiro. 12, 467.

## M

## MADRUGADA.

*Grande madrugada* : n. ao n.º 457.

MAIS, MES (por *mas*; fr. *mais*): 458.

MAL.

Em formas como *mal ferido*, *mal ferir*, *mal enganar*, *mal doente*, etc.: n. ao n.º 104.

MALADIA: 452, 455.

MANHÃ.

*Grande manhã*: 457. — *Alta manhã*: n. ao n.º 457.

MARCHANTE (mercador): 457.

MEIO.

Invariavel quando precede a adjectivos? Autoridades em contrario. 198 e n., p. 258.

MESMO.

Na accepção de *até*: n. ao n.º 432, 12.

MESSAGERIA: 457.

MIDA (meça): n. ao n.º 433.

MIM.

Na forma *entre elle e mim*: n. ao n.º 450. — Nas formas comparativas (hoje obsoletas) *melhor que mim*, etc.: 199, p. 259.

MULTITUDE: 457.

## N

N.

Seu emprego euphonico em phrases como esta: « *Quem no diria?* »: 485.

NACIONALIDADE: 66.

NEGATIVA.

Após os verbos que exprimem negação, prohibição, inhição: 199.

NEOLOGISMOS.

Resposta ao sr. J. Verissimo: 474-480, 482. — Quando admissíveis: 131, 470-473, 476-480. — *Affectar*: 125, 384-385. — *Agir*: 281-283. — *Autoral*: 320-321. — *Desvirginamento*: 132-143. — *Estadual*: 479. — *Honorabilidade*: 126-131, 482. — *Insolvabilidade*: 174, 381-383. — *Perdido*: 347. — *Propositalmente*: 102-104, 379-380.

NETTO (fr. *net*): 457.

NOITE.

*Grande noite*: n. ao n.º 457.

NUBENTE

Por *conjuge*. Erro confessado pelo dr. Carneiro: 312.

O

Por *isso*: 175-176, 204-207, 327.

OBRA.

Por *jornal, revista, periodico*, — inadmissivel: 432-437. —  
*Chefe d'obra*: 467. — *Obras d'arte*: n. ao n.º 493, p. 591.

«OBRIGADO MOROSO»: 19.

OBSCURIDADE.

Infundadamente arguida pelo dr. Carneiro: 326.

OLHOS.

«Ver dos olhos»: 458.

ONDE.

*Adonde, aonde e donde, por onde*: 1.ª n. ao n.º 150. 199.  
 p. 260.

OPTATIVAS.

O *que* nas orações optativas e imprecativas: 459. — O sub-  
 junctivo do verbo *poder* no começo das optativas e impreca-  
 tivas: 460.

OR.

Terminação em —: 439.

ORDEM.

*Em ordem a*: 458.

ORTHOGRAPHIA.

A dos classicos: 270-273. Diversidade de systemas e regras  
 a respeito da orthographia: 335.

OUTRO.

«O outro dos dois»: 163-4.

## P

PARTES.

Por *qualitativas, prendas*: 488 e n.

PARTICULAR, PUBLICO: 427-30.

PATRIA: 66.

PÊCO, PEQUICE: 488 e n.

PEDIR PARA (seguido de verbo): n. ao n.º. 95.

PEIXE.

*Pescar* —; *colher* —: 209-218. *Caçar* —: 216.

PENA.

A' *grande pena*: 458.

PERDA.

*Fazer perda*: 457.

PERDENTE.

Dado como archaico, sem razão, pelo dr. Carneiro: 346-  
 347.

PERDER.

Complementos que rége. Erro do critico parlamentar.  
 371.

PERDIDOR: 347.

PERTENTAR: 494 e n.

PESSOA.

Por *ninguém* (fr. *personne*): 457.

PIDA (póça).

*Pido, pidus, pida*: n.º ao n.º 438.

PLEONASMOS: 51-58, 206, 209-218, 316, 386-7.

PLURAL.

Pelo singular: erro notado pelo dr. Carneiro. Evidente descuido typographico: 289.— Muitos outros, mais graves, no projecto revisto por Carneiro, dos quaes este se defende como negligencias da typographia: 290.— Erros semelhantes nos melhores escriptores, em Carneiro, attribuíveis á mesma causa: 291-293.

POLONEZES, POLONIOS, POLONOS: 458 e n.

PONTUAÇÃO: 218, 365.

Defesa da do sr. Ruy Barbosa contra o dr. Carneiro: 330-343.

PORÉM.

No começo de phrases e periodos: n.º ao n.º 494.

POSSESSÃO.

Exprimida mediante o dativo do pronome pessoal. Infundada censura do prof. Carneiro: 262-5.— Ignorancia do critico parlamentar em suppor moderna e corrupta, quando é genuina e tão velha quanto o nosso idioma, essa forma grammatical: 264.

POTAGEM: 458.

PRAZER.

*Casus de* — : 458. *Fazer* — : 457.

PRECEDER.

*Que precede, a que precede*: 40-41 o n.

PREFAZER.

Por *perfazer*: 270-273.

PREFERENCIA.

Que preposições lhe cabem: 95-96.

PREPOSIÇÕES.

*Por*: 95-96, 257.— 115 (*datar em*).— 123-124 (*querer a*).— 155 (*incidir sob*).— 165 (*influir sobre*).— 303-304 (*implicito a, implicito em*).— 354 (*filiar em, ou a*).— *A por em, em por a*: 166-167.— 168. (*carecer a, ou carecer para?*) — *Em por para, por, de, contra*: n.º ao n.º 167.— 177-185 (*crases*).— *Por*, com os vocabulos *carinho, gosto, predilecção, respeito*,

*zelo, desvelo, extremo, ardor, enthusiasmo, paixão*: 255-256.—  
*De, por com*: 458.— Uso classico do *de* antes dos infinitos que  
 fazem de complemento indirecto: 462-466.— Antes de verbos  
 continuados: 372.

PRESENTE.

Do verbo, pelo futuro: 157.

PRIMIGENITOR: 162.

PRINCIPIAR.

*Principiar de fazer*: 462.

PRIVADA (adject.): 32. 93-4. 427-31.

PROCEDER.

Na acceção de *fazer, operar, executar, sempre intransi-*  
*tivo. Erro da forma « serão procedidos »*: 258.—Suppre vanta-  
 josamente o *agir*: 281-282.

PRODIGAR.

Não é gallicismo, como pretende Carneiro: 466 e n., p. 555.

PROGENITO: n. ao n.º 160.

PROGENITOR: 158-62.

PROMETTER DE: 466 e n.

PRONOMES.

Collocação dos — : 60-65.— 105-112 (« em que estabelece  
 ella »).— 221 (depois do relativo *cujo*).— 222, 228 e notas  
 (deslises classicos).— Ninguem errou tanto neste particular  
 como o dr. Carneiro: 223-224.— Após a locução *depois de*:  
 225-227.— Com o gerundio e a negativa: 229-232.— Capitula-  
 ções da regra ante a emphase e o metro: 233-235.— 236-238.  
 (« *Nem lhe autorizar* ». Inventos grammaticaes do prof. Car-  
 neiro.)— 328 (« *Nem lhe autorizado* »).— Casos em que é  
 indifferente a anteposição ou posposição: 239-242.

PRONOMINAES (verbos): 117.

PROPOSITAL, — MENTE: 102-104, 379-380.

PROVEITOS.

*Fazer* — : 458.

PUBLICO, PARTICULAR: 427-30.

QUE (interrogativo).

O falso exemplo de Vieira: 14, 146.— Não admite antes  
 de si a particula *o*: 145-153.

Legitimo emprego do— no começo das proposições impre-  
 cativas e optativas: 459.

QUEM.

Referindo-se a coisas: 199, p. 261.

## U

## UM DOS QUE.

*Um dos que disse.* Vernaculidade desta regencia : 3<sup>a</sup> n. ao n.º 192.

## V

## VERBOS.

V. *transitivos, intransitivos.* V. *de.* — Correspondencia entre tempos de — : 318.

## VERDADE.

*Dizer a verdade, dizer verdade. Fallar a verdade, fallar verdade* : n. ao n.º 205, p. 277.

## VERTER.

Incorrecto na accepção, que o projecto lhe dá, de *reverter* : 12 e n.

VIABILIDADE, VITALIDADE. *Vital, viavel.* 243-254.

VIGORAR : 366.

VIR DE FAZER : 452, 461.

## VISAGEM.

Significando *rosto* : 458.

---

## INDICE DOS ARTIGOS CRITICADOS

---

ARTIGOS DO PROJECTO	NUMEROS DA REPLICA (*)
1º (da l. preliminar)	35-39.
4º »	42-50. 303-304.
8º »	51-58.
9º, II »	66.
10, § un. »	67-72.
14 »	73-76. 399. 403.
17 »	93-94. 427-31.
4º (do cod.)	243-254.
18	97-101.
34	105-112.
46, III	102-104. 379-80.
51, III	320-321.
76	366.
77	399. 401.
78	395-97. 401.
78, § un.	399. 405.
90	399. 404.
96	102-104. 379-80.
105, II	59.
107	60-65.
115	391-94.
124	366.
142	311.
145	189-190.
179	69.
180	305-306
180, § 2º	305-306.
182, § 2º	409. 412.
182, § 3º	307-310.
182, § 8º	113.
182, § 9º, II	114.
182, § 10, VII	320-21.
185, § 1º	377.
187, VIII	373.
187, XIV	115-16.

---

(\*) Onde se acha a resposta ás criticas.

ARTIGOS DO PROJECTO	NUMEROS DA REPLICAS
188	374-5.
199	314-17.
200	68.
204, § 4º	117-19, 121.
208	318.
219, § un.	312.
223, I	125-31. 384-5.
223, IV	132-43.
233, II	322-3.
238	154.
239, II	155.
255, IV, § un.	364.
255, VI	324.
262	325.
262, § un.	326.
315	156.
324, V	157.
325, I	266.
325, § un.	225-23.
335	267-69.
337	202.
391	158-62.
391, IV	158-62. 163-4.
406, II	168. 97-101.
419, II	204-205.
419, V	172-3.
420, IV	296-7.
426	174. 331-3.
429	175-6.
431	284.
432, IV	177-85.
530	117-19. 121.
547	371-2.
553	188. 414-415.
575	12.
592	297-301.
605	209-218.
627	117-19. 21.
655	432-7.
677	320-21.
658	236-42. 296.
663	203.
669	12.
673	189-201.
745	450.

## ARTIGOS DO PROJECTO

## NUMEROS DA REPLICCA

776	409-410.
794, § un.	12.
812, § 2º	12.
825	174. 381-3.
831-VI	373.
855, § un.	295.
877	208.
914	174. 381-3.
915	174. 381-3.
935	12.
937	12.
955, § 4º	174. 381-3.
1.003	174. 381-3.
1.011	12.
1.017	12.
1.027	219.
1.043	328.
1.051	408.
1.083, I	361-3.
1.084	176. 327.
1.129, § 1º	313.
1.133	174. 381-3.
1.142, § un.	446-9.
1.144	446-9.
1.153	399. 403.
1.164, § un.	319.
1.212	220.
1.230	353.
1.248	270-73.
1.252	19.
1.257	414. 417.
1.297	281-3.
1.300, § 2º	174. 381-3.
1.320	280.
1.326	365.
1.333	260.
1.338	260.
1.339	261.
1.342	414. 416.
1.342	399. 402.
1.345	399. 400.
1.360	399. 407.
1.369	76.
1.380	260.
1.382	408.

ARTIGOS DO PROJECTO	NUMEROS DA REPLICA
1.389	12.
1.388	97-101.
1.389	174. 381-3.
1.423	408.
1.429	450.
1.437	174. 381-3.
1.443	369-70.
1.455	302.
1.470	12.
1.477	259.
1.479	346-7.
1.492	174. 381-3.
1.494, III	174. 381-3.
1.497, § un.	174. 381-3.
1.503	262-5.
1.506	174. 381-3.
1.541	260.
1.545	320.
1.597	12.
1.644, VIII	338.
1.644, IX	187.
1.652, II	186. 438-45.
1.670	344. 386-7.
1.678	69.
1.689	409. 411.
1.696	287-8.
1.708	376.
1.725	438-45.
1.727	398.
1.750	12.
1.759	394.
1.772	289-93.
1.777	258.
1.799	294.
1.807	174. 381-3.